REVISTA DA ARMADA

1979

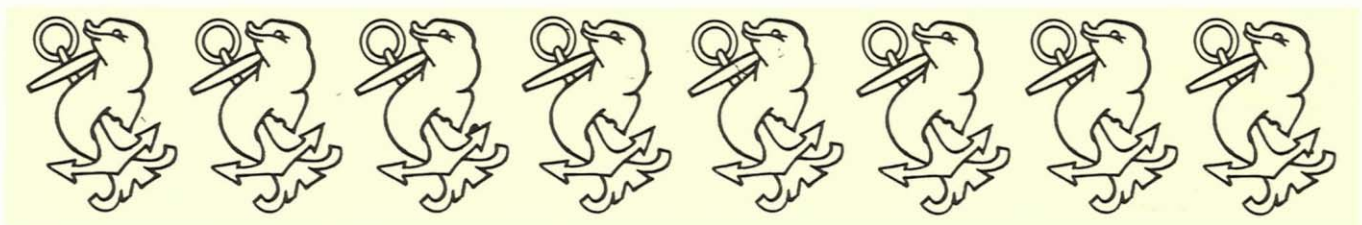
COMPILAÇÃO DE REVISTAS DO ANO 1979

N.º 88/JANEIRO 1979/ANO VIII

revista da ARMADA

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. da Fonseca	**Coisas da Escola Naval**	4
P. Machado	**Apontamento**	7
O. Lemos	**Navios eólicos para utilizar o vento**	8
M. Horta	**Notícias Pessoais**	8
D. Figueiredo	**Comunicações & Comunicações**	9
Vários	**Voz da Abita / Cartas ao Director**	10
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	12
P. Ruivo	**O ruído nos navios**	13
L. Marques	**Modelismo naval**	15
G. Brandão	**Filatelia**	16
S. B.	**Histórias de Marinheiros** *6 — como elas eram...*	18
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	19
S. Oliveira / D.S.E.F.	**Desporto**	21
M. Horta	**Reportagem**	25
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 88 / JANEIRO 1979 / ANO VIII

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

Árvore genealógica do Infante D. Henrique.
Vitral existente no Museu de Marinha.

(Foto de Reinaldo de Carvalho)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

O pão mais saboroso, a comida mais grata, é a que se ganha com o próprio suor (1)

Mais um ano passou à história e mais outro começou o seu reinado. Boa altura, me parece, para que todos nós, portugueses, meditemos um pouco.
Somos um povo feliz? Vivemos materialmente bem, e em paz com a nossa consciência? Podemos ter fé no futuro desta Nação?
Claro que, cada um responde a estas perguntas de acordo com a sua própria óptica. A minha é esta:

Mais ou menos feliz, conforme as circunstâncias de momento, somos, desde há muito, um povo pobre; pobre, não de boas qualidades, que as temos, nem de bens naturais, que também nos não faltaram, mas pobres, isso sim, de élites que nos saibam governar e fazer progredir. Assim, enquanto outros povos, ainda mais pobres, conseguiram criar riqueza onde a não havia, nós quedámo-nos a lamuriar a nossa sorte e, incapazes de reagir e de os imitar, fizemos as malas e fomos trabalhar para os outros.
Brasil, Angola, Moçambique, França, Alemanha, etc., etc., estão cheios de suor dos portugueses, que aqui faz falta, e de lágrimas das suas saudades.

Exemplos de países que, menos dotados que o nosso, conseguiram o bem-estar que nós desejamos alcançar? Creio não ser necessário citá-los. São muitos, e alguns bem conhecidos e à nossa porta.

Teremos que viver com o que temos?
Eu diria antes que temos o direito de viver como tantos outros e podemos consegui-lo se... trabalharmos muito e... tivermos tento. Somos o Portugal que sobrou dum passado que não soubemos aproveitar, e é com ele que temos de contar no futuro. Vamos, pois, explorá-lo convenientemente, desenvolvê-lo, e transformá-lo numa terra onde possamos viver dignamente, sem necessidade de ser escravos de ninguém.

C/alm.

(1) *César Cantu, célebre político e historiador italiano.*

Coisas da Escola Naval

Lemos algures que a mocidade não é um período da vida, é um estado de alma, um efeito da vontade, uma vitória da coragem sobre a timidez e do gosto de aventura sobre o amor do conforto, isto é, não tem idade. Talvez, mas a mocidade da irreverência, da contestação, da generosidade e da sã camaradagem, bem, essa sim, essa tem idade e é só da gente moça de sangue na guelra, daquela que ainda procura o seu lugar na sociedade e tem da responsabilidade uma medida própria. E é dessa que vamos escrever; mais concretamente, dos aspirantes que frequentaram a Escola Naval nos anos de 1931 a 1935.

Nessa época, a Escola Naval, estava ainda instalada na Rua do Arsenal, e ocupava o primeiro e o segundo andares das alas Oeste do edifício do Ministério da Marinha, entre o Largo do Corpo Santo e o Largo do Pelourinho, onde hoje se encontram a Direcção de Transportes, a Biblioteca Central da Marinha, os "self-services" dos sargentos e das praças e várias dependências da Direcção do Serviço de Electricidade e Comunicações. No terceiro andar, era a Escola Náutica.

Três camaratas, algumas salas de aulas, uma pequena sala de convívio, um refeitório, uma enfermaria e uma cozinha, no 2.º andar e uma secretaria, algumas salas de aulas, os gabinetes do oficial de serviço e do aspirante de serviço, e a Sala do Risco, no 1.º andar, era praticamente tudo o que havia para alojar e instruir cerca de 80 aspirantes.

Para entrar na Escola Naval, os concorrentes, logo após a sua aprovação nas provas de admissão e ainda na qualidade de candidatos, faziam na "Sagres" (actual "S. André") a chamada viagem de adaptação, finda a qual, se considerados aptos, ingressavam no Corpo de Alunos da Armada com o posto de aspirantes. Não havia cadetes.

Lançados assim, num ambiente e vida que não conheciam, os candidatos a novos aspirantes, eram, naturalmente, muito vulneráveis às gracinhas e brincadeiras dos mais antigos.

O caso de um candidato que, em tempo de calmaria, foi mandado ao mestre da "Sagres" para abrir o *paiol do vento*, missão de que ele se desempenhou com toda a convicção; o de um outro que correspondeu com a mão esquerda à voz de *continência à esquerda*, durante uma instrução de honras e continências; e ainda, o caso de um aspirante, chegado havia pouco tempo da viagem da "Sagres", que foi convencido a desencalhar a canoa, embarcando nela e puxando pela sua boça são, entre outras, provas da facilidade com que se confundiam os novatos de água salgada.

Após a sua entrada para a Escola Naval, os novos aspirantes, eram alvo de atenções especiais por parte dos mais antigos, principalmente com vista ao estreitamento dos laços de camaradagem entre todos.

De praxes, no sentido restrito do seu significado académico, apenas persistia a de obrigar os mais novos, neste caso caloiros, a *riscar* no sobrado da camarata, durante as primeiras noites de internato. Para o efeito, os veteranos entravam, ou melhor, assaltavam diariamente a camarata dos alunos do 1.º ano e punham em pandemónio camas, roupas e cobertores. Porém, no nosso curso, muito numeroso, a brincadeira durou apenas 2 dias. Ao terceiro, os *assaltantes* encontraram pela frente um dispositivo defensivo bem organizado que os obrigou a retirar com *algumas baixas* e a desistir de tentativas futuras.

Muitos dos novatos, que tinham tirado os preparatórios nas Universidades de Coimbra ou do Porto, não conheciam Lisboa. Por isso, nas primeiras semanas, os mais antigos assumiam o papel de anfitriões e acompanhavam os novos aspirantes à Baixa, para os instruir nos segredos Pombalinos e percorrer as *Capelinhas*, nome da gíria naval por que eram conhecidos pelos aspirantes certos bares do seu roteiro nocturno e onde se bebiam, por vezes com demasiada abundância, a ginginha (com elas ou sem elas) e o cacharolete, *cocktail* feito de aguardente, *pippermint*, vinho do Porto e outras coisas mais.

Geralmente, no fim do primeiro mês, os caloiros retribuiam as amabilidades recebidas, oferecendo um jantar aos aspirantes do 2.º e 3.º anos, no qual, os *bota-abaixo* e as manifestações consequentes, selavam para sempre a camaradagem naval. Neste jantar, tomavam também parte alguns guarda-marinhas e oficiais.

Era também costume realizar, todos os anos, um jantar de confraternização com os camaradas do Exército. Normalmente muito bem regado, com bons *vinhos da casa* e acompanhado dos resepctivos *bota-abaixo*, havia sempre algo que contar, depois dessas reuniões, usualmente antecedidas de um desafio de futebol que acabava sempre empatado.

De uma vez, um dos aspirantes de Marinha, quando regressava de eléctrico à Escola Naval, depois de um desses repastos que tinha tido lugar na Escola de Guerra, *lançou a carga ao mar*, mesmo ali na frente de uma bondosa senhora que, com um misto de ternura e de compaixão, exclamou: "coitadinho, se ele aqui já enjoa, o que será dele no mar..."

O *15*, marinheiro muito antigo e de largo arcaboiço, que fazia a ligação entre os alunos, instrutores e professores; o Almeida, marinheiro escriturário que, por sorte nossa, se *esquecia* com frequência, de guardar os pontos que os professores lhe davam para dactilografar, distracção que permitia aos aspirantes adiantar serviço...; o Minhava, monitor de marinharia, cuja instrução se fazia junto da "Paciência", modelo de barco existente no topo Norte da Sala do Risco e o Leonardo, contínuo já velhote a arrastar uma das pernas, que cuidava do arranjo das salas de aulas, eram figuras típicas e muito importantes no mundo da Escola Naval e dos aspirantes. O Faustino, rapaz simples e dedicado, *que assentou praça*, na mesma época, como moço de recados e engraxador da Escola Naval e que, desde então, vem prestando às várias gerações dos seus alunos preciosa ajuda, merece também aqui referência especial.

Não era fácil, nem saudável, a vida na Escola Naval daqueles tempos. Pouco espaço e muita poluição. Dizia-se até que, se os alunos da Escola Naval aguentassem com saúde os três anos da sua frequência, é porque eram realmente fortes.

A Sala do Risco servia quase para tudo: para estudar, para fazer ginástica, para exercícios de infantaria, para fazer esgrima, para jogar o *basket*, para bailes (por sinal de muita fama no curriculum mundano da época), e também para, nos intervalos das aulas, se fazerem renhidos desafios de futebol, com uma bola de ténis.

Não havia árbitro. A canelada e a auto-protecção eram livres. Acontecia até que, por vezes, um dos jogadores, dada a virilidade dos encontros, se munia de um cabo de vassoura, para o que desse e viesse. Felizmente, parece nunca ter havido oportunidade de passar da dissuasão à retaliação.

No campo das actividades náuticas e desportivas, o Clube Náutico dos Oficiais e Aspirantes da Armada, (CNOAA), localizado, à data, junto ao rio, no extremo Sudoeste do complexo do Ministério da Marinha, desempenhava também, na vida escolar dos aspirantes, um papel muito importante.

A remar, a velejar e a nadar, passavam os aspirantes, grande parte dos seus tempos livres, especialmente durante as férias. Passeios à vela, frustrados ou completamente alterados em relação aos horários e trajectos planeados pelo imprevisto das correntes e dos ventos no Tejo e da inépcia dos velejadores, aconteciam com frequência. Lembra-nos que, um desses passeios, com saída à vela na canoa, após o almoço, previsto para regresso à hora de jantar, terminou no dia seguinte, a reboque de um dos barcos da carreira de Alcochete, depois de uma dormida no beliche de uma fragata em Alhandra, por sinal bem acompanhada de percevejos muito activos, e de um encalhe ao largo do Montijo, em fundo de ostras bem afiadas.

Apesar de todos os insucessos, a utilização dos barcos à vela, principalmente dos monotipos, pequenos barcos de 12 pés, era sempre muito disputada pelos aspirantes.

O catraio, bote a remos, o "Xixão", internacional de 6 metros, o "Sirius", palhabote de cruzeiro, alguns *yolles de mer* e *outriggers*, e a "Guiga Verde", embarcação de 6 remos para treino dos futuros remadores de *yolles*, completavam, com a canoa e os monotipos, a frota da Escola Naval e do CNOAA.

Mas, foi ao remo de competição que os aspirantes marcaram, naquela altura, presença mais significativa. Em *yolles de mer*, venceram um

campeonato universitário, depois de uma final memorável com a Escola de Guerra, a qual, à partida, por ter na sua equipa remadores mais experientes, era considerada favorita.

Foi uma corrida empolgante, uma luta de gigantes, aquela que naquele dia se travou, em frente e ao largo do paredão da Junqueira.

Lado a lado, os dois *yolles*, alternavam o comando. As suas proas esguias cortavam as águas, ora parecendo avançar, ora parecendo recuar, ao ritmo das remadas e aos esforços dos remadores. Em terra e a bordo de um rebocador, numerosa falange de apoio, acompanhava a corrida em perfeita comunhão de vontades e de entusiasmo com a sua equipa.

As forças de todos pareciam chegar ao fim e o vencedor, a pouco mais de uma centena de metros da meta, continuava por decidir.

Foi então que a voz do nosso timoneiro, se fez ouvir mais alto: PICA A VOGA... E quando todos pensavam que não havia mais energias, o milagre deu-se. O nosso *yolle*, como que impelido por força mágica, quase *voou* para a meta, onde chegou com cerca de um comprimento de avanço sobre o seu digno e valoroso adversário.

Para comemorar a vitória, um aspirante mais eufórico, atirou-se à água, calçado, fardado de azul e com o boné na cabeça. Ia lá ficando... afogado em alegria.

Anos mais tarde, o remo da Escola Naval, voltou a evidenciar-se, ao vencer, em *outrigger*, o campeonato regional do Sul.

Durante a semana, não havia dispensas de recolher. Daí, que os aspirantes mais afoitos e aventureiros, furassem com muita frequência as regras do internato, para irem ao cinema, ao teatro, ou a outras diversões do seu agrado. De calças de cotim e *jersey* azul, passavam da janela da cozinha para o telhado e depois, através de uma janela de sacada da Escola Náutica, previamente deixada aberta, saltavam para dentro, desciam as escadas de acesso comum à Escola Naval e Escola Náutica e saiam calmamente pela porta do Arsenal que dá para a Praça do Município.

As vezes, alguns fugitivos saíam também por uma das janelas da Sala do Risco, utilizando uma corda, mas este caminho era mais perigoso e, por isso, menos usado.

Cá fora, respirando a força da liberdade e a emoção da aventura, dava-lhes, principalmente quando em grupo, para ensaiarem algumas brincadeiras e pequenos desacatos.

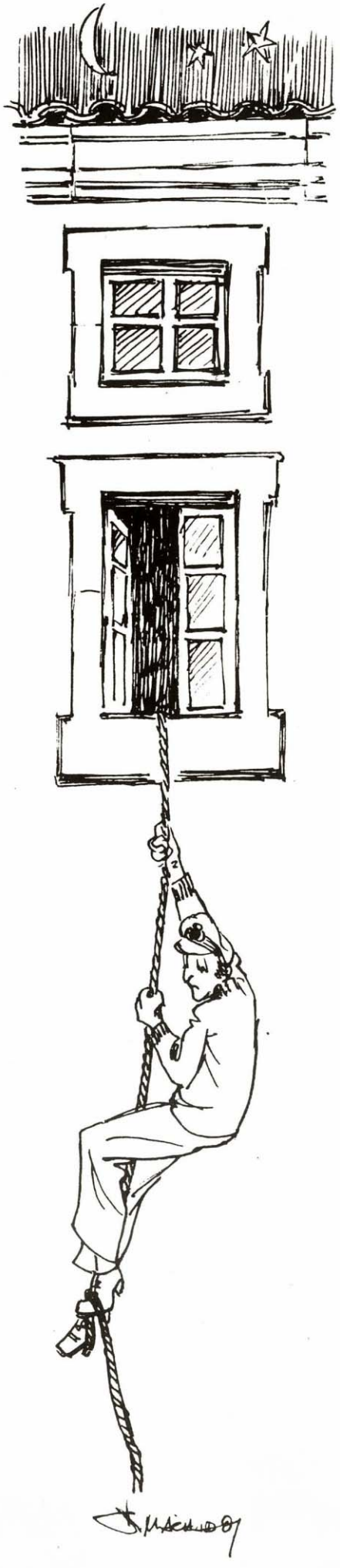
O lugar preferido para essas manobras, era o Parque Mayer.

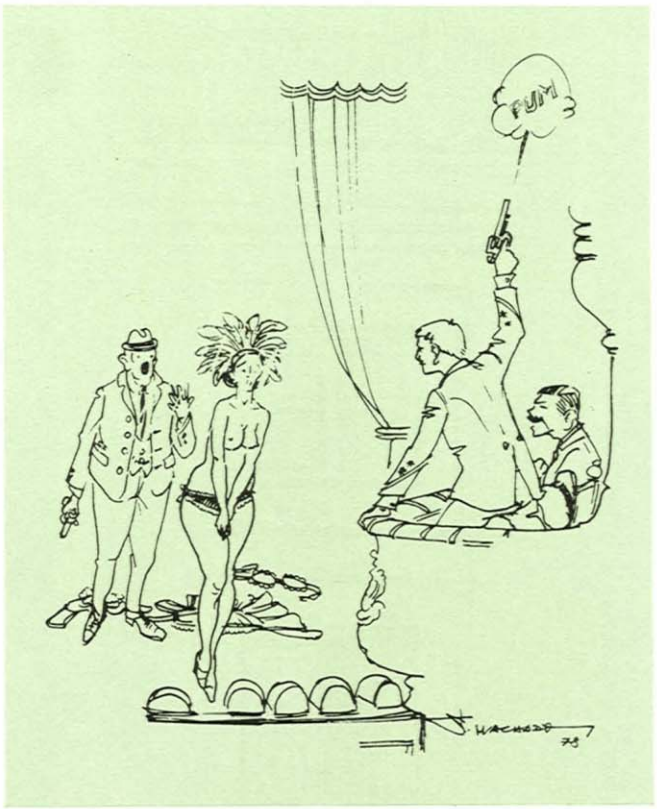
De uma vez, a quando numa das revistas no Teatro Maria Vitória, se representava um *sketch* de *strip-tease* entre o popular *compére* Carlos Leal e uma beldade brasileira, ouviu-se um tiro além do programado, o qual, na sequência dos tiros anteriores simulados pelo *compére*, devia obrigar a actriz a tirar a última peça do seu ligeiríssimo vestuário. Atrapalhação dos intervenientes e espectativa da assistência. O próprio Carlos Leal, apesar da sua longa experiência daquelas andanças, não encontrou saída para o sucedido. Afinal o tiro a mais, tinha saído de uma frisa de boca, ocupada por um grupo de aspirantes de Marinha os quais, com antecedência, haviam preparado a partidinha. Infelizmente, e apesar de tudo ter sido feito de acordo com as previsões, os objectivos essenciais não foram alcançados. A Vanisse Meireles, que era a actriz, recusou a libertar-se da última peça. Na altura, o nú no teatro, sofria ainda de tabú.

Noutra ocasião e no mesmo teatro, lá atrás na geral que era obviamente o nosso lugar normal, um dos costumados grupinhos fez tal barulheira que a PSP foi obrigada a intervir. A intervenção da Polícia durante as peregrinações nocturnas dos fugitivos da Escola Naval não era novidade. O que foi novidade dessa vez e nos ficou na memória foi que, de entre todos os recalcitrantes, a Polícia apenas escolheu um para levar à esquadra. Precisamente o de menor estatura. Eles lá sabiam que os homens não se medem aos palmos, provérbio que, aliás, o visado, tem vindo a comprovar, durante toda a sua vida. Outras diversões entretinham também os aspirantes no Parque Mayer.

"Oh cavalheiro quer dar um tirinho?", ou "mais uma tacadinha se faz favor!", foram frases que nos ficaram no ouvido e ainda não esquecemos. A primeira, que continua em uso naquele Parque e a segunda, que precedia a tiragem, num bilhar, dos números a marcar nos cartões do loto que se jogava no local onde hoje é o Teatro ABC.

Mas, nem todos os aspirantes navegavam nas mesmas águas da aventura. Havia também os que gostavam de se isolar para preparar as cábulas e desenvolver outras técnicas afins; os que apreciavam a leitura em silêncio e até os que necessitavam de sossego para estudarem. Entre esses, alguns utilizavam para o fim em vista, as mesmas áreas da Escola Náutica e os mesmos caminhos e métodos dos fugitivos.





Aconteceu porém que, em determinada altura, um dos oficiais instrutores, começou a estranhar o acender e o apagar das luzes, àquelas horas da noite, na Escola Náutica, e resolveu averiguar o que se passava, fazendo rondas quando estava de serviço.

Incomodados com o intruso, de que oportunamente se escondiam, os aspirantes resolveram contra-atacar, em ordem a resfriar o zelo do curioso oficial de serviço.

Colocaram então, por cima e do lado de dentro da porta de uma das salas de aula da Escola Náutica, um balde cheio de água, e no meio dela, um esqueleto humano. Armadilharam o conjunto, de modo que, despoletado pelo movimento de abertura da porta, caísse sobre a visita a água do balde, ao mesmo tempo que se apagavam as luzes e se acendesse uma lâmpada colocada no interior do esqueleto. Tudo funcionou na perfeição, conforme o previsto. Só que, o visitante esperado, não apareceu nessa noite, e foi, quando o velho e simpático Leonardo abria, na manhã seguinte, as portas das salas de aulas, que a coisa aconteceu. O infeliz Leonardo apanhou tal susto que perdeu a fala durante algum tempo. Não sabemos se foi por ter tido conhecimento do percalço acontecido ao Leonardo, mas o certo é que, o tal oficial de serviço, abrandou muito a partir de então a frequência das suas rondas.

Além da muita honra e do muito orgulho que sentiam em pertencer à Armada, os alunos da Escola Naval da Rua do Arsenal não tinham outros privilégios que não fossem os que lhes advinham do direito à alimentação e ao alojamento, e do percebimento mensal de cerca de 100 escudos. As despesas com uniformes, roupas, livros, etc., corriam por conta própria. Por isso e também porque os seus familiares eram, em regra, gente de recursos modestos, a falta de dinheiro afligia a maior parte dos aspirantes, mal que os levava a congeminações financeiras de vária ordem.

Entre outras iniciativas tendentes à solução do impasse monetário conta-se o estabelecimento de um prémio de consolação e de seguro para os aspirantes que, quando chamados à cadeira de Construção Naval tivessem a desdita de apanhar nota negativa, classificação que, aliás, era normal; e a criação de um outro prémio para aquele que, durante um mês, maior número de presenças conseguisse, na camarata, logo após o toque de silêncio: foram as de mais sucesso.

A primeira chegou ao fim quando o exagerado entusiasmo pelo prémio, começou a pôr em perigo o aproveitamento escolar dos pretendentes, e o professor se apercebeu de que havia qualquer coisa de suspeito nos bastidores porquanto os aspirantes, ao contrário do que sucedia antes, passaram a mostrar claro contentamento, sempre que ouviam ser o seu, o número da bola tirada da urna para sorteio do aluno a chamar.

Este professor de Construção Naval tinha uma personalidade muito *sui generis*.

Uma vez, interpelado pelos seus colegas de júri, porque razão dava a sua aprovação a um aspirante que se tinha estendido escandalosamente durante a prova oral, respondeu: "o Estado-Maior necessita de oficiais e eu não quero privá-lo deste...".

Também ficou célebre o seu costume, de perguntar ao primeiro e ao último de curso se tinham compreendido a explicação que acabara de fazer, método que o levava a deduzir dos conhecimentos e da inteligência de todos ("se o primeiro e o último perceberam, então perceberam todos", dizia ele).

A segunda iniciativa, a das presenças na camarata, acabou quando no decorrer de uma das chamadas, feita como habitualmente por um aspirante de voz demasiadamente altissonante se ouviu, perante a desagradável surpresa de todos, em vez da resposta do aspirante chamado, a voz do oficial de serviço, o qual deu volta ao chamamento em curso e *pôs no livro* o infractor do silêncio. De qualquer modo, mesmo que o sucedido não tivesse arrefecido definitivamente o entusiasmo da organização, a principal vítima dos acontecimentos não teria podido repetir, no dia seguinte, a chamada, por se encontrar ***hospedado*** na prisão escolar.

Isso porém, não fez esmorecer a consideração dos aspirantes pelo oficial participante. Estamos a vê-lo: de bigodaça loira, aprumado e militarão. Cheio de infantaria. Nas horas vagas, tocava guitarra e cantava o fado. Além da infantaria, os botões dos uniformes mereciam da sua parte, atenções e cuidados especiais. Mal ia o aspirante que fosse fraco no manejo das armas ou descuidado nos botões. Uma figura original e simpática, a daquele nosso instrutor. Talvez o último da sua estirpe.

Muito diferente do saudoso *Chico*, era aquele instrutor que, com o melhor dos sorrisos e boas maneiras, a dar a esperança de um compreensivo perdão, pediu uma vez a um aspirante que se atrasara a chegar à formatura do café, o lápis emprestado, para em seguida o *pôr no livro*.

Ora bolas! Os aspirantes preferiam o outro que se notabilizara pela sua rudeza, mas também pela sua franqueza.

As cadeiras de Navegação, de Electricidade, de Balística Interna, de Balística Externa, de Hidrografia, de Cálculo, de Torpedos e Minas, de Construção Naval e de Legislação, eram as que mais preocupavam os aspirantes. Todavia, o Inglês merecia também da parte dos aspirantes muitas trocas de impressões por, a maioria deles, não conseguir acompanhar o ritmo e a música do vocabulário e da gramática.

E tão certo isso era que, um dia, em conversa amena entre três aspirantes, quando um deles declarou que, de inglês, só tinha conseguido aprender o *to be, saw, seen*, um dos outros lhe replicou, de pronto: "pois olha pá (já havia pás nesse tempo), eu nem isso...". A verdade é que os aspirantes não levavam muito a sério o inglês.

Aconteceu até que, aproveitando-se da personalidade muito influenciável de um dos seus professores daquela disciplina, os aspirantes o convenciam a classificar de negativas, chamadas que, sem favor, mereciam nota positiva. Para isso, logo que o professor se preparava para registar a nota no respectivo boletim, os aspirantes rodeavam-no e, encarecidamente, pediam-lhe para que, pelo menos, desse ao aspirante chamado, um oito ou um nove. E o golpe pegava quase sempre, perante o desespero da vítima. Outros professores havia que, diferentemente do de inglês, gostavam de contrariar. O médico era um dos que fazia parte desse grupo. Com ele, os aspirantes tinham de usar outros processos para conseguirem os seus objectivos.

Quando se pretendia dispensa de ginástica ou se desejava determinado medicamento, bastava insistir, para que fôssemos autorizados a fazer exercícios e a pedir o remédio que não queríamos. Diga-se de passagem que, o azul de metilene, era o seu forte. Tanto fazia que os aspirantes se queixassem de dores de cabeça, de dores nas costas, ou de feridas nos pés. O azul de metilene na garganta, era a sentença.

Mas voltemos às aulas.

O amor pelo estudo não abundava entre a grande maioria dos aspirantes. Talvez por isso, a arte do *cabulanço* e as subtilezas para caçar antecipadamente os pontos, mesmo sem a ajuda do Almeida, atingiram enorme perfeição. Tanto quanto nos pudemos aperceber, apenas um dos muitos professores que tivemos na Escola Naval, resistia com êxito àquelas habilidades: foi o professor de Máquinas de Combustão Interna. Felizmente ou infelizmente, conforme a perspectiva com que se encarem os factos e as suas consequências, também havia provas orais, e as

cábulas davam, às vezes, mais trabalho a fazer do que a estudar os assuntos em causa.

Para além de peritos na arte de cabular, os aspirantes do nosso tempo gozavam também da fama de serem pouco atentos às regras disciplinares.

Era a época de um tal Fulgêncio Batista (ou Bautista), sargento-cadete do exército cubano que liderara, em 1931, um movimento revolucionário estudantil e que, pouco tempo depois, fora promovido a coronel.

Revolucionário e portanto indisciplinado, segundo a imagem que dele faziam alguns instrutores da Escola Naval, o sargento Batista (ou Bautista), servia às mil maravilhas para patrono do nosso curso, tanto mais que dele faziam parte sete ex-sargentos-cadetes e um aspirante de nome Baptista. Não foi portanto de estranhar que, de acordo com o consenso daqueles instrutores, nos fosse outorgado *honoris causa* o título de o "O CURSO DOS BAUTISTAS", título que, aliás, não engeitámos, antes apadrinhámos, passando a publicar um folheto jornalístico a que demos o nome de "O BAUTISTA", e do qual sairam alguns números. Afinal, nem revolucionários, nem sequer políticos.

Nenhum dos aspirantes do nosso curso foi ministro, secretário de estado, ou sequer governador civil. Apenas dois ou três exerceram, durante algum tempo, as funções de presidente de Câmaras Municipais.

Em contrapartida, 14 dos 39 que entraram para a Escola Naval, em 1931, são hoje oficiais generais. Não se confirmaram pois, os pressupostos escolares acerca do "BAUTISTAS".

É que, como aludimos ao princípio, a mocidade, acerca da qual e dos aspirantes que então a disfrutavam registamos aqui algumas facécias e peripécias, tem mesmo idade e características próprias que se vão progressivamente alterando com o avançar dos anos dos que por ela passaram; só o que não mudam, é no espaço e no tempo, ou seja, no lugar e na época. Apenas que, neste aspecto, as suas aparências se vão amoldando ao desenrolar dos usos e dos costumes.

Pensamos até que, se não fora o exagero das palavras, comparado com a modéstia do seu conteúdo, não seria muito descabido, acrescentar ao título deste escrito de retalhos antigos, os dizeres: *"DO NOSSO TEMPO E DE TODOS OS TEMPOS"*.

Moura da Fonseca
V/alm.

Apontamento

Veio-me parar às mãos um curioso papel. Trata-se de um panfleto, hoje tão em moda, escrito em português (com alguns erros) e que foi largamente distribuído no nosso território, em meados de 1925.

Editado em Ceuta, o panfleto convidava os nossos compatriotas de então a alistarem-se na Legião Estrangeira, com as seguintes e melodiosas frases:

Os cavaleiros legionários receber-vos-hão como irmãos selando com o vosso sangue, nos duros trances da guerra os laços de uma família gloriosa. Aqui encontrareis: comida escolhida, sã e abundante, prémios de alistamento avultados e constantes, bom vestuário, trato excelente, correcto e cavalheiroso, justiça sã para vossos prémios e promoções. Glória accessível a vossos esforços de guerreiros, cruzes, pensão de sangue, promoções frecuentes a vossos méritos conquistados em campanha. PODEIS ASCENDER A CAPITÃES DA LEGIÃO ESPANHOLA. Artistas, cavaleiros, poetas, músicos, antigos militares, engenheiros, escritores, advogados, actores, trabalhadores, camponeses, soldados e estrangeiros, todos compõem as gloriosas legiões do TERCIO que em quatro anos de campanha teem escrito importantes e belas páginas de Epopeia para a grande obra colonial Espanhola.

O mais curioso, porém, são as condições oferecidas aos candidatos, e como se sabe ainda eram alguns.

Assim, os oficiais, por exemplo, recebiam ao mês:

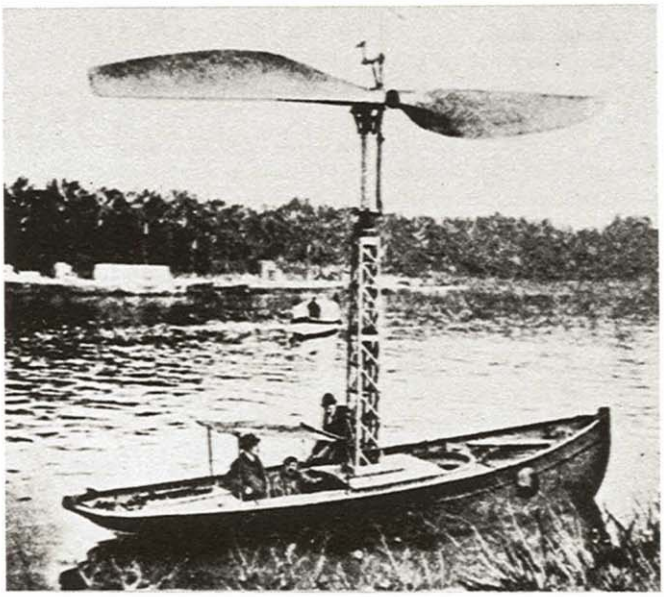
Alferes, 550,30 pesetas
Tenente, 609,57 pesetas
Capitão, 897,75 pesetas,

para além de um prémio de 500 pesetas por alistamento de quatro anos e 700 por cinco.

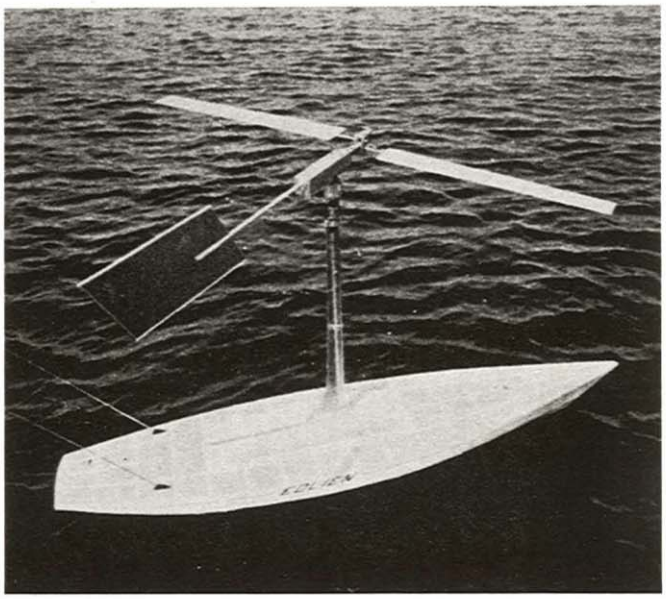
As readmissões eram por períodos de 6 meses, ou dois, três, quatro ou cinco anos, sendo o prémio que lhes correspondia de 50 pesetas por cada seis meses depois de cumprido, obviamente, o compromisso de 4 anos. O ser readmitido era circunstância muito recomendável para o futuro do legionário, e para que fossem distinguidos levariam um ângulo de fita de seda encarnada colocada na mesma disposição que os distintivos de ferido.

Este pequeno apontamento serve para mostrar a realidade a todos quantos julgavam que a Legião Estrangeira era um mito cinematográfico de alguns tempos atrás, e para poderem imaginar quão desesperado deveria estar um português para se aventurar numa guerra terrível em que defendia uma causa que não era a sua.

Manuel Pinto Machado
Cap.-ten.



O "Bois Rosé" navegando no Sena.



O "Xargo II" durante as experiências.

Navios eólicos para utilizar o vento

A ideia remonta a 1923, quando os engenheiros franceses Constantin e Joessel construiram um barco que navegou no rio Sena, movido por um hélice accionado por um "moinho de vento" instalado no topo de um mastro e com a configuração que a figura mostra. O barco navegava mesmo contra o vento, coisa que muitos físicos tinham por impossível. Na realidade, a demonstração teórica de que uma tal embarcação pode navegar contra o vento não é fácil. Na versão de Joessel, o "moinho de vento" era um hélice do tipo do dos aviões, mas já de passo variável.

O "Bois Rosé" — assim se chamava a embarcação — não entusiasmou os pontenciais utilizadores e caiu no esquecimento. A ideia foi retomada o ano passado, a sério, pelo arquitecto Michel Bigoin que procede a estudos aero e hidro-dinâmicos, na intenção de conseguir o melhor rendimento para as futuras embarcações "eólicas". Tem esperança de que os seus barcos superem em "performance" os tradicionaais veleiros. A maquete, de nome "Xargo II", tem 2,3 m de comprimento e 0,51 m de boca. Pesa 37,5 kg e está equipada com um mastro de 1,05 m de altura e um hélice eólico de 1,64 m de diâmetro. Anda a 2 nós, contra um vento de força 4; atinge 3,6 nós com o mesmo vento de través e 4,5 nós com vento de popa. A próxima etapa terá lugar com um barco em verdadeira grandeza — um veleiro de 8,9 m de comprimento, deslocando 2 toneladas. Espera poder obter 8 nós, com vento de través de força 3. Nestes barcos, o mastro tem que estar situado no centro de deriva, para que possa navegar a qualquer rumo, independentemente da direcção do vento.

O. Lemos
Cap.-m.-g.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-ten. MN Rui Manuel Rodrigues de Abreu com D. Armanda Maria Subtil de Amorim, em 28-10-78.

1.º-ten. EMQ Fernando Emanuel Correia Dias Rego com D. Maria Celeste Ferreira Soares, em 8-10-78.

2.º-ten. Luís Maria Cabral Leal de Faria com D. Isabel Maria Almeida Bingre, em 29-10-78.

1.º-sarg. TR João Manuel Salgueiro Zeferino com D. Emília Maria de Oliveira Simões, em 21-10-78.

2.º-sarg. TE Jacinto Manuel Ferreira de Oliveira com D. Maria do Carmo Marques dos Santos, em 28-10-78.

128071/Cabo T Manuel Norberto dos Reis Silva com D. Maria Manuela de Oliveira, em 5-10-78.

60873/Cabo R Júlio Augusto Patrício com D. Maria da Conceição Mateus, em 8-10-78.

167376/Cabo B José Fernando Martins Jorge com D. Esmeralda de Sousa Nogueira, em 1-10-78.
192965/1.º mar. L Jacinto Marques Severino com D. Maria Teixeira Horta, em 10-10-78.
183075/1.º-mar. FZ Alberto Lopes dos Santos com D. Célia Pereira de Figueiredo, em 15-10-78.
740178/1.º-gr. FZ João Manuel Relva Martins de Lima com D. Carminda Marques de Almeida, em 7-10-78.

PASSAGENS À RESERVA / / APOSENTAÇÕES

Cap.-frag. SG Virgílio Antunes Leitão, em 4-11-78.
1.º-ten. SG Vicente Pires, em 13-10-78.
1.º-ten. MN Luís Manuel Fernandes A ntunes da Silva, em 26-10-78 (RAb).
Sarg.-aj. A Júlio Tomás das Neves, em 18-10-78.
Sarg.-aj. SE Francisco Borges, em 19-10-78.
Sarg.-aj. A José Inácio Vinagre, em 16-10-78.
Sarg.-aj. FZ João Carvalho de Moura, em 27-10-78.
Sarg.-aj. TF José Francisco de Sousa, em 31-10-78.
1.º-sarg. E Edmundo da Cunha Carreira, em 2-11-78.
900962/Cabo FZ João da Silva Araújo, em 27-10-78.
Em 30-11-78:
Emídio Hilário, maquinista-chefe do troço do mar.
Wilson Maria do Amaral Casales de Oliveira, cabo de mar de 1.ª cl.
João Godinho Paquete, agente de 1.ª cl. da Polícia Marítima.
Lourenço Fernandes Marques, agente de 1.ª cl. da Polícia Marítima.
Albino de Sousa Marques Antão, agente de 1.ª cl. da Polícia Marítima.
Jaime Baptista da Silva, guarda de 1.ª cl. da Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.
Albino dos Santos, guarda de 1.ª cl. da Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.
Joaquim da Silva Fernandes Pimentel, maquinista de 2.ª cl. do troço do mar.
Manuel da Fonseca Figueiredo, maquinista de 2.ª cl. do troço do mar.

FALECIMENTOS

É com desgosto que anunciamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

C/alm. RF Álvaro Manoel Maria Valente de Araújo, em 29-11-78.
C/alm. AN RF Joel Azevedo da Silva Pascoal, em 10-11-78.
Sarg.-aj. TR RF José Nunes Sequeira, em 18-11-78.
1.º-sarg. art. ser. RF Manuel Marques da Silva, em 11-11-78.
1.º-sarg. aux. RF Manuel Pacheco Bastos, em 9-11-78.
1.º-sarg. A RF Daniel Nunes, em 22-11-78.
1562/1.º-mar. A RA Eugénio Leopoldo de Jesus Cardoso, em 13-11-78.
50268/1.º-mar. US Manuel Joaquim da Conceição, em 20-11-78.
42977/2.º-mar. E Mário Manuel Ferreira Franco, em 18-11-78.
2865/1.º-gr. M RF José de Jesus Pimentel, em 22-11-78.
Domingos António Piçarra, operário especial do QPCM, em 23-11-78.

COMUNICAÇÕES & COMUNICAÇÕES

Prosseguimos neste número a publicação de mais algumas curiosas mensagens...

57 — Navegavam os dois "destroyers" nos mares dos Açores. por alturas da II Guerra Mundial, num dia de tenebroso temporal. A fúria dos elementos castigava sem piedade os navios, manobrados por homens valentes que resistiam ao desmedido esforço físico que lhes era exigido e à pesada tensão permanente em que viviam. No negrume de tal situação, um dos contratorpedeiros transmitiu, como um raio de sol, para o seu companheiro que balançava perigosamente, esta mensagem:

= ACABO DE ESPREITAR PELA SUA CHAMINÉ. O FOGO ARDE INTENSAMENTE NA CALDEIRA =

58 — Era tempo de manobras. Vivia-se um clima de total dedicação ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento das novas tácticas, e os exercícios quase tocavam a realidade. As séries eram constantes e prolongadas, e o cansaço atingia, impiedoso, os oficiais das duas fragatas que operavam em conjunto.
Como principais responsáveis e igualmente interessados nos resultados dos exercícios, também os respectivos comandantes não eram poupados a esse esforço.
Nos exercícios do último dia das prolongadas manobras, o OTC (Oficial em Comando Táctico) era o comandante mais animoso dos dois, e isso verificou-se na ordem que transmitiu, manhã bem cedo, para se dar início ao exercício, violento, a gastar as últimas energias:

= COMEÇAR A GUERRA IMEDIATAMENTE =

Àquela hora, tão matutina, o outro comandante não estava na mesma "onda" do seu camarada e por isso enviou:

= PEÇO AUTORIZAÇÃO PARA ACABAR DE TOMAR O MEU PEQUENO ALMOÇO PRIMEIRO =

59 — Comandava um determinado "destroyer" talvez o mais pequeno oficial de toda a Armada; na verdade, aquele capitão-de-mar-e-guerra parecia ter na altura um par de centímetros a menos que o mínimo exigido pelas normas; os galões quase enchiam as mangas do casaco do seu uniforme, e quando se encontrava na ponte alta do seu navio tinha de se pôr em bicos de pés para poder ver através dos vidros.

Um dia, navegando ao largo da costa, ele foi ultrapassado por uma pequena fragata comandada por outro capitão-de-mar-e-guerra, do seu curso, mas mais moderno, e que era provavelmente o oficial mais alto de todos os que se encontravam embarcados.

Como cumprimento, o comandante mais "marreta" transmitiu assim, para o seu amigo, no preciso momento em que o ultrapassava:

= VEJO UMA RARIDADE, UM CONDUTOR TÃO PEQUENO PARA UMA GERINGONÇA TÃO GRANDE =

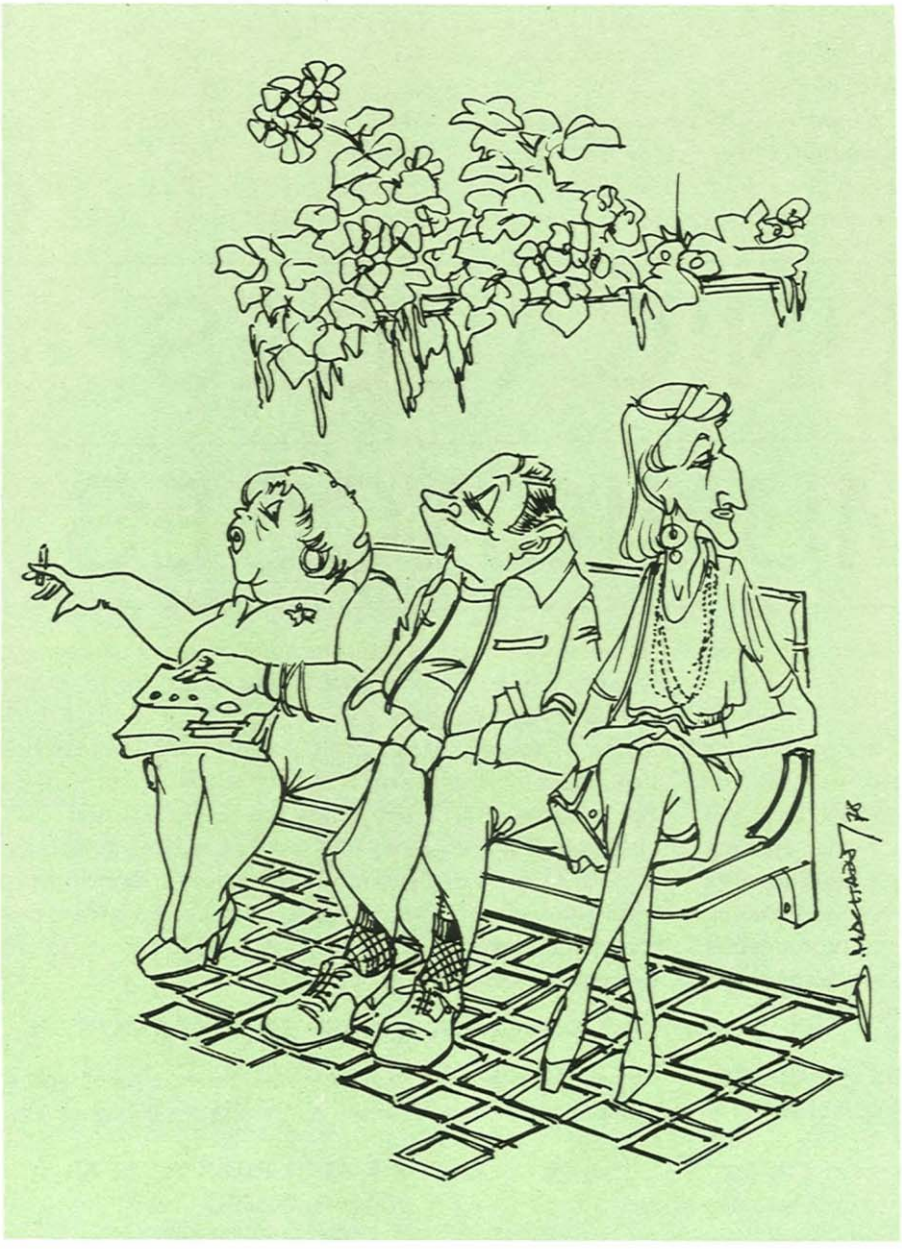
O "filho da escola" mais antigo pagou-lhe na mesma moeda, repondendo assim, como num abraço:

= VERIFICA-SE QUE AINDA HÁ MACACOS GRANDES PENDURADOS EM PEQUENOS RAMOS DE ÁRVORE =

Manuel C. D. Figueiredo
Cap.-ten.

Voz da Abita

Cartas ao Director



Na sequência da anterior, recebemos nova carta do "Pezinhos", cabo M, que transcrevemos:

Parto do princípio que foi autorizado o meu pedido de escrever esta carta, em seguimento da que foi amavelmente publicada no último número da nossa Revista. E parto desse princípio porque quem cala consente e... ninguém me disse que sim ou que não.

Passei uns dias em Madrid e gostei francamente. É uma bela cidade onde reina a ordem, a limpeza, o culto pelas árvores e pelas flores, a disciplina de trânsito...

O meu fundeadouro favorito era na Rua dos Preciados, onde só circulam peões, sentado num dos bancos de pedra que ali existem e fazem parte integrante de canteiros de flores viçosas e bem tratadas e... sem lixo à mistura.

Ali, daquele lugar, via desfilar perante os meus olhos, não só a Espanha mas o mundo inteiro. Europeus, asiáticos, americanos (do Norte e do Sul), africanos de todos os matizes... uns altos outros baixos, uns gordos e outros magros, uns bem vestidos outros mal... mulheres bonitas e mulheres feias, novas e velhas... marinheiros (curiosamente vêem-se muitos em Madrid, que é uma cidade do interior, ao contrário do que sucede em Lisboa onde, sendo um grande

porto e base naval, não se vê nem um!), polícias e soldados bem fardados e limpos, etc., etc., etc.

Um dia, fui encontrar-me com uma senhora minha amiga — honni soit qui mal y pense... — *que me esperava, sentada num dos tais bancos, para me garantir o lugar, porque há sempre muitos pretendentes. Logo que cheguei, e depois de uma breve troca de palavras, abalou à sua vida e eu abanquei, disposto a permanecer até à hora de almoço. Fiquei arrumado entre uma senhora gorda, de nacionalidade indefinida, e uma velhota espanhola, muito magra e com um nariz enorme, estranhamente parecida com o famoso matador de toiros Manolete, que vi várias vezes actuar em Lisboa e morreu, em resultado de uma colhida numa praça de Espanha.*
Então, a senhora gorda, à minha direita, dirigiu-se a mim dizendo: "Não percebo porque aquela senhora esteve a falar comigo em espanhol... de mais a mais que eu não falo espanhol e não compreendi patavina do que ela disse... Sempre há cada uma!"

Lembrei-me, a propósito, das muitas histórias que correm na Marinha, em especial desta, sobre os sarilhos que tem havido por causa do desconhecimento das línguas.
Passou-se algures em Inglaterra, com um navio da nossa Armada.
Certa manhã, apareceu no cais a que o navio estava atracado, um inglês com uma carroça conduzindo um enorme queijo, do género daqueles que fazem nos Açores e se vendem às fatias, afirmando que alguém do navio o havia encomendado na véspera.
Mas quem?
A pergunta soou por todo o navio mas, ninguém se acusou.
E o inglês teimava: "É um senhor gordo e baixo, com o cabelo muito preto..."
De repente, gritou, radiante apontando para um elemento da guarnição que assomara à borda: "É aquele!"
E era mesmo. Só que o seu inglês era tão bom ou tão mau que, tendo estado num armazém de mercearias, encomendou o queijo sem saber...

Deixei Madrid com muitas saudades e vim pela fronteira do Caia, preocupado por não constar no passaporte a minha entrada em Espanha. Iria ser considerado clandestino? Teria arranjado algum sarilho?
Do lado de lá... nada! Mandaram-me seguir, sem sequer quererem ver o passaporte. Do lado de cá, o visto do costume e a alfândega, todos muito amáveis sem pôr quaisquer entraves... Não há dúvida que, tanto nós como nuestros hermanos *estamos quase a atravessar a fronteira sem jogar às escondidas com a alfândega.*
Que assim seja e... quanto mais depressa melhor!

Recebemos ainda mais a seguinte correspondência:

De Adérito Guimarães, ex-mar. n.º 503/72, de Válega, uma carta manifestando o seu agrado pela forma como é escrita a Revista, que lhe faz lembrar, segundo diz, os bons tempos que a Marinha lhe proporcionou.
Por nosso intermédio *envia um abraço a todos os colegas da Marinha e a todos os colaboradores da Revista, aos quais incita a que a façam cada vez melhor.*

De João Leitão Rodrigues, ex-sarg. H FZE, de Canas de Sta. Maria, uma carta de que transcrevemos:

Cem escudos, nos tempos que vão correndo, não são mais que um valor simbólico para pagar a nossa Revista, que todos os ex-marinheiros deviam assinar.
Sinceramente, confesso que não leio todos os artigos que a Revista publica mas, recebê-la, passar-lhe a vista folha a folha, ver as fotografias, recordar as pessoas que menciona e (...) ler alguns artigos, é motivo de grande prazer e de conversa com os amigos, sobretudo dos que também foram da Marinha. Até as pessoas "de fora" gostam da Revista, gostam da Armada, e sentem orgulho de ter alguém na família que tenham pertencido a essa briosa Corporação.

De Joaquim Saul Martinho Franco, Marinha Grande, uma carta de que transcrevemos:

Saúdo com profunda amizade todos os que trabalham na nossa Revista. Deixei essa Corporação em 76 e confesso que tenho saudades dos 29 meses nela passados. Cada vez que me encontro com "filhos da escola", não falamos senão na Marinha e no tempo que lá passámos (...). Peço o favor de me mandarem alguns números atrasados da Revista para poder reviver a Armada, que considero uma verdadeira escola de formação de homens, e que a Revista tão bem está a servir.

De D. Maria Judite Estrela Maia dos Santos Sério, Torres Novas, uma carta de que transcrevemos:
Tendo sido, durante 13 anos, funcionária do Comando Naval de Angola, ainda gosto de ter notícias da Marinha. Peço que me inscrevam como assinante (...).

N. R. — Foi um gosto para nós receber a sua carta e tê-la como assinante. É sinal de que não esqueceu a Marinha nem o tempo em que nela serviu.

De Manuel Arlindo Rente da Silva, mar. M, Aveçãozinho, Campeã, Vila Real, uma carta de que transcrevemos:

Se me permite, gostaria de saudar todos os que trabalham para a nossa querida Revista que, quanto a mim, tem tido um êxito espectacular.
(...) Na verdade, sirvo na Armada há quase 6 anos e, desde sempre, admirei a Revista, e de tal forma que, hoje mesmo, resolvi ser seu assinante. E, como estou prestes a terminar a minha missão na "Briosa", terei imenso gosto em continuar a recebê-la, já na vida civil. Levo só boas recordações, principalmente dos 4 anos passados a bordo da "Sagres" e das viagens que nela fiz, em especial a regata internacional Canárias-Bermudas-Newport e a representação da Marinha no bicentenário dos E.U.A., em Junho de 76. Termino, pedindo licença para saudar os camaradas "filhos da escola", de Janeiro de 73, bem como aqueles que comigo andaram embarcados naquele veleiro, em 74/78.

CONFRATERNIZAÇÃO DOS "FILHOS DA ESCOLA" DE 1964 (ABRIL)

Realiza-se no próximo dia 31 de Março, em local a conhecer oportunamente, um almoço-convívio do recrutamento em epígrafe. As inscrições e esclarecimentos devem ser pedidas, até ao dia 15 de Fevereiro p. f., aos cabo L n.º 23864, Cadete, D. S. Saúde Naval (Ministério da Marinha), cabo L n.º 66264, Palma, Direcção de Abastecimento (Mata) — Alfeite e ex-mar. L n.º 28764, José Carlos, Banco Totta & Açores (Rua do Ouro, Lisboa).

AO RECRUTAMENTO DE 1949

Diamantino Vidal, ex-gr. C n.º 8458, residente na Av. de Berlim, 6, Lisboa (tel. 31 21 11/15), do recrutamento de 1949, escreveu-nos a solicitar a colaboração da nossa Revista para "mobilizarmos" os "filhos da escola" daquele recrutamento para a organização do 2.º almoço de confraternização, já que o 1.º se realizou em 1974. Diz ele, *se for necessário, eu, por fora, darei uma ajuda. Podem contar comigo.*

Terminologia Naval

GIRO-PILOTO — Sistema que comanda automaticamente o leme; é frequentemente aplicado e usado a bordo dos navios mercantes.

GOIVADURA — Meia cana aberta nas caixas de poleame onde se coloca a alça por meio da qual o mesmo é utilizado.

GOLA — A meia cana dum sapatilho.

Era dada a mesma designação ao distintivo metálico que os oficiais usavam antigamente, suspenso do pescoço por uma corrente, quando se encontravam de serviço; este distintivo era dourado, em forma de crescente e contendo as armas reais.

GOLADA — Passagem estreita aberta entre os bancos de areia duma barra e pela qual podem passar pequenas embarcações. Goleta.

GOLFÃO — Designação que, na época dos descobrimentos, era usada para caracterizar qualquer vastidão de mar, preferentemente as desconhecidas.

GOLFO — Porção de mar entrando por terra e deixando uma abertura de grandes dimensões.

GOLFÕES — Termo usado por antigos navegadores e pilotos para designar plantas que encontravam a flutuar e que se supõe seria aplicado às manchas de sargaço, mais tarde chamadas "camas de bretão", ou às algas conhecidas por "alfaces do mar".

GOLFÕES DE VENTO — Rajadas de vento.

Golfo

GOLILHA — Argola de ferro presa a um pé de carneiro, à parede, ou a qualquer ponto fixo, que era passada ao pescoço de quem cometia qualquer falta que merecesse este tipo de castigo. Golinha.

GOLPE DE MAR — Embate violento e fragoroso de grande vaga contra o costado ou pavimento do navio. Pancada de mar.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

O ruído nos navios

1. Em artigo anteriormente publicado no n.º 77 (Fev. 78) da "Revista da Armada", sob o título *O Ruído e as Pessoas,* abordaram-se os aspectos mais relevantes dos efeitos perniciosos da exposição a níveis de ruído elevados, e de que resultam:

— perda de audição e agressões ao aparelho auditivo;
— interferências e perturbações nas conversações;
— incómodo e irritabilidade.

Como meio de melhor situar o leitor, julga-se oportuno transcrever algumas passagens do texto referido:

O problema de âmbito sanitário mais significativo, causado pelo ruído, é a perda de audição.
A exposição a sons audíveis suficientemente intensos por períodos prolongados, pode provocar alterações fisiológicas no sistema auditivo. Algumas destas perturbações são temporárias e desaparecem com períodos de repouso auditivo — tempo passado em ambientes silenciosos. Porém, a exposição regular a sons de intensidade elevada pode ser a causa de perda permanente da capacidade auditiva, nos indivíduos em causa.

2. No mesmo artigo se referia ainda que, em face dos conhecimentos já hoje disponíveis sobre a matéria, tem sido criada em muitos países legislação adequada à *protecção dos indivíduos sujeitos a danos auditivos de origem ocupacional, através do estabelecimento de regras limitadoras do nível de ruído nos locais de trabalho, de medidas de protecção e de vigilância médica para acompanhamento da evolução da sensibilidade auditiva dos mesmos indivíduos.*
Mencionava-se ainda a situação preocupante existente na nossa Armada neste campo, de que são exemplos a tradicional *surdez dos fogueiros* e as perturbações e limitações auditivas do pessoal artilheiro e fuzileiro em particular, como merecendo medidas apropriadas nos aspectos de projecto das novas unidades navais ou de modificações nas já existentes, da disciplina das medidas de protecção e das condições de trabalho, e ainda dos cuidados médicos adequados.

3. As razões apontadas levaram também a que a NATO promulgasse em 1976/77 o STANAG 1186 — "Guidelines Governing Noise Levels in Ships" (Aspectos principais do ruído nos navios), com o objectivo de definir as medidas a adoptar pelas nações membros para o projecto e operação dos navios, de modo a limitar os efeitos nefastos do ruído no pessoal. Estão também já a ser desencadeadas acções para efectiva implementação deste STANAG, na nossa Armada.
Dado que não decorrerá com a desejada rapidez o processo de formalização da regulamentação em causa,

Modelo do aviso a afixar em áreas com níveis de ruído agressivos.

julga-se de interesse apontar desde já alguns aspectos relacionados com o problema, para uma melhor divulgação entre os leitores da "Revista da Armada".
Depois de referir que a limitação do ruído dentro dos navios se torna necessária para evitar perdas de audição, interferências com as comunicações em espaços operacionais ou de serviços e a eficiência do pessoal, e ainda reduzir os ruídos não aceitáveis em zonas de recreio ou de descanso, o STANAG 1186 define níveis máximos de ruído normalmente aceitáveis nos diversos compartimentos, originados por equipamento instalado permanentemente, dentro ou fora dos espaços em apreço. Da classificação efectuada para este efeito ressalta o quadro no qual se inclui também, para facilidade de comparação, referência a valores vulgarmente encontrados em navios actualmente existentes na Armada.

4. Como meio mais expedido e eficaz de protecção e de redução dos efeitos nefastos das exposições actualmente verificadas nos nossos navios e dada a inviabilidade técnica e económica de modificação dessas condições a curto prazo, ressalta a utilização criteriosa das protecções auditivas, particularmente do tipo protectores externos — auscultadores — já existentes na corrente de abastecimento da DA para fornecimento às unidades da Armada.
Neste contexto, foi também elaborado pela DGMN, para distribuição pelos navios, documentação contendo recomendações sobre o modo de utilizar e conservar os referidos protectores, textos esses que todo o pessoal exposto a situações de risco tem interesse em conhecer. De facto, não poderá deixar de se ter presente o texto do STANAG 1186, no que respeita a RISCOS DE DANOS NA AUDIÇÃO:

Existem riscos de danos na audição nas exposições continuadas a níveis de ruído muito elevados. Deverá ser utilizada uma protecção auditiva eficaz em todos os compartimentos e locais onde esses níveis excedem 85 dB (A). Esses mesmos locais deverão ser claramente assinalados com um símbolo do tipo indicado (ver figura)

1. Classif. compart.	2. Critério utilizado	3. Exemplo típico	4. Nível acons. STANAG 1186	5. Nível exist. navios Armada
A	Desejáveis elevado grau de concentração e capacidade auditiva	Casa de G. E. Enfermaria	Inferior a 60 dB (A)	73–75 dB (A) Classe "Cte. João Belo"
B	Necessária facilidade comunicação verbal; não perturbação de sono	Camarotes Casa de control do sonar Casa TSF Ponte baixa Casa operações	Inferior a 65 dB (A)	70 dB (A) Classe "Cte. João Belo"
C	Desejável boa comunicação verbal ou conforto pessoal	Messes-Refeit. Corredores Casas de cont. de máquinas Salas de estar	Inferior a 70 dB (A)	75–80 dB (A) Classes "Cte. João Belo" e "João Coutinho"
D	Necessária com. verbal mas aceitável nível de voz elevado	Sanitários Cozinhas Oficinas	Inferior a 80 dB (A)	80–85 dB (A) Classes "Cte. João Belo" e "João Coutinho"
E	Dispensável comunicação verbal sem meios auxiliares; aceitável o uso de protectores auditivos	Espaços com nível inferior acima de 80 dB (A); espaços de máquinas e oficinas	Inferior a 90 dB (A)	105–110 dB (A) Classes Cte. João Belo", "João Coutinho", "Cacine" e LDG's

e com instruções simples que sejam consideradas adequadas.

Verifica-se também a existência de riscos de danos na audição na presença de ruídos impulsivos, como sejam disparos, mesmo de armas portáteis, pelo que o pessoal exposto a este tipo de ruído deverá também usar protecção auditiva. Como valores guia apontam-se como distâncias de segurança, 150 metros dos locais das peças e 15 metros das armas portáteis, ao ar livre, a bordo dos navios.

As nações membros da NATO têm a responsabilidade de fazer o levantamento dos níveis de ruído de modo a identificarem-se e assinalarem-se as situações de risco, bem como de fornecer as protecções auditivas apropriadas ao pessoal e de promover a sua correcta instrução sobre as medidas a tomar.

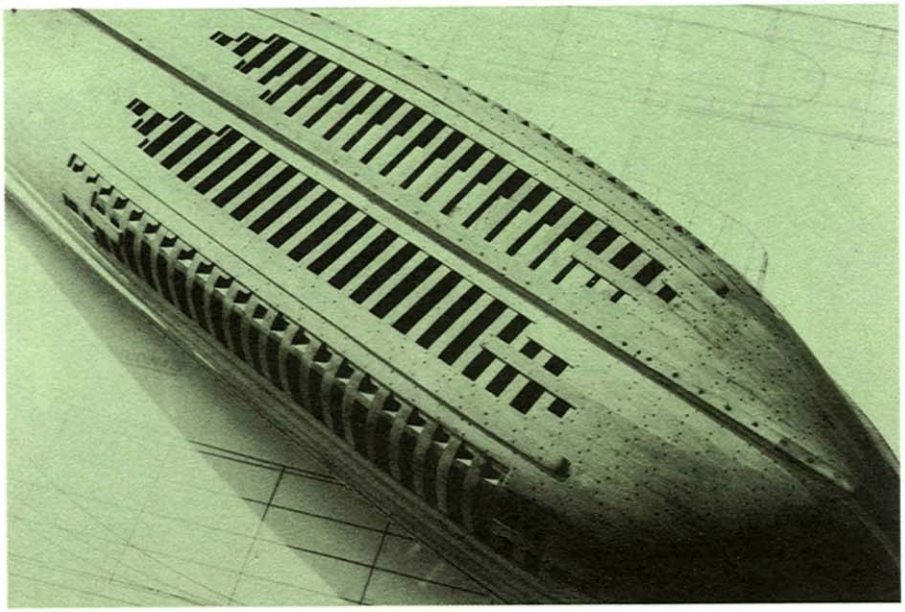
5. Neste contexto, as acções principais a levar a cabo para o estabelecimento de um *programa de protecção da audição* do pessoal embarcado, serão:

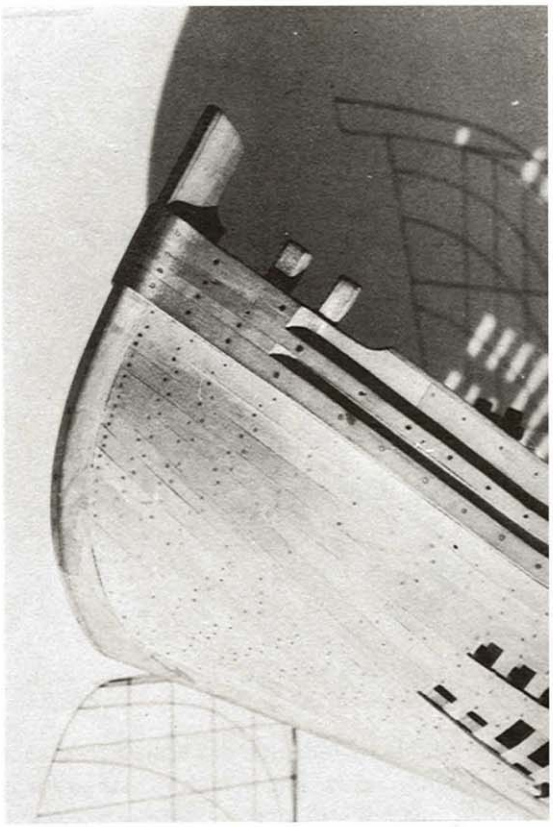
1. Levantamento das situações de risco, através de medições de níveis em navios tipo de cada classe.
2. Determinação de soluções técnicas e operacionais para atenuação dos níveis agressivos e diminuição do tempo de exposição do pessoal afectado.
3. Implementação de medidas de protecção do pessoal exposto — protectores auriculares, rotações de serviço, demarcação de áreas perigosas, etc.
4. Montagem de um sistema de vigilância médica do pessoal exposto, incluindo exames audiológicos periódicos e medidas clínicas adequadas à protecção dos indivíduos mais sensíveis.

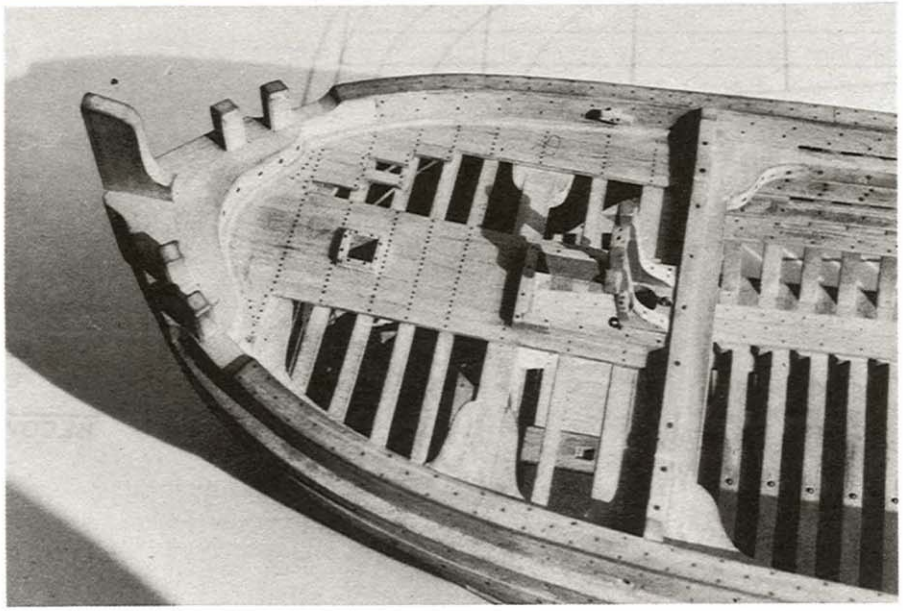
De qualquer modo, não será demais acentuar que o êxito de qualquer programa deste tipo depende, fundamentalmente, da compreensão e adesão do próprio pessoal exposto a situações agressivas. A consciencialização dos próprios sobre o fenómeno que os afecta e os riscos que correm de verem degradada, a prazo, a qualidade de um sentido tão importante para o bem-estar humano como é a *audição,* é factor sem o qual, a experiência demonstra que estarão condenadas ao fracasso as medidas técnicas ou administrativas que é viável tomar na maioria das situações.

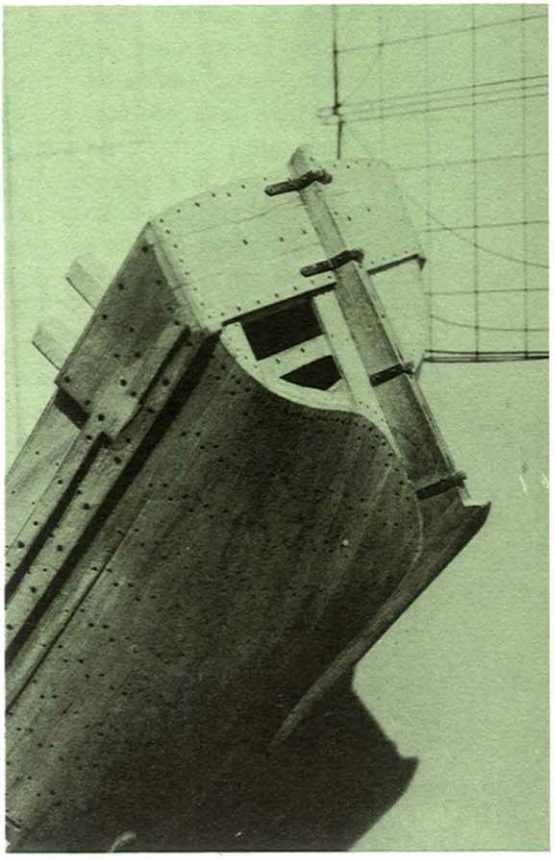
Aqui se deixa este apontamento, esperando que ele possa despertar o interesse dos leitores da "Revista da Armada" para o seu debate nestas páginas.

Fernando Palma Ruivo
Cap.-frag. EM









Modelismo Naval

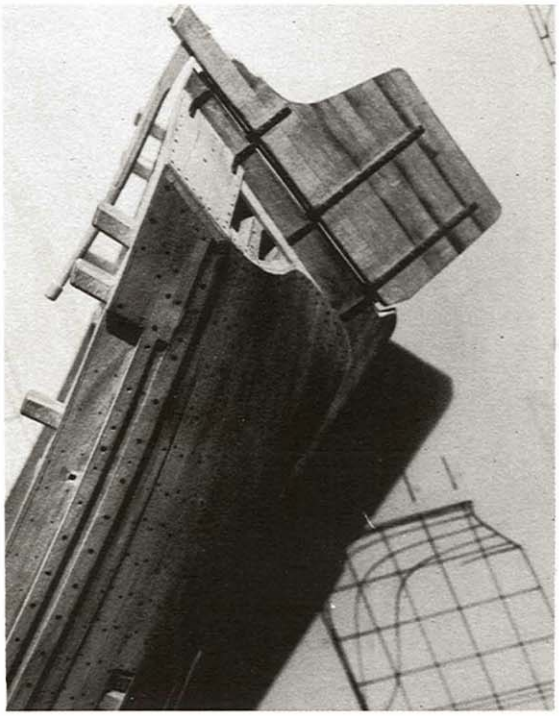
Na sala de tráfego do Museu de Marinha está exposto, entre outros modelos de barcos que sulcavam os vários rios de Portugal, um modelo de fragata de carga do Tejo. Este característico tipo de barco foi, como tantos outros, absorvido pela onda do progresso mecânico que nos últimos tempos tem substituido a navegação à vela.

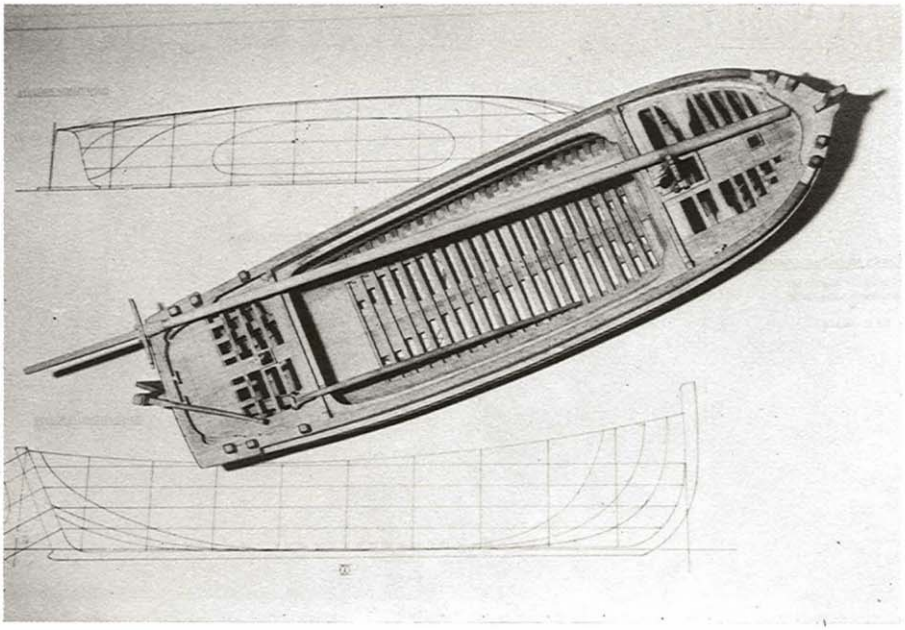
O modelo referido mostra os pormenores da construção de uma fragata de 100 toneladas, de acordo com as abalizadas indicações do mestre Henrique Fonseca, proprietário dum estaleiro no Seixal, e do dr. Manuel Leitão, profundo conhecedor deste tipo de embarcação.

É interessante frisar que este exemplar constitui, com mais outros dois, um conjunto único no Museu, cuja construção demonstra com rigor, as regras da execução original.

O seu exame atento, revela através da falta intencional de algumas tábuas dos forros, diversos detalhes como, por exemplo, as junções das variadas escarvas, tal como são executadas nos estaleiros navais.

Sabido que as fragatas do Tejo estão rareando e já não se constroem, o exemplar exposto servirá, de futuro, para estudo destas embarcações.





Embora reduzido à escala 1/50, as dificuldades da sua montagem em miniatura, surgiram como surgem, aliás, nas construções em estaleiro. Sucedeu que, montada a quilha, a roda de proa e o cadaste, a fixação, embora provisória, das armadouras e a pressão das cintas, ocasionaram uma estranha curvatura da quilha, originando para o modelista um grave problema que mestre Henrique prontamente solucionou, esclarecendo que o mesmo se dera nas construções, pelo que, ao lançar-se a quilha, a forçavam a uma curvatura em sentido inverso daquele a que os esforços das cintas obrigavam. E assim, tanto a rectilínea como a curvatura das cintas, nos seus esforços contrários entre si, se conjugam para o reforço e equilíbrio das elegantes linhas da fragata do Tejo e do modelo em questão.

Como detalhes preciosos desta miniatura de fragata, quer no aspecto da sua ossatura, quer nos inacabados forros, exterior e interior, verifica-se a minúcia dos alojamentos, tanto do arrais, como dos camarada e moço, com os beliches correspondentes.

Este exemplar, produto de grande força de vontade e caprichosa paciência, revela nos seus pormenores a confirmação destes predicados, tão necessários a um modelista.

Seguindo, como disse, os preceitos da técnica da construção naval, trabalharam-se neste modelo peças de madeira que totalizaram 765 fragmentos, alguns de tamanhos milimétricos.

Na pregaria da quilha, cintas e outras peças maiores, o número de cavilhas atingiu 375.

No trabalho de fixação dos tabuados, fizeram-se 5093 minúsculos pregos.

E, finalmente, para concluir o trabalho, arrancaram-se doze folhas ao calendário e queimaram-se muitas pestanas durante 920 horas.

Luís António Marques
Mestre aposentado do QPCMM

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Cremos que foi a primeira vez que, entre nós, foram postas em circulação, no mesmo dia, duas séries de selos.

Tal aconteceu no passado dia 7 de Dezembro, apresentando uma das séries dois valores, a comemorativa do 30.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do 25.º aniversário da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, e a outra, com um só selo — o que não acontecia há muitos anos —, assinalando o 50.º aniversário da morte de Magalhães Lima.

Os selos da primeira série citada são, quanto a nós, pouco interessantes, dado que nos parecem muito prejudicados pelos exagerados espaços brancos que apresentam, e ainda por não compreendermos o verdadeiro significado dos motivos que os ilustram.

Sobre o tema que abordam, é na verdade de muito interesse, apetecendo mesmo escrever, sempre oportuno.

Recordaremos que foi em Paris, em 10 de Dezembro de 1948, que foi aprovada pela Assembleia Geral da

ONU a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Lembraremos também que a Constituição Portuguesa explicitamente consagra a seguinte doutrina: *Os preceitos constitucionais e legais relativos aos direitos fundamentais, devem ser interpretados e integrados de harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem.*

Para além dos preceitos enunciados na nossa Constituição, Portugal tem vindo a desenvolver assinalável acção a nível internacional, no sentido da defesa e salvaguarda dos Direitos do Homem em todo o Mundo, fazendo actualmente parte dos Pactos Internacionais das Nações Unidas sobre os Direitos do Homem e sendo, desde o passado dia 1, membro da Comissão dos Direitos do Homem, na ONU.

Acontecimento importante também, é a celebração do 25.º aniversário da Convenção Europeia dos Direitos do Homem que Portugal, como membro do Conselho da Europa, acaba de ratificar.

Bem andaram os CTT/TLP em emitirem esta série.

Quanto ao selo que comemora o 50.º aniversário da morte de Magalhães Lima, consideramo-lo magnífico, em todos os aspectos. De facto, desde o fundo onde assenta um maravilhoso retrato do homenageado, passando pelos elementos secundários que completam o trabalho, tudo é perfeito. Encontramo-nos efectivamente em presença de um selo explêndido que, estamos certos, marcará posição de relevo e, por isso mesmo, vai ter o devido e merecido acolhimento.

Além disto, a personalidade celebrada merece incontestavelmente esta homenagem, por ter sido realmente um homem com uma biografia notabilíssima, repartida por vários campos de actividade, nomeadamente o político e o jornalístico. Certamente que, num apontamento necessariamente breve como este tem que ser, não pode ser abordada toda uma brilhante biografia mas, não resistimos à tentação de transcrever palavras de Magalhães Lima quando, amargurado, desiludido e mais uma vez perseguido, como Grão-Mestre da Maçonaria disse: *Não pode apelidar-se de Pátria, um País minado por ódios vesgos, uma terra onde medram as ambições, as invejas, as vaidades, a ganância sórdida. Pátria é sinónimo de Liberdade. Onde está a Pátria, está a Liberdade.*

Magalhães Lima foi, na verdade, um homem grande.

DIA DO SELO EM 1978

Mais uma vez, o Dia do Selo foi festejado no 1.º de Dezembro, acontecimento que, pensamos, se festejou pela última vez nesse dia.

Pelo que nos foi dado observar e por notícias até nós chegadas, houve entusiasmo e confraternização filatélica, talvez maior que nos últimos anos. Sublinhe-se a feliz iniciativa dos dois *carros eléctricos* que percorreram a cidade de Lisboa como Postos de Correio, onde eram apostos os carimbos comemorativos.

Não sabemos se, efectivamente, a data do Dia do Selo será alterada este ano mas, de qualquer modo, impõe-se desde já que os responsáveis dêem a conhecer a decisão final, para que, com a necessária antecedência, os habituais agrupamentos que não esquecem a data e os muitos outros que se lhes possam juntar, comecem os preparativos para que o Dia do Selo de 1979 seja uma data marcante no panorama filatélico português.

SELOS PORTUGUESES PARA 1979

Os CTT/TLP deram já a conhecer o plano de emissões de selos a emitir em 1979 e, simultaneamente, o respectivo calendário.

Saúde-se o facto, não tanto por si mesmo — ele é corrente nos países com uma filatelia evoluída — mas por estar a ser adoptado entre nós, se bem que ainda sujeito a alterações, como as que aconteceram no passado ano e que, é a bem da filatelia portuguesa, se devem a todo o custo evitar.

Numa apreciação muito pessoal e rápida, parece-nos que são tratados

neste plano muitos factos de índole internacional, em prejuízo de temas portugueses, que não nos faltam, e que podiam ser considerados, tendo em conta a potencialidade dos selos como veículos de divulgação e promoção de muito do belo que entre nós existe.

Para nós, particularmente sensíveis ao tema genérico "Centenários", é chocante constatar que o assunto passa despercebido. É certo que assinalam aniversários mas, em nosso entender, são um tanto forçados, na medida em que somos de opinião que, nessas circunstâncias, apenas seriam de destacar aqueles que se referissem a factos com grande significado histórico ou pedagógicos de muito interesse e repercussão, o que, no caso presente, nos parece não acontecer.

Pensamos ter sido adoptado um critério discutível em vários aspectos, de escolha de temas, o que justifica a nossa apreciação que, diga-se, é filatelicamente, muito pessoal.

Mas, vejamos o que foi anunciado. O programa começa a cumprir-se já no próximo dia 24 com a segunda fase da série-base "Instrumentos de Trabalho", à qual se seguirá, em 21 de Fevereiro, um conjunto dedicado ao "Emigrante Português".

Em 14 de Março, aparecerá uma série dedicada à "Luta contra a poluição sonora"; em Abril será o primeiro mês em que entrarão em circulação duas séries, a saber: em 4, a comemorativa do 30.º aniversário da NATO e em 30, a habitual série "Europa". Em Maio, nada de novo surgirá, mas em Junho aparecerão novamente duas séries, a primeira no dia 1, alusiva ao "Ano Internacional da Criança", e a segunda dedicada ao "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades".

Depois, em Julho, outra vez duas séries, a primeira tratando o tema "Deficiente Mental, Cidadão com direitos", e a outra comemorativa do 50.º aniversário da UNESCO, que entrarão em circulação respectivamente em 6 e 25. Em Agosto, nada de novo surgirá mas em Setembro será a vez de ser comemorado o 35.º aniversário da TAP, seguindo-se, em 4 de Outubro, um conjunto evocativo de "Vultos do Pensamento Republicano", à qual se seguirá no dia 26 uma outra, esta dedicada ao "Serviço Nacional de Saúde".

Finalmente, as novas emissões de selos em 1979 terminarão em 5 de Dezembro, com o lançamento da série "Natal de 79".

Dentro do plano a que estamos a reportar-nos, está também previsto o aparecimento de "Inteiros Postais", assinalando o 7.º aniversário do "Início dos Estudos Públicos", em 24 de Janeiro, o "Milenário do Mosteiro de Santo Tirso", em 21 de Fevereiro, o 7.º centenário da Alfândega de Lisboa o 4.º da Alfândega de Setúbal, em 14 de Novembro e, ainda no mesmo dia, o aniversário da F.P.F., iniciais que supomos ser da Federação Portuguesa de Futebol.

Resta-nos acrescentar que desejamos que o plano resulte em pleno e formulamos votos de que o tema Natal se fixe definitivamente nos futuros planos anuais dos selos postais portugueses.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Histórias de Marinheiros

6 — como elas eram...

Naquele tempo, já tão distante, nós éramos aspirantes e a Escola Naval ainda estava naquele casarão enorme e soturno da Rua do Arsenal. Todos os dias, depois do jantar, havia licenças até às 9 horas da noite, exceptuando quartas, sábados e domingos, em que o regresso à Escola se fazia mais tarde. Na maioria, saíamos todos os dias, mesmo quando a licença era escassa, para, ao menos, dar uma voltazita pela Baixa, e espairecer, a ver as pequenas. A farda era capital de que tirávamos todo o juro possível. Havia alguns de nós mais felizes do que outros. Um apresentava loira vistosa, de olhos em fogo, gesto estouvado, outros levavam a reboque morenita apagada, miúda, insignificante. Mas tudo servia à exuberância amorosa do aspirante. Havia-os que cultivavam dois e mais amores ao mesmo tempo. E era sempre aquela dúvida atroz, quando elas telefonavam para a Escola, ao iniciar a conversa:

— És tu?...

E a interrogação, aflitiva, surgia, então: Será a Manuela? Ou será a Ivone? Talvez seja a Luísa...

Uns breves momentos de conversa e estava identificada: Ah! era a Margarida...

Enfim... bons tempos. Nós não tínhamos culpa. A farda era bonita — elas o diziam — e nós éramos *irresistíveis* — elas o afirmavam. Grandes romances de amor se viveram naquele tempo. Adiante...

Isto que venho contando serve de intróito a uma cena passada numa *matinée* do Chiado Terrace. Era um domingo e exibia-se a "Madame Butterfly". E dois aspirantes, fardadíssimos, nesse dia, compravam dois balcões de primeira fila, para estarem bem em evidência, num ponto central, estratégico, donde pudessem assestar as baterias dos seus olhos, sedentos de amor, sobre as possíveis vítimas que lhes caissem dentro do raio de acção. O cinema estava à cunha. A sessão começou a desbobinar-se. No primeiro intervalo, os aspirantes sacri-

ficaram o cigarrito e ficaram a fazer o reconhecimento prévio do terreno. Descortinaram, então, num camarote, duas moças simpáticas, enquadradas pela guarda pretoriana de duas velhotas, com ar intimidativo. Isso não obstou a que eles começassem a bombardear as pequenas com olhares incendiários. Uma das velhotas usava *lorgnon*, que logo começou a faiscar no azimute dos aspirantes — sinal evidente de que a *manobra* estava a ser caçada. Os rapazes disfarçaram um pouco, passando a *atacar*, alternadamente, uma moça interessante que, no meio da família numerosa, se destacava num camarote fronteiro. Esta deu logo pelo leme, o que sossegou o *lorgnon*, mas entristeceu as duas pequenas. O fim do intervalo pôs termo a esta situação difícil.

O filme desenrolou, então, toda a graça da mulher japonesa, a doçura da paisagem das cerejeiras em flor, os ternos amores do tenente Pickerton, a música adorável das partituras.

Novo intervalo veio agora interromper o filme. Os aspirantes continuaram em *postos de combate*. O *ataque* recomeçou e, agora, perdendo todo o temor ao *lorgnon* vigilante, e deixando desconsolada a outra moça.

O ambiente não podia ser mais favorável. Todo o romantismo da profissão tinha sido posto em relevo. A magia das terras longínquas, o perfume dos costumes exóticos, os amores de mulheres estranhas, dadas inteiramente e com paixão, resultavam em prestígio do botão dourado a reluzir no uniforme azul. A traição de Pickerton ainda não se verificara. As moças entornavam lânguidos olhares do camarote. Os aspirantes redobravam de ternura no olho líquido. E só o *lorgnon* investigador punha uma nota crua de realismo naquele entrecruzar de olhares cheios de ternura.

De novo se apagaram as luzes. O filme desenrolou, então, toda a sua tristeza. Em roda, ouvia-se o assoar discreto de senhoras, no disfarçar de lágrimas teimosas. E mesmo, por duas ou três vezes, um suspiro mais alto se tinha exalado de alguma alma mais sensível.

Pickerton traíra a pobre japonesita friamente, sem coração. E ela, amarfanhada, continuava esperando que ele voltasse um dia... quando as andorinhas refizessem o ninho lá na longínqua América. A traição do oficial de marinha revelava-se, de facto, em toda a sua crueza.

Quando o filme acabou e as luzes se acenderam, havia pranto em muitos olhos.

Começou a debandada. Os aspirantes regularam a saída de modo a aproximarem-se das pequenas. À porta do cinema, estavam perto delas. E foi neste momento que uma voz dura, metálica, martelou estas palavras, junto dos aspirantes e dirigidas às pobres moças:

— Vocês não têm vergonha... Ainda olham para eles...

...Era o *lorgnon* antipático que finalmente, tirava a sua vingança...

S. B.

Numismática e Medalhística

MOEDAS PORTUGUESAS DA REPÚBLICA — X

DEZ ESCUDOS (10$00)

Este valor monetário, que no tempo dos "reis" equivalia a 10$000 réis (dez mil réis), cunhou-se a partir de 1928 comemorando a Batalha de Ourique, prosseguindo a sua cunhagem a partir de 1932 para circulação efectiva.

Actualmente deixou de se cunhar e, com o aparecimento da nova moeda de 25$00, se se voltar e emitir, será um disco de cuproníquel do tamanho dos actuais 5$00, de acordo com as actuais dimensões desta nova moeda. Entretanto, tanto quanto sabemos, ainda se encontra em vigor a cunhagem iniciada em 1971.

Os dez escudos conheceram cinco fases de cunhagem, que seguidamente passamos a discriminar.

1.ª FASE — 1928 (PRATA)

Iniciou-se a cunhagem em 1928, para comemorar a Batalha de Ourique onde, segundo a lenda, o rei D. Afonso Henriques derrotou cinco reis

mouros. Moeda de rara beleza, apresenta no anverso o escudo nacional daquela altura e a legenda *República Portuguesa.* Do lado esquerdo do escudo, o valor *10* e do direito *Esc.* Reverso: *Comemoração da Batalha de Ourique 1128.* Cavaleiro montado, com escudo e espada.
Tem de módulo 30 mm, pesando 12,5 gramas. Valor mercantil no estado de BELA: 800$00; em graus inferiores entre os 300$00 e 500$00. Prata 835 %o.

2.ª FASE — 1932/1948 (PRATA)
Cunhagem feita em prata de 835 %o; iniciou-se em 1932, tendo-se emitido as seguintes datas:
1932/3/4/7/40/2/8.
Moeda sem qualquer beleza, apresentando apenas as características essenciais, como sejam o escudo nacional, legendas, datas e valor; apresenta inserida também uma caravela. De fácil identificação, tem de módulo 30 mm e pesa 12,5 gramas.
No que respeita aos seus valores no mercado, de salientar o 1937, 42 e 48, que atingem cotações bastantes altas. As outras datas, em estado MBC a BELA oscilam de 200$00 a 500$00.
Actualmente, para a data de 1937, o valor de mercado varia de 1200$00 a 2000$00, de acordo com o seu estado; para a moeda de 1948, temos de 1000$00 a 1700$00 como campo de variação, sendo de 3000$00 a 5000$00 o valor atribuído aos 10$00 de 1942, os mais raros de todos.

3.ª FASE — 1954/1955 (PRATA)

Cunhagem de 680 %o, finaliza a emissão dos 10$00 em prata, para circulação, vindo a ser substituídos mais tarde por emissão em cuproníquel, como veremos.
Moeda parecida com a emissão anterior, apresenta as mesmas características, diferenciando-se somente pelo escudo nacional e a disposição do valor.
Com o mesmo peso e tamanho da anterior, cunhou-se apenas nos anos de 1954/55, e os seus valores mercantis são bastante baixos (100$00).

4.ª FASE — 1960 — COMEMORATIVA (PRATA)

Esta moeda faz parte do conjunto comemorativo do Infante D. Henrique, composto ainda pelos 5$00 e 20$00.
Moeda "Henriquina", pesa 12,5 gramas e o seu tamanho é de 30 mm. Vendida em separado, atinge os 500$00. Aparece geralmente no estado BELA.
Numa das faces apresenta o Infante D. Henrique e a data, bem como a legenda *Quinto Centenário da Morte do Infante Dom Henrique.* Na outra, *República Portuguesa,* valor e o escudo nacional, e ainda a legenda *Talant de bien faire,* símbolo usado nas suas armas e brasão.

5.ª FASE — 1969/74 (...) (CUPRONÍQUEL)

Desta nova fase, iniciada em 1969, apareceram em circulação as datas de 1971/2/3/4. No entanto, como provas, cunharam-se os valores de 1969 e 1970, que não chegaram a circular. Para efeitos de colecção, consideramos apenas os valores a partir de 1971.

Esta cunhagem veio substituir a anterior, de prata, após 15 anos de interrupção.
Esta moeda pesa 10 gramas e tem de diâmetro 28 mm.
Com o aparecimento da moeda de 25$00, praticamente com as mesmas dimensões desta, cremos já não haver qualquer hipótese de se reiniciar a sua cunhagem, pelo menos nos moldes anteriores.
De momento, não há qualquer cotação para estas moedas, tendo sido todos os exemplares praticamente entesourados.

AFAC

2.º CAMPEONATO DA ARMADA DE CORTA-MATO

No dia 17 de Novembro findo, nos terrenos do hipódromo do Jamor, disputou-se o 2.º Campeonato da Armada de Corta-Mato, com a presença de atletas em representação de unidades das zonas Norte e Centro e do Comando Naval dos Açores. O campeonato foi corrido em duas provas: corta-mato curto (5000 metros) e corta-mato longo (12 000 m).

Classificações:

Corta-Mato Curto:

1.º — Mar. LFZM Oliveira (Centro — CEFA) ... 14m 46s
2.º — Mar. FZM Pimenta (Centro — FFC) 14m 47s
3.º — Mar. SFZM Freitas (Centro — CEFA) ... 15m 17s
4.º — Mar. FZ Loureiro (Centro — FFC) 15m 23s
5.º — Mar. FZM Sá (Centro — FFC) 15m 30s

Corta-Mato Longo:

1.º — 2.º-gr. E Marques (Centro — G2EA) .. 37m 00s
2.º — Mar. FZM Pedras (Centro — FFC) 37m 04s
3.º — 1.º-gr. R Simões (Centro — ERN "Cte. Nunes Ribeiro") 38m 18s
4.º — 2.º-gr. E Lemos (Centro — G2EA) .. 38m 35s
5.º — Mar. MFZM Gaspar (Centro — CEFA) .. 39m 19s

O vencedor do corta-mato longo, 2.º-gr. E Marques, recebe o prémio da sua vitória.

A FORÇA DE FUZILEIROS VENCEU O CAMPEONATO DE ANDEBOL DE 7

Terminou, em Novembro findo, o Campeonato da Armada de Andebol de 7. A equipa da Força de Fuzileiros do Continente, que ganhara a zona Centro, foi considerada vencedora do Campeonato. Mais uma vez, não foi possível a participação, na fase final, das equipas representativas das zonas Norte e Sul e dos Açores e Madeira.

Classificação:	V	D
1.º — F. F. Continente	5	0
2.º — Direcções Técnicas	4	1
3.º — C.S.D. Ministério	3	2
4.º — G.1E.A.	1	4
5.º — Esq. Submarinos	0	5
6.º — G.2E.A.	0	5

(Colaboração da D.S.E.F.)

2.º CORTA-MATO DA MARGEM NORTE

Realizou-se, no passado dia 26 de Outubro, pelo segundo ano consecutivo, o corta-mato da Margem Norte, disputado, tal como o anterior, em terrenos da Central Receptora da ERN "Comandante Nunes Ribeiro", em Linda-a-Velha. A esta prova, que se pretende venha a ter sequência anual e uma participação cada vez mais alargada, concorreram representações de 9 unidade militares, da Marinha e do Exército, num total de cerca de 50 atletas.

Saiu vencedor o já consagrado Rafael Marques (2.º-gr. E n.º 261878), do Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, tendo-se classificado no lugar imediato o 1.º-mar. FZM n.º 144974, Pedras, da Forças de Fuzileiros do Continente. Colectivamente venceu a equipa da F.F.C.

Um aspecto da corrida, com o vencedor já destacado (o atleta sportinguista Rafael Marques, pré-seleccionado para as Olimpíadas).

(Colaboração da ERN "Cte. Nunes Ribeiro")

O PLANO DE TREINOS *5 B X*

Os argumentos que alguns comodistas invocam com mais frequência para justificar (?) o não se dedicarem regularmente ao treino físico são a falta de tempo, ou o facto de serem demasiado grandes as distâncias que separam as instalações desportivas dos seus locais de trabalho ou de habitação.
Lastimamos muito, mas terão de encontrar outros argumentos!
... É que, com o Plano de Treinos *5 B X* utilizado pela Força Aérea do Canadá, são suficientes *onze minutos por dia,* não se tornando necessário qualquer tipo especial de instalações, pelo que as referidas sessões poderão ser efectuadas... no próprio local da habitação!
O plano é constituído por cinco tabelas, cada uma das quais com cinco exercícios diferentes. Por sua vez, cada tabela consta de doze níveis, caracterizando-se cada nível pelo número de repetições de cada exercício efectuado a um ritmo que permite um determinado tempo de execução. Para cada grau etário, está definida a capacidade física a atingir, e a que corresponde um determinado nível de determinada tabela. Temos pois que, para os seguintes graus etários, os objectivos a atingir serão:

< 25 anos: Nível B + da tabela 5
25-29 anos: Nível D + da tabela 5
30-34 anos: Nível B da tabela 4
35-39 anos: Nível C — da tabela 4
40-44 anos: Nível A+ da tabela 3
45-49 anos: Nível B da tabela 3
50-60 anos: Nível C + da tabela 2

Antes de passarmos à descrição das várias tabelas, convém sublinhar as seguintes regras gerais:

1. Inicie-se neste Plano pelo nível mais baixo da tabela 1 (Nível D–), ainda que se sinta capaz de começar por um nível mais alto *(em cada tabela os níveis estão escalonados por ordem crescente de dificuldade de D— até A+).*
2. Progrida em cada tabela logo que conseguir efectuar os exercícios de cada nível no tempo que a tabela indica.
3. Se sentir dores musculares ou se em qualquer ocasião sentir injustificável falta de ar, diminua o ritmo de progressão.
4. O número de dias que normalmente se permanece em cada nível da tabela 1 é, de acordo com o grau etário, o seguinte:

< 20 anos: Pelo menos 1 dia em cada nível
20-29 anos: Pelo menos 2 dias em cada nível
30-39 anos: Pelo menos 4 dias em cada nível
40-49 anos: Pelo menos 7 dias em cada nível
50-59 anos: Pelo menos 8 dias em cada nível
> 60 anos: Pelo menos 10 dias em cada nível

5. Faça os exercícios diariamente até atingir o nível de capacidade física correspondente ao do seu grau etário. Uma vez atingindo esse nível *poderá manter essa capacidade física apenas com 3 ou 4 sessões semanais.*
6. Se por qualquer razão tiver deixado de fazer regularmente o *5BX* e quiser recomeçar, não o faça pelo nível que tinha atingido anteriormente: recue vários níveis até encontrar um que possa executar sem esforço excessivo *(caso o período de inactividade tenha sido de um mês deverá recomeçar no nível D— da tabela 1).*
7. Em cada nível, o exercício n.º 5 pode ser substituído por qualquer das formas seguintes:

   a) *Andar* a distância referida na tabela, no tempo indicado para o respectivo nível;

   b) *Correr* a distância referida na tabela no tempo indicado para o respectivo nível.
   (Obviamente que a opção de "correr" ou "andar" vem alterar o tempo total de execução de cada nível, com especial incidência quando se opta pelo "andar", conforme se pode verificar nas tabelas).

8. Não há necessidade de efectuar qualquer aquecimento antes do início dos exercícios de cada tabela (o efeito do "aquecimento" é conseguido quer pela ordem dos exercícios quer pelo ritmo de execução indicado para cada nível).
9. Nas figuras respeitantes a cada exercício está indicada quer a posição inicial (PI) quer o número de tempos que se devem considerar na execução de cada exercício.

Passamos agora a descrever cada uma das tabelas.

TABELA 1

Exercício 1
PI: Pernas afastadas e braços em elevação superior.
1.º tempo: Inclinação do tronco à frente.
2.º tempo: Posição inicial.
3.º tempo: Insistência para trás.

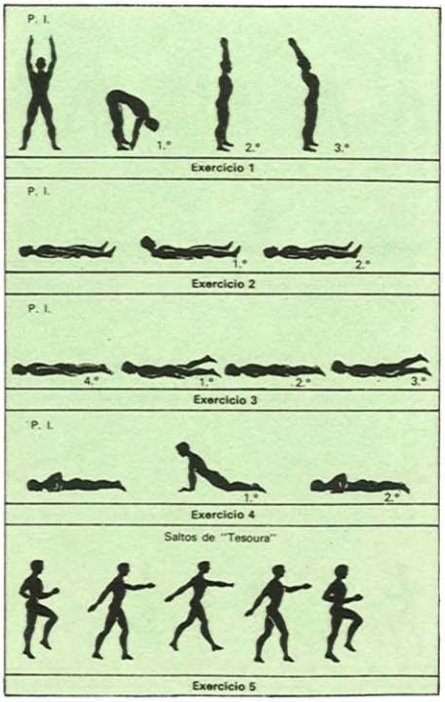
Exercício 2
PI: Deitado no chão de barriga para cima; pés afastados.
1.º tempo: Levantar o tronco de modo a ver os calcanhares.
2.º tempo: Posição inicial.

Exercício 3
PI: Deitado de barriga para baixo.

1.° tempo: Elevar a cabeça e perna direita.
2.° tempo: Posição inicial.
3.° tempo: Elevar a cabeça e perna esquerda.
4.° tempo: Posição inicial.

Exercício 4
PI: Deitado de barriga para baixo; braços flexiocinados com mãos debaixo dos ombros.
1.° tempo: Estender braços mantendo perna e pé no chão.
2.° tempo: Posição inicial.

Exercício 5
Correr sem sair do lugar (conte um passo cada vez que o pé esquerdo tocar no chão). Erga os pés até aproximadamente 10 cm do chão. Depois de cada 75 passos dê 10 *saltos tesouras.* repita essa sequência até completar o número de passos exigido.



NÍVEL	EXERCÍCIO					1/2 milha correndo	1/2 milha andando
	1	2	3	4	5	Em minutos	
A +	20	18	22	13	400	5 ½	17
A	18	17	20	12	375	5 ½	17
A —	16	15	18	11	335	5 ½	17
B +	14	13	16	9	320	6	18
B	12	12	14	8	305	6	18
B —	10	11	12	7	280	6	18
C +	8	9	10	6	260	6 ½	19
C	7	8	9	5	235	6 ½	19
C —	6	7	8	4	205	6 ½	19
D +	4	5	6	3	175	7	20
D	3	4	5	3	145	7 ½	21
D —	2	3	4	2	100	8	21
minutos para cada exercício	2	1	1	1	6		

Objectivos:
Esta tabela serve de base a todos os graus etários, com vista a atingir os níveis de capacidade física que constitui objectivo das restantes tabelas.

TABELA 2

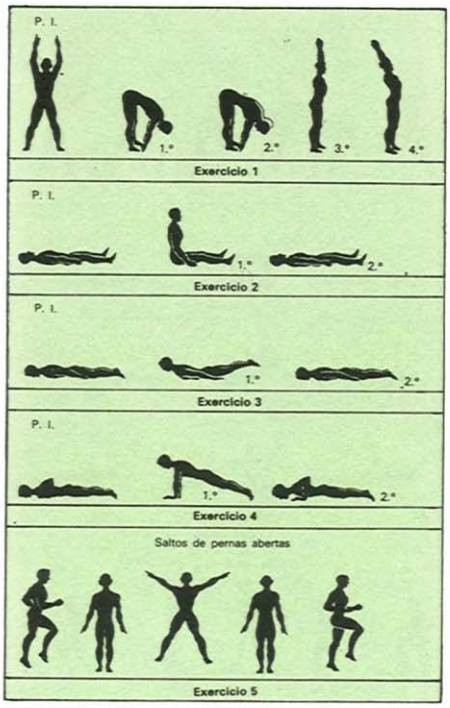
Exercício 1
(Igual à tabela 1, mas com mais 1 tempo: insistência na flexão de tronco à frente).

Exercício 2
PI: Deitado de barriga para cima; braços ao lado do tronco; pés presos; pernas semiflectidas.
1.° tempo: Elevar o tronco até à vertical.
2.° tempo: Posição inicial.

Exercício 3
PI: (Igual ao da tabela 1).
1.° tempo: Elevar simultaneamente tronco e pernas, mantendo estas esticadas (apenas a bacia deve ficar em contacto com o solo).
2.° tempo: Posição inicial.

Exercício 4
PI: (Igual ao da tabela 1).
1.° tempo: Posição de *queda facial.*
2.° tempo: Posição inicial.

Exercício 5
Correr sem sair do lugar (conte um passo cada vez que o pé esquerdo tocar no chão). Erga os pés aproximadamente 10 cm do chão. Depois de cada 75 passos, dê 10 saltos de pernas abertas. Repita esta sequência até completar o número exigido de passos.



NÍVEL	EXERCÍCIO					1 milha correndo	2 milhas andando
	1	2	3	4	5	Em minutos	
A +	30	23	33	20	500	9	30
A	29	21	31	19	485	9	31
A —	28	20	29	18	470	9	32
B +	26	18	27	17	455	9 ½	33
B	24	17	25	16	445	9 ½	33
B —	22	16	23	15	440	9 ½	33
C +	20	15	21	14	425	10	34
C	19	14	19	13	410	10	34
C —	18	13	17	12	395	10	34
D +	16	12	15	11	380	10 ½	35
D	15	11	14	10	360	10 ½	35
D —	14	10	13	9	335	10 ½	35
minutos para cada exercício	2	1	1	1	6		

Objectivos:
45-49 anos: Nível A +
50-60 anos: Nível C +

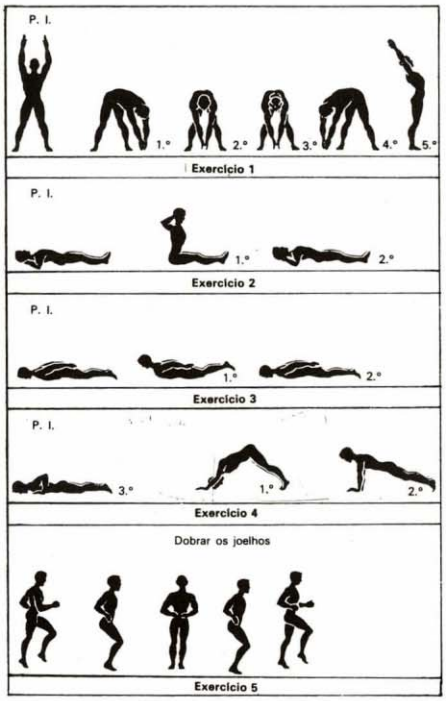
TABELA 3

Exercício 1
PI: (Igual ao da tabela 2).
1.° tempo: Flexão do tronco de modo a tocar o solo 15 cm para fora do pé esquerdo.
2.° tempo: Tocar o chão entre os pés.
3.° tempo: Insistência.
4.° tempo: Tocar o solo 15 cm para fora do pé direito.
5.° tempo: Elevar o tronco inclinando-se para trás (após ter atingido metade do número de repetições deverá inverter a direcção, começando a tocar o chão junto do pé direito).

Exercício 2
PI: Deitado no chão de braços para cima; mãos à nuca; pés presos; pernas semiflectidas.
1.° tempo: Elevar o tronco até à vertical.
2.° tempo: Posição inicial.

Exercício 3
PI: Deitado de barriga para baixo; mãos entrelaçadas atrás das costas.
1.° tempo: Elevar o tronco e pernas simultaneamente, mantendo estas esticadas.
2.° tempo: Posição inicial.

Exercício 4
PI: (Igual ao da tabela 2).
1.° tempo: Estender braços e elevar a bacia de modo a que o tronco faça um ângulo recto com as pernas.



2.° tempo: Posição de *queda facial.*
3.° tempo: Posição inicial.

Exercício 5
Correr sem sair do lugar (conte um passo de cada vez que o pé esquerdo tocar o chão). Erga os pés até aproximadamente 10 cm do solo. Depois de 75 passos dobre os joelhos 10 vezes. Repita esta sequência até completar o número indicado de passos.

NÍVEL	EXERCÍCIO					1 milha correndo	2 milhas andando
	1	2	3	4	5	Em minutos	
A +	30	32	47	24	550	8	25
A	30	31	45	22	540	8	25
A —	30	30	43	21	525	8	25
B +	28	28	41	20	510	8 ¼	26
B	28	27	39	19	500	8 ¼	26
B —	28	26	37	18	490	8 ¼	26
C +	26	25	35	17	480	8 ½	27
C	26	24	34	17	465	8 ½	27
C —	26	23	33	16	450	8 ½	27
D +	24	22	31	15	430	8 ¾	28
D	24	21	30	15	415	8 ¾	28
D —	24	20	29	15	400	8 ¾	29
minutos para cada exercício	2	1	1	1	6		

Objectivos:
40-44 anos: Nível A+
45-49 anos: Nível B

TABELA 4

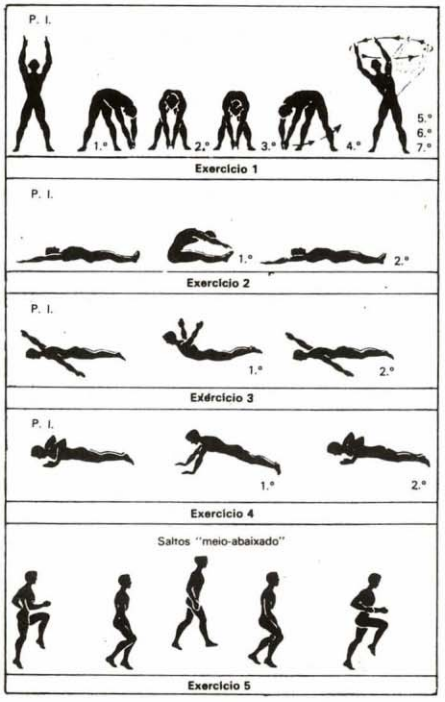
Exercício 1
PI: (Igual ao da tabela 3).
1.°, 2.°, 3.° e 4.° tempos: Como na Tabela 3.
5.°, 6.° e 7.° tempos: Circundução do tronco (após ter atingido metade do número de repetições inverta a direcção, começando a tocar o solo junto do pé direito.

Exercício 2
(Como na tabela 3, mas com os braços em elevação superior).

Exercício 3
PI: Deitado de barriga para baixo; braços em elevação lateral.
1.° tempo: Elevação simultânea do tronco e pernas, que devem permanecer esticadas.
2.° tempo: Posição inicial.

Exercício 4
("Push-up" — Flexão de braços).

Exercício 5
Correr sem sair do lugar (conte um passo de cada vez que o pé esquerdo tocar o chão). Erga os joelhos até à altura da cintura. Depois de cada 75 passos dê 10 saltos meio abaixado.
Repita esta sequência até completar o número exigido de passos.



NÍVEL	EXERCÍCIO					1 milha correndo	2 milhas andando
	1	2	3	4	5	Em minutos	
A +	30	22	50	42	400	7	19
A	30	22	49	40	395	7	19
A —	30	22	49	37	390	7	19
B +	28	21	47	34	380	7 ¼	20
B	28	21	46	32	375	7 ¼	20
B —	28	21	46	30	365	7 ¼	20
C +	26	19	44	28	355	7 ¼	21
C	26	19	43	26	345	7 ½	21
C —	26	19	43	24	335	7 ½	21
D +	24	18	41	21	325	7 ¾	23
D	24	18	40	19	315	7 ¾	23
D —	24	18	40	17	300	7 ¾	23
minutos para cada exercício	2	1	1	1	6		

Objectivos:
30-34 anos: Nível B
35-39 anos: Nível C

TABELA 5

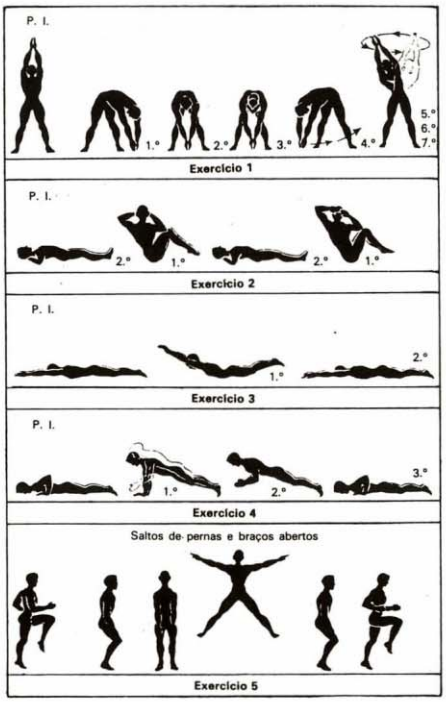
Exercício 1
(Igual ao da tabela 4).

Exercício 2
PI: Deitado de barriga para cima; mãos na nuca; *(os pés não são presos!).*
1.º tempo: Elevar o tronco e efectuar a sua torção para um dos lados ao mesmo tempo que se flectem as pernas (tocar com o cotovelo no joelho contrário, sem que os pés toquem no solo).
2.º tempo: Posição inicial.
(a torção do tronco é feita alternadamente para a direita e para a esquerda).

Exercício 3
(Igual ao da tabela 4, mas com braços).

Exercício 4
PI: (Igual ao das outras tabelas).
1.º tempo: Posição de *queda facial.*
2.º tempo: Bater palmas na posição de *queda facial.*
3.º tempo: Posição inicial.

Exercício 5
Correr sem sair do lugar (conte um passo cada vez que o pé esquerdo tocar o chão). Erga os joelhos até à altura da cintura. Depois de cada 75 passos dê 10 saltos de pernas e braços abertos.
Repita esta sequência até completar o número de passos exigido.



NÍVEL	EXERCÍCIO					1 milha correndo
	1	2	3	4	5	Minutos Segundos
A +	30	40	50	44	500	6: 00
A	30	39	49	43	485	6 : 06
A —	30	38	48	42	475	6 : 09
B +	28	36	47	40	465	6 : 12
B	28	35	46	39	455	6 : 15
B —	28	34	45	38	445	6 : 21
C +	26	32	44	36	435	6 : 27
C	26	31	43	35	420	6 : 33
C —	26	30	42	34	410	6 : 39
D +	24	28	41	32	400	6 : 45
D	24	27	40	31	385	6 : 51
D —	24	26	39	30	375	7 : 00
minutos para cada exercício	2	1	1	1	6	

Objectivos:
< 25 anos: Nível B+
25-29 anos: Nível D+

Sanches de Oliveira
Cap.-ten.

Reportagem

Visita dos oficiais do USS "Pensacola".

VISITAS AO MUSEU DE MARINHA

No passado dia 27 de Outubro, o comandante e alguns oficiais do USS "Pensacola", acompanhada pela senhora Charles Clark, esposa do adido naval americano, visitaram o Museu de Marinha. Recebidos pelo director, contra-almirante Emanuel Ricou, percorreram demoradamente as salas de exposição e exteriorizaram o mais vivo apreço pelo que lhes foi dado observar.

Ainda no mesmo dia, um numeroso grupo de cadetes do cruzador holandês "De Ruyter", acompanhados por oficiais instrutores, também estiveram no Museu. O grupo foi acompanhado por um guia qualificado, o pintor Alberto Cutileiro, por forma a dar o maior interesse possível

à visita, procedimento que ultimamente tem vindo a ser posto em prática em visitas de estudo, para atenuar a falta de um serviço educativo que o Museu deve e pretende ter, mais ainda não foi possível concretizar.

(Colaboração do Museu de Marinha)

Visita dos cadetes do "De Ruyter".

CONFRATERNIZAÇÃO DA GUARNIÇÃO (1960-1962) DO "GONÇALVES ZARCO"

No dia 28 de Outubro passado, na Messe de Oficiais de Lisboa, realizou-se um animado almoço de confraternização da antiga guarnição (1960-1962) do aviso "Gonçalves Zarco", comemorativo do 16.º aniversário do termo da sua longa comissão, totalmente passada no Extremo Oriente.

Assistiram muitos elementos dessa guarnição — quase metade da sua totalidade —, alguns vindos dos mais afastados pontos do país, desejosos de recordarem a camaradagem, a amizade e o amor à Marinha, que a todos uniram durante dois anos, nessa inolvidável comissão a bordo daquele navio.

Foram lembradas, com emoção e saudade, algumas das actividades do "velho" aviso, repletas de imprevistos e de dificuldades, ao percorrer cerca de 22 000 milhas através dos celebrados mares do Sueste Asiático e da Oceânia (China, Sulu, Molucas, Celebes, Ceram, Banda, Flores, Timor e Arafura) e dos seus mais importantes estreitos (Malaca, Mindoro, Basilan e Macassar).

Também não esqueceram os belos portos visitados nas viagens em três navios mercantes, onde se navegaram perto de 18 000 milhas, na ida para a Índia e no regresso de Macau.

Recordaram-se alguns dos mais agradáveis aspectos da referida comissão, visto que os maus momentos... já se desvaneceram com o tempo. Festa de franca convivência, esmaltada pela satisfação do reencontro de amigos separados há tantos anos, com a feliz citação e comentários sobre vários factos alegres, cómicos ou mais picantes... foram a nota dominante deste magnífico almoço, servido num ambiente lembrando as mais belas tradições da nossa Armada.

O antigo comandante, vice-almirante Fragoso de Matos, leu algumas curtas passagens do seu livro sobre a comissão — dedicado à guarnição — tendo, depois, oferecido um exemplar autografado a todos os presentes.

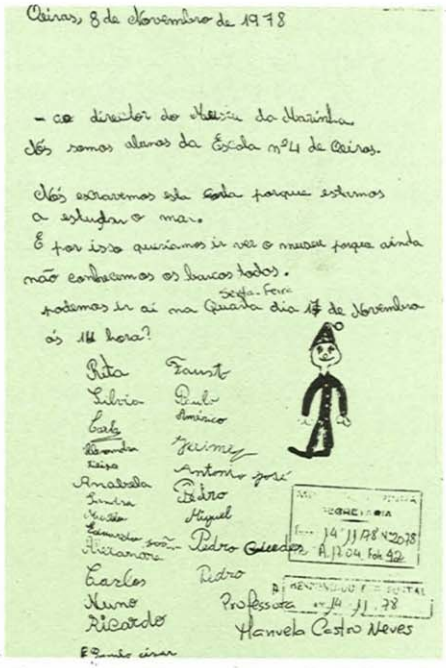
Por aclamação, foi aprovado um voto de agradecimento à "Revista da Armada" pelo apoio concedido para a realização desta bela festa de convívio.

Ficou acordado que, em princípio, o terceiro almoço desta guarnição será efectuado no dia 27 de Outubro de 1979 (sábado), no mesmo local.

O ALMIRANTE CEMA VISITOU UNIDADES DE FUZILEIROS

No prosseguimento das visitas que tem vindo a efectuar a comandos e unidades da Armada, o almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, deslocou-se, no dia 6 de Novembro passado, ao Comando do Corpo de Fuzileiros, tendo visitado demoradamente a Escola de Fuzileiros e a Força de Fuzileiros do Continente. Durante a visita, o almirante CEMA inteirou-se do funcionamento e das principais actividades em curso naquelas unidades.

Ao almirante Sousa Leitão foram prestadas as devidas honras militares, das quais se destaca o desfile efectuado na Força de Fuzileiros, no qual tomaram parte três batalhões de fuzileiros e uma companhia motorizada.



Oeiras, 8 de Novembro de 1978

– ao director do Museu da Marinha
Nós somos alunos da Escola nº4 de Oeiras.

Nós escrevemos esta carta porque estamos a estudar o mar.
E por isso queríamos ir ver o museu porque ainda não conhecemos os barcos todos.
podemos ir aí na Quarta dia 17 de Novembro ás 14 hora?

Rita Fausto
Silvia Paulo
Carla Américo
Jaime
Antonio José
Anabela Pedro
Miguel
Pedro Guedes
Carlos Pedro
Nuno Professora
Ricardo Manuela Castro Neves

AS ESCOLAS E O MUSEU DE MARINHA

O Museu de Marinha é visitado todos os anos por algumas dezenas de milhar de estudantes, entre os quais avultam as crianças das escolas primárias para quem o Museu, com os seus modelos e outros objectos de compreensível interpretação, é pólo de atracção de uma curiosidade infantil pelas coisas do mar que é grato assinalar.

No passado mês de Novembro, os pequenos alunos e alunas da Escola Primária n.º 4, de Oeiras, manifestaram o desejo de visitar o Museu, com uma carta em que não podiam expressar melhor um interesse a que o director do Museu não quis deixar de corresponder, recebendo pessoalmente os seus pequenos visitantes por forma a fazer-lhes sentir quanto apreciava a sua presença.

(Colaboração do Museu de Marinha)

JURAMENTO DE BANDEIRA E ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO NA ESCOLA NAVAL

Sob a presidência do almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, em representação do Presidente da República, general Ramalho Eanes, realizaram-se, na Escola Naval, no Alfeite, no dia 10 de Novembro último, as cerimónias de juramento de bandeira dos cadetes do Curso "Afonso de Paiva" e a abertura solene do novo ano lectivo. Assistiram às cerimónias os generais Altino de Magalhães e Brochado de Miranda, em representação dos CEME e CEMFA, respectivamente; os embaixadores do Brasil, Angola, S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde e secretários das Embaixadas de Moçambique e Guiné-Bissau; os capitão-de-fragata Vítor Crespo e capitão-de-fragata ECN Martins Guerreiro, conselheiros da Revolução; o governador civil de Setúbal e o presidente da Câmara Municipal de Almada; representantes dos ministros da Defesa Nacional e da Educação e Cultura, do secretário de Estado do Ensino Superior e da Comissão Parlamentar para a Defesa; adidos navais das Embaixadas da França, EUA, URSS, Espanha, Roménia, Brasil, Itália, África do Sul, Alemanha Federal e Grã-Bretanha e oficiais generais dos três ramos das Forças Armadas, além de outras individualidades e muitos familiares dos alunos da Escola.

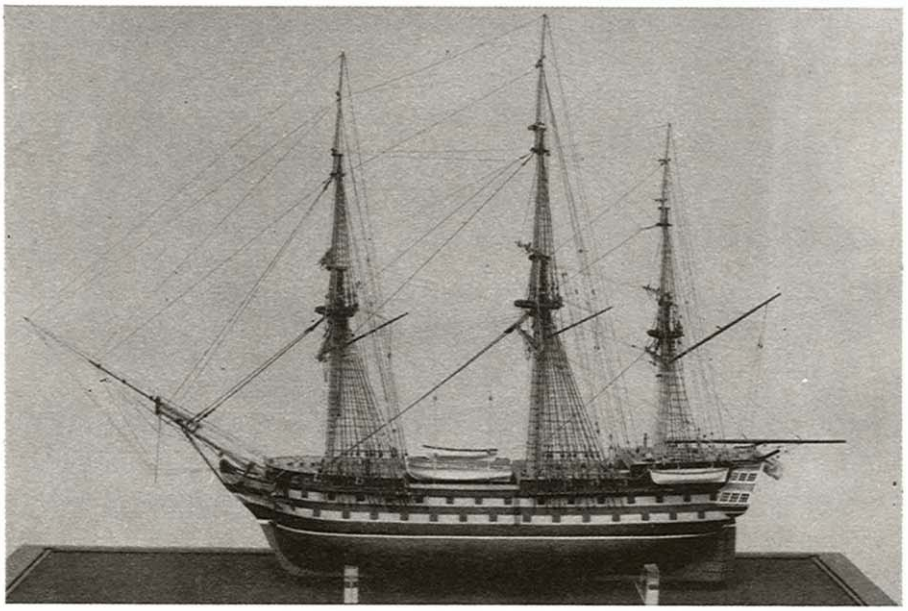
Com o Corpo de Alunos formado na parada, os cadetes do Curso "Afonso de Paiva", após uma exortação do capitão-tenente Saldanha Correia e da leitura dos deveres militares, ratificaram o Juramento de Bandeira, após o que desfilaram perante as entidades presentes.

Seguidamente, no auditório da Escola, e após uma alocução do respectivo comandante, contra-almirante Carmo Fernandes, o dr. João da Silva Oliveira proferiu a lição inaugural subordinada ao tema "Daniel Augusto da Silva e a história da matemática em Portugal".

Feita a entrega das espadas aos aspirantes do Curso "João de Lisboa", procedeu-se à distribuição dos seguintes prémios escolares, respeitantes ao ano lectivo de 1978: aspirante EMQ Bronze Candeias — Prémio "Marinha do Brasil"; cadete Jesus Sequeira — Prémio "João Fiel

Stockder"; aspirante AN Silva Duarte — Prémio "Cap.-m.-g. Silva Júnior"; aspirante AN Fonseca Mascarenhas — Prémio "Comandante Silva Júnior"; aspirante EMQ Bronze Candeias e aspirante Pedrosa de Barros — Prémio "U. S. Naval Institute"; aspirante Pedrosa de Barros — Prémio "Corte Real"; aspirante Sousa Machado — Prémio "Duque de Palmela"; aspirante Pereira Gonçalves — Prémio "Almirante Fluckey"; aspirante Rocha Carrilho — Prémio "Bartolomeu Dias"; aspirante Magalhães Macedo — Prémio "Eng.º César Ferreira" e aspirante Cortes Picciochi — Prémio "Comandante Murinello".

MODELO OFERECIDO AO MUSEU DE MARINHA



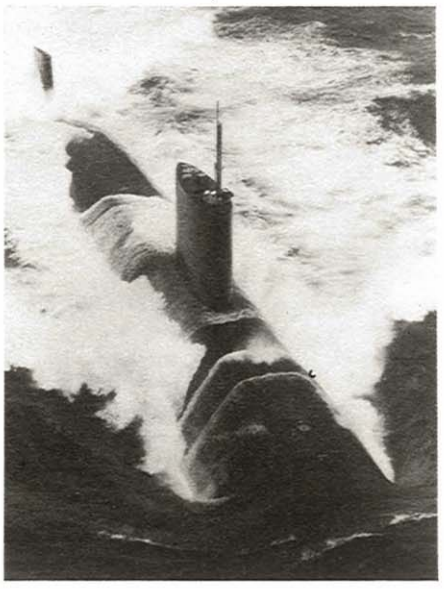
Foi ultimamente oferecido ao Museu um modelo de uma fragata inglesa do final do século XVIII. A oferta foi feita por Francisco Blasques, filho do construtor do modelo, o falecido oficial da Marinha Mercante João Blasques.

O modelo, pela sua perfeita e detalhada execução, revela que o seu construtor era um estudioso e um artista de mérito que se dedicou à sua obra durante vários anos.

Dando notícia da valiosa oferta recebida, o Museu de Marinha expressa o seu grato reconhecimento a Francisco Blasques e presta homenagem à memória de João Blasques como estudioso e notável modelista que, com o seu devotado trabalho, veio enriquecer as colecções do Museu.

(Colaboração do Museu de Marinha)

SUBMARINO NUCLEAR BRITÂNICO NO TEJO



Em visita de rotina, permaneceu no porto de Lisboa, de 10 a 15 de Novembro passado, o submarino nuclear britânico HMS "Swiftsure", comandado pelo capitão-de-fragata D. W. Mitchell, e com uma guarnição de 111 oficiais, sargentos e praças.

O "Swiftsure" desloca 4400 ton. (standard), tem 82,90 m de comprimento e 9,82 de boca. O seu aparelho motor é constituído por um reactor nuclear projectado pela Rolls Royce and Associates, Ltd., e o armamento é de cinco tubos lança-torpedos.

CURSO INTENSIVO DE LÍNGUA ALEMÃ

Por iniciativa da Embaixada da República Federal Alemã, em Lisboa, está a decorrer um curso intensivo de língua alemã para oficiais das Forças Armadas portuguesas. O curso tem a duração de dois semestres e é ministrado segundo os métodos modernos de ensino rápido e prático no Instituto Alemão.

Contactados os três ramos das FA, estes enviaram para o curso cinco oficiais da Armada, dez do Exército (entre os quais dois médicos) e quatro da Força Aérea.

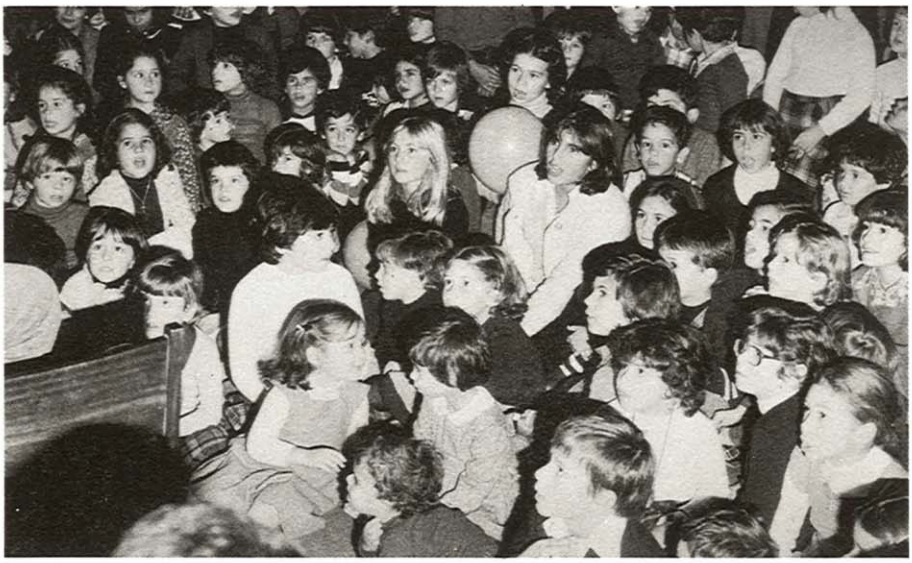
Iniciativa de enorme valor cultural e provavelmente com resultados práticos prolíferos, é de esperar que tenha continuação e que possa ser alargada

a oficiais da G.N.R., P.S.P. e Guarda Fiscal.

Um dos oficiais da Armada que frequenta o curso, o capitão-tenente Ramos de Freitas, está indigitado para frequentar o curso de Estado-Maior, em Hamburgo, com a duração de 21 meses, a iniciar proximamente.

O 112.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE MILITAR NAVAL

Para assinalar a passagem do seu 112.º aniversário, que ocorreu no dia 15 de Novembro findo, a Direcção do Clube Militar Naval, com a colaboração dos Grupos Técnico-Profissional e Cultural-Recreativo, promoveu, de 11 a 19 daquele mês, a "Semana do Clube", durante a qual decorreram, nos dias indicados, as seguintes realizações: magusto, no dia 11; almoço dos Corpos Gerentes com os adidos navais junto das Embaixadas acreditadas em Lisboa, no dia 14; um Porto de Honra, no dia 15; o colóquio "Armada, que instrução", no dia 17; torneio de brídege, no dia 18 e, finalmente, no dia 19, a Festa da Criança.



Um aspecto da Festa da Criança.

DOAÇÃO DAS CONDECORAÇÕES DO FALECIDO COMODORO ANTÓNIO DA CUNHA ARAGÃO AO MUSEU DE MARINHA

Por louvável iniciativa de sua viúva, D. Ana Vidigal Aragão, foram entregues ao Museu de Marinha as condecorações de comodoro António da Cunha Aragão, oficial que muito honrou a Corporação, servindo a Pátria com exemplar abnegação.

Esta doação, representando uma significativa contribuição para o património do Museu, do qual já faz parte um quadro a óleo daquele heróico oficial, bem merece ser apontada como um exemplo que a Direcção do Museu se permite tornar público, com a expressão do seu grato reconhecimento.

(Colaboração do Museu de Marinha)

N. R. — O comodoro António da Cunha Aragão nasceu em Lisboa, em 20-2-904, e faleceu no dia 12 de Setembro de 1974. Assentou praça na Escola Naval em 1-10-923, tendo sido promovido a guarda-marinha em 1-9-926, a capitão-de-mar-e-guerra em 1-8-959 e a comodoro em 21-3-963, por distinção.

Distinguiu-se no comando do velho aviso "Afonso de Albuquerque", em 18 de Dezembro de 1961, num combate heróico e desproporcionado que sustentou com seis navios — 3 fragatas modernas, 1 contratorpedeiro e 1 fragata antiga — da União Indiana, por ocasião da invasão da Índia Portuguesa, recusando render-se.

Depois do navio ter sido duramente castigado pelo fogo inimigo, um projéctil atingiu a ponte, matando um 1.º-gr. C, e ferindo gravemente o então comandante Cunha Aragão que, antes de desfalecer, disse ainda:

"— Eu já estou... O imediato que assuma o comando. Não se rendam!..."

O ANTIGO CEMA HOMENAGEADO

Os almirantes do activo homenagearam o almirante Souto Cruz, que recentemente deixou o cargo de chefe do Estado-Maior da Armada para desempenhar as funções de vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, com um jantar na Messe de Cascais, em fins de Novembro passado.

O chefe do EMA, almirante Sousa Leitão, fez o elogio do seu antecessor pelo trabalho exercido durante três anos, em condições especialmente difíceis. No final, foi oferecido ao almirante Souto Cruz uma placa com as armas da EMA.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA DA REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ EM PORTUGAL

Em visita de retribuição e a convite do seu homólogo português, almirante Sousa Leitão, chegou a Lisboa, no dia 20 de Novembro último, o vice-almirante Günter Luther, chefe do Estado-Maior da Armada da República Federal Alemã.

Durante a sua estadia, que se prolongou até ao dia 23 do referido mês, o almirante Luther apresentou cumprimentos ao vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, almirante Souto Cruz, e ao chefe do Estado-Maior da Armada. No dia seguinte teve ocasião de visitar alguns comandos e estabelecimentos da Marinha de Guerra, nomeadamente a Escola Naval, a Força de Fuzileiros do Continenete e o Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, no Alfeite. No dia 22, acompanhado do almirante Sousa Leitão e outros oficiais da Armada, prestou homenagem aos navegadores portugueses, deslocando-se ao Padrão dos Descobrimentos, em Belém, onde depôs uma coroa de flores, tendo recebido honras militares de uma companhia de fuzileiros, com bandeira e a banda da Armada. Neste dia, visitou, ainda, o Museu de Marinha.

O almirante Luther na Escola Naval.

No dia do seu regresso a Bona, o almirante Luther, acompanhado do almirante CEMA, foi recebido pelo Presidente da República e CEMGFA, general Ramalho Eanes.

SESSÃO NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Sob a presidência do respectivo presidente, vice-almirante Sarmento Rodrigues, realizou-se, no passado dia 22 de Novembro, no Centro de Estudos de Marinha, em Belém, uma sessão plenária a que assistiram vários académicos e convidados.

Na sessão, o dr. Romano Caldeira Câmara apresentou uma comunicação em que tratou o tema "Correio Marítimo Português", durante a qual apreciou as formas de correio desde os navegadores de antanho até ao século XVIII. Seguidamente, falou sobre a regulamentação do transporte de cartas por via marítima para Portugal. Também se referiu ao perigo epidémico que representava para o país a não desinfecção do correio, operação que se efectuava na Casa de Saúde do Porto de Belém.

Dissertou ainda àcerca dos museus de marinha, pondo em destaque o Museu Marítimo de Greenwich, e falou sobre o último dos *clippers* do transporte do chá, o "Cutty", o qual navegou também sob a bandeira portuguesa.

O orador terminou a sua comunicação, destacando o valor histórico do nosso Museu de Marinha e do apoio que a filatelia lhe poderá proporcionar.

O trabalho do dr. Romano Câmara foi comentado por vários assistentes, tendo o secretário-geral do CEM feito o elogio do mesmo.

COMEMORAÇÃO DO "25 DE NOVEMBRO"

Sob a presidência do Presidente da República e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, realizou-se, na Escola de Fuzileiros, em Vale de Zebro, a comemoração do "25 de Novembro de 1975".

Recebido com as honras militares da Ordenança, o general Ramalho Eanes dirigiu-se ao edifício do Comando da

Escola, onde assinou o livro de honra, após o que passou revista às forças em parada, constituídas por quatro batalhões — 1 de fuzileiros, 2 do Exército e 1 de pára-quedistas — comandadas pelo contra-almirante Cardoso Tavares.

O Presidente da República proferiu, então, um discurso em que evocou o significado do evento, após o que as forças em parada, incluindo um batalhão motorizado do Regimento de Comandos, precedidas de um bloco de porta-estandartes dos três ramos das Forças Armadas, do Colégio Militar e dos Pupilos do Exército, a banda da Armada e outra de uma unidade do Exército, desfilaram perante a tribuna, enquanto formações de helicópteros e esquadrilhas de aviões sobrevoavam o local.

Estiveram presentes à cerimónia altas individualidades, nomeadamente os presidentes da Assembleia da República e do Supremo Tribunal de Justiça; o primeiro-ministro; o vice-chefe do EMGFA, almirante Souto Cruz; os chefes dos Estados-Maiores da Armada, do Exército e da Força Aérea, almirante Sousa Leitão e generais Pedro Cardoso e Lemos Ferreira, respectivamente; o ministro da Defesa Nacional, tenente-coronel Loureiro dos Santos; todos os conselheiros da Revolução; comandantes-gerais da G.N.R., P.S.P. e Guarda Fiscal; adidos militares e navais das embaixadas acreditadas em Lisboa; governador civil de Setúbal; presidente da Câmara Municipal do Barreiro e oficiais dos três ramos das FA.

Também nas outras Regiões Militares e nos Comandos Militares dos Açores e da Madeira, bem como em todas as unidades das Forças Armadas, foi comemorada a efeméride e lida uma mensagem do general CEMGFA.

60.º ANIVERSÁRIO DO ESTADO UNITÁRIO DA ROMÉNIA

Para assinalar a passagem dos 60 anos da criação do estado nacional unitário romeno, a Embaixada da República Social da Roménia em Lisboa promoveu, no passado dia 30 de Novembro, um encontro com os órgãos da comunicação social, para que a nossa Revista foi convidada.

Esteve presente ao acto o respectivo embaixador, Mariu Uliescu, que se encontrava acompanhado do pessoal superior da Embaixada, designadamente o adido militar, coronel Victor Grigoras.

Durante o convívio, aquele diplomata expôs, sucintamente, a história da efeméride que passava e referiu-se às boas relações, após o "25 de Abril", existentes entre a Roménia e Portugal, nos campos económico e cultural.

ADIDO DA DEFESA BRITÂNICO

O adido de defesa junto da Embaixada da Grã-Bretanha em Lisboa, coronel Christopher Hinton, deixou o nosso país, em Dezembro último, tendo sido substituído pelo tenente-coronel O'Hara.

A "Revista da Armada" deseja ao coronel Hinton as maiores felicidades na continuação da sua brilhante carreira no Exército britânico, e ao tenente-coronel O'Hara as melhores boas-vindas.

Quarto de Folga

LÁ EM CASA, PASTÉIS DE NATA...

A bordo do "República", onde ainda tive ocasião de servir, existia um cabo torpedeiro, hoje oficial, que possuia excepcionais qualidades que o impunham à consideração geral.

Homem que se sabia impor pelo seu porte, seu exemplo, seu saber, conseguindo completo respeito, sentencioso nas suas frases bem medidas, bem pensadas, de poucas palavras, alto, seco, com uma cara onde o sorriso aflorava poucas vezes.

Praça antiga, voluntário, habituado ao bom e ao mau, marujo cem por cento, amando muito a Marinha de quem se sentia devedor de tudo quanto era, tinha sempre resposta seca e acertada para qualquer comentário menos justo que, a propósito de qualquer facto, vinha da boca de mais novos, mais irreverentes, menos sensatos.

Como todos os "destas casas" sabem, a situação de cabo do rancho, a bordo de qualquer unidade, é vulgarmente espinhosa: comentários fáceis, por vezes justos até, mas geralmente levianos, só por se dizer.

Como é sabido, para a Armada vêm mancebos dos mais variados pontos e, como é natural, a fonte de origem não é das mais elevadas.

A sua mesa, em suas casas, poderá ser que aconteça seja alguma coisa melhor do que vêm encontrar na Marinha mas, diga-se de passagem, não são vulgarmente aqueles que melhor viviam na vida civil os que mais protestam contra a qualidade e variedade de um rancho que praticamente satisfaz.

É sabido, os que mais protestam são os que pior comiam lá fora. É o vulgar complexo de desejarem parecer aquilo que não eram.

Mas, vamos à história.

Um dia, já lá vão muitos anos, esse tal cabo, nas funções de cabo do rancho, apresentou-se ao oficial de serviço com a tradicional e regulamentar amostra do rancho, mostrando na bandeja uma boa sopa, carne assada com batatas, salada, vinho e fruta, desbarretando-se, como mandava a tradição, quando o oficial começou a provar.

A ronda, um grumete novato na Armada, de origem modesta, como todos sabiam, deitando uma olhadela a inteirar-se do menu, teve esta frase com uma expressão cheia de tédio:

— Outra vez carne assada...

— Lá em casa pastéis de nata, não?

— atalhou secamente o cabo.

O grumete perdeu a fala.

Capt. Zuzara

MATEMÁTICA PITORESCA

Contam os viajantes que os nativos da Etiópia só conseguem multiplicar ou dividir dois números *por dois*, mesmo assim com auxílio de pedrinhas. Apesar disso, eles sabem encontrar o produto exacto de dois números quaisquer, utilizando simplesmente a duplicação e a subduplicação.

Suponhamos, por exemplo, que um desses nativos deseja comprar quinze ovelhas ao preço de treze dólares etíopes cada uma. Quanto irá ele dispender nessa transacção?

Eis como ele encontra o resultado:

Dispõe, primeiro, os números 15 e 13 em duas colunas

15	13

Divide agora o primeiro por 2, o que dá 7,5; despreza o 0,5, pois os etíopes não querem nada com as fracções, e coloca esse valor (7) sob o número 15. Em seguida duplica o segundo número (13) e coloca o produto (26) sob o número 13, assim

15	13
7	26

Continuando a dividir por 2 os números da coluna da esquerda (desprezando sempre as fracções) e a duplicar os da coluna da direita, até chegar, finalmente, à unidade na coluna da esquerda, ele obtém o seguinte esquema:

15		13
15:2-0,5...	7	2×13... 26
7:2-0,5...	3	2×26... 52
3:2-0,5...	1	2×52... 104
		195

O nosso etíope limitou-se apenas a adicionar, em seguida, as parcelas da coluna da direita para obter o produto desejado e exacto (15×13=195).

Vamos ainda supor que o abexim trocava as colunas, fazendo, portanto:

13		15
13:2-0,5...	6	2×15... 30
6:2.....	3	2×30... 60
3:2-0,5...	1	2×60... 120

Os números pares na coluna da esquerda são funestos, dizem os supersticiosos etíopes, e precisam de ser distribuídos, juntamente com os seus cúmplices da direita. Sendo assim, ele procederá à destruição dos pares que se encontram na mesma horizontal comum às duas colunas e voltará a adicionar as parcelas da coluna da direita, obtendo igual resultado:

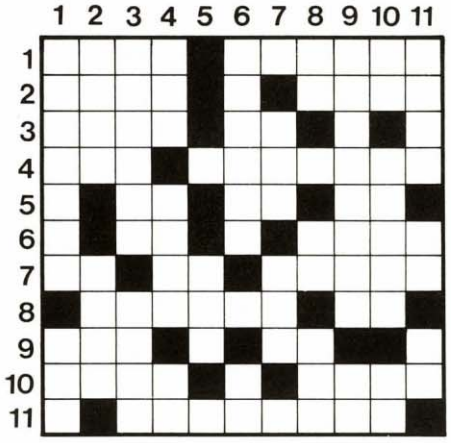
13	15
3	60
1	120
	195

Como é evidente, qualquer pessoa (mesmo sem ser etíope!) poderá repetir a experiência com dois números escolhidos arbitrariamente. Não importa qual seja o número dobrado ou o reduzido a metade. A resposta vem sempre certa.

A mentalidade primitiva dos abexins não consegue, simplesmente, compreender como opera o nosso moderno sistema. O leitor, naturalmente compreendeu, num relance, como funciona o *deles.* Ou vai dizer que sim... apenas para fazer jeito?

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP RA

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1—Nome dado a uma perfeitura do Japão; monge mendicante dos pagodes de Brama. 2—Unir; joeirar. 3—Um dos dialectos de Timor; mulher criminosa. 4—Nome de duas espécies de cotovias; desgostos (fig.). 5—501 em romano; símbolo químico do ouro (inv.); ilha francesa a 3 km a SO de Marselha. 6—Artigo (pl.); corpo circular que rodeia certos planetas. 7—O povo; andava; será possível?. 8—Sinais; igreja episcopal. 9—Raiva (inv.); apelido (inv.); 10—Branqueia; atrás de. 11— Género de planta ornamental semelhante ao narciso.

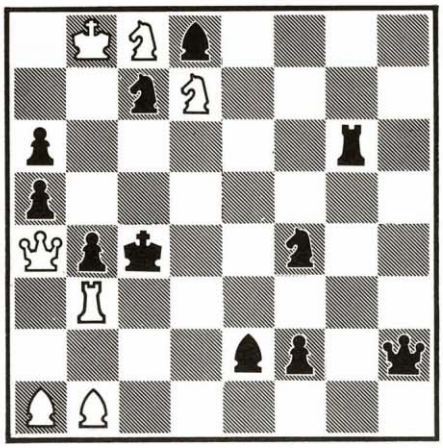
VERTICAIS: 1—Povo ameríndio da Luisiana, nos E.U.A., de língua Muskoki; bebida usada na India. 2—Dei nós; doutrina falsa. 3—Conluio (fig.); encoleriza. 4—Arco; esposa de Osíris; antes do meio-dia. 5—Género de orquídeas. 6—Poeta francês (apel.); aspecto. 7—Época; planos laterais do avião. 8—Duas letras de quando; símbolo químico da prata; malícia (fig.). 9—Diz-se dos irmãos, filhos da mesma mãe, mas de pais diferentes (pl.); letra grega. 10—Andava; compara; artigo (pl.). 11—Gracejava; nota musical; reis.

(Solução no próximo número)

Carmo Pinto
Sarg.-aj. H

XADREZ

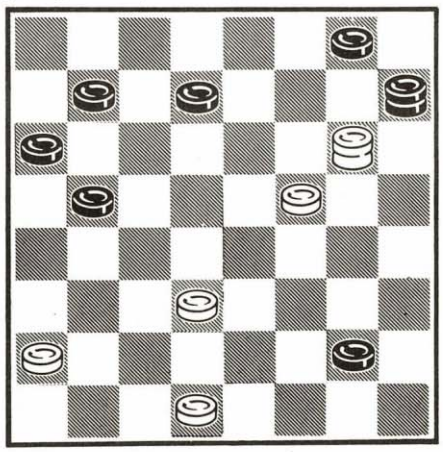
(Solução no próximo número)



As brancas jogam e dão mate em dois lances.

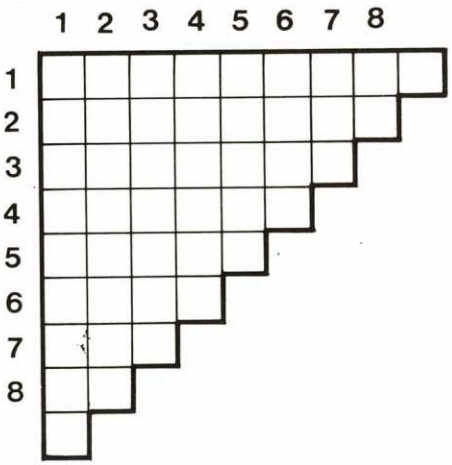
DAMAS

(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.

CRUZADA EM TRIÂNGULO



HORIZONTAIS E VERTICAIS: 1—Vela triangular que se prende aos mastaréus (pl.). 2—Disposeras em camadas. 3—Embarcação costeira dos marroquinos (pl.). 4—Rival (pl.). 5—Pau com que se impelem as bolas de bilhar (pl.). 6—Rezas. 7—Parte mais larga da enxada (pl.). 8—Estás.

Nota: Este problema tem a particularidade de todas as palavras terminarem em S.

(Solução no próximo número)

MINDOGUES

CONCURSO N.º 88

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

A	V	O	L	O	I	R	E	H	O	N	E	R	A	P
T	I	N	A	L	A	B	C	O	L	A	L	E	R	Z
A	T	C	R	O	A	G	L	O	V	A	N	E	S	A
D	A	O	S	O	C	A	V	A	L	O	R	A	P	M
A	L	N	B	R	I	D	N	I	E	P	R	E	O	B
N	I	G	P	A	T	A	M	A	R	O	L	T	B	E
U	A	O	T	N	A	V	I	S	T	U	L	A	L	Z
B	L	R	A	G	N	B	L	A	R	O	T	O	M	E
I	G	A	H	E	O	R	E	L	B	A	X	T	O	M
O	I	M	L	N	R	A	N	G	O	L	I	H	T	I
B	R	O	G	A	N	A	M	O	R	A	R	E	C	T
O	N	A	D	O	R	M	A	L	A	B	A	I	K	E
B	I	V	O	T	I	L	B	I	A	B	E	S	E	J
R	E	G	I	N	O	S	O	N	I	D	O	S	M	O

Do emaranhado de letras que apresentamos estão mencionados os nomes de onze rios da Europa e cinco de África. Procure-os em todos os sentidos, menos obliquamente. Alguns dos nomes estão escritos de forma invertida.

(Solução no próximo número)

A. J. Piçarra
1.º-sarg. R

— Lá por dizeres que és a mão direita do comandante, isso não péga!...

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do número anterior)

HORIZONTAIS: 1 — Araraquara. 2 — Dínamo; roi. 3 — Imobilizadora. 4 — Ul. 5 — Pré; apa; Taifa. 6 — Eis; pra; ornam. 7 — Rab. 8 — Suo; eta; aleta. 9 — Ali; Cod; feliz. 10 — Dor; ira. 11 — Abarbarizar. 12 — Dar; rim. 13 — Barato; aos.

VERTICAIS: 1 — Dispensado; 2 — Im; ri; ulo. 3 — Ano; estoirado. 4 — Rab; bar. 5 — Ami; apreciara. 6 — Rol; prato. 7 — Inaabadab. 8 — Ar. 9 — Ura; to; aferia. 10 — Aod; ar; lê; imo. 11 — Rio; infeliz. 12 — Rufa; tira. 13 — Alambazara.

PERGUNTAS EXCÊNTRICAS

(Respostas às perguntas do número anterior)

1 — Nenhuma, visto que o "cabo das iscas" dum navio é o cabo do rancho.

2 — Os marinheiros da Armada francesa; os seus bonés têm uma borla vermelha — o tão conhecido "pon-pon rouge".

QUADRÍCULOS REVELADORES

(Solução do problema do número anterior)

1 — Batela. 2 — Rabelo. 3 — Lorcha. 4 — Jaleia. 5 — Paralo. 6 — Polaca. (Barela)

CURIOSIDADE NUMÉRICA

(Solução do problema do número anterior)

1.º — $\frac{4+4}{4+4} = 1$

2.º — $\sqrt{4} + \sqrt{4} + \sqrt{4} - 4 = 2$

3.º — $4 + \frac{4+4}{4} = 6$

4.º — $(4 \times \sqrt{4}) - \frac{4}{4} = 7$

5.º — $(4 \times \sqrt{4}) + \frac{4}{4} = 9$

6.º — $(4 \times 4) + \frac{4}{4} = 17$

7.º — $(4 \times \sqrt{4} \times \sqrt{4}) + \sqrt{4} = 18$

XADREZ

(Solução do problema do número anterior)

	Brancas	Pretas
1.	Dxe8	Dxh5
2.	Ce7ch/	Cxe7
3.	Dxf8ch/	Rxf8
4.	Td8 — e mate.	

DAMAS

(Solução do problema do número anterior)

	Brancas	Pretas
1.	17-21	12-3
2.	5-10	6-26
3.	30-28	32-23
4.	20-9	15-6
5.	9-2 e ganham.	

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 87

Cadernal. Patesca. Sapata. Bigota. Cassoilo. Catrina. Moitão. Papoilas. Polé. Andorinho.

VENCEDOR:

1.º-mar. L João P. Belo.
Direcção de Abastecimento.

Os nossos navios e os seus nomes

Navio hidrográfico "AFONSO DE ALBUQUERQUE"

Unidade da classe "Cook", foi construída nos estaleiros Wm. Pickergill & Sons, Ltd. — Sunderland, em Devonport, Inglaterra, com início em 29-4-944, tendo sido lançada à água em 12 de Abril do ano seguinte, com o nome HMS "Luce Bay". A sua construção foi suspensa em Novembro de 1946, e reiniciada em Dezembro de 1947, na H.M. Dockyard, em Devonport, entretanto ao serviço da Armada britânica, como "surveying vessel", em 12-2-949, com o nome HMS "Dalrymple".

Ainda ao serviço da Marinha do Reino Unido, sofreu uma modernização no ano de 1949.

Entrou ao serviço da Armada portuguesa em 26 de Abril de 1966, sofrendo várias reparações e sendo-lhe retirada a artilharia, constituída por duas peças Oerlinkon.

Mede 93,57 m de comprimento (fora a fora), 11,76 de boca e 5,60 de pontal. A altura do mastro é de 26,31 m (acima da linha de água), e a da ponte de 12,49 (acima da quilha). Tem 2265 ton. de deslocamento máximo e 1265 standard.

Possui duas caldeiras aquitubulares Messers John Thomson Water Tub Boiler, Ltd., e duas máquinas alternativas a vapor com 4 cilindros de tríplice expansão (George Clark), accionando 2 veios, com potência máxima de 5500 HP. Utiliza nafta como combustível, tendo uma capacidade de 608 000 litros. Tem dois vaporizadores que fazem 25 a 30 ton. de água doce em 24 horas. A sua velocidade máxima é de 15.5 nós/hora e de 10 nós/hora a de cruzeiro.

A energia eléctrica é produzida por dois turbo-geradores W.H. Allen & Sons 220 V DC 120 KW; dois geradores Diesel Cummins 220 V DC 130 KW; dois conversores AP 56787 220 V AC 50 c/s 10 KW e dois motores geradores de 220 V DC/24 V DC.

Está dotado com radares Decca 978 e KH 975; sondas PDR, KH MS 26 H, KH MS 26 K, Elac Deneb, KH 771 e Atlas Deso 10; radiogoniómetro Aga DF-22 e girobússola Pat 1005 SRL 3335.

No que diz respeito a comunicações possui, em TX: um TDE-2 e um Marconi NT 201; em RX: três NS 702, um PR 1551 e dois B 41; em TX/RX: dois CH 25, um TCS-336/URT-7 (VHF) e um 692 (UHF). Além dos meios de salvação, tem duas embarcações para sondagens.

A sua guarnição é composta por 9 oficiais, 16 sargentos e 84 praças.

Patrono: AFONSO DE ALBUQUERQUE

Afonso de Albuquerque, considerado *a maior figura da história de Portugal no Oriente,* nasceu em Alhandra, em 1462 (?).
Serviu em Arzila e na guarda de D. João II, de quem dizem ter sido estribeiro-mor. Foi pela primeira vez à India em 1503, em companhia de um seu primo, com o qual combateu as forças de Calecute e fundou a fortaleza de Cochim. Regressado a Lisboa, D. Manuel I enviou-o novamente para aquelas paragens em 1506, como capitão-mor no mar da Arábia. Seguiu na sua companhia Tristão da Cunha. Levava um instrumento secreto que o nomeava governador da India na sucessão do vice-rei D. Francisco de Almeida, que acabava o triénio em 1508. Naquele posto, conquistou sucessivamente os portos do Omão e Ormuz. Em 1508 chegou à India para ocupar o cargo de vice-rei, que lhe foi recusado, tendo sido detido em Cananor. Só começou a governar quando, em 1509, chegou à India, ido de Lisboa, o marechal D. Fernando Coutinho, para pôr termo à situação intolerável, que entretanto se criara.
Em 1511, *apenas com 800 portugueses e 200 malabares, Albuquerque partiu para o Extremo Oriente, onde tomou a riquíssima Malaca.* De volta à India, naufragou com a nau "Frol de la Mar", que comandava. Chegou a Goa, que encontrou cercada, salvando a cidade.
Em 1513 partiu para o estreito Bab-el-Mandebe, tentando, à entrada do mar Vermelho, tomar Adém, na costa meridional da Arábia. O seu intento era chegar ao Suez e ali queimar a esquadra do Soldão. O ano seguinte passou-o em Goa, dedicando-se *exclusivamente a firmar e organizar o nosso domínio no Oriente.*
Em 1515 seguiu novamente para Ormuz, onde concluiu a construção da fortaleza, começada em 1508. Entretanto soube que chegara a Goa o seu substituto no cargo de vice-rei, facto que o deixou muito magoado. Foi já no regresso àquela cidade, no conhecimento da nova e dos factos e das intrigas que levaram D. Manuel a substituí-lo por Lopo Soares, que proferiu a célebre frase: *Mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor de el-rei.*
Muito doente e exausto por nove anos de trabalho insano em climas extenuantes, Afonso de Albuquerque expirou à chegada à barra de Goa, com a cidade à vista, em 15 de Dezembro de 1515. *O povo saiu aos gritos e lamentações a acolher o cadáver do seu conquistador.*

M. Horta
Sarg.-aj. L

Encantos do Algarve

Sagres — Promontório

Lagos — Ponta da Piedade

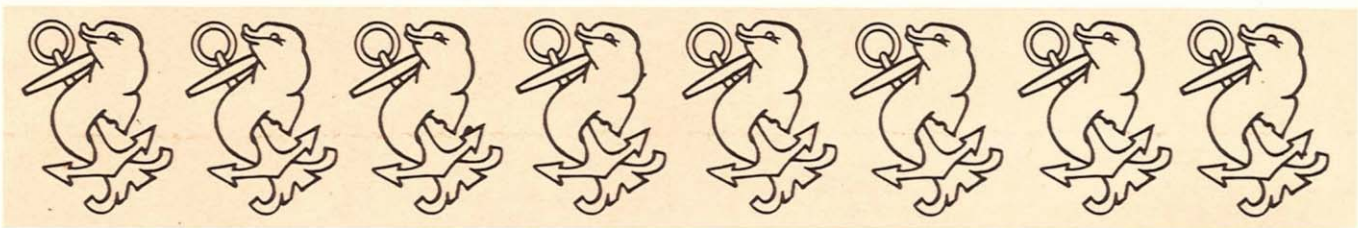
N.º 89/FEVEREIRO 1979/ANO VIII

revista da ARMADA

Heróis do mar (pág. 22)

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
O. Lemos	**Combate luso-holandês em Santa Helena e correspondente achado histórico**	4
V. Menezes	**Ciências, Artes e Letras** *O Homem e a arte de curar — Meados a fim da Idade Média*	6
M. do Vale	**Bibliografia**	10
Vários	**Voz da Abita / Cartas ao Director**	11
J. Subtil	**A Escola de Armas Submarinas suas origens e evoluções**	12
H. Bonjour	**Mãe**	16
M. Horta	**Notícias Pessoais**	16
D. Barreiros	**Em Ensenada e San Diego a "Sagres" foi rainha no Festival Cabrilho**	17
G. Brandão	**Filatelia**	20
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	21
S. Santos	**Heróis do Mar**	22
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	23
D. S. E. F.	**Desporto**	24
M. Horta	**Reportagem**	26
Vários	**Quarto de Folga**	32
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes da Armada — Terço da Armada Real da Coroa de Portugal / 1618**	Verso da contra capa



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
1100 Lisboa
Telefone: 36 89 60

N.º 89 / FEVEREIRO 1979 / ANO VIII

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

"Episódio do assédio de Lisboa, em 1384". Óleo do pintor Adriano Sousa Lopes, exposto no Museu Militar em Lisboa.

(Foto de Pedro Calapez)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

Vestir uma farda

Pensem o que pensarem certas pessoas, digam o que disserem outras, a verdade é que vestir uma farda com a dignidade que ela exige, é uma coisa que nem todos entendem e uma honra que muitos não merecem.

A carreira das armas implica várias certezas e algumas probabilidades. Certeza de abraçar uma profissão na qual se não enriquece e, antes pelo contrário, se leva uma vida de extrema sobriedade; certeza de não ser um cidadão como outro qualquer, mas antes um cidadão especial, com limitações e obrigações que os outros não têm; certeza de ter de dar "o corpo ao manifesto" sempre que lhe seja ordenado por quem de direito; certeza de ficar sujeito a regulamentos rígidos e de obediência total aos superiores; certeza de que tem de ser um exemplo para os seus subordinados... Probabilidades de morrer ou ficar estropiado em qualquer situação de emergência ou de guerra declarada; probabilidades de se não adaptar à profissão e perder a oportunidade de singrar noutra carreira; probabilidades de ser injustamente apreciado e prejudicado profissionalmente...

Quando um jovem resolve dedicar-se à vida militar, mercê de sentimento misto de entusiasmo patriótico, espírito de aventura e esperança duma vida digna e de uma reforma segura, deve meditar bem no passo que vai dar.

Dir-me-ão que há militares que enriquecem, outros que fazem vida à sombra da farda sem necessidade de a vestir, alguns que apenas têm em mente alcançar situações de destaque na política ou em actividades que nada têm a ver com a vida militar, etc., etc. É verdade mas, isso são excepções e, como tal, não contam. A esmagadora maioria dos militares portugueses, dizemo-lo com conhecimento de causa, é constituída por homens dignos, modestos, cumpridores e sérios que põem acima dos seus os interesses da Pátria que se comprometeram a servir em todas as circunstâncias, dando a vida por ela se necessário for...

C/alm.

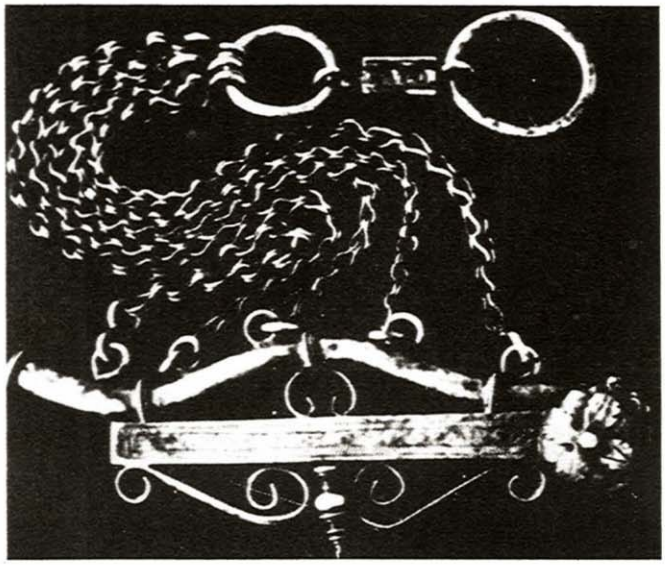
James Bay, em Santa Helena.

Combate luso-holandês em Santa Helena e correspondente achado histórico

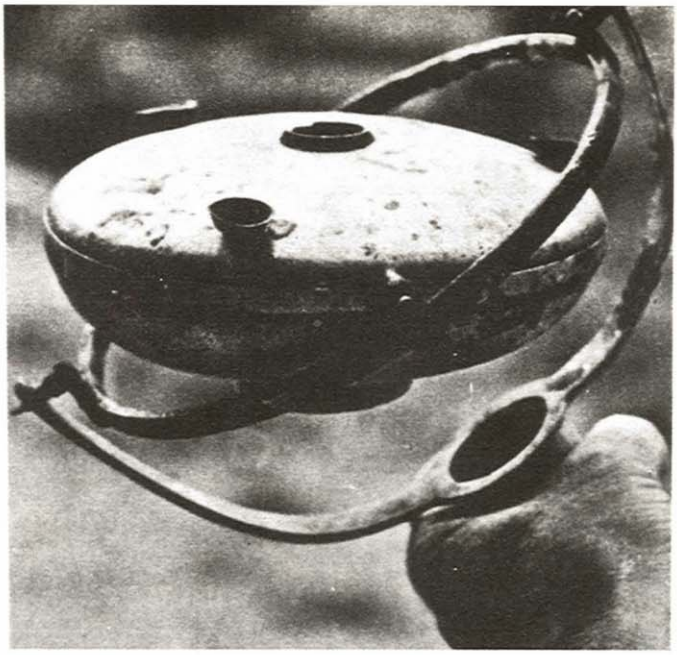
A marca dos canhões que permitiu identificar o navio.

James Bay, na ilha de Santa Helena, ponto de escala tradicional na rota torna-viagem da carreira da Índia, foi, no ano de 1613, teatro de um episódio naval entre navios portugueses e holandeses.

D. Jerónimo de Almeida comandava a "Nossa Senhora da Nazaré" que, juntamente com outra carraca, dera ferro naquela abrigada baía de Santa Helena para descanso, aguada e reparação de avarias. Quando distinguiu as odiosas bandeiras de quatro naus que se aproximavam e ouviu os gritos de guerra da marinhagem por entre o estridor dos tambores e os brados das trombetas, o capitão português manda içar o pendão de Nossa Senhora da Nazaré e encomendou navios e almas à guarda dos seus santos protectores. As probabilidades não eram a seu favor. Quatro navios holandeses, poderosamente armados, preparavam-se para cair sobre as incautas carracas portuguesas — ao tempo navios mercantes armados que, com naus e galeões, tomavam parte na carreira da Índia. A Holanda disputava a Portugal, então sob a coroa de Espanha, o domínio naval no Extremo Oriente. Havia fundado para isso a majestática Companhia das Índias Orientais, a quem aqueles quatro navios pertenciam. D. Jerónimo de Almeida acabava de ser surpreendido naquela calma baía, fundeado, as velas ferradas e sem qualquer hipótese de poder manobrar em tempo útil. Só se apercebeu dos navios quando dobravam a ponta em arriba que fecha a baía. Enquanto os holandeses se aproximavam triunfantes, o capitão português mandou aprontar a



O apito de contra-mestre, em prata.



A lâmpada de óleo.

guarnição e as peças para um combate que se adivinhava desigual. O triunfo holandês, no entanto, não durou mais que a aproximação. Embora impossibilitado de manobrar, os portugueses deram às peças alcance e direcção correctos e abriram fogo que foi de efeito mortífero. Os portugueses — escreve um cronista — lutaram com tal gana que o maior dos navios inimigos foi imediatamente ao fundo, outro sofria avarias tais que teve de abandonar a refrega com o castelo de proa desmantelado; os outros dois foram tão maltratados que tiveram de fugir, concedendo assim a D. Jerónimo de Almeida uma vitória completa. Havia sido levado a bom termo, nesse dia, mais um episódio dessa luta tenaz no mar pela disputa do comércio do Oriente de que os portugueses tinham o monopólio desde que Vasco da Gama chegara, em 1498, à Índia.

O arqueólogo e explorador submarino Robert Sténuit, tendo conhecimento do episódio e dispondo de documentos relativos ao "Witte Leeuw" ("Leão Branco", em holandês) — assim se chamava o navio afundado — resolveu tentar encontrá-lo.

O projecto era tentador, pois o manifesto de carga, existente no Arquivo Nacional Holandês, em Haia, mencionava um carregamento de especiarias, 1311 diamantes e jóias pessoais e mercadorias pertencentes a oficiais e passageiros.

Investigando, com aparelhagem sofisticada, o fundo da baía, descobriram, entre muitos detritos acumulados em séculos mais recentes, a uns 40 metros da superfície, um grupo disperso de meia dúzia de canhões quase imperceptíveis sob o lodo e incrustações marinhas. Nada garantia que fossem do "Leão Branco", e tiveram que içar um dos canhões por meio de balões que encheram com ar comprimido. Uma vez em terra, a decapagem revelou tratar-se de canhões de bronze com a marca da Companhia das Índias.

Tratava-se, pois, dos destroços do navio que procurava. Os canhões jaziam num vasto *colchão* de pimenta que cobria todos os despojos. Iniciada a remoção do lodo e da pimenta, vieram à luz do dia objectos inesperados que não constavam do manifesto de carga — inúmeras peças de porcelana chinesa da época Ming, com desenhos em azul de cobalto sob fundo branco. Recuperaram-se muitas

Louça chinesa do século XVI, ou primeiros anos do século seguinte, recuperada.

perfeitamente intactas, valendo hoje entre 100 e 1000 dólares cada uma. Entre várias curiosidades desenterradas, contam-se um belo apito de contra-mestre, preso por cinco correntes metálicas ao anel de suporte e uma lâmpada de óleo com suspensão cardan. Os exploradores verificaram que o navio se partira provavelmente em dois, pois só a metade de vante era visível. Os diamentes e jóias deveriam estar acautelados junto aos aposentos do comandante e oficiais, à popa. Procuraram, sem êxito, esta parte do navio, e tencionava Robert Sténuit prosseguir com as pesquisas, quando recebeu uma carta de um historiador sul-africano contendo um documento em que um oficial inglês, que presenceara a batalha, descreveu a maneira como o "Leão Branco" foi para o fundo. Nessa descrição refere que tendo sido atingido o paiol de pólvora, a popa foi pelos ares em pedaços, afundando-se o navio no mesmo instante.

Era agora inútil procurar o tesouro; porém, o que viera à luz, compensava bem os esforços feitos.

O. Lemos
Cap.-m.-g.

(Extraído do "National Geographic", Outubro 1978)

O Homem e a arte de curar

Meados e fim da Idade Média

HIGIENE GERAL

O homem da Idade Média possuia já bastantes conhecimentos relativos a preceitos de higiene, mas sabia muito pouco das causas das doenças, sobretudo das doenças incuráveis, vivendo no temor de vir a ser contagiado. Paralelamente, descreve-se este período com certas cores alegres, em que o homem teria o gosto de usufruir a vida com todos os seus prazeres, dela procurando tirar o melhor partido.

Mas, quase todas as medidas medievais de higiene se dirigiam mais a cuidar do corpo — medidas de carácter individual — e, parece depreender-se dos escritos e obras de arte, pouco teriam de base propriamente científica.

No entanto, municípios houve que conseguiram pôr em prática algumas medidas de higiene colectiva. Citam-se duas, entre essas medidas:

O curtidor não devia lavar as suas peles no rio; o tintureiro tinha que abster-se de lançar as suas águas ou os seus corantes e a ninguém era permitido lavar nele suas roupas brancas e vestes — Douai 1271.

Eram aproveitados os mananciais dos arredores próximos e suas águas eram levadas à cidade em tubos de madeira — Basileia 1266.

O lixo e os dejectos eram um problema de difícil solução. A rua era o vazadouro comum. Embora proibido o despejo para a rua, para onde levar, e quem levava, os detritos?

Além de vazadouro, a rua servia para tudo; aí se manufacturavam cestas e caixotes, se reparavam os carros e as mobílias, aí se empilhavam as vasilhas, os pipos, etc., dificultando a passagem.

E, para complicar ainda mais, tudo isto era agravado com os caprichos pessoais de quem entendia construir uma escada, um balcão ou um telheiro, roubando um bocado de espaço à rua, criando recantos de toda a sorte, onde a imundície mais se acumulava.

A comida merecia algo mais de atenção. Nos mercados, procurava-se quanto possível preservar a qualidade dos alimentos. Em Zurich, havia que inutilizar o peixe morto que não se vendia (ano de 1319). Em Florença, proibia-se a venda de carne com mais de dois dias após o abate, enquanto em Augsburgo (ano de 1276) essa carne tinha de ser marcada e vendida em uma banca especial.

HIGIENE INDIVIDUAL

Os escritos da época revelam preocupação de cuidados a ter com o corpo. Quase todos os folhetos populares, pagelas, etc., cuja divulgação se deve ao princípio da imprensa, e contendo regras de higiene, crê-se terem sido inspiradas no "Regimen Sanitatis Salernitatum".

O cuidado com os recém-nascidos era maior. A destaque, quer para os adultos, quer para as crianças. A futura mãe não devia ingerir comidas picantes ou de difícil digestão, não devia comer muito de cada vez, devia evitar desgostos ou irritar-se.

O cuidade com os recém-nascidos era maior. A comadre devia ter as unhas cortadas para não ferir o neo-nado, que, ligado o cordão umbilical e vedado com tiras de pano impregnadas de azeite, era lavado. Em seguida, punha-se-lhe uma gota de azeite nos olhos e limpava-se o nariz e ouvidos. Nos primeiros dias mantinha-se a criança na penumbra ou mesmo no escuro, para a luz viva não ferir os olhos. Durante o banho diário havia o cuidado de se evitar a entrada de água para os ouvidos, e procedia-se a ligeiras flexões do corpo e membros. A amamentação pela mãe era regra, devendo esta, ou a ama, lavar os seios antes de dar a mamada. Entre o primeiro e segundo ano era desmamada, sendo da época o provérbio:

ao começar a sair a dentadura
deve-se desmamar a criatura.

A alimentação que se seguia ao aleitamento era geralmente de papas doces, e andava prescrita em livros sobre esta matéria.

Quanto aos adultos, parece, eram apreciadores de boa mesa. Não seria apanágio da Idade Média, pois que já na Antiguidade os médicos se haviam debruçado sobre a Gastronomia e a Dietética. Na obra "De Medicina", de Cornélio Celso, é citada a dietética como uma das partes mais difíceis da Medicina; e sabe-se que Celso se apoiou nos escritos de Hipócrates.

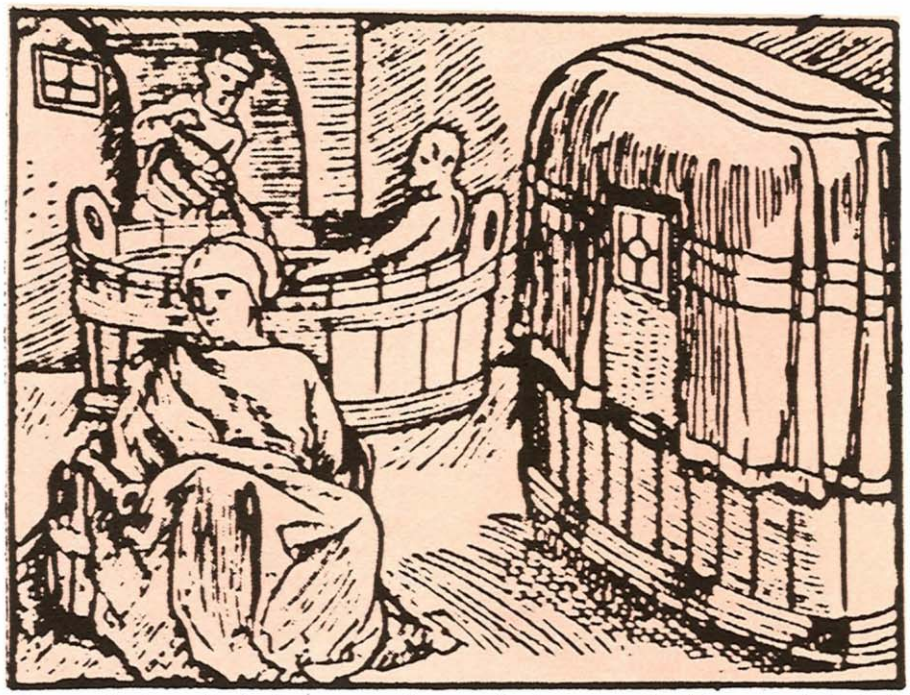
Nesses tempos anteriores opinava-se, por exemplo, que *as ostras são de difícil digestão e, portanto, somente devem comer-se guisadas;* Anthimus (século VI) diz que a carne de boi é difícil de digerir, preferindo a carne de vaca fervida ou cozida com tempero de vinagre, alho, aipo, funcho ou pimenta; os ovos sabem melhor em jejum, e deverão ser cozidos a fogo suave ou sobre brasas e não em água fervente, pois então a albumina coagula; a couve é um manjar de Inverno; a abóbora é somente apropriada às pessoas muito sadias, etc.

E é Celso ainda quem diz: *Um homem são pode assistir de vez em quando a um banquete,* e acrescenta, *o melhor é iniciar a refeição com pescados de salmoura, legumes e coisas semelhantes; depois se comerá carne assada ou cozida; uma sobremesa — tâmaras, frutas, etc. — não prejudica um bom estômago.*

Muitos foram os médicos que, em todas as épocas, deixaram compostos livros de culinária, tendo ficado bem conhecido, entre os mais antigos, o intitulado "De Arte Coquinaria", de Apício Celio, médico segundo uns, gastrónomo romano, segundo outros, que o teria escrito no tempo de Tibério (14-37 anos depois de Cristo).

Autores há que dizem ter a arte culinária decaído na Idade Média, ao passo que outros crêem ter sido uma época de glutonaria, uma vez que um dos preceitos de higiene em que se insistia era a de temperança com a comida e a bebida. Nessas regras se aconselhava dever a qualidade dos alimentos ser ajustada à estação; na Primavera, aves, pescado, salada, leite e vinho velho; no Verão, frutas e vinho ligeiro; no Outono, suplemento de frutas e vinho forte; no Inverno, bebidas quentes e mais carne do que em outras estações do ano.

Porém, a base da alimentação comum da Idade



Tina para banhar-se, banho de assento e cela para o banho a vapor. De "Eyne newe Badenfart" (Novo guia dos balneários). Estrasburgo, 1553.

Média era *pão de trigo deixado dormir um dia, assado e bom vinho.*

Os folhetos de higiene ocupavam-se ainda de muitos outros detalhes. A boca merecia especial cuidado; aconselhava-se mastigar folhas aromáticas por causa do hálito, bochechava-se com vinho onde se fazia decoto de certas raízes, e limpavam-se os dentes com diversos pós, tendo por componentes principais pó de chifre de cervo, mármore pulverizado e raízes diversas.

Outras medidas baseavam-se, como é óbvio, nos conhecimentos médicos da época, na experiência e na crença. Deste modo, era corrente a ideia das enfermidades serem causadas pelos *maus humores.* Para conservar a saúde havia que livrar-se deles, devendo as pessoas submeter-se a três prescrições essenciais: a purga, a escarificação e a sangria. Vendiam-se calendários e gravuras em madeira, onde se indicava em que estação do ano, e sob que influência de certas constelações astrais, o indivíduo se submetia a estas medidas profiláctica, ou em certos dias, quentes e húmidos *porque também o sangue é quente e húmido.*

O sono era considerado reparador; dizia-se: *o bom sono preserva a pessoa de enfermidades e produz a boa qualidade dos humores do organismo.* Preceituavam-se as posições que predispunham ao melhor sono *para que os vapores inúteis do cérebro* achassem saída, evitando apoplexias.

Neste sentido, a cama devia ser macia, geralmente acolchoada de penas, e as iluminuras da época revelam que, geralmente, as pessoas dormiam nuas, cobrindo-se com mantas ou peles.

Os preceitos de higiene também se debruçavam sobre o ar. Este devia ser *claro, isento de venenos e não há-de cheirar mal,* além de bastantes outros que tornariam este resumo muito longo.

BANHOS

Nas cidades, e talvez nas vilas mais importantes, existiam as chamadas *casas de banhos.* Nestes estabelecimentos não havia destrinça de sexos, sendo os banhos tomados muitas vezes em comum, em grandes banheiras em forma de tonel, ou tanques de pedra. Em alguns destes balneários, ao banho de limpeza seguia-se um banho de vapor, vertendo água sobre pedras previamente aquecidas. Findo este banho turco, o banhista era lavado do suor com água limpa.

O tempo encarregou-se de tornar estas *casas de banhos* em centros de diversão, onde o indivíduo encontrava desde o charlatão e curandeiro, ao barbeiro para a escarificação e sangria, ao cabeleireiro para cuidar do cabelo com pomadas aromáticas, até aos cuidados com a pele. Em alguns servia-se comida e bebida, e espectáculo com música e dançarinas.

A corrupção instalou-se, o que fez intervir o clero que empreendeu violenta campanha contra tais desmandos. Mas, dois factores devem ter ajudado ao declínio destes estabelecimentos: a lepra e a peste, de que adiante falaremos.

HABITAÇÃO

A habitação, no tocante a higiene, deixava porém muito a desejar. Regra geral, eram casas terreiras, baixas e pouco arejadas. Não tinham janelas, apenas uns postigos, por vezes clarabóias, fechados por portas de madeira. A falta de luz era suprida pelo uso de archotes ou de lâmpadas de azeite, *cuja fumaça, sem considerar outros inconvenientes, irritava as mucosas dos olhos e do nariz.* Só mais tarde apareceram as velas de sebo, colocadas sobre tijelas ou em lanternas.

Muitas casas tinham um repartimento que separava a sala da alcova. Na sala, acendia-se o fogo em simples lareiras, servindo ao mesmo tempo para cozinhar e aquecimento; sala, ao mesmo tempo de convívio e jantar, sem chaminé, saindo o fumo pelas frestas do telhado, ou por uma abertura. Só depois da Idade Média surgiram as chaminés.

Mesmo nas vilas, e nas casas burguesas, a higiene não era melhor; as casas situavam-se em ruas estreitas e escuras, e se por vezes se davam ao luxo de colocar telas e tapetes era apenas na intenção de combater a humidade das paredes e do chão.

A imundíce, porém, era tão grande como nas casas mais modestas; os lavabos eram pouco conhecidos, não havia retretes, e mudar-se-ia de roupa sabe Deus quando.

CONHECIMENTOS MÉDICOS

Como se ignorava a causa da grande maioria das doenças, sobretudo das contagiosas, o temor fazia parte integrante da vida espiritual, conforme antes se disse.

Praticamente impotente contra o perigo, o homem procurava conciliar as medidas de higiene com as noções religiosas e míticas, entre a fé e a angústia da influência do diabo e dos espíritos malignos, aceitando as artes mágicas, crendo em superstições e, como desde sempre, baseando muito da sua maneira de viver na astrologia.

MEDICINA ASTROLÓGICA

Este tipo de ciência parece ter tido origem na Babilónia. Cultivada pelos gregos, adoptada pelos árabes, chegou à Idade Média principalmente pelos trabalhos de sábios judeus espanhóis, como Abrahão Ibn Esra, chamado Avenares (1093–1167). No seu livro "Liber de diebus criticis" mostra a influência dos astros nas doenças, como seja: o eclipse da Lua, ou a Lua crescente perto da sua *replecção de suco,* prejudica o enfermo; a conjugação do Sol e da Lua considera-as catastróficas, ao passo que a oposição nada influi na doença; a constelação decide, na hora do parto, o temperamento e carácter do homem, etc.

Na Idade Média, atribuia-se aos astros a aparição de epidemias. O dr. Schwerz toma como prova disso a palavra *Influenza,* que indica derivar de *influência,* a qual, segundo as opiniões da medicina astrológica, partia dos astros, sendo ainda corrente em 1611 sob o nome de *derrame do astro.*

Os fundamentos da astrologia pouco se haviam modificado desde a Antiguidade. Baseavam-se nas noções do *macrocosmos* (o mundo planetário), e do *microcosmo* (o indivíduo); o primeiro assentava no Zodíaco, dividido em 12 partes que tiravam o seu nome dos signos que nelas cabiam, e onde os sete planetas (então conhecidos) influenciavam o segundo (o microcosmo, na Terra) de acordo com certas relações geométricas entre si (oposição, etc.). *Conforme a "correspondência" entre o macrocosmo e o microcosmo, subordinava-se cada uma das partes do corpo humano aos signos do Zodíaco e aos planetas; assim, por exemplo, a cabeça do homem subordinava-se a Capricórnio, o pescoço a Tauro, o peito a Câncer, etc.* Daí que, nas gravuras da época representando as *figuras de sangria,* se indique a região do corpo onde se devia praticar a sangria, consoante a constelação e a altura do ano.

Antes de administrar qualquer remédio era fre-

quente o médico consultar as estrelas, pois que o seu efeito dependeria disso; deste modo, tinha-se por conveniente dar uma purga se a Lua se encontrava num signo frio e húmido, mas se andava no signo do Touro, não só não fazia efeito como dava vómitos.

A colheita de ervas medicinais e a sua preparação deviam ser feitas de acordo com determinadas constelações, e assim por diante.

MEDIÇÃO DO TEMPO

Este aspecto tornava-se imperioso para os técnicos, a cuja classe pertencia o médico. Sabe-se que, durante o período helénico e romano, a maior parte dos astrólogos pertenciam à profissão médica, quer no sentido estrito da palavra, quer com referência a cirurgiões e barbeiros.

Anteriormente a esta época, na pré-helenista, só se conheciam o relógio de sol, o de imersão (egípcio) e o de gotejo.

Ligadas como andavam, as ciências médicas, ciências naturais, mecânica, astrologia, etc., o aperfeiçoamento do relógio era de importância decisiva para o progresso. Da colaboração destes técnicos resultou o relógio de água, depois aperfeiçoado por movimento de rodas, a que se juntaram a esfera e a agulha. Desta arte ficaram célebres os relógios de Alexandria e o relojoeiro Ktesibio de Askra (século II a. C.). Herophilo (325-270 a.C.) media o pulso com um relógio de água, tendo criado para esse fim um modelo para algibeira.

Em Roma dava-se à arte de relojoaria o nome de *gnomónica.*

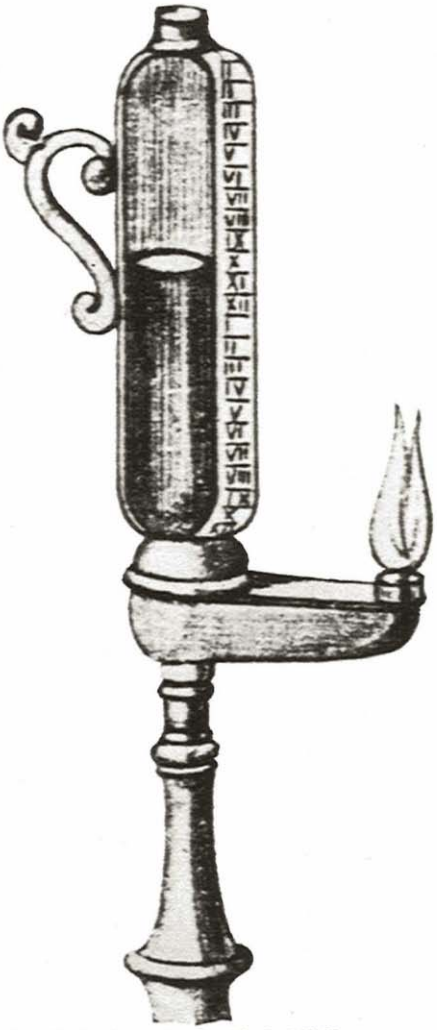
É aos árabes que se deve, pela Idade Média, o aperfeiçoamento destes instrumentos. Muitos sábios, entre eles médicos, se distinguiram na construção de diversos aparelhos, e ostentavam o sobrenome de *al-asterlabi* os que se dedicavam também aos astrolábios, quadrantes, globos celestes, e de *al-saati* se apenas a relógios.

O médico Ridwân, que viveu no ano 1200, descreve o grande relógio da Mesquita de Damasco, que seu pai havia construído durante o reinado do antepassado do célebre Sultão Saladino. Estes relógios excitaram a admiração do europeu, durante as cruzadas, e a sua consequente divulgação na Europa. E assim, os *physicos* sobretudo os médicos da corte, depois os dos municípios, tiveram também a seu cargo a vigilância do tempo, pelo que de *astrologi* passaram também a denominar-se *horoloci.*

Carlos V de França, pelo ano de 1370, teve como seu médico e astrólogo o pai de Cristina de Pisa. Esta, com certo conhecimento de causa, afirmava: *ninguém pode ser verdadeiro astrologo, se não é philosofo, geómetra (ou seja physico) e arithmetico (mathematico).*

Na corte de Borgonha, Filipe o Bom (1396-1467), pagou ao seu médico de câmara Heinrich Van Zwalis, e a outros colaboradores, mil libras, para montar um relógio que tivesse o movimento dos planetas, dos signos do Zodíaco e das estrelas, segundo nos diz o dr. Fallet.

Evidentemente que tais relógios não podiam estar ao alcance de qualquer um. O tipo de medição mais vulgar na Idade Média era feito pelo chamado relógio de velas, no qual ardiam velas graduadas, ou então o relógio de azeite, que



O relógio de azeite da Idade Média.

consistia na velha lamparina de azeite na qual, ao depósito, era sobreposto um tubo de vidro graduado cheio de azeite; acendida a mecha, estimavam-se as horas transcorridas pelo abaixamento do nível do azeite consumido.

ENFERMIDADES

Duas doenças sobretudo constituiram grande flagelo durante a Idade Média.

Uma, conhecida desde a Antiguidade, foi a lepra. Teve o seu ponto culminante de expansão no século XIII. Das hipóteses expostas, em estudos recentes, duas mereceram maior consenso: a da emigração e a da universalidade. Ambas apresentam fundamento, e até são coincidentes pela maior movimentação entre os povos, como as emigrações do Oriente, as invasões e as cruzadas, e pela precária situação higiénica da maioria das populações. Não cabe neste resumo fazer a sua história. Bastará apenas acrescentar que se avalia terem existido à roda de 19 000 sanatórios ou leprosários nos diversos países da Europa.

A outra foi a peste. A partir do século XII estas epidemias eram frequentes, tendo sido a mais violenta a do ano de 1348, de peste bubónica, conhecida como *morte negra,* que vitimou um quarto da população da Europa, um terço segundo outros. Os médicos, impotentes perante o flagelo, desconhecedores do carácter do contágio, não sabiam quais as medidas eficazes de prevenção a empregar. Dizia-se em Montpellier: *o perigo é tão grande que uma pessoa pode adquirir a enfermidade de outro sem haver tido contacto com ele, unicamente por o ter olhado.*

Compreende-se que as pessoas, atemorizadas, buscassem em todas as mezinhas a conjuração do mal. Bocacio descreveu impressionantemente este flagelo no primeiro capítulo do seu "Decameron".

Curiosamente, atingiu mais os homens jovens e fortes do que os velhos e fracos, o que dava que imaginar.

Entre as muitas medidas que se aconselhavam, a que merecia maior crédito era a das fumigações, queimando-se no fogo alecrim romero, âmbar, mastique (resina de lentisco) e enxofre. Evitavam-se agrupamentos, festas e sermões. Bernabo, duque de Milão, foi o primeiro que, no ano de 1347, introduziu a prática das *quarentenas.* Se bem que não haja evitado a peste em Milão, o facto é que a epidemia foi mais benigna.

Autores modernos admitem que a peste tenha sido trazida para a Europa pelos ratos negros, portadores de bacilos, vindos a bordo dos barcos das cruzadas, no século XII.

A epidemia não se limitou só às cidades ou grandes aglomerados. Chegou aos recantos mais afastados das vias principais, mesmo aos conventos isolados, caprichosamente deixando indemnes regiões inteiras. Os padres e os monges foram dos mais sacrificados, supõe-se que por passarem o dia a assistir aos moribundos.

O MONGE

O monge teve um papel de destaque durante a Idade Média, sobretudo para os fins da época. De um modo geral, nos séculos XI e XII, pelo menos nas ordens de regimem mais severo, o ingresso devia constituir como que uma *retirada do mundo.* Diz-nos o dr. Varron que *para Bernhard de Clairvaux (século XII) e sua comunidade, o mundo não somente é um vale de lágrimas, senão também, e antes de mais nada, uma porfia insensata por bens sem valor.* Estes cistercienses eram regrados e dedicados à devoção. O convento costumava ter um *infirmitorium* onde os enfermos eram cuidados e medicados (*1*).

Mas, o facto de o monge se fechar no seu convento, e a Igreja se convencer que ao leigo bastava obedecer aos seus mandamentos, ir à missa e confessar-se, para se dar por satisfeito, acabou por lhe acarretar problemas. Diz-nos Carl Grimber: *na base do pensar medieval estava o ideal universalista que aspirava realizar a unidade de todas as coisas,* uma só Igreja, sob a autoridade do Papa, competindo a esta ensinar aos humanos a pensar, crer e viver do mesmo modo.

Algo viria perturbar esta espécie de dogma. Ainda no século XII, alguns indivíduos, pensando na vida de Cristo e seus discípulos, *julgaram de seu dever propagar o Evangelho vivendo eles próprios numa pobreza apostólica.* E assim, estes pregadores itinerantes vieram a constituir, pelo fim da Idade Média, as ordens

---

(*1*) *Vide artigo anterior (n.º 84/Set. 78).*

dos Franciscanos e Dominicanos (*2*). Monges mendicantes que desempenharam relevante papel nas crises religiosas e políticas do final desta época. Foram eles, cujo ambiente não era o convento, mas os caminhos, que de terra em terra, em maior contacto com o povo transmitiram, além das ideias morais e religiosas, os preceitos de higiene e talvez, quem sabe, um ou outro conselho médico.

ALQUIMIA

Esta arte foi sempre envolta em certo mistério. Foram os árabes que a trouxeram para a Península Ibérica, quando da sua conquista em 711, e aqui a desenvolveram ao criar as escolas de Córdova, Sevilha e Toledo, e posteriormente pelo resto da Europa.

A alquimia era exercida essencialmente por médicos; porém, como ciência auxiliar da medicina, só teve real ponto de partida com Paracelso (1493-1514). Até então, veio desde a Antiguidade impregnada em certo misticismo; sendo difícil, em breve resumo, dar ao leitor uma noção mesmo que geral acerca de alquimia, adiantam-se contudo algumas ideias. Os escritos sobre alquimia devem-se principalmente aos egípcios e aos gregos. Destes últimos, passaram aos sírios que os traduziram e guardaram na escola síria de Edessa, até à sua destruição (489), depois para a de Nisibis, na Pérsia. Distinguiu-se como tradutor Sergio de Rasein, que morreu bispo em 536, deixando a obra "A magna arte", como básica, e de outros autores "A arte de fazer ouro e prata", "A desagregação das substâncias em seus elementos", etc.

Mas o que julgamos ser deveras curioso, e nos arrasta a falar desta arte, é a fantasia que se associava à química, fantasia essa ainda mais exaltada durante a Idade Média. Refere-se o dr. Goldschmidt a um manuscrito grego, do século XI, conservado na Bibliotaca de São Marcos, em Veneza, intitulado "Livro metalico e quimico acerca de trabalhos com o ouro, a prata e a fixação do mercurio". Este livro, em certa passagem, diz: *Todas estas cousas se criam com as aguas salinas e o ovo filosofal no aparelho da digestão, por meio da arte metalica.* e o citado autor esclarece: *Ao ovo filosofal aqui citado, os alquimistas concediam grande importância e equivale ao símbolo do ovo cósmico que se acha cheio de uma mistura de quatro elementos (3); a mesma importância concediam também à "pedra que não é pedra", a pedra filosofal (3), que já nas antigas lendas índias da Criação e mais tarde nos mistérios de Mitras, é o símbolo da origem do Mundo.*

Subordinação das rugas da testa aos astros. De uma edição tardia do "Metoposcopia", de Jerónimo Cardanus.

Hoje em dia, ela ainda nos aparece sob a forma de *ovo de Páscoa*, cuja origem temos que procurar nas culturas da Antiguidade, nas quais *era costume comer um ovo na época da Primavera, ao despertar de novo ano cósmico.* Aos metais e pedras preciosas atribuíam-se ideias míticas e fabulosas, associando os metais aos nomes dos signos, dos planetas e até divindades (por exemplo, estanho — Zeus e Baal, cobre — Afrodite e Astartéa, chumbo — Saturno), e das pedras, sendo as claras consideradas femininas e as escuras masculinas.

A teoria árabe que dominou na Idade Média era a do *mercúrio-enxofre*, na qual o mercúrio actuava como mãe (princípio feminino) e o enxofre como pai (princípio masculino), e os considerava constantes em todos os metais.

As iluminuras dos livros desse tempo mostram o simbolismo bastante imaginoso então usado, e um pouco conforme os autores: o leão representava o mercúrio que origina o ouro, a águia o que origina a prata, o corvo a matéria negra que se desprende do mercúrio no processo de purificação, o salitre (sal nitrum que os árabes adquiriam na China, chamando-o *neve chinesa*) representado por um dragão alado vomitando fogo, Marte enforcado (ferro) e Saturno atado a uma roda (chumbo), a Lua (prata), e o Sol (ouro), e no meio destas figuras Mercurius philosoforum (mercúrio) etc., e que acompanhavam o texto que descrevia os passos dessas reacções químicas (*4*).

Geralmente, crê-se que estes estudos de química se processavam com seriedade e sinceridade, o que já não aconteceu posteriormente, na Renascença, devido aos muitos charlatães e aventureiros que se insinuaram como curandeiros e magos, fazendo-se passar por alquimistas possuidores do segredo de fabricar ouro. A avidez por este metal, a ignorância e as superstições deram-lhes bom acolhimento.

Apenas a título de curiosidade acrescentaremos que, entre os escritos gregos contidos no "Corpus alchimisticum", figuram duas alquimistas, Cleópatra e Maria, tendo esta última descrito o processo cujo nome se conserva ainda hoje no chamado *banho Maria.*

ADENDA

À Idade Média segue-se a Renascença. Não se encontra, nem se considera, uma data ligada a qualquer facto importante ou notável que vinque bem esta transição. Sobreveio em consequência de uma certa mudança de conceitos, mudança que só pouco a pouco foi sendo aceite. O homem passou, por assim dizer, de uma intraversão para uma extroversão, procurando descobrir-se a si próprio e ao mundo que o rodeava. Lançado avidamente na busca de conhecimentos foi desenterrar a Antiguidade que a Idade Média espiritualmente sepultara. Em próxima circunstância se abordará este período.

Vasconcello e Menezes
Cap.-m.-g. MN

Obras consultadas: "História Universal", de Carl Grimberg; "Actas Ciba": artigos dos drs. A. G. Varrow — Paris, F. Schwerz — Zurich, Marius Fallet — La Chaux-de-Fonde, Gunther Goldschmidt — Basileia, e Walter K. Fraenkel — Berlim.
Reproduções de "Actas Ciba".

(2) Foi Domingos de Gusmão, superior do cabido regular de Osma, em Espanha, que em 1206 tomando contacto com os sectários da heresia dos Albigenses os procurou converter. Em 1215 dirigiu-se a Roma para expor a Inocência III a necessidade de se fundar uma nova ordem segundo o mandato do Evangelho, ao que se opôs o concílio Lateranense. Dessa forma a aprovação pelo Papa foi oral, denominando-se Ordem dos Frades Pregadores e no fim de 1216 confirmou-se então por bula de Ordem Dominicana.
A Ordem Franciscana, de Francisco de Assis, é do mesmo tempo.

(3) Dschâbir Ben Haiyan, um dos mais célebres autores árabes (776), diz-nos serem esses quatro elementos, a secura e humidade, o espírito e a alma. A pedra filosofal, na opinião deste autor, devia ter a cor purpúrea e ao mesmo tempo apresentar o brilhante oriente das pérolas, de aspecto deslumbrante, macia como a cera e, não obstante, resistente ao fogo.

(4) Gravuras do "Historisches Apothekenwesen" de Basileia e do Vadiana, St. Gallen.

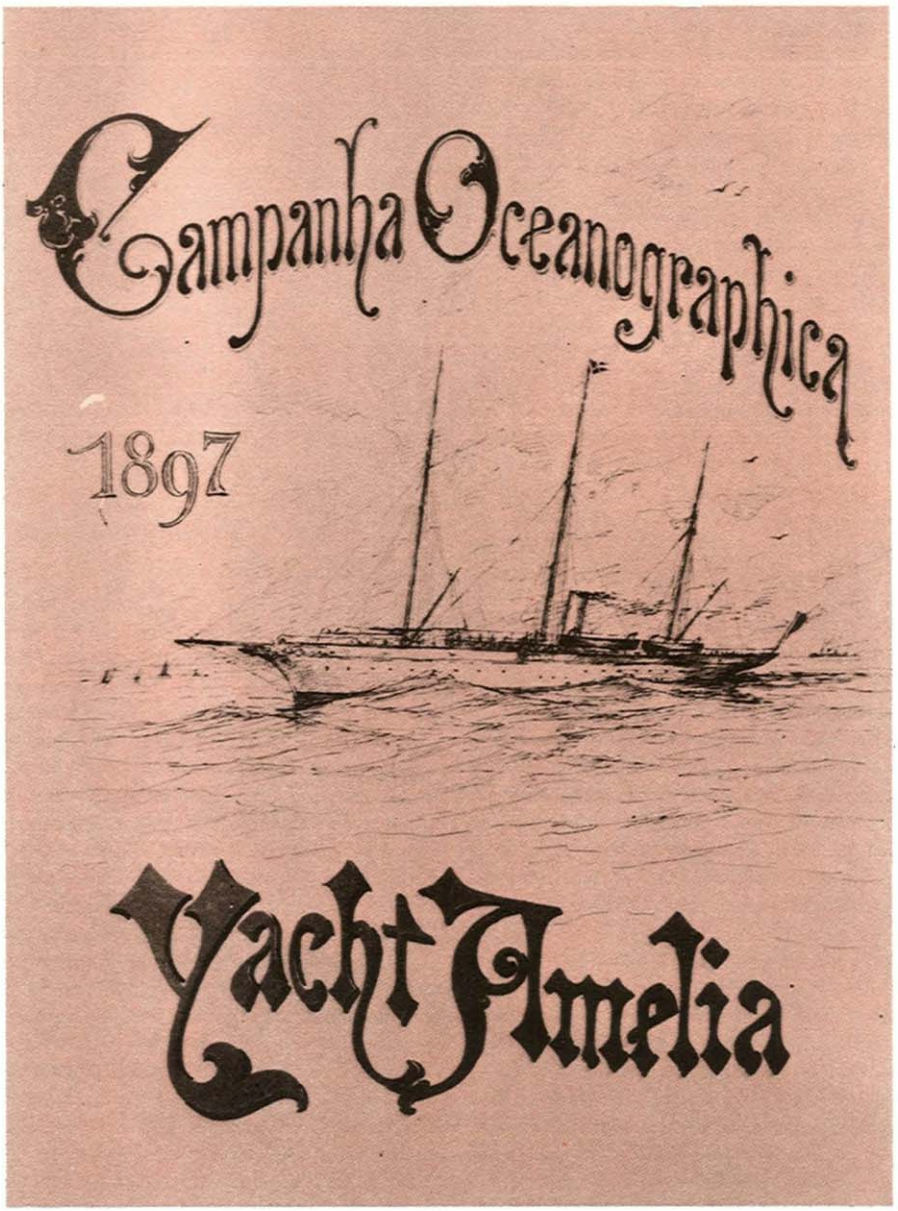
Bibliografia

DIÁRIO NÁUTICO DO YACHT "AMÉLIA"

Composta e impressa, em *offset,* nas oficinas gráficas do Instituto Hidrográfico, acaba a Marinha de publicar, em número de 4500 exemplares, uma obra sob o título "Diário Náutico do Yacht *Amélia",* reproduzindo esse documento inédito escrito pela mão de D. Carlos de Bragança. Como é sabido, D. Carlos foi o impulsionador do estudo científico do nosso mar, tendo efectuado campanhas regulares a bordo do iate "Amélia", que contribuiram para o desenvolvimento da oceanografia em Portugal.

De magnífico aspecto gráfico e com maravilhosas aguarelas feitas pelo próprio rei, a referida obra pode ser adquirida pelos oficiais, sargentos e praças (dos QP) da Armada do Activo, da Reserva Aa e reformados, pelo pessoal militarizado e civil, ao serviço ou aposentado, dos diversos quadros da Marinha, a pronto pagamento ou à cobrança (preço acrescido de 50$50 de despesas de correio).

Os interessados deverão dirigir-se, até ao dia 28 de Fevereiro corrente, pessoalmente ou por escrito, aos organismos que se indicam:



— Militares da Armada no Activo e da Reserva Aa (ao serviço) e pessoal militarizado e civil (ao serviço) da Marinha: conforme instruções publicadas nas OP1, OP2, OP4 e OP6;
— Oficiais da Armada na RAa (que não estejam ao serviço) e RF: Instituto Hidrográfico;
— Sargentos e praças da RAa (que não estejam ao serviço) e RF: Direcção do Serviço do Pessoal (D.S.P.) — 3.ª Repartição;
— Militarizados aposentados: D.S.P. — 6.ª Repartição;
— Civis aposentados do QPCM: D.S.P. — 4.ª Repartição;
— Civis aposentados do QPCIH: Instituto Hidrográfico;
— Civis aposentados do QPCISN: Instituto de Socorros a Náufragos;
— Civis aposentados do Arsenal do Alfeite: Arsenal do Alfeite;
— Civis aposentados da Fábrica Nacional de Cordoaria: Fábrica Nacional de Cordoaria.

O horário de funcionamento do Instituto Hidrográfico (Rua Garcia de Orta, 4 — 1200 Lisboa), para levantamento dos exemplares, é o seguinte:

— 2.ª, 3.ª e 4.ª-feiras: 10.00 às 12.00 e das 14.00 às 16.00 horas;
— 5.ª e 6.ª-feiras: das 10.00 às 12.00 horas.

Os militares do Exército e da Força Aérea poderão adquiri-la no Museu de Marinha ou no Aquário Vasco da Gama, em condições a estabelecer oportunamente.

Cada interessado só pode pedir um exemplar, cujo custo é de 120$00.

Voz da Abita

Cartas ao Director

De Victor M. F. Lopes, Casal do Gago, Vila Nova de Poiares, uma carta de que transcrevemos:

(...) Vivo numa aldeia — Casal do Gago — de cariz agrícola e gente religiosa, com cerca de 60 habitantes, onde a única distracção, além do trabalho que é muito... é uma partidinha de "sueca" na taberna local, que funciona também como mercearia. Podem pois calcular a alegria com que recebo a Revista e a sofreguidão com que a leio de fio a pavio!
Não sou marinheiro, mas espero sê-lo muito em breve e ter a subida honra de me fardar de azul e branco.
Após ter vivido 5 anos num país onde a pobreza e a fome muito raramente vêm à rua, pois na Inglaterra há uma boa assistência, fiquei muito chocado pelo grande número de pedintes que vi no nosso país.

N. R. — Os versos que enviou ficam para apreciação do Corpo Redatorial. Obrigado pelo seu interesse e amizade pela Revista.

De Manuel G. de Sousa, 1.º-mar. RF, Prado de Melgaço, uma carta com muitos e valiosos dados sobre a pesca no rio Minho, antes da construção das barragens, assunto que já tratámos num número anterior da Revista e, por isso, não abordamos novamente.

De José António Gomes Vieira, Santa Cruz das Flores, Açores, uma carta de que transcrevemos:

(...) Quando fiz o meu pedido de assinatura, foi-me remetido recibo antes de ter efectuado o pagamento! Foi a primeira vez na minha vida que tal aconteceu. Episódios como este só podem acontecer com gente do mar e, bem proveitoso seria que acontecesse também com a gente de terra. (...).

N. R. — Muito obrigado pelas amáveis referências e pelos seus cumprimentos.

De Luís Horta, ex-mar. FZE 1783/68, "O Lagos", 1, Rue Fosse aux Loups — 1000 Bruxelles — Bélgica, uma carta pedindo para através da Revista saudar, com um abraço amigo, todo o pessoal do DFE 11, que esteve em Moçambique em 69/72. Se alguém lhe quiser escrever — diz — dar-lhe-á grande prazer.

De Américo Emílio de Almeida, ex-mar. AP 1805/73, S. Miguel, Vila Nova de Poiares, uma carta em que nos fala dos 33 meses que serviu a Armada, das amizades que cá deixou e das saudades que tem desses tempos. Envia uma saudação especial aos que com ele andaram embarcados na fragata "Comandante Hermenegildo Capelo", desde o *mais marreta* ao comandante. Se alguém quiser escrever-lhe ou visitá-lo pode fazê-lo, para o restaurante Mó, onde exerce a sua actividade.

N. R. — Quanto aos versos... ficam para apreciação.

De Maria Cândida dos Santos Udasco, Lisboa, uma carta de que transcrevemos:

Achareis estranho que uma rapariga como eu (fiz agora 18 anos) escreva para a secção "Voz da Abita/Cartas ao Director".
Na verdade, decidi-me a fazê-lo para vos dar as minhas felicitações por terem concebido uma Revista que nos dá, a nós, jovens, uma ideia mais clara do que é a vida do mar.
O meu gosto por esse "enigmático senhor mar" é hereditário.
Concorri à Escola Náutica, era uma das 63 canditatas, mas, não fiquei. Mas, não desisto e vou concorrer outra vez. E se não ficar vou formar-me em biologia marítima. De qualquer maneira, hei-de ligar-me ao mar que é a minha paixão. (...).

N.R. — Oxalá consiga entrar para a Marinha Mercante. A vida do mar é dura, mas tem os seus aliciantes.

De Arides Pires da Rosa, sarg.-aj., Fermentelos, uma carta de que transcrevemos:

A nossa Revista passou a ser para mim, e provavelmente para todos os que a assinam, uma herança daquilo que fomos na família da Marinha, da qual fica uma saudade que não se apaga nem com o tempo (...).

N. R. — Agradecidos pelas sugestões que faz quanto a artigos futuros, que tomamos na devida conta.

ORGULHO

Marinheiro português
Que a farda sabes honrar;
Não esqueças uma só vez
Que o teu destino é o mar.

Caminha, mas sempre em frente
É teu dever ser audaz.
Porque és filho duma gente
Que nunca olhou para trás.

Marujo toma cautela
Não deixes molhar a vela
Que pode virar o barco,
Mostra bem a toda a gente
Que és decidido e valente
Como o foi Gonçalves Zarco.

Adoras como ninguém
A Pátria, a Fé, e o Lar,
Orgulho que assenta bem
Em todo o "Homem do Mar".

No mar que foste primeiro
Por um divino condão,
Dum porte e sangue guerreiro
Que vincam bem Tradição.

Do Gama sabes a história
Do Velho toda a glória
Dum poema sem igual;
Serás sempre chama ardente
Dum país nobre e valente
Que se chama Portugal!

Alberto Mourão
Mar. A RA, da "escola" de 1931

A Escola de Armas Submarinas

suas origens e evolução

O APARECIMENTO DO TORPEDO

Em meados do século passado, em plena revolução industrial e quando as marinhas passavam da fase dos navios à vela em madeira para navios em aço e de propulsão a vapor, tornou-se necessário acompanhar os novos conhecimentos e entrar em contacto com as novas armas e explosivos.

Com o aparecimento do *torpedo de fundo* e do *torpedo automóvel* (*1*), havia que preparar pessoal que conduzisse estas novas armas e, como o torpedo era accionado electricamente, foram associados os dois conhecimentos numa única especialidade — Torpedos e electricidade.

Nesta época, o Governo andava especialmente interessado em melhorar os aspectos de defesa do território nacional. Assim, em 1866, o ministro da Guerra, Fontes Pereira de Melo, nomeou uma comissão presidida pelo marquês de Sá da Bandeira, para propôr um plano completo da defesa de Lisboa e do seu porto.

Tornando-se indispensável a colaboração do elemento naval, em 1873, o ministro da Marinha e Colónias, João Andrade Corvo, mandou agregar à comissão, alguns oficiais da Armada.

(1) O "torpedo de fundo" era um dos tipos de torpedos fixos que actualmente são designados por minas. O "torpedo automóvel" é actualmente designado apenas por torpedo.

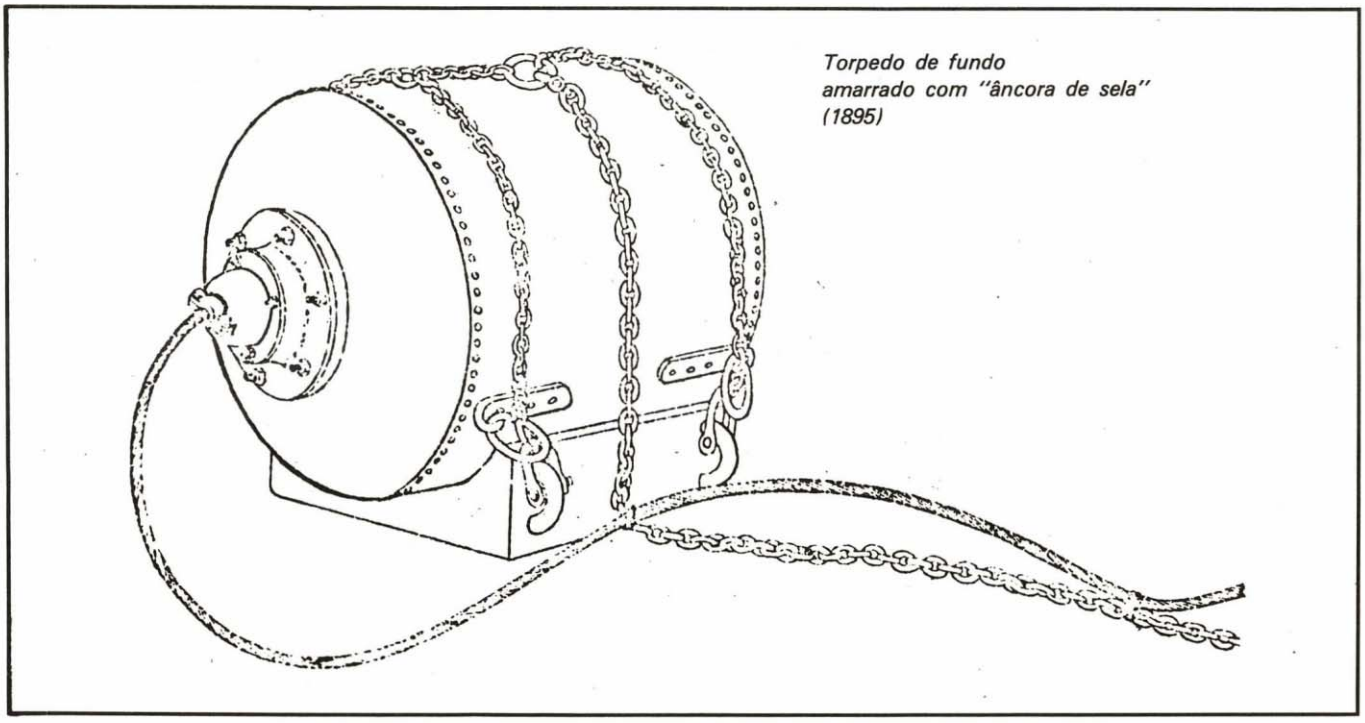
ESCOLA E SERVIÇO DE TORPEDOS

Em face do relatório apresentado pela comissão, foi criada por Carta de Lei de 3 de Maio de 1878, na dependência do Ministério da Guerra, a Escola e Serviço de Torpedos com a seguinte missão:

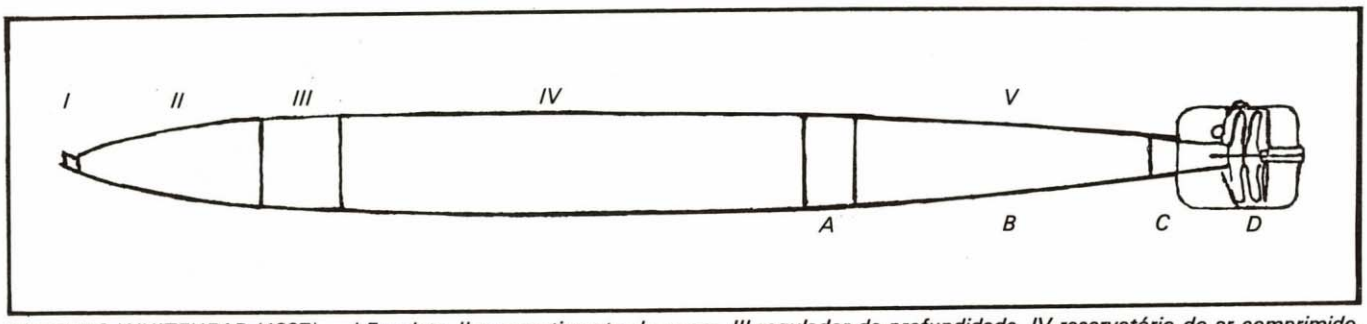
- Defesa dos portos e costa, por meio de torpedos fixos e móveis;
- Defesa das linhas de torpedos fixos;
- Instrução do pessoal técnico de torpedos (companhia de torpedeiros);
- Inspecção, guarda e conservação do material;
- Aquisição, fabrico e reparação de todo o material.

Foi instalada em terrenos anexos ao Forte de S. Pedro, em Paço d'Arcos sendo dirigida por oficiais da Armada, e teve como primeiro director e chefe do serviço o capitão-tenente João Esteves de Freitas, nomeado em 5 de Junho de 1878.

Pode considerar-se esta Escola de Torpedos, embora na dependência do Ministério dos Negócios da Guerra, como a percursora da actual Escola de Armas Submarinas, e uma das primeiras escolas técnicas das Forças Armadas. É assim que a Escola A.S. comemorou o ano passado o seu centenário.



Torpedo de fundo amarrado com "âncora de sela" (1895)



TORPEDO WHITEHEAD (1897) — I Espoleta, II compartimento de carga, III regulador de profundidade, IV reservatório do ar comprimido, V cauda: (A) compartimento da máquina, (B) compartimento estanque da cauda, (C) caixa das engrenagens, (D) apoio dos lemes.

Sucedem-se as transformações resultantes da evolução das necessidades dos dois ramos das forças armadas e, em 1892, quando da reorganização dos serviços da Armada pelo ministro Ferreira do Amaral, foi a Escola e Serviço de Torpedos integrada no Ministério da Marinha, ficando a depender do Conselho do Almirantado.

O regulamento da Escola, publicado em 1899, estabelecia que o curso de torpedeiro era de 15 de Outubro a 30 de Junho e compreendia as seguintes *classes* (disciplinas): Noções de electrologia, Telegrafia visual, Material de torpedos fixos, Torpedos Whitehead, Explosivos e explosões, Emprego de torpedos no mar, Aparelhos eléctricos usados a bordo, Natação e Mergulhador, Telegrafia eléctrica empregando alfabeto Morse, Provas eléctricas, Serviço dos postos de observação.

O ensino tinha na época um programa vastíssimo, sendo o torpedeiro um homem de muitos ofícios, pois além de saber torpedos, *electrologia* e *explosivos e explosões,* ele era também sinaleiro, telegrafista e mergulhador.

SERVIÇO E ESCOLA PRÁTICA DE TORPEDOS E ELECTRICIDADE

Em 14 de Novembro de 1901, um decreto estabelece a separação dos serviços de *torpedos fixos* e de *torpedos móveis.* Os primeiros continuam em Paço d'Arcos entregues ao Exército, e a Marinha cria o Serviço e Escola Prática de Torpedos e Electricidade, que é instalada em Vale de Zebro em Março de 1902.

A Escola de Vale de Zebro destinava-se a ministrar a instrução prática sobre *manobra, emprego e governo dos barcos torpedeiros e submersíveis, minas, contra-minas, barragens, aparelhos eléctricos aplicados a bordo ou no serviço de minas e contra-minas, e telegrafia eléctrica* a oficiais, aspirantes da Armada e a praças do Corpo de Marinheiros.

Em 1905 os programas de curso da Escola são reorganizados. Os cursos passam a ser frequentados por oficiais, sargentos artífices e praças torpedeiros-electricistas, compreendendo as seguintes disciplinas: Programa completo de Electricidade, Telegrafia visual, Marinharia, Natação e Mergulhador, Torpedos fixos, Torpedos automóveis, Explosivos, Aritmética, geometria e mecânica.

Com o desenvolvimento da electricidade e a montagem dos primeiros equipamentos de T.S.F. a bordo, o ensino foi aumentando gradualmente e, em 1910, foi criada a especialização de telegrafistas navais.

Em 1911 foi a Escola encarregada de ministrar a instrução de navegação submarina ao pessoal dos primeiros submarinos.

Edifício da Escola de Armas Submarinas, no G2EA, no Alfeite.

BRIGADA DE MECÂNICOS

Em 1924, o ministro almirante Pereira da Silva cria as Brigadas da Armada. A Brigada de Mecânicos substitui a Escola Prática de Torpedos e Electricidade, em Vale de Zebro, ficando incumbida de funções gerais de depósito de sargentos e praças desembarcados, do arquivo dos elementos necessários para o registo da sua vida militar e da sua instrução geral, militar e técnica.

A instrução de Torpedos, minas e electricidade continua a ser ministrada em Vale de Zebro até 1934. Nesse ano, devido aos inconvenientes de num mesmo organismo coexistirem serviços burocráticos e serviços de instrução, são extintas as Brigadas da Armada e criam-se pela primeira vez as Escolas de Aplicação de Marinha.

ESCOLA DE ELECTRICIDADE, TORPEDOS E MINAS

Com profundas remodelações, os cursos inicialmente ministrados na antiga Escola Prática de Torpedos e Electricidade, passam agora a sê-lo na Escola de Electricidade, Torpedos e Minas, uma das escolas de aplicação integrada na Escola de Mecânicos, instalada no Verão de 1934 na Quinta das Torres, em Vila Franca de Xira.

Instrução do torpedo MK 44.

Instrução do sonar Duba 3A.

ESCOLA DE DETECÇÃO ANTI-SUBMARINA

A II Guerra Mundial, acelerando o progresso das armas e equipamentos, levou à remodelação de quase todo o ensino na Armada, com a introdução de novas matérias e a criação de novos cursos, na medida em que os nossos navios passavam a estar equipados com o moderno material.

A aquisição dos *P's* a carvão, com Asdic, tornou necessária a criação do curso de detecção anti-submarina e a formação de operadores deste novo equipamento.

Nasceu assim em 1943, a Escola de Detecção Anti-Submarina, instalada em edifício próprio na Escola de Mecânicos.

ESCOLA DE ARMAS SUBMARINAS

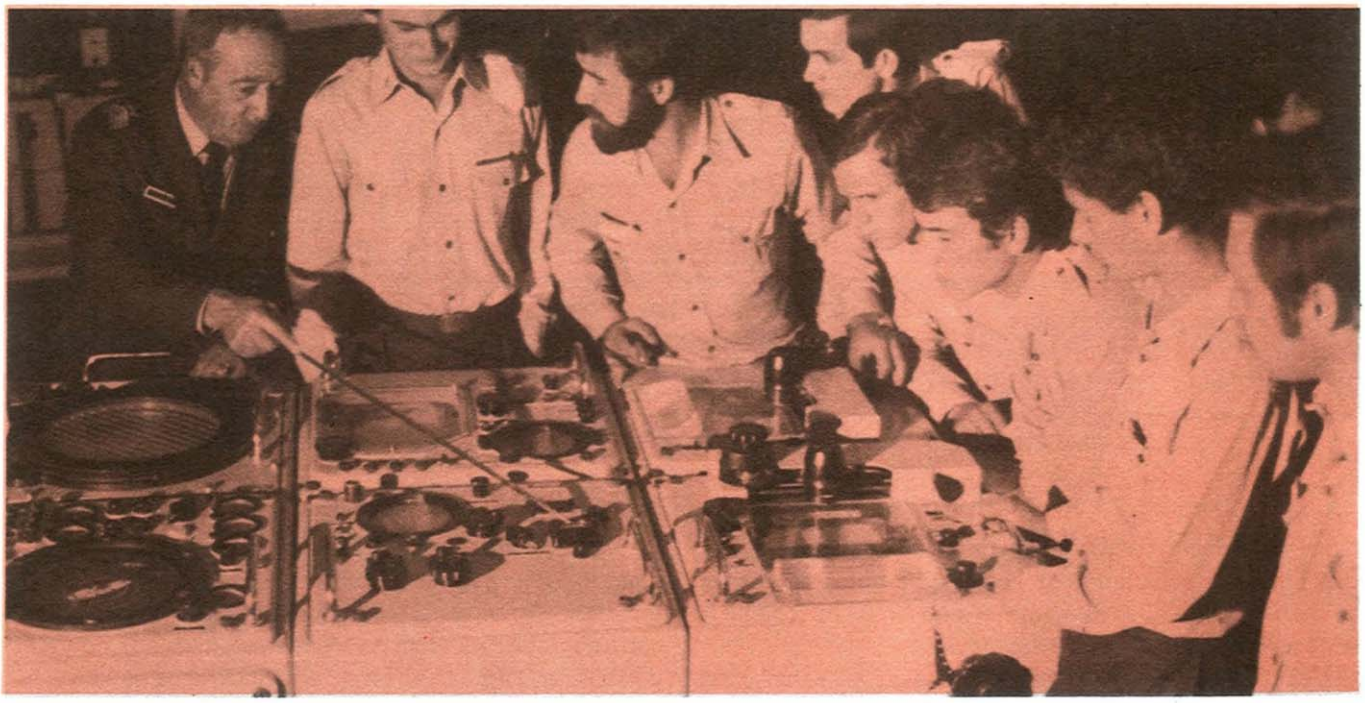
Terminada a guerra, ao apreciar as lições colhidas nos aspectos de preparação de pessoal e das habilitações requeridas pelas novas armas e equipamentos, tornou-se necessário remodelar as classes dos sargentos e praças da Armada e a sua instrução.

É assim criada em 1953 a Escola de Armas Submarinas, com o objectivo de preparar o pessoal na condução e utilização de sonares, armas anti-submarinas, minas e contramedidas, torpedos e material de demolição, matérias até então ministradas na Escola de Electricidade, Torpedos e Minas e na Escola de Detecção Anti-Submarina. Foi no edifício desta última, em Vila Franca de Xira, que ficou instalada a Escola A.S.

Em 1965, o ensino das minas, devido à sua extensão e especialização, é retirado dos cursos da Escola A.S., passando a ser ministrado no Centro de Instrução de Minas e Contramedidas.

A contínua evolução dos meios de luta anti-submarina exige alargamento do edifício da Escola para instalação de novo material, mas a Quinta das Torres, onde se

Instrução do sonar Duba 3A.



encontra o Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, sucessor da Escola de Mecânicos, não permite as expansões necessárias.

Assim, em 1969, começou a ser construído no Alfeite o actual edifício, onde a Escola ficou instalada a partir de 4 de Abril de 1972, integrada no Grupo n.º 2 de Escolas da Armada.

E.A.S. — MISSÃO E ACTIVIDADE

A actual Escola de Armas Submarinas, que com mais propriedade se deveria chamar Escola de Luta Anti-Submarina, tem por missão ministrar cursos, a vários níveis, com o objectivo de preparar e especializar oficiais, sargentos e praças, nos aspectos relacionados com a guerra anti-submarina, portanto em tudo o que diz respeito a:

Equipamentos de Detecção Anti-Submarina, Equipamentos de Comunicação Submarina, Direcções de Tiro A/S, Armamento A/S, Táctica A/S e Contramedidas anti-torpédicas.

Presentemente, e após a reestruturação da instrução operada na Armada em 1975/76, os cursos ministrados na Escola A.S. são os seguintes:

- *Curso de Especialização de Oficiais em Armas Submarinas (CEO) — 44 semanas úteis;*
- *Curso Complementar de Electrotécnicos do Ramo A.S. (CCE) — 35 semanas;*
- *Curso de Formação de Sargentos Torpedeiros-Detectores (CFS) — 44 semanas;*
- *Curso Técnico Complementar de Torpedeiros-Detectores (CTC) — 38 semanas;*
- *Curso de Formação Técnica de Torpedeiros-Detectores (CFT) — 36 semanas;*
- *Curso Técnico de Actualização de Torpedeiros-Detectores (CTA) — 18 semanas;*
- *Instrução Técnica Básica de Detectores (ITB-TD) — 16 semanas — 3 vezes/ano;*
- *Instrução Técnica Básica de Torpedeiro (ITB-TT) — 14 semanas — 3 vezes/ano.*

Para além destes cursos, são ainda ministrados estágios para as equipas A/S dos navios, a seu pedido.

No respeitante ao material, a instrução incide nos aspectos relacionados com a operação e manutenção preventiva e correctiva ao nível adequado.

À excepção do CEO, todos os cursos contêm nos seus planos, para além das disciplinas técnicas, matérias de carácter cultural geral e cultural naval, com o objectivo da valorização dos alunos.

A parte final de todos os cursos constitui um aperfeiçoamento por classes de navios (''Almirante Pereira da Silva''/''Comandante João Belo'').

Para ministrar a instrução, dispõe presentemente a Escola A.S., de 19 instrutores (7 oficiais e 12 sargentos), distribuídos por 7 departamentos de instrução: Sonares Franceses, Sonares Americanos, Armamento Francês, Armamento Americano, Táctica e Contramedidas, Electrotecnia e Acústica.

Em média, passam anualmente pela Escola de Armas Submarinas, cerca de 250 alunos.

J. Brito Subtil
Cap.-ten.

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuimos as Boas Festas que tiveram a gentileza de nos enviar as seguintes entidades:

Carlos Alberto dos Santos Soares, ex.-mar. 814/70, Vila do Conde; cap.-frag. Lima Martins, N.R.P. "S. Gabriel"; José da Silva Ribeiro, Alburitel; 1.º-ten. SG RA Manuel do Nascimento, Matosinhos; sarg.-aj. T RA Joaquim de Sousa Teixeira, Mercês; Ramiro Martins, ex-mar. R, Londres; J. Ferreira, cabo L, V. N. Poiares; cor. Victor Grigoras, adido militar da Embaixada da Roménia; Instituto Nacional de Pilotagem dos Portos, Lisboa; Emanuel Luís Figueiredo Marques, Tondela; ANOP — Agência Noticiosa Portuguesa; sarg.-aj. TF Francisco Galhetas, Cova da Piedade; António Vieira, ex-mar 19/66, Lisboa; Ângelo Dias, Laranjeiro; Associação de Comandos, Lisboa; v/alm. Fragoso de Matos, S. P. Estoril; Distrito de Recrutamento e Mobilização de Setúbal; António Sousa Almeida, Lisboa; arq. Eduardo Martins Bairrada, secretário do Grupo de Amigos do Museu de Marinha, Lisboa; António Costa, Porto; Liga dos Combatentes (Delegações de Monção, Braga, Santarém e Alcácer do Sal); João Nascimento, Aveiro; sarg.-aj. A Fernando Cunha Ferreira da Silva, Lisboa; Alfredo Jalles, Amadora; António F. Tavares Eiras, Porcelhe; Álvaro Ramalho, ex-mar. T, Lugar da Aldeia, Ovar; Abel Joaquim Valtelhas, Cova da Piedade; Joaquim António Gonçalves, Matosinhos; Joaquim Martins de Azevedo, Portimão; Domingos Ferreira da Cruz, Maia; Joaquim Sousa Ferreira, Branca; 1.º-ten. SG Manuel Domingues, G1EA; cap.-m.-g. Basto Carreira, Lisboa; v/alm. Sá Teixeira, Oeiras; 2.º-ten. António Carlos da Cruz Cordeiro, Portimão; Vitorino A. B. Guedelhas, Torre da Medronheira; Jerónimo Rebelo Rocha, Lisboa; chefe da Polícia Marítima António Joaquim Nobais, Lisboa; Adelino Nunes Diogo, Espinho; Francisco Félix Correia, Dagorda; Luís Maria Antunes, Laranjeiro; capelão Delmar Barreiros, N. E. "Sagres"; Manuel Luís do Nascimento, ex-gr. C, Castelo Branco; José António da Costa Neto, Coimbra; 1.º-sarg. CE João Lopes Neves, Coimbra; Eduardo da Silva Henriques, Cantanhede; António Lourenço Pereira Martins, ex-gr. CM, Oliveira de Azeméis; Manuel P. Duarte, Cruz de Pau; Nélson Ferreira Modesto, ex-mar. M, Alcoentre; v/alm. Paulino Pereira; c/alm. AN RF Alfredo Mota; v/alm. Braga da Silva e c/alm. Valeriano Gomes.

N.º 1 da "Revista da Armada"

Muitas pessoas nos têm escrito manifestando o desejo de adquirir o n.º 1 da Revista, que há muito se encontra esgotado.

Dada a impossibilidade de satisfazer todos os pedidos, e como pudemos dispor apenas de dez exemplares, resolvemos cedê-los por sorteio. Os interessados deverão inscrever-se na Secretaria da Revista até ao fim do mês corrente.

Mãe

Quantas vezes chorei no teu regaço
os sonhos e quimeras que perdi!
Quantas horas passadas junto a ti
contando minha dor e meu fracasso.

Quantas noites passaste, sem cansaço,
sentada, junto ao berço onde eu dormi,
quando ainda criança pus no Espaço
as Estátuas de Sol que já esqueci.

Por sofreres por mim as punhaladas;
Por ergueres meu corpo das estradas;
Por ti eu quis lutar, mas fracassei.

Repara, minha mãe, estou vencida!
Tua lição de amor foi esquecida.
Ensina-me a amar. Eu já não sei.

Helena L. M. Coentro Bonjour
Funcionária da D.S.E.C.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-sarg. CM Virgílio Rodrigues Serra com D. Maria Lopes Mota, em 11-11-78.

2.º-sarg. CM Alberto Rodrigues Fernandes com D. Maria Augusta Fernandes Marinho, em 27-11-78.

165968/Cabo US José Manuel Correia Gomes de Azevedo com D. América Maria Coutinho Malva, em 18-11-78.

221674/1.º-mar. CE Manuel Gonçalves Carneiro com D. Maria Cândida de Sousa Teixeira Gonçalves, em 10-11-78.

237074/1.º-mar. L Luís Manuel Ribeiro Tomé com D. Teresa de Araújo Gomes, em 18-11-78.

98777/1.º-gr. V José Joaquim Diniz com D. Maria da Conceição Barbosa, em 19-11-78.

231377/1.º-gr. V Eliseu Gomes Pedro com D. Maria do Rosário Fonseca, em 4-11-78.

256478/2.º-gr. Francisco Baptista Neco da Mota com D. Maria de Fátima Azevedo da Silva, em 5-11-78.

PASSAGENS A RESERVA/ /APOSENTAÇÕES

Cap.-m.-g. EMQ Francisco Manuel Lemos Pinheiro, em 11-12-78.

1.º-ten. SG Alfredo Aires Rodrigues, em 25-11-78.

1.º-sarg. E Edmundo da Cunha Correia, em 2-11-78.

1.º-sarg. H Arlindo Veríssimo Silva, em 29-11-78.

1.º-sarg. L Fernando Augusto, em 5-12-78.

416156/Cabo CM Alberto Gonçalves, em 29-11-78.

495258/Cabo L Raul Vaia dos Santos Magalhães, em 5-12-78.

Insp. da Polícia Marítima Manuel Nunes Leitão, em 31-12-78.

Cabo da ponte, do troço do mar, Jerónimo Pereira Nunes, em 31-12-78.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

V/alm. RA José de Aires Gomes Ramos, em 13-12-78.

C/alm. EMQ RF Pedro da Conceição Mousinho, em 22-12-78.

Cap.-ten. RA Manuel Branco Lopes, em 22-12-78.

Cap.-ten. SG RF José Policarpo de Barros, em 26-12-78.

272122/Cabo CM RF Manuel Luís Franco, em 2-12-78.

227133/Cabo A RA José Henriques Candeias, em 25-12-78.

70777/2.º-mar. M Jorge Fernandes Castro, em 29-11-78.

271216/1.º-gr. M RF Diogo Xavier da Costa, em 18-12-78.

Em Ensenada e San Diego a "Sagres" foi rainha no Festival Cabrilho

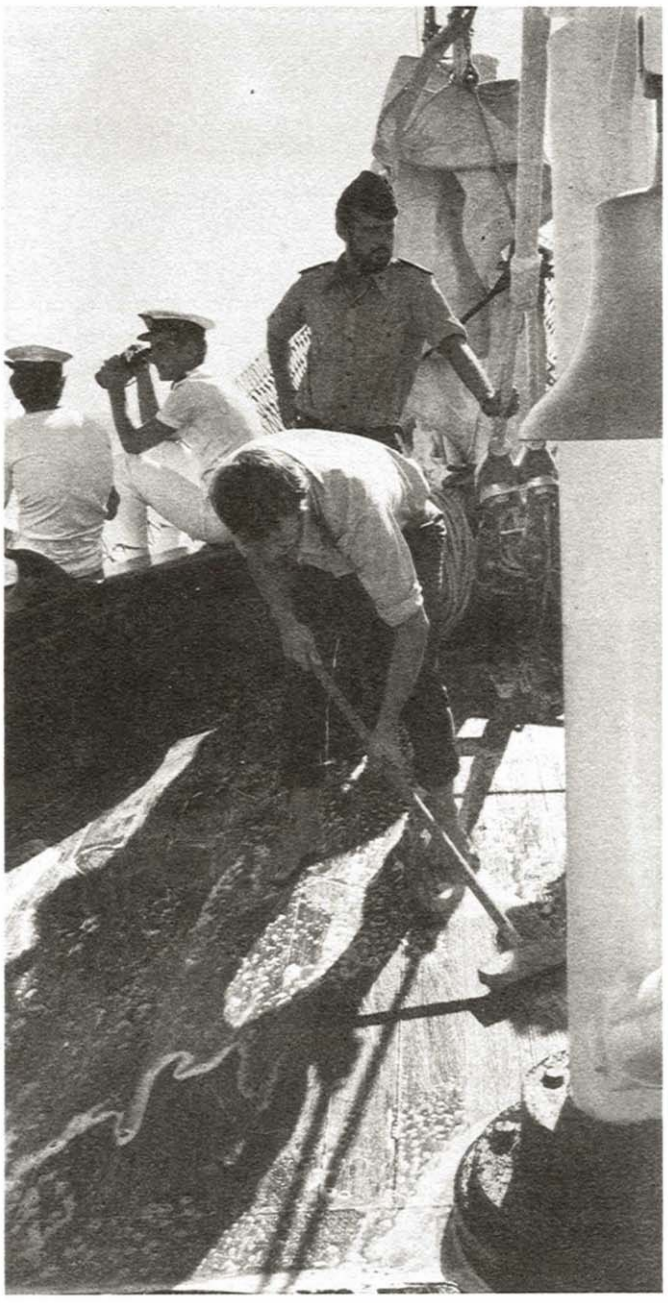
Desde há muito que a comunidade portuguesa da Califórnia envidava esforços no sentido de a "Sagres" estar presente no Festival Cabrilho.

Contudo, só este ano foi possível a concretização desse sonho. Por feliz coincidência, também o México participou, pela primeira vez, nas referidas festividades. E assim, ao celebrar-se o 436.º aniversário da descoberta da Califórnia pelo navegador português João Rodrigues Cabrilho viu-se a "Sagres", como embaixatriz de Portugal, rodeada de calor e de carinho nos portos de Ensenada (México) e San Diego (Estados Unidos). Ensenada, pequena cidade tipicamente mexicana, a poucas milhas da fronteira com os Estados Unidos, orgulha-se de ser a terra onde João Rodrigues Cabrilho desembarcou em 1542. Mas, de então para cá, nada houve, a nível nacional, que tivesse despertado a atenção para tal facto. Apenas em San Diego se celebrava a efeméride. Este ano, porém, o México quis associar-se intimamente às celebrações, sendo Ensenada o seu primeiro palco, onde a "Sagres" foi recebida entusiasticamente por representantes de Portugal, México e Estados Unidos, além do corpo directivo do festival. Música, flores e abraços foi o cenário oferecido por aquela linda terra e sua simpática gente. Um navio da Guarda Costeira esperou a "Sagres" na Baía de Todos os Santos, acompanhando-a ao cais, onde uma multidão se apinhava para lhe dar as boas-vindas. E aí mesmo, no cais, o *mayor* da cidade pronunciou uma vibrante saudação, tendo também usado da palavra, em nome de Portugal, o contra-almirante Cardoso Tavares, que de Lisboa se deslocara em representação da Armada. Os dois dias de permanência foram preenchidos com um programa bastante vasto, sendo de salientar a oferta de uma placa que há-de figurar num futuro monumento a Cabrilho, uma recepção oferecida pelo Governo do México, um passeio pela cidade, recepção a bordo, etc. A par da gentileza e simpatia, foi nota dominante a vivacidade e alegria dos nossos anfitriões mexicanos. De salientar ainda as facilidades concedidas e o apoio prestado pelo turismo local a toda a guarnição da "Sagres". Não será fácil, por isso, esquecer a nossa passagem por Ensenada, donde se partiu com uma certa nostalgia e com esta canção mexicana nos ouvidos...

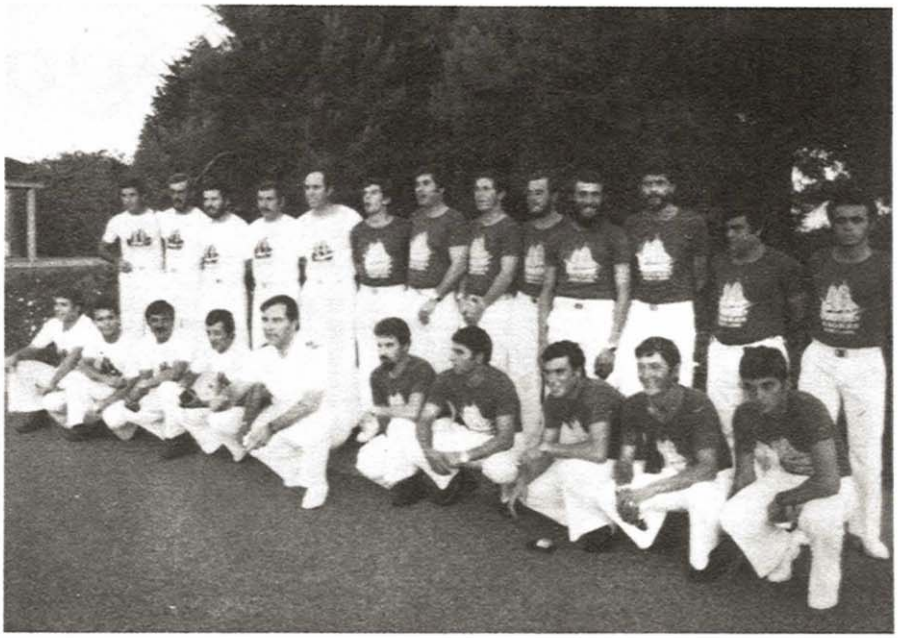
Ai, ai, ai, canta e no llores
Porque cantando se allegran
Cielito lindo, los corazones.

Criar boa disposição e fazer vibrar as pessoas, parece ser virtude do alegre povo mexicano, já que, de Acapulco, viemos trauteando outra canção:

La cucaracha, la cucaracha
Já no sabe camiñar...



Pormenor da vida quotidiana a bordo.



O Grupo Coral "Sagres".

Os promotores do Festival Cabrilho aguardando a "Sagr

SAN DIEGO A VISTA

San Diego era uma das grandes metas a atingir e, quem sabe, talvez a cidade que motivou todas as metas desta célebre viagem. Aí, os alunos da Escola Naval deixariam o navio para regressar, de avião, a Lisboa, pois estava à porta o começo de um novo ano lectivo. Aí, uma escala de dez dias para tomar parte intensa e activa nas celebrações Cabrilho. Aí, uma numerosa e conceituada comunidade portuguesa que nos esperava. Enfim, San Diego aguardáva-nos, San Diego estava à vista. Poucas milhas nos separavam e uma tarde e uma noite eram o tempo suficiente para dar as últimas *escovadelas* à "Sagres" e surgir *reluzente* como quem aparece em cerimónia de grande gala.

Porém, tarde e noite não foram suficientes para a satisfação sôfrega de uma movimentada e buliçosa equipa de reportagem que de San Diego se deslocara a Ensenada para *embarcar* connosco. Televisão, rádio, jornais, tudo estava presente. Americanos, ou quase, já que o repórter TV era castiço carioca há poucos anos tornado *gringo,* o senhor Leen, quisera fazer mesmo uma reportagem à americana.

Fotografar, gravar, entrevistar, registar, foi um *despir* a "Sagres" por dentro e por fora. Não eram *chatos*, nem antipáticos, os repórteres, eram sim, amáveis e briosos no cumprimento da sua missão. E a prova ficou patente nas belas reportagens que, dias mais tarde, pudémos ver na televisão e nos jornais de San Diego.

Já agora salientarei que dois dos repórteres eram do sexo feminino, um dos quais, Alison da Rosa, arengava umas palavras à maneira do Pico, aprendidas com seus avós, que eram açoreanos. Verdade se diga, deram muito boas provas de adaptação ao mar. Parece ter sido a primeira vez que na "Sagres", segundo ouvimos ao seu comandante, houve *marujas* a navegar. E após tão agradável tirada, até porque muito curta, chegou-se a San Diego.

Embarcações da Coast Guard e elevado número de pequenos veleiros faziam honras à "Sagres", rodeando-a e acompanhando-a ao cais, após a salva de vinte e um tiros da praxe. Ruidosas palmas, muitos vivas, muitas aclamações. Assim foi a chegada ao ansiado porto, depois de percorridas, desde Lisboa, 8720 milhas em mil quinhentas e oitenta e quatro horas de navegação.

Eram dez horas do dia 22 de Setembro. O Brodway Pier tornara-se a vasta sala onde eram dadas as boas-vindas e onde, também, acenavam contentes, em jeito de saudade, esposas de alguns elementos da guarnição, acabadas de chegar da capital portuguesa.

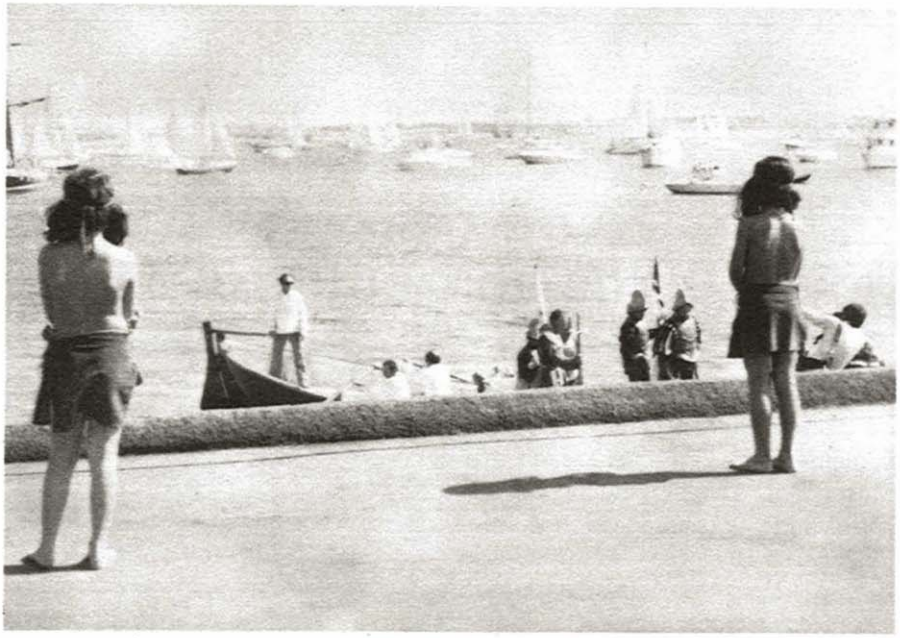
Nesse mesmo dia, à tarde, o navio era obsequiado com uma requintada recepção pelo Tuna Industry, dada a bordo de um dos seus navios, desenhado, construído e capitaneado por emigrantes portugueses. A partir daí não mais se parou. Desta vez, não era apenas o comandante, era toda uma guarnição que não parava. Em desabafo o digo, não em desagrado, mas ... foi demais! O programa da nossa estadia foi exageradamente cheio, direi mesmo, cansativo. Longe de mim a ideia de ser mal agradecido ou desdizer da boa vontade de quem tudo organizou com tanto enlevo, entusiasmo e carinho. O que afirmo só prova a extrema gentileza e a vontade desmedida de receber, graças à comissão do festival, nomeadamente à sua incansável e dedicadíssima presidente, Mrs. Mary R. Giglito. Dos inúmeros momentos das comemorações Cabrilho, salientarei apenas alguns:

Recepção oferecida pela Liga de Portugal-América, regata Cabrilho, espectáculo Militar, concerto pela banda da U. S. Marine Corps, espectáculo de Folclore, cerimónia junto ao momumento Cabrilho, representação evocativa da chegada de Cabrilho e arraial de despedida à "Sagres".

A quase todos esses actos assistiu o vice-almirante Garcez de Lencastre, em representação do chefe do Estado-Maior da Armada, e, a alguns deles, assistiu também o Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, como convidado de honra.

Em representação pessoal do vice-almirante Sarmento Rodrigues, cidadão honorário de San Diego, especialmente convidado para as celebrações, en-

es" em Ensenada.



Reconstituição do desembarque de Cabrilho em San Diego.

contrava-se sua filha Ana Maria que, para o efeito, se deslocara a Ensenada e San Diego.

Em alguns dos actos referidos, o Grupo Coral "Sagres", apareceu a dar um *arzinho da sua graça* e a desfiar algumas canções do seu reportório, não lhe sendo regateados os aplausos da assistência. Em determinada actuação mereceu mesmo elogio público do embaixador de Portugal, dr. João Hall Themido e da presidente do Festival, Mrs. Giglito.

A entremear com os actos oficiais das comemorações, havia umas agradáveis variantes tais como visitas ao portentoso e magnífico Sea World, à deslumbrante e espectacular Disneylândia, próxima de Los Angeles, e ao famoso e inigualável Zoo de San Diego, locais visitados por quase toda a guarnição.

Um ou outro elemento, amante da sétima arte e admirador de *estrelas*, visitaram Hollywood. Os que não foram tiveram a sorte de serem visitados por algumas.

Enfim, dez dias que mal deram para respirar, dez dias numa lufa-lufa constante, dez dias que não esquecerão.

Nem eu esquecerei o meu último dia em San Diego por me ver, de repente, a representar o Patriarca de Lisboa.

Uma missa estava marcada na igreja de Point Loma, um lindo bairro, onde vive grande parte da comunidade portuguesa. De antemão, eu sabia que o celebrante era sua Eminência. Porém, a morte de João Paulo I motivou o seu regresso inesperado a Lisboa e a Roma, precisamente na manhã do domingo em que a referida missa seria celebrada. E ... lá vou eu, em vez do senhor Patriarca.

Tudo correu bem, a recepção, os aplausos, os cumprimentos das autoridades, as palavras do senhor embaixador. Fiquei convencido de que o difícil não é fazer as vezes de; o difícil é sê-lo!

Infelizmente, também não esquecerá o infausto e terrível desastre de aviação, ocorrido em San Diego, quase no final da nossa estadia.

Eu próprio, como muitos outros, vi o avião em chamas, precipitando-se sobre o casario.

Regressava de Sacramento, a capital da Califórnia, e fazia-se à pista. Uma pequena avioneta acabava de

Reconstituição do desembarque de Cabrilho em San Diego.

deslocar. E, ali mesmo, no céu de San Diego, um e outro chocam e caiem em chamas.

Sobre a zona residencial do aeroporto, nada restava deles para além dos cento e trinta e oito mortos, destroços e cinzas.

Foi o maior desastre da aviação comercial americana.

Contudo, na hora da largada, não faltaram, no cais, os acenos de despedida à "Sagres". O seu próprio gurupés apontava agora em direcção a S. Francisco. No mesmo dia, e quase à mesma hora, no aeroporto militar, um avião da Força Aérea Portuguesa levantava rumo a Lisboa, trazendo a bordo os alunos do Curso "Afonso de Paiva" e os representantes das Academias do Ar e do Exército.

Eu também pertenci ao número dos que regressaram a Lisboa empilhados como sardinha em lata, fazendo dezanove horas de voo, com meia hora de escala em Andrews, base aérea de Washington.

E chegámos! A "Sagres" continua o seu destino, sulcando os mares e gozando uma vez por outra os encantos da terra, onde, galhardamente, se apresenta como *Rainha.*

Delmar Barreiros

Capelão graduado em 1.º-ten.

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Foi em 20 de Dezembro que foi posta em circulação a última série de selos portugueses de 1978, por sinal comemorativa do centenário do Museu dos CTT e, simultaneamente assinalando a passagem dos centenários da Biblioteca dos CTT e do Bilhete Postal Português, e ainda o 125.º aniversário do selo postal português.

Como se pode apreciar nos selos que reproduzimos, os motivos que os ilustram, no original muito bem coloridos, são diferentes e cada um focando um dos acontecimentos evocados.

Consideramos o conjunto muito válido e de interesse.

Contudo, e salvo melhor opinião, parece um tanto exagerado associar numa só série tantos factos que, embora realacionados, em um dos casos merecia tratamento especial.

Referimo-nos concretamente ao centenário do Bilhete Postal Português, uma vez que, nos nossos dias, é uma autêntica especialização dentro do coleccionismo filatélico e, se tivermos em conta que tendo aparecido um quarto de século depois do selo postal português, pode ufanar-se de até hoje ter sido emitido em número e variedade muito maior que os próprios selos.

Além disso, muitos bilhetes postais são classificados como do mais belo que existe, e por tal considerados autênticas preciosidades, não só pela arte e beleza que patenteiam, mas também pela intenção pedagógica bem evidente e compreendida em tantos deles.

Por isso mesmo, a razão deste desabafo, que sabemos é o mesmo de muitos filatelistas portugueses, e quem sabe, de outros países onde a filatelia e os seus ramos têm muitos adeptos.

CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL

Festejou, em 8 de Dezembro último, este prestigiado clube, sediado em Lisboa (Av. Almirante Reis, 70-5.º Dto.), a passagem do 35.º aniversário da sua existência.

Trata-se, sem dúvida, do maior clube do género no nosso país, a quem a filatelia e os filatelistas portugueses muito devem.

Com efeito, ao longo de uma existência que tem de se considerar longa, muito tem feito a agremiação no sentido de prestigiar e elevar a nossa filatelia, o que de verdade, tem conseguido.

Não possuindo um elevado número de associados que permita mais altos voos, mesmo assim, pode orgulhar-se de uma obra realizada, verdadeiramente notável.

Associando-se às comemorações, os CTT montaram, na sede do clube, onde se realizou uma exposição, um posto de correio, onde foi utilizado o carimbo que reproduzimos.

Ao Clube Filatélico de Portugal, aqui deixamos as nossas felicitações.

3.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA JUVENIL NATAL 78

Entre 17 e 23 de Dezembro, esteve patente ao público, num dos salões da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, uma muito interessante exposição com a designação em epígrafe, que foi organizada pela secção filatélica daquela associação.

Foram em número de doze os expositores que marcaram presença, todos dentro do coleccionismo temático, sendo evidente não apenas os

conhecimentos dos jovens coleccionadores, mas também uma variedade de temas que nos garante que a filatelia juvenil no nosso país, dentro em pouco, irá marcar posição em qualquer lugar onde se mostre.

Que bom seria para a filatelia portuguesa se, exemplos como este fossem seguidos por tantos outros agrupamentos espalhados pelo país.

TURIPEX 79

Será assim designada uma exposição filatélica do tema Turismo que, entre os próximos dias 9 e 15 de Junho, se vai realizar no Algarve, mais concretamente, no Hotel Alvor-Praia.

A organização pertence à secção de coleccionismo do Clube União Portimonense, entidade muito activa e que tem apresentado excelentes certames, o que pensamos se vai repetir, não apenas porque o tema é na verdade de muito interesse, mas também porque temos entre nós bons coleccionadores nele especializados.

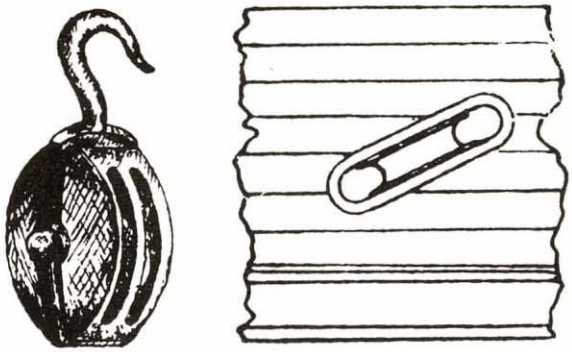
Além disso, é de prever a presença de coleccionadores de outros países, o que, à partida, dá à exposição um cariz internacional, que lhe confirirá maior projecção.

Se elementos mais completos nos chegarem, deles aqui nos ocuparemos.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Terminologia Naval

GORNE — Abertura na caixa do poleame de laborar onde trabalha a roldana. Abertura com roldana em qualquer peça, destinada a dar passagem a um cabo de laborar.



GORNIR — Enfiar um cabo nos gornes de qualquer peça de poleame. Passar a amarra ou um cabo, ao cabrestante ou ao tambor de um guincho. Entrar ou fazer entrar. Enfiar.

GORNIR NO BELICHE — Em calão naval, dormir.

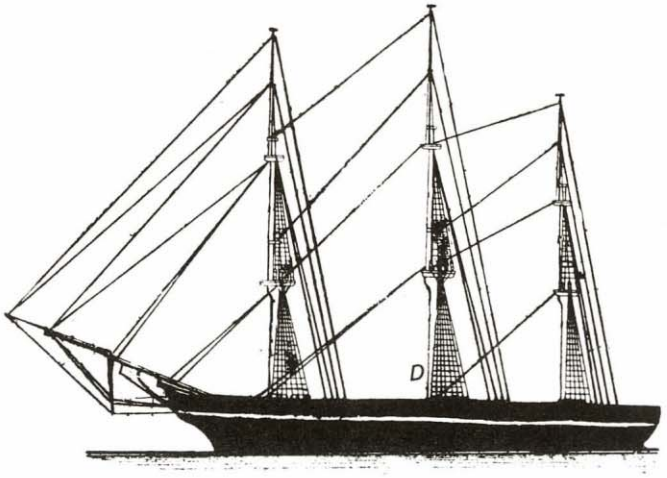
GOVERNADOR DE NAVIO — Título que, no século XVIII, era dado ao comandante de um navio.

GOVERNAR — Conduzir o navio utilizando o leme ou apenas as máquinas ou velas, em caso de avaria daquele. Em gíria naval: não governar a meio, ou governar com duas ou três malaguetas — ser pessoa pouco ajuizada.

GRADE DE MARÉ — Plataforma de madeira destinada a assentamento de navios pequenos ou embarcações para reparação e beneficiação, construída junto ao mar ou margens de um rio e que, apoiada em estacaria, permite aquela operação aproveitando preia-mares de águas-vivas.

GRANADAS — Em calão naval, o grão de bico.

GRANDE — O maior dos mastros de um navio; nos navios de três mastros, é o mastro do meio. Verga que cruza o mastro grande ou vela que nela enverga. Vento ou mar muito forte.

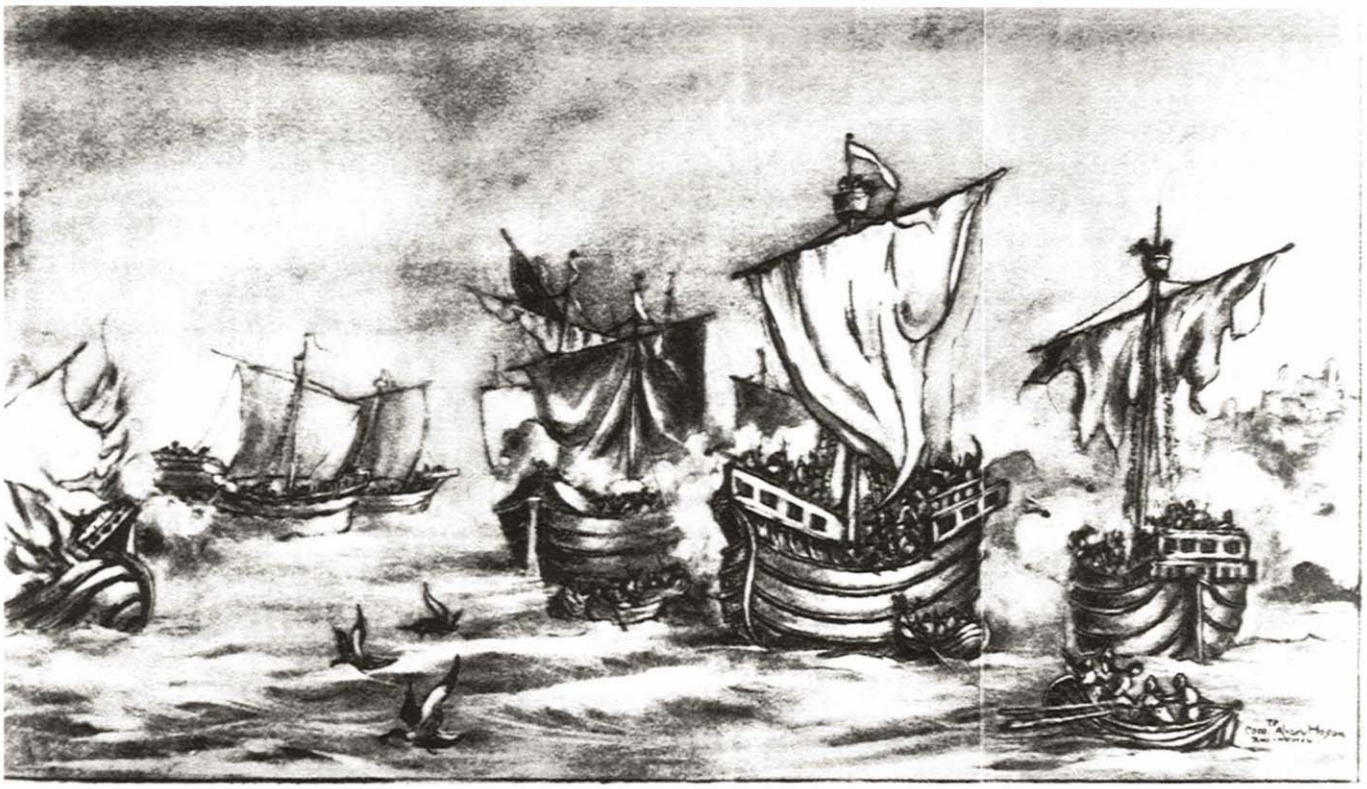


D — mastro grande

GRANEL — Desarrumação. A granel: géneros ou artigos soltos, não ensacados ou empacotados. Serviço desordenado. Em abundância.

GRANIZADA — Queda abundante de granizo; saraivada. Coisas caindo em grande quantidade.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN



Batalha naval do Tejo, em Julho de 1384 (desenho do comandante Álvaro Hogan).

Heróis do mar

No prefácio da "História de Portugal", edição monumental comemorativa do VIII Centenário da Fundação da Nacionalidade, editada em 1928, sob a direcção do professor Damião Peres, lê-se a certo passo:

> *No fim do século XIV, uma tentativa de unificação luso-castelhana vem pôr à prova o sentir nacional. Portugal inteiro, numa luta em que há verdadeiros traços de epopeia, afirma solenemente ser uma coisa de mais grandioso que simples nesga de território cuja independência derive de mero acto de rebeldia.*
> *As vidas heroicamente sacrificadas clamam bem alto que Portugal é uma Pátria.*

É exactamente um episódio passado durante aquele período grave para a nossa independência que a "História da Marinha Portuguesa" nos conta, e que, por ter tido como protagonista um valente homem do mar, merece ser lembrado nestas colunas, para que se não perca na Armada o culto dos seus grandes vultos, ignorados pela grande maioria dos portugueses.

Parece ter sido na noite de 17 de Julho de 1384, que fundeou em Cascais uma esquadra portuguesa composta de 17 naus e 7 galés, vinda do Porto, sob o comando do capitão-mor Rui Pereira, trazendo *farinha, carnes, pescado e vinho*, para obstar ao intento do rei de Castela que pretendia a conquista de Lisboa pela fome, caso a não conseguisse pela força de armas.

Na manhã do dia seguinte, Rui Pereira entrou a barra para tentar furar o bloqueio feito por 40 naus e 13 galés que aquele monarca tinha no Restelo Velho à sua espera.

Ia começar a batalha decisiva para a causa do Mestre de Aviz. Vale a pena transcrever aqui o que diz a "História da Marinha":

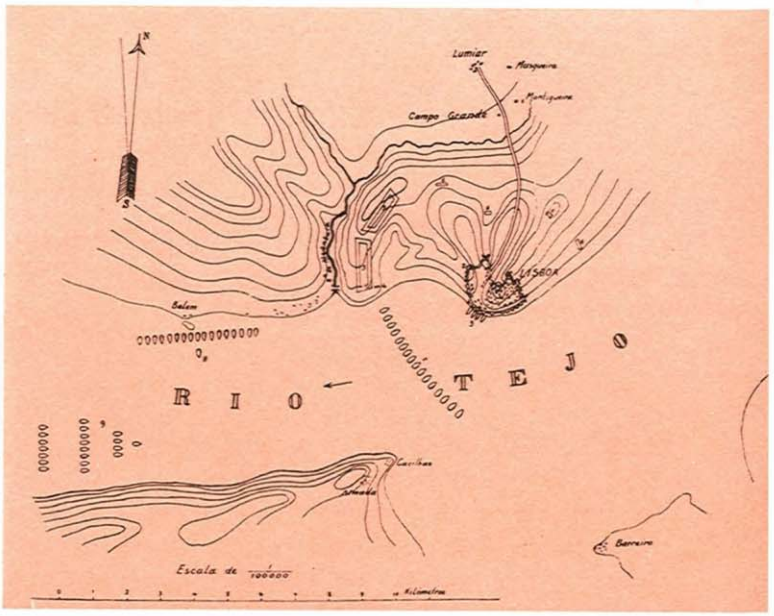
> *Rui Pereira, o chefe da vanguarda, ao desfechar com as naus castelhanas e sem conhecer as suas intenções, navegou sobre elas e, como se não mexessem, fez bordo para Almada conforme as instruções. Os castelhanos quando tiveram as naus portuguesas a seu sotavento levantaram ferro, navegaram sobre a força portuguesa alcançando a linha das galés que acompanhavam as naus. Rui Pereira, seguido pelas naus, manobrou para se interpor entre as galés portuguesas e as naus castelhanas. Atacou-as com fúria, elas ripostaram energicamente, e travou-se luta terrível entre as naus dos dois beligerantes. As galés portuguesas e o resto das naus da esquadra passaram e vieram fundear dentro do limite traçado pelas estacadas.*
> *Rui Pereira, no seu navio, batia-se como um leão. Afrontado pelo calor daquele dia de Julho ardente, alçou a cara do bacinete que mal podia suportar. Neste mesmo instante, um virote despedido por mão certeira alcançou-o na testa com tal violência, que a morte foi quase instantânea.*

Tinham-se perdido *três naus, bastantes mortos, feridos e prisioneiros*. Grandes actos de heroísmo se terão praticado nesta luta entre forças desiguais. Mas estava atingido o objectivo, com os navios portugueses dentro da estacada e os castelhanos de volta para o Restelo.

E é ainda a "História da Marinha" que nos diz:

> *Os historiadores nacionais nunca deram o devido relevo ao feito de Rui Pereira.*
> *O heróico capitão-mor das naus do Mestre de Aviz salvou a causa da independência. Não haja dúvida. Se Lisboa não fosse abastecida, a rendição da cidade era certa e, rendida Lisboa pela fome, perdida estava a causa do Mestre e da Pátria Portuguesa!*

Não tinha, porém, terminado o martírio dos portugueses. O cerco à cidade continuou até 3 de Setembro, após 4 meses e 27 dias.
Ainda haveria outro combate em 27 de Agosto, dia em que o rei de Castela, agora com mais de 70 navios fundeados no Tejo, mandou um troço da esquadra atacar as galés portuguesas.
E é a altura de se distinguir outro valente marinheiro, João Rodrigues de Sá, que, no fim do combate tinha *apenas* quinze feridas no corpo, duas das quais na cara.
Diz a História que devido a este feito heróico, Rodrigues de Sá ficou conhecido pelo "Sá das Galés".
Para nós, é um dos muitos obreiros ignorados, deste Portugal que hoje disfrutamos, que bem merecem o título de "Heróis do Mar".



Plano do cerco de Lisboa, em 1384.

SEASA
Cabo aux.

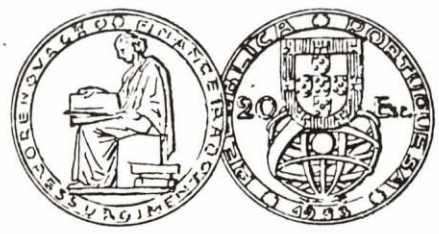
Numismática e Medalhística

MOEDAS PORTUGUESAS DA REPÚBLICA — XI

VINTE ESCUDOS (20$00)

Este valor, bastante elevado para circular nas transações correntes, cunhou-se principalmente para comemorar factos. Vamos portanto enumerá-los, seguindo sempre a ordem cronológica dos acontecimentos.

1953
— RENOVAÇÃO FINANCEIRA (PRATA)



Surge nesta data a primeira moeda portuguesa de 20$00! Bastante elevado o seu valor, pois dobrou o valor da moeda mais valiosa em circulação — os 10$00 — apareceu comemorando a "Renovação Financeira" e o "Ressurgimento" que se faziam sentir em Portugal. Circulou, aparecendo exemplares muitíssimos gastos. Exemplar de pouca raridade, atinge os 250$00 quando se apresenta BELA, tendo apenas valor de fundição para outros graus de conservação.
Pesa 21 gramas e tem de diâmetro 34 mm. Prata de 800 %o.
Apresenta figura de mulher sentada numa das faces e na outra o escudo nacional.

1960
— INFANTE D. HENRIQUE (PRATA)

Surgiu esta moeda numa série de três, comemorando o V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. Solta, isto é, sem fazer parte do conjunto comemorativo, pode atingir os 800$00 — BELA. Estes exemplares costumam encontrar-se em perfeito estado de conservação.
Pesa 21 gramas e tem de diâmetro 34 mm. Prata de 800 %o.
Apresenta numa das faces o Infante e na outra o escudo nacional.

1966
— PONTE SALAZAR (PRATA)

Apareceu, mercê da construção da

ponte sobre o Tejo, hoje chamada "25 de Abril". O primeiro nome foi o do presidente do conselho de ministros de então — dr. Oliveira Salazar — que passou a ser inserido nestas moedas.

Numa das faces, a ponte e as legendas *Lisboa; Ponte Salazar; República Portuguesa* e *1966;* na outra, o escudo nacional e valor.

Aparece BELA frequentemente, oscilando o seu valor pelos 70$00. Pesa 10 gramas e tem de diâmetro 30 mm. Prata de 650 %o.

VINTE E CINCO ESCUDOS (25$00)

Este novo valor surgiu em 1977, no intuito de substituir a nota de 20$00. Moeda para circular no dia a dia, mas de pouca aceitação por se confundir com os actuais 5$00, no tamanho, apresenta no reverso rosto de mulher e a legenda *Liberdade; Democracia* e data. No anverso, o escudo nacional, valor e a legenda *República Portuguesa.*

Sem qualquer valor mercantil, apresenta-se com um diâmetro de 26 mm e pesa 8 gramas. É feita em cuproníquel.

A sua cunhagem atingiu os 34 000 000 de exemplares e processou-se com base nos decretos-leis n.os 847/76 de 15 de Dezembro e 534/77 de 30 de Dezembro.

Não falamos das novas moedas de Alexandre Herculano, em cuja série se inclui o valor de 25$00, por não ter sido ainda cunhada e por não dispormos de informações precisas sobre este assunto.

AFAC

Desporto

CAMPEONATO DE ANDEBOL DE 7 DAS FORÇAS ARMADAS

Organizado pela Direcção do Serviço de Educação Física (Armada), realizou-se de 4 a 11 de Dezembro findo, no Pavilhão da Tapadinha, em Lisboa, o Campeonato de Andebol de 7 das Forças Armadas, de que foi vencedora a equipa representativa do Exército, que somou por vitórias os jogos disputados. A equipa da Armada classificou-se em 2.° lugar.

Classificação

1.° — Exército ..... 8 pontos
2.° — Armada ..... 6 pontos
3.° — Força Aérea ..... 4 pontos
4.° — G.N.R. ..... 2 pontos
5.° — P.S.P. ..... 0 pontos

Equipa de andebol de 7 da Armada.

CAMPEONATO DE CORTA-MATO DAS FORÇAS ARMADAS

Organizado pela Força Aérea, efectou-se, no dia 30 de Novembro último, nos terrenos da Base Aérea 2, na Ota, o 3.° Corta-mato das Forças Armadas.

O Campeonato disputou-se em duas provas — corta-mato curto (4,5 quilómetros) e corta-mato longo (12 quilómetros) — e teve a presença de equipas representativas da Armada, Exército, Força Aérea, G.N.R. e P.S.P.

CORTA-MATO CURTO

Classificação individual

1.° — 1.°-mar. Oliveira (Armada) 14m 47,8s
2.° — 1.°-mar. Freitas (Armada) 14m 56,2s
3.° — 1.°-mar. Pimenta (Armada) 15m 06,0s
4.° — Gr. Duarte (Armada) 15m 13,2s
5.° — 1.° cabo Inácio (Exército) 15m 28,6s

Classificação colectiva

1.º — Armada	6 pontos
2.º — Exército	21 pontos
3.º — Força Aérea	31 pontos
4.º — G.N.R.	49 pontos
5.º — P.S.P.	64 pontos

CORTA-MATO LONGO

Classificação individual

1.º — Gr. Marques (Armada)	36m 19,6s
2.º — 1.º-mar. Pedras (Armada)	37m 24,2s
3.º — Sold. Resende (Exército)	37m 59,0s
4.º — Gr. Lemos (Armada)	38 m 37,2s
5.º — Sol. Teixeira (Exército)	38m 53,6s

Classificação colectiva

1.º — Exército	43 pontos
2.º — Armada	44 pontos
3.º — Força Aérea	111 pontos
4.º — G.N.R.	146 pontos
5.º — P.S.P.	189 pontos

O 2.º-gr. E Rafael Marques, brilhante vencedor do corta-mato longo e da 1.ª meia-maratona das Forças Armadas.

1.ª MEIA-MARATONA DAS FORÇAS ARMADAS

Aspecto da largada para a 1.ª meia-maratona das Forças Armadas.

Com a participação de cerca de 250 atletas, em representação da Armada, Exército, Força Aérea, G.N.R. e P.S.P., correu-se, no dia 14 de Dezembro passado, a 1.ª Meia-maratona das Forças Armadas.

Com partida da Fonte da Telha, a prova terminou na pista do complexo desportivo da Base Naval de Lisboa, no Alfeite.

A organização pertenceu à D.S.E.F. (Armada).

Classificação individual

1.º — Gr. Marques (Armada)	55m 48s
2.º — Sold. Viegas (Exército)	55m 56s
3.º — Sold. Resende (Exército)	56m 26s
4.º — Gr. Lemos (Armada)	56m 45s
5.º — Sold. Silva (Exército)	58m 58s

Classificação colectiva

1.º — Exército	37 pontos
2.º — Armada	47 pontos
3.º — Força Aérea	139 pontos
4.º — G.N.R.	184 pontos
5.º — P.S.P.	247 pontos

(Colaboração da D.S.E.F.)

Reportagem

CRIADA A ACADEMIA DE MARINHA

Por portaria do Conselho da Revolução, recentemente publicada, foi criada a Academia de Marinha, que se destina a *promover os estudos e divulgar os conhecimentos relacionados com as Ciências, as Letras, as Artes e tudo o mais que diga respeito ao mar e às actividades marítimas.*

Este organismo substitui o Centro de Estudos de Marinha, cujos actuais membros efectivos, associados e correspondentes transitam, com as mesmas categorias, para a Academia de Marinha, bem como todo o património.

A acção desenvolvida pelo Centro de Estudos de Marinha aconselhava a criação da nova Academia como *organismo essencialmente cultural de nível compatível com o prestígio que, nacional e internacionalmente, aquele Centro grangeou*, conforme refere o diploma publicado.

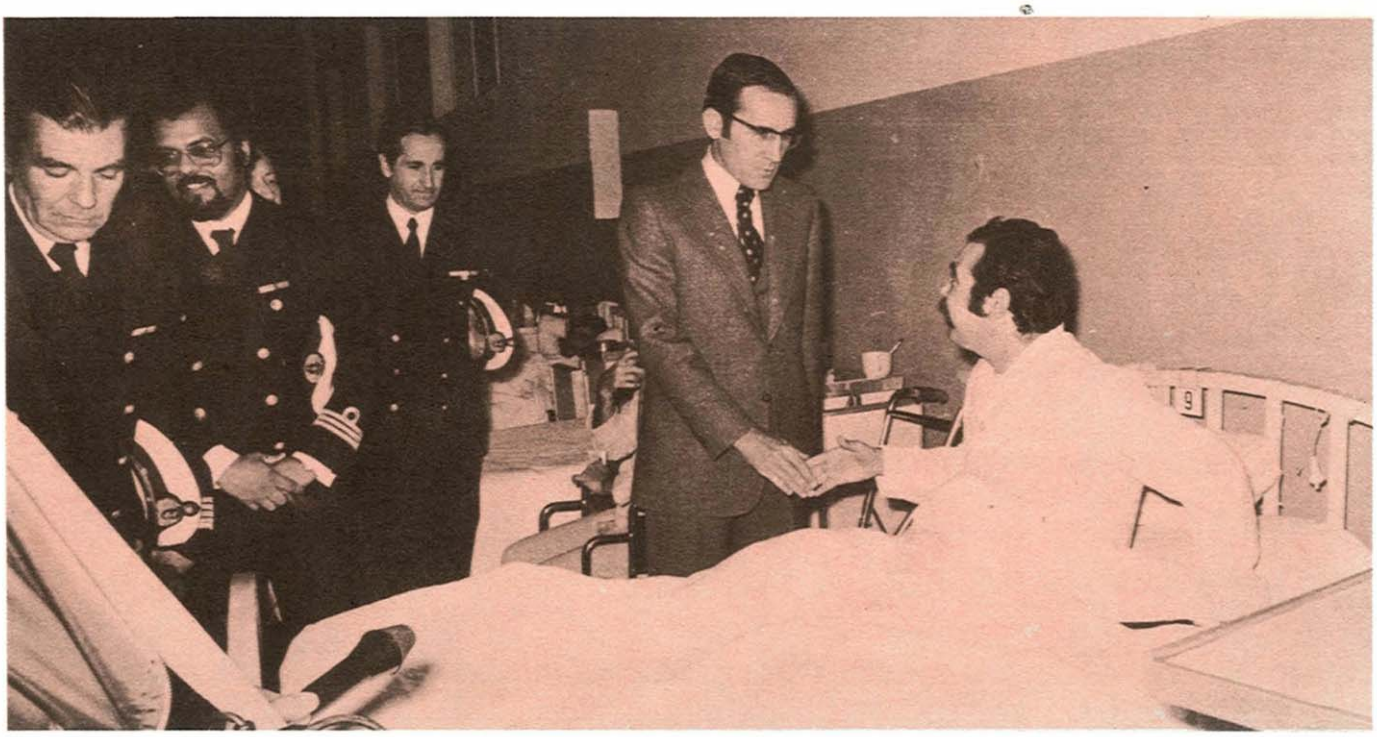
Os cargos de direcção e administração do novo organismo serão assegurados pelos actuais dirigentes do Centro, enquanto não for publicado o regulamento próprio.

O ALMIRANTE CEMA VISITOU O G1EA

O almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, visitou, no dia 14 de Dezembro findo, o Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira.

A deslocação do almirante CEMA

àquele estabelecimento de ensino, vem na sequência das visitas que tem efectuado a vários comandos e unidades da Armada.
Durante a visita, teve ocasião de se inteirar do funcionamento e principais actividades em curso nas diversas escolas que integram aquele Grupo, estabelecendo contacto directo com os militares que nele prestam serviço.



O GENERAL RAMALHO EANES VISITOU O HOSPITAL DA MARINHA

Na sequência das visitas feitas a vários hospitais civis e militares durante a quadra natalícia, o Presidente da República e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, esteve, no dia 21 de Dezembro último, no Hospital da Marinha.

Recebido pelos chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, director do Serviço de Saúde Naval, contra-almirante MN Tarouca da Silva, e director daquele estabelecimento hospitalar da Armada, capitão-de-mar-e-guerra MN Luís Santa Bárbara, percorreu demoradamente as enfermarias do hospital, acompanhado do respectivo corpo clínico que o ia esclarecendo sobre o estado de cada um dos 150 doentes internados, tendo o Presidente da República conversado com alguns deles.

O hospital está a beneficiar de obras, com vista a uma remodelação geral que permita a instalação de uma enfermaria destinada a familiares dos militares.
O contra-almirante MN Tarouca da Silva deu conta da situação actual dos hospitais militares, os quais têm uma ocupação que ronda os 50% com doentes da terceira idade, alvitrando a criação de um serviço de Gerontologia para os três ramos das Forças Armadas, localizado no Alfeite ou em Coimbra. O Presidente da República encarregou o almirante CEMA de apresentar o respectivo estudo.
Antes de se retirar, o general Ramalho Eanes manifestou ao director do hospital a sua satisfação, como militar, pela maneira carinhosa como os doentes ali são tratados como se de uma família se tratasse.
Reatando uma tradição, que datava de 1881 e que se perdeu depois de 1933, assinou o livro de honra do hospital.

Aspecto da cerimónia da recepção definitiva do ETARM.

RECEPÇÃO DEFINITIVA DO ETARM

Em data recente foi formalizada a recepção definitiva do ETARM — Equipamento Telegráfico Automático de Retransmissão de Mensagens.

Ao acto simbólico, que teve lugar nas instalações do Centro de Comunicações da Armada, estiveram presentes os capitães-de-mar-e-guerra Medeiros e Câmara e Ribeiro dos Ramos, director das Infra-Estruturas Navais e chefe da IV Divisão do Estado-Maior da Armada, respectivamente, capitão-de-fragata Gomes Lopes, chefe daquele Centro, um representante da firma francesa construtora — CIT-ALCATEL —, a gerência da firma vendedora e os oficiais da guarnição do CCA.

A recepção definitiva realizar-se-ia após seis meses de funcionamento, em condições satisfatórias para a Armada, contados a partir da data da recepção provisória.

O ETARM funciona como centro de comutação e processamento de mensagens da rede telegráfica da Armada. Desde a recepção, arquivo, "contrôle" e difusão das mensagens, tudo é feito duma forma automática, sendo, para tal, utilizadas duas cadeias de tratamento (computadores) que funcionam em perfeito sincronismo. A falha de qualquer uma delas não implica uma descontinuidade no processamento do tráfego, o que constitui um importante factor na alta fiabilidade do sistema. Não só por razões de ordem operacional, mas também devido ao carácter aleatório da chegada das mensagens e da posterior necessidade de resposta imediata, o computador funciona 24 horas por dia em tempo real.

Para a supervisão da rede telegráfica existe uma consola na qual se pode visualizar todo o estado da rede, situação das cadeias de tratamento, e eventual "contrôle" por processos extremamente simples. O sistema pode verificar 80 circuitos telegráficos dos quais 24 a 75 *bauds* e 56 a 50 *bauds*, tem uma capacidade nominal de 4500 mensagens recebidas e 9000

Uma das salas do Centro de Comunicações da Armada.

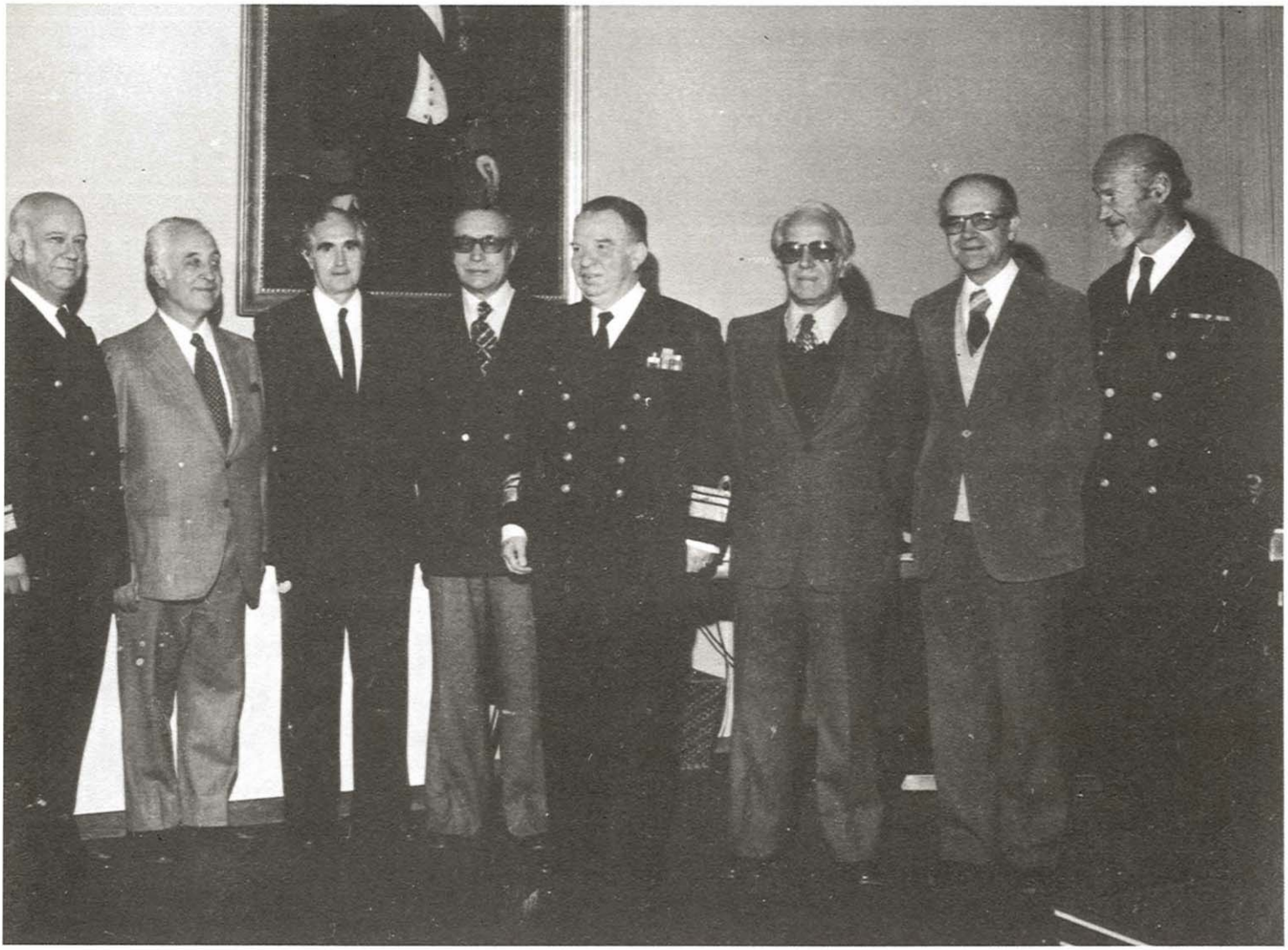
transmitidas por dia, com um comprimento médio de 500 caracteres e máximo de 10 000. O registo do tráfego em fila de espera nas vias fechadas é feito em disco, podendo atingir as 3000 mensagens. O registo de todo o tráfego recebido é feito em bandas magnéticas, com capacidade de 12 000 mensagens por banda.

Toda a manutenção, quer dos computadores, quer da programação, é feita no CCA por pessoal da Armada. Embora o ETARM sirva essencialmente a rede telegráfica da Armada, está também ligado por vários circuitos aos outros ramos das Forças Armadas, Forças Militarizadas e COMIBERLANT. Uma maior racionalização da utilização do ETARM tendente a obter taxas de utilização próximas das nominais, está actualmente em curso, através de uma ampliação que permitirá aumentar o número de utilizadores.

(Colaboração do CCA)

VISITA DO VICE-ALMIRANTE ACEMA À COMISSÃO TÉCNICA CONSULTIVA DO MUSEU DE MARINHA

Em data recente, o vice-almirante Garcez de Lencastre, adjunto do chefe do Estado-Maior da Armada, deslocou-se ao Museu de Marinha, a fim de proceder à entrega aos membros da Comissão Técnica Consultiva, do "Diário Náutico do Yacht *Amélia*" redigido e ilustrado pelo rei D. Carlos e que a Marinha, em boa hora, tomou a iniciativa de reimprimir por ocasião da celebração do Dia da Marinha, em Julho último. Recebido pelos contra-almirante Emanuel Ricou e capitão-de-fragata



O v/alm. ACEMA com membros da CTC e a direcção do Museu. Da esquerda para a direita: c/alm. Emmanuel Ricou, cap.-m.-g. Teixeira da Mota, ten.-cor. Valdez dos Santos, dr. Pimentel Barata, v/alm. Garcez de Lencastre, arq. Quirino da Fonseca, prof. arq. Lixa Filgueiras e cap.-frag. António Cardoso.

António Cardoso, director e subdirector do Museu de Marinha, respectivamente, e pelos membros da referida Comissão, o vice-almirante Lencastre, falando em nome do almirante CEMA, expressou o grato reconhecimento da Armada aos membros da CTC que, com a sua reconhecida competência nos domínios cultural e técnico, têm vindo a prestar uma distinta colaboração com que a Marinha se sente grandemente honrada.

O prof. arq. Octávio Lixa Filgueiras agradeceu em nome dos membros da Comissão, da qual fazem parte além daquele eminente arqueólogo náutico, o dr. João da Gama Pimentel Barata, destacada autoridade na construção naval dos séculos XV a XVII, o arq. Quirino da Fonseca, investigador histórico e arqueólogo, o tenente-coronel Valdez dos Santos, distinto investigador no domínio do armamento antigo e, finalmente, o capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, prestigioso historiador que tem honrado a Corporação a que pertence com os seus exaustivos estudos de história náutica e cartografia antiga.

(Colaboração do Museu de Marinha)

ALTOS CARGOS DA ARMADA

A posse do director do Instituto Superior Naval de Guerra.

A posse do superintendente dos Serviços do Material da Armada.

No seu gabinete, nos dias 29 de Dezembro e a 4 de Janeiro findo, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, empossou os contra-almirante Coelho da Fonseca e vice-almirante Carmo Fernandes nos cargos de director do Instituto Superior Naval de Guerra e superintendente dos Serviços do Material da Armada, respectivamente. Ainda no dia 29 de Dezembro, nos respectivos gabinetes, tomaram posse dos cargos de comandante Naval do Continente e de director do Serviço de Instrução os vice-almirante Ramos Rocha (que já exercia as funções interinamente) e o contra-almirante Encarnação Simões, respectivamente.

O vice-almirante Ramos Rocha, comandante Naval do Continente.

O contra-almirante Encarnação Simões, director do Serviço de Instrução.

Quarto de Folga

O CICLISTA, A COLMEIA E O JEEP

Estávamos nos anos 46/47, a seguir à II Guerra Mundial, portanto.

A cantina da Escola de Aviação Naval, em S. Jacinto, crescia a olhos vistos, graças à acção dinamizadora do oficial de administração naval que ali prestava serviço.

Além dos artigos vulgares, que existem em todas as cantinas do mundo, havia mercearias, queijos, peças de vestuário, etc., etc.

E, toda a gente fazia alvitres e dava sugestões para ela se desenvolver cada vez mais.

Assim, um oficial com a *mania* da alimentação racional, entendia que devia haver mel, o mais puro que fosse possível arranjar, porque era um alimento completo e recomendado para aviadores.

A ideia foi bem acolhida e o oficial da cantina entrou imediatamente em acção, conseguindo, melhor que mel, uma colmeia em plena laboração, com abelhas e tudo!

Certo dia, acompanhado pelo médico da unidade, meteu-se num jeep e foi buscá-la a uma povoação dos arredores.

No regresso, já de noite, passou o volante ao médico e veio no *compartimento de ré* para manter a colmeia sempre na posição vertical.

E tudo ia correndo às mil maravilhas, até que...

Sentiu uma enorme pancada no carro, ouviu a chiadeira dos travões a fundo, olhou *para a proa* e viu um homem espapaçado no "para-brise".

Acomodada a colmeia, saltou para a estrada, e ajudou o médico a prestar assistência a um rapaz novo que se queixava de dores no corpo e tinha sangue na cabeça. Debaixo do jeep, jazia uma bicicleta feita num 8.

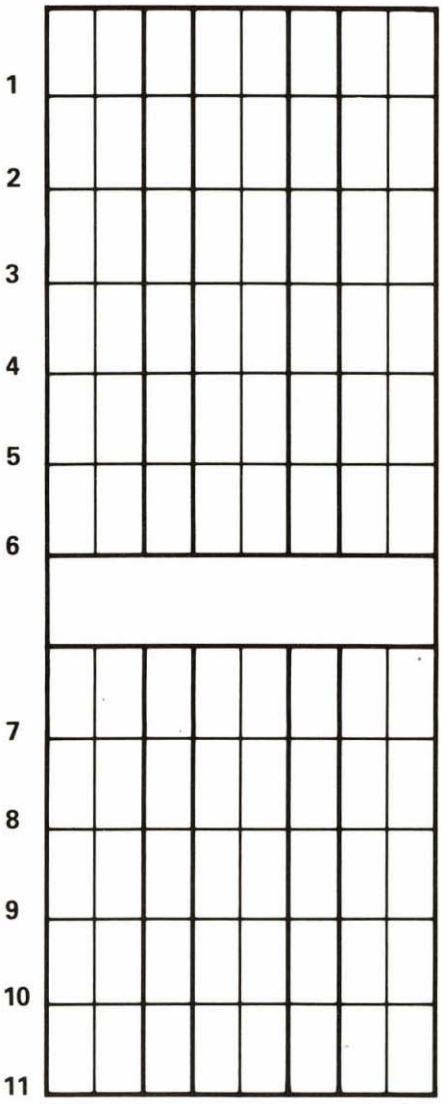
O ferido, bastante excitado a princípio, foi acalmando, e já se ria abertamente quando o médico declarou que não tinha nada partido e... estava pronto para outra.

Perguntaram-lhe então como diabo tinha ele vindo contra o carro, que seguia rigorosamente na sua mão e com os faróis acessos.

E, tudo se esclareceu. O jeep, era daqueles do tempo da guerra, com os faróis cobertos com persianas, saindo a luz por intermédio de pequenas fendas. O rapaz, que vinha muito bem disposto, viu aqueles dois luzincus de longe e pensou com os seus botões: vêm ali dois palermas de bicicleta, a conversar um ao lado do outro... vou-lhes meter um valente cagaço... vou passar mesmo pelo meio...

M. do Vale
C/alm.

PILHA DE PALAVRAS



1—O mesmo que gualdropes. 2—Sustentara a verdade. 3—Artífices. 4—Seguraras com a boca. 5—Ácido arsenioso. 6—Distante. 7—Manilhado. 8—Tumores do tecido adiposo. 9—Cortara os nós das árvores. 10—Cedidas. 11-Relativa a Adão.

Depois de resolvido este passatempo em que todas as palavras começam pela letra A, o leitor encontrará, nas 3ª e 6ª colunas, a última parte de uma frase muito conhecida de "Os Lusíadas".

(Solução no próximo número)

SEASA
Cabo aux.

CONCURSO N.º 89

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

M N A I A A R O W W V V S I O R O R K W
A S R O M M G U E S E S A B T T C M G O
N N U S O W T A F I B D M P E R A N T H
F V G P R S E C H S E R A R O P E V V N
A A N U N U V K S I A V A M P I R O V A
C N N A C H E S A R O P Z M L U N I D R
O Y Ç J B F V G K W X M L U N I D T Q A
F V N A S I F B D E A I A B O C G G R S
N A F F V G O R A S E C O H P R A S E U
N A R K W K M N D T E A R N U L M A O M
F B J Ç Y G K O Y Ç J B N A I E O U G W
A B C D E F G L H I J L I M N O P Q R S
C A N T A R O E A L F A T B E T A G A M
U A E I P A B M R O P A O T A B A C O S
A R B E Z G A A W W G H R C E S A R O P
M A N T E I G C A N G U R U K K S A R O
V E T N O R E C O N I R I K H C R P U G
Z E M A R I A U G O G G N W K G V F B J
G O L F I N H O G G A N C M I T A N A M
A R E T N A P G B F V G O D U G O M G O

Procurando em todos os sentidos, menos obliquamente, veja se descobre o nome de 15 animais pertencentes à classe dos mamíferos.

L. Ribeiro
Mar. L

ARITMOGRAFIA

	×		−		=4
+	■	−	■	+	■
4	×		:		=6
−	■	+	■	−	■
	:		×		=1
=5	■	=3	■	=7	■

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

(Solução no próximo número)

M. Horta
Sarg.-aj. L

CURIOSIDADE NUMÉRICA

Usando somente o algarismo 4, por quatro vezes, escreva as expressões numéricas iguais respectivamente aos números 3, 4, 5, 8, 20, 12, 14, 15 e 16. Pode empregar as quatro operações e a raiz quadrada.

(Solução no próximo número)

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

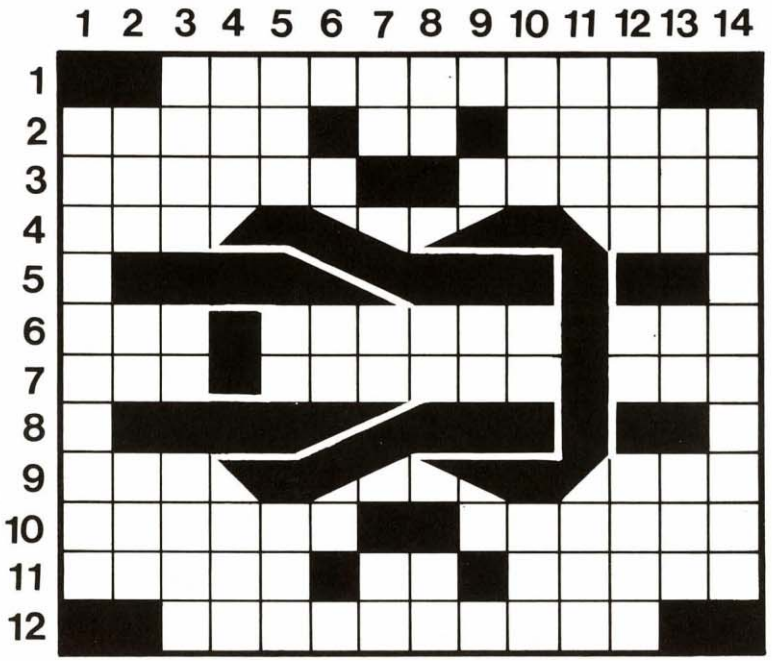
RIFÕES

— *Não te fies em céu estrelado*
nem em amigo reconciliado.

— *Barra roxa em sol nascente*
água em três dias não mente.

— *Tempo e maré*
não esperam por ninguém.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1—Botão feito em duas antenas cruzadas para armar uma cabrilha. 2—Surgira; a mim; lagarta. 3—Berrais; serenidade. 4—Jibóia; suspiros. 6—Anel; nação; e outras coisas mais. 7—Criminoso; relativo aos árias; 52 romanos. 9—Desguarnecida; igual. 10—Cabo para manobra horizontal das vergas das gáveas; instrumento de madeira usado para safar cavirões. 11—Rumor confuso; sódio (símb. quím.); fainas. 12—Grau de densidade de um sal num líquido.

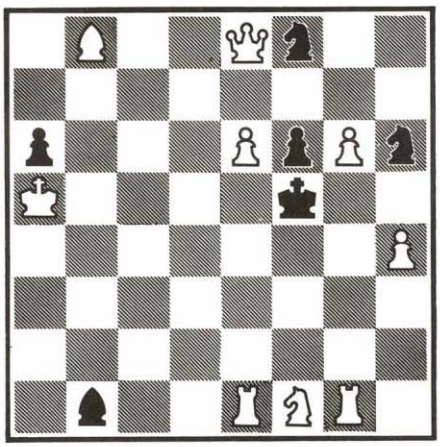
VERTICAIS: 1—Que navegam no seio das águas marinhas. 2—Anel; entre a popa e o mastro grande; costume. 3—fogueira para reduzir cadáveres a cinza; alternativa; juntas. 4—Medida grega de comprimento; nome feminino. 5—Televisão italiana; terceira letra do alfabeto arábico-persa; género de peixe da família dos escômbridas. 6—Atmosfera. 7—Só; pronome pessoal; incógnito. 8—Nome de letra; aspecto (inv.); nesse lugar. 9—Prefixo de negação. 10—Pron. pessoal; contracção de prep. e art.; fila. 11—Tempero; nome masculino. 12—Espingarda; artigo (ant.); solicita. 13—Tempo do verbo ir; pron. pessoal; una. 14—Juntares.

(Solução no próximo número)

SEASA
Cabo aux.

XADREZ

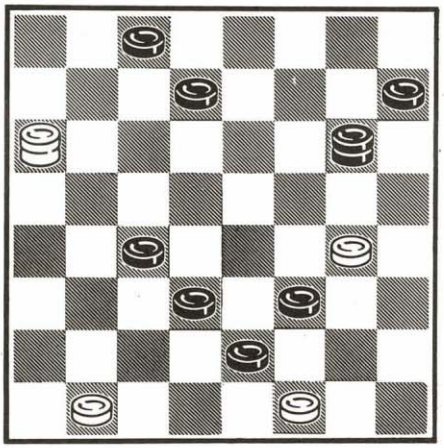
(Solução no próximo número)



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

DAMAS

(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.

SOLUÇÕES

DAMAS

	Brancas	Pretas
1.	11-15	20-11
2.	21-30	25-14
3.	30-23-10-1, e ganham	

XADREZ

Chave — Tb3 — d3

CRUZADA EM TRIÂNGULO

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS E VERTICAIS: 1—Gafetopes. 2—Acamaras. 3—Falucas. 4—Émulos. 5—Tacos. 6—Oras. 7—Pás. 8—És.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1—Nara; faquir. 2—Atar; utai. 3—Teto; ré. 4—Cia; agruras. 5—DI; Ua; If. 6—As; anel. 7—Zé; ia; agora. 8—Rastos; sé. 9—Ari; ás. 10—Cora; após. 11—Amarilis.

VERTICAIS: 1—Natchez; aca. 2—Atei; erro. 3—Ratada; aira. 4—Aro; Isis; am. 5—Ate. 6—Fargue; ar. 7—Era; asa. 8—Qu; Ag; sal. 9—Uterinos; pi. 10—Ia; afere; os. 11—Rias; lá; rs.

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 88

Loire. Reno. Volga. Sena. Danúbio. Dnieprе Vistula. Elba. Rodano. Pó. Tejo. Zambeze. Congo. Orange. Níger. Nilo.

VENCEDOR:

Manuel J. Fernandes, Arsenal do Alfeite (GOAME-DIV. A).

Evolução histórica dos uniformes da Armada

O estudo da evolução histórica dos uniformes na Armada, que a "Revista da Armada" hoje inicia, baseia-se numa vasta recolha de documentação a que durante anos procedemos em arquivos e bibliotecas oficiais e particulares. Trabalho extremamente complexo, dada a dispersão dos modelos e dificuldades na sua reprodução, por desenho ou microfilme, foi-nos confiado pelo então ministro da Marinha, vice-almirante Pereira Crespo, com vista a futura publicação.

Obra de extraordinária projecção, no país e no estrangeiro, pelo seu interesse histórico-documental, intitular-se-ia "Dois séculos do uniforme na Armada".

A saída daquele ilustre almirante da pasta da Marinha originou que o trabalho fosse posto de parte. E foi pena. Depois de tanto esforço, tanto entusiasmo e tantas dificuldades vencidas, a Marinha bem merecia que ele visse a luz do dia.

Vai agora a "Revista da Armada" remediar o caso publicando, mensalmente, as estampas coloridas dos manuscritos iluminados dos livros mestres dos padrões de uniformes que recolhemos e haveriam de compor a referida obra.

Aqui deixamos expressos os nossos agradecimentos, pelas facilidades concedidas, às seguintes entidades nacionais e estrangeiras:

Arquivo Geral da Torre do Tombo, Biblioteca dó Antigo Ministério da Guerra (Convento dos Paulistas), Arquivo Histórico Militar, antigo Arquivo Histórico Ultramarino, Biblioteca Nacional, Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda, Biblioteca da Academia das Ciências, Biblioteca Municipal do Porto, Museu Militar, Museu Soares dos Reis, Arquivo de Uniformologia e Econografia Histórico-Militar Portuguesa do Centro de Coleccionadores, Museu do Exército de Paris, Biblioteca Nacional de Paris (Galeria de Estampas), Museu Nacional de Viena de Áustria, Museu Nacional de Amsterdão, Arquivo da Casa de Windsor, Fundo de Manuscritos e Reservados da Biblioteca Nacional de Madrid, Fundo Filipino do Arquivo Geral de Simancas e Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América do Norte.

A. Cutileiro

N. R. — Este valioso estudo, como todos os desta natureza, não pretende ser completo nem isento de algumas incorrecções.

Dado que, encaramos seriamente a possibilidade de, no final da sua publicação na Revista, editar um volume com a série completa, muito gratos ficamos a todos quantos possam contribuir para que o trabalho fique o mais rigoroso possível, enviando-nos sugestões que permitam atingir o fim em vista.

Terço da Armada Real da Coroa de Portugal/1618

O Terço da Armada foi, praticamente, o primeiro corpo de infantaria de Marinha, com carácter permanente, que se formou em Portugal. Criado em 1618 com o nome de Terço da Armada Real da Coroa de Portugal, passou a ter a designação de Terço da Armada Real do Mar Oceano, em 1640.

O nome de Terço é de origem espanhola (de Tércio) e vinculou-se em Portugal até 1707, data em que D. João V, na sua reforma geral do Exército, determinou que os *Tércios* passassem a denominar-se Regimentos.

O Terço era formado, certamente à maneira castelhana, por Companhias, sendo duas de Mosqueteiros e outra de Arcabuzeiros de esmerilhão, esta diferente, por possuir armamento mais leve que as primeiras que eram armadas de mosquete, uma arma pesada e de difícil manejo, apoiada num forcado ou berço e usando morrão para inflamar a pólvora. Os Arcabuzeiros combatiam em frentes de atiradores ou *mangas* de maior mobilidade.

As restantes Companhias, duas eram de reforço das primeiras e as restantes cinco eram de Piqueiros, armadas de

(continua na pág. seguinte)

(Reprodução proibida)

(continuação da pág. anterior)

piques e destinadas a formar flancos de marcha e entestar frentes, após as descargas de mosquetaria ou de arcabuzes, fechando a frente contra a arremetida da cavalaria.

O uniforme destes primeiros corpos de infantaria era constituído por cossoletes com abas, meios peitos ou peitorais, de armadura e na cabeça um capacete ou *morrião*.

Porém, o uso do chapéu de abas largas e de dobra intencional, com plumas à francesa ou à Schomberg, viria a influenciar sobramaneira os componentes do novo Terço reunidos por *bando na leva*. Assim, de chapéu largo e de cabelos curtos, os homens apresentavam um ar bisonho o que levou os castelhanos a chamarem-lhe *chamorros*, epíteto que enfurecia os portugueses *a ser difícil ter mão neles*, como dizia o conde da Ericeira.

O primeiro uniforme do Terço da Armada Real da Coroa de Portugal, datado de 1618, é desenhado sobre pergaminho iluminado e pertenceu à preciosa colecção Palhares que, por volta de 1913, se dispersou, tendo saído grande parte dela do país. Alguns exemplares dessa colecção encontram-se na posse de entidades privadas como é o caso da colecção Luigi Testti, de Padowa, da Heydrich Dietzman, de Dusseldorf e da de Romeo Menduni.

O primeiro traje militar português conhecido, atrás descrito, foi localizado pelo dr. Jaime Cortesão, em 1930, num conjunto de oito preciosas peças de uniformologia histórico-militar, num livreiro de Londres, onde foi adquirido depois, por sua indicação, pelo dr. Augusto Manuel Morais de Silva e Melo, a quem devemos a deferência da sua publicação.

O Mosqueteiro, pois de um mosqueteiro se trata, do Terço da Armada, mostra o tipo de vestuário e de armamento dos componentes das duas Companhias de mosqueteiros do Terço: um pelote de couro envolvendo o corpo (os pelotes eram usados na infantaria de mosqueteiros franceses); o talabardão de dez tiros, contidos nos respectivos frascos, e suspenso dele o polvorinho de pólvora fina para a cassoleta do mosquete, tendo ao lado o novelo da mecha. Sobre o ombro esquerdo, o mosquete, e na mão, entre os dedos, a mecha acessa ou morrão e o forcado ou berço de tiro, para apoio do mosquete, gola ou golim de volta branca e véstia de mangas verdes (curioso que a cor verde foi, nos princípios da formação de corpos de infantaria de Marinha a cor usada, até à extinção do Primeiro e Segundo Regimentos da Armada, por alvará de 28 de Agosto de 1797); calções de presilha de laço, meias de estamenha de dobras caídas (nos grandes senhores e oficiais franceses, eram de couro fino e maleável); sapatos de fivelão atacoados e espada suspensa a tiracolo.

No ângulo superior direito da gravura vêem-se as armas do Reino que, não obstante na altura existir a união com Castela, nunca deixaram de ser as portuguesas. Mesmo nas bandeiras figurou sempre o escudo coroado das Quinas.

Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 90 / MARÇO 1979 / ANO VIII

revista da ARMADA

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
A. Maria	**Despertar**	4
M. Horta	**Saibam Todos**	5
M. Horta	**Notícias Pessoais**	6
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** *Leão Tolstoi, escritor de sempre*	7
P. Machado	**Apontamento**	10
F. Carvalho	**O Vice-Almirante José Bernardo da Silva (1802-1878)**	11
M. Horta	**Desporto**	15
D. Barreiros	**Pela primeira vez na sua história a "Sagres" cruzou o Pacífico, do Panamá às portas da China**	16
Vários	**Voz da Abita/Cartas ao Director**	19
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros**	22
G. Brandão	**Filatelia**	23
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	25
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	26
S. B.	**História de Marinheiros** *7 — O aspirante loiro e a varina morena*	26
Diversos	**Reportagem**	27
Vários	**Quarto de Folga**	32
M. Horta	Os nossos navios e os seus nomes Corveta "Oliveira e Carmo"	Verso da contra capa
A. Cutileiro	Evolução histórica dos uniformes na Armada (2)	Contra capa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
1100 Lisboa
Telefone: 36 89 60

N.º 90 / MARÇO 1979 / ANO VIII

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

Dois submarinos na Base Naval de Lisboa, no Alfeite.

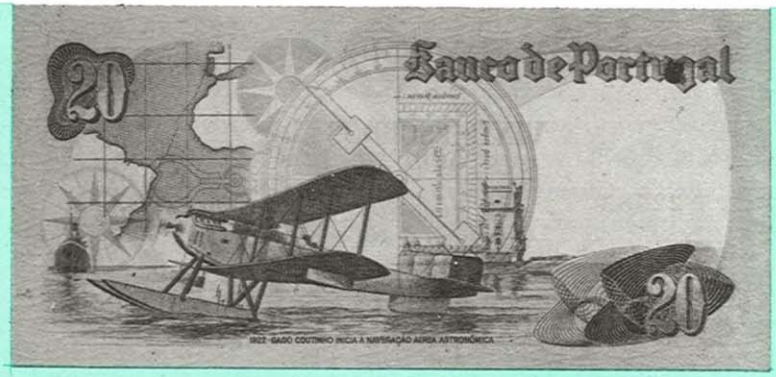
(Foto de 1974, de A. Fernandes)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura



Gago Coutinho e as novas notas de 20$00

Se alguém, em vida, tivesse dito a Gago Coutinho que iria ter a sua efígie numa série de notas do Banco de Portugal e lhe perguntasse em qual devia ser — de 20, 50, 100, 500 ou 1000 escudos — a resposta seria mais ou menos esta: *francamente, julgo não mercer tal distinção mas, se têm muito empenho nisso, então ponham-me nas de 20 que são as que andam nos bolsos dos pobres.*

E, se lhe dissessem ainda que no verso das notas iam pôr o hidroavião "Lusitânia", que iniciou a 1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul, pediria: *não façam isso, ponham só um sextante ou um teodolito... O "Lusitânia" guardem-no para as que concerteza vão dedicar a Sacadura Cabral. Esse sim, foi a alma dos aviões... do "Lusitânia" e de muitos outros.*

Figura ímpar de marinheiro, Gago Coutinho foi "muito mais geógrafo que almirante ou aviador", como ele próprio dizia, naquele seu jeito brincalhão e modesto que lhe eram peculiares (*1*).

É certo que desempenhou papel importante no maior feito da nossa aviação — o *raid* **Lisboa-Rio de Janeiro — mas, apenas na sua qualidade de insigne navegador com provas dadas de formar com o piloto, o grande Sacadura, uma equipa perfeita, capaz de levar a cabo esse grande empreendimento... se a sorte estivesse do seu lado.**

---

(1) De notar que das suas últimas vontades constava o desejo, que foi cumprido, de ser sepultado com o uniforme que usava nos trabalhos de Geodesia no Ultramar — calção e camisa de caqui — e sem quaisquer honras militares.

Nota de Abertura

(continuação da página anterior)

Gago Coutinho foi geógrafo, foi historiador, foi marinheiro... não era aviador. Ao aceitar o convite do seu amigo Sacadura para ser navegador nessa memorável travessia mostrou que, além de todas as qualidades que lhe eram reconhecidas, tinha ainda mais a da valentia pois, sabia perfeitamente que as probabilidades de escapar com vida daquela aventura eram, na melhor das hipóteses, de meio por meio!

Gago Coutinho era, como disse, um brincalhão. Recordo, a propósito, este episódio passado num almoço em sua homenagem, que aliás só aceitou depois de muito instado, realizado no Centro de Aviação Naval do Bom Sucesso, nos anos de 38 ou 39 se não me falha a memória. Tinha ele então cerca de 70 anos de idade.
O almoço decorreu num ambiente de grande euforia, confraternizando novos e velhos como rapazes de 18 anos...
Estavam presentes todos os antigos directores da Aeronáutica Naval, entre os quais esse outro grande marinheiro chamado Afonso Cerqueira, e, claro, toda a "passarada" do Bom Sucesso.
A certa altura, cá do fundo da mesa, onde estavam os mais "marretas", partiu de mão em mão um bilhetinho, dirigido a Gago Coutinho, dizendo o seguinte: *dizem para aí que o sr. Almirante anda muito entusiasmado, lá pelo Brasil, com uma certa artista de teatro. É verdade?*
A resposta veio também de mão em mão, no mesmo papel: *Agora, com a idade que tenho, só se for para me pegar ao colo!*
Quanto à sua modéstia, ela era quase uma legenda desta velha Lisboa. Sempre vestido com simplicidade, com a sua inseparável boina à espanhola na cabeça, ia quase todas as tardes tomar a sua "bica" no Café Nacional onde conversava com os amigos, sempre com pouca demora.
Ali, nas ruas da cidade, no teatro, onde quer que fosse, o povo apontava-o com simpatia e amizade, dizendo: *Olha o Gago Coutinho...*

Foi justo e lógico terem dedicado esta emissão de notas de 20 a Gago Coutinho. Justo, porque ele foi, sem dúvida, um dos grandes portugueses das últimas gerações; lógico, porque sendo a nota de menos valor em circulação, está perfeitamente de acordo, não com a pessoa que merecia notas de mil mas, com a sua maneira de ser de homem simples e sem ambições, homem do povo, em suma.

Para terminar, atrevo-me a dizer ainda que, se Gago Coutinho fosse vivo faria mais um pedido a quem de direito: *não se esqueçam de Sacadura e dediquem-lhe também uma emissão de notas. E, de 50 escudos por ser a mais baixa a seguir à de 20, porque ele foi também um português de lei e um homem do povo.*

C/alm.

Despertar

Dantes,
Quando eu passava,
Os pássaros cantavam
As flores floriam
As folhas caíam
E todos diziam:
— Que linda menina!
E eu pensava
Que linda não era.
Hoje,
Os pássaros já não cantam
As flores não se abrem
As folhas não caem
Mas no meu caminho
Baixinho, alguém diz:
— Que linda tu és!
E eu penso
Que feliz eu sou.

Ana Maria Costa
Func. da Chefia do Serviço de Justiça

Saibam Todos

Que o horário das consultas no Hospital da Marinha para militares da Armada da RA (fora da efectividade de serviço) e RF, militarizados da Marinha aposentados, e familiares de militares e militarizados da Armada, é o seguinte:

— Cardiologia: 2.ª e 4.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Clínica cirúrgica: 2.ª, 3.ª e 5.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Clínica médica: 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Dermatovenerologia: 3.ª e 5.ª-feiras, às 10.30 horas.
— Estomatologia: 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª-feiras, às 10.30 horas; 3.ª e 6.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Gastro-enterologia: 3.ª-feira, às 14.00 horas e 5.ª-feira, às 10.30 horas.
— Hipertensão arterial (*a*): 6.ª-feira, às 14.00 horas.
— Medicina física e reabilitação: 2.ª, 4.ª e 6.ª-feiras, às 10.00 horas.
— Neurologia: 2.ª, 4.ª e 6.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Oftalmologia: 2.ª, 3.ª, 4.ª 5.ª e 6.ª-feiras, às 14 00 horas.
— Ortopodia e fracturas: 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª-feiras, às 14.00 horas; 3.ª-feira, às 10.30 horas.
— Otorrinolaringologia: 3.ª e 5.ª-feiras, às 10.30 horas; 4.ª e 6.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Pediatria: 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Pneumotisiologia: 6.ª-feira, às 14.00 horas.
— Psiquiatria: 2.ª, 4.ª e 6.ª-feiras, às 14.00 horas.
— Urologia: 4.ª-feira, às 14.00 horas.

(*a*) Esta consulta só recebe doentes enviados e estudados pelas consultas de Clínica Médica e Cardiologia.

Que a inscrição para as consultas obedece ao seguinte:

— Doentes com guias: apresentação destas nas respectivas consultas, desde 15 minutos antes da hora do seu início até 30 minutos depois;
— Marcações: são efectuadas directamente na Secretaria das Consultas Externas ou pelos tel. 86 65 64 (rede TLP) ou 88.33 (rede interna), entre as 08.30 e 16.30 horas, de 2.ª a 6.ª-feira;
— Os doentes, já com marcações feitas, devem estar na consulta respectiva meia-hora antes da sua hora de marcação.

Que o horário de funcionamento dos serviços farmacêuticos do Hospital da Marinha, é o seguinte:

— Delegação n.º 2 (Alfeite): 2.ª a 6.ª-feira, das 09.30 às 13.00 e das 14.00 às 18.00 horas;
— Delegação n.º 3 (Hospital da Marinha): 2.ª a 6.ª-feira, das 08.30 às 17.00 horas.

Que fora do horário referido, os utentes poderão adquirir medicamentos nas farmácias civis ou do Exército, que se encontrem de serviço.

Que a Farmácia do Exército, sita na Av. Infante Santo (rés-do-chão do antigo Pavilhão da Família Militar) (tel. 66 62 84), satisfaz receitas de medicamentos, consideradas urgentes, a qualquer hora.

Que o horário de funcionamento do laboratório de análises químicas e bromatológicas do Hospital da Marinha, é o seguinte:

— 2.ª a 6.ª-feira, das 08.30 às 13.00 e das 14.00 às 17.00 horas.

Que a direcção do Serviço de Educação Física (DSEF) pôs ao dispor dos militares e dos seus familiares o complexo desportivo da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, para utilização aos sábados e domingos.

Que naquele complexo encontrará campos de jogos, pista de atletismo, ginásio, piscina aquecida e, dentro da mata, o "circuito de manutenção", onde, poderá colher os benefícios da prática do exercício físico.

Que para o efeito, encontrará o apoio de oficiais especializados e monitores de educação física que, nesses dias, se apresentarão, voluntariamente, para o acampanharem e/ou aconselharem no seu treino físico.

Que, se possível, deverá contactar com o Monitor de Serviço da DSEF, pelos tel. 1989 (rede interna) ou 275 0951/2/3/4/5/6 (rede TLP), indicando o seu nome e dos seus familiares, e respectivas idades, o que irá possibilitar uma programação antecipada.

Que deverá ir equipado, dado que as instalações balneárias são ainda exíguas para a quantidade prevista de participantes.

Que, no caso de não ter estabelecido contacto, o facto não é impeditivo de aparecer, porque no próprio local poderá fazer a sua inscrição e dos seus, e ali se poderá equipar.

Que foram publicadas as Normas, a vigorar em 1979, para pedidos de empréstimos a conceder pela Caixa Económica das Forças Armadas, de acordo com os motivos alegados pelos respectivos beneficiários-titulares interessados.

Que a concessão dos empréstimos obedece a prioridades estabelecidas naquelas normas.

Que a amortização dos empréstimos concedidos será efectuada em 24 prestações.

Que os limites dos montantes dos empréstimos obedecem a um esquema em que é tido em conta o vencimento-base dos beneficiários e a prioridade em que seja classificado o respectivo pedido.

Que as taxas de juros a pagar são estabelecidas de acordo com aquele esquema e vão de 6 a 17%.

Que além da taxa de juro, é cobrado 1% de prémio de risco.

Que não é atendido qualquer pedido de empréstimo a beneficiários que não tenham liquidado empréstimos anteriores.

Que os pedidos devem ser formulados no impresso aprovado pela portaria n.º 722/77, publicada no "Diário da República" n.º 270, de 22 de Nov. de 1977.

Que serão anulados os pedidos que não forem atendidos até 31 de Dezembro de 1979.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

Cap.-ten. João Gilberto Jardim de Gouveia com D. Maria de Lourdes Agostinho Gonçalves Pinto Ferreira, em 12-12-78.

Cap.-ten. Luís António Pessoa Brandão com D. Fernanda da Fonseca Marques, em 13-1-79.

1.º-ten. MN Luís Filipe Matos de Oliveira Bastos com D. Maria Margarida Ferrão de Aboim Borges, em 16-12-78.

2.º-ten. AN José Joaquim Fernandes com D. Natália Maria Neto de Freitas Fuschini, em 30-12-78.

2.º-ten. SG RF Peres Ferreira com D. Maria Augusta Martins, em 16-12-78.

Asp. FZ RN José Manuel Viegas Nunes com D. Urânia Manuela da Silva Mendes, em 30-12-78.

G/mar. Carlos Fernando Heitor Cardoso com D. Cristina Maria Lopes Vicente, em 23-12-78.

1.º-sarg. TR Valter Augusto Deusdado com D. Maria Isabel Mendes, em 16-12-78.

1.º-sarg. TR José Hipólito Micael Coutinho com D. Maria dos Remédios Dias Figueira, em 18-12-78.

337953/Cabo TFD Francisco Henrique Pires com D. Maria Joaquina Beça, em 23-12-78.

103066/Cabo FZ Francisco António Morais Sarmento com D. Maria da Conceição da Silva Correia, em 13-1-79.

15570/Cabo T Manuel Dinis de Oliveira com D. Maria Filomena Banaco Pimentel, em 2-12-78.

104973/1.º-mar. CE José Guilherme Reis da Conceição com D. Maria Teresa Silva Ribeiro, em 27-1-79.

198373/1.º-mar. L José Guilherme Carvalho da Conceição com D. Maria Luísa de Oliveira Duarte, em 2-12-78.

95474/1.º-mar. R Manuel José da Costa Barão com D. Maria Judite Salgueiro, em 10-12-78.

129074/1.º-mar. FZV Francisco Caeiro Vitória com D. Maria Fernanda Monteiro, em 31-12-78.

151176/1.º-mar. M Joaquim Serra Fife com D. Maria Georgina Afonso, em 23-12-78.

69177/2.º-mar. M Joaquim Fernando Dias de Almeida com D. Virgínia da Conceição Amorim Freitas, em 17-12-78.

140677/1.º-gr. T Garcia Nascimento Sousa Belo com D. Joaquina da Conceição Gonçalves da Silva, em 9-12-78.

192477/1.º-gr. FZ António Lopes Marques com D. Maria Antunes Martins, em 31-12-78.

196377/2.º-gr. FZ Manuel Balagueira Valente com D. Maria Avelina da Cruz Perdigão, em 13-1-79.

715578/2.º-gr. FZ António dos Santos Figueiredo com D. Noémia Parente de Almeida, em 24-12-78.

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-m.-g. Sebastião Alves dos Santos, em 17-1-79.

Cap.-m.-g. AN Adolfo Brandão Rodrigues da Silva, em 27-1-79.

Sarg.-aj. L Benjamim Afonso Direito, em 18-1-79.

1.º-sarg. H David Inácio Nogueira, em 22-12-78.

118844/Cabo CM José Joaquim Rualde, em 20-1-79.

123144/Cabo TFH Faustino José Bernardo, em 19-1-79.

138345/Cabo TFD José Nobre Duarte Marreiros, em 10-1-79.

337753/Cabo M Francisco Carlos de Castro, em 28-12-78.

340053/Cabo M Manuel Pereira Júnior, em 31-12-78.

495258/Cabo L Raul Valadas Santos Magalhães, em 5-12-78.

566359/Cabo V Acácio Fidalgo Lagarto, em 12-1-79.

102063/Cabo CM Diamantino José dos Santos, em 18-12-78.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

Sarg.-aj. O RF António Joaquim Nobre, em 20-11-78.

274221/Cabo aux. RF Francisco Caliço Sousa, em 23-1-79.

272122/Cabo CM RF Manuel Luís Franco, em 2-12-78.

275623/Cabo CM RF Urbano Rato, em 16-1-79.

282726/Cabo M RF José Amorim, em 25-12-78.

24469/1.º-mar. L António Lourenço Lopes, em 23-12-78.

271216/1.º-gr. T RF Diogo Xavier da Costa, em 18-12-78.

Ciências Artes e Letras

Leão Tolstoi escritor de sempre

Foi durante o ano de 1978 que se comemorou o 150.º aniversário do nascimento do escritor russo Leão Tolstoi, figura universal das letras, possivelmente o romancista mais conhecido do mundo mercê da universalidade da sua obra monumental "Guerra e Paz".

Apesar desta universalidade como romancista, nem todos os que o leram se terão dado conta da estatura moral do pensador e do Homem que foi Leão Tolstoi. A sua caminhada de 82 anos, ao longo de uma época conturbada e incubadora de colossais transformações político-sociais para a imensa Rússia e quiçá para o mundo, é o trajecto de um gigante do pensamento que sempre foi acertando o passo pelo relógio da história.

E agora, que se vão publicar os "Cadernos de Iasnaia Poliana" que coligem os pensamentos dos últimos seis anos do celebrado autor, mais a sua figura profética se agiganta perante nós.

Tolstoi dirige-se, aos 80 anos, com alguns amigos, para assistir à inauguração de uma biblioteca cujos livros escolhera.

Tolstoi era descendente de uma família aristocrática e rica cuja mansão, em Iasnaia Poliana, era uma espécie de paraíso. Apesar disso, o escritor afirmava provir do povo, recolher dele a sua sabedoria e o conteúdo das suas obras, para lho devolver sob a forma de romances e contos. Era grande a sua veneração pelo povo russo, que sabia destinado a libertar-se, um dia, dos séculos de servidão que acrisolaram a sua alma nas virtudes que iriam possibilitar a sua grandeza. O povo amava-o também, porque ele sempre o escutou e, mais ainda, sempre lhe deu razão nas suas queixas, nas suas razões e nas suas revoltas. Lenine disse dele que: *Essa época, em que se preparava a revolução, num país ainda esmagado pelo estatuto da servidão, aparecerá, à luz que sobre ela derramou o génio de Tolstoi, como uma nova etapa da evolução artística da humanidade.*

Era grande o seu amor pela natureza e, já velho, Gorki notou que, ao passear com ele no bosque que rodeava Iasnaia Poliana, afagava o tronco das árvores à medida que ia conversando. Com 80 anos, passava horas a cavalo, galgando a galope as encostas dos campos e percorrendo a trote as florestas.

Viveu os últimos *dez anos num quase ascetismo,* reservando para si, no palácio patriarcal, um quarto de uma simplicidade monástica. Dizia que pretendia viver em coerência com a sua forma de pensar. Por isso, o seu prestígio entre os camponeses daquela região, era enorme. Escreviam-lhe,

Tolstoi narra para as crianças um velho conto.

consultavam-no, visitavam-no. Em 1859 criou, em Iasnaia Poliana, uma escola para crianças de 7 a 13 anos e ele mesmo as ensinava.

Entre 1889 e 1891, uma série de más colheitas provocou a fome na Rússia. Escreve numa carta: *anteontem visitei uma aldeia onde nove famílias têm apenas uma vaca e hoje passei numa outra onde toda a gente vive de esmolas.* Organizou imediatamente cantinas e distribuiu dinheiro para minorar aquela miséria geral. Durante dois anos recolheu 141 000 rublos, o equivalente a várias dezenas de milhões de francos actuais, o que lhe permitiu alimentar diariamente 9000 pessoas em quatro circunscrições.

Ele era como uma força da natureza e, aos 80 anos, dizia que a velhice era superior à juventude e que só agora começava a viver em paz. *Quando se é novo deixamo-nos arrebatar, condenamos, invejamos, apaixonamo-nos. Tudo isso desaparece com a idade. O homem, ao tornar-se melhor, é como uma vela — irradia involuntariamente a luz à sua volta.*

Era um profundo moralista, de um idealismo quiçá demasiado esperançoso.

Se alguma coisa há que me assusta é o facto de ter nascido num palácio e não num casebre. A vida é o processo de libertação do princípio espiritual — esse que tanto existe no forçado como em todos os homens. E todos os nossos esforços se devem exercer para nos conduzir a isso e não se perderem em esferas etéreas ou na preocupação do que é que espera a nossa alma.

A propósito do cristianismo, tem este desabafo que é, sem dúvida, uma terrível constatação: *Em parte alguma é tão visível a inconsistência dos ensinamentos do cristianismo como no comportamento dos europeus nas colónias.*

Admitia que um dia se pudesse promulgar um idioma universal, comum a todos os homens, e que isso seria um passo para a compreensão e a concórdia entre os povos.

Não raro o seu pensamento era assediado pela dúvida, e afirmava que o absurdo da vida era cada vez mais incompreensível e que era evidente a sua impotência para lhe dar uma explicação.

Espantosa, é a forma como o seu sentir acompanhou a evolução dos tempos, adivinhando e pressentindo as convulsões sociais inevitáveis do futuro.

Era ele que dizia que os camponeses só falavam da injustiça da divisão das terras e que se tinha produzido uma grande mudança no povo, cada vez mais consciente de que a situação se teria de modificar. E Tolstoi escrevia: *Sinto isso. Trata-se de uma transformação profunda, de um descontentamento geral...*

Tinha admiração pelos revolucionários que considerava o fermento dessa transformação. *Há uma coisa que se lhes não pode negar: é que o mal os indigna sinceramente.*

Tolstoi, no fim da vida — coisa espantosa! — estava convencido de que a organização e modo de vida ocidentais não conviriam ao povo russo e conjurava os governantes a não se deixarem embalar pelos modelos do Ocidente e pusessem todo o seu amor e esperança nesse magnífico povo. E juntava: *Espera-se da revolução, na Rússia, os mesmos resultados que da Revolução francesa. Mas é preciso não esquecer que, se se obtivessem esses resultados, não serviriam para nada. Será necessário que se produzam convulsões internas mais profundas — um acordar quase religioso das consciências. Talvez que, depois desses horrores, os homens retomem a razão e compreendam que se não pode viver assim... É preciso que tudo isso desemboque em qualquer coisa de novo.*

Quando, ao ler um jornal, deparou com estas palavras de um jornalista — *... quando a Revolução passou pela Rússia...* — (referência à primeira revolta esmagada) comentou: *Passou! É evidente que a ordem antiga se consolidou de forma duradoura, como depois da Revolução francesa. A revolução apenas roçou pelo país. Mas o essencial para mim é que ela tenha deixado a sua marca no espírito de 100 milhões de russos e os tenha acordado do seu sono. Os camponeses continuam a escrever-me: Que podemos esperar? Eles esperam alguma coisa.*

Com extraordinária clarividência que lhe conferiam o hábito da meditação e a experiência de uma longa vida, Tolstoi tinha a premunição do que estaria para acontecer e que ele não chegaria a presenciar. Analisava a história da humanidade e o seu pensamento ia para o povo anónimo, à custa de quem ela se ia fazendo, sempre a expensas suas. E comentava: *Como se escreve a história! Quase tudo o que nos ensina é inútil. Leio todas as obras à procura, ao menos, de quaisquer referências ou informações de interesse sobre os camponeses. Sabemos hoje que o povo é constituído por trabalhadores que nos alimentam. Antes, a história nunca falava de povo, mas sim unicamente dos czares, dos boiardos, dos homens de guerra e dos*

Tolstoi com Gorki, quando este o visitou em Outubro de 1900.

negociantes. (...) A ordem antiga desaparece e com ela a passividade e a paciência do povo russo. (...) Pensei no Parlamento e na forma como terminarão as coisas. Provalvelmente, pelo apeamento dos Romanov e proclamação da República. Há 15 dias, um jovem operário de Toula falava-me de uma reunião que tivera lugar em Zasek (na floresta). Um parlamento de Estado não é o bastente. Eles querem o socialismo.

Tolstoi estava pois atento ao que se passava e ao que se dizia. Ouvia o povo e não pretendia iludir-se, como o fazia a classe dominante na Rússia. E acreditava do fundo da alma que o povo tinha razão. Após uma conversa com dois revolucionários *de pé descalço*, Tolstoi declarava ao seu médico confidente:

O que estes jovens dizem não tem menos valor do que aquilo que dizem os jornais. Esta conversa foi-me útil.

Compreendi hoje que o governo deve ceder a todas as exigências dos revolucionários. Deve convocar um novo Parlamento. Isso não seria pior que o actual estado de coisas. Neste momento, o governo faz o papel do tutor que refreia um povo inteiro em emoção. Em breve um novo governo sairá das fileiras dos revolucionários. O actual governo não salvará a pele — ninguém sabe a que é que a revolução conduzirá — o país libertar-se-á dos seus pecados, purificar-se-á.

A sepultura de Tolstoi.

A grandeza moral de Tolstoi está de facto nessa capacidade de se libertar do passado, nessa procura de novos caminhos para um povo escravisado, nessa disponibilidade de espírito para a análise desse mesmo passado a fim de descortinar com clareza — uma clareza total — esses mesmos caminhos, essa nova aurora.

Ao atingir os 82 anos, confidencia ao dr. Makovitski (que o assistia desde 1904 e fora recolhendo os pensamentos do escritor naquilo que viria a ser os "Cadernos de Iasnaia Poliana") a sua intenção de deixar o palácio para melhor pôr de acordo o seu modo de vida com as suas convicções. E assim foi que, na noite de 10 de Novembro de 1910, Tolstoi deixa o secular palácio de família, na companhia do médico amigo. Era o corte com o passado, ao encontro dessa nova visão do mundo que ele inventara, sem ter podido transformar, e para a realização da qual seriam necessárias novas lutas. Adoece no caminho e fica na gare da pequena aldeia de Astapovo, onde viria a acabar, a 20 de Novembro...

Os seus amigos camponeses, transportaram o seu caixão, em ombros, num impressionante cortejo, até Iasnaia Poliana. E foi na espessa floresta de Zakaz, à beira de uma ravina, que o seu corpo ficou sepultado, na maior e mais eloquente simplicidade, sob a protecção das grandes árvores que, em cada Outuno, deixam cair sobre esse velho amigo, o pranto amarelo-vermelho das suas folhas.

O. Lemos
Cap.-m.-g.

Apontamento

Todos os amigos que encontro no estrangeiro, ou estiveram já efemeramente em Lisboa, ou sabem coisas lindas desta velha terra e estão sempre em vias de a tentar visitar.

Parece-me, no entanto, que os departamentos ou serviços além fronteiras encarregados de propagandear Portugal não o fazem, pelo menos até ao exagero, como era sua obrigação. Estou antes em crer que são os emigrantes, apesar das razões que têm, e os turistas portugueses, os que mais louvores cantam a estas paragens que, no fundo, deixam sempre com saudade.

Ainda há dias, por exemplo verifiquei (confeso que já sem espanto) que no andar térreo do maravilhoso novo armazém que reabriu no centro de Bruxelas, se encontravam, em exposição e venda permanente, pavilhões de vários países europeus com os seus produtos típicos. Todos os pavilhões estavam lindamente arranjados e sobretudo decorados com belas raparigas originais, trajando peculiarmente e desfazendo o interessado comprador com sorrisos prometedores de que tudo nos seus países era maravilhoso como elas.

Com tristeza passei no ensombrado pavilhão português, onde belos presuntos, magníficos vinhos e sei lá mais quê, se encontravam perfeitamente congelados e encobertos pelo desagradável espectáculo a que eram permanentemente obrigados a assistir: um fulano de cabelos compridos, barba por fazer, perna cruzada, de bota afiambrada, coçando a orelha como que a mostrar às pessoas que lhes estava ali a fazer um grandessíssimo frete.

Mas é assim o nosso país, pois estamos convencidos que todo o mundo tem obrigação de nos conhecer, de nos visitar e de nos louvar.

Mas, realmente, se conseguimos apanhar um homem de fora que cá tenha vindo, ah! então sim, ele não nos larga a noite inteira a recordar "os tua linda tera". E vale a pena aturar essa gente, com as suas tentativas de dizer frases em bom português, porque isso nos faz, a nós também, recordar épocas que ainda estão mais frescas na nossa memória. E pensando precisamente na espantosa descrição que um coronel da Força Aérea americana me fez do Bairro Alto, Mouraria, Alfama e Madragoa, acabando por confessar que, mesmo com uma monumental bebedeira, não conseguiu adormecer após essa memorável noite, pensando nisso, dizia eu, fui passear pelos bairros típicos da velha Lisboa. E, palavra de honra que a modificação existente em relação ao que eu tinha na memória foi tal, que não encontro maneira de a escrever.

Mas, para além de tudo, o que mais confusão me fez tem muito a haver com o meio e foro militares. Em primeiro lugar, a falta de segurança em que se vive é notória nos olhares, nos passos, nos gestos, nos dizeres de todos aqueles irmãos portugueses que por ali se cruzam, pois têm medo uns dos outros, desconfiam uns dos outros, odeiam-se uns aos outros. O polícia de giro é insultado, é vaiado, são-lhe viradas as costas. O guarda republicano que passa é apodado de repressor, de fascista, de inimigo do povo. O militar que aparece (somente as rondas das polícias das Forças Armadas) é assobiado, criticado, chamado de chulo do povo.

O segundo ponto que vi foi precisamente o contrário, ou seja, a ausência total de militares, pelo menos que se pudessem identificar.

Ora, isto é triste e trágico. Triste por uma perda de tradição, e trágico por um avanço inexplicável no caminho irreversível da perda da paz e segurança, e na instabilidade da confiança entre os homens.

Os bairros típicos de Lisboa sempre foram típicos porque eram o centro de convivência dos marujos, dos soldados, dos homens viris dos cais, com as mulheres trigueiras e desenvoltas, com os fadistas, com as artistas.

Viam-se fardas em cores garridas e longo porte, viam-se saias redondas a gingar de ciúme, viam-se naifas a luzir só de ameaça, ouviam-se guitarras a trinar de longe em longe e vozes magníficas a chorar os seus destinos.

Via-se a ordem imperar, embora disfarçando, sabia-se a lei a ser cumprida, e sentia-se uma calma latente entrar por nós, quente como o vinho.

Havia bofetada valente, mesas e garrafas partidas num granel sadio de violência fingida, ouvia-se o partir de dentes que se abriam para dar piropos a quem lhes não pertencia.

Era uma girândola de cores, de folclore, de virilidade castiça.

Agora é um antro de prostituição barata e chocante, uma pocilga de temor e roubo, uma congregação de indigentes mal cheirosos e agressivos.

E isto porquê? Afinal por tudo, mas em parte porque falta aos bairros lisboetas alguma da sua cor, aquela cor que dava alegria e tranquilidade, que é a das fardas dos marinheiros, dos soldados, dos pára-quedistas, do polícia castiço mas respeitado, do guarda republicano compincha mas temido, do guarda fiscal "porreiro" mas de olho vivo.

Entendeu-se que todo o mundo deve paisanar. Pois bem! Mas eu pergunto ao poeta:

"George, que é feito do teu País de marinheiros, de naus, de esquadras e de frotas?"

Pinto Machado
Cap.-ten.

O Vice-Almirante José Bernardo da Silva (1802-1878)

— "De que serve a Marinha?" — exclama interrogativamente o almirante Celestino Soares num dos seus Quadros Navais. *— Voz tremenda e eminentemente ingrata! Pois quê? Já não lembra aquela sortida a Vila-Nova e quantas vidas custaram à Marinha alguns tonéis que lá vieram para o Porto!? Nem sequer lembra o brigue* 23 de Julho, *que viu essa milagrosa existência de José Bernardo da Silva, estendido semi-morto no convés, sobreviver ao choque da bala que o prostou, levantar-se nobre e espantosamente sem dar um ai, com a cavidade no rosto, vazio do bogalho do olho de que o tiro o privara?*

O bravo marinheiro, cuja indómita coragem Celestino Soares tão entusiasticamente enaltece, era beirão e tondelense dos mais ilustres, mas tão injustamente esquecido pelos seus conterrâneos que será para a sua grande maioria inteira novidade o que vou dizer da sua vida e de seus feitos.

No lance referido pelo autor dos *Quadros Navais*, o jovem tenente José Bernardo da Silva comandava no Douro o brigue "23 de Julho".

Durante o cerco do Porto e sobretudo na época calamitosa dessa sortida a Vila-Nova, época de angustiosa incerteza e de escuras dúvidas para os sitiados em que alguns pessimistas viam a causa liberal irremediavelmente perdida — nos mais ousados empreendimentos, rondas contínuas, protecção a navios mercantes, saídas da barra em demanda de munições e mantimentos, a Marinha serviu de muito. Nos poucos navios da esquadra liberal que ficaram no Douro, oficiais dos mais valentes e distintos — lembrarei apenas o próprio Celestino Soares — com a marinhagem das suas tripulações, prestaram a D. Pedro e à raínha, serviços tão assinalados como os do valoroso Exército que, estreitamente assediado nas linhas do Porto e na Serra do Pilar, se batia pela mesma causa numa luta de todos os instantes, árdua, tenaz, inclemente.

Porém, de todas as arriscadas empresas em que a Marinha cooperou com as suas tropas de terra, uma das mais notáveis foi, sem dúvida, aquela em que o destemido tenente José Bernardo da Silva ia perdendo a vida.

O vinho armazenado em Gaia era, naquela conjuntura, para os constiticionais, um recurso preciosíssimo.

O Governo debatia-se com as maiores dificuldades financeiras. Quando, em Setembro, Palmela tinha esgotado em Londres as últimas disponibilidades, houve então quem lhe fornecesse 5000 libras sobre caução de 500 pipas de vinho. A remessa, pois, desse vinho, diz Soriano (*1*), era da mais extrema necessidade e os constitucionais que, para se manterem no Porto, precisavam de bater-se quase diariamente na defensiva, tiveram de passar também à ofensiva e expor as suas vidas, para a troco de tal vinho, alcançarem os meios de poder subsistir.

Foi perante esta necessidade imperiosa que se ordenou a sortida de 17 de Dezembro de 32. Nela tomaram parte 600 a 700 homens de diferentes corpos que, transportados em barcos, sob a protecção do brigue "23 de Julho" e de outros navios de guerra, facilmente ganharam as praias do Candal e atingiram a eminência do convento de Santo António do Vale que incendiaram.

Ante a impetuosidade do ataque, os miguelistas abandonaram o campo, podendo os encarregados do transporte do vinho retirar dos armazéns próximos da praia uma boa porção de pipas que imediatamente foram conduzidas para o Porto nos mesmos barcos que tinham transportado a tropa.

Entretanto, passado algum tempo, os realistas juntaram-se em grande força e carregaram energicamente os constitucionais que, em fuga desordenada, se precipitaram para a margem do rio.

Vice-Almirante José Bernardo da Silva.

Aqui, uma pequena parte das forças da sortida pôde ganhar alguns barcos — os que tinham levado o vinho não voltaram — outros soldados, em maior número, deitaram-se a nado para alcançar os navios a meio do rio.

Então, aproximando o seu brigue o mais possível da margem esquerda, José Bernardo da Silva, num violento canhoneio, protegeu o embarque das tropas, acolhendo-as nas suas embarcações e guarnecendo outras com a tripulação que, com o seu fogo, obstou a que o inimigo descesse ao cais em perseguição dos fugitivos.

Estabeleceu-se vivo tiroteio, e tão perto estava o brigue da terra, que um tiro de fusil prostou o comandante no convés.

São estes os termos em que a Ordem da Armada de 23 de Dezembro relata esta acção:

> *O sr. Major General fez logo constar a S. M. I. o Duque de Bragança, Rei em nome da Rainha, que a Marinha Portuguesa tinha feito o seu dever, não só em auxiliar, apesar do vivo fogo dos inimigos o embarque e desembarque daquelas forças, mas protegendo-o eficazmente com o fogo da sua artilharia e fusilaria, e ser-lhe-á muito agradável o comunicar à Armada que a boa conduta dos srs. comandantes, oficiais e tripulações daqueles navios mereceram a aprovação de S. M. Imperial.*
>
> *O sr. Major General sente o ter de anunciar que o sr. comandante do brigue "23 de Julho" José Bernardo da Silva fora gravemente ferido de uma bala na cabeça; que o aspirante a guarda-marinha F. Xavier Bressane Leite, tendo marchado violentamente para a frente com as suas forças de terra, fora morto, depois de se haver conduzido com honra e valor e que igualmente foram feridos (...).*

Num artigo publicado na *Galeria Militar Contemporânea* (*1*) escrito ainda em vida de J. B. da Silva, depois de copiar esta *Ordem*, o seu autor, o oficial Marx Sori, acrescenta: "ferido na cabeça, *diz a Ordem da*

(*1*) *"História do cerco do Porto", II, p. 135.*

(*1*) *N.º 16, 1.º ano, 16 de Julho de 1878.*

Armada, ferido, repetimos nós, mas ferido por uma bala que lhe arranca o olho esquerdo, deixando em seu lugar uma lúgubre caverna, ferido há 46 anos e ainda hoje padecendo de tal ferida".

Sem esperança de vida foi recolhido ao hospital, mas felizmente, logrando escapar, por determinação da Junta de Saúde, foi mandado convalescer na ilha de S. Miguel.

Não são menos notáveis as circunstâncias em que, meses antes, mereceu ser agraciado com o grau de cavaleiro da Torre e Espada, promovido por distinção a primeiro-tenente e lhe foi dado o comando do brigue "23 de Julho".

Quando Sartorius assumiu o comando da esquadra constitucional, desde logo se ficou esperando um combate formal entre as forças navais de ambos os partidos.

Depois de, por várias vezes, as duas esquadras terem estado à vista, e de pequenas acções de êxito indeciso, em Outubro de 32, a esquadra cartista composta de duas fragatas "Rainha de Portugal" e "D. Maria II", das corvetas "Portuense" e "Regência de Portugal" e dos brigues "Mindelo", "Conde de Vila-Flor" e "23 de Julho", onde ia como imediato J. B. da Silva, tentou bloquear no porto de Vigo a esquadra miguelista que, sob o comando de João Félix Pereira de Campos, era constituída pela nau "D. João VI", fragata "Princesa Real", corvetas "Cibele" e "Isabel Maria", brigues "Audaz", "Providência" e "22 de Fevereiro".

Pelas 07.00 da tarde do dia 10, a esquadra miguelista largou de Vigo, seguida de perto pela liberal e, a quarenta milhas ao largo, travou-se combate.

Segundo o relatório oficial, publicado na *Crónica Constitucional do Porto* (12-10-32), era plano do comandante colocar de tal modo os seus vasos menores que ficasse livre para cair com as duas fragatas sobre a nau "D. João VI", enquanto as corvetas ocupassem a atenção da fragata inimiga "Princesa Real". Mas no acto de se aproximar e romper o combate, pela uma hora da madrugada do dia 11, era tão pouco o vento que poucos daqueles vasos puderam tomar as posições determinadas e prestar ao comandante o auxílio que deles esperava. As duas fragatas dispõem-se a atacar a nau "D. João VI", mas a "Rainha de Portugal", em vez de ter posto o leme de encontro, colocando-se no través da proa daquele navio inimigo, onde, sustentada pela fragata almirante ocasionaria, como mais tarde afirmou Napier (*Guerra de sucessão em Portugal*), o seu inevitável apresamento, foi postar-se a barlavento e pela proa da mesma nau, onde de bem pouco serviu, dando azo a que todo o fogo do inimigo se dirigisse às fragatas, à corveta "Portuense" e ao brigue "23 de Julho".

Este, numa luta desigual, ataca ousadamente a fragata "Princesa Real" e envia-lhe banda por banda de balas, que se foram cravar na alheta daquele navio. Porém, no ardor da refrega, uma bala de fusil veio ferir gravemente o comandante do brigue. Então, o seu imediato, José Bernardo da Silva, salta ao degrau do catavento, empunha o porta-voz do comando e brada: Fogo! Viva a rainha!

Viva a rainha! — respondeu entusiasticamente a guarnição; o minúsculo navio, entre nuvens de fumo, envia consecutivas bandas à fragata que abandona o combate com grossas avarias.

Por esse seu feito que denota o maior brio, valor e coragem, José Bernardo da Silva foi promovido por distinção a primeiro-tenente.

São estes os termos do respectivo decreto:

> *Conformando-Me com a proposta que, pelo Ministério dos Negócios da Marinha, fez subir à Minha Presença o Vice-Almirante Comandante em Chefe das forças navais de S. M. F. a Rainha, minha Augusta Filha, para a concessão dum posto de acesso aos oficiais abaixo declarados, por seu distinto comportamento na gloriosa batalha de 11 de Outubro do corrente ano: Hei por bem, em nome da mesma Augusta Senhora, Decretar as promoções seguintes: (...) Primeiro-Tenente, o Segundo-Tenente José Bernardo da Silva (...). O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha o tenha entendido e passe para sua execução os despachos necessários. Paço, no Porto, em 28 de Outubro de 1832. D. Pedro, Duque de Bragança. Luís da Silva Mousinho de Albuquerque.*

E logo no mês seguinte — 26 de Novembro — é confirmado por nomeação no comando do brigue em que tão bravamente se batera com a fragata "Princesa Real".

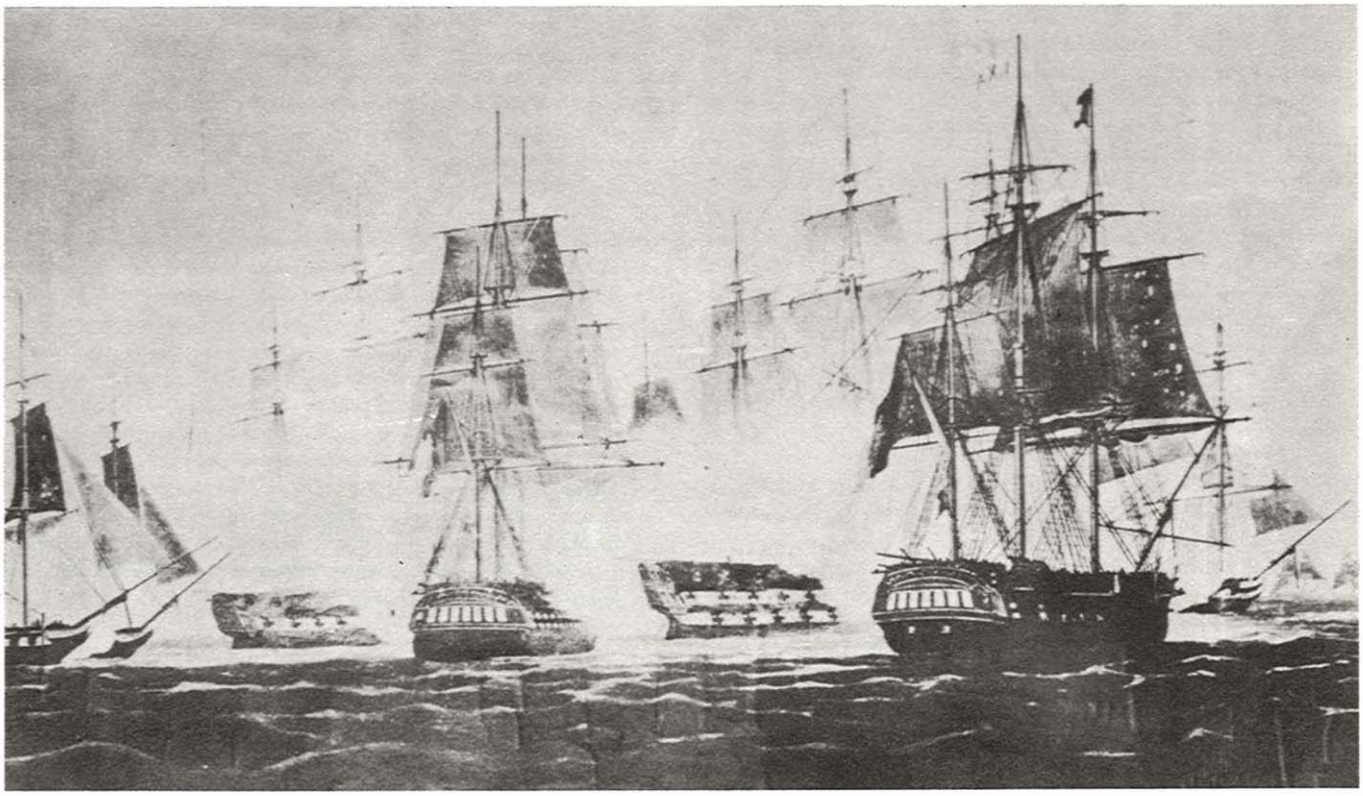
Os dois factos que acabo de referir dão a justa medida da bravura, da intrepidez, do mérito profissional de José Bernardo da Silva e marcam porventura o ponto culminante da sua vida de oficial combatente.

Mas essas qualidades já de sobra as havia revelado desde o início da sua carreira e viriam a acentuar-se e a receber a mais brilhante confirmação nas variadíssimas comissões de serviço que desempenhou até ao fim da sua vida, algumas delas e das não menos prestantes, fora da esfera puramente naval.

É o que o leitor verá nas ligeiras notas biográficas que vão a seguir.

Em 29 de Novembro de 1800, na igreja matriz de Tondela, consorciaram-se Manuel da Silva e Catarina Gomes, ambos da mesma

Combate naval entre liberais e absolutistas no mar de Vigo, em 10 de Outubro de 1932, em que o brigue "23 de Julho" tomou parte e da qual era imediato o tenente José Bernardo da Silva.



vila, ele filho legítimo de Manuel da Silva, de Tondela, e de sua mulher Micaela de Figueiredo, de Vila-Nova de Tonda; ela, filha, também legítima, de Domingos Gomes, natural do lugar e freguesia de Dardavais e de sua mulher Micaela Antunes, da vila de Tondela. Decorrido pouco mais de um ano, a 9 de Janeiro de 1802, nasceu deste casal um filho, o futuro marinheiro.

Baptisado a 16 do mesmo mês, deram-lhe o nome do padrinho, seu tio paterno José Bernardo da Silva, residente em Lisboa, onde não sei se era homem de negócio, ou se tinha emprego público.

É licito conjecturar que era gente de honesta mediania, uma família de lavradores com abastança suficiente para dar ao filho uma educação que lhe permitisse alcançar uma situação superior à dum simples proprietário rural. Com efeito, aos doze anos, confiado naturalmente aos cuidados do tio e padrinho, partiu o mocinho para Lisboa a fim de estudar humanidades e se habilitar para a frequência dum curso superior.

Concluídos os preparatórios e sentindo irresistível vocação para a vida do mar, matriculou-se no primeiro de Outubro de 1816 na Academia Real da Marinha.

De família modesta, como acaba de ver-se, devia ser em todo o caso, de limpo sangue e geração para satisfazer as provanças nesse tempo exigidas para frequentar o curso de Marinha.

Nos dois anos deste curso fez as cadeiras de desenho, arquitectura naval, aparelho prático e manobra, manejo de armas e evoluções de infantaria, matemática e língua francesa, matriculando-se em seguida no primeiro ano do curso militar e de fortificação, artilharia e desenho, que igualmente frequentou com aplicação e aproveitamento. A distinção com que fez o curso, que já lhe valera, findo o primeiro ano, a nomeação de *partidista de piloto,* conferiu-lhe a categoria de *voluntário da armada* por aviso emanado da Corte do Rio de 11 de Janeiro de 1820.

Realizavam-se assim os seus sonhos de rapaz e entrava numa corporação em que tanto desejava servir.

Logo em Outubro, embarcava na canhoneira "Mosca", donde passou para a fragata "Pérola", a bordo da qual visitou a Madeira e as Canárias.

Em 1821 seguiu viagem para o Brasil na charrua "Orestes", a qual, com outros navios, sob as ordens do comandante em chefe de divisão Francisco Maximiano de Sousa, conduziu tropas para a Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Chegou ao Rio na época em que já se planeava proclamar a independência do Brasil. O jovem marinheiro recusou altivamente as vantajosas propostas de ser incorporado como segundo-tenente na Armada brasileira e voltou a Lisboa, onde recebeu ordem de embarcar com as tropas expedicionárias para a Baía, a bordo da corveta "Regeneração". Depois de já ter assumido o comando de duas canhoneiras, passando para a barca "Constituição" é-lhe cometido o encargo de bloquear o Reconcavo e barra da Cachoeira e defender a entrada da Baía. Em todos estes comandos cumpriu tão leal e valorosamente os deus deveres que, em 24 de Julho de 1825, foi promovido a segundo-tenente, voltando a Lisboa, depois de haver metido a pique, por ordem superior, a barca cujo comando lhe havia sido confiado.

Neste tempo, de navegação à vela, os marinheiros nunca estavam inactivos, faziam muitas derrotas onde adquiriam uma prática completa e perfeita da arte de navegar. Assim é que, entre 1825 e 1831 fez diversas viagens à Madeira, aos Açores, à África Ocidental e à Índia.

Em 2 de Julho de 1831 cruzava nos Açores a bordo da corveta "Urânia" de 26 peças, quando esta, num inopinado e irresistível ataque, foi aprisionada pela fragata francesa "Melpóneme" de 54 peças e por um brigue de 16, ambos pertencentes à esquadra do almirante Roussin que, pouco antes, como é sabido, forçando a barra do Tejo, levava os navios portugueses que estavam em estado de servir, à excepção da corveta "Isabel Maria", que conseguiu escapar.

Feito prisioneiro, José Bernardo da Silva seguiu para Brest, onde a "Urânia" se juntou às charruas "Orestes" e "Princesa da Beira".

Os agentes de D. Miguel esforçavam-se por que o Governo francês lhes restituisse a "Urânia" e os outros navios.

Não se conformando com esta reclamação, José Bernardo subleva a tripulação em 23 de Setembro, proclama os direitos de D. Maria II, a despeito da oposição do comandante e de alguns oficiais e logo em 30 do mesmo mês, por ordem do ministro da rainha em Paris, assume o seu comando, o qual não chega a exercer, porquanto, apesar de todos os seus esforços, Palmela não conseguiu que o Governo francês lhe entregasse o navio.

Meses depois, anuindo ao convite de Sartorius, apresenta-se em Belle-Isle, acompanhado de alguns oficiais e tripulantes da "Urânia" e das charruas "Orestes" e "Princesa da Beira" para guarnecer o navio "Juno" de 600 toneladas e 18 peças que, armado em corveta com o nome de "Amélia", sob o comando de Bressane Leite, transportou emigrados para a Terceira.

Chegado à Terceira, é nomeado dentro em pouco, comandante do iate"S. José", a bordo do qual conduz tropas de umas para as outras ilhas, até que toma o comando do iate "Livramento", uma das pequenas unidades da expedição que, largando de Ponta Delgada, desembarca os liberais no Mindelo a 8 de Julho de 32.

Depois do desembarque do Mindelo, segue para o Porto, entrando no Douro a 11.

Relatei já dois factos dos mais notáveis da sua carreira, ocorridos nesta época — o combate naval de 11 de Outubro, em frente das ilhas Baionas e o da protecção à força militar que, em 17 de Dezembro, passou ao sul do Douro.

Não deixarei também de lembrar o valioso auxílio que, entre estas datas, em 26 de Novembro, ele prestou à escuna "Graciosa". Com a construção de novos redutos e o levantamento de novas baterias, os miguelistas tinham tornado quase impraticável a passagem da barra.

Navios mercantes que se aproximavam tinham de virar de bordo, para não terem a mesma sorte do brigue francês "Alcyon" que foi metido a pique. Arrostando com o fogo vivíssimo das baterias, a escuna "Graciosa" entrou no Douro, mas, se conseguiu fundear na praia dos Álamos de Massarelos, ficou-o devendo à eficaz intervenção de José Bernardo da Silva que não só mandou embarcações em seu socorro, mas foi a bordo no seu escaler para rebocá-la.

A sua acção na sortida de Vila-Nova, como se viu, ia-lhe custando a vida e obrigando-o a um demorado tratamento, impossibilitou-o porventura de tomar parte no feito capital da Marinha nesta guerra — a batalha do cabo de S. Vicente. Ainda mal restabelecido, não lhe sofreu o ânimo manter-se inactivo e assim, promovido a capitão-tenente em 5 de Julho de 33 (efect., 18-1-34), já em Setembro o encontramos em Lisboa, comandando a charrua "Galatêa" e defendendo o sul do Tejo, em frente de Alcochete, tendo sob as suas ordens o brigue "Audaz", o brigue-escuna "Boa Esperança", o caíque "Treze de Maio" e a canhoneira n.º 5 (*1*).

Nomeado comandante da corveta "Portuense", vai duas vezes à Madeira transportar tropas.

No regresso a Lisboa da segunda dessas viagens, em Setembro de 34, encontrou a barra tão cerrada de denso nevoeiro que, durante muitos dias não pôde tentar a entrada. Por fim, aproveitando uma aberta e confiado no piloto demandou a barra, mas o navio encalhou e perdeu-se ao sul do Bugio.

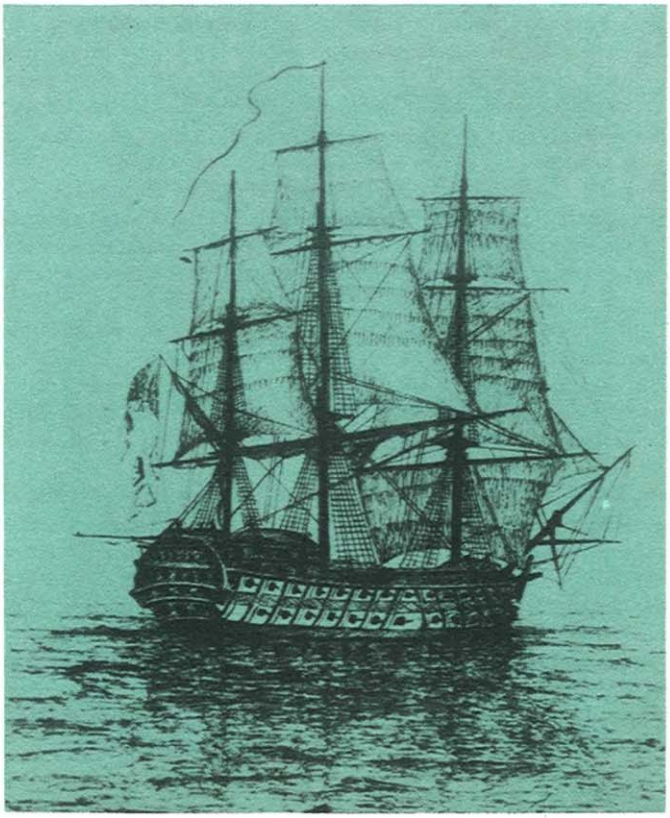
Na tentativa de salvar o navio, houve-se com tal perícia que foi plenamente absolvido, e o seu valor como marinheiro tão altamente apreciado por um dos passageiros, testemunha ocular do encalhe, o visconde de Atouguia, que chamado este aos conselhos da coroa como ministro da Marinha, um dos seus primeiros actos em 35 foi nomeá-lo comandante do brigue "Vila-Flor". Neste navio desempenha valiosas comissões na América do Sul e em Moçambique. A sua estação na América para proteger subditos portugueses mereceu que a rainha louvasse os seus serviços e o agraciasse com o grau de cavaleiro de Avis.

De 39 a 43 fez várias estações na África e nos Açores e em 15 de Fevereiro de 44 foi promovido a capitão-de-fragata, sendo-lhe dado o comando do vapor "Mindelo" em Julho de 46. *Este é um dos muitos lances da sua biografia — diz-nos Alberto Pimentel (2) — que mais revela a honradez que o caracteriza. Fazendo, no "Mindelo", diversas comissões aos portos da costa de Portugal, chegou ao Porto com o duque da Terceira ao tempo que lá estava funcionando a Junta Governativa de celebrada memória. José Bernardo da Silva, bem como os comandantes do vapor "Duque do Porto" e escuna "Conde de Tojal", recusou reconhecer a Junta, mas não podendo sair a barra por falta de prático e tendo de sacrificar, numa resistência temporária, o barco e a tripulação, capitulou com a Junta, de acordo com os seus colegas, lavrando-se auto consoante às formalidades do estilo.*

Nos suplementos 1.º e 2.º ao número 251 do Diário de Lisboa *de 24 de Outubro de 1846 aparece honrosa notificação deste procedimento.*

(*1*) *Marx de Sori, "Galeria Militar Contemporânea", n.º 14, VII, 78.*

(*2*) *"Homens e Datas", Porto, 1875, p. 143.*



A nau "Rainha de Portugal" (no artigo classificada erradamente de fragata) que tomou parte no combate naval do mar de Vigo, incorporada na esquadra cartista tal como o brigue "23 de Julho".

Ainda na continuação das nossas lutas civis, durante a revolução do Norte, sob as ordens do comissário régio na província do Minho, tomou parte com a esquadra comandada pelo visconde de Soares Franco na tomada da praça de Valença em 1847, o que lhe valeu ser elevado a comendador de S. Bento de Avis e, nos Açores, depôs as juntas rebeldes e restabeleceu o Governo da rainha.

Promovido a capitão-de-mar-e-guerra em 8 de Junho de 1848 (graduação que se tornou efectiva em 28 de Novembro de 1855), ainda como comandante do vapor "Mindelo" e em seguida da corveta "Porto", além de várias viagens de instrução com aspirantes e guardas-marinhas, desempenhou importantes comissões, entre as quais apenas mencionarei a viagem a Nápoles e Gaeta, em que Pio IX o agraciou com a comenda de S. Gregório Magno, e ao porto de Gibraltar, às ordens do marechal Saldanha, para conduzir a Lisboa a divisão restauradora, serviço que lhe valeu o título de conselheiro de Sua Majestade.

Em 1852, na mesma corveta, acompanhou D. Maria II na viagem que a rainha fez aos portos da costa do norte de Portugal, indo em Agosto desse ano à Madeira sufocar a sublevação das praças de Caçadores 6 contra os oficiais desse regimento.

Depois da tremenda agitação política e das incessantes lutas civis que tão tristemente assinalaram os dois primeiros decénios do regime representativo, iniciou-se com a *regeneração* uma larga obra de fomento. Entre os importantes serviços de utilidade pública e os melhoramentos de ordem material de que o país carecia, a introdução da telegrafia eléctrica foi uma das grandes obras devidas à fecunda iniciativa de Fontes, e este homem, que tão bem sabia escolher os seus colaboradores, dirige-se para este fim a José Bernardo da Silva, no que procedeu com o costumado acerto.

Em 1807 tinha-se dado às comunicações telegráficas uma organização puramente militar. Conhecida a importância que, com os serviços de farolagem, tinha para a navegação, a sinalização e transmissão de notícias por meio de telegrafia óptica, não é de estranhar que, inventada a telegrafia eléctrica e não se achando ainda devidamente organizados no nosso país os serviços de engenharia, se fosse procurar entre os oficiais da Armada quem, tendo uma decidida vocação e revelando uma competência especial para a montagem de telégrafos marítimos e colocação de cabos submarinos, se encarregasse também de estabelecer em terra a rede telegráfica do mesmo sistema.

Por decreto de 4 de Abril de 1856, foi pois nomeado director-geral dos Telégrafos Eléctricos, difícil e espinhosa missão que durante oito anos desempenhou com a mais notável proficiência, conseguindo vencer todas as dificuldades técnicas dum serviço inteiramente novo, estabelecer em pouco tempo as principais ligações por mar e por terra com os países estrangeiros e no continente montar uma rede extensa e quase completa de linhas telegráficas. No estrangeiro foi devidamente apreciada a sua acção e por esse motivo recebeu honras várias, tais como a comenda de Isabel, a Católica, e a da ordem imperial de Francisco José da Áustria.

Em 1864 foi dada a pasta das Obras Públicas a João Crisóstomo de Abreu e Sousa, há muito indigitado para esse alto cargo pela sua ilustração e pela sua competência técnica como engenheiro. Como tal, num vasto plano de reformas, reivindica para a sua classe o exclusivo de certos cargos para cujo cabal desempenho só engenheiros ofereciam as necessárias garantias.

Não admitia que continuasse confiada a um marinheiro e numa quase completa autonomia, a direcção superior dos serviços telegráficos, função importantíssima que, na sua parte técnica e para seu sucessivo aperfeiçoamento, exigia, além do conhecimento prático da telegrafia, uma sólida preparação e profundos conhecimentos nas ciências físico-matemáticas.

E por assim o entender, pouco depois de assumir a gerência da sua pasta, fez publicar no *Diário* o seguinte decreto:

> *Sendo necessário que os oficiais da Armada empregados nas repartições dos telégrafos da Marinha e Ultramar e não devendo haver excepções nesta medida exigida pelas conveniências de serviço: hei por bem exonerar o conselheiro chefe da divisão da Armada José Bernardo da Silva do cargo de director-geral dos Telégrafos do reino que exerceu com zelo e inteligência. Paço da Ajuda em 7 de Abril de 1864. Rei. João Crisóstemo de Abreu e Sousa.*

O ministro podia ter usado um processo mais delicado; a maneira brusca, dir-se-ia até brutal, com que assim foi posto à margem um homem a quem se devia o maior respeito pelo seu passado brilhante e intemerato, pelos serviços que tinha prestado à nação, mesmo neste cargo em que ele tinha realizado a dificílima missão dum iniciador, foi muito comentada e suscitou vivos protestos. O mais veemente, sem dúvida, foi o de Alberto Pimentel num célebre folhetim, que ele depois inseriu no seu livro *Homem e Datas*, de que já atrás transcrevi uns períodos.

O leitor pode averiguar as razões que geraram na cabeça olímpica do sr. João Crisóstemo a Minerva dos decretos de coito danado se tiver coragem de ler a lamentosa narrativa que o Viriato *de 20 de Maio de 1864 estampou em duas colunas.*

Mas, se tem amor ao nome de português e à honra de Portugal, não leia. O ministro que referendou o decreto de 7 de Abril de 1864 foi o Páris que acertou no calcanhar de Aquiles.

Já é uma glória! Todavia, segundo reza a tradição, a lança do herói da Ilíada *tinha o raro condão de cicatrizar as feridas que rasgava, e, pois que evocamos o nome de Aquiles, diga-se para finalizar estas breves linhas, que o homem que pelos seus serviços recebeu a mais dolorosa ingratidão, por eles — e só por eles — logrou ser promovido a contra-almirante em 2 de Junho de 1866 e subsequentemente condecorado com as medalhas militares de ouro, de valor, de bons serviços e comportamento exemplar. A lança de Aquiles não é pois uma ficção, é um símbolo.*

Antes de ser promovido a contra-almirante, tinha sido nomeado, logo em seguida à sua demissão de director dos Telégrafos, vogal do Supremo Conselho de Justiça Militar por decreto de 26 de Abril de 1866 e nesta comissão finalizou a sua carreira até à sua reforma em vice-almirante por decreto de 20 de Outubro de 1877.

A sua demissão de director-geral dos Telégrafos magoou-o profundamente e fez dele nos últimos anos um despeitado, malquistando-se com a política e com os políticos duma forma de governo por cujo estabelecimento tão estrenuamente lutara. Talvez como reparação e em desagravo da afronta sofrida, quiseram os seus patrícios elegê-lo seu representante em cortes.

Propuseram-lhe a candidatura que ele de bom grado aceitou, vindo para esse fim algumas vezes a Tondela.

Meu pai, médico nesta vila onde dispunha de certa influência política, era um dos mais entusiastas propugnadores desta candidatura e com os seus amigos, nesse sentido, teve várias conferências com o bispo de Vi-

seu, D. António Alves Martins, que por essa eleição mostrava decidido empenho pois muito estimava José Bernardo da Silva e lhe admirava as suas qualidades.

Infelizmente tal propósito malogrou-se: imposições vindas do alto e outras combinações políticas obstaram a que Tondela pudesse eleger como seu deputado tão ilustre conterrâneo.

(...) Mas é justamente o alheamento que as modernas gerações manifestam pelos vultos eminentes que noutros tempos enobreceram a sua terra que impõe à minha consciência de beirão e de tondelense o gratíssimo dever de evocar e prestar a merecida homenagem à memória dum homem que, servindo sempre a sua pátria com a maior bravura e lealdade, foi, no dizer de Fontoura da Costa (*1*), um grande oficial de mar, dos mais representativos da nossa Marinha.

(*1*) *"Anais do Clube Militar Naval", número comemorativo da fundação do Clube, 1936, p. 21.*

Amadeu Ferraz de Carvalho
(In "Beira Alta" — 1944 — 3.º volume)

Desporto

EQUIPAS MILITARES DE TIRO NA ROMÉNIA

Cerimónia de boas-vindas à representação portuguesa na Casa Central das Forças Armadas Romenas.

Embora com relativo atraso, porquanto não nos foi dado conhecimento do facto pelo serviço que o poderia ter feito, o que lamentamos, tivemos conhecimento, através do "Baluarte", que as equipas de tiro (pistola e espingarda) das nossas Forças Armadas obtiveram brilhantes classificações num encontro da modalidade, em Bucareste, com os militares da Roménia.

Este encontro, de há muito acordado entre os dois países, no âmbito do intercâmbio desportivo militar, decorreu em Novembro último.

Chefiou a delegação portuguesa o coronel das FAP Garcia Alvarez, sendo as equipas constituídas pelos cap.-ten. Neto, maj. pára-quedista Costa, maj. SM Mendes, 1.º-sarg. FZ Madail e subchefe da PSP Antunes (pistola); maj. pára-quedista Palma, cap. pára-quedista Santos, cap. inf. Aguda, sold. da GNR Feliciano e guarda da PSP Pinto (espingarda). Os nossos atiradores obtiveram as seguintes classificações:

— Pistola (vel. militar) a 25 metros: 1.º, 3.º, 4.º, 5.º e 8.º lugares;
— Pistola UIT a 25 m: 3.º, 4.º, 5.º, 9.º e 10.º lugares;
— Espingarda (vel. militar) a 300 m: 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º lugares;
— Espingarda UIT a 300 m: 2.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º lugares.

De salientar que o consagrado 1.º-sarg. FZ Madail obteve uma brilhante vitória sobre o campeão mundial e olímpico de pistola Ion Corneliu.

Refere-se ainda que este atirador e o seu compatriota Sandor Petre (bi-campeão europeu em espingarda) estão convidados para dirigir um estágio da modalidade em Portugal.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Pela primeira vez na sua história a "Sagres" cruzou o Pacífico do Panamá às portas da China

Encontro-me, de novo, na "Sagres", por diligências da sua guarnição.

Durante o mês da minha ausência, o navio escalou S. Francisco e Seattle, nos Estados Unidos, e Victória e Vancouver, no Canadá. O mau tempo, segundo me contam, fustigou o navio, logo a partir de San Diego, deixando a guarnição completamente *arruinada*. Os dois dias passados em cada porto, mal deram para se endireitarem as costelas...

Contudo, ao que parece, todos gostaram dos portos escalados e da hospitalidade da sua gente, com realce para os portos do Canadá.

Aliás, eu próprio, que ao regressar ao navio fiz escala de um dia em Vancouver, ouvi do cônsul português, dr. Valadas, e de outras pessoas, as melhores referências à passagem da "Sagres", com grandes encómios ao seu pessoal.

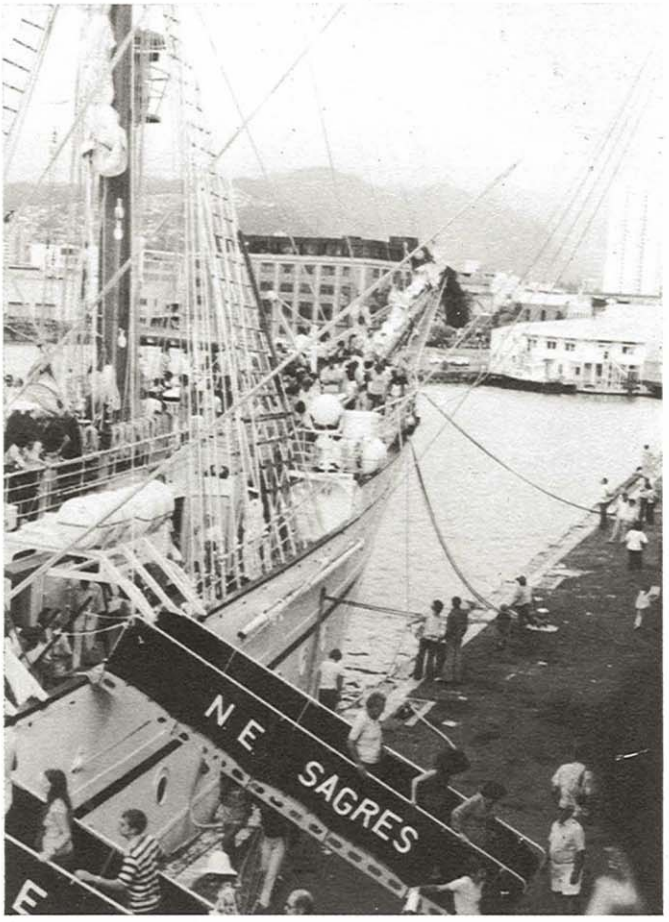
Recordo-me de atribuirem ao comandante o epíteto de *genuino diplomata* e, como é natural, gostei de ouvir falar assim da *minha gente*.

Quanto ao programa da estadia em S. Francisco, dizem ter sido um êxito a recepção geral da guarnição, e que cada elemento pôde levar os seus próprios convidados, resultando uma animada e alegre confraternização. E êxito foi também um desfile cívico em que estiveram enquadradas diversas representações, com destaque para a da "Sagres" que mereceu as melhores referências da imprensa local.

A comunidade portuguesa, não tanto a da cidade, mas a dos arredores, sobretudo de San José, dispensou ao nosso pessoal caloroso acolhimento.

Aí, em San José, na Igreja Nacional Portuguesa, foi celebrada uma missa à qual assistiu uma numerosa delegação do navio, que foi depois obsequiada com almoço, tarde desportiva, jantar e um bailarico para fim de festa.

Durante 17 dias a "Sagres" foi duramente castigada pelo mau tempo, no Pacífico...



À chegada a Honolulu, até a "Sagres" foi contemplada com o colar de boas-vindas (vide o gurupés).

Ainda em S. Francisco, tiveram alguns elementos da guarnição oportunidade de assistir a um concerto no Call State University, pelo pianista português Adriano Jordão, e de visitar o antigo veleiro "Balclutha".

Em Seattle, dobrada que foi a ponta Jefferson, o navio atracou ao cais onde foi acolhido com uma sessão de boas-vindas. A guarnição pouco mais pôde fazer que uma visita relâmpago à cidade e a uma famosa fábrica de cerveja onde, felizmente, foi dessedentada a preceito... o tempo escasseava.

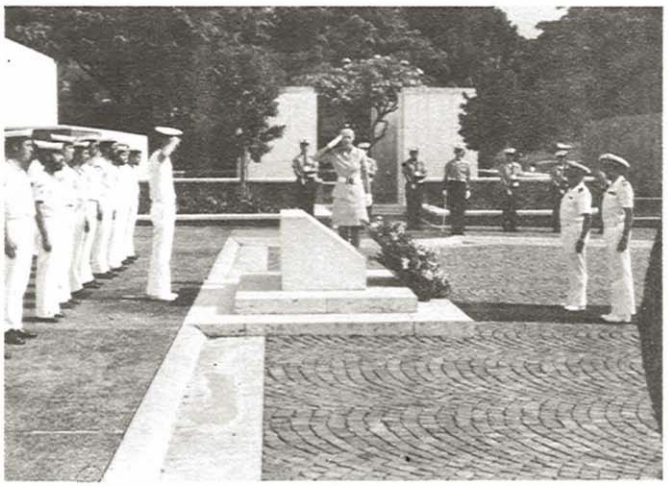
As escalas eram extremamente curtas.

Victória, uma cidade maravilhosa, ali bem perto de Seattle, mas já no Canadá, aguardava o navio para as celebrações do bicentenário da chegada de *captain* James Cook àquelas paragens.

Vancouver, uma outra cidade que, como Victória, prendeu as atenções de todo o pessoal, seria também escalada.

Mas (que pena!), nestas duas cidades, onde a comunidade portuguesa acolheu o navio apoteoticamente, com uma simpatia e carinho inigualáveis, acorrendo em avalanches

Crianças deficientes, no Hawai, visitaram a "Sagres".



Cerimónia oficial junto do Monumento aos Mortos do Pacífico, no Cemitério Nacional, no Hawai.

de milhares e milhares de pessoas — nestas duas cidades, dizia eu, belas, modernas, atraentes, de grandes jardins e de imensos espaços verdes, choveu copiosamente todo o tempo.

Porém, o calor humano tudo superou.

No cais de Victória, mesmo no centro da cidade, duas bandas de música compostas por elementos muito jovens de ambos os sexos, deram uma nota de jovialidade e frescura, de graça e carinho à chegada. Em Vancouver, apesar da hora matinal, numerosas embarcações aguardavam o navio e grande número de portugueses acorreu ao cais.

Em recepções, tal como a do Empress Hotel em Victória, ou a do Hotel da Montanha em Vancouver, foi sobejamente manifesto o bom acolhimento dispensado à guarnição (mesmo quando algum dos seus elementos se viu sem boné, coisa que aos canadianos servia de *souvenir*). Enfim, bem merecia a guarnição, as próprias cidades visitadas e a simpática e unida comunidade portuguesa que a "Sagres" aí permanecesse oito dias e não apenas dois.

Contudo, ordens são ordens, e toca a marchar em direcção ao Hawai. Hawai, sim, só o nome quase cheira a paraíso. Mas, como tudo o que é bom, custou a conquistar. Dezassete dias de tormenta, santo Deus, dezassete dias de luta com o mar, a pior etapa desde Lisboa, segundo opinião geral. Daí a cara *escarnifabética* que toda a guarnição apresentava à chegada ao porto de Honolulu. Eu estava lá, no meio da multidão, agraciado já com o colar de boas-vindas, tão típico daquela terra, e vi os efeitos provocados pela ferocidade do *Gigante*.

A compensar, e a fazer esquecer esse mar enraivecido, ali estava uma grande multidão de gente havaiana, portuguesa de coração, para nos saudar num estrondoso *Aloha!*.

Aloha é a palavra mais rica do vocabulário daquela terra. Exprime o bem, a beleza, a felicidade, a saudade, a ventura, os bons desejos, a riqueza, uma boa chegada, uma boa partida, uma saudação, uma despedida, o carinho, o amor, a amizade, enfim, tudo o que é bom.

E essa palavra foi dita ali, no cais, a plenos pulmões. À frente daquela massa de gente estavam as autoridades do Hawai e o cônsul honorário de Portugal que todos, à partida, apontariam como um *gentleman* incansável e um grande amigo dos portugueses.

Após os cumprimentos, o portaló tornou-se uma verdadeira artéria da cidade. Centenas e centenas de pessoas entraram no navio, cobrindo-o de flores e depondo ao pescoço de cada marinheiro um colar florido, ao mesmo tempo que pronunciavam a mágica e abençoada palavra: *Aloha!*

Logo ali se descobriram, na primeira hora, inúmeros descendentes daqueles portugueses do Continente, dos Açores e da Madeira que há cem anos tinham demandado aquelas terras.

Minha avó era do Funchal, meu pai nasceu em Castro Daire, meus avós nasceram em S. Miguel, enfim, um rosário de expressões semelhantes se ouviam, identificando antepassados.

Parece que, dos cerca de 28 000 descendentes de portugueses que vivem no Hawai, só dois ou três nasceram em Portugal. Todos os outros nasceram já naquelas encantadas ilhas do Pacífico.

Mas (quem diria?), em nenhuma outra parte deparámos com manifestações de tanto portuguesismo, talvez mesmo superando Victória e Vancouver.

Dezenas de famílias se ofereceram para levar elementos da guarnição até suas casas, proporcionando-lhes passeios à ilha, refeições em hotéis, passatempos e, em muitos casos, obsequiando-os até com interessantes *recuerdos*.

Coisa nunca vista, e acolhimento nunca anteriormente dispensado.

A agenda dos actos oficiais estava, felizmente, pouco sobrecarregada.

Destacamos a deposição de uma placa alusiva à passagem da "Sagres" e de homenagem aos 1177 marinheiros mortos a bordo do "Arizona", afundado pelos japoneses em 7-12-941.

Essa placa foi deposta pelas mãos do vice-almirante Ramos Rocha e capitão-de-fragata Martins e Silva que, para o efeito se deslocaram a Pearl Harbour, à frente de numerosa delegação do navio.

Cerimónia semelhante haveria de ter lugar, no Cemitério Nacional do Pacífico, onde uma coroa de flores ficaria a assinalar a homenagem de Portugal aos americanos mortos no Pacífico, entre os quais se conta um jovem sargento, filho de portugueses, agraciado com a mais alta condecoração americana — a medalha de honra do Congresso. Sepultado nesse cemitério, sobre a sua campa

foi deposta uma outra coroa de flores, tendo sua mãe, ainda viva, assistido à cerimónia.
A meio da estadia, quis a comunidade portuguesa obsequiar o navio com uma maravilhosa recepção, no McCoy Pavilion, a qual intitulou de *noite havaiana.*
Foi esmerada e requintada essa recepção, sendo a primeira parte evocativa do centenário da chegada dos portugueses ao Hawai, a que se referiram o mayor de Honolulu, o governador do Estado, o comandante da "Sagres" e o vice-almirante Ramos Rocha, ido de Lisboa oficialmente.
A segunda parte, para além de uma ceia havaiana, não muito ao gosto português, mas com todos os acepipes de sabor local, foi enriquecida com a actuação do Kamehameha Schools Concert Glee Cub e com música para dança a cargo do conjunto *Ka Leos.*
Nessa animada noite, a pedido da assistência, houve ocasião para o Grupo Coral "Sagres" vir mais uma vez à baila. E lá apareceu ele, despretencioso e modesto, mas conseguindo uma calorosa ovação. Até nisso aquela gente foi pródiga e simpática.
E foi-o ao ponto de pedirem as letras das canções executadas para que, de futuro, se cantassem entre a gente portuguesa do Hawai.
Maravilhas, havia-as naquela terra, às mãos cheias, porém, nenhuma superior à da simpatia da sua gente. A Downtown, Chinatown, a Ala Moana Beach, a Ala Wai Yacht Harbour, bem como toda a modernissima e feérica zona de Waikiki, são espectáculos paisagísticos e centros de atracção ímpares.

Pois tudo isso se ficou conhecendo devido às facilidades e apoio concedido pela comunidade portuguesa. Quantos não foram os que penetraram no interior da ilha, disfrutando das belezas de uma luxuriante e exótica vegetação, contemplando do alto das montanhas o mundo calmo e verdejante das encostas, ouvindo o cantarolar de cristalinas cascatas, contactando com a riqueza exuberante da ilha que, em cada recorte, tem algo de novo a ofertar?!
E quantos não foram também os que penetraram no mundo sofisticado de Waikiki, apercebendo-se do mundo fácil em que nada o turista endinheirado?!
Sim, muitos tiveram essas oportunidades, mercê do amor que aquela comunidade nutre por Portugal, país que não conhece, mas que amam por ser a terra de seus avós.
Daí algumas perguntas, com sabor a caricato e uma certa infantilidade com que, por vezes, éramos bombardeados: *Também há disto em Portugal? também há prédios altos? também há elevadores? também há bombeiros? também há bares?...*
Não sei que conceito farão da nossa terra mas, quando respondíamos haver disso e muito mais, rematavam: *Oh! Very nice, we must go to Portugal.*
Eu próprio tive uma surpresa.
Tendo levado de Lisboa alguns filmes sobre paisagens de Portugal, quis a TV do Hawai exibi-los nos seus écrans. Foram passados no canal 2 e fizeram um sucesso. Mas, quando fui por eles, ninguém sabia o seu exacto paradeiro. Passaram ao canal 4; levou-os John Cabral; estão em casa do cônsul, eram as respostas...
Não me conformando com a perda dos filmes, pedi ao rev. Mattew Alencastre, um sacerdote havaiano, filho de madeirenses, e que fora o meu condutor, para irmos a todos os locais indicados, acabando por voltar de novo ao canal 2, com cara de quem não está a gostar da brincadeira!
Depois de muitos telefonemas, esclareceu-se o mistério. Os filmes andavam a ser rodados em casa de portugueses. Ao serem-me entregues, ouvi estas maravilhosas palavras: *nunca vimos terra tão bonita!*
Muitos de nós diziam o mesmo do Hawai: *nunca vimos terra assim!*
E a hospitalidade que nos era dispensada não vinha apenas da parte portuguesa, mas também da população local. Eis um exemplo: Em pleno Waikiki, a zona ultramoderna e turística de Honolulu, mais propriamente no grandioso centro comercial Waikiki Central Plazza, há um curioso bar retintamente britânico. Trata-se do Churchill's Inn. O piano é o único instrumento musical existente. Mas, todo o bar se transforma em música quando o artista Jack London aparece. Um ou outro elemento da assistência oferece-se, por vezes, para cantar.
A quatro elementos da "Sagres" que numa mesa formava grupo, foi pedido, a dada altura, para interpretarem uma canção portuguesa. O grupo foi identificado porque um dos seus elementos vestia uma camisola onde se lia *Sagres-Portugal.* Hesitações, insistência, mais hesitação, mais insistências, um dos elementos avança e trauteia, em surdina, apenas para o pianista, a canção que lhe acorreu. Apanhado o tom, e pronto o pianista, sai perfeita e ritmada a moda da *Tia Anica.* Foi o fim! Palmas, ovação, assistência em pé... Ao querer ausentar-se, o novo *artista* é impedido: *One more, one more.*
E não foi apenas mais uma, mas um reportório completo: *O Verde Gaio, As Pombinhas da Catrina, O Malhão,* a *Lisboa Antiga,* o *Chapéu Preto, Oh Rosa arredonda a saia,* etc.
Nas noites seguintes, os marinheiros da "Sagres" eram recebidos com palmas e em cada noite era um *show* à portuguesa.
Amável e acolhedora aquela gente! Ao deixá-la, que saudades!
A despedida foi dolorosa, com a quase certeza de não voltar.
A "Sagres" fez-se ao largo. No cais, uns acordes compassados e tristes, lenços acenando, multidão dizendo adeus. O enlevo do ritmo havaiano é o derradeiro sinal de despedida. Já no mar, à vista ainda do cais, lançamos mão ao colar de flores que a todos pendia do pescoço. E todos à uma, como quem obedece a um comando rigorosamente cronometrado, atirámos as flores ao mar, cumprindo religiosamente uma velha e inédita tradição.
E aos nossos lábios aflorou, pela última vez, a palavra mágica: *Aloha!* que teve repercussão no cais donde como um eco ressoou também: *Aloha!*
Assim partimos da terra a que Camões chamaria, se a tivesse conhecido, a Ilha dos Amores.
O vasto oceano esperava-nos. E por muito tempo, pois que, vinte e nove dias levaríamos do Hawai a Tóquio.

Felizmente, dias bastantes calmos e serenos, com vento favorável, excepção feita a dois ou três dias em que, por força do balanço, se foi dançando o *fadango* de antepara para

antepara, não se conseguindo dormir e, se alguém comeu, foi porque o hábito não fez esquecer os movimentos dos maxilares já que a *pontaria*, por vezes, falhava.

Uma ocorrência feliz desses dias foi a passagem pelo meridiano 180º, também chamado o anti-meridiano de Greenwich ou Linha Internacional de Mudança de Data. Vai daí, ao meio-dia de um sábado, passou a ser meio-dia de domingo.

Todos compreenderam muito bem o desaparecimento de um dia na nossa história e, sobretudo, o desaparecimento de mais um dia de viagem, porque o oficial navegador explicou, com rigor e precisão, sem baralhar os fusos, tudo quanto se ia passar.

Para quem não compreendeu totalmente, a explicação era fácil: O senhor comandante mandou tirar um dia no calendário, e pronto, ele é que sabe...

Tal acontecimento ocasionou uma festa a bordo, do género da que se faz na passagem do Equador para aplacar a ira de Neptuno, *Rei dos Mares*.

Lá foi tudo à *tina* para o famoso banho, que até soube bem e foi salutar!

Não esqueçamos que, devido a esta longa tirada no Pacífico, um mês precisamente, a água foi racionada. O precioso líquido aparecia dia sim, dia não. Para o dia não, havia um regadorzinho de reserva que, bem aproveitadinho, dava para tudo. Que remédio!

Até que um dia, uma semana antes da chegada a Tóquio, o oficial imediato decide, num gesto magnânimo, conceder água todos os dias.

Júbilo, aclamações, entusiasmo, enfim, uma festa.

O gesto foi tão apoteoticamente recebido que os *tra-*

Uma recepção em Honolulu.

balhadores do conhecido *bairro azul*, onde mora a oficialidade, fizeram uma manifestação espontânea, com cartazes e slogans, alguns dos quais muito revolucionários como: *Assim é que é; acabou-se com o chulé; Agora, a aguada, jamais será fechada.*

Às horas previamente marcadas, atracámos ao porto de Tóquio, em terras do Sol Nascente.

E foi assim, navegando cerca de 12 000 milhas, em quase cinco meses que, pela primeira vez na sua história, a "Sagres" cruzou o Pacífico, desde o Panamá às portas da China.

Delmar Barreiros
Capelão graduado em 1.º-ten.

Voz da Abita

Cartas ao Director

Do nosso assíduo colaborador "Pezinhos", cabo M, recebemos mais esta carta:

Alfeite, 31 de Janeiro de 1979.

Não sei se já repararam que todos os dias nos acontecem coisas que, sem serem importantes... chateiam. Das muitas que pessoalmente me dizem respeito, seleccionei as seguintes:

— Chegar à estação do "Metro" precisamente na altura em que arranca o comboio que queríamos tomar, e vê-lo... pela "popa".

— Ir a sair do comboio e ter a porta bloqueada por montes de gente, ou ser impedido e empurrado pelos apressados que tentam furar, e furam, de qualquer maneira.

— Ir apertadíssimo no comboio, chegar à estação, ficar todo contente por sairem 3 passageiros e... entrarem 20.

— Ir muito entretido num autocarro ou num eléctrico a ler o jornal e aparecer um fiscal a pedir o bilhete que nunca sabemos onde guardámos, ou... deitámos fora.

— Encontrarmo-nos, num passeio ou rua estreita "roda a roda" (de frente) com outro transeunte que se põe a dançar à nossa frente, impedindo-nos de avançar, ou,

— Ir atrás de outro que, quando o queremos ultrapassar, "guina" precisamente para o mesmo "bordo" que nós.

— Cairem-nos em cima da cabeça gotas de água, dos condicionadores de ar instalados nas janelas dos edifícios.

— Molhar um pé, ou torcê-lo, numa daquelas bocas de incêndio que existem nos passeios e nunca têm tampa.

— Entrar numa loja para comprar qualquer coisa, às vezes depois de deitar muitas contas à vida, e encontrar um empregado mal disposto, daqueles que parece estarem a fazer um grande favor em nos atender.

— Entrar numa estação de correios para comprar um selo, puxar de uma nota de 20 para pagar e a empregada dizer logo: "Não tenho troco".

— Chegar ao cinema para comprar bilhete, estar a "casa passada", e ao lado da bilheteira estarem uns espertalhões a vender bilhetes mais caros.

— Meter o pé, ou pés, na lama dos muitos quadrados de terra onde esti-

veram plantadas árvores que secaram e ninguém substituiu.

— Encontrar alguém que começa a conversar connosco e nos enche a cara de "perdigotos", ou, ainda pior, nos pede dinheiro emprestado.

Tudo isto me aborrece, isto e outras coisas mais... Quem me dera nos tempos em que andava no mar!

Do 1.º-sarg. T Mário Orlando Soares Pimenta, do G1EA, recebemos a oferta de um trabalho seu intitulado "A minha última viagem, em manobras, a bordo da fragata *Magalhães Corrêa*". Este trabalho é em verso e fica no nosso arquivo, com os agradecimentos ao autor. Mandou-nos também uma pequena história, verdadeira, a respeito do Natal, que já não é oportuno publicar.

De Adriano Ivo Esteves, ex-grumete E, Elisabeth N. J., USA, uma carta com os melhores elogios à Revista, que muito agradecemos, onde diz:

Formulo o meu grande desejo de que a nossa Revista navegue sempre a vante, como o fizeram as naus da nossa Armada. E, como é a maior nau que actualmente existe na Armada, é a de maior raio de acção e a que chega mais longe... a todos os filhos dessa Pátria, espalhados pelo Mundo. Peço que, através da Revista, me seja permitindo enviar um abraço aos "filhos" da minha escola (4.ª de 1972), bem como à guarnição do "Horta", de 1973/75.

De João Nascimento, Presas, Aveiro, uma carta de que transcrevemos:

Quando escrevo "nossa Revista" fico identificado. Sou mais um "da casa"... Na verdade, estou indissoluvelmente ligado à Armada, por duas razões principais: porque nela servi, como marinheiro fogueiro, durante alguns anos, e porque fiquei a fazer parte dessa grande família que é a Marinha de Guerra. É pois, do fundo da alma que eu digo: viva a Marinha e viva a "Revista da Armada", que é o melhor elo de ligação entre todos os que a serviram ou servem, no activo, na reserva ou na reforma. E não esqueço os funcionários do QPCM, que também fazem parte da família!

Para finalizar, envio um abraço do grumete do paiol "Joãozinho", para toda a equipa da "Revista da Armada" e ainda para, na altura, 1.º-ten. Alves dos Santos, sargentos MQ Pio, Amado, Talívio, Gil, Falcão, Oliveira e também para o "Falinhas", para o "Alemão", para o "35" e para o "Dany". Se algum quiser escrever-me, dar-me-á um grande gosto.

De Ulisses Cadete, cabo L, uns versos de Natal que, pela extensão, não podemos publicar. Têm por título "Ser pequenino no Natal" e deles damos este extracto:

(...)
Queria ser como tu,
Ter encanto e afeição,
Ser pequenino de corpo,
Mas grande de coração.
(...)

De Joaquim Lucas, cabo de mar reformado, de Olhão, uma carta de que transcrevemos:

(...) Ao deparar com as fotografias do antigo Arsenal de Marinha, insertas no n.º 87 da Revista (Dez. 78), vieram-me à mente três episódios ocorridos durante o período em que fui operário daquele estabelecimento fabril, que julgo inéditos, e passo a descrever:

(...) "Lá vai ele..." — Como é do conhecimento de V. Ex.ª, no tempo em que não existia a Base Naval de Lisboa, no Alfeite, os navios da

Armada amarravam a bóias, fundeadas no Tejo, constituindo o chamado "Quadro dos Navios de Guerra". Determinadas reparações dos navios eram efectuadas por operários do Arsenal, transportados para bordo por um rebocador que, de manhã, às oito horas, largava da ponte onde estava instalada a cábrea. Dos referidos operários fazia parte um ajudante da oficina de ferraria (vulgo oficina de forjas), indivíduo de temperamento assomadiço, que dava por paus e por pedras assim que a malta pronunciava em voz alta a alcunha porque era conhecido: "Lá vai ele...".

E, ao fim da tarde, logo que o rebocador atracava à ponte para desembarcar os operários regressados dos navios, tal ajudante, que residia em Campolide, era o primeiro a saltar, iniciando uma "maratona" a caminho da sua oficina, localizada no lado Ocidental do Arsenal, perto do edifício da Administração Geral do Porto de Lisboa, para poder apanhar o "eléctrico" que partia da Praça Duque da Terceira, pouco depois das 17.00 horas. Como sempre, a malta "mimoseava-o" com epíteto do costume: "Lá vai ele... Lá vai ele...". Ora, acontece que, numa dessas tardes, se encontrava à janela do seu gabinete, que ficava sobranceiro à Direcção do Material de Guerra e Tiro Naval, o ministro da Marinha, ao tempo o almirante Ortins de Bettencourt, acompanhado de duas ou três pessoas. No dia seguinte, os mestres de todas as oficinas foram chamados à Direcção das Construções Navais a fim de lhes ser comunicado que o senhor Ministro estava muito zangado com os operários que na tarde anterior haviam desembarcado do rebocador, vaiando Sua Excelência, com gritos de "Lá está ele... Lá está ele...".

Bota-fora do aviso de 2.ª classe "João de Lisboa" — Por norma, nas horas que precediam o lançamento à água de qualquer navio, competia aos carpinteiros de machado a vigilância da respectiva carreira. Sucede que algum tempo antes da hora marcada para o bota-fora do "João de Lisboa", alguém notou que o navio dava indícios de querer começar a deslizar. Então, se a memória me não falha, o mestre da oficina de carpintaria de machado (oficina a que eu pertencia), de nome Eduardo Pestana, tomou a resolução "heróica" de ordenar o lançamento. Entretanto, na Casa da Balança, o Presidente da República, general Carmona, e o Governo, aguardavam o momento de se dirigiram à tribuna, erguida à proa do "João de Lisboa" para presidirem às ceromónias. Foi um grande fiasco... Ainda a propósito do "João de Lisboa", talvez valha a pena recordar (...) ter sido aquele navio o último a ser construído no velho Arsenal.

Guarda de baixo... — O terceiro episódio, de consequências trágicas, foi o seguinte: Atracado à escada da ponte já referida, encontrava-se um rebocador, salvo erro o "Capitania". A maré estava na baixa-mar, e a altura a que o piso da ponte se situava era de respeito! Um marinheiro, transportando às costas a respectiva maca, chegou à beira da ponte, na direcção do rebocador, e gritando "guarda de baixo...", arremessou a maca para o convés da embarcação. Fê-lo, porém, com tanta infelicidade, que atingiu, em cheio, um tripulante do rebocador que nesse momento ia a passar. Contorcendo-se com dores, foi o desgraçado conduzido ao posto médico do Arsenal, vindo a falecer devido a fractura da coluna vertebral.

Creia, senhor almirante, que é com saudade que relembro esses meus tempos de operário do Arsenal (...), bem como dessa admirável cidade de Lisboa, onde decorreram os melhores dias da minha já distante mocidade.

CONVÍVIO DE SARGENTOS TE E TR DE 1971/73

Pede-nos a respectiva comissão organizadora para avisarmos os sargentos TE e TR do ano lectivo de 1971/73, que o próximo almoço de confraternização se realiza no dia 31 de Março corrente, em local a marcar.

As inscrições ou pedido de esclarecimentos poderão ser feitas aos sarg. TE Ranholas (Direcção do Serviço de Manutenção), sarg. TE Campos (Esq. de Submarinos), sarg. TR Carrilho (Centro de Comunicações da Armada) e sarg. TR Sustelo (Direcção de Abastecimento).

De Fernando Augusto Paiva Peneiras, ex-mar. C n.º 2694/73, de S. João da Pesqueira, uma carta de que transcrevemos:

(...) Saí da Armada em Abril de 1976, com ânsia de vir para a vida civil, mas agora que cá estou as saudades que tenho são imensas.

Peço licença que me deixem saudar com grande ternura todos os marujos "filhos da escola" de Out. 73 (...).

RECRUTAMENTO DE 1950

A exemplo dos anos anteriores, realiza-se, no primeiro sábado de Maio próximo (dia 5), em local a determinar, o tradicional almoço de confraternização dos "filhos da escola" de 1950 e seus familiares.

As inscrições ou pedido de esclarecimentos poderão ser feitas a João Arquimínio Serra (Agência Singer), Rua da Liberdade, 90 A, Cova da Piedade, ou ao cap.-ten. SG Horácio Jorge Queiroz, Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, Alfeite.

Conversa entre Marinheiros...

CENTRO DE INSTRUÇÃO POR CORRESPONDÊNCIA (CIC)

Num cantinho da "Nau de Pedra", discretamente como é próprio da Marinha, quatro oficiais, dois sargentos, seis praças do SMO, dois professores e uma funcionária, civis, dão o melhor do seu esforço para valorização do nosso pessoal, tanto no aspecto profissional como no de cultura geral.

Foi um gosto visitar o CIC e constatar a perfeita organização que ali reina, descendo-se aos mais pequenos pormenores para que tudo saia certo, e empregando-se o mínimo de pessoal... e de dinheiro.

Porque julgamos de grande mérito este trabalho, e ainda porque ele é pouco conhecido, resolvemos ter uma conversa com o respectivo director, sobre o assunto.

Conduzida pelo c/alm. M. do Vale.
Intervenientes: **"Revista da Armada" ("R. A.") e cap.-m.-g. Saturnino Monteiro (S. M.).**

O comandante Saturnino Monteiro nasceu em 14-7-923 e assentou praça na Escola Naval em Outubro de 1942. Tomou parte na expedição para a reocupação de Timor, foi chefe do serviço de artilharia do "Lima", do "Bartolomeu Dias", do "Gonçalves Zarco" e do "Tejo", foi imediato do "Vouga" e comandante do "S. Vicente". Em terra, foi comandante da Defesa Marítima de Porto Amélia, instrutor e director de instrução na Escola de Alunos Marinheiros (sete anos), e foi instrutor, professor e comandante do Corpo de Alunos na Escola Naval (sete anos também). É um técnico de ensino programado e tem uma verdadeira paixão por tudo que diz respeito a Organização. Passou à Reserva, por motivo de saúde, em 1975 e, em 1977, foi encarregado de organizar o CIC.

"R. A." — Gostaríamos, comandante, que nos dissesse como nasceu, o que é, e como funciona o CIC.

S. M. — Há muito que era reconhecida a necessidade de cursos deste género na Armada. Pensou-se em recorrer a organizações civis para os pôr a funcinar, mas verificou-se que não havia nenhuma em condições de o fazer e então entrou em jogo a velha e tradicional qualidade da Armada de *safar a rascada*. O almirante superintendente dos Serviços do Pessoal, na altura o vice-almirante Bustorff Guerra, sabendo que eu tinha dedicado muitos anos da minha vida ao ensino, e particularmente ao ensino programado, encarregou-me de pôr a máquina em funcionamento. Vencidas todas as dificuldades, foi o CIC criado pelo despacho n.º 81/77, de 6 de Outubro.

"Devo dizer que os sargentos e praças destacadas para este serviço se dedicaram a ele com um entusiasmo que excedeu todas as minhas expectativas. Não falo dos oficiais, pois desses já esperava que assim sucedesse".

"R. A." — Gostaríamos de saber agora qual a missão destinada ao CIC e como funciona.

S. M. — A missão do CIC, como se deduz do que já foi dito, é organizar cursos por correspondência destinados a contribuir para a valorização do pessoal que serve a Marinha.

"Quanto à forma como funciona... Cada curso tem as suas características próprias. O de Matemática Básica, por exemplo, funciona assim:

"O aluno recebe inicialmente duas lições programadas e respectivos exercícios e exames. Começa por estudar a primeira lição; no dia seguinte efectua os exercícios de aplicação correspondentes, podendo consultar a lição, e no outro dia efectua o exame final, sem consulta. Envia ao CIC os exercícios e o exame e passa ao estudo da 2.ª lição.

"O CIC verifica que os exercícios foram feitos (não os corrige) e corrige e classifica o exame".

"R. A." — Uma vez que o exame de cada lição é feito sem qualquer espécie de *contrôle*, parece que as classificações têm pouco interesse...

S. M. — É verdade. Essas classificações destinam-se apenas a servir de ponto de referência para o aluno quanto ao seu próprio aproveitamento. Se o aluno fizer batota, o prejuízo é só dele...

"R. A." — E como se avalia o aproveitamento dos alunos?

S. M. — No final de cada curso, os alunos que o desejarem virão fazer um exame ao CIC e, no caso de aprovação, receberão o respectivo diploma.

"R. A." — Quais são os cursos actualmente em funcionamento?

S. M. — Um curso de Matemática Básica de 60 lições programadas, de nível aproximadamente igual ao do 8.º ano de escolaridade.

"Um curso de Português Básico que deverá vir a ser constituído por cerca de 60 lições, de nível sensivelmente igual ao do 6.º ano de escolaridade, ou ligeiramente superior.

"Um curso de Inglês Básico, constituído por 50 lições, apoiadas em livros ilustrados e cassetes, de nível que se julga superior ao do curso liceal. Este curso está a funcionar em regime experimental.

"Um curso de Redacção de Lições Programadas, des-

tinado a ensinar a estruturar e redigir lições programadas".

"R. A." — E quantos alunos estão a frequentar os cursos?

S. M. — 350 o curso de Matemática, 180 o de Português e 4 o de Lições Programadas (2 já concluiram). Quanto ao curso de Inglês, há 10 que iniciaram o curso e 107 à espera de vez...

"Com o material de que dispomos apenas será possível ir dando entrada a 10 por mês, mas penso que em breve as coisas poderão melhorar com a aquisição de mais material".

"R. A." — Como é que a *malta* recebeu os cursos?

S. M. — De um modo geral verificou-se uma resposta entusiástica por parte dos sargentos e cabos, não só em número mas também no interesse com que os têm acompanhado. Em relação aos marinheiros e grumetes, o interesse tem sido reduzido, e no que toca a funcionários civis e militarizados, pode dizer-se que o interesse tem sido médio.

"R. A." — Como pode uma pessoa (ao serviço da Marinha, claro) inscrever-me nos cursos?

S. M. — É facílimo... Basta uma nota do respectivo comando ou a vinda pessoal ao CIC.

"R. A." — Qual é a capacidade máxima de alunos que actualmente podem fazer cursos?

S. M. — Com os meios de que dispomos podemos editar, distribuir e corrigir até um máximo de mil lições por semana, além do curso de Inglês.

"R. A." — Há projectos para expansão do CIC?

S. M. — De momento, estamos trabalhando num curso de Cultura Geral Básica que deverá ser constituído por cerca de 120 lições, abrangendo noções de Geografia, História, Sociologia, Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas. Vamos fazer tudo para que este curso comece a funcionar em Outubro, mas estamos dependentes da ajuda que se venha a receber de oficiais, sargentos, funcionários civis, etc., para elaboração das respectivas lições.

Pessoal da secretaria e expediente com o director.

Professores. Da esquerda para a direita: 1.º-ten. AN RA Pires Branco (Português), cap.-frag. Molarinho Carmo (Cultura Geral), dr. José de Andrade Largo (Matemática), dr.ª Maria Luciana Pardal (Português) e 2.º-ten. FZ RN Teixeira Grosso (Matemática).

Antes de pôr ponto final na conversa, queremos felicitar o pessoal que trabalha no CIC, pela sua dedicação, e recomendar a todos os que querem valorizar-se, que se inscrevam nos respectivos cursos. É fácil e não custa dinheiro!

Filatelia

MAIS UM ANO

Ao iniciar mais um ano de publicação — o sétimo — esta página de filatelia saúda cordialmente todos os leitores da "nossa" Revista, sejam ou não coleccionadores de selos.

É para nós consolador constatar que, apesar da sua modéstia, ela tem sido apreciada, mesmo por leitores que, nunca tendo servido a Armada, nela têm encontrado, uma vez por outra, motivações de interesse para irem acompanhando algo do muito que se vai passando no mundo dos selos. A todos que nos têm dispensado a sua atenção agradecemos reconhecidamente.

Ambicionamos que esta página possa, dentro dos seus limites, contribuir para uma cada vez maior aproximação entre todos os que vestem ou um dia tiveram a honra de envergar a nossa gloriosa farda, e ainda todos os outros que embora dela não tivessem feito uso, sempre souberam compreender e estimar os marinheiros de Portugal.

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Em 24 de Janeiro, conforme estava programado, foi posta a circular a série que reproduzimos, que é a primeira deste ano, e constitui a segunda da fase da nova Série-Base iniciada em Fevereiro do ano passado que, como se sabe, se ocupa do tema Instrumentos de Trabalho.

Já aqui escrevemos que consideramos muito interessante e válido o assunto que o conjunto foca, dado que permite fazer comparações

quanto a utensílios que o homem tem utilizado ao longo dos tempos para facilitar e, simultaneamente, aperfeiçoar a execução das tarefas, na sua luta pela sobrevivência.
Por outro lado, e isso também aqui foi referido, trata-se de mais uma série-base em que cada valor tem o seu motivo, o que, como é evidente, torna o conjunto mais simpático.
Os instrumentos de trabalho agora apresentados são: no selo de $50, instrumentos médicos de outros tempos, e um actual bloco operatório; no de 1$00, utensílios das velhas cozinhas domésticas e alguns dos actuais electrodomésticos que os têm vindo a substituir; no de 10$00, machado e serras manuais já em desuso, e serras mecânicas; no de 40$00 pode fazer-se uma comparação entre uma galera saloia e um camião de longo curso e, finalmente, no selo de 100$00, pode apreciar-se um estaleiro naval de carpintaria de machado, e um estaleiro naval na actualidade.

Refira-se que os desenhos são perfeitos e objectivos.
Como é norma, quando se trata da entrada em circulação de séries-base, não foi emitido sobrescrito comemorativo do 1.º dia de circulação, mas houve carimbos alusivos que foram apostos nas estações que, habitualmente, assinalam dessa forma o aparecimento de novos selos.
No mesmo dia, e como fora também anunciado, lançaram-se em circulação "Inteiros Postais", quatro comemorativos do centenário da Sociedade Protectora dos Animais, e um assinalando a passagem do VII centenário do Ensino Público em Portugal, Mosteiro de Alcobaça 1279-1979.

Destas interessantes peças filatélicas nos ocuparemos no próximo mês.

SIR ROWLAND HILL

Sabem todos os leitores, nomeadamente os filatelistas, que é ao inglês de nascimento Rowland Hill que se deve o aparecimento do selo postal que solucionou, de uma vez por todas, o então grave problema do pagamento de forma justa e uniforme do transporte da correspondência.
Ao homem, que desde sempre gostou de juntar e coleccionar os mais variados objectos, foi dado mais um que, com o evoluir dos tempos e das técnicas, se tornou o mais apetecido, e aquele que hoje mais praticantes tem no Mundo. Por considerarmos curiosa, não resistimos à tentação de contar a história do primeiro coleccionador de selos postais.
Apareceu poucos meses depois do próprio selo, na Inglaterra, ainda em 1840, e foi uma senhora, segundo se diz.
Entusiasmada, e certamente mais interessada em quantidade que não em variedade, que aliás não havia, para conseguir obter rapidamente muitos, decidiu mandar publicar num

jornal de grande tiragem, um anúncio procurando noivo, decisão raríssima na altura, que resultou espectacularmente, já que recebeu cerca de oitocentas respostas em cartas seladas. Não interessa, nem sabemos se houve casamento e todos os encantos ou desencantos que ele pode motivar, apenas registamos que o primeiro filatelista de que reza a história, teve uma ideia curiosa, bem engendrada e, pelos vistos, muito frutuosa.
Não foi todavia para recordar um episódio, que hoje falamos de Sir Rowland Hill, mas sim para referir que passa precisamente este ano o centenário da sua morte, o que nos parece ser necessário assinalar devidamente. Será que as administrações postais de todo o mundo não o farão?
Nós, por enquanto, apenas sabemos que, dos planos de alguns países para a emissão de selos comemorativos desta efeméride, apenas num, ele é referido, o que francamente nos parece muitíssimo pouco.
Aguardemos.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Numismática e Medalhística

MOEDAS PORTUGUESAS DA REPÚBLICA — XII

Para finalizarmos a história que há um ano resolvemos iniciar sobre as moedas portuguesas cunhadas a partir de 1910, vamos hoje falar dos mais altos valores emitidos em moeda metálica nacional: 50$00; 100$00; 250$00.

CINQUENTA ESCUDOS (50$00) 1968/1972 (PRATA)

Série comemorativa iniciada em 1968, manteve-se até 1972 e consta das seguintes moedas:

a). V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral — 1968;
b) Vasco da Gama — 1469–1969;
c) I Centenário do Nascimento do Marechal Carmona — 1869–1969;
d) Banco de Portugal — 1846–1971;
e) IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas" — 1572–1972.

Características:
Todas estas emissões comemorativas têm de diâmetro 34 mm e o peso de 18 gramas.
Numa das faces vem gravada a figura do comemorado e na outra a legenda *REPÚBLICA PORTUGUESA, data, bem como o escudo nacional. Referimo-nos às moedas das alíneas a*), *b*) e *c*).
Na comemorativa do Banco de Portugal a ilustração consta duma árvore numa das faces e na outra as quinas nacionais.
A comemorativa de "Os Lusíadas" é ilustrada pela famosa obra de Camões "Os Lusíadas".
Cotações:
Dado o elevado número de exemplares lançados nestas emissões comemorativas (1 000 000 para P. A. Cabral, V. Gama e "Os Lusíadas" e 500 000 para B. Portugal e Carmona), as cotações atingidas são bastante

baixas em relação ao valor facial. Assim, temos uma média de 150$00 para as emissões de 1 000000 de exemplares e 250$00 para as de 500 000.

CEM E DUZENTOS E CINQUENTA ESCUDOS (100$00 e 250$00) (PRATA)

Com o "25 de Abril", surgiram no campo numismático os mais altos valores faciais cunhados em Portugal. Trata-se da emissão comemorativa desta data, nos valores de 100$00 e 250$00.
Esta emissão, de carácter comemorativo, não chegou a circular, pois a sua obtenção constou de inscrições no Banco de Portugal (3 colecções por pessoa). O total da emissão — 1 000 000 — foi suficientemente grande de modo a satisfazer todos os inscritos. Não apresenta qualquer valor mercantil, de momento. O metal usado foi a prata (680‰ e 650‰). Numa das faces apresenta a legenda *25 ABRIL 1974* e na outra *250 ESCUDOS (100 ESCUDOS)* e *REPÚBLICA PORTUGUESA.*

Desta emissão foi feita uma cunhagem especial em "PROOF", designada pela Casa da Moeda de "PROOF — LIKE". Trata-se dum "PROOF" muito pobre em relação aos conhecidos no estrangeiro. No entanto, foi a primeira experiência portuguesa neste género, de cunhagens especiais para coleccionadores. A cunhagem "PROOF" é igual à normal, com as mesmas características, apresentando no entanto um acabamento especial. É condicionada em embalagens especiais e não tem qualquer defeito, risco ou mossa. O preço de aquisição é de 900$00 e pode obter-se directamente na Casa da Moeda. No entanto, o valor facial continua a ser de 350$00 (250$00 + 100$00).

AFAC

Terminologia Naval

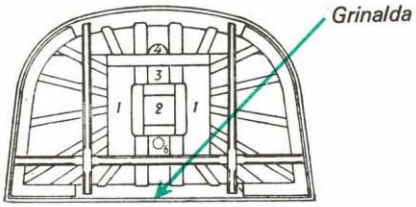
GRAVANA — Vento fresco soprando de Sul a Sueste, no golfo da Guiné, especialmente nas imediações de S. Tomé. Em calão naval, safar gravana — trabalhar depressa, desembaraçar-se.

GRAVATA — Lona que forra o botão passado na alça, entre o sapatilho e a peça de poleame.

GRILHÕES — Manilhas de ferro unidas por uma corrente que, outrora, eram aplicadas a bordo às pernas dos delinquentes, como castigo.

GRIMPA — Pequena bandeira ou figura plana recortada em metal, colocada no tope de um mastro e destinada a indicar a direcção do vento. Catavento. Valeta.

GRINALDA — Remate superior do painel de popa. Parte recta do cesto da gávea, perpendicular à direcção da quilha e que fica orientada para ré.



GRISO — Frio.

GRIVAR — Bater característico das testas da vela quando o navio ou embarcação seguem, o mais possível, cingidos ao vento. Fraldear, drapejar, quando se trate de bandeira ou de qualquer pano.

GROSSO — Quando se refere ao mar, mar de vaga alterosa; ao vento, vento violento; a um navio, navio de grandes dimensões; ao céu, céu de nuvens espessas.

GRUDADO — Navegar grudado com a terra — situação dos navios quando navegam ao longo da costa e muito juntos a ela.

GRUDE MARÍTIMO — Massa convenientemente preparada para evitar a oxidação das peças de ferro.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

Histórias de Marinheiros

7 — O ASPIRANTE LOIRO E A VARINA MORENA

No meu tempo, as inspecções médicas para ingressar na Naval, eram muito rigorosas. Os candidatos eram medidos, auscultados, analisados — precauções que de modo algum eram exagero, porque a vida a que eles aspiravam era dura e sem possuir boa constituição deixar-se-ia porta aberta a consequências funestas. Claro que, por vezes, rapazes sem grande aspecto físico, franzinos, triunfavam das inspecções, e isso porque eram de compleição sã. Os homens não se medem aos palmos... desde Napoleão.

Vou recordar, neste assunto, duas breves histórias autênticas, em que os comparsas foram, precisamente, rapazes desse género.

Um deles, que não era positivamente um Apolo, estava uma tarde encostado à ombreira de uma porta, no Chiado, decerto a coleccionar tipos de mulheres interessantes que passavam. Uma gripe rebelde, que tivera há pouco e lhe deixara vestígios sensíveis, ainda mais o enfraquecera.

Ora, nesse dia, realizava-se o peditório nacional para os tuberculosos e uma moça, viva e esperta, logo ali, sem mais delongas, o *condecorou* com o distintivo da praxe.

O vencimento era medíocre, as despesas certas, e o pobre aspirante não nadava em dinheiro. Num gesto rápido, arrebatou o distintivo e devolveu-lho, dizendo à laia de desculpa, como quem já tinha contribuído com o seu óbulo:

— Olhe que eu já dei o que tinha a dar...

Ela olhou para ele de alto a baixo. Considerou o seu rosto pálido e magro, o seu peito estreito, a maneira derreada como ele se encostava e, rodando nos tacões dos seus sapatinhos elegantes, volveu-lhe com desprezo:

— Sim, de facto... você já *deu... o que tinha a dar...*

Com o outro rapaz, o caso foi mais sério. Certo semanário de Lisboa, pouco qualificado e de vida efémera, publicou um artigo, no nosso tempo, que foi julgado altamente ofensivo para a dignidade do aspirante. O autor contava

que, num eléctrico em que viajara, um aspirante de marinha, muito loiro e franzino, seguia encolhido num dos bancos longitudinais, por grande parte deste ser absorvido por uma varina morena, forte e espadaúda. Não sei já, em pormenor, a série de conclusões que o jornalista tirava do facto. Mas lembro-me que considerava o mundo fora dos eixos, com tudo trocado — e a prova insofismável erguera-se, na sua frente, durante duas ou três zonas. Não ficaria melhor a farda do marinheiro a cingir as carnes rijas da varina e a saia e o gigo não assentariam, com mais esbelteza, no corpo franzino do aspirante?

A celeuma que foi naquela velha Escola! Fantasiaram-se suplícios para o *difamador* que fariam empalidecer os inquisidores mais ferozes. Depois de viva discussão, assentou-se, finalmente, no caminho a seguir.

Uma comissão de três aspirantes, escolhidos com cuidado entre os que mais *se pareciam* com a varina, foram à redacção do jornal e falaram com o articulista. A intimação foi clara: teria que ser publicado um desmentido formal ou uma desculpa iniludível. O homem jurou, a pés juntos, que estava longe de querer ferir a honra da Marinha. Julgo mesmo que aludiu ao Vasco da Gama e aos Descobrimentos...

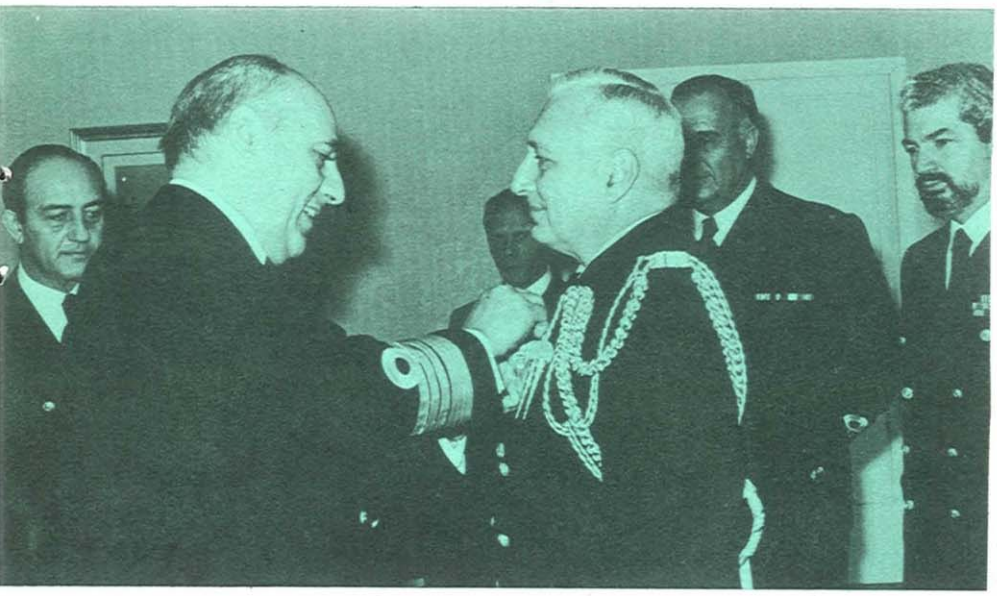
Os ânimos, na Escola, serenaram depois, como serena o mar, embravecido pelo temporal, quando vem a bonança. O jornal, no número seguinte, içava a explicativa a tope. Jamais li a prosa do nosso homem. Ignoro, por isso, de que subterfúrgios ele se serviu para se desembaraçar da dificuldade. Mas penso que, mais uma vez, foi tratado o tema eterno de que o espírito alado e *loiro* supera sempre a matéria vil e *morena*...

S. B.

Reportagem

VISITA DO COMANDANTE NAVAL DAS FORÇAS NATO NO SUL DA EUROPA

Esteve recentemente no nosso país, o almirante italiano Aldo Baldini, comandante Naval das Forças NATO no Sul da Europa, que foi recebido, no dia 4 de Janeiro findo, pelo vice-almirante Bustorff Guerra, em representação do chefe do Estado-Maior da Armada.



ADIDO NAVAL AMERICANO CONDECORADO

Durante uma cerimónia realizada no seu gabinete, no dia 10 de Janeiro findo, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, condecorou, com a medalha de Mérito Militar de 1.ª classe, o capitão-de-mar-e-guerra Charles R. Clark, que desempenhava as funções de adido naval junto da Embaixada dos Estados Unidos da América do Norte em Lisboa, e regressou ao seu país.

À cerimónia assistiram o embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, alguns almirantes e oficiais da nossa Armada, o novo adido naval e o adido da defesa junto daquela Embaixada.

RECEPÇÃO AOS ADIDOS NAVAIS E DE DEFESA

À semelhança de anos anteriores, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, ofereceu, no passado dia 12 de Janeiro, uma recepção aos adidos navais e de defesa das embaixadas acreditadas em Portugal, a qual teve lugar no Palácio do Alfeite, na Base Naval de Lisboa.

PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA DE MARINHA

No dia 17 de Janeiro findo, no Museu de Marinha, realizou-se a primeira sessão da Academia de Marinha, criada em Dezembro último. Presidiu o vice-almirante Garcez de Lencastre, em representação do chefe do Estado-Maior da Armada.

A abrir, o presidente da Academia, vice-almirante Sarmento Rodrigues, recordou os organismos que a antecederam — o Grupo de Estudos de História Marítima e o Centro de Estudos de Marinha —, homenageando aqueles que, sucessivamente, tornaram possível a existência de tais organismos, nomeadamente, o vice-almirante Pereira Crespo e os almirantes Souto Cruz e Sousa Leitão.

Em seguida, o secretário-geral, capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, evocou a memória do associado recentemente falecido,

escritora Elaine Sanceau, de cuja obra fez elogio, referindo o elevado número de publicações, tendo como temas episódios e personagens da nossa história marítima, muitas delas editadas também em Inglaterra e nos Estados Unidos da América.

Depois do vice-almirante Garcez de Lencastre ter referido a obra meritória do extinto Centro de Estudos de Marinha, teve lugar uma mesa redonda em que foi tratado o tema "Pedro Nunes e os homens do mar", sendo moderadores o prof. Luís de Magalhães e o comandante Teixeira da Mota.

A Pedro Nunes, que exerceu o cargo de cosmógrafo-mor do reino, em 1547, deve-se a curva loxodrómica, a determinação da latitude por meio de observação extrameridiana do Sol, o estudo dos crespúsculos e a descoberta do nómio, esta última, sem dúvida, o seu mais importante trabalho.

Em sessão plenária administrativa, efectuada antes da sessão pública, foi eleito membro da Academia o prof. Eduardo Arantes de Oliveira, que exerce actualmente as funções de secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica.

ADIDO NAVAL DE ESPANHA CONDECORADO

O capitão-de-mar-e-guerra Feliciano Mayo, adido naval junto da Embaixada de Espanha em Lisboa, foi agraciado com a medalha de Mérito Militar de 1.ª classe.

A condecoração foi imposta pelo chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, em cerimónia realizada no seu gabinete, no passado dia 18 de Janeiro. Assistiu o encarregado de Negócios da Embaixada de Espanha, em representação do respectivo embaixador, além de alguns almirante e oficiais da nossa Armada.

O COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS ALIADAS NO SUL DA EUROPA EM LISBOA

A fim de visitar e estreitar ligações com o Comando da Área Ibero-Atlântica (COMIBERLANT), o almirante americano Harold Shear, comandante-chefe das Forças Aliadas no Sul da Europa, visitou Lisboa de 16 a 19 de Janeiro último.

Aproveitando a estadia, o almirante Shear apresentou cumprimentos e teve contactos com altos chefes militares do nosso país, nomeadamente o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, e o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, por quem foi recebido no dia 18.

O almirante Shear com o almirante CEMA.

NOVOS MARINHEIROS JURARAM BANDEIRA

790 grumetes-recrutas da 3.ª incorporação de 1978 e 32 alunos voluntários de cursos de alistamento juraram bandeira no passado dia 19 de Janeiro. A cerimónia, que teve lugar no Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, foi presidida pelo contra-almirante Garrido Borges, superintendente dos Serviços de Pessoal da Armada, e teve a presença de outras entidades, da Armada, do Exército, da Força Aérea, das forças militarizadas e civis, além de muitos familiares das praças que juraram bandeira.

A cerimónia iniciou-se com uma exortação aos novos marinheiros, feita pelo capitão-de-fragata Leiria Pinto, director de instrução da Escola de Alunos Marinheiros, prosseguindo com a distribuição de prémios escolares, atribuídos aos seguintes recrutas: 2.º-gr.rec. 291478, Costa Ruivo — Prémio de Aprumo Militar; 2.º-gr.rec. 294978, Domingos Canhão — Prémio do Exame Final de Instrução; 2.º-gr.rec. 320778, Coelho de Andrade — Prémio de Educação Física e 2.º-gr.rec. 330878, António Fernandes — Prémio de Habilitações Literárias.

Feita a leitura dos Deveres Militares e da Fórmula do Juramento, o Batalhão Escolar desfilou perante as entidades presentes. Houve ainda demonstrações de "ordem unida" e de preparação física. A banda da Armada abrilhantou a cerimónia.

CURSO DE CAPITÃES DO EXÉRCITO VISITA A BASE NAVAL DE LISBOA

Oficiais do Exército que frequentam um curso de promoção a capitão, visitaram, em 24 de Janeiro último, instalações e unidades do Comando Naval do Continente, no Alfeite.

Aqueles oficiais — 60 de infantaria e 17 de cavalaria — acompanhados por oficiais instrutores, foram recebidos no CITAN pelo vice-almirante Ramos Rocha, comandante naval do Continente, que lhes apresentou cumprimentos de boas-vindas, após o que se realizou um "briefing" sobre as actividades do C.N.C.

Seguiu-se outra reunião sobre as operações da Esquadrilha de Submarinos, e foram visitadas as instalações navais do Alfeite e do CIMCM, o submarino "Albacora" e a fragata "Almirante Magalhães Corrêa". (Colaboração do C.N.C.)

O PRESIDENTE DE CABO VERDE VISITOU O INSTITUTO HIDROGRÁFICO

O Presidente Aristides Pereira, da República de Cabo Verde, visitou oficialmente o nosso país em Janeiro findo.

No decorrer da sua estadia, visitou, no dia 24, o Instituto Hidrográfico, onde foi recebido pelos

chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, e director-geral daquele organismo, contra-almirante Portugal Ribeiro, além de outras altas individualidades.

Antes do visitante e comitiva terem percorrido as instalações, responsáveis da Armada puseram em relevo as possibilidades de cooperação entre as marinhas dos dois países, quer no aspecto de formação de pessoal, quer no de fornecimento de material naval e troca de informações especializadas.

Foi ainda facultada a colaboração do Arsenal do Alfeite, e das instalações da nossa Marinha para estágios de marinheiros cabo-verdianos.

Referido também o nosso interesse em participar em projectos de construção de docas flutuantes e navios destinados às várias actividades marítimas de Cabo Verde.

Foi oferecido ao Presidente Aristides Pereira um valioso roteiro do arquipélago de Cabo Verde, que data de 1892.

UNIDADES NAVAIS COM NOVOS COMANDANTES

Com o cerimonial da Ordenança, em cerimónias realizadas nas respectivas unidades nos dias 19 e 25 de Janeiro passado, os capitães-de-mar-e-guerra Gonçalves da Cunha e Mendes Rebelo fizeram entrega dos comandos do navio-petroleiro "S. Gabriel" e fragata "Comandante Roberto Ivens", respectivamente, aos capitães-de-fragata Lima Martins e Pires dos Santos.

Em 15 do mesmo mês, o capitão-tenente Gonçalves Vintém entregou o comando da corveta "Augusto Castilho" ao capitão-tenente Teixeira Gonçalves.

A estas cerimónias, a que assistiram vários oficiais, presidiram os vice-almirante Ramos Rocha, comandante naval do Continente, e contra-almirante Coutinho Lanhoso, segundo-comandante naval do Continente.

(Colaboração do C.N.C.)

O acto de entrega do comando na fragata "Comandante Roberto Ivens".

Aspecto da entrega do comando na corveta "Augusto Castilho".

A FORÇA DE FUZILEIROS TEM NOVO COMANDANTE

No passado dia 26 de Janeiro, na respectiva unidade, no Alfeite, teve lugar a cerimónia de entrega do comando do Corpo de Fuzileiros do Continente, do capitão-de-mar-e-guerra Sousa Campos ao capitão-de-mar-e-guerra Malheiro Garcia.

O acto desenrolou-se na presença de todas as unidades de fuzileiros disponíveis, tendo o comandante cessante lido uma mensagem e o novo comandante feito uma alocução. A cerimónia terminou com o desfile e continência das forças em parada.

Quarto de Folga

DEPRESSA QUE EU NÃO SEI NADAR...

Sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra António Caetano Coucello, tendo como imediato o capitão-tenente av. António Gomes Namorado Júnior, saía a barra de Lisboa, em Outubro do ano de 1942, o aviso de 1.ª classe "Bartolomeu Dias", com destino a Timor.

Estávamos no auge da II Guerra Mundial, e a missão do navio, que seria a de marcar simbólica soberania naquela nossa longínqua província ultramarina, haveria de ser profundamente alterada quando navegávamos por alturas da cidade do Cabo, em virtude das forças japonesas, expandindo-se por toda a Ásia e Oceânia, terem invadido o nosso território com o fim de o utilizarem como trampolim para atacar a Austrália. Quedámo-nos assim, em águas de Moçambique, onde acabaríamos por fazer uma comissão de serviço de triste memória, pois ficou célebre pelos inúmeros castigos disciplinares aplicados a praças e que não foram mais que o corolário do mau entendimento que a partir de Cabo Verde existia entre estas e os oficiais.

Todavia, apesar do ambiente a bordo de permanente tensão, não deixaram de surgir, aqui e ali, casos picarescos como aquele que passamos a narrar.

Como se disse atrás, estávamos em plena guerra, a qual se alastrava por todos os mares. No canal de Moçambique, e com maior incidência à saída dos portos principais, os submarinos do Eixo faziam autênticas razias na navegação Aliada. Dizia-se à *boca pequena* que estes submarinos eram reabastecidos algures na costa moçambicana, território onde residia numerosa colónia de alemães, principalmente no Norte.

Por esta razão ou por outra, o nosso navio foi mandado sair de Lourenço Marques — onde fazia base — em princípios de Janeiro de 1943 e, durante um mês, empenhou-se em exaustivas pesquisas ao longo de toda a costa, passando a *pente fino* todas as reentrâncias, ilhas e ilhéus susceptíveis de poderem acoitar qualquer base clandestina de abastecimento.

Naquele tempo, o navio era equipado com um hidroavião "Avro", monomotor, de dois lugares. Como piloto deste avião, tinha embarcado o primeiro-tenente av. José de Freitas Ribeiro e como mecânico, um cabo de nome João, homem já um pouco maduro, um tanto ou quanto irritadiço, que acabou por ser uma figura típica do navio, pelas muitas picardias de que era alvo.

As buscas na costa, que se mostraram infrutíferas, eram feitas pelo avião e pessoal desembarcado de baleeiras do navio.

A operação de arriar e içar o hidroavião era feita através de um pau-de-carga especial, e obedecia a extremos cuidados para se evitarem estragos materiais, dada a fragilidade do aparelho.

Felizmente que sempre correu bem pois, a par de pessoal competente da faina respectiva, o mar, sempre picado naquelas paragens, colaborou da melhor maneira.

Mas, se tudo correu bem no aspecto material, outro tanto se não poderá dizer no capítulo pessoal.

Para içar o avião, o piloto, depois de amarar, cortava a ignição e deixava deslizar o aparelho até ao pau-de-carga onde o mecânico, já em pé na carlinga com o estropo na mão, fazia o engate no respectivo gato. Esta operação, como é óbvio, para sair *OK,* carecia da sincronização do cálculo e golpe de vista do piloto, conjugado com a destreza e reflexos rápidos do mecânico.

Ora, numa das muitas vezes em que se procedia ao embarque do avião, aconteceu que este vinha um pouco mais embalado que o necessário. Não obstante, o nosso João, no seu posto, fez uma autêntica *pega* ao gato, imaginando ser capaz de segurar o aparelho com os pés, já que não tinha conseguido engatar o estropo. É fácil adivinhar o que sucedeu. O avião fugiu-lhe debaixo dos pés, e ele ficou pendurado no pau-de-carga a gritar: — DEPRESSA QUE EU NÃO SEI NADAR...

Pesado como era, e ainda por cima com o gato escorregadio de óleo, pouco tempo aguentou e... foi no *malagueiro!*

Contudo, teve a necessária serenidade e presença de espírito para apanhar um colete de salvação que lhe atiraram de bordo e flutuar de costas, muito quietinho, até ser içado para uma baleeira que por acaso estava na água.

António do Rosário Faria
Ex-2.º-mar. A

—

N. R. — Este episódio foi-nos enviado pelo autor com uma carta em que mostra bem o seu amor à Marinha, que serviu durante 11 anos, e à Revista, da qual é assinante, seguindo com interesse todo o seu trabalho em prol da Armada.

CURIOSIDADE NUMÉRICA

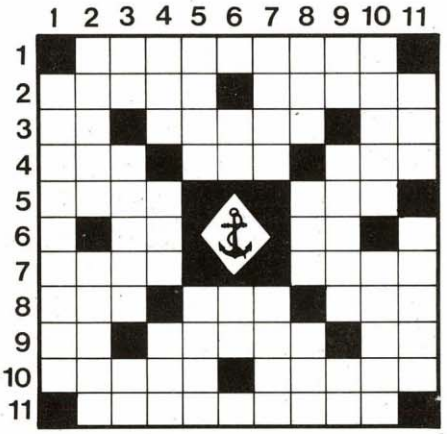
Usando somente o algarismo 4, por quatro vezes, escreva as expressões numéricas iguais respectivamente aos números 10, 11, 13, 19, 21 e 22.

Pode empregar as quatro operações, raiz quadrada e factoriais.

(Solução no próximo número)

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1—Figura de estilo em que se toma o antecedente pelo consequente e vice-versa, ou o sinal pela coisa significada. 2—Vento do Leste (pl.); brando. 3—Consoante dobrada; ofício divino; letra grega (inv.). 4—Piolho; camareira; no princípio de algoz. 5—Leira; altar dos sacrifícios. 6—Graceja; grama (inv.). 7—Deus do amor na cultura grega; tombar. 8—Planta liliácea oriunda da China (pl.); borra de vinho; alguma. 9—República Francesa; palavriado; Antigo Testamento (abrev.). 10—Lubrificar; ruão. 11—Horror ao trabalho.

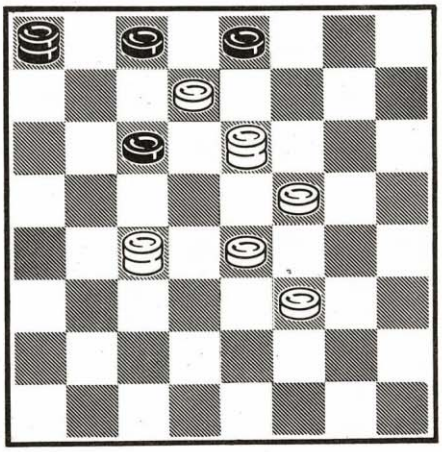
VERTICAIS: 1—Aparelho para medir o trabalho executado por um músculo ou grupo muscular. 2—Referente a muro; espingarda curta, de procedência americana. 3—Também; povo da raça Uralo-Altaica, espalhado por várias regiões da Ásia Central; acção (sufixo). 4—Modo de dizer; suspiros; galicismo (abrev.) (inv.). 5—Um dos continentes; garoupa preta (peixe). 6—Nota musical; batráquio (inv.). 7—Catafalco; espécie de enguia. 8—Aguilhão; heroína francesa; água na linguagem das crianças (inv.). 9—Apelido; bomba com que se tira um pouco de líquido das pipas ou tonéis; gemido. 10—Evapora-se; magnetiza. 11—Unidade de trabalho em todas as suas formas; agradecido.

(Solução no próximo número)

Carmo Pinto
Sarg.-aj. H

DAMAS

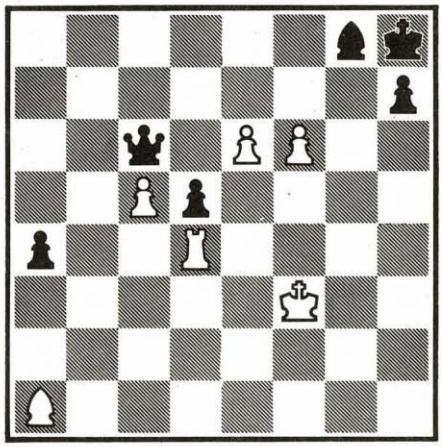
(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.

XADREZ

(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.

CONCURSO N.º 90
O PLANETA, A CINTA E O GATO

Imaginemos um globo planetário, rigorosamente esférico e polido, cujo meridiano mede 40 000 000 de metros (comprimento teórico do meridiano terrestre).

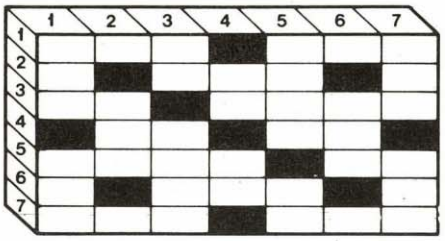
Admitamos agora a hipótese de o equador desse globo ter sido guarnecido com uma cinta metálica dc mesmo comprimento, a qual, com o decorrer dos anos, dilatou um metro. Se conseguirmos manter essa cinta absolutamente concêntrica com o referido equador, pergunta-se: — Será possível a passagem de um gato (vulgar de Lineu) entre o globo e a dita cinta, agora mais extensa apenas um metro?

Justifique a resposta.

(Solução no próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP RA

CRUZADA SILÁBICA



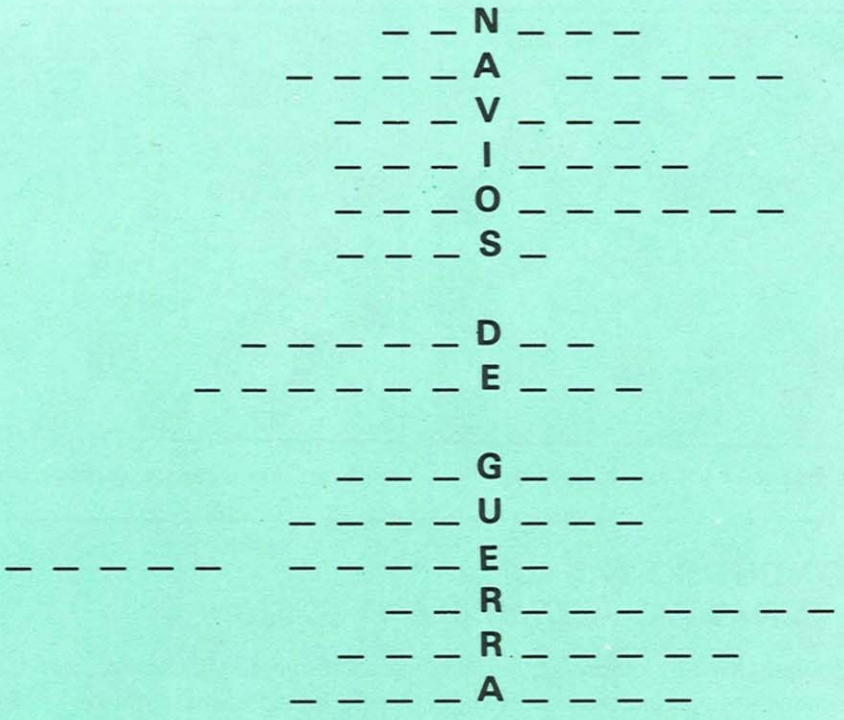
HORIZONTAIS: 1—Galera antiga; aplica. 2—Nome da letra T; parte mais alta do convés do navio; medida de 0,33 m. 3—Margem do rio; pequena embarcação de velas latinas. 4—Cabeleira; espécie de calha para dar vazão à água e a outros despejos do navio. 5—Pequena câmara do navio, onde se alojam oficiais e passageiros; nome que se dá na Marinha a certo aparelho de medida. 6—Sexta nota da escala musical; conjunto de talhas, que se guardam no trem de manobra dos arsenais marítimos ou no paiol de bordo; decifra. 7—Operação de dobar; receara.

VERTICAIS: 1—Barco pequeno de fundo chato; distância vertical da quilha do navio à linha de flutuação. 2—Parte do navio que fica entre a popa e o mastro; grandes brincos de missanga usados por pretos em Africa; ama-seca. 3—Verniz da China, negro ou vermelho (pl.); multidão de marotos. 4—Dinheiro (gir.); protecção das vigias que impede que a água escorra para dentro delas. 5—Vermelha (bras.); comandante de pequena embarcação. 6—O lado do navio voltado para o vento; o conjunto das velas de um navio; som imitativo da voz da cabra, do carneiro, etc. 7—Ermida; embarcação antiga, de dois ou três mastros.

(Solução no próximo número)

MINDOGUES

PASSATEMPO



Substituindo os traços por letras, o leitor encontrará os nomes de 14 tipos de navios de guerra.

SEASA
Cabo aux.

(Solução no próximo número)

SOLUÇÕES

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

	Brancas	Pretas
1.	13-18	21-14
2.	4-7	11-4 — Dama
3.	2-11-18	4-21
4.	24-6-17-30-23 e ganham	

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

	Brancas	Pretas
1.	De 8-a4	—
2.	Da 4-f4	

CURIOSIDADE NUMÉRICA

(Solução do problema do n.º anterior)

1.º – $(\sqrt{4} \times \sqrt{4}) - \frac{4}{4} = 3$

2.º – $(\sqrt{4} \times \sqrt{4}) + 4 - 4 = 4$

3.º – $(\sqrt{4} \times \sqrt{4}) + \frac{4}{4} = 5$

4.º – $4 + \frac{4 \times 4}{4} = 8$

5.º – $(4 \times 4) + (\sqrt{4} \times \sqrt{4}) = 20$

6.º – $\sqrt{4} + \sqrt{4} + 4 + 4 = 12$

7.º – $\sqrt{4} + 4 + 4 + 4 = 14$

8.º – $(4 \times 4) - \frac{4}{4} = 15$

9.º – $4 + 4 + 4 + 4 = 16$

PILHA DE PALAVRAS

(Solução do problema do n.º anterior)

1 – Aldropes. 2 – Afirmara. 3 – Artistas. 4 – Abocaras. 5 – Arsénico. 6 – Afastado. 7 – Armilado. 8 – Adipomas. 9 – Abnodara. 10 – Alheadas. 11 – Adamiano.
(Ditosa Pátria minha amada).

ARITMOGRAFIA

(Solução do problema do n.º anterior)

Horizontais:
2 – 5 – 6 – 4
4 – 3 : 2 – 6
1 : 1 – 1 – 1

Verticais:
2 – 4 – 1 – 5
5 – 3 – 1 – 3
6 – 2 – 1 – 7

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1 – Portuguesa. 2 – Saíra; me; larva. 3 – Urrais; calmas. 4 – Boa; ais. 6 – Aro; pátria; etc. 7 – Réu; ariano; LII. 9 – Nua; par. 10 – Ostaga; macete. 11 – Soada; Na; lidas. 12 – Salinidade.
VERTICAIS: 1 – Submarinos. 2 – Aro; ré; uso. 3 – Pira; ou; atas. 4 – Ora; Ada. 5 – RAI; pa; gal. 6 – Ar. 7 – Um; ti; NN. 8 – Gê; ra; ai. 9 – In. 10 – Ela; ao; ala. 11 – Sal; Cid. 12 – Arma; el; pede. 13 – Vai; ti; ate. 14 – Associares.

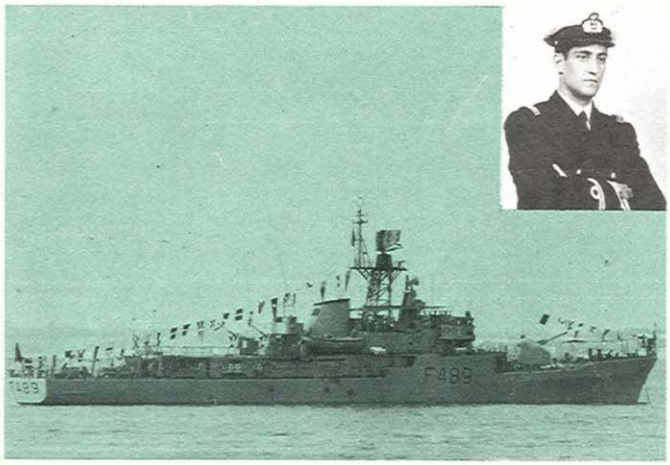
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 89

Morsa, vampiro, cobaia, zebra, canguru, rinoceronte, golfinho, pantera, manatim. Foca, camelo, ornitorinco, gamo, oru, musaranho.

VENCEDOR:

Vítor Manuel C. M. Silva, ex-mar. M Porto.

Os nossos navios e os seus nomes



Corveta "OLIVEIRA E CARMO"

Entrada ao serviço em 28 de Outubro de 1975, foi construída nos estaleiros da Empresa Nacional Bazán de Construcciones Navales Militares — Factoria de Cartagena, em Espanha, sob planos portugueses e com concepção de polivalência que as estadias em África então requeriam.

Tem um deslocamento máximo de 1400 ton. e mede 84,59 m de comprimento (fora a fora), 10,80 de boca e 3,40 de calado máximo. Tem 24,50 m de altura do mastro, acima da linha de água.

O aparelho motor compõe-se de dois motores "Pielstick 12 PC2V400", acoplados a dois hélices, que permitem uma velocidade máxima de 23,6 nós; a velocidade de cruzeiro é de 18,5 nós e a económica de 13,8. A autonomia é de 9100 milhas a 13,5 nós.

Possui três Diesel-Geradores "Man-Siemens" de 400 KVA cada e um Diesel-Gerador (emergência) "Man-Siemens" de 320 KVA. Distribuição de energia em 400V/60Hz, trifásica, para circuitos de força; 115V/60Hz, trifásica, para iluminação e equipamentos — obtidos por transformação — e 115V/400Hz para equipamentos electrónicos especiais.

Este navio está equipado, no que respeita a armamento, com uma torre simples de 100 mm "Creusot-Loire", mod. 1968-3, com direcção de tiro "Vega-Pollux" e director óptico "Vega"; duas peças de 40 mm "Boffors-Bazán" com directores de tiro óptico e possibilidades de serem comandadas pela direcção de tiro da peça de 100 mm e dois reparos lança-foguetes de 2 polegadas. Na sua modernização prevê-se a montagem de lança-foguetes de superfície e anti-submarinos.

Em material anti-submarino, a "Oliveira e Carmo" está armada e equipada com dois reparos triplos de lança-torpedos "MK-44"; uma calha de lança-bombas de profundidade; um roncador "MK-6" e um batitermógrafo electrónico "Plessey-Sippican".

Tem outro equipamento, designadamente um radar de aviso aéreo "Plessey AWS-2" com DMTI; outro de aviso de superfície "Decca RM-316" e um de artilharia "Pollux" ligado à direcção de tiro. Possui uma sonda "Kelvin-Hughes MS 32"; um radiogoniómetro "AGA 22"; uma girobússola "Arma Brown MK7" com referência vertical "MK 20" e um sonar panorâmico de pesquisas e ataque "Thomson Diodon".

Para a guerra ABC, esta corveta tem um circuito de descontaminação por chuveiro.

As comunicações são mantidas por um transmissor MF e HF "Marconi NT 1012" e outro HF "RF-301"; dois transreceptores UHF "TED-9/URR 5", um VHF/FM "Sait D-60" e outro de emergência HF "RF-301", alimentado a baterias, e três teleimpressoras "Siemens T-100".

Este, tal como os outros navios da mesma classe, possui o sistema DMTI, que permite apagar no radar os ecos fixos, conseguindo assim a detecção de alvos aéreos sobre terra.

Compõem a sua guarnição 8 oficiais, 16 sargentos e 82 praças.

Além da guarnição, esta corveta pode alojar mais 36 homens.

Patrono: capitão-tenente Jorge Manuel Catalão de OLIVEIRA E CARMO

Nasceu em Alenquer, no dia 25 de Setembro de 1936.

Alistou-se na Escola Naval em 20-10-954; foi promovido a guarda-marinha em 1-5-958 e a segundo-tenente em 31 de Dezembro do mesmo ano.

Na defesa de Diu, em 18 de Dezembro de 1961, comandando uma pequena unidade naval de 18 ton. de deslocamento e 17 m de comprimento, armada com uma metralhadora de 20 mm, e uma guarnição de 8 homens, enfrentou, num combate desigual, o cruzador indiano "Nova Delhi" e oito aviões a jacto, morrendo heroicamente, tal como outros dois marinheiros do seu navio.

Na Ordem do Dia à Armada n.º 164, de 22-8-62, ao atribui-lhe, a título póstumo, a medalha de ouro de Valor Militar, com palma, dizia-se: *(...) invulgar nobreza de carácter e excepcional coragem que patenteou quando, em 18-12-61, no comando da lancha de fiscalização "Vega" detectou e manteve contacto com um cruzador inimigo, dando depois deliberado combate a vários aviões que atacavam Diu, combate que dirigiu com extraordinária bravura, mesmo depois de uma rajada inimiga lhe ter cortado ambas as pernas e até que, com o seu pequeno navio, destruído pelo fogo do adversário, para sempre desapareceu nas águas do Estado da India Portuguesa.*

A título póstumo, foi promovido a capitão-tenente e foi condecorado com a comenda da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Oliveira e Carmo, foi, como facilmente se deduz do que fica dito, um digno continuador dos heróis que conquistaram o respeito e admiração do povo português e não desmerecer das melhores tradições da Armada, que tão nobremente serviu.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Evolução histórica dos uniformes na Armada (2)

Uniforme de mosqueteiro do Terço da Armada Real do Mar Oceano. Ano: 1645

(Reprodução proibida)

A iluminura representa a figura dum mosqueteiro da Armada, com casaca de cor castanha, possivelmente surrobeco ou saragoça, e calças do mesmo tecido, com listas castanho escuro. Conhecidas, na época, por calças de fole, eram usadas pelos mosqueteiros, piqueiros e arcabuzeiros. A envolver as pernas, meias de justilho, brancas, listadas de verde, com ligas de laço. Sapatos de couro de bezerro, com fivelão. A tiracolo, a faixa ou talabardão de doze tiros, contidos nos respectivos frascos, e estes, suspensos das ataduras.

No talabarte, a espada espanhola de seis palmos, mais conhecida por espada preta. Na mão direita segura o forcado de tiro, de apoio do mosquete. Este, apoia-se no ombro esquerdo e a mão que o segura tem entre os dedos a mecha acesa ou morrão, para inflamar a pólvora contida na cassoleta da arma e junto ao ouvido de disparo. Na cabeça, o chapeirão braguês, com plumas. Golim de tela branca e luvas de bezerro.

A seu lado, uma formação de piqueiros envergando meias armaduras ou corceletes, e murriões na cabeça, estes tipicamente portugueses, pois eram fabricados nas proximidades de Viseu. O piqueiro segura o pique, cuja ponteira se apoia no pé esquerdo, dando inclinação devida para a cavalaria, enquanto com a mão direita segura os copos da espada no acto de a desembainhar.

A gravura contém as armas do Reino, iluminadas a ouro. Ao fundo, o torreão do Paço da Ribeira, vendo-se um trecho do rio com uma nau e diversas embarcações, e o pormenor curiosíssimo dum trecho do mercado no Terreiro do Paço, com os típicos mercadores envergando os dozenos e contra-dozenos de golins de tela branca engomada, de volta com a matulagem e as mercadorias empilhadas no terreiro, enquanto um coche, puxado por duas parelhas de mulas atravessa a cena. Ao lado, albarradas floridas e dois acantos engrinaldam uma âncora.

Este precioso documento, atribuído ao pintor inglês Dirk Stoop, já era conhecido de Júlio Castilho e Sousa Viterbo. Pertenceu ao grande bibliófilo Fernandes Tomás. Serviu de rosto ao livro de registos dos aprestos para o Terço da Armada Real do Mar Oceano, e dele foi, com vandalismo, arrancado. Onde parará o precioso livro? Teria desaparecido com o terramoto, pois pertencia aos aprestos da Ribeira das Naus onde o velho Terço da Armada se abastecia?

Que preciosas indicações hoje nos não traria! Resta-nos a preciosidade que apresentamos, como segundo uniforme militar da Armada conhecido e referente ao ano de 1645.

Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 91 / ABRIL 1979 / ANO VIII

revista da ARMADA

A NATO fez 30 anos

(pág. 3)

MENSÁRIO
10$00

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
P. Machado	**Apontamento**	4
M. Horta	**Saibam Todos**	4
M. Horta	**Notícias Pessoais**	5
Isabel H.	**Na Bruma do Tempo...**	6
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Meteorologia à escala do planeta	7
C. Correia	**Aprender a nadar** Hipóteses desperdiçadas?	10
Vários	**Voz da Abita/Cartas ao Director**	12
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	14
S. Mendes	**Ancoras dos navios de Cristóvão Colombo**	15
D. Barreiros	**Uma estrela chamada "Sagres" em terras do Sol nascente**	17
D. S. E. F.	**Desporto**	21
J. Schulz	**Esquemas de separação de tráfego (E.S.T.) ao longo da costa de Portugal**	22
G. Brandão	**Filatelia**	25
Diversos	**Reportagem**	26
Vários	**Quarto de Folga**	32
M. Horta	**Os nossos navios e os seus nomes** Fragata "Comandante João Belo"	Verso da contracapa
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 91 / ABRIL 1979 / ANO VIII

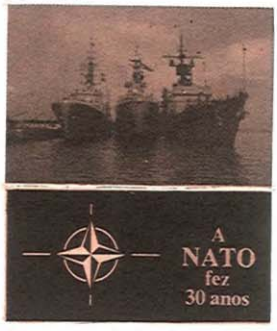
Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:



Força naval da STANAVFORLAND em Lisboa e distintivo da NATO.

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

A NATO fez 30 anos

Há 30 anos, precisamente em 4 de Abril de 1949, Portugal assinou em Washington o Tratado do Atlântico Norte, tornando-se membro fundador e de pleno direito duma organização — a OTAN — que englobava mais onze países: Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos da América, França, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega e Reino Unido. Posteriormente, a Grécia, a Turquia e a República Federal Alemã, aderiram também à Aliança, as duas primeiras em 1952 e a última em 1955.

Alguns desses países tinham acabado de sair, mal feridos, duma guerra devastadora e todos receavam pelo futuro que viam carregado de nuvens negras. A adesão realizou-se livremente e os vários membros são, dentro da organização, iguais entre si, conservando totalmente a sua independência e autonomia.

Os objectivos da OTAN não são apenas de carácter militar defensivo, envolvendo também aspectos políticos, económicos e sociais.

Como europeus, devemos à OTAN trinta anos de paz, graças ao equilíbrio de forças entre os blocos Leste e Oeste. Sinceramente, desejamos que esta paz seja eterna e que os povos de todo o mundo venham a processar as suas relações sob os signos da amizade e da confiança.

Para nós, marinheiros portugueses, esta data tem um significado muito especial, pois a entrada na NATO obrigou-nos a um intenso trabalho de preparação e adaptação ao respectivo esquema naval. Foi dura e difícil a tarefa mas, achamos que valeu a pena, porque agora, como é indispensável, todos falamos a mesma linguagem.

C/alm.

N. R. — Para as pessoas menos versadas nestes assuntos, esclarece-se que OTAN é a sigla portuguesa e NATO a inglesa da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Apontamento

O "Menino da Luz" fez 176 anos. A sua farda beirã, cor de pinhão, tornou-se um símbolo nacional especificado no desembaraço, na coragem, na lealdade e na sã e perpétua camaradagem.

Em milhões de alunos que de "ratas" a graduados passaram por aquela gloriosa instituição, contam-se pelos dedos os que, por fraqueza ou maus instintos, enveredaram pelos caminhos ignominiosos do vício ou da traição. Um companheiro do "colégio" é sempre sagrado, sobretudo na lealdade, mesmo que mil e uma pessoas nos estejam constantemente a afirmar que ele serve interesses vis e mal intencionados. Há excepções, embora raras, mas que por vezes se repercutiram em dramas tremendos para Portugal e o seu povo. É o preço que se tem de pagar por uma tradição lendária e por um espírito indestrutível.

Em 3 de Março de 1803 (?), efectivamente, o coronel do Regimento de Infantaria da Corte, A. Teixeira Rebelo, funda o Colégio da Feitoria, instalando-o no Forte de S. Julião da Barra. Ainda hoje (penso!) que todos os "ratas" são levados à entrada do Colégio para lhes ser mostrada bem a cara do velho marechal que aparecerá em noites insones aos alunos mal comportados e descrentes da disciplina militar.

Vestidos primeiramente com a velha farda azul ferrete de alta barretina cónica, comum à tropa de linha de artilharia e infantaria, foi adoptado a partir de 1852 o uniforme actual (ou quase) que todos estão habituados a ver e a admirar.

De facto, quem não conhece a farda do Colégio Militar? Mesmo o aluno mais novo de cada curso, que no último dia do Colégio tem de entregar o seu capote à cruz alta e a sua barretina ao topo do pára-raios, guarda dentro de si o ferrete do pinhão, que lhe dá força e galhardia para seguir a verticalidade da independência moral e cívica e o estatuto da democracia da camaradagem que é mais amplo e mais saudável do que tudo aquilo que se aprende em livros e em sermões, por vezes demagógicos e irreais.

Para os descrentes das realidades e invejosos das intenções, resta dizer que o Colégio é uma catequese, uma escola de bons costumes e um centro aberto da maior convivência. E, entre tantos, as poucas ovelhas ronhosas que infelizmente ainda por aí circulam, mostram bem a invulnerabilidade de tão alto bastião.

Manuel Pinto Machado
Cap.-ten.

Saibam Todos

Que para uniformizar o procedimento do fornecimento de medicamentos e outros produtos aos militares dos três ramos das Forças Armadas e aos seus familiares, ao abrigo da assistência medicamentosa em vigor, pelas delegações da Farmácia do Hospital da Marinha, com o já seguido pelas farmácias do Exército e civis, foram estabelecidas normas que terão de ser observadas pelos beneficiários.

Que é obrigatório, no acto do aviamento da receita, a apresentação do cartão de beneficiário da ADMA, ADME ou ADMFA. É excluído da apresentação deste cartão, o aviamento de receitas passadas pelos serviços de saúde militares, em nome de militares da Armada.

Que a validade dos cartões é rigorosamente verificada nas delegações da Farmácia, que recusará o aviamento da receita quando a validade se encontrar ultrapassada, bem como na presença de vestígios de viciação daqueles, sendo apreendidos.

Que a receita médica, prescrita pelo clínico, poderá ser passada:

— em papel timbrado do médico, no qual constará, ESCRITO OBRIGATORIARIAMENTE PELO PUNHO DO PRÓPRIO MÉDICO, o nome, o número e sigla do cartão do beneficiário da ADMA, ADME ou ADMFA;
— em impressos dos hospitais civis, clínicas, policlínicas, centros de saúde, associações, etc., nas condições indicadas na alínea anterior, e autenticados com carimbo ou selo branco da instituição;
— em impressos timbrados dos serviços de saúde militares (hospitais, casas de saúde ou serviços de saúde), autenticados com o carimbo ou selo branco da unidade ou serviço de saúde respectivo.

Que as receitas têm a validade de 10 dias e não poderão conter qualquer emenda ou rasura que

não esteja ressalvada pelo médico.

Que nos casos de repetição dos medicamentos prescritos deverá a receita conter, escrito pelo médico, o número de vezes da repetição. O beneficiário apresentará, nestes casos, tantas fotocópias da receita quantas as vezes de repetição.

Que no acto de aviamento das receitas referidas no parágrafo anterior, a farmácia aviará a receita original e autenticará com carimbo as fotocópias, numerando-as. Estas fotocópias só terão validade para fornecimento na farmácia que aviou a receita original.

Que não serão aviadas mais do que uma vez as receitas que contenham a indicação de tratamento prolongado ou repetição sem indicar o número de vezes da mesma nos termos expressos no parágrafo anterior.

Que no esquema de assistência medicamentosa, serão fornecidos:

— os medicamentos especializados, entendendo-se como tal, os medicamentos sujeitos a imposto de selo;
— os medicamentos manipulados na farmácia fornecedora;
— alimentação infantil, exclusivamente durante o período legal fixado, que deverá ser comprovado pela validade do respectivo cartão;
— os produtos fornecidos ao abrigo do disposto na alínea anterior constarão de uma tabela publicada na Ordem da Armada e nas ordens da Direcção do Serviço do Pessoal.

Que os medicamentos especializados e manipulados serão fornecidos a militares dos três ramos das Forças Armadas nas seguintes condições:

— gratuitamente, quando prescritos pelos serviços de saúde militar;
— mediante pagamento de 25%, sobre o preço de embalagem, quando adquiridos com receita médica que não seja dos serviços de saúde militar.

Que os medicamentos especializados e manipulados e a alimentação infantil serão fornecidos a familiares beneficiários da ADMA, ADME ou ADMFA mediante pagamento de 25%, sobre o preço de embalagem.

Que ficam excluídos do esquema da assistência medicamentosa, mesmo quando prescritos pelo médico:

— produtos contendo substâncias medicamentosas que não estejam sujeitos a imposto de selo de especialidades farmacêuticas, excepto os medicamentos manipulados na farmácia fornecedora;
— produtos dietéticos ou suplementos alimentares (excepto os de alimentação infantil, dentro do condicionamento referido);
— produtos de cosmética e dermatologia (cremes, loções, champôs, etc.);
— produtos de higiene bucal e dental;
— antisépticos de uso geral ou corporal;
— material de penso;
— material clínico, odontológico, ortopédico e sanitário.

Que poderão ser abrangidos no esquema de assistência medicamentosa produtos ou substâncias aprovados pela Comissão Permanente da Assistência na Doença aos Militares das Forças Armadas, constantes de tabelas publicadas na Ordem da Armada e nas ordens da Direcção do Serviço do Pessoal.

Que a Fapobol, nos seus armazéns — Av. 5 de Outubro, 89-B, Lisboa — concede desconto a todo o pessoal da Armada, mediante a apresentação do respectivo bilhete de identidade, na aquisição de pneumáticos.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

2.º-ten. FZ RN José Manuel Simões Rodrigues de Castro com D. Anabela Xavier Elias, em 17-2-79.
Sarg.-aj. A RA Carlos da Costa Falcão com D. Arménia de Azevedo Soares, em 25-1-79.
1.º-sarg. L Manuel Gomes dos Reis Casal com D. Fernanda Chaves Domingues, em 1-1-79.
207873/1.º-mar. CE Sebastião Ferreira com D. Maria dos Anjos Revés Romeira Godinho, em 4-1-79.
76675/1.º-mar. TFH Luís Manuel Figueiredo dos Santos com D. Maria da Glória da Silva Cruz, em 6-1-79.
161077/1.º-mar. L Ventura Gorgulho Telo com D. Maria Laura Menezes de Oliveira, em 26-1-79.
215277/1.º-gr. E Fernando Martins

Paulino com D. Isabel da Assunção da Silva Abraços, em 27-1-79.
232177/1.º-gr. Daniel Vitorino Pereira de Sousa com D. Maria Adelina de Jesus Reis, em 13-1-79.
319977/2.º-gr. L José Luís Vaz Monteiro com D. Ana Maria Oliveira Correia de Almeida, em 20-1-79.
254578/2.º-gr. Fernando Ferreira Rodrigues Leitão com D. Maria Manuela Lopes da Silva Ferreira, em 6-1-79.

PASSAGENS A RESERVA/ /APOSENTAÇÕES

1.º-ten. SG Duarte Serrano, em 11-1-79.

Agente de 1.ª cl. da Polícia Marítima Miguel António Carralo Labucha, em 28-2-79.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

1.º-ten. SG RF Alfredo Rodrigues de Castro, em 3-2-79.
1.º-ten. SG RF Alfredo Rodrigues Branco, em 3-2-79.
1.º-ten. SG RF José Pereira, em 6-2-79.
Sarg.-aj. H RF José Agostinho de Almeida, em 5-2-79.
Sarg.-aj. A RA José Lopes do Ouro, em 12-2-79.
1.º-sarg. CM RA Agostinho Evaristo, em 14-2-79.
249437/Cabo CM RA Joaquim Rodrigues Pereira, em 20-2-79.
250371/1.º-mar. C Artur Ruben Pereira Ribeiro, em 4-2-79.
262815/2.º-mar. A RF Domingos Augusto Fernandes, em 7-2-79.

NA BRUMA DO TEMPO...

Todos temos a mania de D. Sebastião. É, para alguns, saudosismo, irresponsabilidade, demissão...
Seja.
Sou saudosista, irresponsável e demissionária do país, do mundo, da estupidez do quotidiano.
Salvé D. Sebastião!
Abaixo D. Sebastião!

Sugerido por uma notícia de jornal em que se afirma ter sido descoberto um documento na Biblioteca de Viseu, onde é descrita, por testemunha ocular, a morte de D. Sebastião — duas cutiladas no pescoço e um ferimento na cabeça.

PARA ALÉM DO MAR...

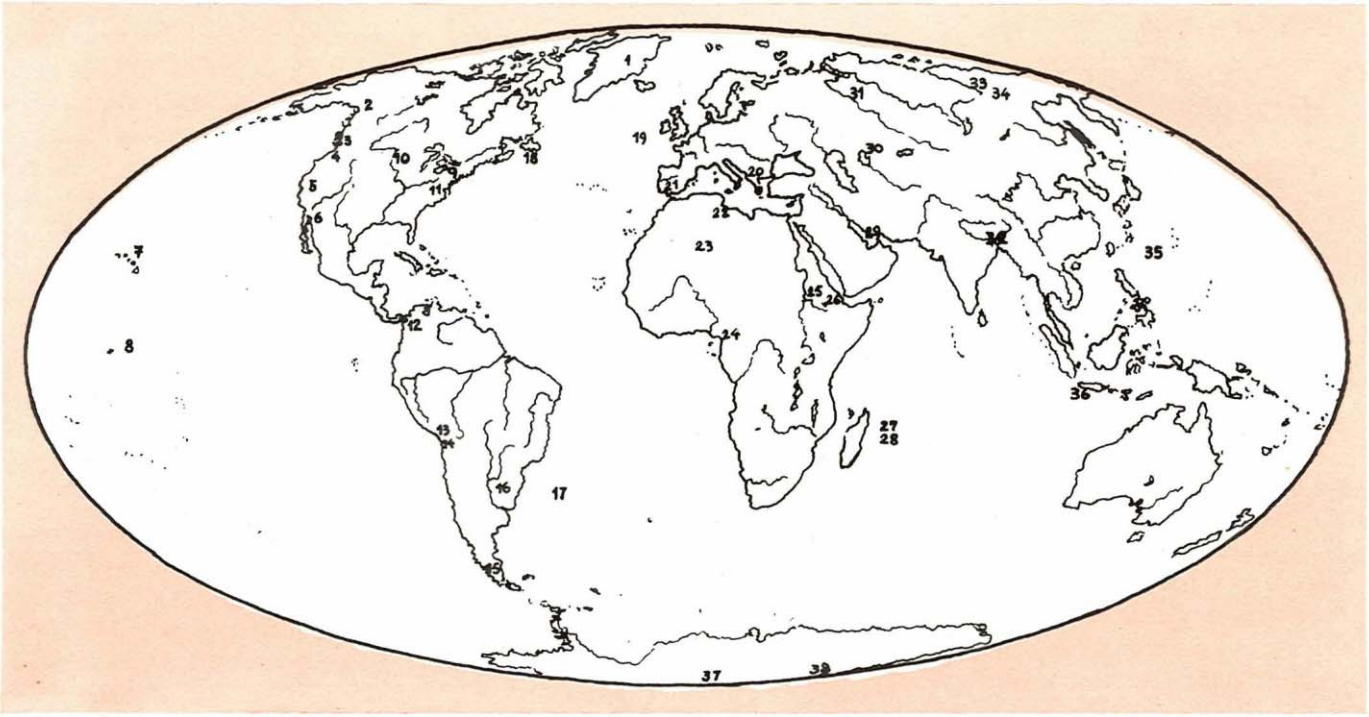
Ali, exangue e frio, na areia tórrida, jazia o jovem rei
[de Portugal.
Tão moço era, tão bonito...
Pregador de sonhos...
A espada marcou para sempre esse rosto de menino.
Não fora o mar, a lonjura, o céu de prata...
Não fora a ambição de ser grande e Alcácer Quibir não
[teria sido...

Caracóis de trigo...
Lençol de linho...
Choro de ama que não foi mãe...
Esteira de ouro...
Elmo de prata,
Trono de medo o teu...
Vontade férrea.
Vou ser um rei!

D. Sebastião, alaúde na noite...
Paços de bruma...
Enfunar de vela...
Partida sem regresso
Às praias de além...

Isabel H.

Ciências Artes e Letras



Meteorologia à Escala do Planeta

Foi em 1973 que se comemorou o primeiro centenário da colaboração internacional a nível meteorológico. Na realidade, fora em 1873 que se realizara, em Viena, o primeiro Congresso Meteorológico Internacional. Ele veio a ser o precursor da Organização Meteorológica Internacional que, em 1951, se tornou na actual Organização Meteorológica Mundial (OMM).

A necessidade de previsões meteorológicas é muito antiga, talvez tão antiga quanto o homem. Mas, o progresso no domínio das previsões só foi possível após a invenção do telégrafo e sua aplicação, nos anos que se seguiram a 1840. Isso permitiu reunir em centros de previsão os dados obtidos em outros locais do globo. Para esse impulso contribuiu também a terrível tempestade que, em 14 de Novembro de 1854, desmantelou a frota franco-britânica no Mar Negro. Napoleão III encomendou então ao célebre astrónomo Le Verrier (que descobriu Neptuno por meio de cálculos matemáticos) um estudo relativo à possibilidade de previsão de tempestades daquele tipo, caso se dispusesse de uma rede telegráfica para a transmissão de informações meteorológicas. Le Verrier respondeu afirmativamente e, nesse mesmo dia, o astrónomo e matemático foi encarregado de organizar um serviço meteorológico telegráfico.

A Inglaterra criou esse serviço em 1861, a França em 1863 e a Noruega em 1866.

A primeira conferência internacional que abordou aspectos da meteorologia teve lugar em Bruxelas em 1853. No entanto, poucos foram os países que nela tomaram parte.

Quando se comemorou, em 1973, o centenário do primeiro Congresso Meteorológico Internacional, criou-se uma nova rede mundial, utilizando meios mais eficientes e mais rápidos. Esse plano ficou sendo chamado

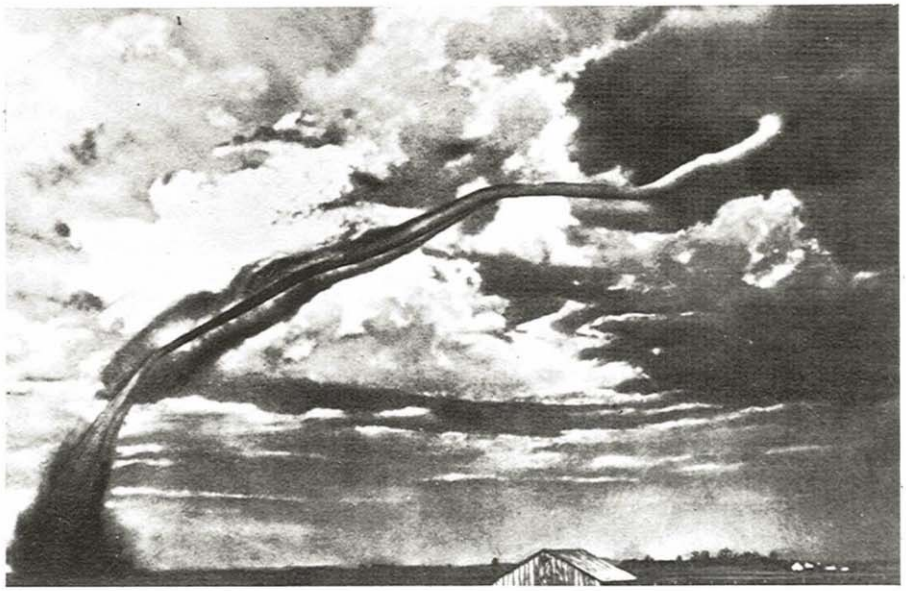
Um tornado. Devasta todos os lugares por onde passa, embora raramente tenha mais de umas centenas de metros de largura e se desloque a uns 40 km por hora.

VMM (vigília meteorológica mundial) e compreende um circuito principal que liga os centros meteorológicos mundiais e os centros regionais. Em 1973 aqueles eram Washington, Moscovo e Melbourne e existiam 21 centros regionais. O circuito é em duplex e forma um anel completo que assegura comunicações simultâneas nos dois sentidos, a toda a volta da Terra. Isto só é possível com a utilização de satélites de comunicações e satélites meteorológicos. Antes do advento dos satélites, as observações eram de carácter local, feitas por observadores em milhares de pontos do globo e por balões-sonda especiais lançados de determinados centros. Para se efectuarem previsões com probabilidade de êxito é necessário conhecer o estado actual do conjunto da atmosfera, a fim de introduzir esses dados no modelo matemático apropriado que um computador tratará com a indispensável rapidez. Os dados devem referir-se, tanto quanto possível, à mesma hora e é por isso que, ao baterem em Greenwich os múltiplos de 6 horas, legiões de observadores em todo o mundo se dirigem para os seus observatórios para registar e depois transmitir as observações meteorológicas que fazem. São, muitas vezes, heroís anónimos, que o fazem sem qualquer remuneração, como a bordo dos navios ou nos faróis, sob qualquer tempo, a qualquer hora da noite. É verdadeiramente empolgante reconhecer que a determinadas horas, *um exército silencioso de 8000 a 10 000 homens, de todas as nacionalidades, sob todos os climas, do Ártico aos trópicos, se prepara, na mesma ocasião, para fazer as mesmas tarefas.*

Consultam aparelhos colocados em pequenos abrigos pintados de branco (termómetros, higrómetros, barómetros, pluviómetros, etc.), olham o céu, registam o tipo de nuvens e a força e direcção do vento e outros dados de interesse. São heróis anónimos, como esse homem que na estação de Jan Mayen na Noruega, foi vítima de uma tempestade de neve. Tendo saído da sua casa em plena noite para ir verificar o registo dos instrumentos colocados a menos de 20 metros, perdeu a direcção sob as arremetidas do vento e da neve. No dia seguinte, o seu cadáver enregelado foi encontrado sob o manto da neve assassina.

E, foi com base em observações recolhidas localmente e transmitidas tão rapidamente quanto possível e processadas com a velocidade compatível com os meios técnicos existentes que, durante muitos anos, se fizeram as previsões meteorológicas. Havia, pois, que encarar o melhor compromisso entre o que era cientificamente desejável e o que era economicamente possível. O levantamento do estado da atmosfera era descontínuo, feito apenas em determinadas horas, dispondo de observações de superfície e algumas sondagens aéreas efectuadas por balões que pairavam a alturas de 30 a 40 km.

Hoje, a rede de estações de observação aproxima-se das 10 000, suplementadas com mais de 6000 navios que cruzam os mares do globo. Há cerca de 700 estações terrestres e alguns navios fundeados no Atlântico norte e no Pacífico norte que fazem sondagens. Os aviões também contribuem com as suas observações. Apesar de toda esta massa enorme de dados meteorológicos, a Terra não fica integralmente coberta por eles. É que, 3/4 da superfície do globo são



Uma tromba. Dirige-se para a terra a partir de uma nuvem de tempestade e destrói tudo na sua passagem, aspirando terra e pequenos objectos.

preenchidos por oceanos e mares, e as rotas dos navios não os cobrem em toda a sua extensão. Mesmo em terra, há zonas de clima rude ou isoladas que não estão adequadamente cobertas por estações meteorológicas. Por outro lado, o conhecimento do estado da atmosfera em altitude, também é muito deficiente, porque o número de sondagens é pequeno.

O advento dos satélites artificiais, juntamente com os balões a nível constante, vieram dar um contributo decisivo para a técnica da previsão meteorológica. O estabelecimento de bóias automáticas em regiões oceânicas de menor acesso e passagem, veio preencher também algumas lacunas.

Há cerca de 20 anos que se iniciou a fotografia da atmosfera por meio de satélites. A princípio, só se fotografavam as nuvens, mas isso servia para localizar, por exemplo, ciclones e tufões. Com o desenvolvimento dos satélites APT (transmissão automática de imagens) permitiu-se que cada país possa receber por intermédio de receptores relativamente simples, imagens televisivas e outros dados quando o satélite passa por cima do respectivo território.

Deste modo, o público e a aviação dispõem de previsões diárias eficazes. Os balões a nível constante têm sido usados no hemisfério sul com bastante sucesso. Duram, em média, 100 dias. Um deles, levado pelas correntes atmosféricas, deu várias voltas ao continente antártico.

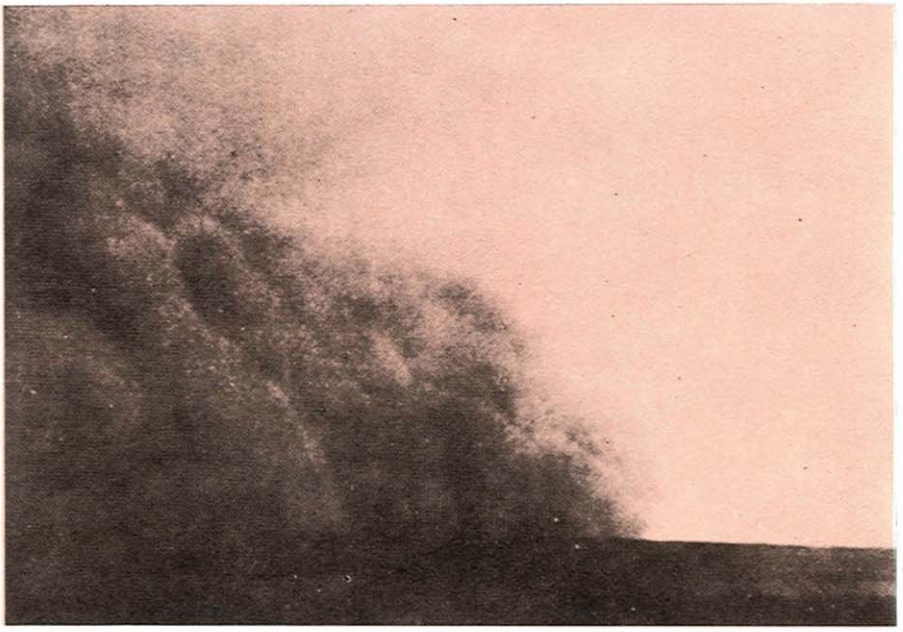
A meteorologia, actualmente, tem aspirações mais ambiciosas. Procura prever a longa distância — duas semanas, por exemplo — com precisão razoável, e antever mudanças climatéricas futuras, motivadas quer por causas naturais, quer pela influência dos homens. São estes os objectivos do GARP (Programa de Pesquisa Global da Atmosfera), que é uma empresa comum à OMM e ao Conselho Internacional das Uniões Científicas. Prevê-se que a meteorologia possa contribuir com uma ajuda eficaz para os grandes planos de desenvolvimento económico e dê um contributo para o alívio da fome no mundo. A variabilidade das condições atmosféricas ainda desafia as possibilidades do homem, e há fenómenos locais imprevisíveis que são de terríveis efeitos, apesar de efémeros, como os tornados, as trombas, as tempestades de areia, o granizo, etc.

Olho do ciclone Debbie, fotografado no Atlântico, em Setembro de 1961, por um satélite, de uma altura de 160 km.

Mas há toda uma série de possibilidades de intervenção do homem no domínio da meteorologia que já hoje o levam a fazer chover onde é necessário, a conjurar certas perturbações locais como as trombas, o granizo, etc., impedindo destruições de outro modo inevitáveis.

O mapa que a figura mostra indica alguns dos principais *records* meteorológicos observados no mundo:

1. *Record* de frio na Groenlândia: —66,1° C, em Northice.
2. *Record* de frio na América do Norte: —62,8° C, em Yukon, Canadá.
3. Média anual de chuva mais elevada na América do Norte: 6655 mm, no Lago Henderson, Canadá.
4. *Record* de queda de neve numa temporada na América do Norte: 25,40 m, em 1955/56, em Paradise Ranger, EUA.
5. Temperatura mais elevada na América do Norte: 56,7° C, no Vale da Morte, Califórnia, EUA.
6. Média anual de chuva mais baixa na América do Norte: 30,5 mm, em Bataques, México.
7. *Record* mundial de precipitação média anual entre 1912 e 1945: 11 684 mm, no Hawai.
8. Vaga mais alta observada no Pacífico: 34 metros, em 6-2-1933.
9. *Record* de velocidade do vento (416 km/h) e média mais elevada durante 5 minutos (338 km/h), em New Hampshire, EUA.
10. *Record* de queda de neve em 24 horas na América do Norte: 193 cm, em Silver Rake, EUA.
11. *Record* mundial de chuva em 1 minuto: 312 mm, em Unionville, EUA, em 1956.
12. Média anual de precipitação mais elevada da América do Sul: 8992 mm, em Quibdo, Colômbia.
13. Mínimo mundial de precipitação média anual em 53 anos: 0,8 mm, em Arica, Chile.
14. Ausência de chuva durante 14 anos consecutivos: Iquique, Chile.
15. 325 dias de chuva por ano, em média: Baía Félix, Chile.
16. Temperatura mais elevada na América do Sul: 48,9° C, em Rivadávia, Argentina.
17. Iceberg observado mais próximo



Tempestade de Areia no Sahara. São temidas em todos os desertos pela sua força devastadora.

do equador: a 26° de latitude Sul.

18. Média anual de 120 dias de nevoeiro: Terra Nova.
19. Vaga de 20,40 m de altura, em 12-9-1961.
20. Média anual mais elevada de precipitação na Europa: 4648 mm, em Crkvice, Jugoslávia.
21. *Record* de calor na Europa: 50° C, em Sevilha, Espanha.
22. *Record* mundial de calor: 58° C, em El Azizia, Líbia.
23. Insolação máxima anual: 4300 horas, no Sahara.
24. Média anual mais alta de precipitação na África: 10 287 mm, em Debundscha, Camarão.
25. Média anual mais baixa de precipitação na África: menos de 2,5 mm, no Sudão.
26. Temperatura média anual mais alta do mundo: 34,4° C, em Dallol, Etiópia.
27. *Record* mundial de chuva em 12 horas: 1340 mm, na ilha de Reunião, em 1964.
28. *Records* mundiais de chuva: em 24 horas, 1870 mm; em 5 dias, 3854 mm; 7 dias, 4110 mm, na ilha de Reunião, em 1959.
29. Temperatura mais elevada à superfície do mar: 35,6° C, no Golfo Pérsico.
30. Granizo mais pesado do mundo: 1,9 kg, em Kazakistan, Rússia.
31. *Record* mundial de pressão atmosférica: 1083,8 mb, em Agata, URSS.
32. Média anual mais elevada de precipitação na Ásia: 11 633 mm, e *records* mundiais em um mês, 9300 mm e em um ano, 26 461 mm, em Cherrapungi, Índia.
33. Maior variação mundial de temperatura: 101,7° C, em Verkhoyansh, URSS.
34. *Record* de frio no hemisfério norte: —67,8° C, em Oymyakon, URSS.
35. Pressão atmosférica mais baixa: 874 mb (olho do tufão IDA).
36. Média anual de 322 dias de tempestade: Bozor, Indonésia.
37. Temperatura média anual mais baixa: —56,6° C, na Antártida.
38. *Record* mundial de frio: —88,3° C, em Vostok, Antártida.

O. Lemos
Cap.-m.-g.

Aprender a nadar

— HIPÓTESES DESPERDIÇADAS? APENAS 21 LIÇÕES...

O marinheiro artilheiro Pinto, n.° 174573, não sabia nadar.

Após este Verão, decidiu-se.

Inscreveu-se, através do comando da unidade onde prestava serviço (CITAN), num dos cursos de aprendizagem que todos os meses têm início no Centro de Educação Física da Armada (CEFA).

E todos os dias úteis (excepto sábados), com início no dia 2 de Outubro, lá se deslocou à piscina aquecida do CEFA durante uma (só) curta hora, isto até ao dia 7 do mês seguinte, frequentando um daqueles cursos.

Assim, das 09.15 às 09.50 horas, apenas em 35 minutos por dia, durante apenas 21 dias, obteve o nível 1 de adaptação ao meio aquático, isto é — aprendeu a nadar.

PASSAGENS E... CHUMBOS

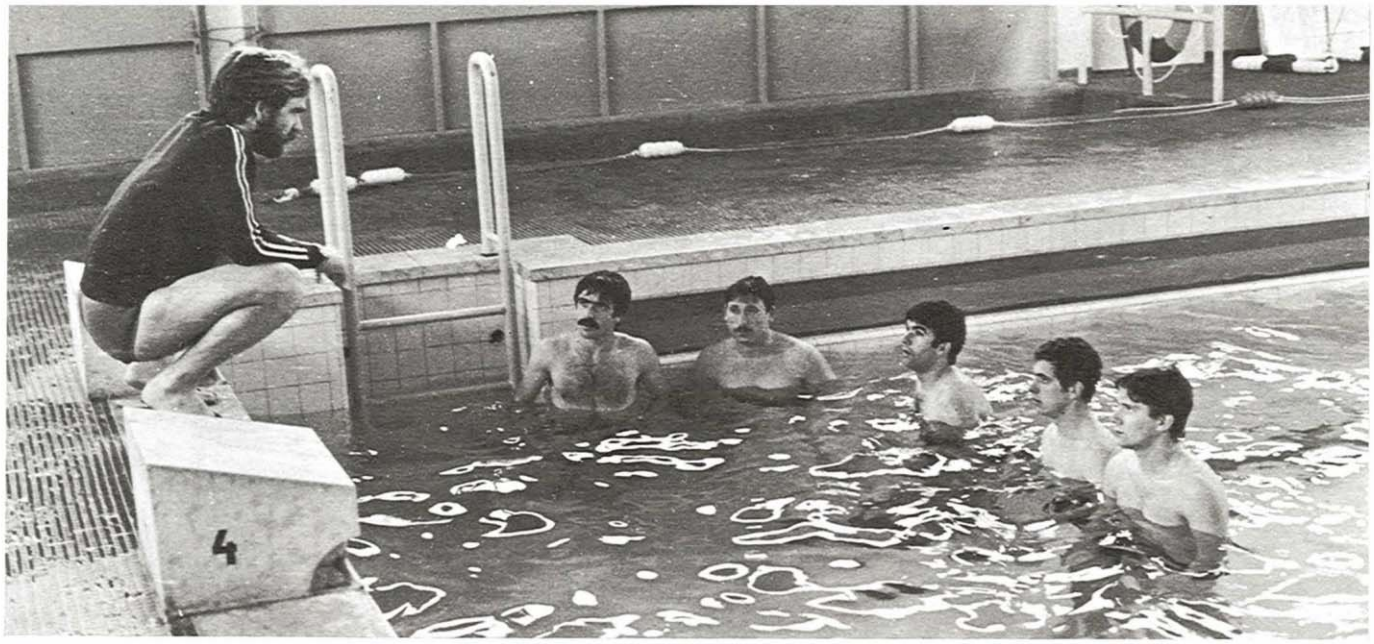
O marinheiro Pinto foi dos 9 elementos que frequentaram esse curso, em que apenas um deles não conseguiu obter o nível 1, embora tenha ficado perto.

Já o marinheiro de abastecimento Monteiro, da Flotilha de Patrulhas, não conseguiu tirar rendimento do curso. E porquê? Porque a partir do meio do curso, mais precisamente a 19 de Outubro, deixou de comparecer ao curso, por motivos que desconhecemos, mas que acreditamos, dada a sua anterior assiduidade, terem sido estranhos à sua vontade.

E o grumete Silva, da "Jacinto Cândido", esse nem à primeira sessão de aprendizagem compareceu.

Navio a navegar? Outros motivos?

O facto é que até agora ainda se não descobriu o aprender a nadar através de cursos por correspondência...



Um curso de 35 alunos terminou com 5...

UM PANORAMA ATERRADOR

A palavra aterrador até tem aqui um duplo sentido — o de *Marinha de Terra*. Com efeito, será assim tão conhecido o facto de ultrapassar os 70 (setenta) por cento a percentagem de pessoal na nossa Marinha que não tem o nível 1 de adaptação ao meio aquático? Isto é, ou não sabem nadar, ou fazem-no de um modo tão deficiente que não lhes assegura a sobrevivência em condições médias.
O nível 3, de entre 3800 elementos que até agora cumpriram a obrigação de fazer o seu T.A.M.A. (Teste de Adaptação ao Meio Aquático) foi atingido por uma escassa dezena de elementos! E, contudo, deveria ser um nível comum a mais de metade da Marinha...

AS NOVAS PISCINAS

As piscinas aquecidas do CEFA, do Grupo n.º 1 de Escolas, e da Escola de Fuzileiros têm permitido, felizmente, que haja uma modificação do tal panorama aterrador, nomeadamente nas Escolas e por consequência no nível médio do pessoal que na Armada faz o seu serviço militar.
No entanto, uma elevada percentagem da nossa Marinha continua a ser constituída por quadros permanentes — justamente aqueles que deviam dar o exemplo de saber nadar bem...
A piscina do CEFA, que poderia remediar melhor esta deficiência, não é contudo plenamente utilizada nas suas possibilidades, conforme poderemos constatar a seguir.

TANTAS OPORTUNIDADES PERDIDAS

Só no período de 2 de Outubro a 7 de Novembro de 1978 poderiam ter frequentado os cursos de aprendizagem e de aperfeiçoamento (que também os há) 70 elementos.
Inscreveram-se apenas 30, apesar de ter sido dada adequada divulgação à realização dos cursos — são contínuos, e todos os meses começam dois ou três.
(Certo que a divulgação poderá não ter sido a mais adequada, e daí a razão deste artigo, que procura dar destas questões um melhor conhecimento).
Dos 30, nove foram excluídos por faltas excessivas, e dos 21 restantes, 14 obtiveram o nível 1, três faltaram ao teste final (tudo levando a crer que pudessem ter obtido o nível 1), e os 4 restantes ficaram a um passo daquele nível.
Por outro lado, vejamos a perspectiva global de Janeiro a Julho de 1978, quanto às frequências dos cursos na piscina do CEFA:

— poderiam ter-se inscrito, 1050 elementos;
— inscreveram-se, 399 (38%);
— desistência durante os cursos, 218;
— completaram o curso, 148 (14%).

Catorze por cento justifica bem o subtítulo inicial "Hipóteses desperdiçadas?", julgamos!...

INSCREVA-SE (A SI E AO SEU PESSOAL)

De momento, são os seguintes os horários dos cursos de aprendizagem e de aperfeiçoamento, na piscina aquecida do CEFA:

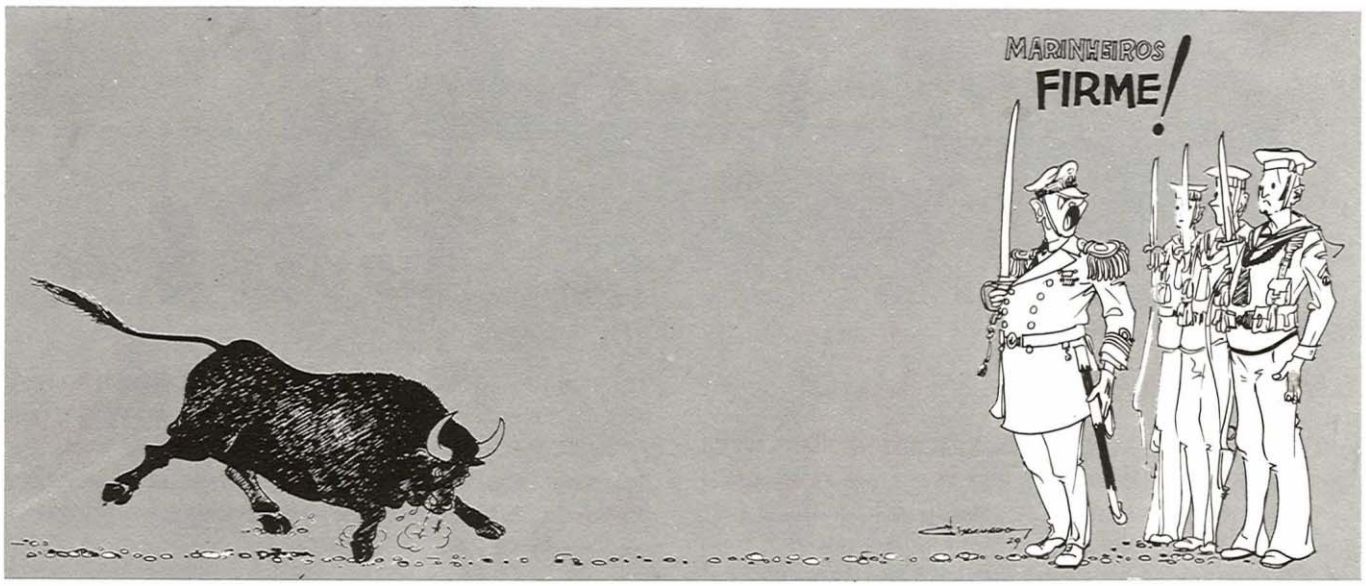
— 09.15 às 09.55 horas;
— 15.30 às 16.15 horas.
(Ambos de 2.ª a 6.ª-feira).

Os cursos de aprendizagem têm a duração de seis semanas para o pessoal que não sabe nadar (inadaptado ao nível 1), e os de aperfeiçoamento três semanas (para o pessoal que já sabe nadar qualquer coisa, mas que ainda tem adaptação insuficiente ao nível 1), e são dados sob a supervisão global do cotado professor Abrantes, e organizados pelo competente sargento-chefe Leonel, uma dedicação à causa da natação.
Mas...
...não falte, nem ponha dificuldades à frequência do pessoal sob o seu comando, pois se comanda marinheiros deve ser para si um *ponto de honra* o não haver na Marinha pessoal que não saiba nadar...
Não seja um marinheiro de água doce...

Luís da Costa Correia
Cap.-frag.

Voz da Abita

Cartas ao Director



Do 3224/Cabo CM RA, Manuel Augusto Coutinho, recebemos o relato de um interessante episódio, extraído de um antigo livro de leitura da instrução primária (no tempo em que nos livros de ensino se inseriam descrições desta natureza ...):

MARINHEIROS, FIRME!

Inaugurava-se no topo da ainda não acabada Avenida da Liberdade, em local que presumo ser hoje o Parque Eduardo VII, uma grande exposição agrícola, a primeira que se fazia em Lisboa. Uma companhia de marinheiros, sob o comando do então primeiro-tenente Cândido do Reis, tendo como sulbalternos o segundo-tenente Policarpo de Azevedo e eu, ainda guarda-marinha, mas já com o tempo acabado, fazia a guarda de honra.

Feita a inauguração por el-rei D. Luís, vestido de almirante, começou o desfile do gado bravo e manso pela frente das tribunas apinhadas de gente. Um lindo espectáculo, inteiramente novo para a pacata Lisboa desse tempo.

A breve trecho, um touro foge, produzindo o caos — como aliás era natural — grande alarido e confusão. O animal perseguido vem direito ao ponto onde se encontrava formada a companhia de marinheiros. Cândido dos Reis, com a sua bela voz de comando, colocando-se com os seus oficiais à frente da companhia, ordena:

— Marinheiros, firme! ...

E ninguém se mexeu.

O touro — estou a vê-lo: um lindo animal, preto, retinto, testo encarapinhado, bem armado — ao deparar com aquela muralha de homens decididos a opor-lhe resistência, parou, escarvou o chão, levantou a sua cabeça, pareceu medir a companhia toda e, tranquilamente, voltou aos seus companheiros da manada.

Cândido dos Reis manda:

— Marinheiros, à vontade! ...

E pouco depois, serenados os ânimos e cumprida a nossa missão, seguimos para o nosso quartel de Alcântara no meio dos aplausos de uma multidão entusiasmada! ...

Eram assim os marinheiros do meu tempo ...

Bernardo da Costa Mesquitela

—

N. R. — O vice-almirante Bernardo da Costa Mesquitela foi dos mais ilustres oficiais da Armada, tendo desempenhado com grande brilho importantes cargos, quer na Marinha, quer na Administração do Estado; depois de ter comandado vários navios e estabelecimentos em terra, foi comandante-geral e major-general da Armada, intendente do Arsenal, director-geral da Marinha, chefe do Estado-Maior Naval, vogal do Tribunal de Contas e governador da província de Cabo Verde e do distrito da Madeira. Possuia, entre outras condecorações, o grau de cavaleiro da Torre e Espada por serviços em campanha, as medalhas de prata de Bons Serviços e de Serviços Distintos no Ultramar e de ouro das campanhas durante a Grande Guerra.

De Mário Luís da Conceição Oliveira, Setúbal, recebemos uma carta em que tece os melhores elogios a alguns artigos da Revista, que muito agradecemos.

Diz-nos que não compreende os actuais números das praças e pede-nos a devida explicação. É simples. Os números são compostos de duas partes: a primeira, formada por um, dois, três ou quatro algarismos de matrícula dentro do ano; a segunda, compreendendo os dois últimos algarismos é o do ano de incorporação. Assim, por exemplo,

uma praça deste ano, se tiver o n.º 1 de matrícula, será o número 179. Este sistema veio substituir o anterior que constava dos mesmos algarismos mas, separados por uma barra. No exemplo dado, a praça seria o n.º 1/79.

De Joaquim Infante Cebola, ex-mar. L, S. Pedro de Corvel, uma carta em que a propósito de renovar a sua assinatura, diz: *Antes de terminar, quero agradecer a todos os que trabalham para a nossa Revista os momentos felizes e de verdadeira emoção que me têm proporcionado. Fui marinheiro, tenho saudades da Armada e só através da Revista me sinto ainda de braço dado com ela. Viva a "Briosa".*

De Alberto Fernandes, Serrinha, Lixa, uma carta de que transcrevemos: *(...) Esclareço a V. Ex.ª de que fui praça da Armada, da incorporação de 1949, e, como não podia deixar de ser, fiquei preso a ela e interessado em tudo o que lhe diga respeito. Apesar da rígida disciplina que existia no meu tempo, pesada apenas para os que transgrediam, guardo da Armada e dos navios as mais gratas recordações.*

Possuindo apenas a modesta habilitação do 2.º grau, constituiu uma surpresa para os meus superiores nos serviços de hidrografia, pela vontade e entusiasmo com que desempenhei os vários serviços que me foram atribuídos. Colhi nesse serviço conhecimentos que me permitiram mais tarde ganhar a vida desafogadamente como desenhador de plantas topográficas e respectivos loteamentos de áreas de terrenos destinados à construção urbana, e ainda concebendo projectos de construção de moradias próprias ou blocos.

Tudo isto devo ao que vi e aprendi na hidrografia. (...)

De Francisco da Conceição Castelo, uma carta, na qual, a propósito de renovar a sua assinatura, faz várias sugestões sobre artigos que acha deverem ser publicados na Revista e que serão tomados em consideração. Pede-nos indicação do endereço da revista "Mais Alto" da FAP que pretende assinar também e que é: "Mais Alto", Rua Leite de Vasconcelos, Alfragide, 2700 Amadora.

De Adão Emanuel Ramos Alonso ("Alfama"), ex-mar. E, Amadora, uma carta de que transcrevemos:

Há já muito tempo que penso em colaborar na nossa Revista e se não o tenho feito é só porque o tempo me não sobra.

Excelente trabalho o vosso; não deixo uma única palavra por ler.

Quantas lembranças dos meus tempos da "Briosa"!

Quase sempre leio a Revista quando me vou deitar, e vem então uma catadupa de recordações. Chego a imaginar que sinto o sono invadir-me mercê do doce embalar das vagas (...).

N. R. — O trabalho que enviou fica para apreciação da C. R. Permitimo-nos, no entanto, lembrar-lhe que a nossa preferência vai para as histórias de marinheiros e de mar...

De Hermínio Joaquim Nascimento, ex-mar. CM, Alcobaça, uma carta em que mostra bem os seus sentimentos amigos para com a Revista e sugerindo a publicação de "posters" de navios nossos. Diz que gostou muito do calendário, mas gostaria também dos tais "posters".

N. R. — A sugestão já tem sido feita por outros assinantes. Simplesmente sucede que a realização é bastante dispendiosa e não está ao nosso alcance. Aproveitamos para informar que a oferta do calendário aos nossos leitores nos custou 30 mil escudos...

De Francisco António Gonçalves Maia, Porto, uma carta apoiando a sugestão dum assinante, em número anterior, de aumento do preço da Revista. Tem este nosso leitor e amigo, tanto interesse nela que receia que acabe, por falta de verba...

N. R. — Agradecemos muito o seu interesse e informamos que ela foi criada, e é paga, pela Marinha, como órgão oficial e cultural, para os seus servidores no serviço efectivo. Não quer isto dizer que, não tendo fins lucrativos, não tenhamos interesse no maior número de assinantes, que contribuem para algumas despesas não orçamentadas e continuam ligados à sua Marinha *que, como todos sabemos, não pode ser esquecida por todos aqueles que tiveram a honra de a servir.*

ALUNOS MARINHEIROS DE 1933

Realiza-se, no primeiro domingo de Maio próximo (dia 6), em local a determinar, o almoço de confraternização dos alunos marinheiros de 1933, para comemorar o 36.º ano do seu alistamento. Do programa consta também a celebração de uma missa na igreja do Bom Sucesso e de uma romagem ao jazigo do almirante Gago Coutinho, patrono do alistamento, no cemitério da Ajuda.

As inscrições podem ser feitas aos "filhos da escola" Horácio (tel. 63 35 89), Graça (36 30 63), Alegria (32 35 17) ou Lourenço (78 14 26).

9.º DESTACAMENTO DE FUZILEIROS (MOÇAMBIQUE — 4-2-67 a 2-4-69)

O ex-mar. FZE n.º 73/65, Mário Vicente Cornélio ("Cascais"), que fez parte do destacamento em epígrafe, deseja organizar um almoço de confraternização entre os militares que integraram o referido destacamento, para comemoração do 10.º aniversário do final da comissão em Moçambique. Os interessados deverão contactar com ele para a Rua do Poço Novo, 21, Cascais.

RECRUTAMENTO DE 1946

Realiza-se no último domingo de Maio próximo (dia 27), em local a determinar, o habitual almoço de confraternização dos "filhos da escola" da incorporação de 1946 ("Escola do Gaiolas").

As inscrições ou esclarecimentos poderão ser solicitados ao cap.-ten. SG Alves Redondo (tel. 275 1476) ou a

Custódio Alves ("Fafe") (tel. 258 0902).

RECRUTAMENTO DE 1970 (1.ª INCORPORAÇÃO)

Francisco António Gonçalves Maia, Rua Martim Moniz, 387 r/c — 4100 Porto, antigo elemento da incorporação em epígrafe, sugere a realização de um almoço de confraternização entre os "filhos da escola" da referida incorporação. Os interessados deverão contactar com o signatário, para o endereço indicado.

ALISTAMENTO DA ARMADA DE 1947

A respectiva comissão organizadora informa os "filhos da escola" do alistamento de 1947, que o próximo almoço de confraternização se realiza, no próximo dia 19 de Maio, na Quinta da Granja (Carregado). As inscrições, extensivas a familiares, deverão ser feitas a António Henriques, Bairro dos Serviços Sociais das Forças Armadas, bloco C, 4-2.º D — Laranjeiro — 2800 Almada (tel. 249 25 71).

RECRUTAMENTO DA E.A.M. DE 1938

Os alunos-marinheiros incorporados em Fevereiro de 1938, reúnem-se num almoço de confraternização, no 1.º domingo de Maio próximo (dia 6), em local a determinar. As inscrições poderão ser feitas a Miguel Nobre Ferreira (tel 84 51 53), António Pombo (tel. 276 70 80) ou Aníbal Machado Lopes (276 09 52).

Terminologia Naval

GRUMETADA — Conjunto de grumetes de uma unidade; grumetagem. Vida de grumete. Acção própria de grumete.

GRUMETE — Graduação das praças da marinhagem desde aluno marinheiro a marinheiro.

GUALDROPES — Dois cabos ligados a dois moitões ou a dois furos praticados na meia-lua do leme, para manobra deste.

g — Gualdropes

GUARDA-COSTAS — Pequeno navio, normalmente atribuído às autoridades aduaneiras, utilizado em serviço de vigilância da costa na repressão do contrabando.

N.º 1 da "Revista da Armada"

Cinquenta e oito leitores candidataram-se à obtenção de um exemplar do n.º 1 da nossa Revista, dos 10 de que dispunhamos, conforme anunciámos no n.º 89. Feito o respectivo sorteio, a sorte bafejou os 1.º-sarg. A Manuel H. Silva, Feijó; Júlio Celestino Pereira Miguens, Cabrela; Manuel Augusto Varíssimo, Barreiro; Carlos Jorge Batista Marinheiro, mar. L, D.S.S.N.; Mário Vicente Cornélio, Cascais; Manuel Jorge Mateus, Lisboa; Joaquim de Oliveira Rouxinol, Viseu; José António Dionísio Ferreira Martins, Soure; Mário Martins de Almeida, Almada; Edmundo da Cunha Correia, Barreiro.

Os exemplares foram enviados aos interessados juntamente com o n.º 90 (Março).

GUARDA DE BAIXO! — Voz de advertência para indicar que se vai deixar cair um objecto de qualquer ponto alto; a mesma voz é dada quando se pretende içar ou arriar objecto pesado, a fim de que as pessoas evitem passar sob ele. Em calão naval, pessoa em que não se deve fiar.

GUARDA-GALINHAS — Em gíria naval, guarda-marinha.

GUARDA-JÓIAS — Termo de calão naval para referir o impedido.

GUARDA-LAMAS — Orelhas grandes, em gíria naval.

GUARDA-MANCEBOS — Cabo ou cabos delgados que, a pouca altura, correm por cima do gurupés ou pau de surriola e que servem de corrimão ao pessoal que sobre estes tem de caminhar.

GUARDA-MARINHA — Posto intermédio a aspirante e segundo-tenente; foi criado em 1761 e na altura, para se ter acesso a tal, era condição necessária ser de origem nobre ou filho de oficial general ou superior; extinto em 1774, foi restabelecido em 1782, mantendo-se até à actualidade.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

Âncoras dos navios de Cristóvão Colombo

Quando for ao Museu de Marinha não se esqueça de olhar para umas âncoras que estão à entrada, do lado esquerdo. Estiveram perdidas no fundo do mar, desde 1493 até 1960! Mas, o melhor é contar a história.

No regresso da sua primeira viagem ao continente americano, Cristóvão Colombo escalou a ilha de Santa Maria, a bordo da caravela "Niña". Dos três navios da sua esquadra, a nau capitânia "Santa Maria" havia-se perdido na noite de Natal de 1492, na baía do Caracol, próximo do actual cabo Haitiano e a caravela "Pinta", devido ao mau tempo reinante nas proximidades dos Açores, perdeu-se da vista da "Niña" e regressou sozinha a Espanha. Regista-se a curiosidade de terem entrado as duas, no mesmo dia, no porto de Palos, apesar do destino lhes ter traçado rotas bem diferentes.

Segundo extractos do diário de navegação da "Niña", compilados por D. Fernando Colombo, filho do grande navegador, no dia 15 de Fevereiro de 1493, uma sexta-feira, um dos marinheiros de vigia assinalou terra à vista por NE, certamente a ilha de S. Miguel.

O piloto e alguns marinheiros julgavam tratar-se da serra de Sintra, outros diziam ser a Madeira mas, Cristóvão Colombo sabia que era uma das ilhas dos Açores.

Nesse dia, porém, o mar era grosso e a visibilidade fraca, pelo que essa terra logo desapareceu da vista. Outra surgiria então no horizonte, Santa Maria.

Fustigado por violento temporal, não pôde o navio aproximar-se de terra e, esperando uma sota, navegou sob constante perigo de naufrágio. Logo que o tempo amainou um pouco, aproximou-se da costa E da ilha, procurando abrigo dos ventos predominantes naquela época — os do W.

Depois de terem chegado à fala com gente da terra, que lhes indicou o fundeadouro do porto de S. Lourenço, navegaram para a parte norte da ilha, desembarcando metade da tripulação nos Anjos, na intenção de seguir, em procissão, descalços e em camisa, até à ermida de Nossa Senhora dos Anjos, a agradecer à Virgem o terem escapado com vida aos violentos temporais que haviam suportado, como tinham prometido na ocasião. Seguir-se-ia a outra metade, após o regresso desta a bordo.

Todavia, grande surpresa os esperava. Muita gente, comandada pelo próprio capitão-donatário, interino, João de Castanheira, caiu-lhes em cima, fazendo-os prisioneiros, ao mesmo tempo que se apossavam da embarcação que os havia transportado.

A bordo da "Niña", estranhando a demora e receando que algum mal lhes tivesse acontecido, Cristóvão Colombo navegou a contornar a costa e foi fundear próximo da actual baía da Cré, num local donde se avistava a ermida.

Viu então homens a cavalo, os quais, desmontando, embarcaram armados na embarcação apresada, dirigindo-se para a caravela na intenção de a assaltar.

Vendo que os seus homens se armavam para fazer frente aos assaltantes, Cristóvão Colombo ordenou-lhes que não tomassem qualquer atitude de hostilidade, a fim de que eles avançassem sem desconfiança.

E assim, o suposto assalto transformou-se numa cena de negociações entre a embarcação e a caravela; Colombo tentando que Castanheira embarcasse, para o prender como refém, e este esforçando-se por convencer Colombo a

Das profundezas do mar surgiu a primeira das quatro âncoras que ali estavam há séculos.

ir a terra, para o fazer cativo como havia acontecido aos outros.

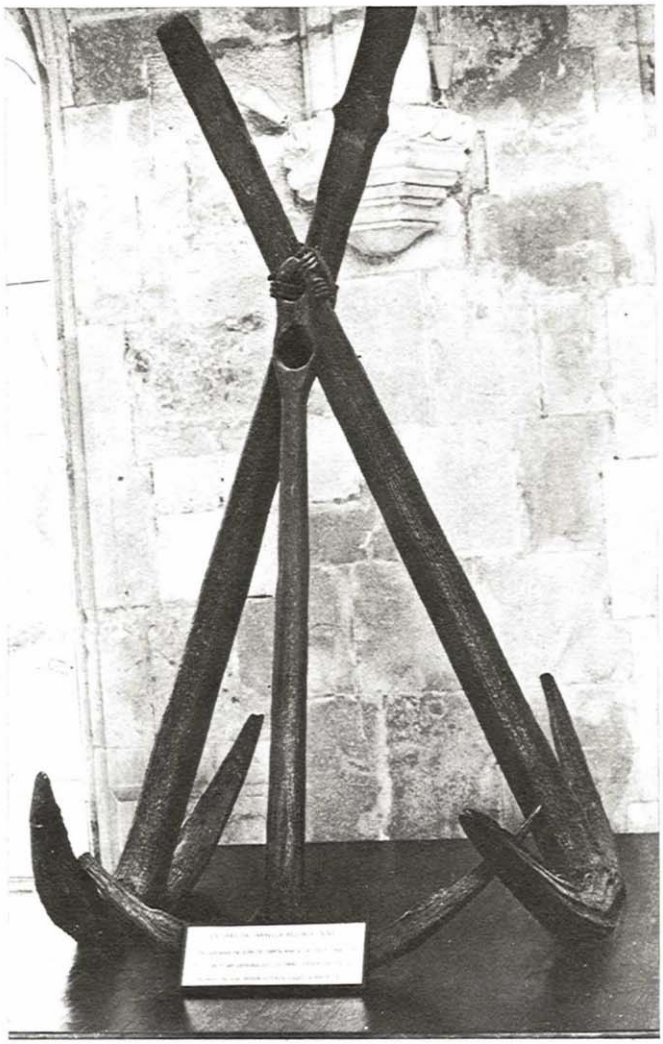
Colombo afirmava ser *Almirante do Mar Oceano e Vice Rei das Índias* ao serviço de Suas Altezas os reis Católicos, e que regressaria a Castela com a metade da tripulação que lhe restava, providenciando para que os portugueses tivessem o merecido castigo; Castanheira respondia que nada tinha a ver com os reis de Castela, que ali era Portugal e ele, Colombo, podia ser levado à forca. Este, irado, jurou que não largaria antes de arrasar toda a ilha e capturar cem portugueses, que levaria como reféns.

Entretanto, como o tempo mostrasse tendência para piorar, resolveu regressar ao primeiro porto demandado, que deve ser a baía do Cura, e não S. Lourenço, visto nesta haver bons fundos e o diário de navegação da "Niña" mencionar a perda de amarras e ferros devida aos maus fundos (que existem de facto na baía do Cura).

Sabe-se, ainda pelo diário de navegação, que a "Niña", após a saída, suportou nova tormenta, tendo regressado no dia seguinte a Santa Maria, por falta de pessoal para lutar contra o mar, e na intenção de reembarcar o pessoal cativo e reaver as amarras e a embarcação ali deixadas, se fosse possível.

Esclarece ainda o diário de navegação que, depois de terem estado a bordo dois frades e um tabelião, portugueses, todos os desentendimentos anteriores foram sanados, reembarcando os cativos e sendo recuperada a embarcação. Note-se que o diário não diz que foram recuperadas as âncoras.

Finalmente, no dia 23 do mesmo mês de Fevereiro, com vento W, de feição, a "Niña" seguiu viagem para E, rumo a Castela.



À entrada do Museu de Marinha, à esquerda, podem-se apreciar três das quatro âncoras que a "Niña" perdeu em Santa Maria.

O dr. Jacinto Monteiro, natural e residente na ilha de Santa Maria, defendeu, no final do seu curso de histórico-filosóficas (posteriormente abraçou a vida eclesiástica), a tese "Estadia de Cristóvão Colombo na ilha de Santa Maria, após ter descoberto a América".

Este estudo levou-o a profunda investigação de documentos e à conclusão de que Cristóvão Colombo deixara todas as suas âncoras na costa E da ilha, picando as amarras para que se não perdesse mais um navio da sua frota inicial — a "Niña".

Certo das suas conclusões, pagou, do seu bolso, a mergulhadores para baterem os fundos em que julgava provável estarem as âncoras e com muita alegria, estando na altura em Setúbal, soube que no dia 18 de Maio de 1960, surgiu das profundezas do mar a primeira das quatro âncoras que ali estavam há séculos.

Segundo os mergulhadores, uma delas estava de tal modo presa nas pedras que foi impossível arrancá-la, e lá ficou.

Era capitão dos portos de Santa Maria, naquela altura, o autor deste artigo, o qual tendo tomado parte activa na recuperação dos ferros, que tudo levava a crer serem da "Niña", se apaixonou pelo assunto.

Ao seu espírito várias perguntas se punham, para demonstrar a veracidade daquilo que era ainda uma hipótese:

Que idade tinham os ferros trazidos do fundo?

Eram eles do tipo dos usados nos navios de Colombo?

Se, apenas um dos navios de Colombo esteve fundeado em Santa Maria — a "Niña" — como se explica a existência de dois ferros de dimensões desproporcionadas para uma caravela?

E, porque razão estariam os ferros muito perto uns dos outros?

De tudo o que fica dito, parece fora de dúvida que a "Niña" perdeu alguns ferros na baía do Cura.

Os ferros achados são da época, pesando dois deles 700 quilos e o outro, sensivelmente igual ao que ficou no fundo, 200.

O autor aventou a hipótese dos dois primeiros terem passado da nau capitânia "Santa Maria" para a caravela "Niña", quando aquela encalhou, tanto mais que, como é sabido, naquele tempo perdiam-se muitos ferros por desconhecimento da natureza dos fundos, e os navios andavam prevenidos com os que podiam.

O facto de estarem juntos explica-se pelo uso de *ferros enmolhados* que significa *ferros fundeados em molhe, ou monte*, ou ainda, *ferros talingados ou presos à mesma amarra*. Esta forma de fundear tinha em vista funcionarem os ferros como poita e, sendo vários, haver mais probabilidades de um deles unhar convenientemente.

Para confirmar as suas conclusões, o autor correspondeu-se com alguns peritos na matéria, nomeadamente o historiador Damião Peres e o almirante americano Samuel Eliot Morison, professor de história na Universidade de Harvard e autor de vários livros sobre o descobrimento da América, entre estes, três sobre Cristóvão Colombo.

Ambos manifestaram a opinião de serem pertinentes as conclusões do autor.

De realçar que o almirante Eliot fez, num pequeno iate seu, o mesmo percurso dos navios de Colombo, tendo fundeado também em Santa Maria, ao largo da pequena povoação dos Anjos.

E, porque este artigo já vai longo, concluimos mais ou menos como começámos: Quando visitar o Museu de Marinha, não se esqueça de olhar para as âncoras que estão à entrada do lado esquerdo. Tire o seu chapéu, ou faça uma vénia, porque é quase certo que elas pertenceram aos navios do celebérrimo Cristóvão Colombo e são, portanto, uma relíquia do passado, digna de veneração.

José Agostinho de Sousa Mendes
Cap.-m.-g.

Uma *estrela* chamada "Sagres" em terras do Sol nascente

Japão, o Gigante do Pós-Guerra

O Japão foi o país que mais rápida transformação sofreu no mundo, depois da última guerra mundial. Talvez pela catastrófica realidade da guerra, os japoneses deram as mãos e criaram um determinado espírito de identidade e de propósito comum. Só assim se compreende que, sendo o Japão um povo limitado pela sua geografia insular, limitado pelos fracos recursos naturais e limitado ainda pela destruição provocada pela guerra, ele seja hoje um dos países mais industrializados e mais prósperos do mundo.

Formado por quatro ilhas principais, Hokkaido, Honshu, Shikoku e Kyushu, é 25 vezes menor que os Estados Unidos da América e pouco maior é que a Inglaterra, sendo a sua topografia caracterizada por altas montanhas que ocupam 80% da sua área total e tendo no Monte Fuji, o Monte Sagrado, com 3776 metros, a maior elevação.

Confinada a este território, desenvolveu-se a história de um povo secularmente fechado ao exterior, onde os períodos imperiais alternavam com a prepotência de senhores militares, denominados Shoguns e o seu período Shogunato. A partir do século III d.C. toma corpo a predominância do grupo étnico Yamato, recebendo influência da China e mais tarde da Coreia, únicas fontes inovadoras do exterior. Nara, a primeira capital, Kyoto e outras tantas cidades foram cenário do florescimento de um grande povo que hoje tem por cabeça a fantástica e gigantesca cidade de Tóquio, antigamente chamada Edo.

Em toda a sua longa história, o Japão teve apenas um período de influência Ocidental, em 1543, aberto precisamente pelos portugueses, que nessa altura introduziram as armas de fogo no país e, mais explosivo que as armas, introduziram também o cristianismo. Em 1639, o Japão fechava de novo as suas portas ao mundo para as abrir apenas, mas dessa vez parece que em definitivo, em 1853, perante a intimativa do comodoro americano Matfew Perry que, à frente de uma flotilha de quatro navios, convenceu os japoneses a firmarem um tratado de amizade com o seu país. Seguiu-se um período de estrondoso progresso orientado pelo memorável imperador Meiji, o qual guindou o Japão à possibilidade de enfrentar as guerras sino-japonesa e russo-japonesa, de ambas saindo vencedor.

Poucos anos após, viu-se o Japão envolvido na Segunda Guerra Mundial e dela saiu muito ferido, sendo obrigado a aceitar os termos de rendição das forças Aliadas. Pelo Édito Imperial, o povo depôs as suas armas.

Em Dezembro de 1956 foi admitido como 80.º membro das Nações Unidas. A partir de então, mais do que nunca na sua história, o Japão lançou-se ao empreendimento da sua reconstrução e, quase que por milagre, milagre que se deve ao trabalho da sua gente, tornou-se, em dez anos, uma das primeiras potências mundiais.

Foi esse colossal país, qual fénix renascida, que a "Sagres" visitou, tocando o porto de Tóquio, de 17 a 22 de Dezembro de 1978, e o de Nagasaky, de 28 de Dezembro a 1 de Janeiro de 1979.

TÓQUIO, A MAIOR METRÓPOLE DO MUNDO

Dias antes da chegada a Tóquio, eu próprio fizera uma palestra à guarnição sobre o grande país nipónico. Avancei com alguns números estatísticos que surpreenderam os ouvidos. Assim, em 1969, o Japão pusera no mercado cinco milhões de automóveis, possuia 479 universidades, 116 jornais diários, alguns dos quais com tiragem de 10 milhões de exemplares, tinha 560 estações de rádio e 987 de televisão.

Referi também que a população de Tóquio se elevava a cerca de 10 milhões de habitantes. Pois, aqueles números, estão hoje desactualizados. A cidade de Tóquio tem hoje 14 milhões de almas e durante o dia, com o acesso dos empregados que vivem na periferia, movimentam-se nessa gigantesca urbe 20 milhões de pessoas.

Isto, dito pelo próprio "mayor" da cidade durante um dos muitos momentos que com ele contactámos.

Em Tóquio, recebidos com simpatia.

Crianças das escolas de Tóquio visitam a "Sagres".

Foi aí que, durante cinco dias, se movimentou a guarnição da "Sagres".

Longas e faustosas avenidas de um colorido vivo que lhe advém dos seus milhões de anúncios, de uma marcante alegria policromática acentuada pela complexidade do rendilhado dos caracteres japoneses, numerosos e extensos parques como os do Santuário Meiji e Palácio Imperial, altaneiras e esguias torres de betão ou de metal, templos exóticos como os xintuistas, grandes blocos bancários ou sedes de multinacionais, e trânsito, muito trânsito, de gente, de automóveis, de autocarros, que fazem de Tóquio um labirinto, um labirinto que não é confuso, pois tudo parece andar sobre rodas, mas um labirinto que cansa, que depaupera, que deprime, que nos faz pequenos.

Mas, não foi difícil a nossa movimentação. Logo à chegada ao Harami Peer foi fornecido a cada um dos elementos um cartão de livre trânsito em todos os transportes públicos. Podia percorrer-se toda a cidade em autocarros, no comboio ou no "Metro". *Welcome* "Sagres", eram algumas das palavras estampadas no cartão que nos abria todas as portas e nos dava o privilégio de ser saudados com sorrisos. E, a propósito do sorriso, seja-me permitido fazer uma apreciação: não há gente mais gentil, mais amável e mais cortês que a gente do Japão. Parecem os japoneses feitos de molas, tal a facilidade com que se curvam amiudadas vezes para saudar, agradecer ou dizer adeus. Uma outra coisa, certamente única no mundo e que salta aos olhos de quem dá o primeiro giro pela cidade, é o bom gosto, a elegância e até a riqueza do vestuário! Pobres não os há no Japão, há sim algumas grandes fortunas mas, na maneira de vestir, ressalta em todos a mesma classe, a mesma graciosidade e a mesma distinção. E não é por serem baratos os artigos. Antes pelo contrário. Também em parte nenhuma a vida é tão cara como no Japão. Um almoço de nível médio custa a módica quantia de dois mil escudos, um quilo de carne três mil e um fato cerca de dez mil. O Japão, como é sabido, importa, praticamente todas as matérias-primas. Daí, a carestia de vida. Contudo, tem o japonês a habilidade de transformar essas matérias em produtos que depois exporta, advindo-lhe daí um autêntico caudal de dinheiro. Por isso, o Japão é rico, tem dinheiro, não tem desempregados e tem o nível de vida mais caro do mundo.

A guarnição da "Sagres" sentiu isso, palpou essa realidade e viveu, embora ao de leve e num ápice de tempo, uma experiência única e inolvidável.

Em Ginza, a zona chique e comercial de Tóquio, paraíso do comprador, em Shinjuku, em Asakusa, em Akihabara, em qualquer lugar da grande metrópole, sempre o mesmo frenesim, o mesmo formigueiro de gente, a mesma elegância e requinte no vestir, os mil e um produtos em exposição, a última palavra da técnica e da electrónica e a mesma vida excepcionalmente cara.

E, também por todo o lado, a mesma ordem e asseio, a mesma delicadeza e distinção, a mesma dinâmica, direi mesmo, a mesma super-estrutura, a mesma super-organização, a mesma super-eficiência.

É assim a vida no Japão. Homens-peças de uma máquina? Talvez, mas só assim o Japão se reconstruiu, só assim se guindou à grande potência mundial que hoje é.

E, de máquina todos temos um pouco. Só que, às vezes, com peças muito desafinadas e ferrugentas...

A diferença é que a máquina japonesa está verdadeiramente afinada.

E é uma máquina muito humana, muito humanizada mesmo, com sentimentos muito nobres, com uma sensibilidade requintada, com uma generosidade e uma simpatia invulgares.

Isso mesmo sentiu a guarnição da "Sagres" ao ser recebida com flores e carinho, com música e danças, com entusiasmo e dedicação.

O pessoal do navio hospedeiro, o *destroyer* "Ayase", atracado ao mesmo cais, foi insuperável para connosco. Não será possível igualá-lo. Os oficiais, os sargentos, todo o seu pessoal, foram mais que família para a guarnição da "Sagres". Foi lá que se passaram os momentos mais emotivos da estadia. Lá, nos sentíamos em casa, e já arengávamos com os nossos camaradas alguma coisa em japonês. Não era difícil, já que há muitos vocábulos no Japão deixados pelos portugueses há 400 anos, e que se pronunciam à boa maneira lusíada, tais como: carta, capa, botão, padre, cristão, mapa, confeito, veludo, órgão, bolo e *arigato,* esta última uma deturpação de obrigado, palavra que por nós era pronunciada, a torto e a direito, fazendo longas e prolongadas vénias, à semelhança dos nossos anfitriões. *Domo arigato,* muito obrigado, é expressão que ainda hoje nos escapa nos lábios com facilidade.

E *domo arigato* teremos de dizer sempre aos japoneses, pela maneira como nos receberam.

Não foram muitos os números do protocolo oficial, a não ser para o comandante que continuou no mesmo rodopio de sempre, e desta vez também para o imediato que apresentou cumprimentos ao capitão do porto, ao chefe do Departamento Policial, ao director da Alfândega, ao comandante dos Bombeiros (os bombeiros do Japão não são uns bombeiros quaisquer) e a todos os chefes e directores que o comandante não pôde visitar, pois que os cumprimentos ao "mayor", ao embaixador, ao presidente da Câmara de Comércio, no Palácio Imperial, as conferências de imprensa, as entrevistas para a rádio e televisão lhe não deixavam tempo para respirar!

Ainda no âmbito do programa oficial, uma pequena representação chefiada pelo engenheiro do navio, deslocou-se a Tokushima e a Kobe, para homenagear o português Venceslau de Morais que aí foi cônsul de Portugal, lá vivendo os seus últimos dias e morrendo plenamente identificado com o sentir da alma japonesa. Um museu, uma rua e um busto perpetuam a sua memória em terras que tanto amou e sobre as quais muito escreveu.

Nagasaky acorreu à "Sagres" em multidão...

Contudo, para além dos números protocolares, não houve tempos mortos para a guarnição. Passeios turísticos impecavelmente organizados, como só os japoneses sabem; desafios de futebol, onde se perdia por deferência diplomática, recepções e convívios, preencheram o nosso tempo.

E para que não restassem momentos de lazer, apareceram a bordo para nos desencantar, logo no dia da chegada, a 17 de Dezembro, alguns estudantes brasileiros da Universidade Católica de Tóquio, a Sophia University, que conta com mais de 15 mil alunos. Celebrava-se a festa do Natal na Universidade, para portugueses e brasileiros, e também para estudantes da cadeira da língua portuguesa, e muitos são, cadeira essa regida por um jovem padre jesuíta português, o padre Coelho, que neste momento se debruça sobre os elementos que lhe permitam a publicação do dicionário português-japonês.

Foi aí, nessa famosa universidade, que um grupo de oficiais, convidados pelos referidos estudantes, se integrou nas festividades do Natal, começando pela missa, e terminando com alegre convívio, com filhós e rabanadas à portuguesa.

Antes houvera uma pequena sessão, em que usaram da palavra o Núncio Apostólico no Japão, distinto italiano falando perfeitamente português, o embaixador do Brasil e o embaixador de Portugal. Quem apresentava os personagens era um professor da Universidade, o dr. Locheidner, sobrinho do cardeal brasileiro do mesmo nome. Após falarem as entidades referidas, o apresentador anunciou... *agora tem a palavra o capelão do navio-escola "Sagres" que hoje chegou a Tóquio.* Não sei se corei ou se empalideci. Mudo é que não fiquei. *Botei discurso,* como se costuma dizer, e fui convidado, em seguida, para um explêndido jantar à moda do Japão.

A propósito de comida japonesa, devo referir que é muito frugal, à base de vegetais e de peixe cru. Esse dia, porém, comeu-se um *shabu-shabu,* um prato de carne preparada na mesa, tal como o *fondu,* acompanhado de algas e crisântemos. Nunca tinha comido crisântemos na minha vida. Comi, gostei e temo ser no futuro um perigo em qualquer jardim...

Quanto às algas, ainda conservo comigo uma caixinha de algumas, vitaminadas, próprias para acompanhar um uísque ou o saboroso *saké* japonês.

O *saké* é um vinho muito familiar no Japão e que se serve em pequeninos copos de cerâmica ou de madeira. Com ele fizemos muitas *saúdes* e gritámos à maneira da terra: *campai,* ou seja, à vossa saúde!

Nas grandes festividades, é apresentado em barris cuja tampa é partida a martelo pelo convidado de honra. Assim aconteceu no Club Kanto, numa linda e esmerada recepção oferecida pela Associação Portugal-Japão, onde não faltou a música, a dança, o teatro japonês, a demonstração de Kemdo pelos campeões de Tóquio e onde, no final, o comandante da "Sagres" procedeu ao cerimonial acima referido.

Enfim, por tudo, pela maneira como nos receberam, pelos agradáveis episódios ocorridos, pelo exotismo da gente, Tóquio não será facilmente esquecido, nem por mim, nem por nenhum elemento da guarnição, nem muito menos por um delirante grupo que, numa célebre noite, na movimentada e elegante zona de Ginza, no trepidante "metropolitano", a caminho de um bar brasileiro que ficava em *cascos de rolha* e onde se encontrava a confraternizar a já nossa conhecida equipa de futebol do S. Paulo, suscitou as atenções do mais pacato e sisudo japonês.

Passara-se o seguinte: Os *caras,* a convite do Governo nipónico, tinham passado uma semana em Tóquio, *jogando e se divertindo.* Na última noite, a da despedida, haveria samba e cachaça num bar *brasileiro.* O aludido grupo foi convidado a associar-se à festa dos *caras bacanos.* Só que, pelo caminho, iam sambando, ao som de instrumentos invisíveis, embora bem sonoros. Muitos e muitos transeuntes, bem como muitos passageiros do "metropolitano" olhavam estupefactos os elementos do grupo como que indagando: donde vêm os sons que ouvimos? Um passageiro mais atrevido resolveu mesmo levantar-se do seu assento de veludo (são forrados a veludo os assentos das carruagens do "Metro") para ir palpar alguns elementos. Estranha atitude, só explicável pelo estranho fenómeno que passava. O som vinha de uma buzina que um elemento escondia por dentro do casaco, debaixo do braço. Ao premi-la, ouvia-se um ruído semelhante ao das buzinas de bicicleta. Era fenómeno estranho! Saía fora das normas do computador japonês. Mas foi aceite com agrado e simpatia. E assim, sambando e buzinando, após largas indagações, chegou-se ao bar *brasilenho.* Fumo, álcool, cheiro a suor, enfim, quase um ambiente de favela. Mas os *caras* lá estavam. Bebeu-se, cantou-se, bateu-se o tacão e gritou-se. E lá voltou o grupo para a "Sagres", com uma recomendação dos *caras*: *Vocês não deixem de aparecer lá no Rio, tá bem?*

O NATAL NO MAR

Longe da terra, contemplando o céu azul, pudemos celebrar, no mar, as alegrias do Natal.

Como uma família coesa e unida, acalentada não com as achas da lareira, mas com o calor da amizade que forja a fraternidade entre os homens, os marinheiros da "Sagres" viveram o seu Natal.

Navegava-se de Tóquio para Nagasaky. A saudade, é certo, invadiu os espíritos. Saudade porém, não é pieguice, é dever, é obrigação, é sentimento nobre, é carinho, é amor.

Família distante, mulher ou noiva há muito não vista, filhos

"Saionara", adeus a Nagasaky.

pequenos ou já espigadotes, pais gastos e curvados pelos anos, amigos das boas e más horas, tudo são recordações repassadas de pungente nostalgia. É que o Natal tudo estreita. Aproxima as pessoas. Convida ao aconchego, à paz, à união, à compreensão e à fraternidade.

O Natal torna como que contraditório o ditado popular que diz: *longe da vista, longe do coração.* Os marinheiros da "Sagres" recordavam a sua gente. É humano, é natural, é lógico.

Aliás, recordar é viver. E no dia 24 de Dezembro, a melhor maneira de viver a recordação dos familiares foi celebrando o Natal cristão, à volta do altar, numa missa verdadeiramente participada, entoando cânticos natalícios da nossa terra. No final da missa, não podia deixar de ser, a ceia do Natal. O menu era o recomendado para a ocasião, não faltando o *fiel amigo* e as loiras rabanadas.

As 10.00 horas da manhã do dia 25, à mesma hora que em Portugal se participava na missa do galo, pois que a diferença de fusos nos obrigava a adiantar 10 horas os ponteiros do relógio, tornou-se o convés uma verdadeira catedral ondulante, tendo por cúpula o céu azul, alicerçada no horizonte do vasto oceano. Ali se rejubilou com a comemoração do nascimento de Cristo. Uma missa solene fez daquele dia um dia diferente, um dia único na história desta viagem. Entusiasmo, alegria, religiosidade interior, foi a tónica de uma guarnição que, à sombra das velas onde sobressai o rubro da cruz de Cristo, viveu inteiramente o Natal.

Repórteres da televisão japonesa e da televisão portuguesa, connosco embarcados desde Tóquio, fizeram completa cobertura da cerimónia, dando-lhe o cunho de grandes acontecimentos de bordo.

Dias após, nos écrans coloridos de Nagasaky, podíamos contemplar as imagens do nosso Natal. Para além da parte religiosa, o jantar comum do dia 25, bem guarnecido de acepipes e iguarias, onde nem faltou a cervejinha *Sagres* desde há muito reservada para o acto, foi animado com estremezes de improviso que muito contribuiram para o colorido das festas.

Longe da terra, longe de tudo, mas bem dentro do espírito que essa quadra inspira, a guarnição jamais esquecerá o Natal de 1978.

NAGASAKY, UMA BOMBA DE SIMPATIA

Nagasaky é quase uma cidade portuguesa. Cidade desde há pouco proclamada irmã do Porto, ela nasceu, por volta de 1570, para dar guarida aos cristãos perseguidos no Japão e para poder receber os navios portugueses que frequentemente vinham de Macau e não tinham outro porto de abrigo, além das águas calmas de Fukuda, frente à actual Nagasaky.

Após a chegada dos primeiros ocidentais que em 1542, segundo fundamentadas opiniões, teriam sido Fernão Mendes Pinto e seus dois companheiros Diogo Zeimoto e Cristóvão Borralho, o cristianismo difundiu-se por todo o sul do Japão. Com as naus portuguesas, chegaram os primeiros missionários. O próprio S. Francisco Xavier, após evangelizar Goa, passou por Malaca, subiu o mar da China, chegando a Kasoshima no Japão, a 15 de Agosto de 1549. Com ele, outros companheiros jesuítas, portugueses e espanhóis, se lançaram à ingente tarefa de evangelizar um mundo inóspito, que mais inóspito se tornara pela acção ostensivamente contrária dos bonzos, sacerdotes do budismo.

Apesar de todos os reveses, o sul do Japão foi percorrido a par e passo, com incidência nos grandes centros e, alguns anos após, Kogoshima, Hirado, Oita, Yamaguchi, a cidade preferida de S. Francisco Xavier, e até Kyoto, a capital, possuiam já grandes e influentes comunidades cristãs.

Não chegou a dois anos a permanência de S. Francisco Xavier no Japão. Ressolveu demandar, de novo, as terras da India, morrendo pouco depois, em 1552, em Sanciam, ao sul de Cantão, sendo dada sepultura ao seu corpo, primeiro em Malaca e depois em Goa.

Por sua ordem, porém, os seus companheiros permaneceram. À frente deles o espanhol padre Cosme de Torres, cujo nome ficará para sempre vinculado a Nagasaky. Luís de Almeida é o primeiro missionário português a aparecer na zona e Bernardo Nagasaky, um japonês convertido, é o homem que o acolhe. Começaram as primeiras construções. O padre Vilela, outro missionário português, contrói a primeira igreja. Figueiredo, um outro padre, e Tushima, um convertido, fazem o traçado da nova cidade e planeiam o novo porto. Cosme de Torres, o mestre jesuíta, superintende todos os movimentos. O certo é que em Julho de 1571, uma nau portuguesa comandada por Tristão Vaz da Veiga, anuncia a sua chegada com uma salva de artilharia e atraca ao porto de Nagasaky. Em redor levantavam-se já inúmeras casas que albergavam os cristãos refugiados.

Numa palavra, Nagasaky era uma realidade concretizada por portugueses, ao serviço dos portugueses, baptizada por portugueses e nascida com rosto português.

Pena foi que, alguns anos mais tarde, em 1647, Nagasaky se

fechasse, por completo a Portugal. Quis o destino que três séculos e meio depois, a 28 de Dezembro de 1978, aparecesse, de novo, uma *nau* com a bandeira de Portugal. Era precisamente a "Sagres", de que temos falado e que recebeu, em Nagasaky, a maior manifestação de carinho de toda a sua célebre volta ao mundo.

Nagasaky foi uma verdadeira explosão, uma verdadeira bomba de simpatia para a guarnição da "Sagres". Música, flores, vivas e uma multidão incontável tornaram o porto de Nagasaky, à chegada e partida, um cenário pleno de maravilha e emoção.

O Dejima Peer transformou-se numa apoteose de amizade celebrada entre Portugal e Japão, firmada pela presença das mais altas autoridades locais e pela presença do embaixador de Portugal e do vice-almirante Dias Martins que a Nagasaky se deslocara, em representação do país.

A terra martirizada pela bomba atómica, que proclamou não mais querer a guerra mas a paz, foi bomba, explodiu de simpatia, de amizade, de carinho, que perdurarão na memória de quem teve a felicidade de tal presenciar.

Ninguém deixou de visitar a cidade, alcandorada nas colinas e espraiada no vale até ao cais; ninguém deixou de ver o monumento da Paz, o monumento aos 26 mártires cristãos do Japão, o museu da bomba atómica, onde o coração é trespassado pelo espectáculo horrível da destruição, da morte e da guerra; ninguém deixou de visitar as muitas maravilhas que Nagasaky oferece aos visitantes. Se os passeios oficialmente organizados não bastassem, lá estava o cidadão comum, a oferecer os seus préstimos para tal fim.

E a célebre noite portuguesa?

Sim, que requinte, que dignidade, que deferência prestada pela Associação Luso-Nipónica!!!

Para tal, bem contribuiu o dinanismo do nosso conceituado cônsul honorário em Nagasaky, Shozo Kiyoshima, e que é ao mesmo tempo presidente do Eighteenth Bank Ltd. e presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Nagasaky. A ele se ficou devendo também, em grande parte, uma coisa inédita e invulgar, e que manifesta a deferência com que Nagasaky nos recebeu; nada menos que a transmissão directa para todo o Japão, em cadeia com outros países, da festa de fim d'ano na "Sagres". Meia-noite em ponto do ano de 1978, zero horas e um minuto do ano de 1979. Mais de cem milhões de pessoas tiveram a oportunidade de ver a "Sagres" e a sua guarnição, de ouvir uma canção interpretada pelo seu grupo coral e ouvir mensagens de alguns marinheiros e do comandante.

Oh! Nagasaky! Quem poderá esquecer-te?! Nem um português ai reside, mas tens em ti, isso sim, a alma de Portugal.

Em troca, nós, os da "Sagres" trouxemos de ti muito da alma japonesa.

Delmar Barreiros
Capelão graduado em 1.º-ten.

Desporto

A ARMADA NO DESPORTO FEDERADO

Por intermédio de atletas do CEFA (Centro de Educação Física da Armada), a Marinha tem participado na disputa de provas do calendário oficial de atletismo.

Assim, duas equipas do CEFA estiveram presentes na disputa da tradicional estafeta Cascais-Lisboa, corrida no dia 25 de Fevereiro findo. Estas equipas, designadas por A (Capela, mar. LFZM Oliveira, mar. FZM Pedras, gr. C Lemos e mar. SFZM Freitas) e B (Pinheiro, mar. FZ Loureiro, gr. R Simões, mar. AFZM Sequeira e mar. Gaspar), classificaram-se nos 4.º e 12.º lugares, respectivamente.

Ainda, em Fevereiro, vários atletas do CEFA disputaram o Campeonato Regional de Corta-Mato em que, colectivamente, se classificaram em 3.º lugar. Participaram os mar. LFZM Oliveira, gr. C Lemos, gr. R Simões, mar. FZ Loureiro e mar. FZM Pimenta.

De referir que as equipas que, nas duas provas, se classificaram à frente do CEFA foram as do Sporting e do Benfica.

ESTAFETA VOLTA A BASE

Num percurso com passagem pelas paradas da Força de Fuzileiros, Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, Escola Naval e Estação Naval, correu-se, no dia 3 de Fevereiro, a 3.ª Estafeta da Base Naval de Lisboa, no Alfeite. Esta prova foi aberta a quatro escalões etários.

Venceram: 1.º escalão (até 30 anos), Força Fuzileiros do Continente (F.F.C.), com gr. L Lopes, mar. FZM Pedras, mar. FZ Loureiro e mar. FZM Pimenta; 2.º escalão (31/36 anos), F.F.C., com cabo FZM Gato, 1.º-sarg. FZ Daniel, cabo FZ Vilas e cabo FZM Ferreira; 3.º escalão (37/42 anos), F.F.C., com 1.º-sarg. FZ Peneda, 1.º-sarg. FZ Bonito, 1.º-sarg. FZ Coisinhas e cabo FZ Cruz; 4.º escalão (mais de 43 anos), F.F.C., com 1.º-ten. SE Candeias, 1.º-ten. SG Pereira, 2.º-ten. OT Pereira e 1.º-sarg. FZ Marques. Obviamente, a Força de Fuzileiros conquistou o troféu em disputa.

Equipa vencedora do 4.º escalão da Estafeta Volta à Base.

NATAÇÃO

Com a finalidade de dinamizar a natação na Armada, a Direcção do Serviço de Educação Física (D.S.E.F.) tem vindo a promover provas de natação, com o seguinte esquema: todos os elementos da guarnição de uma unidade, por bordadas, procuram, nadando 1 minuto/homem, com ou sem cinto de salvação, percorrer a maior distância possível no sistema de estafeta. No final, pelo coeficiente apurado entre a distância percorrida e o número de homens da guarnição, obtém-se em número a distância média/homem.

Já efectuaram esta prova as guarnições da corveta "António Enes" e da fragata "Comandante Hermenegildo Capelo", que obtiveram respectivamente as médias 38,97 m/h e 42,46 m/h.

(Colaboração da D.S.E.F.)

Esquemas de separação de Tráfego (E.S.T.) ao longo da Costa de Portugal

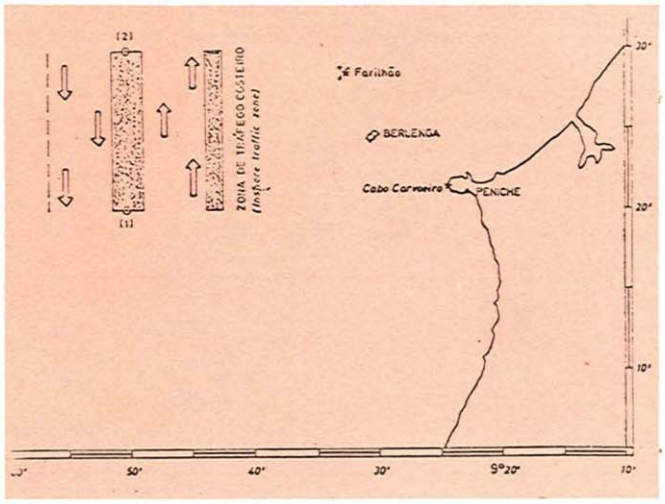
INTRODUÇÃO

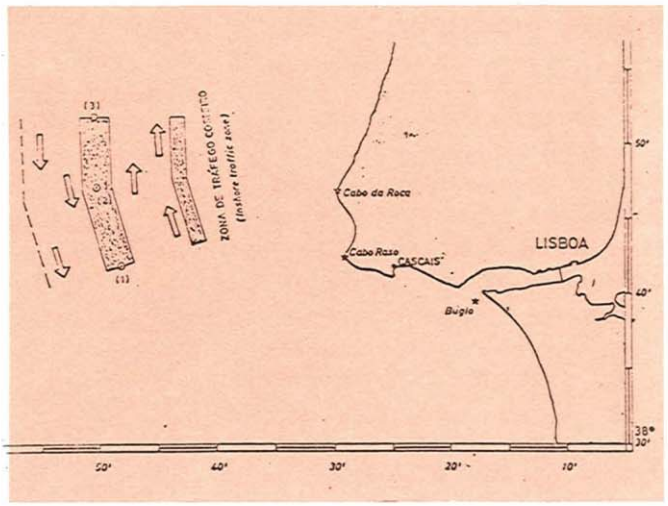
O estabelecimento pela IMCO (Organização Marítima Consultiva Intergovernamental), em 1968, dos E.S.T. do cabo da Roca e do cabo de S. Vicente, com distâncias à costa de 5 e cerca de 1 milha, respectivamente, criou aos interesses nacionais inconvenientes de monta, uns reais, outros potenciais.

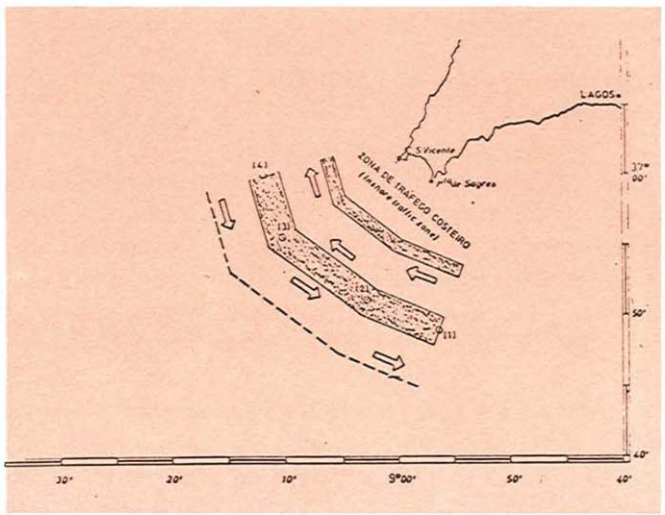
Apesar disso, a situação foi-se mantendo até que, em fins de 1975, a Marinha chamou a si a iniciativa de mandar proceder aos estudos necessários, de forma a obter uma avaliação dos prejuízos resultantes da situação criada e promover a defesa dos interesses nacionais, com a subsequente exposição à IMCO da recusa de aceitação do que fora por ela estabelecido e proposta de novos E.S.T.

O estudo foi cometido ao Instituto Hidrográfico, ao qual competem legalmente os assuntos de tráfego marítimo. O trabalho pedido foi apresentado em cinco volumes e culminou com a aprovação, pelo Comité de Segurança de Navegação, do novo esquema de localização dos E.S.T. do cabo de S. Vicente e do cabo da Roca, e o estabelecimento dum novo E.S.T. ao largo da Berlenga.

De notar que na apreciação feita pelo Instituto Hidrográfico à proposição da IMCO relativa aos E.S.T. 1968, já eram avançadas objecções e propostas que muito se aproximavam das conclusões a que o estudo agora chegou.







FINALIDADE DOS E.S.T.

O aumento de densidade da navegação em certas rotas, levou os armadores ao estabelecimento de rotas predeterminadas visando reduzir os riscos de colisão.

O reconhecimento das vantagens que daí advinham para a segurança teve a sua concretização no "Acordo de Rotas do Atlântico Norte de 1968" a que aderiram a maioria das companhias que operavam essas rotas.

Posteriormente, estas disposições vieram a ser integradas na Conferência Internacional para a Salvaguarda da Vida Humana no Mar, de 1960, continuando, no entanto, a pertencer às companhias de armadores a responsabilidade da selecção, início de acção e definição de novas áreas de convergência de navegação.

Aos estados interessados, apenas era solicitado apoio em informações, e no encorajamento de adesão às rotas recomendadas.

O reconhecimento da necessidade de tomar acções mais

concretas na defesa da segurança da navegação, em especial nas áreas de convergência, levou os Institutos de Navegação, inglês, francês e alemão, em 1961, à formação de um grupo de trabalho, visando o estudo do problema de regulação do tráfego nessas áreas, com especial interesse no canal da Mancha.
O relatório produzido foi encaminhado para o Comité de Segurança da Navegação da IMCO, que o aprovou, vindo posteriormente a alargar-se o critério a outras áreas, nomeadamente à costa de Portugal (1968), como atrás referimos.
Presentemente, o tratamento e enquadramento legal de roteamento de navios apoia-se na Convenção Instituidora da IMCO, a que Portugal aderiu pelo decreto-lei n.º 117/76, de 9 de Fevereiro, e na Conferência Internacional para a Salvaguarda da Vida Humana no Mar — 1974 (regra 8) e no Regulamento para Evitar Abalroamentos no Mar — 1972 (regras 1 e 10).
Assim, compete à IMCO *instituir um sistema de colaboração entre os governos no campo da regulamentação e dos procedimentos (...), no que diz respeito à segurança marítima e à eficiência da navegação.*
A Conferência Internacional para a Salvaguarda da Vida Humana no Mar, reconhece a IMCO como único organismo internacional autorizado a estabelecer e adoptar medidas, a nível internacional, relativas a roteamento de navios.
Por sua vez, o Regulamento Internacional para Evitar Abalroamentos no Mar condiciona à aprovação da IMCO os E.S.T., para efeitos de aplicação do Regulamento, e indica os procedimentos a observar.

ESTRUTURA DO E.S.T.

Um E.S.T., na sua forma mais simples, é constituído por duas faixas de largura determinada — corredores —, separadas por uma zona — zona de separação (Z.S.) — cuja finalidade é afastar os fluxos de tráfego opostos que circulam nos dois corredores.
Entre o E.S.T. e a costa é deixada uma área para o tráfego costeiro — zona de tráfego costeiro.
O comprimento e largura destas zonas e dos corredores é estabelecido após cuidado exame das condições locais, densidade de tráfego, espaço disponível para manobra, etc.

E.S.T. ESTABELECIDOS EM 1968

Em 1968, a IMCO estabeleceu os E.S.T. já mencionados, do cabo da Roca e do cabo de S. Vicente.
Desta situação resultaram inconvenientes sérios que se traduziram, fundamentalmente, em prejuízos para o exercício da pesca, segurança das embarcações e artes de pesca e riscos potenciais de poluição.
Com efeito, estando estes E.S.T. localizados sobre áreas de pesqueiros importantes e passando os fluxos de tráfego que os utilizam, também sobre áreas de grande densidade de pesqueiros, não só a actividade da pesca era prejudicada, como a segurança das embarcações, pescadores e apetrechos de pesca era posta em risco e muitas vezes afectada.
Foi esta, aliás, a determinante principal que levou ao exame e estudo dos E.S.T. com vista a tomar as medidas necessárias a dar resposta aos problemas existentes.
Concretamente, foram considerados os seguintes objectivos no estudo a que se procedeu:

- salvaguarda dos interesses da pesca;
- garantia da navegação segura para a cabotagem;
- garantia da máxima segurança possível quanto a riscos de colisão;
- idem, quanto a riscos de poluição;
- determinação dos meios de navegação que garantam a segurança da mesma;
- determinação da melhor localização dos E.S.T. resultante da satisfação dos objectivos atrás referidos.

Os aspectos pertinentes, relativos a cada um dos objectivos, foram submetidos a avaliação, a fim de se conhecer o seu peso e até que ponto os interesses nacionais estavam a ser afectados.
Para não alargar excessivamente esta exposição, referir-se-ão apenas os aspectos das pescas, colisões e poluição.

Afectação das pescas

Os elementos foram obtidos por inquérito junto das capitanias e contacto com os pescadores, e podem resumir-se como segue:

- impedimento físico de permanência sobre o pesqueiro, quando este se situa nos corredores, o que acontece em ambos os esquemas considerados, com maior ênfase para o esquema do cabo de S. Vicente;
- pressão psicológica sobre os pescadores, levando-os a desistir do exercício da pesca, em condições de má visibilidade, pelos riscos de abalroamento a que se expunham;
- risco de perda ou avaria das artes de pesca;
- risco inerente ao atravessamento dos corredores por embarcações de pesca que utilizem pesqueiros que lhe fiquem pelo mar;
- risco adicional, para o E.S.T. do cabo de S. Vicente, na movimentação de embarcações de pesca, dada a estreita faixa de mar que era deixada ao tráfego costeiro.

Colisões

Procurou-se obter elementos quanto a casos de colisão ocorridos nas zonas de navegação costeira, nos corredores e nas faixas entre corredores.
Não existindo estatística centralizada, houve que recorrer aos elementos fornecidos pelas capitanias, baseados na consulta dos processos existentes.
Na análise foram incluídos os casos de colisão, risco de colisão e corte de redes.
Tiraram-se as seguintes conclusões, necessariamente aleatórias pela escassez de dados, mas com significado relativo e qualitativo:

— 69% das *vítimas,* foram embarcações portuguesas de pesca;
— 91% dos acidentes, tiveram lugar na zona de tráfego costeiro;
— 71% dos acidentes com embarcações de pesca, resultaram em cortes de redes e colisões, das quais 43% provocaram afundamentos;
— dos casos de cortes de redes e colisões, 40% resultaram de erro de manobra e 35% de falta de vigilância adequada;
— dos casos que afectaram as embarcações de pesca portuguesas, 35% envolveram apenas embarcações nacionais e 65% embarcações estrangeiras.

Subsidiariamente, esta análise levou à emissão do "Aviso Especial" n.º 28, na intenção de contribuir para a segurança da navegação e evitar prejuízos à actividade da pesca.
Nesse aviso foi fornecida a seguinte informação:

— áreas de maior actividade da pesca, ao longo da costa e em zonas muito frequentadas pela navegação;
— tipos de pesca praticada nessas áreas e seu assinalamento;
— regulamentação internacional perante a sinalização de navios em faina da pesca.

Poluição
Este aspecto era preocupante, se atendermos ao fluxo intenso do tráfego que se processa nos E.S.T., particularmente no do cabo de S. Vicente, em que o corredor ascendente, que corresponde aos navios carregados, passava a 1 milha da costa.
O risco de poluição pode assim apresentar-se, quer como catástrofe, como seria o caso de uma colisão ou encalhe de um grande petroleiro nas proximidades do cabo, quer da poluição mais frequente e menos espectacular de derrames deliberados provocados pelos navios em trânsito.
Da análise efectuada concluiu-se que:

— há já, efectivamente, uma situação de poluição motivada pelos derrames, deliberados ou não, do fluxo de tráfego que utiliza os E.S.T.;
— a localização dos E.S.T. (1968), pela sua proximidade de terra, em especial o do cabo de S. Vicente, representava um risco potencial para a poluição por acidente, envolvendo um navio transportador de cargas poluentes;
— a localização dos E.S.T. sobre zonas de grande actividade de pesca acarreta riscos de colisão e poluição potencial;
— as estreitas faixas (1 milha no cabo de S. Vicente) deixadas à navegação costeira representavam também um risco adicional de colisão e eventual poluição.

Os exemplos recentes do "Amoco Cadiz", nas costas da Bretanha, e do "Andros Patria", ilustram a gravidade potencial duma situação semelhante no E.S.T. do cabo de S. Vicente (1968), com as implicações na vida do mar, afectação das pescas e turismo, que necessariamente acarretariam.

POSIÇÃO ACTUAL

Face às conclusões do estudo efectuado e tendo em atenção os pareceres dos vários departamentos do Estado envolvidos, foi encontrada a solução de compromisso, possível neste momento, tendo em conta a salvaguarda dos interesses nacionais sem prejuízo dos objectivos em que os E.S.T. se fundamentam.
Obtida a aprovação do CEMA e o acordo governamental, foram os novos E.S.T. submetidos à apreciação da IMCO, tendo sido aprovados por unanimidade, passando a ser (ver figuras):

— E.S.T. do cabo de S. Vicente: situado a 6 milhas para fora do cabo de S. Vicente;
— E.S.T. do cabo da Roca: situado a 10 milhas para fora do cabo da Roca;
— E.S.T. da Berlenga: situado a 10 milhas da Berlenga.

Estes E.S.T., que passaram a figurar nas cartas portuguesas, entraram em vigor em 1 de Janeiro passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprovação e entrada em vigor dos novos E.S.T. não põe ponto final neste assunto.
Como se disse, a solução adoptada foi resultado do balanceamento dos interesses em jogo, e constitui a solução possível, por agora.
Maiores afastamentos da costa seriam desejáveis, quer para os interesses da pesca, quer nos aspectos da poluição.
A instalação de novos sistemas (Decca) de ajudas à navegação e a avaliação prática da utilização dos novos E.S.T., poderá levar a outras soluções.

Júlio Schulz
Cap.-ten. RA

N. R. — Para mostrar a necessidade de fiscalizar o tráfego nos E.S.T., respigámos do "Cols Bleus" n.º 1555, de 17 de Fevereiro, o seguinte:
"Desde a entrada em vigor do E.S.T. de Ouessant, em 15 de Julho de 1977, o número médio de contravenções diárias oscilava entre 21 e 24. Depois da catástrofe do super petroleiro "Amoco Cadiz", em ***16 de Março de 1978, as medidas tomadas para fiscalizar o tráfego na zona, nomeadamente a permanência de um navio de guerra em fiscalização, permitiram reduzir a 5 esta média diária".***

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Em devido tempo, os Serviços de Filatelia dos CTT abriram um concurso público de originais para uma emissão de selos dedicados ao Ano Internacional da Criança, que se comemora este ano e, entre nós, incluirá uma série de selos que será posta em circulação no próximo dia 1 de Junho.

O júri encarregado de classificar os trabalhos apresentados divulgou já as suas conclusões, pelo que se ficou a saber que o primeiro lugar foi atribuído a José Luís Tinoco, artista já conhecido dos filatelistas através das séries "26.º Congresso da Federação Internacional de Astronáutica" (1975), "Energia — ciclo Recursos Naturais" (1976) e "Educação Permanente" (1977).

Espera-se que o novo trabalho de José Luís Tinoco seja a continuação do bom gosto revelado nas emissões referidas.

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Mais uma interessante série entrou em ciculação em 21 de Fevereiro. Trata-se, como aliás estava programado, dos três selos que ilustram esta notícia, e que consideramos uma merecida homenagem aos emigrantes portugueses que, longe da Pátria, procuram trabalho, sem nunca esquecer a sua terra natal. Os motivos que os ilustram são, quanto a nós, plenos de expressividade, bem concebidos, e de cores modernas que lhe conferem apreciável graciosidade.

Quanto ao tema, em certa medida inédito entre nós, permitimo-nos, com a devida vénia, transcrever na íntegra o que sobre ele escreveu na pagela anunciadora, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Emigração, dr. Paulo Ennes.

Desde sempre têm os portugueses manifestado a tendência para demandarem outras terras, movidos pelo seu espírito aventureiro e para nelas buscarem a concretização dos seus sonhos e anseios. Tem sido este fenómeno uma constante da nossa História que muito a tem enriquecido. Nos nossos dias, reveste porém a emigração um carácter diferente, quer pelo número de portugueses envolvidos quer pelas condições em que, até há poucos anos, ela se tem processado.

O fenómeno migratório deve assim merecer uma atenção permanente que procure minimizar dificuldades e manter as ligações com a pátria, em correspondência com os desejos e o sentir das comunidades portuguesas no estrangeiro.

Esta sem dúvida a melhor justificação para o aparecimento desta magnífica emissão de selos postais portugueses.

Refira-se ainda que, na mesma data, foi posto em circulação um Inteiro Postal que assinala a passagem do Milenário do Mosteiro de Santo Tirso.

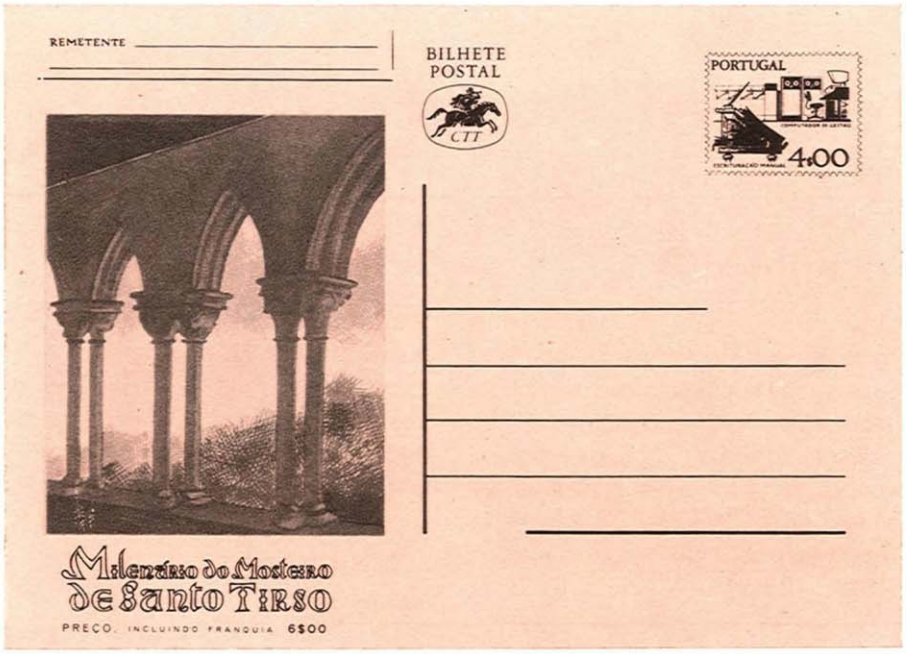
INTEIROS POSTAIS

Assim são designados os bilhetes postais emitidos pelas entidades responsáveis pela emissão, diferindo dos vulgares, uns por serem ilustrados com motivos alusivos a determinados acontecimentos, e outros são os que aparecem a substituir os bilhetes postais propriamente ditos. Estão neste último caso os utilizados em saudações de boas-festas nas quadras do Natal e da Páscoa.

É evidente que os Inteiros Postais têm interesse filatélico tanto mais que, actualmente, o coleccionamento moderno os não dispensa como factor de valorização das colecções.

Parece-nos de interesse salientar que diferem muito dos Postais Máximos, já que estes se caracterizam pela concordância entre os três elementos que os constituem: o postal ilustrado, em que não tem interesse o autor da emissão; o selo, que deve apresentar como motivo o mesmo do postal e o carimbo obliterador, que deve concordar também com os outros dois elementos, se não no motivo, pelo menos no local.

Este assunto dos Postais Máximos já foi, aliás, aqui tratado, pelo que voltamos aos Inteiros Postais.



Assim, acrescentamos que o interesse por estas peças filatélicas tem vindo a crescer, não apenas pelo seu real valor coleccionável, mas também, em nosso entender, por o seu aparecimento em circulação não ser muito frequente e, além disso, não terem tido a divulgação e promoção a que incontestavelmente têm direito. De qualquer modo, e para melhor definição, reproduzimos o Inteiro Postal de que atrás falámos, que servirá para um mais perfeito esclarecimento, sobretudo do nosso amável leitor que nos pôs esta questão, e a quem agradecemos as palavras amigas que nos dirigiu.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Reportagem

O ALMIRANTE CEMA VISITOU O G2EA

No passado dia 29 de Março, o almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, na sequência das visitas que tem vindo a efectuar aos diversos comandos e unidades, deslocou-se ao Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, no Alfeite.

Além de ouvir breves exposições sobre o funcionamento da unidade e principais actividades em curso nas escolas que a integram, efectuadas pelo comandante, imediato, director escolar e por alguns chefes de serviço, o almirante CEMA teve ainda oportunidade de contactar com os militares que aí prestam serviço.

Durante a visita às instalações, o almirante Sousa Leitão, em contacto com o 2.º Curso de Promoção a Sargento-Chefe (CPSC), teve ensejo de se dirigir aos sargentos da Armada, proferindo algumas palavras de que, pela sua importância, se transcrevem certas passagens, registadas pelo repórter da "Revista da Armada", que fez a cobertura desta visita.

Na primeira parte, caracterizou a situação até há pouco existente nos quadros de sargentos da Armada, que definiu como "desanimadores e frustante, sobretudo para os mais antigos, aos quais se oferecia uma carreira sem perspectivas, optando os mais novos pela saída da Marinha, quando a sua especialidade ou conhecimentos encontravam ofertas mais aliciantes de vida e de trabalho".

Salientou o CEMA quais as grandes linhas de acção adoptadas para alterar esta situação e reestruturar a carreira de sargentos, a que obedecem os Decretos-Lei n.os 505/77 e 292/78, e que sintetizou:

— "a carreira dos sargentos não deve ser estanque, devendo existir diversas possibilidades de acesso ao quadro de oficiais, seja por concurso à Escola Naval, ou através de cursos do Serviço Especial ou de Oficiais Técnicos;
— "introdução de dois novos postos aos quais se ascende mediante a frequência do CPSC, que se destina àqueles que não pretendam, ou não se sintam em condições de optar pelo prosseguimento da sua carreira na Marinha como oficiais;
— "definição das funções correspondentes aos diferentes postos, mantendo-se para os 1.os e 2.os-sargentos funções nos âmbitos técnicos, da instrução e na condução do pessoal; aos sargentos-ajudantes atribuiram-se actividades de organização, direcção e *contrôle*, nos sectores de pessoal e do material; para os sargentos-chefe e mor atribuiram-se, além daquelas, funções de planeamento em idênticos sectores;
— "separação da tradicional correspondência entre a categoria de vencimentos e a hierarquia de postos e funções, com o intuito de assegurar um nível adequado aos vencimentos dos sargentos".

Afirmou ainda o almirante CEMA ser intenção da Marinha prosseguir esta orientação, em particular nos seguintes aspectos:

— "proporcionar aos sargentos uma melhor formação básica e a actualização periódica de conhecimentos técnicos, através de cursos de actualização que permitirão o duplo objectivo de, por um lado melhorar a preparação dos sargentos em termos de rendimento para a Armada, e por outro lado permitir em múltiplos cursos aclarar a carreira dos mais aptos, aumentando as suas possibilidades de acesso aos quadros de oficial;

— "estudar as formas mais adequadas de equacionar, nas unidades, a situação dos sargentos como militares, definindo as suas responsabilidades na cadeia hierárquica, o que implica direitos e deveres, e responderá a velhas aspirações".

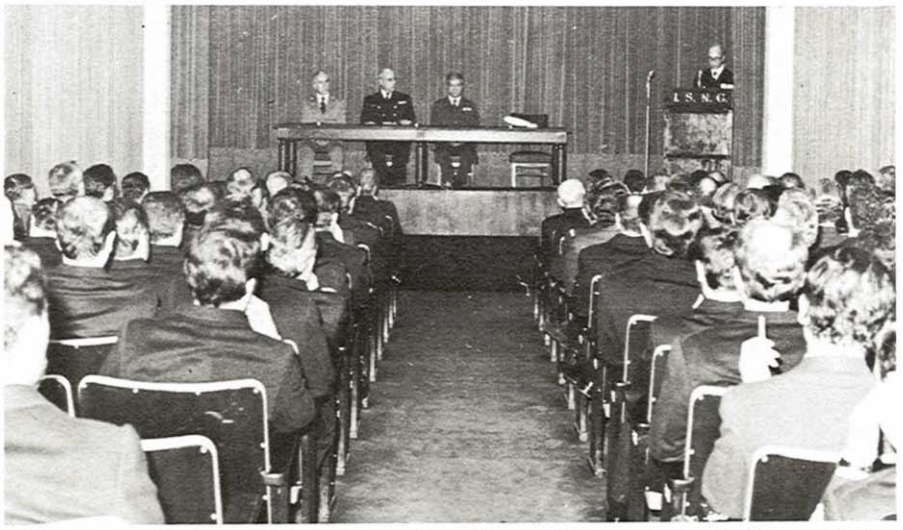
Este conjunto de disposições e intenções, considerou-as o almirante Sousa Leitão "susceptíveis de, a médio prazo, alterarem subtancialmente a situação da classe dos sargentos, conduzindo a um novo perfil do sargento da Armada".

Outro ponto igualmente abordado pelo CEMA, foi "a necessidade de todas as dúvidas surgidas na interpretação da legislação, e todas as críticas e sugestões que visem o seu aperfeiçoamento, deverem ser correctamente formuladas através dos canais de comando, não se podendo admitir a utilização de vias paralelas". Citou a propósito o opúsculo editado e distribuído pelo Clube do Sargento da Armada (CSA), a respeito do qual afirmou: "este opúsculo, contém a transcrição — anotada e interpretada por forma opinativa — do Decreto-Lei n.º 292/78, a que erradamente se chama de Estatuto do Sargento da Armada. Quero aqui dizer-vos claramente que o CSA não tem legitimidade para interpretar a lei. Esta função compete, em primeiro lugar, aos chefes militares e, em caso de conflito, aos tribunais. O CSA não pode pretender constituir-se em sindicato. Os comandos das unidades estão atentos aos problemas dos sargentos e às suas legítimas aspirações, como aliás aos problemas dos oficiais ou das praças".

Mais adiante, o almirante Sousa Leitão afirmou que outra das razões que motivaram a alocução dos sargentos era "esclarecê-los àcerca das tentativas de manipulação, por forças políticas, que desde há alguns meses têm vindo a incidir sobre a classe dos sargentos, não só na Armada como nos outros ramos, uma vez mais coincidentes com os objectivos de partidos que, não dispondo de representação eleitoral suficiente para lhes permitir realizar democraticamente os seus objectivos, procuram novamente impô-lo através das Forças Armadas (FA's), tentando agora utilizar a classe dos sargentos", tendo o CEMA citado vários exemplos do que acabava de afirmar. Na mesma linha alertou ainda os sargentos para "o grande esforço de penetração na sua classe, que vem sendo prosseguida por alguns partidos e organizações políticas, visando a instrumentalização futura dos sargentos. É necessário que o Clube do Sargento da Armada se não constitua instrumento desse esforço". Declarou a este propósito: "em democracia, as FA's são o seu garante, e não estão ao serviço de nenhum dos partidos políticos. Todos os meios legais serão utilizados para impedir esta manobra".

A concluir, o almirante Sousa Leitão manifestou a sua intenção de prosseguir as vias que conduzirão a um novo perfil do sargento, que melhor servirá a Marinha, encontrando nas suas funções maiores motivações pessoais e profissionais, de modo a que esta seja mais eficaz e melhor possa servir o país". Por fim, disse: "tudo farei também para que a Marinha, como parte integrante das FA's, seja um factor de estabilização do sistema democrático em que o Povo Português escolheu viver. Foi essa uma das missões que me confiou o Presidente da República, na Casa da Balança, em 9 de Outubro de 1978, ao empossar-me no cargo de CEMA. Conto com os sargentos desta Marinha de tão longas tradições democráticas. Sei que resistirão, uma vez mais, às tentativas de instrumentalização, às quais teremos, em conjunto, que fazer face".

ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO NO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA



Sob a presidência do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, em representação do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, realizou-se, no Instituto Superior Naval de Guerra, no dia 5 de Fevereiro findo, a abertura solene do novo ano lectivo.

Além de altas patentes das Forças Armadas, assistiram ao acto os vice-chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Força Aérea, em representação dos generais CEME e CEMFA, conselheiros da Revolução, ministro da Defesa Nacional, presidente e membros da Comissão Parlamentar de Defesa e adidos navais e de defesa junto das embaixadas acreditadas em Lisboa.

Na ocasião, o contra-almirante Coelho da Fonseca, director do Instituto, fez o balanço da actividade daquele estabelecimento de ensino superior da Armada e perspectivas futuras.

UNIDADES NAVAIS COM NOVOS COMANDANTES

Nos passados dias 6 e 20 de Fevereiro, com o cerimonial da Ordenança, o 1.º-tenente Rafael Pinto e o capitão-tenente Duarte Reis assumiram respectivamente os comandos do draga-minas "S. Roque" e da corveta "Jacinto Cândido". Cessaram o comando daquelas unidades os capitães-tenentes Calhau Feitoria e Sadler Simões, respectivamente. Presidiram a estas cerimónias, realizadas nas respectivas unidades, no Alfeite, o comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha, e o segundo-comandante naval do Continente, contra-almirante Coutinho Lanhoso.

Também, no dia 9 de Fevereiro, a bordo do navio-patrulha "Limpopo", no porto de Leixões, o capitão-tenente Guerreiro Brou fez entrega do comando desta unidade ao 1.º-tenente Cordeiro Ventura. Presidiu à cerimónia o comandante da Zona Naval do Norte, capitão-de-mar-e-guerra José Marques Elpídio, em representação do comandante naval do Continente.

(Colaboração do C.N.C.)

ALUNOS DO CURSO SUPERIOR DE COMANDO E DIRECÇÃO DO EXÉRCITO VISITARAM A BASE NAVAL

22 brigadeiros e coronéis do Exército que frequentam o Curso Superior de Comando e Direcção do Instituto de Altos Estudos Militares, acompanhados do respectivo subdirector,

brigadeiro Pacheco Rodrigues, e oficiais instrutores, visitaram, em 8 de Fevereiro último, algumas instalações e unidades do Comando Naval do Continente.

Foram recebidos no CITAN pelo comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha, que lhes apresentou cumprimentos de boas-vindas.

O programa da visita, que ocupou todo o dia, constou da realização de "briefings" sobre as actividades do CNC e da Esquadrilha de Submarinos, visitas ao submarino "Albacora" e à fragata "Comandante Roberto Ivens", onde almoçaram, e às instalações da Base Naval.

(Colaboração do C.N.C.)

VISITA DO SACLANT A LISBOA

De 8 a 10 de Fevereiro p.p., visitou Lisboa o almirante Harry Delue Train, comandante supremo Aliado do Atlântico (SACLANT), em missão de trabalho, não só para contactar com o seu comando subordinado (o COMIBERLANT, situado em Oeiras) como ainda para cumprimentar as principais autoridades militares portuguesas, nomeadamente o CEMGFA, VICECEMGFA e os chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas. No próprio dia da chegada, o Saclant foi recebido pelo almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada.

O almirante Train, de 52 anos de idade, encontrava-se a comandar a 6.ª Esquadra Americana quando, em 2 de Outubro passado, assumiu as funções de comandante supremo Aliado do Atlântico, em substituição do almirante Isaac Kidd Júnior.

O comodoro G. Edwards com o almirante CEMA.

FORÇA NAVAL DA NATO NO TEJO

Em 9 de Fevereiro findo, após terem concluído o exercício "Test Gate", na área Ibero-Atlântica, algumas unidades da Força Naval Permanente do Atlântico entraram no porto de Lisboa, para descanso das guarnições e reabastecimento.

A Força, era constituída pelos navios HNLMS "Evertsen", FGS "Luebek" USS "Paul", HMCS "Iroquois", HMS "Sheffield" e HMS "Ariadne", comandados pelos capitão-de-mar-e-guerra C. Argles e capitães-de-fragata R. Seydel, W. Plesman, D. Micalchuck, R. Georg e B. Carlk, respectivamente. As guarnições totalizavam 1556 oficiais, sargentos e praças.

O comodoro canadiano Gordon Edwards, comandante da STANAVFORLANT, apresentou cum-

primentos ao chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, e ao comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha.

Durante a estadia dos navios em Lisboa realizaram-se encontros de futebol entre as equipas dos navios e unidades portuguesas e foram proporcionados passeios aos marinheiros visitantes. Alguns dos navios estiveram patentes ao público para visita.

A Força zarpou do Tejo no dia 19 de Fevereiro.

SESSÃO DA ACADEMIA DE MARINHA

Sob a presidência do respectivo presidente, vice-almirante Sarmento Rodrigues, realizou-se no Museu de Marinha, no dia 14 de Fevereiro último, uma sessão plenária da Academia de Marinha, à qual esteve presente o vice-almirante Garcez de Lencastre, adjunto do chefe do Estado-Maior da Armada.

Ao iniciar a sessão, o capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, secretário-geral da Academia, fez um resumo do Seminário de História Indo-Portuguesa, realizado recentemente em Pangim, e em que participaram três membros daquele órgão cultural da Armada.

Seguidamente, o contra-almirante Emmanuel Ricou e o capitão-de-fragata António Cardoso, director e subdirector do Museu de Marinha, respectivamente, apresentaram a comunicação "A participação do Museu de Marinha na 3.ª conferência do International Congress of Maritime Museums, realizada em Mystic Seaport, de 24 a 29 de Setembro de 1978".

Estes oficiais começaram por esclarecer que o objectivo da comunicação era a divulgação dos ensinamentos colhidos, com vista a uma actualização do nosso Museu.

Referiram que o ICMM surgiu em 1972 para fazer face à necessidade de uma organização internacional de museus marítimos, com capacidade para estudar e propor soluções para problemas específicos de museus com características comuns. Desde a sua fundação, já se haviam realizado duas conferências da ICMM — Greenwich, em 1972 e Oslo, em 1975, nas quais o nosso país não esteve representado. A conferência de Mystic Seaport (EUA) reuniu 141 delegados em representação de uma centena de instituições de cerca de 20 países.

Foi salientada a vasta gama de assuntos tratados e o seu interesse para o Museu de Marinha, bem como os contactos pessoais com representantes de outros museus, permitindo larga troca de impressões.

Finalmente, a comunicação incidiu sobre a imensa obra para a preservação do património histórico-marítimo levada a cabo nos Estados Unidos da América, tendo o contra-almirante Ricou e o comandante Cardoso relatado as visitas que, durante a sua estada, efectuaram a diversos museus americanos.

COMANDANTE AMERICANO EM LISBOA

O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu no seu gabinete, no dia 23 de Fevereiro findo, o vice-almirante Joseph H. Moorer, comandante-chefe das Forças Navais dos Estados Unidos na Europa.

CRIANÇAS DO CENTRO INFANTIL HELEN KELLER NA "COMANDANTE SACADURA CABRAL"

No prosseguimento de outras visitas de estudo e recreio, proporcionadas a associados de agremiações e a alunos de estabelecimentos de ensino aos navios de guerra, 25 crianças do Centro Infantil Helen Keller estiveram, recentemente, na Base Naval de Lisboa, no Alfeite.

Aquelas crianças, na totalidade diminuídas visuais, acompanhadas de educadoras infantis, tiveram ocasião de visitar a fragata "Comandante Sacadura Cabral", cujas instalações percorreram demoradamente.

(Colaboração do C.N.C.)

ACTUAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS NAS CHEIAS DO RIBATEJO

As tempestades e as intensas chuvadas que fustigaram o nosso país, em Fevereiro passado, provocaram vultosos estragos em toda a costa continental, e grandes inundações nos rios Douro, Mondego e Tejo, tendo as cheias no Ribatejo sido consideradas as maiores do século.

Perante a calamidade que se abateu sobre o país, naturalmente que as Forças Armadas puseram ao serviço das populações atingidas os meios de que dispunham para minimizar a situação, nomeadamente no Ribatejo. Nesta zona, o Exército pôs ao dispor dos sinistrados um exaustivo serviço de apoio logístico em meios, alojamentos e alimentação, a cargo das Escolas Práticas de Cavalaria e de Engenharia, dos Regimentos de Infantaria de Abrantes e de Tomar e do Batalhão do Serviço do Material. A Força Aérea, com os seus meios aéreos, procedeu a evacuações urgentes, reconhecimentos e transportes gerais, nomeadamente destinados a pessoal dos órgãos de comunicação social, EPAL, EDP, autoridades, etc., em que foram utilizados 18 helicópteros das bases de Tancos e do Montijo, num total de 149 acções com 209 horas de voo e transportando 1313 pessoas e 8420 quilos de carga.

A Armada, com meios navais, procedeu a evacuações não urgentes de pessoas e gado, bem como ao do seu transporte de uns locais para outros. Nesta acção, a Marinha utilizou três LDM's (lanchas de desembarque médias) do Comando Naval do Continente, comandadas por oficiais com comando operacional, 39 botes de borracha da Força de Fuzileiros e 13 viaturas, que envolveram um total de 89 homens. Também, as instalações do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada (que interromperam as suas actividades escolares) foram postas à disposição para alojamento de desalojados, tendo, ainda, sido enviadas para a Escola Prática de Cavalaria 1000 camas e cobertores, igualmente destinados a desalojados.

Quarto de Folga

DO QUE NÃO DEVE ACONTECER

Há muitos anos, tantos que a maior parte dos protagonistas da história já deixaram para sempre a Armada, comandava um dos avisos de 1.ª classe um oficial que embirrava solenemente em fazer calibração do radiogoniómetro, pela fastidiosa obrigatoriedade de andar largo tempo *às ordens do chefe da T.S.F.* nas proas que ele desejava.

Realmente, a tarefa era francamente maçadora, mas não havia outra maneira de a realizar.

Esgotados todos os processos de desculpa, por parte do comandante, é claro que, ainda que com pouca vontade, acabou por se combinar uma saída para o mar, especialmente para calibrar o radiogoniómetrro.

Por infelicidade, o tempo não se apresentou lá muito convidativo, e um vento ponteiro tirou à tarefa o pouco que ela poderia ter de agradável.

Difícil como se apresentou a tarefa, levou a repetir esta e aquela proas, o que tomou conta do estado de espírito do comandante, já bem pouco *católico* logo de começo, levando-o a uma irritação, que tomou um *crescendo,* atingindo a impaciência e um certo descontrole.

O oficial ia-se aguentando o melhor que podia, mas via-se obrigado, em lugar de dar por finda a tarefa, a pedir a repetição das proas que não davam bem, por ser difícil mantê-las, até pela dificuldade de fazer bom leme com aquele vento.

Finalmente, chegou-se à última corrida.

A todo o momento se esperava que o oficial viesse à ponte dizer que estava tudo concluído, que se podia regressar ao porto, mas demorava. Por fim apareceu, mas trazia cara de caso. Concluiu a penosa subida da escadaria e perfilou-se em frente do comandante com cara de enterro, ar de condenado à morte.

— Então — interrogou o comandante com expressão ansiosa — podemos seguir? Já acabou tudo?

— Sim, senhor comandante, mas...

— Mas o quê — atalhou o comandante, adivinhando tragédia — aconteceu alguma coisa?

— É que... o vento levou-me o papelinho onde tinha tomado nota dos resultados obtidos... — exclamou o oficial em voz a sumir-se, prestes a desfalecer.

Como o comandante não morreu apoplético daquela vez é que ninguém soube.

Capt. Zuzara

PASSATEMPO CAMONIANO

Unindo, com um traço contínuo e sensivelmente espiralado, todas as sílabas dispersas no quadrado abaixo, encontrará o leitor os versos de uma bela estrofe dos LUSIADAS (Canto V). O início e o fim estão assinalados com um asterisco.

pro	im	de	rei	fa	Eu	das,	fri	so	in
vi	des	tas	men	tor	e	tos	ven	Com	das
so	me	rem	ze	fi	zes,	fa	tu	gem	on
tal	di	de	⚓	quan	que	⚓	Que	ra	tas
cas	das!	a	tas	LUSIADAS CANTO QUINTO		be	gem	pa	es
ti	E	tre	naus			Sa *	a	ta	por
go	da	vi	⚓	es	ta	⚓	vi	es	zer
Que	pri	das,	I	ni	mi	ga	te	rão	Fi
se	mei	ra	ar	ma	da	que	pas	sa	gem
ja	mor	o	da	no	que	o	pe	ri	go! *

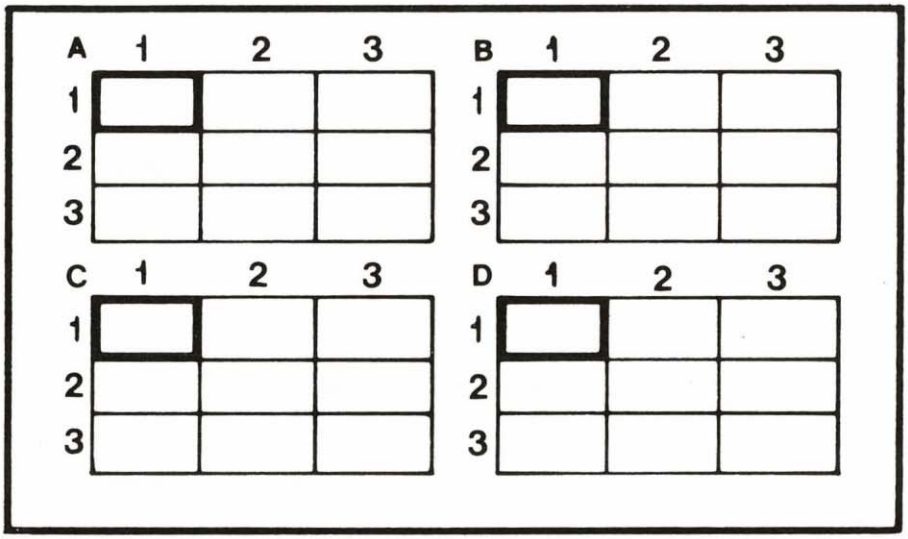
(Solução no próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP

QUADRADO MÁGICO SILÁBICO

HORIZONTAIS E VERTICAIS: Para A: 1—Pequena onda. 2—Impelira com os remos. 3—Magala. Para B: 1—A última peça da borda do navio. 2—Parte da barba que nasce sobre o lábio superior e que se deixa crescer. 3—Fêmea do cão. Para C: 1—Sequência natural das coisas. 2—Cavalo de boa raça, pequeno mas belo, ligeiro e dócil. 3—Cada um dos lados do ângulo recto no triângulo rectângulo. Para D: 1—Habitante ou natural de Tebas. 2—Cabo que prende a ostaga à verga. 3—Que não tem habitação fixa.

Conceito: Navio que serve de baliza a outro.

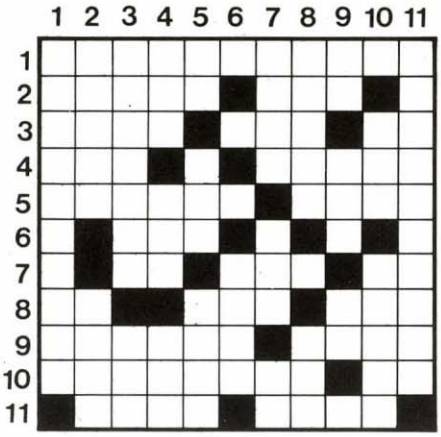


Este passatempo compõe-se de palavras de três sílabas. Coloque uma sílaba em cada quadrículo e encontrará o *conceito* nos quadrículos negros. Divirta-se.

(Solução no próximo número)

MINDOGUES

PALAVRAS CRUZADAS



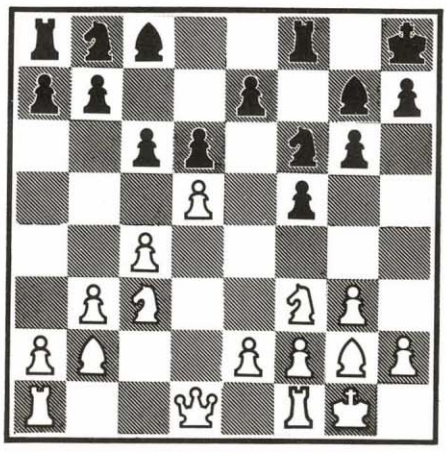
HORIZONTAIS: 1—Género de plantas herbáceas e aquáticas. 2—Teimosia; nome da letra M. 3—Crosta na cabeça de algumas crianças sujas (fig.); 1501 em romano; antes de Cristo. 4—Três letras de charco; afiada. 5—Relativo a oásis; estaciono (inv.). 6—Oportunidade (inv.). 7—Apelido; insignificante; duas consoantes de pera. 8—Nosso Senhor; flanco; residência. 9—Avestruz da América; boa fortuna. 10—Que não é originário do país onde vive; artigo (pl.). 11—Cálculo aproximado; ave galinácea do Brasil.
VERTICAIS: 1—Exagero mórbido dos desejos sexuais. 2—Mania (fig.); carne salgada. 3—Gretados; as nossas pessoas. 4—Que está no lugar mais fundo; árvore santomense de raiz medicinal; três letras de medíocre. 5—Entre nós; mau cheiro; macaco americano. 6—Criador. 7—Género de moluscos bivalves; planta herbácea campestre; nome de letra grega. 8—Aliado; deusa. 9—Parte do navio que fica entre a popa e o mastro; espécie de boi selvagem; vi. 10—Nome próprio feminino; estúpido. 11—Planta caparidácea hortense (pl.).

(Solução no próximo número)

Carmo Pinto
Sarg.-aj. H

XADREZ

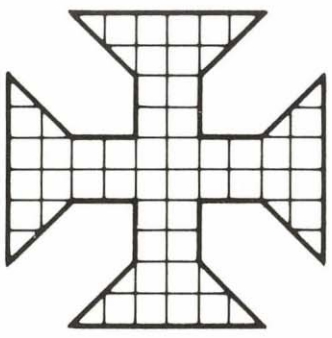
(Solução no próximo número)



Se você jogasse com as pretas, faria o movimento: C × d 5?

CONCURSO N.º 91

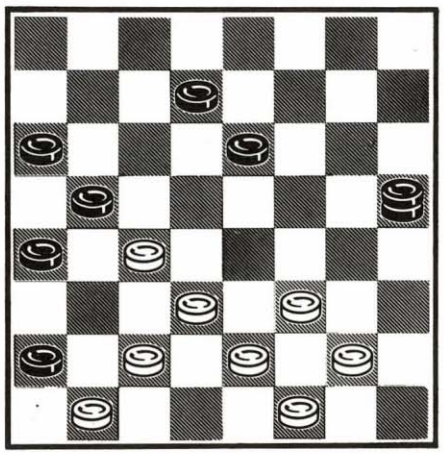
A quadratura do círculo foi um problema que apaixonou os geómetras durante vários séculos, até que foi demonstrado não ter solução, dado que as raízes da equação, que se estabelece entre a área do círculo e o quadrado com a mesma superfície, não têm representação gráfica.
Assim, a noção de quadratura do círculo ficou na história como um símbolo de impossibilidade.
Há, porém, inúmeras outras figuras geométricas que podem ser quadráveis como, por exemplo, a figura que a seguir se apresenta e que apareceu recentemente num jornal francês.
Trata-se de decompor uma cruz de Cristo em 8 (oito) pedaços, de modo a que com eles se possa construir um quadrado.
Esperamos que os leitores da "Revista da Armada" encontrem pelo menos as duas soluções que são conhecidas, com mais facilidade do que as caravelas, que ostentaram aquele símbolo, descreveram (em parte) a circunferência da Terra.



(Solução no próximo número)

DAMAS

(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.

CURIOSODADE NUMÉRICA

Usando somente o algarismo 4, por quatro vezes, escreva as expressões numéricas iguais respectivamente aos números 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 132.

Pode empregar as quatro operações, raiz quadrada e factoriais.

(Solução no próximo número)

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

SOLUÇÕES

CRUZADA SILÁBICA

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1—Barela; coloca. 2—Te; castelo; pé. 3—Lada; caravela. 4—Coma; dala. 5—Camarote; mega. 6—Lá; talhamos; lê. 7—Dobagem; tremera.

VERTICAIS: 1—Batela; calado. 2—Ré; dacoma; ba. 3—Lacas; marotagem. 4—Teca; telha. 5—Colorada; mestre. 6—Ló; velame; mé. 7—Capela; galera.

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

	Brancas	Pretas
1.	14–19	23–14–5
2.	22–26	30–21–14
3.	15–26	31–22
4.	26–19–10–1 e ganham.	

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

	Brancas	Pretas
1.	Te4!	dxe4, ch/
2.	Rg2	e3, ch/
3.	Rg1	Bf7
4.	exf7	Dxc5
5.	f8=D/ch	Dxf8
6.	f7,ch/	Dg7, ch/
7.	Rh2	Dxa1
8.	f8=D e mate.	

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1—Metalepse. 2—Euros; suave. 3—Rr; missa; or. 4—Gau; aia; alg. 5—Olga; ara. 6—Ri; rg. 7—Eros; cair. 8—Tis; mãe; uma. 9—RF; léria; at. 10—Olear; ruano. 11—Ergofobia.

VERTICAIS: 1—Ergómetro. 2—Mural; rifle. 3—Er; Ugros; er. 4—Tom; ais; lag. 5—Ásia; mero. 6—Si; ãr. 7—Essa; eiro. 8—Pua; Arc; aub. 9—Sá; Argau; ai. 10—Evola; imana. 11—Erg; grato.

CURIOSIDADES NUMÉRICAS

(Solução do problema do n.º anterior)

1.º $\frac{4!}{4} + \sqrt{4} + \sqrt{4} = 10$

2.º $\frac{4!}{\sqrt{4}} - \frac{4}{4} = 11$

3.º $\frac{4!}{\sqrt{4}} + \frac{4}{4} = 13$

4.º $4! - 4 - \frac{4}{4} = 19$

5.º $4! - 4 + \frac{4}{4} = 21$

6.º $4! - 4 + 4 - \sqrt{4} = 22$

PASSATEMPO

(Solução do problema do n.º anterior)

Lancha. Draga-minas. Corveta. Auxiliar. Escoltador. Aviso. Cruzador. Canhoneira. Fragata. Patrulha. Porta-aviões. Torpedeiro. Couraçado. Submarino.

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 90

Embora, a priori, pareça impossível a passagem do bichano, procure o leitor a diferença radial (R-r) das duas circunferências (cinta e equador) e prontamente encontrará a resposta. Representando por P o perímetro da cinta dilatada, e por p o perímetro do equador, teremos:

Raio (R) da cinta $= \frac{P}{2\pi}$

Raio (r) do equador $= \frac{p}{2\pi}$

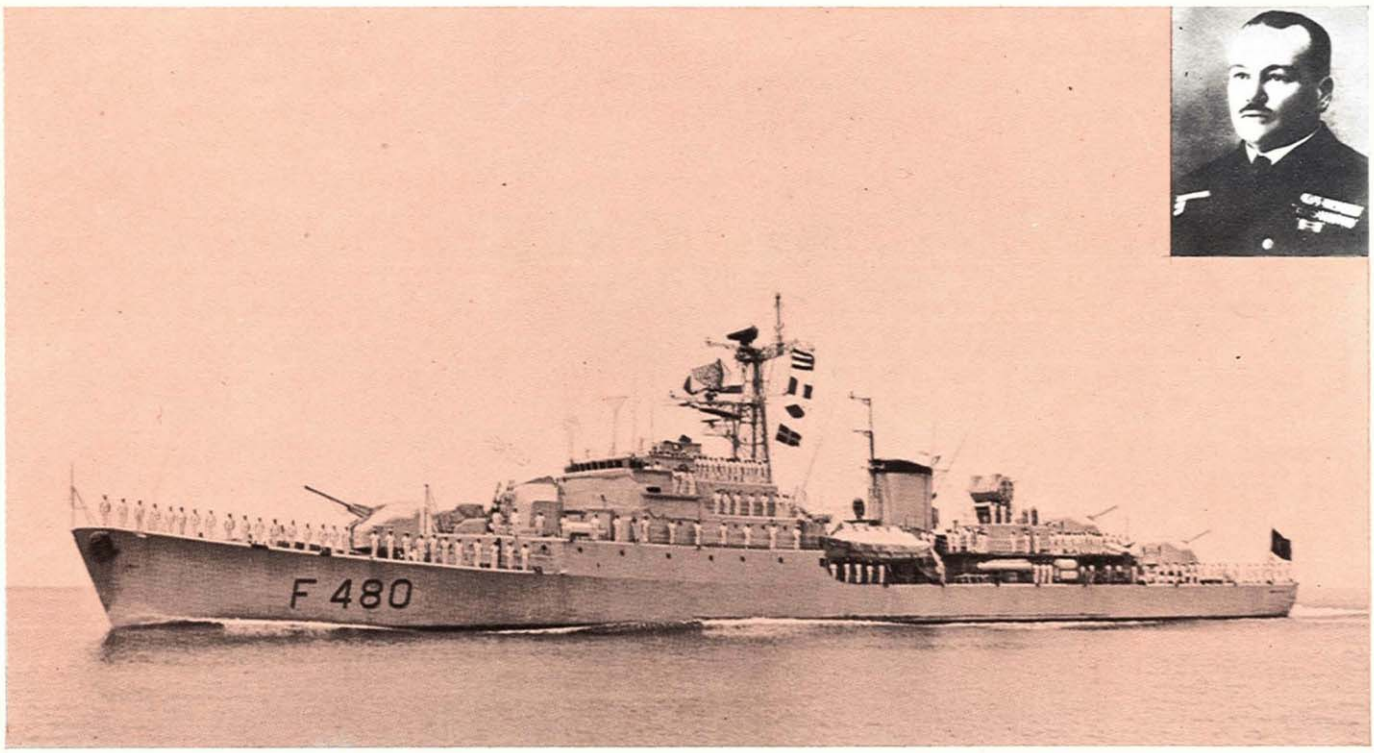
Logo, $R - r = \frac{P-p}{2\pi} = \frac{1^m}{2\pi} =$

$= 0{,}159154943$ metros,

isto é, aproximadamente 16 centímetros, o que dá uma passagem franca a qualquer gato, por muito anafado que esteja!

VENCEDOR: 1.º-ten. SG João da Silva Santos. Laranjeiro.

Os nossos navios e os seus nomes



Fragata "COMANDANTE JOÃO BELO"

Foi lançada à água em 22-3-966, em Nantes, França, tendo sido construída nos estaleiros dos Ateliers et Chantiers de Bretagne — Compagnie des Ateliers et Forges de la Loire.

Mede 102,80 m de comprimento (fora a fora), 11,60 de boca e 6,52 de pontal. Deslocamento (máximo), 2230 ton.

O seu aparelho motor é constituído por quatro motores Diesel "Semt-Pielstick PC2" de cerca de 20 000 HP, acoplados a duas linhas de veios (2 hélices), que permitem uma velocidade máxima de 26.1 nós. Autonomia a 11 nós: 11 650 milhas. O sistema electrogéneo é composto por quatro grupos MGO. Possui duas instalações de ar condicionado.

Armamento: três torres simples com peças de 100 mm MK 1964; um morteiro quádruplo (A/S) de 305 mm, com possibilidade de fazer fogo contra terra e dois reparos triplos de lança-torpedos KT 50 (A/S). Este armamento é orientado por direcções de tiro, cujos cálculos e equações são feitos por calculadores electrónicos. Independentemente deste sistema está equipada com duas peças de 40 mm.

Como equipamento A/S, o navio tem um sonar de ataque "Duba-3A" e outro de pesquisa (SQS-17A).

Radares: um de aviso de superfície (DRBV 50), um de aviso aéreo (DRBV 22A) e um de artilharia (DRBC 31). Tem ainda um radar "Decca", de auxílio para entrada nos portos.

Equipamento de detecção de radioactividade: sistema electrónico de detecção e medida da actividade radioactiva na atmosfera, que permite determinar o seu azimute predominante. Em presença de ataque atómico ou numa área de forte influência radioactiva, o navio é protegido por um complexo de "chuveiros". Nesta situação, o seu poder ofensivo pode ser mantido, com todo o pessoal no interior do navio, porquanto as torres de 100 mm, os tubos lança-torpedos e o morteiro passam a ser comandados automaticamente.

Guarnição: 14 oficiais, 29 sargentos e 154 praças.

Patrono: capitão-de-fragata JOÃO BELO

Nasceu em Leiria, no dia 27 de Setembro de 1876.

Alistado na Escola Naval, foi promovido a guarda-marinha em 30 de Outubro de 1895 e a capitão-de-fragata em 4 de Dezembro de 1926, posto em que faleceu dois anos depois (3 de Janeiro de 1928).

Notabilizou-se, principalmente, como estadista e colonialista, tendo a sua actividade política decorrido particularmente em Moçambique que, em homenagem ao seu trabalho, perpetuou o seu nome atribuindo-o à povoação do Xai-Xai (cidade de João Belo, à data da descolonização).

Foi nomeado ministro das Colónias em 1926. É da sua responsabilidade, no desempenho deste cargo, a elaboração do Código Administrativo Civil e Financeiro do Ultramar; a organização das bases para as relações financeiras entre a metrópole e as colónias; a publicação do Estatuto Orgânico das Missões Religiosas; a criação do Banco Emissor e da Junta da Moeda de Angola e a reorganização da Escola Colonial de Lisboa.

De uma oração de sapiência proferida, em 15-10-927, na sessão solene de abertura dos cursos daquela Escola, diz-se de João Belo: *Como brilhante soldado (1) de África, como administrador competentíssimo e grande reorganizador do nosso império colonial, tem uma vida pública que é uma proveitosíssima lição para todos os coloniais e um patriótico exemplo para todos os portugueses.*

Como marinheiro, foi oficial de guarnição das canhoneiras "Tâmega" e "Zaire" (que também comandou) e do cruzador "S. Gabriel", tendo comandado as lanchas-canhoneiras "Chaire" e "Sena" e as canhoneiras "Bengo" e "Mandovi". Em terra, participou nas campanhas de pacificação de Gaza, Namarrais, Barué e nas operações do rio Noburi.

Além de outras condecorações nacionais e estrangeiras, era oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito e da Ordem Militar de Avis e possuia a grã cruz da Ordem do Império.

---

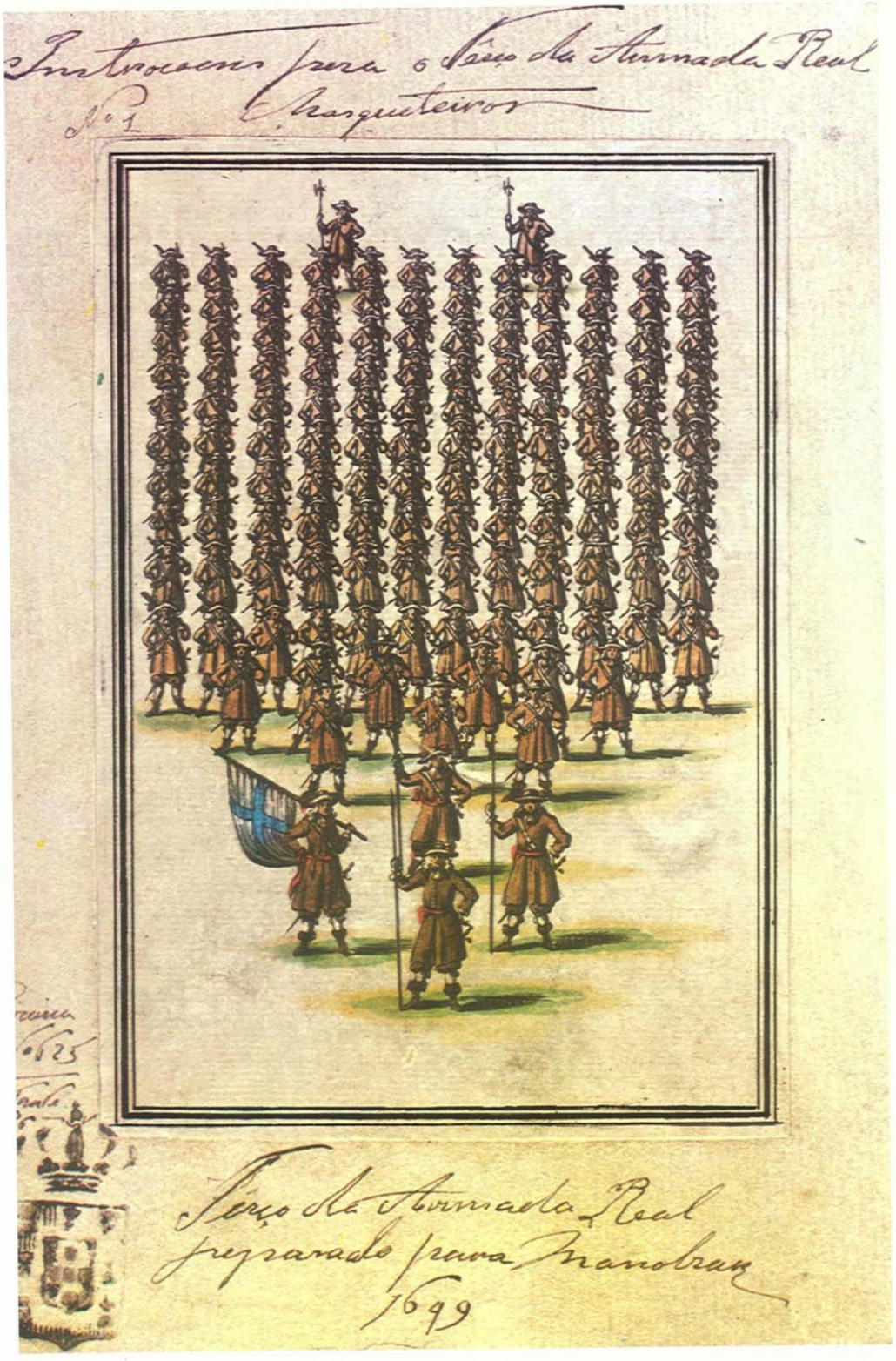
(1) Velho hábito, actualmente ainda usado, de tratar os marinheiros como soldados.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Evolução histórica dos uniformes na Armada (3)

A preciosa gravura de 1649 que hoje publicamos, referente ao Terço da Armada da Coroa de Portugal, pertenceu ao espólio do conde de Subserra, tenente-general Manuel Ignácio Martins Pamplona, e mostra-nos uma "manga de mosqueteiros" preparada para manobrar. A manga, tanto na infantaria como na cavalaria, correspondia a uma companhia ou esquadrão, sendo designada nesta última por "manga de cavalos".

(Reprodução proibida)



O pessoal que a compunha era: um capitão, dois tenentes, um alferes porta-bandeira, dois sargentos e cento e trinta e um mosqueteiros. A manga do Terço da Armada representada na gravura está uniformizada com o clássico pelote de mosqueteiros, tendo na cabeça o chapeirão braguês de pluma. Este valioso documento iconográfico tem a particularidade de nos mostrar o dispositivo de formação de marcha com a bandeira desfraldada sobre o ombro esquerdo do alferes, deixando ver a cruz românica de braços iguais, a azul, sobre fundo branco. Foi este o primeiro símbolo heráldico da fundação da nacionalidade, usado por D. Afonso Henriques, e que D. João VI mandou adoptar pelas tropas apeadas ou de cavalaria nas campanhas da restauração. Esta disposição manteve-se até à elevação votiva da Virgem da Conceição a padroeira do Reino, data a partir da qual passa o escudo de armas a figurar numa das faces e na outra a imagem da padroeira, para se diferenciar das espanholas, que também eram brancas com as armas reais castelhanas em ambas as faces. A partir da elevação votiva da Virgem, todos os reis de Portugal, a partir de D. João - VI e até ao fim das instituições monárquicas, não mais colocaram a coroa na cabeça, passando esta a figurar sempre a seu lado, sobre uma almofada de veludo. A gravura mostra ainda a curiosa disposição dos sargentos, no couce ou rectaguarda da manga, com a alabarda de comando do respectivo posto, que difere do "pique" ou "espadão" do oficial.

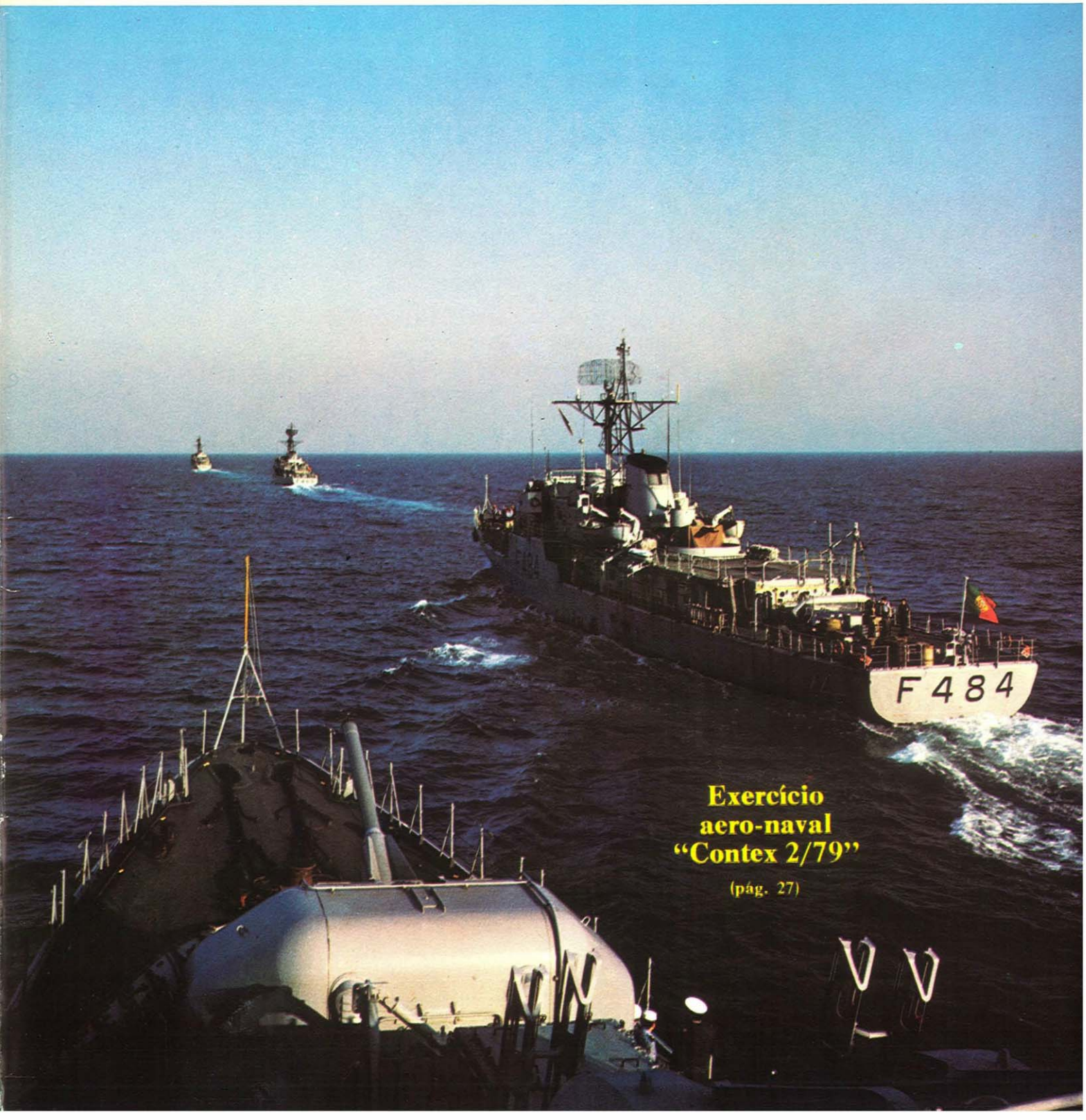
Esta documentação foi propriedade de vários bibliófilos e coleccionadores, entre os quais Aranha Fernandes Tomás e Coelho de Carvalho, sendo adquirida parte dela pelo dr. Carlos Musgueira do Nascimento, em 1954. Este, por sua vez, cedeu-a ao Centro de Coleccionadores, fazendo hoje parte do seu arquivo histórico-militar.

Alberto Cutileiro

Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 92 / MAIO 1979 / ANO VIII / MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA



Exercício aero-naval "Contex 2/79"

(pág. 27)

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
Vários	**Voz da Abita / Cartas ao Director**	4
A. Coentro	**Sonho Marinheiro**	5
D. Barreiros	**O Mar da China viu de novo velas portuguesas**	6
R. Chapelet	**Um pintor da Marinha francesa a bordo da "Sagres"**	10
M. Horta	**Notícias Pessoais**	12
M. do Vale	**Acudam às nossas belas praias**	13
M. Horta	**Saibam Todos**	16
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	16
J. Santos	**Marino Miguel Franzini** O sábio, o político e o militar	18
Vários	**Desporto**	21
G. Brandão	**Filatelia**	22
S. Eipídio	**Terminologia Naval**	24
M. Fonseca	**O inimigo não colaborou**	24
Vários	**Reportagem**	25
Vários	**Quarto de Folga**	32
M. Horta	**Os nossos navios e os seus nomes** Navio hidrográfico "Almeida Carvalho"	Verso da contracapa
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada (4)**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 92/MAIO 1979/ANO VIII

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

Aspecto do exercício aero-naval "Contex 2/79".

(Foto do 1.º-sarg. CM Ramiro Magalhães)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

Gente de paz

Também na minha aldeia da Beira, antigamente, quando se batia a uma porta e de dentro perguntavam quem era, de fora respondia-se: *gente de paz!* **Por isso, conheço perfeitamente o alcance da frase e acho de uma rara felicidade a sua escolha para título de um programa da Televisão.**
Parabéns ao autor que, além de tudo, conseguiu realizar, na minha opinião, o melhor programa, do género, que se tem visto em Portugal. Ouvir contar a história como a conta o dr. José Hermano Saraiva é realmente um encanto ... mesmo para quem não goste dele!

Uma destas manhãs, tive a sorte de ouvir um programa de rádio em que o inspirado autor de *gente de paz* **respondia a perguntas dos ouvintes, feitas pelo telefone. Fiquei assim a saber que o dr. Hermano Saraiva também é bom na rádio, tão bom como na TV.**
Mas ...
"Portugal é um país de paz", afirmou a certa altura, justificando a afirmação com dados históricos, desde séculos atrás até aos nossos dias.
E aqui se baralharam as minhas ideias. Não tenho dúvidas que nos tempos em que nas aldeias se dormia com as portas no trinco e nas cidades, nomeadamente em Lisboa, se podia ir para a rua a qualquer hora da noite sem receio, Portugal era realmente um país de paz.
Mas agora, quando as pessoas têm medo de sair de casa, porque podem ficar sem a carteira, ser insultadas, agredidas ou esfaqueadas, quando os bancos têm polícia à porta por causa dos assaltos à mão armada, quando se põem trancas e fechaduras sofisticadas nas portas, para evitar arrombamentos e assaltos, quando o roubo de automóveis estacionados se tornou quase um desporto, quando vemos pela cidade, e a alastrar para o campo, gente drogada e prostituída, quando os jornais noticiam quase todos os dias violações, por vezes seguidas de assassínio ... pergunto: seremos ainda um país de paz?
Por mim, tenho dúvidas ...

C/alm.

Voz da Abita

Cartas ao Director

Do "Pezinhos", cabo M, recebemos mais esta carta:

Alfeite, 28 de Março de 1979.
Sempre fui homem de boa boca e nunca protestei contra os cabos do rancho. Aliás, eu próprio desempenhei o cargo a bordo, várias vezes, e sei muito bem o que ouvia...
A verdade, porém, é que me acostumei à comida da Marinha, que é bem boa e igual para toda a gente desde almirantes a grumetes, e agora custa-me a adaptar à da casa. Farto-me de ralhar com a patroa, que diz ver-se e desejar-se para alimentar a família, todos uns bons garfos, com o meu magro vencimento.
Há dias, ao jantar, tivemos um pequeno desaguisado por causa da ementa. Eram croquetes de carne e eu, confesso, croquetes, sejam do que for, nem vê-los.
A patroa, muito excitada, atirava-me à cara com o pouco dinheiro que lhe dou para o governo da casa, concluindo que não sabia fazer milagres...
No auge da discussão, quase a rebentar de cólera, abriu o frigorífico, tirou um bloco de gelo e bateu com ele em cima da mesa, saindo de lá um cachucho, de olhos vítreos e esbugalhados. Erguendo-o no ar, como se fosse a bandeira da paz, perguntou:
— Tu sabes, por acaso, quanto custou esta "porcaria" que tu despachas sozinho a um almoço?!

E, antes que eu abrisse a boca, respondeu por mim:
— Sessenta escudos! Faz as contas ao resto e admira-te como eu ainda consigo dar-te alguma coisa que se coma...
Passada a tormenta, comidos os croquetes e, enquanto dormitava num sofá, puz-me a pensar e cheguei à conclusão de que, realmente, a patroa, coitada, não pode fazer melhor. Está tudo caríssimo... Ou será que eu é que ganho pouco?!

De Manuel Nunes, patrão de costa aposentado, Cova da Piedade, uma curiosa carta em verso a respeito do nosso concurso n.º 89, que terminava assim:

Com as minhas desculpas e cumprimentos
E que Deus nos livre de maus pensamentos.

N. R. — A sua resposta ao concurso foi considerada certa, porque indicava 15 mamíferos. Só que o sorteio não lhe foi favorável... Na solução que demos no n.º 90, uma troca de letras ocasionou que em vez de "uro" (que é uma espécie de boi selvagem) saísse "oru". Não sei se reparou que além dos 15 animais que indicou, havia alguns extra. Acontece, por vezes; são tantas as letras...
E... viva a Marinha, como diz na sua carta.

RECRUTAMENTO DE 1942

Realiza-se, no dia 26 de Maio corrente, no Barreiro, a reunião-convívio do recrutamento em epígrafe. A concentração dos "filhos da escola" e familiares faz-se no Parque daquela vila, a partir das 10.00 horas, seguindo-se a celebração de uma missa na igreja de Santa Maria pelo capelão graduado em 1.º-ten. Vaz Monteiro. O convívio termina com um almoço de confraternização, servido num restaurante local.
As inscrições podem ser feitas para: Armando Azevedo Pires, Rua D. Jorge de Lencastre, 53 — 3800 Aveiro (tel. 27251).

INCORPORAÇÃO DE 1953

Vai realizar-se, no dia 20 de Maio corrente, num restaurante dos arredores de Lisboa, o almoço de confraternização dos "filhos da escola" (e familiares) da incorporação em epígrafe.
As inscrições ou esclarecimentos podem ser feitas através dos "filhos da escola" Costa, Canário ou Fernandes, Corpo da Polícia Marítima, em Lisboa, ou pelos tel. 60 81 01/4, extensão 334, (TLP) ou 6-45 (rede interna), dentro das horas do expediente.

"FILHOS DA ESCOLA" DE 1952

Para comemorar o 27.º aniversário da sua incorporação na Armada, os "filhos da escola" de 1952 levam a efeito um almoço-convívio, no dia 20 de Maio corrente, no restaurante das Grutas de Mira d'Aire. Os interessados deverão contactar com João Pina, Bairro dos SSFA, Lote 2B-3.º Dt.º, Alfeite, 2800 Almada (tel. 249 18 81).

GUARNIÇÃO DO N.R.P. "COMANDANTE ROBERTO IVENS" (1970-72)

Pretendem alguns elementos da guarnição da fragata "Comandante Roberto Ivens" que fez a comissão no antigo Ultramar nos anos de 1970-72, organizar uma festa de confraternização.
Os interessados deverão contactar com o cap.-ten. Leitão Rodrigues, N.R.P. "Comandante João Belo", ou com as ex-praças Lobo Varela, Rua António Nobre, 16 r/c D, 2675 Odivelas, e Simões, Rua Capitão-mor Lopes Sequeira, Lote 8-1.º A, 1900 Lisboa (tel. 63 01 61 — das 16.00 às 24.00 horas).

De Augusto Pereira Nogueira, ex-mar. E, Sarrazola, Aveiro, uma carta em que manifesta as saudades que tem dos seus tempos de marinheiro, em especial os que passou a bordo da "Almirante Pereira da Silva", dizendo que está muito arrependido de ter saído e que, se fosse possível regressava ao serviço.

N. R. — Muito obrigado pelos elogios à Revista e pelos votos de que seja cada vez melhor.

DESTACAMENTO 11 DE FZE (1967-69)

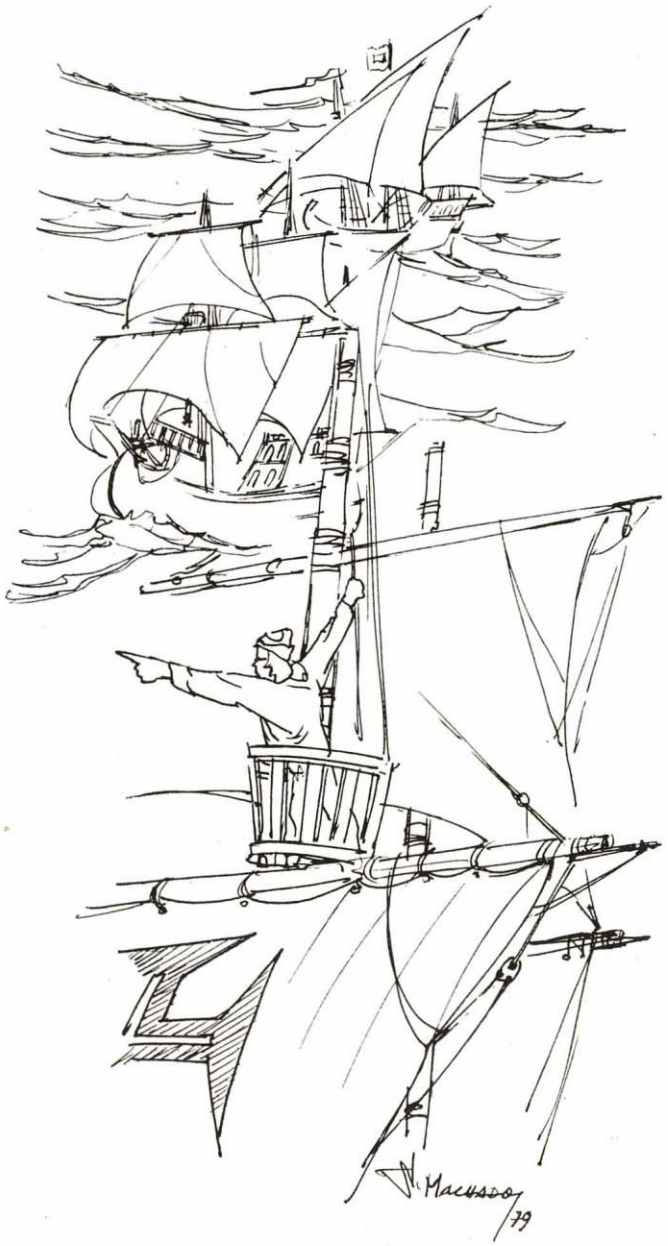
O oficial abaixo indicado deseja organizar um jantar ou almoço de confraternização entre os componentes do DFZ11 (1967-69). Os interessados deverão contactar com o cap.-ten. Manuel Pinto Machado — Estado-Maior-General das Forças Armadas — Av. Ilha da Madeira — 1400 Lisboa, informando o respectivo endereço e a actual situação.

De Alberto Mourão, mar. A RA, de Almada, recebemos a carta que transcrevemos:

Sem ideias poéticas, junto envio um escrito de homenagem a essa terra quente e apaixonante de Macau, bem como aos muitos (sim, fomos muitos) homens da nossa Armada que por essas longínquas paragens marcaram a presença da Pátria (...).

SAUDADE PORTUGUESA

Macau,
Mundo de sonho e paixão
Onde o amor é poema
De divina aceitação.
Terra abençoada,
Filha do Céu e do Mar
Onde os "juncos" vogando
Nos lembram, de quando em [quando,
Um mundo estranho a cantar.
As colinas verdejantes
Sublimes, e vestidas por igual,
São bem, poemas gritantes
A falar de Portugal!
Macau,
Terra do Santo Nome de Deus
Altar de Fé e Nobreza
Tu és, embora distante
A mais adorada amante
Da Saudade Portuguesa!



Sonho Marinheiro

No Algarve, onde o sol é mais fagueiro
Onde o mar tece furnas e leixões
Nasceu um sonho, um sonho marinheiro
Nas almas e nos lusos corações

Valoroso, esse sonho timoneiro
Libertou-se de mitos e dragões
Desafiou lonjuras, foi primeiro
A defrontar escusas solidões

Indomável, fez-se vagabundo
Venceu medusas, foi por esse mundo
Compor poema novo, genial

Galgando os mares e domando os ventos
Ao poema chamou Descobrimentos
Chamando à sua musa Portugal

A. Santos Coentro
1.º-ten. SE

O Mar da China viu velas portuguesas

MACAU, UM RINCÃO FAMILIAR

Confinado ao pequeno rectângulo europeu, mirando as mais ricas pérolas do Atlântico, as suas ilhas, Portugal que foi senhor de meio mundo por direito de conquista e com a chancela papal, possui ainda e só, qual relíquia preciosa, como lembrança do seu empório de outrora, a pequena península de Macau, virada também, por irónico paralelismo, para as ilhas da Taipa e Coloane.

Macau, ao sul da China, parcela minúscula incrustada no grande continente, foi cabeça de grande feitoria portuguesa desde meados do século XVI, servindo de posto intermediário entre a China e o Japão, e entre a China e o Ocidente.

A partir de 1597, com a chegada dos primeiros navios holandeses aos mares do Oriente, o poderio português foi fortemente abalado. Os holandeses, sempre no rasto das nossas naus, fizeram-nos a vida negra em qualquer das nossas posições. Assim aconteceu no Japão, em Malaca, em Ceilão, em Cangranor e Cochim, na Indonésia e outros pontos avançados onde se levantavam castros lusitanos. Não surtiram eles melhor sorte, que sempre acabavam por ser escorraçados pelos astutos ingleses. De todo o seu império asiático, Portugal possui hoje apenas Macau.

À chegada, atracando no porto exterior, ao cair da tarde de 9 de Janeiro, a "Sagres" sentiu-se numa dependência de sua casa. E, como irmãos da mesma casa fomos recebidos, com manifestações de júbilo, ao som estridente dos panchões, sinal das grandes festas, e com muitos abraços daqueles que, sendo irmãos, conhecem melhor os meandros da família. Refiro-me aos inesquecíveis camaradas da Marinha que aí prestam serviço, a quem a "Sagres" levou muita alegria, mas de quem recebeu mil vezes mais.

Ao começar estas despretensiosas crónicas na nossa Revista, dizíamos: *na "Sagres", mais uma vez, vai um abraço português.* Creio que o maior abraço e o abraço mais português foi para esses nossos camaradas de Marinha. E bem o mereciam. De resto, com a sua ajuda e simpatia, com os seus préstimos e a sua disponibilidade, Macau tornou-se para nós um verdadeiro rincão familiar.

Pela segunda vez me foi dado visitar aquela terra enfeitiçada, em cujas vielas se respira um Portugal distante. Vi de novo e com redobrada curiosidade, locais de visita obrigatória: as ruínas de S. Paulo; a Gruta de Camões; o Leal Senado; o Farol da Guia, o primeiro das costa do Oriente; o Monte da Penha; a velha Sé; a Av. Almeida Ribeiro; a Casa da Pataca; os "tintins"; o porto interior; a barra; as ilhas e tudo mais, até os barulhentos casinos, em especial os do Hotel Lisboa, onde se jogam fortunas fabulosas nas 24 horas do dia, mais não sendo as horas do jogo, porque o dia as não comporta.

Vi velhos amigos do Colégio D. Bosco, do Centro Católico, da Academia S. Pio X, e muitos, muitos, da prestimosa comunidade chinesa. Valeu-me para isso, a oportunidade concedida pelo senhor Ho Yin, nos diversos almoços e jantares por ele oferecidos, quer por motivo da visita da "Sagres", quer por motivo da saída de Macau do governador.

O Hotel Lisboa, um dos mais conceituados hotéis do Oriente, com imensos e luxuosos restaurantes, tornou-se a nossa habitual sala de jantar.

E a quantos não vi nessas ocasiões, fiz questão de os procurar em suas casas. Servi-me bastante do táxi, pois é relativamente barato. Mas uma coisa me deixou desapontado: muito pouco se fala português.

Em 1970, quando por aí passei a primeira vez, sentia-me feliz ao ser compreendido pelo taxista, pelo empregado de balcão, pelo porteiro do hotel, pelo ardina e qualquer transeunte. Agora, até o funcionário público, salvo algumas excepções e com destaque para o pessoal dos Serviços de Marinha, pouco fala a doce língua portuguesa. E dizem-me que, no futuro, não será melhor, bem ao contrário. Não nos conformamos muito com tais perspectivas. Mas, mau grado nosso, parece que será mesmo assim.

Pensando ser a última vez que me seria dado pisar aquela terra, não dei descanso ao disparar da minha "Canon". Em diversas fotos recolhi, quase religiosamente, as imagens que mais me impressionavam, não poupando aquelas ruas e vielas mais típicas onde os letreiros em chinês, português e inglês, são bem o símbolo de uma sociedade multirracial que, em cada dia, convive e se entrelaça. O "Jai-Alau", grande casino-restaurante onde muitos afluem para o jogo da pelota basca, mesmo ali em frente ao porto exterior, o Hotel Sintra e a ponte Taipa-Coloane, baptizada com o nome do antigo governador Nobre de Carvalho, foram também motivo da minha curiosidade fotográfica, já que são obras posteriores à minha primeira visita. As Portas do Cerco, onde me desloquei no dealbar de um dia movimentado, passaram também a figurar no meu álbum. Por ali vi passar imensas viaturas chinesas que entravam ou saíam de Macau, munidas de duas matrículas, uma que vigora em território português, outra em território chinês. Livre trânsito para a gente do grande continente, mas não para os naturais do pequeno território de Macau. Tanto assim que a curiosidade de alguém que, na sua pacatez, observe as Portas do Cerco, faz movimentar os guardas vermelhos do lado de lá. Enfim, quis trazer Macau comigo. Mas, mais que trazer imagens, apetecia-me permanecer. É que, Macau tem encanto. Um encanto oriental que se casa com as pretensões ocidentais. Talvez encanto que sature rapidamente. Não sei. Mas, quem vai e parte logo após, traz consigo a nostalgia de um dia poder voltar. Eram nove da noite quando a "Sagres" abandonou o porto exterior, em 14 de Janeiro, deslizando pelas águas pardacentas, rumo a Hong-Kong.

Connosco, o governador de Macau que da "Sagres" lançava o seu último adeus às terras que durante quatro anos governara. Connosco também, um grupo de catorze alunos das escolas de Macau que na "Sagres" iriam até Malaca. Ao nosso lado deslizavam os velozes hidroplanadores para Hong-Kong. Uma chuva miudinha assinalava a nossa largada. No cais, um gesto ritmado de quem diz adeus. Nas almas, uma profunda nostalgia. Nos olhos, talvez lágrimas. Enfim, o fadário das partidas.

HONG-KONG, A BABILÓNIA DO NEGÓCIO

Hong-Kong nasceu sob o signo do negócio. Aliás, foi por oferecer condições propícias ao mercado do chá e do ópio que o capitão inglês Elliot ocupou a ilha de Hong-Kong, em 26 de Janeiro de 1841. Só a força conseguiu dar aos ingleses o que diplomaticamente não tinha obtido, pois que, em 1834, Lord Napier quis ser reconhecido pelos chineses como representante da coroa britânica em Hong-Kong e não o conseguiu.

Mais ainda, os chineses confiscaram em Cantão o ópio aos ingleses, e nem as ameaças de Lord Palmerston, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade, os conseguiu demover, sendo necessário o envio de Pottinger, à frente de três mil homens, para a Inglaterra conseguir os seus intentos.

de novo

Cumprimentos e trocas de lembranças entre a equipa de futebol da "Sagres" e uma equipa do Oriente.

Passatempo a bordo.

Sob a ameaça de um ataque a Nanquim, a China cedeu às propostas inglesas, em 29 de Agosto de 1842.

As cláusulas do contrato incluiam o pagamento do ópio confiscado, a cedência da ilha de Hong-Kong e a quebra do monopólio de Cantão, com a abertura de Amoi, Foochom, Ningpo e Xangai, permitindo aos cônsules e mercadores ingleses residirem em Cantão. Ainda como termo do tratado havia um privilégio especial dado aos armadores chineses que alugassem os seus navios aos ingleses.

Porém, quando em 1855, um navio nessas condições se atreveu a ir a Cantão, foi, de imediato afundado, e a sua tripulação presa, acusada de pirataria. Ao ser apresentado um pedido de libertação dos tripulantes, pela coroa britânica, foi recusado pelos chineses, recomeçando assim as hostilidades, que acabaram com a ocupação de Pequim, em 1860.

Como resultado dessa ocupação, os chineses cederam à Inglaterra a ilha de Stonecutters e a península de Kowloon. Em 1 de Julho de 1898, durante a guerra hispano-americana, a China negociou com a Inglaterra a cedência dos Novos Territórios por um período de 99 anos. Em 8 de Dezembro de 1941, um dia depois de "Pearl Harbour", no Hawai, os japoneses ocuparam Hong-Kong que se rendeu no dia de Natal.

Como Portugal se manteve neutro durante a guerra, Macau não foi atacado e permaneceu sempre sob administração portuguesa. Depois da guerra, em 1945, os ingleses retomaram o "contrôle" de Hong-Kong e elevaram grandemente o nível da ilha, através de uma eficiente administração e estabilização de preços, o que fez atrair o capital de outras áreas menos estabilizadas.

Antes da guerra, a população era de cerca de um milhão e seiscentos mil habitantes. Agora, a sua população eleva-se a cerca de quatro milhões, vivendo cerca de quatrocentos mil em pequenas casas ondulantes, os famosos juncos, célebres pela miséria e nefanda promiscuidade das gentes que os habita. Contudo, Hong-Kong é centro cosmopolita em constante desenvolvimento. Os píncaros da serra, outrora exuberantes de verdura, são agora floresta de betão armado, onde proliferam os armazéns de electrónica e sedes de grandiosos bancos. A zona ribeirinha está, desde há muito, congestionada e saturada do mesmo ganancioso negócio que prolifera por toda a parte.

Só isso impediu que a estadia da "Sagres" neste porto não fosse a mais calma de toda esta volta ao Mundo, já que, não sendo visita oficial, pouco houve que tomasse o tempo à guarnição. Mas, a tentação das compras não deixou um momento livre. Do China Fleet Club da Royal Navy para o Ocean Terminal de Kowloon, a guarnição movimentou-se numa ilusória ânsia de comprar barato. Contudo, não o conseguiu. É tudo caro, muito caro. Para já, a

O melhor presente em cada porto é uma carta vinda de Portugal.

inflacção mundial a isso obriga. Depois, a desvalorização do escudo, torna os artigos quase inacessíveis. Porém, mesmo assim, ainda se compraram os habituais *recuerdos* e umas pequenas inovações do mundo da electrónica. Isso basta para que Hong-Kong seja um porto a recordar, se bem que, a Royal Navy e o consulado português tudo fizessem para proporcionar uma estadia agradável. A esse propósito, recordo a esmerada recepção dada no Clube Lusitano, dizem que o mais famoso e mais rico de Hong-Kong. O seu presidente que é português, o incansável comendador Sales, é o próprio "mayor" de Hong-Kong. A sede do clube ocupa quatro dos onze andares de um imóvel do centro da cidade, rendendo os demais, que estão alugados, a módica quantia mensal de dois mil contos. Esmagados com a grandeza dos números e de algibeiras vazias, partimos em direcção a Malaca, uma vez que Singapura, escala anteriormente programada, havia sido suprimida. No cais, acenando comovido, ficava um grande amigo, o pintor da Marinha francesa, Roger Chapelet (*1*). De longa data amigo da "Sagres", ele embarcara em S. Francisco e voará agora de Hong-Kong até Paris. Conhecedor minucioso da vida do mar e amante ferrenho dos navios à vela, ele foi, apesar dos seus 75 anos, um verdadeiro *jovem marujo,* um companheiro incomparável que mereceu ser *graduado,* pelo comandante, no posto de

(1) N. R.—A propósito do embarque de Roger Chapelet, publicamos, em aditamento, extractos de um interessante artigo seu, inserido no n.º 1553 (Fev. 79) da revista "Cols Bleus", em tradução livre do c/alm. M. do Vale.

(Desenho de Roger Chapelet)

capitão-de-fragata, pois já antes o tinha sido em capitão-tenente. Artista de grande sensibilidade, ele é para a "Sagres", em especial, um velho e eterno amigo. Por isso, lhe cantámos, na hora da despedida:

Ora viva amigo Chapelet
Como ele, não há outro, já se vê,
Ele será nosso amigo
Toda a vida, até final,
Quer ele esteja na França ou Portugal.

MALACA: UMA GLÓRIA PORTUGUESA NO IMPÉRIO MALAIO

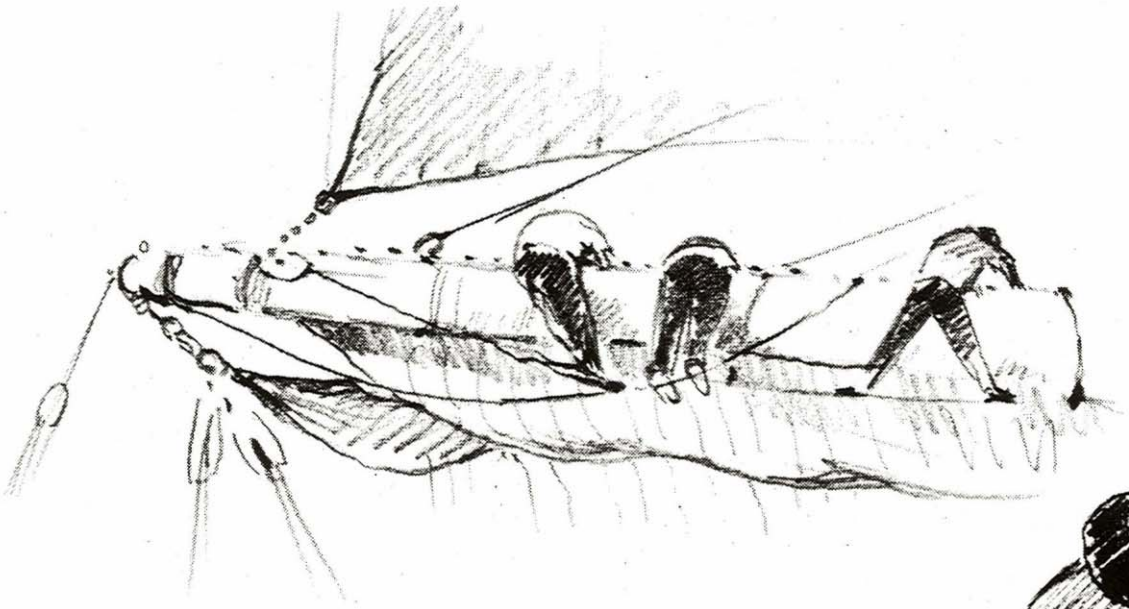
Doze dias, foi o tempo do percurso de Hong-Kong a Malaca. Passou-se frente a Singapura, escala anteriormente prevista para uma estadia de três dias, mas depois cortada ao nosso itinerário devido à guerra no Camboja. Aumentara a vigilância ao tráfego do mar da China. De vez em quando, pelos noticiários, sabia-se que um ou outro navio com refugiados, chegava a este ou àquele porto. Não tendo ocorrência de qualquer teor, a "Sagres" chegou a Malaca na data prevista. Fundeado (não há cais de atracação) o navio, visto de terra, parecia ter tomado a pose das antigas naus que aí levaram Diogo Lopes de Sequeira e Afonso de Albuquerque, há quatrocentos e cinquenta anos.

É verdade, já lá vão anos! Mas, foi precisamente nessa data longínqua, a 1 de Agosto de 1509 que, por mandado do rei, Diogo Lopes Sequeira fundeava cinco naus portuguesas frente a Malaca. Foram os portugueses inicialmente bem recebidos. Mas a astúcia do monarca que imperava em Malaca, depressa fez que os seus súbditos mudassem de atitude. E, numa noite, tropas suas abordavam as naus portuguesas, mataram alguns elementos, prenderam outros e obrigaram os restantes a fugir. Dois anos após, em Julho de 1511, foi o próprio Afonso de Albuquerque quem chegou a Malaca à frente de dezasseis navios. E o que não se conseguia a jeito, através do diálogo com o sultão local, conseguiu-se à força. A 10 de Agosto de 1511, Malaca capitula, e Afonso de Albuquerque fica senhor da cidade. Construiu-se uma fortaleza e uma pequena igreja na colina sobranceira ao mar. A cidade prosperou e tornou-se um grande centro comercial do Oriente durante 130 anos até que, em 1641, os holandeses, como disse sempre na esteira das nossas naus, a tomaram por sua vez aos portugueses. Porém, em 1795, os ingleses conquistaram-na aos holandeses, aí permanecendo até à recente independência da federação da Malásia, em 1957.

Malaca é hoje uma pequena cidade com 100 mil habitantes, cabeça de um estado que tem o mesmo nome, enquadrado na federação da Malásia, que tem como capital a cidade de Kuala Lumpur. Contudo, é bem viva aí a presença portuguesa. Onde? Nas grandes construções? Nos sumptuosos monumentos? Não, porque, embora os houvesse, os holandeses e ingleses se encarregaram de os demolir. Como restos da soberba muralha, lá está o magnífico pórtico, ainda hoje símbolo de Malaca. Mais ao alto, no topo da pequena colina, lá estão os restos da igreja de S. Paulo, onde algum tempo esteve sepultado S. Francisco Xavier, e onde também, encostados à parede da igreja em escombros, estão as lápides tumulares de alguns nobres portugueses e até a do segundo bispo do Japão que, por sinal, era português. Descendo a colina, que eu percorri como sagrada, vai dar-se à praça central com umas desaguisadas construções holandesas, onde se podem ver, aí mesmo no centro, as armas de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal. Olhei-as cheio de comoção. Senti que estava ali um povo nascido no século XII, em Vimaranes. E é tudo quanto resta das pedras portuguesas. Mas só isto? Não. Há mais, muito mais. Em Malaca, encontrei a alma lusíada que não morreu com os camartelos dos holandeses ou ingleses. Houve perseguições, houve lutas, houve vontade de varrer a memória portuguesa. Mas não o conseguiram.

São volvidos 340 anos, e ainda hoje, cerca de dez mil habitantes, descendentes dos antigos portugueses, sentem muito orgulho em afirmar-se como tais. E, se com os estranhos falam o malaio ou o inglês, em família, preferem falar a língua dos seus antepassados: o papiar cristão, ou seja, a língua portuguesa.

Na realidade, só lá há dois portugueses, o padre Pintado e o padre Sendim que, sucedendo a um vasto elenco de sacerdotes da sua terra natal, Freixo-de-Espada-à-Cinta, orientam os destinos religiosos dos descendentes dos antigos portugueses, todos católicos, sendo também eles quem, através de iniciativas culturais, procura manter as tradições lusíadas. Quem entre na igreja de S. Pedro, sede da missão portuguesa, ou quem visite o "Portuguese Settlement", o bairro português, logo se dá conta que Portugal está presente. Presente nos cantares, presente nas danças,



(Desenho de Roger Chapelet)

presente nos costumes, presente nas ruas. A cada passo, nas esquinas de cada quarteirão se pode ler: Rua Teixeira, Rua Costa, Rua de Santo António, Rua de S. Francisco, Rua da Esperança, Rua Lusitana e tantos, tantos outros nomes tão portugueses como os que se encontram nos becos de Alfama ou Mouraria. O papiar cristão é o português arcaico do século XVI. Todos nós o compreendemos mas não somos capazes de o falar fluentemente. Por isso, numa missa que celebrei no bairro português e a que assistiram largas centenas de pessoas, entrecortando a minha homilia, o padre Pintado *papiava cristão* para a assistência. Todos o compreendiam lindamente. Numa festa que nos foi oferecida, apenas se cantaram canções portuguesas. As danças, desde o vira do Minho ao corridinho do Algarve, com pausas para o fado castiço, sempre em português, eram as interpretações preferidas. Os aplausos à equipa de futebol da "Sagres", durante um jogo aí realizado, eram tal qual os aplausos de um estádio lisboeta, só não se gritando *fora o árbitro,* por deferência e simpatia.

Os funcionários do museu local, as meninas do departamento de turismo, alguns porteiros de clubes e hotéis, falavam português. Houve quem dissesse que se falava mais o português em Malaca do que em Macau. Uma coisa é certa, e disso fui testemunha: Malaca foi e é uma glória portuguesa, e quem a visita não parte sem um assomo de saudade e orgulho.

Eram nove horas da manhã do dia 3 de Fevereiro. De Hong-Kong tínhamos partido para Malaca, seguros de que aí poderíamos abastecer-nos de água. Tal não pôde acontecer. Por isso rumámos, ao longo da costa, em direcção a Port Dickson, pequeno centro a 30 milhas de Malaca, onde o capitão do porto nos esperava para o abastecimento desejado. Também aí foi impossível atracar, e constituiu uma verdadeira epopeia o desenrolar da faina da aguada. Um primeiro emissário diz que não se pode fornecer água. Um segundo diz que sim, mas apenas por 14 ringits (o dólar malaio), contrariando assim o combinado anteriormente pelo telefone, com o capitão do porto. E o terceiro não aparecia. Até que, pelas quatro horas da tarde, o *administrativo* parte para terra, numa pequena embarcação, a fim de entabular negociações, tal qual os bons tempos de Albuquerque. Só pelas oito horas da noite, envolvidos já pelo manto lusco-fusco, chega um batelão com o precioso líquido e nele as partes contratantes, o nosso *administrativo* que da empresa se saíra brilhantemente e o fornecedor, espécie de *rajá* local, ufano e vaidoso, por saber que dependia de si o bom seguimento da nossa jornada. Trocados presentes a bordo, após um bom jantar à portuguesa, o fornecedor desfez-se em amabilidades e a água correu com abundância do batelão para os tanques do navio. E não foi a catorze ringits mas a oito e meio a tonelada, como anteriormente se aprazara. Depois dos depósitos cheios, lamentava-se o fornecedor de não poderem levar mais. E aí está, como um bom bife foi porta aberta para um bom negócio. Daí seguimos, após tão interessante peripécia, a caminho de Colombo.

(Desenho de Roger Chapelet)

CEILÃO: A LONGÍNQUA TAPROBANA

É verdade. Embora navegando em sentido contrário ao das primeiras caravelas que por ali mostraram a cruz de Cristo, também a "Sagres" e quantos nela embarcavam, passaram para além da Taprobana.

Perfeitamente identificada em "Os Lusíadas", Ceilão é a Taprobana. Uns dos melhores hotéis de Colombo, a capital do Ceilão, hoje Sri Lanka, chama-se Taprobana. Lá estive umas horas, logo no dia da chegada, após o jantar a bordo, tentando escapar ao cheiro fétido e nauseabundo que inundava as ruas e ao espectáculo desolador de centenas de pessoas que se estendiam ao longo dos passeios, transformados em públicos dormitórios. Senti-me chocado com panorama tão degradante. Há uns tantos hotéis, mais ou menos bem apetrechados, ao longo da orla marítima, fazendo boa conjugação com umas tantas vivendas luxuosas que por ali se encontram. A realidade porém, em Colombo, cidade de 600 mil habitantes, é completamente outra, infelizmente bem diferente. Respira-se pobreza, miséria, promiscuidade. Não sendo a visita da "Sagres" uma visita oficial, mas apenas uma escala técnica, aí se permaneceu, no entanto, quatro dias, tempo mais que suficiente para a apreensão de uma ideia geral sobre a cidade, a sua vida, os seus costumes, a sua gente. Estou em crer que, salvo as conhecidas consequências provocadas pela existência de energia eléctrica e alguns, não muitos, edifícios, deixados pelos diversos povos colonizadores, o panorama que se nos deparou em Colombo não diferia, certamente, daquele que há séculos aí encontraram os portugueses. Dos edifícios, o mais aparatoso e soberbo é o dos correios, frente ao palácio imperial e no qual se passaram horas dramáticas na separação da correspondência da guarnição, pois que os eficientes empregados da posta restante, em vez de separarem as cartas segundo o endereço "Sagres", separaram-nas pelo nome individual de cada elemento. Lá se conseguiu, após

muitas diligências, penetrar no labiríntico compartimento onde milhares e milhares de cartas se amontoavam e separar, uma a uma, as cartas para a "Sagres". Foi uma lança em África, ou melhor, na Taprobana. Mundo confuso, aquele do Ceilão. Contudo, paraíso para alguns, pois, a cada esquina, desgrenhados e sonolentos, se deparavam os imundos e mal cheirosos amantes da droga que, infelizmente, campeia abertamente na rua. A essa miséria moral, alimentada por valdevinos, oriundos de todos os quadrantes, em especial do Ocidente, junta-se a miséria real e física dos naturais de Colombo. Um panal, geralmente branco, caindo ao longo das pernas, da cinta aos pés, ou apenas até aos joelhos, é quanto os homens trazem no corpo, envergando alguns uma camisa, inimiga dos detergentes, caindo as fraldas sobre o referido panal a que dão o nome de lagotim. Mulheres, poucas se vêem na rua. Fica-se até com a impressão de que a mulher é um objecto caseiro de pouca valia.

A mão estendida, sedenta de pão, mas, infelizmente, mais sedenta de tabaco, é gesto obrigatório e rotineiro feito ao transeunte que não vista o langotim. Os táxis a cair de podres, os autocarros ronceiros e velhos, as carruagens do trem mais parecendo gaiolas, os mercados enxameados de moscas, lixo em abundância pelas ruas, e um mar de gente esfomeada que pedincha, engana, aborrece e se movimenta, eis o Colombo do dia a dia, eis a Taprobana que encontrámos.

O que não quer dizer que não fossemos bem recebidos. Apesar de só na véspera saber da nossa chegada, a Marinha do Sri Lanka enviou um distinto oficial, desenrascado, autêntico *manda chuva,* de porte inglês, para nos receber.

Passámos por navios gregos, panamianos, franceses, e fomos atracar no cais principal, quase no centro da "downtown". Sentimo-nos felizes pela sorte que foi *sol de pouca dura,* uma vez que, no dia seguinte, devido à chegada dum navio australiano, tivemos de demandar outro cais a cinco milhas de distância. Uma recepção oferecida no clube dos oficiais de Marinha, com a presença do almirante-chefe, simpático e cortês, animada por uma banda musical que interpretou muito bem o hino português, tentou amenizar qualquer possível ressentimento pela mudança de cais. Nela houve pretexto para se projectarem alguns passeios turísticos a efectuar no dia seguinte. Porém, só um se realizou, por firme vontade de alguns *carolas* que, apesar de não aparecer o carro anteriormente contratado, num outro se deslocaram a Kandy, a zona mais prendada do Ceilão. Não havia grande facilidade de transportes. Apareceu uma oportunidade, de pronto cancelada. Foi o caso de um condutor de serviço da Marinha que, no final da recepção, quando nos levava a bordo, disse estar com o carro à nossa disposição. Mas, ao ter que passar de novo, pela Base, com pretexto de mudar de viatura, viu gorada toda a sua boa vontade. O oficial de serviço que se apresentava de langotim, (o referido panal da cinta para baixo), cortou-lhe a possibilidade de ganhar umas piastras, às quais se fazia com tanto afinco. De regresso ao navio, ainda lhe pedimos para dar uma pequena volta pela cidade. O condutor anuiu, e no final, ficou feliz com a gorgeta. Esta e outras peripécias, ocorridas no Sri Lanka, não mais esquecerão. Outrora, por voltas de 1505, quando D. Lourenço de Ameida, filho do nosso vice-rei na India aí chegou, ou quando mais tarde Lopo Soares de Albergaria aí construiu uma fortaleza, mereceu Colombo, na boca de um dos nossos historiadores, o nome de terra encantada, da terra das pedras preciosas, delícias do mundo, pátria da canela e das pérolas.

Hoje, se pedras preciosas há, são elas bem caras, inacessíveis ao viajante comum que se contenta em comprar como lembrança um pacote de chá ou uns pauzinhos de sândalo. E nada havendo de interesse para ocupar as horas de ócio, ainda demos um salto a Mount Lavínia, uma pequena cidade de belas praias, vizinha de Colombo. Pela tarde espraiávamos o espírito e o corpo nas piscinas do Hotel Oberoi, um grande hotel por sinal, onde divaga ainda o velho colono ocidental ou o novo-rico do reino independente.

Sairam os portugueses, chegaram os holandeses, entraram depois os ingleses. Em 1948 o Ceilão tornou-se senhor do seu destino. De Portugal, aí encontrámos gloriosos marcos. O primeiro está na sua própria língua, o sinhala, que tem mais de uma centena de vocábulos portugueses, ou do português derivados. Os outros e muitos são, estão disseminados por Galle, Kandy, Jaffna, Colombo e outros locais. Sedes de antigos reinos que se tornaram portugueses, mau grado o furor de Rajú, chefe do reino de Ceitavaca e nosso principal inimigo, continuam hoje a ostentar ruínas de fortalezas onde está gravado o escudo de Portugal. Sim, Portugal ali esteve presente! Ao sair das terras de Taprobana, quase não olhei a terra. Saí sem grandes saudades. Saí sem grandes desejos de voltar. Mas saí orgulhoso e ufano por pertencer ao povo a que pertenceram os homens que há quatro séculos, por suas obras valorosas, realizadas no mundo, e também no Ceilão, se foram *da lei da morte libertando.*

Delmar Barreiros
Capelão graduado em 1.º-ten.

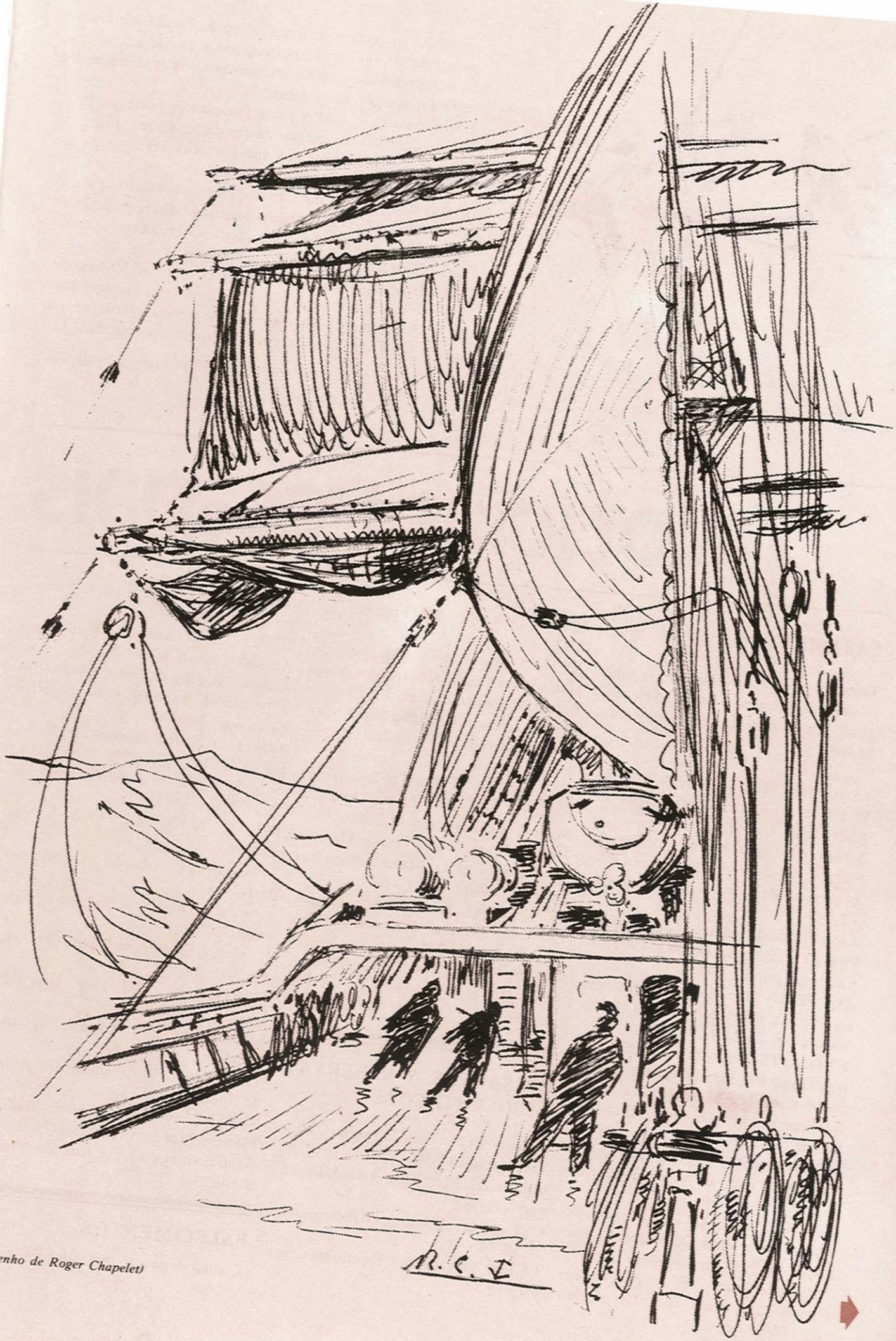
Um pintor da Marinha Francesa a bordo da "Sagres"

(...) Encontrei o *meu* navio em S. Francisco. Como é belo! E é sempre com emoção que subo a bordo e abraço o comandante Martins e Silva, a quem me liga uma velha e sólida amizade. Aliás, o ambiente que sempre encontro a bordo, é de amizade, amizade que desta vez se irá reforçar com a viagem da América ao Japão.

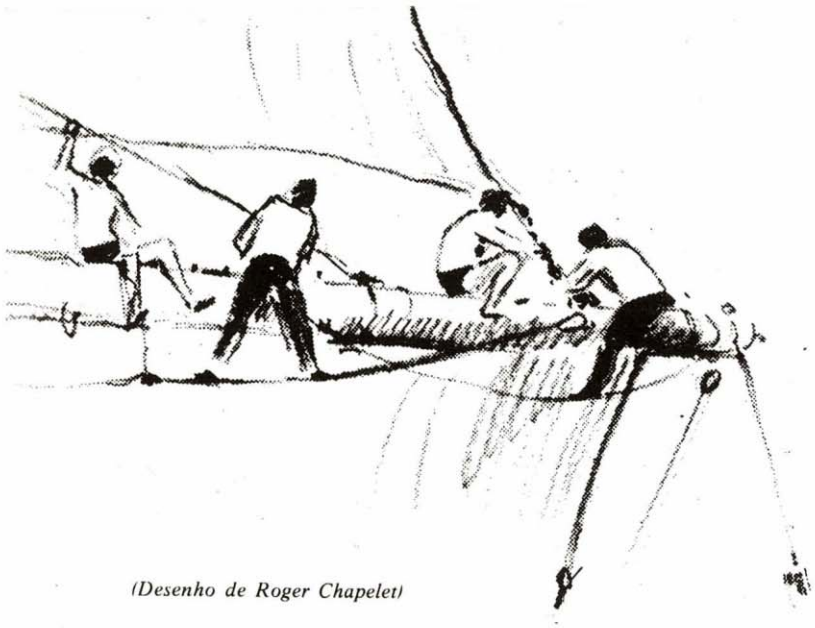
Convidado a embarcar no navio, que está a dar a volta ao Mundo, escolhi esta travessia com a dupla finalidade de completar os meus estudos de navegação à vela e sobre o Oceano Pacífico, para mim ainda desconhecido. Vou passar três meses à sombra da vela grande...

Ah, senhor Chapelet, que belo cruzeiro vai fazer! Não precisa de um secretário?... Assim me diziam alguns amigos antes da minha partida de França.

A verdade é que estes candidatos a marinheiro, certamente diriam o contrário, se têm ido comigo, porque a viagem começou francamente mal. Apesar das optimistas previsões do tempo, a pequena vaga prevista de três pés cresceu para sete metros e, durante vários dias, lutámos com mar desencontrado e balanço de *parafuso*, que é o pior de todos... Refeições tomadas de pé, ou sentados no chão, noites em branco, água racionada a trinta minutos aberta duas vezes por dia... enfim todo o desconforto que se possa imaginar! Mas, este é o tributo a pagar pelos que, como eu, gostam de ver as grandes velas cheias e o jogo maravilhoso de sombra e luz que, segundo a posição do



(Desenho de Roger Chapelet)



(Desenho de Roger Chapelet)

navio elas projectam no mar. E depois, há sempre aquele prazer de *depois da tempestade vir a bonança...*

Só nos portos de escala conseguíamos andar direitos. De resto foi sempre aos tombos!

Encontrámos em toda a parte emigrantes portugueses e, nalguns portos, em grande quantidade. E que alegria a deles por verem tremular a sua bandeira verde-rubra na carangueja de um tão lindo navio!

O comandante Martins e Silva é o homem talhado para as circunstâncias. As suas ordens precisas e discretas definem um chefe, e a sua afabilidade e cortesia creditam-no como um embaixador itinerante do seu país.

À saída de Honolulu, fazia um tempo radioso! Todo o dia tivemos a ilha à vista. À noite, foi uma beleza contemplar as luzes da cidade e o céu coberto de estrelas cintilantes. O rumo é Tóquio e... trinta dias de mar em perspectiva! (...)

Roger Chapelet

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-ten. José Eduardo Ferreira Rosado Pinto com D. Patrícia Maria Freire de Andrade de Carvalho, em 3-3-79.

2.º-ten. AN Carlos Alberto dos Santos Martins Paiva com D. Ana Paula Rodrigues de Mendonça Guimarães, em 3-2-79.

Asp. Fernando Manuel de Macedo Pires da Cunha com D. Deonilde Silva Cataluna, em 10-3-79.

Asp. FZ RN Horácio José Fernandes Luz com D. Diamantina Maria Relvas Viegas, em 24-2-79.

1.º-sarg. TF Artur Teixeira com D. Ana Gonçalves Fernandes, em 1-2-79.

56766/Cabo FZH Manuel Oliveira Nascimento com D. Maria Custódia Sobral, em 3-2-79.

183172/1.º-mar. A José Gonçalves Carvalhosa com D. Maria do Carmo Torrão, em 3-2-79.

204773/1.º-mar. AP José Manuel de Matos Neves com D. Maria da Luz Lopes Matias, em 10-2-79.

284873/1.º-mar. SE Jorge Manuel Raposo das Neves com D. Regina Maria Contente de Freitas, em 22-2-79.

326373/1.º-mar. FZV Manuel de Sousa Pereira com D. Maria dos Anjos Batalha de Almeida, em 3-3-79.

118074/1.º-mar. CM Júlio José Rocha de Campos com D. Maria João Bentes Branco, em 16-2-79.

140174/2.º-gr. SE António João Neves Madeira com D. Maria Lucinda Manaia e Cunha, em 17-2-79.

106877/2.º-gr. Manuel Isaías Moreira de Azevedo com D. Maria Silvina Rodrigues Guedes, em 17-2-79.

177578/2.º-gr. Nélio Mendes Viegas com D. Maria Juvenália Pires Loureiro, em 3-2-79.

269578/2.º-gr. L José Carlos de Sousa com D. Maria Fernanda Frazão Pereira, em 3-2-79.

PASSAGENS À RESERVA/ /APOSENTAÇÕES

C/alm. ECN Luís Vitorino Pinto Vilela, em 14-9-78.

Cap.-m.-g. Martinho Reis Madeira, em 7-12-78.

Cap.-m.-g. Silvano Ribeiro, em 31-10-78.

1.º-ten. SG Manuel Domingues, em 7-12-78.

1.º-ten. SG Joaquim Adelino Ferraz, em 16-11-78.

1.º-ten. SG António Francisco Abrantes, em 8-3-79.

Sarg.-aj. H João Ferreira, em 6-3-79.

Sarg.-aj. SE Manuel Luís da Silva Parra, em 31-1-79.

Sarg.-aj. AP José Martins de Pinho, em 31-1-79.

Sarg.-aj. L João Francisco Correia, em 20-1-79.

Sarg.-aj. A António Martins, em 30-1-79.

1.º-sarg. CE Manuel Dinis, em 31-1-79.

1.º-sarg. A Domingos Rodrigo Bexiga, em 31-1-79.

1.º-sarg. CE Joaquim Vieira Teixeira, em 31-1-79.

118844/Cabo CM José Joaquim Rualde, em 20-1-79.

133545/Cabo CM Adriano António Custódio, em 30-1-79.

49558/Cabo FZ Olegário Domingos de Sousa, em 30-1-79.

959463/Cabo FZ Ângelo Manuel Martins Marques, em 28-2-79.

Cabo-de-mar de 1.ª cl. Joaquim Vieira Roque, em 31-3-79.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o

falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

Cap.-frag. RF Joaquim Frederico do Passo Maldonado, em 31-3-79.

179668/Cabo A José Pereira Silvestre da Silva, em 4-3-79.

Cabo-de-mar de 1.ª cl., aposentado, Manuel Gomes Rodrigues, em 24-3-79.

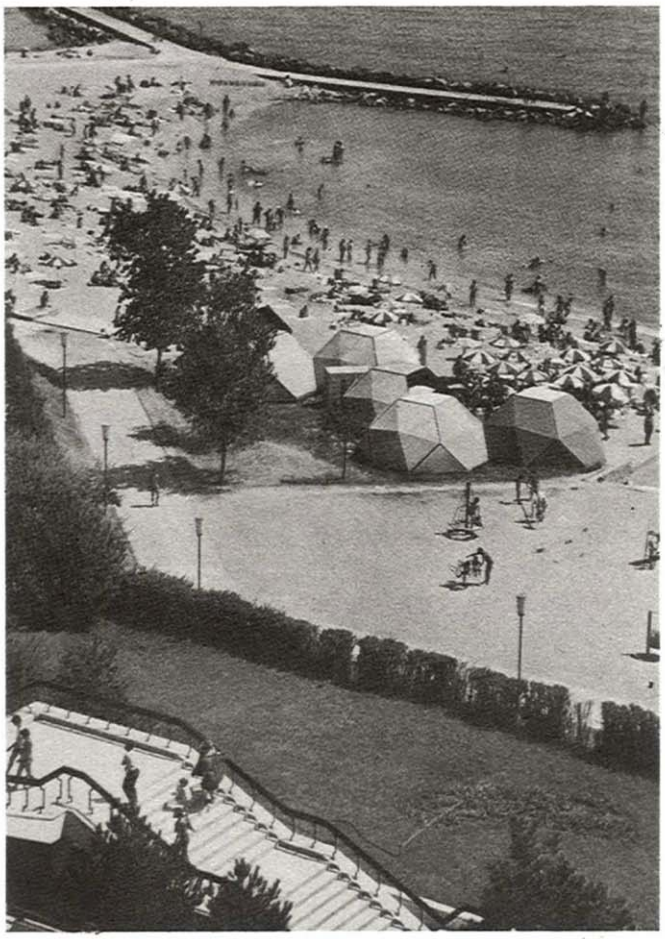
Acudam às nossas belas praias

Pessoa amiga, muito ligada à Marinha, acabando de regressar de uma excursão ao estrangeiro no Verão passado, contou-me que, tendo pernoitado num hotel à beira-mar, observou que todos os dias, manhã cedo, as praias eram limpas com meios mecânicos adequados.
E, ingenuamente perguntou: "porque é que cá não se faz o mesmo?!"
Sem querer, essa pessoa levantou um problema sério, que já abordámos ao de leve, e vamos agora aprofundar.

Longe vai o tempo em que as pessoas iam para a praia descansar e refazer a saúde, abalada pelo trabalho em recintos de *ventilação artificial.*
Dava gosto correr e saltar na imensidade dos areais, tomar um banho nas águas limpas do mar, encher os pulmões de ar puro do largo, tostar a pele aos raios dourados do Sol, ver as gaivotas evoluir no azul sereno do céu, observar os pescadores na sua dura faina...
Hoje, tudo isso não passa de um sonho, cada vez mais distante. As praias, as nossas em especial, são agora um estendal de porcaria, onde multidões buscam uma coisa que quase desapareceu da face da Terra — o sossego.
A poluição e o lixo vêm de todos os lados. Do mar, através de óleos e demais produtos lançados à água pelos navios que navegam junto à costa; de terra, através de imundícies de toda a ordem, levada na água dos rios, ou deixada pelas pessoas.

Espaço para um bom banho de sol?! A gente é tanta que, cada vez é mais difícil consegui-lo.
Um refrescante e sadio banho de mar?! A sujidade que flutua ou está dissolvida na água é tanta que, só em locais privilegiados é possível.
Os próprios peixes e aves marinhas estão a fugir da costa, em demanda de *melhores ares,* para não morrerem intoxicados.

Quanto à poluição que vem do mar, estão os governos dos Estados ribeirinhos empenhados em a combater e



Nesta praia, a tal de que nos falaram, no estrangeiro, não há... um papel no chão! Nas nossas, que diferença, há todo o género de porcaria!

encontrarão certamente maneira de a reduzir a níveis aceitáveis, mas, a de terra... essa merece mais um pouco de conversa!

Pondo de parte a poluição causada pelos navios, pelos esgotos urbanos e pelos resíduos das fábricas (alguns de tal maneira tóxicos que *mataram* a vida em certos rios)

que, de momento, é impossível eliminar, resta-nos a poluição devida à falta do civismo e ao desleixo das gentes, essa sim, susceptível de acabarmos com ela.
As medidas estão tomadas e são acertadas, só que... poucos as cumprem. Para que se saiba a quem pedir responsabilidades (que há tendência para assacar à Marinha) publicamos as normas em vigor:
Despacho Ministerial n.º 75, de 14 de Junho de 1972:

"Com a concordância de Suas Excelências os Senhores Ministro do Interior, Ministro das Comunicações, Ministro da Economia e Secretário de Estado de Informação e Turismo, estabeleço as seguintes normas sobre a limpeza das praias:

"1. A limpeza das praias e áreas adjacentes compete:
"a) Nas áreas concessionadas — aos respectivos concessionários;
"b) Nas áreas das praias não concessionadas — às Câmaras Municipais dos respectivos Concelhos;
"c) Nas arribas — à Direcção-Geral dos Portos;
"d) Nas matas adjacentes — à Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas;
"e) Nos túneis de acesso às praias — às Câmaras Municipais dos respectivos Concelhos;
"2. O lixo proveniente da limpeza das praias deve ser reunido nos locais que foram definidos pela autoridade marítima de acordo com a Câmara Municipal do respectivo Concelho.
"3. A remoção do lixo referido no número anterior compete à respectiva Câmara Municipal.
"4. Compete à autoridade marítima:
"a) Fiscalizar o cumprimento pelos concessionários das praias, das obrigações que lhes pertencem nos termos do disposto nos números anteriores;
"b) Informar as Câmaras Municipais, a Direcção-Geral dos Portos e a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, das deficiências que verifique no cumprimento das obrigações que nos termos dos números anteriores pertencem aos serviços dos mesmos organismos.
"5. Das informações a que se refere a alínea b) do número anterior serão enviadas cópias, para conhecimento, à Secretaria de Estado da Informação e Turismo e à Intendência das Capitanias.
"6. Imediatamente antes do início da época balnear, as autoridades marítimas providenciarão junto das Câmaras Municipais para que se proceda a uma limpeza geral, tanto quanto possível com meios mecânicos.
"7. Nas zonas de turismo que não sejam administradas pelas Câmaras Municipais, a limpeza a que se referem as alíneas b) e e) do n.º 1 deverá ser comparticipada pelo respectivo órgão local — Comissão Regional ou Junta de Turismo.
"8. Nos casos em que o serviço da limpeza compete a concessionário, poderá a entidade que administra a zona de turismo contribuir com o fornecimento do material respectivo quando a autoridade marítima o julgue justificado em face das condições económicas da exploração.
"9. Sempre que a limpeza das praias a que se refere o presente despacho envolva o emprego de meios mecânicos especiais que possam afectar a sua morfologia e/ou estabilidade, carece a sua execução de prévia autorização da Direcção-Geral dos Portos."

Para sabermos como estas normas (não) estão a ser observadas, contactámos as dezanove Capitanias do país, tendo obtido informações que podemos assim resumir:

MEIOS MECÂNICOS PARA LIMPEZA DE PRAIAS — apenas a Câmara Municipal da Figueira da Foz e a Comissão Regional de Turismo do Algarve os possuem. A primeira, além de os empregar na sua área, tem cedido, por empréstimo, a máquina para limpeza das praias da área do Porto e da Costa de Caparica; a segunda, segundo notícias dos jornais, acaba de os adquirir e vai empregá-los em breve. A Comissão de Turismo de Setúbal, na falta de meios próprios, tem alugado máquinas adaptadas para limpar as suas praias.
É mais que evidente que isto, para os 850 quilómetros de praias com que a Providência nos fadou, é mais que insuficiente. São precisas mais máquinas, e há que fazer tudo para as conseguir.

O sonho...

LIMPEZA DE ARRIBAS, DE TÚNEIS DE ACESSO, DE ÁREAS ADJACENTES E DE MATAS CONFINANTES — a Câmara Municipal de Cascais tem contratado dois homens para limpar as arribas, a de Peniche tem feito umas *limpezazitas,* de vez em quando e... mais nada! Parece impossível mas é verdade, ninguém se preocupa com o assunto.
Os concessionários de estabelecimentos de banhos, esses como estão sob alçada directa das autoridades marítimas, não têm remédio e... limpam mesmo. Queixam-se, no entanto, que têm encargos enormes e por isso não podem fazer melhor do que fazem.

Não queremos levantar polémicas nem criticar quem quer que seja. Todos terão certamente as suas razões. Queremos apenas afirmar que, no nosso entender, isto não pode continuar. Somos ou não um país interessado no turismo? Somos ou não um povo civilizado e limpo? Somos testemunhas dos vãos esforços dos capitães dos portos para conseguir ter as praias limpas e em condições de receber condignamente os que a elas acorrem. Não se lhes assaquem responsabilidades que não têm.

A verdade é que, de ano para ano, a porcaria nas praias aumenta, os veraneantes são cada vez mais e... cada vez menos interessados em não sujar.

O problema é de nível nacional e merece o esforço de todos para ser resolvido. Que cada uma das entidades responsáveis cumpra o que está estabelecido e que os utentes se convençam que a praia não é só deles e, se não ajuda a limpar, ao menos que evite sujar!

As Forças Armadas bem podiam dar uma ajuda, não só nas praias mas em todos os locais turísticos, fazendo uma *limpeza geral,* imediatamente antes e depois da época turística.

Vamos a isso?

M. do Vale
C/alm.

A realidade...

Saibam Todos

Que os beneficiários-titulares que tenham ascendentes ou equiparados inscritos na ADMA devem, de harmonia com o estabelecido, enviar ou entregar os respectivos cartões na 5.ª Repartição da D.S.P. ("Bem-Estar"), para renovação, devendo para o efeito apresentar os seguintes documentos:

— atestado da junta de freguesia comprovativo de que o ascendente ou equiparado não tem rendimentos iguais ou superiores a 1400$00 ou a 2800$00 tratando-se de um casal;
— declaração do beneficiário-titular, visada pelo comando ou chefia em que presta serviço, de que o ascendente está a seu exclusivo cargo, que este renuncia a quaisquer direitos a assistência médica e medicamentosa de qualquer outra instituição para além da ADMA, e que se compromete a comunicar qualquer alteração que se verifique na sua situação.

Que os cartões daqueles ascendentes ou equiparados têm a validade de dois anos.

Que as filhas maiores, solteiras, de beneficiários-titulares da ADMA (sem direito a abono de família), e a seu exclusivo cargo, para efeitos de inscrição necessitam de apresentar os seguintes documentos:

— atestado da junta de freguesia comprovativo de que vive a exclusivo cargo do beneficiário-titular, que não estão empregadas nem possuem qualquer rendimento;
— declaração do beneficiário-titular, visada pelo comando ou chefia em que presta serviço, de que a filha está a seu exclusivo cargo e que se compromete a comunicar qualquer alteração que se verifique na sua situação.

Que a Residencial Flamenga, do Funchal, proporciona aos beneficiários (e familiares) dos Serviços Sociais das Forças Armadas (SSFA) preços especiais, no período de 18 de Abril a 10 de Julho do ano corrente, nos seus serviços.

Que a tabela de preços para alojamento, no período referido, com reserva feita com antecedência de uma semana, é a seguinte:

Diária com pequeno almoço, em quartos:

— Simples ..... 260$00
— Duplo ..... 405$00
— Triplo ..... 595$00

Que as reservas confirmadas com um mês de antecedência terão um desconto suplementar de 14%.

Que a confirmação de reserva é feita mediante o pagamento de 10% do valor total da hospedagem.

Que os hóspedes beneficiários terão um desconto no restaurante (12% do valor da refeição).

Que a gerência daquela residencial pode conceder descontos especiais nos serviços de alojamento, restaurante e *Rent a Car*.

Que outras informações deverão ser pedidas àquela residencial.

Numismática e Medalhística

MOEDAS PORTUGUESAS DA REPÚBLICA — XIII

Terminámos no último número a descrição das moedas que se cunharam em Portugal no período de 1910/1978.

De acordo com os nossos planos, resolvemos dedicar este número ao resumo final do estudo feito. Assim, pela simples consulta do quadro resumo que elaborámos, poderá o leitor colher informações sobre qualquer numisma que possua do período republicano.

Caso deseje informações complementares, aconselhamos a consulta dos artigos elaborados e já publicados.

QUADRO-RESUMO DAS MOEDAS PORTUGUESAS CUNHADAS NO PERÍODO DE 1910/1978

VALOR FACIAL	CUNHAGEM		METAIS	DATAS MAIS COTADAS	OBSERVAÇÕES
	INICIO	FIM			
$01	1917	1922	BR	1921 e 1922	4 a 6 exemplares conhecidos datados de 1922
$02	1918	1921	BR e FE	1918 (ferro) e 1921	
$04	1917	1919	CN		
$05	1920	1927	BR	1920 e 1922	
$10	1915		AR, CN, BR, AL	1930, 1938, 1969 e 1970	
$20	1913		AR, CN, BR	1913 e 1922	Desde 1974 que não se cunham os $20
$50	1912		AR, BR, BR-AL, ALP	1924 e 1925	
1$00	1910		AR, BR-AL, ALP, BR	1910, 1915, 1916, 1926 e 1935	O escudo com. do 5 Out. 1910 foi cunhado em 1914!
2$50	1932		AR CN	1932, 1933, 1937 e 1948	
5$00	1920		AU AR CN	1920, 1932 e 1937	Da moeda de ouro de 1920 conhecem-se 2 exemplares
10$00	1928		AR CN	1928, 1937, 1942, 1948 e 1960	
20$00	1953		AR	1960	Moedas comemorativas
25$00	1977		CN		
50$00	1968		AR	1969 e 1971	Moedas comemorativas
100$00	1974		AR		Moedas comemorativas. Postas em circulação em 1977. Houve emissão PROOF.
250$00	1974		AR		

AU — ouro; AR — prata; CN — cuproníquel; BR — bronze; ALP — alpaca; AL — alumínio; FE — ferro.

AFAC

Marino Fran

o sábio o e o m

Marino Miguel Franzini foi, como se verá, um sábio e político. Viveu entre os séculos XVIII e XIX. Como oficial da Marinha de Guerra portuguesa foi pouco conhecido, tanto mais que a sua passagem activa pela mesma, foi efémera. De descendência italiana, nasceu em Lisboa, a 12 de Janeiro de 1779. Seus pais foram, o professor italiano de matemática, dr. Miguel Franzini e a portuguesa Faustina Paula Franzini.

O dr. Miguel Franzini veio para Portugal, convidado pelo marquês de Pombal, para lente da Faculdade de Matemática, aquando da reforma da Universidade de Coimbra em 1772. Devido à sua grande cultura, foi depois escolhido para mestre dos príncipes D. José e D. João, o qual reinou após o falecimento de D. Maria I.

Marino Miguel Franzini, jovem dotado de privilegiada inteligência, tirou o curso completo de matemática. Estudou a sua aplicação nos diferentes ramos da ciência militar e marítima, o que influenciou de forma notável o seu desenvolvimento científico. Dedicou-se ainda ao estudo de engenharia.

Terminados os estudos, requereu o seu ingresso na Marinha de Guerra, o que lhe foi concedido por decreto de 23 de Julho de 1798, tendo-lhe sido atribuída a patente de primeiro-tenente, por ter *em atenção aos seus grandes estudos, e conhecimentos theoricos e praticos.*

Embarcou pela primeira vez na nau "Vasco da Gama", passando depois, em 19 de Agosto de 1800, a fazer parte da guarnição da fragata "Cisne".

Durante os cruzeiros que efectuou, aproveitou o tempo que a árdua vida marítima lhe deixava livre, dedicando-se com aplicação e entusiasmo ao estudo da meteorologia, fazendo toda a espécie de observações e de hidrografia, levantando as mais diversas cartas hidrográficas, acumulando, desta forma, muito material e riqueza científica, com os quais, através da sua longa existência, muito contribuiu para honrar o país e a ciência portuguesa.

Anos depois, precisamente em 13 de Maio de 1802, foi promovido, mercê de um decreto real, a capitão-tenente da Armada Real.

Contudo, pouco tempo depois, após a aludida promoção, requereu a sua transferência para o Exército, o que lhe foi concedido em 6 de Junho de 1803, ficando com a patente de major do Real Corpo de Engenheiros.

Aproveitando os grandes conhecimentos que tinha de hidrografia e de topografia, foi nomeado em 1 de Julho de 1807, encarregado do Arquivo Militar, ficando deste modo dispensado do serviço militar activo, mas com o encargo de estudar as cartas hidrográficas de todo o litoral da costa portuguesa.

Marino Miguel Franzini

Deu-se entretanto um facto histórico de grande importância. O imperador Napoleão Bonaparte, ordenava em 1807, a invasão de Portugal por um exército, comandado pelo general Junot que, depois de tomar Lisboa, mandou dissolver o Exército português. Em seu lugar, foi organizada a Legião Portuguesa, tendo Franzini sido incorporado nela e destacado para fazer parte do estado-maior, indo ocupar, devido à sua patente de major e aos seus grandes méritos, o cargo de subchefe.

Recebida ordem de partida para França, a Legião Portuguesa, sob o comando do general Gomes Freire de Andrade, tomou o caminho dos Pirinéus. Contudo, como bom português que era, Franzini não aceitou de bom gra-

Miguel
nzini
político
ilitar

do servir os invasores da sua pátria, e logo que a Legião chegou a essas montanhas conseguiu, acompanhado de alguns compatriotas, abandoná-la, refugiando-se em Saragoça, para cuja defesa muito contribuiu não só com a sua coragem de combatente, como também com o seu saber de táctica militar.

Quando regressou a Portugal, requereu o seu regresso à Marinha de Guerra, o qual lhe foi deferido por portaria do Rio de Janeiro, de 16 de Junho de 1813, concedendo ainda a promoção ao posto de tenente-coronel agregado à Brigada Real da Marinha para assim, segundo a portaria, *melhor poder prosseguir nos trabalhos da Carta Geografica do Reino, de que está incumbido.*

FRANZINI E A POLÍTICA

Franzini era convictamente, por índole e educação, um liberal, tendo tomado parte activa na revolução de 1820.

Dedicando-se à política, foi eleito deputado liberal pela província da Estremadura às Cortes Gerais Constituintes de 1821 e 1837 e nas legislaturas de 1822, 1834 e 1837, onde teve acção parlamentar de relevo.

Merece o devido destaque, a actuação que teve no sentido de se promover a incompatibilidade de empregos públicos, de modo a haver melhor distribuição desses empregos e, portanto, melhor justiça e equilíbrio sociais.

Fez parte das comissões parlamentares da Estatística, da Marinha, da reforma do Estado-Maior, etc.

Foi ministro da Fazenda em dois governos presididos pelo duque de Saldanha. No primeiro, desde 22 de Agosto a 29 de Dezembro de 1847. Quando pediu a demissão, a rainha D. Maria II, tendo em atenção os bons serviços prestados, concedeu-lhe as honras de ministro e secretário de Estado, honorário. No segundo governo, nomeado em 1 de Maio de 1851, desempenhou, interinamente, o cargo de ministro da Justiça, pasta que deixou em 22 do mesmo mês, e o de ministro da Fazenda, de que se demitiu em 5 de Agosto do mesmo ano, por não concordar com violências e espoliações políticas.

Em 28 de Março de 1844, foi publicado um decreto de D. Maria II concedendo-lhe o título de conselheiro de Estado. Finalmente, em 17 de Maio de 1861, o rei D. Pedro V, tendo em consideração os grandes merecimentos e qualidades de Franzini, nomeou-o par do reino.

FRANZINI E A CIÊNCIA

Embora absorvido durante alguns anos pela actividade parlamentar e ministerial, Franzini nunca deixou de fazer as observações meteorológicas, nem abandonou a hidrografia e a topografia.

À sua custa, estabeleceu, na sua residência, um pequeno observatório, apetrechado com os necessários instrumentos, no qual observava diariamente e em horas determinadas, a temperatura exterior do ar, a pressão barométrica, o estado da atmosfera, a quantidade de chuva caída, a direcção e força dos ventos dominantes, etc., etc.

Estas observações foram realizadas, sem interrupção, de 1816 a 1826. Depois, foram retomadas em 1835 e terminadas de vez em 1858, isto em virtude da criação do Observatório Infante D. Luís, na Escola Politécnica.

Publicou nos anos de 1856 e 1857, mapas estatísticos do movimento necrológico de Lisboa e concelho de Belém, estudos que na época foram considerados de grande utilidade, tanto mais que a cidade estava sendo devastada pelas epidemias de cólera-morbus e febre amarela.

Na hidrografia, levantou inúmeras cartas e foi autor da importante carta marítima da costa de Portugal, à qual juntou um circunstanciado e descritivo roteiro. Esta foi adoptada não só pelas marinhas de Guerra e Mercante portuguesas, como também pela Marinha de Guerra inglesa, tendo sido durante muitos anos considerada pelo Almirantado inglês como carta oficial.

Este valioso trabalho foi muito apreciado na Europa, merecendo louvores das Academias de Ciências de Portugal e da França. Também o duque de Richelieu agradeceu, em nome do rei da França, a oferta da aludida carta hidrográfica e informando de que havia sido enviado imediatamente aquele precioso trabalho ao ministro da Marinha.

Também fez parte e dirigiu a comissão encarregada de organizar a carta topográfica da península ao sul do Tejo.

Em 1814, compilou e depois publicou as "Instruções Estatísticas", obra de muito interesse para a história económica portuguesa dessa época.

Com a criação da Comissão Permanente de Estatística e Cadastro do Reino, Franzini foi nomeado seu presidente.

Ingressou na Academia Real das Ciências de Lisboa, como sócio correspondente, em 1804, passando a sócio substituto em 2 de Abril de 1815, e finalmente, a sócio efectivo em 27 de Outubro de 1821.
Desempenhou, eventualmente, os lugares de secretário em 3 de Agosto de 1818 e tesoureiro em 15 de Janeiro de 1831.
Foi presidente da classe de Ciências Exactas, de que se demitiu em 10 de Março de 1852. Presidiu à comissão nomeada pela Academia, em 1852, para estudar o projecto de substituir, nos novos estudos, as secções de classes, e ainda, à comissão destinada a propor a reforma e melhoramentos do Jardim Botânico da Ajuda.
Foi também membro da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica de Lisboa.
Não podemos deixar de destacar uma polémica que, por vezes, se tormou deveras agreste. Deu-se o facto em 1850, quando Franzini publicou um artigo intitulado "Notícias acerca dos trabalhos da Comissão Geodésica dirigida por Mr. Charles Bonnet, nas suas explorações à província do Alentejo em 1849", no qual fazia diversas considerações aos trabalhos da comissão presidida por Filipe Folque, também membro da Academia das Ciências, encarregada da confecção do mapa geodésico e cadastral de Portugal. Assim, Folque considerou-se ofendido pelas apreciações de Franzini e replicou com vivacidade e azedume.
Foi uma polémica que apaixonou os meios científicos da época.

CORDOARIA NACIONAL

Por portaria dos governadores do Reino, de 26 de Maio de 1818, Franzini era escolhido para substituir o almirante Pedro de Mariz de Sousa Sarmento que, devido à sua promoção a almirante, tinha sido exonerado do cargo de inspector da Cordoaria Nacional. A referida portaria foi confirmada por um decreto publicado na Corte do Rio de Janeiro, em 22 de Janeiro de 1820, no qual ainda se promovia Franzini a coronel graduado da Brigada Real da Marinha.
Todavia, com o advento do regime absoluto, um decreto de D. Miguel, de 9 de Setembro de 1831, demitia Franzini do cargo de inspector da Cordoaria Nacional, alegando para tal *justos motivos*...
Mas, após o derrubamento do absolutismo e restaurado em Portugal o regime liberal, era publicada uma portaria, em 26 de Agosto de 1833, em que se *determina a entrega formal do estabelecimento dessa Real Cordoaria ao coronel graduado da Brigada Real da Marinha, Marino Miguel Franzini, por estar nas circunstâncias de voltar ao seu exercício de inspector, de que havia sido esbulhado pelo governo intruso.*
Durante os 35 anos em que esteve à frente da direcção da Cordoaria Nacional, Franzini realizou, sem contestação possível, uma obra de grande merecimento. Deixou alguns interessantes e elucidativos relatórios anuais, com relevo para o de 1821. É um importante documento, não só sobre o funcionamento de todas as secções da Cordoaria como, também, referente aos estabelecimentos de beneficência e de reclusão que lhe estavam anexos, dentro do próprio edifício.

Em consequência de ter sido nomeado vogal efectivo do Supremo Conselho de Justiça Militar (Secção de Marinha), Franzini foi, em 25 de Abril de 1855, exonerado de inspector da Cordoaria Nacional.

COMISSÕES DIVERSAS

Durante a sua vida, Marino Miguel Franzini fez parte de inúmeras comissões para tratar dos mais variados assuntos. Deste modo, vamos indicar algumas dessas comissões:

Destinada a examinar o estado do Arsenal da Marinha e suas dependências e propor os melhoramentos que julgar necessários (10 de Maio de 1820); para estudar a redacção da parte fabril das Ordenanças Navais (5 de Maio de 1825); para propor o destino a dar aos edifícios públicos da capital, incorporados nos bens nacionais (30 de Setembro de 1835); para auxiliar o Conselho da Escola Politécnica na escolha de um lente (11 de Julho de 1832); para examinar as informações sobre a arqueação dos navios (21 de Janeiro de 1839); para reforma e unificação de pesos e medidas em uso no Reino (4 de Outubro de 1840); para propor as providências para melhorar as vias de comunicação fluvial e um projecto para tal fim (22 de Abril de 1844), etc., etc.

TRABALHO LITERÁRIO

O conselheiro Franzini deixou vasta colaboração em revistas e jornais da época, com artigos sobre os mais variados temas.

Publicou entre outras obras, o seguinte: "Carta marítima da costa de Portugal, com roteiro" (1813); "Instruções Estatísticas" (1814); "Reflexões sobre o actual regulamento do Exército português, com um projecto de plano de reorganização" (1820); "Observações meteorológicas, feitas na cidade de Lisboa em 1816-1817" (1818); "Relação da viagem aerostática" (1819); "Conta de receita e despesa da Cordoaria Nacional, e dos estabelecimentos de beneficência e reclusão, de 1820" (1821); "Ensaio sobre o orçamento da dívida pública do Tesouro do Reino de Portugal no ano de 1826, e reflexões sobre o deficit e a dívida existente" (1827); "Considerações àcerca da renda total da nação portuguesa e sua distribuição por classes" (1843); "Reflexões àcerca dos prejuízos que resultariam ao Tesouro, e a seus credores, se fossem alteradas as disposições do decreto de 9 de Dezembro de 1847, que fixou o valor das notas do Banco de Lisboa" (1848); "Apreciações à Memória apresentada à Academia Real das Ciências pelo eng.º Bonnet, sobre explorações científicas feitas no Algarve" (1849); "Notícia àcerca dos trabalhos da Comissão Geológica, dirigida por Mr. Charles Bonnet, na província do Alentejo em 1849" (1850); "Breves reflexões sobre o folheto do sr. Filipe Folque, que tem por título *Trabalhos geodésicos e topográficos do Reino* (1850); "Notícias estatísticas sobre a extensão e população de Portugal e ilhas do Oceano Atlântico" (1856), etc.

CARREIRA MILITAR

As promoções que Marino Miguel Franzini obteve, tanto na Marinha, como no Exército, foram as seguintes: 1.º-tenente de Marinha, 23-7-1798; capitão-tenente, 13-7-1802; major do Corpo Real de Engenheiros, 6-6-1803; tenente-coronel, agregado à Brigada Real da Marinha, 16-6-1813; coronel graduado da Brigada Real da Marinha, 22-1-1820; coronel efectivo da mesma Brigada, 12-1-1841, e brigadeiro da Brigada Real da Marinha, 17-5-1851.

O conselheiro brigadeiro Marino Miguel Franzini, conforme deixámos antever, através deste esboço biográfico, era um homem de grande actividade, cuja acção contribuiu para que tivesse, durante a sua vida, prestado um bom serviço ao seu país. Era um sábio muito erudito em todos os ramos da ciência, como o demonstram, sem dúvida, os numerosos escritos que deixou e, também, um investigador de muito merecimento como, por exemplo, no ramo da estatística.

A sua passagem pela política, foi relevante e proveitosa para o país. No governo, desempenhou por duas vezes, embora de maneira fugaz, mas com grande aprumo, o cargo de ministro da Fazenda. Contudo, como geralmente sucede, a sua acção governativa e parlamentar teve adversários e detractores.

Era condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis e da comenda de gran-cruz da Ordem de Cristo.

Faleceu em Lisboa, a 29 de Novembro de 1861, com a avançada idade de 82 anos, sendo o seu cadáver embalsamado.

O governo prestou, devido à sua elevada categoria, a homenagem a que tinha direito. Assim, o préstimo foi acompanhado por um esquadrão de lanceiros, composto de 60 cavaleiros. No cemitério dos Prazeres encontravam-se duas brigadas de infantaria e três baterias de artilharia que deram as descargas do estilo.

Quando há anos procurámos no cemitério dos Prazeres o jazigo n.º 235, onde os restos mortais de Franzini foram depositados, não o encontrámos. Depois de termos feito a necessária investigação, soubemos que o caixão tinha sido metido no jazigo n.º 5087.

Porquê tal transferência? Talvez por se ter extinguido, segundo julgamos, a família Franzini, e portanto, o abandono a que foi votado o cadáver embalsamado de tão ilustre cidadão.

Por simples curiosidade, informamos que o conselheiro Franzini teve um descendente, de nome Mariano Miguel Franzini, nascido em 8 de Março de 1839. Foi general do Exército português e desempenhou o cargo de ministro da Guerra, em 9 de Novembro de 1889.

José Mártires dos Santos
1.º oficial aposentado do QPCM

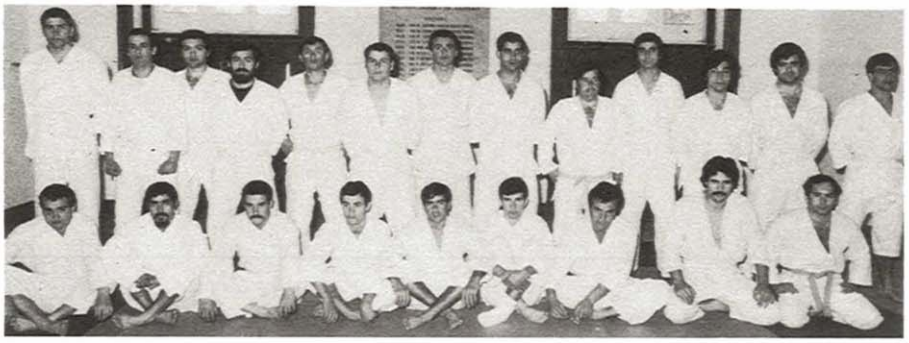
—

Bibliografia: Documentação existente nos Arquivos da Cordoaria Nacional, Arquivo Geral da Marinha, Arquivo Histórico Militar, Arquivo Histórico Ultramarino, Biblioteca da Academia das Ciências, Biblioteca da Assembleia da República, Biblioteca da Imprensa Nacional e Biblioteca Nacional de Lisboa.

Desportos

ATLETISMO FEDERADO

Em Março último, na Figueira da Foz, disputou-se o Campeonato Nacional de Corta-Mato, a que concorreu a equipa do Centro de Educação Física da Armada que se classificou na 5.ª posição, após as equipas do Sporting, Porto, Benfica e Académico de Viseu.



Judocas que participaram no Torneio de Inverno.

JUDO

No dia 14 de Março findo, na Escola Naval, realizou-se o Torneio de Inverno de Judo, cuja organização pertenceu à Direcção do Serviço de Educação Física.

Classificações:

Mais de 71 kg:
1.º — Mar. FZ Carapiço (Escola de Fuzileiros)
2.º — Cad. FZ RN Brito (Escola de Fuzileiros)
3.os — Cad. FZ RN Sá (Escola de Fuzileiros)
— Madeira (Arsenal do Alfeite).

Menos de 71 kg:
1.º — Mar. FZM Baptista (Escola de Fuzileiros)
2.º — Mar. FZM Castro (Escola de Fuzileiros)
3.º — Mar. FZ Caldeira (Escola de Fuzileiros)

Menos de 65 kg:
1.º — Palmeirão (Arsenal do Alfeite)
2.º — Mar. SFZM Oliveira (D.S.E.F.)
3.º — Mar. FZ Costa (Esc. Fuzileiros).

(Colaboração da D.S.E.F.)

ACTIVIDADES DA ESCOLA DE FUZILEIROS

Os judocas melhor classificados nos dois escalões.

Com a participação de 56 concorrentes, alunos do Curso de Oficiais da Reserva Naval e do Curso Técnico Complementar, realizou-se, em Março findo, o 1.º Torneio de Judo da Escola de Fuzileiros.

Os judocas inscritos foram divididos em dois escalões (até 71 kg e mais de 71 kg). No decorrer do torneio, verificaram-se momentos de grande animação e entusiasmo, tendo-se assistido a alguns combates de bom nível técnico.

Classificações:

Escalão até 71 kg:

1.º — Mar. FZ Pinto
2.º — Mar. FZ Costa
3.º — Mar. FZ Castro
— Mar. FZ Ribeiro.

A equipa do Serviço de Educação Física, vencedora do torneio.

Escalão mais de 71 kg:

1.º — Cad. FZ RN Teixeira
2.º — Mar. FZ Corga
3.º — Cad. FZ RN Brito
— Cad. FZ RN Milheiro.

Também em Março, com a participação de 14 equipas representativas dos diversos serviços da unidade, se efectuou o Torneio de Futebol de Cinco daquela Escola.

Classificação:

1.º — Serviço de Educação Física.
2.º — Instrução Militar Básica.
3.º — Instrução Técnica Básica.

(Colaboração da Escola de Fuzileiros)

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Nova série portuguesa foi posta em circulação no passado dia 14 de Março, inserida numa campanha contra a poluição sonora que, em nosso entender, deve merecer a maior difusão e atenção. Trata-se efectivamente de um assunto muito actual e grave, a exigir uma rápida sensibilização dos povos, capaz de impedir que prossiga o autêntico flagelo que é o exagerado número de ruídos que por todos os lados nos atormentam.

Se temos que admitir que em muitos casos a poluição sonora é um dos frutos da moderna tecnologia, não é menos certo que, noutros resulta de descuido e falta de civismo que urge combater.

Por tudo isto, além de oportuna, consideramos muito feliz a emissão destes selos que, como se pode apreciar na reprodução que apresentamos, embora de forma estilizada, mostra algumas das causas que mais contribuem para a poluição sonora, sendo evidente que muitas delas podem ser, se não totalmente eliminadas, pelo menos, consideravelmente reduzidas.

Naturalmente, muitas outras podiam ser referidas mas, e para já, todos beneficiaríamos imenso se pelo menos estas fossem atenuadas, para o que, com um pouco de boa vontade, todos podemos contribuir.

CONVERSANDO SOBRE F.D.C.'s

Escrevemos aqui, em tempos, que com estas iniciais, são conhecidos em todo o mundo filatélico, os sobrescritos emitidos para comemorar o início de circulação de novas séries postais.

A propósito do que então dissemos sobre o 1.º F.D.C. emitido em Portugal — o que em 1950 acompanhou a série "Ano Santo — Homenagem a Nossa Senhora de Fátima" — escreveu-nos um amigo que muito prezamos que, como filatelista estudioso e sabedor, nos diz ter visto num catálogo anterior a essa série, a citação da existência em Portugal de outros sobrescritos comemorativos do 1.º Dia de Circulação.

A observação é pertinente, e a ela respondemos informando que o catálogo erra ao dar essa indicação.

Com efeito, estas peças filatélicas que pela primeira vez apareceram nos Estados Unidos da América em 1925, caracterizam-se por três princípios basilares que são: o sobrescrito ser emitido pela respectiva Administração Postal, a existência de um carimbo comemorativo especialmente preparado para ser utilizado no dia da entrada em circulação da nova série e ainda a apresentação no sobrescrito de todos os selos na nova série obliterados pelo citado carimbo.

Acrescentaremos que está mais ou menos convencionado que são duas as dimensões que os sobrescritos dos F.D.C.'s devem apresentar: a que é utilizada no nosso país, e uma outra, um pouco mais comprida e mais estreita na largura.

Quanto aos sobrescritos referidos no catálogo anterior àquela data, há a notar que não foram emitidos pelos CTT, nem os selos foram obliterados por carimbos especialmente preparados para o efeito.

Assim, para nós, foram apenas habilidades de coleccionadores ou comerciantes que, conhecedores da existência dessas peças, já aceites com muito interesse em outros países, as quiseram introduzir na nossa filatelia.

Esta é, aliás, a opinião de filatelistas muitíssimo mais credenciados do que nós.

TURIPEX 79

Como noticiámos, é já entre os próximos dias 9 a 15 de Junho que a Secção de Coleccionismo do Clube União Portimonense leva a efeito, no Hotel Alvor Praia, de Portimão, a TURIPEX 79, Exposição Filatélica Internacional do tema turismo. A comissão executiva do certame não se tem poupado a esforços no sentido da sua organização atingir a maior projecção e o mais elevado nível.

Nesse sentido, durante o mês de Março, em toda a correspondência expedida daquela cidade algarvia, foi aposta a flâmula que reproduzimos, na verdade uma peça filatélica de inegável interesse. Por outro lado, a Administração dos CTT pôs à sua disposição um carimbo datador para obliteração exclusiva da sua correspondência, decisão que merece ser realçada.

Para assinalar o 1.º dia de utilização

destas marcas postais, a organização editou dois interessantes sobrescritos.

Dado o elevado número de coleccionadores inscritos, alguns deles estrangeiros, é de prever que teremos em Portimão uma exposição a não perder.

Ainda em Portimão, o Núcleo Filatélico da Escola Secundária Poeta António Aleixo e a Secção de Coleccionismo do Clube União Portimonense, com a patrocínio de várias entidades, realiza no salão nobre da Câmara Municipal da cidade, de 1 a 3 de Junho, uma exposição filatélica subordinada ao tema "A Criança".

Temos para nós que é demasiado curto o período de duração desta exposição, já que, inserida no Ano Internacional da Criança, deveria ser aproveitada a oportunidade para dar a conhecer, em especial aos mais jovens estudantes algarvios, todas as potencialidades dos selos postais como fonte de conhecimentos e amizade.

De qualquer modo, há que felicitar e desejar o maior sucesso às entidades organizadoras, pela oportunidade desta realização que se insere, e de forma muito válida, nas celebrações que assinalam o Ano Internacional da Criança.

G. Brandão
2.º-ten. SG

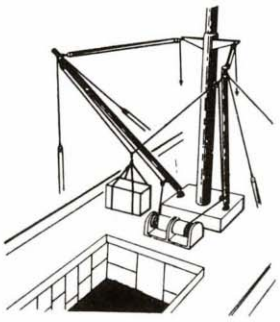
Terminologia Naval

GUARDA-PATRÃO — Tábua à popa da embarcação que serve de encosto ao patrão e às pessoas que vão na bancada de ré.

GUARDA-RATOS — Peça metálica, redonda ou cónica que, colocada nas espias passadas para terra, evita a entrada de ratos a bordo.

GUARDIÃO — Designação atribuída nos antigos navios de vela ao oficial de marinheiros que se seguia ao contramestre; passou, mais tarde, a ser conhecido por ajudante de manobra e depois, por segundo contramestre; as suas funções relacionavam-se com as manobras do convés e aparelho, serviço da amarra e, de uma maneira geral, todo o arranjo do navio.

GUARDIM — Cabo com duas pernadas que aguenta o penol da carangueja para cada um dos bordos. Cada um dos cabos que, passado ao penol de um pau de carga, serve para o manobrar no sentido horizontal; a bordo dos navios mercantes estes cabos são conhecidos por gaios.



GUARNECER — Preparar, aprontar, prover do necessário.

GUARNIÇÃO — Conjunto dos oficiais, sargentos e praças necessário ao desempenho de todas as funções que se desenvolvem a bordo.

GUIA — Cabo passado a qualquer objecto que se encontre a ser içado ou arriado e destinado a dar-lhe a direcção conveniente.

GUIAR — Fazer passar um cabo de manobra pelo local onde deve laborar.

GUIGA — Embarcação de recreio, estreita, comprida e leve, usada em competições de remo.

GUINADA — Desvio da proa para um dos bordos, por efeito das condições do tempo ou por mau governo.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

O inimigo não colaborou

Não foi exactamente uma daquelas "guerras" que o conhecido actor Solnado nos tem proporcionado através da rádio, da televisão e do teatro. Mas quase...

Aconteceu na Madeira, no mês de Outubro do ano de 1961.

Nessa época, alertados pelo assalto ao paquete "Santa Maria", que havia sido levado a efeito em Janeiro desse ano, e pela eclosão, também recente, em Março, dos movimentos subversivos de Angola, os responsáveis pela governação portuguesa, atravessaram um período de sobressalto e de incerteza quanto ao futuro das instituições políticas vigentes. Todos os sintomas, aparentes ou reais, de conspiração em curso para derrubar o regímen, lhes mereciam cuidados especiais e, algumas vezes, exageros nas contra-medidas.

Naturalmente que tal estado de coisas se repercutia nos vários escalões da segurança nacional.

Entre outras, a hipótese de uma sublevação nacional, despoletada a partir de um desembarque de exilados políticos algures no Continente ou nas ilhas Adjacentes, era a que, na altura, se apresentava mais consistente. Realmente, desde há algum tempo que exilados políticos portugueses vinham desenvolvendo, no Norte de África, actividades que, no entender dos nossos serviços de informação, apontavam para uma operação daquele tipo.

Por tais razões e com o objectivo de colaborar na fiscalização da navegação e de interdizer desembarques suspeitos, foi destacado para o arquipélago da Madeira o draga-minas "Pico" e atribuído o seu comando operacional, ao Comando da Defesa Marítima Territorial da Madeira (CDMTM).

Já com o "Pico" nas águas da Madeira, o CDMTM recebeu um "sitrep" (relato de situação), informando que no dia D pelas 20.00 horas, tinham embarcado em Rabat, num barco com cerca de 400 toneladas e 12 nós de velocidade máxima, arvorando a

bandeira marroquina, alguns dos políticos portugueses exilados, e que se admitia a possibilidade de se dirigirem ao arquipélago da Madeira.

Dois dias depois (D+2) pelas 17.00 horas, o CDMTM foi informado de que, a cerca de 4 milhas a Oeste da Ponta do Pargo, havia sido avistado a navegar rumo a Sudoeste, um navio com bandeira e características semelhantes às indicadas no "sitrep" para o navio de Rabat. Foi então que começou a "guerra" que prometemos nas primeiras linhas desta croniqueta naval, durante a qual, ao fim e ao resto, a única vítima foi o "Pico", como veremos.

Para o comandante da Defesa Marítima (CDM), poucas ou nenhumas dúvidas restavam. A estima também o confirmava: tratava-se do navio de Rabat, ou outro que pretendia confundir-se com ele. De qualquer modo, tinha o inimigo nas suas águas e finalmente, depois de 30 anos de carreira militar naval ia ter oportunidade de mostrar os seus talentos tácticos.

Para começar, não cairia no logro de pensar que os "invasores" pretendessem desembarcar na costa Oeste da Madeira, precisamente a menos acessível de todo o arquipélago.

Os movimentos do navio avistado não passavam pois de uma finta, com vista a desviar para o local errado e distante do verdadeiro, os meios de defesa das Ilhas, intencionalmente o "Pico", de cuja presença, em Porto Santo, tinham provavelmente conhecimento.

A ilha de Porto Santo sim, essa oferecia excelentes condições, e seria de certo lá que tentariam o desembarque. Afastar o "Pico" era portanto o objectivo da finta.

Mais algumas congeminações estratégicas e tácticas e o CDM decidiu-se por manter o "Pico" na zona Leste do arquipélago e atribuir-lhe a missão de patrulhar a área marítima triangular compreendida entre as zonas costeiras da ilha de Porto Santo e as Desertas.

Com o "sacrificado" "Pico" em patrulha e o CDM aguardando, impaciente, notícias do inimigo, se passaram a noite e todo o dia seguinte (D+3) até ao escurecer, sem que nada tivesse acontecido.

Finalmente, o grande momento chegou. Cerca das 18.30 horas daquele mesmo dia (D+3), já pela noite adiante, o CDM recebeu a almejada comunicação. Vinha do farol do ilhéu Ferro, situado próximo da ponta Noroeste da ilha de Porto Santo, e dizia:

"Navio suspeito de luzes apagadas aproxima-se da costa".

Cá estão eles, os retornados do exílio, concluiu jubilioso, o CDM. Exactamente no sítio que esperávamos. Acertámos em cheio. Se julgavam que vinham encontrar pela frente um "estratega qualquer" que acreditaria naquela manobrazita de trazer por casa, lá para os lados da Ponta do Pargo, enganaram-se redondamente, como vão ter ocasião de saber!

Assim divagando, o CDM, redigiu de imediato uma mensagem da mais elevada precedência (Y), a ordenar ao "Pico" lhe comunicasse o aprisionamento do navio suspeito e a secretária e, com peito cheio de ar e a cabeça de sonhos, começou a passear de um lado para o outro no seu gabinete, a aguardar que o "Pico", lhe comunicasse o aprisionamento do navio suspeito e a confirmação das suas brilhantes conjecturas estratégicas. E foi no meio de sonhos e de esperanças, num futuro de sucesso e de prestígio, que o CDM recebeu a mensagem esperada. Só que, o seu texto não era bem o que ele ambicionava. Rezava ela, a mensagem:

"Navio suspeito indicado é o *Pico*".

Num repente, se foram os sonhos e também as esperanças. Afinal o "inimigo" era o "amigo". No dia seguinte de manhã (D+4), o "Pico" "deu volta" à patrulha. Terminara a "guerra" nas águas da Madeira. Porém nesta, contrariamente ao habitual nas do Solnado, o "INIMIGO NÃO COLABOROU..."

José da Cruz Moura da Fonseca
V/alm.

Reportagem

"DIÁRIO NÁUTICO DO YACHT AMÉLIA"

O director do Museu de Marinha de Paris, Luc Marie Bayle, enviou ao almirante chefe do Estado-Maior da Armada um ofício datado de 22 de Janeiro de 1979, a agradecer o exemplar do "Diário Náutico do Yacht Amélia" que, em nome da Marinha Portuguesa, o adido naval em Paris lhe ofereceu.

Daquele ofício, julgamos ser de destacar, pelo seu interesse, o seguinte parágrafo:

"É uma obra maravilhosa que examinei com extremo prazer. Figurará na biblioteca do Museu de Marinha como testemunho da amizade que une as nossas Marinhas e, também, de uma época na qual, como outrora o Príncipe de Joinville, os Grandes do nosso Mundo, além de experimentados marinheiros, arranjavam tempo para desenhar e tinham talento para o fazer."

COLÓQUIOS NO CLUBE MILITAR NAVAL

Aspecto do colóquio do dia 26 de Janeiro.

No prosseguimento da sua actividade cultural, a direcção do Clube Militar Naval, com a colaboração do respectivo grupo de trabalho, promoveu, recentemente, na sua sede social, mais dois colóquios.

No dia 26 de Janeiro passado, foi abordado o tema sobre o cinema não profissional, cuja sessão foi orientada pelo prof. Vasco Pinto Leite.

O colóquio foi iniciado com uma breve introdução em que Pinto Leite resumiu o movimento de cinema amador em Portugal, as dificuldades encontradas, as lutas travadas na formação de uma federação, o seu desenvolvimento com o apoio dos clubes federados e das entidades oficiais, as suas realizações e sucessos a nível interno e internacional; frisou que, apesar de hoje um amador de cinema, sócio de um clube ou núcleo federado, poder realizar um filme praticamente sem ter que investir em aparelhagem nem em película, a produção ainda não está tão divulgada que da quantidade produzida possa resultar uma qualidade que se deseja.

Referiu que se o "25 de Abril" tinha rasgado horizontes não só materiais mas sobretudo artísticos porque a supressão da censura e demais órgãos repressivos tinha possibilitado a liberdade de criação, a liberdade também conquistada pela televisão no cinema-reportagem e pela imprensa e cinema profissional, veio em contrapartida desmotivar o amador que se multiplicava em imaginação e pesquisa, tentando suprir o que aos profissionais estava decisivamente vedado.

Cinco filmes foram em seguida passados como ilustração (se bem que, muito reduzida) da produção nacional destes últimos anos: "Viver por Gutenberg", "A semente não morre" e "A parada" na 1.ª parte e "A herança" e "Femina" na 2.ª.

Durante o intervalo e após a projecção dos filmes, travou-se um interessante debate em que, além da crítica aos próprios filmes, se procurou situar o cinema não-profissional no movimento cultural português como parte importante da emancipação e libertação do país.

No dia 2 de Fevereiro o assunto tratado foi subordinado ao título "Sociedade de consumo e qualidade de vida", sessão em que participaram, especialmente convidados, a dr.ª Maria Belo e os drs. Beja Santos e Perquilhas Teixeira, que apresentaram inicialmente os seus pontos de vista, conforme a perspectiva de aproximação em que se situavam.

Assim, o dr. Beja Santos, personalidade muito conhecida pelo papel público que tem desassombradamente assumido na defesa do consumidor, discorreu brilhantemente sobre a definição de sociedade de consumo, e interrogou-se sobre se Portugal já terá as características de uma sociedade daquele tipo.

O dr. Perquilhas Teixeira (capitão-de-mar-e-guerra FN), pessoa com elevado prestígio no meio farmacêutico, referiu-se depois à problemática dos medicamentos, seu "contrôle", e aspectos legais do funcionamento da Comissão Técnica a que preside e que tem por obrigação dar pareceres sobre tão delicada matéria.

Por sua vez, a psicóloga dr.ª Maria Belo, que para além da sua formação específica tem tido uma intervenção pública muito notória na sociedade portuguesa, expôs curiosos pontos de vista sobre possíveis relações psicanalíticas entre consumidor e objecto de consumo.

Seguiu-se vivo debate, em que uma "falange" de farmacêuticos presentes (navais e não só) deu o mote inicial centrando o diálogo sobre a questão medicamentosa nas suas diversas facetas, para depois o colóquio evoluir para reflexões sobre a sociedade de consumo, e para âmbitos de certo modo mais vastos relacionados com o que se poderia chamar não a defesa do consumidor mas sim a defesa do cidadão.

A direcção do Clube Militar Naval e o grupo de sócios ligado às actividades culturais terão tido motivos para ficar satisfeitos com a vivacidade e interesse desta iniciativa, bem como as cerca de seis dezenas de sócios e convidados presentes.

(Colaboração da direcção do C.M.N.)

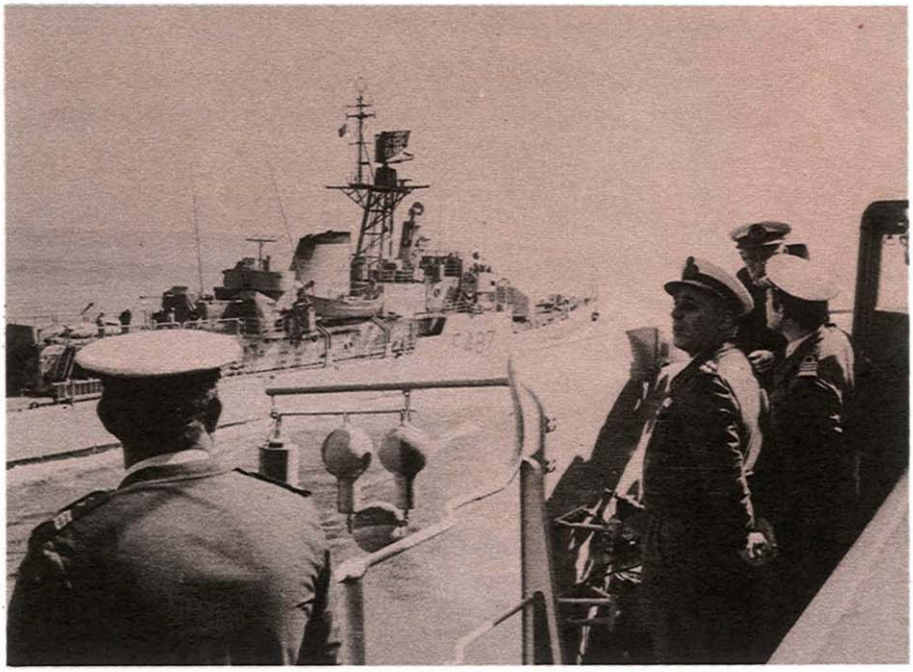
CONFRATERNIZAÇÃO DO RECRUTAMENTO DE 1937

No dia 31 de Janeiro passado, realizou-se a reunião anual dos "filhos da escola" do recrutamento de 1937 e seus familiares.

O convívio, que teve a presença de cerca de 50 pessoas, decorreu na Escola Naval, no Alfeite, em cuja capela foi celebrada uma missa pelo capelão graduado em 1.º-tenente Manuel dos Santos.

Seguidamente, foi servido o almoço, tendo a confraternização terminado ao fim da tarde.

Foram recordados os bons momentos dos anos 30, tendo alguns "filhos da escola" usado da palavra. Um pôs em relevo a Liga dos Combatentes, da qual cerca de metade dos presentes são associados, por terem participado nas forças expedicionárias da Guerra de 1939-45 e nas campanhas do Ultramar dos anos 60/70.



EXERCÍCIO AERO-NAVAL "CONTEX 2/79"

Dentro do âmbito das actividades do Comando Naval do Continente, desenrolou-se entre o cabo da Roca e Sagres, de 26 de Fevereiro a 2 de Março último, o exercício aero-naval denominado "Contex 2/79", em que participaram a fragata "Comandante Roberto Ivens", as corvetas "Oliveira e Carmo", "Augusto Castilho" e "João Roby" e o submarino "Albacora", além de aviões "Cessna" e helicópteros "Alouette III" da Força Aérea.

O "Contex 2/79" teve como objectivos principais completar o adestramento no mar, treino individual de unidades

navais e exercitar procedimentos de cooperação aero-naval, tendo-se executado exercícios de manobras e evoluções, de comunicações, de tiro de artilharia, de limitação de avarias e defesa NBC, de luta anti-submarina, e de reboque e reabastecimento no mar.

No dia 27, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, acompanhado do comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha, embarcou na "Comandante Roberto Ivens" para observação de alguns dos exercícios executados.

NOVO COMANDANTE DA FLOTILHA DE NAVIOS-PATRULHAS

Em cerimónia presidida pelo comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha, realizada, no dia 6 de Março último, no edifício daquele Comando, o capitão-de-mar-e-guerra Mendes Quinto assumiu o comando da Flotilha de Navios-Patrulhas.

Além de vários oficiais, assistiram ao acto representações das unidades subordinadas, compreendendo oficiais, sargentos e praças.

(Colaboração do C.N.C.)

SESSÃO DA ACADEMIA DE MARINHA

Sob a presidência do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, realizou-se, no passado dia 6 de Março, nas instalações do Museu de Marinha, uma sessão da Academia de Marinha.

Ao abrir a sessão, o vice-almirante Sarmento Rodrigues, presidente da Academia, saudou o almirante CEMA, felicitando-o por ter subscrito o diploma que criou aquele órgão cultural da Armada, fazendo em seguida a apresentação do orador da sessão, capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, que apresentou a comunicação subordinada ao título "Portugueses na navegação das ilhas Canárias no século XVI".

O orador, na sua dissertação, referiu o fracasso dos navegadores portugueses

em se apoderarem das ilhas Canárias no século XV, cujo direito por parte de Castela viria a ser reconhecido pelo tratado de Alcáçovas, em 1497. Salientou a importância da posição geográfica daquele arquipélago e dos seus recursos, a qual desempenhou papel primordial nas actividades marítimas do nosso país.

O comandante Teixeira da Mota focou que trabalhos recentes de historiadores do país vizinho têm revelado o importante papel desempenhado pelos portugueses no desenvolvimento das actividades piscatórias daquelas ilhas ao longo do século XVI, e que certos testemunhos, ainda que insuficientemente estudados, apontam para uma apreciável contribuição lusitana no domínio da construção naval.

Nesta comunicação, o autor tratou, sobretudo, das abundantes informações contidas num longo relato de 1550 escrito por Aires Cardoso, agente português enviado ao arquipélago por D. João III para se inteirar da actividade marítima das Canárias no domínio de viagens à Mauritânia e Guiné, a fim de ser combatida, pois ia contra os direitos e os interesse de Portugal. No seu relato, Aires Cardoso fornece muitos elementos sobre tais viagens, apontando que elas eram possível, sobretudo por contarem com a colaboração de pilotos portugueses, do que cita numerosos exemplos, que em parte são corroborados por outros documentos.

O director do Museu Marítimo de Estocolmo aprecia modelos expostos no nosso Museu.

VISITAS AO MUSEU DE MARINHA

Em 6 de Março findo, o Museu de Marinha recebeu a visita do dr. Per Lundstrom, director do Museu Marítimo de Estocolmo, que era acompanhado por sua esposa, dr.ª Agreta Lundstrom, que é conservadora do

Museu Nacional de Antiguidade Sueco. De passagem por Lisboa, o casal Lundstrom não quis deixar de retribuir a visita que o director do nosso Museu efectuou, em Setembro de 1977, ao Museu de Estocolmo.

Proeminente arqueólogo e erudito investigador, o dr. Lundstrom que é, desde 1961, o responsável pela extraordinária obra de reconstrução do navio "Wasa", fez elogiosas referências ao nosso Museu, patenteando o sincero apreço pelo que lhe foi dado observar.

Também, no dia 13 do mesmo mês, o encarregado dos negócios da Coreia do Sul, conselheiro de embaixada Suk-Heung Yoom, visitou o Museu de Marinha, tendo percorrido demoradamente as salas de exposição e ouvido com o maior interessse as informações que lhe foram prestadas, em especial, no respeitante a cartas marítimas portuguesas do século XVI, em que figura a península do seu país. Antes de retirar, o conselheiro Suk-Heung expressou o seu apreço pela visita e teve a amabilidade de oferecer ao nosso Museu algumas magníficas publicações da Coreia.
Estas entidades foram recebidas e acompanhadas nas visitas pelo director do Museu de Marinha, contra-almirante Emmanuel Ricou, que na primeira visita estava acompanhado do subdirector, capitão-de-fragata António Cardoso.

(Colaboração do Museu de Marinha)

A ESCOLA NAVAL TEM NOVO COMANDANTE

Em cerimónia realizada no seu gabinete, no dia 7 de Março findo, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, empossou o contra-almirante Matos de Vasconcelos no cargo de comandante da Escola Naval.

Além de almirantes, assistiram ao acto oficiais superiores dos três ramos das Forças Armadas.

OFICIAIS DO EXÉRCITO VISITARAM A BASE NAVAL

Trinta e três tenentes e alferes do Exército que frequentam tirocínios nas Escolas Práticas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Transmissões, acompanhados de alguns oficiais instrutores, visitaram, em 20 de Março p.p., instalações e unidades do Comando Naval do Continente.

Recebidos no CITAN pelo capitão-de-mar-e-guerra Fuzeta da Ponte, chefe do estado-maior daquele Comando, que lhes apresentou boas-vindas, aqueles oficiais assistiram a um "briefing" sobre as actividaes do C.N.C. e da Esquadrilha de Submarinos, após o que visitaram o Centro de Minas e Contra-Medidas, o submarino "Albacora" e a fragata "Comandante Roberto Ivens". Depois do almoço na messe da Base, seguiu-se uma visita guiada às instalações navais do Alfeite.

(Colaboração do C.N.C.)

FISCALIZAÇÃO DA PESCA E REPRESSÃO DO CONTRABANDO

Durante o mês de Março findo, unidades da Armada, em patrulha nas águas sob jurisdição portuguesa, da responsabilidade do Comando Naval do Continente, com incidência na fiscalização da pesca e na repressão do contrabando, apresaram 35 embarcações por infracções a regulamentação das pescas. Destas, 11 eram arrastões, dos quais 4 de nacionalidade espanhola, tendo sido razão da apreensão o exercício da pesca não autorizado na Zona Económica Exclusiva e sendo os restantes sete, portugueses, por uso de malhagem ilegal.

Foram também apresadas 24 pequenas embarcações por infracções diversas, sendo 16 de nacionalidade espanhola, detectadas junto da costa, no sotavento algarvio, executando arrasto de moluscos.

Algumas destas embarcações não obedeceram às ordens dos navios de fiscalização, o que motivou a execução de acções de fogo de intimidação, de acordo com as normas operacionais em vigor.

De referir que foi reforçado o patrulhamento de certas áreas sensíveis da nossa costa, com o objectivo de fiscalizar as actividades de navios suspeitos e impedir acções de contrabando.

Saliente-se que no mês de Fevereiro passado, haviam sido apresadas 43 embarcações diversas por infracções idênticas às apontadas, das quais 22 de nacionalidade espanhola.

(Colaboração do C.N.C.)

VISITAS DE ESTUDOS A UNIDADES NAVAIS

Têm sido, ultimamente, frequentes as visitas de alunos de vários estabelecimentos de ensino a unidades da Armada. Nessa sequência, cerca de 50 estudantes da Escola Técnica e Liceal Salesiana de Santo António, do Estoril, frequentando o 10.º ano da escolaridade, acompanhados de professores, efectuaram, no dia 30 de Março passado, uma visita de estudo a unidades navais estacionadas na Base Naval de Lisboa, no Alfeite.

Deste modo, além de instalações daquela Base, estes alunos estiveram a bordo da fragata "Comandante Sacadura Cabral" e do submarino "Delfim", cujas dependências percorreram demorada e interessadamente.

(Colaboração do C.N.C.)

Quarto de Folga

SE NÃO DIZIA... NINGUÉM SABIA

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi chefe do serviço de artilharia de um aviso de 2.ª classe, um oficial que, embora não especializado, soube estar à altura daquelas funções, imprimindo ao seu serviço uma eficiência que era por todos notada. De um aprumo excepcional, que transmitia aos seus subordinados, sobressaía por certas atitudes prussianas, um tanto ou quanto desusadas, se olhadas pelo ângulo *sui generis* como a maruja encara a disciplina.

Como corolário da preparação do pessoal artilheiro e porque era necessário manter o navio no mais alto grau de eficiência, planeou-se um exercício de fogo real com o qual, por assim dizer, se atingiria a tranquilidade, que a certeza da eficiência adquirida, transmitiria a todos os espíritos.

Para tal, escolheu-se uma ilhota deserta da costa de uma das nossas províncias ultramarinas de então e deu-se início ao exercício com todo o aparato de realidade e expectativa, que um acontecimento de tal natureza provoca.

O navio tinha três peças de 120/50 e, após a anuência do comandante, que na ponte a tudo presidia, abriu-se fogo de salvas sobre a pobre ilhota, que não tinha culpa nenhuma de servir de *inimigo, que era preciso destruir.*

As salvas sucediam-se com regularidade, após fácil regulação de tiro e, a certa altura, a peça 2, pelos vistos rebelde, teve uma falha de fogo.

Tal facto determinou um *alto fogo,* sobre o qual o comandante determinou: *prosseguir logo que desencravada a peça.*

Um silêncio, a que já ninguém estava habituado, tomou conta do navio e os artilheiros dedicavam-se a resolver o problema da peça 2.

De repente, o navio foi sacudido pelo troar de um violento tiro de peça o qual, pelo inesperado, até pareceu mais sonoro.

Perfilou-se o chefe do serviço de artilharia em frente do comandante, após uma continência marcial, com ar e voz solene, particularmente timbrada para a ocasião, exclamou:

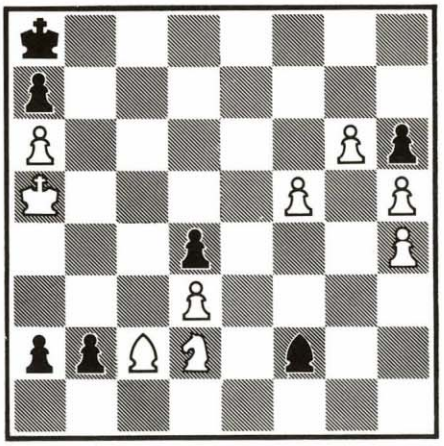
— Senhor comandante, a peça desencravou e deu o tiro!

— Ainda bem que você o diz, senão... ninguém o saberia.

Capt. Zuzara

XADREZ

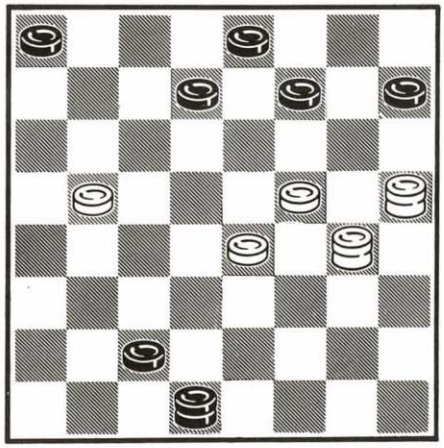
(Solução no próximo número)



Final em que as brancas ganham.

DAMAS

(Solução no próximo número)



Jogam as brancas e ganham.

ARITMOGRAFIA

	×		:		= 3
×	■	×	■	×	■
	×		:	2	= 9
:	■	:	■	:	■
	×		+		= 7
= 9	■	= 3	■	= 6	■

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

(Solução no próximo número)

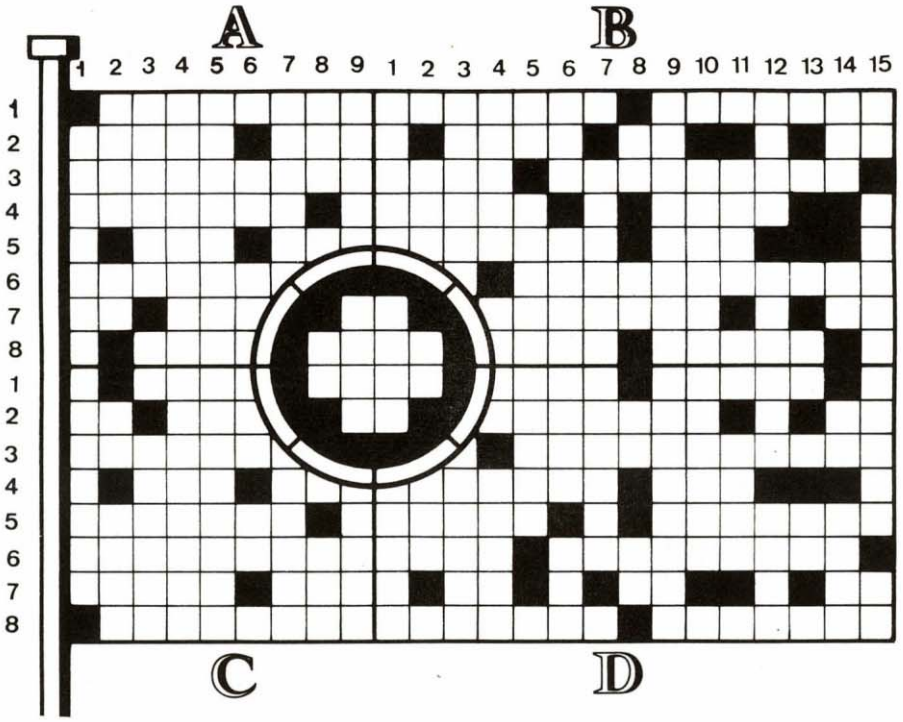
M. Horta
Sarg.-aj. L

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS — *RECTÂNGULO A:* 1 — Nação europeia. 2 — Associai; andai. 3 — Antiga província romana na Península Ibérica. 4 — De prevenção. 5 — Contracção de prep. com art. indef. 6 — Dar forma de grão a. 7 — Conjunção disjuntiva; 550 (rom.). 8 — Impulso rápido (fig.). *RECTÂNGULO B:* 1 — Antiga quinta real na margem esq. do Tejo; província de Portugal. 2 — Prezou; artigo (ant.); ante meridiem (abrev.). 3 — Casa de campo de construção elegante; aproximados. 4 — Trabalha com afã; acto de menear com a cabeça, em sinal de aprovação. 5 — Mulher de Abraão (pl.); tratamento que se dá aos homens de idade de quem se ignora o nome. 6 — Província de Portugal. 7 — Fruto vermelho ou escuro; prefixo privativo. 8 — Abaixo de (arc.); constelação da zona equatorial. *RECTÂNGULO C:* 1 — Navio de vela, de alto bordo, com três mastros. 2 — Certo; nota bene

(abrev.). 3—Agência noticiosa. 4—Senhor (ingl.). 5—Retrocederas. 6—Pessoa que atenta contra a segurança da pátria. 7—Mandioca (bras.); atilho. 8—Vidraça circular nas igrejas góticas (pl.). *RECTÂNGULO D:* 1—Constelação austral; tomar a direcção do vento (náut.). 2—Personagem das "Sabichonas", irmã de Crísala; quarto. 3—Afluente do Águeda. 4—Planta asterácea que produz belas flores; nosso (ingl.). 5—Variedade de quartzo, de cores variadas; sombra (fig.). 6—Examinei com cuidado; palrador (pop.). 7—Frequentar; preposição latina; dirigir-se a. 8—Arquipélago do Atlântico; vila portuguesa. *CÍRCULO:* Preposição. Metal precioso. Época notável, início de uma nova ordem de coisas (pl.). Oração.

VERTICAIS — *RECTÂNGULO A:* 1—Som rijo de trombeta. 2—Brejo; interjeição designativa de desmoronamento. 3—Ruínas. 4—Primo do conde D. Henrique e marido de D. Urraca. 5—Planta euforbiácea. 6—Disposição. 7—Nome popular de uma fragata portuguesa (pl.). 8—Agreguei como auxiliar. 9—Antiga moeda portuguesa. *RECTÂNGULO B:* 1—Rio de Portugal. 2—Pequena ilha do Mediterrâneo. 3—Vozes articuladas. 4—Desprende-se. 5—Satélite de Júpiter; árvore da família das palmeiras de cujo fruto se extrai o cauchu. 6—Rio de Portugal e Espanha; deuses da mitologia escandinava. 7—Apelido de um vice-rei da India. 8—Interjeição; parte posterior de um navio. 9—Província de Portugal. 10—Nome de mulher. 11—Reboca. 12—Queimo. 14—Encaminhar-se; mofa. 15—Preposição; este ano. *RECTÂNGULO C:* 1—Água-pé. 2—Pronome pessoal; desagradar. 3—Apodero-me violentemente. 4—Planta artocarpácea cujo látice é utilizado para ervar setas. 5—Muito abundante. 6—Antes de Cristo (abrev.). 7—Albergue. 8—Espaço de tempo. 9—Grande desordem. *RECTÂNGULO D:* 1—Rio de Portugal (inv.). 2—Nome de letra. 3—Rei de Israel. 4—Aremesse. 5—Agita. 6—Li muitas vezes; forma do verbo ir. 7—Bairro popular lisboeta. 8—Palmeira do Brasil; nome dos antigos Egípcios davam ao Sol. 9—Antiga cidade do Algarve. 10—Segunda filha de Labão, esposa de Jacob. 11—Cidade. 12—Rio de Portugal; rio de Portugal. 13—Decorrer. 14—Distar; apelido de navegante ao serviço de Portugal, descobridor das ilhas da Ascensão e Santa Helena. 15—Cidade portuguesa; fisionomia. *CÍRCULO:* Pontos Cardeais, opostos (abrev.). Dolorosa. Valiam. Pronome pessoal (pl.).



(Solução no próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP RA

CONCURSO N.º 92

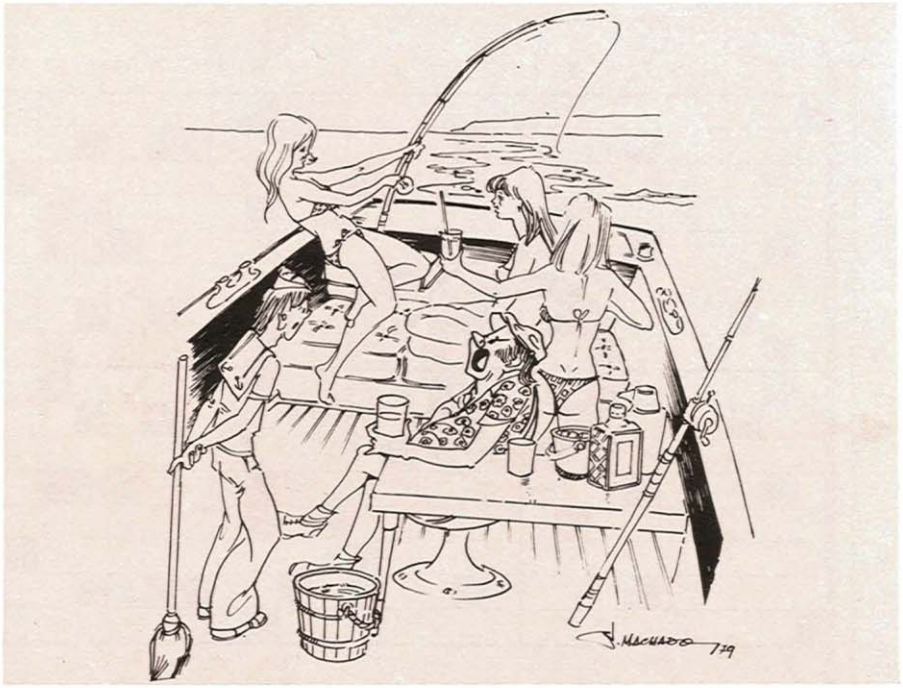
Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

F	A	N	C	I	V	A	X	I	E	T	Q	B	R	A	N	T	A	D	O
A	R	M	N	Z	L	T	U	V	S	O	I	G	V	T	J	N	B	C	I
T	H	I	M	E	A	I	S	D	R	A	N	C	O	R	O	T	E	V	L
E	U	N	O	V	G	O	X	A	I	R	E	D	V	H	L	P	S	U	Z
I	B	E	R	C	I	P	T	R	O	T	L	U	X	C	V	O	A	L	O
X	T	R	A	M	G	A	L	P	V	B	U	C	J	D	L	I	R	A	A
A	N	C	L	I	U	V	E	M	A	R	T	I	N	R	F	T	E	R	N
C	E	L	M	Z	A	N	M	I	T	H	B	V	E	L	A	D	S	I	T
A	B	Z	I	T	R	O	T	S	X	I	E	A	R	O	C	N	A	L	M
P	O	J	R	L	H	G	A	C	D	F	R	S	U	V	R	I	T	O	R
G	A	V	A	S	L	H	E	O	I	J	L	M	Q	Z	A	U	M	S	U
A	L	M	N	J	Q	U	T	R	C	D	A	I	T	H	P	R	A	V	O
T	U	Z	T	I	A	B	E	X	A	H	T	J	E	L	N	V	Z	X	L
R	E	T	A	P	U	R	R	I	P	M	A	L	I	Q	J	L	U	V	T
O	M	I	D	M	A	R	O	V	E	X	G	B	X	A	C	D	E	U	R
T	A	N	O	V	Q	S	C	U	L	A	C	N	A	M	E	D	V	X	O
M	U	V	M	X	B	D	N	F	A	T	L	S	M	I	T	H	U	I	T
B	F	A	G	U	M	R	A	S	C	E	M	I	R	Z	D	J	H	L	M
A	N	C	R	I	O	S	U	L	E	S	G	X	A	T	E	R	A	J	A
I	T	R	O	T	M	H	X	N	Q	Z	U	B	A	C	F	L	E	U	N

No emaranhado de letras que apresentamos estão mencionados os nomes de seis peças de ferro destinadas a segurar ao fundo diversas embarcações, e quatro variantes de uma delas. Procure-os em todos os sentidos, menos obliquamente. Alguns dos nomes estão escritos de forma invertida.

(Solução no próximo número)

SEASA
Cabo aux.



— Aumentá-lo ? ! Mas você já reparou quanto eu gasto por mês, só com este iate ?...

SOLUÇÕES

PASSATEMPO CAMONIANO

(Solução do n.º anterior)

(Estrofe XLIII)

"Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizeram de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas!
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo!"

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1 — Utriculária. 2 — Teima; eme. 3 — Elmo; MDI; aC. 4 — Rho; aguda. 5 — Oasico; orap. 6 — Oza. 7 — Sá; avo; pr. 8 — NS; ala; lar. 9 — Iandom; dita. 10 — Aloctone; as. 11 — Esmo; iacu.

VERTICAIS: 1 — Uteromania. 2 — Telha; sale. 3 — Rimosos; nós.- 4 — Imo; iza; dcm. 5 — Ca; ica; aoto. 6 — Almo. 7 — Leda; iva; ni. 8 — Amigo; Dea. 9 — Ré; uro; li. 10 — Ada; patau. 11 — Alcaparras.

QUADRADO MÁGICO SILÁBICOS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS E VERTICAIS: A: 1 — Mareta. 2 — Remada. 3 — Tarata.
B: 1 — Tabica. 2 — Bigode. 3 — Cadela.
C: 1 — Lógica. 2 — Ginete. 3 — Cateto.
D: 1 — Tebano. 2 — Balema. 3 — Nómada.
Conceito: Matalote.

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

Seria mau, porque:

	BRANCAS	PRETAS
1.	—	Cxd5
2.	Cxd5	Bxc3
3.	Dd2	

e as brancas ganhavam.

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

	BRANCAS	PRETAS
1.	7-12	16-7
2.	10-14	17-2
3.	14-18	22-13
4.	5-10	13-6
5.	11-14	20-11
6.	14-19	24-20

7. 19-23 e ganham.

CURIOSIDADE NUMÉRICA

(Solução do problema do n.º anterior)

1.º $4! - \frac{\sqrt{4} \times \sqrt{4}}{4} = 23$

2.º $(4 \times 4) + 4 + 4 = 24$

3.º $4! - \frac{4}{4} + \sqrt{4} = 25$

4.º $4! + \sqrt{4} - 4 + 4 = 26$

5.º $4! + \sqrt{4} + \frac{4}{4} = 27$

6.º $4! + 4 + 4 + 4 = 28$

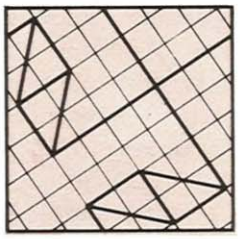
7.º $4! + 4 + \frac{4}{4} = 29$

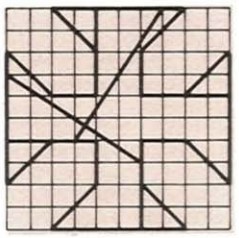
8.º $4! + \sqrt{4} + \sqrt{4} + \sqrt{4} = 30$

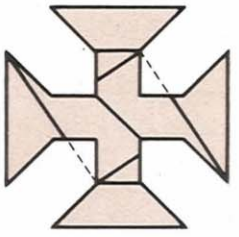
9.º $(4! - \sqrt{4})\ (4 + \sqrt{4}) = 132$

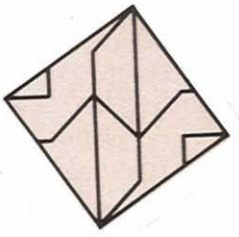
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 91

As duas soluções já conhecidas:





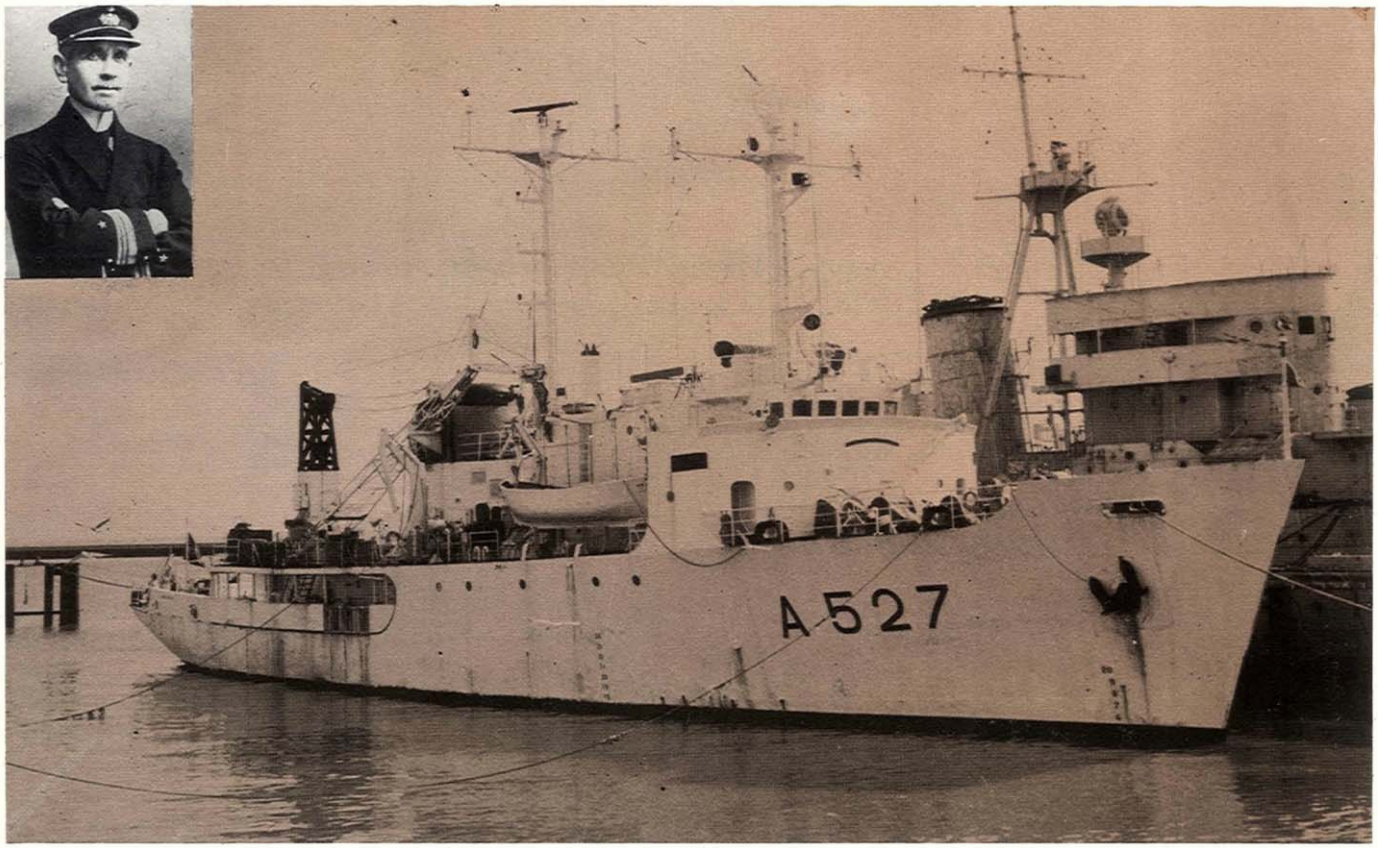




VENCEDOR:

Não foram recebidas respostas.

Os nossos navios e os seus nomes



Navio hidrográfico "ALMEIDA CARVALHO"

Navio da classe AGS, foi construído nos Estados Unidos da América do Norte. O assentamento da quilha verificou-se em Novembro de 1962, tendo sido lançado à água em Julho de 1964. Todavia, a sua construção foi retardada devido ao seu afundamento, em 1965, ocasionado pela passagem do tufão "Betsy". Aprovado, em 1966, o contrato de acabamento foi, finalmente, entregue à Marinha dos EUA, em 1969.

Cedido a Portugal a título de empréstimo, não oneroso, nos termos de um acordo firmado em Bruxelas, em 19-12-1971, foi entregue à Armada portuguesa em 21 de Janeiro de 1972.

Esta unidade, que foi construída com casco reforçado para poder operar em mares de gelos flutuantes, possui sistema de ar condicionado para qualquer tipo de clima. Para os trabalhos a que se destina — levantamentos hidrográficos e serviços de oceanografia física, química, biológica e geológica — dispõe de uma área funcional de 148 m^2, ocupada por uma sala de desenho e laboratórios seco e molhado; além disso, dispõe ainda de 60 m^2 de área de paióis.

Para águas poucos profundas, tem uma embarcação de 7,9 m. Em trabalhos de posicionamento de precisão, o navio pode ser operado por comando à distância, leme e motor propulsivo, junto aos patins.

Para o serviço de hidrografia, está equipado com: dois sondadores "Raytheon PRF 193" (para fundos grandes) e quatro "Raytheon 723" (para pequenos fundos); um sondador "Atlas Deso 10"; um "Raydist DSR" e sistema "Range and Range".

Para trabalhos oceanográficos, tem: uma grua de 12 ton.; um guincho de dragagem, além de outros dois; dois batitermógrafos; um lançador de XBT; uma batissonda; um termógrafo e um sondador "Atlas Fishfinder".

Equipamento de navegação: girobússula, odómetro, "Loran-A" e radar "Decca Navigator".

O navio mede 63,60 m de comprimento, 12 de boca e 4,60 de calado. Deslocamento máximo, 1327 ton. Autonomia, 12 000 milhas. Velocidade, 11.5 nós.

Sistema de propulsão: Diesel-eléctrico, de 1000 BHP, acoplado a uma hélice; propulsão auxiliar, 200 SHP. Capacidade de combustível, 360 ton. Energia eléctrica: dois geradores de 200 KW/400 V 60 c/s; um de 100 KV/450 V 60 c/s; um motor gerador de 30 KW/120 V 60 c/s; um de 2 KW/120 V 400 c/s e outro de 750 W/220 V 1000 c/s.

A guarnição é composta por 5 oficiais, 7 sargentos e 25 praças. Além deste pessoal, o navio tem alojamento para uma equipa técnica de 13 elementos.

Patrono: capitão-de-fragata Ernesto Tavares de ALMEIDA CARVALHO

Nasceu no dia 3 de Julho de 1867, em Lamego.

Alistou-se na Armada em 4 de Outubro de 1883, tendo sido promovido a guarda-marinha em 25 de Agosto de 1890. Ascendeu ao posto de capitão-de-fragata em 24 de Agosto de 1917.

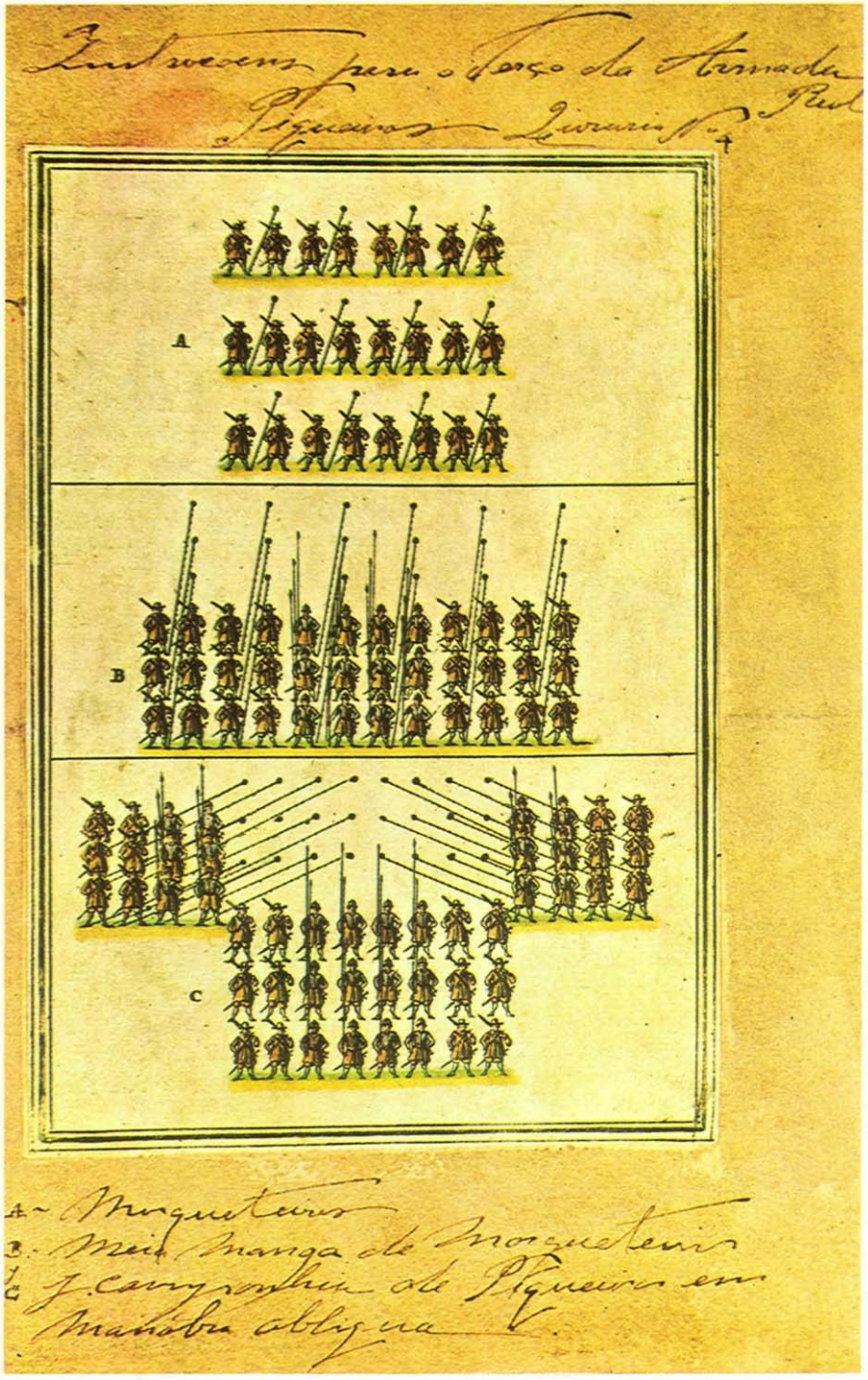
Este oficial dedicou-se a trabalhos hidrográficos e oceanográficos, estando a sua actividade marcada em serviços na antiga província ultramarina de Moçambique, nos anos de 1906 e 1907. Ao longo da costa continental portuguesa efectuou, também, vastos trabalhos da especialidade no período de 1915 a 1924, ano em que faleceu (12 de Fevereiro), quando desempenhava as funções de comandante do navio hidrográfico "Cinco de Outubro".

Publicou alguns trabalhos sobre a actividade a que se dedicou, nomeadamente estudos acerca da densidade da água do mar e profundidade dos oceanos.

Era oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada e cavaleiro da Ordem Militar de Aviz.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Evolução histórica dos uniformes na Armada (4)



(Reprodução proibida. Deferência do Centro de Uniformologia Histórico-Militar Portuguesa de Lisboa — Centro de Coleccionadores).

A gravura que hoje reproduzimos pertence ao mesmo espólio do tenente-general Manuel Ignácio Martins Pamplona que, comandando uma formação da Leal Legião Lusitana, se cobriu de glória em seis batalhas campais. Na campanha da Rússia, à frente de quatro companhias de caçadores, a que Napoleão chamava a *Infantaria Negra* pela cor escura dos uniformes portugueses, foram eles e esse punhado de bravos, os primeiros a entrarem em Smolensk. Esteve, também, na retirada do Grande Exército, na passagem do Berezina. Manuel Ignácio Martins Pamplona, primeiro conde de Subserra, era natural de Angra do Heroísmo. Foi ministro nos fins do reinado de D. João VI, e morreu tragicamente nas masmorras do forte de Lippe, em Elvas, pelos seus ideais liberais, quando das lutas entre partidários de D. Pedro e legitimistas de D. Miguel. Possuia vastíssima biblioteca histórico-militar, toda ela relacionada com Portugal e o seu vasto historial militar.

Esta preciosa gravura mostra-nos uma companhia de piqueiros do Terço da Armada Real evoluindo no terreno e manobrando em conjunto com uma manga de mosqueteiros, com a qual se enquadrava em dispositivo de batalha. Curioso o pormenor de nos mostrar os piqueiros uniformizados com o cossolete ou meia armadura, calções de fole e, na cabeça, o clássico murrião. Os piqueiros que aparecem no desenho que publicámos no nosso número de Março, atribuído ao célebre pintor inglês Dirk Stoop, são idênticos ao da gravura que agora se reproduz. Assim se vai enriquecendo este vasto historial de uniformologia histórico-militar da Armada.

Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 93/JUNHO 1979/ANO VIII/MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA

Com a etapa do Mediterrâneo a "Sagres" abraçou o mundo

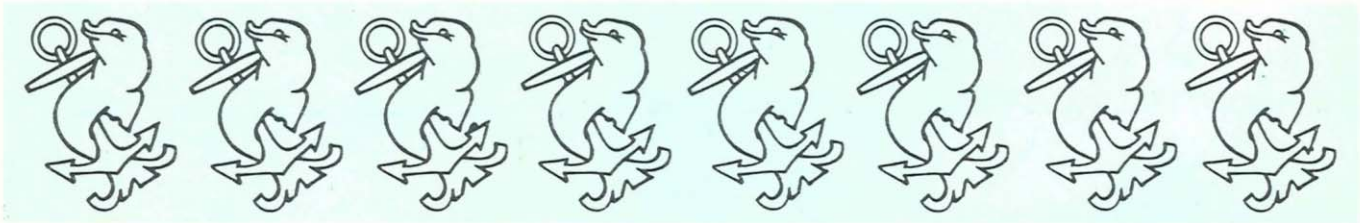
(pág. 19)

A "Sagres" chegou da viagem de circum-navegação

(pág. 31)

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
P. Machado	**Apontamento**	4
M. Horta	**Notícias Pessoais**	4
S. B.	**Histórias de Marinheiros** 8—um baile... ou talvez não...	5
F. Silva	**O enigmático senhor D. Cristóvão Colombo**	6
Vários	**Voz da Abita/Cartas ao Director**	9
H. Machado	**O ofício dos neveiros**	10
S. Leite	**D. Sebastião**	13
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	14
G. Brandão	**Filatelia**	15
Vários	**Desportos**	16
D. Barreiros	**Com a etapa do Mediterrâneo a "Sagres" abraçou o mundo**	19
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	26
Vários	**Reportagem**	27
Vários	**Quarto de Folga**	32
M. Horta	**Os nossos navios e os seus nomes** Corveta "Afonso Cerqueira"	Verso da contracapa
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada (5)**	Contracapa



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 93/JUNHO 1979/ANO VIII

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

Chegada ao Tejo — a "Sagres" faz a salva da Ordenança ao almirante CEMA.

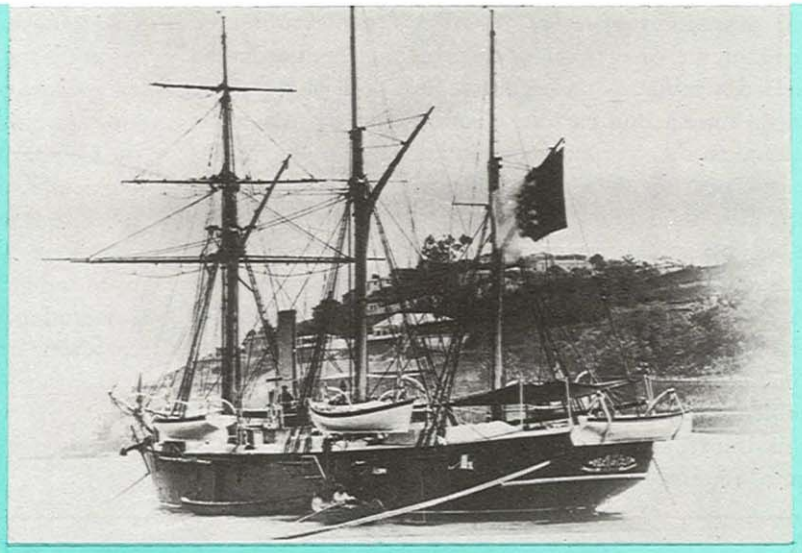
(Foto do 1.º-sarg. CM Ramiro Magalhães)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura



Heróis de que ninguém fala

Não são heróis apenas os que se distinguem em combate ou praticam actos de grande retumbância. São heróis também aqueles que, por um ideal ou no cumprimento do dever, sacrificam tudo, incluindo a própria vida.

Por isso, o caso que vamos narrar revela um verdadeiro herói, um militar dos que o são *por dentro*, e não apenas por vestirem a farda... Trata-se de um homem que não deve ser esquecido pela Armada, que tão nobremente serviu. Ao recordá-lo, prestamos sentida homenagem a tantos heróis obscuros que, como ele, souberam honrar a Pátria, escrevendo, a páginas de ouro, a bela história da nossa Marinha.

Chamava-se José Maria de Campos e era maquinista da canhoneira "Rio Ave". Nasceu em Lisboa em 1850 e deve ter morrido, nas trágicas circunstâncias que a seguir se relatam, por volta de 1880. Navegava a "Rio Ave" de Ajudá para a ilha do Príncipe e José Maria ia de quarto às caldeiras. A certa altura, os parafusos que apertavam o fueiro da caldeira de estibordo partiram-se, o macho saltou e a água a ferver jorrou em catadupas. O perigo de explosão era iminente. José Maria podia ter fugido, mas isso punha em risco a vida de todos e a segurança do próprio navio. Tentou abrir as válvulas de escape, enquanto o vapor e a água lhe queimavam a carne. Não o conseguindo, subiu ao convés, quase sem pele e a boca cheia de sangue, gritando aos companheiros apavorados:

— Abram as válvulas... abram as válvulas...

E caiu, fechando para sempre os olhos, já quase cegos das queimaduras que sofrera naquele inferno que era a casa das caldeiras.

Não faço comentários sobre o caso. Cada um medite na grandeza d'alma deste marinheiro e na lição que fica da sua morte gloriosa.

C/ alm.

Apontamento

Vai-se realizar este mês, precisamente nos dias 20, 21 e 22, a segunda edição do Festival de Bandas Militares que, segundo a crítica imparcial, constituiu o ano passado um valoroso factor de união e coesão, disciplina e coordenação, aprumo e dignidade das Forças Armadas, corpos militares e forças militarizadas.

Este ano, após a significativa resposta do povo lisboeta ao evento passado, resolveu-se desafiar a gente nortenha, nomeadamente os invictos portuenses, a acreditarem na eficácia dos militares na organização e discernimento de distinção entre actuar para ver e actuar para ser. Assim, as seis bandas das corporações militares e militarizadas actuarão, pela segunda vez na história, em conjunto (no Teatro Rivoli), demonstrando que não servem somente para encabeçar desfiles militares ou preencherem tardes solarengas de domingos em solitários coretos municipais. Apresentar-se-ão, sim, com todas as suas possibilidades profissionais, em harmonia e preparação, num debate sinfónico de elevado nível que, certamente, porá em causa o problema importante da instrução especializada que o foro castrense, também, pode fornecer e cultivar.

Quanto ao espectáculo de encerramento, a realizar no maravilhoso Estádio das Antas, com os seus assustadores 70 mil lugares, será preenchido com uma actuação folclórica e popular das mencionadas seis bandas e os certamente emocionantes interlúdios de coragem física e planeamento sincrónico dos Corpo de Fuzileiros, Corpo de Pára-quedistas, Escola de Formação de Sargentos, Centro de Instrução de Cães da GNR e a já lendária charanga a cavalo desta corporação militar.

As entradas para todos estes espectáculos serão gratuitas em gostosa oferta das Forças Armadas ao povo nortenho e, em especial, numa desinteressada colaboração nas Festas da Cidade do Porto.

Participar, pois, neste grandioso espectáculo que os militares de Portugal oferecem ao seu povo, não é só pisar o relvado verde do tradicional estádio que alberga multidões, mas, também, e sobretudo, assistir com o entusiasmo, a camaradagem e a inolvidável alegria que caracteriza e caracterizará o soldado e o marujo lusitanos.

Manuel Pinto Machado
Cap.-ten.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-sarg. ARE Joaquim Ramalho Cordeiro com D. Olga Maria dos Santos Faísca, em 3-3-79.

225969/Cabo A Fernando Pereira Nobre com D. Lurdes Marques Alho, em 10-3-79.

192673/1.º-mar. TFD Alberto da Palma Ventura com D. Ilda Maria Ávila Pereira, em 4-3-79.

198075/1.º-mar. CRO Belmiro José da Silva Ribeiro com D. Georgina da Silva Domingues, em 3-3-79.

150877/2.º-mar. CM José Carlos Mentes Massacote com D. Maria da Conceição Fernandes, em 3-3-79.

240977/1.º-gr. M José Carlos Rodrigues Santos com D. Maria Luísa Marques Batalha, em 10-3-79.

218778/2.º-gr. Ovídio José Teixeira Fernandes com D. Orinda do Espírito Santo Pinto Teixeira, em 3-3-79.

188078/2.º-gr. AP João Manuel da Silva Pinto com D. Maria Manuela de Freitas Henriques, em 4-3-79.

PASSAGENS À RESERVA/ /APOSENTAÇÕES

Cap.-m.-g. Francisco Humberto de Medeiros e Câmara, em 21-4-79.

Cap.-m.-g. Turíbio Pedro de Abreu, em 26-4-79.

Cap.-m.-g. Jorge da Silva Forte, em 9-4-79.

Cap.-m.-g. FN Carlos Fernando Costa Silveira, em 17-4-79.

Sarg.-aj. CE José Maria de Sousa Marinho, em 28-2-79.

Sarg.-aj. H José Augusto de Oliveira Pereira Perdigão, em 28-2-79.

Sarg.-aj. CM João da Cortiçada, em 28-2-79.

Sarg.-aj. CM Álvaro José de Oliveira Silva, em 31-3-79.

Sarg.-aj. H João Ferreira, em 6-3-79.

1.º-sarg. O João Manuel Lopes Palmeta, em 28-2-79.

138145/Cabo A Diamantino Fernandes da Silva, em 31-3-79.

290852/Cabo TFH Serafim Carvalho da Mota, em 29-3-79.

426656/Cabo CM José Hermenegildo Marina, em 28-3-79.

910262/Cabo M João de Figueiredo, em 30-3-79.

António Jerónimo de Sousa Ferreira, maquinista de 1.ª cl. do QPMM.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

Cap.-frag. EMQ RF José da Costa Ribeiro Camacho, em 23-3-79.

101777/2.º-gr. João Coelho Valente da Silva, em 4-4-79.

Gabriel Sortelha, 2.º faroleiro, reformado, em 13-4-79.

Histórias de marinheiros

8 — um baile... ou talvez não...

No meu tempo, já longínquo, uma das distracções mais agradáveis que surgiram nas viagens eram os bailes. Era-se novo, aspirante, e a vida quase não tinha amanhã, porque o dia que passava vivia-se com tanta intensidade que todo o resto esquecia.

O baile era um espectáculo curioso, na sua variedade. Para quem dispusesse de espírito de observação, revelava a feição e as características de uma sociedade. Claro que, ao aspirante, esses pormenores não interessavam grandemente. Quando ele assomava à porta do salão, olhava em volta, e só via as raparigas. A gravidade das mamãs e o ar digno dos chefes de família não lhe prendiam a atenção. Quando muito, deitava um olhar negligente à orquestra, na constatação de ela estar fornecida da estridência de metais conveniente a uma rumba desengonçada e doida. E quando os músicos atacavam os primeiros compassos, ele lá ia *a todo o pano, de vento em popa, com rumo certo.* Tendo evitado o escolho da mamã, ei-lo que logo rodopiava com a pequena, já maravilhada dos episódios da última travessia, que ele prometia contar.

Quando o aspirante narrava histórias do mar era deliciosamente exagerado. O vento soprava sempre um pouco mais forte, a vaga subia mais uns dois ou três metros, o navio balouçava mais uns quantos graus, e até o céu se toldava de negras e grossas nuvens, para carregar o quadro. A pequena, entontecida, supunha-se nos braços de um herói autêntico. E só então ele confessava que o destino fora bom em deixá-lo escapar com vida da tempestade — só para a ter ali, junto de si, naquela noite... Sabe-se lá as coisas insensatas que o aspirante era capaz de dizer...

Os bailes, para alguns, chegavam mesmo a ser uma obsessão. Recordo, a propósito, uma *partida* feita a aspirantes, há muitos anos, na "Sagres" velha, em que essa faceta foi explorada.

O navio fundeara em Cascais, numa das suas viagens de instrução. Anoitecera — uma noite serena de Verão, com estrelas tremeluzindo num céu calmo, novinho em folha, sem o farrapo de uma nuvem. As luzes de terra faiscavam. E entre elas, os aspirantes, à borda do navio, reconheciam as do Casino do Estoril, mais abundantes, mais feéricas. Um, lembrou que, naquela noite, se realizava lá um baile esplêndido. Como seria bom se houvesse licenças... Mas as embarcações estavam nos turcos e, com certeza, o senhor imediato não ia consentir todo o trabalho de arriar, uma só que fosse, para o menino aspirante ir para terra divertir-se. Mas, oh alegria das alegrias!... Passados momentos, o aspirante adjunto de serviço chegou e informou que, daí a meia hora, haveria uma embarcação de licenças para terra. Os aspirantes, febrilmente, desceram aos alojamentos, abriram gavetas e surgiram sapatos de polimento, escancararam armários e apareceram jaquetas. Contudo, lentamente, o entusiamo foi-se diluindo. Pouco e pouco, sentiu-se no ar a suspeita de que havia *partida* grossa. Os colarinhos e os laços regressaram às gavetas, as capas dependuraram-se nos cabides. Cada um se desculpava, a seu modo. Era tarde, o casino era um *frete*, a camisa estava enxovalhada. Por fim, restavam apenas dois aspirantes. Esses, teimosamente, concluiram os preparativos. Impecáveis nos seus uniformes azuis, eles aí estavam no convés, prontos a seguir para terra. O oficial de serviço mandou saltar na baleeira, ainda suspensa dos turcos. Os aspirantes também embarcaram. Lentamente, a embarcação começou a descer, com o pessoal às talhas. Mas eis que ela estacou, ainda a uma boa distância do mar. Os aspirantes, imponentes nos seus bonés ligeiramente inclinados e nas suas capas de larga roda, seguiam em pé — não se fossem amarrotar e desfazer a linha. Mas o tirador das talhas não corria. Havia qualquer coisa. Claro que a notícia da *partida* correu logo o navio de lés a lés. Toda a guarnição, em peso, se debruçou à borda, gozando. Agora, eis que a baleeira começou a descer de novo, para estacar logo em seguida. O oficial de serviço explicou aos aspirantes, cá de cima, que os tiradores não corriam bem. Novo compasso de espera, agora mais longo. Na ponte, fingiam que remediavam a *avaria*. E conseguiam, mas apenas momentaneamente. Nova descida, nova interrupção; alternadamente, a embarcação ia descendo aos soluços, muito devagar. Era uma tortura superior à de Tântalo... Mas, eis que a baleeira estacou de vez, agora a uns escassos centímetros da água. Lá em baixo, na escuridão, alvejavam os peitilhos das camisas dos aspirantes que estavam inquietos, mas ainda esperançados em que a *avaria* se remediasse. Foi então que o oficial de serviço explicou, cá do alto, que as talhas se tinham avariado irremediavelmente e que a embarcação iria ser içada. Suprema ironia!... A guarnição trouxe, num breves momentos e de leva arriba, a baleeira acima. Todos os oficiais e aspirantes formaram alas. E os dois *boémios*, um tanto confusos, saltaram para o convés e desfilaram por entre palmas delirantes. Só então compreenderam o logro em que tinha caído...

... Ao longe, teimosamente, as luzes do Casino continuavam a brilhar. E aos pobres aspirantes só restou, naquela noite e no beliche estreito, sonhar... sonhar... sonhar...

S. B.

O enigmático senhor D. Cristóvão Colombo

Segundo alguns autores, Cristóvão Colombo, o descobridor da América, teria nascido em Génova, Barcelona, Calvi, Savona, ou ainda numa das aldeias de Cogoreu ou Nervy. Segundo outros, o famoso navegador seria de origem galega, nomeadamente de Pontevedra, a dar crédito às afirmações feitas por historiadores daquela cidade espanhola.

Patrocínio Ribeiro, em "A Nacionalidade Portuguesa de Cristovam Colombo", sugere que o descobridor teria nascido na vila de Colos, concelho de Odemira, distrito de Beja, onde existe ainda uma propriedade com o nome de *Colombais*, local provável do seu nascimento.

Ainda segundo Patrocínio Ribeiro, Colos, no idioma de Cervantes, é Colon, e daí o nome de Cristóbal Colón pelo qual Colombo ficou sendo conhecido em Espanha.

Como mais adiante se verá, parece estar demonstrado que *Cristóvão Colombo* era apenas um pseudónimo de Salvador Gonsalves Zarco, filho provável de João Gonçalves Zarco, um dos descobridores de Porto Santo e depois da Madeira.

Bartolomeu Perestrelo, embora de origem genovesa, mas fidalgo português e primeiro donatário da ilha de Porto Santo, deu em casamento a Cristóvão Colombo, sua filha Filipa Moniz Perestrelo. Esta aliança da família de Perestrelo com um homem obscuro seria contraditória, se não existisse, de acordo com os costumes da época, uma confiança absoluta entre os dois homens: sogro e genro!

Dois factores importantes vêm jogar em prol da nacionalidade portuguesa do glorioso marinheiro: a sua assinatura e a língua que mais naturalmente falava — Colombo era poliglota — a portuguesa. A decifração da sua *assinatura*, problema tentado por notáveis e numerosos investigadores internacionais, foi dada pelo falecido major Santos Ferreira que, no consenso de autorizados latinistas e hebraístas estrangeiros, é a mais digna de fé.

Cristóvão Colombo assinava assim:

—S—
—S— A. —S—
X M Y
X *põ ferens* ./

Opinam alguns escritores que *X põ ferens* significa Cristovam ou Cristóbal, seu nome de pia.

Porque motivo não escrevem então, *Christoforus*? Porque não era decerto esse o seu nome. *Xpõ* está em dativo; logo, *X põ ferens* traduz-se: o que conduz, leva ou eleva para Cristo. Quando alguém eleva o seu pensamento para Jesus, ocorre-lhe, também, o nome de Salvador, sinónimo de Cristo.

Pelo facto de se chamar Salvador, embora sem as inerentes virtudes divinas atribuídas a Jesus, ele escreve então:

—S—) *Salvo*	—S—)	—S—) *Salvo Yosepho*
)	A.) *Salva Maria;*	) *ou*
X) *Christo*	M)	Y) *Salvo Josepho;*

sempre em dativo, tendo como continuado *X põ ferens*...

Salvo, Salva, Salvo, são três *salves*, isto é, Salvador com *salves*. Ora *com salves* (Gonsalves) está mais próximo da etimologia latina *Condisalvos*, que o uso não tem seguido.

A terminar a cabalística assinatura do primeiro Almirante das Índias de Castela, temos ainda o ponto e a barra, ./ (o ponto ao lado da barra — ou vírgula especial — e não sobre aquela). Este sinal era chamado *cólon*, mas o descobridor do Novo Mundo, dizendo chamar-se Cristóbal Colón, transpunha o acento agudo na primeira sílaba para a segunda (Cólon — Colón), a fim de estabelecer a confusão e tornar cada vez mais indecifrável o mistério em que se envolvera.

Cristóvão Colombo (retrato de Sabastiano de Piombo (1495-1547), exposto no Museu Metropolitano de Arte, de Nova Iorque).

Ora o sinal ./ que em latim tem o nome de *cólon*, é, em hebraico, chamado *Zarco*.

O vocábulo *Zarco* é também um derivado do árabe *Zarka* (adj. — que tem os olhos azuis-claro), facto que vem confirmar a origem semita do termo.

Assim, Cristóvão Colombo é, conforme ele mesmo sempre escreveu, *Salvador Gonsalves Zarco*. Esta é a opinião de Santos Ferreira e outros, incluindo o americanista Désiré Pector, o qual escreveu um artigo sobre o mesmo assunto, intitulado "Descoberta do verdadeiro nome e da nacionalidade de Cristóbal Colón".

Das notas da História Universal, de César Cantu — célebre historiador e político italiano — obra que foi traduzida em todas as línguas (1804-1895), é transcrita uma carta do famoso cosmógrafo florentino Paolo del Pozzo Toscanelli, escrita no ano de 1474, onde *chamou* português a Colombo, enaltecendo, não só os *seus homens ilustres*, entre eles Colombo, mas toda a nação portuguesa.

Era do seguinte teor o documento, traduzido por Bernardes Branco, segundo afirma Artur Lobo de Ávila:

"A Cristovam Colombo, Paolo, físico, saúda.

"Recebi as tuas cartas e agradeço-te as expressões com que me favoreces. É digno do maior louvor o desejo que mostras de navegar do Levante para o Poente, como se indica no mapa que te enviei, e melhor poderá demonstrar-se em uma esfera propriamente dita. Foi para mim motivo de

Os navios "Niña", "Pinta" e "Santa Maria" em que Cristóvão Colombo fez a 1.ª viagem (3-8-1492/15-3-1493).

júbilo o facto de haver sido compreendida a minha demonstração, e oxalá essa viagem, que por enquanto não saiu ainda dos limites da possibilidade, se torne real e certa, para a glória de quem a levar a cabo, e para interesse de todos os cristãos. Desses países, só pela experiência poderás fazer ideia perfeita, enquanto que eu a faço por boas e verídicas informações, que me têm sido fornecidas por homens ilustres e de grande saber, vindos dessas regiões a esta corte de Roma, e por vários negociantes que ali têm traficado por longo tempo, pessoas estas para mim de toda a fé.

"De modo que, quando conseguires levar a cabo essa viagem, penetrarás em poderosos reinos, em províncias e cidades riquíssimas, abundantemente providas de todas as coisas de que carecemos, isto é, de todas as espécies de drogas e pedrarias em profusão. Decerto há-de ser também muito grato aos príncipes e reis dessas regiões comerciarem e entreterem relações, como há muito tempo desejam, com os cristãos dos nossos países, não só porque entre eles existem muitos sectários da nossa religião, que têm gradíssimo empenho em tratar com os nossos sábios e homens ilustres, mas também porque gozam ali de grande reputação os impérios e as instituições dos nossos países.

"Não me surpreende, pois, por estas e por muitas outras coisas que sobre o assunto poderiam ainda dizer-se, que *tu, que és dotado duma tão grande alma, e a mui nobre Nação Portuguesa, que em todos os tempos tem sido sempre enobrecida pelos mais heróicos feitos de tantos homens ilustres, tenhais tão grande interesse em que essa viagem se realize.*"

Júlio Verne, em "As grandes viagens e os grandes viajantes", a propósito de Paulo Toscanelli, escreve:

"Na época em que Cristovam Colombo estava em relação com o astrónomo Toscanelli, soube que este, a pedido de D. Afonso V, rei de Portugal, entregara a el-rei uma memória profunda sobre a possibilidade de ir ter às Índias pelo caminho de oeste. Colombo, consultado, apoiou com toda a sua autoridade as ideias de Toscanelli, favoráveis a esta tentativa. Mas isso não teve o mínimo resultado, porque o rei de Portugal, desviado desse projecto pelas suas guerras com a Espanha, morreu sem ter podido dirigir a sua atenção para as descobertas marítimas."

Sabia, pois, o sábio florentino Paulo Toscanelli que estava contribuindo poderosamente para a descoberta do Novo Mundo ao referir-se apenas às Índias? Ou sugere que a rota Levante-Poente vai proporcionar o descobrimento de novas terras que nada têm de comum com as Índias Orientais?...

Chegou, naturalmente, o momento de o leitor fazer o seu justo comentário: — Então, se Colombo era português, porque motivo não dedicou ele o célebre feito histórico à sua Pátria?...

Para responder a este quesito, teríamos que consultar igualmente: Fernão de Magalhães, João Rodrigues Cabrilho, João Dias de Sólis (a quem alguns autores apelidam de espanhol), os irmãos Rui Faleiro e Francisco Faleiro, Álvaro de Mesquita, João Serrão, Duarte Barbosa, Estêvão Gomes, Aleixo Garcia, Henrique Montes e tantos outros nomes que a história de Portugal, por motivos ignorados ou pseudochauvinistas, tenta desvirtuar!

É do domínio público que Colombo ofereceu os seus serviços a D. João II, cerca de 1483-1484, o qual rejeitou o seu projecto de atingir a Índia pelo Ocidente. Despeitado, Colombo abandonou Portugal (1485?) e introduziu-se na Andaluzia, abrigando-se durante dois anos na mesma casa onde se refugiou D. Afonso, conde de Faro, também português.

Mais tarde, o navegador teria escrito uma carta ao monarca lusitano. D. João II enviou-lhe uma missiva, datada de 20 de Março de 1488 e escrita em Avis. Essa carta, encontrada nos papéis de Colombo, é uma espécie de salvo-conduto concedido por D. João a um vassalo com culpas muito graves.

Entretanto, Colombo, por receio, despeito, ou movido por qualquer interesse de maior monta, não regressou a Portugal.

Com o oferecimento da empresa a Henrique VII, de Inglaterra, também o navegador não foi mais feliz.

Foi então que Isabel I, a Católica, rainha de Castela e mulher de Fernando de Aragão (Fernando V, rei de Aragão e de Castela), se mostrou vivamente interessada no arrojado projecto, chegando mesmo a dizer a seu marido: "Bem! Eu me encarrego sozinha deste empreendimento, por conta da minha Castela".

Só então, o rei Fernando se resolveu fornecer ao grande navegador os navios, víveres e armamento, considerados necessários.

Finalmente, a 3 de Agosto de 1492, a frota de Colombo, composta de três caravelas (?), zarpa da barra de Palos de Moguer, situada ao largo de Huelva, avançando oceano adentro, com rumo ao Ocidente.

De acordo com os relatos dos cronistas da época, os marinheiros de Colombo, por desânimo ou timidez, amotinaram-se durante as primeiras semanas de navegação, exigindo o regresso a Espanha. O chefe da expedição chega mesmo a lutar com os seus homens e consegue dominar a rebelião.

A 12 de Outubro do mesmo ano, Colombo avista, enfim, terra: era Guanaani (arquipélago das Lucaias ou Bahamas), ilha a que deu o nome de São Salvador, talvez em homenagem a si próprio...

Em seguida descobre Cuba e Haiti, dando a esta última o nome de Hispaníola. Regressa depois a Espanha em Março de 1493, fazendo escala por Lisboa, onde apresenta os seus respeitos ao rei. D. João II faz-lhe notar que as terras recém-descobertas pertencem à Coroa Portuguesa, visto situarem-se a Sul das Canárias (Tratado de 1479-1480). Este facto daria origem, mais tarde, ao célebre Tratado de Tordesilhas (1494), cuja duração parece ter-se prolongado até 1750, embora as suas cláusulas nunca tenham sido cumpridas em pormenor.

Na sua segunda viagem (Setembro de 1493-Junho de 1496), reconheceu Domínica, Maria Galante, Guadalupe, Antíqua, Monserrate, São Cristóvão, Santa Cruz e outras parcelas do arquipélago das Antilhas, bem como as ilhas de Sotavento, voltando a Haiti, onde seu irmão (?) fundou São Domingos. As costas da Jamaica e de Porto Rico foram também por ele exploradas.

Na sua terceira viagem (1498), depois de haver tocado na Trindade, chegou ao continente e costeou a América Meridional desde o Orenoco até Caracas (provavelmente, La Guaira).

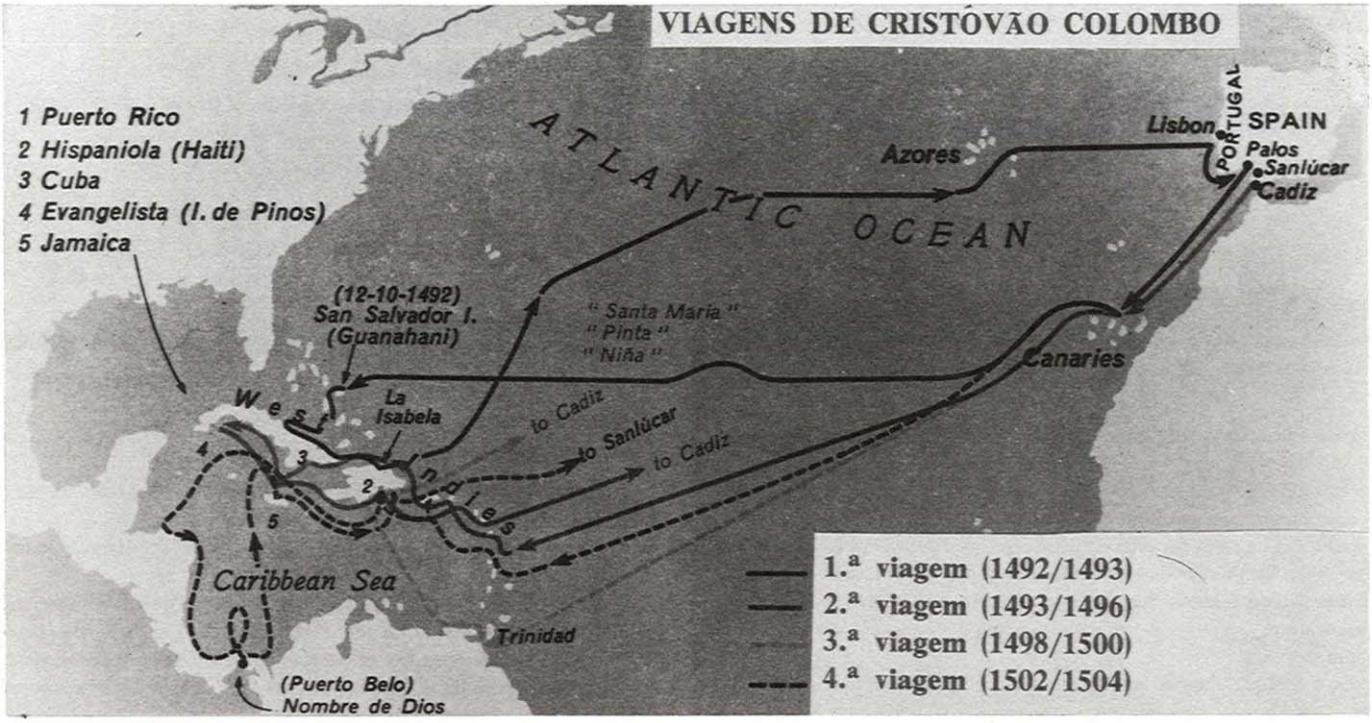
Na quarta e última viagem efectiva (1504), descobre a costa da América Central desde as Honduras até ao golfo de Darien.

Volvendo depois ao Haiti, foi ali repelido pelos seus antigos companheiros, passou fome e doenças, tendo regressado a Espanha, acorrentado, por ordem de Francisco Bobadilla, ainda em 1504. Já caído em desgraça, vem a morrer na miséria em Valhadolid em 1506, abandonado pelo próprio rei Fernando, que dera crédito aos caluniadores do herói.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Poucas figuras oferecem tantos enigmas como Colombo. Seu filho Fernando *pretende* (ele próprio não tem a certeza!), no entanto, que o célebre navegador teria nascido no estado de Génova por volta de 1450-1451, numa família de tecelões.

Segundo Guy Tarade, Colombo, aos 14 anos, vai para o mar, como moço



As quatro viagens de Cristóvão Colombo.

de bordo. Aos 16, é feito prisioneiro com toda a sua equipagem pelos portugueses que o internam em Lisboa. Já com 30 anos, casa-se com a já citada filha de Bartolomeu Perestrelo.

Parece ter navegado em todos os mares da Europa, durante vinte anos.

Sabe-se que foi em Portugal que os Templários guardaram os seus bens mais preciosos, principalmente os mapas que lhes teriam servido para ir à América do Sul (o que teria ocorrido, portanto, muito antes de 1492...), o que explica as viagens que fez a Tomar o futuro almirante de Isabel de Castela, antes de empreender a sua aventura americana. Em Tomar teria, pois, Colombo, consultado os mais secretos documentos da Ordem. Em 1480, o seu encontro com Toscanelli parece ter reforçado as suas convicções sobre a esfericidade da Terra.

Convencido pelos documentos de uns e pelo ensino do outro, o nosso herói empreende duas viagens consecutivas, uma à Islândia e outra à Guiné, os dois pontos geográficos extremos onde se podem situar os sobreviventes da lendária Atlântida.

Simon Wiesenthal, antigo caçador de criminosos de guerra nazis, defende o ponto de vista de o intrépido navegador ser de origem judaica, partindo à aventura para encontrar uma terra de abrigo para os judeus espanhóis, ameaçados de expulsão por Isabel, a Católica.

O professor Cyrus Gordon, especialista em estudos do Mediterrâneo na Universidade Brandeis de Nova Iorque, afirma que os judeus descobriram a América dois mil anos antes de Cristóvão Colombo.

Num trabalho publicado há já alguns anos em Viena, Wiesenthal assevera que Colombo teria descoberto a América quando procurava a Terra Prometida. Cita como base das suas afirmações o conhecimento que o navegador possuia do calendário e da história de Israel, bem como da presença, numa das suas cartas, de um curioso símbolo cabalístico. Por outro lado, Colombo levava na sua nau, Luís de Torres, que falava hebreu e que devia servir de intérprete junto dos judeus que encontrasse no caminho. Foi em hebreu que Torres se dirigiu aos índios da América, o que prova bem que este cabalista ignorado sabia (ou pretendia saber...) que terras esquecidas tinham outrora acolhido os seus irmãos de raça (referência às tribos israelitas desaparecidas).

Como escreve o bispo de Las Casas, o navegador entendia que o seu nome não era Colomb, nem Colombo, mas sim Colon, cujo significado era "repovoador".

Movido pela vontade divina que parecia tê-lo escolhido para realizar o que o seu nome significava: — *Christum ferens* — "portador de Cristo", mas também "portador da luz".

Hoje, somos obrigados a reconhecer que o intrépido navegador não descobriu a América, como no-lo mostram as imagens de Épinal dos nossos manuais de história. Desocultou-a, simplesmente! Vários indícios permitem dizer que tinha recebido a missão de o fazer. Atrás do grande Almirante de Isabel de Castela perfilava-se a sombra de Geraldini, a eminência parda da Corte de Espanha, erudito e iniciado.

As ilhas Canárias desempenharam um papel de inestimável relevo nas expedições de Colombo, além-Atlântico, muito em especial Las Palmas, na Grande Canária. No decorrer das suas quatro viagens (1492, 1493, 1493-1496 e 1504), o audaz navegador ficou ali instalado durante várias semanas. Um busto de bronze, na Plaza de San Francisco, comemora estas diferentes passagens de Colombo.

A casa de António Torres, então governador militar da ilha, albergou o destemido almirante durante as suas estadias nas Canárias. Este edifício ergue-se ainda hoje a poucos passos da Catedral, assinalado com o símbolo dos "Christophoros".

Em Las Palmas, o Almirante de Isabel tinha missões logísticas a realizar, mas também ritos mágicos a cumprir. Colombo era mais que um místico; possuia a fé que ergue montanhas e o conhecimento que dinamiza o espírito.

CONCLUSÕES FINAIS

Fosse ou não português, o grande navegador que descobriu a América, nós podemos reivindicar para a nossa nacionalidade uma boa parte desse glorioso feito. Já o escritor J. A. Coelho, na sua obra erudita "Evolução Geral das Sociedades Ibéricas", o afirma:

"(...) é lusa e bem lusa a ideia, levada definitivamente à prática, *de uma navegação atlântica*, científica, sistematicamente realizada, e tendo por objectivo, numa primeira fase, devassar os mistérios do Oceano, e numa segunda, relacionar o Levante e o Ocidente, portanto, substituir por uma nova linha de comunicabilidade de carácter atlântico a simples artéria de carácter mediterrânico, que se alargava, passando pelos deserto, desde o Indus às Colunas de Hércules. Esta concepção, verdadeiramente nova, de carácter aventuroso e essencialmente marítimo, *nunca poderia sair do cérebro castelhano*, pois estava isolado na cerrada continentalidade do seu planalto... *Na Península, só o poderia criar o Lusitano, porque ocupava uma situação verdadeiramente insular... franca e largamente atlântica*... Por isso, apesar de a América ter sido descoberta por um homem de génio, ao serviço de Castela, *não foi no cérebro castelhano que despontou essa ideia... criada sob a influência da alma lusa*, levaram-lha de fora, encontrou mesmo por parte do génio castelhano dura e intransigente oposição e, francamente aceite, só o foi por uma mulher superior — a grande Isabel, a qual, *bisneta do ilustre Mestre de Avis*, era de alguma maneira a nobre e digna *representante do génio luso* em terras de Castela."

O mistério de Cristóvão Colombo permanece, entretanto: confuso, polémico, místico, hermético. Parece mesmo adensar-se com o decorrer célere e implacável dos séculos.

Não será descabido duvidar da possibilidade de se erguer, em algum tempo, uma ponta do véu que dissimula um dos maiores enigmas da história do Mundo. Da história real do impertérrito aventureiro, resta-nos, apenas, à guisa de lenitivo, *"Magni nominis umbra"*.

O seu nome é, pois, digno, *"in aeternum"*, da maior admiração e respeito de todos os homens que se prezam de fazer parte integrante desta imensa família de "bípedes pensantes", a que, ironicamente, ainda vamos chamando de... humanidade.

Bibliografia:
"A proa de Sagres", de Pedro Muralha; "História de Portugal", de A.H. de Oliveira Marques; "Les Portes de L'Atlantide", de Guy Tarade, e vários documentos não especificados.

N.R. — Por nos parecer confuso, tentámos esclarecer o que é dito neste artigo sobre a tradução da assinatura de Colombo. Não o tendo conseguido, apelamos para os leitores que o possam fazer.

Sarg.-aj. AP RA
Ferreira da Silva

Voz da Abita

Cartas ao Director

Recebemos a seguinte correspondência:

De Manuel António de Sá Pedrosa, ex-mar. CM, Aldreu, Minho, uma carta renovando a assinatura e pedindo para saudar *todo o pessoal que trabalha na nossa tão querida Revista, no Instituto Hidrográfico, no Serviço de Saúde e na oficina da Amora. Um grande abraço para todos.*

De Vítor Manuel Sá Valverde, Odivelas, uma carta de que transcrevemos: *Fui fogueiro, iniciado e rodado na Armada, e isso teve grande influência na minha vida profissional e particular, pois tudo que hoje sou devo-o a essa Corporação. E isto a par de outras recordações de carácter sentimental. Tudo junto, faz-me sentir orgulhoso de a ter servido, orgulho que se sente quando se recordam os bons e maus momentos aí passados, orgulho quando podemos provar que na Armada se fazem bons profissionais e se formam verdadeiros homens, orgulho, enfim, de muitas coisas que a "Briosa" nos dá e ensina. Considero a Armada a melhor escola profissional do país e, sem vaidade, considero-me um exemplo vivo do que acabo de afirmar (...).*

De António Pedro Lourenço, Porto, uma carta de que transcrevemos: *Os meus melhores cumprimentos à Revista, pois sou novo e gosto de ler. Tenho 12 anos, gosto de navios, mercantes ou de guerra, e o meu melhor jantar, até hoje, foi na "Roberto Ivens" com os meus pais e dois sargentos amigos deles. Desejo que a Revista continue sempre em frente e que nunca, por nunca, vá para o "malagueiro" (...).*

De Valdemar Ferreira Marto, Moita, uma carta de que anotámos: *Em primeiro lugar as minhas cordiais saudações a todos os que trabalham nessa tão bela "Revista da Armada". Fui marujo durante quatro anos, estive em várias unidades das quais me permito salientar a corveta "Honório Barreto", onde muitas vezes "chamei pelo Gregório", mas que foi a que mais concorreu para que corra nas minhas veias "água salgada". Fui CM e hoje sou fogueiro civil. Quando vejo um navio da nossa Armada, sinto tantas saudades que me arrepelo todo por não ter dedicado toda a minha vida a essa briosa Corporação. Gostaria de enviar uma saudação a todo o pessoal da Armada, especialmente ao pessoal que faz a nossa Revista e à guarnição da "Honório Barreto" que fez a comissão de 1973/74.*

De Nélson Ferreira Modesto, Alcoentre, um postal a desejar-nos Páscoas felizes e dizendo, entre outras coisas, o seguinte: *Estou sempre desejoso que chegue o fim do mês para receber a nossa Revista, cuja leitura me proporciona momentos de rara felicidade. Talvez não acreditem mas, muitas vezes ao lê-la, vêem-me as lágrimas aos olhos, tantas as recordações que me traz à mente. Também me emociono sempre que vejo um marujo fardado e nunca deixarei de honrar essa farda que também tive a honra de vestir. Para todos os que trabalham na nossa linda Revista um forte abraço de amizade (...).*

De Luís Fernando Maneiras Borralho, Arraiolos, um postal, dizendo que foi fuzileiro especial e prestou serviço no Destacamento n.º 10, em Moçambique, com o comandante Vargas (do qual é muito amigo e tem saudades). Diz ainda que já mandou duas fotografias para a projectada Associação de Antigos Fuzileiros e desconhece se está formada ou não. Termina enviando saudações amigas aos "filhos da escola" e à Revista.

N. R. — A Associação de Fuzileiros a que se refere tem a sua sede na R. Bartolomeu Dias, 63-3.º Esq.º — 1495 Lisboa.

RECRUTAMENTO DE 1951

Realiza-se, no dia 24 de Junho corrente, na praça de touros de Santarém, o almoço de confraternização do recrutamento de 1951.

Os "filhos da escola" interessados em participar deverão contactar com o inspector da Polícia Marítima Graça (tel. 66 69 10).

Quando os gelados da corte eram feitos com neve da serra da Lousã-Coentral

O ofício dos neveiros

Neveiro era o ofício dedicado ao aproveitamento da neve para refrescar bebidas e fabricar doces gelados.
Parece ser muito antiga essa prática, devendo-se, porventura, aos árabes a iniciativa.
Em Portugal, o ofício dos neveiros terá conhecido o apogeu durante o século XVIII, mas há notícia da actividade dos contratadores da neve desde os princípios do século XVII. Efectivamente, a edilidade de Lisboa contratou, em 1619, com Paulo Domingues, o fornecimento diário de 96 arrobas de neve, desde 1 de Junho até 30 de Setembro. E teria sido a visita do monarca Filipe III de Espanha a causa desse interesse da Câmara de Lisboa.
Tirso de Molina, autor dramático espanhol, que viveu de 1583 a 1648, escreveu no "Burlador de Sevilha", referindo-se a Lisboa:

Nieve da serra da Estrela
que por las calles a pitos
puesta sobre las cabazas
la vendem...

Mas não só a serra da Estrela forneceu a neve que se vendia em Lisboa. A Casa Real veio a consumir neve trazida da serra do Coentral (próximo das vilas de Castanheira de Pera e da Lousã). E também na serra da Neve, de Alenquer e Monte Junto, se faria sentir a acção dos neveiros.
Este ofício manter-se-ia por largos anos — com épocas de abundância e crises — havendo dele notícias relativas a períodos sucessivos que atingem e até ultrapassam os meados do século XIX.
Em rápido apontamento, salientaremos os seguintes factos: — Em 1623, era neveiro da Câmara de Lisboa o italiano Marco António Cacilano. Em 1671 esse ofício estava a cargo de António Correia. Em 1683, era neveiro um tal Nicolau Vaz. Em 1699, o contratador da neve era o italiano João Baptista Rossati. Em 1717, foi Eugénio da Cunha o neveiro da Casa Real, mas, então, era outro — o sargento-mor Manuel de Abreu Henriques — o contratador da neve.

A neve era disputada! E Lisboa assistiu ao conflito de interesses entre o fornecedor do Paço e o neveiro das lojas da cidade.

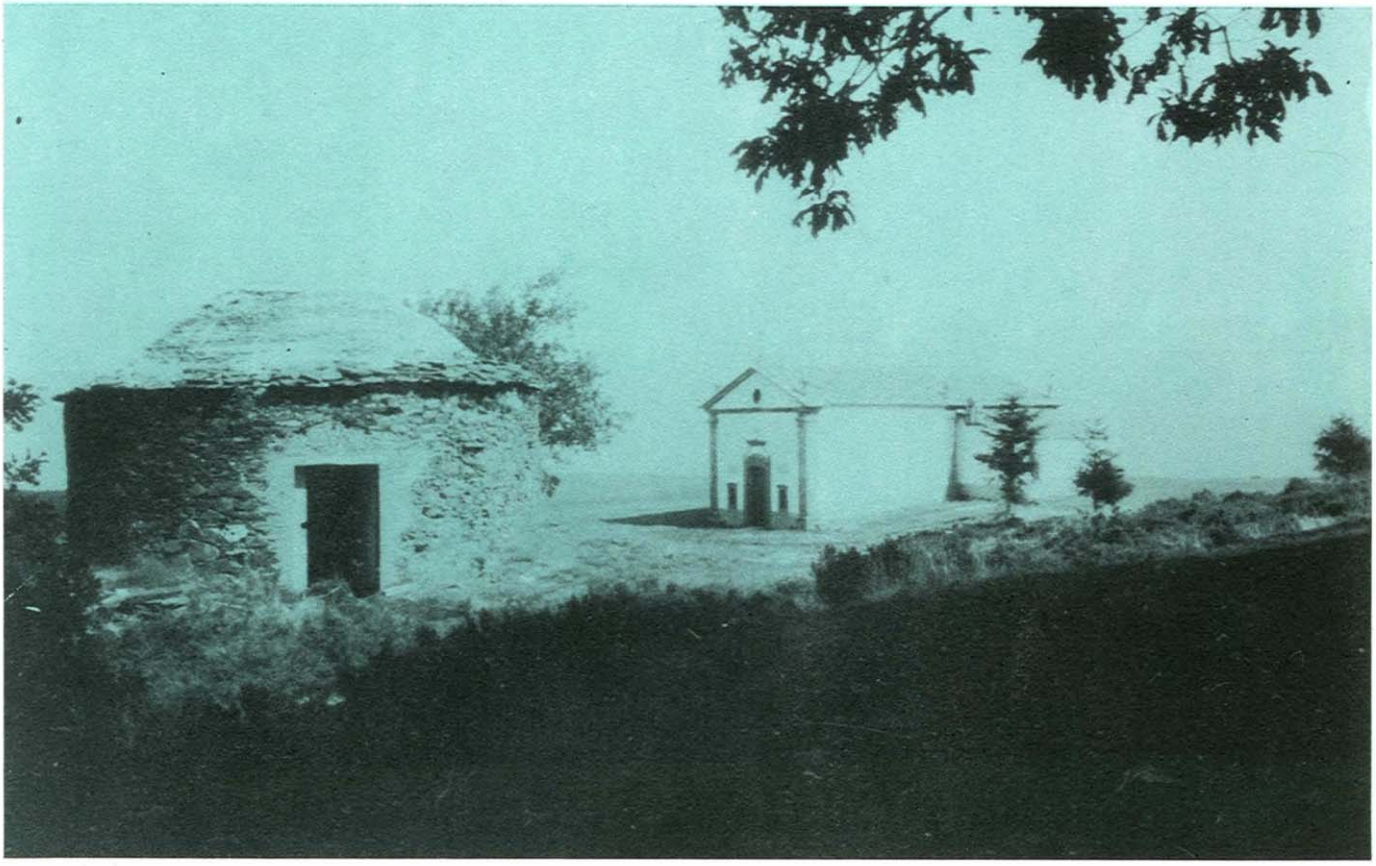
Em 1724, era António de Almeida Lebrão o detentor do privilégio de fornecer a neve à Casa Real. Em 1733 e 1753 foram, respectivamente, contratadores da neve um tal Marcos Álvares da Costa e uma francesa cujo nome era Catarina Picart. Contemporâneo desta era o neveiro Julião Pereira de Castro, de quem nos ocuparemos, em especial, nesta crónica.

Entretanto, cumpre dizer que nem sempre os neveiros conseguiram satisfazer as necessidades do consumo, chegando a importar-se neve de Espanha, enquanto, no alto das serranias portuguesas se orava para que nevasse, pois a recolha da neve se tornara ganha-pão para alguns dos pobres serranos.

Ainda existem, quase intactos, três dos sete poços construídos na serra do Coentral, mais concretamente no Cabeço do Pereiro, hoje preferentemente conhecido por Santo António da Neve. São também localizáveis as ruínas dos poços desmoronados. E no vasto planalto, situado a 1200 metros (altitude que está bem próxima da que é atingida pelo monte do Trevim que, bem perto dali, constitui o ponto mais elevado de toda a serra da Lousã) conserva-se, ainda, uma encantadora capela dedicada a Santo António. E, na sua fachada simples, destacam-se o escudo com a coroa real e duas lápides com inscrições ainda bem legíveis.

Alude uma das inscrições ao destino das esmolas que ali deixasse o caminhante — para beneficiações e conservação do templo.

A segunda lápide tem a inscrição que passamos a transcrever, depois de actualizada a grafia e de eliminadas as abreviaturas:



A capela de Santo António da Neve e um dos poços (1.º plano).

ESTA CAPELA DO GLORIOSO SANTO
ANTÓNIO DE LISBOA
A MANDOU FAZER
JULIÃO PEREIRA DE CASTRO
REPOSTEIRO DO NOSSO REINO DA CÂMARA
DE SUA MAJESTADE
E NEVEIRO DE SUA REAL CASA
EM TERRA SUA ANO DE 1786

Considerada a distância e recordadas as dificuldades de transporte nessa época, bem se podem imaginar os trabalhos e canseiras exigidos ao pessoal neveiro para, através de montes, vales e rios, fazer chegar às ucharias reais e aos botequins de Lisboa a neve da serra do Coentral.

Actualmente, é quase desconhecida a história dos neveiros. E embora os poços e a capela de Santo António da Neve já tenham aparecido, há anos, nos écrans da televisão, nem por isso foi então divulgada essa história pois o filme apenas foi apresentado como intermissão, sem palavras, com fundo musical...

Os poços da neve tinham uma profundidade superior a uma dezena de metros. Exibem, ainda, o aspecto tosco das suas construções circulares e octogonais, cobertas por cúpulas abobadadas — tudo edificado com pedra negra, da região: uma só porta, estreita, constituía o acesso.

Utilizando escadas de mão, de madeira, os homens desciam ao fundo desses poços e, à medida que neles ia sendo despejada a neve, calcavam-na com pesados maços de madeira — como os dos calceteiros de hoje.

Empedernida, isolada entre os paredões alisados pelo estuque, coberta com palha, a neve conservava-se nesses amplos reservatórios até ao Verão, sem que uma réstea de sol lhe pudesse chegar.

Eram as mulheres e os garotos das aldeias vizinhas contratados, à jorna, para acarretar cestas com neve para os poços.

Durante a maior rispidez da invernia, afadigava-se o mulherio e a garotada das redondezas na recolha do alvo lençol, caído no vasto planalto de Santo António da Neve — quantas vezes, ao que se diz, só depois de muitas preces.

E, para reforçar a *produção*, as enxadas tinham rasgado previamente largos tabuleiros — as *alagoas* da tradição popular, onde a água ficava empoçada e acabava por se transformar em gelo.

Ainda hoje se podem localizar algumas *alagoas*, por entre lousas e urzes, mas a maior parte delas desapareceu quando, em 1971, foi ali construída uma pista para aviões.

Quando chegava o Verão, a neve era cortada aos pedaços e vinha, em grandes blocos, para Lisboa, envolvida em palha, fetos, serrapilheira, ou, até, metida em caixotes. E, pelos tortuosos carreiros da serra, o transporte era feito em carros de bois. E desses grandes blocos de gelo — três ou quatro em cada carro de bois — muito se perdia pelo caminho.

Ao transporte terrestre — assistido por protecções legais, como as que obrigavam os povos dos múltiplos lugarejos encontrados pelo caminho a substituirem ou a repararem rapidamente as carroças danificadas e as que facilitavam a passagem nas portagens — seguia-se o transporte fluvial, a partir da Barquinha, ou de Constança.

Muitos pormenores acerca da actividade dos neveiros andam, aĩnda, nas tradições populares da freguesia do Coentral onde, em 1956, aquando da publicação de uma monografia, denominada "Coentral, Terra de encantos", pudemos recolher muitas informações junto dos que eram então os três únicos sobreviventes dessa época dos neveiros

A capela de Santo António da Neve e os três poços ainda existentes no alto da serra Lousã-Coentral.

da região. Eram eles: Maria Lopes Miranda (88 anos), Manuel Barata (84 anos) e José Lopes Agostinho (82 anos).
E a casa do neveiro Julião Pereira de Castro — outrora a mais solarenga do Coentral — ainda lá se conserva, apesar de muito adulterada na sua traça por marcas do tempo e da incúria e também pelo mau gosto dos sucessivos proprietários.
E, ao que se diz, há na igreja paroquial do Coentral alguns paramentos e peças de talha policromada que lhe foram doadas pelo neveiro Julião Pereira de Castro.
Em Lisboa, a neve era vendida, à volta de 1780, no botequim da arcada do Terreiro do Paço, onde hoje se situa o café "Martinho da Arcada". Este foi sucessivamente conhecido por "Casa da Neve", "Casa do Café Italiana", "Café do Comércio" e "Café Martinho" (nome do seu possuidor Martinho Rodrigues, que era, em 1810, contratador da neve do Coentral).
Esta casa tinha, então, um depósito de neve na Travessa da Parreirinha (próximo do teatro de S. Carlos).
Entretanto, outros estabelecimentos de Lisboa se tinham dedicado ao negócio da neve.
Segundo a "Gazeta de Lisboa", vendia-se neve, em 1792, no botequim da "Casa da Ópera" da Rua dos Condes e, em 1793, também esse produto natural se vendia no Largo do Rato, na loja de José Rodrigues Ferreira.
Já no século XIX, há várias alusões às lojas que vendiam neve, sorvetes e demais doces gelados... Em S. Roque, vendeu neve o botequim do Tavares. No Rossio, eram servidos gelados na loja de bebidas do "Madre de Deus". E outros cafés e botequins, como o "Marrara", o "Minerva das Sete Portas", o "Toscano", o "Nicola" e o "Grego" venderam neve — uns desde o dia 1.º de Maio, outros desde o dia do Corpo de Deus, como se pode ver nos anúncios que já publicavam na imprensa.
Mas não só nos doces e nas bebidas era utilizada neve. Também os doentes beneficiavam de tratamentos feitos com gelo. Por isso, já em 1699 o neveiro João Baptista Rossati (um italiano) se propôs obter a concessão do privilégio para o fornecimento da neve a Lisboa obrigando-se, também, a abastecer o Hospital de Todos os Santos.

DOIS DOCUMENTOS DO TEMPO DE D. JOSÉ I

Para a história dos "Neveiros Reais" e dos celebrados "Poços da Neve" do planalto de "Santo António da Neve", da serra de Lousã-Coentral, têm inegável interesse dois documentos divulgados no "Distrito de Coimbra" pelo dr. Mário Ramos e recordados, no "Diário de Coimbra", alguns anos mais tarde (em 13-7-1936), pelo prof. Virgílio Correia, da Faculdade de Letras de Coimbra. Aqui os transcrevemos:

> *Eu el-rei faço saber a vós, Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras, do meu conselho, secretário do Estado dos Negócios do Reino e que servis de meu mordomo mor; que Julião Pereira, neveiro da minha casa me representou que eu lhe fizera mercê do dito ofício por alvará de 23 de Junho de 1757, sem moradia nem ordenado, obrigação de dar a neve que fosse necessária todo o ano para a minha casa a preço de quarenta réis o arratel, em qualquer parte onde eu estivesse, como também à mais família dela pelo mesmo preço, para o que poderia tomar as carruagens, bestas e barcos, e tudo o mais que lhe fosse necessário para a condução da dita neve, a que se lhe não poria dúvida nem embargo algum, antes lhe teria dado todo o favor e ajuda que ele pedisse. E porquanto as justiças lhe duvidavam estes privilégios ao dito ofício concedidos, sem os quais não poderia, na forma das suas obrigações prontamente exercitar, me pediu lhos reformasse; ao que entendendo: hei por bem e mando a todos os oficiais de Justiça, Guerra ou Fazenda guardem e façam guardar ao dito Julião Pereira, neveiro da minha casa todas as regalias, privilégios e*

isenções que concedi ao dito ofício, dando-lhe todo o favor e ajuda que ele pedir para o transporte da neve; e que com as pessoas que trouxer na sua condução não atendão, constando porém quais são, por certidão do seu mordomo mor...

Lisboa, 3 de Novembro de 1759
Rei. Conde de Oeiras. Alvará de reformação de privilégios que V. Magestade manda se guardem a Julião Pereira, neveiro de Sua Real Casa, na forma que acima se contém, e foi servido conceder-lhes com o dito ofício.

O segundo documento, firmado, dez anos após o primeiro, pelo neveiro Julião Pereira, estabelece o que segue:

Nomeio a Simão Duarte e José Duarte, do lugar dos Poboraes, termo de Góes, para irem ajuntar neve à Real fábrica que se acha no Cabeço do Pereiro, serra da Lousã, e para esses avisarem os mais do lugar do Coentral para acudirem a ajuntá-la, por ficarem os ditos à vista da serra e verem quando cai a dita neve como também para irem ver a miúdo que não haja algum prejuízo na dita fábrica causado pelos pastores ou pessoas que passem, que não quebrem telhas dos telhados ou outro qualquer prejuízo para logo que suceda se prover de remédio e para o que lhe concedo todos os meus poderes que neste alvará que são concedidos para Sua Magestade, para que em meu nome possam requerer a todos os Ministros e Oficiais de Justiça e Guerra ou Fazenda, tudo o que preciso for para a boa conservação da neve da dita fábrica.

Coentral, 29 de Janeiro de 1769
Julião Pereira.

No dizer do prof. Virgílio Ferreira, os "Poços da Neve" *merecem pela sua construção e raridade ser considerados edifícios de interesse público ou, aproveitando a designação proposta por João José Paulo Pereira, no Congresso (VI Congresso Beirão — 1936), incluídos no património comum.*

Entretanto, neste ano de 1979, verifica-se que ninguém procura salvar das garras do tempo e da incúria dos homens o que resta da "Fábrica" dos neveiros no planalto relvado de Santo António da Neve, tornado parque de merendas e cenário de arraiais promovidos pela gente do Coentral.
E o forasteiro, ao avizinhar-se da capela, deixa uma esmola e lê com curiosidade as inscrições existentes nas já referidas lápides:

A ESMOLA QUE OS DEVOTOS DO GLORIOSO SANTO ANTÔNIO DEREM SERÁ APLICADA PARA AS OBRAS DA REEDIFICAÇÃO E ORNAMENTOS
AOS SEUS DEVOTOS O BENEFÍCIO.

Era assim... *in illo tempore.*
Hoje, ocorre perguntar: — Quem salva da incúria e da ruína o que resta da grande "Fábrica da neve do Cabeço do Pereiro"?
Os poços da neve da serra da Lousã-Coentral, ali situados, a dois passos do Trevim (o ponto mais elevado da serra) bem merecem o interesse de quem de direito, para que se salvaguarde este património histórico que, se não tem interesse artístico, constitui um valioso testemunho e recorda interessantes páginas da nossa História — que nos cumpre preservar e divulgar para que se guarde memória junto das actuais gerações e para que o labor e as tradições do passado cheguem ao conhecimento dos vindouros.

Herlander Machado

D. Sebastião

Menino-rei, loiro, desamparado,
apertas com a mão a larga ferida
de onde se escoa para o chão gretado,
em longos fios, tua curta vida.

Os olhos que tiveste tão cerrados,
teimosamente, perseguindo um sonho,
abrem-se agora, como estremunhados,
fitando em volta o arraial medonho.

Quisera debruçar-me no teu peito,
aliviar-te a dor, naquele jeito
com que se fala à criança infeliz.

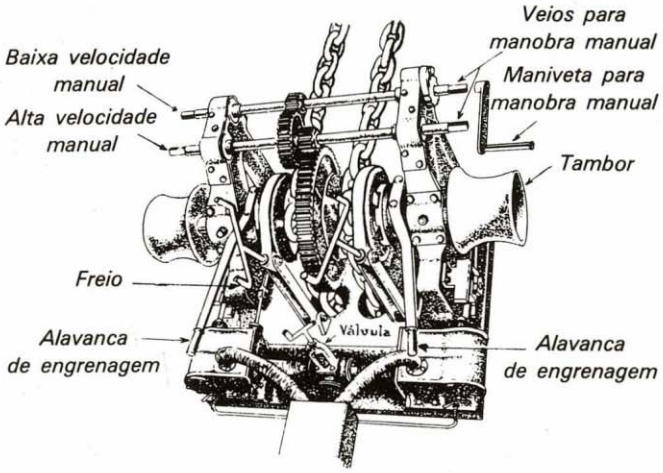
Tentando reprimir a ânsia louca
desta pergunta que me queima a boca:
Que fizeste, Senhor, do meu País?

Maria Emília Sousa Leite
Biblioteca Central da Marinha

N. R. — D. Sebastião é uma fonte de inspiração inesgotável para os poetas portugueses. A prová-lo, dois belos poemas, um no nosso número 91/Abril 79, e este agora.

Terminologia Naval

GUINCHO — Aparelho de eixo horizontal, movido a braço, a motor, ou electricamente, empregado a bordo para manobra de cabos e amarras.



GUINDA — Altura de um mastro ou mastaréu. Altura de uma vela; se for redonda, é tomada na sua parte média e se for latina, corresponde ao comprimento da valuma. Em gíria de bordo, ter muita guinda, refere-se a pessoa muito alta.

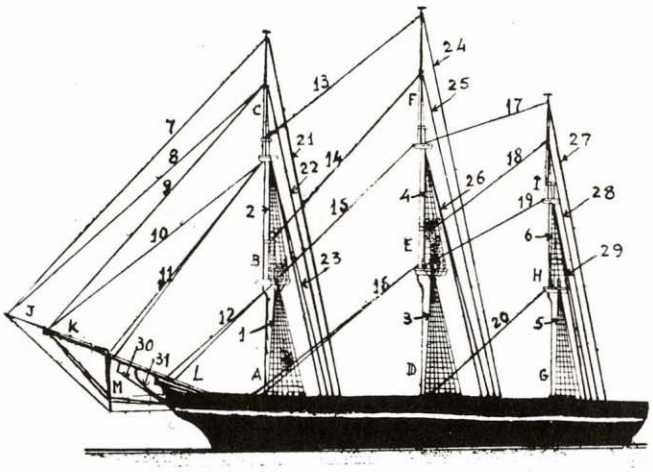
GUINDALETE — Cabo ou corrente que labora no guindaste. Guindareza.

GUINDAMAINA — Cortesia entre navios, correspondente a um cumprimento entre pessoas, que consiste em arriar a bandeira até meio e içá-la seguidamente.

GUINDOLA — Tábua suspensa por um cabo amarrado em pé-de-galinha para os homens trabalharem na mastreação ou no costado do navio. Balso de pau ou de carpinteiro.

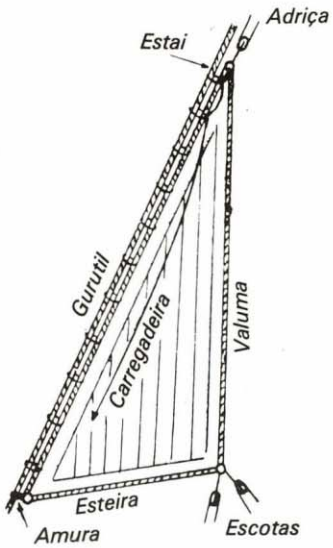
GUITA — Barbante, fio.

GURUPÉS — Mastro que sai pela proa, formando com a horizontal um ângulo de cerca de 35° a que se chama arrufamento.



L — Gurupés.

GURUTIL — Lado superior das velas redondas e latinas quadrangulares que liga à verga; lado das velhas latinas triangulares que enverga no estai.



GUSANO — Molusco que fura os cascos de madeira dos navios ou embarcações mergulhadas em água salgada. Teredo ou taredo.

HARMATÃO — Vento seco soprando de NE na costa ocidental de África, de Dezembro a Fevereiro e transportando poeira avermelhada dos areais africanos que chega a depositar nos navios que cruzam a costa.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Abril foi, como aliás estava planeado, o primeiro mês deste ano em que foram postas em circulação duas séries de selos.

A primeira, em 4, assinalou a passagem do 30.º aniversário da NATO e a outra, a tradicional "Europa", teve lugar no dia 30.

Sobre a primeira, diremos que o motivo, comum a ambos os selos, é o emblema da organização, assente em fundo azul, o que confere aos exemplares muita graciosidade.

Recordamos também que esta foi a 3.ª vez que em Portugal foram emitidos selos dedicados à NATO, o que interessa, muito particularmente, aos coleccionadores especializados no tema, uma vez que idêntico procedimento tem sido levado a cabo noutros países membros da organização, permitindo, portanto, o enriquecimento das suas colecções.

Refira-se, a propósito, que a primeira destas séries emitida em Portugal, está actualmente muito valorizada, o mesmo acontecendo com o respectivo FDC.

Quanto à outra série, trata-se da já mundialmente conhecida por "Europa", posta anualmente em circulação pelas Administrações Postais que aderiram à Confederação Europeia de Correios e Telecomunicações, que este ano se subordina ao tema "História do Correio".

Os selos portugueses deste tema (sobretudo depois de os motivos não terem de obedecer a um objectivo comum a todas as Administrações mas apenas desenvolvendo um assunto previamente indicado pela C.E.C.T.) têm, nos últimos anos, marcado posição de relevo, o que acreditamos volte a acontecer agora.

Na verdade, consideramos bastante feliz e positiva a apresentação num deles, de um mensageiro postal, a cavalo, entregando uma missiva ao

destinatário, entalada na extremidade de uma vara, para evitar contacto directo e o possível contágio de doenças, sistema que foi usado até ao século XVI.

O outro, mostra a distribuição postal porta a porta, esta muitíssimo mais recente e ainda em uso.

De realçar em ambos, a perfeição dos desenhos, enriquecidos por cores muito atraentes e bem inseridas nas respectivas épocas. Contudo, estranhamos que, e isto acontece pela segunda vez, a série não tenha sido contemplada com uma taxa de mais frequente utilização, a de 5$00 por exemplo, já que os selos, com os valores que apresentam, dificilmente chegarão directamente a muitos que podiam ser atraídos a melhor conhecer e compreender aquilo a quem alguém chamou, referindo-se à filatelia, autêntico fenómeno. Por outro lado, se os selos deste tema têm sido devidamente apreciados em anos anteriores, seria de muito interesse que a todos fosse dada a possibilidade de os analisar, situação que se encontraria garantida através de uma profusa circulação, conseguida se as taxas fossem de uso mais corrente.

O mesmo problema se põe quanto ao bloco filatélico que, apresentando duas séries, mais oneroso torna o conjunto.

Bem sabemos que as taxas altas são muito necessárias mas, somos de opinião que não deviam ser tão frequentes nas chamadas séries comemorativas, pois as séries ordinárias podiam e deviam ser as mais indicadas para as suportar.

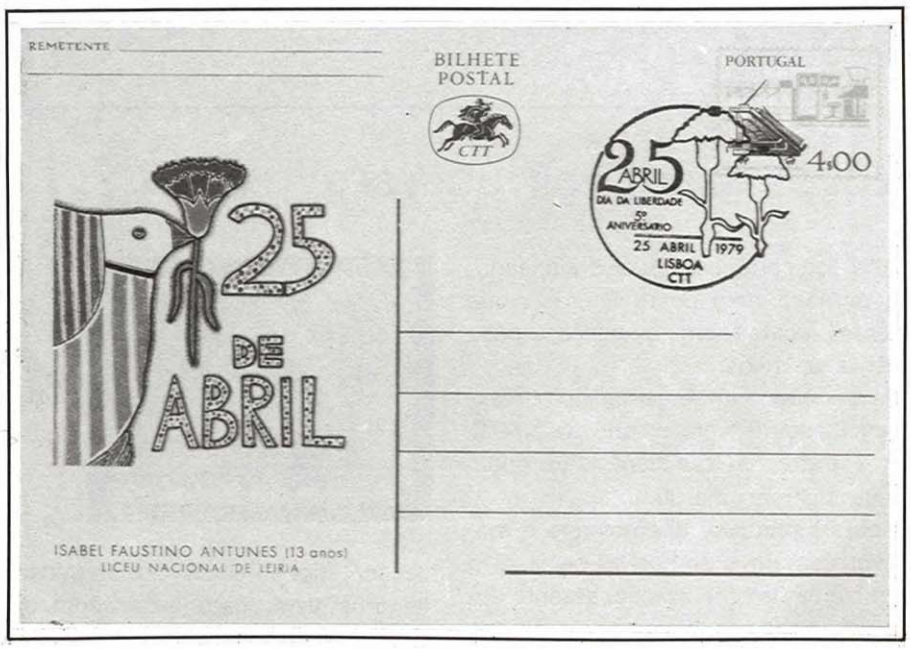
É que assim, dizia-nos há tempos um jovem coleccionador, começa a ser muito difícil manter o entusiasmo que, como autêntica chama, deve permanecer em cada filatelista.

O DIA 25 DE ABRIL NA FILATELIA

Só muito tardiamente tivemos conhecimento de que esta data seria filatelicamente assinalada com flâmulas e marcas postais e, mais tarde ainda, com a emissão de dois inteiros postais, um dos quais reproduzimos, pelo que, na devida altura, não demos as merecidas notícias.

Aliás, os inteiros postais não constavam do plano de emissões para este ano, que assim foi alterado, já que além deles foi acrescentada uma emissão de selos em 15 de Setembro, esta comemorativa da "Brasiliana", designação dada à 3.ª Exposição Mundial de Filatelia Temática cuja realização ficou marcada, quando da PORTUCALE 77,. para este ano no Brasil, mais concretamente na cidade do Rio de Janeiro.

Esperamos poder proximamente falar mais desenvolvidamente sobre a "Brasiliana", sem dúvida uma das grandes exposições mundiais de filatelia que se realiza em 1979.



G. Brandão
2.º-ten. SG

Desportos

A ARMADA NO DESPORTO FEDERADO

A Marinha, por intermédio do Centro de Educação Física da Armada (CEFA), fez-se representar no Torneio de Apuramento do Campeonato Regional da 3.ª Divisão (atletismo em pista).

A equipa do CEFA obteve um brilhante 2.º lugar entre 23 equipas concorrentes, tendo os seus atletas conquistado 6 dos 19 títulos em disputa.

Do conjunto de provas, os nossos atletas sentiram, mais uma vez, dificuldades nas especialidades de saltos e lançamentos. Para evitar a este facto, torna-se necessário que os atletas daquelas especialidades compareçam com assiduidade aos treinos que se realizam na pista do CEFA, às 3.as e 5.as-feiras, os quais são orientados pelo prof. Fonseca e Costa, treinador responsável da Associação de Atletismo de Lisboa.

Também, nos dias 21 e 22 de Abril findo, a equipa do CEFA participou na prova Dr. Fernando Amado. O mar. L Oliveira classificou-se em 6.º lugar nas corridas de 800 e 1500 metros e o gr. C Lemos obteve o mesmo lugar na de 5000 m.

VOLEIBOL

Nos meses de Março e Abril último, disputou-se o Torneio de Voleibol, o qual foi ganho pela equipa da Direcção do Serviço de Educação Física (DSEF).

PROVAS DO DIA DA LIBERDADE

Organizadas pela DSEF disputaram-se, nos dias 23 e 24 de Abril, provas de natação e de atletismo para comemorar o "25 de Abril" — Dia da Liberdade, nas quais participaram cerca de 350 concorrentes.

Classificações — Atletismo:
100 m (76 participantes):
1.º — Mar. FZM Almeida (FFC)
2.º — Asp. Furet (BF2)
3.º — Mar. FZ Freitas (BF1)

1500 m (75 part.):
1.º — Gr. CRO Marques (ERNCNR)
2.º — Mar. L Oliveira (DSEF)
3.º — Gr. CRO Prazeres (ERNCNR)

Salto em comprimento (69 part.):
1.º-Sold. FA Braga (DSEF)
2.º — Gr. FZ Lança (EF)
3.º — Gr. R Simões (ERNCNR)

Lançamento de retenida (76 part.):
1.º — Mar. FZ Elias (DSEF)
2.º — Cabo FZ Cabrita (BF1)
3.º — Gr. FZ Horta (BF1)

Natação — 50 m (86 part.):
1.º — 1.º-ten. Trabuco ("Cte. R. Ivens")
2.º — Carlos Sena (Ars. Alfeite).

Classificação colectiva:
1.º — Força Fuz. Continente
2.º — CEFA
3.º — Arsenal do Alfeite
4.º — ERN "Cte. N. Ribeiro"
5.º — NRP "Cte. R. Ivens"
6.º — NRP "Alm. G. Coutinho"
7.º — NRP "Cte. J. Belo"
8.º — NRP "Cte. H. Capelo"
9.º — D. Abastecimento
10.º — NRP "Cte. S. Cabral".

A Força de Fuzileiros do Continente (BF1) conquistou o troféu instituído pelos Clube Militar Naval e Clube do Sargento da Armada para premiar a equipa vencedora da prova de lançamento de retenida.

(Colaboração da D.S.E.F.)

Aspecto de uma das provas de atletismo.

Um grupo de concorrentes à prova de natação.

AULAS DE JUDO

Os participantes a uma das aulas de judo.

O Centro de Educação Física da Armada tem promovido, no ginásio da Escola Naval, no Alfeite, a realização de aulas de judo, abertas a todos os militares da Armada. De periodicidade semanal, aos sábados de manhã, das 09.30 às 11.30 horas, estas aulas são orientadas pelo professor Pedreira (cinto negro), nelas tomando parte normalmente o cap.-frag. Monteiro Fiadeiro (cinto negro). Os participantes, em média entre 8 e 12, distribuem-se por diversas graduações, desde cinto azul a cinto branco, o usado pelos principiantes. No entanto, a proporção de graduados com o cinto verde ou laranja é elevada.

Mantém-se assim em actividade (embora reduzida) na Armada uma modalidade de reconhecido interesse militar. Como já foi referido, estas aulas estão abertas a todo o pessoal militar, quer graduado quer principiante em judo.

(Colaboração do cap.-ten. Henrique Alexandre da Fonseca)

A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS FORÇAS ARMADAS

Variadas e complexas são as questões relacionadas com a educação física e, de uma forma muito especial, com a educação física nas Forças Armadas.

Se para o cidadão comum a prática de exercício físico é absolutamente necessária à manutenção do equilíbrio psíquico e fisiológico, para o militar, essa prática envolve outros aspectos bem mais importantes, delicados e necessários.

A actividade física deverá fazer parte integrante do dia a dia do militar, tal como qualquer outra actividade de rotina. Por imperativo da própria profissão que escolheu, o militar deverá manter-se em boa forma física.

Mas, a inexistência de hábitos desportivos e também de legislação adequada, que obrigue o militar a preocupar-se com a sua forma física, a qual seria testada periodicamente, com consequências de facto, para esse militar, fazem com que a educação física nas Forças Armadas e neste caso específico, na Armada, não ocupe, em termos de conceito, o lugar que lhe é devido.

Em relação aos hábitos desportivos, tentarei ilustrar a minha afirmação com a seguinte situação:

O professor de ginástica manda um cadete correr mil metros. Perante este "abuso de autoridade", o cadete pergunta: *Será que existe algum navio com mil metros?* Este episódio foi-me contado como verídico, há alguns anos atrás.

Será brincadeira, mas reflecte bem toda uma concepção que urge desfazer.

A educação física nas Forças Armadas tem uma dupla missão a cumprir: preparação e manutenção física do pessoal e ocupação dos tempos livres. Creio ser desnecessário focar a importância do primeiro dos aspectos.

Em relação à Armada, fuzileiros e navios, é-o por imperativo das missões possíveis e porque nada mais prejudicial ao corpo e ao espírito, do que passar dias a fio sem efectuar qualquer tipo de exercício físico.

Quanto à ocupação dos tempos livres, o problema é bem mais delicado. Boa unidade, aquela cuja guarnição ocupa os seus tempos livres praticando desporto. Digo boa, porque para essa unidade, grande parte dos problemas disciplinares estão, à partida, solucionados pelo facto de os seus homens preferirem correr ou jogar basquete em vez de ficarem na coberta ou sala jogando às cartas. Boa unidade, porque o rendimento do pessoal nos seus locais de trabalho é beneficamente influenciado pelo facto de praticarem desporto. Boa unidade ainda porque, praticar desporto não só implica desenvolvimento e saúde física, mas, sobretudo, significa a adopção de uma atitude saudável e positiva, sob o ponto de vista mental.

Loureiro Nunes
1.º-ten. FZ

Com a etapa do Mediterrâneo a "Sagres" abraçou o mundo

GOA: UMA JÓIA PORTUGUESA QUE BRILHA NA ÍNDIA

Quem viu Goa, não precisa ver Lisboa, dizia-se outrora a propósito da fama e da grandeza daquela terra. Conquistada definitivamente por Afonso de Albuquerque, em 1510, embora os marinheiros de Vasco da Gama por aí tivessem passado a partir de 1498, Goa tornou-se a cabeça do império português na Índia e também o tope da civilização ocidental no Oriente, na segunda metade do século XVI.

Aí se vieram a estabelecer os nossos vice-reis, após os holandeses terem expulso de Cochim os portugueses.

Foi em Cochim, ao sul de Goa, na costa Malabar, que os portugueses ergueram o primeiro centro europeu em todo o subcontinente indiano. Obtida permissão do rajá para aí se estabelecerem, depressa edificaram fortalezas, igrejas e palácios, fazendo da cidade um reino faustoso, culto e progressivo, cujos efeitos perduraram até aos nossos dias, já que o estado de Kerala, de que Cochim era capital, é o que tem maior número de católicos e também o melhor índice de alfabetização em toda a India.

Aí morreu Vasco da Gama, em 1524, quando era vice-rei, e aí se forjou a têmpera dos grandes portugueses que foram fazer de Goa a terra mais conhecida do Oriente.

Originariamente, o território de Goa era formado por cerca de 30 pequenas aldeias. Mas, era o ponto de embarque para os muçulmanos da India que iam em peregrinação a Meca e era o centro do comércio árabe que vinha de Ormuz. Daí se exportavam as porcelanas e a seda que vinham da China, as pérolas de Cohim e as inúmeras especiarias a que a Europa se habituara e das quais não prescindia.

Ponto estratégico, conseguiu guindar-se a um centro cosmopolita a partir de 1539, no tempo dos Menezes, Noronhas e Mascarenhas, vice-reis que fizeram de Goa a Roma do Oriente, recebendo os seus bispos o título de Patriarcas das Índias Orientais. Na realidade, assim deveria ser.

Quem hoje tem a dita de pisar as terras de Velha Goa, a antiga capital, logo se apercebe da sua grandeza de outrora. Devastada pela epidemia da peste, em 1635, dela restaram, dos seus palácios, dos seus monumentos, dos seus templos, das suas praças, apenas a velha Catedral, o convento de S. Francisco de Assis, o palácio dos Patriarcas, a basílica do Bom Jesus e o arco dos Vice-Reis.

De tudo o mais, nada ficou senão escombros, montões de ruínas, pedras enegrecidas que, apesar de tudo, ainda hoje são pilares evocativos da grandeza passada. Mas, perdoem-nos, aqui voltaremos. O entusiasmo lá nos levou antes do tempo.

Sim, o entusiasmo. Quase não nos convencemos da realidade do 18 de Dezembro de 1961: a ocupação de Goa pela União Indiana.

E menos nos convencemos, depois de termos visitado Goa. Vimos gente a chorar de alegria só pelo facto de um navio português atracar ao porto de Mormugão.

Homenagem a Camões em Velha Goa.

Longe, muito longe dos centros populacionais, ficou atracada a "Sagres", num cais quase inacessível. As gigantescas obras de ampliação do porto de Mormugão a isso nos obrigaram. Contudo, um verdadeiro mar de gente acudiu ao cais. Milhares e milhares de goeses, em bicha, apinhando-se, comprimindo-se, desfilaram pelo navio, chorando, cantando, dando as mãos, abraçando, num autêntico delírio, os seus irmãos de Portugal. Um enviado da nossa embaixada em Deli e os representantes da Marinha indiana ali estavam para nos receber com simpatia, gentileza, calor e amizade. Mas foi o povo, o povo de Goa quem nos envolveu em triunfo.

De Vasco da Gama, de Pangim, de Margão, de todos os recantos do território, veio gente a ovacionar a "Sagres". Mais que em qualquer outro lado, nos sentimos como em casa, casa solarenga, cheia de história, cheia de carinho, bafejada de amor durante 460 anos pela presença portuguesa. Fechada 18 anos, de novo abria as suas portas. Um pouco desarrumada nalgumas divisões, caruncho aqui e além, mais arejada noutros compartimentos, remodelada, Goa é essencialmente a mesma casa, uma casa portuguesa na Índia.

Honra seja feita ao Governo indiano que, a par de uma ou outra pequena coisa modificada ou desmantelada no período eufórico da ocupação, soube conservar o património legado por Portugal. A estátua de Afonso de Albuquerque foi apeada do seu pedestal, o busto de Vasco da Gama desviado, alguns nomes modificados. O essencial, porém, permanece. Tudo foi poupado. Ouvimos dizer até que, quando turbamulta dos endemoninhados oportunistas se preparavam, em 1961, para derrubar o monumento a Camões, em Velha Goa, disso foram dissuadidos pelo Governo central. Honra lhe seja feita. A história é história. É a riqueza dum povo. Tenha ela cores pardacentas, negras ou coloridas, é a história. Por isso, ao lado dos nossos vice-reis figuram hoje também, não já no palácio Idalcão, mas num museu arqueológico em Velha Goa, no velho convento de S. Francisco, as figuras de todos os governadores até Vassalo e Silva e os últimos presidentes portugueses, incluindo Salazar.

Fez bem o Governo indiano. Não foi iconoclasta. E a grande figura de bronze de Afonso de Albuquerque lá está, logo à entrada do museu. Soberba, grandiosa, aquela Velha Goa onde ressalta, como dissemos, a Catedral, ainda hoje Sé Patriarcal, a basílica do Bom Jesus albergando a preciosidade do túmulo de S. Francisco Xavier, a igreja de S. Caetano, a igreja de Santa Catarina, padroeira de Goa, pois no seu dia, 25 de Novembro, em 1510, Afonso de Albuquerque conquistara a cidade.

Soberba, grandiosa aquela Velha Goa com o convento de Santa Mónica, as ruínas de Santo Agostinho, o asilo de Santo António, o arco dos Vice-Reis, a igreja de S. Pedro e aqui e além umas pedras soltas, mas pedras com história.

Destoa um pouco o actual monumento, na rotunda de entrada da velha urbe, dedicado ao maatma Gandhi. Mas lá está.

E, num salto, pomo-nos em Pangim, hoje Panaji. De Mormugão saímos atravessando a nova cidade de Vasco da Gama; não usámos o *ferry* para cruzar o rio Zuari e fomos dar uma volta de 80 quilómetros, passando por Lantulim, Margão, Pondá. Parámos demoradamente em Velha Goa. Depois seguimos até Ribandar e eis-nos em Pangim, alcançada depois da passagem da ponte Mandovi. Mais uma ponte, já dentro da cidade, a ponte do Conde de Linhares que foi um dos vice-reis e estamos já frente ao palácio Idalcão, edifício central, modesto mas característico, do tempo dos mouros, anterior à presença lusíada e ocupado em primeira mão pelo chefe Abdil Kaw, advindo-lhe daí o actual nome com que é conhecido. Detivemo-nos frente ao monumento ao abade Faria, de seu nome José Custódio Faria, célebre hipnotista que se viu expulso de Goa e foi tido como herético em Portugal, acabando por morrer em França, celebrizado por Alexandre Dumas no seu romance "O Conde de Monte Cristo". Deixámos a famoso abade goês no seu pedestal e seguimos mais além, pela avenida marginal, submersos na sombra das palmeiras; adiantámo-nos até Gaspar Dias, zona também conhecida por Sihamar, olhámos à distância o palácio governamental do Cabo, descortinámos, mais além, a fortaleza da Aguada e retomámos a estrada até à praia de Dona Paula, assim chamada em homenagem à filha de um antigo governador. Subimos ao miradouro onde hoje se ergue um pequeno mas sugestivo monumento de autoria da alemã Irsa Von Leistner, em homenagem ao pro-núncio papal da Índia, mons. Roberto Knox. Olhámos a "Sagres" ali em frente, a poucas milhas, separada pelas águas do Zuari e retomámos o mesmo caminho com desvio na aldeia de Caranzalem, e entrámos de novo em Pangim. Vimos a Escola Médica fundada em 1842, passeámos pelo bairro das Fontainhas, pelo bairro de S. Tomé, para nos determos uns minutos frente à igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Terminámos a nossa digressão no Altinho, miradouro estratégico de Goa e de Pangim e entrámos no palácio Patriarcal, edifício elegante, embora de linhas sóbrias, construído em 1894, no tempo do patriarca D. António Sebastião Valente.

A noite caía. O tempo era escasso para tudo quanto tínhamos de ver em Goa. Apenas três dias. Três dias repletos de actos oficiais e de recepções protocolares.

Mas, controlado devidamente o tempo, com conta e medida, conseguimos ver o que queríamos e assistir ao que devíamos.

Estivemos no Instituto Menezes de Bragança, ex-Instituto Vasco da Gama, numa exposição de livros de autores portugueses, oferecidos por Portugal; assistimos ao entusiástico desafio de futebol entre a equipa da "Sagres" e a conceituada equipa local de profissionais, desafio que atraiu, apesar da exorbitância do preço dos bilhetes — atitude nada elogiosa para os organizadores — uma multidão calculada em dez mil pessoas; marcámos presença na recepção oferecida pelo Governo,

A equipa de futebol da "Sagres" entrou em campo ovacionada por uma multidão de goeses.

presidido por uma mulher, recepção essa oferecida num hotel da praia de Calangute, abrilhantada por um espectáculo de música e danças tradicionais. Enfim, três dias sem descanso, sem parar, sem tempo para divagações inúteis.

Goa, a Goa dos mil encantos, a Goa nascida em Chandor que foi a primeira capital, a Goa de Jovapuri sua segunda cabeça, a Goa monumental do tempo áureo do século XVI, a Goa actual, a Goa que os portugueses fizeram, foi por nós desbravada em três dias. Parece impossível!

Até soubemos o que fora feito do navio "Afonso de Albuquerque", último baluarte da resistência, em 1961. Disseram-nos ter sido vendido em Bombaim, para a sucata, conservando-se algumas das suas peças num recém-criado museu naval, situado numa pequena ilha frente a Bombaim.

De relance, quase num ápice, quisemos saber de tudo e de todos. Conseguimos o essencial. Mas o que pudemos auscultar sem grande esforço foi o grande amor que os goeses nutrem por Portugal. Ouvimos testemunhos eivados de saudade, de gente que, soluçando, nos falava de Portugal.

E o Governo indiano compreende isso muito bem. O território de Goa vai ser elevado a estado. E o estado será constituído por Goa, Damão e Diu. A sua gente não quer ser anexada seja a quem for. O Governo compreende e consente. Só não agiu bem em substituir a língua portuguesa pelo inglês. Ao passarmos pela rua, se em português nos escapava uma palavra, éramos logo correspondidos por quem nos escutava. Dezoito anos não foram nada em tempo. Goa continua a ter alma portuguesa e o português vai voltar a ser ensinado nas escolas. Nada terão a perder, nem a Índia, nem Portugal.

Antes ao contrário, será mais um elo de amizade e ligação.

No navio anfitrião, o "Bramaputra", diziam-nos durante o jantar: *fazemos votos para que os nossos laços de amizade se estreitem cada vez mais.*

Estamos em crer que sim! Muitos milhares de pessoas acorreram a Goa após a ocupação. Muita gente, em especial do estado de Maharashtra e de Punjab foi viver para Goa. Os *hippies* também nela foram assentar arraiais e das suas praias fazem o seu paraíso.

Mais desorganizada, mais suja, com mais carências, embora também com mais anseios e pretensões, eis a face da Goa de hoje.

Mas, pululando sempre nela o sangue, a alma e o sentimento lusíada! Não foi sem razão, embora possamos ser apelidados de fracos que, à largada, olhando aquela terra, nos caiu pela face uma lágrima de cristal e uma outra ficou, durante algum tempo, a brilhar ao canto dos nossos olhos.

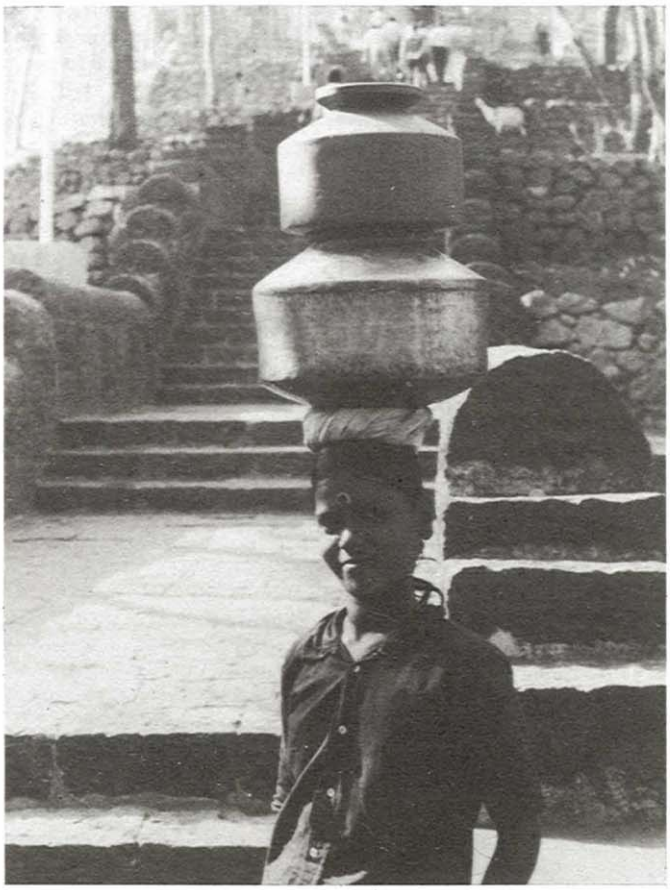
BOMBAIM: UM ESPELHO DA GRANDEZA E DA MISÉRIA DA ÍNDIA

A Índia é um país grande, que poderá ser um grande país. Aliás, na Índia floresceu uma civilização altamente evoluída, há cerca de sete mil anos. Também, séculos antes de Cristo, a Índia deu ao mundo as primeiras descobertas na matemática, na astrologia e na medicina e aí apareceram os primeiros clássicos na literatura, na arte e no direito. Os arianos, povos

da Asia Central, vieram até à India há cerca de quatro mil anos, tentando impôr a sua própria filosofia e um novo modo de vida aos antigos indus, não o conseguindo totalmente, pois que os seus costumes primitivos e ancestrais perduram ainda em nossos dias. Verdadeira pátria de religiões, a India fossilizou, no entanto, em absurdas práticas induístas que ainda hoje dominam e escravizam o seu povo, práticas essas eivadas de um atroz fanatismo e duma brutal dependência dos deuses Brama, Vixnu, Xiva e Kali, esta, a deusa negra e vingadora, esposa de Xiva.

Da mesma enfermidade sofrem as práticas rituais motivadas pela divinização do rio Ganges e da vaca, elevados a seres de primeira grandeza, enquanto o homem, se não vem de uma parte importante de Brama, se não pertence a uma casta superior, não passa de um pária, ou seja, de um escravo, pior, de um rejeitado, de um maldito. E há cerca de 3200 castas na Índia, sujeitas as mais inferiores às arbitrariedades das superiores, à limitação da liberdade e à negação dos direitos humanos mais elementares. As coisas mudaram muito, é certo, após a independência da India, proclamada em 15 de Agosto de 1947 e depois da sua nova Constituição de 26 de Janeiro de 1950 que consagra a igualdade dos cidadãos.

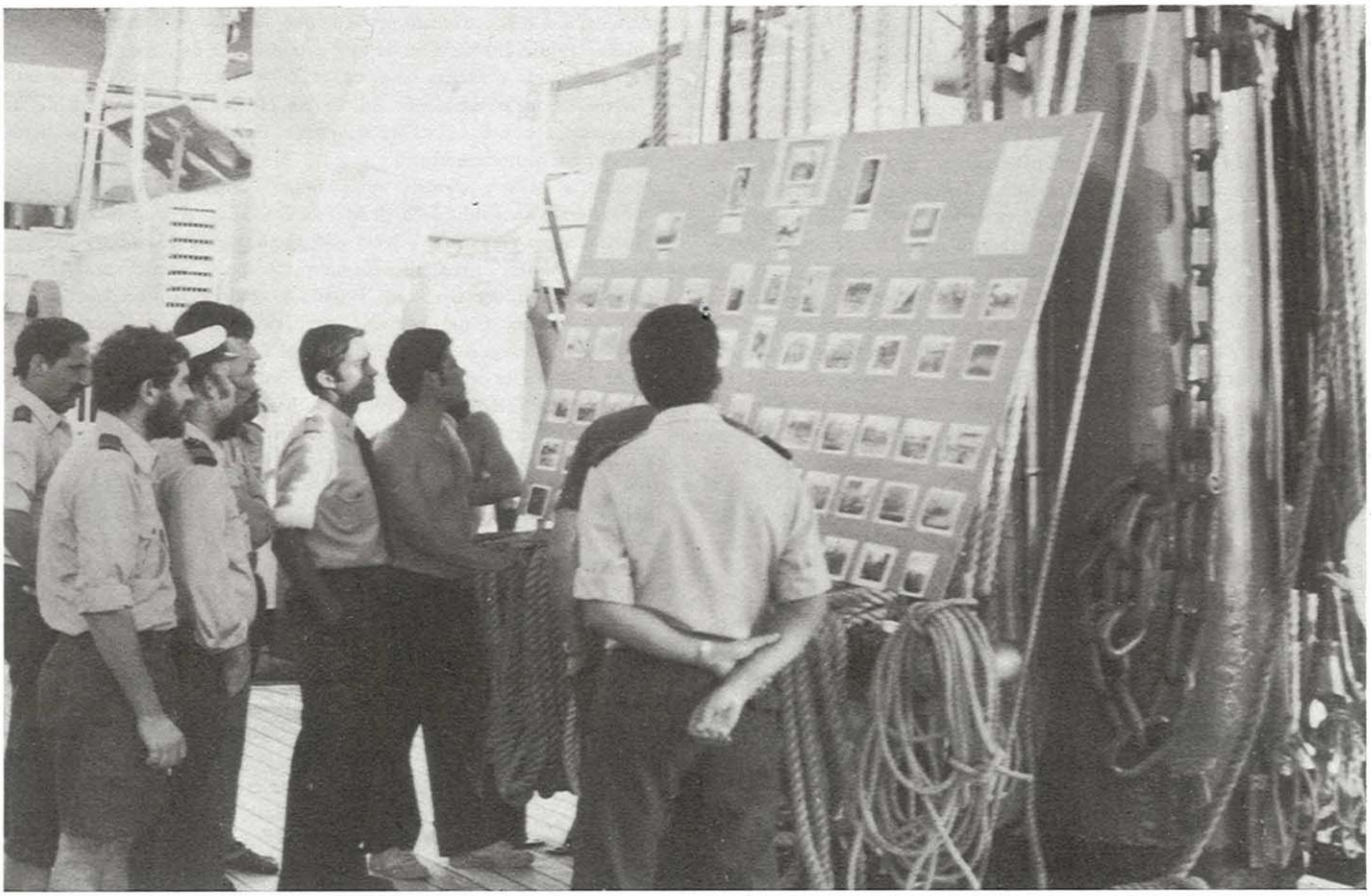
Mas, tal como no tempo do grande imperador Ashoka, o maior da história antiga da Índia, no século III a.C.; tal como no tempo de Alexandre da Macedónia que aí chegou também, ou de Tamerlão que também fez da Índia um seu pelouro; tal como no tempo dos árabes, dos afgãs ou dos grandes senhores da época Moghul, dos quais se destacam Akbar, e Shah Geham, o apaixonado de Nur Gehan a quem dedicou a maior obra da sua vida — o célebre mausoléu Taj-Mahal que se pode apreciar na velha cidade de Agra; tal como no tempo de Nadir, o persa que tomou Deli; tal como no tempo dos maratas ou dos ingleses que quiseram fazer da Índia o centro do seu novo império, aí sendo proclamada imperatriz a rainha Victória, e aí se fazendo coroar Jorge V, em 1911; tal como nesses tempos, dizíamos, o povo da Índia vive entre os contrastes da opulenta riqueza e da miséria mais gritante. Em plena rua de Bombaim, andrajosos alguns, mutilados outros, esfomeados a maioria, mas todos infelizes e desgraçados, se movimentam milhares de mendigos, agarrando-se ao transeunte, gritando, chorando, beijando os pés a este e àquele, na triste esperança de sentir na mão o tilintar de umas rupias. O primeiro gesto que se aprende é estender a mão, a primeira profissão adquirida é mendigar, a primeira necessidade é pedir.



Misteriosa Índia no olhar de uma garota de Bombaim.

E uma dor d'alma, o espectáculo que reina nas ruas de Bombaim, perante o qual se fica impotente. E, em maiores ou menores proporções, ele existe em Calcutá, Hyderabad, Udaipur, Madrás, Benares, enfim, estende-se por toda a India. Certamente, a isso obriga e a isso conduz a

Actividades de bordo — Concurso de fotografias entre a guarnição.



excessiva explosão demográfica do sub-continente indiano. Cerca de 700 milhões de seres humanos povoam a Índia, país que embora grande é, no entanto, duas vezes e meia menor que o Brasil onde a população pouco ultrapassa os 100 milhões.

Daí o recurso da Índia ao aliciamento dos anticoncepcionais, distribuídos por todo o lado e anunciados na capa das listas telefónicas.

Recorre-se também à esterilização quer masculina, quer feminima, e aplicam-se penalidades aos casais que tenham mais de três filhos, ou mais de dois, nalguns estados. Está assim a Índia.

Contudo, Bombaim é uma cidade iluminada por energia atómica, havendo na Índia quatro reactores. A "Marine Drive", avenida marginal de Bombaim, à beira do mar da Arábia, fascina pelas suas lindas vivendas e blocos modernos. O Taj-Mahal, hotel que se ergue junto à Gate Way, espécie de arco do triunfo, também chamado a Porta da Índia, é dos hotéis mais luxuosos que imaginar se possa. Enorme, grande, muito grande, com cerca de sete milhões de habitantes, grandes avenidas e estreitas vielas, elegantes bairros e degradantes e imundas favelas, Bombaim é assim a terra dos contrastes onde se falam, para cúmulo da confusão, diversas línguas. Na Índia há cerca de 250 línguas em uso, 13 das quais reconhecidas pela Constituição.

Foi nessa cidade, em Bombaim, doada por Portugal à Inglaterra no século XVII, como parte do dote de casamento de D. Catarina de Bragança com o rei Carlos II, que a "Sagres" permaneceu quatro dias. Recebida com gentileza, amabilidade e cortesia, ao som de música, com as salvas habituais, a "Sagres" ficou atracada no Indira Dock, perto de uma zona movimentada da cidade, sendo o local, contudo, de difícil acesso pelas obras em curso e face à estreita vigilância exercida pela polícia do Indira Dock.

Contudo, mesmo assim, foi visitada por muita gente, em especial goeses, já que em Bombaim residem cerca de 200 mil, bem conceituados, bem colocados, mormente na magistratura, no ensino, no funcionalismo público e nas portarias dos grandes hotéis. Foi essa gente de uma simpatia extrema, pois proporcionaram, a nível individual ou a nível de organizações associativas, momentos de bem-estar à guarnição.

Atrás não se ficou a Marinha indiana. Recebeu-nos com uma cordialidade insuperável. Um jantar oferecido no Almirantado atingiu os requintes da distinção e da elegância.

Uma recepção havida a bordo da "Sagres" decorrera num ambiente da mais franca simpatia e camaradagem sendo devidamente correspondida, com a mesma deferência e amizade pela Marinha indiana, no navio "Mysore", por sinal o navio que, em 1961, abriu fogo, atingindo, com as suas peças o "Afonso de Albuquerque". Numa palavra, a "Sagres", primeiro navio português a tocar portos da Índia após a ocupação de Goa, foi recebida com manifestações de alegria e sincera amizade.

Um passeio fluvial, oferecido pela Marinha local, permitiu à guarnição, em dois dias consecutivos, ir até à ilha Elefanta, nome este que ainda hoje conserva e lhe fora dado pelos portugueses, quando, aí chegados, encontraram um elefante de pedra à entrada de uma gruta. Essa gruta escondia um maravilhoso templo Indú, de tempos remotos, atraindo hoje milhares de turistas que ficam boquiabertos perante a complexidade e grandiosidade arquitectural e escultórica cavada na rocha.

O elefante aí encontrado pelos portugueses, ainda hoje figura nos jardins do museu Vitória e Alberto que tivemos também oportunidade de visitar.

Em qualquer parte, em plena rua, nos bairros mais miseráveis, bem como perante os grandes monumentos como os vitorianos edifícios do Município, da Raillway Station, da Universidade e outros, ninguém nos impediu de fotografar fosse o que fosse. Haviam-nos dito, antes de chegar, que era estritamente proibida tal façanha. Pois dela nos saímos sãos e salvos, sem que alguém nos fizesse a mínima interpelação. Apenas um ou outro miúdo erguia o braço para tapar a face, talvez receoso de alguma má consequência provocada pelo objecto estranho que as nossas mãos empunhavam.

De resto, senhores livres em terra livre. Mais livres que as *vacas sagradas* que também gozam do grande privilégio da liberdade. Ninguém as maça, ninguém as incomoda.

Pena tivemos que tal liberdade não fosse acompanhada de tempo disponível. Voaríamos até Acra, até Nova Deli, até Caxemira, até Benares, a cidade santa dos indús, até Sanchi, cidade sagrada dos budistas, até Amaritsam, a Meca dos seguidores de Guru Manak, os silkhistas que por nada desta vida largam o seu turbante ou cortam a barba.

Enfim, voaríamos pela Índia inteira, do mar da Arábia ao golfo de Bengala, do Himalaia até ao cabo Comorim, para ver e palpar, para contemplar e usufruir a beleza de uma terra milenar e misteriosa, pátria de deuses e mitos sagrados, terra de lendas e realidades, a Índia, essa Índia, que é um país grande e poderá ser um grande país.

O tempo não o permitiu. Mas a amizade com que fomos recebidos acendeu em nós a esperança de voltar.

JIBUTI: UM ENCLAVE NO CORNO DE ÁFRICA

Entre Bombaim e Jibuti separava-nos o espaço de 15 dias, que eram também os últimos em águas do Oceano Índico. A partir daí, pelo golfo de Adem, entraríamos nas águas do mar Vermelho.

A quebrar o ramerrão dos dias, quase todos forçosamente iguais, apenas diferenciados por uma ou outra iniciativa estrambólica e bizarra, surgiu um acontecimento inesperado. Um dos elementos da guarnição foi acometido de dores súbitas que o clínico diagnosticou como apendicite aguda. Estabelecidas comunicações rádio com terra, apareceram, numa eficiência que a todos deixou estupefactos, os meios de assistência e apoio. Do sultanato de Omã, perto do qual navegámos, foi enviado um helicóptero a fim de embarcar o doente e transportá-lo ao hospital mais próximo. A operação de embarque, em pleno oceano, foi primorosa no aspecto técnico. O helicóptero tomou a direcção da cidade de Salalah, a segunda do país, e a "Sagres" seguiu na mesma direcção, fundeando, na manhã seguinte, frente ao cais da referida cidade, cais ainda em construção mas de projecto ambicioso. Ali nos detivemos quase dois dias, na expectativa dos acontecimentos que acabavam por evoluir favoravelmente.

Não tendo sido necessária intervenção cirúrgica, o paciente regressou a bordo numa embarcação, a mesma que houvera levado a terra o médico e o oficial administrativo do navio.

Talvez o susto tenha sido a cura do Carretas, assim se chamava o marinheiro atingido pelas cólicas agudas, imputadas posteriormente a uma virose. Este inesperado contratempo, felizmente sem consequências a lamentar, proporcionou-nos o contacto, se bem que superficial, com um país, de quase todos desconhecido.

O sultanato de Omã, situado no extremo sul da península da Arábia, confina com os Emiratos Arabes Unidos, a Arábia Saudita e a República Popular Democrática do Iémene (o Iémene do Sul).

Oficialmente designado como Mascate e Omã até 1970, o sultanato era um protectorado britânico desde o século XIX. O sultão Said Bin Taimur sucedeu a seu pai, em 1932, e manteve-se no poder até Julho de 1970, data em que foi destronado por seu filho, num golpe palaciano. O novo sultão, Qaboss Bin Said ainda hoje está à frente do Governo, num país cuja população é apenas de cerca de 700 mil habitantes. Uma grande litografia com o retrato do sultão foi oferecida ao comandante da "Sagres" por um oficial retintamente britânico que veio a bordo apresentar cumprimentos.

Metida a amarra dentro, reiniciámos a marcha até Jibuti onde chegaríamos na manhã de 20 de Março. Dois dias seria o tempo da nossa estadia, numa escala não oficial mas simplesmente de reabastecimento.

Jibuti é a capital da república do mesmo nome. Conhecido antigamente por Somália Francesa, o Jibuti, situado no chamado Corno de África, no golfo de Adem, é um pequeno território árido, semidesértico, cuja população nómada se dedica, em especial, à pastorícia. Tensões internas entre dois grupos rivais, os afares e os issas, foram complicadas pelas ambições da Etiópia e da Somália, chamando a atenção da França, senhora do território desde 1859, a qual veio a dar-lhe a independência em 1977. Constituído por uma população de apenas 200 mil habitantes, o Jibuti, continua, apesar da independência, sob a tutela francesa que aí mantém as suas tropas. A capital, pequena cidade de estilo europeu, encontra-se vedada, em toda a volta, por um muro de arame farpado e com diversos postos militares de *contrôle*. Aí fomos encontrar elementos da Legião Estrangeira, alguns dos quais portugueses, contratados para o serviço militar por um período não inferior a cinco anos.

Tudo naquele país é importado, daí advindo uma alta carestia de preços. Assim, limitou-se a guarnição a deambular pelo centro da cidade, zona, aliás, onde faziam assento os vendedores de bujigangas artesanais.

Não interessados em compras, premíamos, aqui e além, o disparador das máquinas fotográficas, vendo-nos por vezes, metidos em apuros se não corridos à pedrada. Aquela gente não gostava de ser fotografada. Entre o meio-dia e as quatro horas da tarde a cidade morria, sufocada por um calor intenso, animada apenas pelo grasnar dos corvos aninhados na coruta das árvores.

Passagem do canal do Suez.

Passada a torreira, a meia dúzia de artérias da zona central da cidade despertava da sonolência e abriam-se as portas do comércio local. Contudo, a pacatez era timbre da cidade, tal qual o remanso das nossas vilas provincianas. E quando a noite caía, silenciosa e calma, trazia de novo consigo o manto da pacatez, rasgado apenas, aqui e além, pelo barulho de jovens que, aos magotes, se prantavam em frente de um bar afrancesado.

E nessa calma e pacatez se passaram os dois dias de estadia no Jibuti. Nada de especial a assinalar, a não ser a contagem de mais um porto na história desta longa viagem da "Sagres". Dali se partiu, rumo a Porto Said, através do mar Vermelho.

EGIPTO: UM ECO DOS FARAÓS

Após a escala em Jibuti, estava inicialmente prevista uma escala em Alexandria. Quase à última hora surgiu uma alteração. Porto Said e não Alexandria seria o porto a escalar no Egipto.

Durante dez dias a "Sagres" sulcou as águas do mar Vermelho, fustigada por ventos desfavoráveis que a obrigaram a um leve atrazo em relação à hora inicialmente prevista para a chegada à baía do Suez. Fundeado perto do canal, viu-se o navio assediado por uma caterva de vendedores que, em pequenas embarcações, transportavam os seus prolíferos e bizarros artigos. Mais pegadiços que carraças, só à custa de uma medida enérgica foi possível afastá-los.

A fim de cumprir as formalidades para a passagem do canal, entraram a bordo as entidades competentes. Na sua peugada entrou também uma figura estranha, andrajosa, um velho de ar sinistro que, de maleta na mão, se instalou no convés.

Era um barbeiro que vinha oferecer o seu serviço. Entraram também, esses com astúcia e manobras capciosas, elementos que se diziam agentes de viagens e representantes de casas comerciais. De todos se prescindiu.

Era a tarde do dia 31 de Março. Aí permanecemos essa tarde e a noite seguinte. Dois acontecimentos nos ajudaram a passar esse tempo: a chegada de Sadate ao Cairo, após a assinatura do tratado de paz com Israel e o Festival da Canção da Eurovisão, em Jerusalém. Pelos écrans pudémos acompanhar o primeiro, e pela rádio o segundo. No dia seguinte, 1 de Abril, o dia das mentiras, pelas onze horas e trinta, a "Sagres" iniciou a entrada no canal de Suez. Dum lado e doutro, apenas as areias do deserto. Algumas habitações térreas estavam reduzidas a escombros, triste reminiscência das guerras de 67 e 73.

Era já noite quando se passou frente à cidade de Ismaília, um pequeno oásis nas margens do canal. Pelas duas horas da manhã do dia 2 chegava-se a Porto Said, onde a "Sagres" permaneceria até à manhã do dia 4.

Porto Said, assim chamada em homenagem a Said, filho do sultão Mohamed Ali, é uma cidade de média grandeza mas bastante populosa, onde se vêem também as marcas das recentes guerras com Israel. Por nada haver nessa cidade que prendesse a atenção da guarnição, promoveu-se um passeio ao Cairo que viria a importar em 35 dólares por cabeça.

Mas valeu a pena. No dia 3 de Abril, manhã cedinho, um autocarro conduzia ao Cairo os elementos inscritos na excursão. Impressionou a travessia do deserto, mormente àqueles que, pela primeira vez, se viam num imenso mar de areia.

Chegou-se ao Cairo. Nada na cidade esmaga pela sua grandeza. Era costume dos antigos egípcios construir casas de barro, em contraposição com túmulos de granito.

Atravessou-se a cidade em direcção ao seu grandioso museu que tencionávamos visitar o mais cedo possível, partindo em seguida para Gizé, a fim de ver as Pirâmides e a Esfinge. Teve o programa de processar-se ao invés pois, quando chegámos às imediações do museu, uma grande multidão aclamava o primeiro-ministro israelita, Menahen Begin, que nesse dia visitava o Cairo e nessa mesma hora visitava o museu. Atravessámos o Nilo e dirigimo-nos ao Vale dos Reis, penetrando no interior da Pirâmide maior, a de Keóps, guiados por um velho egípcio, aparentando uma múmia saída do sarcófago. Contemporânea ou anterior a outras civilizações da Ásia Menor e da Ásia Central, tais como a civilização persa, mesotâmica, hitita, hebraica, assíria e caldaica, a civilização do Egipto ressalta, no entanto, pela grandiosidade das suas

obras arquitectónicas e escultóricas, pela complexidade dos seus conceitos filosóficos e metafísicos, pelo fausto da sua vida social e política, pela determinação dos seus chefes, os grandes faraós que, quase divinizados, legam à história do mundo a grandeza da sua própria história e a importância dos seus feitos. As pirâmides ali estavam, ali as tínhamos na nossa frente, a proclamar a grandeza do Antigo Egipto, o valor do seu império.

Em Sahkara, que não pudémos visitar, estão as primeiras pirâmides construídas no Egipto, dedicadas ao faraó Zoser, no século XXVIII a.C. Mas ali, no Vale dos Reis, embora mais recentes, as pirâmides de Kéops, Kefren e Mikerinos pareciam proclamar-nos uma espécie de Trindade petrificada, eterna e imperecível. Esmagados com tal magnificência partimos, de novo, para o Cairo.

Agora sim, entrámos no museu. Logo à entrada nos foi dito: aos curiosos são necessários seis semanas para observar superficialmente este museu, aos cientistas são necessários 60 anos, ou seja, uma vida.

Nós não éramos bem nem uma coisa nem outra. E contentámo-nos com a visita de uma hora. Mas, na verdade é boquiaberto e verdadeiramente estupefacto que qualquer turista percorre o Museu do Cairo. A recente descoberta do túmulo de Tutankamon coloca perante o visitante um mundo de esplendor, um mundo de sonho, um mundo de opulência e grandiosidade. Era o mundo do faraó no ano 1337 a.C. Cinquenta anos mais tarde, no tempo de Ramsés II, o fausto aumentaria.

Apesar de tudo, ao entrar no recinto dedicado às múmias, ali vimos os grandes faraós desde a 18.ª até à 25.ª dinastia, o período mais extraordinário do Antigo Egipto. A múmia de Ramsés II lá estava, reduzida ao silêncio da sua frígida mudez.

Mas a sua obra ainda hoje fala uma linguagem sonora de grandiosidade. Saímos do museu e fomos contemplar, do alto da cidade, vestígios da presença romana, a grande capital egípcia, o Cairo, El-Kahira, primitivamente com o nome de Fustat.

E a cidade dos califas e dos sultões. As suas 400 mesquitas fazem do Cairo a grande capital do mundo árabe. Dos altos minaretes chega até nós a voz altissonante dos *muezins*, anunciando a hora da oração corânica. Aqui e além, de joelhos em terra, sentados sobre os calcanhares e voltados para Meca, de braços erguidos e fazendo vénias até ao chão, vêem-se alguns *derviches*, os sectários do velho islamismo, ferozmente irreconciliáveis com o evoluir dos tempos.

Entrámos na mesquita de Mahomed Ali. A porta, alguns *imans* oferecem-nos babuchas e mandam-nos descalçar. Já dentro, contemplámos a magnificência da tapeçaria e dos candelabros de alabastro.

Frente ao *mihrab*, pequeno nicho voltado para Meca, dormia um *ulema* a sua refastelada sesta, enquanto dois *kaims* limpavam, ao fundo, alguns metais. Saímos. E, enquanto lançavamos um último olhar pela cidade, fomos rodeados por uma multidão de crianças, seminuas algumas, descalças outras e todas miseráveis, gritando pelo *bakchich*, a deplorável esmola.

Descemos um pouco. E ali, no sopé de Mokattam, a elevação onde se situa a cidadela, deparámos com o bairro típico do Cairo, bairro do célebre bazar Kan Kallili. Mas tínhamos de regressar a Porto Said. Deslizando bem, o autocarro levaria três horas. Na mão, um simples *recuerdo*. Uma estatueta de Ramsés ou de Nefertite, uma reprodução da cadeira ou do Sarcófago de Tutankamon, um *tarbuch* de beduíno na cabeça e munidos de *curbach* e, eis-nos, de novo, atravessando o deserto, salpicado, aqui e além, de acampamentos militares.

Era noite quando chegámos. no entanto, esperava-nos ainda um *cocktail* oferecido pela Marinha local onde fomos encontrar o governador de Porto Said e outras altas entidades.

Na manhã seguinte, dia 4 de Abril, deixámos o Egipto. Essa terra pareceu-nos ainda um eco dos faraós. Imaginámo-la na sua grandeza de outrora. E vimo-la nessa data, jubilosamente festiva e eufórica, porque Sadate, o seu líder actual, tinha firmado com Israel um tratado de paz. *Shalom, Shalom!* Paz, paz! O que nós queremos é paz. Assim ouvimos à gente do velho mundo dos faraós.

E com votos de paz, partimos.

MARSELHA: UM *SHOW* TRIUNFAL

Inicialmente estava previsto escalar Tunes, antes da chegada a Lisboa. Tal não aconteceu. A escala foi alterada. Se com vantagem ou não, não sabemos. O que podemos afirmar é que Marselha constitui um verdadeiro espectáculo naval, um *show* triunfal para fim de viagem. Catorze dias mediaram entre Porto Said e Marselha. Subindo ao longo da ilha de Creta, passou-se o estreito de Messina, bem próximos da costa siciliana e da Calábria, com a cidade de Régio bem à vista. Continuou-se ao longo da costa italiana, pelo mar Tirreno, olhando Nápoles. Depois, alcançada a ilha de Monte Cristo que Alexandre Dumas celebrizou, seguiu-se ao longo da Córsega para costear Génova, Mónaco, Nice e Toulon.

Marselha estava próxima. Eram nove horas do dia 18 de Abril.

Na embarcação que conduz o piloto, vem também o oficial de ligação, um jovem oficial que domina perfeitamente o português, e o nosso adido naval em Paris. Marselha aparecia-nos espraiada ao longo da costa, com a sua Corniche em primeiro plano e, destacando-se no meio da grande urbe, a colina dominada pelo grandioso monumento a Notre Dame de La Garde. Aproximámo-nos. Umas pequenas ilhotas estão agora à nossa frente e apresentam um aspecto de antigas fortificações guerreiras, com espessas muralhas e antigos castelos. Avançámos. Passa-se agora por um pequeno estreito aparentando a entrada de uma fortaleza medieval. Dum bordo e doutro, edifícios de uma grandeza espectacular. Entrámos. E eis o *Vieux Port* de Marselha, uma gigantesca marina que avança até à zona central da cidade, recheada de centenas e centenas de pequenos veleiros, de águas calmas e límpidas, apenas coloridas pela refracção dos maravilhosos edifícios que as circundam. Uma pequena manobra e a "Sagres" atraca de popa para o cais, com um batelão por estibordo, onde iria assentar a prancha. Fotógrafos, jornalistas, amadores de vela, inundam-na de rompante.

Na tarde do dia da chegada e, particularmente, nos dois dias seguintes, toda a imprensa fazia largas reportagens da visita da "Sagres", ilustradas com profusa cobertura fotográfica. Aberta ao público, a ela acorreu grande multidão, calculada em 8000 pessoas. O próprio *maire* da cidade, o conhecido socialista Gaston Defférre, um grande apaixonado por veleiros e vencedor de algumas regatas à vela, colocou-se na bicha, aguardando a sua vez e, incognitamente, fez detalhada visita ao navio. Na recepção por ele oferecida na *Mairie* ao comandante e oficiais, referiu-se ele com o maior agrado a essa visita.

De Paris veio até Marselha o embaixador de Portugal, bem como outros funcionários da Embaixada, marcando presença em diversas cerimónias do programa oficial. Desse programa mereceu destaque uma sessão de propaganda turística levada a efeito pelo Centro de Turismo de Portugal, no Hotel Sofitel, uma recepção oferecida pela *Maison Portugaise* de Marselha, outra a bordo da "Sagres" e ainda a da *Mairie*.

A Marinha local, ciosa das suas principescas tradições, ofereceu um lindo passeio à guarnição. A zona típica da Provence, com destaque para Arles, Avignon, Aix, Sallon, Saint Maximin foi por nós desbravada com um crescente encantamento.

Em Arles, a par da cidade caracteristicamente medieval, conservada com uma religiosidade impressionante, pudemos admirar as colossais arenas romanas, aproveitadas hoje para uma elegante praça de touros, e onde se realizam, periodicamente, espectáculos musicais.

Em Les Baux de Provence, uma aldeola alcandorada na montanha, usufruimos da beleza da paisagem rara e detivem-nos boquiabertos, perante as construções cavadas na rocha e hoje sabiamente aproveitadas no aspecto turístico.

Em Avignom, uma cidade dos tempos feudais, primorosamente aninhada dentro duma soberba muralha, banhada pelas águas do Ródano, deleitámo-nos na contenplação do antigo palácio dos Papas, palácio onde se instalou a Corte Pontifícia Romana durante um longo período aberto por Clemente V, em 1314, com o patrocínio do imperador Filipe, o Belo.

Em Aix, uma autêntica cidade museu oitocentista, animada por numerosa população universitária, detivemo-nos na apreciação das longas avenidas e faustosas praças a que os plátanos dão um cunho de originalidade.

Em Saint Maximin, fugido do bulício exterior, pude eu penetrar na sua esplendorosa basílica e assistir a um magistral concerto dado pelo organista Francis Chapelet o qual me convidara a acompanhá-lo desde Marselha. Ele próprio, filho do pintor Roger Chapelet, já nosso conhecido e grande amigo da "Sagres", veio connosco até Lisboa, Ali tive também a oportunidade de conhecer um outro célebre organista, Jean Robert.

Marselha, cidade grandiosa, a segunda de França, oferecia-nos *pano*

A "Sagres", rainha do porto de Marselha. (Fotografia da Photo Serge Assier, de Marselha).

para mangas durante os cinco dias de permanência. Contudo, ir a Marselha e não dar um giro pela região, seria como ir a Roma e não ver o Papa. Nós já levávamos esse desejo. E, graças à Marinha francesa, conseguimos satisfazer a nossa aspiração.

A comunidade portuguesa é pouco numerosa se a compararmos com a de Paris, que é composta de 500 mil emigrantes. A de Marselha é mesmo das menos numerosas. Mesmo assim, há na zona da Provence cerca de 40 mil portugueses. Os que puderam deslocaram-se à "Sagres" para matar saudades obsequiaram-nos com a exibição de ranchos folclóricos, animando, com os alegres cantares portugueses a movimentada baixa marselhesa. Um velho homem do mar, jovem ainda em idade e espírito, oficial na reserva, António Bento, antigo submarinista, veio também de Paris para ver a "Sagres". Brilhavam-lhe os olhos de contentamento e sugeriu-nos ir a França muito mais vezes. E com o desejo de um dia voltar, seja por que meio for, deixámos Marselha.

Eram seis horas da tarde de um domingo, 22 de Abril. Lentamente, pelas águas da vistosa marina, a "Sagres" fez-se, de novo, ao mar do Mediterrâneo. Atrás de si, dezenas e dezenas de veleiros fazem-lhe um cortejo de honra. No cais, mãos a acenar. Das avenidas marginais irrompe um buzinar frenético e ensurdecedor de automóveis. As embarcações associam-se à apoteose e apitam também. Da colina lateral centenas de pessoas dizem adeus. Os fotógrafos movimentam-se numa verdadeira azáfama. O espectáculo é de maravilha. Um verdadeiro *show* naval!

A "Sagres" terminava a sua memorável volta ao Mundo.

Restava-lhe apenas regressar a casa, a sua predilecta Lisboa, a terra começo e termo das grandes epopeias do mar.

Delmar Barreiros
Capelão graduado em 1.º-tenente

Numismática e Medalhística

DICIONÁRIO NUMISMÁTICO (E)

De acordo com a descrição de alguns termos numismáticos feitos para as letras A, B, C e D, vamos continuar o nosso dicionário, ocupando-nos desta feita da letra E.

EFÍGIE — Figura, imagem, representação de uma pessoa numa moeda (rei, príncipe, bispo, presidente duma república, etc.). Na Antiguidade, as moedas eram cunhadas com as efígies dos deuses; Alexandre Magno foi o primeiro soberano que fez gravar a sua efígie nas moedas, mas sob a aparência de Hércules, em sinal de respeito pelo uso estabelecido.

EIXO — O eixo horizontal ou vertical, é uma linha imaginária que se supõe passar nesse sentido pelo centro da moeda, para indicar a relação entre si da posição dos dois cunhos: anverso e reverso. Actualmente, as moedas cunham-se com eixo horizontal.

ENCORDOADA — Diz-se da moeda que depois de cunhada levou "cordão", isto é, uma forma encordoada no rebordo para a preservar do cerceio.

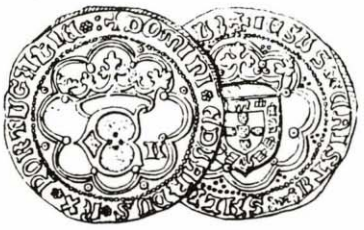
ENSAIO — Termo que se aplica à peça cuja gravação representa uma experiência ou estudo de um cunho, ainda que seja apenas para modificar o cunho existente. Consoante o objectivo, assim se classificam os ensaios; todavia, todos os ensaios são estudos para uma moeda a cunhar, ao passo que as "provas" são primeiros exemplares saídos das máquinas depois que um cunho foi aprovado. O ensaio tanto pode ser feito no metal em que a moeda circularia como em qualquer outro.

ERAS — Tempo preciso a partir do qual os anos se começam a contar; por exemplo, a "Era das Olimpíadas" consiste num período de 4 anos em que se realizavam na Grécia os jogos chamados olímpicos.

ESCALA — Era um gráfico pelo qual antigamente se determinavam os módulos ou diâmetros das moedas.

ESCUDETE — Peças ornamentais que se encontram nos dinheiros dos nossos reis, D. Sancho II, D. Afonso IV e D. Pedro I. O "escudete" difere essencialmente do escudo, do qual não é, em heráldica, diminuitivo.

ESCUDO — Nome de algumas moedas antigas portuguesas cuja designação provinha da própria figuração nelas apresentada; o "Escudo", tal como já se havia dado em outros países estrangeiros, a primeira vez que se empregou, em Portugal, na terminologia numismática, foi no reinado de D. Duarte (1433-1438), para nomear os seus belos escudos de ouro de estilo gótico. Com o advento da República (1910), foi o sistema monetário reformado, sendo criado uma nova unidade "Escudo", equivalente a mil réis, com o peso de 1,805 gramas e título 90%o.



ESFERA — Nome genérico de algumas moedas antigas, cuja designação lhes proveio da representação da esfera que ostentavam. A esfera foi o emblema de D. Manuel I, de Portugal. Todavia, nas moedas de outros monarcas, encontra-se igualmente a figuração da esfera.

ESPADIM — Característica moeda do reinado de D. Afonso V, em que se via no reverso uma mão segurando uma espada pela lâmina, alusiva, ao que parece, a uma antiga lenda, que nos conta Manuel de Severim de Faria: *"(...) esta moeda mandou lavrar El-Rei D. Afonso V em memória da espada, que instituiu para a conquista de Fez, na mais alta torre, da qual se dizia, que estava uma espada engastada por um antigo astrólogo dos mouros, com o prognóstico que quem pelo valor das armas dali a retirasse, havia de ser senhor do Mundo.*

ESTALADA — É a moeda cujo disco rachou em fenda no momento da cunhagem, ou por virtude de qualquer puncionamento posterior.

EXERGO — É o espaço junto à orla que fica por baixo do tipo da moeda,

no anverso ou no reverso, e onde geralmente se encontra a data. Nas moedas romanas o exergo desempenha papel importante na leitura monetária (referindo o local e bem assim, por via de regra, a oficina monetária) sendo assinalado por um característico traço horizontal que o separa do campo, o que todavia se não verifica nas moedas portuguesas.

(In J. M. Folgosa — "Dicionário de Numismática")

AFAC

Reportagem

A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA TEMA DE UM COLÓQUIO NO CLUBE MILITAR NAVAL

As Froças Armadas Portuguesas garantem o regular funcionamento das instituições democráticas e o cumprimento da Constituição (art. 273.º 3. da Constituição da República).

A exemplo dos anos anteriores o Clube Militar Naval levou a efeito, no passado dia 30 de Março, na sua sede social, um colóquio comemorativo da data da promulgação da Constituição da República — 2 de Abril de 1976. Para ele foram convidados os drs. Luís Nunes de Almeida, Jorge Miranda e Jorge Leite e distribuído aos sócios um pequeno texto de apoio em que se transcreveram alguns dos artigos da Constituição mais ligados às suas eventuais revisões e às Forças Armadas.

Nunes de Almeida iniciou a sua exposição fazendo um balanço dos três anos da aplicação da Constituição de 1976 considerando-o um conjunto de resultados positivos. Distinguiu três aspectos principais:

1.º O dos direitos fundamentais que considerou o mais positivo apesar de não terem sido garantidas algumas disposições como a pluralidade ideológica da informação e a falta de poderes dos Conselhos de Informação para a tornar efectiva;
2.º O dos direitos económicos, culturais e sociais que, por se atravessar uma época de crise e por dependerem essencialmente do grau de desenvolvimento económico do país, não têm sido satisfatoriamente ampliados como no campo da saúde e da segurança social;
3.º Alguns dos direitos dos trabalhadores como a sua participação na gestão das empresas e a participação das organizações sindicais que estão ainda dependentes de legislação reguladora.

Referiu-se em seguida à fiscalização da constitucionalidade das leis, declarando que o Conselho da Revolução (e a Comissão Constitucional) têm funcionado para as Regiões Autónomas mas que os tribunais comuns não têm operado neste campo.

Sobre o regime estabelecido pela Constituição considera que a divisão de poderes é paralizante e que a tendência será ou de reforço dos poderes do Presidente da República com limitação dos da Assembleia da República ou o inverso, e sobre a questão de um referendo como processo de revisão, partilhou as declarações públicas do constitucionalista Jorge Miranda de que não só não é legalmente possível como permite uma rotura do sistema.

Jorge Miranda expôs em seguida a mesma ideia, de que não há, a base da Constituição, qualquer revisão por referendo; enunciou que o problema fundamental é termos em Portugal instituições políticas com um mínimo de liberdade e que a Constituição representa, apesar de tudo, um quadro de referência adequado, cuja revisão a partir dde 15 de Outubro de 1980 é possível e deve correr segundo um processo que ela mesmo prevê.

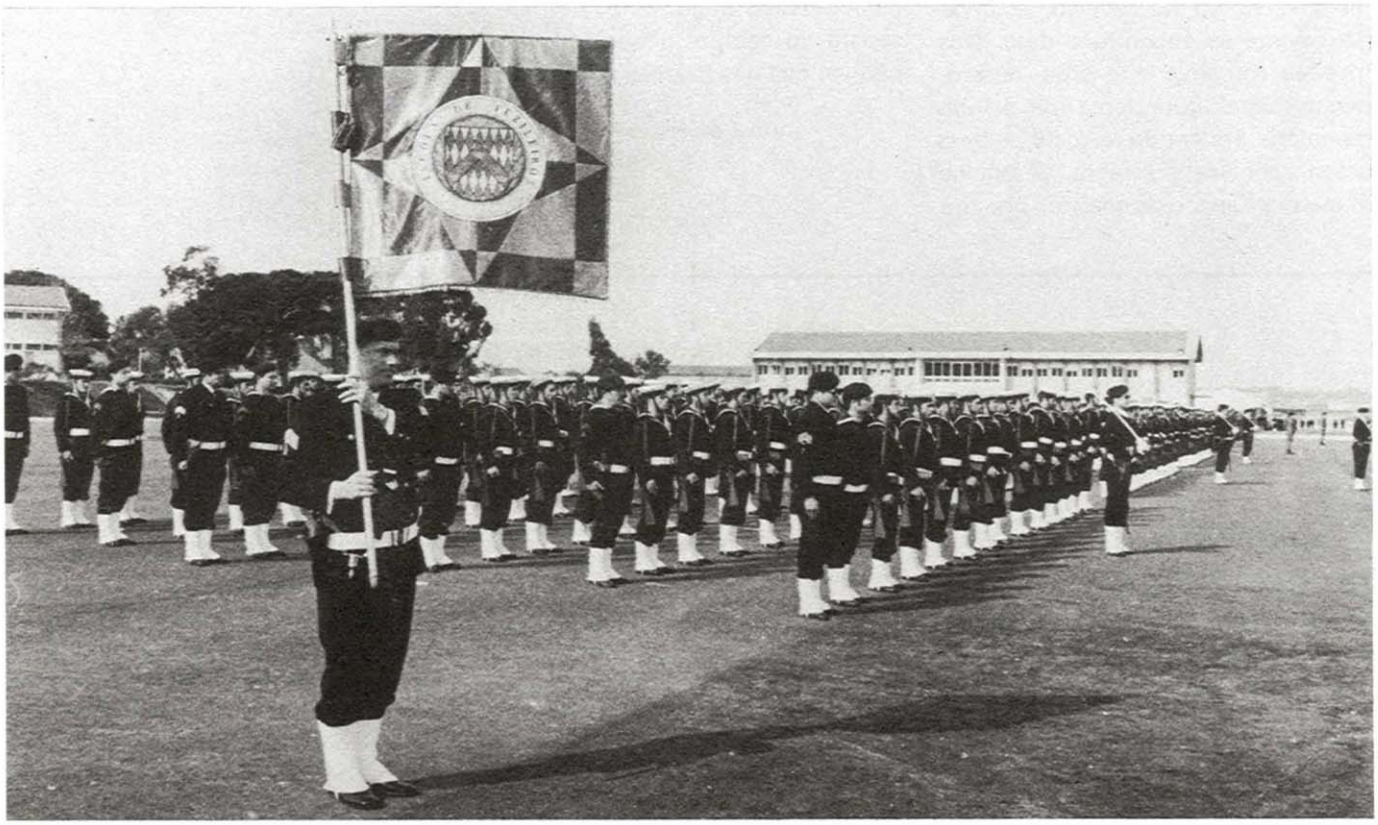
Dissertou em seguida sobre a fiscalização constitucional com a larga autoridade que todos lhe reconhecem.

Interveio em seguida Jorge Leite que começou por declarar que o problema maior não resulta da Constituição mas sim do seu não cumprimento, que a nossa Lei Fundamental é não identificada — resulta de um compromisso entre várias forças políticas — e que a dificuldade presente tem sido o encontrar-se uma linha coerente e estável que concretize a sua formulação; chamou em seguida a atenção para o seu art. 190.º que disse dever ser meditado, referiu que, ainda a Constituição não tinha metade da vida, e já estava a ser atacada com frenesi e terminou fazendo considerações sobre para quem devem ser referidos os poderes do Conselho da Revolução — se se virá a exercer a fiscalização difusa por todos os tribunais ou concentrada, por exemplo por um tribunal constitucional.

As intervenções dos sócios vieram acrescentar vários pontos de clarificação às exposições anteriores por levantarem questões ligadas aos mecanismos jurídicos da revisão, às próximas eleições e outras, tendo-se conseguido de facto os objectivos que a Direcção se propunha através da circular n.º 1/79.

... esclarecer todos os que têm por dever a garantia da estabilidade desse compromisso democrático.

(Colaboração da Direcção do C.M.N.)



JURAMENTO DE BANDEIRA E IMPOSIÇÃO DE BOINAS A NOVOS FUZILEIROS

Sob a presidência do vice-chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Bustorff Guerra, e com a presença do comandante naval do Continente, do director do Serviço de Instrução e do comandante do Corpo de Fuzileiros, além de outros oficiais comandantes de unidades, realizou-se, no dia 6 de Abril passado, na Escola de Fuzileiros, em Vale de Zebro, a cerimónia do juramento de bandeira de 240 recrutas da 2.ª incorporação de 1978/1979, que terminaram a Instrução Militar Básica (IMB) e da imposição de boinas a 24 cadetes alunos do Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval (CFORN) e a 200 grumetes que frequentaram a Instrução Técnica Básica (ITB).

Além da leitura dos Deveres Militares e da Fórmula de Juramento, o director de instrução da Escola, capitão-tenente FZ Almeida Viegas, fez a habitual exortação aos recrutas, após o que se seguiu o acto da imposição de boinas.

Foram entregues prémios escolares aos alunos melhor classificados: 772478/2.º-gr. rec., Santos (prémio "Manuel Viana"), 773178/2.º-gr. rec., Adrião (prémio "Habilitações Literárias") e 782978/2.º-gr. rec., Oliveira (prémio "Aprumo Militar"), alunos da IMB; cadete FZ RN Ferreira de Sá (prémios "Aluno Melhor Classificado", "Aprumo Militar" e "Aptidão Física", aluno do CFORN; 740478/2.º-gr. FZ, Afonso (prémio "Manuel Correia Gomes"), 748778/2.º-gr. FZ, Santos (prémio "Aprumo Militar") e 748078/2.º-gr. FZ, Correia (prémio "Aptidão Física"), alunos da ITB.

Seguiu-se uma homenagem aos fuzileiros mortos em combate e o desfile das forças em parada.

As cerimónias terminaram com demonstrações de destreza militar e de educação física, executadas por alunos das IMB, ITB e CFORN.

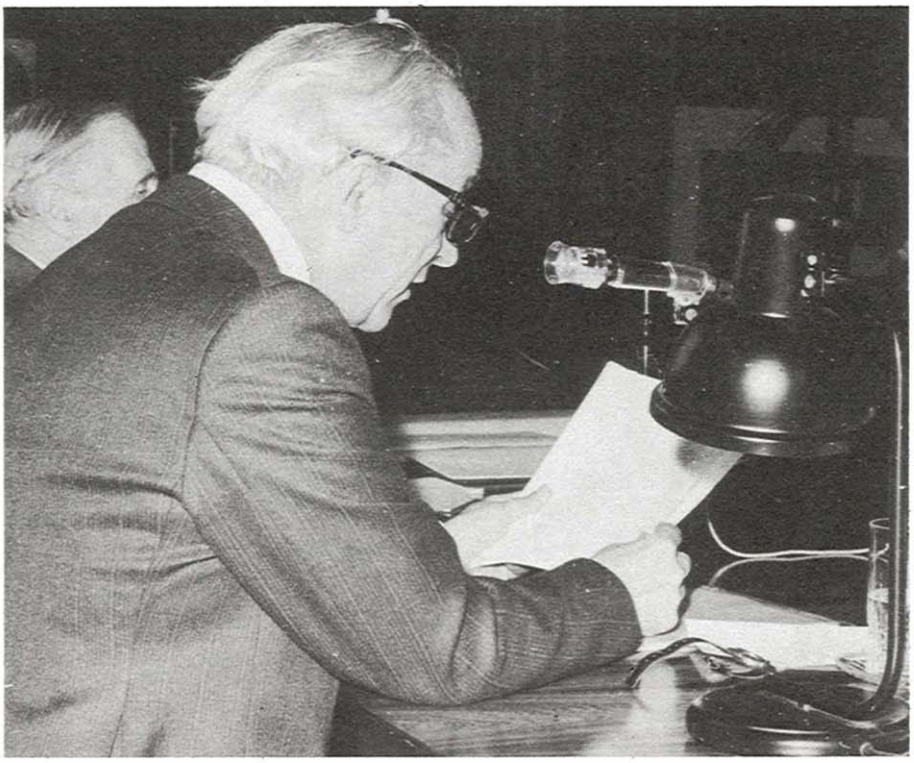
CURSO DE OFICIAIS DA FORÇA AÉREA VISITA A BASE NAVAL DE LISBOA

Quarenta e cinco majores e capitães de diversos quadros e especialidades da Força Aérea que frequentam o Curso Geral de Guerra Aérea da Escola Superior da FAP, visitaram, no dia 18 de Abril último, unidades do Comando Naval do Continente, no Alfeite.

Aqueles oficiais, que eram acompanhados de dois professores, foram recebidos no CITAN pelo vice-almirante Ramos Rocha, comandante naval do Continente, que lhes apresentou cumprimentos de boas-vindas.

Além de um "briefing" sobre as actividades do C.N.C., visitaram instalações da Base Naval, a fragata "Comandante Roberto Ivens" e o submarino "Albacora".

(Colaboração do C.N.C.)



SESSÃO DA ACADEMIA DE MARINHA

No dia 18 de Abril findo, no Museu de Marinha, realizou-se mais uma sessão plenária da Academia de Marinha, a que presidiu o respectivo presidente, vice-almirante Sarmento Rodrigues, e que teve a presença do vice-almirante Garcez de Lencastre, adjunto do chefe do Estado-Maior da Armada, além de outros oficiais, membros da Academia e de D. Adelaide de Morais, sobrinha do capitão-de-fragata Wenceslau de Moraes, cujo aniversário passava justamente naquele dia.

O vice-almirante Sarmento Rodrigues abriu a sessão saudando os presentes, recordando seguidamente que nesse dia, há 57 anos, o avião "Lusitânia", tripulado pelos gloriosos comandante Sacadura Cabral e almirante Gago Coutinho, havia chegado ao Penedo de S. Pedro, etapa da 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul.

A sessão foi dedicada à memória de Wenceslau de Moraes, cujo cinquentenário da morte ocorre este ano, tendo o embaixador Virgílio Armando Martins Janeira, membro efectivo da Academia, feito uma comunicação subordinada ao título "Wenceslau de Moraes rebelde".

De referir que Martins Janeira desempenhou, entre outras, as funções de embaixador em Tóquio e é um estudioso da vida e da obra literária de Wenceslau de Moraes.

O orador haveria de focar a forma menos certa, segundo crê, como a crítica literária do nosso país tem encarado Wenceslau de Moraes, a qual, usando de um certo patrioteirismo leva a deformar as figuras — *Wenceslau como Camões foi heroificado, isto é, erguido sobre um falso plinto.* Adiante diria que *o valor de Wenceslau de Moraes é outro: está no seu conhecimento profundo da alma japonesa (o "Relance da Alma japonesa" é de todos os seus livros o mais editado no Japão, com 4 edições), na sua intimidade profunda com o povo nipónico, cujos costumes praticou, vivendo como um japonês — comendo, dormindo, amando, respeitando os deuses como os japoneses. Nesta identidade e no dom soberano de a exprimir num português rico de infinitas gradações, está a sua validade de escritor.*

Nem Hearn, nem Singer, nem muito menos o hedonista e mendaz Pierre Loti penetraram tão fundo.

Continuando a analisar a vida de Wenceslau de Moraes no Japão, Martins Janeira recordou a forma como o povo japonês lhe tem sido grato, de que é testemunho evidente a existência de duas estátuas erguidas em Tokushima e em Kobe.

Publicaram-lhe as obras completas, em japonês — o que não se fez ainda em Portugal; e nos livros elementares de todas as escolas do Japão figuram o retrato e duas páginas sobre Moraes. Consagração bem maior do que a que lhe concedeu o seu país.

O conferencista terminaria a sua dissertação com os seguintes considerandos: *Neto de Mendes Pinto correu metade do mundo a descobrir os homens, a sua alma, as suas crenças, festas e costumes.*

Marinheiro, aprendeu no mar a humildade e a coragem. Alfacinha, viveu em Portugal as experiências de rapaz. Depois, largou para o mundo e foi ter ao Japão, onde passou quase toda a sua vida de homem maduro. No Japão, sobretudo no fundo provinciano do Japão, em Tokushima, viveu e morreu. E lá jazem as suas cinzas, encomendadas ao Buda, no cemitério de Chionji. Único português a quem ainda hoje se rezam "sutras"; seu o único monumento em roda do qual, na festa dos mortos, se dança e se canta o "bon-odori".

CURSO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA NA BASE NAVAL

No dia 27 de Abril passado, os oficiais alunos do Curso Superior Naval de Guerra, acompanhados do subdirector do I.S.N.G., contra-almirante Silva Junqueira, efectuaram uma visita de estudo ao Comando Naval do Continente. Após os cumprimentos de boas vindas do vice-almirante Ramos Rocha, comandante naval do Continente, teve lugar um "briefing", no auditório do CITAN, sobre as actividades e organização daquele Comando, tendo o respectivo chefe do estado-maior feito uma exposição àcerca das divisões de informações, logística e operações, seguindo-se um período de esclarecimento.

De referir que o actual CSNG — o segundo que se realiza após a interrupção das actividades do ISNG, na sequência do 25 de Abril — é constituído por 14 capitães-de-mar-e-guerra das classes de Marinha, Engenheiros Construtores Navais, Engenheiros Maquinistas Navais e Administração Naval.

VISITA DO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA DA NORUEGA

Em visita oficial, permaneceu no nosso país, de 28 de Abril a 3 de Maio passado, o chefe do Estado-Maior da Armada da Noruega, contra-almirante Charles O. Herlofson. Esta deslocação foi feita a convite e em retribuição de uma visita que o almirante CEMA fez, oportunamente, à Noruega.

Durante a sua estadia em Lisboa, o almirante Herlofson foi recebido pelo almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, visitou vários comandos e estabelecimentos da nossa Marinha e, no dia 2 de Maio, prestou homenagem aos navegadores portugueses, colocando uma coroa de flores no Padrão dos Descobrimentos, em cerimónia a que esteve presente o almirante CEMA, além de outras individualidades.

---

25 DE ABRIL — DIA DA LIBERDADE

O pelotão da Escola Naval desfila perante a tribuna.

O quinto aniversário do "25 de Abril" foi festejado entusiasticamente em todo o país. Nas cidades, sedes de Regiões Militares, realizaram-se desfiles militares em que tomaram parte os três ramos das Forças Ar-

madas, corpos militares da GNR e da GF e forças militarizadas da PSP.
Na parada militar de Lisboa, a mais importante como é natural, tomaram parte forças da Marinha, Exército, Força Aérea, GNR, GF e PSP, bem como representações da Escola Naval, Academia Militar, Colégio Militar e Pupilos do Exército, num total de 1500 homens.
Presidiu à cerimónia o Presidente da República, general Ramalho Eanes que, na sua qualidade de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, dirigiu uma mensagem a todos os militares, mensagem que foi lida nas restantes cerimónias das sedes das Regiões Militares, no Funchal e em Ponta Delgada.
Na tribuna presidencial viam-se: os presidentes da Assembleia da República e do Supremo Tribunal de Justiça, o primeiro-ministro, membros do Conselho da Revolução e do Governo, chefes dos Estados-Maiores da Armada, do Exército e da Força Aérea, representações dos partidos políticos com assento na Assembleia da República, Corpo Diplomático acreditado em Lisboa, adidos militares, navais e de defesa das diversas embaixadas, etc.

Aspecto da visita aos navios, na Doca da Marinha.

O acto civil de maior relevância decorreu também em Lisboa e constou de uma sessão extraordinária da Assembleia da República, onde o Presidente da República proferiu um importante discurso político.
Em muitas cidades, vilas, e até aldeias, realizaram-se manifestações populares e culturais, provas desportivas e outras que movimentaram a maior parte das populações.
Em Lisboa, na doca de Marinha, a fragata "Comandante João Belo" e a corveta "'João Roby" estiveram patentes ao público, o qual formou longas bichas para as visitarem.

A ZONA MARÍTIMA DO SUL FOI VISITADA PELO COMANDANTE NAVAL DO CONTINENTE

Embarcado no corveta "João Roby", que atracou ao cais comercial do porto de Faro, o vice-almirante Ramos Rocha, comandante naval do Continente, acompanhado de alguns oficiais do seu estado-maior, deslocou-se nos dias 3 e 4 de Maio findo, ao Algarve, para uma visita de trabalho a instalações da Zona Marítima do Sul, nomeadamente nos Comandos das Defesas Marítimas de Faro, Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António.
O vice-almirante Ramos Rocha assistiu a diversos "briefings" sobre as actividades operacionais desenvolvidas naquela Zona, tendo também estabelecido contactos com as autoridades civis e militares locais.

A "SAGRES" CHEGOU DA VIAGEM DE CIRCUM-NAVEGAÇÃO

Foi no dia 23 de Junho do ano passado que o navio-escola "Sagres", após ter recebido a visita e as despedidas do general Ramalho Eanes, zarpou do porto de Lisboa para a sua primeira viagem de circum-navegação. Após 312 dias, durante os quais perfez 27 000 milhas em 5400 horas de navegação, e de ter visitado 23 portos de 15 países e de ter aportado a Macau, a "Sagres" voltou às águas do Tejo no dia 30 de Abril findo.
A viagem agora terminada teve o alto patrocínio do Presidente da República e realizou-se no âmbito da instrução do curso "Afonso de Paiva". Além dos cadetes daquele curso (32), embarcaram mais quatro da Academia Militar (2 do Exército e 2 da Força Aérea), dois alunos do Colégio Militar e dois dos Pupilos do Exército, assim como quatro cadetes da República Popular de Angola e outros tantos da República Democrática de S. Tomé e Príncipe. Sobre esta viagem, tem a nossa Revista publicado interessantes relatos da autoria do capelão graduado em 1.º-tenente Delmar Barreiros.
A entrada da barra, a "Sagres" era aguardada pela corveta "Oliveira e Carmo" e pelo patrulha "Cacine", que a escoltaram até frente ao Terreiro do Paço, onde fundeou. Entretanto tinha recebido a visita do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, que foi recebido com as honras da Ordenança, tendo, em representação do Presidente da República e como chefe da Marinha, transmitido as boas-vindas à guarnição, dado que os cadetes e alunos convidados haviam regressado directamente de San Diego, de avião.
O navio atracou na Doca da Marinha, onde centenas de familiares e amigos aguardavam os marinheiros embarcados.

Quarto de Folga

TRAZ O *BOY*

Apesar de ser ainda um gaiato traquina, no Verão de 1939, comecei a notar que as pessoas andavam preocupadas e que aqui e além se formavam grupos que, com ar circunspecto, comentavam os acontecimentos que estavam a desenrolar-se na Europa e haviam de levar à Segunda Guerra Mundial. Por isso mesmo, o que mais persistentemente eu ouvia nessas conversas era exactamente essa horrível palavra, GUERRA.

Ao tempo, meu pai era marinheiro sinaleiro e andava embarcado no "Gil Eanes", um velho cargueiro armado em navio hospital ao serviço da Marinha de Guerra, na assistência à frota bacalhoeira operando no Atlântico Norte. Este navio tinha a particularidade de andar sempre adornado a um bordo, o que o tornava conhecidíssimo.

Durante a "campanha do bacalhau", como lhe chamava a Marinha, escalava a Terra Nova, para reabastecimento e descanso da guarnição.

Minha mãe andava preocupadíssima, como aliás todas as famílias dos que se encontravam a bordo, e eram frequentes os boatos alarmantes, que, felizmente, não se confirmavam.

Pelas conversas que ouvia, arreigou-se no meu espírito juvenil a ideia de que "o navio do meu pai andava na guerra".

O facto dava-me enorme prestígio entre a restante garotada que — o que é a inocência! — tinha inveja dos respectivos pais não andarem lá também.

A certa altura, deixou de haver notícias do "Gil Eanes" durante bastante tempo, o que pôs em pânico todos quantos lá tinham alguém.

É costume, entre as famílias, chamar "nosso navio", "nosso comandante", "nosso imediato", etc., àquele onde andam pais, filhos, maridos ou irmãos e, portanto, não admira que a pessoa mais procurada para dar notícias fosse a "comandanta" que, coitada, de nada sabia também, mas que tinha sempre uma palavra de esperança e de conforto para os que a procuravam.

Para cúmulo, os pagamentos andavam sempre atrasados e as pessoas viam-se e desejavam-se para "esticarem" o magríssimo pré até ao fim do mês. E foi precisamente numa altura em que, depois de longa espera, estava a pagamento no Ministério da Marinha a pensão às famílias do "Gil Eanes", que a indescrição de um sargento deu a conhecer uma grande bronca: *um homem da guarnição tinha sido preso, por ser presumível pai de uma criança na Terra Nova que, de acordo com as leis inglesas, não poderia ser apenas... filho da mãe!*

Claro que esta revelação causou grande alvoroço entre as mulheres, que se interrogavam àcerca do autor da "facécia". Algumas rogavam pragas aos maridos, acusando-os de adúlteros e ameaçando-os com represálias futuras.

Foi então que minha mãe, a que se mantinha mais calma, acabou com o burburinho exclamando: *Estejam tranquilas, minhas senhoras, porque eu tenho a certeza que o pai da criancinha é o meu ilustre esposo. Mas, digo-vos mais, vou escrever-lhe imediatamente a dizer que traga o "BOY"... Quem cria três, cria quatro...*

Realmente, o marinheiro em apuros, era o meu pai. Só que, em tribunal... foi absolvido.

Raul Fernandes de Barros
Guarda de 1.ª cl. do CPEM

CONCURSO N.º 93

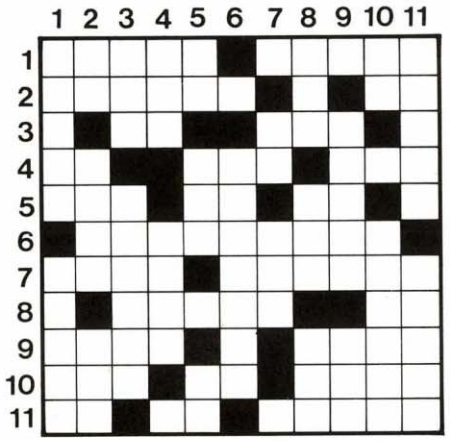
Sorteio de um prémio entre as respostas certas. (Solução no próximo número)

A	N	I	T	R	O	O	A	R	S	U	A	T	L	K	O
U	F	I	A	M	K	H	L	L	N	E	O	R	T	I	C
S	M	D	X	A	L	O	S	D	X	N	U	S	E	A	A
T	O	A	L	F	O	R	D	A	L	L	D	N	P	E	L
I	R	T	L	H	M	E	R	T	S	I	R	R	O	M	E
N	A	S	S	I	T	Y	V	T	O	E	G	D	E	S	R
F	D	U	I	L	M	S	O	K	A	T	O	Y	O	T	C
O	A	N	T	L	Y	O	L	T	N	O	Y	T	S	A	E
P	E	U	A	N	C	I	K	T	A	T	A	U	N	U	S
T	A	I	F	O	Y	P	S	P	E	U	G	M	N	N	U
T	R	O	I	N	T	I	W	T	X	F	I	A	S	S	N
O	T	F	A	S	T	L	A	R	A	E	L	N	U	O	D
Y	R	S	I	F	O	L	G	O	L	P	L	E	P	O	A
T	I	E	G	O	E	N	E	P	L	E	O	U	A	T	D
M	P	D	T	I	G	I	N	B	H	N	U	C	N	O	T
N	H	E	O	D	U	R	I	R	P	N	R	O	U	N	N
T	S	C	U	A	E	A	G	O	M	A	E	R	S	A	M
S	T	R	E	N	P	E	S	R	U	R	N	U	T	M	L
O	A	E	P	A	R	R	S	I	I	P	A	S	I	L	I
F	K	M	D	M	E	U	E	T	R	A	U	A	R	L	H
T	E	U	S	I	M	A	U	R	T	I	L	R	I	I	O
O	L	L	A	H	X	U	A	V	E	A	T	A	A	H	P

Neste emaranhado de letras estão escondidos os nomes de 16 marcas de automóveis. Procure-os em todos os sentidos, menos obliquamente (alguns dos nomes estão escritos de forma invertida).

B. Carreira
Cap.-m.-g.

PALAVRAS CRUZADAS



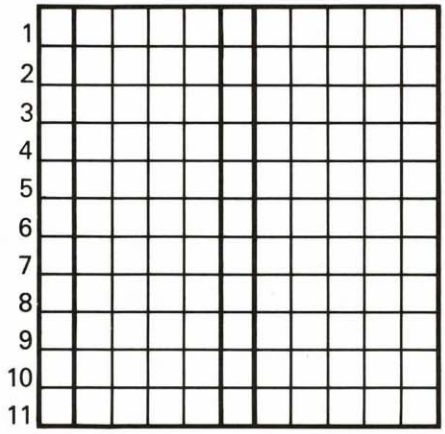
HORIZONTAIS: 1—Espécie de búfalo asiático de cauda equina; sacerdote muçulmano. 2—Mencionas; de outro modo. 3—Raiz (inv.); nome próprio. 4—Gemido; dignidade militar entre os turcos; vã. 5—Árvore santomense de raiz medicinal; nota musical; apelido. 6—Veneno muito enérgico formado pela mistura do ácido arsenioso e acetato alcalino. 7—Levanto; juventude (fig.). 8—Sem acento tónico; símbolo de átomo. 9—Tabaco moído para cheirar; lebre das pampas. 10—Género de orquídeas; nome de letra; agarrar-se com as gavinhas. 11—Isolado; decifra; nome feminino.

VERTICAIS: 1—Variedade de coqueiro do Brasil; tapeçaria antiga que ornava as paredes das salas ou galerias. 2—Outra coisa; substância antiséptica do género da creolina; amarro. 3—Alguma coisa; armadilha para caçar aves pelos pés. 4—Partido político com assento na Assembleia da República; nó falso em cabo náutico; 5—Vogal dobrada; flanco; nome de letra. 6—Abonador. 7—Andava; tem de seu. 8—Vazio (inv.); senhor (em inglês); doçura (fig.). 9—Neste ano; naquele lugar. 10—Compaixão; louros (fig.). 11—Género de plantas liliáceas das regiões quentes da América (pl.); segurara.

(Solução no próximo número)

Carmo Pinto
1.º-sarg. H

PILHA DE PALAVRAS



1—Ventilações. 2—Cidade famosa da antiga Grécia, à beira do Eurotas. 3—Série de colunelos, formando grade. 4—Incisão da uretra. 5—Família de animais mamíferos a que pertence o morcego. 6—Uníssono. 7—Tornado brutal. 8—Disposição oficial com que se explica e regula a execução de uma lei ou decreto. 9—Arte de adivinhar o futuro de uma pessoa pelo exame das linhas da sua mão. 10—Grande família de plantas dicotiledóneas dialipétalas inferovariadas. 11—Nome genérico dos insectos coleópteros lamelicórneos, de cornos muito visíveis e cores vivas.

Conceitos:

1.ª coluna: Apelido do mais ilustre homem de guerra português do século XVI.

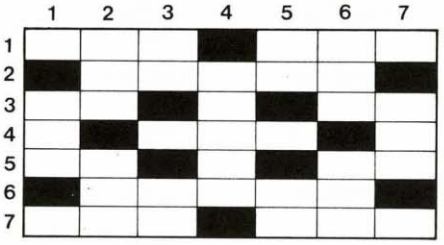
2.ª coluna: Berço da civilização assíria e caldaica.

(Solução no próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP RA

CRUZADA SILÁBICA

(Solução no próximo número)



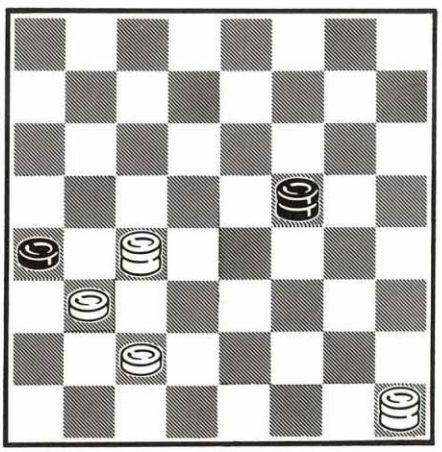
HORIZONTAIS: 1—Antiga barcaça para transporte de obuses e morteiros; navio sagrado dos Atenienses, na antiguidade. 2—Funesta. 3—Perseguição do inimigo; perscrutei; antiga embarcação indiana. 4—Lado da popa; pranchas que guarnecem exteriormente as cavernas do navio; basta! 5—Pessoa estúpida; escarneces; cântico. 6—Mistura ou aloja marinheiros na mesma camarata. 7—Barco estreito e pequeno; chuva miúda.

VERTICAIS: 1—De boa qualidade; quilha; nome de letra grega. 2—Embarcação para serviços auxiliares de navegação, transportes, etc.; cardume de peixes pequenos. 3—Espécie de calha para dar vazão à água e a outros despejos do navio; mealheiro (pop.); pilão de calceteiro. 4—Pessoa partidária do militarismo. 5—Ingénuo (pop.); compaixão; esconderijo de peixe. 6—Roçara; vaso grande para líquidos. 7—Lado do navio voltado para o vento ou para o lado de onde vem o vento; capacidade de um navio; parte mais larga da enxada.

MINDOGUES

DAMAS

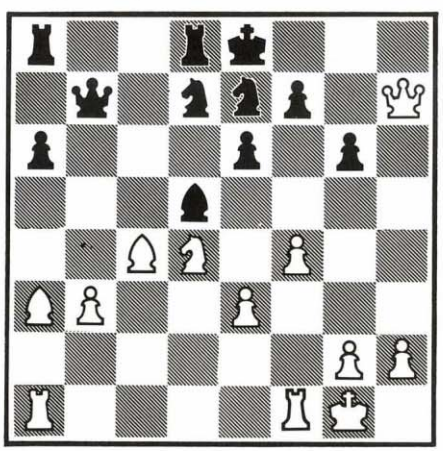
(Solução no próximo número)



Jogam as brancas e ganham.

XADREZ

(Solução no próximo número)



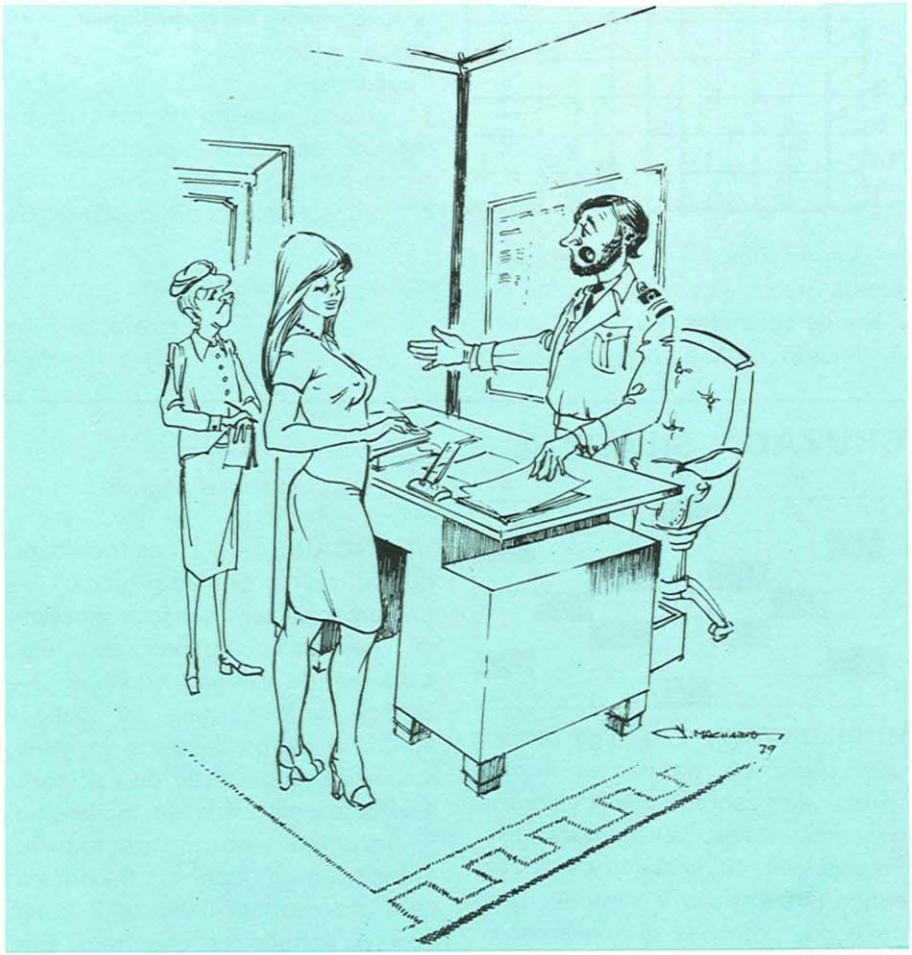
As brancas jogam e ganham.

UMA DIGRESSÃO FASTIDIOSA

A trajectória descrita no espaço pelo centro de gravidade da Terra, no seu passeio anual em torno do Sol (órbita terrestre), tem, como muita gente sabe, a forma elíptica.

Se a distância média da Terra ao Sol for de 92 900 000 milhas e a excentricidade dessa elipse for de 0,017, que tempo gastaria um avião teórico a percorrer uma órbita terrestre completa, fazendo uma velocidade constante de 500 milhas/hora?

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP RA



—Tenha paciência, Snra. Miquelina, a senhora tem, realmente uma boa folha de serviços, mas sabe... a austeridade... tenho de dispensá-la...

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS — *RECTÂNGULO A:* 1—Portugal. 2—Casai; ide. 3—Lusitânia. 4—Alamira. 5—Dum. 6—Granar. 7—Ou; DL. 8—Voo. *RECTÂNGULO B:* 1—Alfeite; Algarve. 2—Amou; el; am. 3—Vila; achegados. 4—Afana; nuto. 5—Saras; tio. 6—Estremadura. 7—Cereja; in. 8—Aso; Orion. *RECTÂNGULO C:* 1—Nau. 2—Um; NB. 3—Reuter. 4—Sir. 5—Acuaras. 6—Parricida. 7—Aipim; lio. 8—Rosáceas. *RECTÂNGULO D:* 1—Ara; orçar. 2—Belisa; IV. 3—Alfusqueiro. 4—Dália; our. 5—Agata; neblina. 6—Revi; faroleiro. 7—Ir; ab; vá. 8—Madeira; Armamar. *CÍRCULO:* De. Ouro. Eras. Am.

VERTICAIS — *RECTÂNGULO A:* 1—Clangor. 2—Paul; ru. 3—Ossada. 4—Raimundo. 5—Titimalo. 6—Ar. 7—Ginas. 8—Adi. 9—Leal. *RECTÂNGULO B:* 1—Alva. 2—If. 3—Falas. 4—Emana. 5—Io; areca. 6—Tua; ases. 7—Castro. 8—Eh; ré. 9—Alentejo. 10—Guimar. 11—Atoa. 12—Ardo; Dão. 14—Vás; ri. 15—Em; ogano. *RECTÂNGULO C:* 1—Zurrapa. 2—Me; cair. 3—Usurpo. 4—Antiaris. 5—Uberrima. 6—AC. 7—Asile. 8—Dia. 9—Caos. *RECTÂNGULO D:* 1—Arim. 2—Gê. 3—David. 4—Atire. 5—Abala. 6—Reli; for. 7—Alfama. 8—Iu; Ra. 8—Ossonoba. 9—Raquel. 10—Urbe. 11—Ave; Lima. 12—Ir. 13—Ir; Nova. 14—Évora; ar. *CÍRCULO:* OE. Dura. Eram. Os.

FENÓMENO EXCÊNTRICO

(Resposta à pergunta do n.º anterior)

Porque eram "neves eternas".

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

Brancas	Pretas
20-23	27-20
18-22	26-19-10
13-6	3-10

17-3-16-23 e ganham.

ARITMOGRAFIA

(Solução do problema do n.º anterior)

Horizontais:	Verticais:
9 × 1:3 = 3	9 × 3:3 = 9
3 × 6:2 = 9	1 × 6:2 = 3
3 × 2—1 = 7	3 × 2:1 = 6

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

	Brancas	Pretas
1.	Bb1	a1 = D
2.	Rb5	Bg3
3.	g7	Bb8
4.	g8 = B	Bf4
5.	Bga2	Bxd2
6.	f6	Bf4
7.	f7	Bd6
8.	Rc6	Bf8
9.	Rc7	—
10.	Bd5 e mate.	

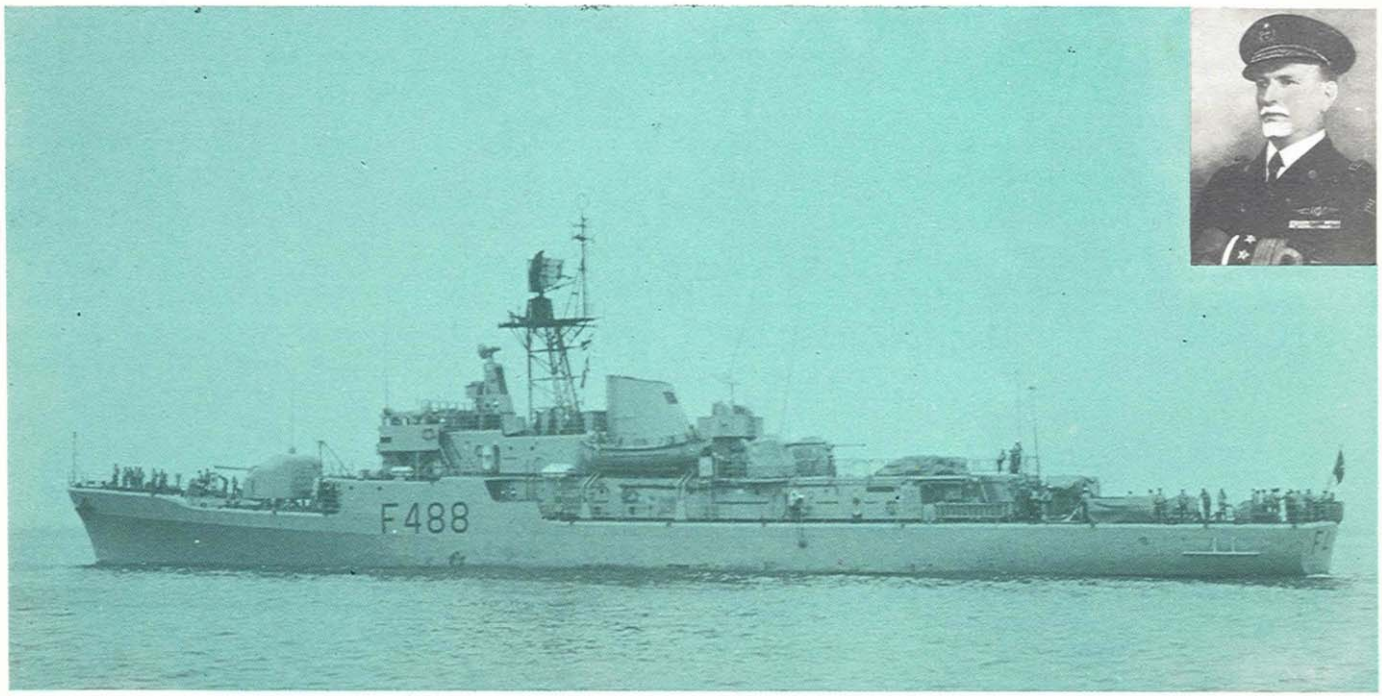
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 92

Ferros: fateixa; ancorete; ancorote; gata; âncora; poita. Variantes: Almirantado; Trotman; Smith; Martin.

VENCEDOR:

J. Marques Laranjo. Ex-mar. F. Porto.

Os nossos navios e os seus nomes



Corveta "AFONSO CERQUEIRA"

Sob planos portugueses e com concepção de polivalência que as comissões em África então requeriam, esta corveta foi construída em Espanha, nos estaleiros de Cartagena, tendo entrado ao serviço em 28 de Junho de 1975.

Com um deslocamento máximo de 1400 t, mede 84,52 m de comprimento (fora a fora), 10,80 de boca e 3,40 de calado.

Como aparelho motor tem dois motores "Pielstick" 12 PC2V400, com potência máxima de 10 500 HP, acoplados a 2 hélices; combustível: gasóleo. Geradores: três Diesel-geradores "Man-Siemens" de 400 KVA; um Diesel-gerador (emergência) "Man-Siemens" de 320 KVA. Distribuição de energia em 440V/60Hz, trifásica; 115V/60Hz, trifasica, e 115V/400Hz. Velocidade: máxima, 23.6 nós; cruzeiro, 18.5 nós; económica, 13.8 nós. Autonomia: 9100 milhas a 13.5 nós.

Artilharia: uma torre simples de 100 mm "Creusot-Loire", modelo 1968-3, com direcção de tiro "Vega-Pollux" e director óptico "Vega"; duas peças de 40 mm "Boffors-Bazan" com directores de tiro óptico e possibilidade de serem comandadas pela direcção de tiro "Vega-Pollux; dois reparos lança-foguetes iluminantes "Vickers".

Armas A/S: dois reparos triplos de tubos lança-torpedos "MK-44"; uma calha lança-bombas de profundidade; um roncador "MK-6"; um batitemógrafo electrónico "Plessey-Seppican".

Ajudas à navegação: sonda "Kenvin-Hughes MS32"; radiogoniómetro "Aga 22"; girobússola "Arma Brown WK7", com referência vertical "MK 20".

Radares: um de aviso aéreo "Plessey Aws-2" com DMTI (sistema que permite detectar alvos aéreos sobre terra); um de aviso de superfície "Decca RM-316p"; um de artilharia "Pollux", ligado à direcção de tiro.

Sonares: um panorâmico de pesquisa e ataque "Thomson Diodon". Guerra ABC: circuito de descontaminação por chuveiro, válvulas de fecho rápido.

Comunicações: um transmissor MF e HF e outro HF: três receptores MF e HF; um transreceptor UHF, um CHF, um VHF/FM e outro HF (de emergência); três teleimpressoras "Siemens T-100".

Guarnição: 8 oficiais, 16 sargentos e 82 praças. Além deste pessoal pode alojar mais 36 homens.

Patrono: contra-almirante AFONSO Júlio de CERQUEIRA

Nasceu em Viseu, no dia 1 de Fevereiro de 1872. Assentou praça como aspirante de Marinha, em 5 de Novembro de 1888, tendo sido promovido a guarda-marinha em 28-5-1892, ascendendo ao posto de contra-almirante em 13-5-1934, quando se encontrava já na Reserva (1-2-1934).

Aos 19 anos de idade concluiu o curso da Escola Naval e logo começou a distinguir-se nas especialidades a que, sucessivamente, se entregou: meteorologia, artilharia, electricidade, radiotelegrafia e aeronáutica (como observador). Como oficial da Armada, além de director da Aeronáutica Militar, exerceu variadíssimos cargos, tanto na metrópole como nas antigas colónias, quer fazendo parte das guarnições dos navios de guerra, quer desembarcando para operações de campanha.

Popularizou-se com o nome de *comandante Cerqueira,* tendo ficado célebre a sua acção na campanha do Sul de Angola, aquando da I Guerra Mundial, em 1915, comandando o Batalhão de Marinha, cujos feitos pertencem já à história (vide n.º 77/Fev. 78 da "Revista da Armada").

Antes, havia-se distinguido na consolidação da República, quando se bateu pela sua legalidade, primeiro em 1911, comandando as forças de Marinha contra a primeira incursão monárquica, depois, em 1917, contra o movimento revolucionário chefiado por Sidónio Pais e, ainda, em 1919, contra os monárquicos instalados na serra do Monsanto e contra a Monarquia restaurada no Norte.

A sua bravura indómita era acompanhada de extrema humanidade como demonstrou nos momentos trágicos que viveram os monárquicos, vencidos em Monsanto, quando contrapondo-se *corajosamente entre os prisioneiros e alguns civis armados que, por terem sido vítimas do sidonismo ou terem familiares seus nessas condições, pretendiam fazer justiça por suas mãos (...) evitou uma chacina vingadora e deu mais um exemplo da sua nobreza moral.*

Distinguiu-se ainda pelo seu notável sentido de justiça e por uma permanente e contagiante simpatia que o tornavam querido não só na Armada como entre todos que o conheciam.

Possuía, entre outras condecorações, a Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, a Ordem Militar de Avis e a Cruz de Guerra de 1.ª classe.

Faleceu em Lisboa, no ano de 1957.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Evolução histórica dos uniformes na Armada (5)

Uniforme do soldado do Terço de Infantaria da Guarnição da Armada Real da Coroa de Portugal. Ano: 1664.

O desenho de que tratamos hoje, representa o uniforme descrito no manuscrito de António de Sousa de Macedo, grande amigo de D. Afonso VI, e pertenceu à secção de reservados da Biblioteca da Ajuda. Foi publicado, pela primeira vez, em 1940, pelo embaixador dr. Eduardo Brazão, no seu valioso trabalho intitulado "D. Afonso VI", a páginas 215 que, com a devida vénia, transcrevemos pelo alto interesse de confirmação documental comparativa com o desenho que publicamos.

Sexta Feira 18 de Abril (1664) se embarcaram para Aldeia Galega (hoje Montijo) os Terços de infantaria da guarnição da Armada de que é Mestre de Campo Simão de Vasconcelos e Sousa, irmão do valido, tendo nos dois dias antecedentes passado sua mostra no Terreiro do Paço para que lhe vissem as casacas que eram todas germanadas nas cores (todas iguais nas cores). O Terço da Armada de verde e forro amarelo trajando as mesmas cores o Mestre de Campo e Oficiais. Introduziu-se esta gala pelo Conde de Shomberg que tomou casaca azul e os nossos logo imitaram Shomberg. A introdução se aprovou porque além de fazer vistoso o exército com a variedade, esta distinguia os Terços e estimulava os soldados nas ocasiões vendo-se deixar atrás de outros conhecidos sem que a indiferença tirasse o louvor a quem o merecesse. Esta despesa saiu dos socorros dos mesmos soldados que com comodidade ficaram vestidos.

(Reprodução proibida)

É esta a primeira e desenvolvida citação escrita por uma testemunha coeva sobre uniformes da Armada e sobretudo por se referir às campanhas da Restauração, quando o país se via a braços com difícil situação interna e externa. É a partir desta data (1664) que se define a cor verde nos uniformes da Armada, que perdurará até à criação da Brigada Real da Marinha, em 1798.

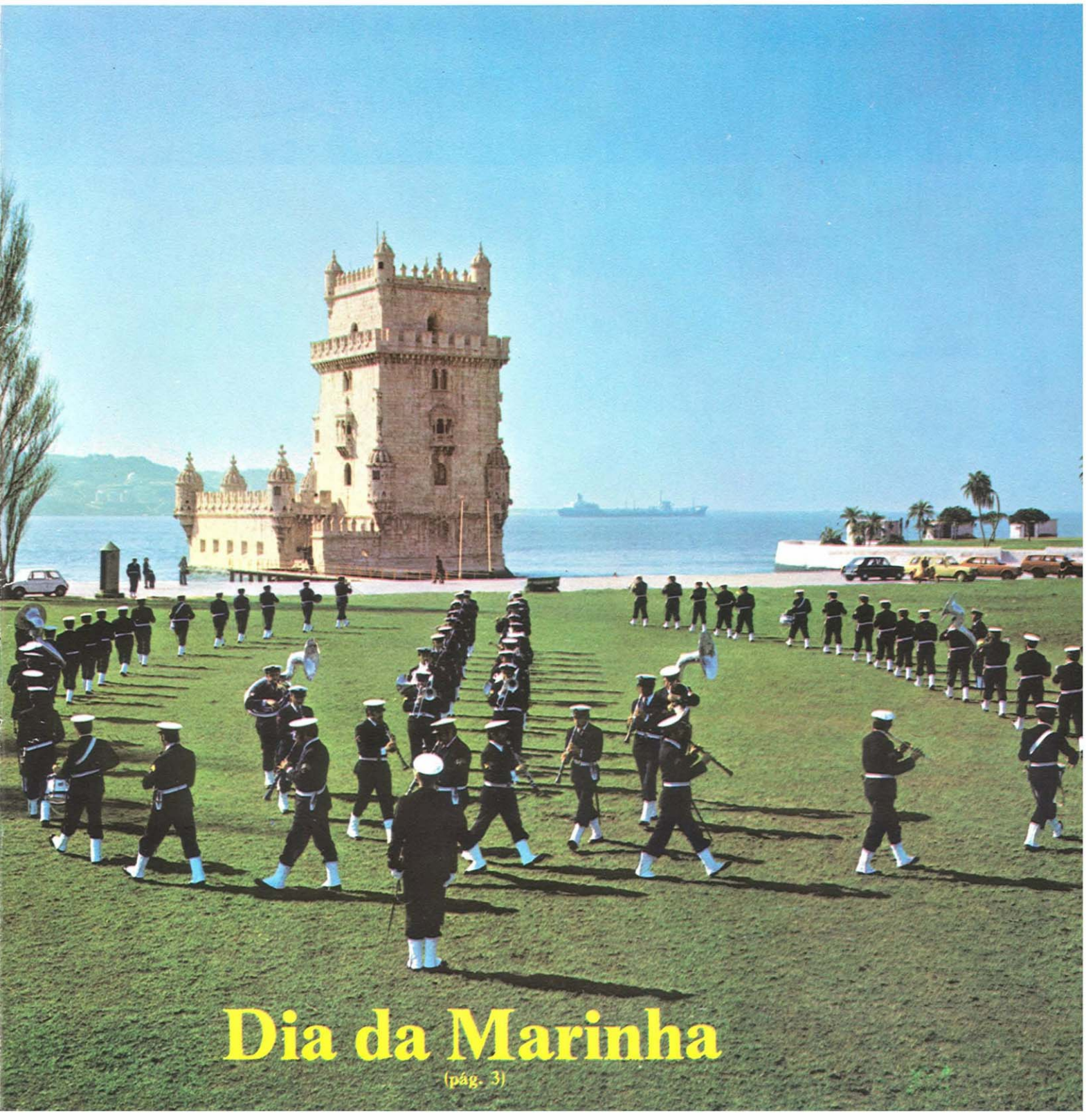
O desenho que publicamos corresponde exactamente à descrição feita por António de Sousa de Macedo. Trata-se dum desenho aguarelado e iluminado a ouro que pertenceu à célebre colecção Palhares, e mostra um mosqueteiro uniformizado de casaca verde, com canhões das mangas e forro amarelos e prenúncio de véstia militar por debaixo da casaca. Chapéu braguês, com dobra intencional e plumas. Calções de fole. Meias de justilho, seguras por ligas de laço. Sapatos de fivelão. Talabardão a tiracolo, de doze tiros, em seus respectivos frascos, e espada holandesa, de tijela, de seis palmos. Luvas de coiro de anta. Golim de tela branca, engomada.

Pertence este precioso desenho ao "Sumário Relação dos Sucessos do Terço da Armada Real", por Simão de Vasconcelos e Sousa, de que foi mestre de campo. É referente ao ano de 1664, tem as armas do Reino, em carimbo a óleo, e o n.º 326 de arquivo ou biblioteca desconhecida, possivelmente real.

Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 94 / JULHO 1979 / ANO IX / MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA



Dia da Marinha

(pág. 3)

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Complexo Social de Oeiras uma ideia em marcha para os militares da terceira idade**	4
	Saibam Todos	5
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Rubens ou a magnificência da pintura	6
	Voz da Abita / Cartas ao Director	10
M. do Vale	**Aviação Naval duas efemérides, dois monumentos**	11
M. Horta	**Notícias Pessoais**	12
S. Mendes	**Firma hieroglífica e sigla cabalística de Cristóvão Colombo**	13
M. Bairradas	**O Grupo de Amigos do Museu de Marinha comemora este ano o seu 25.º aniversário**	15
D. Barreiros	**Regressou a barca "Sagres" que traz muito que contar...**	18
M. Henriques	**Poema sem nome**	21
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	22
	Desportos	23
G. Brandão	**Filatelia**	24
L. Nunes	**Actividade física e seus reflexos no rendimento do trabalho**	25
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	26
	Reportagem	27
	Quarto de Folga	32
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 94/JULHO 1979/ANO IX

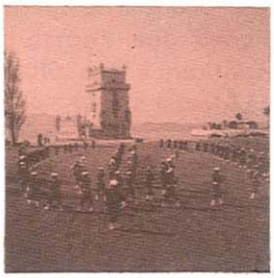
Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:



A Banda da Armada exibe-se junto da Torre de Belém.

(Foto do 1.º-sarg. CM Ramiro Magalhães)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

Dia da Marinha

Quando pensei vir para a Marinha, fazia uma ideia muito vaga a seu respeito. Nado e criado nas serranias da Beira, conhecia os navios só por fora e o mar apenas por o ver de terra.
No entanto, a Marinha exercia em mim um estranho fascínio. As fardas, tão bonitas e tão populares dos marinheiros, o seu ar gingão e desempenado, a beleza dos navios a sugerir viagens e aventuras, os grandes temporais no mar, a fantasmagórica visão de furiosas batalhas navais... tudo chamava por mim!

E vim. Vim e não estou arrependido. Direi mesmo, e não é a primeira vez que o faço, que, se voltasse aos meus dezoito anos escolheria esta mesma vida.

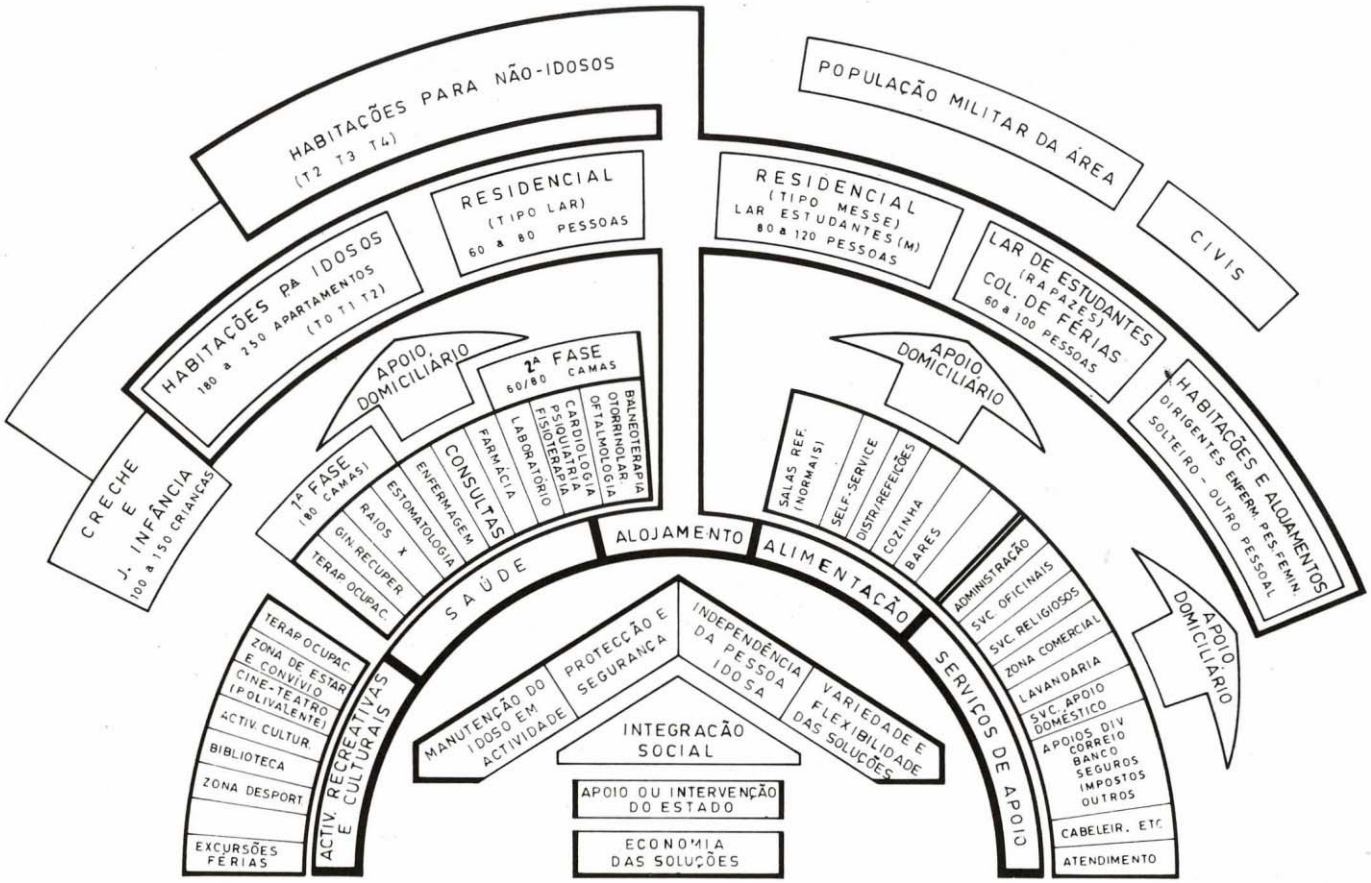
A Marinha que vim encontrar, era exactamente a que idealizara nos meus sonhos de rapaz: marujos sabedores e desenrascados, lindos navios pintados de cinzento, viagens e aventuras por terras estranhas, tempestades... e tudo o mais, bom e mau, que faz dela a *nossa moira encantada.*

E o asseio a bordo e em tudo o que era seu? E a camaradagem dogmática entre os que a serviam? E o espírito de disciplina, amistosa e compreensiva, que nela reinava? E a alegria de viver que nos incutia? E o orgulho de pertencer a uma Corporação de tão antigas e nobres tradições? E a honra de vestir a mesma farda de tantos heróis, no mar, em terra e no ar?

A Marinha não nos enche os bolsos, é verdade, mas, enche-nos plenamente o coração e, suceda o que suceder, dê a vida as voltas que der, aqueles que algum dia vestiram a sua farda e andaram a bordo dos seus navios, jamais a poderão riscar do pensamento.

Haverá carreira mais aliciante para qualquer descendente do Grande Vasco da Gama?

C/alm.



Complexo Social de Oeiras

uma ideia em marcha para os militares da terceira idade

Os Serviços Sociais das Forças Armadas, no âmbito das suas actividades, têm em estudo a criação de complexos sociais, o primeiro dos quais a edificar em Oeiras e que se encontra em fase de projecto. Face às disposições constitucionais (artigos 63.º e 72.º) e ao manifesto desejo dos beneficiários, os SSFA repensaram toda a sua anterior actuação e decidiram encarar, com carácter prioritário, a assistência à terceira idade. A partir de 1977, a Comissão Directiva dedicou-se ao estudo do problema, analisando o que já se encontra concretizado no estrangeiro e o que é aconselhado pelas Nações Unidas, concluindo ser da maior vantagem para o pessoal das Forças Armadas a existência de estruturas polivalentes. Assim, nasceu a ideia da criação dos complexos sociais, nos quais a terceira idade terá lugar predominante.

A traços largos, o Complexo Social de Oeiras, em projecto, deverá compreender, essencialmente, um conjunto de blocos residenciais e as respectivas estruturas complementares de apoio.

Aqueles blocos disporão de alojamentos de diversas características e dimensões, nos quais, numa distribuição harmoniosa, viverão viúvos ou casais idosos de mistura com agregados familiares mais jovens.

As estruturas complementares — centro de apoio — deverão proporcionar condições que constituam aliciantes e dêem efectiva segurança nos últimos anos da vida dos beneficiários idosos dos SSFA que se acolherem ou se servirem do complexo. Nelas serão integrados centros de convívio, bloco sanitário, lavandaria, minimercado, bar, oficinas, escolas, creche, etc.

Para evitar que os complexos não venham a tornar-se em "ilhas" segregadas da sociedade em geral, a respectiva concepção deverá ser orientada, não apenas no sentido do cumprimento da sua missão primária, mas também para apoio à população militar e alguns civis das áreas em que se localizem.

Ilustramos esta resenha com o organograma do projecto do Complexo Social de Oeiras, que dará aos leitores uma ideia da sua grandeza, visto não ser possível a publicação do estudo elaborado pelos SSFA, devido à sua extensão.

Saibam Todos

Que os Serviços Sociais das Forças Armadas (SSFA) estabeleceram recentemente normas para regular a admissão e o funcionamento da creche e do jardim de infância instalados no Centro Social Médico Educativo do Alfeite (CSMEA).

Que aqueles se destinam a ser frequentados por crianças com idades compreendidas entre:
Creche — 1 e 3 anos;
Jardim de infância — 3 e 6 anos.

Que podem concorrer com os seus filhos à frequência da creche e do jardim de infância os beneficiários-titulares dos SSFA, bem como, embora não revestindo aquela qualidade, os funcionários dos SSFA e pessoal docente e auxiliar da Escola Primária do Alfeite, nas condições que forem estabelecidas pela Comissão Directiva, sem prejuízo da ocupação normal das salas pelos filhos dos beneficiários.

Que a inscrição com vista à frequência da creche/jardim de infância é feita de 1 a 31 de Maio de cada ano lectivo sendo válida apenas para admissão no ano lectivo seguinte. Torna-se assim indispensável a sua renovação para todas as crianças que não tiveram vaga e pretendem ser admitidas.

Que a inscrição é feita através do preenchimento de um boletim próprio (um por cada criança), que deverá ser entregue no Serviço de Acção Social do CSMEA.

Que nas normas agora publicadas são estabelecidas regras sobre o critério de selecção dos inscritos, do funcionamento da creche e do jardim de infância, dos encargos dos beneficiários e das responsabilidades e penalidades.

Que por termos verificado existir certa confusão nalguns espíritos sobre o que é a Marinha e o que é a Armada, entendemos necessário esclarecer o assunto visto que, ao contrário do que pensam alguns, não são uma e a mesma coisa. A Armada, ou melhor a Armada Nacional, é constituída apenas por comandos, forças e unidades e respectivos órgãos de apoio (digamos que é a parte militar da Marinha); Marinha, engloba a Armada Nacional e os restantes organismos. Especificamente será:

MARINHA

I. ARMADA NACIONAL

a. Comandos, forças e unidades
b. Estado-Maior da Armada
c. Superintendência dos Serviços do Pessoal
d. Superintendência dos Serviços do Material
e. Superintendência dos Serviços Financeiros
f. Conselho Superior da Armada
g. Conselho Superior de Disciplina da Armada
h. Conselho de Promoções da Armada
i. Conselho Técnico Naval
j. Instituto Superior Naval de Guerra
k. Arsenal do Alfeite
l. Centro de Comunicações da Armada
m. Junta de Revisão da Armada

II. OUTRAS ENTIDADES E ORGANISMOS

n. Instituto Hidrográfico
o. Direcção-Geral dos Serviços do Fomento Marítimo
p. Museu de Marinha
q. Aquário Vasco da Gama
r. Academia de Marinha
s. Biblioteca Central da Marinha
t. Arquivo Geral da Marinha
u. Gabinete de Heráldica Naval
v. Comissão de Direito Marítimo Internacional
x. Comissão Liquidatária de Responsabilidades
y. Comissão Consultiva de Estatística da Marinha
z. Comissão de Redacção da Revista da Armada.

A Marinha engloba ainda: Infraestruturas NATO e respectivos organismos de apoio, comissões eventuais, representantes em organismos estranhos à Marinha, etc.

Será também bom que as pessoas deixem de chamar a este ramo das Forças Armadas Ministério da Marinha, como teimam em fazer, passando a designá-lo apenas, e só, por Marinha. Como é sabido, o Ministério foi extinto e as funções que competiam ao ministro são agora da responsabilidade do chefe do Estado-Maior da Armada, que é o chefe supremo da Marinha.

O inimigo não colaborou

Rectificação

Uma inconcebível série de gralhas alterou um período do artigo em epígrafe, inserto no n.º 92, de Maio 79. Quando, no período em causa, se diz... a ordenar ao "Pico" *lhe comunicasse o aprisionamento do navio suspeito e a secretária e, com o peito cheio de ar e a cabeça de sonhos, a aguardar que o "Pico", lhe comunicasse o aprisionamento do navio suspeito e a confirmação das suas brilhantes conjecturas estratégicas,* deveria dizer-se: "... a ordenar ao 'Pico' para reconhecer o navio em causa, findo o que, se levantou da sua secretária e, com o peito cheio de ar e a cabeça de sonhos, começou a passear de um lado para o outro no seu gabinete, a aguardar que o 'Pico' lhe comunicasse o aprisionamento do navio suspeito e a confirmação das suas brilhantes conjecturas estratégicas".

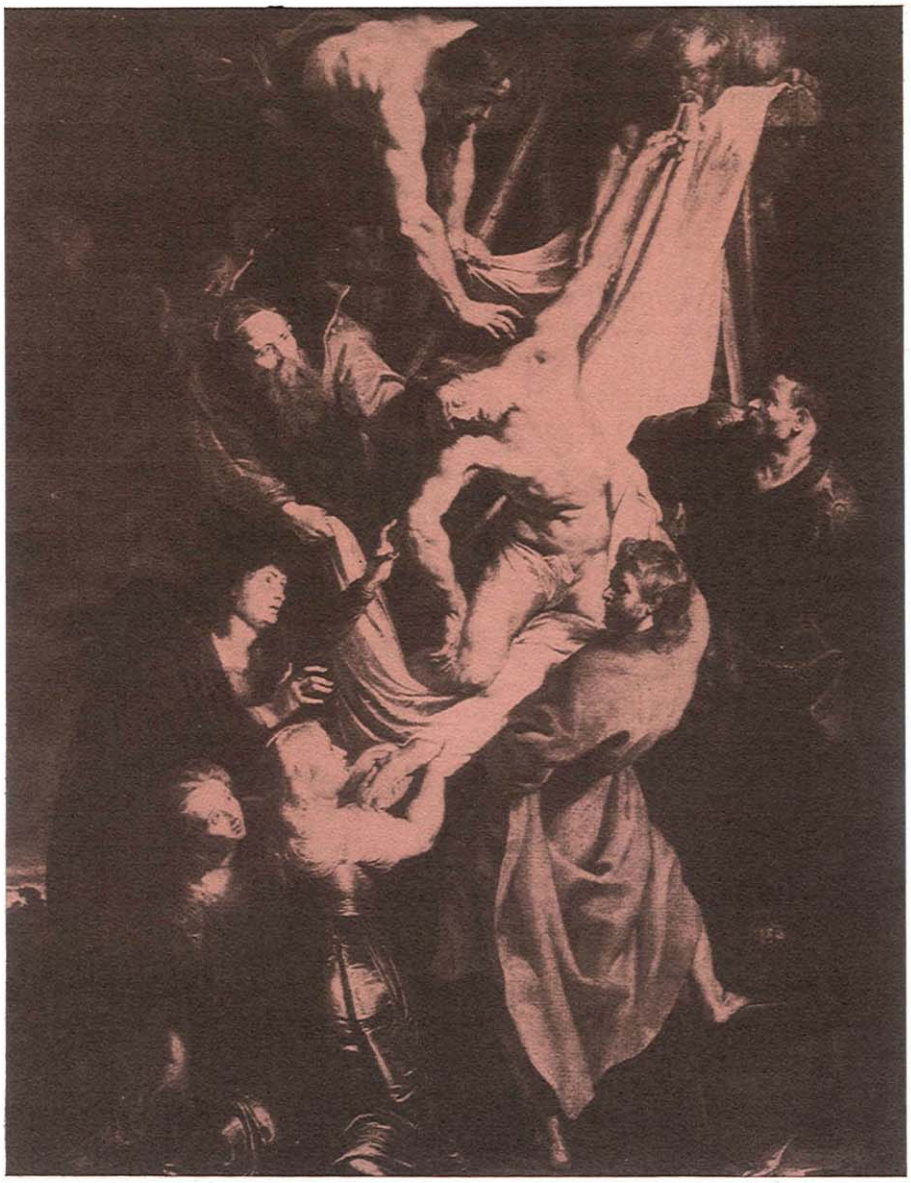
Aqui ficam, com a devida rectificação, as nossas desculpas ao autor, vice-almirante Moura da Fonseca, apreciado e estimado colaborador desta Revista.

Ciências Artes e Letras

Rubens

ou a magnificência da pintura

"Descida da cruz".



Comemorou-se em 28 de Junho de 1977 o quarto centenário do nascimento de Rubens — o grande pintor da Flandres. Por todo o mundo se fizeram conferências sobre a sua arte esplendorosa e se organizaram exposições das suas obras.

Na verdade, Rubens é um pintor de extraordinária exuberância que soube casar, de forma magistral, a arte flamenga e a arte italiana. A pintura atinge com ele uma vitalidade, uma força e uma eloquência — quer na forma quer na cor — como nunca, até então, se vira. Era a arte barroca em toda a sua magnificência!

E ninguém diria que o aprendiz que em 1590 frequentava o atelier de Tobias Verhaecht, paisagista de mérito, embora sem génio, haveria de tornar-se, além do mais disputado pintor do seu tempo, o homem de vasta cultura humanística que se exprimia em seis idiomas, e o incansável diplomata que toda a vida lutaria pela causa da paz (aliás sem acentuado sucesso) nesses conturbados tempos de luta e antagonismo religiosos. Católicos e protestantes odiavam-se e exterminavam-se numa onda sanguinolenta e negra de intolerância. Para os artistas, no entanto, o espírito da Contra-Reforma e as directrizes emanadas do Concílio de Trento eram benéficos, já que, por reacção aos conceitos de austeridade decorativa

"O Julgamento de Páris".

"O Rapto das Donzelas"

dos templos protestantes, a igreja católica reforçava o valor das imagens e procurava aliciar a admiração dos crentes através de grandiosos e eloquentes painéis de cenas bíblicas e do Novo Testamento. As igrejas cobriam os seus altares e paredes de pinturas em que a luz e a cor eram quase uma profanação à intimidade crespuscular dos templos.

O pequeno Petrus Paulus conhecera as agruras do exílio, pois o pai, rico e culto burguês de Antuérpia, protestante e corajoso, tivera a ousadia de se opôr, na qualidade de regedor daquela cidade, ao duque de Alba governador espanhol da Flandres e "caçador" implacável dos homens da Reforma. Tendo morrido o pai, regressou com a mãe e os irmãos a Antuérpia. Tinha então 12 anos. *A arte de Rubens está profundamente enraizada na vida do povo flamengo que conheceu e amou desde a mais tenra idade. E, graças a ele, as virtudes desse povo são hoje apreciadas pelos amantes da arte no mundo inteiro.*

Após a aprendizagem junto de pintores sem génio, é aconselhado a estudar em Itália, para onde parte em 1600. Esta clássica viagem ao país das artes tinha sido fatal a todos os pintores flamengos com excepção de Brueghel, o Velho, que fora o único a preservar intactos a alma e o espírito da pintura flamenga, fazendo-os emergir sempre das novas técnicas plásticas que caracterizavam a pintura italiana da época.

O Renascimento animara todas as artes com o seu pujante renovo e cada povo o tinha assimilado à sua maneira, numa afirmação fecunda de individualização estética dos respectivos estilos. Rubens iria conciliar na sua obra a "Ars Nova" do norte da Europa com a de Florença, Mântua, Génova e Roma, cidades onde trabalhou e aprofundou os seus conhecimentos, quer técnicos quer humanísticos. Permaneceu em Itália

"Os Quatro Filósofos".

oito anos. Admirou em Roma as pinturas dramáticas de Caravaggio e dos irmãos Carracci — o primeiro com a sua técnica espectacular do claro-escuro, em que a luz jorra intensa e fortíssima do motivo (como se fora iluminado por potente projector que o fizesse emergir das sombras que o envolvem). Restam algumas obras dos tempos da aprendizagem na Flandres e dos seus estudos em Itália. Embora revelem uma segura habilidade, não escapam à influência dos mestres. Não se vê nelas o colorido revelador do futuro cunho pessoal do artista.

É quando se estabelece de novo em Antuérpia, já regressado definitivamente de Itália, que o seu estilo se afirma. É então solicitado por todos os governantes que se vão sucedendo nos Países Baixos e pelos homens influentes. Ama a vida em todas as suas múltiplas formas e a força desse amor traduz-se nele por uma invulgar exaltação do nu. Os grandes artistas da Renascença, desde Miguel Ângelo a Ticiano, haviam reabilitado o nu, após o eclipse da Idade Média; no entanto, nenhum deles se lhe dedicara com tanto elam como Rubens.

Se por um lado a igreja solicitava dos artistas composições religiosas onde o nu era possível (embora o feminino fosse raro), por outro, o humanismo não desdenhava os temas mitológicos. Para Rubens, a miríade de deusas e ninfas que povoam a mitologia clássica, estão sempre nuas. Daí que a sua imaginação as figurasse no esplendor da sua beleza desnudada, criando um tipo feminino roliço, de carnação láctea que é uma constante na arte de Rubens.

Telas de índole religiosa, como os vários "Juízos Finais" que pintou, estão coalhadas de figuras de homens e mulheres onde o nu impera — mas é nos temas mitológicos que ele triunfa!

Ocupou-se pouco da paisagem que, durante largos anos, teve apenas para ele uma mera função de fundo de cena; mais tarde, no entanto, haveria de adquirir importância crescente.

O seu gosto pelo movimento leva-o a pintar combates furiosos e cenas de caça onde se compraz no tratamento estupendo dos animais que anima de um realismo sublime. Os cavalos, então, são sempre de uma beleza incomparável — nervosos, soberbos e magníficos nos retratos equestres, pujantes de agilidade, exuberância e força nas cenas de batalhas e de caça — crinas e caudas ao vento, narinas dilatadas e bocas espumantes!

Mestre seguríssimo do retrato, deixou-nos documentos humanos insuperáveis pelo rigor e caracterização dos modelos.

Entre 1611 e 1614, Rubens pintou, com destino à catedral de Antuérpia e por encomenda da Guilda dos Arcabuzeiros, um tríptico magnífico, cujo painel central é a descida da cruz. Nessa obra, a luz é como um jacto que rasga o fundo escuro do painel em diagonal, descendo do canto superior direito e perdendo-se, esparsa, no chão do canto oposto. Nesse trajecto, ilumina a figura de Cristo — qual atleta abatido a recordar-nos as acentuações musculares de Miguel Ângelo — prestes a cair, num abandono de corpo sem vida, nos braços solícitos de S. João. Os rostos dos circunstantes emergem da sombra, batidos pelo clarão que lhes acentua o dramatismo, a ansiedade e o gesto. Toda a dinâmica construtiva do quadro, em diagonal ascendente, nos conduz de imediato à contemplação do corpo de Cristo. Os braços dos que O acompanham na morte, pelo seu desenho e gesto, põem no quadro um frémito de solicitude, amor e preocupada atenção (respeito e veneração pelo misterioso e o sobrenatural) que são reveladores da mestria técnica de Rubens.

Por fim, a figura de S. João, um pé assente na escada, equilibrando o largo S que é o seu corpo desde a perna esquerda ao braço direito, aparece-nos, com o arco do outro braço, transfigurada nesse cálice humano onde se vai depositar o sangue da morte — o corpo de Cristo — rematando assim, em acorde perfeito, essa admirável composição.

Rubens enviuvou aos 53 anos. A propósito do seu casamento com uma jovem de 16 anos, confidenciou a um amigo: *Amo bastante a liberdade e ser-me-ia muito penoso perdê-la em troca dos beijos de uma velha.* Pintou inúmeros retratos da sua jovem mulher, quer ricamente vestida em composições onde aparece com o pintor ou os filhos, quer no esplendor

"O Chapéu de palha".

do seu corpo desnudado, servindo-lhe de modelo para obras profanas como na figura central de Vénus do "Julgamento de Páris". Ao invés de muitas outras pinturas de tema mitológico, em que o movimento é arrebatado e turbilhonante (influência que lhe adveio dos venezianos como Tintoreto), aquele quadro é de composição convencional, onde apenas a opulência dos corpos e da cor são o traço do lirismo de Rubens.

No "Rapto das Donzelas", inspirado na mitologia grega e em que as filhas de Leucipo, rei da Messénia, são arrebatadas aos respectivos noivos por Castor e Pollux, filhos de Zeus, o artista dá largas à sua capacidade imaginativa na organização estrutural do quadro. A espiral do movimento é o objectivo dessa estrutura circular e turbilhonante em que Rubens encerra a acção. Dentro desse círculo, corpos e membros são outros tantos arcos entrecruzados em curvas e contra-curvas cujo vórtice sintoniza em ressonância com a carga emocional inerente ao conceito de rapto. É um ciclone de formas a que Rubens junta o delírio da cor, jogada à tela instintivamente, e cuja excitação é acentuada pelo contraste entre planos de luz e sombra. No entanto, o quadro não é trágico. As donzelas não parecem contrariadas com o que lhes está a acontecer e o rosto do Cupido põe um toque de malícia no ambiente, desdramatizando-o.

No retrato, Rubens foi o artista mais solicitado e admirado do seu tempo. O rigorismo não o fanatizava e nunca permitiu que a análise visual ou a procura do verdadeiro se sobrepuzessem ao belo. Nos retratos que executou, está sempre presente aquela necessária dose de idealização e subtileza que, nem por ser grata aos seus modelos, era menos uma exigência estética.

Por volta de 1612 pintou os "Quatro Filósofos", reunindo, sob a presença austera e evocadora de um busto de Séneca, quatro importantes figuras que, não sendo de facto verdadeiros filósofos, são no entanto humanistas que atestam o apreço em que nessa época se tinha o estudo das humanidades. Vêem-se da esquerda para a direita o erudito latinista Jan Woverius, o filólogo Justus Lípsius, Felipe Rubens — discípulo do pintor — e o próprio Rubens.

Estudos de cabeças.

Os retratos de família são, sem dúvida, os melhores que executou e alguns são considerados hoje verdadeiras obras-primas do género, como o de sua cunhada Suzana Fourment (dito "O Chapéu de Palha"). Este rosto, dada a intensidade particular do olhar e a "raça" dos seus traços fisionómicos, foi o inspirador de muitas outras obras célebres do artista. A idealização do modelo, em Rubens, nunca comprometia o realismo que sempre procurava conferir aos seus retratados. Essa procura é bem visível na série de estudos de cabeças de africanos que executou e que são magistrais de técnica, expressão e vigor — numa palavra — infinitamente autêncticas.

Rubens atravessou a vida vivendo exuberantemente essa mesma vida e derramou nas suas obras a cor em cambiantes de tal fulgor e alacridade que eles são, na sua arte, o correspondente reflexo daquela exuberância. Na vida, como na pintura, foi simplesmente magnífico!

O. Lemos
Cap.-m.-g.

Voz da Abita

Cartas ao Director

Do nosso amigo "Pezinhos", cabo M, recebemos esta carta:

Sr. Director:
É a segunda vez que V. Exa. lança um apelo na "nossa" Revista para que as Forças Armadas realizem uma "operação de limpeza" em todos os locais de interesse turístico do nosso Portugal. E, como não há duas sem três, terá V. Exa. certamente que aguardar novo ano e novo apelo para que alguém se resolva a tomar a iniciativa.
A ideia é boa, mas "não tem encontrado fundo", como se diz na gíria naval.
O seu apelo número dois, feito na Revista n.º 92/Maio 79, termina assim: "Vamos a isto?".
Esta minha carta tem apenas um fim: dizer-lhe claramente que eu, "Pezinhos", cabo M, bem como (estou convencido disso) todos os "Pezinhos" da Marinha, estamos prontos. Haja quem mande e VAMOS A ISSO QUE É UMA PRESSA!

Recebemos a seguinte correspondência:

Do coronel Agostinho Dias da Gama, Coimbra, cópia de uma carta que dirigiu aos presidentes das Câmaras Municipais de Mafra, Sintra e Ericeira, chamando a sua atenção para um artigo da nossa Revista, do n.º 81/Junho de 1978, sobre "Os quatro mistificadores de el-rei D. Sebastião", perguntando se nalgum daqueles concelhos há alguma rua com o nome de Mateus Álvares e, não havendo, que se ponha a uma, sem contudo alterar o nome das que existem e são tradicionais.

De Eugénio Ferreira, Vila Franca de Xira, uma carta em que afirma ter 60 anos e praticar ginástica todos os dias. Pergunta também se os serviços técnicos da Armada, à semelhança do plano de treinos que publicou no n.º 88/Janeiro de 1979 da "Revista da Armada", poderiam publicar recomendações para ginástica a praticar por crianças dos 5 aos 10 anos.

N. R. — Transmitimos deste modo a sugestão deste nosso assinante ao CEFA.

FRAGATA "COMANDANTE SACADURA CABRAL"

No dia 26 de Julho próximo, completam-se dez anos sobre a data em que a fragata "Comandante Sacadura Cabral" foi entregue à nossa Marinha, na Base Naval de Lorient, em França.
Para comemoração desta data e recordar a boa camaradagem e amizade que se cimentaram entre todos os elementos da sua primeira guarnição vai realizar-se um jantar no próximo mês de Julho, em data e hora ainda a combinar, e cujas adesões poderão ser dirigidas através dos telefones 53 38 05 ou 37 07 44, respectivamente comandante Benvindo e cabo Tavares.

ALISTAMENTO DA ARMADA DE 1947

Os "filhos da escola" do alistamento em epígrafe reuniram-se, com familiares, num almoço de confraternização na Praia da Granja, no dia 19 de Maio passado, em que participaram cerca de 150 pessoas. Com vista a futuros convívios, pede-nos a comissão organizadora daquele almoço para avisarmos os elementos do alistamento que alteraram a sua residência, que comuniquem o seu novo endereço para António Henriques, Bairro S.S.F.A. — Bloco C, n.º 4-2.º — Laranjeiro (tel. 249 25 71).

EM DESTAQUE

Luís Filipe Beato da Silva, de 25 anos de idade, é ajudante de operário da Secção de Corte das Oficinas Gerais de Fardamento e Calçado. Fez serviço na Armada em 1974/77. Com 15 anos apenas, e já com a Marinha no pensamento, começou a reunir elementos para um catálogo de navios da Armada, a partir da data em que nela foi introduzida a propulsão a vapor. Esboçado esse catálogo, constatou que continha grandes falhas pelo que continua a pesquisa de elementos para o concluir, com a justeza e dignidade que deseja dar-lhe.
Com a colaboração que espera encontrar na Armada está convencido que atingirá os seus objectivos.
Vimos o que já está feito e gostámos. Leva jeito de vir a ser um trabalho valioso. Para a frente pois, Luís Filipe.

N. R. — A Comissão de Redacção da "Revista da Armada" agradece que lhe seja dado conhecimento de todos os actos dignos de destaque praticados por pessoal da Marinha (militares, militarizados ou civis).

Aviação Naval
duas efemérides
dois monumentos

18 DE JUNHO DE 1928

O dirigível semi-rígido "Itália", comandado pelo general italiano Nobile, caiu na costa nordeste de Spitzberg, sem possibilidades de descolar de novo. A equipagem, sem víveres e sem abrigo contra as tempestades e o frio polar, estava condenada à morte, se não viessem em seu socorro. Depois da queda, o dirigível lançou, a intervalos regulares, aflitivos SOS, que suscitaram grande emoção em todo o mundo.

Roald Amundsen, célebre explorador polar, decidiu partir em socorro dos tripulantes, cuja situação trágica avaliava melhor que ninguém. E havia que ser rapidamente para valer de alguma coisa... Ora, a distância de Tromsoe, o porto mais setentrional na Noruega, ao Spitzberg, era de 1500 quilómetros, três mil, portanto, para ir e voltar, sem reabastecimento. Nenhum avião norueguês estava apto a realizar esta viagem.

Amundsen pediu a ajuda da Marinha francesa e esta pôs à sua disposição o grande hidroavião "Latham", que poucas semanas antes se distinguira realizando o *raid* Caudebec-Bizerta, em 16 horas de voo, e se preparava para realizar um voo transatlântico, até Nova Iorque, com escala nos Açores.

Este hidro, gigante para a época, com dois motores "Farman", em linha, de 600 CV cada, podia transportar 3700 quilos de carga e cobrir a distância de 3500 quilómetros, a 160 à hora.

Com uma tripulação de quatro homens, capitão-tenente Guilbaud, primeiro-tenente Cuverville, mecânico Brazy e telegrafista Vallete, ficou pronto para uma viagem polar em 24 horas.

A 16 de Junho, largou de Caudebec para Bergen fazendo a viagem, debaixo de tempo (*1*), em 13 horas. Em Bergen embarcou Amundsen e o tenente norueguês Dietrichson e fez mais oito horas de voo, até Tromsoe, sempre debaixo de tempo.

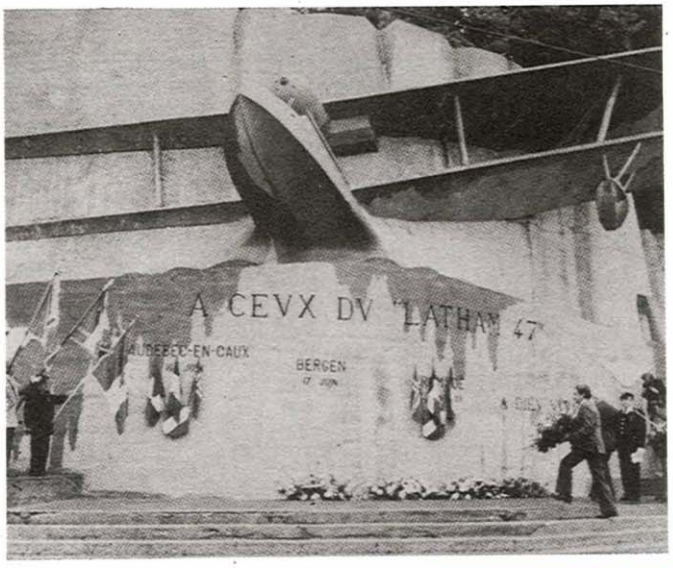
A 18 de Junho partiu, finalmente, de Tromsoe para a grande tirada. As condições meteorológicas eram péssimas. Vento soprando em furacão. Céu forrado. Mar bravo. Não se via o horizonte.

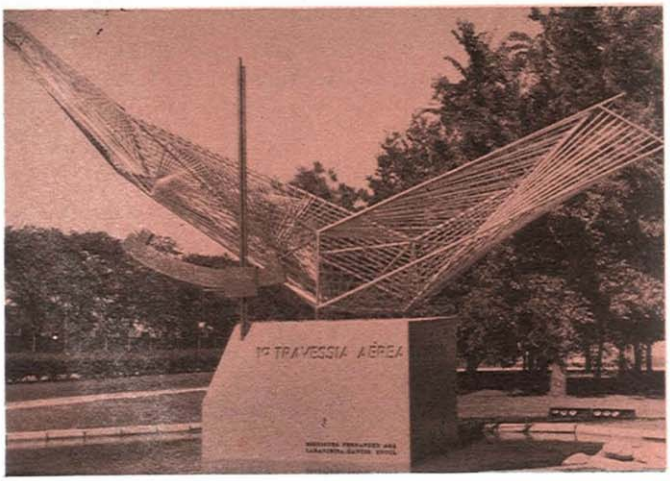
Eram 16 horas quando o avião descolou, desaparecendo imediatamente na cerração. Nos seus postos, a tripulação resoluta e segura, e como passageiros Amundsen e o tenente Dietrichson.

As 17, 18 e 19, comunicou que tudo ia bem a bordo. Depois, nada mais. Em vão a estação de Tromsoe chamou por ele. Ninguém mais o ouviu, nem ninguém mais o veria. Navios de guerra franceses fizeram buscas durante muitos dias, mesmo depois de perdidas todas as esperanças. Mas, queria-se uma prova e... finalmente apareceu um flutuador que era, sem dúvida, do "Lathan 47". Mais nada.

Para comemorar a tragédia, ergueu-a França, aos desaparecidos, o monumento cuja fotografia se publica.

(Tradução livre do "TAM", n.º 357, de 10-8-78)





5 DE JUNHO DE 1922

O hidroavião "Fairey 17", tripulado pelos oficiais da Armada portuguesa, Gago Coutinho (navegador) e Sacadura Cabral (piloto), chegou ao Brasil, concluindo a primeira travessia aérea do Atlântico Sul.

(1)"Debaixo de tempo", é uma expressão usada na nossa Armada significando mau tempo.

A importância deste feito é conhecida de todos os portugueses e não a abordaremos nesta nota.
Queremos apenas frizar que, para comemorar esta proeza, a cidade de Lisboa, por intermédio da respectiva Câmara Municipal, ergueu, durante as comemorações do seu cinquentenário, o monumento cuja fotografia também publicamos.

E agora, pedimos ao leitor que, desapaixonadamente, aprecie os dois monumentos e medite um pouco sobre a dignidade do primeiro e a mediocridade do segundo.
Como oficial da Armada e ex-aviador naval, protesto, e não é a primeira vez que o faço, contra a existência deste monumento que, na minha opinião, não traduz a grandeza do feito que pretende recordar. Leve-se para o Museu do Ar, onde talvez não fique mal, e ergue-se outro, em local conspícuo, com um grande pedestal de granito e lá em cima uma réplica do "Santa Cruz", com os aviadores nos seus postos.
De qualquer maneira, e antes mesmo de ser erguido outro, tire-se aquele dali...
A propósito, julgamos que seria também oportuno que aquela águia de bronze existente no antigo Centro de Aviação Naval do Bom Sucesso, comemorativa da primeira viagem aérea à Madeira, saia também do local e vá para o Museu de Marinha.
Ao tempo, ficava ali bem, dentro da Base, como coisa interna, mas agora, de costas para quem passa, rodeada de coisas que nada têm a ver com a Aviação que ali esteve, não faz sentido. Levem-na também!

M. do Vale
C/alm.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-ten. Augusto José Brito da Silva com D. Maria Bernardete Martins Rodrigues Almeida, em 7-4-79.
2.º-ten. Vítor Manuel de Sousa Meneses de Lorena Birne com D. Florinda Maria Folgado Barata, em 17-5-79.
G/mar. Carlos Augusto Castro Garcia com D. Maria Joaquina Rosado Projecto, em 17-3-79.
258550/cabo TFD António Rodrigues Miranda com D. Rosa Miranda Ferreira, em 20-4-79.
411156/Cabo TFH José Gomes Pereira com D. Virgínia Fonseca, em 7-4-79.
166079/Cabo MQ José António Ribeiro Alves com D. Catarina Augusta Batalha, em 21-4-79.
137770/1.º-mar. CE Adolfo Alves Canário com D. Maria da Graça Moura Meireles, em 7-4-79.
93572/1.º-mar. A Fernando José Gregório Rodrigues com D. Laura da Natividade Cavaco Nunes, em 21-4-79.
249776/1.º-mar. CM Mário dos Santos Teixeira com D. Maria Eduarda Calheiros da Silva, em 7-4-79.
254678/2.º-gr. L Carlos Alberto Pinto Ramos com D. Maria Lucília de Matos Belo Martins, em 2-4-79.
333678/2.º-gr. Luís Manuel Raimundo Duarte com D. Madalena Maria Fernandes dos Santos Costa, em 7-4-79.
2.º-mar. José Júlio Frazão Duarte com D. Maria Adelina Jorge, em 28-4-79.

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-m.-g. Fernando de Barros, em 10-5-79.
2.º-ten. OP Joaquim dos Remédios Paulino, em 7-5-79.
Sarg.-aj. CE António da Silva Barreira, em 30-4-79.
Sarg.-aj. H Joaquim Vaz da Palma, em 27-4-79.
1.º-sarg. H José Brás Costa, em 24-4-79.
1.º-sarg. CE Jofre da Cunha Lopes Ferro, em 27-4-79.
51659/Cabo L Epifânio Joaquim Saramago Adainho, em 27-4-79.
603359/Cabo T António Monteiro Saleiro, em 30-4-79.
981363/Cabo FZ Manuel Severino Vieira Robalo, em 30-4-79.
988863/Cabo L António Monteiro Ferreira, em 30-4-79.
569059/1.º-mar. TFH Joaquim Balseiro Farinha, em 27-4-79.
250276/2.º-mar. A Manuel de Jesus Pinto Botelho, em 26-4-79.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

Cap.-m.-g. AN RF Graciano de Matos Vilarigues, em 18-5-79.
Cap.-ten. RF Joaquim Costa, em 26-4-79.
98271/Cabo CM Aristides Correia Rodrigues, em 12-5-79.

Firma hieroglífica e sigla cabalística de Cristóvão Colombo

Tendo a "Revista da Armada" (n.º 93/Jun. 79) publicado um interessante artigo — "O enigmático senhor D. Cristóvão Colombo" — da autoria do sargento-ajudante Ferreira da Silva, e correspondendo ao apelo da Redacção da Revista, feita no final do citado artigo, pareceu-me oportuno acrescentar algo, no que diz respeito não só à firma hieroglífica, mas também a sigla cabalística usada por aquele, realmente, tão enigmático e discutido navegador. Muitas interpretações têm sido dadas a estas, mas continuam ainda misteriosas, no fim de contas.

Começo por me referir ao que consta no livro "Cristóvão Colombo — Almirante do Mar-Oceano", do conhecido almirante americano Samuel Eliot Morison, traduzido em 1962 por Carlos Selvagem, do qual transcrevo:

Os documentos de Cristóvão Colombo eram assinados cabalisticamente por

. S .
. S . A . S .
X M ℚ
Xp̃o ferens

Quarenta e cinco a cinquenta assinaturas desse estranho tipo se conservam em vários documentos e, em todos, é exactamente a mesma disposição piramidal das letras. O almirante ligava-lhe a maior importância e no seu morgadio recomendava aos seus descendentes continuarem a "assinar com a minha assinatura que actualmente uso e que é um X com um S em cima e um M com um A romano em cima e outro S também no cume e depois um r grego com um S em cima, conservando-lhes as relações entre as linhas e os pontos".

Nenhum dos herdeiros seguiu, aliás, essas instruções e ele jamais revelou o significado oculto desse dispositivo, que tem sido objecto das mais diversas interpretações e especulações. É mais um dos grandes mistérios que têm envolvido sempre a sua complexa personalidade.

A terceira linha pode muito bem ser uma simples invocação de Cristo Jesus e Maria (Christe, Maria, Jesu). Mas, as quatro primeiras letras? O seu arranjo cabalístico presta-se às mais bizarras combinações e conjecturas, de que talvez a mais simples e verosímil seja ainda a de "SERVUS ALTISSIMI SALVATORIS". Será? Não será? Enfim, Xp̃o ferens não é mais que a forma greco-romana do seu nome CRISTÓVÃO (Christophorens).

Explicativa similar encontra-se também na valiosa obra do mesmo autor americano "The European Discovery of America — The Southern Voyages 1492-1616", publicada na "New York Oxford University Press 1974", que o próprio almirante Morison me ofereceu e presumo ser exemplar único no nosso país.

Patrocínio Ribeiro é outro escritor que se dedicou igualmente a estudos relacionados com Cristóvão Colombo, tendo editado um livro, em 6 de Junho de 1927, no qual colaborou também o dr. Barbosa Soeiro nos elementos relativos à Cabala.

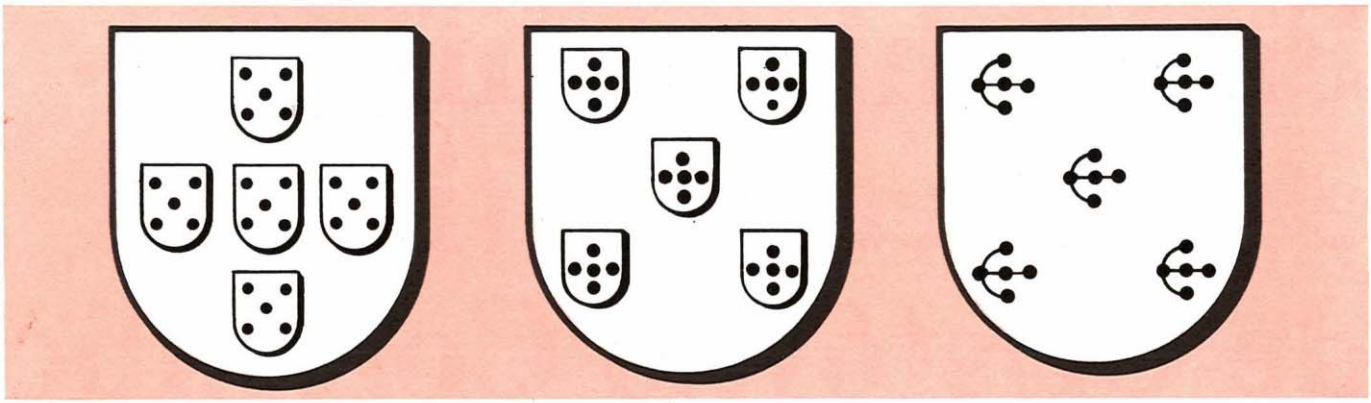
É curiosa a disposição testamentária de Cristóvão Colombo, por ele transcrita "ipsis verbis" em espanhol:

(...) firme de mi firma la cual agora acostumbro, que és una X com una S em cima y una M com una A romana em cima, y en cima dela una S y despues una Y griega con una S en cima con sus rayos y virgulas, como yo agora fajo; y se parecerá por mis firmas de las cuales se hallaran muchas y por esta parecerá. Y no escrebirá sino el almirante puesto que outros titulos el Rey le desse o ganasse; esto se entiende en la firma y no en su ditado que poderá escribir todos sus titulos como lo pluquire; solamente en la firma escribirá "el Almirante".

Esta recomendação singular aos seus descendentes, certamente para que a firma hieroglífica se perpetuasse através dos tempos, não deixa de ser significativa num homem tão misterioso, dum carácter reservado e tão enigmático que, à medida que via o seu nome tornar-se mais célebre "tanto menos conocido y cierto quiso que fuese su origen y patria".

A assinatura habitual do grande nauta, antes de embarcar para a primeira viagem, tinha as sete letras com a disposição atrás indicada, com "Xp̃o ferens" no fim, e, depois da descoberta — quando entrou na posse de todos os direitos e honras que o seu feito épico ganhara — tirou o "Xp̃o ferens" e substituiu por "El Almirante".

Patrocínio Ribeiro salienta ainda que Cristóvão Colombo teve certos conhecimentos das chamadas ciências ocultas, que adquiriu directamente nalguma associação secreta do tempo ou por intermédio de algum amigo conhecedor das mesmas, e da Cabala. Tal costume de manejar os assuntos referentes a essa Cabala verifica-se até na forma como Colombo fez a transformação dos escudetes das quinas em âncoras para o seu brasão de armas.



Cada âncora foi construída sobre cinco pontos dispostos em cruz, fazendo passar por três pontos, respectivamente, o segmento rectilíneo e a linha de curva.
O mesmo autor interpreta os três SSS, dispostos segundo os vértices dum triângulo, cada um ladeado por dois pontos:

Saúde. Saúde. Saúde. ou Salus. Stabilitas. Sapientia.

VERSÃO DO DOUTOR SOUSA GOMES

Este autor, licenciado em Filosofia e História, explica a sigla da seguinte forma:

SSS (Sanctus, Sanctus, Sanctus) as três pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho, Espírito Santo.
A — Amen.
XMY — Xriptus (per) Mundum Ybat — "Cristo ia pelo Mundo".
Xp̃o ferens — o que vai com Cristo.

Diz ainda Sousa Gomes que Cristóvão Colombo acrescentava por vezes à sua "firma" a seguinte divisa tirada dos psalmos: MIRABILIS ELACTIONES MARIS — MIRABILIS IN ALTIS DOMINUS (Maravilhosas são as vagas levantadas pelo mar — Maravilhoso é nos céus o Senhor), e que o seu misticismo e religiosidade o levou a usar, por escrito, o sinal da cruz — Pai Filho Espírito Santo Amen — fazendo-se acompanhar espiritualmente por Jesus, o que exprimia nas frases "Cristo ia pelo Mundo" e "O que vai com Cristo", equivalentes à expressão "O que me leva nas aventuras por esse Mundo fora é a minha Fé em Jesus Cristo".
Assim, este autor formula duas hipóteses:

1.ª Teria Colombo arranjado a sua firma de maneira a acertar com o nome de Cristóvão, que ele decompôs em "Xp̃o ferens"?
2.ª Ou acrescentado "Xp̃o ferens" às letras que adoptara com significado religioso, sem intenção de indicar o nome de Cristóvão?

VERSÃO DO ENGENHEIRO ESPANHOL ANTÓNIO FERNANDEZ Y FERNANDEZ

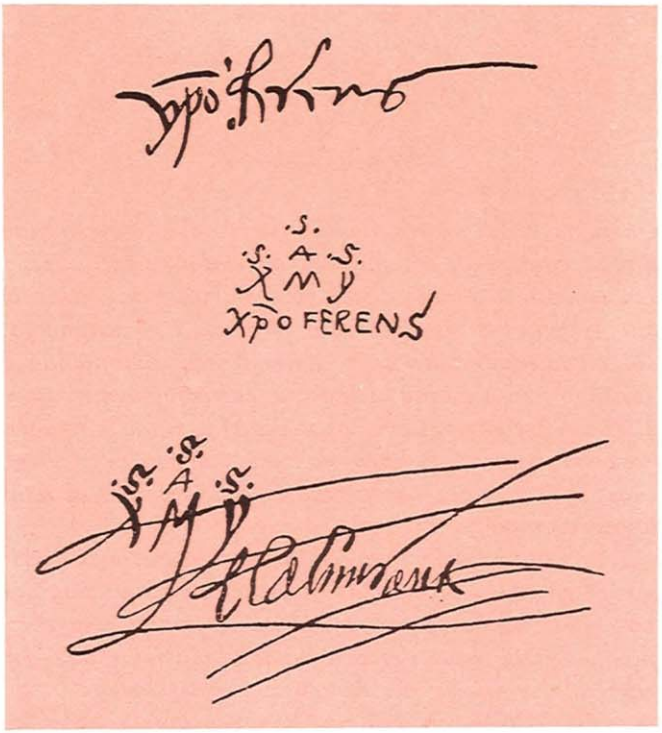
Partindo da mesma sigla completa, o eng. Fernandez é da opinião que as iniciais significam na sua língua:

SIERVO, SUPLICANTE, del ALTISIMO, SALVADO-CRISTO, MARIA JOSÉ que lleva a CRISTO.

VERSÃO DE RODOLFO CRONAU

Este autor atribui às letras o significado seguinte:
SERVIDOR SUS ALTEZAS SACRAS JESUS MARIA ISABEL CHRITOFERENS.

Para finalizar citamos ainda os nomes de Maurice David, do coronel de engenharia Carlos Roma Machado de Faria e Maia, do prof. dr. Moses Bensabat Amzalak, do oficial da Marinha Mercante Alexandre Gaspar da Naia, do dr. Pestana Júnior, e ainda da grande obra franco-espanhola "Edizione Spagnola-Francese — Colombo — Cittá di Genova" (1932), mas, como é óbvio, os seus trabalhos não serão pormenorizados para não fugir à forma que se pretende dar a este artigo, que se deseja seja simples e curto.



Antes de assinar este artigo e, como preito de homenagem, respeito e admiração à eterna glória de Cristóvão Colombo registo os fac-símiles das suas assinaturas, antes e depois da descoberta da América.

José Agostinho de Sousa Mendes
Cap.-m.-g.

O Grupo de Amigos do Museu de Marinha comemora este ano o seu 25.º aniversário

Nos fins de 1954, um conjunto de personalidades frequentadoras da Biblioteca Central da Marinha e interessadas pelas coisas do nosso passado naval, à guarda do Museu de Marinha, instalado, provisoriamente, no Palácio Farrobo, às Laranjeiras, pensou em criar um grupo de amigos que fomentasse a sua divulgação e contribuisse para o aumento do seu recheio e prestígio, numa nova casa.

Era um propósito amadurecido que requeria, além de natural trabalho e canseira, um entusiasmo a toda a prova.

O país, em matéria de espólio dum passado histórico que o impôs, como nação, à consideração dos povos, reviu-se durante muito tempo no Museu Militar, o antigo Museu de Artilharia, pois além de edifício, arquitectonicamente condigno, apresentava um conjunto de colecções, bem sistematizadas e catalogadas, com roteiro impresso, de certo volume, um breviário da matéria, a que até o estudioso, na sua casa, podia recorrer para uma primeira informação. Incluindo assuntos das três armas (o Museu do Ar é o mais recente) a Armada era ali, fugazmente referida, num objecto ou outro, mas longe de ter o lugar e documentário exclusivo que lhe cabia por mérito próprio.

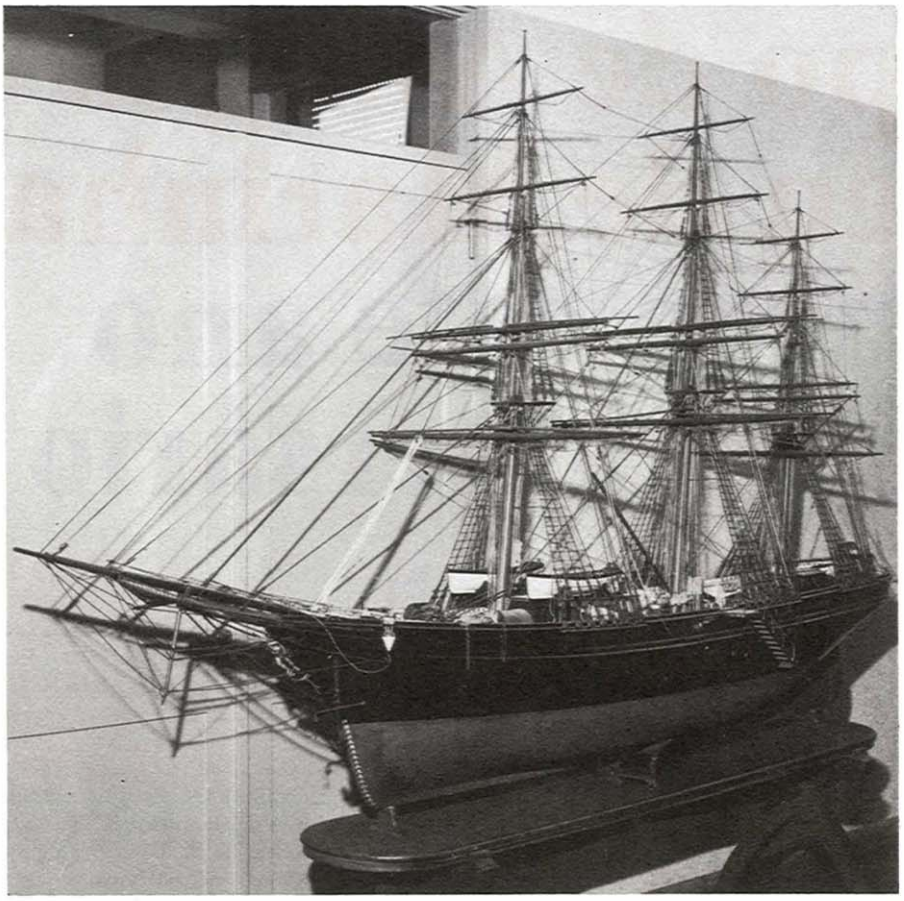
Os valores escapados ao incêndio da antiga Sala do Risco, do Arsenal, de 18 de Abril de 1916, que seriam o núcleo dum futuro Museu de Marinha, sonho desde logo latente, no cérebro de muitos, andaram desconhecidos do grande público menos avisado, por estarem circunscritos às funções pedagógicas da Escola Naval. Nem em 1940, com os Centenários, embora tivesse havido comissões instaladoras nomeadas, encarregues de se pronunciarem em favor do projecto dum museu de Marinha, em Belém, a iniciativa arrancou na dinâmica que o ministro Duarte Pacheco imprimia às obras públicas.

Só em 1947 — com o falecimento de Henrique de Seixas, grande entusiasta das coisas do mar, que deixou ao Estado uma preciosa colecção de modelos e documentos, avaliada, doze anos antes, em 15 000 contos e que tinha de sair do edifício da Estefânia, onde está hoje o Museu dos Correios — o problema se agudizou e exigiu um imediato passo em frente. De urgência; foi cedido pelo Ministério das Finanças, o Palácio Farrobo (1948) que abrigou o legado, mas nunca lhe pôde dar categoria expositiva, apesar dos bons esforços do director e subdirector da ocasião, os comandantes Jayme Corrêa do Inso e Álvaro Gil Fortée Rebelo.

Em Julho de 1954 fora nomeada mais uma comissão conjunta dos Ministérios da Marinha, Obras Públicas e Educação Nacional, para instalar o Museu, em Belém, na ala oeste do Mosteiro dos Jerónimos. O assunto despertava um novo interesse e actualidade, dada a aproximação do ano henriquino de 1960, a que se pretendia dar repercussão internacional, com grandes cerimónias e iniciativas. O próprio local já fora homologado pelo ministro da Marinha, ao apreciar o relatório da comissão presidida pelo falecido almirante Joaquim Anselmo da Mata Oliveira. O futuro Grupo de Amigos do Museu de Marinha podia, assim, ter um fecundo campo de acção, mais meditado, refira-se, pela realidade dos factos só ter vindo a permitir a inauguração do novo estabelecimento, em 15 de Agosto de 1962, dois anos depois dos grandes eventos nacionais em honra do Príncipe-navegador.

Exposta superiormente a ideia da sua criação, ainda durante 1954, como associação cultural, foi a mesma desde logo acarinhada e sugerida a redacção duns estatutos, definindo os fins em vista. Pertenceram à Comissão Organizadora, os comandantes Humberto Leitão, Alfredo Motta (hoje contra-almirante) e António Esparteiro; o 1.º-tenente Carlos Souto; D. José de Alarcão (conde de Arcos); prof. Francisco de Oliveira Martins e o publicista José Frazão de Vasconcelos. Este estatuto foi aprovado pelo ministro da Marinha, através do despacho 25, de 14 de Janeiro de 1955, e o respectivo texto publicado na Ordem do Dia à Armada n.º 13, de cinco dias mais tarde.

A primeira reunião de sócios, feita a convite da Comissão Organizadora, decorreu nas instalações pombalinas da Biblioteca Central da Marinha, à volta da veneranda mesa vinda do Convento da Graça, que ainda ali se conserva, e a ela compareceram o almirante Afonso Cerqueira, os comandantes Alfredo Soares de Melo, Horácio de Faria Pereira, José Soares de Oliveira, Jayme Corrêa do Inso e Álvaro Gil Fortée Rebelo; o dr. Jaime Augusto Corrêa do Inso; o 2.º-tenente João Corrêa; o desenhador do Museu, Alfredo Barroca e o comandante da Marinha Mercante Luís Armando de Loura. Presidiu o almirante Cerqueira, figura gloriosa das campanhas do sul de Angola, e secretariou a sessão o publicista Frazão de Vasconcelos. Após as palmas de abertura e agradecimento, foi lida a lista dos sócios, até à altura inscritos, num total de quarenta e três, e eleito, por aclamação, um elenco de corpos gerentes em que a Assembleia Geral ficou presidida pelo comodoro Carlos Henrique e a Direcção pelo embaixador Pedro Theotónio Pereira, então na nossa missão diplomática em Londres. O director e o subdirector do Museu, nos termos dos estatutos, foram considerados vogais-natos. Esta mesa administrativa, em que da Direcção nos ficou interessante correspondência que um dia se publicará, foi uma nomeação de circunstância, dada a acalmia do Museu, nas Laranjeiras, mas potenciaram-se forças; ampliou-se a massa associativa, única fonte de receita do Grupo; ouviram-se membros das comissões oficiais nomeadas para organizar e regulamentar o futuro Museu em Belém, muitos também já consócios, que expuseram em posteriores reuniões de trabalho, as tendências mais votadas, etc. Constituiu-se ainda uma Comissão de Estudos que esteve para ser presidida pelo almirante Gago Coutinho, o qual preferiu considerar-se vogal, e que contou com nomes como António Marques Esparteiro, Armando Zuzarte Cortesão, Avelino Teixeira da Mota, etc., enfim, o que se poderia quase consi-



O modelo da galera "Alpha".

derar, pela categoria intelectual e especializada dos escolhidos, um núcleo precursor do antigo Centro de Estudos e actual Academia de Marinha.

O Grupo adoptou, entre cinco desenhos que lhe foram presentes, na Assembleia Geral de 29 de Junho de 1957, o inspirado emblema que ainda conserva, o qual se deveu ao pintor de arte, Senhor Mário Costa: *uma nau vista de proa, apresentando a cruz de Cristo nas velas cevadeira, traquete e traquete de gávea, envolta por um cabo disposto ovalmente e rematado em nó, na parte inferior que bordeja a legenda — Grupo de Amigos do Museu de Marinha.* Ele figura no seu selo branco, no timbre da sua correspondência, no seu diploma, nos seus relatórios anuais, que imprime desde 1962, etc.

Inaugurado o novo edifício do Museu, em 15 de Agosto de 1962, que foi nesse ano o Dia da Marinha, o Grupo pensou dar início a um programa de dádivas, começado a concretizar, em 22 de Julho de 1963, dia em que o estabelecimento completou o primeiro centenário da sua fundação e tinha aberta uma exposição de cartografia e comunicações, com a oferta dum raro e apreciado livro de Filippo Pigafetta, "Relatione del Reame di Congo et delle circonvicine contrade", baseado nas descrições do notável explorador português Duarte Lopes, obra impressa em Roma, presumivelmente, à volta de 1591, em cujo texto se referem os lagos Tanganica e Victória, como já conhecidos deste português, séculos antes de Burton e Speke, terem chamado a si o feito da descoberta.

A seguir, ofereceu um barco rabelo (1963) e depois, numa cerimónia em que esteve presente o ministro da Marinha, almirante Mendonça Dias, uma barca serrana, um rabão de rabo baixo e um saveiro da Caparica, tendo usado da palavra, na ocasião, o sócio prof. arq. Octávio Lixa Felgueiras, num tema que intitulou "Barcos regionais portugueses no Museu de Marinha".

Ainda em 1964, foi oferecido pelo Grupo ao Museu, um desenho original, à pena, de D. Carlos, assinado e datado de 1888, representando um torpedeiro espanhol e uma aguarela mostrando uma lancha de pesca do Tejo, da autoria de Thomás de Mello Júnior.

Em 1967, fez-se a dádiva do bote "Leão", pitoresco e centenário barco à vela da carreira de Alcochete, que conduzindo carga e passageiros, tantas vezes sulcou o Tejo, o qual havia sido oferecido ao Grupo pelos proprietários, a firma Vieira & Silva, Ld.ª, daquela vila. Neste mesmo ano, o Museu recebeu ainda, de igual proveniência — o seu Grupo — a reprodução duma estampa figurando *o memorável cortejo fluvial lisbonense de recepção aos oficiais de Marinha Brito Capelo e Roberto Ivens, regressados da sua histórica travessia de África, em 16 de Setembro de 1885,* devidamente encaixilhada em sóbria moldura e um busto cerâmico do rei D. Luiz, fundador do Museu que ali se encontra exposto num artístico plinto de madeira lacada.

Em 1968, concretizou a entrega duma cópia fiel do quadro "Portuguese Carracks", de Cornelisz Anthoniszon, existente no National Maritime Museum, de Greenwich, feita a óleo, pelo pintor inglês John Munday. É uma interessante tela de 1,45 x 0,75 metros, representando navios nossos do século XVI, entre eles a nau "Santa Catarina do Monte Sinai", da armada que levou a Itália a infanta D. Beatriz, filha do rei D. Manuel e de D. Maria de Castela, para casar com o duque Carlos de Saboia. Foi esta esquadra, cumprida a missão palatina, que o Papa Leão X, por um breve de 12 de Agosto de 1521, e queixando-se do rei de França, Francisco I, tentou exigir de D. Manuel que a reunisse à de Carlos V, para combater os franceses, propósito não anuído pelo monarca português (Damião Peres, "História de Portugal"). Na cerimónia de entrega deste quadro, que foi íntima, e também a última do Grupo que decorreu na Biblioteca Central da Marinha (na verdade, pouco tempo depois, instalar-se-ia definitivamente em Belém, no Museu) foram realçados aspectos artísticos, históricos e de arqueologia naval, pelos prof. Martins Barata e dr. Pimentel Barata, seus associados.

Em 1970, por aquisição, entregou-se ao estabelecimento outra peça de arte, um segundo estudo de Veloso Salgado (1864-1945) para o famoso quadro "A audiência do Samorim de Calecute a Vasco da Gama", tela de grandes proporções que é pertença da Sociedade de Geografia de Lisboa e ali se pode admirar. A iniciativa filiou-se nas comemorações ao grande navegador, no 5.º centenário do seu nascimento, decorridas em 1969, encontrando-se ainda hoje exposta, por cedência, no antigo gabinete do ministro da Marinha. Também, no ano de 1970, o Grupo financiou, parcialmente, a brochura bilingue "Breves Notas do Museu de Marinha" que muita propaganda fez do Museu, no país e no estrangeiro.

Em 1972, ano jubilar do 4.º centenário da publicação de "Os Lusíadas", foi oferecido um busto do Grande Épico, obtido da estátua modelada por mestre Simões de Almeida (1844-1926) para o Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, o qual se encontra exposto, com destaque, na biblioteca do Museu.

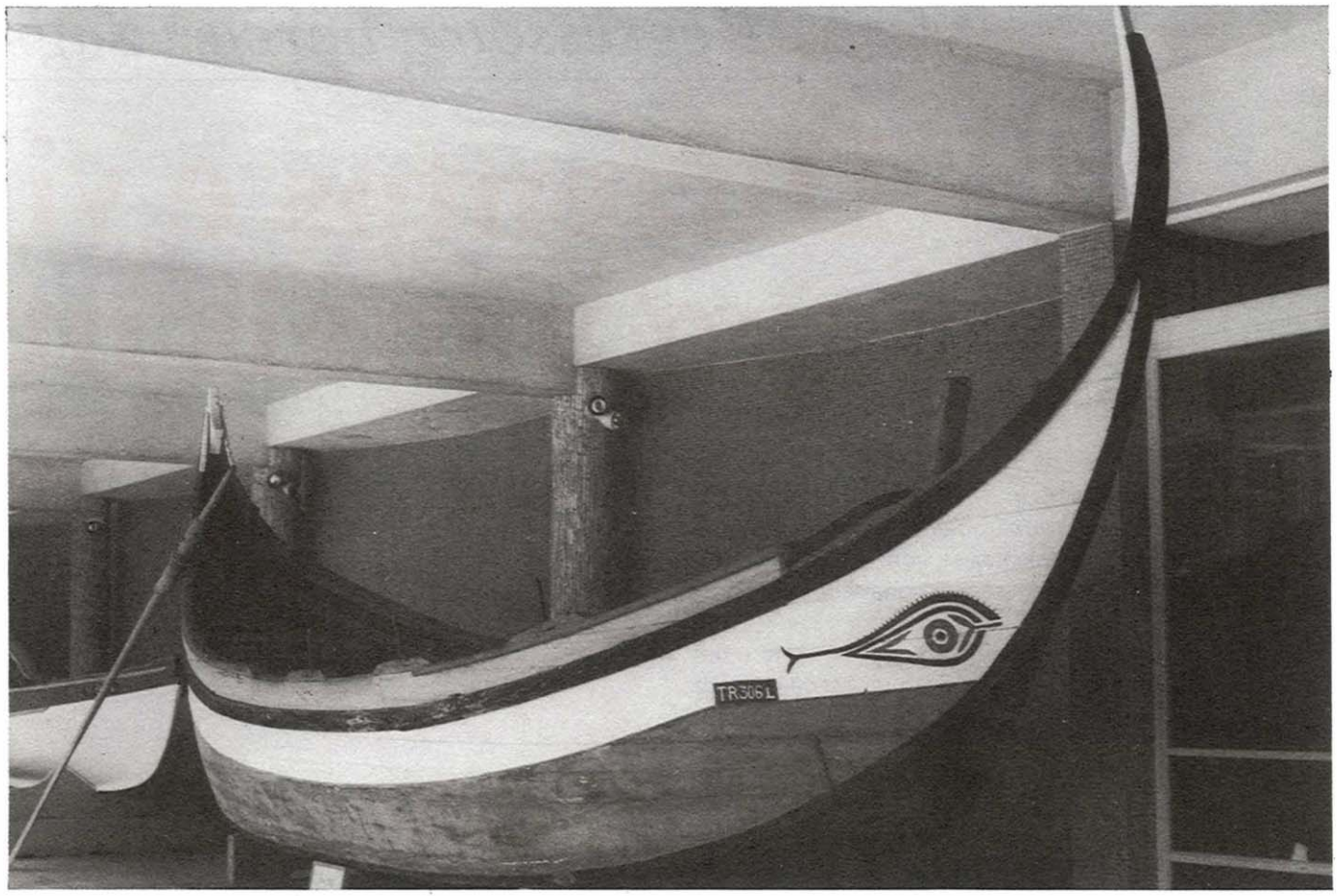
Ao ano de 1974, correspondeu a entrega da galera "Alpha", precioso modelo dum navio mercante do século XIX, reconstruído e aparelhado pelo primeiro-tenente Isaac Reis, à frente de uma exímia equipa, dádiva com que o Grupo comemorou os seus vinte anos de existência, ao serviço duma *sempre dedicada e leal colaboração,* legenda que correu numa medalha mandada cunhar, na altura, composta e modelada pelo autor destas linhas.

Posteriormente, o Grupo comparticipou na estátua do infante D. Henrique, de Simões Almeida (Sobrinho) que se encontra exposta na sala de Cartografia do estabelecimento e recebeu do prof. Eduardo Lagoa Henriques, seu autor, uma estátua do almirante Botelho de Sousa, figura consagrada da nossa Armada.

Pelo seu associado de Londres, senhor Ramiro Bandeira Martins, foi-lhe oferecido um exemplar bilingue de "Os Lusíadas", edição centenária que se resolveu, por sua vez, dedicar à secção camoneana da Biblioteca Central da Marinha, onde o Grupo foi fundado, como dissemos, e a que, sentimentalmente, muito se encontra ligado.

Neste ano em que passa um quarto de século de actividade, pensa-se poder oferecer ao Museu, um barco da neta, embarcação típica da Nazaré, já hoje rara, a qual muito serviu a arte da pesca na região e irá enriquecer a secção de barcos tradicionais do estabelecimento.

Assim tem decorrido, neste labor absorvente, a vida do Grupo, cuja história global, escrita em 1974, por ocasião do vigésimo aniversário,



O saveiro da Caparica, um dos mais característicos barcos típicos.

continua inédita, mas, nos seus retalhos, é de todos os que seguem estes assuntos, devidamente conhecida, quanto mais não seja, pelos relatórios anuais. O prestígio do seu nome deu-lhe, em devido tempo, assento dum delegado no Conselho Consultivo do Museu, que se manteve sempre efectivo até à extinção do mesmo, pela saída do decreto-lei n.º 14, de Janeiro de 1976.

Participou na instalação definitiva do Museu, em Belém (despacho n.º 63, de 15-3-56, do Gabinete do Ministro) e recebeu sempre das sucessivas direcções do estabelecimento gentis palavras de apreço e simpatia, tendo ainda, em 1970, o ministro da Marinha, ao desejar tornar-se associado, tido interesse em receber a Direcção do Grupo e em trocar com ela proveitosas ideias. Do país e estrangeiro chegam-nos, tantas vezes, solicitações de informes sobre assuntos ao nosso alcance, a que se dão satisfação, procurando, na documentação das respostas, dignificar o papel de associação cultural. O Grupo tomou parte nas preocupações de muitos pela sorte dos velhos navios, fragata "D. Fernando" e barca "Sagres", antigo navio-escola, que tanto agitaram a imprensa, tendo, deste último ainda, pugnado por conseguir as métricas que permitissem a execução do seu modelo, actualmente em construção, no Museu. Inteirado da actividade da Federação Mundial dos Amigos dos Museus, convidado a participar nas comemorações do Dia da Marinha dos últimos anos, tudo têm sido atenções a que tem procurado corresponder com o melhor nível de actuação. Por si mesmo, ainda no campo documental e das iniciativas, tem desenvolvido campanhas de interesse estudioso, como junto dos capitães dos portos, no sentido de inventariar as embarcações regionais ainda existentes nas zonas, bem como solicitar relação dos naufrágios nelas ocorridos, para elaboração duma carta que, eventualmente, conviria ao seu núcleo de arqueologia subaquática, em embrião, ou permitisse sugerir, junto dos poderes, um programa de necessária e urgente intervenção. Tem, por outro lado, nos termos dos seus estatutos, fomentado depósitos e doações, algumas directamente pelas famílias dos seus falecidos sócios, na mística dos princípios que sempre enunciou, em prol do Museu: os quadros dos Esquíveis (família de Moniz da Maia), livros e fotografias navais (família de Ó Ramos), modelo duma fragata inglesa do século XVIII (família de Almeida Blasques), as condecorações dum herói (família de Cunha Aragão), etc.

Entre os primeiros sócios de honra desta associação, figurou o almirante Carlos Viegas Gago Coutinho, publicista marítimo, como ele muitas vezes declarou, na sua modéstia pessoal que Lisboa bem conhecia e, desde 1964, a Fundação Calouste Gulbenkian, a quem se deve o valioso Planetário, incorporado no edifício do Museu.

O Grupo orgulha-se, assim, dos seus vinte e cinco anos que crê terem sido bem vividos ao serviço dum ideal que honra os portugueses — o de tentar contribuir, nos meios ao alcance, para valorizar um estabelecimento de cultura que tanto fala à alma popular das glórias dos seus filhos, nos mares e nos exotismos das longes terras.

Ao encerrar estas notas que a "Revista da Armada", gentilmente se propôs publicar nas suas páginas, não queremos deixar de convidar os seus leitores a visitarem (ou a recordarem, em nova visita) o Museu de Marinha e a participarem nesta cruzada cativante que lhes apresentámos, inscrevendo-se sócios do seu Grupo de Amigos.

Arq. Eduardo Martins Bairrada
Secretário da Direcção do G.A.M.M.

N. R. — O autor deste artigo, arquitecto Eduardo Martins Bairrada, é natural de Lisboa, onde nasceu em 1930.

As coisas de marinha têm-lhe merecido particular interesse, talvez por a sua juventude ter sido povoada por narrativas navais, feitas por seus avós — o paterno da Marinha de Guerra e o materno da Mercante.

A sua actividade tem-se repartido por variadíssimos campos, culturais e profissionais, tendo sido distinguido, pela nossa Marinha, com a Medalha Naval de Vasco da Gama, e pela República Federal da Alemanha com o oficialato da Ordem de Mérito.

Pertence actualmente ao quadro de arquitectos da Câmara Municipal de Lisboa e é secretário da Direcção do Grupo de Amigos do Museu de Marinha, cargo que exerce há cerca de 15 anos com extraordinário mérito.

A "Revista da Armada" congratula-se com a sua valiosa colaboração e reforça o seu apelo para que se inscrevam como sócios do Grupo, não só elementos das Marinhas de Guerra, de Comércio, de Pesca e de Recreio, mas também todos aqueles que, como ele próprio, se interessam pelas coisas do mar.

Regressou a barca "Sagres"

Duzentos e vint água a mais nur

O planeta Terra tem muita água. E, segundo parece, não está a mais. É bem necessária, e sem ela a vida não seria possível. *Bendita seja a irmã água,* exclamava S. Francisco de Assis ao dessedentar-se com tão precioso líquido. E um marinheiro, nem sequer pode sê-lo sem água, sem mar, sem oceano.

Porém, há uma grande diferença entre um marujo e um peixe. Este, sempre em terra, morre: precisa de viver na água. O marujo sempre em água, morre também: precisa de viver em terra.

Contámos nas reportagens anteriores alguns episódios mais marcantes da vida em terra dos marinheiros que, na "Sagres", deram a volta ao Mundo. Apenas 90 dias em terra, num total de 312. E, certamente, mesmo assim, não faltaria quem, ao longe e ao perto, esboçasse um sorriso: *felizardos, esses homens da "Sagres", percorrendo o Mundo, vendo novas terras, gozando as maravilhas da vida, fugindo ao rotineirismo do dia a dia! Só eu, por aqui fiquei, na mesma pasmaceira, deserdado da sorte...*

Talvez à mesma hora em que este lamento adquiria expressão num sorriso sem cor, na "Sagres", outro pensamento surgisse, também descolorido, mas mais sentido:

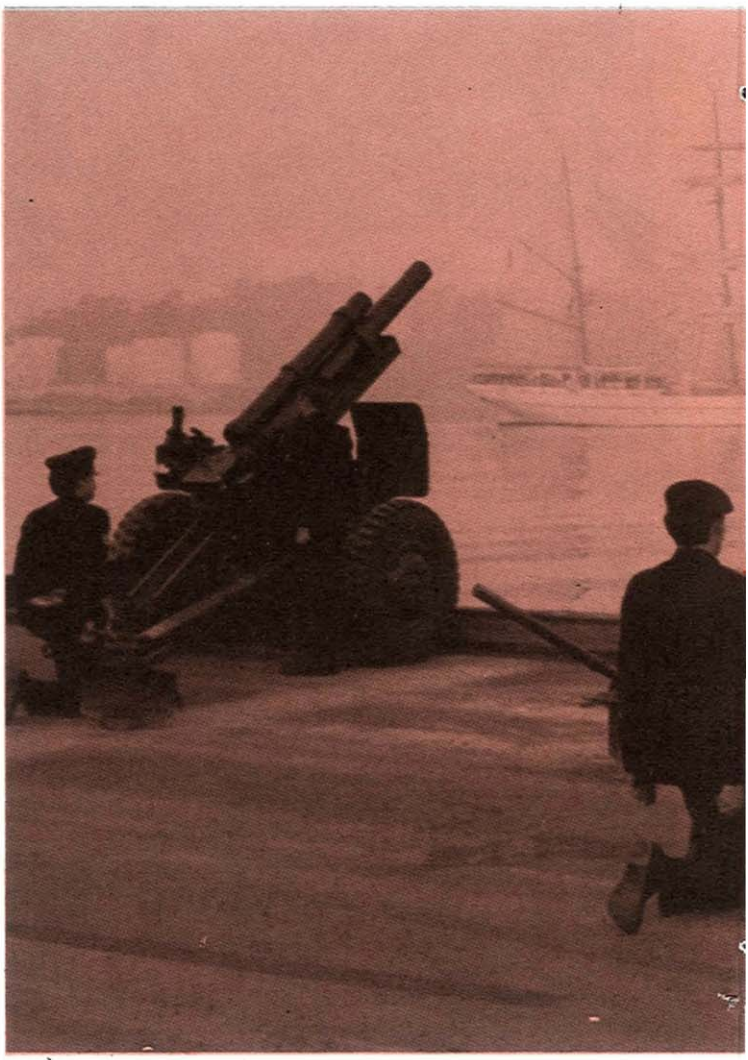
Que chatice, podia ter ficado sossegadinho em Lisboa! Já não posso com isto. Estou farto de água, farto de mar, farto da viagem.

Era realmente assim. Pensava-se, e muitas vezes dizia-se: *fartos de tudo!*

Felizmente que a boa têmpera leva a gente do mar a contentar-se com pouco. E, quantas vezes, depois de 15 ou 20 dias de luta com o *Adamastor enraivecido,* de privações de toda a ordem, de tormentos inolvidáveis, tormentos de calor sufocante, tormentos da água racionada, tormentos de fainas duras, tormentos dum espaço limitado, tormentos de horas, dias e noites sem fim, tormentos, afinal, de todo o género, quantas vezes, dizíamos, depois de tantos tormentos, bastavam dois diazitos em terra, um passeio por uma praça central, uma olhadela para as moças bonitas ou até para as bugigangas inacessíveis, uma carta da família distante, para que o marujo da "Sagres" se sentisse refeito e apto a retomar a jornada.

Dois dias, três em média, era o tempo de readquirir o ânimo perdido nos 15 dias anteriores e que daria também para aguentar os 20 seguintes.

Sob céu azul, sol escaldante, suando em bica, dormindo ao relento no convés, animados com um copo de vinho à



Maravilhosa fotografia da entrada da "Sagres" no porto de Vancouver

refeição, mimados com um passatempo cultural ou uma película já vista pela quinta vez, mas cheirando sempre a novidade, se fizeram os 43 dias de travessia do Atlântico. Estorricados, mirrados, tostados, um pouco carcomidos, mas de semblante alegre e sorrateiro respondíamos: *vamos p'rá festa!*

Sim, parecia ouvirmos uma voz abafada e constante interrogar-nos: *Para onde ides? Vamos p'rá festa!* Nem se pensava na resposta. Mas era mesmo assim.

Depois, o Pacífico. Sim, o Pacífico resolveu fazer-nos guerra, como que revoltado contra quem o baptizara com tal nome.

' que traz muito que contar

te dias de mar: na volta à Terra

- salvas de terra.

Fraco padrinho teve ele. Um lunático talvez, pensávamos nós, pois do Panamá até Acapulco, daqui a San Diego, mais grave depois para S. Francisco e Seattle, pior para Vitória e Vancouver, muito pior ainda em Honolulu, o Pacífico, esse nome imerecido, não nos deixou em paz. Ciclones, tempestades, ondas alterosas, enfim, a vingança era-nos dirigida pelo facto de o Atlântico se converter para nós em Pacífico. Que culpa tínhamos?! Essas coisas não eram da nossa lavra. Não eram contas do nosso rosário. Não tínhamos culpas no cartório.

E assim, magoados e feridos, cabisbaixos, quase revoltados, alguns arrependidos já de se terem feito ao mar, vimos que o Pacífico fizera uma autocrítica.

Leme a meio, a "Sagres" larga de um porto para mais uma grande tirada no mar.

Tinha-nos molestado durante 50 dias, do Panamá ao Havai. Agora ia ser diferente. O Pacífico sentia remorsos. Parecia estar arrependido de tão mal nos ter tratado. E, que diacho, o capelão estava de novo connosco e ele costuma dar-se bem com o "Rei dos Mares"! Teríamos, pela certa, um Pacífico à altura do seu nome. Vinte e nove dias, mais que um mês dos pequeninos, mais que um Fevereiro bem gordo, era o tempo que separava Honolulu de Tóquio.

— *Aguenta que é serviço,* clamava dentro de nós uma vozinha. E alentados, como quem ainda caminha para a festa, pusemo-nos em marcha.

O Pacífico honrou o seu nome. Só que, para que não pensássemos que a vida era um mar de rosas, ou para que não julgássemos que era um gozo fazer uma volta ao Mundo, alguém nos racionou o precioso líquido, a água pura e cristalina. Agora, água, só dia sim, dia não. Era o regulamento. E mesmo no dia sim, ao mínimo descuido, ficava-se com o nariz a escorrer ou com o sovaco ensaboado. Até à próxima abertura de água, aquela doce "Sagres" era inundada de um cheiro a *alfazema* que nem baldeações constantes com a salgada água do Pacífico conseguia anular.

Mas o mar era canja. Lá isso era. Melhor não podia ser. Até que o Pacífico se convenceu que já passava a mais. E vai daí, cinco dias antes da chegada a Tóquio, o Pacífico, como que arregaçando as mangas, disse de si para si: *Eu já vos digo como é.* E uma destas *bordoadas*, daquelas de pôr o credo na boca de um "Dom Pepone", fustigou, sem dó nem piedade, a inocente e pura "Sagres".

Mas coitada, por ela a coisa passava. Sacudia-se, ofendi-

da pela aguaça, mas parecia que até gostava. Ficava fresca que nem uma alface, apesar das investidas, duras e cruéis.

O pior, eram os valentes lobos do mar. Esses, que em tempos de calma e bonança dizem de peito esticado, pés firmes, braços abertos e nariz afiado: *venha mar!* Sim, esses ali estavam, por ali andavam, jogados às anteparas, acocorando-se aqui e além, roendo uma côdea de pão ou trincando uma casca de laranja, feitos pequenos, chamando talvez por Santa Bárbara por não saberem já por quem chamar.

— *Ai meu Deus,* clamava um, no momento em que devia chamar por S. Gregório.

— *Ai minha mãezinha,* gemia outro amaldiçoando o dia da partida.

E foi assim que o Pacífico, apesar de uma amostra de que também ele sabe honrar o seu nome, se portou como um guerreiro enfurecido que não sabe pôr o freio nos seus impetuosos impulsos.

Chegou-se a Tóquio, partiu-se para Nagasaky e, um pouco envergonhado do seu porte, o Pacífico concedeu-nos um dia calmo para festejar o Natal.

Foi um dia lindo, soalheiro, diáfano, espiritual. Um dia de encomenda. E a partir dali, o mar tornou-se afável, compreensivo, acolhedor. Em vingança, deixámos de lhe chamar Pacífico e começámos a chamar-lhe mar da China, até mergulharmos no Índico.

Mas ele, esse Pacífico, não contente com os seus maus tratos, rogou-nos uma praga, sim, uma praga final.

Pediu ao mar da China e este, por sua vez, ao Oceano Índico que nos castigasse com o calor e com a sede. Era de morrer asfixiados! À mesa destilava-se tudo quanto à mesa se bebia. Camisa presa ao corpo, braços a gotejar, impediam que se saboreasse o melhor banquete. Que também o não havia para felicidade nossa, pois de contrário, ficar-nos-íamos apenas com a gana de não o poder comer. O calor era insuportável. A água, a nossa fiel amiga, às vezes, pregava a partida. Alguns, muitos mesmos, arruinaram os intestinos por causa dela. Não se podia beber sem ser fervida. Era água contaminada do Ceilão e da Índia. Vinho, não existia desde o Natal. Aí se consumiu uma reserva trazida de Lisboa, guardada de propósito, quase religiosamente, para haver um cheirinho a festa.

Cerveja, sim, a cerveja nacional, desde há muito se esgotara. Havia agora a "S. Miguel", de Hong-Kong ou a "Heinechen", holandesa, metida em Bombaim. Mas, santo Deus, a 18$50 cada uma!

Alface, tomate, essas coisas a que não ligamos na nossa terra devido à abundância, ali chorávamos por elas só porque não as havia.

Faltavam três meses para o final da volta.

Em jeito de suspiro abafado, ouvia-se aqui e além: *nunca mais é sábado.* Era esse sábado, último dia da semana, o dia que abre o descanso, dia que nós confundíamos com o final da viagem, esse sábado, esse dia que nunca mais surgia.

Chegou-se ao mar Arábico, chegou-se a Bombaim. Enfastiados de tudo e fartos de tanto mar, caíamos no antagonismo de desabafar: *vale mais seguir viagem.* De Bombaim a Lisboa, separavam-nos 60 dias. Desses 60,

Adeus à terra.

O que só os marinheiros conhecem... A parte negativa das viagens.

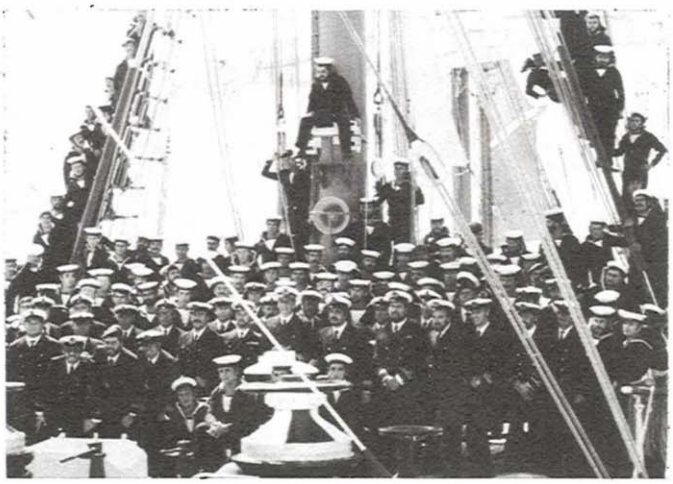
cinquenta e um seriam ainda passados no mar. Apenas nove em terra, sendo 2 no Jibuti, qualquer coisa mil vezes pior que as terras do Demo de que falou Aquilino, três em Port Said, donde Cleópatra fugira espavorida, e quatro dias em Marselha, escapando, não se sabe porquê, a uma escala prevista na Tunísia.

Chegados a Lisboa, podiam os homens da "Sagres" murmurar, apenas murmurar dolentemente: *vimos da festa!*

Monges, foragidos, condenados, supliciados?!!

Quem eram esses homens da "Sagres"?

Não sabíamos, mas talvez de tudo um pouco. Ler, lia-se até tresler. Cantar, cantava-se até enrouquecer. Dormir, já não se dormia, depois de tanto dormir.



A guarnição que fez esta volta ao Mundo.

E a vida continuava. Essa vida de quartos, os quartos de leme, os quartos da máquina, os quartos, sempre, sempre, os quartos. O sino de bordo, de meia em meia hora, tocava implacavelmente.

O rancho, o rancho sem vinho, sem salada, sem acepipes, sem artificialismos, também tinha os seus horários. Quanto esse rancho não custava ao pessoal da taifa, a esse pessoal silencioso cuja existência é quase desconhecida mas de quem todos exigem que a comidinha saia a horas!

Sim, a vida continuava, nas secretarias, no detalhe, na cozinha, na máquina, em todos os postos de trabalho.

E ao longe, muito longe, tinha de ser mesmo muito ao longe, alguém ainda exclamava: *Que felizardos os homens da "Sagres"!*

Sim, felizardos, porque nem um morreu e podia ter morrido. Dez meses e tal não são dez dias e, mesmo em dez dias, muita coisa acontece na vida de uma pessoa, até mesmo deixar de viver.

Evacuados, por doença, foram apenas três, um em La Guaira, outro em Acapulco, outro em Hong-Kong.

Por isso, sim, felizardos, os homens da "Sagres" chegaram sãos e salvos.

Viram passar aviões, cruzaram-se com paquetes; alguns, os mais privilegiados, até contactaram com OVNIS.

Sim, felizardos os homens da "Sagres" que já se contentavam quando a barca atingia uma média de cinco nós. Dias houve em que os dois nós eram tomados como velocidade ultrassónica.

Felizardos, sim, os homens da "Sagres" que durante 222 dias não leram uma notícia de jornal.

Felizardos, sim, porque a maior parte da correspondência para eles se extraviava ou chegava aos portos após a partida.

Apesar de tudo, felizardos, os homens da "Sagres". Passaram o Atlântico, o mar das Antilhas, o Oceano Pacífico, o mar da China, o mar da Arábia, o Oceano Índico, o mar Vermelho, o mar Mediterrâneo.

Duzentos e vinte e dois dias de mar! É motivo para alguém ser feliz!

Felizes, sim, os homens da "Sagres", pois, no final da volta ao Mundo, talvez possam usufruir também, e com justificada razão, do título que muitos usufruem vivendo sempre em terra: *Heróis do Mar...*

A VOLTA AO MUNDO EM NÚMEROS

Duração da viagem: no mar, 7 meses e 10 dias; em terra, 3 meses.

Saída de Lisboa: 23 de Junho de 1978; regresso ao Tejo, 30 de Abril de 1979.

Milhas percorridas: 27 500 (50 458 km).

Países visitados: 16; portos tocados, 24.

Números de visitas ao navio: 105 000.

Delmar Barreiros
Capelão graduado em 1.º-ten.

POEMA SEM NOME

Trago nos lábios
o desprezo pelos que não lutam
no sangue
trago glória e raiva
trago nas mãos
raízes secas de amores mortos

... e, é este o meu poema
feito de lendas distantes
de ódios injustos
de chagas que ninguém fechou
de sangue que ninguém limpou
de lágrimas que nunca pararam
de vidas em flor que se ceifaram ...

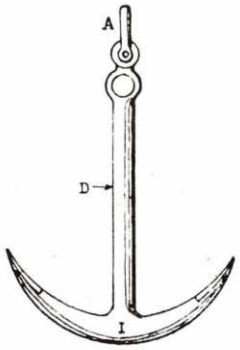
... e sobre o meu poema caem
as lágrimas duns olhos secos
o grito duns lábios fechados
e o desespero
das folhas em branco
do livro que não escrevi
da vida que não vivi
do destino que não quis
e do amor que não dei nem desejei!!! ...

Maria Luísa de Castro Alves Henriques
3.º oficial do QPCM

Terminologia Naval

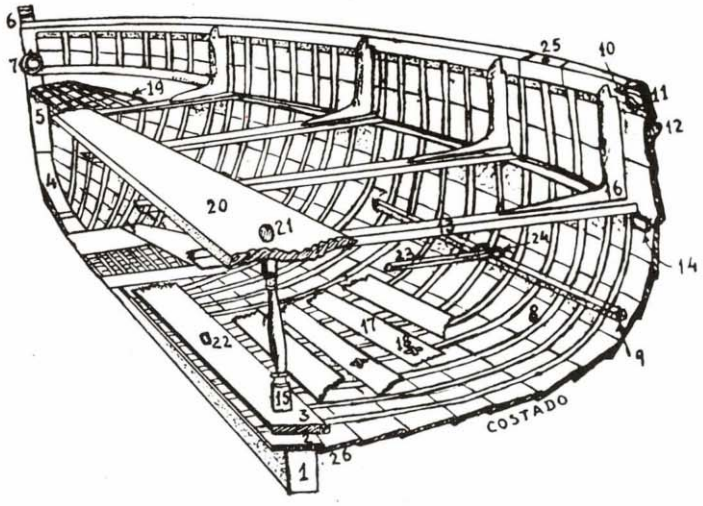
HARMÓNIO — A mochila, em gíria naval.

HASTE — Parte da âncora que faz a ligação do anete com a cruz ou ponto em que os braços se unem.



A — Anete
D — Haste
I — Cruz

HASTILHEIRAS — Entalhes feitos na tábua das hastilhas — tábua que assenta directamente sobre a quilha — de ambos os lados do seu eixo de simetria e destinados a receber os pés das cavernas.



2 — Tábua das hastilhas

HÉLICE — Dispositivo montado na extremidade do veio propulsor que, movido pela máquina do navio, imprime a este, movimento no sentido do seu eixo. O hélice é formado por um núcleo central — o cubo — onde se encontram implantadas as pás. Em linguagem de marinha, a palavra hélice é do género masculino, utilizando-se o género feminino para referir a curva geométrica relativa ao mesmo.

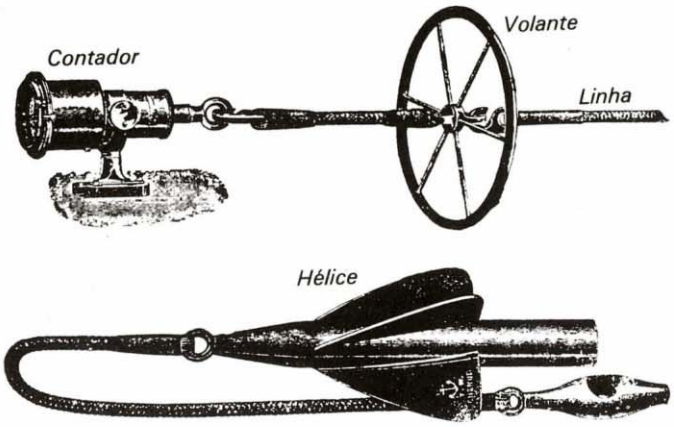
HÉLICE CANTANTE — Hélice cuja disposição das pás é de tal modo proporcionada que, ao mover-se, produz um ruído distinto e bem definido, por vezes musical.

HÉLICE DE PASSO DIREITO — Hélice que, para um observador voltado para vante, na marcha a vante gira no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio; o hélice de passo esquerdo é o que, nas mesmas condições, gira em sentido contrário.

HÉLICE REVERSIVEL — É o hélice cujas pás são susceptíveis de sofrer variação do respectivo ângulo, de modo a parar o navio ou fazê-lo andar a vante ou a ré sem necessidade de actuação na máquina motora. Hélice de passo variável.

HIDROMETEORO — Meteoro aquoso que pode surgir no estado de vapor, de líquido ou de gelo.

HODÓMETRO — Instrumento que indica as milhas percorridas pelo navio permitindo, pela leitura horária, avaliar a respectiva velocidade. Os hodómetros de linha compõem-se de hélice, linha, volante e contador.



HOMEM AO MAR! — Grito dado a bordo para indicar que alguém caiu ao mar, indicando-se simultaneamente o bordo por onde o acontecimento se verificou.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

Desporto

CROSS DE INVERNO

Realizou-se, no passado dia 18 de Abril, na Escola de Fuzileiros, uma prova designada por *Cross* de Inverno. Participaram 73 atletas em representação da Escola de Fuzileiros, Força de Fuzileiros e Batalhão Operacional de Tropas Pára-quedistas (Monsanto). Prova animada, numa distância de 11 000 metros, foi pretexto para momentos de convívio entre os militares das três unidades.

Classificação:

1.º — 1.º-mar. FZM Pedras (FFC) 35m 08s
2.º — 1.º-gr. L Lopes (FFC) 36m 15s
3.º — 1.º-mar. FZ Leal (FFC) 38m 04s

O chefe da equipa de pára-quedistas recebe um galhardete.

No final, o comandante do Corpo de Fuzileiros e os comandante e imediato da Escola de Fuzileiros procederam à distribuição de medalhas e galhardetes.

(Colaboração da Escola de Fuzileiros)

NATAÇÃO

Organizadas pela Direcção do Serviço de Educação Física realizaram-se, nos dias 18 e 25 de Maio passado, na piscina das instalações desportivas do Alfeite, algumas provas de natação de que damos as respectivas classificações:

Prova de natação utilitária (40 concorrentes):

1.º — 1.º cabo da FA Sousa (DSEF)
2.º — 2.º-ten. Silva ("Mag. Corrêa")
3.os — 2.º-gr. FZ Santos (Esc. Fuz.)
— Sold. da FA Santos (DSEF).

Estafetas:

4 x 25 m estilos:
1.º — Esc. Fuzileiros
2.º — G1EA
3.º — DSEF.

4 x 50 m bruços:
1.º — Esc. Fuzileiros
2.º — G1EA
3.º — Força Fuz. (BF1)

10 x 25 m livres:
1.º — Arsenal do Alfeite
2.º — DSEF
3.º — Esc. Fuzileiros.

TORNEIO DA ARMADA DE TIRO DE PISTOLA

Em Maio findo, realizou-se o torneio em epígrafe (1.ª e 2.ª categoria), que teve as seguintes classificações:

1.ª categoria (10 conc.):
1.º — 1.º-sarg. FZ Madail (DSEF)
2.º — Cabo A Oliveira (DSEF)
3.º — Cap.-ten. F. Neto (A. Navais).

2.ª categoria (19 conc.):
1.º — Cabo RFZM Martins (DSEF)
2.º — Mar. E Ferreira (B.N.L.)
3.º — Ten. Matos (Esc. Fuz.).

Classificação colectiva:
1.º — DSEF
2.º — Força de Fuzileiros.

TORNEIO DA PRIMAVERA EM JUDO

Também em Maio, no dia 16, se efectuou o torneio em epígrafe, com as seguintes classificações:

Mais de 71 kg:
1.º — Mar. SFZM Galego (DSEF)
2.º — Gr. Garcia (G1EA).

Menos de 71 kg:
1.º — Gr. Amadeu (G1EA)
2.º — Cabo FA Santos (DSEF).

Menos de 65 kg:
1.º — Gr. FZ Castro (Esc. Fuz.)
2.º — Mar. US Ribeira (Esq. Subm.).

(Colaboração da DSEF)

INTERCÂMBIO DESPORTIVO ENTRE FUZILEIROS E PÁRA-QUEDISTAS

Equipas de futebol de 5 de "fuzos" (Escola de Fuzileiros) e de "páras" (BOTP — Monsanto) defrontaram-se, nos dias 17 e 22 de Maio último, em encontros alternadamente disputados numa e noutra unidade.

Mais importante que os resultados finais, estes encontros proporcionaram momentos de convívio que envolveram os militares das duas unidades, os quais, após os jogos, confraternizaram num almoço típico.

Um jogo de futeboi de 5 é sempre um bom pretexto para confraternizar.

A equipa do Serviço de Educação Física da Escola de Fuzileiros, vencedora da travessia.

TRAVESSIA DO COINA

Realizou-se, no passado dia 22 de Maio, em Vale de Zebro (Escola de Fuzileiros), a prova de natação denominada Travessia do Coina. A disputa desta prova, tradicional do calendário desportivo da Escola de Fuzileiros, constituiu mais um pretexto para unir em sã camaradagem os "fuzos" da Escola e da Força de Fuzileiros.

Apresentaram-se à partida 27 nadadores.

Calssificações:

Individual:

1.º — 713979/2.º-gr. Santos

2.º — 775178/1.º-gr. FZ Ramos

3.º — 31875/Cabo FZ Lopes.

Equipas:

1.º — Serv. Ed. Física (Esc. Fuz.)

2.º — 1.ª Comp. (Força Fuz.)

3.º — BF1 (Força Fuz.).

(Colaboração do 1.º-ten. FZ Loureiro Nunes)

Filatelia

DIA DA MARINHA

Ainda não é este ano que temos o gosto de anunciar o aparecimento de uma série de selos postais a assinalar o Dia da Marinha.

A nossa surpresa não deriva apenas do facto de, durante muitos anos, termos tido a honra de envergar a farda da Marinha, mas também é sentida como convicto filatelista que somos. Não entendemos, realmente, que outros países sem tradições marítimas como as nossas assinalem, em cada ano que passa, filatelicamente esse dia e nós não.

Porque não seguimos esse magnífico exemplo?

Conhecida a potencialidade dos selos, não apenas como veículos preciosos de divulgação, mas também como apreciável fonte de divisas, mais nos espanta que deles se não tirem melhores resultados.

O tema, por sugestivo, é dos mais desejados pelos coleccionadores de todo o Mundo, o que mais reforça a nossa opinião de que o nosso Dia da Marinha tem que ser assinalado pelos selos portugueses, o mais breve possível.

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Conforme estava previsto, foi posta em circulação no dia 1 de Junho a magnífica série que reproduzimos e que assinala o Ano Internacional da Criança.

Trata-se de um maravilhoso conjunto de selos, perfeitamente inseridos numa iniciativa filatélica que, a nível mundial, é a maior de sempre.

Com efeito, este acontecimento mereceu a atenção filatélica de cerca de 150 países que lhe dedicam emissões de selos e outras peças filatélicas, o que é verdadeiramente espectacular.

Naturalmente que tais selos e peças têm aparecido e continuarão a surgir ao longo do ano, o que nos permite, em confronto com muitas já conhecidas, considerar muito belos e expressivos estes selos portugueses. José Luís Tinoco, artista conhecido dos filatelistas, e a quem se fica a dever este trabalho, revelou, uma vez mais, uma capacidade e sentido artísticos dignos dos maiores encómios.

Registe-se ainda que, tanto a ilustração do F.D.C. como o carimbo comemorativo do 1.º dia de circulação (este apresentando em bom enquadramento o emblema da Unicef) são também muito interessantes. A emissão completa-se com um bloco filatélico de preço convidativo por apresentar apenas uma série.

O Dia de Portugal, simultaneamente de Camões e das Comunidades Portuguesas espalhadas pelo Mundo, mereceu, muito justificadamente, a emissão do selo que acompanha esta nota, e que foi posto em circulação em 8 de Junho. Apresenta como motivo a bandeira nacional, que é de longe o símbolo mais indicado para assinalar a efeméride.

Obtido atrayés de fotografia, que não consideramos feliz, o selo não permite distinguir, como seria de desejar, toda a beleza do símbolo da nossa Pátria.

Na verdade, pensamos que as cores que servem de fundo pecam, não só por demasiado escuras mas, sobretudo, no ponto onde se encontra a bandeira nacional, por uma garridice que prejudica muito a intenção.

Não teria sido possível obter uma foto mais perceptível e mais simples, como por exemplo a bandeira a flutuar sobre um fundo azulado?

Para nós, esta montagem fotográfica é demasiadamente complicada, imprópria para ilustrar um selo postal. Em nosso entender, bela sim, apesar de muito simples, é a marca utilizada no 1.º dia de circulação, onde uma rosa dos ventos sintetiza muito bem todo o significado do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas espalhadas pelo Mundo.

TURIPEX 79

Como aqui referimos, realizou-se em Portimão, com assinalável êxito, entre 9 e 15 de Junho, a "TURIPEX 79", exposição internacional do tema Turismo. De salientar que, em cada dia que o certame esteve patente, foi utilizado um carimbo, dos quais reproduzimos o correspondente do Dia do Algarve, todos eles sem dúvida muito interessantes.

Segundo julgamos saber, e em face do sucesso alcançado, é intenção da comissão organizadora dar à exposição uma periodicidade de dois anos que, embora basicamente fundamentada no tema Turismo, pode eventualmente incluir outros assuntos.

A província do Algarve continua a evidenciar-se com manifestações filatélicas, o que aplaudimos com entusiasmo.

PLANO DE EMISSÕES PARA 1979

Em aditamento ao que aqui foi dito, temos a acrescentar que, em 6 de Julho, foi emitido um inteiro postal comemorativo do aniversário da Força Aérea Portuguesa — FAP — e que no próximo dia 21 será emitido um aerograma, este para assinalar a passagem do 35.º aniversário da TAP.

Fernando Gama Brandão
2.º-ten. SG

Actividade física e seus reflexos no rendimento do trabalho

A prática regular de exercício físico é coisa séria e que não pode ser encarada com a "leveza" habitual.

O rendimento de cada homem no seu local de trabalho é afectado pelo facto desse homem praticar, ou não, exercício físico. Algumas empresas civis já chegaram a tal conclusão e, por isso, possibilitam que os seus funcionários executem exercícios físicos, inclusivamente no próprio local de trabalho.

A. T. Brikina, no seu livro "Ginnasia" (tradução espanhola) afirma: *(...) As investigações que foram feitas, demonstraram a influência positiva da ginástica na saúde e no desenvolvimento físico dos trabalhadores, no aumento da sua capacidade de trabalho, na diminuição de traumatismos e produção defeituosa (...) a prática demonstrou o papel positivo que a cultura física tem na elevação do rendimento de trabalho (...)*, e mais adiante continua, *(...) nos últimos tempos têm sido feitas investigações científicas, nas quais se baseia a elaboração de medidas concretas de introdução da ginástica no regime do trabalho das diversas profissões, e se especifica o conteúdo e a metodologia de execução dos exercícios, tendo em conta as particularidades da actividade motora. (...) A sua influência positiva pode ser observada nos índices expostos. A diminuição de operações de longa duração (fig. 1) e, por conseguinte, o alargamento de micropausas de*

descanso entre elas, eleva a velocidade de reacção motora (fig. 2), a resistência estática do pulso, a estabilidade da atenção e outros (fig. 3). (A linha a tracejado indica actividades sem pausa para exercício físico. A linha contínua, indica actividade com pausa).

Uma vez que a educação física assume tal importância, e como a questão do rendimento no trabalho é uma questão que afecta também a Armada, creio que não podemos continuar na dependência da "carolice" de meia dúzia de responsáveis, que pelo facto de serem adeptos do desporto, arrastam consigo os seus subordinados e criam as condições necessárias para que seja possível a prática do exercício físico. Porque, repito, praticar desporto é coisa séria e não se resume ao facto de se jogar ou não futebol, e ainda porque, como é evidente, as coisas não se solucionam *SÓ* com as boas vontades de meia dúzia de pessoas, creio ser urgente que em cada unidade, o serviço de educação física deixe de ser o serviço que guarda as bolas e pouco mais, passando a ser um serviço activo com objectivos a atingir, e a quem se

Fig. 1

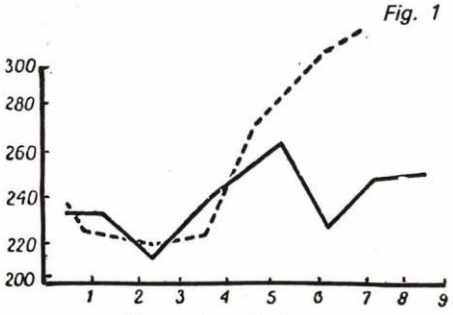
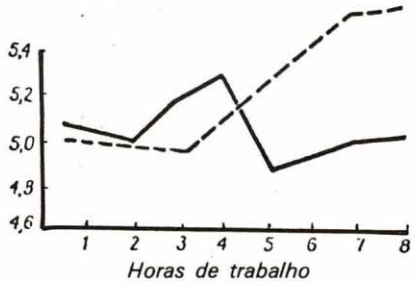


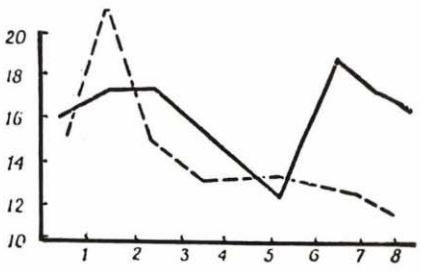
Fig. 2



exigem fortes responsabilidades na vida dessa unidade. O tempo em que o desporto era sinónimo apenas de brincadeira e de coisa que cada um fazia ou não, conforme muito bem lhe apetecesse, terá que desaparecer rapidamente. Legislação, criação de condições e propaganda adequada, são condições que contribuirão para essa mudança de situação.

Actividade físico-desportiva regular,

Fig. 3



significa corpo saudável, espírito saudável, vida melhor, maior rendimento no trabalho diário, seja ele qual for.

A organização militar tem o dever de criar as condições necessárias para que cada um dos seus membros tenha a possibilidade de praticar o exercício físico. E não só. Ela deve vigiar pelo cumprimento de tal actividade. Para isso, deverá recorrer a testes físicos periódicos que avaliarão da capacidade física do militar e da possibilidade de esse mesmo militar desempenhar esta ou aquela função, ascender ao posto seguinte, ou até mesmo, de continuar ao serviço da organização.

Loureiro Nunes
1.º-ten. FZ

Numismática e Medalhística

DICIONÁRIO (F/G)

Continuando a divulgação dos termos numismáticos mais usados na gíria coleccionista, vamos hoje referenciar os termos iniciados por F e G, de acordo com J. M. Folgosa no seu Dicionário de Numismática.

FÁBRICA DA MOEDA — Na acepção de fábrica de moeda, é expressão antiga que encontramos por vezes nos velhos textos, e nada tem a ver com a oficina monetária. O termo "fábrica" é ali empregado no sentido de fabricação e não de edifício.

FÁBRICA MONETÁRIA — Emprega-se por vezes esta expressão no sentido de "Casa da Moeda" e ainda de "fabrico monetário".

FAÇAROLA — Antiga medida de peso usada em algumas localidades de Moçambique.

FACE — As duas faces da moeda são denominadas "anverso" e "reverso", entendendo-se este como o que se opõe ao que representa a figura principal.

FACHOLA — Na gíria portuguesa, a antiga moeda de prata de cinco tostões (500 réis).

FALSIFICAÇÃO — Nas falsificações temos a considerar dois grandes grupos, o das "moedas falsas" e o das "moedas falsificadas", ambas la-

vradas por quem não tem o direito de o fazer, sendo portanto ilegais; "moedas falsas" são as contemporâneas das verdadeiras com as quais procuram entrar em concorrência como se fossem moeda legal; "moedas falsificadas" são as que reproduzem moedas fora de uso e cujo fabrico visa a especulação no campo da numismática.

FIDUCIÁRIA — Moeda que representa e circula com um valor que realmente não tem. Quando tal sucede, diz-se que essa espécie de moeda pertence à "circulação fiduciária", isto é, àquele numerário que assenta a sua existência na "fidúcia" ou confiança do Estado.

FLOR DO CUNHO — Do francês "fleur de coin". É a moeda nova, tal como veio do cunho.

FLORÃO — Chama-se assim, em numismática, a um ornato em forma de flor estilizada, que serve para separar palavras ou datas, preencher ângulos de cruzes, etc. Este termo não é mais que o francês "fleuron", pois florão em português deve significar "roseta".

FORMATO DE MOEDAS — As moedas portuguesas apresentam sempre o formato clássico, isto é, redondo e chato, com excepção das moedas fundidas em Moçambique, designadas por barrinhas e patacas, que apresentam a forma octogonal, e ainda das que os nativos fabricavam com a forma de "H" e as "cruzetas".

FURADA — É a moeda que depois de entrar em circulação apresenta um orifício que a trespassa, o que poderá aumentar (?) o interesse à moeda se esse furo tiver um significado histórico, ou ainda tirar-lho se não representar mais do que uma simples mutilação, sem qualquer significado.

GRÃO — Anteriormente à adopção do sistema métrico decimal, a unidade de peso usada para as moedas era o "marco", que continha 4608 grãos.

GRAVE — Moeda de prata baixa ou bolhão, mandada lavrar pelo rei D. Fernando I e assim designada por alusão à lança que se via representada nessa moeda.

GROSSO — Dizia-se antigamente da espessura da moeda.

GRULHA — Na antiga gíria portuguesa chamava-se meio-grulha à moeda inglesa de meia-libra esterlina.

GULDEN OU FLORIM — Moeda de prata da Áustria-Hungria de 2 coroas.

GUILDER — Moeda de prata da Guiana inglesa.

GUINEO — Moeda de ouro inglesa (anterior a 1816).

GURD — Moeda de prata da Guiana inglesa.

GVDZ HIELP — Legenda inscrita numa moeda, significando "Com a ajuda de Deus".

AFAC

Reportagem

O "25 DE ABRIL" NO CLUBE MILITAR NAVAL

Mais uma vez o Clube Militar Naval participou activamente nas comemorações do "25 de Abril" com um conjunto de iniciativas que muito honram a sua direcção, assim como as comissões que com ela colaboraram.
Ao fim da tarde do dia 20 uma breve apresentação do capitão-de-fragata Carrilho Mateus reafirmou que o espírito democrático se encontrara sempre na tradição do CMN e que, além de um dever a que se impusera a direcção a quando da sua propositura, era ainda um prazer dar início às diversas actividades em que a direcção, as comissões, os sócios, seus familiares e amigos do Clube se reuniram nesse dia e seguintes, irmanados no espírito de fraternal libertação do "25 de Abril".
Seguiu-se a exibição de um filme alusivo à data em comemoração e música gravada.
No dia 21 de Abril, à tarde, foi promovida uma festa infantil especialmente dedicada aos filhos dos sócios, em que as crianças se entretiveram a fazer pinturas, assistiram à exibição de filmes, à intervenção de um ilusionista e de palhaços e tiveram um lanche, havendo canções e distribuição de balões.
Na noite de 24 para 25, o Clube foi pequeno para conter tantos sócios e amigos. Por ele passaram muitas dezenas de artistas que vieram trazer-lhe num mini-palco improvisado o calor da sua arte; muitas centenas de sócios, familiares e amigos, revezaram-se continuadamente numa confraternização com figuras das letras, teatro, cinema e política, que de qualquer modo já haviam contribuído para a vida cultural e recreativa do Clube; um dos pontos altos da noite foi a intervenção do capitão-de-mar-e-guerra Victor Crespo com uma invocação da inesquecível noite que passara 5 anos antes, dos dias seguintes, e da sensação que teve da primeira vez que saiu da Pontinha, de que encontrara um país diferente — país mais livre e mais feliz — que os milhões que naquele momento celebravam o "25 de Abril" desejavam ver construir-se; teve também alto significado a reprodução da gravação do comunicado do movimento das Forças Armadas repetido nessa noite memorável e da "Grândola Vila Morena" que os presentes não resistiram a acompanhar em coro.

(Colaboração da Direcção do CMN)

FISCALIZAÇÃO DA PESCA E REPRESSÃO DO CONTRABANDO

Em operação normal das unidades navais do Comando Naval do Continente em serviço de vigilância ao longo da costa do Continente, nas águas sob jurisdição portuguesa, com incidência na fiscalização da pesca e na repressão do contrabando, em Abril último, foram obtidos os seguintes resultados:

— Apresamento de oito arrastões, dos quais dois de nacionalidade espanhola, por arrasto em zona interdita ou uso de malhagem ilegal nas redes;

— Apresamento de dois arrastões espanhóis por se encontrar pescando na Zona Económica Exclusiva (ZEE), nas imediações do banco Gorringe, sem licença;

Duas embarcações de pesca apresadas na Zona Marítima do Sul.

— Apresamento de dezasseis embarcações de pesca por infracções diversas, das quais três de nacionalidade espanhola, detectadas junto da costa, no sotavento algarvio, executando arrasto de molusco.

Em qualquer dos casos, as embarcações foram entregues às autoridades marítimas da área do apresamento, a fim de serem levantados os respectivos autos de notícia.

(Colaboração do CNC)

SESSÃO NA ACADEMIA DE MARINHA

Sob a presidência do respectivo presidente, vice-almirante Sarmento Rodrigues, realizou-se, no Museu de Marinha, no dia 2 de Maio findo, uma sessão plenária da Academia de Marinha.

Nesta sessão, o dr. Victor Manuel Braga Paixão, membro efectivo daquela Academia, apresentou uma comunicação subordinada ao título "O 'Adamastor' em Lourenço Marques, em 1899 — Depoimento do seu comandante, Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, acerca da guerra anglo-boer", cujo resumo transcrevemos:

O cruzador "Adamastor" estivera em Buenos Aires, em Dezembro de 1899. Se até então andava em roda viva, *esta não cessou dali por diante. Assim, no ano seguinte, tendo estado em Lisboa em 4 de Maio, chegaria, em 29 de Outubro, a Lourenço Marques, com trânsito pelo Mediterrâneo, Suez e Adem (...).*

Era seu comandante Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, par do Reino, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa que, em 1908,

haveria de ser presidente do Conselho de Ministros.

Em extensa carta à rainha D. Amélia, datada de 18 de Dezembro, em Lourenço Marques, procura satisfazer o pedido que a soberana lhe fizera, de fornecer impressões sobre o que se passava no Sul de África, onde então decorria a guerra entre a Inglaterra e o Transval.

Amaral descreveu os factos como se ofereciam aos seus olhos de observador, e comenta o problema que o conflito confere, à luz da sua experiência e dos conhecimentos que possui do enredo internacional, principalmente pelo que respeita aos interesses africanos, e, de entre estes, os que se referem à soberania portuguesa.

Relata e critica as circunstâncias que tinham levado ao conflito que, a seu ver, não pudera ser evitado.

Refere as condições em que as coisas decorriam em relação a cada um dos beligerantes e conta que lhe chega aos ouvidos de que a Inglaterra, para dominar dificuldades, terá de nos pedir permissão para as suas forças atravessarem o território português de Moçambique, para bater os boers na fronteira do Limpopo. Não sabe ele, comandante, como o problema pode ser encarado nos termos dos tratados, mas convém que, em Portugal, ele vá sendo examinado, mas com cautelas (...).

Não vá acontecer que se acorde o cão que está a dormir.

Estes e outros elementos de apreciação, que a carta contém — explícitos e sugestivos segundo a forma pitoresca, característica do seu signatário — são o tema da comunicação.

A "SAGRES" VISITADA PELOS LISBOETAS

Os estrangeiros conhecem a "Sagres" melhor que os portugueses, palavras que o capitão-de-fragata Martins e Silva, comandante daquela unidade, proferiu depois de concluída a sua primeira viagem à volta do Mundo. Nesta viagem, cerca de 110 000 pessoas tiveram ocasião de a visitar nos 24 portos em que tocou.

Para possibilitar aos portugueses poderem conhecer a sua "Sagres", esteve esta patente à visita do público nas tardes dos dias 5 e 6 de Maio passado, atracada na Doca da Marinha.

Além da visita livre ao público naqueles dias, também no dia 6, de manhã, aquele navio-escola foi visitado pelos sócios do Centro Nacional de Cultura, numa das suas habituais visitas de estudo à cidade, aos domingos. Os associados daquele núcleo cultural foram recebidos e elucidados na visita pelo comandante Martins e Silva, acompanhado de outros oficiais do navio e da jornalista Helena Vaz da Silva. Os visitantes tiveram oportunidade de percorrer as instalações da "Sagres", sendo informados dos aspectos das actividades de bordo e, ainda, de questões relacionadas com a viagem de circum-navegação.

NOVO SALVA-VIDAS PARA O PORTO DE LEIXÕES

Em cerimónia simples, realizada no Arsenal do Alfeite, no dia 6 de Maio último, foi assinado o auto de entrega do barco salva-vidas "Patrão Joaquim Casaca" ao Instituto de Socorros a Náufragos (I.S.N.). Presentes ao acto o contra-almirante Rocha Calhorda e o capitão-de-mar-e-guerra Silva Forte, respectivamente director daquele Instituto e presidente do Conselho de Administração do Arsenal do Alfeite. Este salva-vidas, o segundo deste tipo — o primeiro está ao serviço no porto da Horta, desde 1978 —, foi construído naquele Arsenal sob desenhos da Royal National Life-Boat, da Grã-Bretanha, destina-se ao porto de Leixões. Com casco de aço, mede 13,40 m de comprimento, 3,70 m de boca e 0,90 m de calado; desloca 17 toneladas; tem dois motores de 250 CV, que lhe permitem uma velocidade de 14 nós (máxima) e uma autonomia de 180 milhas a 11 nós. Está equipado com radar, duas sondas, radiogoniómetro, um transreceptor HF e outro VHF.

O director do ISN assina o auto de entrega do novo salva-vidas.

O I.S.N., atribuindo o nome de Joaquim Alberto Casaca ao novo salva-vidas, presta homenagem a um seu antigo patrão que na sua actividade humanitária salvou ou prestou assistência a cerca de 160 embarcações e 950 vidas. Foi patrão dos salva-vidas "Olhão", "Gago Coutinho", "Rainha D. Amélia" e "Comandante Couceiro", tendo prestado serviço durante 37 anos na estação do Cabo de Santa Maria (ilha da Culatra).

O patrão Casaca nasceu no dia 12 de Junho de 1891, em Olhão, e faleceu em 3 de Setembro de 1976. Possuía 20 condecorações, entre as quais uma medalha de ouro e sete de prata de Coragem, Abnegação e Humanidade.

N. R. — A actividade do patrão Casaca pode ser apreciada, nos factos mais salientes, na "Conversa entre marinheiros...", publicada no número 12/Set. 72, da nossa Revista.

CAMPANHA DE SEGURANÇA NA NOVA ÉPOCA BALNEAR

Como tem sido habitual nos últimos anos, no início da época de praia, o Instituto de Socorros a Náufragos promoveu, no passado dia 8 de Maio, no edifício da Marinha, uma reunião com os órgãos da comunicação social, durante a qual deu a conhecer o lançamento da campanha de segurança nas praias, para o ano corrente.

Para atingir os fins a que se propõe, o ISN apelou para a colaboração da televisão, da rádio e dos jornais na sensibilização dos utentes das nossas praias para o acatamento das regras de segurança estabelecidas. No mesmo sentido, a campanha integra a distribuição nas escolas de 30 mil folhetos que explicam as precauções básicas a tomar nas praias, a fim de se evitarem os acidentes, a projecção de diapositivos nos cinemas, e culminará com diversas demonstrações integradas nas comemorações do Dia Mundial do Salvamento, a 1 de Julho.

Analisando a actividade na última época balnear, foi referido que se verificaram 503 acidentes, 70 dos quais mortais, isto, apesar de o Serviço de Assistência às Praias, que teve a colaboração da Força Aérea e dos Bombeiros, ter movimentado dois helicópteros, baseados na Costa da Caparica e na Foz do Douro, cada um com dois mergulhadores da Armada, 20 viaturas auto, 22 embarcações de fibra, 61 botes de borracha, 82 motores de fora de borda, 230 aparelhos de rádio, 600 postos de praia e 150 ambulâncias de primeiros socorros, meios que envolveram, diariamente, a intervenção de 320 bombeiros cerca de 300 nadadores-salvadores, bem como 35 tripulantes de salva-vidas distribuídos por 15 estações.

Com o objectivo de tornar a actual campanha mais profícua e aumentar o número de praias com serviço de assistência, vai o ISN aumentar os cursos de formação de nadadores-salvadores.

Dando alguns exemplos, tristes, ocorridos em 1978, o director do ISN, contra-almirante Rocha Calhorda, distribuiu aos presentes uma relação de casos fatais, onde se anota:

— no que respeita a crianças,

morreram nas praias 13, com menos de 16 anos;

— na Costa da Caparica, num só dia, os bombeiros chegaram a juntar 45 crianças perdidas;

— uma fatalidade acontecida com duas crianças que faziam uma cova na praia e, ao sairem, as paredes desmoronaram-se ficando uma delas soterrada;

— nos casos registados com adultos, a congestão ocasionou 12 mortos e vários salvamentos, um dos quais de um banhista que tinha apenas bebido uma cerveja e comido uma sanduíche, enquanto outro tinha apostado que não fazia mal ir para a água depois de comer, e foi, perdendo a vida;

— a morte de dois rapazes que queriam passar de uma margem para a outra, na Lagoa de Óbidos, e morreram afogados;

— exemplificando o perigo da utilização de material flutuante e insuflável, registou-se, no Algarve, o caso de um banhista ter desaparecido, só tendo sido notada a sua falta ao anoitecer; foi encontrado por um navio de guerra, na manhã seguinte, a 37 quilómetros da costa.

O ALMIRANTE CEMA NO INTERNATIONAL SEAPOWER SYMPOSIUM

Para tratar de assuntos relacionados com a lei do mar, segurança de navegação, autoridade marítima e "contrôle" da poluição, nomeadamente nos aspectos em que as marinhas militares contribuem para a sua implementação e fiscalização, reuniu-se, em Veneza, de 22 a 26 de Maio findo, o International Seapower Symposium.

Este simpósio, cuja organização pertenceu ao chefe do Estado-Maior da Armada italiana, teve a participação de cerca de vinte países (Portugal, Estados Unidos, República Federal Alemã, Grã-Bretanha, Nigéria e a quase totalidade das nações banhadas pelo Mediterrâneo), o que revela a importância da reunião.

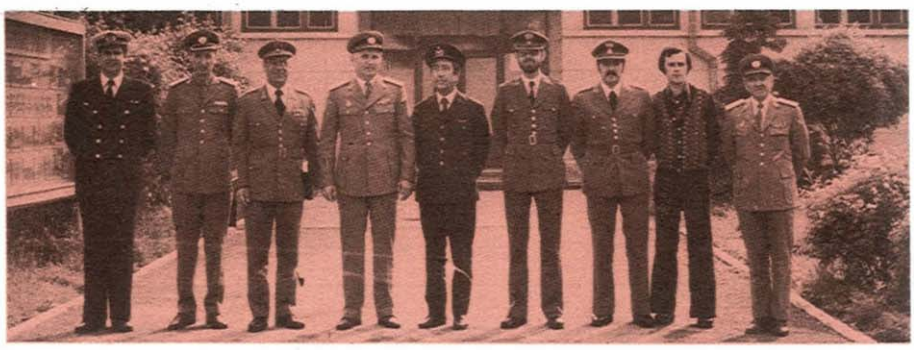
A representação da nossa Marinha esteve a cargo do almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada.

VISITA À ROMÉNIA DE UMA DELEGAÇÃO MILITAR PORTUGUESA

A convite das Forças Armadas da Roménia visitou recentemente aquele país uma delegação militar portuguesa constituída por representantes de diversas revistas militares. Esta delegação, chefiada pelo coronel pil. av. Amadeu Ferreira ("Mais Alto") e incluindo o coronel Silva Carvalho ("Nação e Defesa"), capitão-tenente Alexandre da Fonseca ("Revista da Armada"), capitão Silva Pinto ("Baluarte") e tenente Ribeiro ("Jornal do Exército"), partiu para Bucareste em 27 de Maio regressando a Lisboa a 2 de Junho.

O programa da visita, elaborado pelas autoridades militares romenas compreendia, além de sessões de trabalho com elementos da redacção das revistas militares locais, deslocações a estabelecimentos militares, quer de ensino quer de natureza cultural, e ainda vários passeios e visitas turísticas.

O contacto com os elementos responsáveis pelas revistas militares romenas revelou-se de grande interesse, tendo permitido uma ampla troca de pontos de vista. Embora as revistas militares romenas tenham características diferentes das portuguesas, privilegiando, por exemplo, temas políticos e ideológicos, o conhecimento da forma como se encontram estruturadas e como funcionam foi muito útil.



A delegação portuguesa acompanhada por oficiais romenos e pelo intérprete.

Visitaram-se dois estabelecimentos de ensino militar, o Liceu Militar "Dimitri Cantemir", em Breaza, e a Escola Militar de Oficiais de Artilharia Anti-aérea e Radiolocalização "Leontim Salojam", em Brasov, e ainda o Museu Central Militar e a Biblioteca Central das Forças Armadas, em Bucareste. Nesta cidade, foi também visitado o Museu de História da República Socialista Romena onde se exibem uma extensa exposição relativa ao Presidente Nicolae Ceausesco, comemorativa do seu 60.º aniversário, e valiosas peças do tesouro nacional da Roménia.

Além de um passeio por Bucareste, a delegação militar portuguesa visitou diversos locais de interesse turístico nas imediações de Brasov, cidade aliás onde ficou alojada dois dias. Foram visitados o Museu da Escola Romena, a Igreja Negra, o castelo de Bran e a região turística de Poiana Brasov.

A delegação militar portuguesa foi ainda recebida no Ministério da Defesa pelo secretário do Conselho Polí-

tico Superior das Forças Armadas que, além de saudar amistosamente a delegação, sublinhou o interesse dos contactos entre militares de Portugal e da Roménia, países que possuem uma herança cultural e linguística comum.

FORÇA NAVAL DOS ESTADOS UNIDOS NO TEJO

De 28 de Maio a 4 de Junho último, fundeou no Tejo, em visita de rotina, uma força naval pertencente à 6.ª Esquadra dos EUA, composta pelos cruzadores nucleares lança-mísseis "Virgínia", e "South Carolina" e o petroleiro "Seattle", além do porta-aviões nuclear "Dwight D. Eisenhower". Os navios eram comandados respectivamente pelos capitães-de-mar-e-guerra R. Ailes, B. Simonton, S. Belectak e J. Mandlon. As guarnições totalizavam 8117 oficiais, sargentos e praças.

O "Dwigth D. Eisenhower", que desloca 95 000 ton. e mede 332,8 m de comprimento, 76,8 de boca e 11,6 de calado, foi a terceira unidade desta classe — movida a energia nuclear — a ser construída nos EUA, tendo entrado ao serviço em Outubro de 1977.

O "Ike", como é designado pelos

O almirante CEMA recebe os cumprimentos do comandante da Força Naval dos EUA.

americanos, é uma pequena cidade flutuante, que pode navegar três meses sem necessitar de se reabastecer, tendo uma autonomia energética de 13 anos.

Para as horas de lazer dos seus cerca de 6500 homens, possui cinemas, estações de televisão e de rádio, três supermercados, capela (há serviços religiosos diários para as diversas crenças), etc. A estação de TV funciona em circuito interno durante 12 horas diárias com programas das grandes estações de televisão, que chegam a bordo em "video-tape".

O convés do navio, com quase dois hectares de superfície, pode alojar 100 aviões ou helicópteros, os quais são recolhidos em três hangares.

A sua força de defesa e ataque reside numa vasta gama de armamentos e equipamentos sofisticados, tais como sistemas de mísseis e aviões supersónicos preparados para o lançamento de bombas nucleares.

Após a chegada ao Tejo, o comandante da força, contra-almirante Robert Scholtz, desembarcou para apresentar cumprimentos aos chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, e comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha.

Durante a estadia no porto de Lisboa, foram proporcionadas às guarnições dos navios visitas ao Museu de Marinha e à Escola de Fuzileiros. Realizaram-se algumas provas desportivas entre equipas de unidades da nossa Marinha e da força.

O porta-aviões foi visitado por oficiais da Armada, do Exército e da Força Aérea, por jornalistas e por civis convidados.

JURAMENTO DE BANDEIRA NO G1EA

No dia 1 de Junho findo, no Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, realizou-se a cerimónia do juramento de bandeira de 569 recrutas da 1.ª incorporação de 1979 e 216 segundos-grumetes voluntários.

Presidiu ao acto o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, que teve a presença de altas entidades da Armada e dos outros ramos das Forças Armadas, individualidades civis, adidos navais das embaixadas dos países estrangeiros acreditados em Lisboa e numeroso público.

A cerimónia, além da exortação aos novos marinheiros feita pelo director de instrução da Escola de Alunos Marinheiros, capitão-de-fragata Leiria Pinto, constou da distribuição de prémios escolares aos 305878/2.º-gr. E Vaquinhas (Prémio "Visconde de Soares Franco"), 110779/2.º-gr. vol. Calisto (Prémio de Aprumo Militar), 105479/2.º-gr. vol. Santos (Prémio Exame Final de Instrução), 148179/2.º-gr. rec. Martins (Prémio de Educação Física) e 115979/2.º-gr. vol. Almeida (Prémio de Habilitações Literárias). Seguiu-se a leitura dos Deveres Militares e da Fórmula do Juramento e o desfile do batalhão escolar, terminando com demonstrações militares e desportivas.

CURSO DE DEFESA NACIONAL

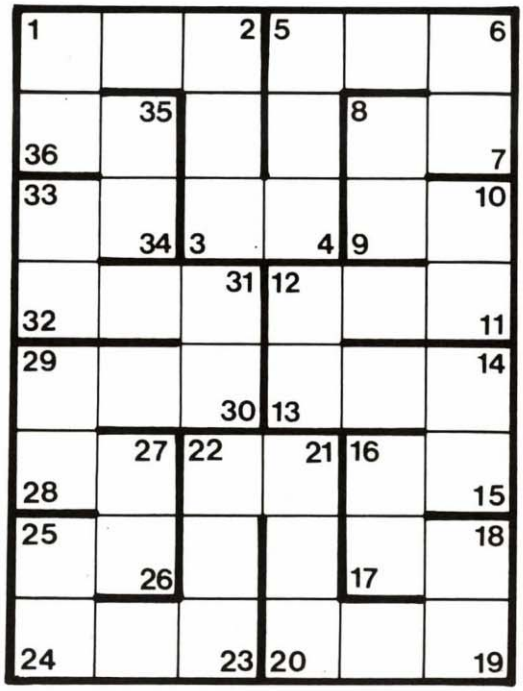
No Instituto de Defesa Nacional terminou, em Junho findo, o 1.º Curso de Defesa Nacional que se tinha iniciado em 19 de Março passado.

Este curso, que constou de 4 períodos distintos (introdução, quadro internacional, potencial estratégico militar e conclusões), foi assistido por 17 auditores (12 militares e 5 civis). Os oficiais designados pela Armada para o frequentarem foram os contra-almirantes Serpa de Vasconcelos e Cruz Júnior e o capitão-de-mar-e-guerra Almeida e Costa.

Os 5 civis que o acompanharam foram o padre Lopes Amador (Patriarcado), Mário Mesquita (director do "Diário de Notícias"), dr. Afonso Costa (MEIC), dr. Alfredo Falcão (Ministério das Finanças e Plano) e eng.º Ferreira do Amaral (Ministério da Indústria e Tecnologia).

Quarto de Folga

LABIRINTO SILÁBICO COORDENADO COM PROVÉRBIO (NÁUTICO)



E-2	E-3	H-2	B-6	G-1	D-4	D-2	F-5

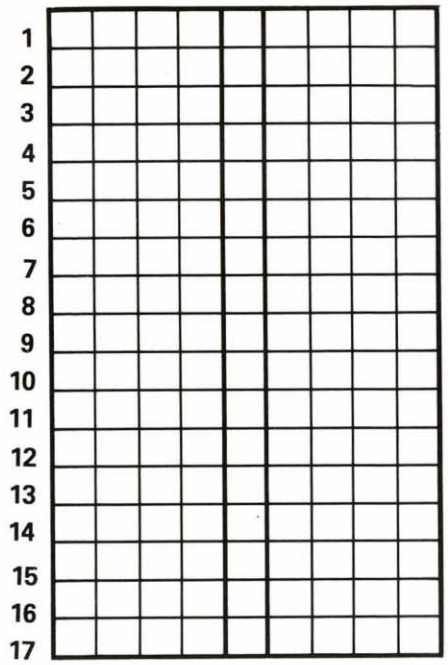
1—Pequena onda. 2—A última peça da borda do navio. 3—Corda grossa. 4—O m.q. escota. 5—Viajar por mar. 6—Ir à (/) perder o rumo ou a amarra. 7—Porto interior. 8—Espécie de calha para dar vazão à água e a outros despejos do navio. 9—Margem do rio. 10—Vasilha de couro que na India serve para conter manteiga e óleo. 11—Embarcação malaia. 12—Cada um dos ramos que, torcidos, formam um cabo de embarcação. 13—Pequena embarcação de um só mastro para cabotagem. 14—Antiga embarcação indiana. 15—Brânquia. 16—Antiga embarcação indiana. 17—Tecido grosso e forte de que se fazem as velas dos navios. 18—(ant.) Nau. 19—Pequeno barco de guerra, em observação. 20—Cabo náutico. 21—Ancora com um só braço. 22—Conjunto de talhas que se guardam no trem de manobra dos arsenais marítimos ou no paiol de bordo. 23—Cortesia. 24—Cortou rente. 25—Em pequena quantidade. 26—Barca de fundo chato para navegação nos rios. 27—Preceito escrito. 28—Disposição. 29—Modifique. 31—Colher e enrolar (cabo e amarra). 32—Atoleiro. 22—Vento do Noroeste, na antiga náutica. 34—Peça com que se reforça um cabo fendido. 35—Pequena embarcação indiana. 36—Antigo peso ou moeda da Índia.

Depois de completamente decifrado o diagrama, escrever, no quadro inferior, as sílabas encontradas segundo as coordenadas. Lerá um provérbio muito conhecido.

(Solução no próximo número)

MINDOGUES

PILHA DE PALAVRAS

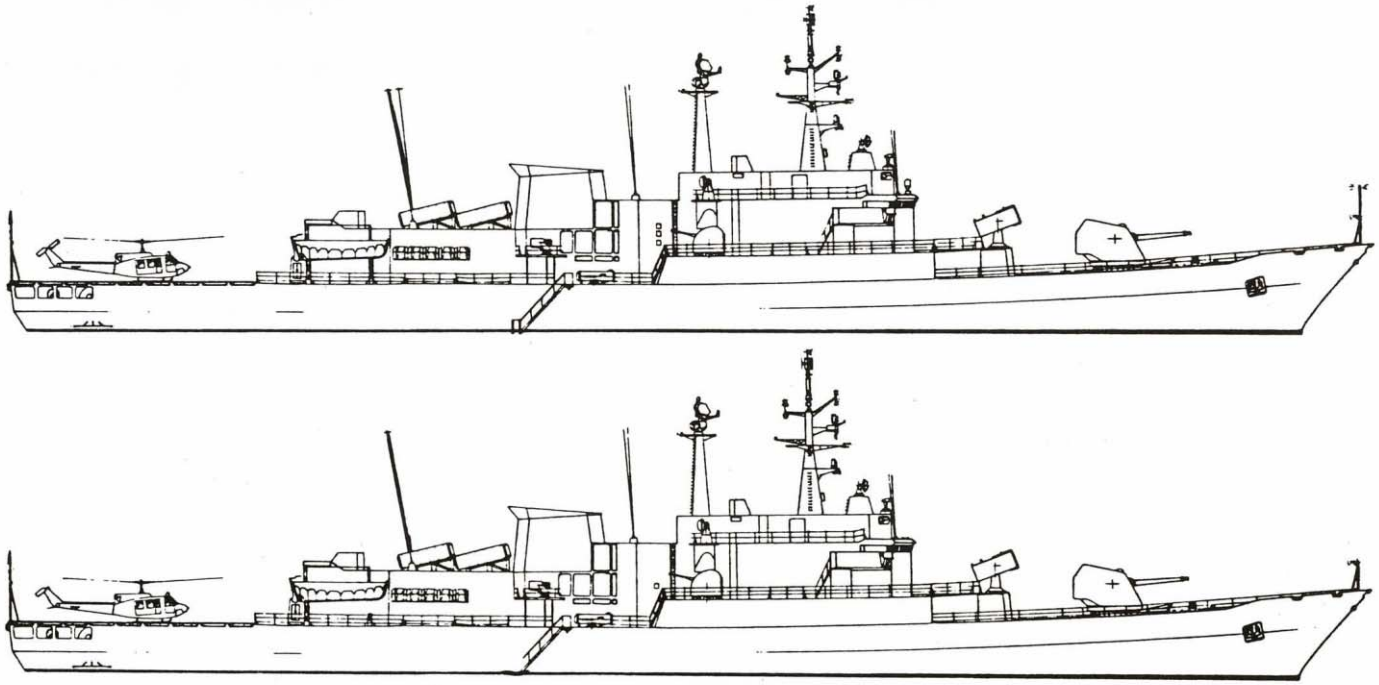


1—Constelação zodiacal, entre a Balança e o Sagitário. 2—Logro (gíria naval). 3—Pequena embarcação de velas latinas (pl.). 4—Diz-se de um ácido que forma combinações metálicas, de que resultam explosões violentas. 5—Corrente que se estabelece, de fora para dentro, entre dois líquidos de densidade diferentes, separados por uma membrana porosa muito delgada. 6—Que tem muita instrução. 7—O que sobeja de comida nos pratos (sing.). 8—Planta escrofulariácea medicinal. 9—Infecção determinada pelo chamado hematozoário de Laveran. 10—Melancolia causada pelas saudades da pátria. 11—Parte inferior do vestido de mulher. 12—Vagaroso, moroso. 13—Diz-se de um terreno da época primária, disposto por baixo do devoniano. 14—Rede de três panos, para pescar. 15—Prosperamente (fig.). 16—Pedra sobre que os ourives alisam o ouro. 17—Prosápia.

Conceito: Publicação periódica.

(Solução no próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP RA



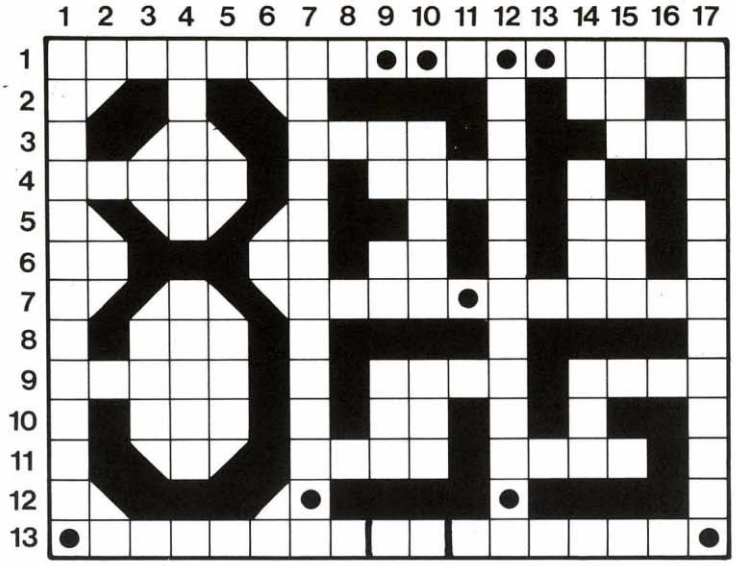
CONCURSO N.º 94

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

Procure as sete diferenças existentes nos dois desenhos, assinale-as e envie-nos a resposta.

M. Horta
Sarg.-aj. L

PALAVRAS CRUZADAS



(Este problema é dedicado, pelo autor, ao 8.º aniversário da "Revista da Armada", que ocorre este mês).

HORIZONTAIS: 1—Felicitações; artigo; tratamento familiar. 2—Caminhar. 3—Produz; sustento (inv.). 4—Paiol do navio; apanhe (inv.). 5—Oferece. 6—Observei; prata (símb. quím.); primeiro; artigo antigo. 7—Ponto cardeal; emparelha. 8—Silêncio. 9—Estimula; a ponta da verga; peça de poleame. 10—Aqueles; grito de dor e às vezes de alegria. 11—Descerre; dificuldade. 13—Publicação oficial da Marinha de Guerra (três palavras).

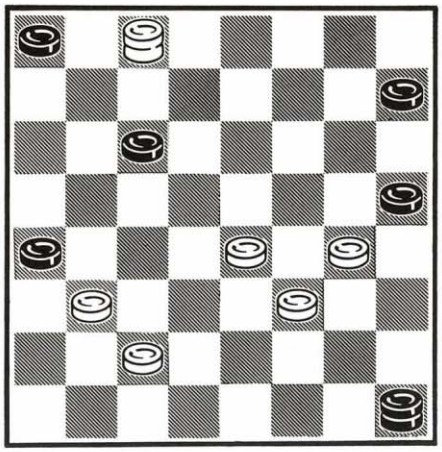
VERTICAIS: 1—Tenacidade. 3—Caridosa. 4—Peça de madeira destinada a fixar a amarra da âncora do navio; parte da planta que irrompe do caule (pl.). 5—Voz designativa de procedimento rápido. 7—Incúria. 9—Parte do navio que fica entre a popa e o mastro; antiga nota musical; residência. 10—Afague; camareira. 12—Arrebatamento. 14—Seis (rom.). 15—Medida grega de comprimento; fileira. 17—Vontade de fazer mais e melhor.

(Solução no próximo número)

SEASA

DAMAS

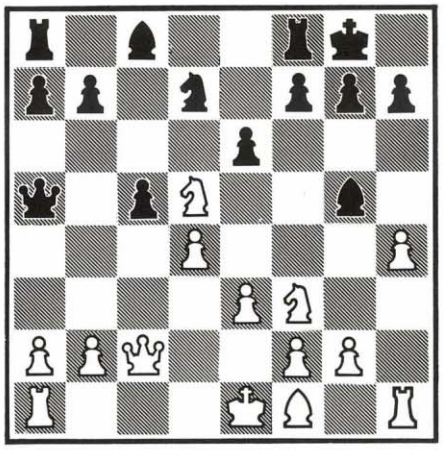
(Solução no próximo número)



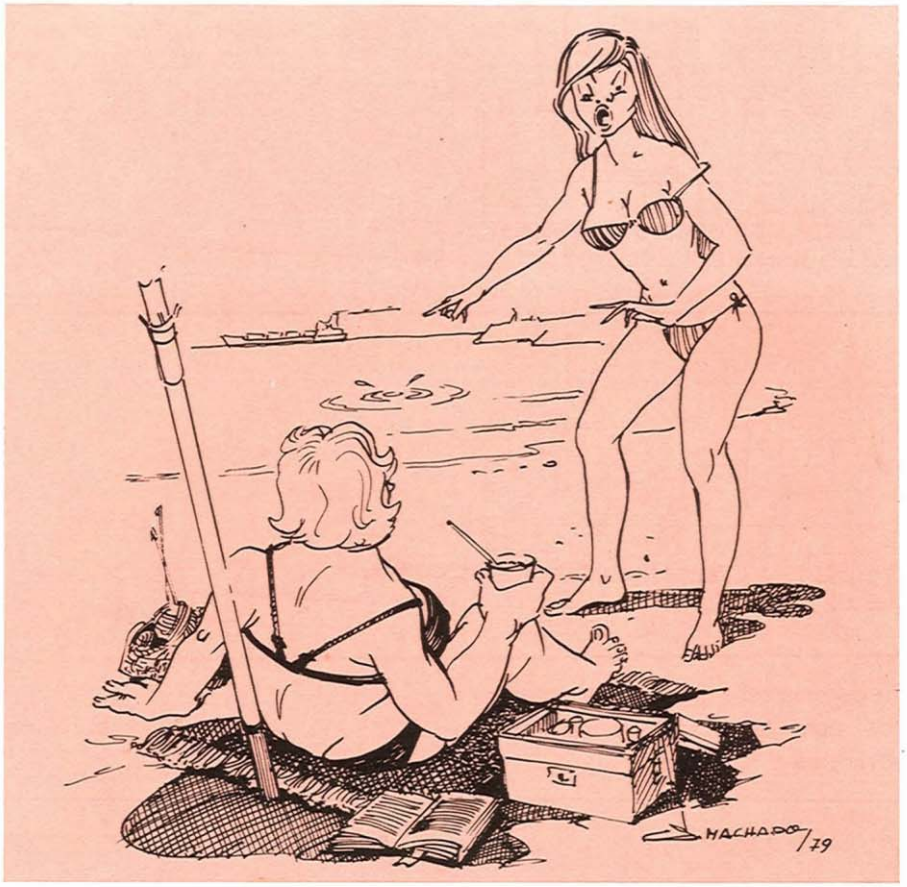
Jogam as brancas e ganham.

XADREZ

(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.



A sério, mamã, o papá, ainda há bocadinho estava ali, a esbracejar e agora já lá não está ...

SOLUÇÕES

CRUZADA SILÁBICA

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1 — Bombarda; páralo. 2 — Calamitosa. 3 — Caça; li; ralo. 4 — Ré; costado; tá. 5 — Nabo; ris; canção. 6 — Amatalota. 7 — Pinaça; caropa.

VERTICAIS: 1 — Bom; carena; pi. 2 — Barcaça; boana. 3 — Dala; cós; maça. 4 — Militarista. 5 — Pato; dó; loca. 6 — Rasara; cântaro. 7 — Ló; lotação; pá.

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

	Brancas	Pretas
1.	1-10	18-4
2.	15-29	16-7
3.	10-3 e ganham.	

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1 — Iaque; Moadi. 2 — Aludes; ou. 3 — Ep; Ivo. 4 — Ai; aga; gia. 5 — Iza; lá; Sá. 6 — Alcarsina. 7 — Alço; aurora. 8 — Átona; At. 9 — Rapé; mara. 10 — Ate; be; elar. 11 — Só; bê; Elisa.

VERTICAIS: 1 — Iatai; arras. 2 — Al; izal; ato. 3 — Que; alçapé. 4 — UDP; Cote. 5 — Ee; ala; bê. 6 — Garante. 7 — Ia; sua. 8 — Oãv; sir; mel. 9 — Ogano; ali. 10 — Dó; araras. 11 — Iucas; atara.

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

	Brancas	Pretas
1.	Cxe	
se:	—	fxe6
2.	Dxe7 e mate	
se 1:	—	Bxe6
2.	Bxe6, etc.	
se 1:	—	Bxc4
2.	Cg7/ch	Rf8
3.	Dh8/ch	

As pretas não têm hipótese.

PILHA DE PALAVRAS

(Solução do problema do n.º anterior)

1 — Arejamentos. 2 — Lacedemónia. 3 — Balaustrada. 4 — Uretrotomia. 5 — Quirópteros. 6 — Unissonante. 7 — Embrutecido. 8 — Regulamento. 9 — Quiromância. 10 — Umbelíferas. 11 — Escaravelho.

Conceitos: Albuquerque; Mesopotâmia.

UMA DIGRESSÃO FASTIDIOSA

(Solução do problema publicado no n.º anterior)

Para determinar o perímetro da elipse, utilizemos a fórmula

$$P = 4a. \int_{0}^{\pi/2} (1 - e^2 . \operatorname{sen}^2 \varnothing)^{1/2} \, d\varnothing$$

onde

a = semieixo maior = 92 900 000 milhas

e = excentricidade = 0,017

Resolvendo o integral e multiplicando o resultado por 4a, obteremos para valor aproximado do perímetro: 583 665 739, 8 milhas.

Logo, o tempo (em anos comuns) $\cong$

$$\cong \frac{583\ 665\ 739{,}8}{500 \times 24 \times 365} \cong 133{,}257\ 018\ 2$$

$\cong$ 133 anos e 3 meses (tempo que proporcionaria, sem qualquer sombra de dúvida, um substancial "subsídio de navegação" ao intrépido piloto!!!).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 93

Austin. Citroen. Datsun. Fiat. Ford. Hillman. Mercedes. Morris. Opel. Peugeot. Renault. Taunus. Triumph. Toyota. Vauxhall. Volkswagen.

VENCEDOR:
Custódio Salvador C. Parrulas 1.º-mar. L 77672.
Escola de Fuzileiros.

Trajo dum personagem português do século XVII

Misto de civil e de militar o trajar dos portugueses do século XVII era, no seu aspecto, o mais sóbrio possível. Vestindo quase de negro e usando a inseparável capa de rebuço, o aspecto geral do português era o do retrato do almirante conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça, pintado por Domingos Vieira.

Dispondo dos dados principais compulsados em várias obras, fácil me foi fazer a reconstituição dum personagem em corpo inteiro na aguarela que aqui publicamos.

Seria pois este o trajo do personagem que, como referimos, é um misto de civil e militar.

A capa de rebuço, tão citada nas campanhas da Restauração, com a cruz de Cristo ou Santiago no lado esquerdo, sobre o ombro, servia, sem este atributo cosido, para fazer sair, dos fortes ou cidades assediadas, e por tratado estabelecido entre sitiante e sitiado, pessoas que não desejavam ser reconhecidas. Este costume, profundamente generalizado nas referidas campanhas, é frequentemente referido no "Portugal Restaurado", do conde da Ericeira. Nessa altura era enorme o número de mercenários ao serviço de Portugal e de Espanha, sendo frequente a oferta de serviços, por estes, a coroas diferentes, sempre que lhes eram dadas mais vantagens.

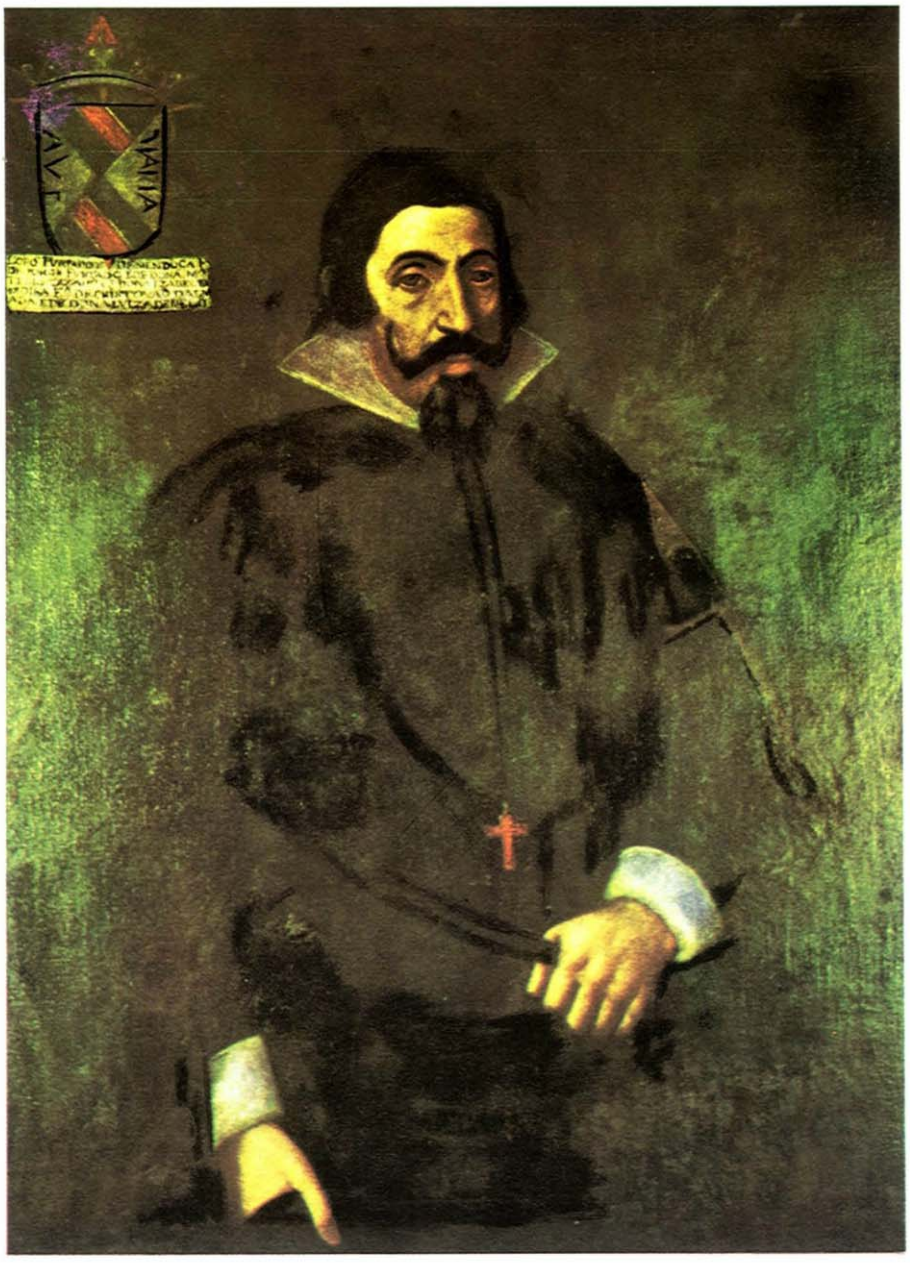
A. Cutileiro

Evolução histórica dos uniformes na Armada (6)

Almirante da Armada Real/1717

Este título, mais nobiliárquico que posto militar propriamente dito, veio a desaparecer da nomenclatura militar naval depois da reforma geral feita por D. João V, em 1740. O uniforme dessa época, que hoje apresentamos, é um traje, meio civil meio militar, tradicional do século XVII. O personagem é o almirante contador mor Lopo Furtado de Mendonça e a figura, de farta bigodeira e cabelos curtos à "chamorro", como nos chamavam os espanhóis, passaria despercebida se a ela não estivesse ligada uma página brilhante do vasto historial da Marinha. Referimo-nos à batalha naval do cabo de Matapão, travada pela esquadra portuguesa do comando de Lopo Furtado de Mendonça, conde do Rio Grande, com a esquadra turca que infestava o Mediterrâneo. A pedido do papa Clemente XI, D. João V enviou, por duas vezes, armadas a Corfú, só conseguido desbaratar os turcos na segunda, obrigando-os a refugiar-se em Cérico. Passou-se isto a 19 de Julho de 1717. A notícia correu célebre por toda a costa mediterrânica e, ao chegar a Roma, o Papa regozijou-se pela vitória alcançada apressando-se a felicitar D. João V que, presto, mandou lavrar duas medalhas comemorativas do facto, hoje espécimes da mais alta raridade.

(Reprodução proibida)



Lopo Furtado de Mendonça conheceu três reis: D. Afonso VI, seu irmão D. Pedro II, que destronou aquele, e D. João V, a quem serviu em armas. Nasceu em 1661 e faleceu em 1730. Era filho de Jorge Furtado de Mendonça, que foi mestre de campo do Algarve e general da Armada da Junta do Comércio. Serviu na fortaleza de Mazagão, tendo ainda comandado o Terço da Armada Real. Embarcou diversas vezes na esquadra de guarda costa. Nomeado almirante em 1702, passou ao Exército, no posto de general de batalha, em 1704. Em 1706 entrou D. João V na aliança constituída pelo estado Papal e pelos malteses e venezianos, a fim de combaterem os turcos que dominavam o Mediterrâneo. Lopo Furtado é então convidado por D. João V a tomar o comando da esquadra, e conduz com denodo a armada à vitoriosa batalha de Matapão, obrigando a armada otomana a refugiar-se ao abrigo das fortalezas das suas costas.

Quando os navios portugueses, no regresso, escalaram o porto de Messines, para descanso das guarnições e reparações de avarias, foram vitoriados ao desembarcar, acorrendo o povo ribeirinho com oferendas aos marinheiros. Lopo Furtado contava então 55 anos. D. João V cumulou-o de benesses, nomeando-o conde do Rio Grande, pelo vínculo do título a que sua mulher tinha direito por ser filha do general Barreto de Menezes, que expulsara os holandeses de Pernambuco, e que, tendo recebido esse título o não chegara a usar. D. João V deu-lhe ainda o cargo de Contador Mor do Reino.

O pintor Domingos Vieira retratou-o no magnífico quadro que publicamos, por deferência do Museu Nacional de Arte Antiga, representando-o de pera e bigodes em face macilenta, num envolvimento negro, tão ao gosto sóbrio dos portugueses da segunda metade do século XVII, de balona (*1*) à holandesa, capa dozena de rebuço, com a cruz de Santiago no ombro esquerdo, e a mão segurando o talabarte da espada, e a legenda *Não me tires sem razão e não me embainhes sem honra.*

(*1*) *Camisa com colarinho gomado, saindo direito ou a cair sobre os ombros.*

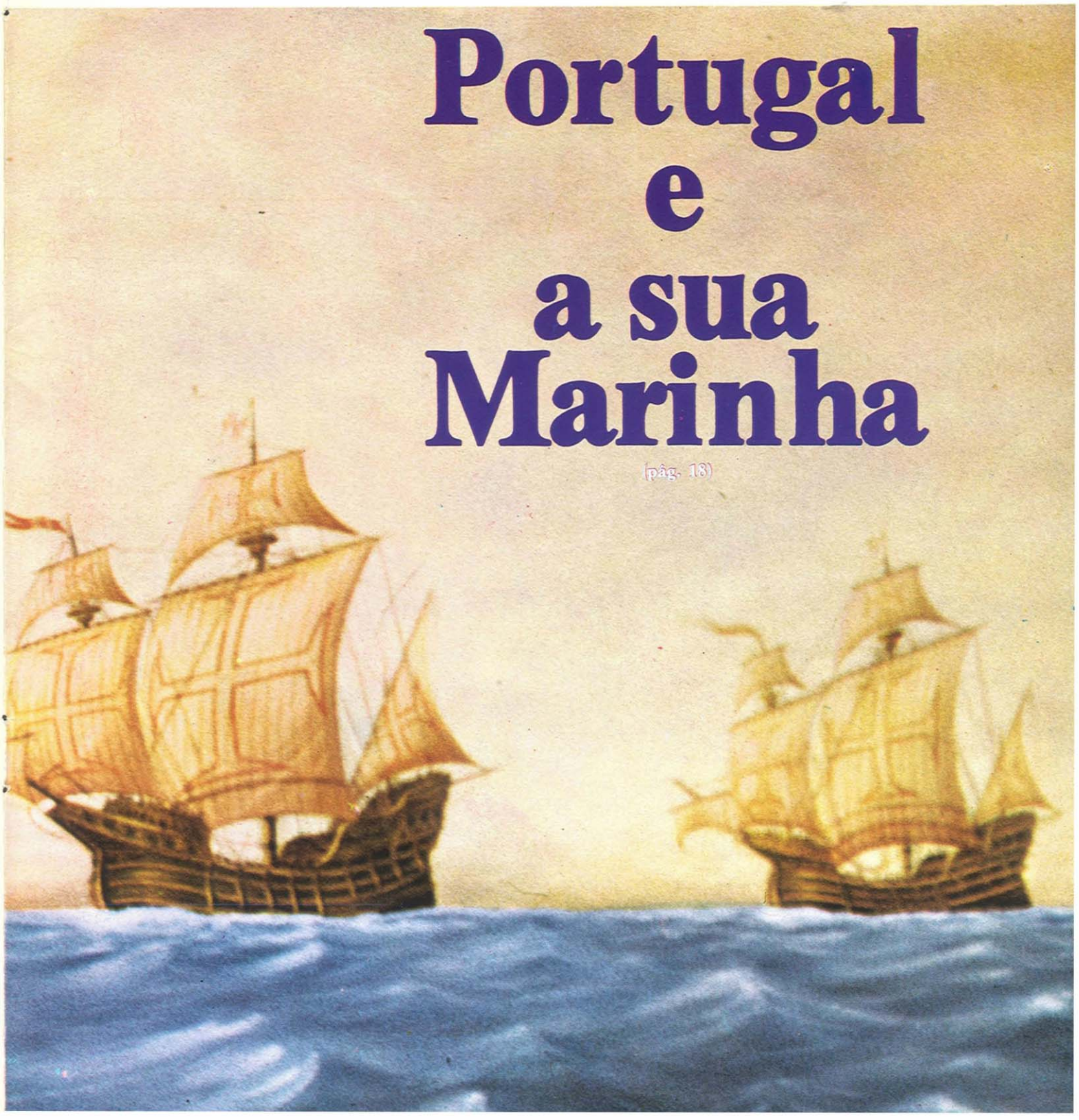
Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 95 / AGOSTO 1979 / ANO IX / MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA

Portugal e a sua Marinha

(pág. 18)



Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
S. Mendes	**Efemérides Navais** A perda do cruzador "República"	4
M. Horta	**Notícias Pessoais**	5
M. Horta	**Saibam Todos**	5
M. Vasconcelos	**Ciências, Artes e Letras** O Homem e a arte de curar	6
H. Bonjour	**Cinzas...**	10
	Voz da Abita/Cartas ao Director	11
B. Carreira	**Pomo de discórdia**	13
P. Madeira	**A calculadora electrónica**	14
L. Nunes	**Treino físico de aplicação militar — O que é — para que serve**	17
M. Horta	**Portugal e a sua Marinha**	18
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	21
G. Brandão	**Filatelia**	22
S. Coentro	**Poesia. A quadra popular**	23
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	25
	Reportagem	26
	Quarto de Folga	32
	Comemorações do Dia da Marinha	Verso da contracapa
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada (7)**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração:
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 95/AGOSTO 1979/ANO IX

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:
Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 185$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

Naus da esquadra de Vasco da Gama — Óleo existente na Messe de Cascais.

(Foto de Liberto de Carvalho)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

Convém lembrar que...

Foi no dia treze deste mês, vinte e um anos atrás, que o antigo navio-escola "Sagres", agora abatido ao serviço e a apodrecer no Alfeite, cortou a linha de chegada da grande regata oceânica Brest-Las Palmas, como vencedor, em competição com navios de trinta nacionalidades.

Acabámos de ler o relatório do comandante, capitão-tenente Tengarrinha Pires, hoje vice-almirante, existente no Arquivo Geral da Marinha, no antigo Quartel de Marinheiros de Alcântara.

Com a modéstia e humildade que são apanágio da nossa Marinha e dos homens que a servem, fala da luta leal e desportiva que travou com os seus directos adversários, da forma como superou as deficiências do seu navio e explorou as próprias vantagens, da escolha da rota para aproveitar os ventos reinantes... descrevendo tudo com o mínimo de palavras e adjectivos que é possível usar num relatório oficial (sete páginas dactilografadas!).

No entanto, foi uma proeza digna de nota, a que os portugueses, como de costume, não deram a devida atenção mas que, a meu ver, mostrou aos descrentes, aos que dizem mal de tudo o que é nosso, que o sentido marinheiro que deu a este Povo a glória de ser um dos maiores no mar, não está perdido e continua bem vivo nos marinheiros do nosso tempo.

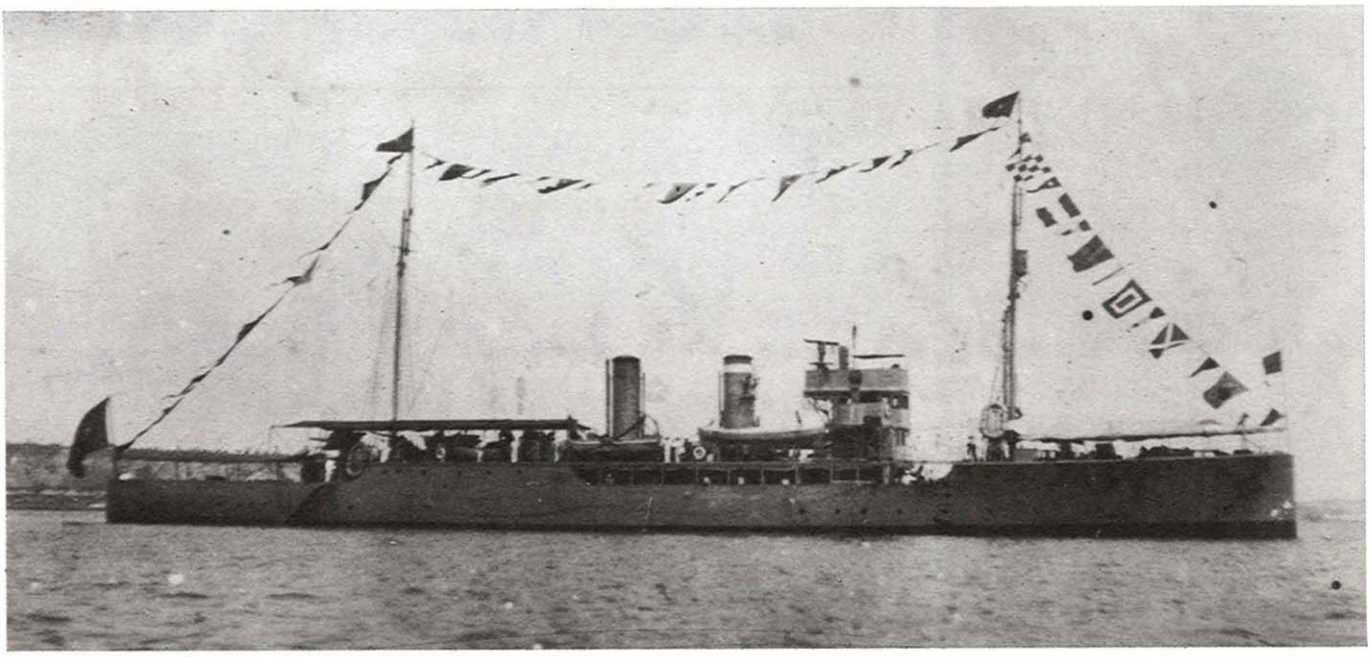
Por isso, não temos dúvidas em afirmar que fomos bons marinheiros no passado, sômo-lo ainda hoje e havemos de o ser no futuro, porque o mar nos está na massa do sangue.

E, ao dizer isto, não me refiro apenas à Marinha de Guerra, mas também aos nossos pares das Marinhas de Comércio, da Pesca e de Recreio.

Não devia ser um deles a dizê-lo mas, faço-o porque tenho conhecimento de causa e... porque ninguém mais o diz. E é bom que se saiba...

C/alm.

Efemérides Navais



A perda do cruzador "República"

No dia 6 do corrente mês, completaram-se 64 anos sobre o encalhe do cruzador "República".

O encalhe deu-se de manhã cedo, a sul de Peniche, devido ao intenso nevoeiro que surgira na altura.

O navio havia saído de Lisboa três dias antes, para serviço de fiscalização e experiência de consumos, primeira comissão que desempenhava depois dos longos fabricos que tinha sofrido.

Logo a seguir ao encalhe procurou-se safar o navio, com as máquinas e com o auxílio de um ancorote, cuja espia rebentou, a ser rondada ao cabrestante. Perto do meio dia apareceu no local a canhoneira "Bérrio", que tentou inutilmente o desencalhe com espia passada primeiramente à popa e depois à proa.

Como a maré descesse e o mar aumentasse, foi resolvido, ouvidos os práticos locais, desembarcar toda a guarnição.

À tarde, aparecia pairando ao largo o "S. Miguel", da Empresa Insulana de Navegação, cujo comandante, tendo ouvido o sinal de socorro, quando o paquete estava já prestes a demandar a barra de Lisboa, não hesitara em assumir a gravíssima responsabilidade de se desviar do caminho, debaixo de nevoeiro cerrado e com o navio cheio de passageiros, para ir prestar socorro em condições dificílimas. Infelizmente, era tarde!

Invadidos quase todos os compartimentos pela água, as máquinas eléctricas tinham parado, antes que fosse possível comunicar ao "S. Miguel" a resolução de desembarcar e a inutilidade de qualquer tentativa de salvamento do navio, naquele dia. Quando o paquete surgiu ao largo, seguia a "Bérrio" com a guarnição do "República" para a fortaleza de Peniche de Baixo, onde ficou alojada, e ele teve que retroceder sem ter tido ocasião de prestar o desejado socorro.

No dia seguinte recomeçaram os trabalhos para salvar o navio, os quais consistiram, principalmente, em encher de substâncias leves os compartimentos inundados, aliviar quanto possível o navio e suspendê-lo por meio de cabos de aço passados sob a quilha e rondados para uma cinta flutuante de madeira e cortiça. Ao cabo de alguns dias de trabalhos fatigantes, dificultados pela ondulação de fora que prejudicava o serviço dos mergulhadores e pela natureza do fundo cujas arestas de rocha cortavam todos os cabos, forçoso foi desistir.

Quando chegou um vapor de salvamento — o "Valkirian" —, já nada havia a fazer; o "República" tinha o fundo completamente aluído e as bombas já não venciam a água que entrava.

Tal não houvera sucedido se logo a seguir ao encalhe ele tivesse sido socorrido por uma embarcação de salvamento.

Perdido o navio, cuidou-se de salvar todo o material, desde a artilharia ao mobiliário, trabalho em que consumiram algumas semanas numerosos operários do Arsenal.

Passados dois meses e meio, o Conselho de Guerra julgou o comandante que foi absolvido, por unanimidade.

José Agostinho de Sousa Mendes
Cap.-m.-g.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-sarg. B Carlos da Silva Ribeiro com D. Maria Fernanda Bronze Caldeira, em 11-6-79.
101671/1.º-mar. M Joaquim António Pelica Trindade com D. Ana Rita Lourenço Rodrigues, em 26-5-79.
234972/1.º-mar. SE Eduardo Manuel Baptista dos Santos com D. Maria de Lurdes da Silva, em 5-5-79.
255473/1.º-mar. TFD Elias Manuel Parreira Barros com D. Maria de Fátima Oliveira, em 27-5-79.
180874/1.º-mar. E José António Pinto Raimundo com D. Ana Paula Pires Faria, em 3-5-79.
183375/1.º-mar. FZ Alfredo Lemos Tavares com D. Maria da Fé Marques Rodrigues, em 7-5-79.
190275/1.º-mar. E Manuel José Gonçalves Alves com D. Maria de Lurdes Oliveira Geirinhas, em 13-5-79.
14677/1.º-mar. TFD António Ismael da Silva com D. Vitalina Parente Inácio, em 19-5-79.
163877/2.º-mar. CM Francisco Laurindo Rosado com D. Dília Branquinho Segurado, em 5-5-79.
188277/2.º-mar. FZ José Manuel Carvalho Vieira com D. Delfina Ramos dos Santos, em 19-5-79.
198577/2.º-mar. FZ Celestino Teles Cardoso com D. Maria Cecília Ferreira Nunes, em 27-5-79.
246377/2.º-gr. Francisco Martins Fernandes com D. Maria Margarida de Sousa Jesus, em 19-5-79.

PASSAGENS A RESERVA/ /APOSENTAÇÕES

Alm. Augusto Souto Silva Cruz, em 23-6-79.
Cap.-m.-g. José Marques Elpídio, em 8-6-79.
Cap.-m.-g. João d'Oliveira Baptista Correia, em 20-6-79.
Cap.-frag. MN José Augusto Neves Soares, em 2-6-79.
1.º-ten. SG João António Diegues, em 5-6-79.
Sarg.-aj. M João Pinto Duarte, em 29-6-79.
Sarg.-aj. A Fernando dos Santos Sá, em 29-6-79.
1.º-sarg. FZ Manuel António da Rita, em 31-5-79.
Ernestino da Encarnação Evangelista, cabo-de-mar de 1.ª cl., em 30-6-79.
Manuel Hermínio Duarte, faroleiro de 1.ª cl., em 30-6-79.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento do seguinte camarada, a cuja família apresentamos sentidas condolências:

1.º-ten. SG RA António Francisco Abrantes, em 21-6-79.

Saibam Todos

Que ao "Prémio Marinheiro Artilheiro António Ferreira", que anualmente o Clube Militar Naval concede para premiar estudantes filhos de praças da Armada, podem concorrer os que frequentaram, no ano lectivo de 1978/79:

a) O 1.º ciclo dos liceus ou cursos equivalentes das escolas industriais, comerciais e agrícolas;
b) O ciclo preparatório para o ensino secundário ou cursos equivalentes.

Que não podem concorrer a este prémio os alunos que tenham mais de 17 e 14 anos de idade, completados no ano civil da habilitação, respectivamente para as alíneas a) e b) do parágrafo anterior, nem os que tenham obtido classificação inferior a 12 valores.

Que aquele prémio é subdividido em sete, tendo cada um o valor aproximado de 2500$00.

Que a habilitação ao prémio é feita pelos pais ou encarregados de educação dos alunos, em carta registada dirigida ao presidente da Direcção do Clube Militar Naval (Praça Marquês de Pombal, 2 — 1200 Lisboa), expedida até ao dia 15 de Novembro p.f., da qual conste (em relação ao aluno):

— Nome
— Data do nascimento
— Filiação
— Número, classe e posto do pai
— Residência e n.º de tel. (se tiver)
— Estabelecimento escolar que frequentou
— Número, turma e ano que frequentou
— Média final que obteve.

O Homem e a arte de curar
Renascença

PREÂMBULO

Este período, que também é conhecido como neo-platonismo, surge na Itália pelo fim do século XV, quando Cosme de Médicis, juntamente com alguns amigos letrados, fundou em Florença a Academia Platónica.

O historiador suíço Burckhardt, citado por Grimberg, opina que a Renascença foi a redescoberta da Antiguidade pelos povos do Ocidente, com a ajuda dos árabes. Foi a valorização do *belo*, o florescer das *artes*, e sobretudo os ideais do *humanismo*.

Júlio Dantas diz-nos que, em virtude da brilhante falsificação platónica, atribuindo a Platão a teoria dos dois amores de Ficino, na qual "a mulher devia enobrecer a vida e espiritualizar o amor", nasceu o movimento feminista da Renascença. E, de Herculano transcrevo: "no século XVI o renascimento invadiu a história, como invadia tudo. As sociedades modernas faziam visagens e momos de um ridículo sublime, para se mascararem à romana".

Em Portugal, podem considerar-se manifestações deste movimento as reuniões de carácter literário e erudito da infanta D. Maria, e onde se notabilizou Públia Hortênsia.

A MEDICINA — SÉCULO XVI

A ciência médica procurava afanosamente novos conhecimentos e, consequentemente, novas teorias, novas doutrinas.

Um dos médicos desta época, reformista de que falarei primeiramente, é Paracelso, de seu nome Theophrasto de Hohenheim, o médico misterioso como se lhe chamou. Era filho de um médico municipal, em Carintia. Não vem aqui fazer-lhe a biografia, mas ficaria a imagem incompleta não dizendo que estudou na Alemanha, França e Itália, nas suas universidades, mas também estudou com alquimistas e astrólogos, e até com charlatães.

Paracelso advogava aos seus alunos o voltarem-se para a natureza e obterem os seus conhecimentos pela observação. Por isso ficou memorável a sua atitude quando em 1527 (era ele professor de medicina em Basileia, contando então 34 anos) queimou publicamente no mercado desta cidade obras de Galeno, para expressar essa opinião de que só a observação da Natureza (na qual Hipócrates foi mestre), e não a rígida escolástica, podia trazer progresso na medicina.

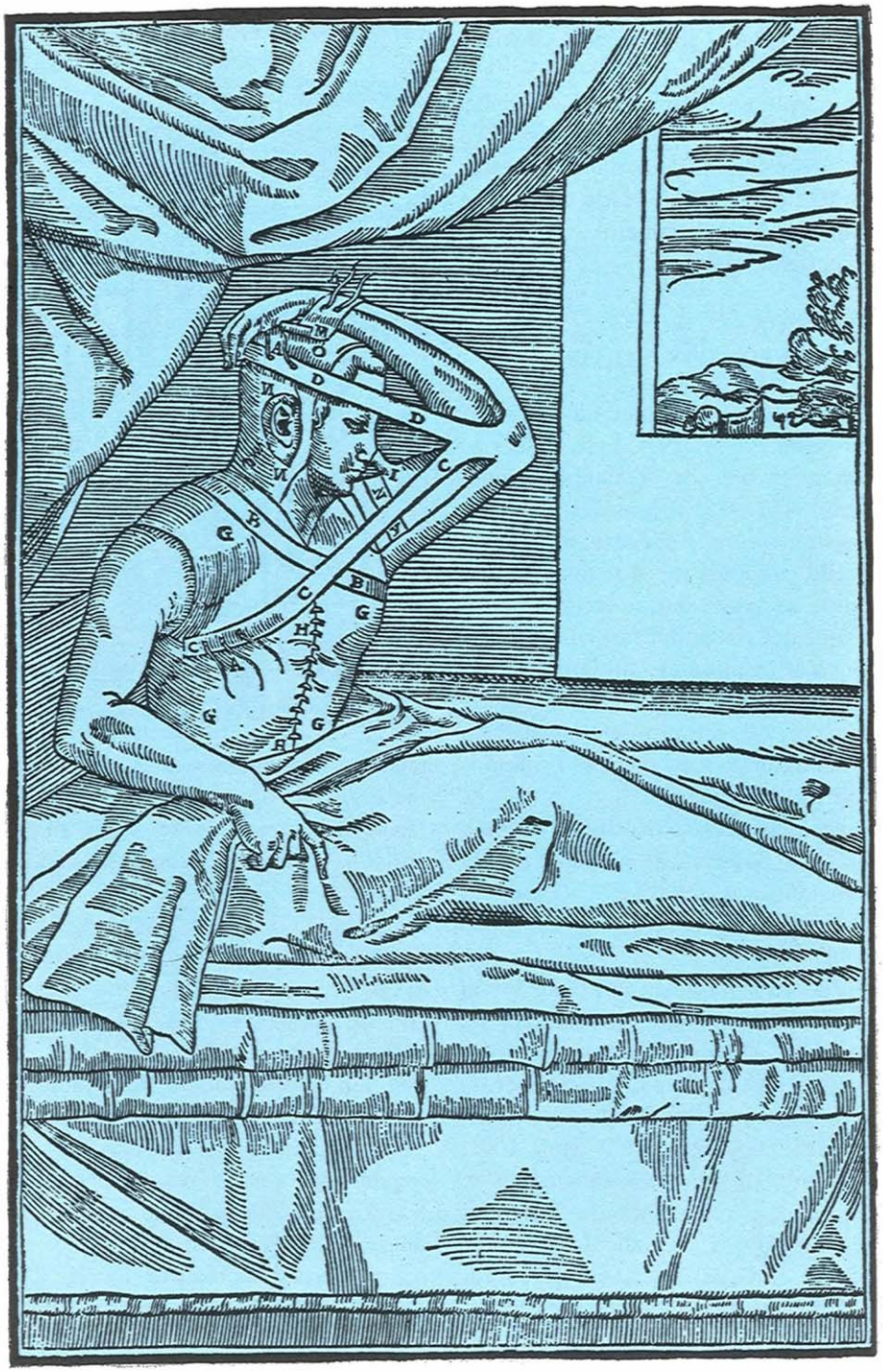
Pouco tardou a ter conflitos com os

seus colegas que lhe reprovavam não ensinar em latim, mas em alemão, ao passo que ele os disfrutava por usarem as togas vermelhas e um ponteiro redondo, fazendo Paracelso certa gala em usar a sua bata de laboratório, por mais suja que estivesse. Teve de abandonar a cidade e levou depois vida errante.

Apesar das suas ideias contra a medicina clássica daquele tempo, os seus escritos revelam que ele via o mundo com olhos de alquimista, interessando-se pela mágica e pelo sobrenatural. Mas o facto é que foi ele que repudiou a patologia e fisiologia humorais para, fundado nas suas experiências, sustentar a opinião de que a causa das doenças era a modificação da composição química do corpo, ou seja, a ideia básica da bioquímica.

A alquimia devia criar remédios contra a doença, pensava ele, e neste sentido preparou muitos sais e outras substâncias inorgânicas que ensaiou com êxito. Mas não teria colhido sucessos porque os curandeiros, que se contavam entre os químicos, produziram tais estragos entre os doentes, que se dizia ser o tratamento dos *quimistas* coisa do diabo, pois envenenavam os enfermos com arsénico e os faziam morrer com antimónio, e ainda por cima se lhes pagava!

Paracelso dedicou-se também ao estudo dos regímens alimentares.



OS ALIMENTOS — GASTRONOMIA

Hildanus, contemporâneo de Paracelso, defendia a opinião "de que o calor, que é irradiado para o estômago pelo fígado, o baço, e o epiplon, digeria os alimentos", opinião que se manteria até perto de meados do século XVII quando Helmont reconhece no ácido do suco gástrico o agente mais importante da digestão.

No século XVI, o número de livros de cozinha escritos por médicos foi apreciável. Citarei apenas alguns: "Gargantua" e "Pantagruel", escritos por François Rabelais, médico, inscrito na Faculdade de Medicina de Montpellier em 17 de Setembro de 1530, ido da Faculdade de Medicina de Paris; "De concoctione commentárius", do médico veneziano Victor Bonagens, aparecido em 1549, e onde são enumerados os alimentos segundo o seu grau de digestibilidade, e sua preparação; "De recibaria libri XXII, omnium ciborum genera,... etc.", de Johannes C. Bruyerinus, médico de Henrique II, aparecido em 1560, contendo considerações e críticas às opiniões dos autores antigos àcerca dos diversos alimentos, e, do fim do século XV, mas aparecido no século XVI, o manuscrito de Nicole de La Chesnaye, que se presume ter sido médico, o "Nef de la Santé", onde se analisam os valores alimentares da carne, dos legumes, das frutas, do leite e seus derivados.

No século XVII, o teor dos livros muda um pouco: debruçam-se mais os autores sobre a gastronomia, numa base higiénica, e na alimentação dos enfermos. Como exemplo dos primeiros citarei apenas "Portrait de Santé", publicado em 1606 pelo médico Joseph de Chesne, que considera a fruta crua como particularmente saudável e a recomenda, antes de mais, como *hors d'oeuvre* e "qualifica as trufas e os cogumelos de *excrementos da terra* e o melhor, no seu entender, é deixá-los sobre ela ou enterrados". É de opinião que o açúcar não é saudável pois "aquece o sangue, estraga e enegrece os dentes".

Como exemplo dos segundos, citarei o "Diaeteticon", do médico Ludovicus Nonnius (Nunez), publicado em Antuérpia em 1646, e o "De alimentorum facultatis libri V", do médico Melchior Sebitz (Sebizius), professor em Estrasburgo, publicado em 1650, e considerado a primeira obra dietético-fisiológica.

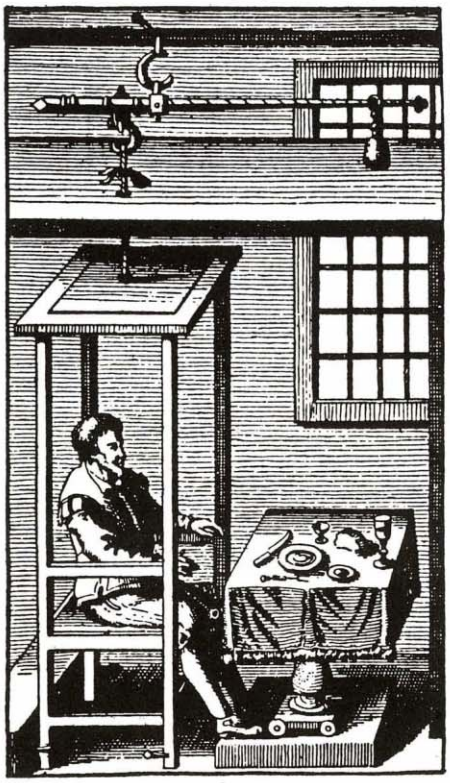
DOUTRINA DOS ESPÍRITOS VITAIS

Esta doutrina dominou na medicina do século XVI e XVII, indo buscar as velhas teorias de Galeno. Miguel Servet (1511–1553) considerava que o *Spiritus naturalis* chegava ao coração direito, procedente do fígado, mediante as veias; daqui emigra com o sangue para os pulmões, onde se reúne com o ar inspirado e, aqui ou no coração, transforma-se em *Spiritus vitalis*; as artérias conduzem-no aos vasos da cavidade craneana, onde se origina o *Spiritus animalis.*

René Descartes (1596–1650) pensava ser a glândula pineal a localização da *alma racional,* sendo esta de origem divina e encontrada somente no homem.

Muitas descobertas científicas foram surgindo, mas não apreendidas de imediato. Gaspar Asellio, em 1622, descobriu os vasos quilíferos; J. G. Wirsung, em 1642, o conducto pancreático; Malpighi, em 1661, descreveu os capilares sanguíneos e, anos depois, via os glóbulos rubros, e descobriria os canalículos renais; Reinier de Graaf, em 1664, descobria o suco pancreático, etc. O próprio Harvey que, em 1616, expunha a sua teoria sobre a circulação do sangue, publicada em 1628 em Francforte, teve de suportar durante muitos anos os ataques que o mundo médico, por inveja ou rivalidade, lhe movia. Teve defensores, como Sílvio (1614–1672), de seu nome Franz de le Boë, formado em Basileia e professor na Universidade de Leyden, mas os que pretendiam depreciá-lo diziam "mais vale errar com Galeno que aceitar a verdade de Harvey".

Seria interessante narrar as polémicas geradas em torno da explicação fisiológica que cada um dava, nesta sucessão de descobertas, se tal não fosse fugir ao assunto e embrenhar-nos em matéria estritamente



médica. Limitar-nos-emos pois ao indispensável para se ajuizar das ideias que prevaleceram mais neste período, e que orientavam a sociedade médica.

Helmont (1577–1644), foi um seguidor de Paracelso, e nas suas experiências de química estabeleceu o conceito de *gás.* Esta constatação fê-la ao tratar o carbonato de potássio com ácidos, o que depois observou na fermentação do vinho. O *gás,* que hoje se sabe ser o ácido carbónico, era um conceito diferente do *neuma* da Antiguidade clássica, de que adiante voltarei a falar. Mas Helmont tem já uma concepção de vida realista. Diz ele: "o calor do corpo não é a causa e sim o produto dos processos de fermentação e com isso da vida". O espírito vital considerava-o como promotor e ordenador de todos os processos vitais. Para Sílvio, de quem já falei, os processos vitais consistem numa transformação química a que se chamou fermentação, distinguindo uma ácida e outra alcalina. E é por este processo que os alimentos são transformados em sangue. Johannes Bohn (1640–1718) professor em Leipzig, e o introdutor da fisiologia experimental, refutou a teoria de Sílvio; foi ele quem demonstrou que a bílis não se produz na vesícula biliar, mas sim é segregada pelo fígado. J. J. Wepfer (1620–1695), também negou a teoria ácido-alcalina.

E assim, a doutrina dos espíritos vitais começou a perder o seu prestígio, e mais ainda quando Johann Doläus (1638–1707), médico de câmara do *landgrave* de Hessen e Cassel afirmou ter encontrado "um rei do estômago (Gasternax) e um rei do coração (Cardimelech), e que a cólera destes reis, excitada pela má composição dos sangues, provocava a febre".

TEATRO ANATÓMICO

Deve-se a Fabrício d'Acquapendente, professor de anatomia em Pádua, a criação, nesta cidade, do primeiro *theatrum anatomicum.* Pieter Pauw, que estudou com Acquapendente fez edificar um anfiteatro em Leyde, em 1597.

Outrora, praticavam-se autópsias com a finalidade de obter relíquias. Don Manuel de Porras, cirurgião do rei de Espanha, dedicou a sua obra "Anatomia Galenico-Moderna", publicada em 1716, a São Francisco Xavier, apóstolo das Índias, na intenção, conforme o declara no prefácio, de ter um protector para si mesmo e para os perigosos instrumentos.

São Francisco Xavier havia curado numerosos doentes, e o seu braço, relíquia dotada de um poder miraculoso, havia sido levado para Roma. Conforme narra Porras, foi em Goa que o sepultaram, e onde um cirurgião, decénios após a morte do santo, ocorrida em 1583, havia amputado do seu cadáver o braço direito, conforme o desejo do papa Paulo V (1605-1621), acto que o irmão M. A. Irala reproduziu em uma gravura feita em cobre (1680–1753), e onde se vêem presentes os padres da congregação jesuíta de Goa.

A MEDICINA FÍSICA

Já de há muito se tentava explicar mecanicamente todas as funções importantes do corpo. Mas, só à medida que certas descobertas relativas à física foram surgindo, é que o apoio a este aspecto da medicina a fez avançar. Copérnico (1473–1543) refutou ser a Terra o centro do Universo, mas simplesmente um planeta girando à volta do Sol. Descartes (1596–1650) criou a sua teoria corpuscular, em que a forma mais simples do movimento é a *giratória,* por ser a forma em que to-

dos os corpos do firmamento se encontram; pensou que também as funções do corpo humano, animal ou vegetal, são provocadas por movimentos de partes pequeníssimas. Galileu Galilei (1564–1642), professor da Universidade de Pisa, utilizou a Torre inclinada para investigar a queda dos corpos; e, menos de um ano após a morte de Galileu, nascia o grande Isaac Newton.

Destes novos conhecimentos se aproveitou Santório (1561–1636), professor em Pádua, mais tarde médico em Veneza, e que teria sido o percursor dos estudos sobre o metabolismo. Com o auxílio dos seus aparelhos de pesagem (todavia de pouca precisão) fez diversas experiências consigo próprio, pesando os alimentos ingeridos e comparando com os escreta, urina e fezes. Constatou uma diferença, que veio a descobrir dever-se à eliminação pela pele e pulmões de vapor de água, definindo assim, em 1612, o seu conceito de *perspiratio insensibilis* (face aos actuais métodos, o seu erro não excedeu 250 gr.).

Outros métodos físicos de exploração vão aparecendo, como um relógio especialmente construído para a contagem do pulso, chamado o *pulsilogon*, que se atribui a Galileu. O mesmo Galileu é tido como o primeiro que mediu a temperatura do corpo humano, se bem que utilizando um termómetro assaz incómodo, pois o paciente tinha de sustentar na mão o tubo medidor. Quase simultaneamente, Santório construiu um que media a temperatura na boca do enfermo.

É pelo último quartel do século XVI que um fabricante de vidros, da cidade holandesa de Middelburgo, construiu o primeiro aparelho óptico composto, devido a uma casualidade. O seu filho pequeno, brincava com umas lentes, e com elas teve a ideia de ver como ficaria o galo do catavento de uma torre próxima; exclamou então assombrado, "o galo aproxima-se". Desta associação involuntária de lentes nasceu o telescópio, que Galileu utilizou e Kepler aperfeiçoou. Serviu o estudo da óptica para, de seguida, em 1590, Zacharias Hansen (ou Janssen) ter construído o primeiro microscópio, que se tornou um instrumento de exame indispensável.

O EXAME DA URINA

O exame da urina é um método que vem desde a Antiguidade e ainda se pratica hoje. Fazia parte integrante da consulta. O santo patrono dos médicos, São Cosme, é representado sempre com o vaso de urina.

A pesada da urina foi recomendada pelo cardeal Von Cusa, que viveu no século XV, pois consta ser já falecido 100 anos antes de nascer Galileu. Não era médico, e por isso o ter-se por surpreendente o valor que atribuia ao peso específico da urina.

São numerosos os quadros dos séculos XVI e XVII onde o motivo pictórico é o do médico examinando a urina. Alguns têm títulos curiosos, como sejam, "Prova de castidade", "O elixir de amor", etc. Autores há que depreendem, pela cena representada, que se procuraria estabelecer o diagnóstico de gravidez. Será difícil apreciar hoje se o artista pretendeu suscitar essa ideia por zombaria ou por a charlatanice ser coisa corrente. O facto é que Aschheim e Zondeck descobriram o método de fazer esse diagnóstico na urina.

BIBLIOTECAS DE MÉDICOS

O livro foi sempre companheiro inseparável do médico, e já era representado em relevos da época helenista. Mas as bibliotecas, antes da divulgação do livro pela imprensa, eram uma raridade em virtude do elevado custo dos manuscritos, e porque destes manuscritos nem sempre havia cópias.

Anteriormente ao século XVI, conhece-se a biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris que, em 1395, possuia apenas nove obras. A colecção particular do médico alemão Amplonius Rating, segundo o seu catálogo do ano de 1412, possuia 101 tomos com 300 manuscritos médicos, além de muitos outros sobre diversa matéria. Rating foi o primeiro reitor da Universidade de Erfurt, e a sua colecção está ainda conservada na biblioteca municipal desta cidade.

Na biblioteca universitária de Bolonha conserva-se o "Canon" hebraico de Avicena, escrito em caracteres rabínicos de tipo alemão, publicado não antes da segunda metade do século XIV.

Graças à imprensa, não só o número de livros aumentou, como o seu preço veio a ser mais acessível. Porém, o ensino médico pouco evoluira, e ainda era ministrado à maneira escolástica; por outro lado, os livros de medicina só interessavam a estes profissionais que, não sendo demasiado numerosos, naturalmente não entusiasmariam o editor à sua publicação.

Mas estes médicos foram os percursores da existência dos livros desta arte nas bibliotecas. Em 1492, foi publicada a "Crónica de Nuremberg", que depois se intitulou de "Crónica Universal de Hartmann Schedel". Este era médico e humanista. Possuia uma biblioteca muito apreciável. Escreveu sobre a vida nos mosteiros, sobre as classes sociais da Idade Média, sobre instrução, etc. No seu tempo de médico em Augsburg, onde não chegara ainda a reforma, já ele defendia as ideias humanistas, e declarava que "o médico que despreza a astrologia não merece o nome de médico".

Instalou-se em Pádua onde se doutorou com Perusio, regressando a Augsburg em 1466, depois em Nuremberg. Em 1485 herdou a biblioteca de seu primo e *pai adoptivo* Hermann Schedel, também médico, e que veio a constituir a *Biblioteca de Schedel*, que foi adquirida por Jacob Fugger em 1552. Mais tarde, o duque Alberto V da Baviera comprou-a a Fugger, fundando a Biblioteca Estatal de Munich.

Johann Jackob Hagenbach (1595--1649), catedrático de filosofia e doutor em medicina, legou à biblioteca da Universidade de Basileia mais de 300 volumes àcerca de matéria médica e botânica. O médico de Estrasburgo, Peter, no ano de 1505 doou à Biblioteca de Freiburg 20 obras manuscritas. O anatomista Volcher Coiter, em 1584, doou grande número de obras à Biblioteca de Heidelberg, da qual foi bibliotecário o médico Joaquim Struppius (1530–1606), autor do primeiro tratado de higiene pública.

A partir de meados do séculos XVII, as bibliotecas particulares tornaram-se cada vez mais frequentes.

A MEDICINA ORIENTAL

Deve-se essencialmente aos empreendimentos marítimos portugueses o conhecimento desta arte nos países orientais. Do que os nossos cronistas nos contam, faremos apenas breve relato do que cuidamos mais interessante.

ÍNDIA

Nas doenças, consultam-se feiticeiros, não doutores. Dizem ao paciente que um demónio foi causa do seu mal e, chamando-o em festas barulhentas e clamorosas, obrigam-no a que entre no corpo e diga a causa que teve para o adoecer. Dita ela, prometem-lhe o cumprimento do que pede para que saia, e depois sai. Da varíola pensam libertar-se com uma oferta a Patracali, que julgam ser a causa. A gota e cólica afirmam proceder de cinco diabos fêmeas, espécie de porcos, e oferecem-lhes um mantimento próprio destes animais, para que passem aquele dano aos inimigos.

CHINA

A medicina é a ciência que mais sabem, e dela têm antiquíssimos autores que correspondem aos nossos Hipócrates, Galenos e Avicenas. Não usam sangrias, ventosas, xaropes, mezinhas, etc.: pílulas somente. São estas constituídas por ervas, raízes, frutas, sementes, tudo seco, e por isso não há boiões nas suas boticas. Os médicos não receitam, trazem consigo um invólucro com os remédios bem distribuídos e preparam a mistura diante do enfermo. No pulso são admiráveis, tomam-no muito devagar, tranquilamente, e sem perguntar coisa alguma ao doente, dizem a doença, os seus aspectos, e aplicam o remédio. Fazem grandes curas. Isto não quer dizer que faltem ignorantes.

JAPÃO

O comer dos seus doentes vem a ser o que costuma pôr-nos doentes, como o peixe, todo o marisco (cru e salgado), limões e outros azedos. Não usam sangrias, porque dizem que é imprudência gastar o tesouro da vida (nome que dão ao sangue). As suas purgas são perfumadas e fáceis, porque as outras (dizem eles, e não mal) dobram o trabalho ao doente, e verdadeiramente, uma purga das nossas, mais própria parece para matar do que para curar. Também isto é dos chineses que não conhecem cura sangrenta nem penosa.

Tanto na China como no Japão, se usa muito o chá. Não deixa conhecer entre aquela gente o mal do fígado ou pedra. É também certo que livra poderosa e suavemente da opressão do sono, ao que deseja velar, porque abatendo os fumos, alivia a cabeça sem moléstia alguma.

A medicina japonesa obteve do Ocidente a noção dos estudos anatómicos, que lhe teria chegado com o cirurgião jesuíta Luís Almeida (1525–1583/4). Banidos os missionários portugueses, teve porém autorização para ficar Cristóvão Ferreira (1600–1652) a quem chamavam Jap Chuan Sawano, e que criou uma escola (Nambam ryu), mais tarde substituída por uma de cirurgiões holandeses da Companhia das Índias.

Vasconcelos e Menezes
Cap.-m.-g. MN

(Continua)

Cinzas...

Quando eu repousar nesse pinho que
[encerra
As asas do vento na noite e no dia.
Solta, meu amigo, essa hora sombria
Das feras amando nos covis da serra.

Enfeita as manhãs com os hinos de
[guerra.
Põe marés de raiva na concha vazia
dos meus seios de musgo, na vã melo-
[dia.
Do fundo silêncio do ventre da terra.

Recolhe nas mãos os meus gestos
[d'infância
Lembra meu olhar: luares de dis-
[tância.
Espera um momento... pensa em mim
[e vê:

Raízes de dor nos meus braços de
[bruma
Sonhos naufragando nas veias
[d'espuma.
Na campa o meu nome que já
[ninguém lê.

Helena Luísa Miranda Coentro Bonjour
Funcionária da DSEC

(Este soneto obteve o 1.º Prémio nos Jogos Florais de Ponta Delgada)

Voz da Abita

Cartas ao Director

Do "Pezinhos", cabo M recebemos a carta que transcrevemos:

Alfeite, Junho de 1979.

Diz o povo, e com razão, que "cada um é como cada qual"... Eu, por exemplo, apesar deste ar de lobo do mar que me deram os muitos dias navegando pelas sete partidas do Mundo, não passo de um vulgaríssimo piegas que me enterneço, até às lágrimas, com certas coisas que deixam outros completamente indiferentes. Não há dúvida que "quem vê caras não vê corações"...

Vem tudo isto a propósito dum dos números das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades (três coisas demasiadamente importantes para serem comemoradas, "por atacado", num só dia!).

O tal número, que tanto me impressionou, foi o da vinda a Lisboa de seiscentas crianças, nadas e criadas nessa maravilhosa província de Trás-os-Montes.

Não sei quem teve a ideia mas, aqui lhe deixo as minhas mais calorosas felicitações. Só quem conhece as crianças das nossas aldeias e já viveu e pensou como elas, pode avaliar, na sua verdadeira dimensão, o alcance desta iniciativa.

Quando é que passaria pela cabeça de qualquer delas que havia de vir a Lisboa e ver com os seus próprios olhos tantas coisas de que ouvia falar e conhecia apenas das gravuras dos livros de instrução primária?

Os miúdos e miúdas de cada escola, à volta da professora como pintainhos atrás da galinha, todos muito limpos e arranjadinhos, a subir ordeiramente para o "comboio da grande aventura", foi um espectáculo que, mesmo visto só na Televisão, jamais se apagará da mente de quem teve a dita de a ele assistir. Tirar aquelas seiscentas crianças da modéstia do seu viver e mostrar-lhes a face civilizada do mundo, tem realmente um significado transcendente que honra, não só os que tiveram a ideia, mas também os que a tornaram realidade. Na alma pura e ingénua daquelas crianças, nasceu certamente a esperança de uma vida melhor para o futuro. Uma vida em que estejam satisfeitas as necessidades essenciais das populações rurais, deixando de ser preciso emigrar e abandonar a terra em que se foi criado e que está no coração.

Um dos grupos de crianças de Trás-os-Montes (Escola de Montalegre) que visitaram o Museu de Marinha.

Este, foi sem dúvida, e quanto a nós, o melhor e mais significativo número das comemorações do Dia de Portugal (só...), de Camões (só...) e das Comunidades (só...).

Durante anos e anos, aqueles meninos e meninas vão ter muito que contar!

EM DESTAQUE

O 2.º-grumete E n.º 246178, Artur Manuel Gomes, salvou a vida de um homem quando, em uso de licença, se encontrava a pescar na zona do Cabo Espichel. Ao ver que um outro pescador desportivo corria o risco de se afogar, lançou-se à água, apesar das condições de mau tempo que se fazia sentir e, após quase uma hora de luta contra o mar, conseguiu trazer para terra, já inanimado, o outro pescador. Sujeito ao frio, ferido pelos rochedos e esgotado pelo esforço que fizera, ajudou ainda a ministrar os primeiros socorros ao sinistrado. Arriscou assim a própria vida para salvar a de um seu semelhante revelando coragem e espírito de abnegação e humanidade.

(Extraído do louvor que lhe foi concedido pelo comandante do G2EA e publicado na Ordem da Armada).

Recebemos ainda a seguinte correspondencia:

De António Maria da Silva Carvalho, ex-mar. CM, Maputo, Moçambique, uma carta em que pede aos "filhos da escola" e aos amigos que lhe escrevam para Rua de Aveiro, 525 — Unidade F — Bairro Matola — Matola — Moçambique.

—

N. R. — De acordo com a sua carta, ficamos à espera da sua colaboração.

De António de Campos, ex-marinheiro, Rua da Saudade, Praia da Zambujeira — 7630 S. Teotónio, uma carta a lamentar a sua situação de desempregado e a pedir a alguém da Marinha que lhe arranje emprego. Tem 30 anos e carta de condução.

—

Nota do director — Por mim, nada posso fazer mas aqui fica o pedido. Pode ser que resulte.

De Horácio da Saúde Teixeira, ex-gr. n.º 6159, uma carta que transcrevemos:

Como é habitual há 24 anos consecutivos, realiza-se anualmente, no primeiro domingo de Maio, a reunião-convívio do alistamento da Marinha, de 1933.

Este ano teve lugar no dia 6 e, mais uma vez, os "filhos da escola" não faltaram à chamada.

Recordações? Depois de muitos abraços (com lágrimas à mistura), relembrou-se a descarga (feita por nós) das faluas de carvão, a limpeza da piscina, a maca às costas, o isolado... Estás mais velho, estás mais careca ... Como não podia deixar de ser, recordaram-se também as viagens a todos os cantos do Mundo. Um rosário de recordações a evocar o princípio de uma vida cheia de ilusões!

As comemorações do 46.º aniversário do alistamento e do 24.º convívio anual, excedeu todas as expectativas, pois compareceram 80 "filhos da escola" (maior número de sempre) e de algumas esposas, perfazendo um total de 122 pessoas (contando com o mais "marreta", o capelão Delmar Barreiros, "filho da escola" honorário).

As ausências devem-se a motivos imperiosos de alguns, a estarem perdidos na distância dos caminhos do Mundo outros e ao falecimento de uns tantos.

Para os primeiros, vão os desejos de que a vida sempre lhes sorria ao sabor dos sonhos de uma mocidade que tem sempre grandes projectos a cumprir; para os que partiram para sempre e que jamais serão esquecidos, desfolha o alistamento da Marinha de Guerra Portuguesa de 1933 as flores da sua saudade.

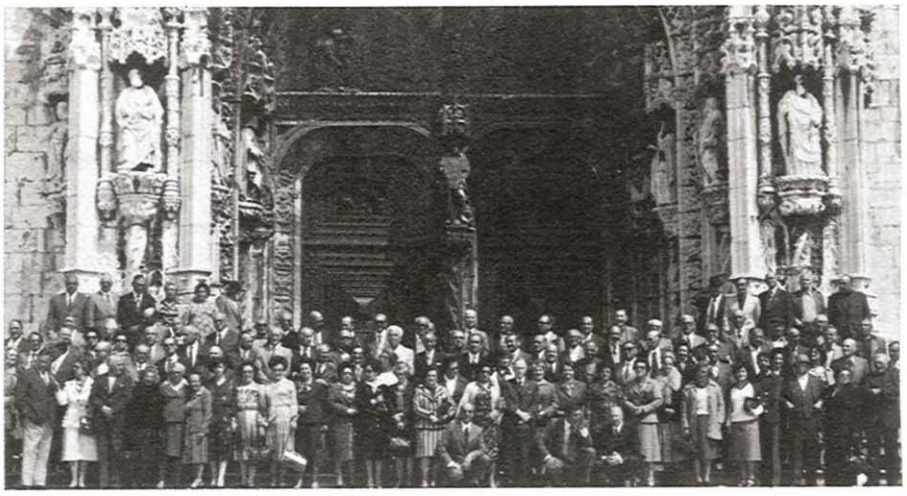
Como sempre, pelas nove da manhã, fez-se a concentração junto ao Museu de Marinha, e pelas dez foi rezada missa de sufrágio por alma dos camaradas já falecidos, na igreja do Bom Sucesso, sendo celebrante o capelão Delmar. As 11.30 horas, no cemitério da Ajuda foi deposta uma coroa de flores na campa do almirante Gago Coutinho, patrono do alistamento.

Seguiu-se o almoço de confraternização no Hotel da Torre, a que presidiu o vice-almirante Sarmento Rodrigues, o qual assistiu a todas as cerimónias.

Usaram da palavra vários oradores, entre eles o signatário (da comissão organizadora), que agradeceu a presença do ilustre almirante que, em seguida, e em excelente exposição, historiou a amizade tradicional dos marinheiros.

Por último, o capelão Delmar pôs em destaque as reuniões de convívio do alistamento de 1933, que há 24 anos se realizam, desejando que sejam um incentivo para os restantes recrutamentos e alistamentos da Armada.

Mais uma confraternização, mais um dia de recordações inesquecíveis, mais um dia que fez relembrar os bons tempos passados na "Briosa". Digam o que disserem, mas a verdade, verdadinha, é que quem foi marinheiro... jamais esquece a Marinha.



De Américo Amaral Fonseca, ex-1.º art., uma carta de que transcrevemos:

Num sábado do passado mês de Maio, integrei-me na excursão que todos os anos realizam os "filhos da Escola" da incorporação de 1947. Iamos nós, antigos marujos, e iam as respectivas consortes.

Às 09.00 da manhã largámos da Doca da Marinha, "embarcados" em quatro autocarros cedidos pelos Serviços Portuários e de Transportes e em vários automóveis próprios, rumo ao Museu de Marinha, que visitámos. Dali, seguimos para Sintra, onde fizemos uma pequena paragem para um aperitivo, continuando por Praia das Maçãs, Azenhas do Mar, Magoito, Ericeira e Mafra. "Invertendo o rumo", regressámos por Paz, Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos, "fundeando" na Quinta da Granja, onde tivemos um opíparo almoço, que se prolongou até meio da tarde, num ambiente de amizade e harmonia tão notório que a mulher de um camarada o resumiu nestas simples mas significativas palavras: "assim, sim, vale a pena"! (...)

De Armando Azevedo Pires, ex-mar. teleg. n.º 9152, da comissão organizadora da 3.ª reunião-convívio do recrutamento da Armada de 1942, dando conta que, no passado dia 26 de Maio, se realizou no Barreiro a confraternização dos "filhos da escola" daquele recrutamento. Após uma missa de sufrágio pelos camaradas falecidos, celebrada pelo capelão do Hospital da Marinha, seguiu-se um almoço que decorreu em ambiente de franca camaradagem. O "filho da escola" Pires agradeceu a presença dos camaradas e familiares e anunciou que o próximo convívio será realizado na Figueira da Foz. Animou a confraternização a fadista Maria da Conceição e os seus guitarristas e um acordeonista.

De António Lopes Ferreira dos Santos, ex-gr. C n.º 192268, de Fanhais, uma carta para regularizar a sua assinatura, e em que dirige, através da Revista, um abraço a todos os "filhos da escola" e aos camaradas que com ele serviram, durante 25 meses, no Comando Naval de Moçambique.

ALUNOS MARINHEIROS DE 1938

Cá voltámos nós, beneficiando da costumada benevolência da "Revista da Armada", para dar a notícia de mais um aniversário do nascimento da "nossa escola", em cujas já reduzidas "fileiras" temos a lamentar, só neste último ano, mais quatro baixas — o Jerónimo, o Vasco ("Carcavelinhos"), o Baltasar e o Manuel Pais.

Naturalmente saudosista, é sempre com profunda mágua que vemos partir qualquer dos que há 41 anos ficaram ligados por perenes laços de amizade, caldeada na grande escola de camaradagem que é a velha "Briosa".

Ao Jerónimo ficámos devendo, além do mais, a concretização da ideia de nos reunirmos anualmente, tendo organizado a nossa primeira confraternização, há perto de 12 anos. Perdôe-se-nos esta nota de tristeza, que poderá parecer descabida numa referência a um almoço de confraternização. A verdade é que ela não destoa com a evocação e homenagem aos saudosos camaradas falecidos.

O convívio teve lugar, mais uma vez, no restaurante do Supermercado da F.N. de Cordoaria, nas Barrocas, onde fomos optimamente recebidos e servidos por pessoal correctíssimo e eficiente, ao qual manifestamos a nossa gratidão.

Conseguimos reunir o maior número de convivas de sempre, 70 pessoas. E tudo correu na melhor ordem e alegria, não obstante a falta (infelizmente para sempre) de alguns "números" a que nos habituáramos. E para o ano que vem, lá estaremos de novo...

Miguel, ex-grumete n.º 7752

Pomo de discórdia

É geralmente chamado "pomo de discórdia" a qualquer coisa que dá lugar a desavenças e mal entendidos.
Qual será a origem disto?
Para o saber teremos que recorrer à Mitologia.

Realizava-se no Olimpo, residência dos deuses da Mitologia, o almoço de noivado de Thetis com Pelan.
Sentados em longa mesa, lindamente decorada, encontravam-se todas as divindades do Olimpo, desde as mais categorizadas às mais modestas.
A abundante e animada refeição era presidida por Júpiter e a sua esposa Juno.
Não foram esquecidos os deuses do Inferno, da Terra e das Águas. Somente a deusa da Discórdia não tinha sido, intencionalmente, convidada com receio de que a sua presença pudesse dar origem a desavenças que perturbassem a harmonia e a cordialidade que reinava entre os convivas.
A deusa da Discórdia que ficara bastante zangada com a falta do convite, jurou vingar-se e proceder de modo que, mesmo ausente, motivasse uma grande questão.
Conhecedora da vaidade feminina, à qual as deusas também não escapam, veio-lhe à ideia atirar para o meio da mesa um pomo de ouro, no qual tinha gravado a seguinte frase: "Para a mais bela".
Logo que ele caiu na mesa, todas as convidadas, sem excepção, se precipitaram para o agarrar, o que equivaleria a deter o prémio da beleza.
Isto deu lugar a grande celeuma e desordem que obrigou à alta intervenção de Júpiter.
Júpiter, deus supremo, afastou todas as concorrentes, à excepção de Vénus, Juno e Minerva e tentou, pessoalmente, apaziguar a contenda por mútuas concessões.
Ilusão: nada conseguia porque, se indicava uma delas, as outras logo protestavam.
Este pomo era o verdadeiro "pomo da discórdia".

Como se resolveu o problema?
A mesma lenda o vai explicar.

Felizmente estava presente o manhoso deus Mercúrio, que era bom conselheiro e que propôs a Júpiter entregar a responsabilidade da escolha a um pastor que conhecia há muito tempo.
Este pastor era Páris. Júpiter concordou e Mercúrio dirigiu-se, numa linda manhã primaveril, com as três

beldades, Juno, Minerva e Vénus, para o monte Ida, onde se encontrava Páris, sentado junto a uma faia, guardando os seus rebanhos e tocando flauta.

Mercúrio apresentou as três beldades competidoras, sem contudo indicar as suas identidades a fim de não o influir na escolha.

Entregou então o pomo de ouro a Páris, dizendo-lhe somente: "Para a mais bela".

Páris fica suspenso e espantado ao ver as três deusas tão lindas e também confuso com a escolha que tem de fazer. A emoção aumenta quando cada uma delas se esforça por captar a sua simpatia.

Juno descendo do seu carro, puxado por dois pavões, é a primeira a apresentar-se.

É uma verdadeira deusa, de porte altivo e de grande esplendor.

Páris, impressionado, estende já o pomo de ouro, mas neste momento, apresenta-se Minerva com o seu traje guerreiro, calma e triunfante, simbolizando a sabedoria e a vitória.

Páris fica hesitante; quase está tentado a cortar o pomo de ouro e entregar metade a cada uma delas...

Mas, aparece Vénus sorridente e desnudada. O seu único adorno é a opulenta cabeleira loira e dourada pelos raios do Sol.

Foi a doçura do seu olhar e a graça da sua figura que determinou a escolha de Páris. Lançando o pomo de ouro aos pés de Vénus, fez dela a deusa da beleza.

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

A calculadora electrónica

Quem hoje em dia desconhece as pequenas máquinas de calcular que cabem num bolso de casaco, algumas atingindo já as dimensões de um isqueiro, e que, tal como os mais potentes e rápidos computadores, efectuam, a velocidades de milisegundos, os mais sofisticados cálculos matemáticos?

Preciosos auxiliares dos estudantes, físicos e matemáticos para quem substituiram as incómodas réguas de cálculo e tabelas impressas, encontram-se hoje em dia espalhadas por quase todos os domínios da actividade humana. Os astronautas da cápsula *Apolo* que efectuou manobras espaciais conjuntas com a nave *Soyuz,* levaram consigo uma pequena máquina de calcular que utilizariam no caso de se verificar alguma avaria no funcionamento do sistema de computadores de bordo. É vulgar ver no estrangeiro as donas de casa fazendo as suas compras e controlando as despesas através de uma pequena calculadora que quase escondem na palma da mão. Os cálculos mais complexos são possíveis com as pequenas calculadoras e, de entre as suas múltiplas aplicações, aqui refiro o cálculo do ponto astronómico de um navio no mar.

Para dar uma ideia da velocidade a que trabalham, imagine-se que, se um matemático quisesse calcular com lápis e papel o valor de 7 vezes a raiz quadrada de 15 elevada ao cubo precisaria de, pelo menos, cinco minutos para alcançar a solução correcta e verificá-la. Numa calculadora, ainda que das mais simples, o resultado exacto (406,663325) aparece imediatamente em algarismos luminosos logo que apertamos as quatro teclas com que se faz a operação.

Fazendo praticamente tudo o que os antigos sistemas de computadores electrónicos de há duas décadas executavam, porém à custa de 20 mil válvulas de vácuo e de grande volumes de equipamento, são 270 mil vezes mais rápidas que aqueles, gastam 300 mil vezes menos energia e têm dez mil vezes menos peças. Com efeito, a aplicação na sua construção das últimas técnicas da miniaturização electrónica baseadas em cristais de silício puro, equivalentes a milhares de transistores, microscopicamente gravados na sua superfície polida como um espelho, e conhecida pela sigla MOS/LSI (semicondutor metal-óxido/integração em larga escala) permitiu que a calculadora de há 10 anos atrás, constituída por 500 transistores, 1200, diodos, 1300 resistências, 280 condensadores, 14 tubos NIXIE e um imponente transformador, e que apesar disso não executava mais que as quatro operações, fosse hoje em dia possível apenas com um circuito integrado, um razoável transformador e um tubo video. Além da redução em volume de componentes, obtém-se uma muito maior velocidade de execução e maior capacidade de memória, e uma eliminação quase absoluta de riscos de avarias resultantes de más soldaduras ou de componentes defeituosos.

Ainda que seja praticamente impossível de escrever sobre o funcionamento exacto e o esquema dos novos circuitos integrados, analisemos a constituição geral de uma pequena calculadora em que ressaltam três partes essen-

ciais: o teclado, o mostrador e o calculador ou cérebro. Analisemos detalhadamente cada uma destas partes:
O TECLADO — é através dele que o calculador ou cérebro recebe os sinais do utilizador. Estes referem-se aos algarismos e às funções que a máquina pode executar. Os primeiros teclados eram constituídos por um imã que se deslocava diante de um relé do tipo "REED".
Estes relés são pequenas ampolas contendo duas lâminas metálicas no vácuo, de tal modo que, quando o imã passa em frente das lâminas, atrai uma e o contacto produz-se É um sistema caro e actualmente apenas utilizado em calculadores científicos de escritório.
Aparecem a seguir os teclados de tecla compacta constituída por uma placa de baquelite sobre a qual se imprimem dois traços de cobre. Pressionando a tecla, um ressalto provoca o contacto desses dois traços.
A terceira categoria de teclado que apareceu é muito diferente das precedentes. Com efeito, até ao presente produzia-se um contacto perfeito, tendo uma resistência nula. Este novo tipo de teclado é composto por um index, um ressalto, uma pastilha de carbono moldada em borracha e um circuito impresso, efectuando-se o contacto pela presença da pastilha sobre o circuito impresso.
Existe ainda um quarto tipo de teclado utilizado nomeadamente nos calculadores de bolso. É constituído por uma pequena película de filme plástico, dobrado em duas partes, e sobre a qual é impresso o circuito em carbono. Uma folha em plástico virgem separa as duas partes do filme, a fim de evitar os maus contactos. Por simples pressão do filme, estabelece-se o contacto.
Em qualquer dos casos, sempre que uma tecla é accionada, é electronicamente impedido o funcionamento de qualquer uma das outras.

A APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS — quatro tipos de amostragem visual dos dados foram já tentados:

- o tubo NIXIE foi o primeiro processo utilizado mas depressa superado pois exigia uma tensão elevada e complexidade de ligações;
- algum tempo depois apareceu o tubo DIGITRON que sobre o tubo NIXIE apresentava a vantagem de exigir uma tensão de alimentação mais fraca;
- os diodos emissores de luz possibilitaram a construção dos mostradores LED que apresentam os algarismos iluminados. Estes diodos tornam-se luminescentes quando percorridos por uma corrente eléctrica;
- actualmente desenvolvem-se as calculadoras com mostradores de cristais líquidos.

Mo caso de máquinas dotadas de dispositivos de impressão, existe o respectivo bloco impressor composto de 5 partes distintas:

- o motor que impulsiona o cilindro de impressão e os respectivos suportes de caracteres;
- a alimentação e "contrôle" do motor que lhe permite executar certas funções: velocidade constante, paragens, arranques, etc.;
- o cilindro de impressão;
- os electroimans que comandam os martelos de impressão e o sistema de paragem;
- o sistema de detecção que permite ao calculador determinar a posição do cilindro.

O CALCULADOR — é o cérebro da máquina; é ele que retém os dados, comanda, julga ou decide das operações a efectuar.
É constituído por registos, contendo cada um, um certo número de *flip-flops.*
Os *flip-flops* não são mais que circuitos binários, isto é, que podem apresentar-se em dois estados ou condições: o estado em que existe tensão eléctrica e a que, por convenção, se associa o dígito 1; o estado sem tensão a que se convencionou atribuir o valor 0.
No interior do calculador, os dígitos decimais são representados em código binário nos registos, os quais não são mais que um conjunto de *flip-flops,* cada qual podendo assumir um dos seus dois estados:

Representação decimal	Representação binária
0	0000
1	0001
2	0010
3	0011
4	0100
5	0101
6	0110
7	0111
8	1000
9	1001

São pois necessários 4 *flip-flops* para representar um dígito decimal, e designam-se por F1, F2, F3, F4; assim, para registar, por exemplo, o decimal 5, os *flip-flops* teriam os estados seguintes:

F1 = 0, F2 = 1, F3 = 0, F4 = 1.

Para uma calculadora que represente 8 dígitos decimais, torna-se pois necessário um registo de $8 \times 4 = 32$ *flip-flops.*
Normalmente o calculador dispõe de 3 registos tendo todos a mesma constituição: 2 resgistos para cálculos e 1 para amostragem do resultado (mostrador).
O calculador apenas efectua duas operações básicas: adição e subtração. As multiplicações e divisões são conseguidas por adições e subtrações sucessivas.
Assim, multiplicar 123 por 45 equivale a
- adicionar 123 por cinco vezes,
- adicionar 1230 por quatro vezes,
- adicionar os dois resultados.

Na verdade, esta simples multiplicação exige 36 etapas e pode ser realizada no tempo máximo de 30 milisegundos.
Para funções trigonométricas ou matemáticas complexas, criaram-se mini-programas que se ligaram ao calculador por circuitagem adequada, de modo a reduzir os cálculos da multiplicação e divisão.
Nestas condições, o número de circuitos é muito importante, e somente o recurso à microelectrónica permitiu

reduzir consideravelmente o número dos componentes.

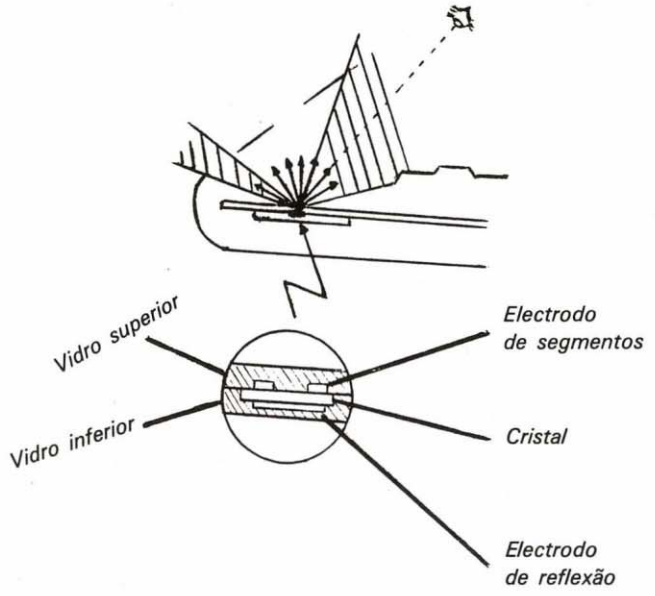
OS CRISTAIS LIQUIDOS — o avanço da tecnologia dos circuitos integrados (constituintes do miolo do calculador) contribui para a fabricação de outros meios de restituição de resultados, diferentes dos tubos e diodos electroluminescentes que eram demasiado volumosos e que requeriam tensões de alimentação muito elevadas. Trata-se dos cristais líquidos.

Um cristal é um composto orgânico que se apresenta no estado sólido e que, sob o efeito do calor se torna líquido, apresentando então dois estados distintos: anisotropo e isotropo.

O estado anisotropo é atingido à temperatura de fusão, e mantém-se até a um determinado limite de temperatura. Enquanto se mantém nesta gama de temperatura, o líquido torna-se transparente e adquire a propriedade da dupla refracção. Passada a temperatura limite, o *cristal líquido* entra no estado isotropo e fica opaco.

Os dois sistemas mais vulgarizados de cristais líquidos são o sistema DSM (Dynamic Scattering Mode) e o sistema FEM (Field Effect Mode).

O sistema DSM pode conceber-se de acordo com o esquema seguinte, em que se dispõe de uma película de *cristal líquido* entre duas placas de vidro com dois electrodos.



Aplicando uma tensão aos electrodos, a temperatura aumenta provocando a opacidade do cristal e apresentando o caracter no écran.

Um desses electrodos é de reflexão e o outro, designado por electrodo de segmentos, serve de máscara para a composição dos caracteres.

No sistema FEM, mais moderno que o DSM, a cédula de *cristal líquido* é sempre formada por duas placas de vidro e dois electrodos a cujo conjunto se associam dois filtros polarizados (ver o esquema seguinte).

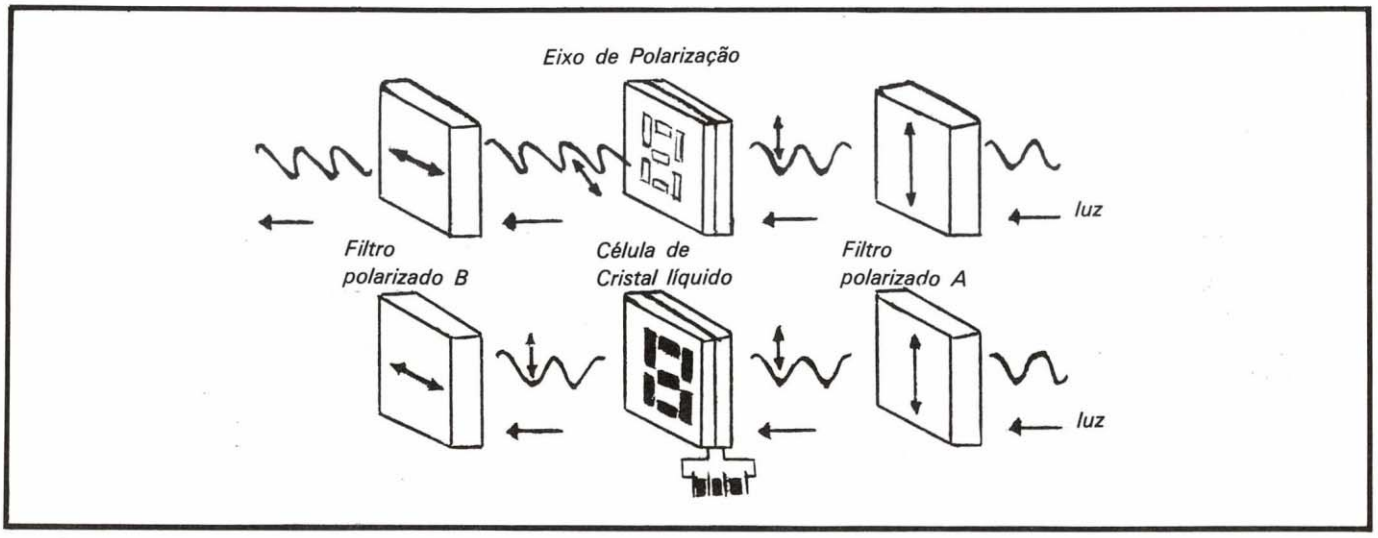
Graças ao filtro A, a luz transmitida polariza-se verticalmente. Se a célula do *cristal líquido* não estiver sob tensão, a luz polarizada passa através da célula e polariza-se horizontalmente. O filtro B, polarizado horizontalmente, deixa passar a luz, e o *cristal líquido* fica brilhante e, portanto, invisível ao olho. Aplicando uma tensão na célula, a luz polarizada pelo filtro A mantém o mesmo eixo de polarização mas, neste caso, a luz não pode atravessar o filtro B pelo que o *cristal líquido* fica escuro representando o caracter.

As pequenas calculadoras estão em fase de plena evolução; os cristais líquidos e a microelectrónica têm permitido a construção de modelos quase irreais. Trazer no pulso um relógio que, além da sua função básica, é também cronómetro, cronógrafo, despertador, máquina de calcular e calendário, tornou-se banal se bem que ainda não se encontre ao alcance de todas as bolsas.

Porém, as pequenas calculadoras de 6—4 cm com relógio e despertador, já se adquirem no estrangeiro por menos de mil escudos e começaram a invadir o mercado nacional a preços verdadeiramente aliciantes.

Onde chegaremos neste campo?

Pinto Madeira
Cap.-ten. AN



Treino físico de aplicação militar o que é—para que serve

Tal como nos referimos ao treino físico geral (TFG), falámos também de treino físico específico (TFE).
É àcerca de um dos aspectos do TFE que hoje faremos algumas considerações.
Enquanto que o TFG, tal como o nome indica, visa sobretudo um desenvolvimento tanto quanto possível harmónico de qualidades como a força, resistência (sobretudo aeróbica), coordenação, flexibilidade, equilíbrio, o TFE diz respeito ao treino físico dirigido e orientado "especificamente" para determinadas qualidades físicas, tipos de movimento ou gestos, os quais se pretendem exercitar de uma forma mais intensa. Daí resultará uma maior eficiência desses gestos e movimentos e também um menor gasto de energia na sua execução.
Assim, poderemos conceber e realizar grupos de exercícios destinados a operários de uma linha de montagem de automóveis, a pedreiros, a trabalhadores navais, etc. Da mesma forma existem tipos de exercícios destinados a militares.
Será fácil conceber uma sessão de treino físico específico dirigida a um soldado de infantaria, piloto de avião ou elemento de guarnição de um navio de guerra.
Neste último caso, o TFE dirigido a militares, designa-se por treino físico de aplicação militar.
Este tipo de treino, destina-se sobretudo ao exercício dos gestos e movimentos mais frequentemente realizados por cada militar, na sua actividade normal ou possível. Creio que é conceito generalizado que a aplicação militar se destina exclusivamente ao Exército e aí, com maior incidência para a Infantaria. Tal conceito é errado. Tal como o infante, também o piloto, o marinheiro ou qualquer outro militar, necessita de treino físico de aplicação militar.
No caso da Armada podemos distinguir rapidamente quatro tipos de aplicação militar:

— Destinado a guarnições de navios;
— Destinado a unidades de fuzileiros;
— Destinado a unidades de mergulhadores;
— Destinado a unidades em terra, não operacionais.

Todas estas situações necessitam de um treino físico específico, de acordo com as exigências que o seu pessoal tem, em termos de movimento, e não só. A aplicação militar, para além do treino físico, visa também o treino psíquico nos seus mais variados aspectos: desenvolvimento do espírito de decisão, da coragem, do hábito de superação de obstáculos, criação de resistência psicológica. Tal tipo de treino é efectuado através da criação de situações difíceis sob o ponto de vista psicológico, as quais, o militar terá de superar. Como é óbvio, essas situações serão criadas em maior ou menor número e com maior ou menor intensidade, de acordo com o tipo de actividade normal.

A pista de lodo representa uma das provas de aplicação militar da Escola de Fuzileiros...

... o salto do jeep também.

No caso concreto dos fuzileiros, poderemos citar como exemplo de provas de aplicação militar, a execução da pista de lodo e de combate, a natação utilitária, etc.
Todas estas provas visam claramente o desenvolvimento da capacidade do fuzileiro, de superar situações possíveis de encontrar nas missões que lhe podem ser cometidas.
Da mesma forma existem exercícios destinados a guarnições embarcadas. Por exemplo, remo em botes, natação utilitária e de salvamento, etc.
Este tipo de treino físico exige, sobretudo, instrutores devidamente formados e capacitados para orientar uma sessão de trabalho. Caso não se cumpra esta condição, não será possível a sua execução de uma forma séria e consciente.
Uma sessão de treino de aplicação militar mal orientada poderá ter consequências graves e muitas vezes irreversíveis. Creio que, dadas as suas características, haverá toda a vantagem em fomentar o treino físico de aplicação militar, no âmbito da Armada.

Loureiro Nunes
1.º-ten. FZ

Port
e a sua M

(...) Não se nega nem sequer se põe em dúvida que o país sabe quanto o estabelecimento, a conservação, o desenvolvimento da nacionalidade devem à Marinha. No coração dos portugueses está profundamente enraizado o amor aos seus marinheiros, que tão longe projectaram Portugal no mundo e no conceito do mundo, sendo imorredouro o orgulho nacional de terem sido eles que rasgadamente abriram as portas à Renascença, cortando com as quilhas das caravelas as águas do Mar Tenebroso.

Corre de geração em geração o carinho espiritual pela Marinha, tão vivamente, tão espontaneamente manifestado no entusiasmo com que as multidões vibram perante as exibições navais, desembarques e paradas, conservando-se a marinharia tão firme no temperamento do país como nas épocas da grandeza. Mas este patriótico sentir provém do instinto essencialmente marítimo, do requintado sensualismo do mar, de tradições já nebulosas — sem conhecimento equivalente dos actos relevantes da Marinha, da mestria por que tem sido admirada em todos os mares do mundo, dos sacrifícios dos seus navegadores e guerreiros, heroísmos de todos os tempos, alto contributo prestado nas empresas de que mais nos ufanamos.

Portugal e a sua Marinha constituem uma síntese, um todo inseparável.

Na fundação da nacionalidade, as armas navais são restritas; mas, logo na tomada de Lisboa, a sua acção muito se faz sentir, colaborando com os cruzados.

No reinado de Afonso III, a mudança definitiva da corte para Lisboa, grande porto, um dos primeiros da Europa, esboça o pensamento da raça, de expansão para o mar.

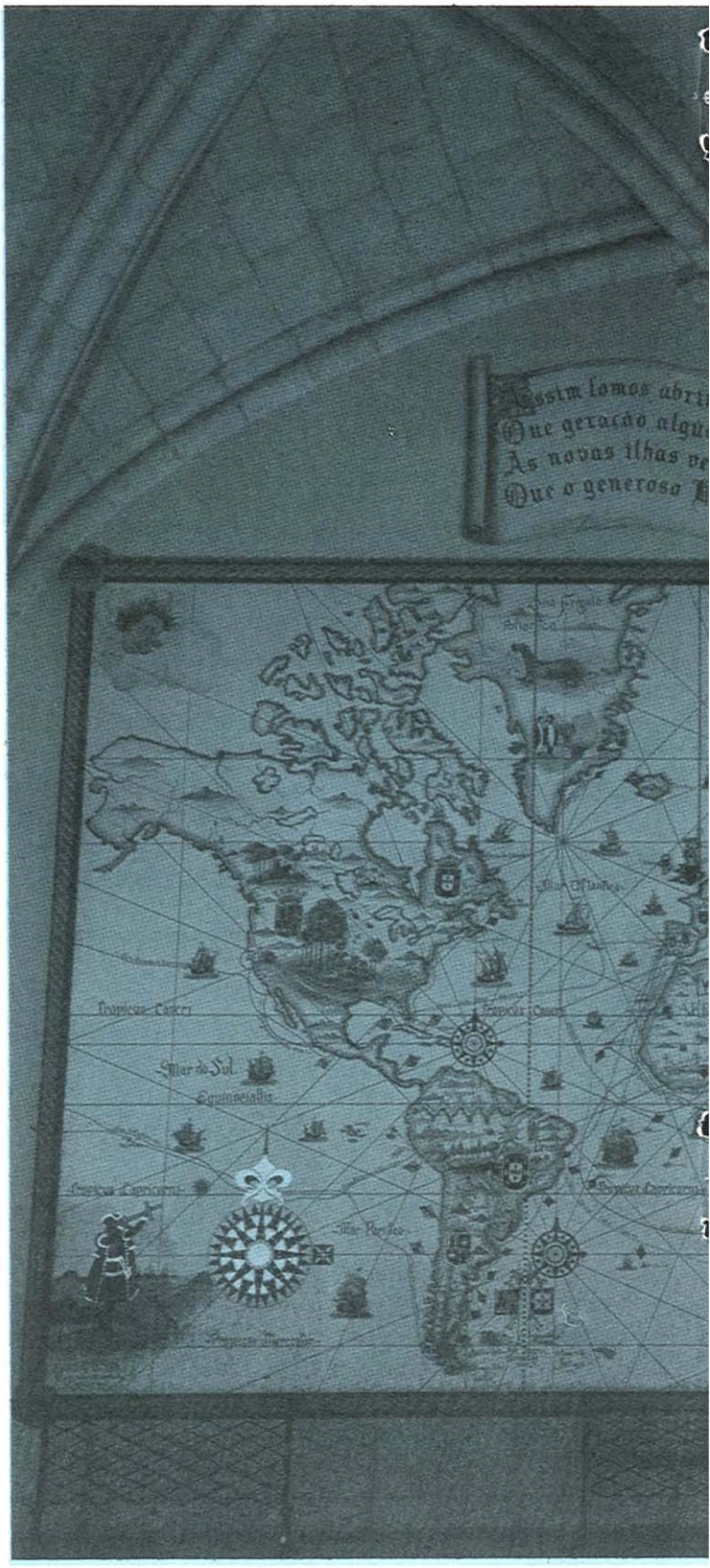
Afonso IV, com a frota já poderosa que herda, desenvolve o comércio marítimo, estabelece a defesa regular das águas territoriais contra a pirataria mourisca, inicia as expedições.

Ao alvorecer da segunda dinastia, a Esquadra aparelhada no Porto vindo sobre o Tejo, forçando o bloqueio castelhano e conseguindo abastecer a capital e salvá-la da fome e da rendição é facto histórico do maior relevo da Marinha, porque foi essa Esquadra que permitiu a presença do Mestre de Avis em Aljubarrota.

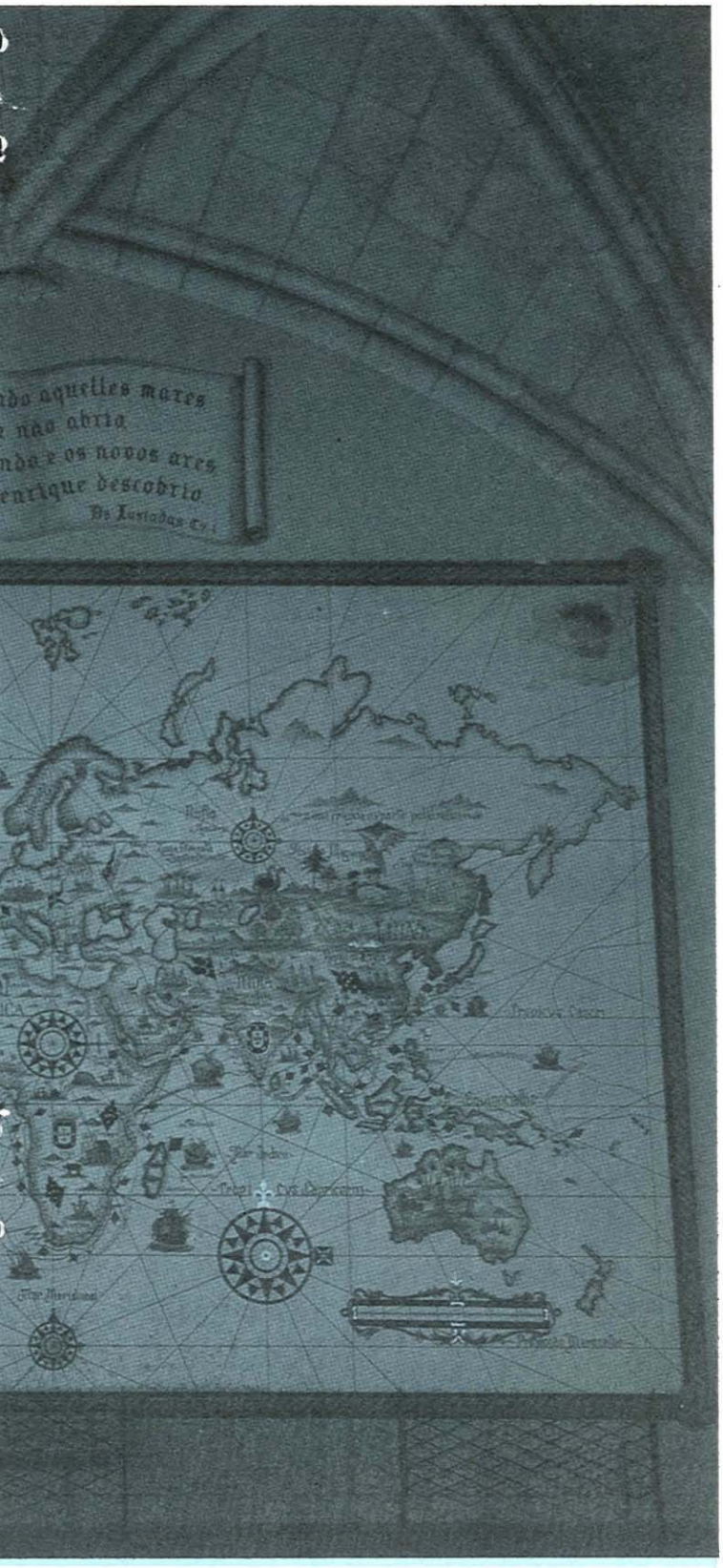
Com Afonso V, chega-se à Terra Nova e ao Equador, e para a conquista de Arzila mais de 450 velas se armaram.

O Príncipe Perfeito muda o nome do Cabo das Tormentas para Cabo da Boa Esperança e a epopeia naval em marcha alcança o almejado Oriente, sonho do imortal Infante D. Henrique, e vai às Terras de Santa Cruz, o dourado Brasil.

Os grandes capitães da Índia são cabos de guerra em terra e no mar, e as Armadas constituem os seus mais fortes esteios.



ugal
Marinha



O primeiro e segundo estadistas eminentes que ali governam, definem logo com surpreendente visão e perfeita destrinça dois tipos de sistema colonial. O viso-rei D. Francisco de Almeida firma-se no domínio do mar, deixando a terra livre ao tráfego interior, seus usos e costumes. Albuquerque garante a liberdade do comércio marítimo através da conquista de pontos estratégicos; catequiza e conquista espiritualmente a terra firmando a presença portuguesa por laços de sangue.

É com as Armadas que a espada de Albuquerque traça o Império Português do Oriente — Ormuz, Goa, Malaca — e é ainda nas Armadas que apoia o seu genial plano de gigante — criar a raça luso-indiana para dominar a Índia pelo coração. Projecta, sem ter no entanto possibilidade de concretizar, o desvio de um braço do Nilo a comunicar o Mar Vermelho com o Mediterrâneo e destruir em Meca o túmulo do profecta, acabando com a seita de Mafona.

A coragem e a audácia imortalizaram os marinheiros da ocidental praia lusitana *que assombram o Oriente e o mundo no apogeu dos descobrimentos, em pleno século de Leão X, que tão profundamente ensanguentou a Europa com as lutas religiosas, ao passo que as naus de Portugal alargavam os horizontes da ciência, do comércio e da civilização.*

Camilo Porcio, no notável discurso em que pede a Leão X a união dos príncipes da cristandade contra o inimigo comum, o turco, oferece 12 000 homens de D. Manuel, sob o comando do duque de Bragança, para a conquista da Casa Santa em Jerusalém, e faz-lhe larga narração da tomada de Malaca, terminando em dizer por dúvida haverá quem cuide serem obra de mãos de homens os feitos dos portugueses na Índia tendo por capitão o esforçado Afonso de Albuquerque.

E estes feitos, tidos por sobrehumanos, foram feitos essencialmente navais, feitos da Marinha, com os seus navegadores-guerreiros — sobre esse pulso de ferro na conquista e coração de ouro que, na volta de Malaca, do naufrágio da sua nau "Frol de la Mar" carregada de ricos despojos, só trouxe nos braços uma criança de condição escrava que a ele se pegara por se salvar, *e tal no governo da Índia, que por muitos anos levou os índios ao seu túmulo, a implorar que das Armadas do Céu a cujo comando Deus o chamara lhe mandasse justiça.*

D. João III dá largo desenvolvimento à Marinha e ao comércio do Brasil e do Oriente — mas começa aí a concorrência estrangeira — e Portugal e a Espanha de Carlos V têm de pôr Esquadras de protecção nas águas litorais e no Atlântico.

De então em diante, não menos se oferece à admiração universal a destemida resistência, a inabalável firmeza

com que a Marinha faz frente a esses povos do Norte da Europa que tumultuosamente invadem as nossas possessões e infestam os nossos mares, a pilhar as naus da Índia e do Brasil cujas cargas valem para cima de um milhão de cruzados e cujo valor guerreiro, em número de unidades e apetrechamento, é inferior ao dos atacantes — e isso porque, é bom não esquecer, a Marinha suporta ao mesmo tempo a avidez desenfreada da própria nação pelo tráfego das especiarias, que torna cada vez mais precária a solidez das construções, a aparelhagem, o armamento, até a própria união no mar, e portanto a segurança dos navios e das vidas.

Mas, através de todas as vicissitudes, incluída a da perda da independência, a Marinha resiste sempre e mantém sempre a expansão colonial, que justifica a continuidade histórica da pátria portuguesa.

Apesar do declínio, sobretudo em relação aos armamentos com que se confronta, ainda entre o século XVIII e o século XIX a vida da Marinha é movimentada — comboios de 120 e 130 navios entram e saem do Tejo fortemente escoltados, um deles por 6 naus, 4 fragatas e 3 bergantins. Navega-se por toda a parte, combate-se no Oriente, na Europa, no Brasil. Gomes da Silva, com a nau de viagem e dois mercantes, todos três carregados com o cintado debaixo de água, perfazendo 380 homens e 60 bocas de fogo, destroça, pouco depois de sair a barra da Aguada, a frota dos maratas que o atacam com 19 navios, 223 peças e 1770 tripulantes. Canto e Castro, na sua pequena corveta, apresa ao Sul do Tejo, em circunstâncias do maior risco, dois velozes e bem armados corsários franceses. Cândido Sequeira nos mares dos Açores, comandando uma fragata, abate rijamente a ousadia de outra grande fragata inglesa que pretende reconhecê-lo. Costa Quintela, nas águas brasileiras, a bordo duma corveta de 24 caronadas, bate-se com a fragata francesa "Chiffone", de 44 peças, até ficar em paus reais e, recebendo do inimigo as mais altas atenções da guerra, entra na Baía em guindolas (velas improvisadas) mas de flâmula a topear. Cooperámos luzidamente com Nelson no Mediterrâneo em Gibraltar, Malta, Nápoles, Palermo. Aí, sobressai a figura explêndida do marquês de Nisa, grande almirante, um dos primeiros da época e os seus oficiais e marinheiros não invejam a nenhuns outros. Dessa Esquadra combinada, da Inglaterra e de Portugal, destaca para Tripoli a nau "Afonso de Albuquerque" que, só por si, vence, pelejando até com os próprios escaleres, as baterias da terra, e obriga o paxá à paz com Portugal.

Sustentámos Esquadras autónomas na Europa, no Atlântico e na Índia, que muito pesaram no xadrez da política.

Enquanto os lenhos do Indostão com os da Negrícia flutuavam por mares distantes *constituindo só eles o poder marítimo, Portugal consegue ombrear e preponderar. A passagem da madeira para o ferro e a passagem da vela para a máquina é que levavam a Marinha a uma situação de dependência da indústria naval estrangeira.*

Submetida à escassez de armamento, a Marinha prossegue, contudo, em patriótica actividade, a prestar ao país os mais relevantes serviços.

É ela o elemento primordial e incansável que nas colónias — no mar, nos rios, em terra, no interior até — subjuga, pacifica, ocupa, civiliza, administra e governa, e em todas as grandes campanhas, da Guiné, de Angola, de Moçambique, da Índia, toma lugar proeminente.

É formidável a sua obra colonial — operações de soberania e operações de fomento: a hidrografia, a farolagem, a balizagem, os serviços dos portos e das pescas, toda a fiscalização das águas marítimas e interiores. Descobre e levanta os planos de barras e rios, desvenda e topografa as redes fluviais. Na Guiné, onde, segundo o dizer de um oficial de marinha que a governou, navega-se por toda a parte, *não fica fio de água desconhecido, outro tanto sucedendo na região mesopotâmica de Quelimane.*

Criado o distrito independente do Congo, deve-se à Esquadrilha que o primeiro governador, Neves Ferreira, para ali leva da Inglaterra, em que entra um navio de vela de alto porte, o rápido desenvolvimento das belas povoações litorais que se estendem do Ambrizete até o Zaire, e a de Cabinda, com a pedra levada do Lobito e a cal de Benguela.

É Neves Ferreira que introduz as lanchas-canhoneiras no serviço colonial. A breve trecho, esses pequenos barcos sobem por toda a parte as artérias da África a mostrar a bandeira, a efectivar o domínio, a desenvolver, a catequizar.

A repressão da escravatura, não pôde dar a Marinha mais humanitária e generosa persistência por tão largos anos, em caça aos navios negreiros, nos pequenos esconderijos das costas, nos numerosos cóios moçambicanos, travando lutas sempre arriscadas com os esclavagistas índios, com os próprios traficantes negros.

E, se assim tem sido nas colónias, também na Europa é incontroversa a extrema dedicação da Marinha em todos os ramos que lhe pertencem. Ainda não há muito, o seu prodigioso labor na Grande Guerra, tão duro e cheio de perigos como brilhante de sacrifícios e de glória, está à vista, imperecível na alma da nação, e se mais não consegue fazer foi porque não tinha com quê.

Na curva descendente, inflexões se têm desenhado aonde em onde — e são bem notáveis as que se ligam aos nomes de Martinho de Melo, Mendes Leal, Jacinto Cândido, e outros até aos nossos dias.

A frota de Portugal, de guerra e mercante, jamais deixou de sustentar o magnífico orgulho das tradições do mar, suprindo a pequenez do poderio com a competência, a galhardia, a audácia elegante dos grandes marinheiros, que têm contado entre si incontestados príncipes da marinharia.

É o facto histórico, sem igual noutra marinha, essa manobra delicadíssima da nau "Príncipe Real" que levava D. João VI para o Brasil, e em pleno Oceano, sob vento galerno e mar grosso, perante o assombro de duas dezenas de milhar de espectadores tripulantes de mais de trinta naus, fragatas e transportes, recebe de lais para lais com a "Hebernia", capitânea da Esquadra inglesa de conserva, o presente de frescos que o seu Almirante, lord Sidney Smith, desejou oferecer a Sua Alteza.

É de tempos recentes o transporte "Cabinda", deitando mais de 12 milhas de bolina, com o pano todo em cima, debaixo dos tornados do golfo da Guiné e de Angola, sob os comandos de Manuel de Azevedo Gomes e de António José Veloso; a "Diu", comandada pelo primeiro destes,

passando sem farolagem e em noite escura o extenso e difícil estreito de Simonosaki no Japão, e navegando à vela dentro do atravancado porto de Hong-Kong com tal perícia e denodo, que o Almirante inglês chamava por sinais a atenção dos seus navios sempre que Azevedo Gomes ali manobrava.

E deixamos de fazer referência a épocas mais próximas, porque nos queremos limitar aos que não são já desta vida. Os nossos cronistas encararam sempre de modo sucinto o lado naval da nossa história, outro tanto sucedendo com historiadores e autores, e sendo por demais resumidas a literatura que se tenha ocupado da Marinha com feição narrativa e de propaganda instrutiva — àparte os "Quadros Navais" do Almirante Celestino Soares, primeiro publicados em folhetins na imprensa jornalística e depois coleccionados — obra sem competidores no género em qualquer outra língua do mundo, que electriza ortodoxos e profanos, cuja leitura rescende a alcatrão e água salgada, a pólvora e ao sangue das abordagens. (...).

A síntese que apresentamos, escrita pelo almirante Jaime Afreixo, serviu de prefácio à "História da Marinha Portuguesa", de que se publicou, em 1940, o primeiro (e único) volume — "Da nacionalidade a Aljubarrota".

Representa ela o relato sucinto da acção da Marinha ao longo dos seus quase mil anos de existência, do seu labor, suas tradições e seus feitos, os quais não constam nas obras vulgares da história de Portugal, dado que *os nossos cronistas encararam sempre de modo sucinto o lado naval da nossa história, outro tanto sucedendo com historiadores e autores, e sendo por demais resumidas a literatura que se tenha ocupado da Marinha com feição narrativa e de propaganda instrutiva.*

Talvez, por ser ainda recente, ela não refere um notável feito histórico dos portugueses, ocorrido no presente século, que foi a 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul, em 1922, o qual foi o acrescentar de mais uma página de glória na História de Portugal e da sua Marinha.

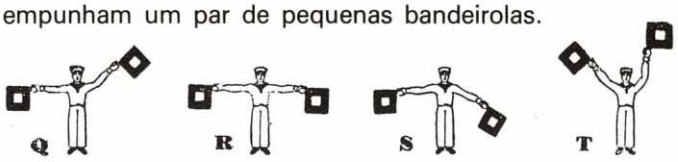
Mais recentemente, é também digna de nota a acção da Marinha nas guerras do Ultramar e, em especial, a dos navios "Afonso de Albuquerque" e "Vega", aquando da invasão dos territórios da ex-Índia Portuguesa.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Terminologia Naval

HOMEM DO LEME — Praça da marinhagem que vai ao leme do navio, governando-o sob as ordens do oficial de navegação ou do oficial de quarto.

HOMÓGRAFO — Sistema de sinais para comunicações a pequenas distâncias, em que as letras e sinais correspondem à posição relativa dos braços dos operadores que empunham um par de pequenas bandeirolas.



HORIZONTE COMPRIDO — Horizonte de grande alcance que se verifica nos dias de muita boa visibilidade.

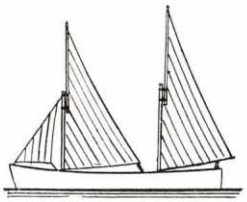
HORIZONTE DE MAR — Linha dos confins do mar que a vista alcança e na qual se parecem encontrar o céu e o mar.

HORIZONTE DE TERRA — Círculo limite de um lugar terrestre que a vista abrange em todas as direcções e em que se parecem juntar o céu e a terra.

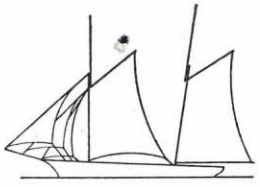
HORIZONTE GROSSO — Horizonte fortemente escurecido por nuvens ou neblina.

HORIZONTE SUJO — Horizonte indefinido ou tapado por nuvens, chuva, neblina ou névoa.

HOUARI — Armação de embarcações, principalmente baleeiras, que consta de duas velas de baioneta e uma vela de estai, podendo ainda dispor de outras auxiliares. Nome da embarcação armada deste modo.



IATE — Embarcação latina, de dois mastros, sem mastaréus, tendo o grande maior caimento para ré e dispondo por vezes de uma vara de combate para içar a bandeira; à proa, dispara o pau da bujarrona. Foi um tipo de embarcação costeira muito utilizada no serviço entre os portos do país, principalmente no transporte de sal de Setúbal, e que foi desaparecendo, substituído pela navegação motorizada.



IÇAR A BEIJO — Içar o máximo possível. Içar até que a peça de poleame inferior fique a tocar a superior ou o mais perto possível dela. Içar a tope.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Os três selos que ilustram este apontamento constituem a emissão subordinada ao tema "Deficiente Mental Cidadão com Direitos", que foi posta em circulação no passado dia 6 de Julho.

Tema realmente aliciante, merecia, em nosso entender, ser tratado com motivos mais objectivos, uma vez que os exemplares que completam este conjunto nada dizem, a não ser a quem saiba ler, do que pretendem referir. Como sempre, irão atravessar fronteiras, mas não serão entendidos pela maioria dos filatelistas estrangeiros e mesmo entre nós dificilmente irão alertar quem quer que seja para um problema dramático, o que se lamenta, dado que foi precisamente essa intenção que motivou a série.

A deficiência mental é efectivamente grave, com todo o seu cortejo de consequências. Segundo estatísticas internacionais, é em Portugal um problema de extensão e profundidade tão avassaladoras que não pode deixar de ser conscientemente

assumido como uma tragédia permanentemente renovada.

A extrapolação dessas estatísticas, nomeadamente as da Organização Mundial da Saúde, indica que em cada cem crianças que nascem, três vão ser deficientes mentais e ainda que, no nosso país, cerca de 300 mil cidadãos são portadores, em graus diversos, de deficiências que higienistas internacionais admitem numa percentagem de 50% como tendo origem em causas hoje perfeitamente controláveis e evitáveis.

A reflexão sobre este facto obriga a concluir que é na prevenção da deficiência que as sociedades devem fazer o maior esforço, exigência que em Portugal se mantém totalmente por satisfazer.

Sabido como é, que a deficiência mental uma vez instalada não tem mais possibilidades de ser medicamente curada, há que pensar na pessoa inserida na sociedade, nos seus privilégios e deveres, respeitando-a na sua dignidade e encarando-a como ser livre.

BRASILIANA 79

Conforme ficou estabelecido quando da realização da PORTUCALE 77, a 3.ª Exposição Mundial de Filatelia Temática realiza-se este ano no Brasil, mais concretamente no Rio de Janeiro, e será designada por BRASILIANA 79.

Terá, como é habitual nestes certames, o patrocínio da Federação Internacional de Filatelia, cabendo a organização e realização ao Clube Filatélico do Brasil e à Associação Brasileira de Filatelia Temática.

Será inaugurada em 15 de Setembro e estará patente ao público até ao dia 23 do mesmo mês.

Simultaneamente, a organização realizará a 1.ª Exposição Inter-americana de Filatelia Clássica, o que dará ao certame maior grandiosidade.

Os coleccionadores portugueses, como seria de esperar e segundo julgamos saber, irão ter presença significativa, não sendo possível todavia e neste momento fazer-lhe referência, o que ficará para outra ocasião.

REGISTO

Parece-nos que ao longo do ano que decorre, se tem verificado um número apreciável de certames filatélicos, desde modestas mostras até exposições de maior projecção e nível, o que dá a entender que os coleccionadores portugueses procuram cada vez mais demonstrar que é uma autêntica realidade a maior e mais rápida evolução dos nossos filatelistas.

Além destas estão anunciadas outras mais, o que registamos com muita satisfação, aproveitando este ensejo para felicitar todos os que a elas estão ligados quer em organização e realização quer em participação.

Para os que, por desconhecimento de regras ou qualquer outra razão, ainda desta vez não puderam ou quiseram participar nestas manifestações, uma palavra de estímulo e a sugestão de no futuro aproveitarem essas realizações, pois as suas presenças permitem a obtenção de melhores

conhecimentos não só pela apreciação directa como pelo contacto com coleccionadores e outros filatelistas mais avançados que nós e que, estamos certos, esclarecerão os interessados. Temos para nós que, nada melhor que esses locais para aumentar os nossos conhecimentos ou desfazer dúvidas que tantas vezes nos assaltam.

A.P.F.T. — ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FILATELIA TEMÁTICA

Esta associação está a comemorar o 10.º aniversário da sua existência com um programa vasto e variado onde pontificam, como era de esperar, manifestações diversas inseridas no nosso "hobby".

Destas, destacamos a IBEREX 79, Exposição Filatélica Luso-Espanhola, aberta a todos os filatelistas do Norte de Portugal, de Espanha e, naturalmente, a todos os associados da colectividade em festa.

À A.P.F.T. que durante a sua existência muito tem feito e prestigiado a filatelia portuguesa — recordamos a propósito a PORTUCALE 77 — endereçamos as nossas maiores felicitações e os melhores votos de que continue no mesmo rumo, que foi afinal o que a guindou à projecção internacional de que hoje muito justificadamente disfruta.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Poesia
a quadra popular

De entre todos os géneros poéticos, a quadra em redondilha maior é, indubitavelmente, o que melhor acolhimento houve no gosto popular. Daí, muita boa gente a considerar uma forma menor de poesia o que, a nosso ver, constitui julgamento apressado e superficial. É um facto que a quadra de cinco sílabas métricas (redondilha menor) é, digamos, pouco harmoniosa; soa aos ouvidos como tropel, como melodia apressada. A de sete sílabas (redondilha maior), pelo contrário, ganha uma musicalidade densa, tange uma linha melódica capaz de impressionar os ouvidos mais duros. Isto sem esquecer o facto relevante de tal género poético encerrar em si mesmo, em tão poucas palavras, proposições e conceitos tão belos que bem têm merecido a melhor atenção de grandes poetas e escritores de língua portuguesa. No Brasil, por exemplo, o interesse pela quadra levou, inclusive, à criação da União Brasileira de Trovadores, organismo que dirige e disciplina vários concursos de trovas e jogos florais.

A quadra é caracterizada, nas línguas românicas, por uma divisão segundo a rima. Assim, a quadra de rima perfeita (os versos rimando dois a dois) é chamada de literária, enquanto a que apenas rima no segundo e quarto versos se designa de popular. Curiosamente, os intelectuais brasileiros fogem de algum modo a esta diferenciação, chamando a primeira de trova e a segunda de quadra popular, acentuando com nitidez o fosso existente nas regras. Em nosso modesto entender, tal diferenciação surge um tanto como artificialismo "intelectualóide" pois, literária ou não, a verdadeira dimensão definidora da quadra está no seu pendor popular e nas emoções que nos transmite, sem quaisquer artificialismos. Atente-se nesta quadra extraordinariamente bela, de uma beleza toda etérea e delicada, de António Nobre, o malogrado autor de "Só":

Nossa Senhora faz meia
Com linha branca de luz
O novelo é a lua-cheia
As meias são p'ra Jesus

A par da beleza, é evidente o gosto popular da quadra; daí, o não considerarmos importante a tal separação. A corroborá-lo está a quadra seguinte, sem rima perfeita, mas de enorme expressividade poética, de Correia de Oliveira:

Sino, coração da aldeia
Coração, sino da gente
Um a sentir quando bate
Outro a bater quando sente

De resto, um dos maiores poetas repentistas portugueses de sempre, António Aleixo, que nem por esse repentismo deixou de intuir nos seus belos poemas a correcção gramática típica dos poetas naturais, confirma a nossa opinião pois, com ou sem rima perfeita, as quadras de Aleixo são, essencialmente, voz e gosto populares. Vejamos uma das mais conhecidas quadras de António Aleixo:

Sei que pareço um ladrão...
Mas há muitos que eu conheço
Que sem parecer que o são
São aquilo que eu pareço

De notar que esta quadra aparece publicada, também, com o terceiro verso ligeiramente diferente, *Que sem parecer o que são*, forma quanto a nós menos aceitável, pois a intuição de Aleixo, como se disse, fazia-o ul-

trapassar com facilidade os obstáculos gramaticais, os quais surgem evidentes na forma ressalvada do terceiro verso, por este conter oito sílabas métricas, o que nem por facilmente eliminável por elisão, torna menos aconselhável a outra forma adoptada, quanto a nós mais a carácter com o próprio poeta. Mas vejamos outra quadra de Aleixo, menos conhecida, igualmente de rima completa, cujo conceito é, além de muito profundo, de invulgar beleza:

Um homem sonha acordado
Sonhando, a vida percorre
E deste sonho dourado
Só acorda quando morre

Ultrapassando um pouco o cariz algo didáctico até agora imprimido a este trabalho, mergulhemos mais objectivamente no cerne do que nos propusemos: a abordagem da poesia popular através da quadra. Assim, e quase como sequência natural da poesia de António Aleixo, apreciemos a quadra seguinte, do poeta barreirense João Liberal, autor de quatro notáveis livros de poesia, retrato do seu permanente e actuante humanismo:

Em cada instante que passa
Na vida que Deus nos deu
É bom pensar na desgraça
De quem nunca a mereceu

A quadra popular é uma constante na criação da maioria dos intelectuais portugueses, independentemente da sua maior ou menor nomeada. Vejamos, de Fausto Pereira Leal, ensaista, poeta e grande bibliógrafo, uma quadra cujo trocadilho resulta excepcionalmente feliz:

No mar da vida se chora
Choro é soluço ao vento
A chorar se ri por fora
A rir se chora por dentro

Também um outro trocadilho, patente numa formosa quadra do médico e poeta brasileiro Virgílio D'Assumpção, membro da Academia Mineira de Trovas, confirma como na quadra se pode dizer muito em poucas palavras, tanto no campo pontual da beleza intrínseca como, principalmente, em qualidade humana e social, o que se verá com singular linearidade nas várias quadras expostas no transcorrer deste trabalho. Mas debrucemo-nos sobre a quadra, a todos os títulos notável, de Virgílio D'Assumpção:

Responde tu, que já viste
O pranto nos olhos dela
Se é a beleza que é triste
Ou a tristeza que é bela

Um dos temas mais glosados pelos cultores da quadra popular é, sem dúvida, o amor. Dada a exiguidade do discurso, apenas vinte e oito sílabas métricas, desenham-se neste género poético, vibrantes ou plangentes, ternos ou audaciosos, com marcante nitidez, conceitos de tal perfeição, que vulgar é despertarem profundas emoções estéticas em quem quer que os ouça ou leia. De Lima Nobre, poeta algarvio muito premiado em torneios literários, apreciemos a seguinte quadra de amor:

Neguei-te amor por vaidade
Ou por maldade... nem sei!
Agora tenho saudade
Desse amor que te neguei

E ainda dentro do tema amor, do amor maternal, avaliemos a belíssima quadra que se segue, da renomada poetisa Maria Natália Miranda, autora da algumas das letras das "Marchas de Lisboa", bem como do excelente livro de poemas "Madrugada":

Oh minha mãe, minha amiga
Vaso da minha afeição
Seara de que sou espiga
E espiga de que sou grão

Outra das constantes presentes na quadra popular é a crítica, seja ela a atitudes, gestos ou defeitos humanos e sociais. A vaidade e a toleima são aceradamente abordadas nas posições criticantes da quadra. E convenhamos que conseguir uma crítica objectiva em apenas quatro versos de sete sílabas exige, forçosamente, um poder de síntese que, por si só, pode definir um bom poeta da quadra. Essa qualidade está exuberantemente demonstrada nesta quadra de Luís Santos Costa, poeta penichense com certo renome nos meios trovadorescos do Brasil:

Quando passas, frente em arco
Toda arrogante, emproada
Lembras a vela dum barco
Vento, só vento, mais nada

Na linha desta quadra está a que se segue, da autoria de Manuel Abrantes, poeta oriundo da Beira Alta, decerto o mais premiado de todos os criadores portugueses do género quadra popular:

És bonita, não duvido
Mas não te esqueças, beldade
Que a beleza de um tecido
Não define a qualidade

Ainda do mesmo autor, e dentro do espírito da crítica social, a fazer lembrar flagrantemente António Aleixo, apresentamos de seguida uma quadra de alcance e construção excelentes — tal como a anterior primeiro prémio em concurso literário:

O homem que não se torça
A qualquer imposição
Tem como razão de força
Toda a força da razão

A quadra popular projecta-se em inúmeros campos, levando, por norma, uma mensagem de beleza, de amor ou de crítica a misérias ou grandezas humanas. No âmbito da reprovação de certas formas vivenciais, ou certos hábitos negativos dessa mesma vivência, apresentamos uma magnífica quadra de Ferrer Lopes, poeta lisboeta muito conhecido nos meios literários brasileiros, o qual é credor de muito reconhecimento pelos esforços atinentes a um maior e mais actuante intercâmbio literário luso-brasileiro. Com alguns livros de poesia publicados, dos quais destacamos "Trovas Lusas", Ferrer Lopes tem sido declamado em várias emissoras de rádio brasileiras, de entre as quais Rádio Globo. Mas vamos à quadra:

A semente da mentira
E da calúnia também
Gira num mundo que gira
Na lama que o mundo tem

Ainda próximo do espírito desta quadra, mas numa opção, digamos, mais cautelar, vejamos uma interessante quadra de Elisa Maçanita, distinta poetisa algarvia de rara sensibilidade,

muito premiada em diversos torneios literários:

Quem quiser andar contente
E ser, na vida, feliz
Não diga tudo o que sente
Mas sinta tudo o que diz

Mas nem só temas sérios, por vezes pesados, são fonte de inspiração. Também o humor, quase sempre malicioso, surge frequentemente na quadra popular, coisa sempre desejável desde que não primária ou grosseira. Vejamos, no campo da malícia bem humorada, uma bem conseguida trova do poeta e grande contista brasileiro Colbert Rangel Coelho:

Menina, por caridade
Não me tentes. Tenho medo
Num homem da minha idade
Coração não é brinquedo

E por aqui nos quedamos, embora muito mais se pudesse dizer sobre tão aliciante tema, mesmo no âmbito desta publicação, se não fosse curto o espaço e restrita a fonte imediata onde beber tantas outras quadras, de outros tantos poetas, que tão gritantemente atestam o génio e o jeito poético dos portugueses em particular e dos latinos e latinos-americanos em geral. De qualquer forma, ao decidirmos tomar este tema, quisemos homenagear nos nomes e quadras expostas uma actividade literária que mal ultrapassa o nível limitado dos jogos florais, não obstante a sua aceitação popular e a valia real deste género poético, ao qual grandes nomes da nossa literatura têm dado muito da sua atenção.

A. Santos Coentro
1.º-ten. SE

Numismática e Medalhística

A unidade monetária "Escudo" fez 68 anos (I)

Com a revolução de 5 de Outubro de 1910 que veio pôr fim ao regime monárquico que até então nos governou, o *real* foi substituído pelo *escudo* no sistema monetário do nosso país.

Equivalente a 1000 réis (1$000) o ESCUDO foi dividido em 100 CENTAVOS.

Em 23 de Maio do corrente ano, o ESCUDO comemorou portanto o seu 68.º aniversário.

Mas, vejamos o que se passou aquando da sua criação em 1911, de acordo com a publicação da INCM "Legislação sobre moedas na vigência do regimen Republicano":

SECRETARIA GERAL

O nosso actual systema monetario apresenta grandes defeitos, que tornam indispensavel a sua substituição. Estes defeitos referem-se principalmente á unidade monetária, ao toque das moedas de ouro e prata e ao material, peso e dimensões das moedas de 20, 10 e 5 réis. É o que vamos ver em seguida, indicando ao mesmo tempo as modificações convenientes.

A nossa unidade monetaria, o real, tem um valor muito pequeno, nada parecido com os valores das unidades monetarias dos diversos paises, geralmente iguaes ou superiores a um franco. Desta circunstancia resulta ser necessario empregar um grande numero de algarismos para representar na escrita uma quantia, mesmo relativamente pouco importante, o que tem o duplo inconveniente, de originar grandes perdas de tempo e induzir os estrangeiros em erro, na apreciação dos valores expressos em moeda portuguesa. Para remediar este inconveniente, propomos que se adopte como nova unidade monetária o escudo *de ouro, moeda que conterá o mesmo peso de ouro fino que a actual moeda de 1$000 réis em ouro, à qual será portanto inteiramente equivalente. O* escudo *dividir-se-há em 100 partes iguaes, denominadas* centavos, *correspondendo assim um* centavo *a 10 réis do actual systema. Como multiplos do* escudo, *cunhar-se-hão moedas de 2, 5 e 10* escudos, *todas de ouro, as quaes equivalerão evidentemente ás actuaes de 2, 5 e 10 mil réis; e como sub-multiplos, moedas de prata do valor legal de 50, 20 e 10* centavos *que corresponderão respectivamente às actuaes moedas de 500, 200 e 100 réis, e moedas subsidiárias de bronze-niquel, do valor legal de 4, 2, 1 e 0,5*

centavos *correspondentes respectivamente à antiga moeda de 40 réis, e às actuaes moedas de 20, 10 e 5 réis. Além d'estas moedas, cunhar-se-hão ainda moedas de prata do valor legal de um* escudo.

O systema de moedas que acabamos de mencionar remedeia o inconveniente acima apresentado; além d'isto, é manifesto que a sua adoptação não envolverá quaesquer dificuldades, mesmo para as pessoas menos ilustradas. Nisto consiste uma das suas grandes vantagens.

As nossas actuaes moedas de ouro e as de prata de 500 e 1$000 réis teem o toque de 916 2/3 por mil; e as de 50, 100 e 200 réis o de 835. Hoje quasi todos os paises adoptam o toque de 900 para as moedas de ouro e para as de prata de grandes dimensões, e o de 835 para as restantes moedas de prata. A propria Inglaterra adoptou o toque de 900 para as moedas de ouro do Canadá, pela lei de 4 de Maio de 1910. Alem d'isto, experiencias diversas, sobretudo as feitas na Casa da Moeda de Paris, teem mostrado que as ligas de 900 e 835 são superiores à de 916 2/3, sob o ponto de vista do desgaste produzido pela circulação, circunstancia esta de grande importancia economica. Por estes motivos, fixaremos em 900 millesimos o toque das moedas de ouro e dos escudos *de prata e em 835 millesimos o das moedas de 50, 20 e 10* centavos.

Apesar de serem de toques diversos, a actual moeda de 1$000 réis em ouro e o escudo *de ouro conteem, como dissemos, a mesma quantidade de ouro fino, tendo assim lugar as correspondencias acima ennunciadas. Podemos ainda notar que a libra esterlina, cujo curso legal se acha autorizado no nosso país, vale no novo systema monetario 4,5* escudos, *ouro, relação tambem muito simples e inteiramente equivalente á actual relação em réis.*

As actuaes moedas de bronze de 20, 10 e 5 réis são muito volumosas e pesadas. Convem, por isso, substitui-las por outras mais pequenas e de outra liga, á semelhança do que se está fazendo nos diversos paises. Propomos para isso o emprego de uma liga de bronze e nickel na razão de 75 % e 25 % respectivamente. Esta liga, muito semelhante à de cobre e nickel empregada nalgumas das nossas actuaes moedas de 50 e 100 réis, tem bom aspecto, não se oxida e resiste bem ao desgaste da circulação; alem d'isto, é economica, porque nos permite aproveitar o bronze das actuaes moedas de 20, 10 e 5 réis e o nickel existente na Casa da Moeda.

AFAC

(Continua)

Reportagem

Milícia da Calheta — 1817.

EXPOSIÇÃO SOBRE A HISTÓRIA MILITAR DO FUNCHAL

Organizada pelo Comando da Zona Militar da Madeira, com a colaboração da Secretaria Regional da Educação e Cultura, dos Serviços Culturais da Câmara Municipal do Funchal e do Museu da Quinta das Cruzes, esteve patente ao público, no átrio do Município funchalense, nos últimos dias de Maio e em Junho último, a 1.ª Exposição do Museu Arquivo Histórico-Militar da Madeira.

O certame, que reuniu 40 objectos e documentos, cuja temática versava a evolução da espingarda e os uniformes, principalmente os que foram utilizados naquele arquipélago, tinha como objectivo essencial sensibilizar a população local pelo assunto, de forma a permitir a recolha e pesquisa de elementos para a montagem daquele Museu.

FISCALIZAÇÃO DA PESCA E REPRESSÃO DO CONTRABANDO

No mês de Maio passado, unidades navais do Comando Naval do Continente, em patrulha nas águas sob jurisdição portuguesa da responsabilidade daquele Comando, em serviço de fiscalização da pesca e na repressão do contrabando, procederam à identificação de diversos navios de que resultou o apresamento de 20 embarcações, das quais treze de nacionalidade espanhola, por infracções à regulamentação da pesca, tendo sido entregues às autoridades marítimas para o procedimento devido. Por ter sido detectada em atitude suspeita na costa do Algarve, dentro das águas territoriais, foi também entregue às autoridades marítimas uma embarcação de recreio de nacionalidade estrangeira.

DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES

No dia 10 de Junho último, em Trás-os-Montes — cidade de Vila Real —, decorreram as festividades comemorativas do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades. Tiveram principalmente características populares, sendo presididas pelo Presidente da República.

Na sessão solene de encerramento, o general Ramalho Eanes, no seu discurso, abordaria essencialmente o problema dos emigrantes portugueses, aos quais dirigiu uma mensagem. Na mesma cerimónia, além de outros oradores, falou também o prof. Vitorino Magalhães Godinho que, numa brilhante exposição, exaltou "Os Lusíadas" e os emigrantes.

Nesta reunião, a que assistiram importantes entidades políticas e civis e altas patentes das Forças Armadas, foram condecoradas várias personalidades ligadas aos mais diversos ramos de actividades. Assim, entre outros, receberam condecorações: o prof. Bento de Jesus Caraça, a título póstumo, a grã-cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada; os escritores Fernando Namora e Vergílio Ferreira, o grau de grande oficial e o pintor Abel Manta, o grau de comendador daquela Ordem; os coronéis João e Francisco Sarmento Pimentel (o primeiro ausente no Brasil), a grã-cruz da Ordem da Liberdade; o prof. Silva Horta, o grau de oficial da Ordem da Instrução Pública. Também, nas diversas comunidades lusíadas espalhadas pelos quatro cantos do Mundo foram agraciadas entidades que se têm distinguido nas suas actividades.

A Armada participou nas comemorações, enviando três unidades navais — a fragata "Comandante Roberto Ivens" e as corvetas "Afonso Cerqueira" e "Baptista de Andrade" — junto das comunidades portuguesas de França, Alemanha e Canadá.

SESSÃO NA ACADEMIA DE MARINHA

Nas instalações do Museu da Marinha, em Belém, realizou-se, no dia 11 de Junho passado, uma sessão da Academia de Marinha destinada a celebrar a viagem de circum-navegação do navio-escola "Sagres", recentemente efectuada.

Presidiu o respectivo presidente, vice-

-almirante Sarmento Rodrigues que, ao abrir a sessão, saudou todos os presentes, tendo palavras de especial apreço para os organizadores e intervenientes na reunião, nomeadamente os vice-almirantes Dias Martins, Garcez de Lencastre, Bustorff Guerra e Ramos Rocha, contra-almirante Cardoso Tavares, capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, capitães-de-fragata Martins e Silva e Cavaleiro Ferreira e tenente Armando Ferrão. Recordou que esta famosa viagem teve a sua origem na patriótica insistência da comunidade luso-americana da Califórnia, especialmente os organizadores do Festival Cabrilho, em San Diego, a cuja comissão preside a professora Mary Rosa Giglitto que, de há anos para cá, tinham a grande aspiração de ter presente o belo navio nas solenidades de Cabrilho, a realizar na última semana de Setembro de cada ano. Ficou a dever-se ao almirante Souto Cruz, então chefe do Estado-Maior da Armada, a decisão da presença da "Sagres" no Festival Cabrilho de 1978 e depois a continuação da viagem à volta do Mundo, visitando essencialmente comunidades de cultura portuguesa. Como a organização desta histórica viagem tinha sido confiada ao vice-almirante Bustorff Guerra, a ele ficou a pertencer a orientação da sessão da Academia. Usou então da palavra aquele almirante que falou sobre o planeamento da viagem, a sua execução e resultados alcançados.

Seguidamente, o capitão-de-fragata Martins e Silva, comandante da "Sagres", fez uma larga exposição sobre os vários aspectos da viagem, referindo-se à nevegação efectuada no Atlântico, no Pacífico, no mar da China, no Índico, na mar Vermelho e no Mediterrâneo, citando as adversidades encontradas devido ao mau tempo, aos horários a cumprir e à escassa autonomia para longas tiradas. Citou ainda os objectivos principais da viagem, entre os quais a instrução dos cadetes do curso "Afonso de Paiva" sobre aspectos de técnica marinheira, social e protocolar; referiu que a bordo se encontravam também alguns cadetes de S. Tomé e de Angola e alunos convidados das Academias do Exército e da Força Aérea, dos Pupilos do Exército e do Colégio Militar. Citou depois os contactos com os emigrantes ou comunidades de cultura por-

tuguesa, começando por La Guaira (Venezuela).

Para as escalas de Ensenada (México) e San Diego usaram da palavra os almirantes Cardoso Tavares e Garcez de Lencastre e comandantes Teixeira da Mota (que participou num colóquio sobre história marítima) e Cavaleiro Ferreira.

O comandante da "Sagres" retomaria então a sua narrativa sobre as escalas de S. Francisco, Vitória e Vancouver, tendo o almirante Ramos Rocha feito a sua intervenção sobre a escala em Honolulu, no Hawai.

O capitão-de-fragata Martins e Silva referiu o reforço ou restabelecimento de laços históricos e culturais, mencionando Casablanca, Dakar, Port of Spain, Cartagena e Acapulco, tendo feito uma intervenção especial o almirante Dias Martins a respeito das escalas de Tóquio e Nagasaky.

Na continuação do seu importante relato, o comandante da "Sagres" referiu a visita a Macau e Hong-Kong, a Malaca e Colombo, a Mormugão e Bombaim, tendo feito a propósito emocionantes descrições e comentários.

Foi ainda dada a palavra ao tenente Armando Ferrão que apontou o relevo dado à viagem pelos órgãos de comunicação social, nacional e estrangeiros.

A sessão terminou no meio de grandes aplausos da numerosa assistência que manifestou o desejo de que nova reunião fosse realizada, para desenvolvimento de alguns aspectos apresentados e que são de grande interesse nacional.

2.º FESTIVAL DAS BANDAS MILITARES

Repetiu-se no Porto, nos dias 20, 21 e 22 de Junho passado, o Festival de Bandas Militares, integrando concertos sinfónicos e ou espectáculo

militar, vulgarmente conhecido por "Tatoo" ("Taptoo" era a ordem dada pelo preboste sueco para os soldados de cavalaria de Gustavo Adolfo sairem das tabernas).

As seis bandas (Armada, Exército, Força Aérea, Guarda Nacional Republicana, Guarda Fiscal e Polícia de Segurança Pública) competiram com os acordes suaves e os ribombantes sonares dos seus instrumentos em peças sinfónicas de difícil execução, num vasto reportório de Wagner a Lenon e McCartney. A Banda da Armada interpretando Joly Braga Santos, Vianna da Motta, Borodine e Julius Fucik entusiasmou o público que se dirigiu ao Teatro Rivoli e se não cansou de aplaudir.

No espectáculo de encerramento, que quase encheu o Estádio das Antas, apresentaram-se as bandas referidas, os Corpos de Fuzileiros e de Pára-quedistas, um grupo da Escola de Formação de Sargentos de Lamego e o Centro de Instrução de Cães, esquadrão de motos, charanga a cavalo e parte do esquadrão montado da G.N.R. do Porto.

Num ritmo permanente, as várias corporações desfilaram em campo toda a sua alegria, destreza, organização e disciplina, numa cor variante que galvanizou cerca de 65 mil espectadores.

Os números da Banda da Armada e do pelotão auto-comandado do Corpo Fuzileiros foram dos mais vibrantemente aplaudidos.

Estiveram presentes o general Ramalho Eanes, na sua qualidade de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, os presidente da Assembleia da República, primeiro-ministro, ministros da Administração Interna e das Finanças, comandantes-gerais da G.N.R. e da G.F., membros da Comissão Parlamentar de Defesa, governador civil e presidente da Câmara Municipal do Porto, bispo do Porto, comandantes da Região Militar e do Departamento Marítimo do Norte, etc.

A realização e concepção do Festival esteve a cargo da Divisão de Relações Públicas do E.M.G.F.A.

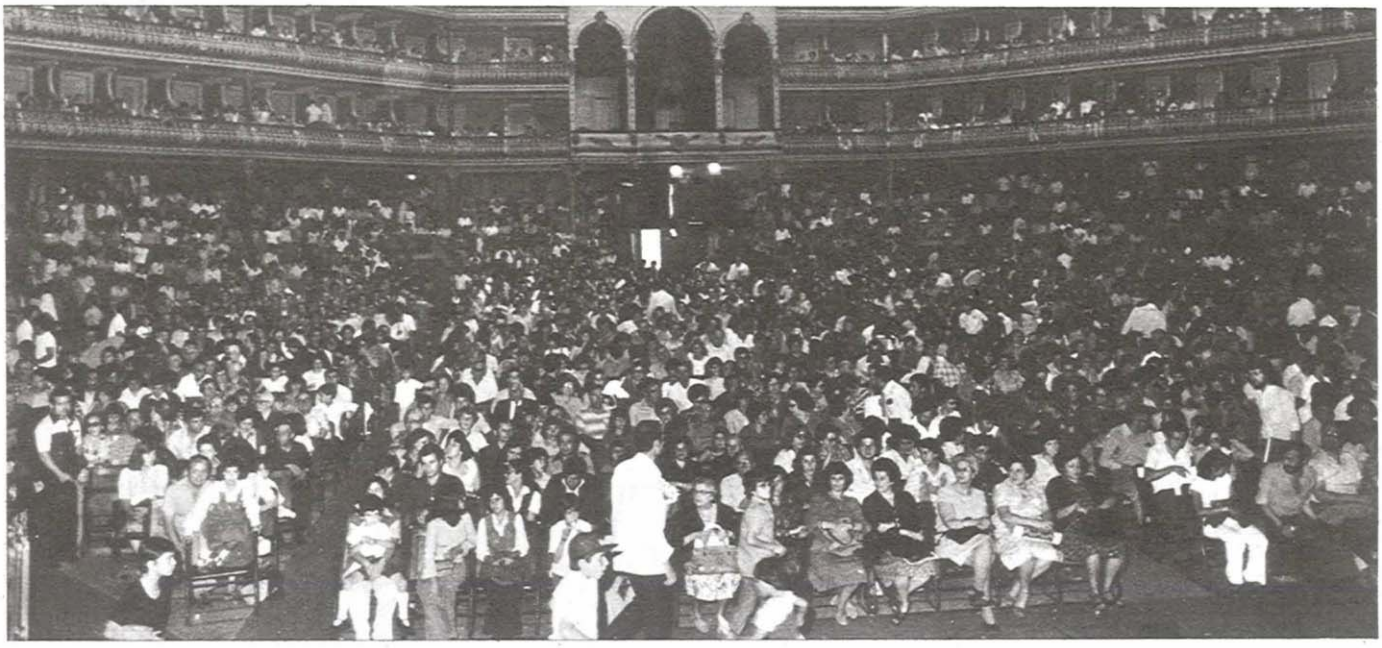
NOVO EMBAIXADOR DO BRASIL

O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu, no dia 26 de Junho findo, em visita de cumprimentos, o novo embaixador do Brasil, dr. Dário Castro Alves, que se fazia acompanhar do adido naval da Embaixada daquele país, capitão-de-mar-e-guerra Almiro Correia.

CONCURSO DE DESENHOS DE ESTUDANTES QUE VISITARAM O PLANETÁRIO GULBENKIAN

A semelhança dos anos anteriores, realizou-se no Planetário Calouste Gulbenkian mais um concurso de desenhos executados por estudantes. Foram apresentados 535 e seleccionados 11.

No dia 28 de Junho último, efectuou-se uma reunião-convívio em que, após uma curta sessão no Planetário e a apresentação dos desenhos, foram oferecidas lembranças aos estudantes distinguidos.



FESTA NO COLISEU DOS RECREIOS

Para assinalar a passagem do Dia da Marinha, as direcções do Clube Militar Naval e do Clube do Sargento da Armada levaram a efeito, no dia 30 de Junho findo, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, um espectáculo de variedades dedicado aos seus associados e familiares, em que colaboraram diversos artistas, fadistas, um rancho folclórico, um grupo coral e a Banda da Armada.

Quarto de Folga

BARALHADA LITERÁRIA

Propositadamente, estão trocados os nomes próprios e os nomes literários destes escritores e poetas a quem as letras portuguesas muito devem.
Quer entreter-se a pôr cada nome no seu lugar?

MIGUEL TORGA — António Martinho do Rosário
TEIXEIRA DE PASCOAIS — João Baptista da Silva Leitão
JULIO DINIZ — Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos
EUGÉNIO DE ANDRADE — José Maria Reis Pereira
RICARDO REIS — Joaquim Guilherme Gomes Coelho
JOSÉ RÉGIO — José Fontinha
BERNARDO SANTARENO — Adolfo Correia da Rocha
ALMEIDA GARRETT — Fernando António Nogueira de Seabra Pessoa.

(Solução no próximo número)

SEASA

ARITMOGRAFIA

	−		+		= 2
−	■	+	■	−	■
	+	8	−		= 3
+	■	−	■	+	■
	−		−		= 2
= 8	■	= 9	■	= 2	■

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

(Solução no próximo número)

M. Horta
Sarg.-aj. L

CONCURSO N.º 95

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

M	E	D	I	T	E	R	R	A	N	E	O	B	I	N	G	R	O
O	R	M	E	D	I	B	T	I	T	C	B	E	R	G	O	N	G
R	R	P	Ã	O	I	G	N	G	R	H	A	R	A	A	N	S	O
T	G	V	L	I	G	U	R	I	A	O	C	I	T	L	A	B	J
O	O	E	R	L	H	O	N	H	L	T	H	N	N	A	O	G	F
L	A	M	A	R	E	L	O	C	O	B	E	G	E	U	T	I	R
I	L	I	R	L	M	L	R	I	R	F	C	A	T	B	L	A	A
G	E	U	C	A	S	P	T	O	C	I	R	B	A	T	N	A	C
U	T	S	E	D	J	A	C	K	H	D	K	D	A	I	C	A	A
T	P	A	O	N	V	E	R	F	L	H	O	U	I	R	A	N	S
P	R	R	S	A	F	O	K	H	O	T	S	K	A	R	S	M	P
I	B	R	I	L	Ã	N	L	T	K	H	C	I	L	E	N	S	I
O	G	E	N	R	L	F	R	I	C	O	L	A	N	N	O	T	O
H	V	O	C	I	T	A	I	R	D	A	R	L	M	O	R	L	S
L	U	R	J	A	T	I	R	C	I	T	D	R	I	A	M	N	L
E	T	A	N	T	I	L	H	A	S	T	L	A	N	R	A	I	O
M	I	O	O	P	S	M	N	S	O	C	T	B	A	N	I	H	C
R	I	R	R	A	J	A	P	Ã	O	A	A	R	I	C	R	A	O
E	S	T	T	B	R	I	C	Ã	N	N	O	A	A	L	E	L	S
V	C	N	E	T	A	T	I	T	O	R	G	E	N	C	H	I	O

No emaranhado de letras que apresentamos estão mencionados os nomes de 15 mares do globo terrestre. Procure-os em todos os sentidos, menos obliquamente.

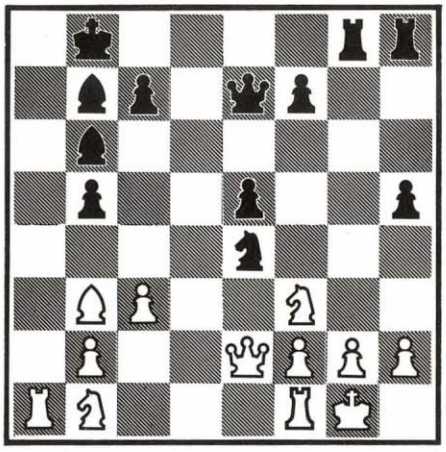
Alguns dos nomes estão escritos de forma invertida.

(Solução no próximo número)

B. Carreira
Cap.-m.-g.

XADREZ

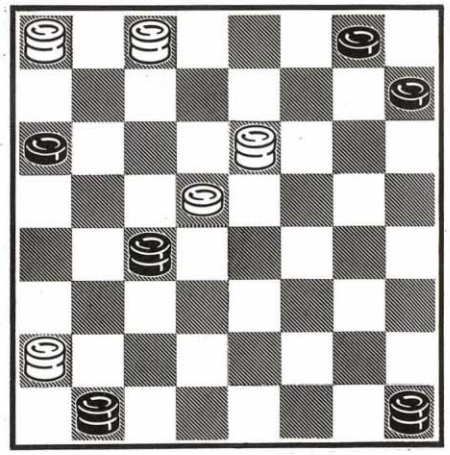
(Solução no próximo número)



As pretas jogam e ganham.

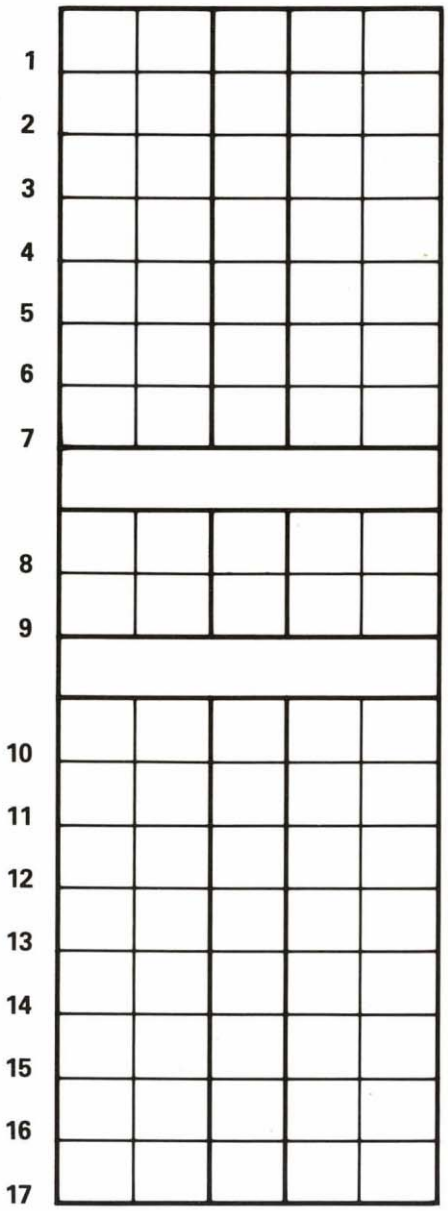
DAMAS

(Solução no próximo número)



Jogam as brancas e ganham.

PILHA DE PALAVRAS



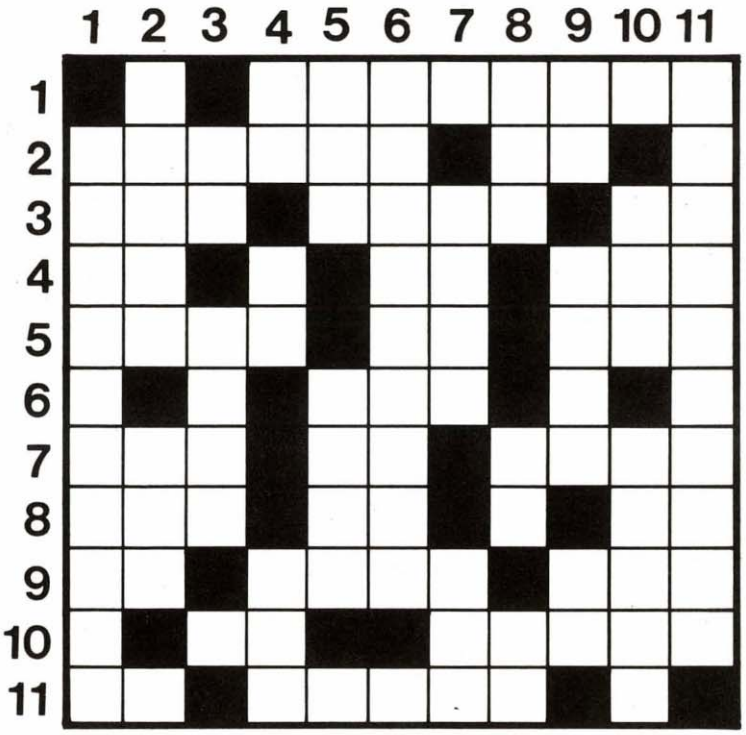
1—Acaricia. 2—Suporta. 3—Constelação. 4—Verifico. 5—Queimam. 6—Altura. 7—Caustica. 8—Energia. 9—Chamamento. 10—Lutar. 11—Imundo. 12—Aflição. 13—Caverna. 14—Apura. 15—Explicações. 16—Cordeiros. 17—Armadilha.

Depois de resolvido este passatempo, em que todas as palavras começam pela letra A, o leitor encontrará, na coluna central, o nome de um oficial da Armada, que foi governador-geral de Moçambique e por duas vezes ministro da Marinha. Uma das actuais corvetas tem o seu nome.

(Solução no próximo número)

SEASA

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1—Espécie de goma resinosa extraída duma árvora da Pérsia e usada em alguns emplastros. 2—Agarrara; nota musical (inv.). 3—Repetição de um som; paquiderme da América do Sul; graceja. 4—Planta liliácea oriunda da China; nome de letra; tranquilidade. 5—Capital de um país europeu; décima letra do alfabeto grego; guarneço de asas. 6—Possuir. 7—Nome próprio; laço apertado (inv.); arvoredo. 8—Gracejava; brisa (inv.); símbolo químico da prata. 9—Grito de dor; medida antiga; laço (fig.). 10—Símbolo químico da prata (inv.); materiais em fusão expelidos pelos vulcões. 11—Pronome demonstrativo (pl.); dinastia negra muçulmana, instaurada por Sarakolle Mamadu Touré, no extenso e rico império Songai.

VERTICAIS: 1—Formado de quatro letras. 2—Orvalho; três em romano. 3—Pedra de amolar; baú. 4—Apelido; utensílio de ferro ou madeira; principal rio da Suíça, afluente do Reno (inv.). 5—Altar cristão; tributo que os judeus portugueses pagavam por família. 6—Desmoralização (Fig.). 7—Texto de um escrito; naquele lugar. 8—Carlinga do navio; agrupamento; símbolo utilizado no receituário médico. 9—Preposição; estaciona; nome de letra (inv.). 10—Chefe etíope; sulcar um campo para o enxugar. 11—Que come arroz (pl.).

(Solução no próximo número)

Carmo Pinto
Sarg.-aj. H

OS ASTRÓNOMOS E O OVNI

Dois astrónomos-amadores, A e B, situados num plano horizontal comum e à distância de dez quilómetros um do outro, observam um OVNI (C), pairando no espaço. Este objecto encontra-se no mesmo plano vertical que passa pelos observadores.
Se o ângulo de elevação do alvo, relativamente ao plano horizontal, for respectivamente

para o observador A ..... 75°
para o observador B ..... 60°

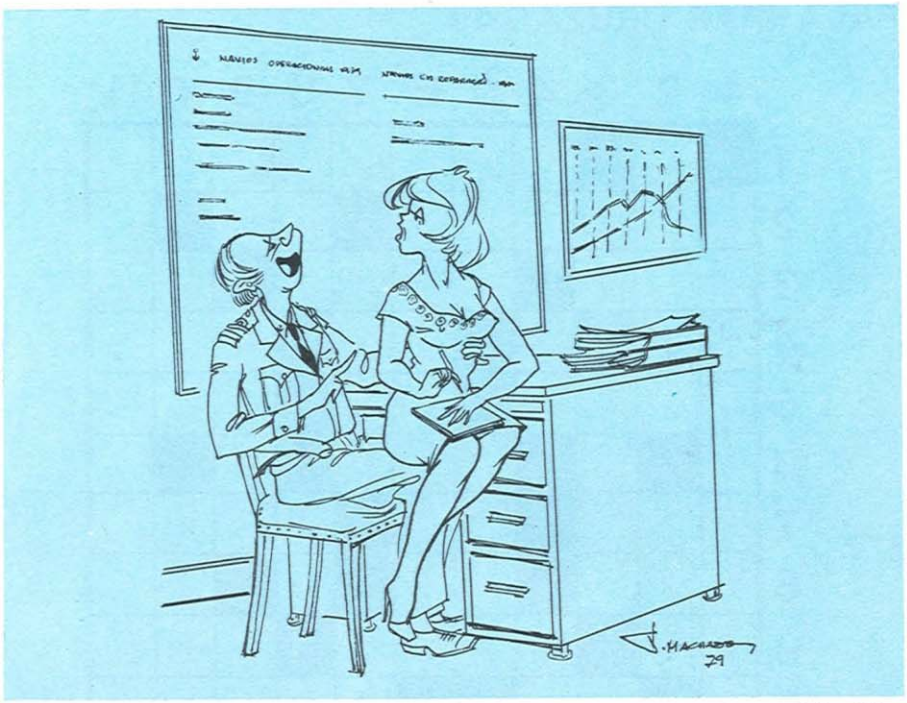
descubra o leitor:

a) A que altura se encontra o OVNI
b) Qual a distância $\overline{AC}$
c) Qual a distância $\overline{BC}$

(Resposta em metros)

(Solução no próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP



—**Austeridade, menina, austeridade! A sua cadeira foi para outra Repartição. Mas pode fazer aqui as suas minutas...**

SOLUÇÕES

LABIRINTO SILÁBICO COORDENADO COM PROVÉRBIO (NÁUTICO)

(Solução do problema do n.º anterior)

1—Mareta. 2—Tabica. 3—Cabo. 4—Bolina. 5—Navegar. 6—Garra. 7—Rada. 8—Dala. 9—Lada. 10—Daba. 11—Balanco. 12—Cocha. 13—Chalupa. 14—Paguel. 15—Guelra. 16—Ralo. 17—Lona. 18—Nave. 19—Vedeta. 20—Talinga. 21—Gata. 22—Talhame. 23—Mesura. 24—Rapou. 25—Pouca. 26—Cale. 27—Lema. 28—Maré. 29—Reformo. 30—Moa. 31—Aduchar. 32—Charco. 33—Coro. 34—Roca. 35—Catur. 36—Turma.

Formosura pouco dura.

PILHA DE PALAVRAS

Solução do problema do n.º anterior)

1—Escorpião. 2—Barretada. 3—Caravelas. 4—Fulmínico. 5—Endosmose. 6—Ilustrado. 7—Limpadura. 8—Mata-cana. 9—Paludismo. 10—Nostalgia. 11—Roda-pisa. 12—Paulatino. 13—Siluriano. 14—Tresmalho. 15—Ventapopa. 16—Zunideira. 17—Letradice.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1—Parabéns; você. 2—Ir. 3—Gera; oãp. 4—Santa; emot. 5—Dá. 6—Vi; Ag; um; el. 7—Este; irmana. 8—Paz. 9—Anima; lais; polé. 10—Aos; ai. 11—Abra; osso. 13—Revista; da; Armada.

VERTICAIS: 1—Perseverança. 3—Pia. 4—Abita; ramos. 5—zás. 7—Negligência. 9—Ré; ut; lar. 10—Amime; aia. 12—Entusiasmo. 14—VI; idem; pés. 15—Oro; ala. 17—Empenhamento.

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

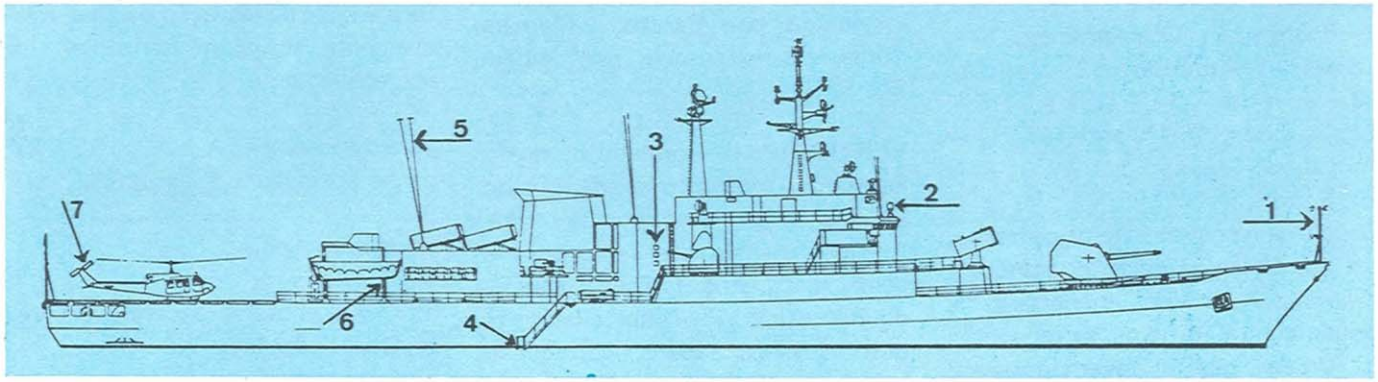
BRANCAS	PRETAS
7-11	16-7
14-18	1-14-21
31-27	17-10

27-16-3-17-30 e ganham.

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

	BRANCAS	PRETAS
1.	b4	Dd8
2.	R × g5	—
	e ameaçam:	
	. D × h7 e mate.	
	Se:	
1.	b4	C × b4
2.	D × h7	R × h7
3.	h × g5 ch/	—
4.	Ce7 e mate	



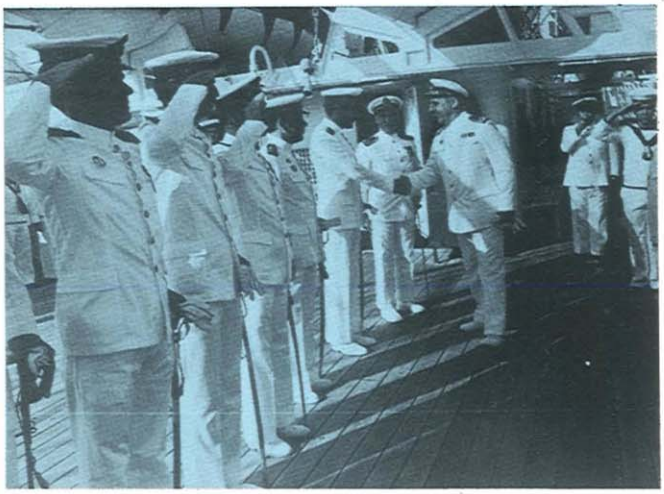
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 94

1—Pau do jaque mais curto. 2—Falta de uma antena sobre a ponte de comando. 3—Falta de duas aberturas na superstrutura, a meia-nau. 4—Falta do patim inferior do portaló. 5—Falta de uma antena a ré da chaminé. 6—Falta do turco de vante do gasolina. 7—Hélice do helicóptero, incompleto.

VENCEDOR:

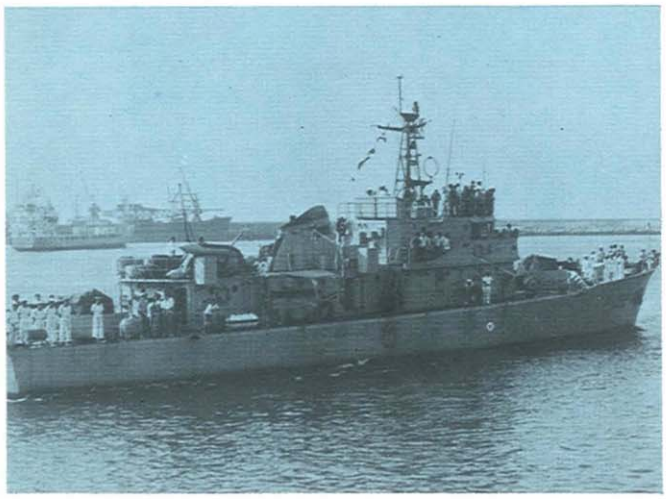
Flávio Lopes, 140269/1.º-mar. SE. Centro de Comunicações da Armada.

Comemorações do dia da Marinha



Para presidir às cerimónias, o almirante CEMA embarcou, no dia 6, na "Sagres", atracada no porto de Leixões.

Vários militares, militarizados e civis da Marinha receberam condecorações.



Jovens do Norte tiveram o seu baptismo de mar embarcando, nos dias 7 e 8, no navio-patrulha "Limpopo".

Aspecto da recepção oferecida na "Sagres" às entidades civis, militares e religiosas do Norte.

O público portuense acorreu em massa a visitar os navios de guerra atracados nos portos do Douro e de Leixões.

Das várias provas desportivas disputadas, um aspecto da partida da estafeta "Dia da Marinha".

Evolução histórica dos uniformes na Armada (7)

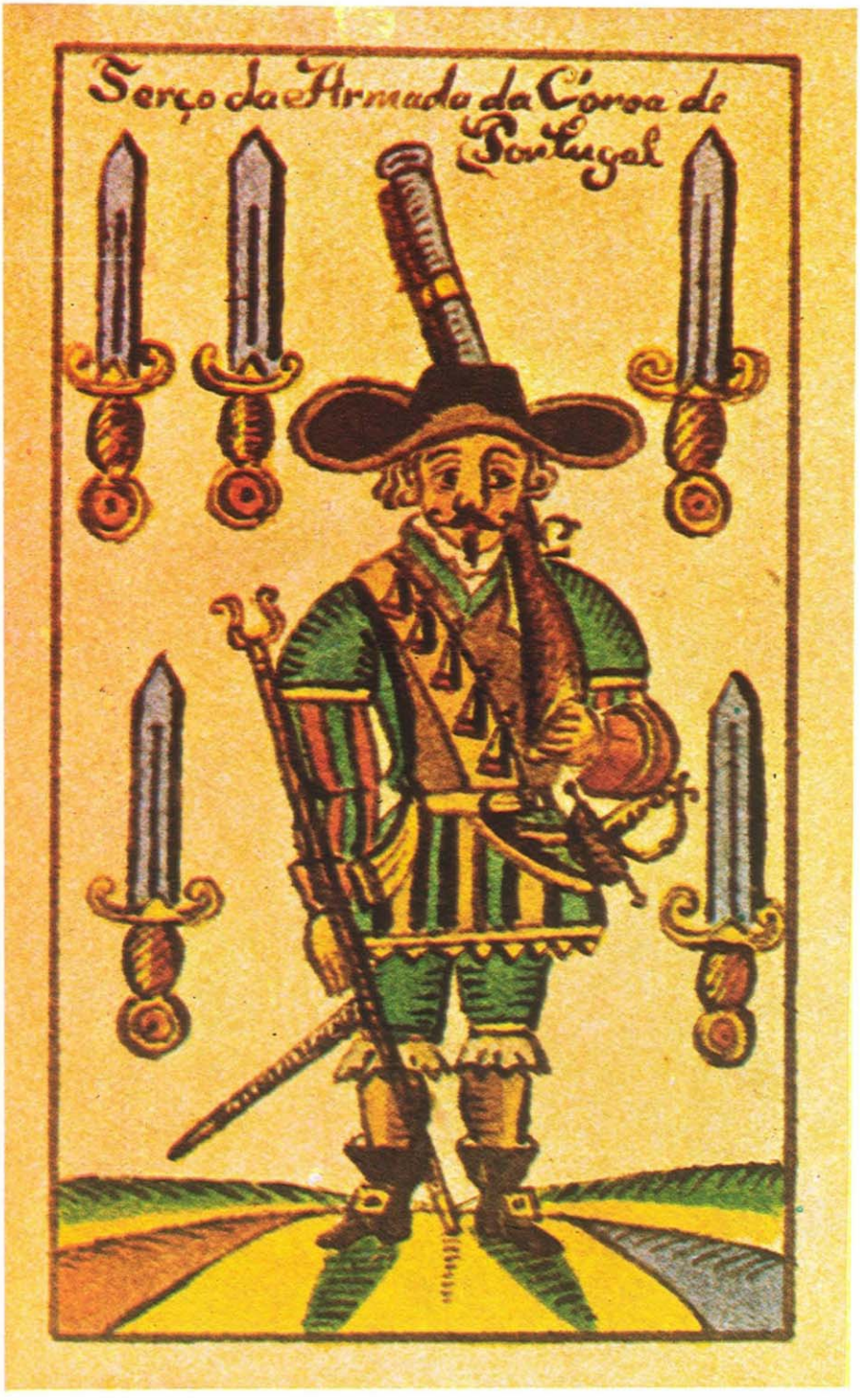
Iconografia dos uniformes militares nas cartas de jogar no século XVIII

Terminado o século XVII, surge na iconografia artística dos uniformes da Armada uma ou outra curiosidade que não resistimos à tentação de publicar, para um exacto estudo da tarefa a que há longos anos metemos ombros.

Nas cartas de jogar, por exemplo, elas devem ter surgido no século XVIII. Pela forma como as figuras se encontram indumentariadas é fácil distingui-las.

Apesar da severa repressão que havia a bordo dos navios, a verdade é que se jogava até o "bota logo" com entusiasmo, originando, por vezes, rixas entre os parceiros. E jogava-se forte na Marinha, desde o cais da Ribeira, até à Índia...

(Reprodução proibida)



Um ou outro exemplar destas cartas quando aparece, é disputadíssimo nos mercados internacionais, onde atinge cotações elevadas.

Reproduzimos hoje um precioso exemplar dessas cartas, com um mosqueteiro do Terço da Armada Real da Coroa de Portugal, de 1640. A figura mostra-se indumentariada com o uniforme de mosqueteiro, de cor verde (só a partir de 1664 se vinculou à Marinha), pelota de anta fina, e botas de cano de anta ou bezerro. A tiracolo, a faixa ou talabardão com os frascos de tiros, polvarinho de pólvora fina para a cassoleta do mosquete, forcado de apoio da arma para efeitos de tiro, e espada de tijela holandesa ou espanhola de seis palmos. O golim e peitoril são de tela branca engomada e na cabeça usa chapéu braguês e cabelos curtos, à portuguesa. Na mão esquerda segura o mosquete e na direita mostra o forcado.

Em Agosto de 1975, em Kumlbak, na Baviera, efectuou-se a bienal dos coleccionadores, que atrai àquela cidade alemã, vizinha de Nuremberg, todo o mundo do coleccionismo.

Ali surgem as mais raras e valiosas peças. Foi lá que, num lote de peças expostas para venda, surgiram três preciosas cartas portuguesas, representando figuras de navegadores indumentariados à maneira do século XVI, tendo um nas mãos um astrolábio, e os dois restantes, uma ampulheta e uma balestilha. Nas cabeças, um tinha uma crispina, e os outros, gorros semelhantes aos usados por figurantes nos painéis de São Vicente. Eram as cartas de pergaminho, iluminadas a ouro e tão preciosamente pintadas, que davam a ideia nítida de iluminuras dum livro de horas. Quando da sua venda, foi com mágoa que, não podendo cobrir o preço, as vi fugir por vultosa soma de marcos, para um coleccionador alemão.

Contemos agora o que sobre a carta que reproduzimos, consegui apurar.

Em 1932, o russo Eliezer Kamenevsky, figura característica de Lisboa, retratado por Malhoa, de grande trunfa e fazendo larga propaganda naturista, estabelecia-se com loja de bricabraque, na Rua de S. Pedro de Alcântara, mesmo em frente ao miradouro. Ali, na sua atafulhada loja, fiz um dos retratos que possuo, de Fernando Pessoa. Um dia, sabendo quanto eu me dedicava já a coisas militares, e conhecendo meu Pai da velha "Casa do Militar à Porta", Kamenevsky mostrou-me este exemplar de carta. Tempo passado, adquiri-a. A sua origem? Segundo me disse, uma troca que fizera com o etnógrafo Rocha Madahil. Um dia, procurando este, informou-me ter-lhe chegado às mãos com um lote de manuscritos que comprara num alfarrabista, tendo vindo dentro dum sobrescrito com dois registos de santos.

Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 96 / SETEMBRO 1979 / ANO IX / MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA

Um Monumento Um Juramento Uma Operação... Fuzileiros em acção

(pág. 18)

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
S. Mendes	**Um golpe de génio que salva uma ilha** — a batalha da Salga	4
	A perda do cruzador "República"	5
V. e Menezes	**Ciências, Artes e Letras** O homem e a arte de curar.	6
	Voz da Abita / Cartas ao Director	10
M. Horta	**Notícias Pessoais**	11
L. Marques	**A cábrea do Arsenal**	12
A. Mourão	**Nobre Cidade!**	14
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	14
S. B.	**Histórias de Marinheiros** 9 — no Coliseu	15
	Desporto	16
D. Barreiros	**Um Monumento, um Juramento, uma Operação... Fuzileiros em acção**	18
G. Brandão	**Filatelia**	22
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	24
	Reportagem	25
	Quarto de Folga	32
M. Horta	**Os nossos navios e os seus nomes** Lancha de fiscalização "Dom Aleixo"	Verso da contracapa
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada (8)**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração:
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 96/SETEMBRO 1979/ANO IX

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:
Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 210$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

Fuzileiros — Grupo de combate em patrulha (1976).

(Foto de A. Fernandes)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

Dobraram sinos a finados na cidade de Lisboa

Estava escrito no livro do destino que Phillipe Cousteau viria a encontrar a morte no rio Tejo, num brutal acidente com um hidroavião que pilotava.

Portugal inteiro, certamente tanto como na própria França, rezou e chorou por Ele.

Filho, e braço direito, do famoso oceanógrafo, comandante Cousteau, o seu corpo dilacerado foi lançado ao mar, conforme seu desejo, manifestado em vida. Sobre o mar azul e sereno, duas rosas vermelhas, último adeus de sua mulher, assinalavam o local, enquanto a urna, lentamente, descia para o abismo, a sepultura realmente indicada para um homem que dedicou toda a sua vida ao estudo e defesa da vida marinha.

Resta à sua Pátria e à sua família a consolação de o ter deixado entre gente amiga; fica para nós a honra de lhe dar guarida; paira sobre todos, portugueses e franceses, a saudade de o ter perdido para sempre.

Paz à sua alma. Viva a França.

C/alm.

Um golpe de génio que salva uma ilha

A batalha da Salga

Quando, há muitos anos já, desembarquei pela primeira vez na ilha Terceira, tive ocasião de visitar as instalações do Regimento de Infantaria 17, na cidade de Angra do Heroísmo, tendo a minha atenção sido despertada por esta frase escrita numa parede do quartel: *Portugal já foi só aqui.*

Nessa altura, a minha juventude não estava virada para a história pátria mas, aquelas cinco palavras ficaram-me na memória e hoje, tantos anos volvidos, compreendo perfeitamente o seu significado e vou tentar transmiti-lo ao leitor.

Naquele Verão de 1581, Filipe II de Espanha tinha já sido aclamado I de Portugal, embora os portugueses, tendo à frente o conde de Vimioso, lutassem ainda contra os castelhanos comandados pelo duque de Alba.

Para os terceirenses, o verdadeiro rei de Portugal não era Filipe I mas sim D. António Prior do Crato, na altura exilado em França. Ao contrário, as ilhas de S. Miguel e Santa Maria, haviam aderido aos castelhanos, para o que muito contribuiu a ajuda dos jesuítas que, servindo-se do púlpito pregavam a adesão a Castela, e de alguns fidalgos que, na mira de futuras benesses, faziam o jogo do inimigo.

Revoltados com o procedimento dos jesuítas de S. Miguel e Santa Maria, os habitantes da Terceira avançaram em massa sobre o Colégio da Ordem, em Angra, entaipando com pedras todas as portas e janelas. Deixaram apenas aberto um postigo pelo qual entravam, sob rigorosa fiscalização, os géneros para alimentar os sitiados que, durante um ano, não tiveram qualquer outra ligação com o exterior.

Na madrugada de 5 de Julho, houve grande alvoroço na ilha, por ter aparecido subitamente, por mar, uma vistosa e aguerrida esquadra, navegando ao largo, composta de oito galeões, um patacho e uma caravela, além de algumas embarcações para desembarque de tropas. Enquanto se faziam conjecturas sobre a nacionalidade dos navios — franceses ou ingleses amigos, ou invasores espanhóis? — as gentes da ilha, bem doutrinadas pelo governador e pelos franciscanos, partidários também de D. António, preparavam-se para todas as eventualidades e, no caso de invasão, para resistir até à última gota de sangue. Finalmente a dúvida desfez-se quando os navios abriram fogo sobre terra, num gesto de provocação que bem mostrava as suas intenções. Logo, porém, ripostaram a Fortaleza de S. Luís e o Castelo de S. Sebastião, mostrando aos castelhanos a disposição de *os receber condignamente.*

Durante cerca de três dias, esta esquadra, comandada pelo general D. Pedro de Valdez, cruzou ao largo da costa esperando uma outra, do comando do general D. Lopo Figueiroa.

Neste intervalo de tempo, conseguiram aprisionar uma pequena embarcação de pesca, pela qual colheram novas de terra e mandaram promessas de perdão se a ilha se rendesse.

Chegaram também a desembarcar alguns homens, no Norte da ilha, que levaram para bordo algumas provisões e conferenciaram com simpatizantes.

Chegou-se ao dia 25 de Julho, dia de S. Tiago, sem que a esquadra de Figueiroa tivesse aparecido no horizonte.

D. Pedro de Valdez, ambicioso de glória e certo do triunfo, resolveu não esperar mais e pôr em prática o seu plano que consistia em desembarcar as suas forças na Salga, sob o comando de seu irmão D. João de Valdez, as quais seguiriam até Angra, enquanto a armada avançava também para aquele porto. Segundo ele, apanhados entre dois fogos, nada poderia valer aos defensores da cidade. Estava escrito, porém, que as coisas haveriam de correr de maneira muito diferente...

A madrugada rompera límpida, o céu muito azul, farrapos de nuvens imóveis...

O cenário estava armado. Em terra, trincheiras abertas junto à costa e vigias atentos aos movimentos do inimigo; no mar, os navios de Castela, baloiçando docemente sobre o dorso sonolento das vagas, marinheiros e soldados vestindo fardas garridas, espadas e arcabuzes luzindo ao sol... Muita gente dormia ainda, para se re-

fazer de noites mal passadas. Um dos vigias deu o alarme. Duzentos e cinquenta soldados espanhóis acabam de desembarcar na praia. Os sinos tocam a rebate. O povo acorre, armado como pode. Começa a batalha.

Outras vagas de espanhóis saltam em terra. São já cerca de mil. Mais portugueses, soldados e milícias chegam em correria, entrando na luta.

Os nossos esmorecem perante a desproporção de forças. Brianda Pereira, a mulher mais bonita da ilha, cujo marido e filho tinham sido arrastados pelas hostes inimigas, consegue reunir homens e mulheres em debandada e, à sua frente, leva-os ao combate corpo a corpo.

Gonçalo Annes Machado, com mais de 60 anos de idade, ao saber o filho morto, salta para um cavalo e arremete sozinho contra um grupo de mais de cinquenta espanhóis. Desvairado, cego de ira e sedento de vingança, mata e fere, até cair morto.

De espada em punho, montando um soberbo corcel ricamente ajaezado, hábito negro de burel e uma grande cruz ao peito, frei Pedro Agostinho aproxima-se do governador, entre nuvens de poeira, e expõe-lhe a sua ideia.

Corre gente aos campos próximos, junta touros e vacas que ali pastavam calmamente e, espicaçando-os, avançam em louca correria sobre os campos da salga, estabelecendo um verdadeiro pandemónio.

Os castelhanos fogem espavoridos para a praia, no intuito de reembarcar. Os nossos perseguem-nos e matam os que podem...

Muitos por ali ficaram, caídos para sempre, entre eles o mestre de campo D. João de Valdez, comandante das tropas desembarcadas, D. João de Bazan, sobrinho do marquês de Santa Cruz e o sobrinho do duque de Alba.

Apenas 50 regressaram a bordo, tendo ainda muitos morrido afogados.

A bordo, D. Pedro de Valdez, mudo e hirto no convés do seu navio, medita na loucura cometida, enquanto em terra, Ciprião de Figueiredo, contempla o campo de batalha cheio de orgulho e contentamento.

E foi assim a batalha da Salga, naquela terra onde *Portugal já foi só aqui.*

Sousa Mendes
Cap.-m.-g.

A perda do cruzador "República"

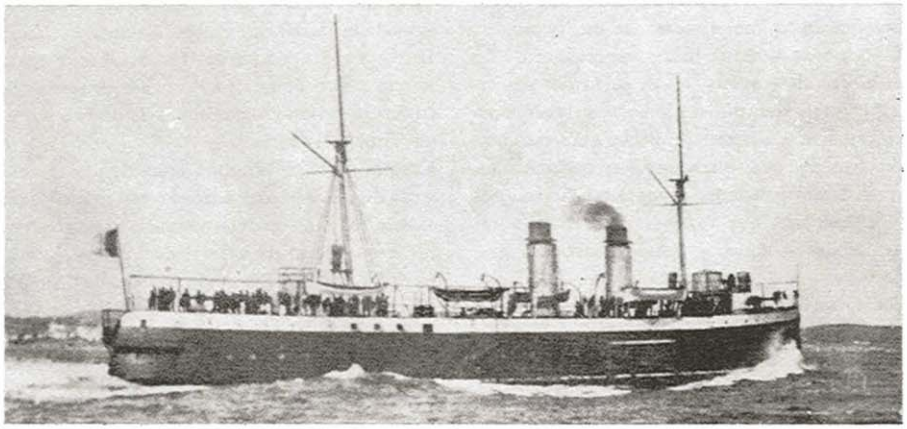
Por lamentável lapso, publicámos na efeméride com o título em epígrafe (n.º 94/Julho 79) a fotografia do 2.º cruzador "República" (aviso de 2.ª classe a partir de 18 de Julho de 1932), em vez da do primeiro navio que teve aquele nome.

O cruzador "República" perdido no encalhe, em Peniche, referido naquela efeméride, recebeu este nome em Outubro de 1910. O seu primitivo nome era, no período da Monarquia, "Rainha D. Amélia".

Por curiosidade, podemos acrescentar que este cruzador foi a primeira construção naval, em ferro, que se fez no antigo Arsenal da Marinha, em Lisboa. O lançamento à água foi feito em 10 de Abril de 1899, e teve a presença dos reis. Todavia, *um lamentável acidente viria a empanar o brilho da cerimónia e lançar uma nuvem de tristeza e de maus preságios sobre a hora alegre em que o cruzador tomava contacto com o seu elemento. Quando se faziam os últimos preparativos para a cerimónia (a benção tinha sido na véspera, pelo capelão da Armada, monsenhor Santana) ocorreu um acidente: ao ser retirada, uma das escoras atingiu dois operários, um dos quais veio a falecer no hospital. A rainha sofreu com isso grande emoção e atribuiu o desastre ao facto de o navio ter o seu nome.*

Neste número, além da foto do cruzador que se perdeu, apresentamos também outra curiosa fotografia com o navio encalhado.

Com a devida rectificação, as nossas desculpas ao autor e aos nossos leitores.



O cruzador "República", quando ainda com o nome de "Rainha D. Amélia", navegava nas experiências antes da sua entrega à Armada. (Foto Garcez).

O cruzador "República" encalhado em Peniche. (Foto Garcez).

O Homem e a arte de curar

(Continuação)

Renascença

EUROPA — A SOCIEDADE; AS REFORMAS

A Renascença não foi só a faceta mais vistosa que chegou até nós através da sua arquitectura, pintura, ou mesmo das reformas que os pensadores provocaram pelas suas ideias novas. Houve também uma modificação material na Sociedade. Antes, diz Carl Grimberg, "toda a sociedade feudal assentava na posse de terras", nas mãos da nobreza e do clero; por esta razão, dominavam a antiga sociedade medieval.

O comércio internacional, consequência das cruzadas, desenvolveu-se em particular nas cidades dependentes de Florença, criando uma classe abastada burguesa. Pouco mais tarde, as lutas na Europa, essencialmente hegemónicas, provocaram situações financeiras sérias aos intervenientes, que recorriam aos banqueiros aparecidos daquela classe abastada, empenhando o que possuiam, as terras, o que constituia perigosa maneira de proceder. Os aristocratas arruinaram-se e as terras passaram às mãos dos burgueses que assim se elevaram a uma posição dominante na sociedade.

Deste modo nasceu a casa dos Médicis. Cosme de Médicis, filho mais velho de um rico burguês de Florença, tomou conta das firmas comerciais da família em 1429, bem como da chefia do partido popular. Isto, e a sua imensa riqueza, acarretaram-lhe o descontentamento dos aristocratas que, em 1433, urdiram uma trama para o prenderem. Mas Cosme de Médicis sabia muito bem que "o dinheiro não compra só as mercadorias, mas também as almas e as consciências". Mil florins bastaram para uma sentença suave: dez anos de exílio, em vez da morte. No ano seguinte anulavam a sentença e Cosme regressou. Precisavam do seu capital, e deste modo reinou como autocrata. As suas empresas tinham sucursais em grande parte da Europa.

Cosme de Médicis fez nascer em Florença as academias, protegeu as novas correntes científicas e literárias, conhecidas com o nome de *Humanismo*, e a vida artística. Centro de uma cultura nova, atraiu a atenção da Europa.

Na segunda metade do século XIV, em Augsburg, Hans Fugger fizera fortuna com o seu comércio. Seu filho Jakob Fugger, o Velho, aumentou-a. Falecido em 1469, sua viúva e filhos lançaram as bases de uma banca que em breve ultrapassava as fronteiras, estendendo a actividade à Itália, Países Baixos, Polónia, Hungria e Escandinávia. Destes filhos, o mais jovem, Jakob Fugger, o Novo, fez prosperar a casa pela exploração das minas de prata e cobre do Tirol e Hungria.

Fugger, o Novo, adiantou mais de metade da soma dispendida para a eleição de Carlos V, no ano de 1519, assim determinando o seu resultado, e que decidiria a sorte da Europa.

Carlos V, neto de Fernando e Isabel de Castela, filho de Filipe o Belo de Áustria, herdou deste a Áustria e os Países Baixos, e de seus avós, Castela, Aragão, Nápoles, e as colónias espanholas da América.

Luiz XI pelo fim do século XV conseguiu impor uma única vontade em França, submetendo os diversos estados da Bretanha à Borgonha, da Picardia à Gasconha. D. João II de Portugal, acompanhando este estado de coisas, estabeleceu igualmente o absolutismo de estado.

A Inglaterra, frustrada a sua tentativa de hegemonia na Europa Ocidental, na infrutuosa Guerra dos Cem Anos, teve na Guerra das Duas Rosas a transição e abertura à Renascença, com a vitória de Eduardo IV. Este rei, embora autocrata por influência de Luiz XI, não foi porém um déspota. Mas conheceu o valor do dinheiro e do poderio que ele dá aos homens, pelo que negociava bastante com os burgueses ricos de Londres.

A Renascença foi a época da instituição das monarquias absolutistas, o derrube da clássica fidalguia dominante, e o começo do capitalismo. A corte era tudo, o fausto, a ostentação, a feira das vaidades. Do povo, só aqueles que serviam bem a corte enxergavam algumas regalias. O trabalhador desconhecia o futuro, ignorava se teria trabalho no dia seguinte, e não lhe era permitido defender os seus interesses.

A MEDICINA EM INGLATERRA

Além das faculdades de medicina de Oxford e Cambridge, ensinava-se medicina, desde 1518, no College of Physicians de Londres. Cerca de um século antes, formava-se a Company of Barber-Surgeons, indivíduos autorizados a praticar sangrias, arrancar dentes e tratar o *mal francês* ou *napolitano*. Ambos estes grupos, o dos físicos e o dos barbeiros, se guerreavam, em razão do campo da sua competência, só encontrando acordo na luta contra os charlatães. A clientela preferia mais o físico, e destes, os que haviam feito os seus exames em qualquer das mais reconhecidas universidades do continente. William Harrison (1534-1593), historiógrafo, louvava a medicina ensinada no seu país, declarando que a "Itália é um país perigoso para os estudantes, por a população ser depravada e imoral (...) e ali se aprende a preparar venenos".

Porém, nos boticários (muitos dos quais charlatães), obtinha-se tudo o que se desejava, a troco de moeda sonante.

Tal como Gil Vicente, entre nós, ridicularizava o físico, assim o fez Shakespeare. Na peça "Ricardo II", Romeu avista-se com um boticário de quem desejava obter um veneno; diz-lhe: "nem o mundo nem suas leis são teus amigos; o mundo não fez lei para te enriquecer; despreza pois essas leis, sai da tua miséria e recebe este ouro". E em Macbeth, conjura-se o médico, e buscam-se as feiticeiras que proferem as suas fórmulas mágicas: "uma raiz de cicuta arrancada à noite, um fígado de judeu blasfemador, fel de bode e fatias de teixo cortadas

durante um eclipse da Lua, um nariz de turco e lábios de tártaro, um dedo de criança de alcouceira estrangulada à nascença, engrossemos a mistura em geleia consistente, ajustemos ainda tripas de tigre, todos os ingredientes precisos ao nosso encanto".

MEDICINA E FARMÁCIA NA RÚSSIA — SÉCULO XVII

Os médicos vinham do estrangeiro com salvo-conduto e cartas de recomendação, para servir na corte. Queixavam-se porém dos boticários russos que não seguiam as suas recomendações e eram incompetentes. Assim, fez-se uma regulamentação, criando-se um inspector da Farmácia da Corte (segundo parece, não havia outras) que fiscalizava os produtos em armazém, e em comum com o médico oficial, abatiam os considerados incapazes. O primeiro farmacêutico, anualmente, fazia a lista das drogas necessárias para a reposição, e doutras necessárias a novas provisões, e que seria presente aos médicos. Adquiridas no país ou no estrangeiro, eram todas as mercadorias inspeccionadas, e se não estivessem em condições, devolvidas.

A prescrição feita pelos médicos devia ser preparada na presença destes (*1*), e era enviada depois por pessoa de confiança da corte, que a provava antes de ser ministrada a qualquer alto dignatário. Essas receitas, assinadas pelo médico, eram presentes ao chanceler da corte que apunha a data e registava quem tinha preparado o medicamento.

Os médicos eram obrigados a observar qualquer pessoa por ordem do czar, e se a doença fosse febril ou contagiosa, ficavam proibidos de ir à Farmácia da Corte enquanto a doença perdurasse. Se o doente era tratado por um ignorante e o médico viesse a saber disso, teria de o declarar, para punição do culpado na negligência.

Se faltasse qualquer substância na prescrição feita, só o médico a podia substituir. Os farmacêuticos não podiam destilar vinho para álcool sem autorização do estribeiro-mor. Devia haver sempre um farmacêutico de serviço, dia e noite. As penas iam desde a perda de honorários até à destituição de funções.

(*1*) *Esta determinação já se praticava entre nós no primeiro quartel do século XVI, conforme se vê em um documento de 26 de Setembro de 1519, relativo à Botica de Goa:*
Mandado de Ruy de Mello, capitão da cidade, sobre a botica: "Por este, mando a Francisco Lopez, boticario del Rey, que quando quer que houver de fazer alguns imguoentos ou umturas na botica, que elle dito Francisco Lopez boticario nõ faça os ditos imguoentos nem umturas sem chamar para isso Mestre Lourenço, que mando que a todos seja presente (...)". E seguem-se as penalidades.
(Do livro de Registos Antigos no Cartório de Fazenda de Goa, fls. 97, citado por António da Silva Rego em "Documentos para a História das Missões e padroado Português no Oriente", doc. 152).

Uma amputação no século XVII. Os cirurgiões operam de peruca, casaca de setim e gargantilha. Gravura.

ASILOS DE ALIENADOS

Menções a doenças mentais já se encontram na Bíblia, nos escritos de Hipócrates, etc. Na Antiguidade, considerava-se esses indivíduos possuídos do demónio, e na Idade Média encerravam-se em masmorras.

O estabelecimento do primeiro asilo para alienados é ponto controverso entre ingleses e espanhóis. Os primeiros, pretendem-no instituído em 1403, no Bedlam (*2*) Hospital de Londres. Os segundos, pela voz de M. A. Vallejo Nágera, professor em Madrid, alegam que o primeiro asilo de alienados foi fundado em 1409 pelo padre Jofré, em Valença, o "Hospital de Ignoscentes, folls e orats", seguindo-se os de Saragoça, Sevilha, Toledo e Valladolid. A reforçar esta opinião, o dr. F. Domingo Simó

(*2*) *Bedlam é uma deturpação popular do nome do antigo convento de Bishopsgate, fundado em 1247, por monges pertencentes à Ordem da Estrela de Bethleem, e ao qual, mais tarde, em 1330, se lhe anexou um hospital.*

apurou que o Bedlam Hospital, em 1403, era administrado por Peter Taverner, e que este havia chegado à abastança por furtos e extorsões, e que a mulher deste vendia cerveja à porta do hospital. Parece que as verbas para o hospital não seriam bastantes, pois consta que os *alienados* eram enviados para a rua, a mendigar. E assim Bedlam teria sido outra coisa que não asilo de alienados.

Opinião semelhante é partilhada pelo professor Jakob Wyrsch, de Berna, se bem que não refute o terem sido admitidos nesse hospital alguns alienados.

A MEDICINA COMO MODA NA CORTE

O século XVI, mas sobretudo o XVII, é fértil em histórias ligadas à arte de curar. O médico da corte seria assediado com perguntas sobre os males, enquanto os pacientes e os curiosos faziam gala dos seus conhecimentos, pretendendo saber tanto sobre *os espíritos vitais* como hoje se quer saber sobre o colesterol.

A corte possuia de tudo: médicos e charlatães, crédulos e iluminados, convencidos e parlapatões, mas sobretudo muitos ociosos. Os cortesãos aguardavam horas nos corredores e antecâmaras, as damas da corte não sabiam em que empregar o seu tempo. Qualquer ninharia era tema para conversa, e breve ganhava proporções de caso importante. E tudo o que se relacionava com a saúde servia de motivo para relatar curas milagrosas, cederem-se em segredo receitas infalíveis que um médico estrangeiro mais célebre teria fornecido, estultamente pretendendo os leigos saber mais de medicina do que os próprios médicos, etc.

Mas, não só na corte, também nas reuniões palacianas, a arte médica misturada com a filosofia, o curandeirismo, e outras ideias, tudo servia para crítica e zombaria, o que levou Guy Patin (1601-1672) a escrever o seguinte: "Uma mulher que se intromete em nosso ofício, é uma criatura sem juízo".

Gozavam de certa moda os chamados *vapores* e o *humor melancólico* que, segundo a patologia humoral, subiam do ventre. Escreve o dr. Deruiseau: "Estes vapores passavam por ser algo de muito distinto, e só as naturezas sensíveis podiam padecer estes acessos de angústia e estados nervosos; as damas jactavam-se deles, e de vez em quando fingiam desmaios". O citado clínico atribui ao ar viciado dos salões fechados e aquecidos, às cintas muito apertadas e refeições copiosas, a frequência destas indisposições.

Contra os *vapores*, usava-se de preferência a essência de urina, chamada eufemisticamente *água de esmeralda*.

Na corte francesa, o médico de câmara do rei era denominado *arquiatra*, tendo sido o primeiro com este nome Jacques Cousinot (1567-1646). Um dos seus principais trabalhos versou sobre águas minerais. Tornou-se moda, portanto, fazer-se uma cura com águas medicinais.

As sangrias e as escarificações, bem entendido, eram de uso corrente, mas as últimas, as escarificações, essas puseram-se à moda, pois se mandavam fazer com o feitio de corações e monogramas.

As purgas, que os calendários impunham, contavam-se entre as distracções e ocupações da corte. "Quando Molière diz que o rei concedia audiências sentado em sua cadeira de retrete, não se trata de uma chalaça, mas sim de um facto histórico", afirma o dr. Deruisseau.

O despique no conhecimento de receituário era grande. Gozava de fama o *pó simpático*, preparado por charlatães, a *água da rainha da Hungria*, e outros, aos quais se adicionavam ingredientes mais que peregrinos, como víbora seca, óleo de escorpião, sapos secos (de bastante uso na Inglaterra para a hidropisia), etc.

A casca de quina, trazida pelos castelhanos da América — a quinaquina dos índios de Perú, conhecida na Península por cascarilha, *cascarilla amarilla del Rey* — e usada como febrífugo, teve em Sydenham (1624-1698) um apologista e propagador. Curiosamente, não teve muita aceitação nas escolas francesas, mas entra como *remédio secreto* na corte francesa pela mão de um charlatão inglês que, com o cortex de quina, curou o rei de uma febre. Por essa razão, Luiz XIV o nomeou cavaleiro e adquiriu o *remédio* por 48 000 libras. E daí, o escrever Racine: "Aqui na corte só se vê gente com a barriga cheia de casca de quina".

O café, o chá, o chocolate, à medida do seu conhecimento, conquistaram adeptos e detractores quanto às suas apregoadas propriedades terapêuticas. O chocolate foi administrado pela primeira vez como remédio ao arcebispo de Lyon para o curar dos seus *vapores do baço*.

Teve o privilégio de ser discutido cientificamente na faculdade de Medicina — alimento ou remédio — teologicamente pelos cónegos — bebida — e, claro está, pelas damas da sociedade, as que a si próprias se intitulavam de *précieuses*, nas suas *doutas* opiniões. Uma delas, a marquesa de Sévigné, em 1671, escrevia a uma amiga: "a marquesa de Coelogon tomou o ano passado, estando grávida, tanto chocolate que deu à luz uma criança negra como o diabo, que morreu".

CUIDADOS COM A SAÚDE

Mas, se para matar o ócio, se debatia, exagerava e troçava das terapêuticas duvidosas pela relativa incerteza na arte de curar, ou porque a crendice predispusesse a aceitar melhor a verborreia do curandeiro e charlatão, a verdade é que a preocupação com a saúde era grande.

A higiene, em relação à conhecida na Idade Média, teria piorado. Com o desaparecimento das *casas de banho* as pessoas perderam o hábito de se banhar, sendo muito raros aqueles que o mantiveram. Em contrapartida, o lavar as mãos, hábito aliás que nunca se perdera, pois os talheres só tarde apareceram, tornou-se um sinal de decência, senão de prestígio. E, imitando os reis, era uso e moda esfregar as mãos com um guardanapo impregnado de aguardente. O mau cheiro era disfarçado pelos perfumes.

A par dos soberbos aposentos dos palácios ou solares, existia anexo um *guarda roupa* onde se achava a *poltrona das necessidades*, cujos despejos, na total falta de esgotos, era feito ao redor das casas ou jardins. Neste aspecto, o luxo igualava-se à pobreza. A contaminação dos cursos de água próximos era regra, e causa de disenterias e febres tifóides.

Estas e outras doenças contagiosas, tais como a varíola, o sarampo, etc., eram causa de uma grande mortalidade infantil. Admite-se que apenas um terço da população sobreviveria. Era lógico que, sobretudo as mães, se preocupassem em preservar os seus filhos de enfermidade; e daí o colherem receitas e regras que se julgaria adaptadas, pois a saúde era algo de precioso numa época em que nada se sabia da origem dessas doenças e seu modo de transmissão. Nem a assistência médica fora dos grandes centros seria fácil de obter. Não admira portanto que Me de Sévigné (1626-1696) em cartas dirigidas a sua filha a aconselhasse a dedicar-se à medicina: "este estudo — escreveu — não é longo nem difícil e em pouco tempo saberás mais do que os médicos".

PARA ALÉM DA MEDICINA

Uma revolução, mesmo que vitoriosa pela força, não muda o modo de pensar de uma sociedade, a menos que esse modo de pensar seja o que deu força à revolução.

A Renascença não modificou a Idade Média espiritual, porque não se tratou de uma revolução, mas sim de uma transição admitida pelos historiadores. No modo de pensar da sociedade persistiu o misterioso, a crendice, a magia, o ocultismo, a bruxaria, a alquimia, e a desconfiança das muitas descobertas da ciência.

As polémicas geradas em torno destas últimas fizeram vacilar os menos convictos. E a opinião menos firme de uns, levou outros a falsearem-na em seu proveito. É a oportunidade do grande charlatão, de que adiante falaremos.

A alquimia, associada a artes de bruxaria, mantinha os seus adeptos. Face porém à evolução da química científica, quase só era apoiada em segredo. Muitos nobres, pretendendo rivalizar em ostentação, endividavam-se. Alguns, menos escrupulosos, recorriam aos chamados *pós de herança* com os quais envenenavam os parentes ricos, de quem poderiam vir a herdar.

Pessoas da corte chegavam a associar-se a esses alquimistas de reputação mais que duvidosa e a feiticeiros, ou melhor feiticistas.

A história relata-nos os frequentes envenenamentos nas cortes italiana e francesa nos séculos XVI e XVII. Citam-se apenas, para exemplo, os conhecidos casos da marquesa de Brinvilliers, que ao visitar os hospitais levava gulodices envenadas para verificar da eficácia do veneno fabricado pelo seu alquimista, e que depois vendia em segredo; e o da Voisin que, com os seus partidários, forneceu muitos desses venenos a grandes da corte, às vezes com o disfarce de simples *elixir do amor*, mas que acabavam por comprometer quem deles se utilizava, assim originando a possibilidade da chantagem.

Ambas foram descobertas e condenadas, por bruxaria, a morrer na fogueira. O seu processo judicial serviu há bem poucos anos para enredo de um filme, cujo título em português é "As envenenadoras".

O CHARLATÃO

O charlatão é uma figura que já vem da Idade

Média. Geralmente eram curandeiros peregrinos que, para vender as mezinhas, narravam as suas viagens e os costumes doutros povos. A um deles, até já se faz referência no século XIII, nos manuscritos do poeta Ruteboeuf.

Com o decorrer do tempo, o seu número foi aumentando, e quanto maior era a concorrência, tanto maior necessidade havia de recorrer a uma imaginação combativa. Daí, o aparato cada vez mais espectacular da apresentação. A partir do século XV, o verdadeiro charlatão, ou curandeiro, fazia-se anunciar em cada terra por um pregoeiro. Montava um palanque, às vezes uma mesa apenas, onde espalhava os produtos mais diversos, desde os sais odoríferos, rosários, filtros da juventude, sabonetes, cremes de beleza, estampas, etc., que muitas vezes não constituiam engano, o mesmo não podendo dizer-se dos remédios que impingia. Depois saltava para cima de um banco juntamente com o seu criado, o bufão, que atraía a clientela com as suas momices, enquanto o charlatão fazia o elogio dos seus artigos e alardeava o seu saber sobre a medicina. Pelo costume de saltarem para o banco, ou para o palanque, os italianos denominavam-nos de *saltibancos*.

À medida que o negócio prosperava, montavam tendas, palcos, passando a apresentar alguns comediantes, malabaristas, etc., tudo na intenção de melhorar as vendas. A representação teatral tornou-se quase um requisito indispensável ao charlatão dos séculos XVII e XVIII.

Os charlatães são, segundo A. Chereau "os que prometem o que não têm, e fazem crer aos outros aquilo em que eles próprios não crêem", verdadeiros especuladores da credulidade humana. Alguns ficaram na história; citaremos apenas Leonhard Thurneysser (*3*) de Basileia (1530-1596), que serviu com o médico Johann Huber e junto dele teve ocasião de aprender algo das doutrinas de Paracelso. Casado aos 17 anos, contraiu dívidas e andou fugido 10 anos; durante esse tempo foi soldado, ourives e gravador. Aos 28 anos voltou a casar e foi viver para o Tirol onde instalou um forno de enxofre. Fernando de Áustria encarregou-o de estudar a extracção de minérios e as fundições. Percorreu a Europa, regressando ao Tirol em 1565 como *médico*; dedicou-se à terapêutica, escrevendo sobre os misteriosos efeitos dos seus remédios, o que levou o Eleitor de Brandengurg a chamá-lo a Berlim como médico de câmara. Enriqueceu com as suas receitas secretas vendidas a alto preço; rodeou-se de um aparato faustoso. Para melhor explorar o próximo quis fabricar ouro, mas a patranha não surtiu e teve de fugir. A sorte abandonou-o e acabou pobre num convento de Colónia.

(*3*) *Thurneysser, além de charlatão e aventureiro fazia-se passar por alquimista partidário de Paracelso, tendo escrito várias obras alquímicas, todas confusas e charlatanescas, de mistura com a superstição, a magia e a astrologia. Contudo cabe-lhe o mérito de ter instalado importantes fábricas de salitre e alúmen em Brandenburg, e de se ter dedicado à indústria do vidro, atribuindo-se-lhe o fabrico de vidros coloridos.*

O charlatão, o bufão e a vendedora de medicamentos. Gravura em cobre do século XVIII. Segundo J. Gregor: "História mundial do teatro".

Do século XVII, citaremos os charlatães, sócios no negócio, Tabarin e Mondor. O primeiro revelou-se excelente actor. Parece que nasceu em Paris mas, ou por profunda imaginação, para se salientar, ou por fanfarronice, fazia-se passar como nascido nos países de maior renome, e dizia que "Saturno era um dos seus antepassados e que, fugindo de Júpiter, havia engendrado um filho, Tabarum, no país dos Lacios; que assim está descrito em Pausanias". Deste modo, perante o pasmo dos assistentes, que certamente não entenderiam esta improvização, se revelava um embusteiro de categoria. O traje rebuscado, por vezes caricaturando o dos nobres, usando uma vistosa espada de madeira, e ironizando os ademanes destes, empolgava o paisano. Mas a maior habilidade residia no seu palavreado, recheado de termos científicos que preenchiam um longo discurso que certamente nem ele, nem o público, o perceberia; contudo, bastava para aquela gente se dispor a tragar as drogas, que Mondor preparava, e ele oferecia, por mais repugnantes que fossem. Conhecedor das fraquezas humanas, conseguia impor-se às multidões.

E assim, igualmente, Johann A. Eisenbarth (1661-1727), que foi estudante de medicina, mas não completou o curso. Intitulava-se doutor. O facto porém é que associava à inteligência o saber, pois aprendeu com mestres o que então se sabia sobre curas dos olhos, operações a cálculos e hérnias, etc. Mas o seu maior rasgo de imaginação foi o golpe publicitário de se fazer anunciar, antes de instalar a tenda, por prospectos, e mais tarde inserindo publicidade nos jornais. Sabedor do efeito que os títulos científicos e honoríficos exercem no vulgo, citava os seus brilhantes sucessos nos milhares de operações realizadas e, em 1717, comprou por duzentos escudos o título de conselheiro da corte.

Uma passagem curiosa da sua vida ocorreu quando, em 1704, instalou a sua barraca na cidade de Wetzlar. Conta o dr. Francesco: "Entre os partidos políticos rivais surgiu uma disputa, que redundou em escândalo grotesco, quando um deles demandou o outro por ter permitido que Eisenbarth não só vendesse as suas medicinas mas também houvesse apresentado várias comédias. Ora, em uma destas comédias figurava um juiz empunhando um cetro, e que se deixava subornar, trocando o seu lugar e trajes com o arlequim; este, por sua vez, sentenciava o juiz, agora réu, a ser enforcado. Na disputa, o partido demandado objectava: "(...) além disso, todos os médicos e charlatães costumam fazer o mesmo com o intuito de captar a boa vontade das gentes (...)". E Eisenbarth, réu casual do despique entre os partidos, aproveita-se da ocasião para imediatamente fazer propaganda de si próprio: "Eu, Johann Andreas Eisenbarth, médico e operador privilegiado de várias cortes e príncipes, confesso e testemunho pela presente, que recentemente enviei meus dois criados de Cassel a Wetzlar, por ocasião da feira de S. João, seguindo o costume da minha profissão de expender consolo aos pobres enfermos".

Um dos aspectos mais comum ao charlatão é o facto de "renunciar a todos os honorários, pois se considerava um benfeitor da humanidade sofredora e só aspirava a prestar-lhe os seus serviços". Mas esclarece o dr. Francesco: "Precisando mais esta questão, diremos que o receber dinheiro pelos serviços prestados não só não se confessava, senão que às vezes se negava". E o caso é que todos estes charlatães eram pessoas de boa posição social, possuindo excelentes casas, cavalos, coches, e diverso pessoal ao seu serviço.

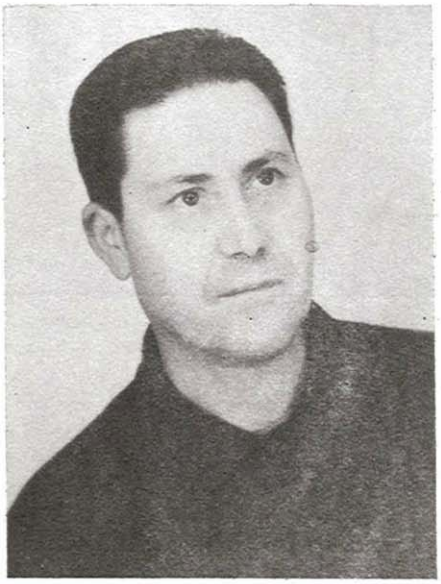
(Continua)

Vasconcelos e Menezes
Cap.-m.-g. MN

Voz da Abita

Cartas ao Director

EM DESTAQUE



No passado mês de Maio, na sede da Cruz Vermelha Portuguesa, foi condecorado com a medalha de louvor o servente do Hospital da Marinha, José Matias pela eficiente e valiosa colaboração que, há longos anos, vem prestando à secção da Cruz Vermelha daquele hospital.

N. R. — Registamos o facto com muito agrado e felicitamos o José Matias pelos bons serviços que tem prestado à Cruz Vermelha, que é uma organização que nos merece todo o respeito e consideração.

Correspondência recebida:

De Vítor Manuel de Sousa (o "Pernas a Granel" de 51), Alfragide, uma carta de que transcrevemos:

Se neste nosso Portugal há ainda alguém que duvida da amizade entre homens de todas as condições sociais, devia estar presente à confraternização realizada em Santarém, no dia 24 de Junho, dos "filhos da escola" de 1951.

Passaram 28 anos sobre essa data mas, nesse almoço, a que assistiram alguns dos oficiais que ao tempo eram instrutores da Escola, ficou bem patente que entre todos os que servem a Armada, sejam eles grumetes ou almirantes, fica sempre um elo de ligação que nem o tempo consegue destruir.

O testemunho mais real desta grande verdade está precisamente nestas confraternizações, onde ressalta nitidamente a ideia de que os que serviram a Armada nunca, mas nunca, a esquecem. (...).

De Carlos Alberto dos Santos Soares, ex-mar. AD, Póvoa do Varzim, a oferta de 70 exemplares de antigos números da "Revista da Armada" *para ajudar a completar colecções de possíveis interessados,* que muito agradecemos. Termina assim a sua carta: *Com muita e grande saudade da Armada que servi e de que muito me orgulho.*

N. R. — Acreditamos sinceramente nas saudades que tem da Armada e a sua carta é uma prova disso.

De Maria do Rosário Neto Silva, Laranjeiro, uma carta em que manifesta a sua grande amizade pela "nossa Revista", dizendo nomeadamente:

É sempre uma alegria recebê-la. Adoro-a e leio-a de uma ponta à outra. Sou filha de marinheiro e marinheiro gostaria de ser. Mas, infelizmente, em Portugal ainda não recrutam raparigas para a Armada. Espero que brevemente esta situação seja alterada e eu e outras possamos finalmente usar o alcaxe e o botão de âncora. No meu caso, até porque filho de peixe sabe nadar. Além de meu pai também tenho um irmão na Marinha. Mando um desenho muito tosco porque é assim que eu me vejo em sonhos... (...).

Talvez um dia seja verdade!

ALUNOS VOLUNTÁRIOS DE 1944

Os "filhos da escola" de 1944, acompanhados de familiares, reuniram-se recentemente num almoço de confraternização, que contou 75 pessoas, no Centro de Férias da Costa da Caparica, o qual decorreu num ambiente de franco convívio e amizade.

RECRUTAMENTO DE 1954

Os recrutas incorporados na Armada em fins de 1954 vão reunir-se num almoço-convívio para comemorar o 25.º aniversário do seu ingresso na Marinha. A confraternização, que é extensiva aos familiares, terá lugar no dia 10 de Novembro p. f., em local a designar oportunamento.

Os interessados deverão contactar com: 1.º-ten. SE José António Rodrigues Antunes, Estrada Nacional 10, lote E-4.º Esq. — Corroios — 2800 Almada (tel. 249 49 88) ou com o 1.º-sarg. L Neto Duarte (tel. 88 92 86).

GUARNIÇÃO DO AVISO "GONÇALVES ZARCO" (1960/62)

No próximo dia 27 de Outubro (sábado), pelas 13.45 horas, realiza-se na Messe de Oficiais do edifício da Marinha, em Lisboa, um almoço de confraternização da guarnição (1960/62) do aviso "Gonçalves Zarco" para comemorar o 17.º aniversário do termo da sua longa comissão no Ultramar.
As inscrições podem ser feitas — por escrito ou pelo telefone — nas Messe e "Self-Service" do edifício da Marinha (tel. 37 14 54), na "Revista da Armada" (tel. 36 89 60), 1.º-ten. SE Glória dos Santos (Base Naval de Lisboa) ou 1.º-sarg. MQ Figueira (G2EA), até ao dia 24 de Outubro.

RECRUTAMENTO DE 1955

José Marques dos Santos, ex-1.º-gr. C n.º 10771, Mercado Municipal, lojas 5 e 6, Portalegre, sugere aos "filhos da escola" de 1955 a efectivação de um almoço-convívio para comemorar o 25.º aniversário do seu recrutamento. Os interessados deverão contactar com o próprio.

1.º RECRUTAMENTO DE 1969

Os "filhos da escola" do recrutamento em epígrafe vão reunir-se, no dia 13 de Janeiro próximo, em local a indicar oportunamente, num almoço de confraternização para assinalar o 11.º aniversário do seu ingresso na "Briosa".
Os interessados deverão contactar com o mar. FZ Romão, na Força de Fuzileiros do Continente (BF2), no Alfeite (tel. 276 10 71/2/3 — ext. 65), até ao dia 30 de Setembro corrente.

VOLUNTÁRIOS DE SETEMBRO DE 1930

Passaram já 49 anos sobre a data em que os alunos de 1930 foram incorporados na Marinha. No entanto, jamais se reuniram em confraternização.
Um grupo de "filhos da escola" propõe-se levar a efeito, no dia 5 de Outubro próximo, em local a determinar, um almoço a fim de tratarem da comemoração do cinquentenário do seu alistamento na Armada, que ocorre em 1980. Será que é desta vez?
Os interessados deverão contactar com: João Galo Gomes, Rua de Leiria, 16-1.º — Marinha Grande; Simões, Vila Nova de Ourém (tel. 42222); Marçal, Lisboa (tel. 612116) ou Madeira, Lisboa (tel. 660123).

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-sarg. L RA Carlos Antunes com D. Maria Teresa de Abreu Pereira, em 6-7-79.
1.º-sarg. B Carlos da Silva Ribeiro com D. Maria Fernanda Bronze Caldeira, em 11-6-79.
469957/Cabo A António Quintas Galandim com D. Josefa Rosa Miranda, em 4-6-79.
204073/1.º-mar. FZQ Eduardo José d'Assunção Carvalho com D. Zulmira da Silva Simões, em 2-6-79.
93874/1.º-mar. FZH Octávio Augusto Cepeda com D. Maria Elisa Silvestre, em 9-6-79.
142774/1.º-mar. FZM Carlos Manuel Gomes Caetano com D. Maria Leonor Tomé Santos, em 9-6-79.
49277/1.º-mar. E Belmiro Vieira Almeida com D. Aida Maria da Silva Ferreira, em 17-6-79.
155577/1.º-mar. E Carlos Bernardino Inácio Pereira Leite com D. Maria Eugénia Ferreira da Silva, em 1-6-79.
217577/1.º-mar. TFH José Manuel Gonçalves Ferreira com D. Maria da Conceição Inverno Marmela, em 17-6-79.
718778/1.º-gr. FZ Mário António Vieira Barbado com D. Maria Catarino Mendes Baptista, em 10-6-79.
243978/2.º-gr. Ismael Henrique Alves com D. Maria Isabel Lousada, em 3-6-79.
137279/2.º-gr. Florindo António Carrasco com D. Eva Maria Gama, em 17-6-79.
156179/2.º-gr. António Fernando Gonçalves Baptista com D. Maria de Lurdes Rodrigues Veigas, em 17-6-79.

PASSAGENS À RESERVA

Sarg.-aj. CM António Dias Capela, em 2-7-79.
Sarg.-aj. FZ Valdemar Lopes Belchior, em 30-6-79.
1.º-sarg. L José Neto Manso, em 16-6-79.
1.º-sarg. V Albertino Feliciano, em 5-7-79.
245950/Cabo M Armando Alves Carneiro, em 30-6-79.
478957/Cabo FZ Rui Félix Bento, em 25-6-79.
500958/Cabo A Manuel Rosa Martins, em 30-6-79.
44666/Cabo FZ Augusto Correia Ferreira, em 25-6-79.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas,

a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

V/alm. RF Manoel Maria Sarmento Rodrigues, em 31-7-79.

1.º-ten. SG Manuel Marques Ferreira, em 6-7-79.

2.º-ten. SG RA João Antunes, em 8-7-79.

2.º-ten. EMQ RF João Pedro Cardoso, em 28-5-79.

692261/Cabo E Anselmo de Araújo dos Anjos, em 29-6-79.

273777/2.º-gr. António Silvério Felgueiras Rodrigues, em 16-7-79.

A cábrea do antigo Arsenal da Marinha. Atracado à ponte-cais o cruzador "República" e a este o salvadego "Patrão Lopes". No Quadro dos Navios de Guerra, amarrados a bóias, da esquerda para a direita, a fragata "D. Fernando II e Glória", o navio-hidrográfico "5 de Outubro", o contratorpedeiro "Tâmega", o cruzador "Vasco da Gama" o navio-balizador "Almirante Schultz", canhoneira da classe "Beira", canhoneira da classe "Faro" e o contratorpedeiro "Guadiana". (Foto do Museu de Marinha — proibida a reprodução).

A cábrea do Arsenal

Quem se lembra da cábrea do velho Arsenal da Marinha? Era uma das duas coisas que os antigos marinheiros portugueses desejavam ter à vista quando já estavam fartos de andar no mar ou de estar em comissão de serviço fora de Lisboa. A outra, como já foi frisado na Revista, era o "galo da Ajuda". Este, via-se logo que os navios passavam a barra, e a cábrea quando o navio chegava a "casa" (atracando à ponte ou amarrado à bóia no Quadro dos Navios de Guerra).

Pois a cábrea estava ali, em frente da Casa da Balança, a seguir à Cal-

deirinha... tudo desapareceu com a ida do Arsenal para o Alfeite e a abertura da Avenida da Ribeira das Naus.

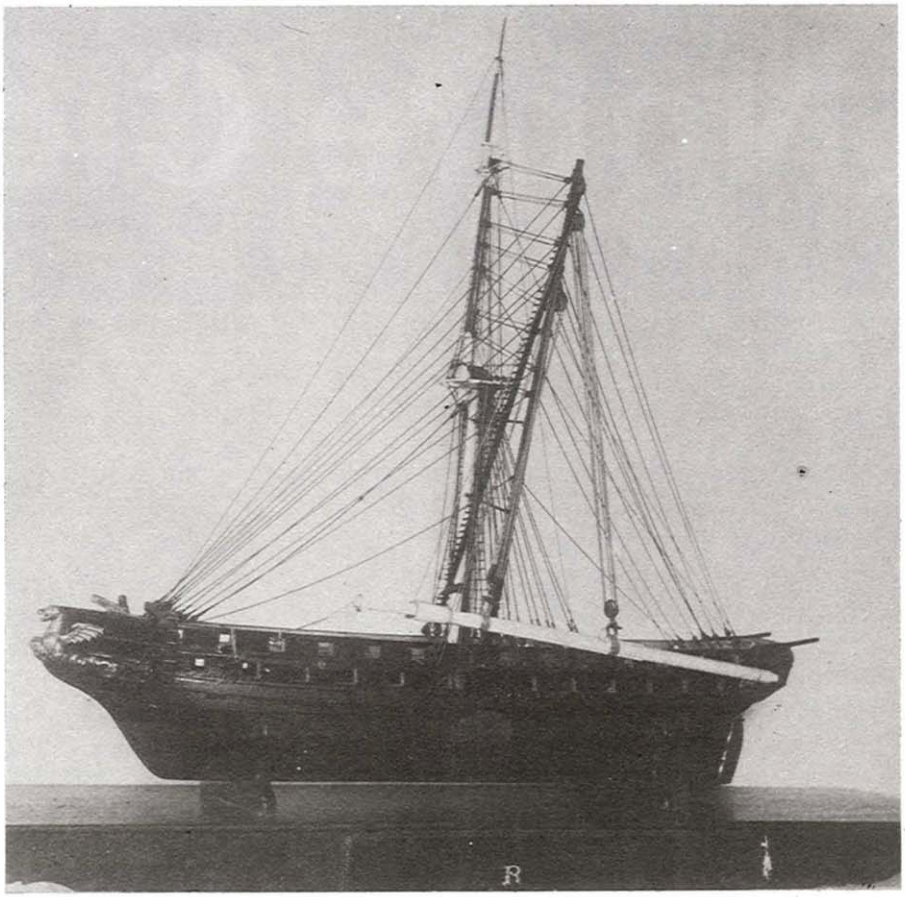
Na preciosa fotografia que publicamos há muito que ver: a ponte, a entrada da Caldeirinha, o cruzador "República" atracado e, ao longe, a esquadra de Portugal, da época (1934) *a descansar na bacia*, como dizia, com muita graça, o saudoso Vasco Santana.

A construção do Arsenal da Marinha de Lisboa e o desenvolvimento da construção naval, levaram à necessidade de instalar, em 1864, uma cábrea mecânica, erguida sobre uma ponte-cais sustentada por fortes pilares cilíndricos. Dirigiu a montagem o eng. João Evangelista d'Abreu.

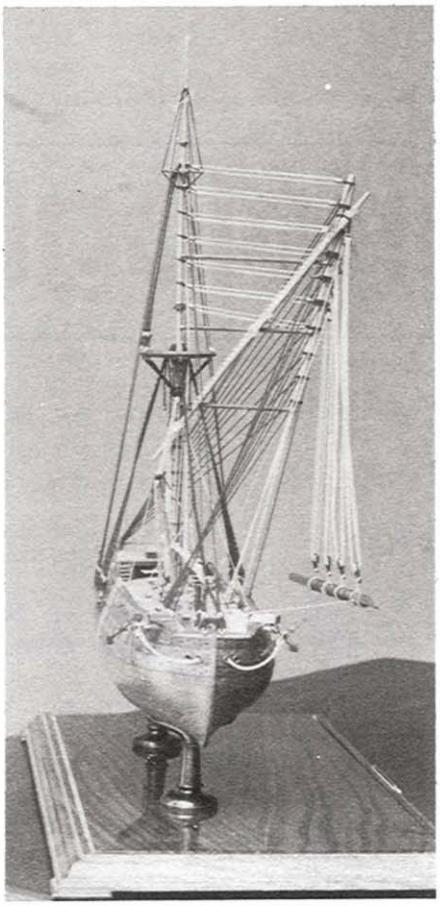
Esta gigantesca cábrea tinha pernadas amovíveis, dispostas em tripé e construídas em tubos cónicos de aço. As pernas eram accionadas por uma potente máquina a vapor que debruçava a cábrea para o rio, mais ou menos, conforme a manobra a executar, sempre operando objectos pesados (artilharia, mastros, etc.). O seu aparelho real era constituído por uma estralheira dobrada, de corrente gurnida em fortes cadernais de ferro, e era levado à posição vertical do objecto a suspender. Esta cábrea, já com a máquina a vapor substituída por motores eléctricos, foi desmontada em 18 de Setembro de 1952, após 87 anos de bons serviços prestados à Marinha... Os cadernais referidos encontram-se no Museu de Marinha.

E antes da existência desta cábrea, como resolvia a Marinha o problema? Montava cábreas em cascos de naus abatidas ao serviço; a nau-cábrea "S. Sebastião", por exemplo, cujo precioso modelo, mostrando a manobra de enfurnar um mastro real noutro navio, se perdeu no incêndio da Sala do Risco, em 18 de Abril de 1916, pode ver-se na fotografia que publicamos obtida do catálogo dos modelos da Escola Naval, organizado por João Brás de Oliveira.

A última nau-cábrea que fez serviço no Tejo, foi a "Rainha de Portugal", adaptada a este serviço em 1834.



Modelo da nau cábrea "S. Sebastião" (Foto do Museu de Marinha — proibida a reprodução).



Modelo da nau-cábrea "Rainha de Portugal". (Foto do Museu de Marinha — proibida a reprodução).

O modelo, cuja fotografia publicamos, é propriedade do autor destas linhas que o construiu com dados e desenhos do pintor Domingos Sequeira, existentes no Museu Nacional de Arte Antiga.

A nau "Rainha de Portugal" sofreu muitas amputações nos seus motivos decorativos da proa à popa, sendo também demolidas partes das amuradas e tombadilho. Dos mastros, ficou apenas o grande, para sustentar a lança da cábrea que lhe ficava a bombordo.

Luís Marques
Mestre do QPCM

Nobre Cidade!

Lisboa já foi princesa
E hoje embora velhinha,
Ostenta ainda a beleza
De seus traços de rainha.

Da Graça ela vê o Tejo
O Tejo que lhe dá graça,
E a acaricia num beijo
Sempre que por ela passa.

Foi desse belo cantinho
Do heróico Portugal
Que partiram: Gago Coutinho
E Sacadura Cabral.

Viu partir Vasco da Gama
Alma, Génio do Passado;
E outros heróis de fama
Deste país encantado.

O seu mar, quando iracundo,
Bate a Torre de Belém
Como que a dizer ao Mundo:
Aqui não entra ninguém!

Alberto Mourão
Mar. A RA

Terminologia Naval

IÇAR AS LONAS — Em calão naval, fazer-se doente.

IÇAR À LUPA — Elevar qualquer objecto aos puxões.

IÇAR A MEIO — Içar a meia adriça, isto é, até ao meio do comprimento da adriça.

IÇAR DE LEVA ARRIBA — Içar continuada e regularmente, fazendo alar o cabo caminhando sem parar.

IÇAR DE MÃO EM MÃO — Fazer subir um objecto alando pelo cabo com uma e outra mão alternadamente, sem haver deslocação da pessoa ou pessoas que manobram, do lugar em que se encontram.

IÇAR (ARRIAR) DE ROMANIA — Içar (arriar) subitamente, impetuosamente.

IDADE DA MARÉ — Tempo que medeia entre o momento em que se regista a fase de lua-nova ou lua-cheia e a maior amplitude da maré.

ILHARGA — Bordo; qualquer dos lados do costado.

ILHOCO — Ilhota; ilheta; ilha muito pequena, de superfície entre 100 m^2 e 10 km^2.

IMEDIATO — Oficial que se segue em graduação ao comandante e que o substitui nas suas ausências ou impedimentos; oficial imediato.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

Histórias de Marinheiros

9–No Coliseu

Decerto que todo aquele que vestiu na vida a farda da Marinha, e não sei, até, se qualquer outra, jamais poderá esquecer o primeiro dia em que o fez.

Eu recordo, ainda, — e já lá vão tantos e tantos anos — que nesse dia, uma das primeiras ruas por onde passei, foi a Rua do Ouro. Pareceu-me que todo o Exército marcara encontro para aquela artéria. Desde o simples soldado até ao coronel, de tudo encontrei até ao Rossio. Claro que não faltaram, também, os polícias, os guarda-republicanos e a marujada. O esforço que eu fiz para parecer natural! ... E aquele boné, que pesava uma tonelada e de que eu não me sentia seguro se estava bem centrado ou não! ... E aquelas continências sucessivas, que eu desejava impecáveis e que, às vezes, não acertavam na pala! ... E aqueles distintivos amarelos e reluzentes que, à distância, eu não distinguia se eram de furriel, se de capitão! ... Ah!, como poderei esquecer esse dia e, mais do que tudo, a noite que se lhe seguiu!

O Coliseu tinha em cena, na altura, uma revista popular. Eu, para festejar o acontecimento, comprei um bilhete e, à noite, lá estava, mais identificado com a minha nova situação de aspirante da Marinha, reluzente nos meus botões amarelos, já orgulhoso da minha farda que a família, em peso, declarava, convictamente, ser a mais bonita. É certo que outras havia, parecidas. Componentes de bandas de música não faltavam, por essa província fora, a parecer autênticos oficiais da Marinha ... de trombone e bombo. De um camarada soube eu que, lá para as Beiras, num apeadeiro de caminho de ferro, ouvira à distância e a seu respeito, discussão teimosa entre dois guarda-republicanos de uma patrulha:

— É músico, afirmava um.

— É da Marinha, garantia o outro.

— Oh homem, é de uma filarmónica, replicava o primeiro.

— Já te disse que é dos barcos, teimava o segundo.

E foi preciso o meu camarada exibir o cartão de identidade e meter a patrulha na ordem, pois que o que acertava, com pouca convicção que lhe dava a teimosia do outro, não se resolvia a fazer a continência. Mas isso era lá para a província. Em Lisboa, supercivilizada, nada disso poderia suceder. Toda a gente conhecia bem a nossa farda. E eu ali estava com a minha, novinha em folha! ... Ficara encostado à entrada da coxia, olhando a assistência, já num à-vontade relativo.

Lentamente, a vasta casa de espectáculos ia-se enchendo. Grupos irrequietos disputavam-se os melhores lugares da geral, os camarotes iam-se povoando aqui e ali, os projectores ensaiavam as primeiras luzes, numa dança de feixes polícromos, os instrumentos da orquestra titubeavam, isolados, afinando escalas. O caudal de gente que entrava engrossou, nas pressas da última hora. Os arrumadores andavam num vaivém contínuo, acompanhando os espectadores às respectivas cadeiras e logo regressando, rápidos, na mira das gorgetas. Foi nesta altura que uma velhota que entrara, acompanhada por uma moça simpática, me estendeu dois bilhetes:

— Onde são os lugares?

Aquela confusão com a farda dos arrumadores, chocou-me vivamente. E, como eu hesitasse, na perplexidade da surpresa, ela insistiu:

— Os lugares, onde ficam?

Amachucado, vencido, não vacilei mais. Segui pela coxia central, procurando a fila, enfiei por esta investigando os números, com as duas navegando nas minhas águas, e depois de, no percurso, um arrumador ter tentado arrebatar-me, em vão, os dois bilhetes.

Quando encontrei os lugares já tinha perdoado a ofensa, explicando-a por simples ignorância. Mas, afinal, a suprema afronta estava ainda por chegar. Ao devolver os bilhetes, a velhota, com ar distraído, deixou escorregar, entre as minhas mãos, uma moeda de "coroa". Fiquei passado. Readquiri a calma, no entanto, e disse:

— Muito obrigado. São da província?

— Somos de Viseu — respondeu a moça — e viemos até à capital.

Tudo se esclarecia, por fim.

Entreguei, depois, o meu bilhete a um arrumador "autêntico", que me indicou o lugar e a quem dei duas "coroas" — uma não considerava minha.

Naquela noite, não mais tive coragem de me levantar e olhar a assistência. Enrodilhado na cadeira, considerei, tristemente, no meu desgosto, a ignorância deste povo de marinheiros quanto à farda dos seus marujos. Depois... pensei que, se a de um músico de Fornos de Algodres, cioso da sua farda, orgulhoso do seu cornetim, o confundissem com um oficial lá dessas casas que andam ao de cima do mar, talvez ele sentisse um desgosto sincero. E, embora possa parecer estranho, esta ideia acabou por me consolar ...

S. B.

Desporto

CONVÍVIO COMEMORATIVO DO DIA DA MARINHA

No dia 8 de Julho, integrado nas festividades do dia da Marinha, teve lugar, no complexo desportivo da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, um convívio desportivo infantil com a presença de cerca de 500 crianças dos 6 aos 10 anos.

Distribuídas e rodando pelas actividades que lhes foram proporcionadas — natação, atletismo, mini-futebol, mini-basquetebol, circuito da saúde e actividades gímnicas — todas estas crianças, vindas de Almada, Palmela, Seixal, Sesimbra, e mais alguns filhos de militares, conviveram alegre e desportivamente durante cerca de 3 horas na manhã desse dia.

Houve balões para todos, pequenos prémios para o torneio de mini-futebol e galhardetes do CEFA para os representantes e animadores das colectividades participantes.

Manifestaram interesse em voltar mais vezes, pelo menos daqui a um ano.

Que apareçam mais filhos de militares! Como devem saber esses têm aos sábados e domingos as instalações abertas.

COMPETIÇÕES DO DIA DA MARINHA

Realizaram-se nos dias 5 e 6 de Julho algumas competições desportivas comemorativas do Dia da Marinha, nomeadamente em:

NATAÇÃO — Travessia da Base Naval de Lisboa (32 concorrentes):

1.°—2.°-gr. rec. Santos (Esc. Fuz.) 9m 14s
2.°—Func. Serra (Arsenal Alfeite) 10m 10s
3.°—2.°-gr. rec. Ramos (Esc. Fuz.) 11m 13s

ATLETISMO — Estafeta Margem Norte/Margem Sul (8 equipas):

1.°—ERN "Cte. Nunes Ribeiro" A
2.°—Força Fuz. Continente
3.°—ERN "Cte. Nunes Ribeiro" B.

TIRO (42 concorrentes):

1.°—1.°-mar. R FZM Martins (CEFA)
2.°—1.°-sarg. FZ Madail (CEFA)
3.°—Cap.-frag. M. Fernandes (FFC).

O troféu em disputa foi conquistado pelo conjunto de equipas da Força de Fuzileiros do Continente, facto que já havia acontecido no ano passado.

DESPORTO FEDERADO

Realizaram-se, nos dias 7 e 8 de Julho findo, os Campeonatos Regionais de Atletismo (pista), em que participaram o 1.°-mar. L FZM Oliveira, nos 800 m (5.° lugar) e 1500 m (9.°), e o 1.°-mar. FZM Pedras, nos 5000 m (5.°).

Como obtiveram os mínimos para as 1.as categorias nas respectivas provas, participaram nos Campeonatos Nacionais, nos dias 14 e 15 do mesmo mês, os 1.°-mar. L FZM Oliveira, nos 800 m (5.°) e 1500 m (9.°), e 1.°-gr. CRO Lemos, nos 5000 m (23.°).

(Colaboração da DSEF)

FUTEBOL DE CINCO

Com a inscrição de treze equipas, disputou-se recentemente o torneio anual de futebol de cinco entre unidades e serviços instalados no edifício da Marinha, em Lisboa.

Numa "poule" de apuramento foram seleccionadas as seis equipas melhor classificadas, as quais disputaram a fase final, que teve a seguinte classificação:

1.º — UAOACM
2.º — 3.ª Rep. da S. S. Financeiros
3.º — 1.ª Rep. da D. S. Pessoal
4.º — Estado-Maior da Armada
5.º — Centro de Com. da Armada
6.º — Cons. Adm. da A. C. de Marinha.

As equipas classificadas, na 1.ª fase, nos 7.º a 13.º lugares, disputaram também uma "poule" entre si, da qual saiu vencedora a equipa da Direcção de Infra-estruturas Navais.

A equipa da Unidade de Apoio aos Organismos da Administração Central de Marinha (UAOACM). Da esq. para a dir. (1.º plano): 2.º-mar. L Moreira, 1.º-mar. L Leal e 1.º-mar. C Guardado; (2.º plano) 1.º-mar. L Bandeira, 2.º-mar. L Ambrósio, 2.º-mar. L Ramos e 1.º-mar. L Lima. Fizeram também parte da equipa o 1.º-ten. Bacelar e o gr. Paulino.

TRAVESSIA DO TEJO ENTRE A ESCOLA DE FUZILEIROS E A BASE NAVAL

Uma equipa de quatro nadadores — cabos FZ Gonçalves, Horta e Lopes e cabo A Parracho —, monitores de educação física na Escola de Fuzileiros, realizaram, no dia 26 de Junho findo, a 1.ª travessia da Escola de Fuzileiros-Base Naval de Lisboa, no Alfeite.

A prova, bastante dura, que foi completada no final de quatro percursos (estafeta), no tempo de 3h e 40m, exigiu da parte dos nadadores um notável espírito de sacrifício e muito entusiasmo.

(Colaboração do 1.º-ten. FZ Loureiro Nunes)

A equipa de nadadores que completou a travessia do Tejo entre a Escola de Fuzileiros e a Base Naval de Lisboa.

CAMPEONATO DE TIRO DAS FORÇAS ARMADAS

De 25 a 29 de Junho último, disputou-se, na carreira de tiro do Destacamento da Serra da Carregueira do Regimento de Infantaria de Queluz, o Campeonato de Tiro das Forças Armadas. Concorreram equipas representativas da Armada, Exército, Força Aérea, Guarda Nacional Republicana, Guarda Fiscal e Polícia de Segurança Pública.

Classificações das diversas provas:

Espingarda Standard a 300 m (U. I. T.):

1.º — Cap. A. Reis (Exército)
21.º — 1.º-sarg. FZ Damásio (Armada)
22.º — 1.ºsarg. Coelho (Armada)
23.º — Cabo FZ Esteves (Armada)
24.º — Cabo FZ Alfaro (Armada)
27.º — 1.º-mar. FZ Fonseca (Armada).

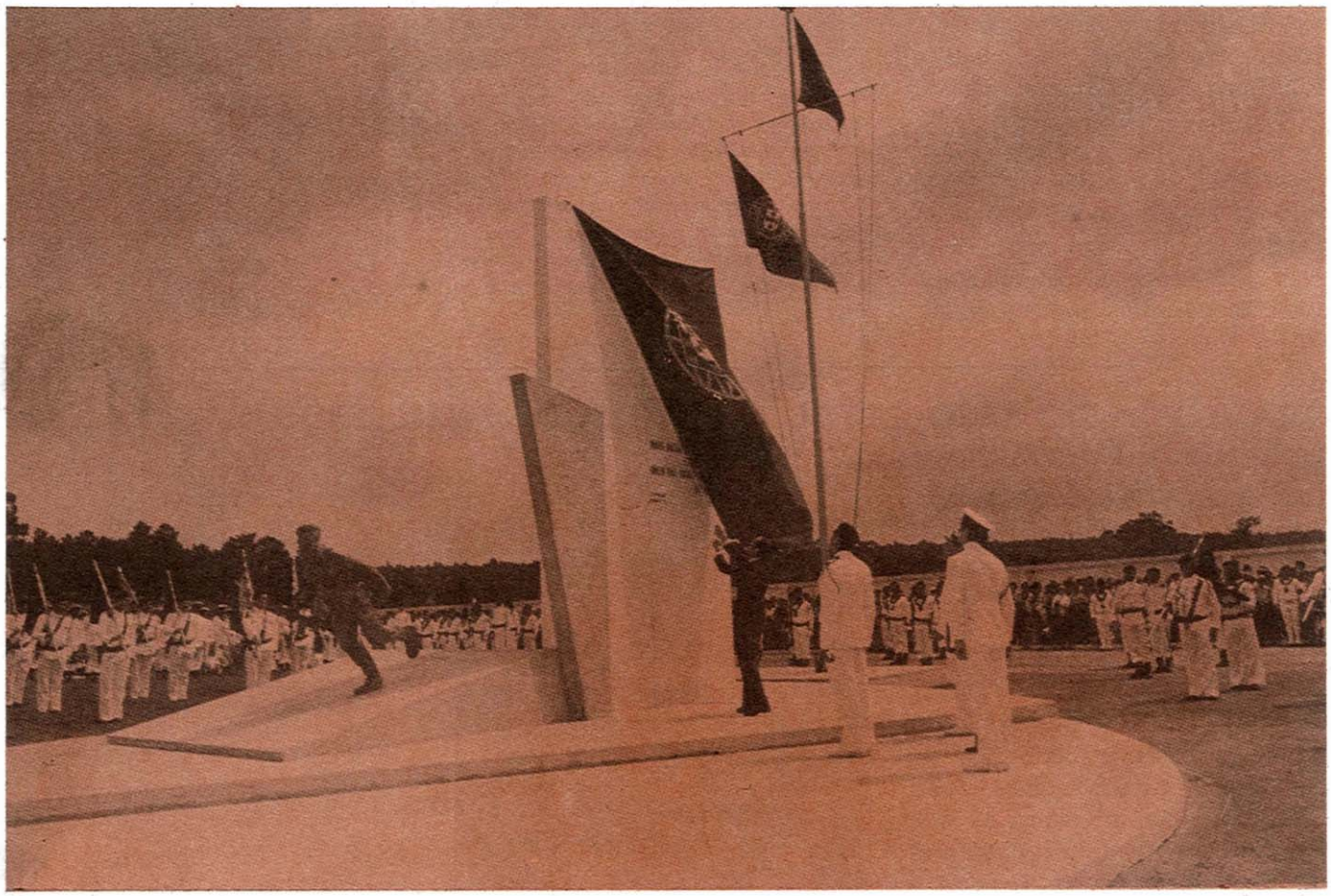
Equipas:
1.º — Exército
5.º — Armada

Espingarda Standard (velocidade militar):
1.º — Guarda Pinto (PSP)
13.º — Cabo FZ Esteves (Armada)
21.º — 1.º-sarg. FZ Damásio (Armada)
24.º — 1.º-sarg. FZ Carlos (Armada)
25.º — 1.º-mar. FZ Fonseca (Armada)
Equipas:
1.º — Exército
5.º — Armada.

Pistola ou revólver a 25 m (U. I. T.):
1.º — Subchefe Antunes (PSP)
2.º — Cap.-ten. F. Neto (Armada)
6.º — 1.º-sarg. FZ Madail (Armada)
9.º — Cap.-ten. Allen (Armada)
10.º — Cabo FZ Oliveira (Armada)
17.º — 1.º-sarg. FZ Sousa (Armada)
Equipas:
1.º-Armada.

Pistola ou revólver (velocidade militar):
1.º — Cap.-ten. F. Neto (Armada)
3.º — Cap.-ten. Allen (Armada)
5.º — 1.º-sarg. FZ Madail (Armada)
16.º — Cabo FZ Oliveira (Armada)
22.º — 1.º-sarg. FZ Sousa (Armada).
Equipas:
1.º — Armada.

Os atiradores da Armada cap.-ten. Ferreira Neto, cap.-ten. Allen Trigo e 1.º-sarg. FZ Henrique Madail foram pré-seleccionados para a equipa que representará Portugal no próximo Campeonato do CISM, a realizar em Outubro p. f.



O Presidente da República descerra o Monumento dos Fuzileiros.

Um Monumento Um Juramento Uma Operação...

Fuzileiros em acção

UM MONUMENTO

Impunha-se um monumento aos fuzileiros mortos em campanha. E lá está ele, a partir do dia 31 de Julho de 1979, na parada da Escola de Fuzileiros — a "Casa Mãe" de uma geração gloriosa que não regateou sacrifícios quando a Pátria lhe pediu e a "Casa Mãe" de uma nova geração que continuará a votar-se à missão, tão grande como simples, tão nobre como heróica, tão pura como abnegada, a missão de servir.

Sim, lá está o monumento, sóbrio mas imponente, testemunhando o eterno apreço por quantos tombaram no cumprimento do dever.

Mais razão há que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de [memória

Esta é a legenda extraída de "Os Lusíadas" para perpectuar, no monumento, a glória dos fuzileiros mortos.

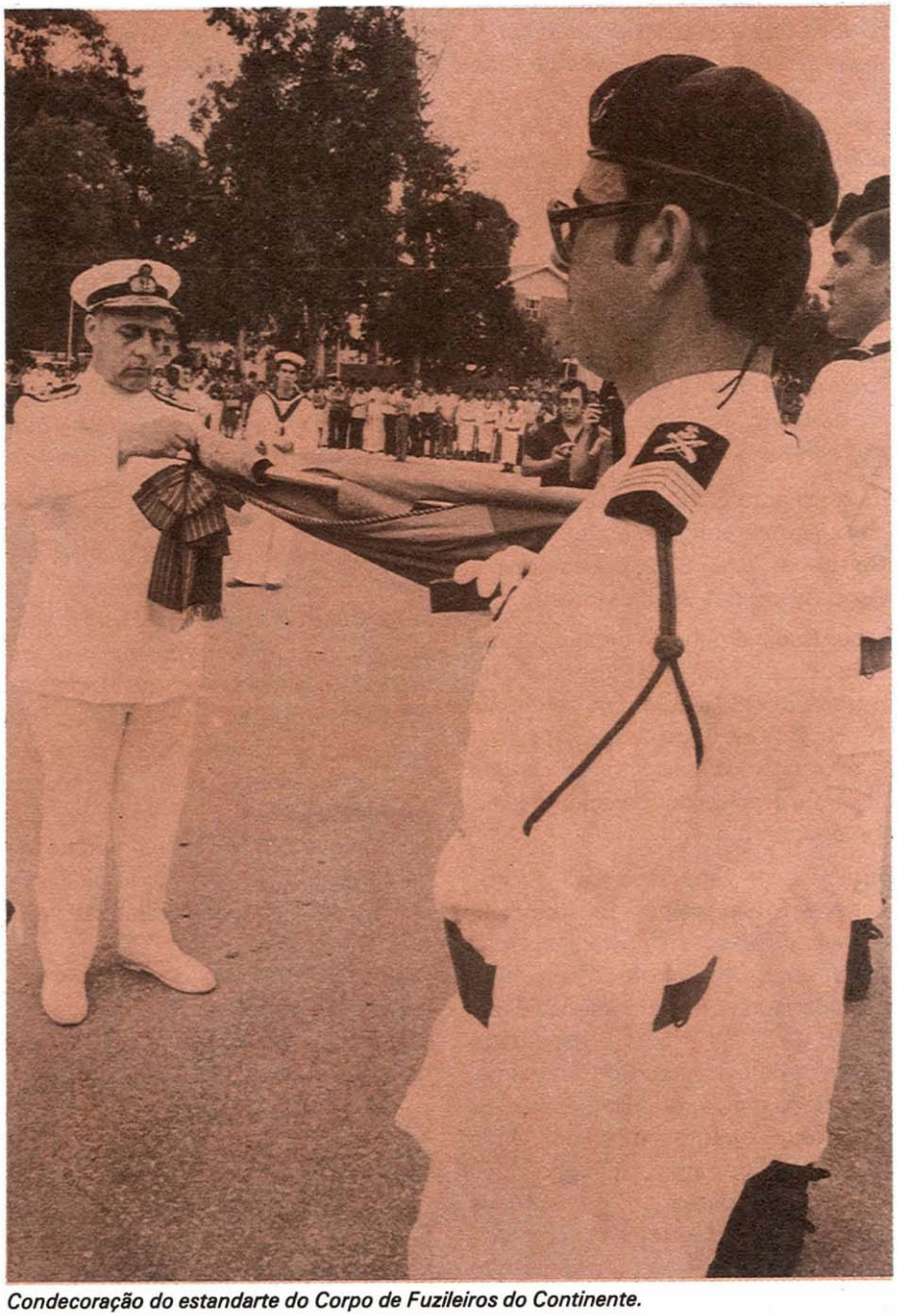
De uma lancha de desembarque sai um fuzileiro: do mar para terra, veloz e ágil, coração em fogo, parte destemido. Outra coisa não é o monumento. Apenas isso: um homem de estatura normal, uma boca de lancha, uma pedra erguida, uma frase. Simples, mais simples não podia ser. Contemplada de longe, a figura do fuzileiro confunde-se com os outros fuzileiros que vagueiam pela parada. Muitos, muitos foram aqueles que morreram em combate, que também andaram por ali, uns dos nossos, feitos da mesma massa, norteados pelos mesmos ideiais, sim, tal qual os fuzileiros de agora que passeiam junto da estátua do seu irmão de outrora.

Há uma espécie de simbiose entre os de hoje e os de ontem, simbiose perfeita em pensamento e acção.

Razão tinha o almirante chefe do Estado-Maior da Armada ao afirmar, num apelo final, durante a cerimónia da inauguração *que fique uma ideia simples mas fundamental: honrai a Pátria, homenageando os que por ela morreram.*

Por isso, ali está um monumento, ali está a figura de um fuzileiro, em plena parada, o qual, embora ausente, apenas presente na frieza do bronze,

Desfile das forças em parada.



Condecoração do estandarte do Corpo de Fuzileiros do Continente.

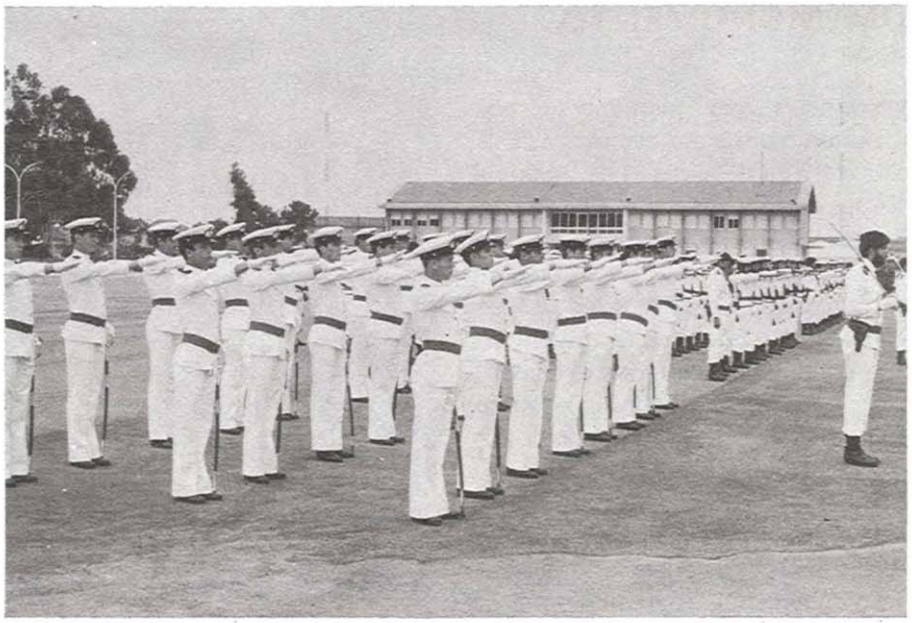
continua a ser um dos nossos, eterno merecedor da nossa homenagem. Foi feliz a concepção do arquitecto 1.º-tenente FZ Vital Resende e do escultor professor Carlos Amado ao quererem colocar o outro, aquele que partiu, o fuzileiro morto em campanha, bem perto do fuzileiro de hoje, já que o mesmo amor à Pátria os une inseparavelmente. DUAS GERAÇÕES NUMA SÓ VONTADE: SERVIR.

A esse propósito, expressivas foram as palavras do Supremo Chefe da Nação, quando, ao inaugurar ele próprio o monumento acentuava: *Nesta parada, num monumento singelo, temos perante nós a memória dos nossos camaradas fuzileiros, caídos em combate no cumprimento das missões que a Pátria lhes atribuiu. A nossa presença, que é acima de tudo e antes do mais um acto de homenagem, deve ser também um momento de afirmação dos valores e princípios a que obedecemos. Na memória dos camaradas fuzileiros caídos em combate temos a imagem autêntica da nossa missão e da nossa História. Imaginem em que ressalta a dimensão da exigência feita por Portugal ao cidadão militar, consubstanciada no sacrifício da própria vida.*

Foi realmente dando a vida que muitos honraram e dignificaram a Pátria. Honra lhes seja. Será pouca toda a homenagem que se lhes preste.

E, por isso, verdade se diga, a parada da Escola de Fuzileiros, tornou-se, no passado 31 de Julho, numa cerimónia empolgante de dignidade e aprumo, na presença dos mais altos comandos militares, o palco de merecida e justa homenagem.

Homenagem aos mortos e homenagem aos vivos. Em emotiva cerimónia fez-se a transferência das condecorações colectivas dos Destacamentos de Fuzileiros Especiais n.os 5, 7 e 8 para o estandarte da Força de Fuzileiros do Continente.
A gratidão a ninguém deve esquecer. Quantos e quantos militares, ainda hoje servindo com denodo nas fileiras, não passaram pelos rudes golpes duma frente de combate? Mutilados talvez no corpo, mas não mutilados nem desfeitos na alma, antes orgulhosos da missão cumprida, eles não foram esquecidos.
O estandarte da Força de Fuzileiros, galardoado com as condecorações daqueles que bem serviram, será espelho de honra ao ser por eles contemplado. Tal como ao contemplar o monumento, também ao contemplar o estandarte se podem aplicar as palavras do comandante do Corpo de Fuzileiros: *Ao olhá-lo lembraremos sempre, e uma vez mais os trânsitos nos navios e lanchas que nos apoiaram, o esforço dispendido na construção e defesa dos aquartelamentos, as emboscadas no tarrafo e nas muilas, o pisar duvidoso das margens e dos trilhos minados, as longas patrulhas sobre sol escaldante ou chuvas torrenciais, os súbitos silêncios da mata e, sobretudo, as acções de fogo em que, nas horas da verdade, revelámos, sem disfarces nem calculismos, todas as nossas virtudes e defeitos.*
Na Escola de Fuzileiros aconteceu homenagem. No estandarte da Força de Fuzileiros consagraram-se gloriosos feitos.
Quem não for curto de memória saberá concluir que essa homenagem e essa consagração se podem traduzir numa só palavra: justiça.



Cadetes do CFORN juram bandeira.

UM JURAMENTO

Foi no mesmo dia. A anteceder a inauguração do monumento realizou-se o juramento de bandeira dos recrutas que acabavam o período de Instrução Militar Básica (IMB) e também dos alunos cadetes do Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval (CFORN).
Conjuntamente, foram impostas boinas aos alunos que terminaram a Instrução Técnica Básica (ITB).
Presidida pelo chefe do Estado-Maior da Armada, esta cerimónia, igual a tantas outras que na Escola de Fuzileiros se têm realizado, teve de importante, tal qual como essas tantas outras, o ser um juramento.
Jura-se por causa justa.
Jura-se por uma causa sagrada.
E quem jura obriga-se a cumprir as cláusulas do juramento.
Foi, por isso mesmo, que a inauguração do monumento a que atrás aludimos foi de inteira e justa homenagem. Os que caíram em combate, caíram no cumprimento da palavra dada, em cumprimento de um juramento feito.
Juro servir a Pátria e as suas instituições mesmo com o sacrifício da própria vida.
Assim se ouviu mais uma vez na grande parada da Escola de Fuzileiros.
E assim se cumprirá a determinação de gente ousada que põe na sua palavra a honra da sua vida.

UMA OPERAÇÃO

"MARTE 79" foi um dos grandes exercícios militares levados a cabo a

Exercício de destreza de fuzileiros.

nível dos três ramos das Forças Armadas portuguesas.

Forças Azuis e Forças Laranja, numa simulação de guerra, defrontaram-se em aturados treinos.

Eu estive lá, não nas Forças Laranja ou Azuis, mas enquadrado nas Forças de Arbitragem.

Vivi, embora na certeza de que não me espreitava grande perigo, vivi num "teatro de guerra". Num momento de paz foi-me possível congregar um acampamento da B.T.E., todas as forças à minha volta e celebrar missa em pleno "campo de combate". Foi de camuflado. É verdade. Nunca tal tinha acontecido. Desta vez, porém, aconteceu e, o que é certo, até houve um momento de trégua.

Para lá desse momento aconteceu "guerra", ou melhor, aconteceram exercícios. E pude ver, com estes meus olhos, a destreza, a perícia, a eficácia do pessoal que neles participou.

Várias foram as unidades da Armada intervenientes: a "Comandante Roberto Ivens", onde estava o comando do Grupo Anfíbio de Intervenção, a "Afonso Cerqueira", a "Almirante Gago Coutinho", a "Augusto Castilho", a "João Roby", o "S. Roque", o "Schultz Xavier", a "Bombarda", o "Ribeira Grande", o Esquadrão de Botes, enfim, uma máquina funcionando no lugar preciso e no momento preciso.

Mas foi o desembarque, aquele desembarque realizado perto de Sagres, na praia do Martinhal, que encheu de espanto aqueles que pacificamente assistiram ao desenrolar da "guerra"; depois seguiu-se o desenrolar das operações em terra. Impecável, segundo os observadores. E ali estavam, postas à prova, mais uma vez, a determinação e a perícia dos nossos fuzileiros.

FUZILEIROS EM ACÇÃO

Remonta a época longínqua a história daqueles que ao serviço da Armada, eram utilizados em combates navais. Data mesmo dos primórdios da nacionalidade.

Porém, foi em 1618, com a formação do Terço de Infantaria da Armada, sob o comando de D. Francisco de Almeida, que se concretizou uma maior especialização. Mais tarde, com

Desembarque de "fuzos" na praia do Martinhal.

o nome de Terço da Armada Real do Mar Oceano, esse grupo tornou-se a primeira organização formal de uma classe da Armada para combater em terra e teve missões de relevo em diversos momentos críticos da história pátria. Sofreu várias remodelações e vicissitudes, sendo, em 1791, criado o Regimento de Artilharia da Marinha o qual foi integrado, em 1797, na Brigada Real da Marinha composta por três divisões ou corpos: Corpo de Artilheiros-Marinheiros, Corpo de Fuzileiros-Marinheiros e Corpo de Artífices e Lastradores.

O Corpo de Fuzileiros-Marinheiros era, nessa data, há cerca de 180 anos, composto por doze companhias com um total de 2124 elementos, número muito semelhante ao actual efectivo de fuzileiros.

Em 1832 a Brigada é extinta e, de novo, criado o Regimento da Armada, dando mais tarde lugar ao Batalhão Naval e depois ao Corpo de Marinheiros Militares.

Recentemente, em 24 de Fevereiro de 1961, foi criada a classe de fuzileiros e, em 3 de Junho do mesmo ano, surge a Escola de Fuzileiros com vista à preparação do pessoal e unidades de fuzileiros para actuarem nas operações militares do Ultramar. Em 1969 é criada a Força de Fuzileiros do Continente. Em Junho de 1974 aparece o Corpo de Fuzileiros que, sendo um organismo de cúpula, integra a Escola de Fuzileiros e a Força de Fuzileiros do Continente. E assim, na linha dos seus antecessores, como parte integrante da Armada, com uma missão e especialização bem específicas, continuam a sua acção.

Alargada, reajustada, adaptada, a missão dos fuzileiros, definida por despacho do chefe do Estado-Maior da Armada, em 1977, é bem digna de todo o apreço e já mereceu e continuará a ter jus às mais sentidas homenagens. É grande e honrosa a acção dos fuzileiros.

Eis a razão de um monumento, de um juramento, de uma operação.

Delmar Barreiros

Capelão graduado em 1.º-tenente

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Os dois interessantes e expressivos selos que ilustram esta nota foram postos em circulação no passado dia 25 de Julho, e formam a série comemorativa do 5.º aniversário do B. I. E. (Bureau International d'Education — UNESCO). Por considerarmos de muito interesse, vamos, com a devida vénia, transcrever na íntegra o que, a propósito da efeméride, escreveu na pagela anunciadora da emissão, a eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo:

Fundado em 1925 como organismo privado, o Bureau International d'Education (BIE) tornou-se, sob a égide da Sociedade das Nações, o primeiro organismo intergovernamental no domínio da educação, tendo sido integrado na UNESCO em 1969.

Centro internacional de educação comparada, o BIE organiza a Conferência Internacional da Educação que reune, de dois em dois anos, os ministros da educação e responsáveis pelas instituições educativas de todos os Estados membros, a fim de discutirem o desenvolvimento da educação em cada país, seus projectos e preocupações.

O BIE funciona assim como uma comunidade de educadores, e é instrumento de difusão e intercâmbio permanente de formação sobre educação, contribuindo desta forma para o melhoramento dos sistemas de ensino.

A acção da BIE não se situa apenas no plano dos meios de educação, mas também e sobretudo, no plano mais geral das suas finalidades.

Sendo o homem o centro e o fim último do desenvolvimento, ele é também o seu principal agente. Assim, é este homem como ser individual e membro da sociedade, que urge preparar para a multiplicidade de tarefas e responsabilidades que, como tal, lhe competem. Essa, a finalidade última da educação: a formação do "homem completo" na perspectiva da educação permanente e do desenvolvimento económico, social e cultural.

A comemoração do 50.º aniversário do BIE como organismo intergovernamental, assume especial relevo na conjuntura mundial de hoje, pelo seu significado no caminho para uma cooperação autêntica. Não deixa de ser igualmente significativa a coincidência com a celebração do Ano Internacional da Criança.

Embora o plano a prazo médio da UNESCO e o seu programa actualmente em curso (79/80) integrem objectivos muito diversificados, a educação não deixa de constituir uma área claramente prioritária da Organização, ao definir-se como acção educativa para responder às necessidades do indivíduo e às exigências da sociedade. Neste contexto, o BIE, com os seus 50 anos de actividade, tem uma vasta tarefa a desempenhar.

O texto, extraído como dissemos da pagela desta emissão, é da autoria do ex-ministro da UNESCO, eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo.

REGISTO

A filatelia tem o fascínio de, mesmo em pleno Verão — época de repouso e férias —, continuar a interessar muito vivamente os que a ela se dedicam, não apenas por permitir a oportunidade de conhecer outros entusiastas mas, e este ano tem sido disso exemplo evidente, porque em algumas localidades se podem encontrar manifestações filatélicas, como pequenas mostras e exposições de bom nível. Será que as entidades responsáveis locais têm ajudado os que as pretendem levar a efeito, ou tratar-se-á simplesmente de carolice de uns tantos?

Francamente, não sabemos, mas o que nos parece realmente de bastante interesse é que essas realizações têm sido um facto e, se de experiências se tratou, elas foram positivas e estimulantes, para se continuarem no futuro.

Vimos, em duas localidades, dois certames que chamaram muitos visitantes, alguns deles estrangeiros, o que é sempre de considerar.

E, já agora, uma outra experiência que nos parece de considerar: a realização de exposições entre distritos, como a que se vai efectuar proximamente em Évora, que terá a presença de coleccionadores do Algarve.

Certamente que há a vencer muitas dificuldades para levar por diante tais realizações mas, querer é poder, e os filatelistas quando querem, podem mesmo. Os núcleos, os clubes e as associações filatélicas têm uma palavra a dizer, a que não faltará certamente a da Federação Portuguesa de Filatelia.

BRASILIANA 79

A 3.ª Exposição Mundial de Filatelia Temática — BRASILIANA 79 que, como noticiámos, se realiza este ano no Rio de Janeiro, no decorrer deste mês, está já assinalada com a série que acompanha esta crónica, na verdade muito interessante.

De sublinhar que, tal como aconteceu quando da PORTUCALE 77, o tema escolhido para estes selos foi o de "barcos", no caso presente, de recreio e desporto. Particularmente sabemos que os coleccionadores temáticos portugueses vão estar presentes em apreciável número, pelo que não nos surpreenderemos que algumas dessas colecções marquem boa presença e sejam devidamente apreciadas, o que aliás muito sinceramente desejamos.

G. Brandão
2.º-ten. SG

A unidade monetária "Escudo" fez 68 anos (II)

Seguindo o transcrito no número anterior, vamos continuar com a publicação "Legislação sobre moedas na vigência do regímen Republicano", no que se refere ao "Escudo":

Assentes as bases da reforma monetaria, analysemos agora o problema sobre o ponto de vista financeiro.

Baseando-se o nosso systema monetário no princípio do monometalismo-ouro, em uso na maior parte dos systemas monetarios modernos, e cujas vantagens não podem ser postas em duvida, será ilimitada e facultada aos particulares a cunhagem das moedas de ouro e limitada e reservada para o estado a das moedas das outras especies.

A importancia das moedas de prata actualmente em circulação regula por 33.400:000$000 réis, não incluindo nesta conta as moedas dos centenários da Índia, Marquês de Pombal e Guerra Peninsular; e a das moedas de bronze e cobre-nickel em cêrca de 3.9000:000$000 réis. A primeira destas importancias não é exagerada para as necessidades do país; o mesmo, porem, já não acontece com a segunda, sendo Portugal o país em que a circulação media, por habitante, das moedas subsidiarias é mais elevada. Por estes motivos, modificamos um pouco aqueles numeros fixando em 35.000:000$000 réis e 3.750:000$000 réis, respectivamente, os limites da cunhagem e emissão das novas moedas de prata e bronze-nickel.

A recunhagem das moedas de ouro não dá evidentemente lucro algum para o Estado, não havendo, por isso, grande vantagem em proceder immediatamente a esta operação.

O mesmo acontece, sensivelmente, com as moedas de bronze-nickel. Assim, suppondo que, na recolha da moeda, não apparecerão á troca 10% do respectivo total circulante, a conta da amoedação do bronze-nickel é como segue, em numeros redondos: Ver quadro 1

A cunhagem das moedas de bronze-nickel não dá pois lucro sensivel, attendendo a que no quadro precedente não se acham incluidas as despesas de amoedação.

A recunhagem das moedas de prata, ao contrário das de ouro e bronze-nickel, dá um lucro importante como mostra o quadro seguinte, onde tambem suppomos que não apparecerá á troca 10% do respectivo total circulante: Ver quadro 2

No quadro anterior não contamos com as despesas de amoedação, que são na verdade muito importantes, pois que,

Quadro 1

RECEITA		
Importancia da amoedação	*3.750:000$000*	
Venda de 578:000 kilogrammas de bronze proveniente da recolha das moedas, a 240 réis o kilogramma .	*182:000$000*	*3.932:000$000*
DESPESA		
Recolha da moeda de bronze	*2.083:000$000*	
Idem da de nickel	*1.403:000$000*	
107:287 kilogrammas de cobre-nickel existente na Casa da Moeda, a 400 réis o kilogramma	*43:000$000*	
Compra de 162:000 kilogrammas de nickel, a 900 reis o kilogramma ...	*146:000$000*	*3.675:000$000*
Lucro		*257:000$000*

Quadro 2

RECEITA		
Importancia da amoedação		*35.000:000$000*
DESPESA		
Recolha da moeda de prata	*30.100:000$000*	
Compra de 70:330 kilogrammas de prata a 17$800 réis o kilogramma .	*1.252:000$000*	
Idem de 71:572 kilogrammas de cobre, a 268 réis o kilogramma	*19.000$000*	*31.371:000$000*
Lucro		*3.629:000$000*

faltando na Casa da Moeda os necessarios dados estatisticos, e não tendo ainda os preços de algumas das machinas que será necessario adquirir, aquellas despesas não podem ser calculadas desde já com a devida precisão. É porem crêr que ellas não excedam 400:000$000 réis, alem da dotação ordinaria da Casa da Moeda, podendo por isso contar-se, na amoedação da prata, com um lucro líquido não inferior a 3.200:000$000 réis.

Em vista do que fica dito, propomos que se comece a reforma monetaria pela amoedação da prata.

Nestes termos:

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa faz saber que em nome da Republica se decretou, para valer como lei o seguinte:

(Continua)

AFAC

Reportagem

SESSÕES DA ACADEMIA DE MARINHA

Nos dias 27 de Junho e 11 de Julho passado, realizaram-se, no Museu de Marinha, em Belém, duas sessões plenárias da Academia de Marinha, ambas presididas pelo respectivo presidente, vice-almirante Sarmento Rodrigues.

Na primeira, que teve a presença do embaixador do Senegal em Lisboa, Charles Delgado Freire, e do conselheiro da Revolução, capitão-de-mar-e-guerra Almeida e Costa, o capitão-de-mar-e-guerra Cabido de Ataíde apresentou uma comunicação subordinada ao título "A região Atlântica-Ibero-Africana como modelo a utilizar na investigação oceanográfica aplicada".

Na sessão do dia 11, após a eleição de novos membros efectivos e associados da Academia, entre individualidades portuguesas, ou comunidades de cultura lusíada, e estrangeiras, o almirante Sarmento Rodrigues fez referências elogiosas à conferência "As caravelas de Portugal", proferida pelo académico dr. Pimentel Barata, na Casa do Infante, no Porto, aquando das festividades do Dia da Marinha, bem como a outros actos daquelas comemorações realizadas com assinalável êxito no Norte do país.

O dr. Mendes Luz proferindo a sua conferência.

Nesta reunião, o dr. Francisco Paulo Mendes Luz fez uma comunicação em que abordou o tema "Descrição de uma viagem a Ormuz", a qual foi ilustrada com a projecção de um filme e de diapositivos que mostraram o estado actual da fortaleza e desenhos portugueses representando-a, fortaleza esta que já nos séculos XVI e XVII era considerada de extraordinário valor estratégico na zona marítima de comunicação com o Oceano Índico.

N. R. — Já com este número da Revista em composição, tivemos a mágoa de saber a infausta notícia do falecimento súbito do presidente da Academia de Marinha, vice-almirante Sarmento Rodrigues. Na impossibilidade de o fazer agora, a Revista não deixará de, em próximo número, evocar a sua memória.

COMPANHIA DE FUZILEIROS N.º 10 (1971/1973)

Realizou-se no passado dia 1 de Julho, num restaurante da Moita do Ribatejo, mais um almoço de confraternização dos antigos componentes da Companhia de Fuzileiros n.º 10 (1971/1973), a qual efectuou a sua comissão de serviço de dois anos em terras de Moçambique.

Este convívio, que se efectuou pelo 5.º ano consecutivo, reuniu algumas dezenas de antigos membros daquela unidade operacional, bem como muitos familiares, numa demonstração inequívoca da sã camaradagem e espírito de corpo que sempre nortearam a sua actividade.

FISCALIZAÇÃO DA COSTA

No mês de Junho passado, as unidades navais do Comando Naval do Continente, em serviço de fiscalização das águas territoriais do Continente, apresaram 22 embarcações detectadas em infracção à legislação da pesca. Destas, quatro eram de nacionalidade portuguesa. As embarcações apresadas foram entregues às autoridades marítimas para o procedimento devido.

As mesmas unidades navais asseguraram ainda o patrulhamento das águas costeiras tendo em vista a repressão do contrabando e a execução de acções diversas no âmbito das actividades de busca e salvamento.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MARINHA

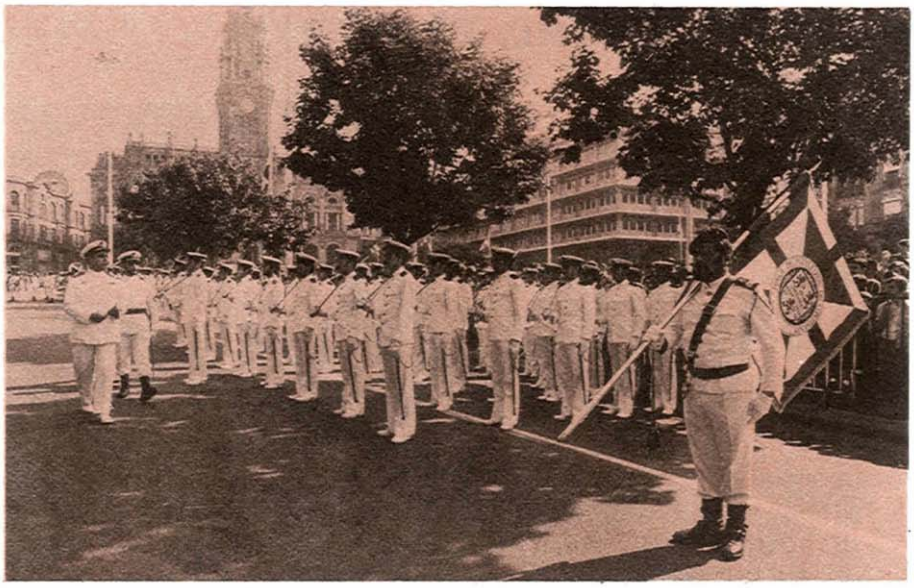
Como assinalámos na reportagem fotográfica do número anterior, o Dia da Marinha foi comemorado no dia 8 de Julho — aniversário da partida da primeira armada de Vasco da Gama para a Índia.

As principais cerimónias decorreram este ano na cidade do Porto e nos portos de Leixões e do Douro. Tiveram início no dia 6, com o embarque do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, a bordo do navio-escola "Sagres", onde recebeu a visita protocolar de cumprimentos das entidades civis e militares locais. À tarde, o almirante CEMA visitou as futuras instalações de apoio naval do Norte, a construir na antiga estação radionaval, em Leça da Palmeira que, quando concluídas, servirão de apoio logístico a todas as actividaes da Armada na região.

No dia 7 (e também no dia 8) foi proporcionada à juventude nortenha o contacto com o mar, embarcando a bordo dum navio-patrulha, que largou de Leixões. Entretanto, o almirante Sousa Leitão, acompanhado dos vice-almirantes Garcez de Lencastre e Ramos Rocha e contra-almirante AN Alfredo de Oliveira, respectivamente adjunto do CEMA, comandante naval do Continente e superintendente dos Serviços Financeiros, além de outros oficiais, visitaram as instalações do Comando da Zona Marítima do Norte.

A noite, na Casa do Infante, no Porto, foi inaugurada uma exposição promovida pelo Museu de Marinha, onde foi proferida uma conferência pelo dr. Pimentel Barata, membro da Academia de Marinha, que abordou o tema "As caravelas de Portugal".

No domingo, dia 8, efectuou-se, na



Aspecto da cerimónia realizada na Praça de Humberto Delgado, no Porto.

Avenida dos Aliados, a cerimónia principal, que foi presidida pelo CEMA e que teve a presença dos conselheiros da Revolução, comandantes Almeida e Costa, Victor Crespo e Martins Guerreiro; do comandante da Região Militar do Norte, general Mário Delgado; do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes; do governador civil do Porto, dr. Cal Brandão; do presidente do município portuense, eng. Aureliano Veloso, e de diversas outras entidades civis e militares. Na ocasião, o almirante Sousa Leitão proferiu uma alocução à Armada, a que se seguiu a imposição de condecorações a diversos militares, militarizados e civis da Marinha. Assistiu-se depois ao desfilar das forças em parada, constituídas por um batalhão de fuzileiros e uma companhia de aspirantes e cadetes da Escola Naval, precedidos de um bloco de bandeiras, da Banda da Armada e da fanfarra.

Após a cerimónia militar, foi celebrada uma missa na igreja da Trindade, a que se seguiram outros actos constantes do programa das comemorações, as quais terminaram com um concerto da Banda da Armada, na Praça de Humberto Delgado. A banda, entretanto, já se tinha exibido (no dia 7) para os doentes do Hospital Maria Pia e no porto de pesca de Matosinhos.

Durante a sua permanência no Norte, a "Sagres", a fragata "Comandante Roberto Ivens", a corveta "Baptista de Andrade" e os patrulhas "Save" e "Limpopo" puderam ser visitados pelo público.

Ainda dentro do programa das festas, realizaram-se em Lisboa, Alfeite e Vila Franca de Xira várias provas desportivas (atletismo, natação e vela).

O Dia da Marinha foi também assinalado nas Regiões Autónomas, nomeadamente nos Açores, numa cerimónia em que o comandante naval do arquipélago, contra-almirante Ga-

bor Patkoczy, depôs uma coroa de flores no monumento aos marinheiros portugueses mortos na I Guerra Mundial, tendo as honras militares sido prestadas por uma companhia de Marinha. A tarde foi oferecida uma recepção às entidades civis e militares a bordo da corveta "Augusto de Castilho".

No Funchal, o comandante da Defesa Marítima da Madeira, capitão-de-mar-e-guerra Rosário Costa, presidiu às cerimónias decorridas a bordo da corveta "Afonso Cerqueira", designadamente o lançamento ao mar de uma coroa de flores em homenagem aos marinheiros falecidos, a condecorações e entrega de diplomas a militares e funcionários da Marinha.

Aquela corveta e outras unidades navais, fundeadas ao largo, estiveram patentes à visita da população local.

EX-MARINHEIROS DE ARGANIL ESTIVERAM EM FESTA

Os antigos marinheiros da região de Arganil reuniram-se, no dia 9 de Junho passado, num almoço-convívio. Antes de se sentarem à mesa, os "filhos da escola" disputaram um desafio de futebol com o Grupo de Amizade "Os Velhos", daquela localidade, em que este venceu por 3-2.

O almoço, que foi servido no Santuário do Mont'Alto, serviu de pretexto para um desfiar de recordações quando ao serviço da "Briosa".

NAVIOS DE GUERRA ESTRANGEIROS NO TEJO

Em visita de rotina, atracou à Doca da Marinha, em Lisboa, no dia 10 de Julho findo, o veleiro da Armada romena "Mircea", que era comandado pelo capitão-de-fragata Grigori Dan Ioan, tendo embarcado como oficial mais graduado o capitão-de-mar-e-guerra Enãchescu Corneliu. Este navio-escola, gémeo da "Sagres", tinha de guarnição 25 oficiais, 94 cadetes, 14 sargentos, 35 praças e 5 civis.

Durante a estadia do "Mircea" no Tejo, decorreram as habituais cerimónias protocolares, tendo o comandante Corneliu apresentado cumprimentos ao comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha. Também, elementos da guarnição, além de terem efectuado visitas aos arredores de Lisboa, estiveram no Museu de Marinha, Torre de Belém, Mosteiro dos Jerónimos e Escola Naval; no complexo desportivo da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, realizaram-se encontros de futebol e de andebol entre equipas daquele navio e de unidades portuguesas.

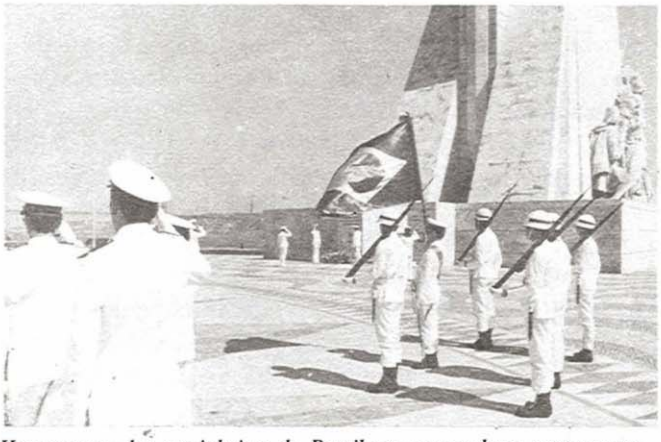
No dia 11, foi prestada homenagem aos navegadores portugueses, tendo o comandante Corneliu deposto uma coroa de flores no Padrão dos Descobrimentos, acto a que esteve presenta o almirante Ramos Rocha.

O navio zarpou do Tejo no dia 12.

Oficiais do "Mircea", acompanhados do adido militar da Embaixada da Roménia em Lisboa, no Museu de Marinha.

No dia 27 de Julho, findo, aportaram ao Tejo, também em visita de rotina, unidades navais das Marinhas do Brasil, de Marrocos e da Grã-Bretanha.

O navio-escola "Custódio de Mello",



Homenagem dos marinheiros do Brasil aos navegadores portugueses.

Oficiais da força naval marroquina apresentam cumprimentos ao comandante naval do Continente.

da Armada do Brasil, comandado pelo capitão-de-mar-e-guerra Tavares Doherty, atracou à Doca da Marinha; a sua guarnição era composta por 28 oficiais, 183 guardas-marinhas, 13 suboficiais, 107 sargentos, 208 praças e 13 civis. A força naval da Marinha Real Marroquina, comandada pelo capitão-tenente Triki Mohamed, era composta pelos navios "Abon Abdellah el Ayachi" e "Okba", comandados respectivamente pelos primeiros-tenentes Berrada Gouzi e Ben Cheik, os quais atracaram ao cais do Jardim do Tabaco; as guarnições destes navios totalizavam 10 oficiais, 44 guardas-marinhas e 112 sargentos e praças. A força naval britânica, composta de seis unidades — "Bronington", "Iveston", "Nurton", "Kirklistow", "Engadine" e "Blue Rover", comandados respectivamente pelos capitão-de-fragata T. S. Taylor, capitães-tenentes D. Cartlidge, T. E. O'Obrien e J. G. A. Lea e comandantes C. G. D. Barker e W. J. Walker — atracou ao cais da Rocha Conde d'Óbidos.

Após a chegada, os comandantes Doherty, Triki e Taylor deslocaram-se ao Palácio do Alfeite, onde apresentaram cumprimentos ao comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha.

Durante a estadia daqueles navios no porto de Lisboa, além de recepções protocolares, foram proporcionadas às respectivas guarnições visitas ao Museu de Marinha, Torre de Belém, Mosteiro dos Jerónimos, Escola Naval, Base Naval de Lisboa e Lisnave e passeios aos arredores da capital.

De registar que, no dia 27, uma força desembarcada do "Custódio de Mello" prestou homenagem aos navegadores portugueses, tendo o respectivo comandante deposto flores no Padrão dos Descobrimentos.

Os navios brasileiro e ingleses estiveram, nos dias 28 e 29, patentes ao público.

Todos os navios zarparam do Tejo no dia 31.

A BANDA DA ARMADA NAS RUÍNAS DO CARMO

Em 12 de Julho passado, pelas 21,15 horas, teve lugar nas ruínas do Convento do Carmo, em Lisboa, um concerto pela Banda de Música da Armada.

No belíssimo enquadramento das ruínas iluminadas com gosto e sob o esqueleto das arcarias ogivais erguidas no topo de colunas esguias e tendo por abóbada o céu, ecoaram as sonoridades de um programa a que o 1.º-ten. SG Manuel Maria Baltazar soube emprestar a qualidade que já é tradicional. No concertino para trompete, o sargento-ajudante B Martins Carneiro creditou-se com uma magnífica execução.

A Banda da Armada tocou mas... pouca gente da "casa" lá estava; e é pena, porque quem se esforça gosta de ver o seu trabalho apreciado.

Durante o mesmo mês de Julho a banda fez uma digressão pelo Algarve tocando em várias cidades e locais turísticos, ora entre os muros vetustos dos castelos, ora no enquadramento de praças e monumentos.

DIA DA FORÇA AÉREA

Por razões estranhas à sua vontade, não foi possível inaugurar a exposição da Força Aérea, na FIL, em Lisboa, no dia 1 de Julho, que é oficialmente o Dia da Força Aérea — data da criação da FA, por junção das Aeronáuticas Militar e Naval (dec.-lei n.º 38 805, de 28-6-52).

A inauguração foi feita pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, no dia 13. A sua chegada recebeu cumprimentos do general Altino de Magalhães, vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Pedro Cardoso, chefe do Estado-Maior do Exército, almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, conselheiros da Revolução, membros do Governo, adidos militares, etc.

A organização da exposição foi do EMFA e confiada ao coronel eng. aer.

Galvão Borges, auxiliado por uma equipa constituída por pessoal de várias especialidades.

A Força Aérea, no seu 27.º aniversário como ramo independente das Forças Armadas, pretendeu e conseguiu, através deste maravilhoso certame, mostrar ao público toda a vasta gama das suas possibilidades e potencialidades. Foi este o ponto alto das comemorações.

Agradecendo o livre trânsito, a "Revista da Armada" felicita efusivamente os camaradas do ar, desejando, para eles e para a nobre Força Aérea, as maiores felicidades.

MODELO DE "NAVIO TARTARUGA" NO MUSEU DE MARINHA

O Museu de Marinha viu enriquecido o seu património e os seus visitantes poderão de futuro apreciar um valioso modelo de uma embarcação de construção naval coreana do século XVI.

O embaixador em Lisboa da República da Coreia do Sul, Chung Tai Kim, acompanhado do conselheiro da Embaixada, Sunk-Heung Yoom, esteve, no dia 13 de Julho findo, no Museu da Marinha, onde, no espírito de uma cooperação cultural merecedora do melhor apreço, fez entrega de um modelo do chamado "navio tartaruga".

Este tipo de navio de guerra — concebido e realizado no século XVI e que foi o percursor dos couraçados, que tanto se evidenciaram nas duas Guerras Mundiais — foi construído sob a orientação do almirante Yi Sun-Shiu, distinguindo-se, com êxito, na derrota da esquadra nipónica, salvando a independência da Coreia em 1591.

Na cerimónia da entrega do modelo, a nossa Marinha estava representada pelo adjunto do Chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Garcez de Lencastre, em representação do almirante CEMA, e pelos director e subdirector do Museu, contra-almirante Emmanuel Ricou e capitão-de-fragata António Cardoso, respectivamente, e por membros da Comissão Técnica Consultiva daquele estabelecimento cultural da Armada.

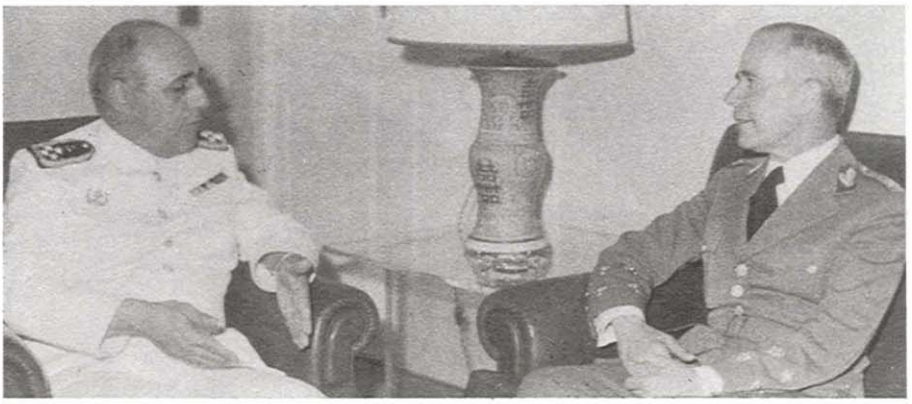
N. R. — Pormenores do "navio tartaruga": comprimento: fora a fora, 22,80 m, entre perpendiculares, 19,64 m; boca, 9,60 m; pontal, 2,25 m; número de remos, 20; número de canhões, 14; guarnição, 120 homens. A cabeça do dragão, na proa, tinha canhões; o convés era protegido por chapa metálica, na qual se fixavam pontas de punhais e de espadas. O nome do tipo deste navio deriva da sua configuração ser semelhante à tartaruga.

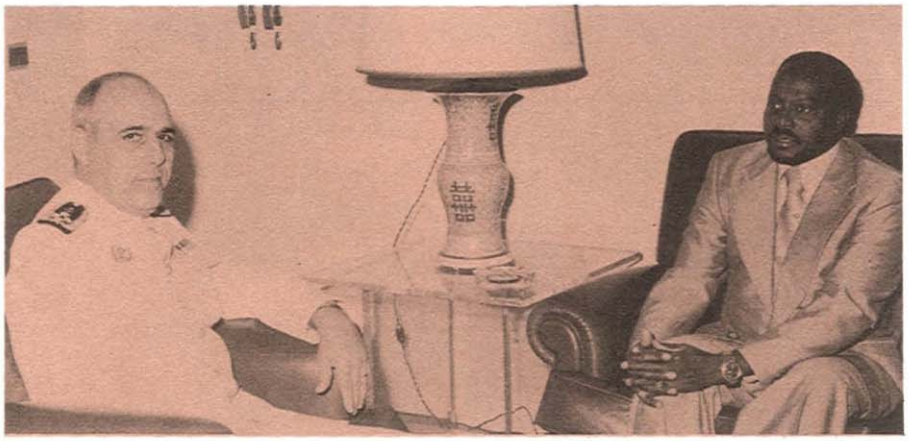
Escala do modelo: 1:25 (construído em 3-7-78).

VISITA DO VICE CEMGFA

O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu em visita de cumprimentos, no dia 17 de Julho último, o general Altino de

Magalhães que recentemente fora empossado no alto cargo de vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.





COMANDANTE DA FORÇA AÉREA DA GUINÉ-BISSAU

Em Julho findo, esteve no nosso país, em visita de trabalho, o comandante da Força Aérea da República da Guiné-Bissau, Cabral Almada, o qual foi recebido pelo almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, em visita de cumprimentos.

DIA DO EXÉRCITO

Por despacho do respectivo chefe do Estado-Maior, o Exército adoptou como seu patrono o 1.º rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Para o Dia do Exército estabeleceu o citado despacho o dia 25 de Julho, dia em que se travou a batalha de Ourique. Este ano, as comemorações tiveram lugar na 1.ª Brigada Mista Independente, no Campo Militar de Santa Margarida, onde decorreram várias cerimónias sob a presidência do general Pedro Cardoso, CEME.

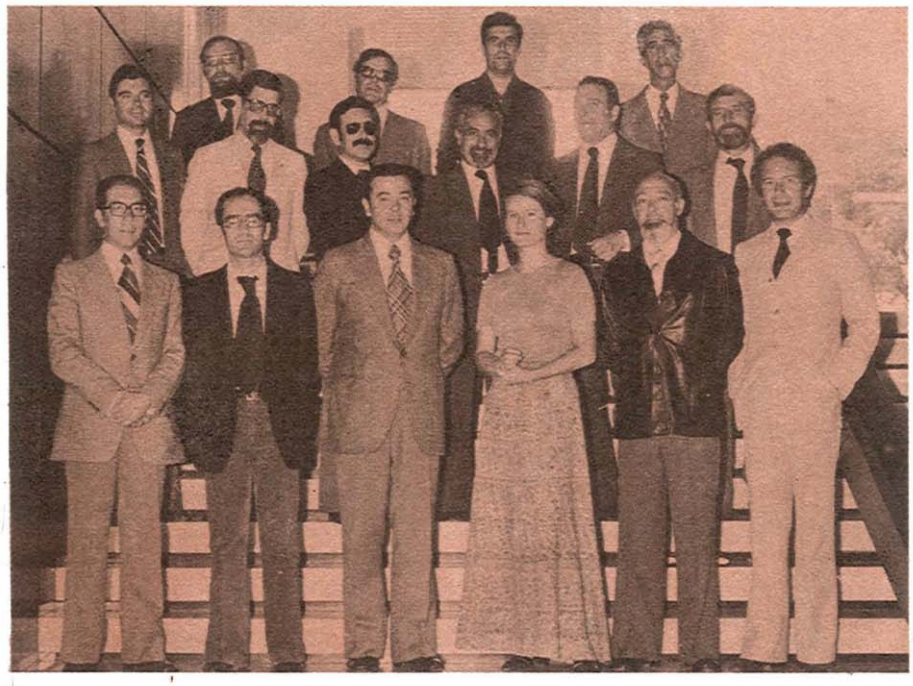
A propósito da efeméride, a "Revista da Armada" saúda gostosamente os camaradas de terra, desejando para eles, e para o glorioso Exército português as maiores felicidades.

1.º CURSO INTENSIVO DE LÍNGUA ALEMÃ PARA MILITARES

Terminou em Julho passado no Instituto Alemão, em Lisboa, o 1.º curso intensivo de língua alemã para oficiais dos três ramos das Forças Armadas. Este curso, iniciado em Outubro último, conforme a "Revista da Armada" oportunamente anunciou, apresentou resultados que se podem

considerar de excelentes conforme conseguimos apurar junto de responsáveis daquele estabelecimento de ensino.

Por parte da Armada terminaram o curso o capitão-de-fragata Lago Domingues e os capitães-tenentes Costa e Sousa e Pinto Machado.



INCÊNDIO DO ARRASTÃO "MAR ANTÁRTICO"

A foto que publicamos refere-se ao incêndio e posterior afundamento do arrastão "Mar Antártico" ocorrido recentemente ao largo de Aveiro. Os navios da Armada "Oliveira e Carmo" e "Limpopo" que acorreram em seu auxílio atacaram o incêndio com todos os meios disponíveis, conseguindo dominá-lo.

Na fotografia vê-se a guarnição do navio-patrulha "Limpopo" durante o ataque ao incêndio.

8.º ANIVERSÁRIO DA "REVISTA DA ARMADA"

Para assinalar a passagem do 8.º aniversário da nossa Revista, e para manter o que já vem sendo tradicional, o director e membros da Comissão Redactorial da "Revista da Armada" e alguns dos seus colaboradores reuniram-se num almoço de convívio, no dia 2 de Agosto último, na Messe de Cascais.

Quarto de Folga

GALANTERIA FRANCESA

No ano de 1957, como tinha sucedido no anterior e havia de acontecer no seguinte, alguns dos nossos navios-patrulhas fizeram treino de luta anti-submarina na escola da Marinha de Guerra Francesa, em Toulon. Em cada um deles, embarcava um instrutor da escola. Todos os dias, à tardinha, terminados os exercícios previstos, os navios iam fundear, para passar a noite, numa pequena baía, muito bonita, mas onde não havia interesse em desembarcar por não haver nenhuma povoação, além da que fornecia as centenas de "roulottes" e tendas dos turistas que ali acorriam.

Claro que as guarnições dos navios se aborreciam pois, apesar de chegarem ao fim do dia muito cansadas, sempre gostariam de dar uma voltinha por terra. E assim, um dos comandantes resolveu dizer ao oficial francês embarcado, que aquilo se estava a tornar monótono e que bem podiam variar de *poiso.* Acrescentou, em ar de brincadeira, que podiam, por exemplo, ir fazer o fim de semana a S. Tropez, onde estava a passar férias a célebre vedeta de cinema Brigitte Bardot ...

Quando à tarde, terminada a faina do dia, o comandante mandou soltar rumo para a tal baía, o oficial francês, exibindo o melhor dos seus sorrisos, entregou-lhe uma mensagem do almirante comandante da Base, em resposta a uma outra que o próprio lhe tinha mandado, dizendo lacónicamente:

Comandante português tem muito bom gosto. Autorizo ida a S. Tropez.

Mas, tivemos azar. A esplendorosa BB lembrou-se de ir passar esse fim de semana a outra praia e nós perdemos a ocasião de contemplar o seu lindo ... bikini!

Resta-nos a consolação de ter posto à prova o tão falado "savoir vivre" dos franceses que, esse sim, não falhou.

M. do Vale
C/ alm.

ARITMOGRAFIA

5	×		−		= 1
+	■	+	■	−	■
	×		:		= 3
−	■	+	■	−	■
	×		:		= 6
= 3	■	= 1	■	= 4	■

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

(Solução no próximo número)

M. Horta
Sarg.-aj. L

CONCURSO N.º 96

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

D. INOCÊNCIA E A INFLAÇÃO

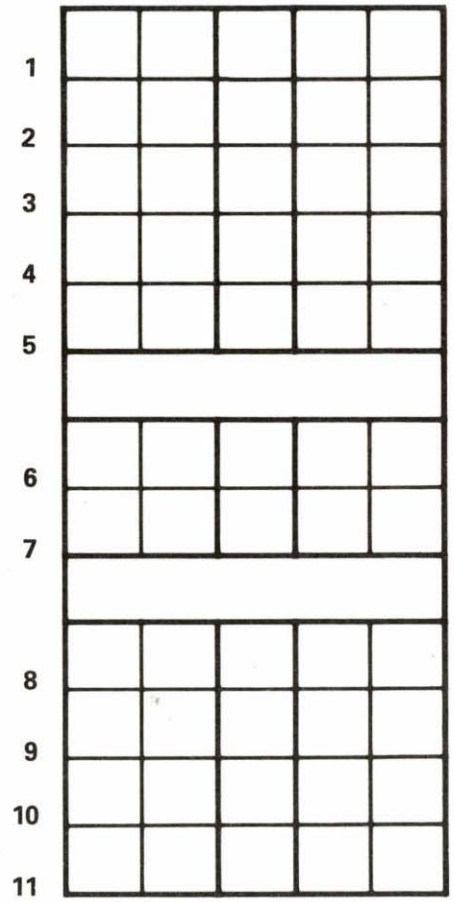
D. Inocência Arrepiada da Costa adquiriu, no mercado da Ribeira, 100 peixes (sardinhas, marmotas e solhas), pela módica quantia de 1000$00.

Sabendo que o preço de custo por unidade foi, respectivamente, de 3$50 para as sardinhas, 18$00 para as marmotas e de 25$00 para as solhas, descubra o leitor quantos peixes de cada tipo adquiriu a "heróica" senhora.

(Solução do próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP

PILHA DE PALAVRAS



1 — Viola de 5 cordas, usada na Madeira. 2 — Metal prateado por electrólise. 3 — Invulgares. 4 — Real. 5 — Vassoura de forno. 6 — Aparelho de detecção que reflecte as ondas hertzianas. 7 — Mordera. 8 — Rasoirar. 9 — Cidade da República Democrática Alemã. 10 — A paga ao senhorio. 11 — Verdadeiro.

Depois de resolvido este passatempo, em que todas as palavras começam pela letra R, o leitor encontrará, na coluna central, o nome de um professor catedrático e escritor, que leccionou em várias universidades do Brasil e dos EUA, foi cadete na Escola Naval na década de 30, de onde saiu após a viagem de adaptação no NE "Sagres", para se formar em engenharia pela Universidade de Lisboa.

(Solução no próximo número)

SEASA

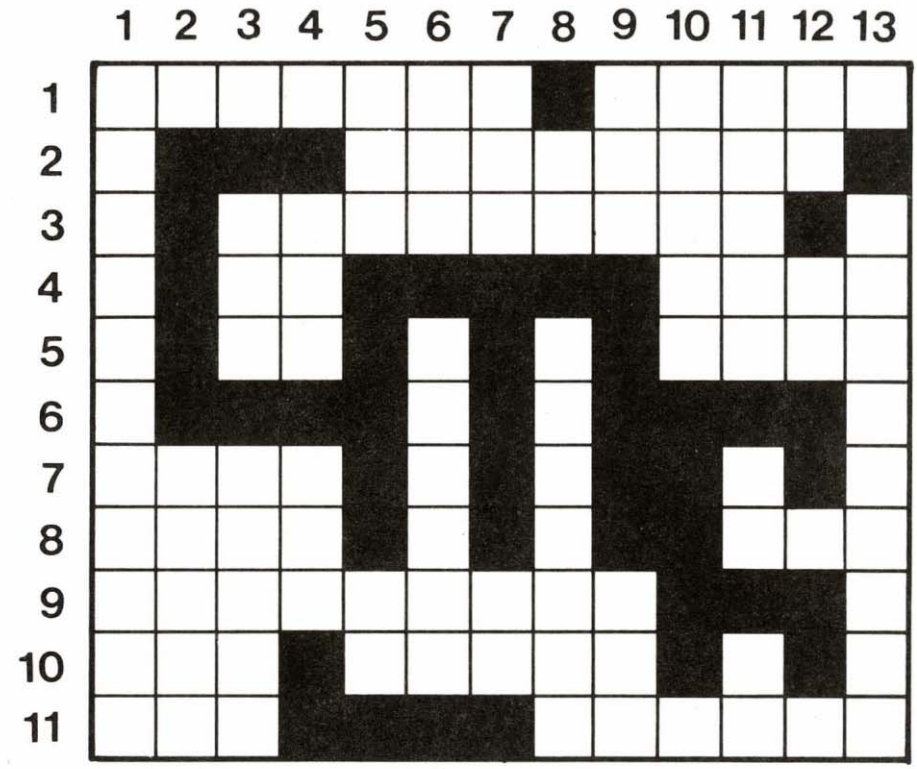
PALAVRAS CRUZADAS

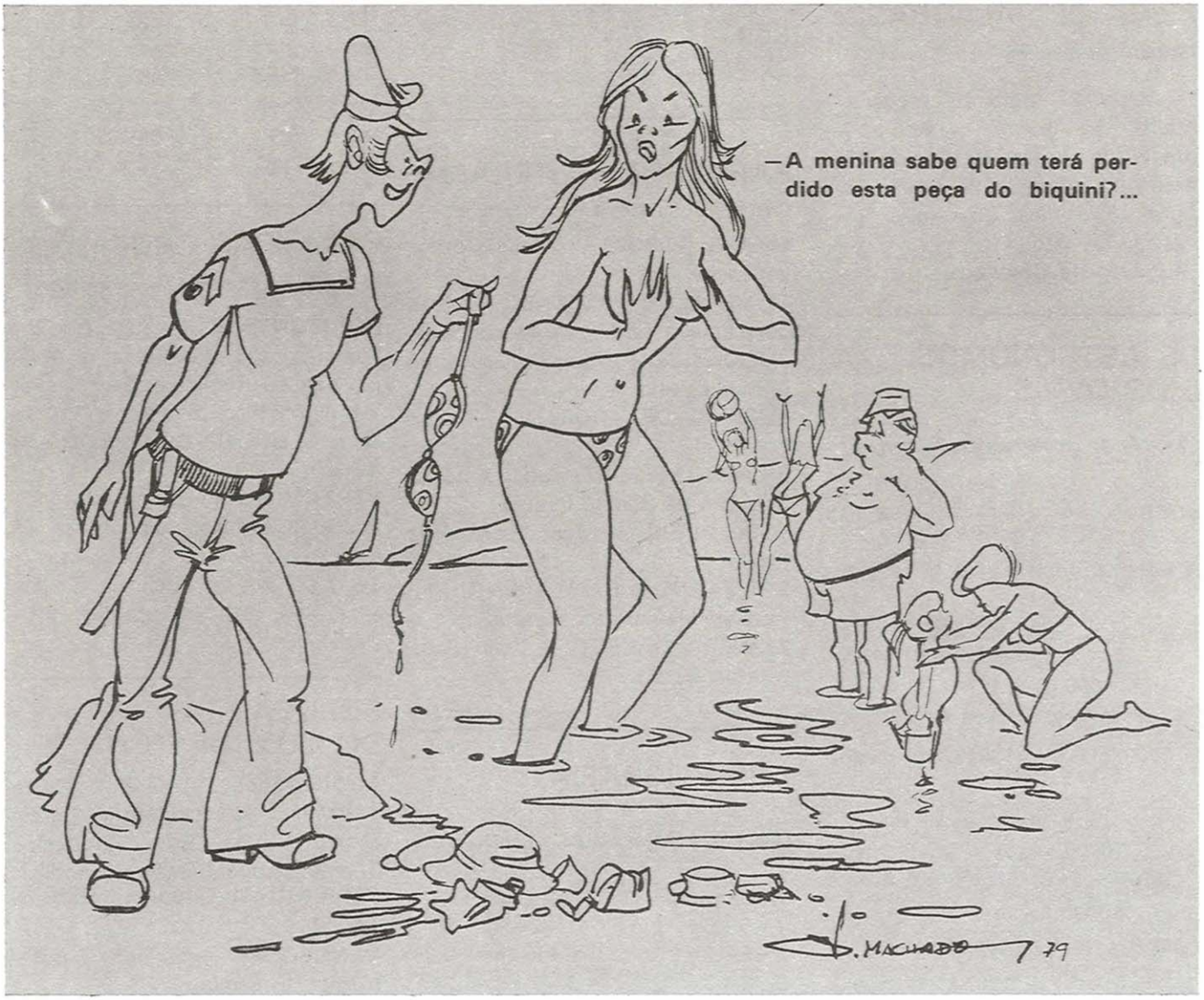
HORIZONTAIS: 1—Rapaz; qualquer substância orgânica ou inorgânica. 2—Araram. 3—Obreiras. 4—Preposição; também. 5—Estás; couro curtido. 7—Casta desprezível entre os japoneses. 8—Apre!; naquele lugar. 9—Retirado. 10—Capa de confraria; roupões. 11—Isolados; desértica.

VERTICAIS: 1—Homens do mar. 2—Subo. 3—Poema lírico; tesouros. 4—Bases; Serviço de Assistência Oficinal (sigla). 5—Pronome pessoal; neóbio (símbolo químico). 6—Estabelecimento de bebidas; esquadra. 7—Ovário de peixe; pronome pessoal (inv.). 8—Duas consoantes iguais; ladrões do mar. 9—Pende; ocasião (inv.). 10—Rezais. 11—Pista; entrega; aqui. 12—Polícia Militar; artigo antigo. 13—Detesta.

(Solução no próximo número)

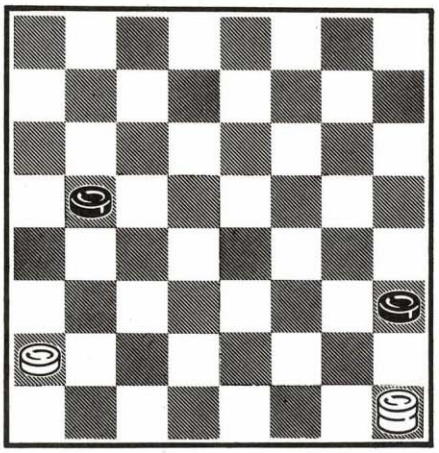
SEASA
Cabo aux.





DAMAS

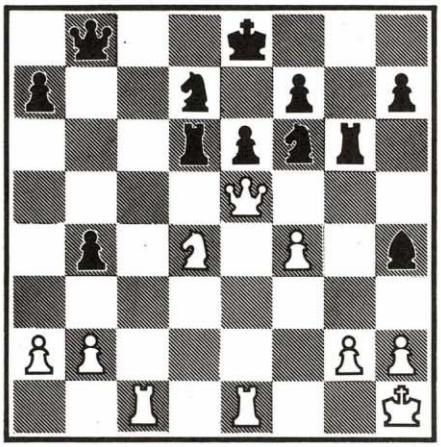
(Solução no próximo número)



Como resolverão as brancas este final?

XADREZ

(Solução no próximo número)



Jogam as brancas e ganham.

CURIOSIDADE

O rei Luiz XIV de França mandava gravar nos seus canhões a seguinte divisa latina:

Ultima ratio regum

isto é: Ultimo argumento dos reis.

Para os que sabem um pouco de francês:

1 — Qual é a palavra francesa que se escreve com quatro vogais diferentes?

2 — Qual é a palavra francesa que se escreve com as cinco vogais e uma só consoante?

(Solução no próximo número)

B. Carreira
Cap.-m.-g.

SOLUÇÕES

PILHA DE PALAVRAS

(Solução do problema do n.º anterior)

1 — Afaga. 2 — Atura. 3 — Argos. 4 — Apuro. 5 — Assam. 6 — Altor. 7 — Amola. 8 — Ardor. 9 — Apelo. 10 — Arcar. 11 — Alago. 12 — Ânsia. 13 — Antro. 14 — Afina. 15 — Aulas. 16 — Anhos. 17 — Arola.

(Augusto de Castilho).

OS ASTRÓNOMOS E OS OVNIS

(Solução do problema do n.º anterior)

a) $\overline{CD} = \frac{10000 \cdot tg\,A \cdot tg\,B}{tg\,A + tg\,B} = 2500 \times$

$\times (3 + \sqrt{3}) = 11830{,}127$ metros;

b) $\overline{AC} = x \cdot sec\,A = \frac{10000 \cdot tg\,B}{(tg\,A + tg\,B) \cdot cos\,A} =$

$= \frac{10000 \cdot tg\,B}{sen\,A + tg\,B \cdot cos\,A} =$

$= 5000 \times \sqrt{6} = 12247{,}449$ metros;

c) $\overline{BC} = (10000 - x) \cdot sec\,B =$

$= \frac{10000 \cdot tg\,A}{(tg\,A + tg\,B) \cdot cos\,B} =$

$= \frac{10000 \cdot tg\,A}{tg\,A \cdot cos\,B + sen\,B} = 5000 \times$

$\times (1 + \sqrt{3}) = 13660{,}254$ metros.

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

BRANCAS	PRETAS
19-23	15-26
31-18	4-21
4-4	1-28
32-14	21-11
4-30 e ganham	

BARALHADA LITERÁRIA

(Solução do problema do n.º anterior)

MIGUEL TORGA — Adolfo Correia da Rocha

TEIXEIRA DE PASCOAIS — Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos

JULIO DINIZ — Joaquim Guilherme Gomes Coelho

EUGÉNIO DE ANDRADE — José Fontinha

RICARDO REIS — Fernando António Nogueira de Seabra Pessoa

JOSÉ RÉGIO — José Maria Reis Pereira

BERNARDO SANTARENO — António Martinho do Rosário

ALMEIDA GARRET — João Baptista da Silva Leitão.

ARITMOGRAFIA

(Solução do problema do n.º anterior)

Horizontais:	Verticais:
1 — 5 + 6 = 2	1 — 2 + 9 = 8
2 + 8 — 7 = 3	5 + 8 — 4 = 9
9 — 4 — 3 = 2	6 — 7 + 3 = 2

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

	BRANCAS	PRETAS
1.	—	Txg2
2.	Rxg2	Tg8
3.	Rh1	Dg5
se:		
4.	Cxg5	Cxf2, ch/
5.	Txg5, ch/	etc.
se: 4.	Tg1	Dxg1ch/
5.	Cxg1	Cf2 e mate

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1 — Sagapejo. 2 — Tomara; im. 3 — Eco; anta; ri. 4 — Ti; gê; paz. 5 — Roma; ro; aso. 6 — Ter. 7 — Gil; on; mata. 8 — Ria; ra; Ag. 9 — Ai; rasa; elo. 10 — Ga; lavas. 11 — As; Askia.

VERTICAIS: 1 — Tetragrama. 2 — Rocio; III. 3 — Mó; mala. 4 — Sá; pá; raa. 5 — Ara; tora. 6 — Gangrenas. 7 — Teor; ali. 8 — Pia; mo; aa. 9 — Em; para; ev. 10 — Rás; talar. 11 — Orizófagos.

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 95

Mediterrâneo. Amarelo. Norte. Vermelho. Báltico. Negro. Cáspio. Morto. China. Egeu. Adriático. Tirreno. Irlanda. Cantábrico. Antilhas. (Alternativas: Japão. Okhotsk. Bering).

VENCEDOR: Agostinho Fardilha, ex-mar. L. Esmoriz.

Os nossos navios e os seus nomes

Lancha de fiscalização "DOM ALEIXO"

Foi construída nos Estaleiros de S. Jacinto, em Aveiro, tendo sido aumentada ao serviço em 1967.

Dimensões: comprimento fora a fora, 25,00 m; boca, 5,20 m; pontal, 3,00 m; calado máximo, 1,70 m; altura do mastro, 7,75 m; altura mais elevada da antena, 10,55 m.

Deslocamento: máximo, 67,69 toneladas; standard, 62,67 toneladas.

Aparelho propulsor: dois motores Diesel Cummins, de 525 BHP cada.

Velocidades: máxima, 16 nós; cruzeiro, 12 nós.

Autonomia: à velocidade máxima, 660 milhas; à velocidade de cruzeiro, 1000 milhas.

Produção e distribuição de energia: dois grupos geradores de 12.5 KVA cada. A tensão da rede principal é de 220V/50Hz, monofásica. À excepção do radar, todos os electrónicos se podem manter a trabalhar a partir dos grupos de baterias de 24V, mantendo o navio a sua operacionalidade durante 48 horas, pelo menos, sem gerador.

Equipamentos de comunicações: dois transmissores/receptores de 1000 W; outro de 25 W de VHF; dois transreceptores portáteis de VHF (serviço móvel marítimo); quatro transreceptores de VHF (comunicações estritamente militares).

Navegação; um radar de navegação, um sondador electrónico; um odómetro de linha e um anemómetro.

Armamento: uma peça de 20 mm Oerlinkon; duas metralhadoras MK21; oito espingardas automáticas e duas pistolas.

Guarnição: um oficial, um sargento e oito praças.

Patrono: régulo D. ALEIXO Corte-Real

Natural de Timor, nasceu, julga-se, em 1886. Teve como nome de origem Nai-Sêssu.

Desde novo, haveria de viver junto das autoridades militares portuguesas, *tendo-se desde logo revelado um servidor leal.* Por resignação de seu tio, Nai-Pôssu, chefe de Súru-Craic, D. Aleixo Corte-Real — nome de baptismo quando, em 1931, se converteu ao catolicismo — assume o regulado do reino das terras do Súru.

Envolvido numa trama política, é acusado de um assassinato, tendo sido condenado. Enquanto cumpria a pena em Dili, *nem um só dos militares, missionários ou civis que serviam em Súru deixou de gritar a sua inocência.* Mais tarde, viria a ser revisto o processo, sendo solto. Em liberdade, regressado às terras do Súru, apresentou a demissão do seu cargo ao Governo de Timor, que não a aceitou. Resignado, declara: *Não quero que o meu povo suponha que eu mendigo o mando do Súru, e que sou régulo apenas porque os brancos o impõem. Quero ser, sim, mas como chefe, de cabeça erguida.*

Dado o seu portuguesismo, em 1934, acompanhado de sua mulher, a rainha, visita Portugal em representação do seu povo, para assistir às festas que então se realizaram no Porto.

Como guerreiro valente, além de valiosa acção na grande sublevação de Timor (1911-1912), a sua dedicação a Portugal viria, novamente, a distinguir-se quando, na 2.ª Guerra Mundial, aquele antigo território lusíada foi ocupado pelos japoneses, os quais combateu até à morte. A sua heróica resistência viria a terminar em 1943. Quando nas montanhas, a *bandeira das quinas continuava altiva no acampamento do bravo D. Aleixo é este batido pelo inimigo, juntamente com mais de três centenas de timorenses.*

Em 1945, feita a reocupação de Timor, as suas ossadas e doutros heróis *encontraram o merecido repouso.* Em Ainaro, as autoridades portuguesas ergueram um memorial a D. Aleixo Corte-Real.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Evolução histórica dos uniformes na Armada (8)

Tambor do Terço da Armada Real–1667

O precioso figurino que hoje publicamos é uma raríssima gravura colorida francesa, aberta a buril sobre lâmina de cobre, de autor desconhecido, representando um tambor do Terço da Armada Real de 1667. Pertenceu à colecção de estampas da infanta Isabel Maria, que foi regente do reino no período que mediou entre a morte de D. João VI e o regresso e aclamação do rei D. Miguel I. Palhares, o grande coleccionador de estampas de uniformes militares, adquiriu-a no leilão do espólio da infanta, em 1874. Em 1957/58, estava na posse de Augusto do Amaral Frazão de Vasconcelos, antigo funcionário da Biblioteca Central da Marinha e revisor do "Diário de Notícias". Por falecimento deste erudito investigador, toda a sua valiosíssima documentação histórica foi dispersada. Em Setembro do ano findo, adquiri-a eu, num alfarrabista, com a respectiva nota histórica apensa.

O tambor do Terço da Armada é dum preciosismo de pormenores de rara valia. Os tambores eram, quase sempre, nos princípios do século XVII, recrutados na matula vadia apanhada nas levas de recrutamento para o Exército. Não era raro ver meliantes perdoados para exercerem esse ofício. Ninguém de boa conduta se prestava a servir como tambor nas fileiras. Também eram "levados" para o ofício tambor os foragidos das galés. Em 20 de Junho de 1690 saiu uma curiosa Carta Régia declarando *não ser vil o ofício de tambor*. Mesmo assim, continuou a ser difícil arregimentar gente para o ofício. Passou então a haver menores que se desempenhavam, e bem, do cargo.

(Reprodução proibida)

O pequeno tambor do Terço da Armada Real da Coroa de Portugal, que rufa um timbalão de guerra, enverga um pelote verde que tem, certamente, bordada uma âncora; as mangas saem do pelote com fitilhos encordoados a amarelo e vermelho. Os fitilhos encordoados nas mangas dos uniformes dos tambores e timbaleiros a cavalo usaram-se nos uniformes militares portugueses a partir dos fins do século XVII, como aqui bem documentado fica. Generalizaram-se depois, e profundamente, até aos princípios do reinado de D. Pedro V, em que os músicos de pancada tinham as mangas dos uniformes encordoados a cores. O figurino enverga calções vermelhos de "berri de França", termo que se empregava para indicar a cor escarlate da fazenda que, vinda da Flandres, se utilizava para o vestuário. Os canhões das mangas sob amarelos, bem como o forro do pelote e a gravata é branca e usada caída sobre o peito. A cabeleira é comprida, sem ser postiça, (ainda não estava em uso em Portugal o enfeite das perucas). Na cabeça, chapéu braguês com plumas vermelhas. À cinta, faixa carmezim para suspender o "boldrié" da espada. Nas pernas, meias brancas com ligas de laço. Nos pés, sapatos militares de ponteira quadrada de pele de bezerro, com fivelão.

No ângulo superior esquerdo, figuram as armas reais de Portugal e a legenda *Tambor do Terço da Armada Real — 1667*. Como o Terço da Armada fez a campanha em terra, integrado nas tropas que actuaram não só nas campanhas da restauração como na Guerra da Sucessão de Espanha, vê-se a figura sobre uma pequena colina, tendo por fundo uma fortificação e casario disperso. Tocará pois, no cimo, como era do regulamento da milícia, à Assembleia (tocar a reunir).

Antes de terminar, e como homenagem a esses pequenos tambores portugueses, queremos referir a história dum deles, o João Pequeno.

O próprio nome por que ficou conhecido, e que deriva certamente de ele ser um garoto, mostra bem o desprezo que era votado a esse ofício.

Era tambor de caçadores da Legião Lusitana, ao serviço das tropas napoleónicas na Campanha da Rússia — a célebre Infantaria Negra, como o próprio Napoleão chamava aos caçadores portugueses.

Juntara-se à Legião, quando esta partira de Lisboa a caminho de França. Vaidoso no seu uniforme castanho escuro, foi enquadrado, em Bayona, na divisão de tropas ligeiras. Esteve em Wagram e, quando o Grande Exército marchou para a Rússia, lá foi rufando tambor na testa da coluna.

Na batalha de Smolensk, heróico e belo, naquela tarde cinzenta em que duas meias companhias da Infantaria Negra entraram por uma brecha, aberta a ferro e fogo na cidade, João Pequeno, cabelos ao vento, caiu varado pelas balas russas. No fim da batalha, os seus companheiros foram buscar o seu corpo para o homenagear e lhe dar sepultura condigna.

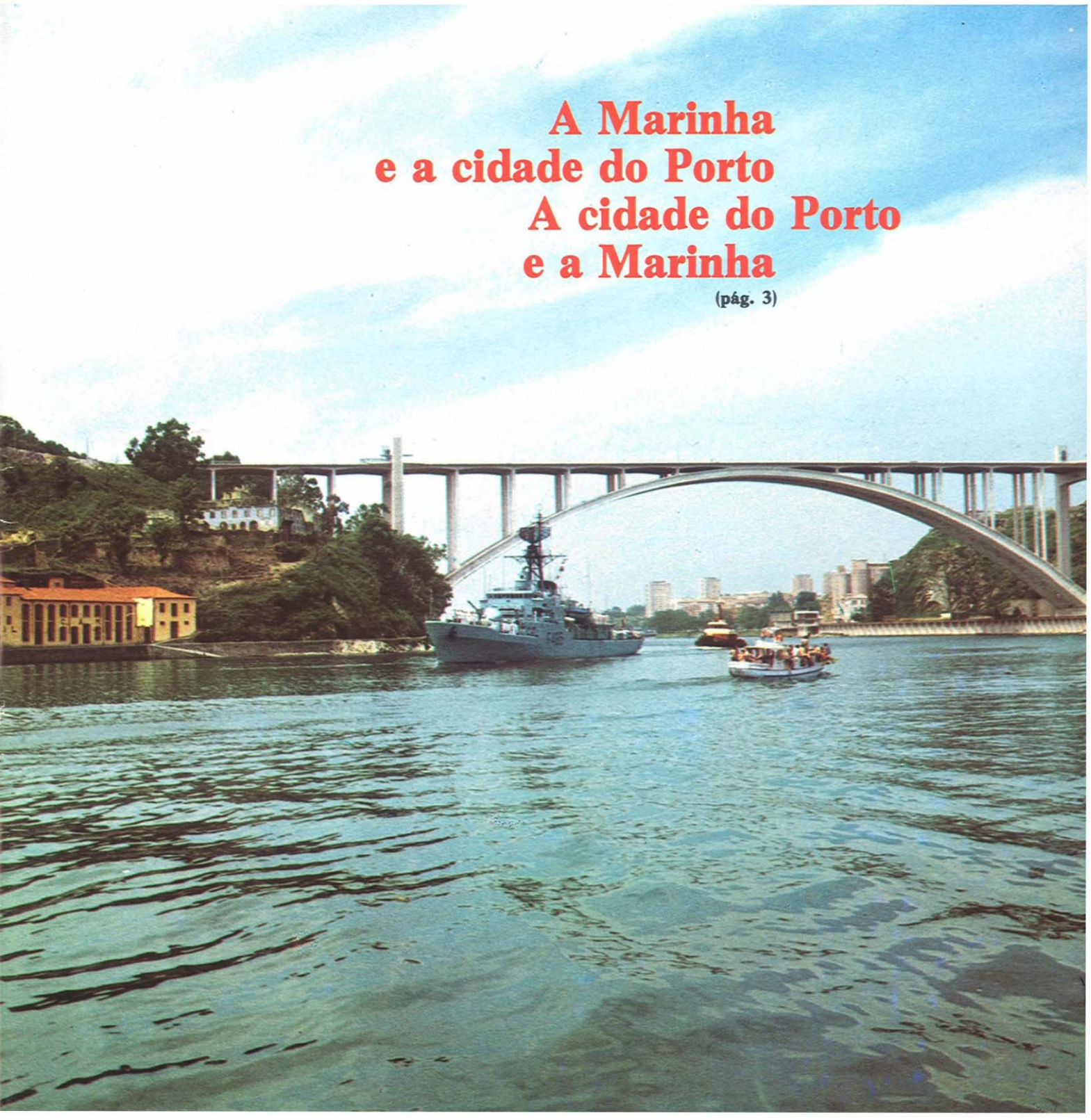
Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 97 / OUTUBRO 1979 / ANO IX / MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA

A Marinha e a cidade do Porto
A cidade do Porto e a Marinha

(pág. 3)



Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
J. Santos	**Efemérides Navais** Um perfil e uma obra — Carvalho Araújo	4
S. Mendes	**O primeiro salva-vidas português**	6
A. Maria	**Ter um amigo**	7
M. Horta	**Notícias Pessoais**	7
V. e Menezes	**Ciências, Artes e Letras** O homem e a arte de curar	8
	Voz da Abita / Cartas ao Director	10
M. Bairrada	**Um barco nazareno no Museu de Marinha**	12
G. Brandão	**Filatelia**	15
M. Horta	**Saibam todos**	16
S. B.	**Histórias de Marinheiros** 10 — Trovoada no mar	17
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros... que não chegou a realizar-se...**	18
M. Mota	**Aviação Naval duas efemérides, dois monumentos**	23
A. Correia	**Numismática**	24
	Reportagem	26
	Quarto de Folga	32
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada (9)**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração:
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

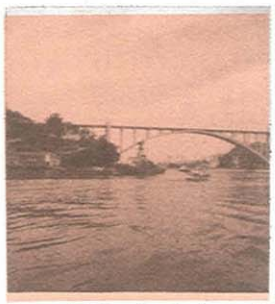
N.º 97 / OUTUBRO 1979 / ANO IX

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:
Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 210$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:



A corveta "Baptista de Andrade" sob a ponte da Arrábida, no rio Douro.

(Foto do 1.º-sarg. CM Ramiro Magalhães)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução Gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

A Marinha e a cidade do Porto a cidade do Porto e a Marinha

A Marinha, numa decisão a todos os títulos louvável, resolveu comemorar este ano o seu "Dia" na cidade do Porto.

Eu sei que a Marinha goza de grande popularidade em todo o país. O facto é significativo e envaidece-nos muito. Mas, a cidade do Porto é, talvez, um caso à parte. Todos os marinheiros que, como eu, tiveram a felicidade de ali fazer comissões de serviço, sabem que é assim. No Porto, somos rodeados de tanta amizade e tanto carinho que nos sentimos como em nossa casa.

Apesar das chuvas, dos nevoeiros e do frio, apesar das cheias do Douro e dos grandes temporais que ali assolam a costa, lembro com saudade um ano que passei embarcado na velha canhoneira "Zaire", irmã gémea de outras do mesmo tipo, entre as quais a "Mandovi", famosa em todo o Norte por ter sido atribuída, durante anos, à sua Marinha privativa.
Os portuenses chamavam-lhe carinhosamente a *nossa Mandovi* e tinham orgulho nos seus marinheiros que, aliás, correspondiam, comportando-se de forma irrepreensível.
Tal como a Torre dos Clérigos, a Ponte D. Luís, o Futebol Clube do Porto, o "Pinga" e o Valdemar, a "Mandovi" era do Porto e de mais ninguém!

Que era assim, mostra-o esta história autêntica que, longe de minimizar a gente do Porto, realça o seu sentimento bairrista, que julgo inigualável.
Um dia houve um baile dedicado à Marinha. Os dois únicos navios presentes eram a "Zaire", que acidentalmente fora reforçar a fiscalização da pesca, e a *nossa* (deles, portuenses) "Mandovi".
O único senão da festa, que corria animadíssima, era o de haver muitos marinheiros e poucas raparigas para dançar com eles, o que, como é natural, originou várias confusões.
Então, para apaziguar os ânimos, um expedito dirigente da associação recreativa que organizara o baile, subiu para uma cadeira e, impondo silêncio, fez uma breve análise da situação, arrumando o assunto desta forma:

(...) portanto, quem é da "Mandovi" dança, e quem não é da "Mandovi" não dança!

C/ alm.

Um perfil uma obra Carvalho Araújo

O meticuloso biógrafo de Carvalho Araújo, Albino Fernandes, escreveu que ele foi, mais que marinheiro insigne, um orador de raça, fluente, sugestivo, e por vezes arrebatador, um escritor primoroso e incisivo, colonialista distinto e político de rara visão e austeros princípios. Morto prematuramente, apenas com 38 anos de idade, num combate que o imortalizou, deixou provas e testemunhos perduráveis daquilo que foi. Uma tal multiplicidade de aptidões raras vezes se encontra num só indivíduo. Teve-a Carvalho Araújo, que sucumbiu, em 14 de Outubro de 1918, no mar dos Açores e cuja memória agora se celebra num conjunto de comemorações, destinadas a assinalar os sessenta e um anos do seu feito. Ele foi, sobretudo, produto de uma geração e uma época: a dos jovens oficiais que contribuiu para a proclamação da República e suportou o maior peso da nossa participação na guerra de 1914-18. Alguns deles tiveram ensejo de se bater, em 5 de Outubro de 1910, contra forças da monarquia: Cabeçadas, Sousa Dias, Vasconcelos e Sá, Fiel Stokler, Ladislau Parreira, Tito de Morais, Carlos da Maia. Outros, embora cumpliciados no movimento que o almirante Cândido dos Reis chefiava, não chegaram então a entrar em combate. Isso aconteceu, entre outros, a Carvalho Araújo.

Este oficial fez, embarcado, quase toda a sua carreira militar. Quando não estava a bordo prestava serviço no Ultramar, cujas províncias conhecia, desde a Guiné a Angola e Moçambique, onde ficou assinalada a sua passagem como governador do distrito

1.º-tenente José Botelho de Carvalho Araújo.

de Inhambane. Raros foram os períodos em que gozou relativo descanso, no intervalo do desempenho destas comissões durante 20 anos, entre 1898, ano em que entrou para a Escola Naval, e 1918, data em que foi mortalmente ferido, desde os cruzadores, como o "Vasco da Gama", até às pequenas canhoneiras e rebocadores. Foi numa dessas unidades, o improvisado caça-minas "Augusto Castilho", que terminou a sua carreira fulgurante de marinheiro e colonial. Servindo num transporte, o "Salvador Correia", prestou relevantes serviços na Guiné, em seguida à proclamação da República, pelo que foi louvado em termos calorosos e merecidos.

A sua pena deixou-nos testemunhos valiosos para documentar a sua condição de homem de carácter, de idealista, de combatente valoroso e de democrata. Viveu numa época de exaltação patriótica a que coincidiu com a expansão da República e sentiu, como poucos, a vibração das orações dos tribunos, a magia da palavra dos oradores, a elevação dos princípios em que foi educado e em que se formou o seu espírito de pioneiro.

Os escritos que nos legou reflectem a grandeza da sua alma, a têmpera do seu carácter e a elevação do seu pensamento. Pouco antes de morrer, quando lhe seria fácil eximir-se a uma missão de serviço arriscada, lançou no papel a amargurada expressão do seu protesto e partiu para sucumbir, com a simplicidade dos bravos e dos sacrificados. Carvalho Araújo não hesitou e, em vez de reclamar, foi perecer na imensidade do Atlântico, depois de ter praticado uma das mais belas proezas da nossa história naval e um dos actos mais relevantes da participação de Portugal na guerra de 1914-18. Um mês depois, as hostilidades cessaram, e voltou a reinar a paz no Mundo.

O GOVERNADOR COLONIAL DE EXCEPCIONAL ENVERGADURA E TOTAL DESASSOMBRO

Em Março de 1916, Portugal entrou na guerra e, para efectivar a nossa intervenção militar, constituiu-se o Governo da União Sagrada sob a presidência do dr. António José de Almeida. Era governador-geral de Moçambique outro republicano de rija têmpera, o dr. Álvaro de Castro. O primeiro era adversário, o segundo correligionário político de Carvalho Araújo que militava no Partido Democrático. António José de Almeida deixou uma sugestiva descrição do seu encontro com Carvalho Araújo, por ele provocado para o convidar

para o exercício do governo colonial, escrevendo: *Um dia, quando eu presidia ao Governo da União Sagrada, chamei Carvalho Araújo ao meu gabinete de ministro das Colónias e convidei-o para governador de Inhambane, sob proposta do respectivo governador-geral, o dr. Álvaro de Castro. Declarou que lhe custava dizer-me que não, mas que lhe era doloroso ir para um lugar de perigo secundário, apesar de a província de Moçambique estar em guerra, e que esperava que o destino lhe facultasse melhor ensejo de ser útil à pátria, batendo-se por ela. Só conseguiu que ele fosse, depois de lhe impor o encargo como necessidade a que devia obediência. Quando lhe estendi a mão, à despedida, ele disse-me com melancolia: "Agradeço a honra, mas vou contrariado". Pouco tempo lá se demorou. Os fados cumpriram-se, e ele teve a suprema honra de morrer pela pátria".*

Carvalho Araújo foi governador de Inhambane pouco tempo, cerca de um ano e meio. O mar atraía a sua imaginação e o seu ardor combativo. Desse passo capital da sua vida terminada no mar, ficou um documento de isenção, coragem e patriotismo, o seu "Relatório", documento a que só se podem comparar os relatórios de Mouzinho e António Enes, escritos sobre a mesma província de Moçambique, à qual Carvalho Araújo consagrou desvelado carinho.

O DOCUMENTO ELOQUENTE, QUE PROVA A INTENÇÃO DE MANDAR O HERÓI PARA A MORTE

Apesar das suas divergências com o governador-geral, Álvaro de Castro, Carvalho Araújo conservou-se no seu cargo de governador de Inhambane até aquele ser demitido.

De regresso a Lisboa, reconheceu que os seus inimigos, sobretudo aqueles que em elevado número receavam a integridade do seu carácter e a nobreza e rectidão do seu procedimento, tudo fariam ou tentariam para lhe criar contrariedades. A Junta de Saúde na Metrópole deu-lhe dois meses de licença para se refazer dos estragos do clima de Inhambane. Terminada ela, apresentou-se, e foi

Estátua de Carvalho Araújo, em Vila Real.

logo nomeado para comandar o caça-minas "Augusto Castilho", empregado no serviço de protecção aos comboios que transportavam tropas para França. O caça-minas era um barco improvisado, sem condições para tão exigente serviço, e isso mesmo afirmou o seu comandante desde a primeira missão atribuída. Em Setembro de 1918, foi-lhe cometida a tarefa de *policiar o mar da Madeira e proteger esta ilha dos ataques dos inimigos.* A aceitação do cargo equivalia ao suicídio. Não o ignorava o herói que, ao saber o destino que lhe marcavam, redigiu um documento no qual definiu corajosamente a sua posição e estigmatizou aqueles que o votavam a morte certa. Oferece esse documento, inegável interesse histórico, e por isso aqui o reproduzimos na íntegra:

1.º *Tenho já duas comissões de guerra para que voluntariamente me apresentei, quando a minha situação política (deputado) permitia esquivar-me, e havendo vários primeiros-tenentes que ainda não têm comissão alguma não devia recair sobre mim o desempenho desta nova comissão. Os que deviam marchar valem-se de empenhos para não irem, eu marchei quando podia deixar de o fazer.*

2.º *Tendo regressado de África apenas há três meses e acabado a licença da Junta apenas há um mês, devia ser-me dada uma comissão em terra, evitando a minha brusca passagem de um clima quentíssimo para regiões frias.*

3.º *Só doidos se lembram de mandar um navio mal artilhado para regiões onde os submarinos actuam, obrigado a fazer viagens numa época de lua cheia, o que está completamente condenado. Fica, pois, estabelecido que vou fazer uma comissão perigosa que a outro pertencia, e que a minha nomeação só pode ter obedecido a*

perseguição política. Que sobre os autores caiam todas as responsabilidades do que possa acontecer-me.

Carvalho Araújo sabia que o tinham condenado à morte aqueles que receavam a sua têmpera e a sua bravura. Tinha a consciência, pois era um distinto profissional, de que os míseros canhões do caça-minas e a lentidão da sua marcha, contra-indicavam o uso desse navio para a tarefa de enfrentar os poderosos submarinos alemães que infestavam a zona do Atlântico que ia defender. Apesar disso não hesitou, não tergiversou, nem reclamou contra uma nomeação que equivalia a uma sentença de morte, dada como recompensa dos seus serviços distintos, no mar e nas províncias ultramarinas.

O "AUGUSTO CASTILHO" CUMPRE A MISSÃO QUE LHE FOI CONFIADA

Os submarinos alemães eram terríveis engenhos de guerra, armados com canhões de 150 mm e deslocando-se à superfície com a velocidade de 15 milhas horárias. Só poderosos contratorpedeiros se lhes poderiam opor com possibilidades de triunfar dos seus ataques.

O "Augusto Castilho" era um antigo barco de pesca, com o nome de "Élite", armado com uma peça de 65 mm a vante e outra de 47 a ré. Servia para rocegar minas à entrada dos portos. Confiar-lhe a missão de proteger navios mercantes ou comboios, tendo de enfrentar submarinos daquele calibre, *só podia ser lembrança de doidos.*

Saindo de Lisboa em 8 de Outubro, fundeou o "Augusto Castilho" na baía do Funchal na madrugada de 11 do referido mês. Na tarde do dia 12, o comandante fez a sua apresentação oficial na Capitania, onde foi informado de que, depois do pôr do sol, devia seguir viagem a fim de comboiar o vapor "S. Miguel", com destino a Ponta Delgada, missão para a qual anteriormente fora designada a conhoneira "Mandovi", igualmente fundeada no porto do Funchal. O caça-minas, como o seu nome indicava, destinava-se à rocega e recolha de minas nos portos, pelo que não precisava de artilharia de maior calibre, única que permitia enfrentar o inimigo. *Não é fácil compreender os motivos — escreve o biógrafo de Carvalho Araújo — porque foi substituída a canhoneira "Mandovi" pelo caça-minas "Augusto Castilho", a todos os títulos impróprio para comboiar barcos mercantes (...). À face da documentação existente sobre o combate naval no mar dos Açores, não pode haver dúvidas de que a ordem dada ao caça-minas para comboiar o paquete da Companhia Insulana de Navegação, na sua travessia para Ponta Delgada, constituiu acto deveras censurável pelas leis militares de todos os países civilizados e pela ética que rege as normas guerreiras entre os povos".*

A hostilidade a Carvalho Araújo revelou-se ainda na concessão das recompensas honoríficas que era indeclinável dever da nação conferir-lhe. O glorioso comandante de "Augusto Castilho", morto em combate, teve apenas a recompensa da promoção por distinção e da Cruz de Guerra de 1.ª classe. Só mais tarde, em virtude de justificadas reclamações e críticas, foi feita, com data de 9 de Maio de 1959, nova publicação do decreto que lhe conferiu aquelas recompensas, no qual se dizia que *por estranha omissão de uma linha* lhe não fora oportunamente conferida a Torre e Espada.

Em Vila Real, terra da sua naturalidade, foi-lhe erguida uma estátua.

José Santos
Mestre de 1.ª classe do QPCM

Biografia:
"Vida Mundial", de 11-10-68.
"Carvalho Araújo — Herói sem Mácula", de Albino Fernandes — 1961.

O primeiro salva-vidas português

Data de 1800 o estabelecimento do Serviço de Socorros a Náufragos em Portugal, pela oferta que então fez o duque de Northumberland à invicta cidade do Porto, duma embarcação salva-vidas construída para tal fim. Essa embarcação era idêntica a outras duas que em Inglaterra foram construídas, segundo planos de Henry Greathead de South Shields.

Um folheto publicado no Porto, em 1832, faz referência a essa embarcação e descreve também o edifício destinado à Real Casa d'Azilo dos Náufragos, que D. Miguel mandara erigir em S. João da Foz, sob a inspecção e por proposta da Junta da Administração da Companhia d'Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, como consta no decreto de 21 de Abril de 1828. O referido folheto encontra-se presentemente na Biblioteca Municipal do Porto, assim como outro de 1852, que reproduz estampas relativas a um naufrágio que se dera em 29 de Março desse mesmo ano.

Em 1828, foi construído novo salva-vidas para a mesma Real Casa, segundo planos do inglês G. W. Mauby, director da Estação de Salva-vidas Yarmouth; assim, o material de socorros a náufragos então por nós utilizado, já correspondia ao que de melhor existia naquela época.

Entre 1828 e 1832 deve-se ao pessoal de socorros a náufragos da Foz, o salvamento das tripulações de duas galeras portuguesas e de quatro navios estrangeiros.

Eis pois, como começaram os Socorros a Náufragos em Portugal, onde a coragem, abnegação e humanidade de uns têm salvo a vida de outros, por vezes em situações bem trágicas e perigosas.

José Agostinho de Sousa Mendes
Cap.-m.-g.

Ter um amigo

Ter um Amigo, é ter o bem mais precioso
que se possa desejar.
Ter um Amigo, é ter Alguém que ao nosso lado
nunca tem pressa em nos deixar.
Ter um Amigo, é ter Alguém que nos dá sua mão
quando dela necessitamos
e a nosso lado chora
quando nós choramos.
Ter um Amigo, é ter Alguém que connosco é feliz
nas horas felizes,
e connosco sofre nas adversidades.
Ter um Amigo, é ter Alguém que em nós sempre pensa
mesmo que adormeça.
Ser Amigo de Alguém...
... como é maravilhoso!
Poder compartilhar toda a nossa vida,
dar ajuda e amor à pessoa querida,
para que ela se sinta de bem com a vida.
Ser Amigo de Alguém, não é só dizer:
—Eu sou teu Amigo!
Mas é também dar-lhe abrigo

se pressente que ele está em perigo.
Ser Amigo de Alguém,
é sacrificar uma hora de alegria
nada pedindo em demasia.
Se queres ser verdadeiro Amigo de Alguém,
dá-te todo ao teu Amigo
e nada esperes de volta.
Consagra-te de tal maneira
que a tua amizade seja como uma flor:
—Cultivada, perdure pela vida inteira;
—Sincera, valha tanto ou mais que o Amor!

Ana Maria
Esc.-dact. do QPCM

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

1.º-sarg. TEA João Marinho Faria Martins com D. Maria José Silva Nabais, em 4-8-79.
282773/1.º-mar. R João José Proença de Castro com D. Maria Helena Medeiros Cabral, em 11-8-79.
223277/2.º-gr. Manuel Ramos Pires com D. Gentil de Fátima Madaleno, em 5-8-79.

PASSAGEM Á RESERVA/ /APOSENTAÇÕES

Sarg.-aj. M Manuel Henrique Silva, em 12-7-79.
208949/Cabo TFH António de Matos Ribeiro, em 16-8-79.
842262/1.º-mar. TFD Adriano Leitão Rodrigues, em 9-8-79.
Em 31-8-79:
Bacucine Lopes de Sousa, faroleiro-chefe.
Rodrigo Alfredo Loureiro, faroleiro-chefe.
João Félix Francisco, faroleiro-chefe.
Manuel Duarte Paizinho, faroleiro de 1.ª classe.
António Luís Catarino, faroleiro de 1.ª classe.
Isidoro Francisco Cascarejo, faroleiro de 2.ª classe.
Manuel José Júnior, faroleiro de 2.ª classe.
Cândido Baptista Alves da Silva, agente de 1.ª classe da Polícia Marítima.
José Martinho Trindade, guarda de 1.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sendas condolências:

Cap.-m.-g. RA Thomaz de Mello Brayner, em 4-8-79.
Cap.-m.-g. RF Alberto Campos, em 22-8-79.
Cap.-frag. RA Carlos Benvindo dos Reis Fonseca, em 5-8-79.
Cap.-frag. RF Manoel Beja Corte-Real, em 11-8-79.
Sarg.-aj. CM RA João Luís de Oliveira, em 22-8-79.
1.º-sarg. A RF Herculano Ferreira Morais, em 31-7-79.
117561/1.º-mar. M Joaquim Adventino Mota Pinto Ribeiro, em 16-8-79.
93473/1.º-mar. SE José Manuel Raposo Macias, em 22-8-79.
185878/1.º-gr. CM António Manuel de Almeida Correia, em 14-8-79.
749378/2.º-gr. Carlos Alberto de Almeida Branco, em 15-8-79.
Carlos Manuel dos Santos, cortador de 1.ª classe do QPCM, em 19-8-79.

O Homem e a arte de curar

Renascença *(Conclusão)*

NOÇÕES SOBRE REPRODUÇÃO

Desde a Antiguidade que se conhecia o ovo e o desenvolvimento do pinto, mas nada se sabia acerca do desenvolvimento embrionário no útero dos mamíferos. Reconhecia-se a necessidade de ambos os progenitores, mas de modo diverso. Não é aqui o lugar para julgar todas as opiniões, pelo que nos limitaremos às duas teorias mais debatidas: a que considerava ao pai e à mãe igual importância, e a outra, que se conservou mais tempo na crença, que dava o pai como único procriador, limitando-se a mãe a proporcionar ao embrião alimento e espaço para se desenvolver. Hipócrates era apologista da primeira, Aristóteles defendia a segunda, procurando cada qual explicar a transmissão dos caracteres hereditários de harmonia com o seu modo de ver.

Na Idade Média mantiveram-se e acataram-se estes princípios. Coube a Hervey (1578-1657) o mérito de ter descoberto o óvulo dos mamíferos, dissecando fêmeas de veados que sacrificava em tempo determinado após a cópula. Ficou célebre a sua expressão *omne vivum ex ovo*. Porém, para Harvey, o ovo era um produto do útero, o que animou os defensores da antiga opinião de Aristóteles.

Reinier de Graaf (1641-1673) encontrou ovos no conduto descendente do ovário ao útero, em lebres fêmeas, depois da cópula; e, levando mais longe a investigação, encontrou no ovário os folículos vazios, cujo número correspondia ao dos ovos encontrados nos condutos. A descoberta causou enorme sensação: o pai deixou de ser considerado o factor preponderante, mas sim a mãe. E, deste modo, houve que reconsiderar tudo sobre a hereditariedade.

Anos depois, o microscópio então um pouco mais aperfeiçoado por Leeuwennhoek (1632-1723), permitiu a um aluno deste, Johann Ham, em 1677, observar no esperma humano "diminutos vermezinhos animados de rápidos movimentos". Estes *animálculos do esperma* foram considerados por Leewennhoek como larvas humanas ou *homúnculos*. Via-se neles o embrião pré-formado e a cauda era o cordão umbilical com o qual o *homúnculo* se fixava no útero. E assim se retornava à opinião da progenitura ser só do pai.

Os seguidores da primeira opinião, porém não desarmaram. E assim, *ovistas* e *animalculistas* (nome que se deu aos partidários de uma e outra teoria) não se entenderam e querelaram ao longo de quase dois séculos, até que Hertwig, em 1875, observou a penetração do espermatozóide no óvulo do ouriço marinho. O velho Hipócrates, sem microscópio, era afinal o vencedor.

O CONTÁGIO

A noção do contágio vem já de tempos antigos. Marcus Terentius Varro (nascido no ano 116 a.C.) opinava que "o ar dos pântanos era nefasto por achar-se impregnado de animálculos que penetram no nariz e em todo o corpo". Esta ideia do *contagium animatum* é, sensivelmente, a doutrina dos miasmas.

Paracelso (1493-1541) consubstanciava-a escrevendo: "a enfermidade era um verdadeiro ser que, inimigo da vida, se apoderava da própria vida".

Contudo, só depois da descoberta do microscópio foi possível penetrar nesse outro mundo, invisível até então. Kircher (1601-1680), aquando de uma epidemia de peste em 1656, julgou ver "no sangue e no pús de bubões dos pestosos, pequeníssimos vermes". Tanto bastou para se imaginarem meios para afugentar estes animálculos de que a atmosfera estaria infestada, propondo um anónimo fazê-lo com a ajuda de música, trombetas e bombos, ou o estrondo do canhão, conforme se usava para afugentar os gafanhotos.

Leeuwenhoek foi quem, pela primeira vez, se debruçou a contemplar as maravilhas que o microscópio oferecia, descobrindo que as crisálidas das pulgas eram atacadas por pequeníssimos ácaros, o que levou Swift (1667-1745) a satirizar:

"Na pulga, segundo a Sciência ensina,
e sucessivamente assim, até ao infinito
sobre esta, outra de tipo menorzito
vive outra pulga mais pequenina"

Nas reproduções de *animálculos* que Leeuwenhoek comunicou à Real Sociedade de Londres, a 14 de Setembro de 1683, veio a reconhecer-se muito mais tarde, que alguns deles correspondiam a bactérias.

Apesar destas constatações, ainda se estava muito longe de associar causa-efeito. A doutrina dos miasmas chegou até ao século XIX, variando o seu conceito conforme os autores: umas vezes aparecia como sendo uma secreção material, se bem que um tanto misteriosa, outras como a natureza de um fluido, os *miasmas gasosos*, outras vezes provinham da matéria em decomposição.

Hieronimus Fracastorius (1483-1553) nos seus escritos faz originar os contágios por três processos: directamente, por contacto; indirectamente, por portadores intermediários (per fomites) e através de distâncias, pelo ar (ad distans); este último era o modo de agir dos miasmas. Como exemplo do primeiro, Johannes Almenar, em 1536, no seu "Libellus de Morbo Gallico" (sífilis) declarava que o *mal dos franceses* somente é contagioso por contacto directo, mas em compensação "nos sacerdotes e monges se origina pelo ar viciado".

O caso é que, com mais ou menos polémicas, em 1840, ainda se não havia abandonado o conceito de *miasma*, se bem que já houvesse opiniões a admitir o papel patogéneo dos microorganismos.

A GERAÇÃO ESPONTÂNEA

"As ideias acerca da geração espontânea, inclusive a possibilidade de produzir seres vivos, são antiquíssimas", diz o dr. Paulsen. Limitar-nos-emos a breves citações relativas aos séculos XVII e XVIII, uma vez que só nos séculos XIX e XX os debates se tornaram apaixonados.

Helmont (1577-1644), já citado, julgava estar de posse do segredo de produzir artificialmente ratinhos. G. Von Ach (1687), em sua "Micrographis curiosa", reproduz a figura de uma rã surgida de uma gota de orvalho de Maio, e dá receitas para produzir seres vivos da pedra e da resina. Du Fray, intendente militar

francês, transformou a carne de boi em moscas, fazendo-a deste modo *voar*. Mas diga-se que já antes, o médico toscano Francesco Redi (1626-1697) havia reconhecido que os vermes da carne putrefacta eram larvas saídas dos ovos de moscas.

Os ânimos aqueceram quando o microscópio revela os infusórios, havendo muitos que viram no seu aparecimento a produção espontânea da vida. Mas, ao admitir-se tal concepção, ela vinha bulir com um fundo religioso; que teria acontecido a estes pequenos animais microscópicos durante o dilúvio universal? A questão azedou cientistas e teólogos; porém, o sábio jesuita padre Bonannii abordou o problema a contento das partes: uma vez que "Noé não poude havê-los tomado em sua arca, posto que os não via, pois não tinha microscópio (...) estes pequeninos vermes não necessitaram de ser transportados todos eles na Arca de Noé, uma vez que em parte podiam ter ressurgido depois e outros teriam sobrevivido, na água, ao dilúvio".

MISCELÂNEA

—A batata foi trazida para a Europa, em 1535, pelos castelhanos, tendo-se popularizado rapidamente. Charles de l'Ecluse (nascido em Arras, em 1526) foi o primeiro botânico que fez a descrição científica desta planta.

—O caldo de carne (ou extracto de carne) foi preparado em 1680, por Denis Papin, médico e inventor da marmita que tem o seu nome. Deu depois a receita para a preparação deste extracto a Leibniz que advogava a sua ulitilização nos exércitos. Papin também encontrou um método para conservar as carnes, envolvendo-as depois de preparadas com geleia ou gelatina — as galantinas.

—O físico Christian Huygens, com quem Papin trabalhou, aproveitando-se da lei de gravitação de Galileu, construiu em 1656 o primeiro relógio de pêndulo. Em 1673 introduziu no relógio a mola de espiral que veio generalizar os relógios de algibeira.

—A primeira medição do meridiano entre Paris e Amiens foi feita pelo médico Jean Fernel (1497-1558) com bastante exactidão.

—Gemma Frisius (1508-1555), astrónomo e médico (em 1553 era professor de medicina em Lovaina), impulsionou o método para a medição do meridiano, e que se tornou indispensável para a determinação da latitude.

—O médico e astrólogo Hieronymus Cardanos (1501-1596) construiu a suspensão de relógios que tem o seu nome. Este dispositivo presta bons serviços na navegação, como meio de fixação móvel para os relógios marítimos.

—A construção do Observatório de Paris foi feita sob a orientação e direcção do médico Claude Perrault (1613-1688).

—Alguns médicos dedicaram-se aos cosméticos. Transcreve-se, por curiosas, algumas receitas de tempos mais antigos. "Ovos de formiga carbonizados para emagrecer as sobrancelhas". "Para tingir os cabelos, um soluto obtido deixando sanguessugas em vinagre durante 60 dias em um recepiente de chumbo". "Branqueava-se a pele com excremento de corcodilo". Chauliac recomendava para a alopécia "ouriço do mar com a sua casca, bugalhos verdes, amêndoas amargas, pêlos de urso, avencas, raiz de cana, folhas de figueira, tudo chamuscado e de cada um duas dracmas; excremento de rato, uma dracma desfeito em vinagre, resina de cedro e gordura de urso para reduzir tudo em linimento". Como loção para o rosto "pérolas dissolvidas em sucos fortes e deixados corromper em esterco quente".

— O fabrico da porcelana na Europa deve-se essencialmente a farmacêuticos e médicos. Os primeiros que importaram porcelana em grande escala foram os portugueses e os espanhóis, seguindo-se em concorrência nos princípios do século XVII os ingleses e holandeses. O nome de porcelana deriva de *porcella* (leitão), pela semelhança que Marco Polo (1254-1323) teria achado entre a superfície lisa e macia dessa cerâmica chinesa e a pele dos leitões. O caolino, que é o principal componente para o fabrico da porcelana, teve esse nome do lugar onde se fazia a maior extracção, o desfiladeiro de Kaoling.

—O início da fabricação da porcelana na Europa não é fácil de determinar, pois de um modo geral andou rodeado de grande segredo. Delft teve uma fábrica de louça cujos directores foram Petter Eggebrecht e Jacob Bartelemei (Bartholomai), este último médico de câmara do rei. Porém, ao que parece, não conseguiram o vidrado.

—Na Alemanha, Johann Friedrich Böttger (1682-1739), farmacêutico prussiano, fugido da Prússia porque o rei pretendia que ele, como alquimista fabricasse ouro, estudou depois medicina na Universidade de Wittenberg. O Eleitor da Saxónia tomou-o ao seu serviço, aliás com a mesma intenção do rei da Prússia. Böttger conseguiu convencer o Eleitor a aproveitar o laboratório para criar uma fábrica de cerâmica. Com ele trabalhou o médico, físico e matemático Ehrenfried Walter von Tschirnhaus (1651-1708), o qual com o seu sistema de *espelhos inflamadores* conseguiu obter as altas temperaturas necessárias para o fabrico da porcelana e seu vidrado. Assim se fundou, em 1710, a manufactura de porcelana da Saxónia, em Meissen.

—A fábrica de porcelana de Sèvres, fundada em 1756, foi dirigida pelos célebres químicos franceses Jean Hellot (1685-1766) e Pierre J. Macquer (1718-1784), ambos doutorados em medicina. Mas o caolino não era puro, e dava uma porcelana grosseira e acinzentada. A descoberta de um caolino bastante puro perto de Limoges foi feita por um cirurgião, Chevalier Darnet. Assim, em 1773, fundou-se a fábrica de Limoges, que mais tarde passou à propriedade da Manufactura de Sèvres.

—O médico francês Etienne Jean Guettard, em 1770, construiu um forno que conseguiu manter a temperatura constante, e que veio depois a ser aperfeiçoado por Macquer, director da Manufactura de Sèvres.

—A fábrica de porcelana de Worcester foi fundada em 1751 pelo médico inglês John Wall (1708-1776), devido à sua paixão pela pintura e pelas artes, se bem que a sua profissão principal fosse a medicina.

PRÓTESE DENTÁRIA

A ideia de substituir os dentes perdidos por avulsão é muito antiga. O primeiro documento que lhe faz menção é a célebre lei romana das Doze Tábuas, do século V a.C. onde, na segunda Tábua, se interdita que o corpo vá para a sepultura com objectos de ouro, excepto fio ou barras que sirvam "para ligar os dentes entre si".

Os achados arqueológicos revelam que esses trabalhos de *ponte* já são anteriores, sendo os mais característicos os dos séculos IV e III a.C., como o *achado de Gaillardot* em Sidon (Fenícia), hoje Saïda, no Líbano, o da Toscânia (necrópole de Tarquinii), entre os mais conhecidos. O tipo de prótese etrusca foi o seguido pelos romanos.

Estas próteses deviam ter apenas uma finalidade estética, pois nas obras dos escritores romanos se redicularizavam os dentes cariados ou a falta deles. Na sátira de Martial lê-se: "o tempo de amar irá, Aelia, logo que não te restem mais do que três cabelos e quatro dentes"; e noutra passagem: "Thäis tem os dentes negros e Laecania brancos? É deveras simples: esta compra-os, aquela tem os seus".

Da Idade Média pouco se sabe. Apenas, e por alto, se menciona na obra de G. de Chauliac (1363), "Chirurgia Magna", breve referência. Na Renascença tentou-se por 1598, em França, confeccionar dentes artificiais com uma massa parecida com a porcelana, em vez dos que até aí se utilizavam, feitos de osso ou marfim, que rapidamente mudavam de cor e breve cheiravam mal. Essa massa era porém muito branca. A base das placas era talhada em madeira e aí fixados os dentes.

Pelo século XVIII começaram a utilizar-se dentes humanos que se obtinham, muitas vezes, por processos condenáveis: de pessoas que se dispunham a vender os seus, ou retirados dos cadáveres, chegando-se ao ponto de os desenterrar em segredo.

O ano de 1728 faz data histórica com o aparecimento da obra de P. Fauchard "Chirurgien Dentiste". Fauchard empregou as primeiras molas; ele e Bourdet aplicaram os primeiros *pivots* e criaram a técnica de obter o feitio da boca com moldes de cera que depois enchiam com gesso.

O dente de porcelana apareceu em 1776, feito pelo farmacêutico Duchâteau, mas o seu fabrico comercial foi-lhe empalmado. Só por meados do século XIX surgiu a base de cauchu.

A ESCOVA DE DENTES

Segundo a opinião do inglês H. C. Greve, a limpeza dos dentes já é de uso muito antigo, não na forma de escova, mas de pequenos troncos de lentisco ou de mirta embebidos numa pasta feita na base de mel, azeite e extractos aromáticos. A escola de Salerno aconselhava a esfregar os dentes, mas não elucida como.

Diversos dentífricos foram preconizados por muitos autores. Ambroise Paré preparava uns palitos com os seguintes ingredientes: corno de cervo, coral, osso de siba (peixe), alúmen, ponce (?), salitre, aromatizados e misturados a xaropes ou ao oximel de scila, ou goma arábica.

Em 1649 vendia-se em Paris um tipo de escova, considerada objecto de luxo, feita com pêlos de crina presos a um cabo de osso ou marfim por arames. Não foi possível atribuir nome ao fabricante.

No século XVIII estava em voga o pó coralino, feito de corais vermelhos, sangue de dragão em lágrima, osso de siba, pau-sândalo vermelho, laca fina, mirra de escolha, cravo da Índia, canela, lírio de Florença, tudo pulverizado em pó fino. Para as gengivas utilizava-se a *água inglesa*, que consistia em: água destilada de rosa branca, idem de tauchagem, idem de salva, vinho branco áspero, aguardente, cravo da Índia, canela, mel de Espanha, alúmen puro. Estes pó e elixir eram bastante reclamados.

MEDICAMENTOS E SUPERSTIÇÃO

Já tivemos ocasião de falar neste assunto ao tratar de medicina astrológica. Acrescentam-se algumas referências a pedras preciosas.

A ametista, de cor vinhosa, passava por preservar da bebedeira. O coral e a hematite, actuavam sobre o sangue em caso de anemia. As pedras brancas, o coral branco, faziam aumentar a quantidade de leite das amas.

Outrora, as pedras preciosas eram consideradas estrelas terrestres. A esmeralda depende de Vénus, Marte produzia o diamante, a Lua a pérola.

A safira era a pedra da bondade, do amor, da paz, e fora criada por Júpiter, o deus mais sereno. A opala acarreta desgraça, a turqueza felicidade.

Tais superstições vieram influenciar a preparação de medicamentos. Ou por convicção, ou por oportunismo, confeccionava-se todo um arsenal terapêutico em que se utilizavam as pedras preciosas, como: cordiais com rubis, elixir de pérolas (então consideradas entre as pedras preciosas), essências de esmeralda e topázio, etc.

O preço destes medicamentos era bastante elevado, fossem eles realmente preparados com estas gemas, ou com pedras falsas; tudo dependia da boa credibilidade no joalheiro, ou no farmacêutico. Fosse como fosse, o seu uso ficava reservado aos ricos. Geralmente, as gemas eram reduzidas a pó, depois lavadas, limpas, calcinadas e moídas em almofariz de porfírio onde se juntava água de rosas, seguidamente secas e conservadas em frascos para utilizar na altura própria de preparar as poções, tinturas, etc.

Por isso, os médicos caritativos compuseram os *Thesauri pauperum* (tesouro dos pobres) indicando as plantas com propriedades terapêuticas, que se podiam colher gratuitamente ou encontrar mais em conta. Esse primeiro trabalho, o "Thesaurus pauperum" de seu título, deve-se a Pedro Hispano (*1*), filho de Julião de Lisboa, médico e teólogo, e que foi papa com o nome de João XXI (1276).

(1) Aí escreveu ele, que o unguento sarraceno (que contém 1/8 de mercúrio) era capaz de matar os piolhos e tratar a sarna — cap. IV. Chamava-se de sarraceno, nome atribuído pela Escola de Salerno, por terem sido os árabes quem trouxeram para a Europa o emprego do mercúrio, sob a forma de unguento. Mais tarde, na primeira metade do século XV, Gaspar Torella aconselhou antes o uso do sublimado, sobretudo nas lesões ulcerosas sifilíticas, o unguento Neapolitanum, passando ao esquecimento o unguento sarraceno.

Vasconcelos e Menezes
Cap.-m.-g. MN

Obras consultadas:

"História Universal", de Carl Grimberg.

"Actas Ciba", dos anos de 1936 a 1940 (artigos dos dr. Walter K. Fraenkel, de Berlim-Wilmersdorf; Grete de Francesco, de Milão; dr. L. G. Deruisseau, de Paris; dr. Günther Goldschmidt, de Basileia; dr. M. Walther-Ast; dr. E. F. Dach; dr.ª Anne-Marie Du Bois, de Basileia; dr. F. Paulsen; dr.ª Charlotte Luetkens; dr. W. Krenger; dr. Karl Zürbach; prof. Konrad Farner, de Basileia).

"Serviço Bibliográfico Roche" (artigo de Marie Elisabeth Bertuch).

"Gazzetta Sannitária" (artigo dos dr. Guido Rizzi, dr. Giovani Bruno e dr. Adalberto Pazzani.

"Symposium Ciba" (artigos dos dr. Hans Rothe; Anna Maria Celto, de Berna; prof. Rober Marichal; prof. Luigi Belloni; Pierre Huard e Zensetson Ohya; conde Xaver Schaffgotsch; dr. B. Juhn; dr. G. Rath).

"Décadas", de Diogo do Couto.

"Ásia Portuguesa", de M. Faria e Sousa.

"História da Literatura Portuguesa".

Voz da Abita

Cartas ao Director

Do "Pezinhos", cabo M, recebemos mais esta carta:

Senhor Director:

Desta vez, peço licença para falar um pouco das minhas férias, do respectivo subsídio e do mais que adiante se verá.

Munido do dito subsídio, que eu calculava que desse para o efeito, "embarquei" com a família no meu velho Ford, que tem a provecta idade de dez anos, e meti estrada fora, "rumo" à Beira Alta, "fundeando" numa pequena aldeia nas faldas do Caramulo, em casa de pessoa de família ali residente.

Constatei, com profunda mágoa, que a fisionomia da "minha Beira", aquela que eu conheci nos meus tempos de "menino e moço", morreu ingloriamente. Os emigrantes transformaram tudo aquilo! As antigas casas de granito, modestas mas tão típicas, são deitadas abaixo e substituídas por modernos e cómodos chalés multicores, que crescem como cogumelos entre vinhas e pinhais.

Tal como a paisagem, também mudaram as gentes. Tirando os velhotes que ainda saudam as pessoas com quem se cruzam nos caminhos, já ninguém liga a certos hábitos de cortesia que eram apanágio do povo beirão.

Enquanto o mato e as silvas invadem as terras de cultura, por falta de gente que as amanhe, carros de matrícula estrangeira, aos milhares, de emigrantes em férias, cruzam as estradas e caminhos em todos os sentidos. Já ninguém anda a pé, e carros e carroças puxados por bois ou burros é coisa que passou à história.

Tudo isto me impressionou muito. Não tenho inveja do bem-estar dos outros mas, confesso que sinto uma certa frustração. Como marinheiro, também fui "emigrante". Estive vários anos fora do país e sei o que isso custa. No entanto, o que por lá ganhava dava apenas para tapar buracos dos tempos "magros" que passava em Lisboa...

Deixei a Beira, com uma vaga sensação de inferioridade, e de revolta por ouvir a cada passo que os militares estão muito bem pagos e cheios de regalias, *e segui para a cidade do Porto a "cravar" mais uma pessoa de família, instalando-me em sua casa por cinco dias.*

Nesta viagem o velho Ford "meteu água" e entrou no "estaleiro".

Reparar e afinar os travões, carregar os amortecedores, verificar a suspensão, mão de obra, mais isto e mais aquilo... 12 contos! Lá se foi o subsídio de férias...

Ao fim de 25 dias regressei a casa, tendo tido a alegria de verificar que não tinha sido assaltada. Porém, uma desagradável surpresa me esperava. A caixa do correio estava cheia de

contas a pagar. Era o seguro do carro, eram as quotas do meu clube de futebol, era o gás, era a electricidade, era a radiodifusão...

E pronto, vim cheinho de ar despoluído, limpei o aparelho digestivo das zurrapas que bebo em Lisboa com bons vinhos e águas puríssimas mas... já estou a pensar no 13.º mês para "safar a rascada".

EM DESTAQUE

Deixou, recentemente, de exercer as funções de capitão do porto de Aveiro, cargo que desempenhou desde Abril de 1974, o capitão-de-fragata Alberto Augusto Faria dos Santos.

A sua actividade no desempenho daquelas funções foi posta em destaque pela população local, que lhe prestou, à despedida, uma homenagem "em que participaram elementos dos mais diversos sectores, desde o pescador ao agricultor e do oficial náutico ao militar".

De um vespertino da capital, transcrevemos, com a devida vénia:

As gentes da região aveirense, tanto ligadas ao mar, como as da agricultura, decidiram testemunhar-lhe o reconhecimento pela obra que realizou na área da sua jurisdição. Faria dos Santos, conseguiu cativar de modo especial as populações do campo, designadamente as das zonas do Baixo Vouga e da Vagueira, ao pugnar com elas pelo aproveitamento de grandes parcelas de terreno inculto, abrindo estradas com a ajuda do povo e construindo pontes em zonas rurais.

De outra correspondência recebida:

De Paulino do Carmo Póvoas, 1.º-sarg. Q RA, Alfeite, uma carta em que nos conta esta história verdadeira:

Dois recrutas em instrução na Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira, desentenderam-se e envolveram-se em desordem, resultando ficaram ambos com alguns arranhões e os "olhos à Belenenses".

No dia seguinte estavam os dois sentados na mesma carteira, numa aula de moral, dirigida pelo capelão, e este notando o estado deplorável dos ditos alunos, perguntou:

— Então o que foi isso, 42?

— Fui eu que ia a correr e caí...

— E tu, também caíste?

— Eu... andei à pancada com o 42.

De António Pinho Gomes, ex-705/75, Ovar, uma carta pedindo para enviar um abraço a todos os "filhos da escola" de Janeiro de 1975.

De um ex-mar. R, conhecido pelo pseudónimo de "Tyrone", Londres, uma carta em que nos relata o seguinte episódio:

Em príncipios da última década, uma das nossas fragatas deslocou-se a Leixões. Largando de Lisboa de manhã cedo, fundeou naquele porto nortenho pelas 17.30 horas. Com o fraquinho que todos os marinheiros têm pelo Norte, quando apitou a licenças, só ficou a bordo o pessoal de serviço. O gasolina andava num vai-vem contínuo entre o navio e terra.

Uns ficaram em Matosinhos, outros foram para o Porto e outros ainda aproveitaram a estadia para dar uma saltada à sua terra.

No regresso a bordo, muitos de nós já bastante alegres com o vinho verde, houve um grupo de que eu fazia parte que resolveu entrar na última "capelinha" do trajecto, um bar-dancing, onde a cerveja custava seis vezes o seu preço normal. Por isso não é de admirar que estivesse cheia de marinheiros estrangeiros, tripulantes de navios estacionados no porto.

As habituais frequentadoras destas casas, olhavam para nós com certa reserva pois preferiam moedas fortes e aliavam-se aos estrangeiros, bebendo chá a fingir que era uísque, enquanto eles se enfrascavam do autêntico, pagando portanto a dobrar.

Como nós só bebíamos cerveja, que era a bebida mais baratinha, os criados começaram a embirrar connosco; veio o gerente e daí a pouco ninguém se entendia. O Fonseca engalfinhou-se com um criado, o Silva com o gerente... Alguns fregueses quiseram também molhar a sopa e o bar transformou-se num campo de luta.

A notícia do incidente chegou a bordo e, como já não havia lá pessoal disponível, veio o sargento Sousa com braçadeiras "P N", polainas e "chouriços" para equipar os primeiros que encontrasse de regresso a bordo.

Ora, sucedeu que um dos apanhados foi exactamente o Fonseca que, ao ter conhecimento da vinda da polícia naval, retirara do campo de batalha deixando garrafas partidas, mesas viradas, telefones cortados e... alguns fregueses de olhos negros.

Imaginem a cara dos criados e do gerente do bar, e demais assistência, quando viram entrar o Fonseca, todo polícia, fazendo parte da ronda, para impor a ordem e prender quem fosse preciso!

VOLUNTÁRIOS DA ARMADA DE SETEMBRO DE 1931

Está marcado para o próximo dia 14 de Outubro corrente (Domingo), na sede social do Clube do Sargento da Armada, Largo Trindade Coelho, 9, em Lisboa, a 19.ª reunião e almoço de confraternização dos voluntários da Armada de Setembro de 1931.

As inscrições podem ser feitas, com

urgência, para: A. Gomes, Av. Brito Pais, 3-3.º-E — 2700 Amadora (tel. 93 54 22) ou para José Lourenço Madeira, Praceta de Cochim, 3 — Cova da Piedade — 2800 Almada (tel. 275 19 62).

AVIAÇÃO NAVAL — CONFRATERNIZAÇÃO

Um grupo de antigos membros da extinta Aviação Naval pretende reunir, num almoço de confraternização, todo o possível pessoal militar especializado que a serviu.
Pretende ainda que, nesse almoço, seja exaltada a gigantesca figura de Sacadura Cabral, o maior aviador português de todos os tempos. Para o efeito escolheu a data de 10 de Novembro próximo, dia em que, no ano de 1887, ele assentou praça como aspirante de Marinha.
Com vista à organização e escolha do local, deverão os interessados indicar as suas moradas e a melhor forma de estabelecer contactos, até ao dia 15 de Outubro corrente, para: c/alm. Malheiro do Vale, "Revista da Armada", 1188 Lisboa Codex (tel. 37 04 58); major Manuel Janeiro Gonçalves, Aeródromo Trânsito n.º 1/Portela (tel. 88 40 35), ou 1.º-sarg. RA Emídio Santos, T.A.P. — Edifício 27, 10.º — Lisboa (tel. 80 41 21 — ext. 140).

Um barco nazareno no Museu de Marinha

A mesa directiva do Grupo de Amigos do Museu de Marinha entregou, no passado dia 3 de Julho, à direcção do Museu, numa breve e íntima cerimónia, o barco tipo neta N-1785-L, denominado "Deus nos Salve Águeda", ofertado pelo sócio-doador, António Águeda, da Nazaré — dádiva que veio enriquecer a prometedora secção de embarcações tradicionais da colecção de Belém.
O Grupo que, no ano em curso, está a comemorar os seus 25 anos de existência, como a "Revista da Armada" já assinalou, num artigo nosso, inserto no número 94 (Julho 79), reata, assim, um programa que permitiu, em tempo, ter dotado o Museu com um barco rabelo, uma barca serrana, um rabão e um saveiro da Caparica.
No período actual, em que estas embarcações regionais, preteridas por novos métodos e mecanizações, começam a ser já do domínio do passado e em que as poucas existentes, tantas vezes desprezadas, apodrecem varadas nas areias das nossas praias ou são adaptadas a fins diferentes ou cuidadosamente levadas para o estrangeiro para figurarem nos respectivos museus marítimos — a missão do Grupo e a dos mais organismos que a isso se devotam, com o fim de lhes tentar assegurar perpetuidade, integrando-as no nosso património cultural público, deve merecer salutar acolhimento e a maior simpatia geral. Todos constatamos que este espírito, esta cruzada, não pode ser adiada: são já poucos os barcos típicos que restam e convém não os perder, ultrapassado que está o tempo em que os víamos nas suas fainas e nos parecia que os séculos que tinham delas, eram credencial segura para os legar, na mesma garantia, pitoresco e função, aos vindouros.
Em Novembro de 1977, os Correios e Telecomunicações de Portugal editaram uma série de selos sobre "Barcos da Costa Portuguesa", onde incluiram o barco da Nazaré, que foi uma importante iniciativa para demonstrar o significado cultural da matéria, ilustrada com seis silhuetas dos mais diferenciados entre si — resumindo a "plaquette" para coleccionadores que as apresentou, a necessidade do que resta *ser mais admirado e protegido.*
Dentro desse rumo por si ditado e na preocupação de sempre, o Museu conseguiu, há pouco, um moliceiro e um saveiro, precisamente dois barcos incluídos no estudo dum estrangeiro, a quem estas coisas sensibilizam e tomam interesse demarcante, J. Gunthrie, autor das "Embarcações típicas de Portugal" (In "Anais do Clube Militar Naval", n.os 7 a 9 — 1971). Eles serão agora, nas oficinas do estabelecimento, devidamente reparados e completados na sua palamenta de bordo e constituirão mais uma prova concreta do esforço que vale a pena empreender ao serviço deste propósito. Mas, a todo o tempo nos chegam ecos de que haveria necessidade de novas intervenções para as quais o Grupo, consciente da sua limitação, entra em dar imediato conhecimento superior, e noutros casos não podendo mais, no momento, que andar a aconselhar paleativos — é a xávega de Monteverde, os calões de Salema, alguns caíques, como o do carvão, em Vila Real de Santo António, etc., — enceta correspondência com as capitanias dos portos ou com os proprietários. Assim, por aquisição, oferta ou comparticipação, tem cumprido o seu ideário neste aspecto.
A seara desta matéria, muito devastada pela incúria dos homens e indocumentada, tantas vezes, nas instituições, por, em tempo próprio, não terem recolhido os mais expressivos espécimes, tem ainda vasta área de cultivo e o seu trigo, que já deslumbrara Ramalho Ortigão (*fantástica riqueza,* lhe chamou o autor de "As Farpas"), conta com poucos ceifeiros operantes, que é como quem diz,

reduzidos são aqueles que passam à acção, embora reconheçam, na colheita do próprio barco, o verdadeiro testemunho arqueológico que importa, mais do que tudo, preservar. Não basta a um povo com tradição marítima, recolher, em páginas de literatura, soberbas descrições, como lemos em Raul Brandão, n''Os Pescadores'', nalgumas obras de Teixeira Gomes ou doutros inspirados prosadores da nossa *lírica* do mar; nem mesmo, em reduzidos modelos de museu que, muitas vezes, fascinam mais o observador pela delicadeza da feitura do que lhe transmitem a mensagem duma faina onde os embarcados ganham a vida afrontando o mar imprevisto, com todos os sentidos humanos alerta, ou sentem o solitarismo, menos nervoso, quando rio abaixo ou rio acima, vigiando a vela ou manobrando a vara, vogam por águas mansas ou mesmo caudalosas, até ao seu destino. O espécimen autêntico e em tamanho natural, tem assim, sempre, o valor do documento: nele se estudam em directo, equipamento, trabalho de madeiras, soluções artesanais, siglas, etc. Que outra base há de melhor compreender, em visão retrospectiva, algumas descrições técnicas das páginas de "O estado actual das pescas em Portugal" (1891), de A. Baldaque da Silva, que a colecção "Documentos", do Ministério da Marinha, parece, em boa hora, pretender voltar a imprimir?

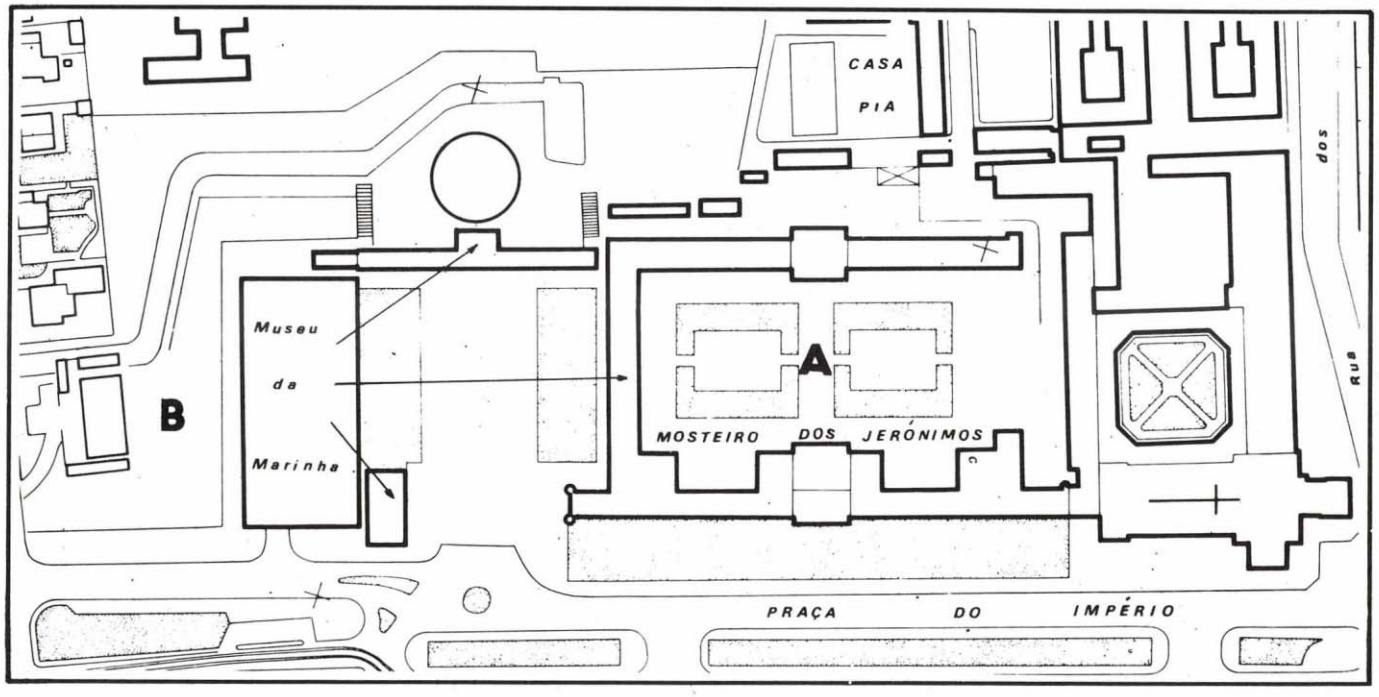
Este espírito de coleccionar embarcações típicas tem entusiasmado já hoje, alguns particulares nacionais, muito embora fossem as colecções estatais que desejássemos ver completas, para proveito público. O seu estudo, porém, com foros de sistematização morfológica e histórica, tem encontrado no nosso consócio e colega prof. arq. Octávio Lixa Filgueiras, um dedicado cultor e são interessantes trabalhos seus, os que aos barcos do Douro e da Póvoa se têm referido.

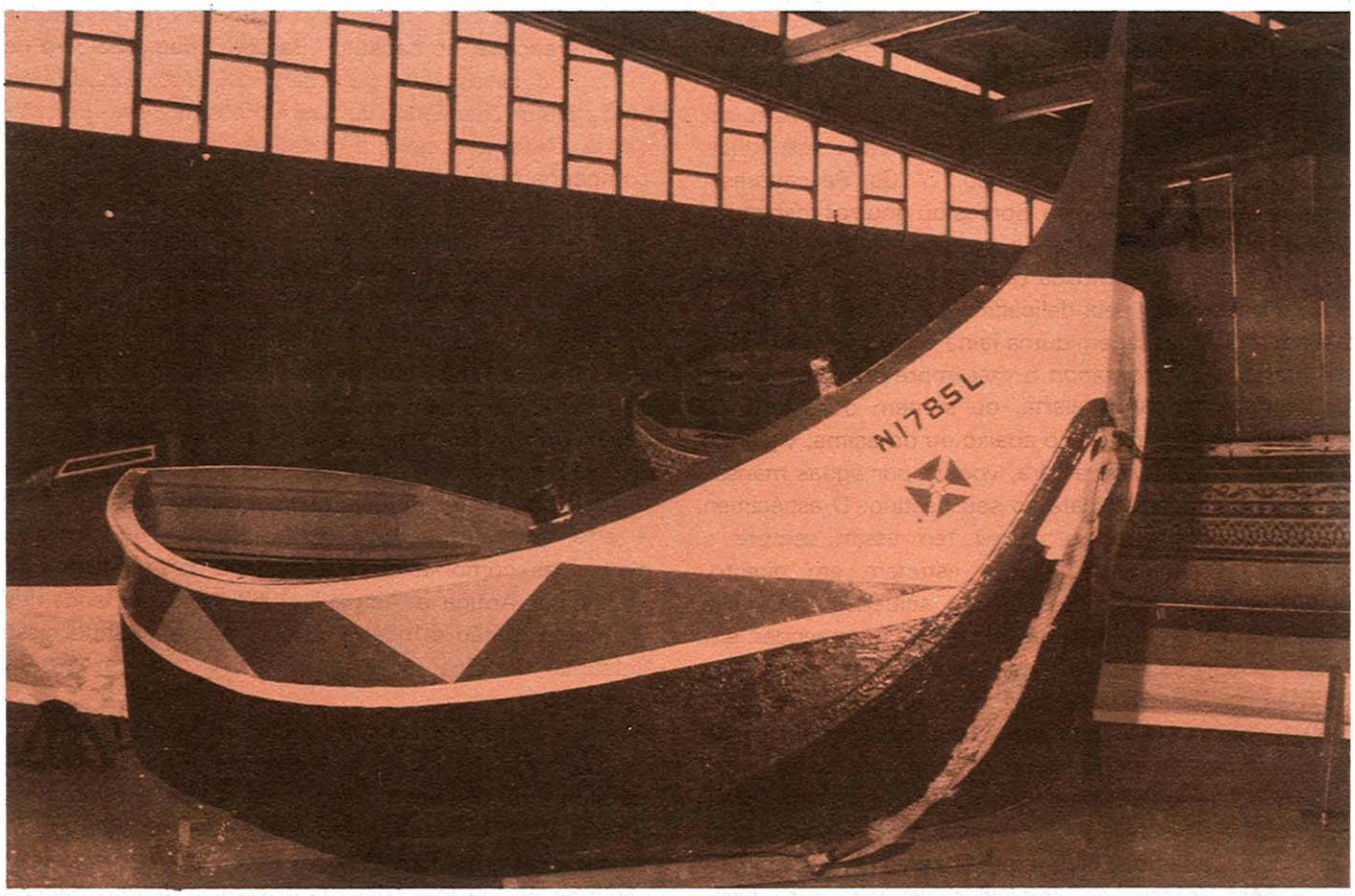
A "neta" que o Grupo de Amigos do Museu de Marinha entregou agora, deve, mais rigorosamente, considerar-se uma "netinha", na classificação que refere o citado autor e conferencista, no capítulo "Barcos" (pág. 383-384) de "Arte Popular em Portugal", obra estimada, dirigida pelo etnógrafo dr. Fernando de Castro Pires de Lima (Editorial Verbo). Não tem, pois, a grandeza, nem comportaria a companha que temos a vaga reminiscência de ter visto, há bons anos, no documentário "Nazaré, praia de pescadores", de Leitão de Barros, realizado em 1929, temática que este admirador da região, abordaria ainda em "Maria do mar" (1930) e "Ala arriba" (1942), com belos aspectos locais, embora mais diluídos de informação — este nosso, é uma unidade mais discreta, mas, nem por isso menos característica. Mede 4,42 m de comprimento, tem de boca 2,32 m e pesa à volta de uma tonelada.

Diz pois, o prof. arq. Lixa Filgueiras ao referir-se às "netinhas", de "neta", *nome que na região da Nazaré, se dá à arte de arrastar para terra,* quando de menores dimensões, como se lê no "Dicionário da Linguagem de Marinharia Antiga e Actual" (1963), dos comandantes Humberto Leitão e Vicente Lopes, ambos citando nisso Baldaque da Silva:

Falamos de netas, mas hoje (1960?) só existem netinhas, desaparecidos os barcos maiores pela decadência manifesta da arte. Desses modelos menores salientaremos: a coberta ou "cabeceira", sem encurvamento transversal, possui duas "travessas" que correspondem aos dois pares de malaguetas (fiéis); a existência de dois bancos (além da poleia, espécie de bancada à ré) cada um com uma "antepária" fixada pelo lado da proa; a "casa da água" (zona onde se esgota a água) entre a antepária do segundo banco e uma outra, presa ao "pau para embirrar o pé" que antecede o referido banco; o "cepo" e o "corrimão de ré" que estruturam e rematam a ré, acima da "poleia"; a própria ré, continuação do fundo a estreitar ligeiramente para cima, lançado em curva mais apertada à

Planta do Mosteiro dos Jerónimos e instalações do Museu de Marinha, vendo-se em A, a próxima localização dum pavilhão destinado à salvaguarda e exposição de embarcações tradicionais e arqueologia naval. Em B virão, no futuro, a concentrar-se, em bloco próprio, as embarcações regionais, ficando A, exclusivamente, para a arqueologia naval.





O exemplar do barco nazareno, tipo neta, agora património do Museu de Marinha.

frente; a borda macissa com "chumaceiras" para os remos (único sistema de propulsão), a qual remata por fora o tabuado dos costados e, interiormente, a "sarreta", que anda desviada do "dormente" onde pousam os bancos, pelo taquejamento; as "defesas", protegendo os "alefrizes", à proa, e a fixação do gancho. Decoração: pinturas de faixas, círculos, marcação da cara e da ré, indicação dum nome, reforçam o carácter que as formas desta embarcação estranha possuem. ("Barcos", in op. cit. vol. III, pág. 384).

A "netinha" agora no Museu, conseguida por valiosa intervenção do capitão do porto da Nazaré, capitão-tenente Carlos António David da Silva Cardoso, está, provisoriamente, no Pavilhão das Galeotas e, muito em breve terá os quatro remos, as quatro chumaceiras, os quatro toletes, o paneiro a ré, o cabeço e os dois banquinhos de vante para os remadores, que lhe faltam.

O grupo tem, na sua agenda, ver se conseguiria, proximamente, uma fragata do Tejo, barco que o Museu incluiria, com agrado na sua colecção mas, o problema do espaço, em que este se debate desde há anos, para instalar devidamente os que possui, é preocupante. Uma exposição, como bem se entende, envolve a responsabilidade duma diversificada perspectiva de observação — as peças não podem ser amontoadas ou circunscritas a planos únicos, ocultando-se outros que o estudioso, por exemplo, desejaria ver. Por outro lado, há o problema da conservação e barcos são criações para a água, que, uma vez em terra, sobre picadeiros, exigem rigorosos cuidados de calafetagem, tratamento das madeiras apresentadas ao natural, pintura das alhetas, etc., para as manter belamente vivas e à admiração do público. A humidade, o calor e outros factores, têm neles impiedosa influência e, se não houver cuidado, os resultados são quase sempre catastróficos. Haja em vista o desgosto que a todos causou, o desfecho do bote "Leão", antigo barco da carreira de Alcochete, o qual, entregue ao Museu em 1967, não poude já ser salvo, em 1975, quando se constatou o adiantado estado de deterioração que minou as suas madeiras expostas ao tempo.

A Câmara Municipal de Lisboa traz em curso documentação com o propósito de, através duma comissão interdepartamental, estudar a valorização da zona ribeirinha do Tejo. Nessa altura virá, naturalmente a propósito, falar-se duma velha aspiração do Museu que seria a da zona fronteiriça às embarcações novas e à parte do Mosteiro dos Jerónimos que lhe está consignada, poder-se considerar eventual zona de expansão do Museu. E esta seria completada, por outro lado, com os terrenos ribeirinhos entre a Doca de Belém, que já foi da Marinha, e a Doca do Bom Sucesso. Isto lhe permitiria ter ao seu serviço uma área molhada para exposição até de barcos de certo porte que, no seu meio natural, convenientemente abrigados, teria verdadeiro realce e menos problemas de conservação.

Também, desde 1977 que um grupo de trabalho encarregue do estudo da ocupação das áreas dos Jerónimos, levou em conta e incluiu no seu relatório, a necessidade da construção de um pavilhão para salvaguarda e exposição de embarcações tradicionais e arqueologia naval, dentro das instalações a ampliar do

Museu de Marinha, o qual ficaria num bloco a erigir na zona central do pátio. A tarefa seria prioritária e o mais, só susceptível de estudo quando o Museu Etnológico, desorganizado e fechado ao público, há tantos anos, tiver um dia nova sede fora do complexo de Belém, local cuja vocação é inteiramente marítima.

Das conclusões finais desse grupo de trabalho seria, num futuro, construído ao lado do Pavilhão das Galeotas, em terreno sobrante e, eventualmente, deslocado um mercado existente, o corpo de edifício das embarcações regionais que, assim, ficaria definitivamente instalado.

É, portanto, preocupação latente resolver tal questão e tendo o Museu já, provisoriamente, um depósito onde conserva o que vai reunindo nesta especialidade, tenhamos esperança de que um dia (oxalá não longe) possa abrir as suas portas com uma verdadeira exposição de escolhido repositório que possui e daquele que poderá ainda recolher com o concurso de todos que se associem à obra notável que está empreendendo.

Assim, formulamos que este pequeno barco tipo neta, agora entregue pelo Grupo de Amigos do Museu de Marinha e que nos deu base a mais este escrito, seja nova semente a germinar com dois fins: um, o de que o Museu continue a florescer na sua maior representatividade e grandeza; outro, o de que novos amigos se juntem aos Amigos deste Museu, ajudando-o em maiores e mais belos empreendimentos.

Arq. Eduardo Martins Bairrada
Secretário da Direcção do G. A. M. M.

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Os selos que ilustram esta notícia, magníficos sob todos os aspectos, foram postos a circular no dia 15 de Setembro findo e assinalam a BRASILIANA 79 (3.ª Exposição Mundial de Filatelia Temática) de que já aqui falámos e que, nesse dia, foi solenemente inaugurada no Rio de Janeiro.

É evidente que os nossos CTT/TLP capricharam, e de que maneira, na apresentação de um conjunto que fixará a efectivação de um certame que nasceu, pode afirmar-se, em Portugal, dado que foi aqui, quando da PORTUCALE 77, que ficou decidida a sua realização no Brasil.

Muito feliz, em nosso entender, a escolha de um tema que não é frequente ver tratado em selos postais, resultou muito positivamente, quer sob o ponto de vista artístico, quer ainda pela fidelidade e beleza que apresenta.

Mesmo para nós, que muitas vezes não nos apercebemos das belezas que nos rodeiam, estes, repetimos, magníficos selos, são um alerta para a nossa curiosidade e sobretudo uma chamada de atenção para o facto de tantas vezes não apreciarmos todo o encanto que pode encerrar o mundo dos carros rurais portugueses de tracção animal. Sem se entrar no campo de apreciação de cada tipo

dos agora apresentados, e para não nos alongarmos na nossa apreciação, limitamo-nos a referir os fins a que cada um se destina, assim como a sua inserção específica nas regiões em que se localizam.

Claro que agora que o tema foi abordado, verifica-se que muitos outros podiam ter sido seleccionados, mas estes são o bastante para mostrar uma diversificação realmente muito interessante e curiosa.

Para os menos atentos ou para aqueles que nunca receberão alguns dos selos desta série dado o elevado valor de algumas das suas taxas, permitimo-nos identificar cada um dos motivos que ilustram o conjunto: o selo de 2$50 mostra um carro da água da região de Monchique; o de 5$50, apresenta uma zorra para o transporte de vinho, usado na ilha da Madeira; o de 6$50 figura um carro para o transporte de vinho, no Alto Douro; quanto ao de 16$00, reproduz um carro de canudo, característico do Alentejo; o carro do Leste transmontano da região do Mogadouro, é o da taxa de 19$00; finalmente, o selo de 20$00 apresenta como motivo o chamado carro das areias, muito visto na região da Murtosa.

Bem especificados nos seus tipos e funcionalismo, como se conclui, os motivos desta série são razão bastante para não surpreender ninguém que sejam aceites com muito agrado, mesmo a nível mundial.

Consideramos também muito válido tanto o sobrescrito como o carimbo

comemorativo do 1.º dia de circulação.
De salientar ainda, o facto de o carimbo comemorativo do 1.º dia de circulação ter sido aposto não só nos locais habituais, Lisboa, Porto, Coimbra, Funchal e Ponta Delgada, mas também no Rio de Janeiro, num pavilhão que os CTT/TLP montaram no recinto onde se realizou este grandioso certame filatélico internacional.

DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

Como vem sendo habitual, esta data que anualmente se celebra em 31 de Outubro e à qual a Caixa Geral de Depósitos tem filatelicamente dispensado nos últimos anos o melhor acolhimento, será este ano assinalada a partir de 11 de Outubro e até 9 de Novembro, com a utilização das flâmulas que reproduzimos e que serão apostas nas centrais dos correios de Lisboa, Porto e Coimbra. De momento, ainda não temos conhecimento da realização de qualquer mostra ou exposição filatélica por aquela entidade mas, se for caso disso, do assunto nos ocuparemos na próxima página de filatelia.

IBEREX 79

Será entre 13 e 20 de Outubro corrente que, realizada pela Associação Portuguesa de Filatelia Temática, este esperado certame colocará em competição filatelistas do norte do nosso país e da vizinha Espanha. Sabemos ser grande o entusiasmo que reina por esta realização.

MUSEU DOS CTT

Neste fim de férias, não queremos deixar de sugerir uma visita a este interessantíssimo museu, visita que se impõe nomeadamente a todos os que se interessam por estas coisas de filatelia.
A entrada continua a ser gratuita e o museu, que se encontra aberto de terça-feira a sábado, das 10 às 12 e das 15 às 18 horas, localiza-se na Rua D. Estefânia, 173, em Lisboa.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Saibam Todos

Que no Instituto Hidrográfico (Rua Garcia de Orta, 4 — 1296 Lisboa Codex), os militares da Armada dos QP e militarizados e pessoal civil da Marinha poderão adquirir, até 31 de Dezembro próximo, a obra do cap.-m.-g. Quirino da Fonseca "A caravela portuguesa" (2 volumes).

Que apenas é fornecido um exemplar por interessado, cujo preço é de 280$00 (2 volumes).

Que os exemplares são fornecidos a pronto pagamento, dentro do horário sguinte:
2.ª, 3.ª e 4.ª-feiras: das 10.00 às 12.00 e das 14.00 às 16.00 horas;
5.ª e 6.ª-feiras: das 10.00 às 12.00 horas.

Que também são enviados pelo correio, à cobrança, sendo neste caso o preço acrescido dos respectivos portes (63$00).

Que a venda ao pessoal em serviço é feita conforme instruções publicadas nas respectivas ordens da D.S.P.

Que a venda ao pessoal nas situações da Reserva (que não esteja ao serviço), reforma e aposentado é feita directamente pelos interessados mediante identificação.

Que o público em geral e os militares do Exército e da Força Aérea, estes em condições especiais, poderá adquirir esta obra no Museu de Marinha ou no Aquário Vasco da Gama.

Que tendo sido necessário ajustar algumas determinações fixadas no despacho n.º 10/75, de 6 de Fev., por motivo de nova orientação acordada a nível dos três ramos das Forças Armadas, foi alterada a assistência sanitária aos militares dos quadros permanentes (QP), na parte medicamentosa.

Que de acordo com o despacho n.º 79/79, de 13 de Agosto, do almirante CEMA, o fornecimento de medicamentos a militares da Armada dos QP e familiares, ficou assim regulado:

Medicamentos:

a) Fornecimento gratuito:

1. Aos militares na situação de reforma, quando prescritos por serviços de saúde militares ou por médicos militares e adquiridos em farmácias militares;
2. Aos restantes militares, quando se encontrem hospitalizados ou em tratamento nos serviços de saúde das unidades a que pertencem, sendo, neste caso, os medicamentos fornecidos por estes serviços.

b) Fornecimento com comparticipação de 75%:

1. Aos militares referidos em 1. da alínea anterior, quando prescritos por médicos civis ou adquiridos em farmácias civis;
2. Aos militares dos QP do Activo e da Reserva, com excepção nos casos previstos no n.º 2 da alínea *a*);
3. Aos familiares dos militares dos QP, com direito a assistência medicamentosa.

Que foram revogadas as normas para aquisição de medicamentos aprovadas pelo despacho do almirante CEMA, de 19 de Outubro de 1976, e publicadas na Ordem da Armada (1.ª série) n.º 205, de 27 de Out. de 1976.

Histórias de Marinheiros

10 — Trovoada no mar

Há umas dezenas de anos fiz a travessia do Oceano Índico, da Indonésia, então colónia holandesa, para a costa de Moçambique.

O navio era o pequeno aviso de 2.ª classe "Gonçalo Velho", navegando modestamente a uns escassos nove nós, pois para mais não chegava o fôlego do seu fraco arcaboiço.

A moção, no seu início, já se fazia sentir bem a bordo. O navio era brinquedo no dorso estouvado de uma ondulação que não cansava. A guarnição, a princípio, estranhara — e os enjoados pagaram, largamente, o tributo ao mar impiedoso. Mas, depois, todos se habituaram, e ao fim de dezanove dias, quando desembarcaram, parecia-lhes que era a terra que dançava, sacudida, debaixo dos pés.

Pois foi nessa travessia que fomos apanhados por uma tremenda trovoada tropical. O ribombar dos trovões rolava incessantemente e a fuzilaria dos relâmpagos deslumbrava, continuadamente, o pessoal de quarto à ponte. Dir-se-ia que o céu se tornara em campo de batalha de gigantes, manobrando, por detrás de fugidias nuvens negras, pesadas peças de artilharia grossa, que jamais se calavam.

Algum pessoal espreitava, à entrada das cobertas, aquele espectáculo grandioso e belo. Entre eles, destacava-se um grumete torpedeiro, conhecido pelo *Avarias*. Quando na instalação eléctrica do navio, já entrado em anos, surgia qualquer deficiência, ele aparecia sempre com a chave de parafusos, a comboiar o cabo torpedeiro.

As deficiências remediavam-se sempre, naturalmente, mas, constava que o grumete pouco concorria para esse resultado. Alguns, decerto maldizentes, garantiam mesmo que o rapaz é que muitas vezes, pela sua inaptidão, estava na origem das avarias. Seria fama mal cabida, não sei. O moço era novo, estava no princípio; com o tempo se faria bom especialista, mas, da alcunha ninguém o livrava; era o *Avarias*. Bem humorado, sofria, sem azedume, os remoques dos camaradas. Curioso e diligente era ele. Quando havia qualquer novidade na parte eléctrica, aparecia sempre, quer estivesse ou não de serviço. E a chave de fendas não esquecia nunca, sempre pronta a esventrar caixa de distribuição ou mesmo mecanismo de categoria.

Naquela tarde, ele ali estava, com outros, a olhar o céu. A trovoada atingia o auge. A atmosfera estava carregada de electricidade. As faíscas ziguezagueavam no espaço e vinham mergulhar num mar lívido de susto. Uma, mais certeira, com um estalido seco, foi engolida pelo pára-raios de bordo.

O tenente, que ia entrar de quarto, passava pelo grupo, vindo de ré, naquele momento, quando o *Avarias* com a chave de fendas pronta a intervir, apontou para o céu e afirmou com autoridade:

— É o que vos digo... "Eles" estão com "avarias" na instalação...

S. B.

Conversa entre Marinheiros ... que não chegou a realizar-se ...

Há muito tempo que tinha pedido ao almirante Sarmento Rodrigues para termos uma das habituais *Conversa entre marinheiros...* da nossa Revista. Porém, por variadíssimas razões que não vêm ao caso, veio ela sendo adiada até que ficou assente a sua realização para o dia 31 de Julho passado.

Nesse dia, o almirante almoçou na messe do Edifício da Marinha, com o autor e outros camaradas, sendo acometido, a seguir, por uma indisposição ocasional que levou a adiar, mais uma vez, a almejada conversa.

Combinou-se então que iria eu à sua residência por o almirante ter ali, mais à mão, os elementos que viessem a ser necessários — relatórios, fotografias, publicações, recordações, etc. —, marcando-se o dia 6 de Agosto para o efeito.

Parece que estava escrito que a nossa conversa nunca se realizaria... O almirante, inesperadamente, falecia no dia 1 de Agosto.

Com elementos que nos tinha já facultado e com outros que são do nosso conhecimento, vamos tentar dar uma imagem de quem foi e do que foi este ilustre oficial da nossa Armada.

Manoel Maria Sarmento Rodrigues, nasceu em Freixo de Espada à Cinta, em 1899, ingressando na Escola Naval em 1918. Foi promovido a segundo-tenente em 1923, a capitão-tenente em 1939 e a vice-almirante em 1959.

Além da Marinha, exerceu a sua actividade em variadíssimos sectores, nomeadamente como ministro do Ultramar, governador da Guiné e Moçambique, como conferencista, escritor e publicista, etc. Mas a Armada foi sempre a sua paixão e, mesmo quando fora dela, nunca deixou de a amar e prestigiar.

Lembro-me, a propósito, que, quando era ministro do Ultramar, tive necessidade de falar com ele sobre qualquer assunto de carácter oficial. Dirigi-me ao respectivo gabinete pedindo para me ser marcada uma audiência, como é da praxe. Recebi então esta resposta que considero muito elucidativa: *Por ordem do senhor ministro, não se marcam audiências ao pessoal da Armada, recebe-o logo.*

E, de facto assim que saiu a pessoa com quem trabalhava, entrei eu.

Casado com D. Margarida Augusta Guerra Junqueiro, sobrinha-neta do grande poeta transmontano Guerra Junqueiro, era pai do capitão-de-fragata Artur Junqueiro Sarmento e de duas filhas, uma casada com o capitão-de-fragata António José Fonseca Cavaleiro de Ferreira e a outra com o antigo capitão-tenente José de Magalhães S. Gomes Mota que por sua vez já também tem um filho na Armada — cadete Manuel Sarmento Gomes Mota. Uma família de marinheiros...

O almirante Sarmento Rodrigues embarcou em muitos navios como oficial de guarnição, e comandou o torpedeiro "Lis", a canhoneira "Faro", a lancha-canhoneira "Tete", o contratorpedeiro "Lima" e o aviso de 1.ª classe "Bartolomeu Dias". Foi chefe da Missão Naval aos Estados Unidos para recepção de duas fragatas, foi comandante-chefe do Grupo Naval das fragatas "Diogo Cão" e "Corte Real" numa viagem por vários países da América, foi director das Forças Aéreas da Armada, foi comandante-chefe das Forças Armadas de Moçambique, director da Escola Naval, etc., etc.
A data do seu falecimento, com oitenta anos já feitos, era presidente da Academia de Marinha, cargo que exercia com extraordinário entusiasmo e raro brilhantismo.
A propósito, extraio duma carta que me escreveu sobre a "Revista da Armada" as seguintes significativas passagens:

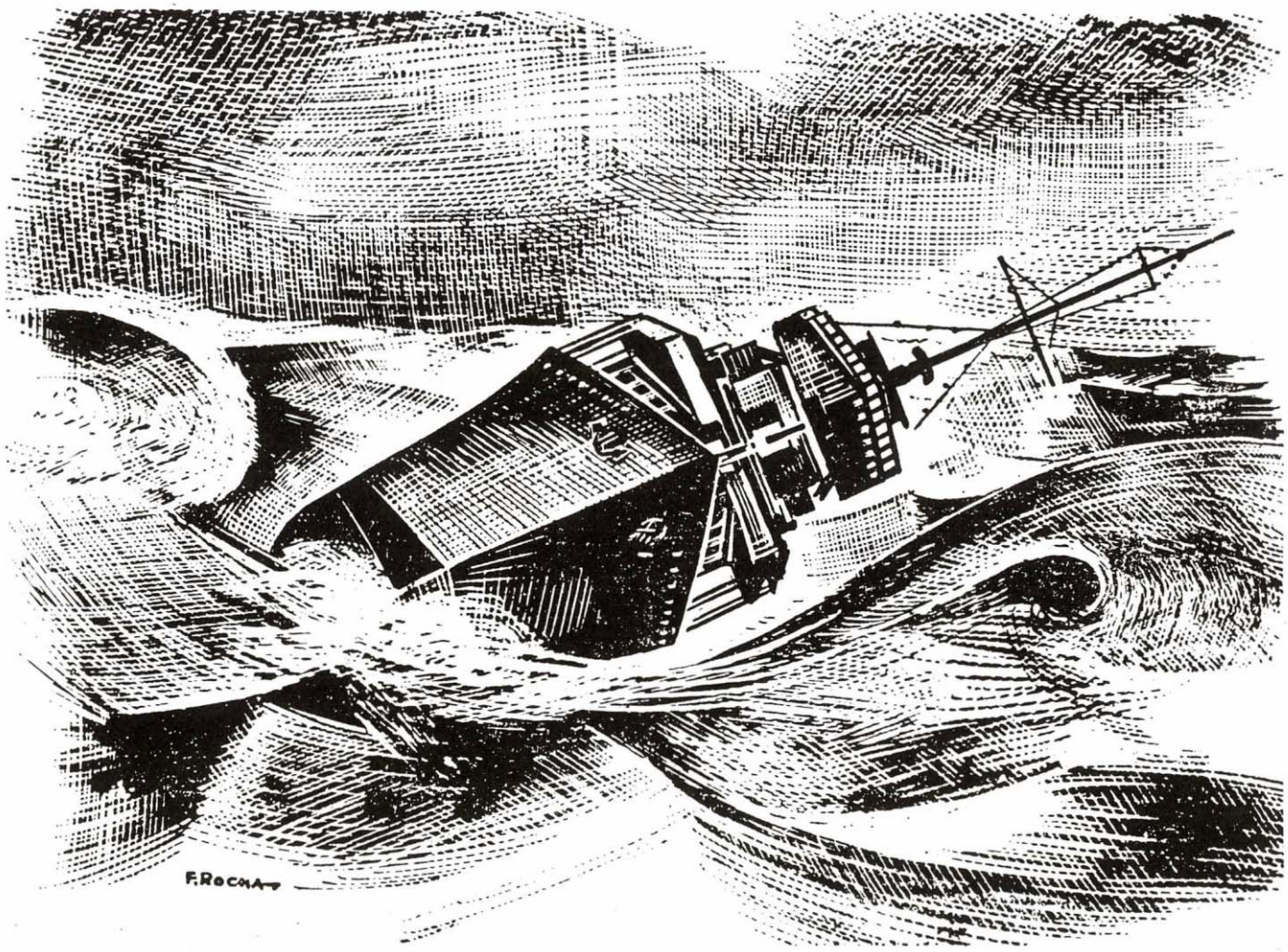
(...) Estou reformadíssimo (...) mas o que não deixo é de servir a Marinha, enquanto puder. Por isso, aprecio que se refiram ao Centro de Estudos de Marinha (agora Academia de Marinha) *porque realiza um trabalho de projecção das actividades marítimas, do passado e do presente.*
E termina a carta com estas palavras: *(...) de resto, não fiz nada comparado com o muito que desejava fazer.*

Apenas lidei com o almirante exporadicamente, pilotando aviões em que se deslocava em serviço e fazendo parte da Comissão Nacional das Comemorações do Cinquentenário da Primeira Viagem Aérea Lisboa-Rio de Janeiro.
Na mencionada comissão trabalhei intensa e directamente com ele, que era presidente, sendo eu representante do Ministério da Marinha, e posso afirmar que lhe reconheci qualidades de um verdadeiro chefe, daqueles que se servem e nunca mais esquecem. Dos aviões quero também recordar o seguinte episódio:
O almirante era, na altura (1940), chefe do estado-maior da Força Naval da Metrópole e pediu um avião para o levar à baía de Sesimbra, a fim de embarcar num contratorpedeiro em exercícios.
Fui eu designado para esse serviço, com um hidroavião "Grumman". Ao sobrevoar o local, verifiquei que o mar não estava bom para a amaragem e dei várias voltas antes que me resolvesse a fazê-lo notar ao meu ilustre passageiro.
A resposta não se fez esperar: *O senhor tenente é que sabe se pode ou não amarar.*
Ainda hoje me espanta que o avião se não tenha partido todo com as pancadas que deu na água. Era realmente muito rijo!
O almirante, para quem olhei de soslaio e um pouco envergonhado, conservou-se impassível... A mareta e o vento não permitiram que o almirante passasse do hidro para a embarcação que o navio tinha arriado, e não foi possível descolar dali. Andámos quase uma hora a hidroplanar para alcançar o abrigo da costa e descolar de regresso ao Bom Sucesso.

Dos vários relatórios de viagens e comissões de serviço que fez, todos escritos no seu estilo pessoal tão elegante, não resisto à tentação de transcrever parte do que diz respeito ao salvamento de 118 náufragos de um navio torpedeado por um submarino alemão, no mar dos Açores, em 1943, pelo contratorpedeiro "Lima", sob o seu comando.

O TEMPORAL

O barómetro estava às 12.00 da véspera em 1021 milibares e descia vagarosamente. Ao meio-dia de 30 marcava 1009. O mar passara do NW ao SW. Fora primeiro de vaga larga e agora começava a formar-se já com o vento. Este tinha-se aguentado com intensidade estacionária, cerca de força 7, mas rondando do WNW ao WSW e SW.
Quando, um pouco antes das 12.00 do dia 30, desci à camarinha para receber em almoço três dos mais representativos náufragos, o barómetro apontava um ainda pequenino, mas acentuado dente. E quando, pouco depois das 13.00, subi de novo à ponte, o cenário era outro. O vento era esperto do SW. O cariz ameaçador: a pressão tinha descido 7 milibares nas últimas duas horas.
As coisas pareceram-me mal, com tanta gente a bordo e nafta já muito desfalcada.
Não julguei possível atravessar um ou dois dias de temporal no mar e depois ter ainda combustível para prosseguir as pesquizas.
Por isso, e na eminência do mau tempo, decidi meter logo a Ponta Delgada, abandonando as buscas. De resto ainda havia a possibilidade de, em grande parte do caminho, encontrar alguma coisa. O projecto de ida a Santa Maria é que estava desfeito.
Acabara-se o bom tempo de que eu tanto desconfiava. Um dos americanos tinha-me já dito estranhar que os "destroyer" dessem tão pouco balanço. Em breve ia ele rectificar a sua opinião!
Pensei na Horta para abrigo, por estar mais perto dela. Separavam-nos umas 135 milhas de Ponta Delgada e apenas 90 do Faial. Mas ser-me-ia mais penoso alcançar esta última ilha onde, de resto, o tempo aperta mais forte, vezes havendo em que deixa S. Miguel livre. Além disso para aqui poderia ir com maior velocidade, a favor do mar. Ainda acrescia que era este o ponto a que eu me destinava e onde poderia largar os náufragos e também meter combustível, coisa que na infeliz Horta não há.
Por tudo isso optei por S. Miguel.
As 13.45 punha nela a proa e a velocidade aumentava para o máximo que uma caldeira dá, 18 nós. A outra caldeira, que estava acesa, não tinha suficiente pressão e só às 16.00 puderam as duas estar ligadas e subir-se então o andamento para 25 nós.
É que, logo que decidi regressar a Ponta Delgada, tive na ideia fazê-lo o mais rapidamente possível, a fim de não dar



O contratorpedeiro "Lima" com 67º de inclinação, em 30 de Janeiro de 1943, no mar dos Açores, segundo gravura da época.

tempo a crescer o mar e procurar, ao menos, um abrigo na costa norte. Qualquer velocidade que me permitisse tal manobra seria, em resumo, económica, pois que evitaria talvez uma ou mais noites no mar, além do mais.

Pensava isto porque da Estação Meteorológica da Horta, ao perguntarem-me o estado local do tempo, me foram informando que iria piorar muito podendo chegar a tempestuoso. Era também o que se me afigurava.

Pretendi, pois, aguentar umas 25 milhas horárias, o que me levaria a Ponta Delgada pelas 20.00, talvez sem muito mau tempo.

Mas a depressão era muito pronunciada, fazendo, por conseguinte, agravar subitamente os elementos.

Paralelamente a esta precipitação do mau tempo havia o atraso da nossa parte. Só às 16.00 pudemos entrar no regímen de velocidade desejado.

Prevendo que iríamos passar um mau bocado, mandei alagar o tanque n.º 3, para pôr o navio em condições de melhor estabilidade. Mas esta operação é enervante, por ser morosa. Quando a gente precisa dos tanques alagados é porque há mau tempo e é nessas condições que é difícil passar mangueiras, sobre o convés batido pelo mar. E depois leva uma infinidade de horas a encher.

O tempo, como digo, já nessa altura tinha piorado muito rapidamente e o mar corria cavado e veloz.

Foi-se gradualmente aumentando a velocidade. Navegou-se algum tempo a 250 rotações = 22 nós, tendo-se verificado que o navio andava com uma velocidade muito próxima à da vaga, mas mais devagar. Pensei que um substancial aumento de rotações pudesse desafrontar-nos, deixando a vaga para trás. Mudou-se por isso para as 280 rotações = 24 nós.

De facto, o mar parecia ficar já pela popa, mas o navio expunha-se ainda muito tempo a cada onda que nos perseguia. Por isso o governo era muito difícil.

Iam ao leme marinheiros desembaraçados, mas que não conseguiam evitar fortes guinadas de 40º e mais, com balanços também grandes e persistentes. Por vezes para ajudar o leme era preciso reduzir uma das máquinas ou mesmo pará-la. Como o tempo corria da alheta de EB era para esse mesmo lado que o navio tinha tendência a atravessar.

Navegámos assim pouco tempo. O espectáculo era grandioso mas impressionante. A proa mergulhava na vaga e pegava-se, fazendo altos bigodes que começavam ao nível do castelo. Dos escovéns sobretudo do de BB, saía um grande e grosso repuxo que se mantinha alto e sereno durante muito tempo. As atenções estavam todas concentradas no governo do navio, não havendo tempo para gozar tal panorama. Pelos altos, na plataforma da peça 3, na do projector e da pon-pon n.º 3 havia curiosos. No convés, felizmente, ninguém.

Soube depois que se passavam fenómenos curiosos e muito pouco vulgares. Como a vaga pouco se atrazava em relação ao navio, longos momentos havia em que partes do fundo estavam em seco, faltando a água em ralos, tal como o da

turbo-bomba da alimentação dos condensadores, cuja excessiva velocidade tornava perigoso o seu funcionamento. A turbo-geradora de vante também não podia funcionar, pois que o ralo lhe ficava a descoberto. Por isso, ficou logo fora do serviço. A de ré, sofria interrupções, mas nunca deixou de funcionar. O casco ficava estático relativamente à vaga, apoiado só em alguns pontos, deixando outros no ar.

Aquilo não podia continuar assim. Mais um aumento de velocidade e sair-se-ia daquela situação, fugindo ao mar. Ordenaram-se 300 rotações = 26 nós. E o navio então já se afasta, francamente, na proa da vaga. O governo, sempre difícil, torna-se melhor. O mar recua. Ponta Delgada não devia estar longe e era preciso aproveitar a luz do dia. Logo que escurecesse não se poderia continuar naquele jogo de cuidados. Os imponentes repuxos já se não viam, e os grandes bigodes pouco duravam, corridos para a popa.

Assim deslizámos cerca de uma hora. Ao leme os melhores marinheiros, quatro deles, revessando-se com frequência. Entretanto, o vento cada vez se sentia mais e o mar devia ir insensivelmente perseguindo-nos de mais perto. Em dado momento tornam-se a formar as cascatas dos escovéns. Já não se podia aumentar mais a velocidade e aproximava-se também a hora do escurecer.

Foi então que o navio foi presa duma grande vaga. Começou tal guinada para estibordo que nem todo o leme o detinha. Adorna vagarosa e firmemente mais e mais, tremendamente. Já em posição muito difícil ordeno para os telégrafos: "pára a máquina de bombordo". Os instantes correm sem melhorar a situação e eu receio que a voz tenha sido deturpada e não seja mesmo o caso que vá parar a máquina do outro bordo. E por isso para melhor segurança rectifico: "pára as máquinas".

O navio é que não parava de lentamente, continuadamente, adornar para BB. Estávamos praticamente deitados sobre o estrado da ponte, com os pés sobre as amuradas.

Conservámo-nos assim alguns imensos instantes, até que, primeiro suavemente e depois com presteza, o navio adriça de novo!

— Homem ao mar! Vários homens ao mar!

E logo em seguida vozes anunciam que a baleeira tinha sido levada. Mas a gente ao mar era o pior.

Ouço que não poderia fazer-se nada aos homens arrastados pela vaga. Manifesto opinião contrária e sinto essa convicção.

Põem-se 210 rotações e manobra-se para o local onde boiavam destroços vários. A tarde ia caindo e o mar dava a ilusão de que tinha de repente acalmado. Marcámos o local e navegámos para lá.

Entretanto o imediato trazia-me a gratíssima notícia de que ninguém tinha saído pela borda fora. Quero sabê-lo bem ao certo. Volta e torna a dizer-me que toda a gente estava a bordo. Só então reentrei na real tranquilidade.

O que se passara, porém, era do que mais notável se deve ter registado em navios destes. Houvera uma inclinação de 67 graus, dizia-o o inclinómetro fixador da máquina. Lá estava o ponteiro a indicá-lo ainda. A sua indicação não deve estar falseado, pois que não houve esticão violento que atirasse com o ponteiro. O balanço fora lento, gradual e contínuo. Parecia que não acabava mais.

Como tal se pudera dar, já se viu bem. Para mim, o estranho era como tão depressa se tinham mudado as razoáveis condições em que o navio estivera correndo, a deixar o mar para trás.

Aumentara a velocidade do mar? Deminuíra o andamento do navio?

As duas coisas. Se a primeira se deve admitir, por lógica evolução do temporal, também paralelamente houve redução do número de rotações, devido a dificuldades na condução das máquinas com aqueles já grandes balanços e a uma velocidade para a qual é exigido o limite de potência hoje permitido para duas caldeiras.

Tudo isso concorreu para que o navio viesse, fatidicamente, para as perigosas condições de correr num mar já cavado com uma velocidade semelhante à da vaga. Ora aquele balanço ainda foi agravado por mais uma circunstância acidental. Logo que ele atingiu um grande valor, a turbina de EB, aliviada por ter o hélice já menos fundo, entrou a fazer grande barulho. O mestre de máquinas reduziu-lhe o vapor e depois chegou mesmo a fechar-lho. De maneira que o navio, que desejaríamos fazer guinar para BB, era, pelo contrário, fortemente empurrado para EB pela máquina de BB a rodar a 300 voltas por minuto! Ia-o enterrando cada vez mais.

Este gesto do mestre de máquinas, em vez de censura, mereceu da minha parte um louvor. Se ele assim não tivesse procedido, a turbina — que chegou a dar 500 rotações por minuto — talvez ficasse inutilizada. Em contra-partida, esteve um navio pelos cabelos. Melhor seria ter parado as duas máquinas, em tal emergência. Mas o óptimo é inimigo do bom.

Julgo que o navio teria dado o maior balanço registado nos anais da Marinha. Analizando as suas curvas de estabilidade, ver-se-à, contudo, que nada se passou além dos limites nelas previstos.

Nas melhores condições, isto é, carregado e sem minas, terá estabilidade nula aos 83°. Leve, sem nenhum peso móvel a bordo, ficará insensível aos 67°. Mas quando tiver metade desses pesos a bordo (ou sejam 210 toneladas), estará no deslocamento normal a que corresponde estabilidade nula aos 79°.

Ora eu julgo que o navio estaria ainda em melhores condições do que estas últimas. Só nos tanques de combustível havia cerca de 158 toneladas de nafta ou água, além do tanque com 12 toneladas de água doce, as 20 toneladas de reserva de água da máquina, os paióis de munições (13 toneladas), e bombas (4 toneladas) atestados, bem como os paióis de mantimentos e vinho (7 toneladas), mestre, tintas e tantos outros.

Em suma, julgo que ao navio pertenceria sem favor, uma estabilidade nula apenas lá para os 80°. Ainda havia 13 graus à nossa disposição. E depois, qualquer entrada de água, que inevitavelmente se desse, viria criar novas forças de estabilidade, endireitando-o.

Virar-se, não o julgo possível.

Admirável foi que não houvesse maiores desastres. Mas sofreram-se alguns. Quando agora olhámos para a alça directora mista, com a sua fixação tão combalida pelo primeiro temporal, e nos lembrámos que esteve tão perto da horizontal, a dois passos de cair no mar; quando pensámos em que no convés de BB poderia haver gente que

Ladeado pelos cap.-m.-g. EMQ Rodrigues dos Santos e cap.-m.-g. Teixeira da Mota, o almirante Sarmento Rodrigues preside pela última vez, em 11 de Julho passado, a uma sessão da Academia de Marinha.

inevitavelmente seria arrastada pelo mar; quando sabemos que as caldeiras, mercê da coragem de alguns homens, não tiveram danos irreparáveis; não podemos deixar de nos sentir satisfeitos por tão pouco termos sofrido, em tão grave contingência.

Houve, contudo, muito que contar, e mais se verá quando for passada completa vistoria.

O convés a BB estava devastado. Além da embarcação perdida e que fora arrancada deixando apenas um pedaço da quilha presa às talhas, os turcos estavam dobrados. A outra baleeira, mais avante, desatracara, rebentara as fundas e os turcos ficaram também empenados. O bote, levantado pelo mar, caiu e espetou-se sobre um balaústre. Das embarcações para ré, mais de 50 balaústres, ferros de toldo, escoras e suportes de bóias estavam todos dobrados num molho.

As caixas de mantimentos, ancoretas, mastros e velas de embarcações foi tudo borda fora.

A popa, onde um grande monte de salvados se acumulava, estava quase limpa. Os fatos, cintos, caixas de ar, remos, mantimentos e ancoretas, tanta e tão boa palamenta, tinham na sua maior parte sido arrastados pelo mar.

Uma bomba de profundidade foi levada, assim como uma colher que estava enfiada no seu suporte. As chaleiras das granadas, na peça 4, estavam todas partidas. Era tudo um amontoado de cabos e destroços, pendente da borda.

Uma das peias da peça 4 abriu um dos gatos e um olhal duma outra fendeu, tal foi o esforço que suportaram. Mas tinha havido pior. Na plataforma da peça 3 jazia um marinheiro com uma perna partida por um cunhete das pons-pons que, com outros, se desprendera e viera feri-lo de encontro o elevador de munições onde se agarrara enquanto o mar varria a plataforma. De lá saíram, além de 5 cunhetes, as letras luminosas do navio.

Aquele marinheiro, grumete artilheiro número 7599, Carlos Pereira Guerra, foi quem deu o rebate de homem ao mar. Ferido, cuidava menos de si do que saber a sorte dum seu camarada que para não ser levado pelo mar se pendurara numa das peias da peça 3 e não era pelo primeiro visto. Por isso supôs que tivesse sido arrastado borda fora.

Nessa elevada plataforma o mar também dobrou as chaleiras de munições e avariou os aparelhos de direcção e pontaria duma pon-pon a qual esteve debaixo de água.

Avante, os estragos não foram tantos, mas talvez mais substanciais. A peça 2 não girava bem, ignorando-se qual a avaria que sofreu, talvez o peão empenado. As fortes cantoneiras em X que suportam a ponte e fazem a sua consolidação, também ficaram torcidas, embora ligeiramente.

O mar entrou na enfermaria e fez uma pasta de tudo o que encontrou, medicamentos, roupas, tudo. Uma maca de transporte de feridos foi levada.

Nem os altos escaparam. O aparelho de direcção do alti-telémetro funciona mal e os transmissores de desvios de ponte não trabalham.

Parece que a água entrou na ponte baixa e houve quem afirmasse ver a parte inferior da cinta preta da chaminé de ré tocar no mar.

Nos interiores foi um cataclismo. As mesas, cadeiras, aparelho de rádio e pessoas que se encontravam na câmara, tudo náufragos, viram-se amontoados sobre as vigias de BB. Um deles foi projectado de EB, onde se encontrava, indo enfiar a cabeça por uma almofada de madeira do forno de BB, ficando muito ferido, mas satisfeito por não ter topado com uma das cantoneiras, aonde certamente lhe teriam ficado os miolos.

Agora já se convenciam do balanço que os "destroyers" davam e até se alarmaram ao ponto de vários declararem preferir um torpedo a tal espectáculo.

— Antes oito torpedos! dizia o comandante do "City of Flint".

Nos paióis de mantimentos e vinho reinava a maior con-

fusão. Os prejuízos eram importantes. Por sua vez toda a comida das praças e sargentos se entornou e não houve mais possibilidades de fazer outra, nem tão pouco apetite para a comer.

No paiol de munições de ré alguns suportes de travessas foram arrancadas e muitas destas partidas, tendo várias granadas caído dos seus alvéolos. Não foi este um dos menores perigos em que o navio se encontrou. Mas nenhuma rebentou, como poderia ter sucedido se fosse percutida a sua escorva, embora se encontrasse protegida.

Nos serviços da máquina houve grandes riscos e grandes oportunidades. Começou porque, quando se tratou do alagar o tanque 3, foi preciso ter coragem para estar trabalhando no convés, onde as vagas corriam desenfreadas, para atarraxar as mangueiras e montar o serviço. Ali se distinguiram alguns homens.

Depois, no célebre balanço, sucederam as mais inesperadas avarias. Das caldeiras correu a água a um bordo, deixando os tubos de EB em grande parte vazios e expostos à intensa chama da fornalha, ao mesmo tempo que a pressão subia exageradamente devido a terem parado subitamente as máquinas, uma demora maior e poderiam ficar queimadas. Um homem, a quem o balanço tinha atirado de encontro ao costado e ali estava pegado, não perde o sangue-frio, galga de rastos a grande rampa que nesse momento o chão formava, atinge o compressor de nafta e reduz-lhe a marcha.

Outro pendura-se nos queimadores e fecha-os. Outro ainda, põe a funcionar o alimentador auxiliar. Todos eles salvaram as caldeiras.

Por outro lado, como as máquinas pararam sem haver tempo de avisar as caldeiras, a pressão aqui subiu até 31 quilos, não tendo disparado as válvulas de segurança, contra o que era de esperar.

A água entrou abundamtemente pelas caixas das ventoinhas, ao mesmo tempo que o óleo quente destas banhava os homens de quarto.

Na casa das máquinas principais, o condutor de quarto, de pé sobre um pé de carneiro, consegue ter a serenidade de dar cumprimento à ordem de parar a máquina de BB. Estava quase deitado sobre o pavimento, tão baixo que lhe corria sobre a cabeça a água quente que se entornava do tanque de reserva da máquina, cujo tubo-sonda não se eleva a mais de 0,60 m sobre o estrado! E mesmo a essa altura despejava líquido sobre a cabeça dum homem! É claro que só se este estivesse deitado: mas não, estava de pé... O que no nosso caso vem a ser o mesmo.

A circulação dos condensadores de EB deixou de se fazer totalmente, por ter ficado a descoberto, durante algum tempo, o ralo de aspiração do fundo. Entornou-se a maior parte do óleo das turbo-extractores e das turbo-bombas de circulação.

E por cima de tudo isto, entra abundante quantidade de água pelos respiradores do tanque de nafta n.º 2, o que grandes embaraços havia de mais tarde causar.

Foi pena, realmente, não ter sido possível realizar a "conversa" com o almirante que muito teria que contar. Paciência! Ficam estas notas como preito de homenagem do autor, e da "Revista da Armada", ao cidadão exemplar que foi o almirante Sarmento Rodrigues, marinheiro dos pés à cabeça, por dentro e por fora.

M. do Vale
C/ alm.

Aviação Naval
duas efemérides dois monumentos

Com referência ao artigo em epígrafe, publicado no n.º 94 (Julho 79) da nossa Revista, recebemos uma carta do eng. agrónomo Miguel Mota, piloto aviador civil e presidente da Assembleia Geral do Aero Club de Portugal, de que transcrevemos:

(...) É com grande prazer que venho apresentar à "Revista da Armada" e a V. Exa. as minhas felicitações e o meu modesto mas sincero aplauso pelo que se refere ao monumento à primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Os meus sentimentos em relação ao actual monumento são exactamente coincidentes com os de V. Exa. e, provavelmente, com os de muitos portugueses.

Antes de ser construído esse monumento, publiquei no já desaparecido "Jornal do Comércio" (em 8 de Junho de 1969) um artigo em que oferecia algumas sugestões sobre o local (Rotunda do Aeroporto) e como poderia ser o monumento. Esse artigo encontra-se transcrito a páginas 26 e 27 no livro "Problemas da Investigação Científica. Problemas da Agricultura", de que junto um exemplar que tenho muito prazer em oferecer à "Revista da Armada". (...).

Transcrevemos também o artigo publicado no "Jornal do Comércio", referido naquela carta:

UM MONUMENTO NECESSÁRIO

Vem o país comemorando de forma brilhante e justa o centenário, que este ano se celebra, do nascimento do almirante Carlos Viegas Gago Coutinho. Trata-se de uma homenagem a todos os títulos merecida e que o país, grato, presta a um dos seus maiores cientistas dos tempos modernos. Nestas colunas se deu uma muito modesta contribuição, publicando no dia 17 de Fevereiro de 1959, em que passavam 100 anos sobre o nascimento do ilustre marinheiro, o artigo "Gago Coutinho e os voos espaciais". Mas estas comemorações não substituem algo que ainda falta: um monumento condigno, que seja uma lembrança permanente e viva do almirante Gago Coutinho e do seu não menos ilustre companheiro, o comandante Arthur de Sacadura Cabral e que, acima de tudo, assinale o feito mais glorioso desses dois oficiais de marinha, ou seja, a Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul. Há pois que erigir em Lisboa um monumento a esse feito, ao mesmo tempo heróico e notável obra científica, que seja uma permanente homenagem à memória dos dois oficiais e também lição para os que esquecem ou não sabem o que foi essa travessia.

— // —

Naturalmente que muitas pessoas mais qualificadas que o autor destas linhas decidirão o que deve ser esse monumento, onde deverá ficar colocado, e quando deverá ser erigido. Mas permitam-me algumas sugestões, que não têm a pretensão de ser palavra definitiva, mas podem talvez ser úteis a quem possa e queira meter ombros à tarefa.

O local que se me afigura mais indicado é a rotunda onde terminam as avenidas Gago Coutinho e do Brasil, confluência de dois nomes estreitamente ligadas ao notável acontecimento e onde também entronca a avenida que dá acesso ao Aeroporto da Portela. A quem chega a Lisboa, desembarcando de avião, não poderia o país apresentar melhor cartão de cumprimentos. E para os muitos estrangeiros que ignoram esse feito de dois portugueses, ele constituiria uma lição difícil de esquecer.

Julgo que o monumento poderia ser constituído por um plinto sobre o qual assentaria um modelo em bronze, em tamanho natural, que fosse reprodução fiel do hidroavião que terminou a travessia e que se encontra no Museu de Marinha. Ele "explicaria" bem como era a máquina que levou os dois aviadores até às costas do Brasil. As figuras desses dois aviadores poderiam ser colocadas nos seus lugares dentro do avião ou, se nesse ponto ficassem pouco visíveis, junto ao avião ou junto à base do plinto.

Um dos lados do plinto poderia ter um painel em bronze, em baixo relevo, com o mapa do Atlântico e a rota seguida. Em lugar proeminente a data gloriosa de 1922. Noutro lado, um modelo, também em bronze, do sextante Gago Coutinho, o instrumento que permitiu que tal viagem se efectuasse e cujo princípio ainda perdura nos aparelhos recentes, como o que foi utilizado pelo comandante Frank Borman na sua história viagem à volta da Lua. Naturalmente que se impõem umas descrições, em bronze ou em pedra, do feito que o monumento comemora e dos nomes dos heróis. Dessa forma se completaria a lição.

Penso que a inauguração desse monumento deveria ter lugar em 1972, quando se celebrar o cinquentenário da 1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul. Se assim se fizer, dispomos de uns escassos três anos, tempo no entanto que julgo será suficiente para angariação dos fundos necessários e para a construção do monumento. Seria uma condigna comemoração desse cinquentenário e o país saldaria uma dívida que tem em aberto.

Muitas entidades e personagens deverão estar interessadas em contribuir para a construção desse monumento. Mas parece-me indicado para encabeçar esse movimento o senhor Ministro das Comunicações, brigadeiro Fernando de Oliveira, aviador ilustre, cuja obra como director das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico ficou notável, e a quem a história da aviação ficou já a dever a criação do Museu do Ar. A Sua Excelência me permito endereçar a modesta sugestão apresentada neste artigo.

Numismática e Medalhística

A unidade monetária "Escudos" fez 68 anos (III)

Neste terceiro artigo sobre o ESCUDO, vamos hoje continuar com a descrição do que se passou em 1911, transcrevendo o decreto que promulgou o "escudo" como unidade monetária em Portugal.

Art. 1.º — Em todo o território da República, com excepção da India, a unidade monetária é o "escudo" de ouro, que conterá o mesmo peso de ouro fino que a actual moeda de 1$000 réis em ouro. D'esta sorte, a razão de equivalencia do actual systema monetário e do novo systema será de 1$000 réis, ouro, por um "escudo".

Art. 2.º — Serão cunhadas e emitidas moedas de ouro de 10, 5, 2 e 1 "escudos", cujas equivalencias em réis,

diametros, pesos toque e tolerancias constam do quadro seguinte:

Designação das moedas	*Equivalencias no actual systema*	*Diametros*	***TOQUE***		***PESOS***		*Tolerancia para o desgaste abaixo da tolerancia mínima do fabrico*
	Réis	*Millimetros*	*Toque legal* *Millesimos*	*Tolerancia* *Millesimos*	*peso legal* *Grammas*	*Tolerancia de fabrico* *Millesimos*	*Millesimos*
10 escudos	*10$000*	*30*	*900*	*± 2*	*18,0650*	*± 2*	*5*
5 escudos	*5$000*	*24*			*9,0325*		
2 escudos	*2$000*	*19*			*3,6130*		
1 escudo	*1$000*	*15*			*1,8065*		

Estas moedas serão serrilhadas, terão no anverso uma composição ou figura symbolica com a legenda REPUBLICA PORTUGUESA e a era da cunhagem em algarismos, e no reverso o escudo nacional e a designação do valor.

§ unico — Será aberto concurso entre os artistas nacionais para os modelos e gravuras das faces d'estas moedas.

Art. 3.º — A cunhagem e emissão das moedas de ouro serão ilimitadas. Os particulares, bancos e quaesquer outras corporações poderão fazer amoedar na Casa da Moeda quaesquer porções de ouro, segundo os typos estabelecidos no artigo anterior. A Casa da Moeda fixará a tarifa da troca das moedas de ouro estrangeiras e barras de ouro por moedas nacionais, precedendo autorização do Governo.

Art. 4.º — Continuarão a ter curso legal no território da Republica com os valores de 4,5 e 2,25 "escudos", respectivamente, as moedas de ouro inglesas, denominadas soberanos e meios soberanos, do toque de 916 2/3 e de pesos iguaes a 7,98805 gr e 3,99402 gr.

§ unico — Admittem-se para estas moedas as tolerancias indicadas no artigo 2.º para as moedas nacionaes.

Art. 5.º — O "escudo" dividir-se-ha em cem partes eguaes, denominadas "centavos", correspondendo assim um "centavo" a dez réis do actual systema monetário.

Art. 6.º — Serão cunhadas e emitidas moedas de prata dos valores legaes de um "escudo", cincoenta, vinte e dez "centavos", cujas equivalencias em réis, diametros, toque, pesos e tolerancias são indicadas no quadro seguinte:

Designação das moedas	*Equivalencias no actual systema*	*Diametros*	***TOQUE***		***PESOS***		*Tolerancia para o desgaste abaixo da tolerancia mínima do fabrico*
	Réis	*Millimetros*	*Toque legal* *Millesimos*	*Tolerancia* *Millesimos*	*Peso legal* *Grammas*	*Tolerancia* *Millesimos*	*Millesimos*
1 escudo	*1$000*	*37*	*900*	*± 2*	*25,000*	*± 3*	*10*
50 centavos	*$500*	*30*			*12,500*	*± 5*	*50*
20 centavos	*$200*	*24*	*835*	*± 3*	*5,000*		
10 centavos	*$100*	*19*			*2,500*	*± 7*	

Estas moedas serão serrilhadas, terão no anverso uma composição ou figura symbolica com a legenda REPUBLICA PORTUGUESA e a era da cunhagem em algarismos, e no reverso o escudo nacional e a designação do valor.

§ unico — Os modelos e gravuras das faces d'estas moedas, para que também se abrirá concurso entre os artistas nacionais, deverão distinguir-se dos destinados ás moedas de ouro.

Art. 7.º — A cunhagem e emissão das moedas de prata, exclusivamente reservadas para o Estado, não poderão exceder as importancias fixadas no quadro seguinte:

Designação das moedas	***Numero de moedas***	***Importancias — Escudos***
1 escudo	*5.000:000*	*5:000.000$*
50 centavos	*50.000:000*	*25:000.000$*
20 centavos	*15.000:000*	*3:000.000$*
10 centavos	*20.000:000*	*2:000.000$*
Total	*90.000:000*	*35:000.000$*

O que atrás ficou expresso dá-nos uma ideia de como foi decaindo o valor do "escudo" até aos nossos dias. Em 1911 correspondia a quase duas gramas de ouro!...

AFAC

Reportagem

CONVÍVIO DOS ALUNOS MARINHEIROS DE 1947

Pela segunda vez consecutiva realizou-se, no passado dia 5 de Maio, a reunião convívio dos alunos marinheiros da incorporação de 1947. Tendo como convidados de honra dois dos seus antigos instrutores, alunos e respectivas famílias, após visita ao Museu de Marinha, almoçaram em ambiente de recordação e sã camaradagem, num restaurante da margem sul.

Se bem que apreciável, o número de presenças não conseguiu minimizar a saudade dos muitos que ainda não compareceram mas que, no próximo ano, se esperam para "aquele abraço".

O ALMIRANTE SOUTO CRUZ CONDECORADO COM A GRÃ-CRUZ DA ORDEM MILITAR DE CRISTO

Foram os "destacados serviços prestados ao País, na caminhada democrática difícil iniciada em 25 de Abril e reiniciada em 25 de Novembro", entre outros apontados, conforme foi referido pelo Presidente da República e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, praticados pelo almirante Souto Cruz, que deram motivo a que fosse agraciado com a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo. O almirante Souto Cruz havia, recentemente, deixado de exercer as altas funções de vice-chefe do EMGFA, em virtude de ter passado à Reserva, atingido pelo limite de idade.

A imposição desta alta condecoração foi feita pelo Presidente da República, em cerimónia realizada, no dia 11 de Agosto findo, no Palácio de Belém, a que assistiram os presidentes da Assembleia da República e do Supremo Tribunal Militar, o primeiro-ministro, membros do Conselho da Revolução, os chefes dos Estados-Maiores do Exército, da Força Aérea e da Armada, o ministro da Defesa e altas patentes dos três ramos das Forças Armadas.

De referir que o almirante Souto Cruz, após ter deixado aquele cargo, havia sido condecorado com a medalha militar de ouro dos Serviços Distintos.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DE MARINHEIROS DE TONDELA

Foi com um vibrante e uníssono "Viva a Marinha" que terminou o almoço em epígrafe. Estiveram presentes cerca de cinquenta actuais e antigos marinheiros do concelho, de vários escalões hierárquicos e, praticamente, de todas as especialidades, alguns acompanhados dos respectivos familiares.

Houve alegria, houve amizade e houve camaradagem, à sombra acolhedora de árvores seculares da "Mata do Dr. Adriano". E houve também boa comida e melhor bebida (ou não fosse ali o coração da região dos vinhos do Dão...).

Recordou-se o mar (tão longe, que nem o cheiro ali chega), recordaram-se os navios, e recordou-se a "Briosa", a amarra que afinal a todos une e que tem resistido e há-de resistir a todos os "temporais".

Aconteceu isto no dia 19 de Agosto, como já tinha acontecido no ano anterior, e irá acontecer, certamente, nos anos que hão-de vir.

A organização esteve a cargo duma comissão constituída pelos 1.º-sarg. Manuel Cochês e ex-grumetes Luís Marques e António Gaspar de Figueiredo, os quais não se pouparam a esforços para que este convívio resultasse, como resultou, num autêntico êxito.

Vem a propósito lembrar que está em organização o Núcleo de Marinha do Concelho de Tondela, que tem como finalidades principais manter a convivência entre os marinheiros da região e a propaganda da Armada. Espera-se que se inscrevam como sócios deste núcleo os cerca de 400 actuais e ex-marinheiros existentes no concelho. A região tem pergaminhos, tendo dado à Nação muitos e bons marinheiros.

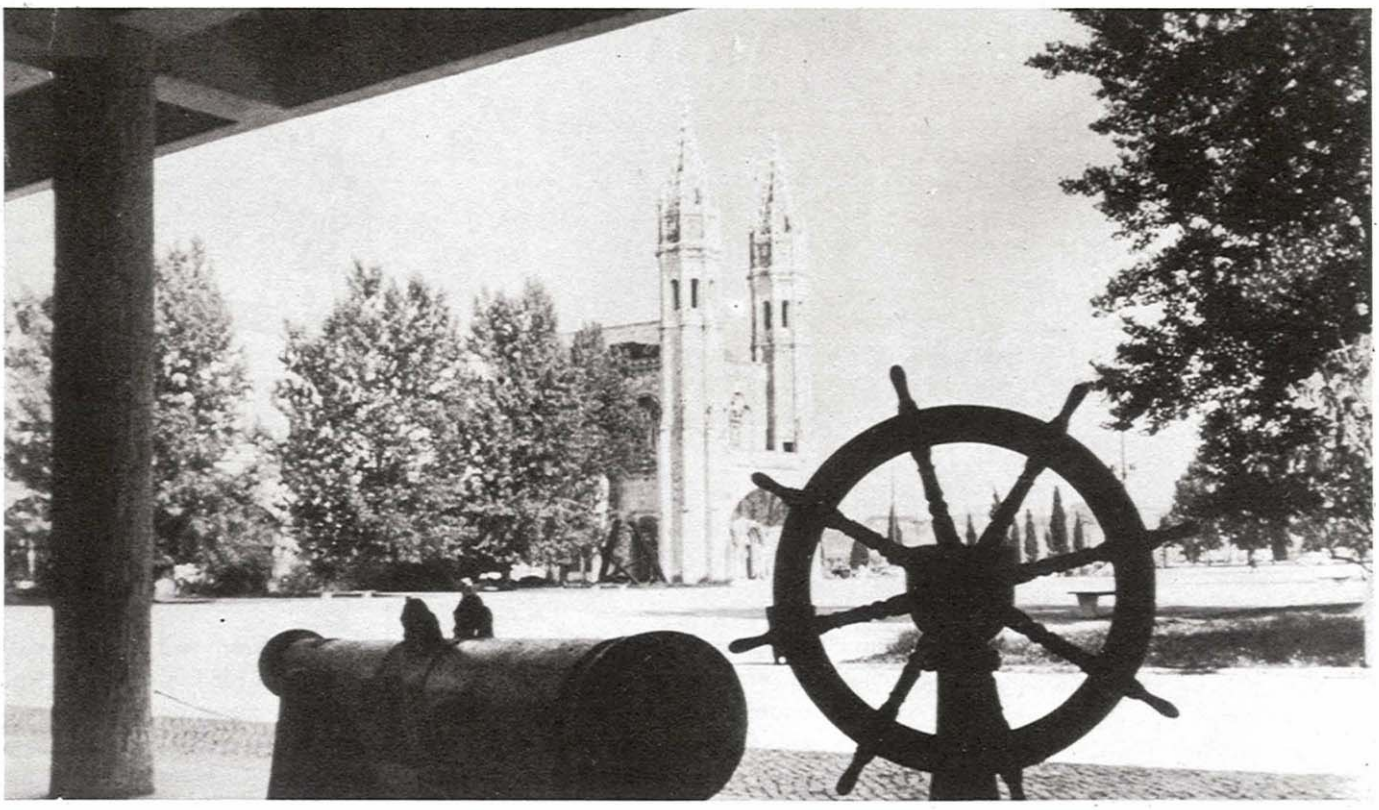
Foi com muita pena que nos despedimos uns dos outros, tendo um antigo fogueiro "com uma lágrima ao canto do olho", traduzido o sentir geral ao afirmar: *Há muito tempo que não passava um dia como hoje e, enquanto viver, jamais faltarei a estas reuniões.*

ALMIRANTE PORTUGUÊS COMANDA O COMIBERLANT

No dia 20 de Agosto passado, em cerimónia realizada nas instalações do Comando da Área Ibero-Atlântico da NATO, em Oeiras, o contra-almirante Elias da Costa assumiu o comando, interino, do COMIBERLANT.

Aquele almirante português, que vinha desempenhando as funções de comandante-adjunto do COMIBERLANT, substituiu o contra-almirante norte-americano James Scott, que regressou ao seu país para comandar a Base Naval de Norfolk. Entretanto, o almirante Scott havia sido condecorado pelo Presidente da República com o grau de grande-oficial da Ordem Militar de Aviz.

MUSEU DE MARINHA — UM DOS MUSEUS PORTUGUESES QUE ATRAI MAIS PÚBLICO



Aspecto exterior do Museu de Marinha, em Belém.

Para os que possam ter dúvidas sobre a crescente atracção que os museus despertam, afigura-se de interesse dar a conhecer o número de visitantes que percorrem as salas de exposição do Museu de Marinha observando as

suas cinco centenas de modelos, as dezenas de embarcações originais e outros valores históricos e artísticos que fazem parte de um património precioso que inclui umas dez mil peças.

Desde 1962, quando o museu ocupou as suas actuais instalações em Belém, até 1978 registaram-se 1 227 000 visitantes dos quais 138 000 em 1978. Nos sete primeiros meses do corrente ano mais de 120 000 pessoas visitaram o museu, sendo de notar que nos últimos três meses — Maio, Junho e Julho — estiveram no museu nada menos que 68 661 pessoas, entre portugueses e estrangeiros.

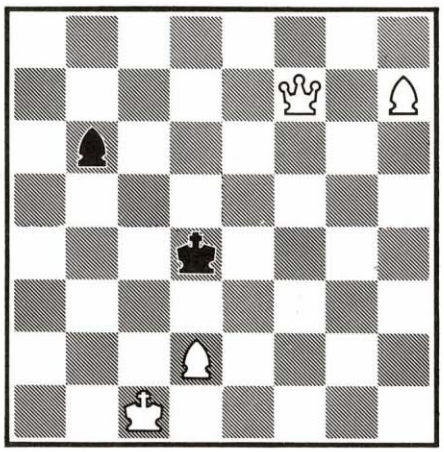
Aspecto da sala dos séc. XV a XVIII (1.º andar).

Há fundadas razões para esperar que o interesse pelo Museu de Marinha se continue a desenvolver na medida que tem sido possível enriquecer o seu património como recentemente se acaba de verificar com a inclusão de mais exemplares de embarcações tradicionais em tamanho natural — um moliceiro da ria de Aveiro, uma neta da Nazaré e uma antiga embarcação salva-vidas, além de um magnífico modelo de um navio de guerra coreano do século XVI, oferecido pelo embaixador da República da Coreia do Sul.

Quarto de Folga

XADREZ

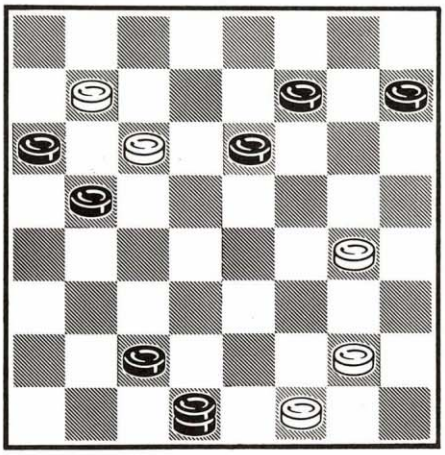
(Solução no próximo número)



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

DAMAS

(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.

ASPECTO MILITAR

Há dias, pedi uma informação a um homem de meia idade com quem me cruzei na rua. Depois de ter respondido, virou-se para mim e disse de súbito:

— O senhor foi militar...

— Sim, fui de facto — respondi, embora incorrectamente, pois apesar de estar na Reserva, ainda o continuo a ser...

— E como sabe o senhor que fui militar?

— Reconheço-os imediatamente. O porte rígido, a forma de andar, o pescoço estendido... tudo isso são indícios de que o senhor já vestiu uma farda!

Lembrei-me então dos meus tempos de aspirante da Escola Naval, das aulas de infantaria e do vozeirão do nosso enérgico e competente instrutor, ressoando por toda a Sala do Risco:

"Peito saliente, barriga para dentro, cabeça levantada, corpo direito, nádegas contraídas..."

E ao passar revista à formatura, mirava um por um de alto a baixo — boné direito, barba escanhoada, farda impecável, sapatos engraxados — e dizia satisfeito: "Lembrem-se que, a desfilar em formatura ou a passear pela rua, devem sentir-se orgulhosos por vestir essa farda".

Eu sei que eram outros tempos mas, julgo que são ainda actuais as palavras desse velho marinheiro instrutor que muito amava a Marinha.

H. A. F.
Cap.-m.-g.

BRIDGE

NORTE

♠ D 9 8 5 2
♥ V 7
♦ A D 6 4 3
♣ D

OESTE

♠ A R 10
♥ 8 2
♦ 10 9 7 2
♣ A R 10 2

LESTE

♠ 6
♥ 10 6 5 4 3
♦ R V 5
♣ 8 6 4 3

SUL

♠ V 7 4 3
♥ A R D 9
♦ 8
♣ V 9 7 5

Sul marca 4 espadas. Oeste ataca com o Rei de paus e continua com o Ás, Rei e 10 de espadas.
Como deve jogar o declarante para assegurar o contrato contra qualquer defesa?

(Solução no próximo número)

N. R. — Pede-se aos leitores praticantes desta modalidade que colaborem, enviando-nos problemas.

ARITMOGRAFIA

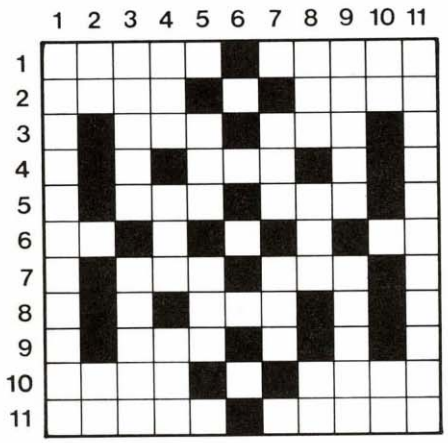
	×		+		=6
+	■	×	■	+	■
	×		:		=3
−	■	+	■	−	■
3	×		−		=1
=5	■	=3	■	=6	■

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

(Solução no próximo número)

M. Horta
Sarg.-aj. L

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1—Geólogo e professor espanhol nascido em Barcelona; peixe que só se reproduz na água doce. 2—Próprio; mestre. 3—Ninho; sinal ortográfico. 4—Vigor das plantas. 5—Nome feminino; voz de gato. 6—Andava; preposição. 7—Pequeno círculo; estou. 8—Progenitor. 9—Membro do corpo de um animal. 10— Pequena embarcação de dois mastros e vela latina; eirós. 11—Árvore leguminosa ceralpiácea; fundador do islamismo. **VERTICAIS:** 1—Género de plantas fósseis do Reciano da Nova Zelândia e do Chile. 2—Quatrocentos e cinquenta (rom.); outra coisa. 3—Até agora; variedade de quartzo meio transparente e de cores variadas. 4—Ferida; ofertar; tomei conhecimento. 5—Jogo da glória; espécie de capa sem mangas. 7—Modo de dizer; anuência. 8—Nome masculino; que está no lugar mais fundo; seguia. 9—Peça calcárea que resguarda o corpo de um molusco; matriz. 10—Nome de letra (inv.); sílaba mística representando a essência dos vedas e todo o universo. 11—Doença que consiste, fundamentalmente, num processo proliferativo sistemático de células da série linfocitária.

(Solução no próximo número)

Carmo Pinto
Sarg.-aj. H

SALTO DE CAVALO

(Solução no próximo número)

a	do	fi	s	que	meu	es	ra
tan	ga	nos	sau	tás	pa	eu	te
so,	tos	do,	do!...	há	D'es	me	me
ti	Mi	te?...	Foi	sei	n	trin	par
quan	ca	já	Can	do	há	que	eu
nha	can	lar!...	vin	qua	eu	ti	ta?...
ri	há	ta	lha	so	ran	lem	ma,
-me	ve	nho	1 Ai	2 brar!	a	Nem	cho

Começando na casa 1 e terminando na 2 encontrareis a salto de cavalo (de duas em duas casas, mas nunca na mesma linha) versos de Guerra Junqueiro.

RIFÕES

—A mulher e a sardinha
quer-se da mais pequenina.

—Pela boca morre o peixe,
pela cabeça apodrece.

—Enguia com empada
lampreia em escabeche.

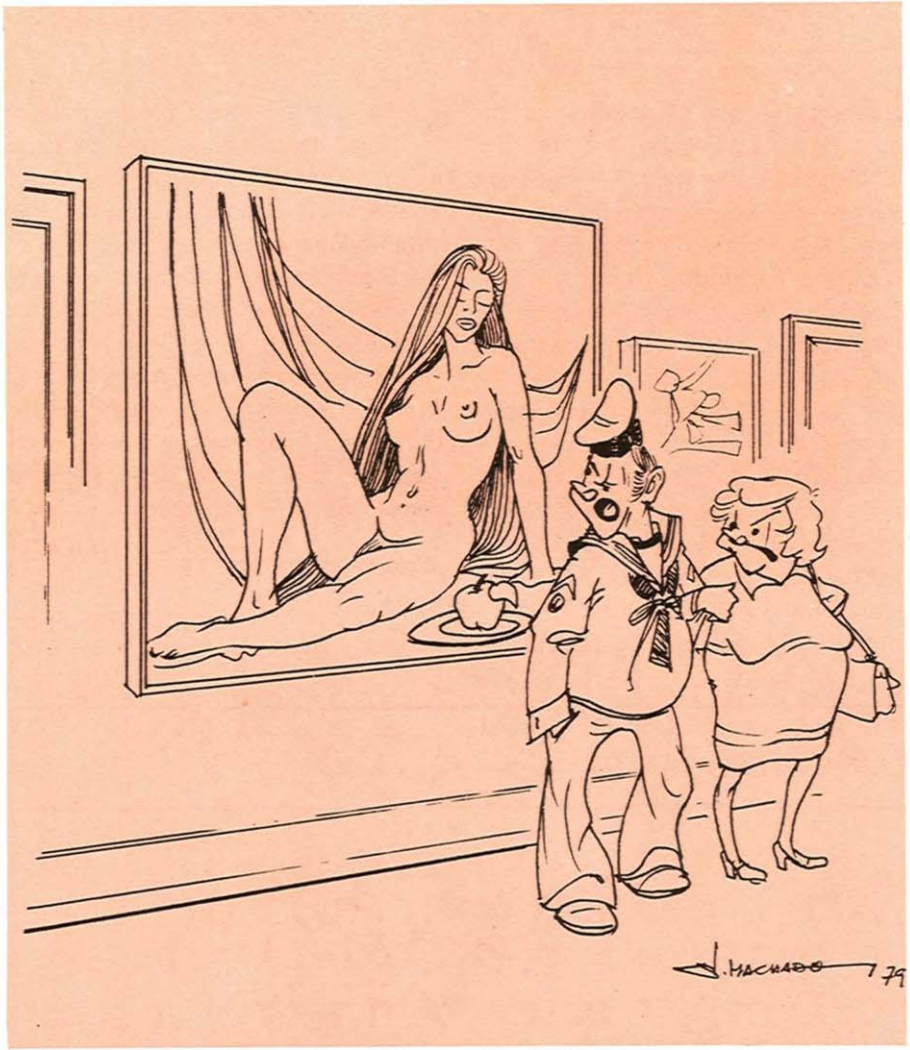
CONCURSO N.º 97

A J I V O G R A N T U S O B R E
B O T U M L Z Q X P A V E P L O
C A L A T B U J A R R O N A U X
G N O T U I N P M C L Q R V Á Q
E E N A L O H C A L E V M G J A
X T F G B I U T V C G I O S X H
I E Á E D Z G P R U B X C F H N
G J M R O U X V A D A B U G O I
N E V B X Z A O I E N L Q Á R T
T Á I O R R T U M Q E S G V L A
E S T S V U A P S A Z V X E F G
D O R N U Á G J B C E I Á A Q E
N P A E X J L S O B M J N H U R
A I E S T A I P S X G O Z F G B
R P A I O U T Z E L F H J M E O
G I B L V X B C G I B A P A R S

Neste emaranhado de letras estão escondidos 12 nomes do velame de um navio. Procure-os em todos os sentidos, menos obliquamente (alguns dos nomes estão escritos de forma invertida).

(Solução no próximo número)

SEASA



Oh, filha! Eu estava só a apreciar a maçã!...

SOLUÇÕES

ARITMOGRAFIA

(Solução do problema do n.º anterior)

Horizontais:
5 × 1-4 = 1
2 × 9:6 = 3
4 × 9:6 = 6

Verticais:
5 + 2 − 4 = 3
1 + 9 − 9 = 1
4 + 6 − 6 = 4

CURIOSIDADE

(Solução do problema do n.º anterior)

1 — *Ouie* (Ouvido).
2 — *Oiseau* (Pássaro).

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

BRANCAS	PRETAS
1. D × d6	abandonaram, pois:
Se:	D × d6
2. Tc8/ch	Re7
3. Cf5 e mate	

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1 — Mancebo; corpo. 2 — Lavraram. 3 — Operárias. 4 — De; item. 5 — És; sola. 7 — Etas. 8 — Irra; ali. 9 — Recondito. 10 — Opa; batas. 11 — Sós; sáfara.

VERTICAIS: 1 — Marinheiros. 2 — Trepo. 3 — Ode; arcas. 4 — Pés; SAO. 5 — Ele; Nb. 6 — Bar; armada. 7 — Ova; it. 8 — Rr; piratas. 9 — Cai; osa. 10 — Orais. 11 — Rasto; dá; cá. 12 — PM; el. 13 — Amaldiçoa.

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

BRANCAS	PRETAS
1-28	20-15
28-24	15-12
8-15	9-5

24-28 e ganham...

PILHA DE PALAVRAS

(Solução do problema do n.º anterior)

1 — Rajão. 2 — Ruolz. 3 — Raros. 4 — Régio. 5 — Raera. 6 — Radar. 7 — Roera. 8 — Rasar. 9 — Riesa. 10 — Renda. 11 — Reais.

(Jorge de Sena).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 96

D. INOCÊNCIA E A INFLAÇÃO

60 sardinhas	×	3$50	=	210$00
30 marmotas	×	18$00	=	540$00
10 solhas	×	25$00	=	250$00
100 peixes				1000$00

(Desenvolvimento do problema:
$3{,}5 \times x + 18\ y + 25\ z = 1000$:
$x + \quad y + \quad z = 100$
Eliminando x por qualquer dos métodos usuais, obtém-se o sistema indeterminado (dita equação do Diofanto):
$14{,}5\,y + 21{,}5\,z = 650$

donde $y = \dfrac{650 - 21{,}5\,z}{14{,}5}$; atribuindo agora valores arbitrários a z, temos

z	..	−19	..	−4,5	..	*10*	..	24,5	..	39	..
y	..	73	..	51,5	..	*30*	..	8,5	..	-13	..

Como é evidente, o problema tem um número ilimitado de soluções, convindo utilizar apenas as inteiras e positivas. Fazendo $z = 10$, obtém-se para y o valor *30* (conforme consta do quadro de variação) e, consequentemente, $x = 100 - (10 + 30) = 60$. Logo, $x = 60$, $y = 30$ e $z = 10$).

VENCEDOR:
António Manuel Valente de Sousa. 2.º-gr. L n.º 286978. Corveta "Afonso Cerqueira".

Guarnição do navio-escola "Sagres" (1953)

A propósito da Nota de Abertura publicada no n.º 95 (Agosto 79) da nossa Revista, o cabo M n.º 357253, Justino Castro, enviou-nos esta fotografia, que gostosamente publicamos, da guarnição do navio-escola "Sagres" que ganhou a regata internacional Brest-Las Palmas.

Iconografia do uniforme militar na Armada

(Reprodução proibida)

Ainda dentro do estudo a que procedemos sobre a iconografia do uniforme militar da Armada no seu vasto historial, publicamos hoje o resto das cartas de jogar alusivas ao velho Terço da Armada Real da Coroa de Portugal, terminando assim esta curiosíssima e rara forma representativa. Estas cartas, desenhadas e pintadas à mão, são dos fins do século XVIII, conhecidas por cartas de tenda e usadas pelos soldados nos acampamentos. Tal como outros jogos, viriam a ser proibidas pelo conde de Schaumbourg Lippe no seu regulamento de disciplina para o Exército.

Uma delas mostra um arcabuzeiro de Goa, indumentado à moda do século XVIII.

Os jogos de vaza ou de parar tiveram em Portugal grande incremento no século XVIII, sobretudo na baixa da Lisboa ribeirinha a que os "moscas" do intendente Pina Manique davam, já nos limiares do século XIX, porfiada perseguição. Na Marinha, a bordo das naus, jogava-se forte, mas sobretudo em terra é que as zaragatas eram o complemento de bordo. Martinho de Mello e Castro, o grande impulsionador e renovador da Armada nacional dos fins do século XVIII, proibiu terminantemente os jogos de vaza na Armada Real. As distracções a bordo dos navios consistiam então nos exercícios de tiro ao alvo, fixo e em movimento, com direito a prémio de dupla ração de vinho a quem reunisse cinco prémios. Desconhecemos as normas da ordenança do referido exercício; apenas sabemos que, depois da faina ou em calmarias, para desafogo dos espíritos, se fazia fogo, quer das vergas quer das pontes, sobre alvos fixos ou em movimento. Na Armada comandada por D. Domingos Xavier de Lima, marquês de Nisa, iam a bordo da nau "Rainha de Portugal" dez atiradores especiais das vergas, temíveis pela rapidez e certeza no tiro. Esta força naval portuguesa, ao tempo altamente treinada, deixou bem vincada a sua presença no cerco de Malta, e as inegáveis qualidades dos marinheiros portugueses ali ficaram prodigamente demonstradas.

Têm estas cartas a particularidade de nos mostrar ainda um sargento do Terço da Armada Real empunhando a sua alabarda, e uma praça do mesmo Terço uniformizada, porém de forma anacrónica pois, o uniforme que enverga é o que foi criado pela reforma geral do Exército de 1762-63, pelo conde de Lippe, com o novo corte padrão das casacas de abas empresilhadas e abertas para facilitar a marcha. Até esta reforma, o tipo de casaca era fechado à frente e acima do joelho. Assim, estas cartas, presumivelmente, teriam sido feitas nos fins do século XVIII.

Em 1767, na Rua dos Remolares, havia um Luís António que pintava leques e cartas de jogar paciências! Que interesse não teria, e do valor nem se fala, um baralho destes, completo!

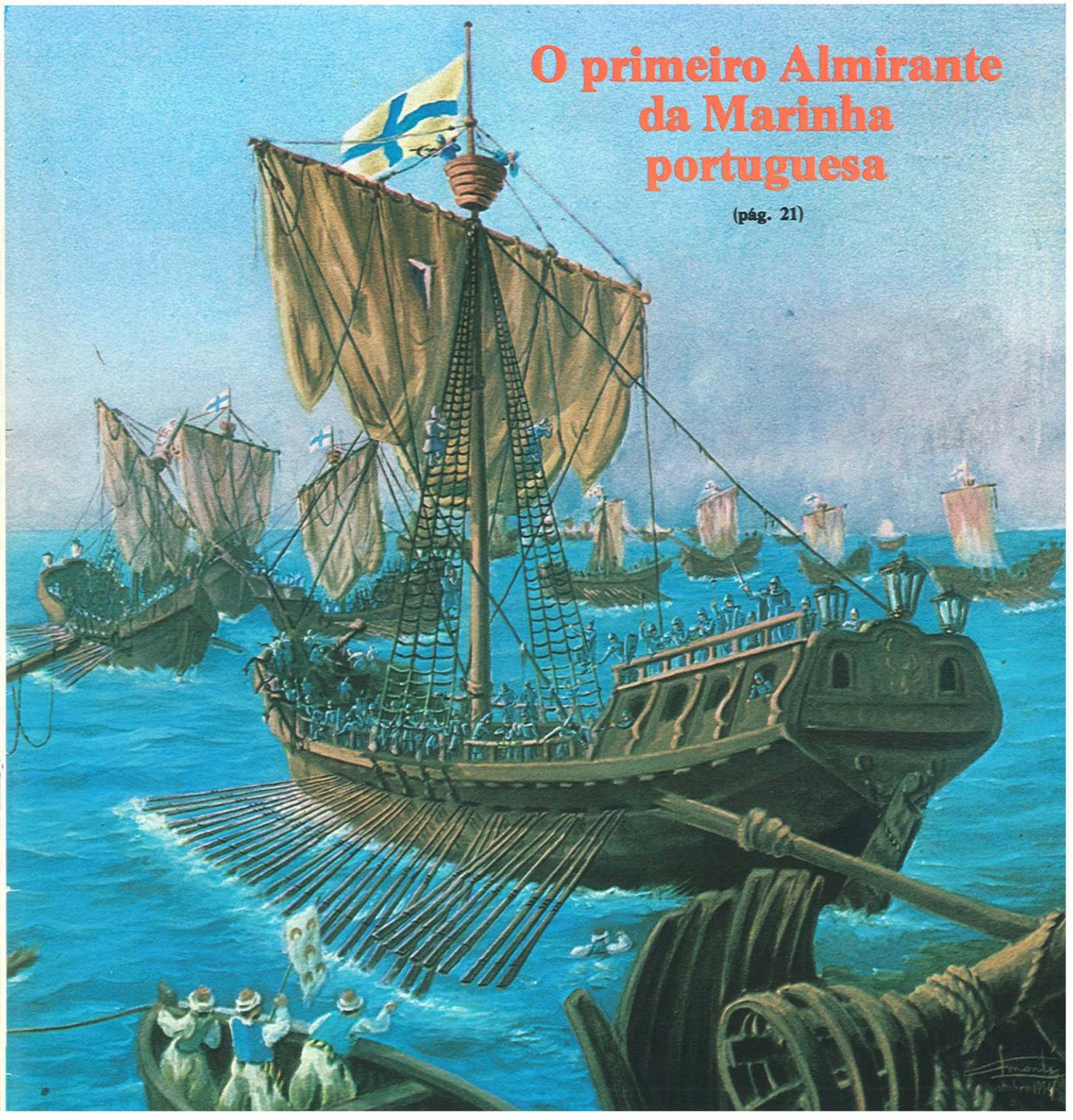
Existe no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Secção de Cartas de Lei, Provisões, Decretos e Alvarás, denominada série preta, um privilégio concedido à fábrica de cartas de jogar e das pessoas ocupadas no expediente delas, esclarecendo que com cartas destas se poderiam jogar todos os jogos livremente, continuando no entanto a serem proibidos os jogos ilícitos de parar e o "Seven", bem como os dados secos. Esta provisão é datada de 6 de Agosto de 1770. Era o monopólio estabelecido pelo marquês de Pombal, sendo a provisão por ele assinada. Assim, todo aquele que desenhasse ou pintasse cartas de jogar iria, pela certa, parar às masmorras do forte da Junqueira!

São estas, algumas notas recolhidas sobre cartas de jogar, encarecendo o interesse das que hoje se publicam por reproduzirem, embora não de forma exacta, uniformes militares da Armada, mas integradas, por necessário, no estudo a que procedemos.

Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

N.º 98 / NOVEMBRO 1979 / ANO IX / MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA



O primeiro Almirante da Marinha portuguesa

(pág. 21)

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais** Uma carta polémica de Gago Coutinho	4
	Voz da Abita / Cartas ao Director	6
H. Fonseca	**Para a história da Marinha** 1 — Os generais-do-mar	8
S. Coentro	**Azulejo Alentejano**	12
M. do Vale	**Como limpar as conchas**	13
S. de Oliveira	**Corrida e orientação**	14
A. Motta	**Recordações do passado** Página de memórias	18
M. Horta	**Notícias Pessoais**	20
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	20
S. Mendes	**O primeiro Almirante da Marinha portuguesa**	21
G. Brandão	**Filatelia**	22
S. B.	**Histórias de marinheiros** 11 — promoção gorada	23
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	24
O. Lemos	**Curiosidades**	25
	Reportagem	27
	Quarto de Folga	31
A. Cutileiro	**Evolução histórica dos uniformes na Armada (10)**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração:
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 98/NOVEMBRO 1979/ANO IX

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:
Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 210$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

Batalha do cabo Espichel — 1180.
Pormenor de óleo de autor desconhecido.

(Foto de Pedro Calapez)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução gráfica:

Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

Luto no mar

Mar da Irlanda, 27 de Agosto de 1979. Uma grande explosão, provocada pelo rebentamento de uma bomba criminosa, destrói uma embarcação de pesca desportiva, matando o seu proprietário, lord Mountbatten, e os seus três companheiros.

O destino tem destas coisas... O almirante, um dos mais dignos representantes dessa gloriosa *Royal Navy* — única Marinha do mundo que se ufana de não usar designativo de nacionalidade — acabou assim, sem glória, vítima inocente dum terrorismo que não conhece meios para alcançar os seus fins.

Sobrevivente das duas Grandes Guerras, oficial de marinha autêntico, de carreira, foi um marinheiro ilustre e um destemido combatente.

Na Primeira Grande Guerra, embarcou como guarda-marinha em navios da Esquadra do Mar do Norte; na Segunda, desempenhou os mais variados e honrosos cargos, desde comandante-chefe de uma esquadrilha de *destroyers* a chefe-supremo dos Exércitos Aliados do Sudeste Asiático.

No primeiro destes cargos, ele próprio comandou um dos navios da esquadrilha, o "Kelly", que foi afundado por aviões *Stuka* alemães. Os sobreviventes, graças à corajosa determinação do comandante, conseguiram chegar a porto de salvamento.

O filme inglês *In Wich We Serve*, verdadeiro hino à abnegada vida profissional do mar, mais não é que a glorificação da sua vida heróica e aventurosa.

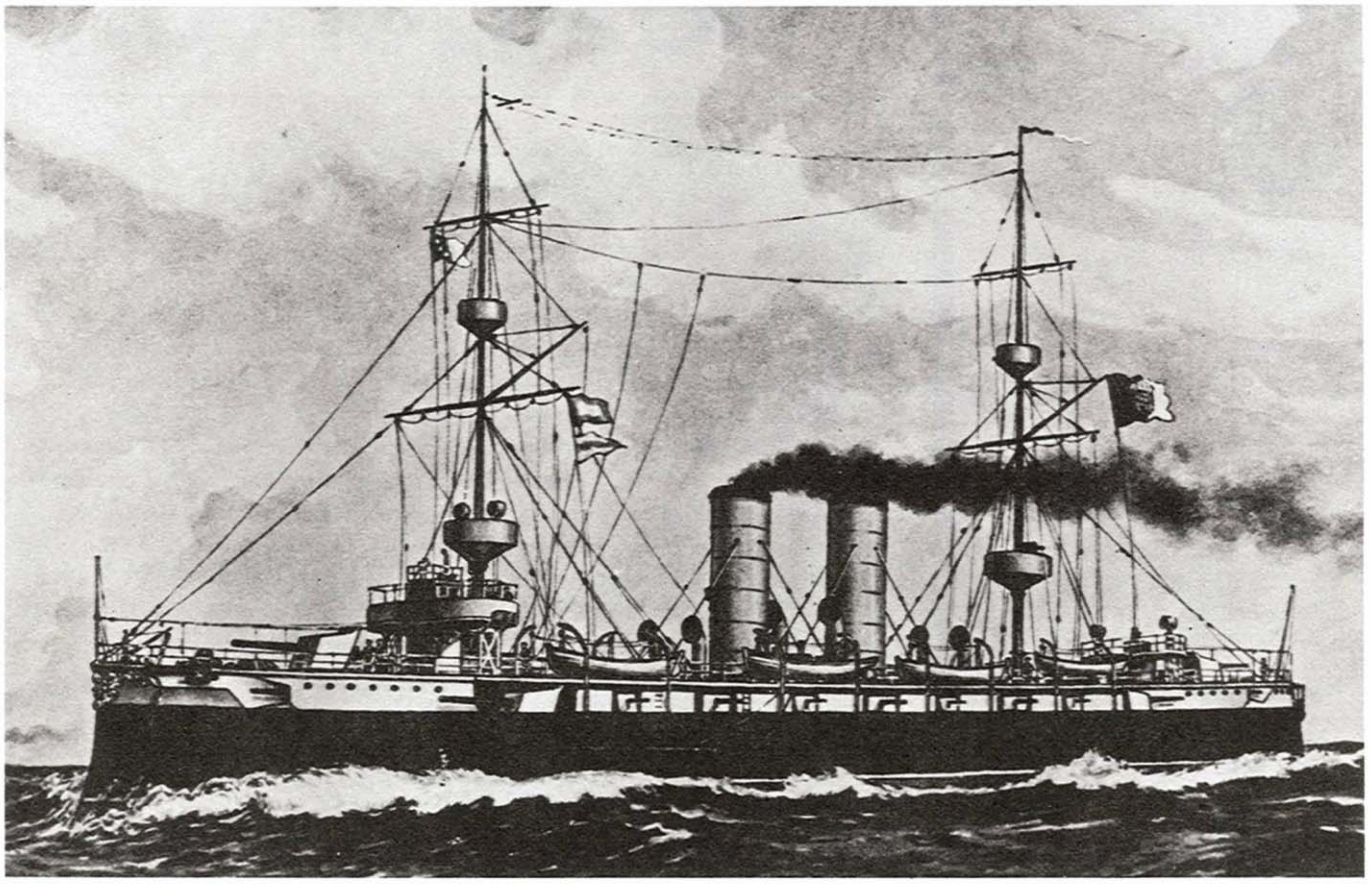
Filho do príncipe alemão Bethemberg, que se naturalizou inglês e chegou a ser Primeiro Lord do Almirantado, neto da rainha Victória e tio da rainha Isabel II, o *viscount Mountbatten of Burma*, foi também um diplomata notável, dotado de grande cavalheirismo e subtileza, qualidades que exuberantemente demonstrou quando vice-rei da Índia entregou o Governo ao Mahatma Gandhi, com o reconhecimento da independência do país.

Regressado à marinha, exerceu o comando do Mediterrâneo, foi, como seu pai, Primeiro Lord do Almirantado e, por fim, chefe do Estado-Maior do Ministério da Defesa, durante a reorganização que pôs todas as forças armadas sob a mesma administração. Passou à reserva em 1965.

Verdadeiro gentleman, muito estimado e popular em toda a Inglaterra, era um desportista eclético e foi no exercício de um dos seus desportos favoritos, a pesca, que encontrou a morte.

Tal como sucedeu quando morreu o grande almirante Nelson, não está de luto apenas a *Royal Navy*, estão de luto todas as marinhas do mundo.

C/alm.



O cruzador "D. Carlos", sobre o qual Gago Coutinho escreveu a carta transcrita. (Aguarela de Artur Guimarães).

Uma carta polémica de Gago Coutinho

Da correspondência do almirante Gago Coutinho transcreve-se, respeitando a ortografia de então, uma carta de 31 de Outubro de 1899, dirigida aos Anais do Clube Militar Naval, na qual comenta um artigo sobre o cruzador "D. Carlos I", inserido no n.º 11 — vol. XXIX, de Nov. 1899, daquela publicação.

"Sr. redactor. — Acabo de ler um artigo um pouco estranho publicado no numero de Setembro dos annaes do club militar naval sob o titulo *O cruzador D. Carlos I.* Não se percebe na verdade à primeira leitura o que aquelle rasgo de vehemente composição litteraria quer dizer; mas como o auctor, o sr. J. T., é provavelmente o mesmo auctor de uns bellos artigos, assignados pelas mesmas iniciaes sobre machinistas navaes e sobre a maneira de vender por grosso e a retalho os generos de mercearia da cooperativa militar, publicados ultimamente nos *Annaes,*

facil é concluir o que elle deseja pelas idéas que já explanou nos artigos anteriores.

"O sr. J. T. revolta-se, como nos artigos de junho, contra os *preconceitos fidalgos e ambições desmedidas* que até hoje tem entregue a direcção da cooperativa a officiaes chamados *combatentes*, e tem evitado que o commando do navio de combate seja entregue, como o *mais proficuo*, aos officiaes machinistas, como já ha alguns annos e a titulo de experiencia se fez na barca de agua de Loanda.

"O artigo de agora, a proposito dos insucessos do motor do *D. Carlos I*, vem ainda pretender convencer-nos de que o mais importante serviço de bordo é, com exclusão de todos os outros, o que se passa n'aquelle recinto mysterioso a que se chamava n'outros tempos a *casa da machina*, e que agora, com os navios de convés protegido, melhor se chamará o *porão das machinas*.

"Ora não se vá o sr. J. T., depois de tanta insistência, sem resposta.

"Hoje, sr. J. T., o serviço das machinas dos navios de guerra attingiu uma importancia culminante; temos de fiar-nos e depender completamente das machinas para combatermos ou fugir-mos, que muitas vezes *fugir* é tambem uma fórma de combate nos navios destinados a evitar os mais fortes para poder ir ferir os mais fracos. Se em um momemto critico houver uma avaria capital no motor, por defeito do material, por incompetencia ou por má fé do pessoal conductor, já não nos resta, como nos bellos tempos da véla, o recurso do apparelho para continuar viagem; o serviço das machinas é portanto importantissimo e exige um pessoal habil, muito instruido, tanto theorica como praticamente, e de muita confiança, porque ainda que o pessoal mandante do navio fosse composto de machinistas tão habeis como os que dirigem lá em baixo os motores, nunca será pratico ir ou mandar lá ao porão emendar a incompetencia ou desmascarar a má fé do machinista perfeitamente conhecedor dos motores de que está encarregado.

"E por estas e outras rasões, o que está bem evidenciado e claro, depois d'este mesmo caso do *D. Carlos I*, é que a instrucção, a importancia, os vencimentos e a promoção do pessoal das machinas não está na marinha portugueza á altura do serviço que presta ou que deve prestar. E n'este sentido é provavelmente o sr. J. T. um dos mais competentes para escrever artigos e modificar, como precisa, a opinião geral erronea, e é pena que não empregue a sua pena n'este sentido.

"Mas permitta-se-me a expressão consagrada, que não envolve offensa: não queira passar o sapateiro alem da chinela. Assim como não é possivel que o pessoal conductor do navio vá dar ensinamentos às machinas, também não é possivel que o pessoal conductor das machinas venha conduzir os navios. Para dirigir os navios, mesmo em tempo de paz, é necessario um pessoal batido nos quartos da ponte, e habituado a ver *sem medo* o navio no mar em todas as circumstancias; e comquanto este serviço de commandar os navios possa parecer facil áquelles que nunca responderam por elle, a verdade é que todos os dias naufragam navios commandados por homens encanecidos no mar, que commettem, apesar da sua longa pratica, erros que parecem pueris e faceis de evitar a quem está de fóra. E se tão difficil é o commando de um navio em tempo de paz, o que se não poderá calcular do commando de um navio em guerra?

"Comtudo este serviço não tem as dificuldades da direcção e, por assim dizer, commando das machinas; ao machinista não sobeja actividade para empregar em outros ramos de serviço naval, ao passo que o navegador póde ainda empregar a sua na artilheria, nos torpedos, na electricidade. E não creia o sr. J. T., de animo ligeiro, que estes serviços são tão secundarios no *navio de guerra*, como o pretende no seu mimo litterario ultimamente publicado nos *Annaes*: ha na verdade casos excepcionaes, como a viagem do *Adamastor* ao Brazil, em que lhe bastou ter motores de paquete para andar correntemente 10 milhas e lá chegar; mas ainda n'este caso extremo de paz, a armada portugueza fez má figura perante qualquer visitante mais conhecedor de navios de guerra (que os ha no Brazil!), com as suas machinas e caldeiras de paquete do *Adamastor*, a sua artilheria obsoleta, os seus torpedos acima da fluctuação, a sua construcção prodiga em madeiras inflammaveis, de maneira que mesmo nos casos só de representação se não confunde um navio só com motor com um navio de guerra. E mesmo no caso do *D. Carlos I*, o que succederá quando os motores forem impotentes para o navio fugir? Se não estiver forte em artilheria, torpedos e electricidade, será afundado como qualquer vapor mercante sem se defender.

"Hoje, sr. J. T., a *fidalguia* e a *ambição* são as do trabalho; o *fidalgo* é o trabalhador que produz e que *ambiciona* ser alguma cousa pelo seu trabalho. É pois tão fidalgo e tão ambicioso o machinista que conduz habilmente a sua machina, como o commandante que conduz o seu navio; e são estes serviços tão complexos que não cabem em um só homem, sem serem precisos sentimentos baixos nem *tradições que o progresso mental attingido já não acceita bem* para explicar a divisão de trabalho que até hoje tem havido e provavelmente continuará a haver em todas as marinhas de guerra do mundo!

"Desculpe-me, sr. redactor, este desabafo; mas era necessario cortar a corrente das idéas do sr. J. T., e parece-me que a insignificancia d'esta carta não poderá trazer censura á corporação da armada por ter dado importancia a tão pouco rasoavel argumentação.

"Lisboa, 31 de Outubro de 1899."

(Bibliografia: "Obras completas de Gago Coutinho", editadas pelo comandante A. Teixeira da Mota).

Voz da Abita

Cartas ao Director

Do "Pezinhos", cabo M, Alfeite, recebemos a seguinte carta:

Gente... Gente... Gente...
Uma destas manhãs, calcurriava eu a Rua do Ouro numa hora de intenso movimento, reparei num homem que à minha frente tentava furar a multidão, cheio de pressa. Encontrão para um lado, encontrão para o outro, lá ia rompendo a muito custo. Iria talvez apanhar o comboio (eles só têm horas certas para partir...), iria talvez incorporar-se numa daquelas intermináveis bichas para pagar qualquer coisa, iria talvez a uma consulta médica marcada alguns meses atrás, iria... sabe-se lá onde. Pode até acontecer que o homem fosse apenas "apertado" e procurasse alcançar um local onde pudesse "desapertar-se", à vontade. O certo é que, a dada altura, o homem ficou completamente bloqueado e, não podendo abrir caminho, parou desalentado, vociferando: "Gaita para tanta gente!"

Realmente, andar nas ruas da Baixa lisboeta a certas horas do dia, é um verdadeiro suplício!
Homens apressados, homens a "pastar", como se a rua fosse só deles, homens gordos, ocupando metade do passeio, homens mal dispostos e quezilentos, homens barbudos com caras de mau, magricelas, coxos, cauteleiros, pedintes, vendedores de bugigangas, de pentes, de escovas, de jornais e de revistas... mulheres, umas bonitas, outras feias, umas gordas, outras magras, umas altas, outras baixas, umas grávidas, outras não, umas velhas, outras novas... muitas delas com calças "justíssisssissimas", realçando rabos de todas as formas e feitios — bem feitos, em pêra, muito grandes, mirrados, descaídos, proeminentes, metidos para dentro — enfim, rabos para todos os gostos!
Montes de gente saindo de roldão dos "buracos" do Metro, das estações de caminho de ferro, dos cacilheiros... Montes de gente nos restaurantes, na bola, nas esplanadas, nas repartições públicas, nas casas bancárias, nos cartórios, nos autocarros, nos eléctricos, nos cinemas, nos supermercados, nos "snacks", nos passeios do Rossio... Gente... Gente... Gente...
Bem dizia o homem da Rua do Ouro: "Gaita para tanta gente!"

Ainda a propósito de rabos. Há dias, ao fundo da Rua Nova do Almada, reparei que todos os transeuntes, homens e mulheres, olhavam para o mesmo lado, rindo uns, sorrindo outros, alguns comentando: "olha para aquilo"... "ao que isto chegou"... "é preciso descaramento"...
Claro, olhei também. Tratava-se de mais um rabo. O de uma rapariga, nova e bonita, que se bamboleava toda, vestindo uma espécie de fato-macaco branco, cujas calças eram tão justas, tão justas, que se estava mesmo a ver o que estava lá dentro!

EM DESTAQUE

2.º-gr. n.º 134278, Gregório José Esteves Freire Lopes, salvou a vida de um menor de 13 anos de

idade quando, em uso de licença, se encontrava junto à margem da Lagoa de Albufeira.

Ao ser-lhe chamada a atenção para o facto do referido menor correr o risco de se afogar, logo se atirou à água e o retirou de dentro da lagoa, inanimado, prestando-lhe auxílio por meio de respiração boca a boca, que manteve, ininterruptamente, durante mais de dez minutos, até ser ajudado por um médico, que entretanto aparecera, e surgir a ambulância dos Bombeiros Voluntários de Sesimbra, que conduziu o sinistrado ao Hospital de S. José. Apesar de cansado pelo esforço dispendido e mesmo em fato de banho, seguiu na ambulância, até ao hospital, de onde só se retirou depois do menor ter sido entregue aos cuidados dos médicos de serviço.

(Extraído do louvor que lhe foi concedido pelo comandante do G1EA e publicado na Ordem da Armada).

Além da carta do "Pezinhos", cabo M, recebemos mais a seguinte correspondência:

De José da Costa Florim, ex-mar. monitor (o "Fadinhos"), uma extensa carta em que volta a manifestar a sua discordância por os marinheiros (de todos os escalões) entrarem e sairem de bordo dos navios, à paisana. E diz: *(...) sabe muito bem o conceito que goza a Marinha de Guerra aqui no Norte. É pena que quando a "malta" aqui vem, não nos proporciona o belo espectáculo de ver as ruas cheias de marujos...*

Daqui apelo para eles, para que não dêem ouvidos a certas vozes e saiam fardados de licença, pelo menos fora de Lisboa.

(...) Gostaria de agradecer, do fundo do coração, as magníficas reportagens da Revista sobre a volta ao Mundo da "Sagres". Parabéns ao autor. Se eu mandasse, embarcava-o sempre que houvesse grandes viagens, para fazer o respectivo relato. A tal ponto vibrei com essas reportagens, e da que foi feita pela TV, que não resisti e fui esperar a "Sagres" a Marselha! Fui e não me arrependi, pois, chorei de emoção ao vê-la largar para o mar. Que pena não estarem presentes, nesses momentos, certas más línguas!

—

N. R. — Claro, que o homógrafo é internacional. A sua carta mostra bem como tem a Marinha e o mar no sangue...

De Joaquim António dos Santos, cabo A reformado, Cartaxo, dirigido a um colaborador da Revista, uma carta que é precisamente a antítese da anterior. Abstemo-nos de a comentar. Respondemos, no entanto, à pergunta que nela faz sobre o embarque de determinado almirante, informando que andou 16 anos nos navios e comandou 8, alguns nas ex-províncias ultramarinas.

De Samuel António Cardoso Cerineu, uma carta sugerindo que a Revista publique um artigo sobre um marinheiro chamado Álvaro de Melo Machado, que foi o introdutor do escotismo em Portugal.

—

N. R. — De bom grado publicaremos o referido artigo, pedindo-lhe que o faça V. próprio, ou nos mande os elementos necessários para o fazermos nós.

De Carlos Alberto do Paço Freitas, ex-mar. C, Caracas, Venezuela, uma carta a propósito do pagamento da sua assinatura, onde diz: *Encontro-me a trabalhar neste país mas, espero regressar um dia à minha querida terra. Sou assinante e coleccionador da Revista e quero disfrutar da sua leitura, aqui e aí, quando voltar.*

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DA GUARNIÇÃO DO AVISO "GONÇALVES ZARCO" QUE DEU ESCOLTA AO PAQUETE "JOÃO BELO", DE MOÇAMBIQUE PARA TIMOR, EM 1942

As inscrições para este almoço-convívio, que terá lugar no dia 13 de Dezembro próximo, na Messe de Cascais, podem ser feitas para: António Martins Ganhão — tel. 249 13 67, José Gamboa — tel. 245 45 79 ou José Videira — tel. 249 49 21.

Que ninguém falte a este almoço, pois muito haverá que recordar desde o dia em que o navio largou do cais de Lourenço Marques (hoje Maputo) até completar a sua honrosa e arriscada missão.

Lembram-se da largada? Foi uma noite negra, fria e chuvosa. Ignorando a intempérie, uma enorme mancha humana cobria o cais. Nessa altura já a guerra tinha alastrado ao Oriente e as despedidas aos militares que seguiam no "João Belo" foram feitas com lágrimas por entre beijos e abraços. Pairava no ar o fantasma do adeus para sempre...

As peripécias da viagem... os sobressaltos frequentes... o bom humor do Videira, do Ganhão... o feijão com gorgulho... tudo isso será lembrado com a saudade que a distância no tempo torna ainda maior.

Justo será lembrar também a harmonia em que decorreu toda a viagem, fruto da guarnição ser formada por uma equipa unida, onde todos se entendiam, desde o comandante ao grumete "mais marreta".

(Colaboração do mar. A RA Alberto Mourão)

RECRUTAMENTO DE ABRIL DE 1971

Vai realizar-se, no dia 24 de Novembro corrente, em local a determinar, um almoço-convívio dos "filhos da escola" do recrutamento em epígrafe. Os interessados em participar deverão contactar com o mar. FZ Alpiarça, Força de Fuzileiros do Continente (Serviço do Pessoal) — Alfeite.

Para a História da Marinha

1 — Os generais-do-mar

Talvez pareça paradoxal este título mas, na realidade, os comandantes das nossas esquadras foram denominados antigamente generais-do-mar e é acerca deles que resolvemos escrever este artigo.

Como é sabido, os nossos primeiros navios de guerra foram as galés que, segundo a tradição, já existiam no reinado de D. Afonso Henriques, tendo D. Fuas Roupinho comandado a esquadra que combateu os navios sarracenos que assolavam a nossa costa, derrotando-os defronte do cabo Espichel. Fez também duas incursões à costa do Algarve e estreito de Gibraltar, na última das quais teria perdido a vida, num combate contra a esquadra moura.

De qualquer modo, no reinado de D. Diniz, as nossas forças navais eram já importantes e, em 1307, foi criado por este rei o cargo de almirante-do-reino, atribuído a Nuno Fernandes Cogominho. Em 1322, foi contratado para exercer aquelas funções o genovês Manuel Pessanha, o qual, além de comandar as galés reais, devia ter ao seu serviço vinte genoveses para exercerem os cargos de alcaides e arrais dos nossos navios. Manuel Pessanha comandou a esquadra de 20 galés que travou combate, em 1337, na costa algarvia, com a esquadra castelhana, comandada por D. Afonso Jofre Tenório, constituída por 40 galés. A batalha começou em frente de Farrobilhas, antigo porto a oeste de Faro, com vantagem para os portugueses, e terminou no cabo de S. Vicente, com a derrota da nossa esquadra, tendo ficado prisioneiros o almirante Pessanha e um dos seus filhos. Outro filho dele, Lançarote Pessanha, sucedeu-lhe no cargo mas não foi mais feliz do que o pai: acusado por D. Fernando de cobardia, por não ter impedido o bloqueio do Tejo pelos castelhanos, em 1373, foi exonerado das suas funções e substituído por D. João Afonso Telo. Cerca daquele ano, D. Fernando criou o posto de capitão-mor da frota. O primeiro foi Gonçalo Tenreiro que tinha como funções comandar a nossa frota de alto bordo(*1*), ficando o almirante apenas com o comando das galés. Mas o nosso frívolo rei lançou-se em nova guerra contra Castela e, em 1381, travou-se a batalha de Saltes(*2*) na qual a nossa esquadra perdeu 20 galés e ficaram prisioneiros D. João Afonso Telo e Gonçalo Tenreiro.

Durante o reinado de D. João I, exerceram o cargo de capitão-mor da frota Afonso Furtado de Mendonça e D. Álvaro Vasques de Almada, conde de Avranches. O cargo conservou-se depois na família dos Almadas, durante muitos anos. É curioso registar que a carta de nomeação de D. Álvaro Vasques de Almada, passada em Sintra, a 23 de Julho de 1423, dava-lhe autoridade sobre todos os patrões, alcaides, arrais, petintais, comitres, besteiros, galeotes, mareantes e marinheiros(*3*).

Durante o período dos descobrimentos, a autoridade do almirante-do-reino e do capitão-mor da frota foram di-

General-do-mar António Teles de Meneses, governador da Índia (1639 a 1640) e do Brasil (1646 a 1649).

(*1*) *Navio de alto bordo: navio com várias pontes, como a nau, galeão, etc.*

(*2*) *Povoação da Andaluzia, hoje desaparecida.*

(*3*) *Os patrões eram os comandantes das galés; os alcaides estavam-lhes subordinados e eram os peritos na arte da guerra. Os arrais tinham categoria inferior aos alcaides. As funções dos petintais não são bem conhecidas, admitindo alguns escritores que estavam relacionadas com a construção naval e outros com o serviço de abastecimento. Os galeotes eram os remadores das galés, cujo conjunto se chamava a chusma. Os comitres dirigiam os remadores, e os besteiros combatiam com as armas de arremesso denominadas bestas que lançavam pelouros, virotes e pedras. Os marinheiros faziam a manobra das velas sob a direcção dos mestres, contramestres e guardiães. Quanto aos mareantes, eram os homens do mar no sentido geral.*

minuindo. Contribuiu para isso o facto de, na organização naval dessa época, não haver esquadras permanentes nem pessoal efectivo. Quando se armava uma esquadra, o rei nomeava o capitão-mor e os capitães dos navios, geralmente nobres que não tinham habilitações náuticas essenciais e comandavam indiferentemente no mar e em terra; eram principalmente responsáveis pela disciplina a bordo e pela acção em combate; a manobra dos navios era dirigida pelos mestres e a navegação pelos pilotos. Todavia, os capitães eram homens experimentados na arte da guerra e, alguns deles, até, distintos navegadores, como por exemplo, D. João de Castro. A mocidade nobre do século XV exercitava-se na dura escola de combates que foram as praças do Norte de África, onde tinha de servir durante três anos para obter as cartas de comenda que davam direito a determinadas honras e mercês. Mais tarde, passou a exigir-se para a sua concessão cinco períodos de serviço nas armadas(*4*) de guarda-costa, a fim de encaminhar os nossos combatentes para as empresas navais do Oriente.

Anualmente, no mês de Março, partiram as armadas para a Índia, sob o comando de capitães-mores. A duração duma viagem redonda (de ida e volta a Lisboa) era de dezoito meses. Na viagem de volta, as nossas naus passavam obrigatoriamente pelos Açores, a fim de contornarem a zona dos ventos alisados. Esperavam-nas ali e nas águas do continente, armadas de guarda-costa para as defenderem dos ataques de piratas e corsários. Mas alguns dos navios idos de Lisboa ficavam no Oriente e constituiam com os construídos na Índia, armadas de guarda-costa para protecção do nosso comércio oriental. Os chefes destas armadas tinham o título de capitães-mores do Mar da Índia. O primeiro foi Vicente Sodré, investido neste cargo por Vasco da Gama na sua segunda viagem ao Oriente, em 1502.

Quando subiu ao trono D. João III, foi confirmado no cargo de capitão-mor da frota D. Antão de Almada que tinha autoridade para chamar a toda a hora o pessoal de que necessitasse para o serviço do rei, tanto homens de pé como de cavalo, e os que não comparecessem estavam sujeitos a perder bens e fazenda(*5*). Por morte de D. Antão de Almada o cargo passou para seu filho, D. Fernando, em 1538, o qual foi confirmado naquelas funções por D. Sebastião, em 1573. Os Almadas continuaram a exercer as funções de capitão-mor da frota até ao reinado de Filipe III (II de Portugal), sendo então nomeado para esse cargo D. Afonso de Noronha que pouco tempo o exerceu, por motivos de honra: os espanhóis determinaram que a nau-capitânea(*6*) de Portugal abatesse a bandeira à nau-capitânea de Espanha e que nas salvas, faróis(*7*) e formaturas, a nossa armada cedesse também a primazia à de Espanha. Estas determinações irritaram os portugueses e D. Afonso de Noronha preferiu demitir-se a ter que cumpri-las.

---

(4) Chamava-se então armada a um grupo de navios de guerra, e era portanto sinónimo de esquadra. Sendo muitos os navios, chamava-se frota.

(5) "Anais de D. João III", por frei Luís de Sousa, pág. 137.

(6) Nau onde embarcava o capitão-mor.

(7) A nau-capitânea mantinha aceso, à noite, um farol que servia para os outros navios manterem a sua posição.

Foi substituído por João Rodrigues Roxo, marinheiro experimentado, mas já idoso. Depois, exerceu o cargo, interinamente, D. Jerónimo de Ataíde, ao qual sucedeu D. António de Ataíde. Deve-se a este último a criação, em 1618, do Terço da Armada, corpo permanente de infantaria que embarcava nos navios de guerra. O terço ou coronélia, tinha o efectivo de mil homens e era assim denominado por ser a terça parte dum regimento, unidade militar criada inicialmente na Alemanha. O primeiro comandante do Terço da Armada foi o mestre-de-campo D. Francisco de Almeida, correspondendo o seu posto ao de coronel. O sargento-mor ocupava o segundo lugar na hierarquia do comando e o seu posto equivalia ao de major.

A passagem de D. António de Ataíde pela chefia da armada ficou também assinalada por um lamentável episódio. A nossa armada largou para o mar, em 1621, para dar escolta à nau "Conceição" que regressava da Índia com 6800 quintais de pimenta. Perto da Ericeira, a nossa nau foi atacada por 17 navios de piratas turcos e, apesar da superioridade do inimigo, os portugueses bateram-se valentemente durante mais de doze horas. Ao anoitecer, o combate interrompeu-se e a nossa nau ficou a pairar, devido à calmaria, à vista da Ericeira. Veio então de terra uma embarcação que trouxe instruções para a nau se fazer ao largo, por a costa ser ali perigosa e estar a aguardá-la no alto mar a esquadra de D. António de Ataíde. A nossa nau afastou-se da costa e, dias depois, foi outra vez atacada pelos piratas turcos e acabou por ser arrasada, ficando prisioneiros os poucos portugueses que se salvaram. D. António de Ataíde foi julgado por não ter socorrido a nau "Conceição", mas conseguiu ser absolvido, perdendo, contudo, o cargo de capitão-mor da frota que foi conferido a D. Manuel de Meneses.

Este comandou a esquadra portuguesa que tomou parte na expedição que reconquistou a cidade da Baía aos holandeses, em 1625. O comandante desta expedição era D. Francisco de Toledo que comandava a armada espanhola e tinha o título de capitão-general do Mar Oceano. A expedição era constituída por cinco esquadras espanholas, com um total de 28 navios de guerra e sete transportes, e uma esquadra portuguesa com 17 navios de guerra. Cada esquadra era comandada por um capitão-general e tinha um almirante que ocupava o segundo lugar na hierarquia do comando e substituia aquele, em caso de morte ou incapacidade. O almirante da nossa esquadra era D. Francisco de Almeida que acumulava estas funções com as de comandante do Terço da Armada. Além deste, tomou parte na expedição um outro, chamado Terço de Reforço, comandado pelo mestre-de-campo António Moniz Barreto. Depois da reconquista da Baía, a expedição regressou à Europa, e os nossos terços foram alojados no forte de Cascais, onde permaneceram alguns anos.

D. Manuel de Meneses era considerado um notável militar e foi confirmado, em 1626, nas funções de comandante da armada de alto bordo, sendo incumbido da missão de aguardar ao largo da costa e dar escolta a duas naus da Índia que eram esperadas naquele ano. O almirante da nossa armada passou então a ser António

Moniz Barreto, por D. Francisco de Almeida ter assumido o cargo de governador de Mazagão. Foi trágica a viagem da nossa armada. Atingida por grandes temporais, acabou por seguir para a Galiza, onde também arribaram as duas naus da Índia. Corria já o mês de Dezembro, e seria prudente que os nossos navios ficassem na Galiza até à Primavera do ano seguinte. Contudo, D. Manuel de Menesses recebeu instruções para partir e, na véspera do Natal, a nossa esquadra e as duas naus da Índia, fizeram-se ao mar, sofrendo medonhas tempestades durante muitos dias, que atiraram os navios para a costa, entre S. João da Luz e Arcajon. Perderam-se as duas naus da Índia, cuja carga valia três milhões de cruzados, quatro naus e uma urca. Segundo o almirante Quintela, esta foi a maior perda que Portugal sofreu depois do desastre de Alcácer-Quibir, morrendo mais de dois mil homens, o escol da nossa Marinha, entre os quais António Moniz Barreto, grande número de fidalgos, pilotos, mestres e marinheiros experimentados. D. Manuel de Meneses salvou-se, mas pouco tempo sobreviveu, minado pelo desgosto.

No reinado de Filipe IV (III de Portugal), foi novamente criado o cargo de general-das-galés que foi concedido a D. Jorge de Castro, mas apenas a título honorífico. Nesta época já estavam desarmadas as nossas galés e as suas guarnições tinham sido mandadas para a Espanha, a fim de embarcarem nas galés do país vizinho. D. Jorge de Castro morreu em 1625 e foi então nomeado para aquele cargo D. Afonso de Lencastre, também a título honorífico.

Após a Restauração, D. João IV nomeou D. Luís de Portugal almirante-do-reino e D. Jorge de Melo general-das-galés. O comando da nossa esquadra de alto bordo foi conferido a António Teles de Meneses que deixara de governar o Estado da Índia, a 3 de Dezembro de 1640, e logo que chegou a Portugal abraçou a causa da Restauração.

Em 1641, a nossa esquadra e uma outra francesa sob o comando do marquês de Maillé-Brézé, tomaram parte numa expedição a Cádis. Os espanhóis, avisados do intento das esquadras aliadas, tomaram precauções para a defesa daquela cidade e o marquês de Maillé-Brézé não ousou atacá-la, apesar da insistência de António Teles de Meneses, e a operação resultou num insucesso.

Nos anos seguintes, o nosso general comandou a esquadra de guarda-costa e, em 1646, partiu para o Brasil, no comando da esquadra de socorro à Baía, novamente cercada pelos holandeses. Era almirante da nossa esquadra o mestre-de-campo general Luís da Silva Teles e embarcaram nela dois mestres-de-campo: D. Fernando Teles de Faro e D. Luís de Almeida. Os nossos navios chegaram à Baía a 24 de Dezembro de 1646, mas encontraram a cidade já libertada, visto que os holandeses tinham levantado o cerco oito dias antes. António Teles de Meneses assumiu então o governo do Brasil. Contudo, a esquadra enviada para o Brasil assegurou-nos o domínio do mar e contribuiu de forma decisiva para a manutenção da nossa soberania naquele território que era atacada pelas forças de mar e terra da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Julgou-se, então, que a melhor forma de combater aquela companhia seria a criação duma companhia análoga. O maior defensor desta ideia foi o padre António Vieira. Graças aos seus esforços foi fundada, em 1649, a Companhia Geral do Comércio do Brasil que, além de outros meios militares tinha 36 navios de guerra para escoltar os navios mercantes que anualmente atravessavam o Atlântico.

A primeira frota da Companhia Geral do Comércio largou de Lisboa para a Baía, a 4 de Dezembro de 1649, e era constituída por 66 navios mercantes, escoltados por 18 navios de guerra. O comandante da frota era o general conde de Castelo Melhor e o da escolta Pedro Jacques de Magalhães que exercia as funções de almirante. Esta esquadra teve um combate com os holandeses perto do Recife, mas não houve perdas de parte a parte. Castelo Melhor assumiu então o governo do Brasil que lhe foi entregue por António Teles de Meneses, passando este a comandar a armada real e Pedro Jacques de Magalhães a frota da Companhia. A 10 de Julho de 1650, largou da Baía para Lisboa uma frota de 72 navios sob o comando superior de António Teles de Meneses. O nosso comboio conseguiu chegar a Lisboa sofrendo apenas a perda dum navio. Menos afortunada foi a escolta da armada real que apanhou grande temporal que a dispersou, perdendo-se três navios por naufrágio nos Açores e um outro na costa de Buarcos.

É curioso registar que, nesta época, já existia na nossa Marinha o posto de capitão-de-mar-e-guerra que era atribuído ao comandante de navio de guerra. Note-se que, nos fins do século XVII, havia nas esquadras do Estado da Índia os seguintes postos: alferes-de-mar-e-guerra, capitão-da-infantaria-embarcada, capitão-tenente, capitão-de-mar-e-guerra (comandante de navio), cabo-de-esquadra (comandante de um grupo de navios duma esquadra), fiscal-da-armada (que ocupava o terceiro lugar na hierarquia do comando duma esquadra), almirante-da-armada-de-alto-bordo (que ocupava o segundo lugar na referida hierarquia), capitão-general-da-armada-de-alto-bordo e general-dos-galeões-de-alto-bordo do Estado da Índia. Contudo, ainda não havia nesta época uma corporação de oficiais, nem quadros permanentes. As cartas patentes que atribuiam estes postos concediam o direito ao respectivo soldo e às honras, prerrogativas e isenções inerentes ao posto(*8*). Registe-se também que, em formatura de combate (coluna simples), o navio-capitânea navegava no centro da formatura, o navio-almirante na testa e o navio-fiscal na rectaguarda.

Não é possível, evidentemente, referirmo-nos neste artigo a todos os notáveis generais-de-mar da época brigantina. Um dos mais importantes foi Salvador Correia de Sá e Benevides que largou do Rio de Janeiro, a 12 de Maio de 1648, no comando duma esquadra constituída por quatro galeões, uma urca(*9*), duas naus, uma charrua e mais sete navios diversos, para efectuar a reconquista de Angola que tinha sido tomada pelos holandeses. A nossa es-

---

(8) Vide "O general-dos-galeões do Estado da Índia, António de Figueiredo e Utra", pelo comandante António Marques Esparteiro.

(9) A urca era um navio de grande porão, destinado ao transporte de tropas, mantimentos e munições. Era o mesmo que uma charrua.

quadra bloqueou Luanda, rendendo-se os holandeses a 21 de Agosto de 1648. Estes entregaram não só a cidade, como todo o território de Angola e abandonaram também S. Tomé e Príncipe. Salvador Correia assumiu então as funções de governador e capitão-general de Angola. De notar que este general-do-mar comandou o primeiro comboio mercante que partiu do Brasil, em 1645, composto de mais de 30 navios mercantes, escoltados por dois navios de guerra. Reconheceu-se na altura que, para a segurança do nosso comércio, era necessário estabelecer-se um sistema de comboio marítimo, sob a escolta de navios de guerra, durante a travessia do Atlântico, do Brasil para Lisboa e vice-versa.

Outro notável general-do-mar foi Pedro Jacques de Magalhães que, como já dissemos, exerceu as funções de almirante na primeira frota da Companhia Geral do Comércio. Comandou, depois, a frota de 77 navios mercantes, escoltados por navios de guerra, que largou de Lisboa, a 3 de Outubro de 1653, com a missão de expulsar os holandeses do Norte do Brasil. A nossa esquadra efectuou um apertado bloqueio ao Recife, a que se seguiu o ataque por terra às posições holandesas. A 25 de Janeiro de 1654, os holandeses capitularam, ficando então libertado todo o território do Brasil. Pedro Jacques de Magalhães comandou também a esquadra de guarda-costa que teve, em 1675, vários encontros com os piratas berberescos (*10*), derrotando na Galiza quatro fragatas de piratas, dois navios na costa de Argel e um outro perto de Mazagão. Pertenceu à sua família outro general-do-mar: Henrique Jacques de Magalhães que comandou também a esquadra de guarda-costa, vencendo, em 1692, perto de Tetuão, um combate contra uma esquadra berberesca. Este general-do-mar foi mestre-de-campo do Terço da Armada.

De referir também, que o general-do-mar Lopo Furtado de Mendonça, comandou as esquadras que D. João V mandou em auxílio da ilha de Corfu, ameaçada pelos turcos, em 1616 e 1617, a pedido do Papa. Como é sabido, a nossa esquadra tomou parte na batalha de Matapão, que se travou a 19 de Julho de 1717, e terminou com a derrota dos turcos, graças à heróica actuação dos navios portugueses. Todavia, esta vitória dos nossos navios foi minimizada pelos nossos aliados, apesar do nosso país ter perdido vidas e fazendas sem benefício directo.

É curioso registar que, no segundo quartel do século XVIII, passou a existir na nossa Marinha o posto de coronel-do-mar, equiparado a brigadeiro. Note-se também que o primeiro passo para a constituição de equipagens permanentes para os nossos navios de guerra, foi a criação de um troço de 300 marinheiros para o serviço dos navios e fainas da Ribeira das Naus, por alvará de 4 de Maio de 1676, a que se seguiu, um ano mais tarde, a criação de um troço de 300 artilheiros para servirem nos navios e fortalezas, por alvará de 4 de Junho de 1677. Posteriormente, estes artilheiros foram incorporados no Regimento de Artilharia de Marinha, no qual ingressou também a maior parte do pessoal de marinhagem, cujo troço foi extinto.

No tempo do marquês de Pombal, a chefia da Armada foi

(*10*) *Piratas de Argel, Tunis e outros portos do Norte de África.*

General-do-mar Pedro Jacques de Magalhães (1656).

confiada a um general-do-mar que tinha o título pomposo de capitão-general-dos-galeões-da-armada-real-de-alto-bordo-do-Mar-Oceano. O primeiro que teve este título foi D. João da Bemposta, filho natural do infante D. Francisco, irmão de D. João V. Quando faleceu D. João da Bemposta, foi nomeado para aquelas funções, por decreto de 12 de Fevereiro de 1782, o marquês de Angeja que já era inspector da Marinha e ficou portanto com a chefia militar e administrativa da Armada. Depois da sua morte, o cargo foi extinto.

É de salientar que, em 1761 (*11*), havia na Armada os seguintes postos: capitão-general-dos-galeões-da-armada-real-de-alto-bordo-do-Mar-Oceano, mestre-de-campo-general, sargento-mor-de-batalha, coronel-do-mar, capitão-de-mar-e-guerra, capitão-tenente. Nesse mesmo ano, foi criado o posto de guarda-marinha e no ano seguinte o de tenente-do-mar (*12*).

Os oficiais generais passaram a ter nova designação pelo decreto de 5 de Abril de 1762: o sargento-mor-de-batalha passou a chamar-se marechal-de-campo e o mestre-de-campo-general, tenente-general.

Deve-se, contudo, ao grande ministro da Marinha Martinho de Mello e Castro a criação, por decreto de 16 de Dezembro de 1789, de um corpo de oficiais exclusivamente para o serviço naval. Os postos dos oficiais eram então os seguintes: almirante, vice-almirante, tenente-general-da-Armada, chefe-de-esquadra, chefe-de-divisão, capitão-de-mar-e-guerra, capitão-de-fragata, capitão-tenente, primeiro-tenente e segundo-tenente. Note-se que, só nesta altura, foi criado o posto

(*11*) *Decreto de 27 de Abril de 1761.*

(*12*) *Foram criados pelos decretos de 2 de Julho de 1761 e 21 de Março de 1762, respectivamente.*

de capitão-de-fragata, equivalente a tenente-coronel do Exército, e que os chefes de esquadra e de divisão eram considerados oficiais generais(*13*).

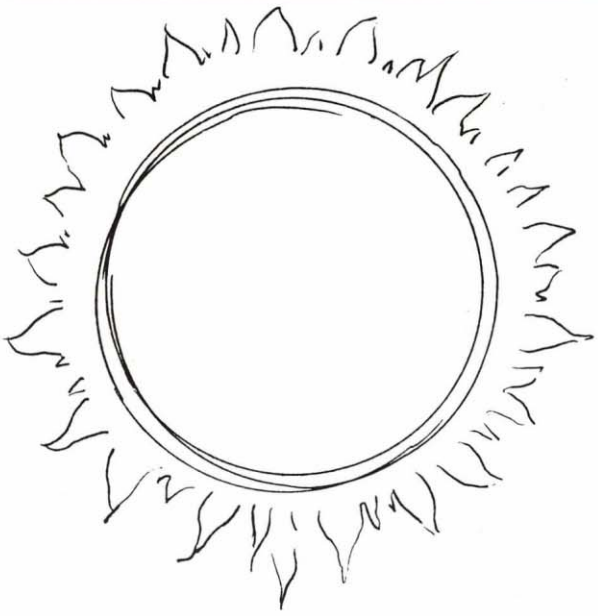
Em 1797, foi suprimido o posto de tenente-general-da-Armada, ficando os vice-almirantes com as honras deste posto e os almirantes com as honras dos antigos vice-almirantes. Pode dizer-se que acabaram então os "generais-do-mar".

Antes de terminar, vamos fazer ligeira referência a alguns dos mais notáveis oficiais generais desta época: o tenente-general José Sanches de Brito comandou, em 1793, a chamada "esquadra do canal" que cooperou com os ingleses no mar da Mancha. No ano seguinte, novamente os ingleses nos pediram auxílio e partiu para a Inglaterra a "segunda esquadra do canal", sob o comando do chefe-de-esquadra António Januário do Vale que colaborou com a Marinha inglesa na escolta de comboios. Outro importante oficial da nossa Armada foi Bernardo Ramires Esquível que, no posto de coronel-do-mar, comandou a esquadra que tomou parte com os espanhóis no ataque a Argel, tendo ascendido ao posto de marechal-de-campo com exercício na Marinha pelo seu comportamento nesta expedição. Brilhante oficial da nossa Armada foi também o marquês de Nisa que comandou a esquadra constituída por quatro naus, uma fragata e um bergantim que, em 1798 e 1799, colaborou com a esquadra do almirante Nelson, no Mediterrâneo. Como é sabido, a nossa esquadra efectuou por duas vezes o bloqueio de Malta e tomou parte em diversas operações com os ingleses. Nelson reconheceu que o nosso auxílio lhe fora de grande utilidade e referiu-se com louvor ao comportamento dos nossos oficiais e marinheiros, confirmando a elevada competência profissional do marquês de Nisa que ele considerava um dos melhores oficiais generais do seu tempo.

Henrique Alexandre da Fonseca
Cap.-m.-g.

---

(13) Os postos de chefe-de-esquadra e de divisão foram extintos em 1866 e substituídos pelo de contra-almirante.



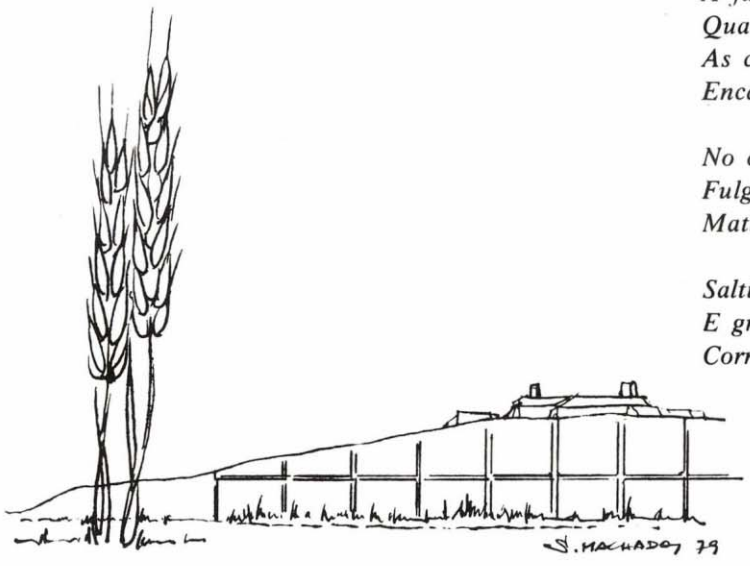
Azulejo Alentejano

Tardes calmas, crepitam os trigais
Ao sol ardente que as aragens fendem
As túmidas ribeiras já acendem
Risos verdes de jovens arrozais

A face da planura brilha mais
Quando os rubros poentes surpreendem
As cantigas d'amor. As horas prendem
Encantos e feitiços sensuais

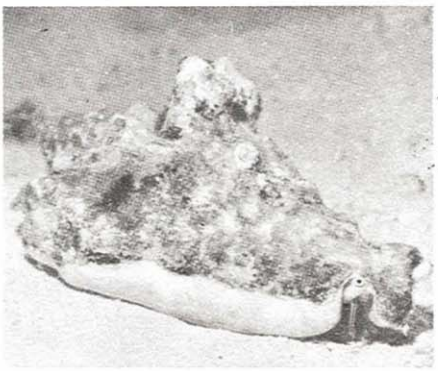
No corpo alvo do tempo transparecem
Fulgores de ametista. Resplandecem
Matizes de aguarela ou azulejo

Saltitam sonhos ledos pelas fontes
E gritos d'esperança descem montes
Correndo as solidões do Alentejo



A. Santos Coentro
1.º-ten. SE

Como limpar as conchas



Julgamos que não há marinheiro que não tenha pensado em coleccionar conchas. Porém, raros são os que concretizam essa ideia e mais raros ainda os que o sabem fazer.

Com as facilidades que agora existem para pesquisar o fundo dos mares, a possibilidade de encontrar conchas bonitas e raras é muito maior que no passado.

No nosso n.º 47 (Agosto 75) apresentámos aos leitores um coleccionador da Marinha mas, sabemos da existência de alguns mais. Por estarmos convencidos que há-de haver sempre marinheiros interessados no assunto, damos a seguir um quadro (traduzido do n.º 1527, de 8 a 15 de Agosto 78, da revista da Marinha francesa "Cols Bleus") com vários processos usados na limpeza das conchas.

A maior parte dos espécimens devem ser tratados pelo método de pôr na areia, à excepção dos grandes exemplares que serão extraídos por súspensão e das pequenas conchas que se devem conservar em álcool ou numa solução à base de formol durante quatro dias antes de as deixar secar.

LIMPEZA INTERNA	
SISTEMA	MANEIRA DE PROCEDER—RECOMENDAÇÕES
Pôr na areia	Colocar as conchas sobre areia bem seca com a abertura para baixo. Tirar as matérias orgânicas com água sob pressão.
Cozedura	As conchas são cobertas de água doce fria que se leva lentamente à ebulição. Deixar ferver de 10 a 30 minutos conforme o tamanho. Retirar o animal com uma agulha grande ou com um gancho. Facilitar a extracção rodando com a concha e lavar com água sob pressão.
Suspensão	No momento propício passar um nó corredio, com um fio, ao animal e suspendê-lo sobre um sistema que amortize a queda da concha, 12 a 24 horas depois. Lavar com água sob pressão.
Extracção natural	Os bivalves podem ser esvaziados com o animal ainda vivo. Lavar e enxugar.
LIMPEZA EXTERNA	
SISTEMA	MANEIRA DE PROCEDER—RECOMENDAÇÕES
Secar e dar brilho	Depois de lavagem em água — de preferência do mar — enxugar e depois dar brilho com um pano de lã.
Água de Javel	Composição do banho: um volume de água de Javel e nove de água tépida. Vigiar a acção corrosiva do banho de acordo com os espécimens a tratar (5 minutos a 10 horas). Retirar as conchas do banho, tirar o calcário restante com a ponta de uma navalha, lavá-las abundantemente e deixar secar.
Ácido muriático (ou clorídrico)	Sistema a utilizar com moderação e prudentemente para espécimens especialmente impregnados de calcário: ácido —, água de 10 a 50%, conforme o necessário. Lavar abundantemente antes de secar.
Raspar e escovar	Com um objecto em ponta e/ou cortante retirar o calcário. Escovar com escova cardada ou rotativa. Lavar e deixar secar.
Reavivar as cores	Utilizar um pano de algodão embebido em óleo de parafina ou vaselina. Para conchas com espinhos, em vez de pano usar um pincel.
Opérculo	Durante a limpeza conservar o opérculo, nas conchas que o têm, e no fim do tratamento colá-lo sobre algodão em rama e colocá-lo no seu lugar.

Corrida e orientação

1. INTRODUÇÃO

Este desporto tornou-se bastante popular em muitos países da Europa existindo em quase todos eles federações que se ocupam da organização de provas ao longo de todo o ano.
Ao nível de forças armadas é de sublinhar a sua importância sob o ponto de vista profissional sobretudo para tropas que podem desenvolver a sua actividade em terra. Refira-se o caso inglês, que ao nível de pára-quedistas, fuzileiros e academias militares deram especial relevo a este desporto tendo-se realizado em 1967 o primeiro torneio das Forças Armadas britânicas.
Também as Forças Armadas portuguesas efectuam, anualmente, um torneio de corrida e orientação em que têm participado a Armada, a Força Aérea e o Exército. Refira-se, no entanto, que a representação da Marinha tem sido feita unicamente à custa de fuzileiros e, analogamente, a da Força Aérea à base de pára-quedistas. Aliás, a equipa de pára-quedistas tem vencido com relativa facilidade os torneios, tendo-lhe cabido representar Portugal no Campeonato de Corrida e Orientação do CISM, que se realizou em 1977 na Suécia.
Dado que na Armada o ensino deste desporto apenas se efectua nos fuzileiros e nos cursos de monitores, e uma vez que nos parece que tal modalidade apenas requer que se saiba ler uma carta e utilizar uma bússola, propomo-nos divulgar aqui alguns rudimentos de topografia, certos de que isso será suficiente para que, pelo menos, os mais curiosos possam iniciar-se na sua prática.
Esperemos assim que nos próximos torneios de corrida e orientação da Armada não tenhamos como participante apenas pessoal fuzileiro...
Convém desde já sossegar os mais comodistas, pois que embora a designação de "corrida" possa (ainda) desmobilizá-los, os percursos podem ser feitos alternando corrida com marcha, interessando sobretudo que o número de pulsações cardíacas se mantenha cerca das 140 por minuto, o que caracteriza, como é sabido, um trabalho físico *aeróbico* iminentemente salutar. Para quem considerar a corrida e a marcha demasiado monótonos, acrescenta-se que o factor "orientação" dilui bastante essa monotomia.
Mas, passemos ao assunto. De que material necessitamos?
Apenas de uma bússola, uma carta e a descrição dos pontos. Como bússola poderemos empregar a conhecida "Silva" (fig. 7), igual à utilizada pelos fuzileiros, que pode ser pedida ao Centro de Educação Física da Armada; como carta pode usar-se a que se apresenta no verso da contracapa deste número da Revista, referente à zona do Marco do Grilo e cujos pontos (numerados na carta) se encontram devidamente assinalados no local. Na parte inferior da carta encontra-se a *descrição dos pontos*, isto é, a discriminação das suas características.

2. SÍMBOLOS DAS CARTAS

Em gravura inserida neste número encontram-se alguns símbolos utilizados nas cartas, de que convém memorizar pelo menos os mais frequentes.

3. DECLINAÇÃO MAGNÉTICA

Em todas as cartas vem indicada a declinação magnética da zona da carta, o ano a que ela se refere e ainda a variação anual que essa declinação sofre. Haverá pois que fazer as correcções necessárias para determinar a declinação actual. Tomemos o seguinte exemplo:

— Declinação magnética em 1963 = 10° 04 (W) (10 graus e 4 minutos, Oeste)
— Decréscimo anual = 7'.3

Para determinarmos a declinação em 1979 não temos mais que:

— 1979-1963 = 16 anos
— $16 \times 7'.3 = 116'.8 \text{ ——— } \frac{116'.8}{60} = 1° 56'.8$

10° 04 (W) — 1° 56'.8 = 8° 07'.2 (W).

Temos assim que a declinação naquela zona é, em 1979, 8° 07'.2 (W) (esta declinação terá que ser introduzida na bússola, como veremos depois).

4. ESCALA DA CARTA

As cartas que normalmente se utilizam têm escala 1/25 000; isso significa, como se sabe, que um centímetro na carta corresponde a 25 000 centímetros no terreno, pelo que:

— 4 cm na carta = 1 km no terreno
— 2 cm na carta = 500 m no terreno
— 1 cm na carta = 250 m no terreno
— 4 mm na carta = 100 m no terreno.

As bússolas "Silva" tem incluída uma régua graduada em centímetros que permite medir rapidamente distâncias na carta).

5. INTRODUÇÃO DA DECLINAÇÃO NA BÚSSOLA

Já se viu que há necessidade de introduzirmos na bússola a declinação magnética do local. Ora, o mostrador da bússola está graduado de 0 a 360° e próximo dos 40° existe um pequeno parafuso (fig. 1) que ao ser actuado faz deslocar uma "seta" na base do mostrador da bússola. A ponta dessa "seta" desloca-se numa escala vermelha graduada de 0° a 90° para Oeste e de 0° a 90° para Leste. O parafuso deve ser actuado de modo a fazer deslocar a ponta da "seta" do valor correspondente à declinação e para a esquerda ou para a direita conforme a declinação for Oeste (W) ou Leste (E). (*De notar que a escala da declinação apenas permite aproximação ao meio grau*).

6. ORIENTAR A CARTA

Após a introdução da declinação na bússola teremos de orientar a carta, o que equivale a fazer corresponder a linha Norte-Sul da carta com a linha Norte-Sul do lugar onde nos encontramos (isto tem grande importância para efectuarmos o reconhecimento dos vários pontos notáveis — marcos geodésicos, casas, montes, etc. — que estejam à nossa volta e ainda para determinar azimutes).
Vejamos então como orientar a carta:
Após dispor a carta num local plano coloca-se sobre ela a bússola de modo a que a sua linha Norte-Sul (fig. 2) fique paralela às linhas verticais da carta (meridianos). Roda-se seguidamente o conjunto carta-bússola por forma a que a metade vermelha da agulha da bússola fique sobre a ponta da "seta" existente na base do mostrador (fig. 3).

7. DETERMINAÇÃO DE AZIMUTES NA CARTA

Uma vez orientada a carta torna-se fácil a determinação do azimute (Z) de um ponto.
Recordemos, no entanto, a noção de azimute. Se um observador se encontra no ponto 1 designa-se por *azimute a um outro ponto 2* ao ângulo contado no sentido dos ponteiros do relógio (de 0° a 360°), formado pela linha Norte-Sul que passa pelo ponto 1 e pela linha que une o ponto 1 com o ponto 2 (fig. 4). O azimute dum ponto é pois *a direcção em que um*

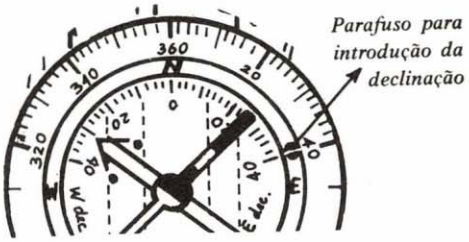


Fig. 1 — Rodando o parafuso, introduz-se a declinação na bússola fazendo deslocar a seta da base. No caso da figura, introduziu-se a declinação 30° W.

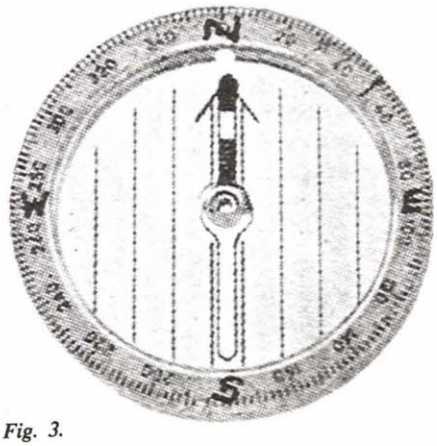


Fig. 3.

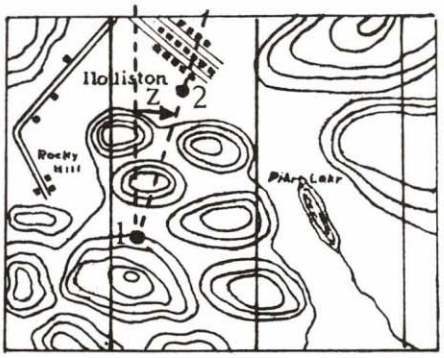


Fig. 4 — Azimute para um ponto: é o ângulo Z entre a linha Norte-Sul que passa pelo ponto onde nos encontramos (ponto 1) e a linha que une o ponto onde nos encontramos e o ponto para onde queremos ir (ponto 2).

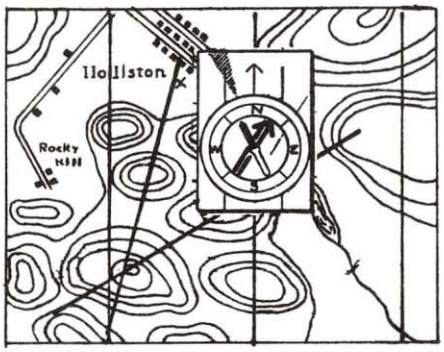


Fig. 2 — Orientar a carta: colocar a linha Norte-Sul da bússola com o meridiano da carta. Rodar seguidamente o conjunto carta-bússola até a parte escura (vermelha) da agulha coincidir com a seta, como se vê na figura 3.

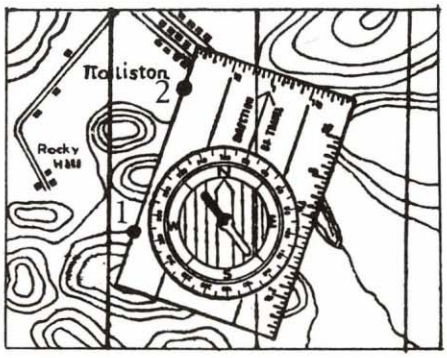


Fig. 5 — Determinar o rumo de 1 para 2.

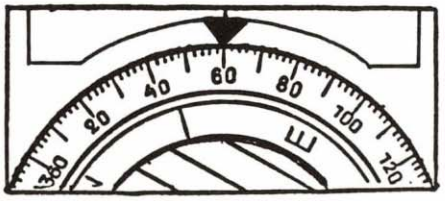


Fig. 6 — Rumo 060.

determinado ponto se encontra em relação à posição que ocupamos. Se quizermos seguir nessa direcção deixamos de falar em azimute e passaremos a chamar-lhe RUMO. E é o que faremos a partir de agora! Ora, para determinar numa carta já orientada o rumo de um ponto 1 para um ponto 2, não temos mais que colocar o bordo lateral da bússola (fig. 5) sobre os 2 pontos (*tendo o cuidado de verificar que o Norte da bússola está para o lado do ponto 2, pois de contrário obteremos o azimute inverso*) e rodar o mostrador da bússola até que a parte vermelha da agulha coincida com a ponta da "seta". A leitura do respectivo rumo deverá ser feita na escala do mostrador da bússola no ponto fosforescente que se encontra mais próximo da charneira do espelho reflector (fig. 6). Chama-se a atenção que a *bússola não deverá ser manuseada perto de objectos metálicos ou debaixo de fios de alta tensão, sob pena de se obterem resultados completamente falseados devido a influências magnéticas.*

8. COMO SEGUIR UM RUMO

Supunhamos que um indivíduo se encontra no ponto 1 e quer seguir para o ponto 2. Procedendo como se indicou em 6. determinar-se-á o rumo de 1 para 2. Com esse rumo introduzido na bússola, com esta nas mãos e na posição horizontal e com a ranhura existente na parte superior do espelho reflector à altura dos olhos, o indivíduo deverá rodar conjuntamente com a bússola até verificar pelo espelho reflector, que a metade vermelha da agulha se encontra coincidente com a "seta" da base e que a linha de referência existente no espelho "une" os dois pontos fosforescentes da base da bússola (fig. 7). Agora bastará espreitar pela ranhura do espelho, fixar um ponto mais conspícuo e caminhar para lá. Logo que este seja atingido tratar-se-á de determinar novo ponto conspícuo, repetindo-se este procedimento tantas vezes quantas necessárias para chegar ao ponto 2.

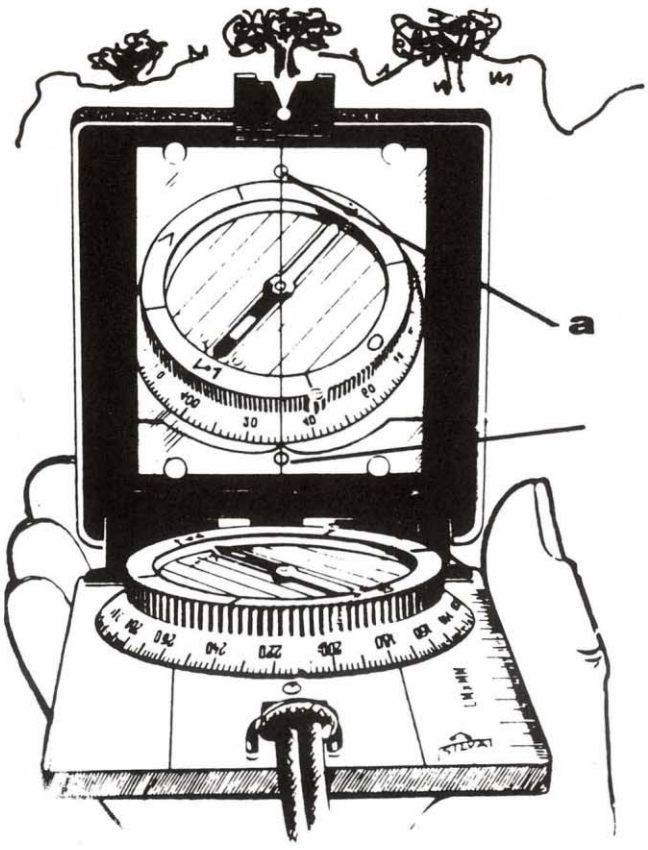


Fig. 7 — Seguir um rumo.

9. A NOÇÃO DA DISTÂNCIA ANDADA

Continuando com o mesmo exemplo, quando um indivíduo determinou pela carta qual o rumo que o levará do ponto 1, onde se encontra, para um outro ponto 2, terá também que determinar a distância que separa esses dois pontos para o que deverá medir na carta essa distância e através da escala convertê-la em distância no terreno (ver parágrafo 3.). É claro que, à medida que caminha no terreno, esse indivíduo deverá ter a noção da distância percorrida, para saber quando está prestes a chegar ao ponto 2.

Embora a adequada noção de distâncias percorridas se obtenha

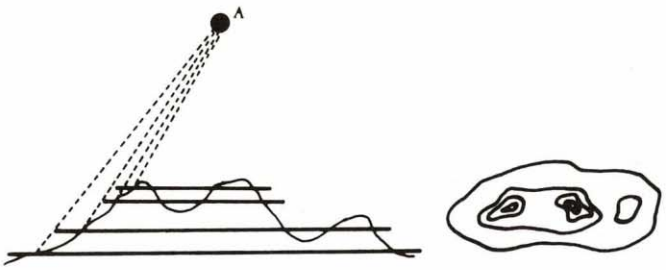


Fig. 8 — Curvas de nível: um observador colocado no ponto A veria as intersecções dos 4 planos horizontais com o terreno, como mostra o desenho da direita.

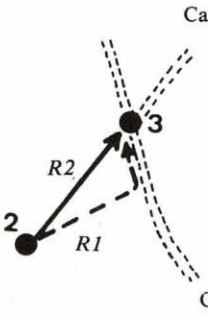


Fig. 11 — O rumo R_2 é o "rumo de segurança" para se atingir mais facilmente o ponto 3.

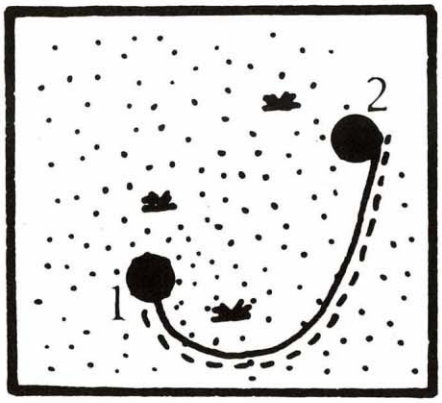


Fig. 9 — Do ponto 1 para 2: directo ou pela picada?

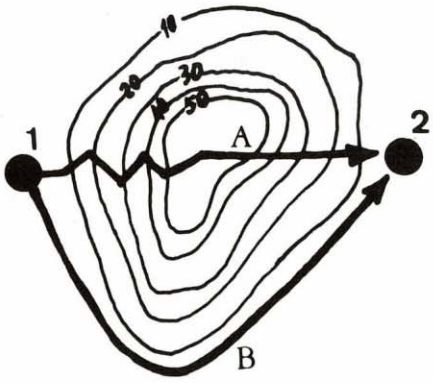


Fig. 10 — Subir o monte ou contorná-lo?

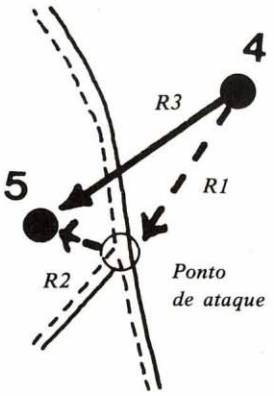


Fig. 12 — O ponto de ataque.

principalmente através da prática, poderemos, no entanto, partir do princípio de que *andando em terreno com vegetação pouco densa* a velocidade de progressão é sensivelmente igual a 4 km/hora.

É claro que o problema da distância percorrida poderia ser fácil de resolver se tratarmos de memoriar os pontos notáveis que teremos de passar de acordo com o que nos dita a carta. Assim, por exemplo, se a distância entre os pontos A e B é de 850 metros e se pela leitura da carta verificarmos que:

— 200 m depois de A encontraremos postos de alta tensão
— 100 m depois atravessaremos um pequeno riacho
— 200 m mais à frente entraremos num pinhal
— 100 m depois encontraremos a vedação de uma quinta

logicamente que deste modo, à medida que caminharmos, saberemos sempre em que ponto da carta nos encontramos, pelo que a aproximação ao ponto B se fará com muito maior certeza.

Sublinhe-se contudo que as cartas não estão normalmente actualizadas pelo que, muitas vezes, se encontram pontos que nelas não se encontram assinalada (picadas, casas, fios de alta tensão, etc.) sendo também o inverso muito vulgar.

Voltamos pois a ter que nos apoiar fundamentalmente na noção de distância percorrida a que podemos juntar outro factor: o declive do terreno. Isto requer uma leitura atenta da carta no que se refere a curvas de nível, para sabermos que terrenos encontraremos nos vários troços do percurso: subida muito acentuada, subida ligeira, terreno plano, descida ligeira, etc.

10. AS CURVAS DE NÍVEL

As curvas de nível são as linhas que unem os pontos que estão à mesma altitude. Considere-se o terreno "seccionado" por planos horizontais distantes 10 metros em altitude. A representação das curvas de nível nas cartas não é mais do que a intersecção desses planos com o terreno, projectada sobre um plano horizontal. Correspondem pois à imagem que um observador terá dessas intersecções, se colocado num ponto bastante acima do terreno (fig. 8).

De notar que, *quanto mais próximas estiverem as curvas de nível mais acentuado será o declive.*

As curvas de nível aparecem nas cartas representadas a traço castanho fino. Um traço castanho mais grosso representa as curvas de nível de 50 metros e múltiplas deste (100, 150, 200, 250, etc.).

11. A ESCOLHA DE PERCURSOS

Seguir de um ponto para o outro, nem sempre se limita a seguir um azimute directo. É que por vezes, esse azimute directo, embora corresponda a uma menor distância, nem sempre corresponde a menor tempo de percurso ou a menor dispêndio de energia. Tal sucede quando se tem de atravessar mato muito denso (fig. 9) ou quando se tem algum monte pela frente (fig. 10).

Para o caso de contorno de montes poder-se-á utilizar a "Regra de Disley": *é preferível efectuar o contorno sempre que a sua extensão for inferior à soma da distância entre dois pontos com o produto do número de curvas de nível da subida por 200 metros.*

Vamos aplicar esta regra ao caso da fig. 10 (escala 1:25 000):

— Percurso B: 7 cm ≃ 1750 m
— Percurso A: n.º de curvas de nível: 5

	x200 m
	1000 m
distância 1-2: 4 cm ≃	1000 m
Soma	2000 m

De acordo com a regra é preferível efectuar o contorno (percurso B) desde que a distância (1750 m) é inferior à do percurso A (2000 m).

12. RUMO DE SEGURANÇA ("AIMING OFF") E PONTO DE ATAQUE

Esta breve introdução à orientação não estaria completa sem darmos a conhecer estas duas técnicas:

Comecemos pela primeira. Por vezes, determinado ponto para onde pretendemos seguir está localizado num acidente cuja dimensão predominante é o comprimento.

Como se vê pela fig. 11, se pretendermos ir do ponto 2 para o ponto 3 (ponto de cruzamento dos caminhos *a* e *b*) deveremos seguir ao rumo R_1.

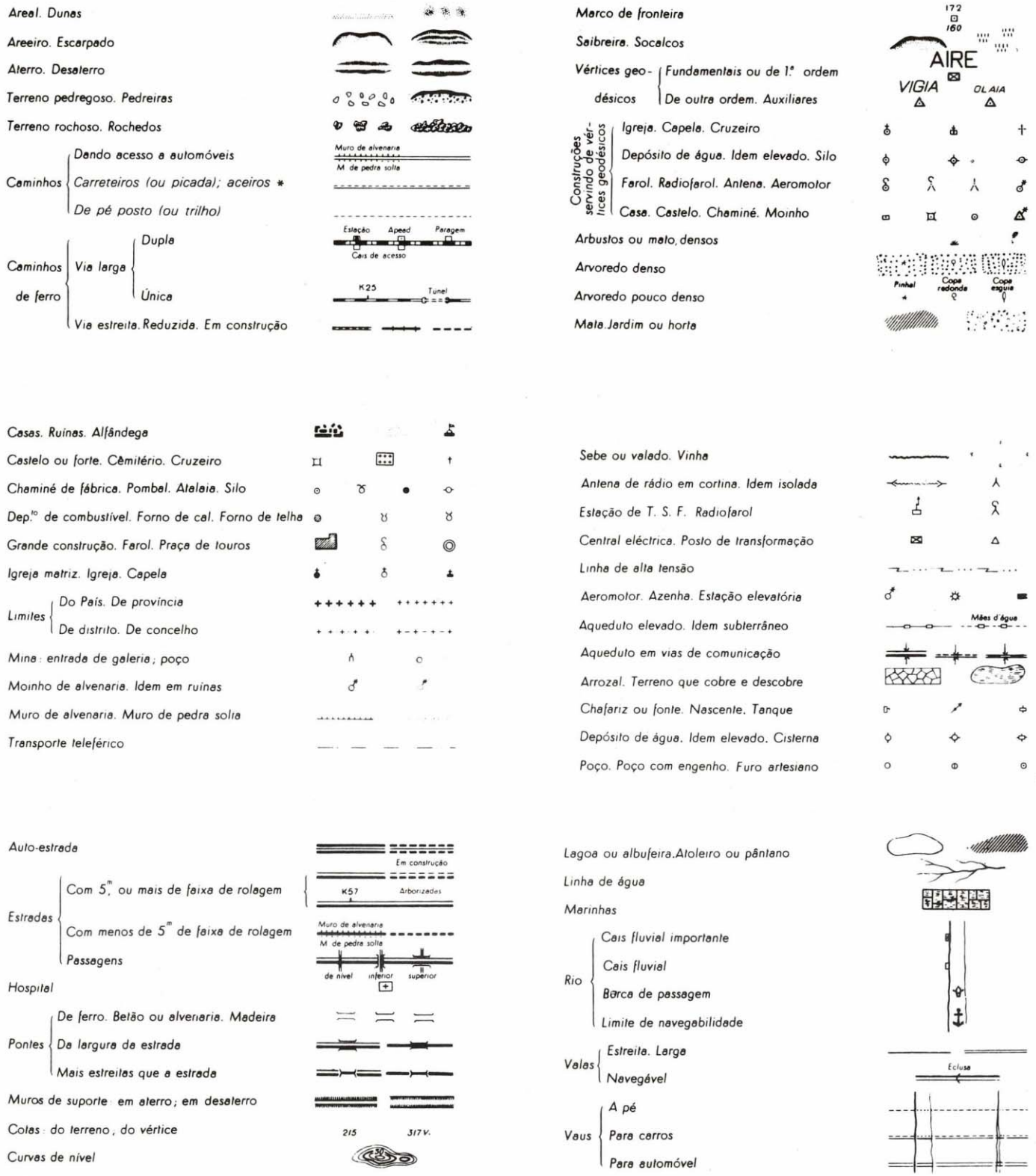
No entanto, não poderemos esquecer que raramente um rumo é seguido sem qualquer desvio do "navegador". Sendo assim, é muito possível que se atinja o caminho *a* em local afastado do ponto 3. Teríamos então que seguir por esse caminho *a* para atingir aquele ponto. Mas... seguiremos para a esquerda ou para a direita? Nada nos garante que estejamos a Norte ou a Sul do ponto 3...

O *azimute de segurança* pretende resolver este problema. Trata-se muito simplesmente de escolher um azimute que nos leve nitidamente para um dos lados do ponto. No caso da fig. 11, se seguirmos o rumo R_2, ao encontrarmos o caminho *a*, sabemos imediatamente que devemos seguir para a esquerda a fim de encontrar o ponto 3.

Quanto ao *ponto de ataque*, ele não é mais de que um ponto que se escolhe a fim de, posteriormente, se alcançar mais facilmente um determinado ponto de "contrôle".

Pela fig. 12 verifica-se que por um rumo directo de 4 para 5 (R_1) será bastante difícil de encontrar o ponto 5, quer por este se encontar numa mata densa, quer ainda porque em percursos longos pequenos "erros" no rumo traduzem-se em desvios assinaláveis relativamente ao ponto da

SÍMBOLOS USADOS NAS CARTAS



* *Os aceiros e picadas são representados nas cartas pelo mesmo símbolo. No terreno é fácil distingui-los, pois que os aceiros são muito mais largos (cerca de 6 a 8 m) e de traçado rectilíneo e perpendicular.*

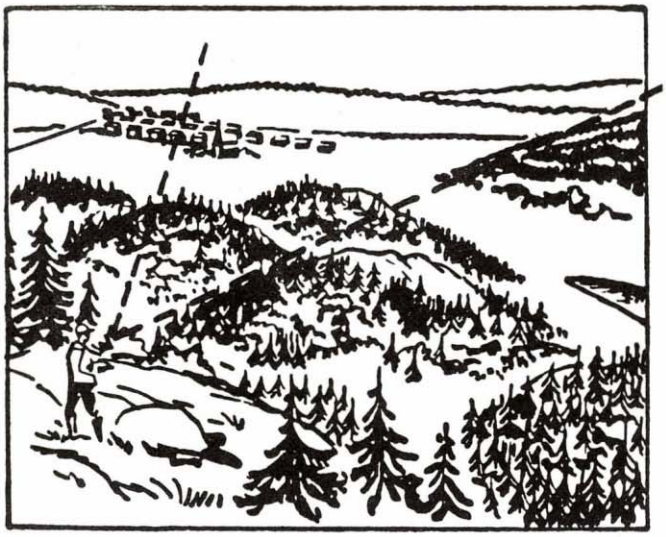


Fig. 13 — Determinar a posição por 2 azimutes.

chegada (um erro de 4° em rumo converte-se, após um percurso de 1000 metros, num desvio de 100 metros).
Torna-se assim mais certeiro "atacar" o ponto 5 a partir de um ponto que lhe fique bastante próximo e que esteja perfeitamente identificado ("ponto de ataque").

13. DETERMINAÇÃO DA POSIÇÃO

Sucede, por vezes, que necessitamos de identificar pontos no terreno ou mesmo de determinar a nossa posição. No primeiro caso, não temos mais do que tirar no terreno o azimute aos pontos que pretendemos identificar (casas, montes, etc.), após o que procuraremos na carta, a partir da posição em que nos encontramos, os acidentes que se encontrem nesses azimutes.
Para determinar a posição em que nos encontramos, necessitamos de identificar, pelo menos, dois pontos no terreno e determinar o respectivo azimute pela bússola. Depois, não temos mais que procurar esses pontos na carta e traçar, a partir deles, o azimute inverso (isto é, o azimute determinado somado com 180°). O cruzamento das duas rectas dar-nos-á a posição em que nos encontramos (fig. 13).
Acrescente-se, no entanto, que nem sempre conhecemos exactamente a nossa posição nem identificamos os pontos notáveis do terreno. Nestas circunstâncias, uma análise cuidada do terreno e da carta e a utilização de tentativas com os procedimentos acima descritos leva-nos a conclusões bastante úteis.

14. CONSIDERAÇÕES FINAIS

E vamos começar a praticar. Antes, porém, trate da carta e do vestuário. Quanto à carta, plastifique-a para não se deteriorar; quanto a vestuário, convirá ser sempre usada uma camisola leve, de manga comprida, e calça de fato de treino. Especial cuidado deve ser tomado com as sapatilhas, pois que deverão ter apoio para o arco plantar, assim como um ligeiro salto (existem no mercado sapatilhas para "cross" que servem perfeitamente para a orientação).

Não se esqueça também da esferográfica, que além de útil para apontamentos, lhe permite escrever na carta plastificada.

Se, porventura, a zona do Marco do Grilo que lhe aconselhamos para se iniciar lhe ficar demasiado longe, escolha uma zona mais próxima que ainda não esteja devastada (o que vai sendo cada vez mais difícil!), não se esquecendo de arranjar a carta da respectiva zona, que se obtém com relativa facilidade nas Câmaras Municipais, ainda que em escala diferente da 1/25 000. De início escolha percursos curtos (300 a 500 metros) e pontos que sejam facilmente identificados, a fim de, a pouco e pouco, ir ganhando confiança.

Aconselhamos a que durante os percursos leve a carta dobrada de modo a que apareça apenas a zona onde se está a deslocar, assinalando com o polegar a posição onde se encontra e deslocando-o à medida que vai progredindo no terreno. Assim, ganhará tempo quando quiser conferir com a carta os pontos por onde vai passando.

À medida que for tendo uma certa prática a trabalhar com a bússola e carta poderá começar a determinar rumos na carta utilizando a bússola como... transferidor.

O processo é bastante simples e resume-se em colocar o bordo lateral da bússola sobre o ponto onde está e aquele para onde quer ir (tal como se vê na fig. 5), após o que rodará o mostrador da bússola até que a "seta" vermelha da base da bússola fique paralela aos meridianos da carta. Pode agora ler o rumo no mostrador (ATENÇÃO: quando colocar a "seta" paralela aos meridianos certifique-se de que o vértice da "seta" está para o lado do ponto para onde quer ir, pois caso contrário obterá o rumo inverso).

Este processo tem a vantagem de lhe poupar tempo por não necessitar de orientar a carta nem de colocar esta e a bússola num local horizontal, dado que, como já dissemos, estamos a utilizar a bússola apenas como transferidor.

E pronto... Desejamos-lhe felicidades!

Fernando Sanches de Oliveira
Cap.-ten.

Recordações do passado

Página de memórias

É bem conhecido o nome do dr. Ricardo Jorge. Além de médico de grande categoria internacional, foi um escritor que deixou uma vasta obra literária em livros e em artigos de jornais.
Como grande admirador das suas obras, possuo muitos dos livros que escreveu e uma colecção de artigos de jornais. É desta colecção que transcrevo os artigos seguintes:
No "Diário de Notícias" do dia 12 de Julho de 1933 publicou o dr. Ricardo Jorge um artigo intitulado *Frescuras do bundo* em que se critica a forma como, em geral, na imprensa, se traduzem os telegramas do estrangeiro, bem como erros gramaticais em notícias publicadas. A propósito das notícias de uma conferência internacional realizada em Londres, diz:
(...) na sala, os milhares de delegados dos dois hemisférios "todos vestem a jaqueta negra *da etiqueta inglesa". Es-*

tá-se a ver: onde se lia jaquette noire *pôs-se, sem mais, "jaqueta negra" — erro grosseiro no substantivo e defeito no adjectivo. Além de "negro" o português tem "preto", e os dois nem sempre se empregam indiferentemente; diz-se "roupa preta", "gravata preta", "vestir de preto", etc. Jaqueta é entre nós, a véstia popular, usada do Minho ao Guadiana; não tem abas, é traje da gente do comum — e daí o dito pejorativo do "homem de jaqueta". Que preparo o do rei-imperador Jorge V, a tronear de jaqueta nos ombros?! "Jacket" (ing.) "jaquette" (franc.) quer dizer em vulgar corrente — "fraque" — termo de procedência estranha, mas de raiz desconhecida. Entre nós, parece já ter sido usado no século 18. Os franceses, ainda no tempo do Império, chamavam fraque ao que hoje designam por "jaquette". Tudo isto é sabido e corriqueiro.*

Como não concordasse inteiramente com a forma depreciativa como é tratada a jaqueta, peça de vestuário que faz parte dos uniformes dos oficiais da Armada, publiquei, no mesmo jornal do dia 16, o seguinte artigo:

EM DEFESA DA JAQUETA

A leitura dos livros e artigos do sr. dr. Ricardo Jorge é um dos prazeres espirituais que mais aprecio. Não será certamente esta minha declaração tomada de bairrismo por eu ser, como S. Exa., nado na terra das tripas...

Foi pois, com o costumado gosto, que saboreei no "Diário de Notícias", mais um belo artigo da série de vários em que o sr. dr. Ricardo Jorge, como sábio higienista, vai tratando as graves doenças de que enferma a língua portuguesa.

Desta vez, porém, S. Exa. foi injusto para um artigo de indumentária masculina — a jaqueta — tratando-a depreciativamente.

Digo depreciativamente, porque a jaqueta não é só o "traje de gente comum".

Parece que realmente assim foi noutro tempo, pois nalguns dicionários como o de Morais, o de Maximiano Lemos, etc., encontro na definição de jaqueta, a indicação de que é usada por homens de condição inferior. Hoje, porém, não é assim. Há cerca de trinta anos, a jaqueta entrou na lista dos uniformes da oficialidade da Marinha de Guerra, como traje para bailes e jantares oficiais, com excepção daqueles a que assiste o Chefe do Estado, em que é regulamentar o grande uniforme.

Recentemente, foi a jaqueta introduzida na lista dos uniformes dos oficiais do Exército, mas só para os oficiais generais.

O uso da jaqueta na Marinha portuguesa foi importado de Inglaterra; os oficiais da Armada britânica já a usavam muito antes de nós.

O rei-imperador Jorge V, como almirante da Armada inglesa, pode, pois, muito bem "tronear de jaqueta", não aos ombros, mas correctamente vestida, ostentando nos braços os galões da sua alta patente.

Que o sr. dr. Ricardo Jorge não castigue a minha impertinência apontando algum erro gramatical nesta desataviada prosa, pois eu aplico a mim próprio esta frase de Anselmo Braancamp Freire: "eu, para a gramática, estou como certos sujeitos para a música — toco de ouvido".

Dois dias depois o dr. Ricardo Jorge respondia com o seguinte artigo:

SOBRE JAQUETAS

Fala-me à mão um tripeiro — assim se diz o sr. Alfredo Mota — que muito folguei de ouvir. Na terra das tripas aprendi a fala de que procuro servir-me, a boa e genuina fala popular do norte. E lá rompi a primeira jaqueta; aqui está uma locução pitoresca para designar a mocidade e figuradamente aquele que, bisonho e confiado, se mete a qualquer empreendimento, desde o namorar a negociar, que lhe esteja custando experiência.

Observa o sr. Mota que na Inglaterra, como ao depois entre nós, a jaqueta orna as espáduas dos oficiais de Marinha, uniforme seu peculiar para jantares e bailes oficiais — espécie de smoking *de divisas. É mais uma sedução das fardas da Marinha que foram a tentação malograda da minha adolescência. Ora eu do que me ocupei foi da jaqueta como traje civil, e esse em Inglaterra só teve uso, e não sei se ainda terá, para os rapazes dos doze aos dezasseis; traziam por sinal com esta quinzena uma cartolina de seda — pieguice que também se imitou entre nós.*

Seja como for, essa jaqueta não era a que vestiam os delegados nem o monarca britânico. Que Jorge V se entroixe nela, e quantas vezes o não terá feito, não há dúvida, como chefe da Armada que é; mas naquele acto e àquela hora, seria ao avesso da mais elementar etiqueta, se se apresentasse ao concílio universal em tal preparo.

Nada disto implica com o teor da minha reflexão; e é que, quando se fala de jaqueta, entende-se, sem mais, a véstia popular das nossas aldeias. Tão pouco destrói o antigo sentido pejorativo de "homem de jaqueta" — quod est, est. *Para defender-se de qualquer deslize possível de expressão que ninguém notará na sua frase expedita e adequada, cita o sr. Mota um dito de Braancamp Freire a respeito de gramática — encabeço-a em mim. É também de outiva que afiro a linguagem — o que ouvi e me pareceu bem, o que ouço às vezes e me parece mal. As coisas que me arrepelam as orelhas de português, atrevo-me de vez em quando a censurá-las, mas não pretendo castigar ninguém; digo assim porque se pronunciou tal verbo. A maçada, essa sim, castiga-me, antes de mais, a mim próprio, e depois aos raros leitores que a aguentam.*

Termino dando emboras e graças ao meu bom patrício.

Já decorreram mais de quarenta anos sobre a época em que isto se passou. O dr. Ricardo Jorge faleceu há muitos anos, mas por vezes ainda me delicio com a leitura dos seus livros para recordar o "bom tempo de outrora, o tempo que passou e que não volta mais", como escreveu o grande Guerra Junqueiro.

Alfredo Motta
C/alm. AN RF

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

G/mar. César Augusto Nogueira da Fonseca com D. Maria Manuel Marques Ferreira, em 29-7-79.

Asp. RN Fernando Manuel Bizarro de Castro Dias com D. Eunice Alda Pereira de Castro Couto, em 11-8-79.

Sarg.-aj. MQ RA Fernando Rosa Godinho com D. Maria Cristina Costa de Barros, em 20-2-79.

1.º-sarg. TEA João Marinho Martins com D. Maria José Silva Nabais, em 4-8-79.

1.º-sarg. ETI Leonel Desidério Martins Salazar com D. Sílvia Maria Martins, em 5-8-79.

279274/1.º-mar. FZV Rodrigo Octávio dos Ramos Martins com D. Jacinta dos Santos, em 18-8-79.

204175/1.º-mar. M António Ferreira de Sousa com D. Maria Cândida da Silva Alves, em 18-8-79.

24277/1.º-mar. R Damásio Paulo Martins com D. Anabela da Conceição Almeida Ribeiro, em 19-8-79.

148277/1.º-mar. AP João Baptista Martins com D. Maria Fernanda Gonçalves, em 18-8-79.

725978/1.º-gr. FZ Argentino Manuel Gomes Baptista com D. Maria do Céu Cordeiro Churro, em 11-8-79.

223277/2.º-gr. Manuel Ramos Pires com D. Gentil de Fátima Madaleno, em 5-8-79.

120078/2.º-gr. A Arcindo Bernardes Pinto com D. Maria Dulce Varatojo Loureiro, em 5-8-79.

318278/2.ºgr. CRO Celso Matos de Oliveira com D. Ana Cristina Vasconcelos dos Santos Couceiro, em 10-8-79.

742078/2.º-gr. FZ José Leobrando Dias Brandão com D. Zélia Maria de Jesus Baptista, em 12-8-79.

PASSAGENS À RESERVA

V/alm. Henrique Afonso da Silva Horta, em 21-9-79.

Cap.-m.-g. António Luciano Estácio dos Reis, em 27-9-79.

Sarg.-aj. A Manuel Ludgero Fernandes Casaca, em 31-8-79.

Sarg.-aj. SE Francisco das Chagas Paio Moacho, em 31-8-79.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

Sarg.-aj. MQ Manuel Higino da Cruz Varandas, em 26-9-79.

2774/Cabo M RF José Maria Santana, em 3-8-79.

17365/Cabo FZ Francisco Moreira Inácio, em 31-8-79.

990/Mar. TFP RF Manuel Gomes, em 7-9-79.

Terminologia Naval

IMPACTO — Encontro do projéctil com o alvo ou objecto em que vai bater.

IMPEDIDO — Praça da marinhagem, normalmente com a graduação de grumete, escalado para o serviço de oficiais ou sargentos e que, por tal razão, se encontra dispensado de determinados serviços de rotina.

IMPRENSAR — Acção exercida sobre um cabo novo que consiste em descochá-lo ligeiramente e esticá-lo durante uns dias para que dê de si o máximo possível. Pratica-se esta operação antes de se pôr em uso, por exemplo, a linha de barca ou uma tralha.

IMPUNIDOURO — Cabo fixo nos punhos do gurutil e nos garrunchos das testas das velas destinadas a fixá-las ao lais na manobra de rizar o pano.

IMPUNIR — Amarrar o impunidouro ao lais de uma verga para envergar a vela ou para rizar.

INCHADO — Expressão antiga relativa ao mar, quando se apresentava com ondulação larga.

INCLINAÇÃO DE CORTESIA — Inclinação que o navio faz, para o bordo a que se mete o leme, ao iniciar uma curva de giração; esta inclinação vai diminuindo e passa a verificar-se para o bordo oposto, para fora, portanto, da curva que se está a descrever; inclinação de saudação.

INCRUSTAÇÕES — Crosta que adere ao fundo do navio e que pode ser constituída por vegetação ou por animais conchíferos; a sua existência, além de contribuir para a corrosão da chapa, faz diminuir fortemente a velocidade do navio.

INFLUXO — O enchimento da maré; preamar.

ÍNSUA — Pequena ilha, situada nalguns pontos da costa, em cursos de rios ou na sua foz; pode ser constituída por terra firme ou areias acumuladas, susceptíveis de serem cultivadas; exemplo notável de ínsua é o da entrada da barra do Minho; insula.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

O primeiro Almirante da Marinha portuguesa

Rebuscando na Torre do Tombo folhas amarelecidas e queimadas pelo tempo que por elas foi passando lenta e despreocupadamente, e sem aquelas pressas que a vida actual nos impõe, deparou-se-me, casualmente, uma curiosa descrição histórica, da autoria de frei António Brandão. Desconheço quem era tal frade e a época a que pertenceu, mas tal escrito remonta, sem dúvida, ao início do século passado, segundo averiguei.

Pareceu-me coerente manter-lhe a forma como foi escrito pois, caso contrário, tirava-lhe a beleza e o cunho de velharia valiosa.

Desta forma a transcrevo na sua íntegra:

DE ALGUMAS VICTORIAS NAVAES, QUE OS PORTUGUEZES ALCANÇARAM DOS MOUROS, LEVANDO POR GENERAL DOM FUAS ROUPINHO

Por este tempo 1180 eram as costas do mar Oceano de Setubal, e de Lisboa, infestadas de uma Armada Mourisca, que havia feito graves damnos n'aqueles portos. Sabendo El-Rei do que se passava e como importava muito atalhar no principio a estes males, escolheo Dom Fuas Roupinho, a quem a victoria passada e muitas ocasiões de reputação tinham acreditado para o remédio d'elles, escreveo por elle à Camara de Lisboa se ordenasse uma Armada, que sahisse ao mar a reprimir a furia dos inimigos. Em breve tempo se poz em ordem o mandato d'El-Rei, e Dom Fuas com bastante recado de embarcações e gente sahio fora da barra em demanda dos inimigos. Não apontam nossas Historias o numero das embarcações, ou gente, como tambem o não fazem da Armada Mourisca; so dizem que uma e outra se vieram a encontrar pouco adiante do Cabo de Espichel a 29 dias do mez de julho do anno de mil e cento e oitenta e começaram entre si uma temerosa batalha.

Pouco uzaram os Portugueses até aquelle tempo a guerra maritima, sendo no entanto tão exercitados nas batalhas da terra. Mas o valor do Capitão Portuguez e o esforço de seus soldados, sendo quasi todos gente voluntaria e magoada dos insultos d'aquelles barbaros, supriram com vantagem a falta de experiência, e pelejaram com tanta braveza que a multidão da gente pagã começou a perder o animo e mais vendo rendida a Galé Real, e morto o Capitão General de toda a frota, a que nossas Historias nomeam JOCONFERO DALXEMI. E durante algum espaço n'esta confusão se vieram ao fim render, ficando todas as Galés inimigas em poder dos Portuguezes.

A modo de triumpho entrou Dom Fuas Roupinho no porto de Lisboa d'onde sahira havia pouco tempo. Foi recebido com extraordinario apparato dos Governadores da Cidade e mil vivas e aclamações da gente popular, chamando-lhe uns Libertador da patria, outros, Restaurador da honra portugueza, confessando todos ser benemerito do cargo de General d'aquella Armada, que El-Rei lhe dera.

Foi tão festejada esta victoria, por ser a primeira naval, que n'aquelles tempos ganharam os Portuguezes, os quaes sendo até então invenciveis pela terra, se mostravam de novo vencedores no mar. Já Entropio fez memoria, que os Romanos pela mesma causa celebraram muito a sua primeira victoria, que do primeiro Annibal ganhou Consul Duilio junto à Ilha Liparia.

Como a prosperidade d'esta jornada causasse novo animo, e alento nos Portuguezes, determinou o sabio Capitão de uzar da occasião, que a ventura lhe offerecia. Escreveo a El-Rei Dom Affonso e dando-lhe conta da victoria passada, pedio licença para tornar a correr aquellas Costas e uzar do fervor dos soldados, pois estavam tão contentes e animados. El-Rei Dom Affonso como todo o seu desejo era destruir os inimigos da Cruz de Cristo, dilatar e exaltar a Fé Catholica, julgando por conveniente aquelle meio, mandou se armassem de novo as Galés e sahissem com o mesmo Capitão Dom Fuas a correr a Costa.

Com muita brevidade se poz em execução a ordem de El-Rei e se acrescentou o numero de soldados, os quaes para este effeito concorrião em competencia de varias partes. E como corresse a frota as costas de Portugal e Algarve sem encontrar baixeis Mouriscos, nem alguma ocasião honrosa, foi costeando a terra de Andaluzia, até chegar ao porto da cidade de Ceita (depois Ceuta). Está fundada esta insigne Povoação, a qual em annos futuros servirá de grande gloria à materia d'esta Historia, pelos insignes feitos da Gente Portugueza em sua defensão e conquista em a ponta de Africa que no Estreito de Gibraltar confina com Hespanha. Tem aqui de distancia, uma provincia de outra, cinco leguas somente, por onde fica facil a entrada de uma parte a outra, o que deu occasião a se facilitar aos Mouros mais a conquista das nossas terras. Foi sempre por esta cauza mui estimada dos Arabes esta Cidade, e pelo sitio, temperamento e commodidade do porto reputada entre os melhores do seu Senhorio. Tinha sabido Dom Fuas Roupinho que n'este porto havia embarcações em que poderia fazer emprego e recuperar os gastos da Armada; deu assalto n'ellas e matando alguns Mouros, que lhe quizeram fazer resistencia e pondo outros em fugida ficou Senhor de todos os baixeis que ali havia.

E como não apparecessem inimigos no mar, com que pelejasse, nem Mouro ousado a lhe pedir conta do que tinha feito, passados dois dias se fez na volta de Lisboa, aonde chegou a salvamento e foi recebido com grande pompa e alegria.

Por mera casualidade surgiu-me, posteriormente, um relato mais sucinto, que acrescentava, no entanto, o seguinte:

Mais vezes saiu para o mar o destemido D. Fuas, sendo a última em 1182, com vinte e uma galés; e, estando na costa do Algarve, sobreveio um temporal, que o obrigou a seguir para o Mediterrâneo. Assim, a dezassete de Setembro surgiu defronte de Ceuta, na presença de uma Armada de cinquenta e quatro galés, que os Mouros de antemão haviam reunido para lhe irem sair ao encontro e atacá-lo no Oceano.

Apesar da grande desigualdade de forças, D. Fuas não hesitou em travar a peleja, que foi renhida e desesperada. Foi nesta acção que morreu, combatendo, o primeiro almirante português.

José Agostinho de Sousa Mendes
Cap.-m.-g.

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Os selos que acompanham esta notícia entraram em circulação em 21 de Setembro, e são alusivos ao 35.º aniversário da TAP — Transportes Aéreos Portugueses — presentemente com a designação Air Portugal e que deviam ter sido assinalados no passado ano, tendo em consideração que foi precisamente em 1953 que nas então províncias ultramarinas portuguesas, onde a companhia operava, foram emitidos selos — por sinal muito expressivos — comemorativos do 10.º aniversário da empresa.

Se por diversas vezes temos discordado da emissão de selos que comemoram aniversários, particularmente sem grande interesse histórico ou pedagógico, muito mais ainda discordamos quando essas emissões são extemporâneas, como acontece na emissão presente.

É certo que a emissão esteve programada para 1978, o que, por razões que devem ter sido fortes, não aconteceu; daí, entendermos que seria lógico referenciar nesta série a verdadeira idade da TAP. Deve tratar-se de um esquecimento ou critério que escapa ao nosso entendimento.

Mas, passando adiante, e falando propriamente destes selos, sinceramente temos de confessar a nossa incapacidade para os entender. Com efeito, os traços apenas de um avião em fundos de concepção esquisita, nada nos dizem.

Valeu-nos, na circunstância, os motivos bem expressivos que ilustram o F. D. C. e o carimbo comemorativo do 1.º dia de circulação, estes realmente muito interessantes.

Para nós, são selos vulgares e, mesmo considerando o interesse que eles poderiam despertar aos temáticos de aeronáutica, não nos parece que esse interesse tenha alguma razão de ser.

Oxalá estas considerações sejam descabidas.

A FILATELIA NA FORÇA AÉREA

Ao regressarmos a Lisboa, depois de um tempo passado fora, tivemos a agradável surpresa de tomar contacto com o "Boletim da Base Aérea n.º 5", que ainda não conhecíamos. No seu n.º 11, apreciámos sobretudo, como é natural, a sua página de filatelia, na qual o grande entusiasta capitão Álvaro Pereira Jerónimo, expressa o desejo de que a Força Aérea Portuguesa promova, em 1984, uma exposição filatélica comemorativa do 10.º aniversário do 25 de Abril, à qual dêem a sua colaboração os coleccionadores dos três ramos das Forças Armadas, bem como elementos das forças militarizadas.

Sugere ainda, que a seguir seja o Exército a fazer também uma exposição, uma vez que a Armada, sob o patrocínio desta Revista, já fez uma em Julho de 1973.

A experiência adquirida nesta exposição, assim como o nosso entusiasmo pela filatelia, desde já ficam ao dispor dos camaradas da Força Aérea.

O tempo que medeia até à exposição é mais que suficiente para que, até os mais descuidados, se preparem para marcar presença condigna ...

IBEREX — 1.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA LUSO-ESPANHOLA

Como aqui anunciámos, realizou-se no Porto este certame filatélico que, infelizmente, não pudemos visitar. Durante o tempo em que esteve patente ao público, foram apostos alguns interessantes carimbos alusivos pelo que, na expectativa de que possam interessar alguns dos nossos leitores, aqui os reproduzimos.

Pensamos poder informar esses possíveis interessados que a Associação Portuguesa de Filatelia Temática, com sede na Rua Rodrigues de Freitas, 11, no Porto, estará em condições de poder satisfazer as suas pretensões, pelo que os aconselhamos a dirigirem naquele sentido os seus pedidos.

G. Brandão
2.º-ten. SG

História de marinheiros

11 — promoção gorada

Nos meus velhos tempos, quando os navios fora de Lisboa, em viagem por mar ou em estação, a promoção de um oficial de bordo era sempre festejada especialmente. O jantar desse dia era melhorado — havia longas e prévias entrevistas entre o oficial do rancno e o despenseiro, para a selecção cuidada da ementa comemorativa. Por vezes, o próprio cozinheiro era convocado, para sugerir o melhor doce a ser confeccionado.

Os novos galões da farda de serviço eram sempre cosidos por um dos sinaleiros — os únicos homens de bordo que sabiam manejar a agulha e enfiar o dedal, afeitos como estavam, a remendar as bandeiras que os ventos das tempestades esfacelavam.

O "cabo das iscas" — marinheiro encarregado do rancho das praças — não tardava a aparecer ao recém-promovido, com um valezinho de vinho extraordinário, para o *senhor oficial assinar e a guarnição beber.*

À sobremesa, na câmara dos oficiais, lá surgiram sempre os brindes laudatórios ao homenageado que, comovido, agradecia por fim.

As vezes, os rádios que traziam a boa nova chegavam durante a noite — dependia das horas de escuta em Lisboa. E, certa ocasião, assim sucedeu num velho navio em estação. Um oficial deslizou pelo camarote do recém-promovido enquanto este dormia, retirou-lhe a farda de serviço, e logo, no corredor anexo, uma das "costureiras" de bordo lhe coseu o novo galão, nas mangas do dólman. Na manhã seguinte, ao vestir-se, ele em nada reparou. E na câmara, ao pequeno almoço, no meio de ruidosa manifestação, foi que ele constatou que a promoção, ansiosamente esperada, chegara por fim.

Recordo, a-propósito, grossa partida feita a três aspirantes, já lá vai um ror de anos. Embarcaram eles em Lisboa, num aviso de 2.ª classe — o "Pedro Nunes" — depois de concluído o curso da Escola Naval, em tirocínio obrigatório. Dias depois, o navio seguiu para o Algarve, a fim de cumprir um período de exercícios. Por lá se demoraria umas semanas. Os aspirantes esperavam a promoção a guardas-marinhas durante a comissão, a qual, no entanto, começou a tardar. Os detalhes do jantar comemorativo, esses é que já estavam fixados, com larga antecedência. Lembro-me que correria champanhe e, em Lagos, onde fazíamos base, se comprariam, com oportunidade, para sobremesa, uns bolos famosos, chamados "D. Rodrigos".

As despesas extra, nestas festas — ia-me esquecendo de observar — corriam sempre, por mais estranho que pareça, por conta dos homenageados. Só os brindes, que o álcool ingerido tornava mais quentes, eram gratuitos.

Pois certo dia, como a promoção esperada nunca mais viesse, alguém teve maquiavélica inspiração:

— Que diabo! ... O regresso a Lisboa está para breve. Os "D. Rodrigos" escapam à nossa gula! ... O champanhe não nos fará piquinhos na garganta! ... Pois se o Ministério não promove os rapazes... façamo-lo nós...

E daí a pouco se forjava na cabine da T. S. F., com todos os detalhes, o rádio da promoção. Ia-se a navegar. Um

telegrafista levou o impresso ao oficial de quarto. Este logo o mostrou ao adjunto — um dos três aspirantes, que sorriu de pura felicidade.

O navio fundeou em Lagos, naquela tarde. A embarcação de bordo foi logo a terra, com o despenseiro dos oficiais. Os famosos "D. Rodrigos" não podiam faltar à sobremesa.

O jantar foi animado. Inflamaram-se discursos. Entrechocaram-se taças, fervilhando champanhe.

No fim do jantar, comido o último "D. Rodrigo", sorvida a derradeira gota, de novo apareceu, desta vez à porta da câmara dos oficiais, o mesmo telegrafista, com segundo rádio, tão velhaco e mentiroso como o primeiro. Rezava assim: *Motivo verificar-se última hora falta de verba orçamento são despromovidos os aspirantes...*

Foi uma desilusão para os pobres rapazes — e o doce que haviam comido decerto lhes amargou na boca.

... E quando, passados dois dias, o rádio autêntico, verdadeiro, genuíno, chegou com a promoção ... eles teimavam em não acreditar ...

S. B.

Numismática e Medalhística

A unidade monetária "Escudo" fez 68 anos (IV)

Com a publicação deste artigo concluimos a transcrição do que se passou em 1911, quando se promulgou o "escudo" como unidade monetária no nosso país.

Art. 8.º — Ninguem poderá ser obrigado a receber, em qualquer pagamento, seja qual for a sua importancia e proveniencia, mais do que dez escudos em moeda de prata.

Art. 9.º — Serão cunhadas e emitidas moedas de bronze-nickel dos valores legais de 4, 2, 1 e 0,5 "centavos", cuja equivalencia em réis, diametros, pesos, toque e tolerancias são indicadas no quadro seguinte:

Estas moedas não serão serrilhadas, terão no anverso uma composição ou figura symbolica com a legenda REPUBLICA PORTUGUESA e a era da cunhagem em algarismos; e no reverso a designação do valor, devidamente ornamentado. Os primeiros tres milhões de cada uma d'estas especies de moeda terão ornamentação differente das restantes e a data de 5 de Outubro de 1910, em commemoração da proclamação da Republica.

§ unico — Abrir-se-ha igualmente concurso entre os artistas portugueses para os modelos e gravuras das faces d'estas moedas.

Art. 10.º — A cunhagem e emissão das moedas de bronze-nickel são exclusivamente reservadas para o Esta-

Designação das moedas	Equivalencias no actual systema Réis	Diametros Millimetros	TOQUE		PESOS	
			Toque legal Millesimos	Tolerancia Millesimos	Peso legal Grammas	Tolerancia Millesimos
4 centavos	40	23	bronze		5,000	
2 centavos	20	21	75	± 10	4,000	± 15
1 centavo	10	19	nickel		3,000	
0,5 centavo	5	17	25		2,000	

do e não poderão exceder os limites fixados no quadro seguinte:

Designação das moedas	Numero de moedas	Importancias — Escudos
4 centavos	25.000:000	1:000.000$
2 centavos	100.000:000	2:000.000$
1 centavo	50.000:000	500.000$
0,5 centavo	50.000:000	250.000$
Total	225.000:000	3:750.000$

Art. 11.º — Ninguem poderá ser obrigado a receber em qualquer pagamento, seja qual for a sua importancia e origem, mais que um escudo em moedas de bronze-nickel.

Art. 12.º — É o Governo autorizado a mandar recolher as actuaes moedas de ouro, prata, cobre-nickel e bronze, que serão trocadas por especies correspondentes do novo systema, segundo as equivalencias mencionadas nos artigos 2.º, 6.º e 9.º.

§ unico — Exceptuam-se da disposição deste artigo as moedas commemorativas dos centenarios da India, Guerra Peninsular e Marquês de Pombal, que continuarão em circulação segundo as equivalencias designadas no artigo 6.º.

Art. 13.º — A cunhagem a que se refere o artigo 7.º será effectuada no prazo de tres a quatro anos, a contar da data da publicação d'esta lei, melhorando-se para isso convenientemente os meios de que dispõe a Casa da Moeda.

§ unico — O Governo abrirá por conta dos lucros da amoedação os creditos necessários para a execução d'este artigo.

Art. 14.º — É o Governo autorizado a adquirir em concurso publico a prata, cobre e nickel necessarios para a cunhagem a que se refere o artigo anterior, e a vender, tambem em concurso publico, os metaes existentes na Casa da Moeda, e os provenientes da recolha das moedas actuaes, que não forem precisos para a referida cunhagem.

Art. 15.º — O Governo publicará as instruções necessárias para a completa execução d'esta lei, e determinará opportunamente o anno economico em que a contabilidade publica começará a ser feita segundo o novo systema monetario.

Art. 16.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Determina-se portanto que todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contém.

O Ministro das Finanças o faça imprimir, publicar e correr.

Dado nos Paços do Governo da Republica, em 22 de Maio de 1911 — Joaquim Theophilo Braga — António José de Almeida — Bernardino Machado — José Relvas — António Xavier Correia Barreto — Amaro de Azevedo Gomes — Manuel de Brito Camacho.

("Diario do Governo" n.º 122, de 26 de Maio de 1911).

Segundo o "Wrold Coins" (KRAUSE), o escudo é mencionado nas numárias de Angola, Argentina, Bolívia, Cabo Verde, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Guiné-Bissau, India Portuguesa, México, Moçambique, Peru, Portugal, Espanha, S. Tomé e Príncipe e Timor e o centavo em Angola, Argentina, Bolívia, Brasil, Cabo Verde, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Demonicana, Equador, Guatemala, Guiné-Bissau, Honduras, India Portuguesa, México, Moçambique, Nicarágua, Paraguai, Peru, Filipinas, Portugal, Porto Rico, Salvador, S. Tomé e Príncipe, Timor e Venezuela.

AFAC

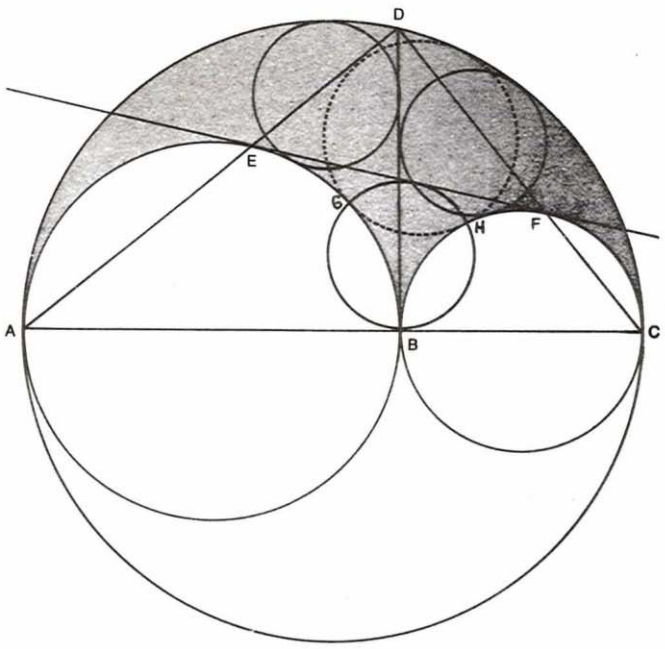
Curiosidades

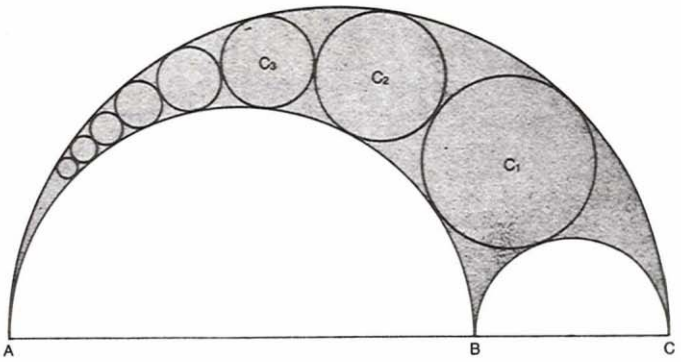
Problemas de Geometria

Círculos tangentes

Supõe-se que a figura 1 que hoje apresentamos terá sido já tratada e estudada na Antiguidade por Arquimedes, sendo conhecida por "Arbelos" (da palavra grega que significava "faca de sapateiro") pois se parece com uma lâmina da faca que os antigos sapateiros gregos usavam. É a zona sombreada da figura limitada pelas semi-circunferências de diâmetros $\overline{AB}$, $\overline{BC}$ e $\overline{AC}$. B é um ponto qualquer em $\overline{AC}$. Damos a seguir algumas das mais espantosas propriedades do "arbelos" que poderá tentar demonstrar, pois apenas são necessários conhecimentos correntes de geometria plana:

1.º — O comprimento da semi-circunferência AC é igual à





soma dos comprimentos das semi-circunferências AB e BC.

2.° — Trace-se $\overline{BD}$ perpendicular a $\overline{AC}$. A área do "arbelos" será igual à do círculo de diâmetro $\overline{BD}$.

3.° — $\overline{BD}$ divide o "arbelos" em duas partes. Os círculos inscritos em cada parte são iguais e cada um tem por diâmetro $(\overline{AB} \times \overline{BC}) : \overline{AC}$. O mais pequeno dos círculos circunscritos a estes dois círculos iguais também tem a mesma área que o "arbelos".

4.° — Trace-se uma tangente aos arcos AB e BC. Os pontos de tangência E e F pertencem aos segmentos $\overline{AD}$ e $\overline{CD}$.

5.° — $\overline{EF}$ e $\overline{BD}$ são iguais e bissectam-se. Isto assegura que a circunferência de diâmetro BD passa pelos pontos E e F

6.° — Cerca de 1950, Leon Bankoff, um matemático nas horas vagas, melhorou a descoberta das duas circunferências iguais, atribuída a Arquimedes, da seguinte forma: traçou uma circunferência (a traço interrompido na figura 1) tangente às circunferências iniciais.

A circunferência que passa por B e pelos pontos de tangência G e H daquela, é igual às duas atribuídas a Arquimedes.

7.° — Construa-se dentro do "arbelos" uma sequência de círculos tangentes, sendo o primeiro tangente aos três iniciais. Continue-se para a esquerda tanto quanto se queira como mostra a figura 2.

Sejam eles os círculos de centros C_1, C_2, C_3, etc. Os centros de todos os círculos estão sobre uma elipse.

O diâmetro de qualquer círculo C_n é $\frac{1}{n}$ da distância do centro desse círculo à linha base $\overline{ABC}$. Este notável resultado aparece numa obra de Pappus de Alexandria no século IV da nossa era, com a referência de que se tratava de um teorema antigo. A demonstração de Pappus é bastante fastidiosa porque ele não conhecia ainda a geometria da inversão que só apareceu no século XIX.

Invertendo toda a figura, adoptando A como centro de inversão, as semi-circunferências AB e AC transformar-se-ão em rectas paralelas e a sequência de círculos tornar-se-á um conjunto de círculos iguais tangentes às duas paralelas.

8.° — Se $\overline{AB} = 2$ e $\overline{AC} = 3$ então a sequência de círculos tangentes tem muitas mais surpresas. Os diâmetros de todos os círculos da série serão fracções racionais do tipo $\frac{6}{n^2 + 6}$ Assim, o correspondente a C_1 será $\frac{6}{7}$; a C_2 $\frac{3}{5}$ e assim sucessivamente.

Neste caso, o centro de C_2 situa-se no diâmetro do círculo maior que é perpendicular à linha base $\overline{AC}$. Mais ainda, os centros de C_2 e C_3 ficam sobre uma paralela a $\overline{AC}$. O mesmo se passa com os centros de C_1 e C_6. Este resultado é um caso particular de um teorema mais geral e interessante e que é o seguinte: *Se $\overline{AB}$ e $\overline{AC}$ são inteiros e $\overline{AC} = \overline{AB} + 1$ então os círculos cujos números de ordem dêem um produto igual a $\overline{AB} \times \overline{AC}$ ficam numa linha paralela a AC. Assim, se AB = 3 e AC = 4, estarão nessas condições os pares de círculos 1 e 12, 2 e 6 e 3 e 4.*

(Extraído do "Scientific American" — Jan. 79)

O. Lemos
Cap.-m.-g.

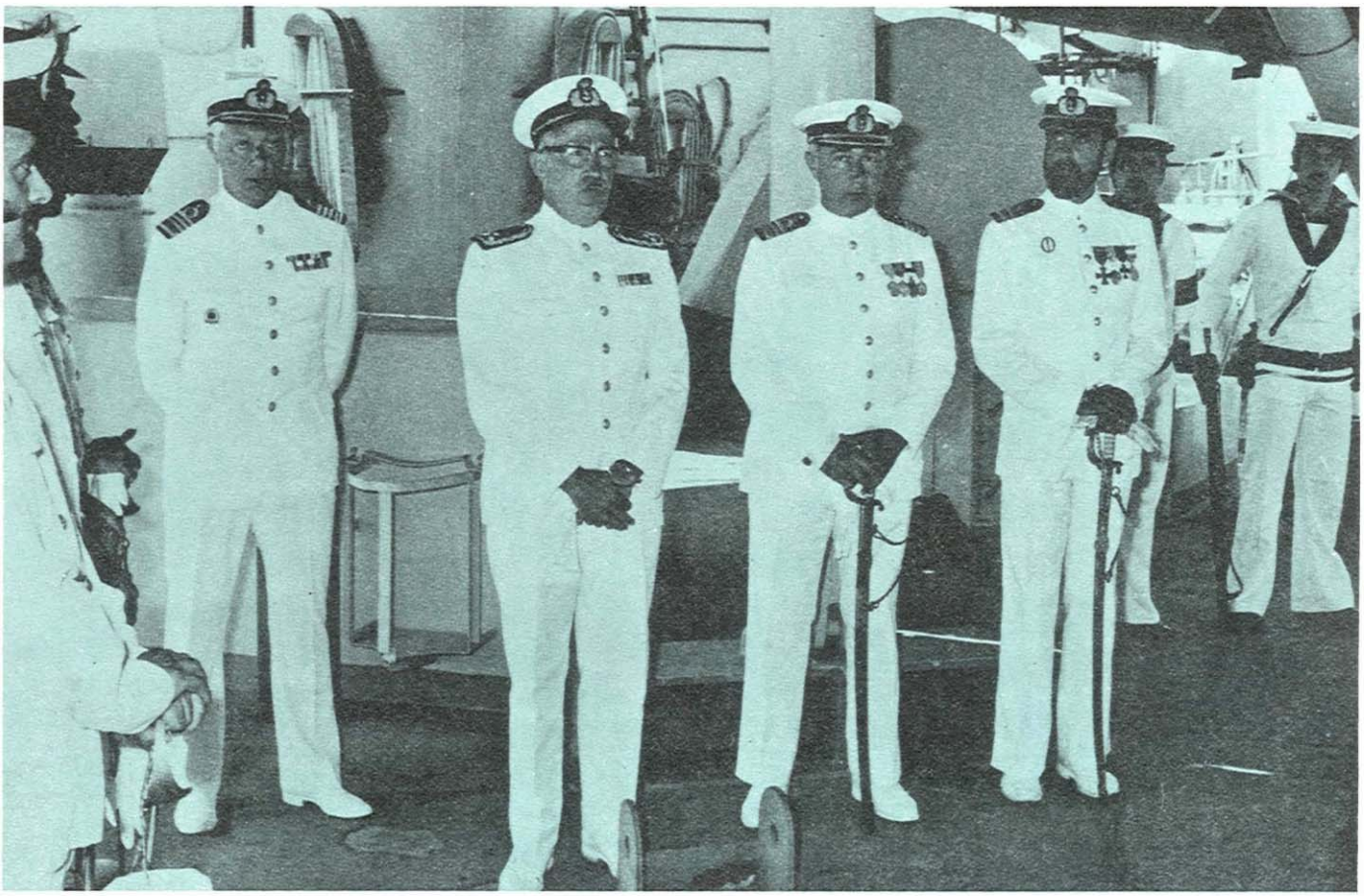
Reportagem

FISCALIZAÇÃO DA COSTA

Durante os meses de Julho e Agosto p. p., unidades navais em patrulha nas águas sob jurisdição do Comando Naval do Continente, com incidência na fiscalização da pesca e na repressão do contrabando, procederam à identificação de diversas embarcações, de que resultou o apresamento de sete delas, das quais quatro de nacionalidade espanhola, por infracções várias à regulamentação das pescas. Estas embarcações foram entregues às autoridades marítimas das respectivas áreas para levantamento dos devidos autos de notícia.

Igualmente, no mesmo período, o Centro Naval de Busca e Salvamento, integrado naquele comando, interveio em diversas acções, no âmbito das suas actividades, nomeadamente em relação a três embarcações de pesca nacionais e oito de recreio e ao desaparecimento de uma aeronave.

A "ALMIRANTE MAGALHÃES CORRÊA" TEM NOVO COMANDANTE



Na Base Naval de Lisboa, no Alfeite, realizou-se, no passado dia 14 de Agosto, a cerimónia da entrega do comando da fragata "Almirante

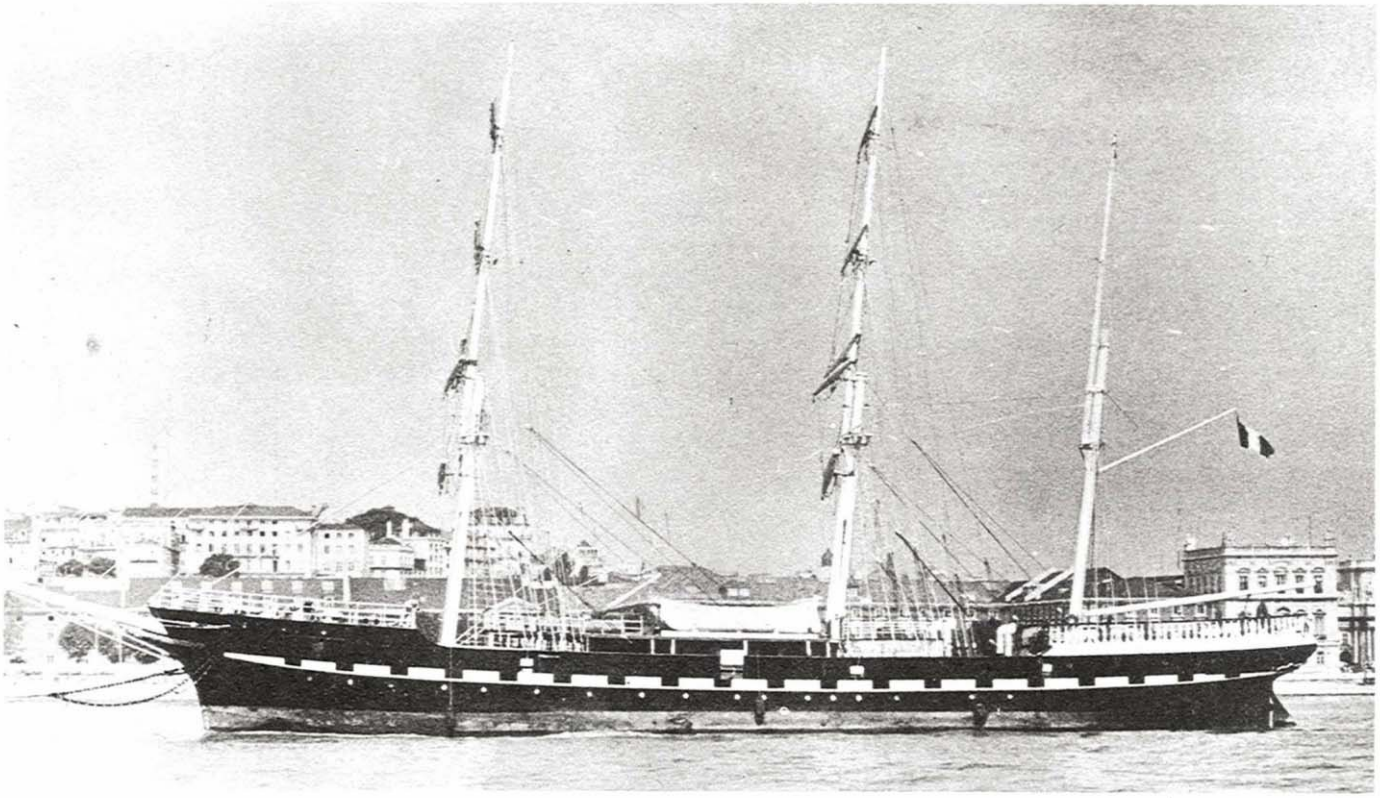
Magalhães Corrêa", presidida pelo vice-almirante Ramos Rocha, comandante naval do Continente.
Após ter sido lida a ordem de serviço à formatura geral da guarnição, na tolda do navio, o almirante Ramos Rocha proferiu algumas palavras alusivas ao acto, tendo posteriormente usado da palavra o empossado, capitão-de-fragata Rodrigues Paulo.
Assistiram a esta cerimónia diversos oficiais, nomeadamente o chefe do estado-maior do C. N. C.

(Colaboração do C. N. C.)

PRESENÇA NAVAL EM ALCOUTIM

O navio-patrulha "Cuanza" participou recentemente nas festas locais de Alcoutim, vila fronteiriça algarvia nas margens do Guadiana.
Embora não tenha sido a primeira vez que unidades da Armada subiram o rio, aliás navegável até ao Pomarão, a presença de um navio em Alcoutim, a cerca de 30 milhas da costa, é um facto pouco usual e que suscitou a curiosidade de vários órgãos de comunicação social.
Durante a estadia em Alcoutim, de 7 a 9 de Setembro findo, o navio esteve patente ao público recebendo numerosos visitantes, quer portugueses quer espanhóis. Realizou-se também a bordo uma recepção onde estiveram presentes as autoridades locais de Alcoutim e ainda as da vizinha povoação espanhola de San Lucar del Guadiana.
De assinalar o carinho com que a guarnição do "Cuanza" foi recebida pelas autoridades e população local, que embora vivendo relativamente afastados da costa mostraram apreciar a visita de navios da Marinha de Guerra e ter grande interesse pela Armada.

(Colaboração do C. N. C.)



UM NOVO VELEIRO PARA A ESCOLA NAVAL FRANCESA

Nos dias 11 e 12 de Setembro findo, passou por Lisboa o rebocador da Armada francesa "Éléphant", que le-

vava de Toulon para Brest o veleiro "Belém".

O navio, de três mastros, 63,33 metros de comprimento e 8,79 de boca, desloca 690 toneladas.

Foi construído nos estaleiros de Nantes, em 1896, e fez carreiras para transporte de mercadorias entre aquele porto francês e Belém, no Brasil.

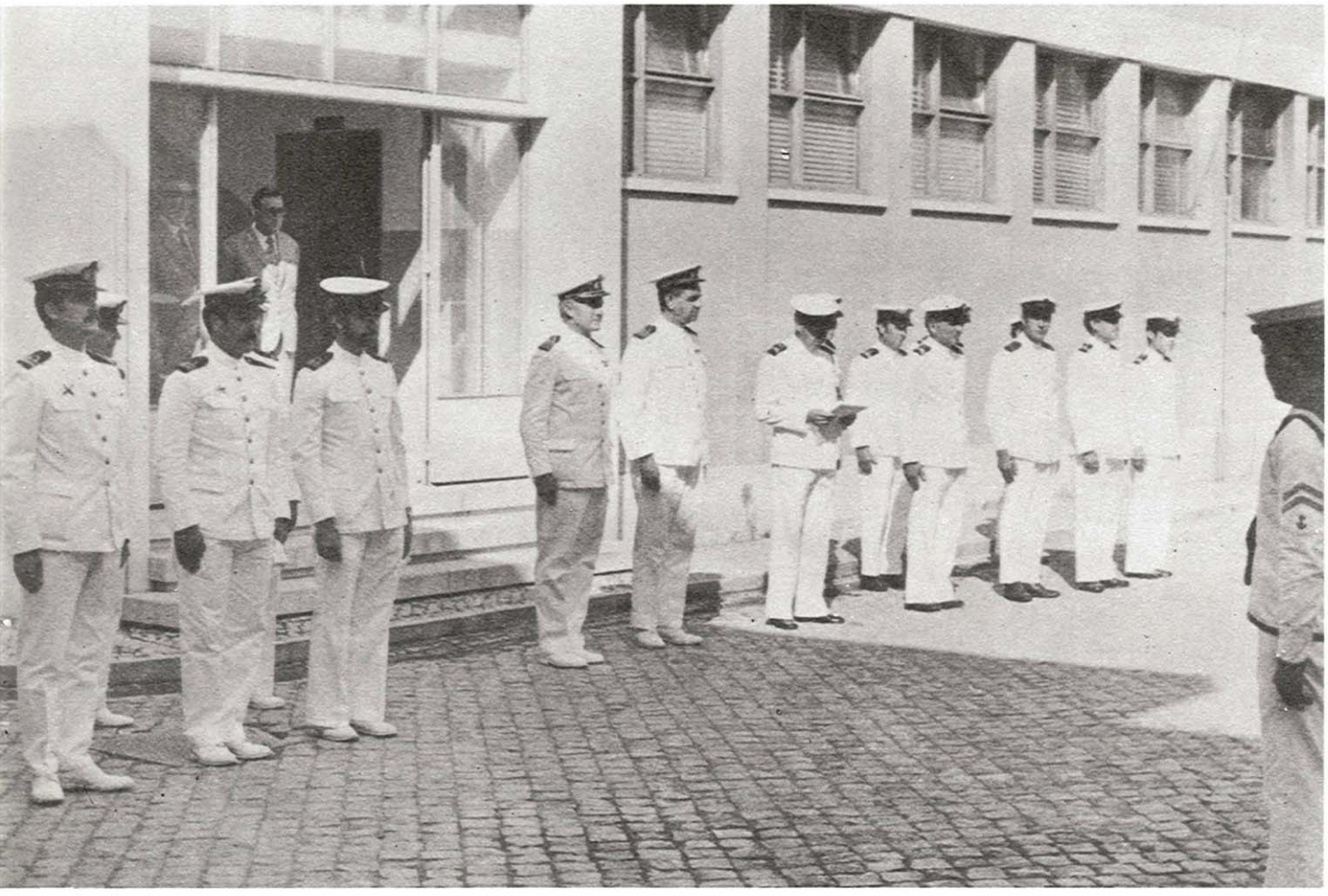
Foi depois adquirido pelo duque de Westminster para servir de iate de cruzeiro; mudou de proprietário em 1921 e em 1952 foi vendido para Itália, tomando o nome de "Giorgio-Cini". Em 1965, deixou de navegar e o seu proprietário ofereceu-o à Marinha italiana que o manteve, mais ou menos abandonado, no porto de Veneza.

Durante uma visita a este porto da Associação para a Salvaguarda e Conservação de Antigos Navios Franceses, alguns dos seus membros resolveram adquiri-lo, criando-se, para o efeito, um comité, presidido pelo ministro dos Transportes e do qual fazia parte o director da Marinha Mercante que, com a ajuda do Ministério da Defesa conseguiu os meios necessários para a sua compra. Agora, pertence à Fundação Belém e será usado como veleiro de instrução da Escola Naval e navio de representação.

Calcula-se que desempenhe estes serviços por 10 a 15 anos, após o que irá guarnecer o Museu do Atlântico, em Port-Louis.

N. R. — Quando haverá em Portugal uma associação para salvaguarda e conservação de antigos navios portugueses?

NOVO COMANDANTE DA ZONA MARÍTIMA DO SUL

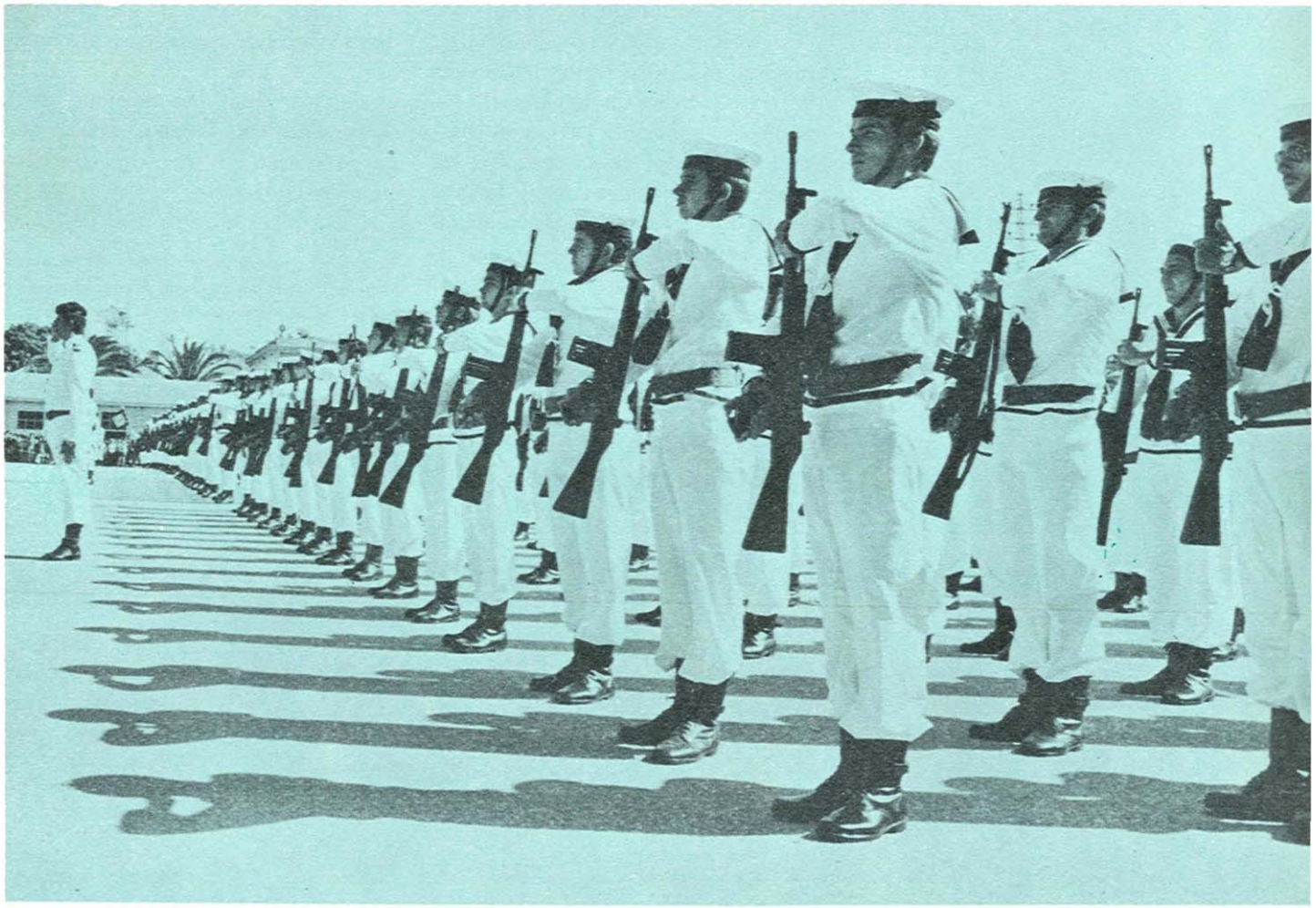


No dia 19 de Setembro último, na sede do Comando da Zona Marítima do Sul, em Faro, o capitão-de-mar-e-guerra Lopes Jonet

assumiu as funções de comandante daquela Zona Marítima. Deixou de exercer este cargo o capitão-de-mar-e-guerra Baptista Correia, recentemente atingido pelo limite de idade para passagem à Reserva.

(Colaboração do C. N. C.)

NOVOS MARINHEIROS JURAM BANDEIRA



No Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, realizaram-se, no dia 21 de Setembro findo, as cerimónias do juramento de bandeira de 787 recrutas da 2.ª incorporação do ano em curso, que haviam terminado o IBM (Instrução Militar Básica), e de 15 segundos-grumetes voluntários dos cursos de MQ e ET.

Presidiu o vice-chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Bustorff Guerra, que estava acompanhado de militares dos três ramos das Forças Armadas e entidades civis e militarizadas.

Após o comandante da Escola de Alunos Marinheiros, capitão-de-fragata Leiria Pinto, ter proferido uma exortação aos novos marinheiros, em que foi referido que *um dos objectivos do período de instrução que agora terminastes foi ministrar-vos uma preparação militar básica por forma a iniciar a formação militar e desenvolver a formação humana tendo em vista consolidar e implementar o sentido do patriotismo, da dignidade e responsabilidade de cada um de vós*, foi feita a distribuição dos prémios escolares aos seguintes recrutas:

2.º-gr. rec. n.º 217779, Almeida Figueiredo (Prémio de Aprumo Militar); 2.º-gr. rec. n.º 226279, Marreiro da Costa (Prémio Exame Final de Instrução); 2.º-gr. rec. n.º 205179, Borges de Azevedo (Prémio de Educação Física), e 2.º-gr. rec. n.º 238079,

Rebelo Coelho (Prémio de Habilitações Literárias).

O acto prosseguiu com a leitura dos Deveres Militares e da Fórmula do Juramento, após o que o Batalhão Escolar desfilou perante as entidades presentes, tendo as cerimónias terminado com demonstrações de "ordem unida" e de destreza física.

Quarto de Folga

ARRE BURRO!

Quando, por qualquer motivo, alguém profere a frase: *Arre burro!...* faz-nos recordar uma cena de humor, ocorrida há muitos anos em Lisboa, de que foram protagonistas duas praças da Armada.

Naquele tempo, as praças da Armada compareciam junto das camadas populares e faziam gala em se apresentarem com o uniforme impecável, cujo tecido, proveniente de Macau, adquiriam à sua custa e mandavam confeccionar nos alfaiates mais hábeis. Traziam sempre o fato bem vincado, os cabelos alinhados e, não era raro serem surpreendidos por uma jovem puxando-lhes a ponta do alcaxa, alegando que era para ter um gosto. Belos tempos em que o povo descia à rua para apreciar a garbosa marcha das companhias de marinheiros desfilando, saudando-os com palmas à sua passagem. Quer-nos parecer que as praças da Armada a continuarem assim, como que envergonhadas, perdem a popularidade que as caracteriza porque — sem razão — deixaram de se ver na rua os marinheiros uniformizados, e é pena. Mas não foi para falar deste assunto que viemos aqui.

Certo dia, dois camaradas resolveram fardar-se correctamente e dar um passeio à feira da Luz. Divertiram-se imenso, quer atirando piropos às moças que lhes sorriam com simpatia, quer regalando-se com o vinho e petiscos de que aquela feira mantém tradição. Já bem dispostos, um deles, lá porque os pais tinham uma nora para tirar água dum poço, resolveu comprar um burro. Apreçado o animal, discutido o negócio, um abatimento feito, e o burro conheceu novo dono.

Como bons amigos que eram, e sendo o burro pequeno, resolveram utilizar o animal alternadamente; vinha um a pé e o outro montado ou vice-versa. Porém, foram pouco felizes no percurso que escolheram para o regresso; descontraídos, e quando desciam a Avenida da Liberdade, ao passarem junto da esplanada, depararam com um oficial da GNR. O dono do burro, que vinha montado, talvez porque os marinheiros não costumavam andar montados em burros, enervou-se e pretendeu sair depressa daquela situação. Cumprimentou o oficial e, simultaneamente, disse: *Arre burro!* Foi o diabo! Despeitado, o oficial interpretou mal a atitude da praça considerando que lhe havia faltado ao respeito e, apesar das desculpas e justificações apresentadas, conduziu-a ao Quartel do Carmo onde fez a respectiva participação.

A praça veio detida para bordo e o burro ficou no Carmo.

Nunca soubemos qual o efeito da participação; apenas tivemos conhecimento que, quando o dono do burro tentou resgatar o animal, ao ser informado da conta a pagar pela "estadia"... desistiu!

Joaquim Gomes Ferreira
1.º-ten. SG

ANAGRAMAS GEOGRÁFICOS

Veja se descobre os nomes de cidades, vilas e aldeia da Metrópole que se encontram nos seguintes anagramas:

1 — Leiam rim.
2 — Ma alda.
3 — Dei amor.
4 — Quer anel.
5 — Cala boca.
6 — Rema voar.
7 — Rita va.
8 — Cobre sal.

(Solução no próximo número)

B. Carreira
Cap.-m.-g.

BRIDGE

NORTE
♠ R D V 10 5
♥ 2
♦ A 3
♣ D 8 7 3 2

OESTE
♠ 3 2
♥ V 8 4
♦ 9 8 6
♣ A R 9 6 5

LESTE
♠ 9 8 7 4
♥ A 9 7 6 5 3
♦ R 4
♣ V

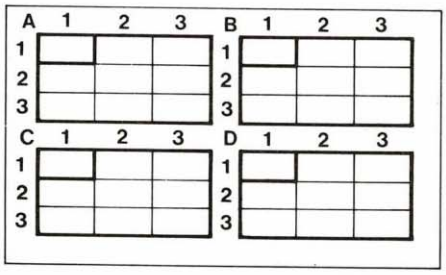
SUL
♠ A 6
♥ R D 10
♦ D V 10 7 5 2
♣ 10 4

Sul marcou 3 sem trunfo.
Oeste atacou com o 6 de paus. Sul jogou baixo, do morto, e Leste, feita a vasa com o Valete, jogou 6 de copas. O declarante apanhou com o Rei e puxou ouros, tentando a passagem ao Rei. Qual é a melhor defesa do Leste? Pode ser cumprido o contrato contra a melhor defesa?

(Solução no próximo número)

— Olha, querido, tenho de desligar. O meu chefe há meia hora que está aqui com uns papéis para mim ...

QUADRO MÁGICO SILÁBICO



Para A: 1—Pessoa económica. 2—Curva em que assenta a varanda da popa, nos navios de alto bordo. 3—Galo grande.
Para B: 1—Antiga embarcação asiática. 2—Embarcação de leme comprido, usada no Douro. 3—Glande do carvalho e da azinheira.
Para C: 1—Régua que gira circularmente e mostra os graus do astrolábio. 2—Prática da medicina. 3—Cobrir de nácar.
Para D: 1—Bateria empregada na pesca fluvial. 2—Cheio de brenhas; silvestre. 3—Limonada gasosa, preparada com anidrido carbónico. Conceito: Pequeno barco usado no alto Minho.

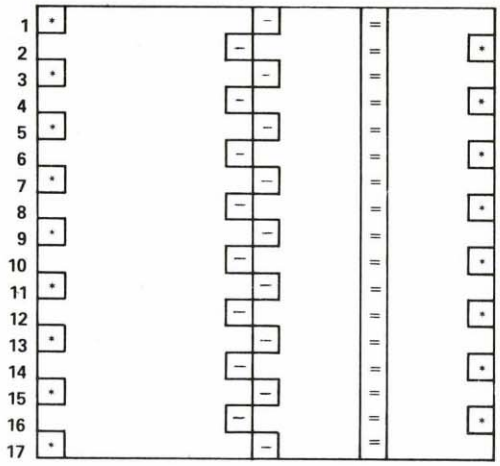
Este passatempo compõe-se de palavras de 3 sílabas. Coloque uma sílaba em cada quadrícula e encontrará o conceito nas quadrículas negras.
Nota: Os sinónimos das horizontais = verticais.

(Solução no próximo número)

MINDOGUES

CONCURSO N.º 98 *Sorteio de um prémio entre as respostas certas.*

PALAVRAS SUBTRAÍDAS

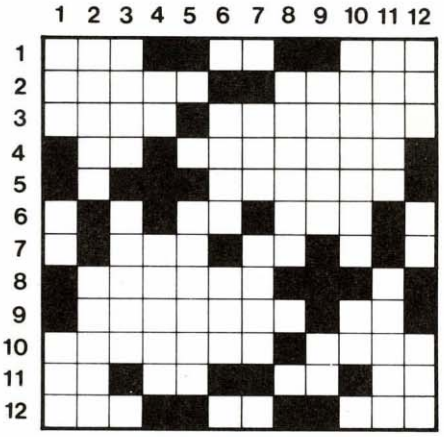


1—Feitio — forma do verbo ser = Conjunto de pequenas plantas agrestes. 2—Hospital para leprosos — doença das azeitonas = Espécie de albufeira. 3—Chalaça — família = Arma antiga. 4 — Variedade de pêro doce — caixa de madeira = Lagariça dos lagares de vinho. 5—Planta da América, de cujos tubérculos se extrai a fécula, chamada araruta — título dos bispos maronitas = Espécie de antílope da América do Sul. 6—Que sobrenada ou que pode boiar à superfície da água — escol = Tília (poét.). 7—Que tem a cor leitosa e esbranquiçada — espécie de capa sem mangas = Antropónimo. 8—Bola de cera, dentro da qual se metia um papel com o voto do eleitor — penugem = Auroque. 9—Título do vice-rei do Egipto até 1922 — pronome relativo = Designação de cantora notável. 10—Instrumento de gravador — cérceo = Larva que se cria nas feridas dos animais. 11—De preço elevado — malícia espirituosa = nome de peixe, caracterizado por um barbilhão na maxila inferior. 12—Sacerdote budista no Sião — peça com que se estreita a abertura dos chapéus = Hóstia consagrada. 13—Florescente — medrar = Objecto. 14—Género de frutos lenhosos como a avelã — algodoeiro = Espaço de tempo. 15—Membro de uma seita mulçumana árabe — título do bispo, em algumas igrejas orientais = Fortuna. 16—Língua do grupo decânico — género de plantas poáceas = Parte triangular de uma abóboda. 17—Pimenteira aquática — pronome pessoal = Vaso de pedra ou de metal, em que se toma banho.

(Solução no próximo número)

Ferreira da Silva
Sarg.-aj. AP RA

PALAVRAS CRUZADAS



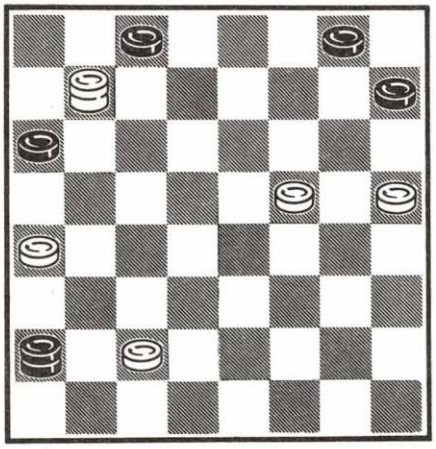
HORIZONTAIS: 1—dificuldade; rio de Itália; bolo de farinha de arroz e azeite de coco, usado na Ásia. 2—Constelação austral; pus solas em. 3—Depósito para guardar cereais; dávidas. 4—Oferece; inclina-se (navio). 5—Enganar-se. 6—Vossa Senhoria (abrev.); medida agrária. 7—O mesmo que olá; consoantes iguais. 8—Amolara. 9—Nome masculino; outra coisa. 10—Aquele que administra bens de confrarias ou irmandades; caminho ladeado por árvores. 11—Outra coisa; art. def. (pl.); campeão; parecença (inv.). 12—Antigo soberano da Pérsia (pl.); freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis; relação.
VERTICAIS: 1— Pedras de moinho; antes de Cristo; antigo cantor popular da Madeira. 2—Estéril; naquele lugar. 3—General, cônsul e ditador de Roma, grande adversário de Mário; escarnecer. 4—Dormir (inf.); formoso. 5—Nome de certos animais. 6—Composições poéticas para serem cantadas; víscera. 7—O mesmo que fazer; rio de Portugal. 8—Montanhas. 9—Adornar; aquelas. 10—Símb. quím. do alumínio; puxar à sirga. 11—Lançara peias a; classe eclesiástica. 12—Gritos de dor; cidade da Caldeia; árvore cuja casca aromatiza o vinho.

(Solução no próximo número)

Silva Cruz
Subten. OP

DAMAS

(Solução no próximo número)



As brancas jogam e ganham.

SOLUÇÕES

ARITMOGRAFIA

(Solução do problema do n.º anterior)

Horizontais:
2 × 1 + 4 = 6
6 × 2 : 4 = 3
3 × 1 − 2 = 1

Verticais:
2 + 6 − 3 = 5
1 × 2 + 1 = 3
4 + 4 − 2 = 6

BRIDGE

(Solução do problema do n.º anterior)

Sul apanha a terceira vasa de espadas com o Valete e joga o Valete de paus. Oeste joga o Ás e Sul corta com o morto e faz 3 vasas de copas. Depois deita a décima terceira copa e Oeste é obrigado a baldar um ouro para conservar o 10 de paus em segundo. Este fica num dilema: se balda um ouro, Sul passa a mão para o morto com o Ás de ouros e corta ouros a seguir; se este baldar um pau, Sul continua com o 9 de paus, obrigando a sair o 10 de Oeste que é cortado pelo morto.

XADREZ

(Solução do problema do n.º anterior)

Chave: Bg8
Existem outras 3 variantes. Quer descobri-las?

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

BRANCAS	PRETAS
13-18	22-13
2-6	3-10-1
28-32 = D	1-28

32-23-16-3-17-30 e ganham.

PALAVRAS CRUZADAS

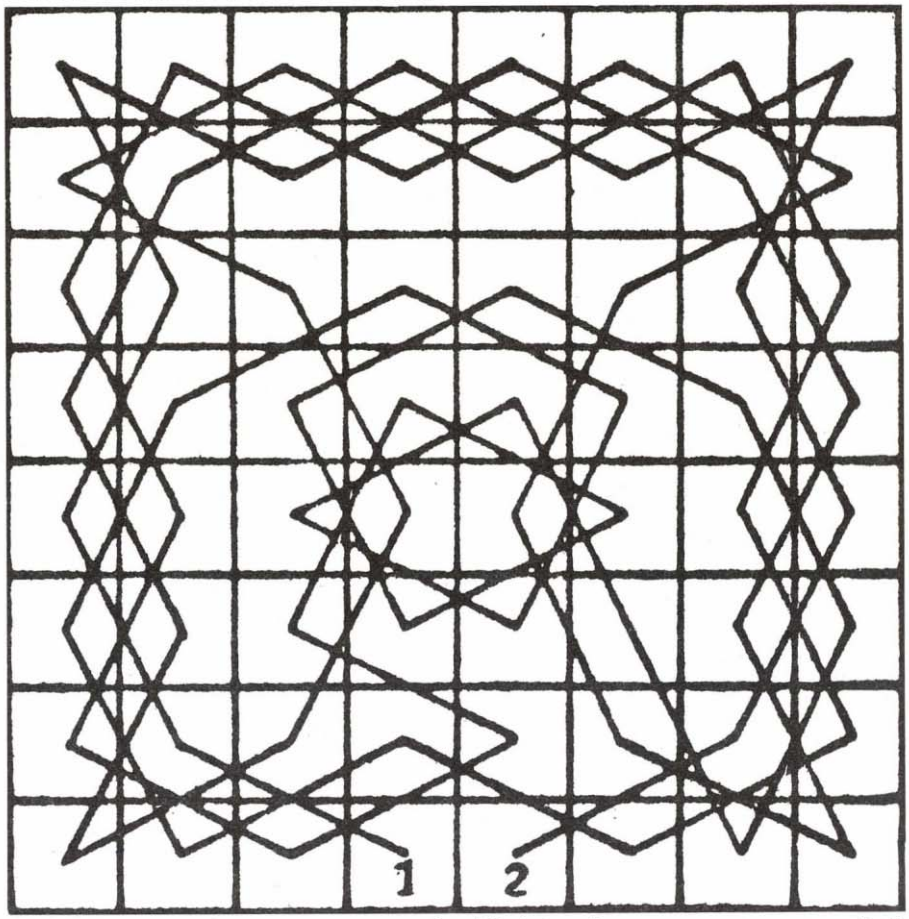
(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1 — Llado; sável. 2 — Idio; rabi. 3 — Nio; til. 4 — Cio. 5 — Ada; mia. 6 — Ia; em. 7 — Aro; sou. 8 — Pai. 9 — Asa. 10 — Iate; irós. 11 — Olaia; Maomé.

VERTICAIS: 1 — Linguifolio. 2 — LD; al. 3 — Ainda; agata. 4 — Doi; dar; ser. 5 — Oca; opa. 7 — Tom; sim. 8 — Ari; imo. 9 — Valva; útero. 10 — Eb; om. 11 — Linfomatose.

SALTO DE CAVALO

(Solução do passatempo do n.º anterior)



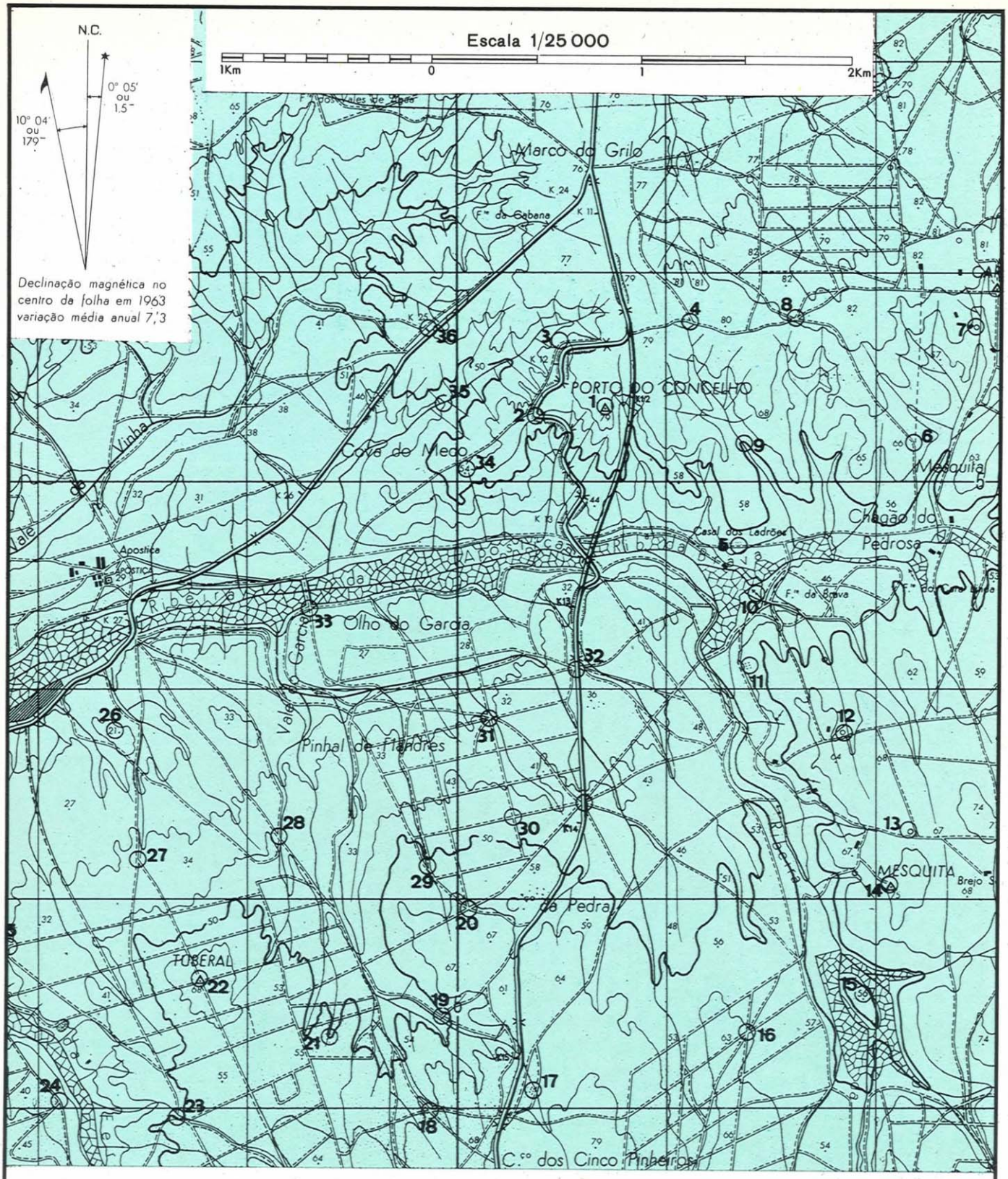
Ai, há quantos anos que eu parti chorando
D'este meu saudoso, carinhoso lar' ...
Foi há vinte? ... há trinta? ...
Nem eu sei já quando' ...

Minha velha ama, que me está fitando,

Canta-me cantigas para me eu lembrar ...

SOLUÇÕES DE CONCURSOS

A fim de permitir que as respostas certas de leitores das regiões autónomas e do estrangeiro entrem no sorteio para apuramento do vencedor de cada concurso, a respectiva solução será dada a conhecer dois meses após a sua publicação. Assim, a solução do concurso n.º 97, e respectivo vencedor, será publicada no n.º 99.



1. Marco geodésico
2. Curva de estrada
3. Curva de picada
4. Confluência de picadas
5. Casa em ruínas
6. Curva de picada
7. Poço
8. Confluência de picadas
9. Intersecção da cota dos 50 m com linha de água
10. Nascente
11. Casa em ruínas (desaparecida)
12. 13. Poço
14. Marco geodésico
15. Ponto de cota 56 (pinheiro manso)
16. Confluência de picadas
17. Casa em ruínas
18. 19. 20. Confluência de picadas
21. Intersecção da curva de nível dos 50 m com linha de água
22. Marco geodésico
23. 24. Confluência de picadas
25. Curva de picada
26. Ponta da cota 21
27. 28. 29. Confluência de picadas
30. 31. Cruzamento de aceiros
32. Cruzamento de picada com estrada
33. Picada de acesso a arrozal
34. Ponto de cota 54
35. Intersecção da curva de nível 40 m com linha dos de água
36. Km 25 da estrada

Evolução histórica dos uniformes na Armada (10)

Capitão do regimento da Armada Real–1715

A história deste precioso figurino merece ser contada para mostrar "as voltas que o mundo dá".

O falecido grande coleccionador mundial de figurinos histórico-militares, comendador Luigi Testti, possuia em Pádua, um museu e uma biblioteca — agora em poder dos seus descendentes — com várias raridades sobre o tema de uniformologia e iconografia histórico-militar.

Tinha conhecimento desse facto através de revistas estrangeiras e de exposições internacionais, entre as quais a grandiosa mostra que efectuou no Museu Metropolitano de Nova Iorque, em 1958.

Quiz o acaso que, em 1963, encontrando-me em Roma com a minha Exposição Histórico-Militar Portuguesa, a convite do Museu Militar de Uniformologia Histórica de Roma, o comendador Testti, no momento ausente em Milão, se interessasse pela mostra, encarregando o director do Museu Militar de Roma da Torre dei Conti, coronel Alexandre Gasparinetti, de adquirir tudo o que lhe pudesse interessar. Como a exposição se efectuava na própria Torre dei Conti, fácil foi ao coronel Gasparinetti escolher as peças que quis. E foram tantas que, quando o embaixador de Portugal em Roma e meu saudoso amigo, dr. Pinto de Lemos, inaugurou a exposição, tudo era praticamente propriedade do comendador Luigi Testti. Assim, finda a exposição, fui levar a Pádua os trabalhos adquiridos pelo comendador. Este, extremamente amável, mostrou-me o seu Museu-Biblioteca. Durante horas, em agradável convívio, vi preciosos figurinos históricos, ricamente iluminados, alguns parecendo arrancados a livros de horas, tais as valiosas miniaturas. Na parte figurativa portuguesa antiga, foi com espanto que deparei com os livros de padrões de panos do antigo Arsenal do Exército, alguns do século XVIII e, caso curioso, com o carimbo oval da Biblioteca do Ministério da Guerra! Disse-me então, tê-los adquirido num livreiro-alfarrabista da Rua da Misericórdia, em Lisboa. Comentários para quê? Deste e de outros factos dei então conhecimento ao director do Arquivo Histórico Militar, coronel Sá Nogueira que de imediato providenciou, e as peças ainda existentes do nosso vasto arquivo de uniformologia histórico-militar foram devidamente resguardadas e protegidas.

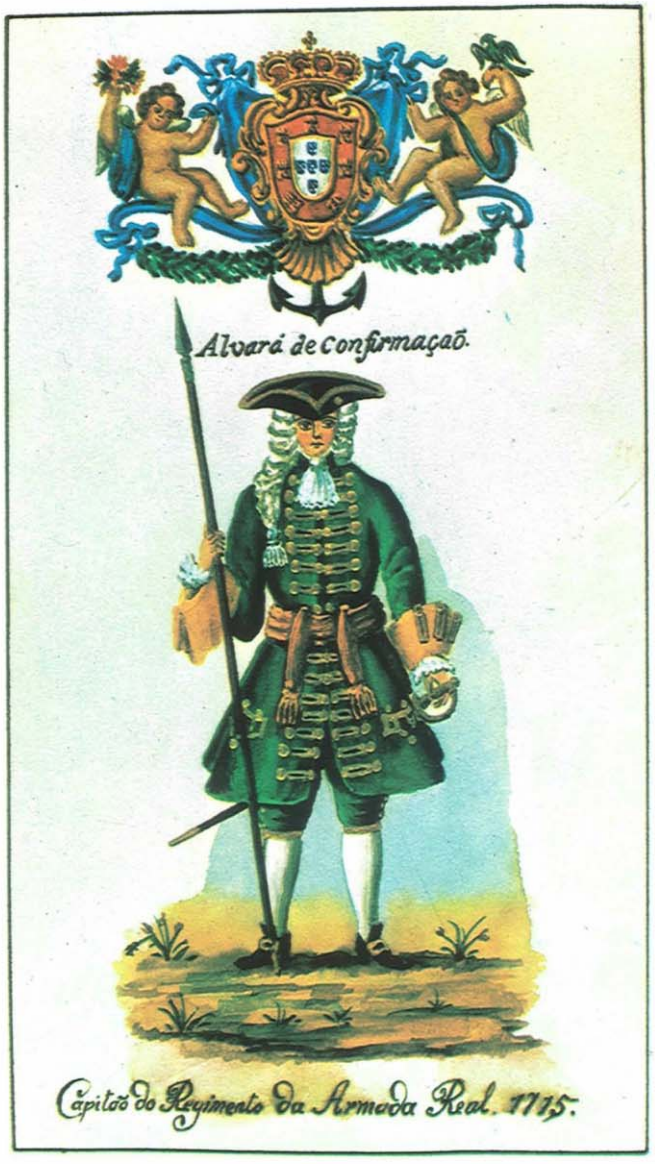
Deste modo me surgiu, na posse do comendador Testti, este e outros figurinos preciosos da Armada Real.

O que hoje apresentamos é um figurino pintado e iluminado a ouro que serviu de rosto ao alvará de confirmação, possivelmente, do Regimento da Armada Real, e mostra-nos o uniforme do capitão do Regimento em 1715. Em cima, a servir de frontão, as armas do reino que dois anjos põem a descoberto de panejamentos envolventes. Entre dois festões de verdura, e por debaixo da concha de atributo armorial, ao gosto de D. João V, uma âncora, símbolo da Marinha.

O capitão enverga casaca rodada verde e calções da mesma cor. A casaca não possui abas, tendo a todo o comprimento um empresilhado a galão de ouro e botões de metal (latão). Dos lados, dois bolsos com pala, de feitio e corte convencional, com empresilhado de galão de ouro. Canhões das mangas amarelos com empresilhado de galão de ouro. Pescocilho preto, deixando ver a gravata, de renda, da camisa que ficava por debaixo da véstia. Grande cabeleira de polvilhos(*1*), apartada à militar, a parte direita caída sobre o peito, de onde suspende uma borla de linho branco; a parte esquerda tomba sobre os ombros. À cinta, a faixa militar, em seda carmezim, cai à frente pelo atado de ambas as extremidades, de onde pendem borlas de fio de seda entrelaçada, da mesma cor. Na cabeça, o grande tricórnio, preto, com virola de galão de ouro. Estes tricórnios, conhecidos, tanto entre os civis como entre os militares, por chapéus de três bicos, tinham abas fixas por pontas de linha. Na aba do lado esquerdo "o botão", antepassado do laço nacional, preto nos militares, depois com as cores da casa real portuguesa (azul e vermelho) e, depois de 1834 (azul e branco), aposto em círculo nas barretinas militares. Suspensa do "boldrié", a espada de marinha com goteira direita, embainhada de couro negro, com ponteira de latão. Nos calções, de cada lado, três botões de latão. Nas pernas, meias de linho branco, fixas por liga de galão de ouro. Nos pés, sapatos de cordovão(*2*) negro, com fivela dourada. Na mão, empunha o espontão militar, símbolo do posto de oficial comandante de companhia.

Alberto Cutileiro
Pintor restaurador do Museu de Marinha

(Reprodução proibida)



(1) Pó branco com que se branqueava o cabelo. Era perfumado com água de rosas.

(2) Nome dado ao couro de cabra, curtido, utilizado na fabricação de calçado. Preparado na curtimenta segundo os usos árabes durante a dominação muçulmana, no emirado de Córdova. Generalizou-se depois na península pela sua maciez. Daí deriva o nome — cordovão —, muito usado no século XVIII.

N.º 99 / DEZEMBRO 1979 / ANO IX / MENSÁRIO 10$00

revista da ARMADA

Para a história da Banda da Armada

(pág. 16)

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
S. Mendes	**Memórias de Santa Maria — Açores**	4
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** J.M.W. Turner Pintor da luz e da atmosfera	6
	Saibam Todos	9
	Voz da Abita / Cartas ao Director	10
M. Horta	**Notícias Pessoais**	11
S. B.	**Histórias de Marinheiros** 12 — Caminhando para o nada	12
M. Henriques	**Amigo, amante, companheiro**	13
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	13
M. Horta	**O Ano Internacional da Criança**	14
L. Nunes	**Actividades de montanha** **Porquê e para quê**	15
M. Baltazar	**Para a história da Banda da Armada**	16
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros...**	19
G. Brandão	**Filatelia**	20
F. Santos	**História de um monitor** **de Educação Física**	21
A. Correia	**Numismática e Medalhística**	22
	Reportagem	23
	Quarto de Folga	32
M. Horta	**Os nossos navios e os seus nomes** Fragata "Jacinto Cândido"	Verso da contracapa
A. Cutileiro	**Evolução histórica** **dos uniformes na Armada (11)**	Contracapa

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
C/alm. António Júlio Malheiro
do Vale

Orientação gráfica:
Hernâni Lopes

Publicação mensal

Propriedade da Marinha

Redacção e Administração:
Praça do Comércio
1188 Lisboa Codex
Telefone: 36 89 60

N.º 99/DEZEMBRO 1979/ANO IX

Preço de venda avulso 10$00

Assinaturas anuais:
Continente e Ilhas 100$00
Estrangeiro 210$00

Via aérea — o preço da assinatura será acrescido da respectiva taxa de porte por avião.

Na capa:

A Banda da Armada desfila numa cerimónia de juramento de bandeira na Escola Naval.

(Foto do 1.º-sarg. CM R. Magalhães)

Tiragem: 10 000 exemplares.

Distribuição:
Agência Portuguesa de Revistas.

Execução gráfica:
Instituto Hidrográfico

Nota de Abertura

As crianças e o Natal

Prestes a terminar este Ano Internacional da Criança, dedico-lhes esta *Nota de Abertura*, com o carinho de pai e avô que sou.

Como muitas crianças deste mundo, também eu vivi o encantamento do Natal. Morava então numa remota aldeia da Beira, cem por cento católica, e misturava na minha mente, pura de maus pensamentos, o Menino Jesus, as prendas modestas que me daria, as filhós e rabanadas, o presépio armado na igreja paroquial... Tudo isto me deslumbrava e me fazia ansiar pela noite do Natal.

Uma grande dúvida, porém, reinava no meu espírito curioso e infantil: porque não tinham os meninos pobres da minha aldeia prendas no Natal?
E, um dia, pus o problema a minha mãe. Ela ficou um pouco embaraçada mas, breve se recompôs, dando-me esta resposta que jamais esqueci: *È que as casas dos meninos pobres, como sabes, não têm chaminé e o Menino Jesus não pode entrar...*

Os anos passaram e o Natal continua... de encantamento para os meninos que têm casa com chaminé e de desencanto para os que não têm. Até quando?

N. R. — Na época festiva que passa, a "Revista da Armada" deseja a todos os seus leitores e amigos um Natal Feliz e uma Ano Novo muito próspero.

C/alm.

Memórias de Santa Maria — Açores

Os Açores são um conjunto de pequenos mundos típicos, cada um com a sua vida e pitoresco próprios, representando os restos daquela lendária e desaparecida Atlântida. As suas ilhas, espalhadas na imensidade do Atlântico, entre o Novo e o Velho Mundo, são imagens de invulgar beleza e grandiosidade em que abundam as crateras, as montanhas, os vales, as ribeiras e quedas de água, as lagoas grandes e pequenas, as encostas cheias de vegetação luxuriante, as furnas, as estradas e caminhos aconchegados de hortênsias e um nunca acabar de variantes que nos criam ambientes de exotismo e agradável acolhimento.

Santa Maria foi a primeira ilha encontrada por Gonçalo Velho Cabral, comendador de Almourol quando, a mandado do infante D. Henrique, procurava terras ignotas e salteadas no Oceano. Primeiramente, este homem prático nas lides do mar, rumara na direcção indicada pelo infante, e vira surgir-lhe à proa grande quantidade de cachopos que, ao longe, mais faziam lembrar um formigueiro — por isso passaram a ser conhecidos por Formigas.

Só algum tempo mais tarde, precisamente em 15 de Agosto de 1432, dia de Nossa Senhora da Assunção, descobriu então o mesmo navegador a primeira ilha dos Açores, à qual dera o nome de Santa Maria, em atenção àquela data.

As ilhas dos Açores, particularmente as de S. Miguel, Terceira e Santa Maria, foram, desde sempre, alvo cobiçado das invasões dos corsários e de actos de pirataria de mouros, argelinos e turcos, por serem rotas forçadas dos galeões espanhóis, no seu regresso da América Central, pejados de produtos valiosos, fruto dos seus latrocínios; no espírito dos seus habitantes perdura a lembrança dolorosa das sevícias, danos e crimes com que os seus antepassados foram, nessa época, tão duramente flagelados.

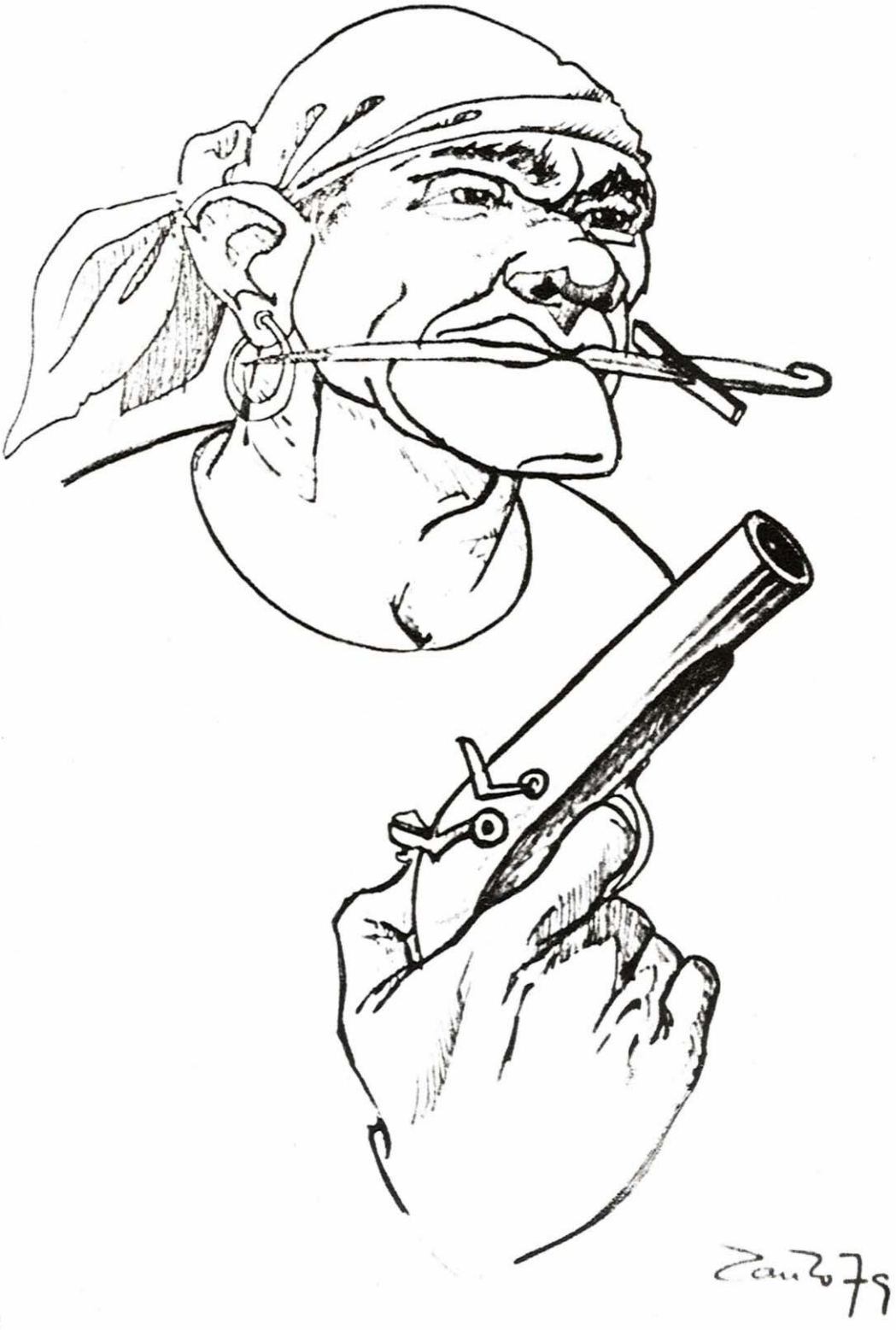
Segundo pesquisas feitas pelo mariense dr. Jacinto Monteiro em documentos de cronistas coevos, de frei Agostinho de Mont'Alverne, em arquivos da nossa Armada e açoreanos e ainda nos livros de sessões da Câmara Municipal de Vila do Porto, conseguiu este estudioso colher algo da história da pirataria, mormente no que diz respeito a Santa Maria.

Assim, diz Jacinto Monteiro: O Livro de Nossa Senhora dos Anjos Escravos da Cadeínha, um memorial encontrado na respectiva ermida, a descrição feita pormenorizadamente na Crónica de São João Evangelista, os acórdãos da Câmara Municipal de Vila do Porto e ainda a tradição popular, levam-nos a descrever um trágico episódio, o mais pungente e cruciante da história de Santa Maria. Trata-se de uma incursão de piratas argelinos, praticada barbaramente, no primeiro quartel do século XVII.

No dia 7 de Junho de 1616, sem os habitantes esperarem, uma caravela e dois patachos com mais de quinhentos mouros, desembarcaram no lugar da Praia, na parte sul da ilha. Já em 1599 haviam entrado por ali os corsários ingleses, mas a desolação não fora tão grande como desta vez.

Tabacua Raz, renegado genovês, depois de pôr a saque aquele sítio, dirige-se a Vila do Porto. O alarme depressa ressoou por toda a ilha. Os marienses, por não terem possibilidades de defesa, fogem. Uns trepam por rochedos inacessíveis, outros infiltram-se no interior dos matos, outros ainda, mais felizes, escondem-se em algares perfurados na rocha. Mont'Alverne (frei Agostinho), que admiravelmente descreve esta pavorosa cena, afirma: Muitos refugiaram-se na gruta de Santa Ana, perto dos Anjos. Na verdade, na Ponta do Risco, a noroeste daquela enseada, encontra-se uma furna, a quinze metros do nível do mar, a qual se divide em duas galerias, tendo uma mais de cinquenta metros de comprimento. Por essa razão, os mouros, ao passarem por cima, não a viram. Também estiveram a pouca distância da Ermida dos Anjos e não entraram. A tradição considera este facto como um milagre pois, se tivessem penetrado naquele eremitério, teriam feito maior número de vítimas.

Numa semana, incendiaram searas, destruiram casas por toda a ilha, profanaram templos, violaram mulheres e prenderam homens e crianças. Durante estes nefastos dias, a malvadez da mourama encheu a ilha de lágrimas e de luto. A zona mais atingida — Vila do Porto — foi quase completamente devastada. Queimaram a casa da Câmara, a Misericórdia, o Convento da Madalena, a residência do Donatário e inúmeras casas do pequeno burgo. A Matriz servia simultaneamente de estalagem e de mesquita. Os mouros farejavam por toda a parte, chegando mesmo a ir buscar os marienses aos lugares mais recônditos. Frei António de São Boaventura, escondido entre arbustos (fetos), viu os mouros darem cordas aos naturais para estes se atarem uns aos outros, a si próprios, de maneira que um só pirata armado conseguia levar mais de um cativo para a Matriz, seu Quartel-General. Enquanto saqueavam a ilha, alguns marienses foram em barcos pedir socorro à vizinha ilha de S. Miguel, mas o capitão dela retardou o auxílio. Quando aqui chegaram, passados oito dias, já os argelinos tinham levado consigo 222 cativos, entre mulheres, crianças e homens de todas as idades. A maioria não foi resgatada, e só uma terça parte, ao fim de três anos, regressou à sua terra. Muitos eram pessoas de condição, que conseguiram emancipar-se à sua própria custa;



outros, mais pobres, morreram em Argel.

Este acontecimento reflectiu-se naturalmente, como não podia deixar de ser, no livro dos acórdãos de Vila do Porto. A primeira sessão, realizada na presença do capitão da ilha, Brás Soares de Sousa, logo após a retirada dos argelinos, tem a data de 24 de Junho de 1616, mas não faz a mínima referência ao sucedido. Só no dia 23 de Julho figura menção do acontecimento, nos termos seguintes: "E por entrarẽ nesta ilha a 7 de Junho os turcos e queimarem a villa e mõtes e cativarã e matarã, roubarã muita gente com destruirem e asolarem a terra se forão" e, prevendo futuros ataques se acrescenta: "ora tem nova seata de capitam-mor de Vila Franqua e a teve de outras pessoas que nas Ilhas de baixo andavã 11 naus de Rochela (franceses huguenotes) e outros sam juntos da Ilha de Sam Miguel e destes protestantes que se novamente fosse entrada a ilha por corsários daria conta a El-Rei por sua parte ter feito o que deve".

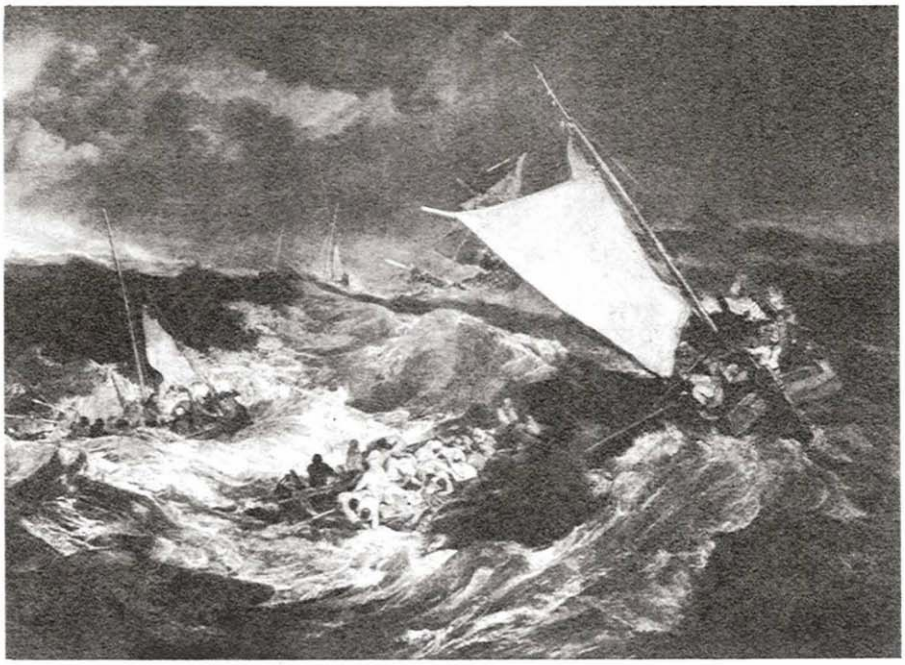
A notícia desta calamidade depressa chegou ao Reino que, em 21 de Julho de 1616 envia, com toda a brevidade armamento para a ilha, com o intuito de permitir a sua defesa.

Na Ermida dos Anjos, atrás referida, existe ainda patente ao público, um chicote e uma tábua de madeira, onde se lê com alguma dificuldade, o seguinte: NA NOUTE DE 1.º PA: O 2.º DE 7BRO DE 1675 DERÃO OS MOUROS HU ASSALTO NESTE CITIO DESTA ERMIDA A DESCUIDO DOS GUARDAS ENTRARÃ PELO PORTO CATIVARÃO 11 PESSOAS ENTRE MOLHERES E MENINOS E COM ESTE CHICOTE AS ESPANCARÃO O QUAL SE POS AQUI PARA MEMORIA DO SUCESSO PA. Q. ESTEJA PREGANDO QUE SE DS. LOGO LEVANTOU O CASTIGO FOI TALVES PO NÃO ENVOLVER MAIS INNOCETES TODAVIA DEIXOU FICAR E TERRA O AÇOUTE E Q. CASTIGOU PASÃDO DE TODO POR JUTO DELA COM TÃBEM NO ANO 1616 SAQUEÃDO TODA A ILHA HE TRADIÇÃO QUE A NÃO VIRAM VENDO-OS A TODOS QUEM DENTRO ESTAVA.

José Agostinho de Sousa Mendes
Cap.-m.-g.

Ciências Artes e Letras

J.M.W. Turner
Pintor da luz e da atmosfera



O naufrágio.

Entre as glórias da pintura inglesa, Turner é talvez a maior, já que os seus pares como Constable, Reynolds ou Gainsborough permaneceram no seu próprio quadro temporal enquanto que ele se projectava, sem que na época se desse por isso, a mais de meio século no futuro. Turner é hoje considerado o verdadeiro precursor do Impressionismo (ver n.º 1 da "Revista da Armada") e isso mais de 50 anos antes de ele fazer escola em Paris.

Até 1796 (o pintor nascera em 1775) dedicou-se com paixão à aguarela, atingindo neste tipo de pintura uma mestria e um domínio que são características relevantes dos artistas ingleses. A tradição da aguarela teve nele uma salutar influência porque, desde a apresentação do seu primeiro quadro a óleo em 1796, ver-se-á o artista, numa longa caminhada através deste género de pintura, procurar o brilho diáfano e transparente da cor, tão característico daquele outro meio de expressão. Afasta-se então da tradição inglesa e começa a pensar em termos de luz e cor em vez de forma ou luz e sombra, porque tudo é "luz colorida" — conceito e técnica a que mais tarde se veio a dar o nome de "impressionismo".

Turner dedicou-se principalmente à paisagem e às marinhas. A necessidade de apreender a natureza em todos os seus aspectos particulares, mesmo os mais medonhos e trágicos, levava-o a empreender com frequência viagens quer por terra quer fluviais e marítimas, para captar, através destas últimas, a verdadeira essência do ambiente marinho. Uma vez, sob violento temporal, pediu que o amarrassem ao mastro do navio para poder apreciar e sentir, sem correr o risco de ser arrebatado, toda a grandeza, majestade e horror do mar em fúria. Mais tarde, transpunha para a tela, favorecido por uma memória espectacular, as impressões que recolhera.

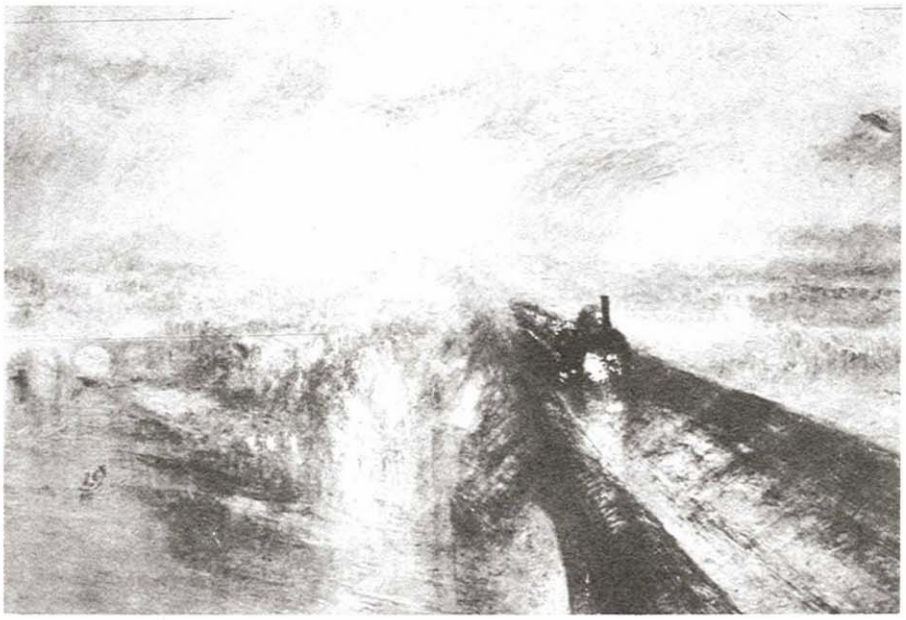
As suas telas, apresentam-se então luminosas, embora excessivamente trabalhadas, de pincelada insistente e textura compacta. Foi esta aparência superficial que os seus contemporâneos mais estranharam. "Sabão e cal" foram os termos que um crítico empregou para definir *O Naufrágio*. "Pinturas de nada" dizia outro por volta de 1816. O próprio Constable, uns anos mais tarde, referia-se a "vapor tingido". "Espuma e barrela" foi o que disseram do quadro *Tempestade de neve: barco a vapor à entrada da barra.*

O crítico W. M. Thackeray, quando

foi exposta a tela *Chuva, vapor e velocidade* com que Turner prestava homenagem ao contestado progresso da era industrial e ao advento do caminho de ferro, escrevia:

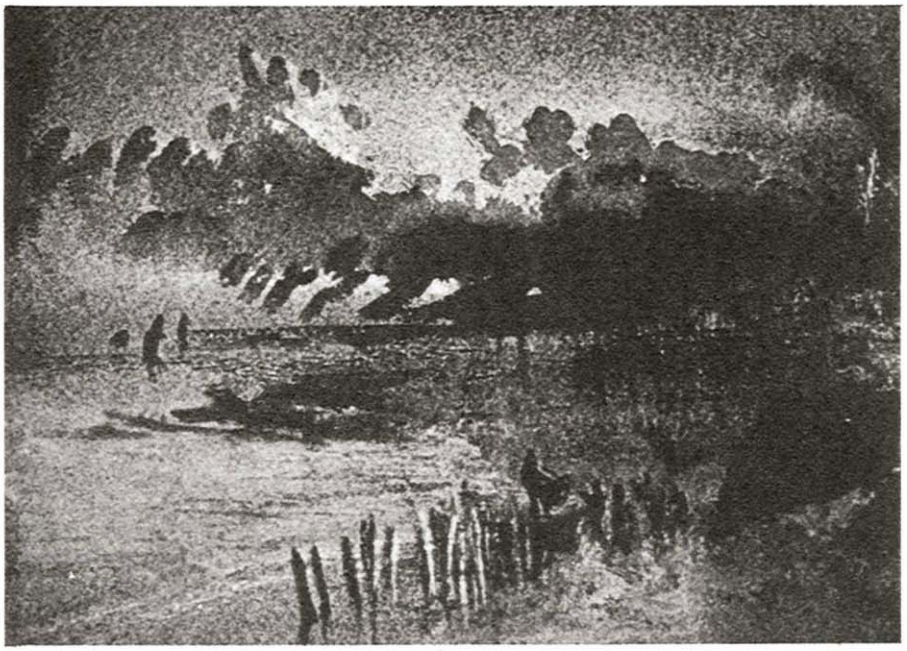
"A chuva é feita de salpicos de massa suja atirada à tela com uma colher; a luz do sol cintila a partir de pedaços de amarelo-crómio gordurosos e espessos. As sombras são produzidas por tons frios de laca carmezim e os fulgores suaves do vermelhão; no entanto, o fogo na máquina a vapor tem aspecto de ser vermelho. Não estou preparado para garantir que não seja pintado com cobalto ou verde-ervilha".

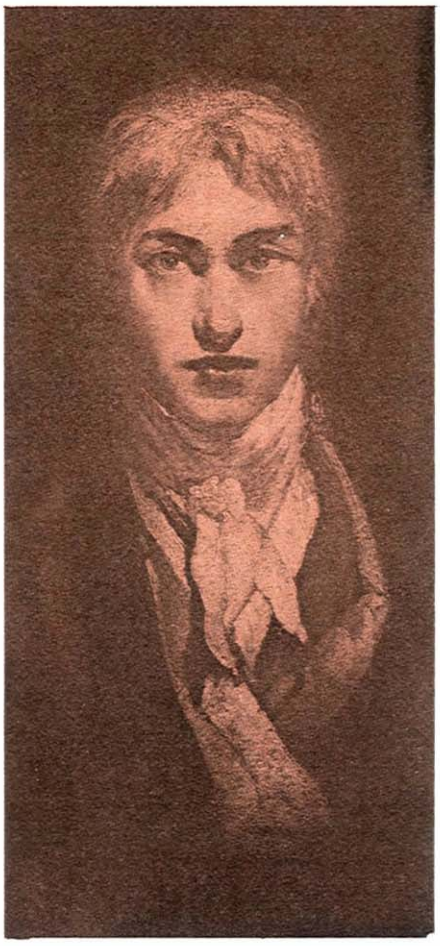
Poucos, se é que alguns, críticos estariam preparados para discernir, para lá da mera textura pictórica, a visão espacial nela implícita, um espaço real e eminentemente atmosférico em que certas pinceladas traduzem



Chuva, vapor e velocidade.

Honfleur (paisagem) (aguarela).





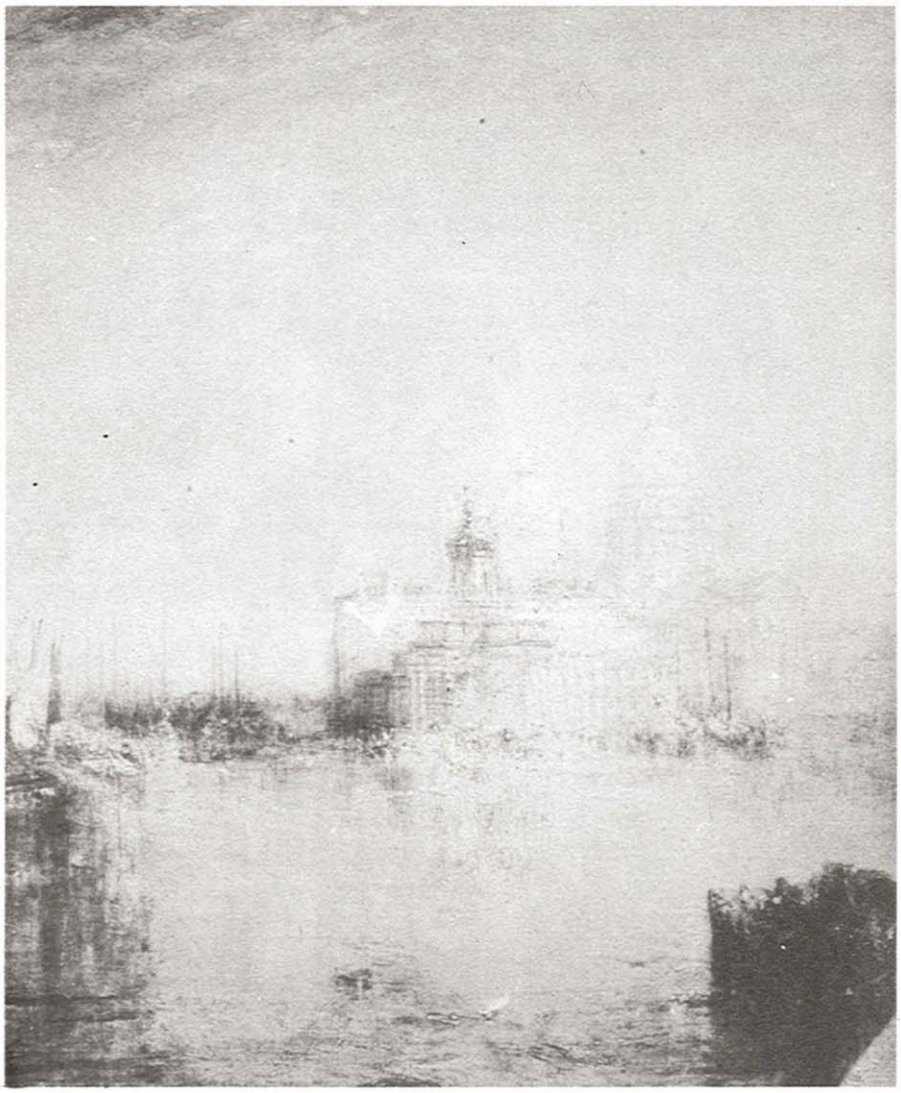
Auto-retrato.

o jogo da luz sobre os objectos, assinalando-lhes os aspectos mais salientes e mais característicos. Por outro lado, cada objecto, pessoa ou animal, ainda que sumariamente esboçados, surgem tão particularizados pelo gesto ou pela atitude, que é indiscutível o papel que desempenham no equilíbrio global da composição.

Houve entretanto um ou outro crítico, entre eles John Ruskin que, ainda em vida do artista, se aperceberam das muitas inovações e efeitos luminosos com que Turner alargava as possibilidades da pintura paisagística. O efeito do halo, por exemplo, que faz com que o Sol, ao pôr-se, abra um cavado no horizonte, é um fenómeno que raríssimos pintores antes de Turner notaram, e que aparece frequentemente nas suas pinturas.

E enquanto que na França post-revolucionária, académicos e clássicos se compraziam na feitura de grandes telas reproduzindo momentos históricos num estilo que herdara a grandiloquência da exaltação romântica, Turner, basicamente um autodidata, avesso às peias e normas da boa tradição académica, procurava captar nos seus quadros toda a poesia da natureza através da luz e da cor, numa aproximação, tanto quanto possível, da realidade.

Para Turner, o tempo e o clima tinham uma dimensão psicológica, e passou a vida inteira a estudar e a compreender o vasto reportório das expressões da natureza — nuvens sombrias de tempestade, sol radioso,



Dogana e Sta. Maria della Salute em Veneza.

vento, neblina, chuva, neve, etc. Foi ele próprio que escreveu que os pintores ingleses de paisagens eram mais afortunados do que os seus congéneres estrangeiros, porque dispunham de uma ocorrência mais frequente e variada dos diversos tipos de tempo; às vezes, podiam apreciar as quatro estações no mesmo dia.

Viajou pela Itália e pela Europa, e tinha o hábito de tomar notas e fazer esquissos, servindo-se do lápis e anotando as cores. Não gostava de esboçar a cores por causa da demora a que isso obrigava. Confiava naqueles apontamentos (que revelam uma admirável segurança e mestria do traço) e na sua prodigiosa memória. Veneza e a Escócia foram contempladas com reiterados esboços, quer a lápis quer a aguarela e óleo, oferecendo-nos tais estudos os mais belos efeitos de luz, quase mágicos, que se podem encontrar na sua obra.

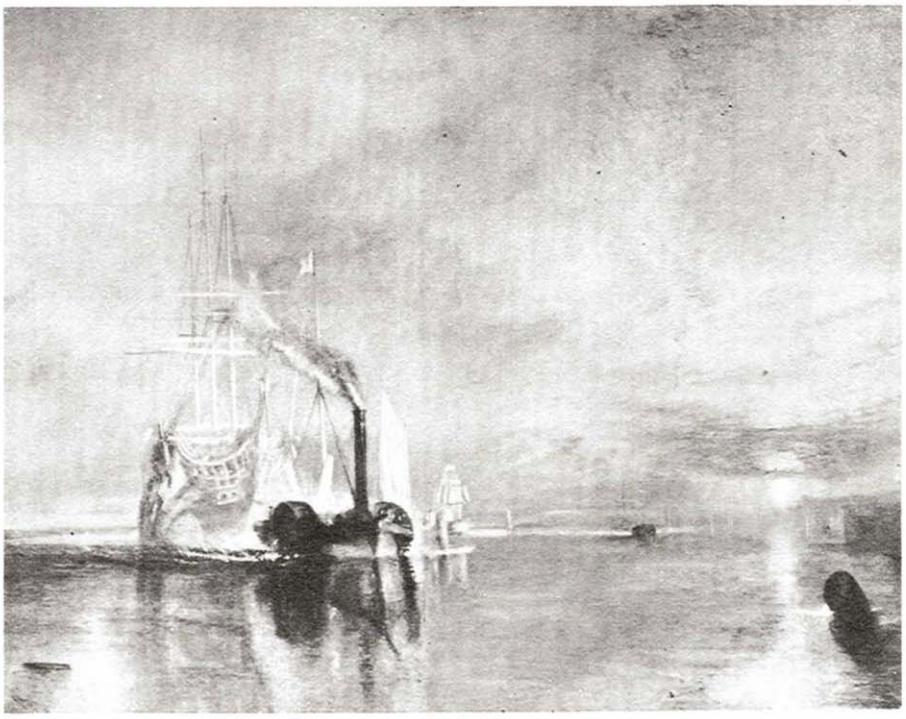
Turner era um homem feio, de feitio difícil, e tornou-se uma figura típica da sua época em Londres. Só pintou um retrato — o seu — e foi extraordinariamente indulgente com a sua pessoa. Um tanto ou quanto misantropo e pouco conversador, vivia num quase completo isolamento, fazendo a vida negra à governanta que lhe procurava pôr alguma ordem e conforto na casa que habitava. Este pendor do seu carácter acentuou-se à medida que ia envelhecendo. Nunca se casou e mostrava bem pouco interesse por tudo aquilo que se não relacionasse com a sua arte. Turner não foi insensível à época em que viveu. Acreditava no progresso e no futuro da Inglaterra. Abordou temas históricos que são por assim dizer verdadeiras odes à sua pátria, como *O Temerário,* em que nos mostra essa relíquia naval da batalha de Trafalgar, onde se distinguiu com o "Victory" de Nelson, a ser rebocado, no Tamisa, para um ancoradouro no estaleiro, por um pequeno e agressivo rebocador a vapor. É como se uma presença fantasmagórica do passado (pois o navio parece um fantasma, realmente) fosse trazido até à realidade contemporânea pela força mágica que o progresso do presente cristalizava no pulsar de uma máquina nas entranhas de uma pequena embarcação.

Turner tinha um certo pendor para a poesia e os poemas que compunha e que nem todos entendiam, não raro tinham a sua tradução na tela. Os seus sentimentos exprimiam-se mais facilmente no âmbito destes meios, do que através da palavra falada. Não deixou tradições lisonjeiras como professor da Real Academia de Londres onde ensinava perspectiva. No âmbito desse ensino, dedicou-se ao estudo da óptica e da luz (como o fizeram mais tarde até ao limite das suas possibilidades os impressionistas). Experimentou então reduzir a paleta às três cores primárias e algumas telas são o resultado dessas tentativas, aliás magnificamente bem sucedidas, como no *Castelo de Norham.* Pintou também alguns "estudos" para ilustrar a sua teoria da cor e fez uma exaustiva análise da arte dos grandes pintores do passado como Poussin, Ticiano, Rembrandt, Watteau e Canaletto.

As últimas telas de Turner (há quem duvide de que sejam realmente dos seus últimos tempos), só contempladas após a sua morte, quando se procedeu ao inventário do espólio do artista, foram, no mínimo, intrigantes. Uns disseram que se tratava de obras inacabadas; outros garantiam que se tratava de obras que o pintor terminara mas cuja exposição não acharia oportuna. São quadros onde a tinta mal aflora a tela e em que a poalha luminosa esconde contornos indistintos de vultos de monumentos ou cenas do campo, e em que o verdadeiro motivo é realmente a luz que brinca no ar. É essa "féerie" luminosa que hoje podemos apreciar na célebre Tate Galery onde se encontra reunido o maior grupo das suas obras.

Quando morreu, em 1851, já a escola realista triunfava em Inglaterra, importada de França. Manteve-se alheio à sua influência e permaneceu

enfeitiçado por um simbolismo que lhe era muito caro e muito pessoal e por uma técnica e emprego de meios a que ninguém prestava atenção. Foi só mais tarde, já por volta de 1890, que os impressionistas franceses, maravilhados com a sua cor e a sua técnica, o deram a conhecer ao mundo e lhe grangearam a enorme reputação que viria a disfrutar nos anos que se seguiram até aos nossos dias. E foi assim que o, de certa forma, obscuro pintor da primeira metade do século XIX se tornou no mais notável pintor inglês de sempre. As suas telas são sinfonias de cor — vagas encapeladas, apoteoses de céus, de nevoeiros, de fumos e nuvens — "pinturas de nada" onde a atmosfera e a luz são tudo. Passou pelo mundo sem ter interessado verdadeiramente os artistas do seu tempo, mas a fortuna (que uma certa avareza tinha amealhado pouco a pouco) destinou-a ele, em testamento, à construção de uma mansão para artistas velhos e doentes. Sob a capa de uma natureza avessa ao convívio dos homens, escondia-se afinal uma natureza humana extraordinariamente sensível.



O Temerário.

O. Lemos
Cap.-m.-g.

Saibam Todos

Que todo o pessoal da Armada — militar, militarizado e civil — tem direito a assistência jurídica, a qual está a cargo da 5.ª Repartição ("Bem-Estar") da D.S.P.

Que aquela assistência se regula pelo art. 97.º do despacho ministerial n.º 124, de 10-11-69, e consta:

— de assistência jurídica, com carácter consultivo, e em caso de falecimento no tocante à regularização de situações que desse falecimento decorrerem;

— de informar, no aspecto jurídico, sobre assuntos no âmbito da Repartição, quer de carácter geral, quer nos relativos a casos individuais que lhe sejam postos;

— de manter, quando desejado pelos interessados, processos individuais, de carácter pessoal e estritamente confidencial, destinados a facilitar a assistência jurídica às famílias em caso de falecimento, dos quais poderão constar elementos relativos ao registo de família (como certidões de nascimento, casamento ou outros documentos), ao registo pessoal (desejos em caso de morte, assuntos em litígio, com indicação do advogado, se existir), ao registo de bens (imóveis, acções, depósitos bancários, firmas, dívidas e créditos), a seguros de vida ou outros, e dum modo geral a tudo quanto possa interessar à acção dos familiares e à assistência jurídica a ser-lhes prestada em caso de morte.

Que a gerência do Balaia Penta Hotel, do Algarve, a exemplo dos anos anteriores, durante a época baixa (1 de Nov. 79 a 31 de Mar. 80), efectua os seguintes preços aos beneficiários dos S.S.F.A. (Serviços Sociais das Forças Armadas):

Diária com pequeno almoço:
— Quarto simples 500$00.
— Quarto duplo 750$00.
Cama extra 250$00 por dia.
Suplemento de meia pensão 500$00 por pessoa.
Suplemento de pensão completa 1000$00 por pessoa.

Que na referida época baixa, se exceptuam os períodos do fim do ano e do Carnaval.

Que a aceitação de reservas está sempre sujeita às disponibilidades do hotel.

Voz da Abita

Cartas ao Director

EM DESTAQUE

O sargento-ajudante E João Gonçalves das Neves, desenhou e construiu, sozinho, um pequeno barco à vela que, conforme a fotografia junta, já navega. Tem 2,5 m de comprimento e 1,2 de boca. Pesa 50 kg e o mastro tem 3 m de altura e o gurupés um metro. Tem uma vela de pendão e outra de estai. O casco é de fibra de vidro.

N. R. — Parabéns ao sargento Neves. Quem não ganha para comprar um barco... fá-lo com as próprias mãos!

Do "Pezinhos", cabo M. Alfeite, recebemos a seguinte carta:

A "QUARTA INVASÃO FRANCESA"

Foi bonito. Foi mesmo muito bonito ver Lisboa invadida por franceses, desta vez os simpáticos "pon-pon rouge".

Bem uniformizados, limpos, escorreitos, barbeados, cabelos aparados..., civilizados enfim, os marinheiros da Esquadra Francesa que nos visitou em meados de Outubro foram sem dúvida uns magníficos embaixadores do seu país. E, como os nossos marinheiros já não se fardam, nem mesmo em portos estrangeiros, fiquei a matutar que, se os franceses tivessem feito o mesmo, ninguém tinha notado a sua presença. Seriam mais uns tantos turistas perdidos na multidão que enche as ruas da cidade. Nada mais que isso!

Mas assim não. Assim, quem os via sabia que ia ali um francês, militar, marinheiro, um homem educado, sério, disciplinado... e não um paisanão qualquer, que pode ser tudo!

A farda, todos sabem, é um verdadeiro passaporte. Andar fardado é como levar um cartaz, onde só falta o nome. De resto, diz tudo, até isto: "estou de visita ao vosso belo país e venho por bem. Acolham-me com amizade e simpatia".

Velho marinheiro que sou, lembro com saudade os tempos em que nós, portugueses da Armada, uniformizados também, armados do nosso "franciú macarrónico", acamaradávamos com eles, servindo-lhes de cicerones.
Que é feito dos marinheiros gingões, de que o povo tanto gostava, e que enchiam as vielas estreitas dos bairros castiços desta velha Lisboa das Descobertas?

Além desta carta, recebemos mais a seguinte correspondência:

De Mário Cândido Rebelo, ex-mar. fog. mot., Porto, uma carta em que a propósito de renovar a sua assinatura diz:

A um velho marinheiro não se pergunta se quer deixar de ver o mar! Se deixasse de receber a Revista, a "Briosa" deixava de existir para mim, o que seria o fim...
Peço, por intermédio da Revista, à comissão organizadora do almoço de confraternização dos "filhos da escola" de Novembro de 1953/4, para me contactar.

De Rui Manuel Cordeiro Freire Bernardes, ex-mar. S n.º 65573, Caracas, Venezuela, uma carta em que manifesta o seu apreço pela Revista e pede para saudar os seus colaboradores bem como os ex-camaradas que com ele prestaram serviço no CDMSAZAIRE — Angola.

De Manuel Arlindo R. da Silva, Cambridge, USA, uma carta em que revela o seu amor pela Marinha, que serviu seis anos e que não esquecerá jamais. Foi uma alegria para ele e para muitos emigrantes portugueses a visita da fragata "Almirante Pereira da Silva" a Boston. Foi um matar de saudades...

N. R. — Quanto à ida da "Sagres", para o ano, é possível...

De Manuel da Silva, Grand Quevilly, França, uma carta em que sauda a equipa que faz a Revista e diz:
Resta-me dizer que o meu interesse pela "Revista da Armada" deve-se à

curiosidade que suscita em mim a história das grandes descobertas geográficas e, em especial, as descobertas marítimas e outros temas de interesse histórico ligados à acção da Marinha de Guerra portuguesa, curiosidade essa que a Revista, em parte, satisfaz. Confesso também, não ser insensível ao conteúdo de outras páginas, nem ao clima de grande camaradagem que reina na "Briosa" e que transparece em todos os números da publicação.

De Francisco de Chaves Bairos, escrivão da Capitania do Porto da Horta, Açores, uma carta de que transcrevemos:

Na "Voz da Abita" da Revista n.º 86/Nov. 1978, foi publicada uma carta de António Fernandes Tavares das Eiras que aludia a uma criança abandonada pelos pais e que fora protegida pelas guarnições dos navios da Armada que estacionavam no porto da Horta, formulando, no final, a pergunta: "Que será feito dela?". Caso ainda não tenha sido recebida qualquer informação que vise satisfazer a natural, humana e meritória curiosidade do senhor Eiras, aqui vai o que me foi possível averiguar e que julgo ser suficiente.

Concluiu, como era seu desejo, o curso do Magistério Primário, tendo ido dar aulas para a ilha da Santa Maria, há cerca de 20 anos, onde casou (...).

De António Quintino, Lisboa, uma carta com a biografia do primeiro-tenente João Herculano de Moura que agradecemos e fica nos nossos arquivos para eventual utilização.

GUARNIÇÃO (1968/72 do N.R.P. "COMANDANTE ROBERTO IVENS"

Militares pertencentes à guarnição que fez a comissão de 1968/72 na fragata "Comandante Roberto Ivens" vão confraternizar num almoço, a realizar no dia 15 de Dezembro corrente, o qual servirá de pretexto para uma jornada de camaradagem entre todos quantos passaram por aquele navio, no período indicado. As inscrições podem ser feitas para: comandante Rodrigues Leitão, NRP "Cte. João Belo", Base Naval de Lisboa, Alfeite; Vítor M. Varela (ex-14), Rua António Nobre, 16 r/c Dto., Odivelas; Fernando M. Simões (ex-23), Rua Capitão-Mor Lopes Sequeira, lote 8-1.º A, Lisboa.

ALUNOS-MARINHEIROS DE 1945

Os alunos-marinheiros da "escola" de 1945 (7.º alistamento) que desejem comemorar o 35.º aniversário do seu ingresso da Armada, devem contactar com Manuel Vieira, Quinta das Areias, lote 17-2.º Dto. — 2840 Fogueteiro.

CONVÍVIO DE CURSO DE OFICIAIS

O curso de oficiais oriundo da Escola Naval que teve como patrono o rei D. Manuel I vai reunir-se num jantar de confraternização, no dia 13 de Dezembro corrente. A concentração dos interessados realiza-se no Clube Militar Naval, cerca das 18.30 horas.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o matrimónio dos seguintes camaradas, aos quais desejamos as maiores felicidades:

Asp. RN António da Silva Campos com D. Maria de Fátima Nobre dos Santos Teixeira de Carvalho, em 30-9-79.

1.º-sarg. TR Valdemar Ferreira Seco com D. Fernanda da Silva Farinha, em 15-9-79.

2.º-sarg. MQ José Manuel Rodrigues Coelho com D. Maria Leonor Martins Direito, em 5-9-79.

221377/1.º-mar. R José do Patrocínio Ferreira Pacheco com D. Amélia de Jesus Lapo, em 9-9-79.

272577/2.º-mar. M Manuel dos Santos Moreira da Costa com D. Graça Maria da Silva Lopes, em 1-9-79.

277077/2.º-mar. CM Rui Augusto com D. Maria Helena Nunes Araújo, em 2-9-79.

148778/2.º-mar. E António João com D. Rita Maria Saúde, em 2-9-79.

125378/2.º-gr. E João Manuel Pires Jorge com D. Paula Maria Pires Moroso, em 8-9-79.

238278/2.º-gr. Joaquim Correia Dias com D. Anabela da Fonseca Adão, em 1-9-79.

PASSAGENS À RESERVA/ /APOSENTAÇÕES

2.º-ten. OT Francisco Luís Ferreira, em 22-10-79.

Sarg.-aj. A Armindo Marques, em 30-9-79.

Sarg.-aj. A Nuno do Couto Pinto Cardoso, em 1-10-79.

Sarg.-aj. M José dos Santos Caldeira, em 30-9-79.

1.º-sarg. L José Lourenço, em 20-8-79.

119444/Cabo A Alberto dos Santos Frade, em 23-10-79.

12344/Cabo E João dos Santos Miguel, em 1-10-79.

161445/Cabo CM Henrique dos Santos Nobre, em 30-9-79.

162945/Cabo CM Carlos Bandeira Lopes, em 30-9-79.
293452/Cabo TFP António Ferreira Castanheira, em 2-10-79.
384755/Cabo FZ Adolfo da Ressurreição de Paulo, em 30-8-79.
761661/Cabo V Manuel Henriques de Sousa, em 28-9-79.
296151/1.º-mar. TFD Manuel Barreto Baptista, em 30-9-79.
Pedro Bento Pacheco, faroleiro de 1.ª classe, em 31-10-79.
Manuel de Campos Aguiar, cabo-de-mar de 1.ª classe, em 31-10-79.

FALECIMENTOS

É com desgosto que participamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

C/alm. RA José Rodrigues Alho, em 4-11-79.
Cap.-m.-g. RF Raul Lima Ferreira de Carvalho, em 3-11-79.
António Veloso, faroleiro de 1.ª classe, em 2-10-79.
Joaquim Francisco Colaço, cabo-de-mar de 2.ª classe, em 26-9-79.

Histórias de Marinheiros

12 — Caminhando para o Nada

Quem não conhece o meio naval dificilmente poderá imaginar o que é, a bordo de um navio de guerra, a câmara dos oficiais. Considere-se uns quantos indivíduos — às vezes mais de uma dezena — oriundos dos meios mais diversos, das classes mais distantes, com culturas diferenciadas e interesses intelectuais não coincidentes, e metam-se esses homens numa caixa de ferro flutuante, dançando ao sabor das vagas, obrigando-os a trabalhar em comum, com uma finalidade objectiva e definida. Não se esqueça — e isso é importante — que, a navegar, a vida deles está circunscrita a uns escassos metros quadrados de superfície. O que se julga virá a suceder? Apenas esses homens procurarão compreender-se, fazendo transigências mútuas, sacrificando aquilo que poderia dividi-los, de modo a ser possível atingir uma finalidade suprema — fazer da sua unidade um todo coeso, harmónico e eficiente. O seu entendimento é a base do valor militar do navio. Não há unidade que dê pleno rendimento se os seus oficiais não colaborarem, com amizade, na obra comum. E é a câmara, onde têm as suas refeições em conjunto, as suas conversas, as suas horas de lazer, o local onde melhor eles se conhecem quanto a carácter, educação, personalidade. Quantas amizades, nascidas nas câmaras dos navios, se matêm pela vida fora. Ali se permutam conhecimentos, ideias, concepções. Ali se travam controvérsias sobre múltiplos assuntos, no esclarecimento mútuo de espíritos interessados.

Lembro, um tanto a propósito, certa discussão sobre a Vida — eterno tema — travada animadamente na câmara de um contratorpedeiro — o "Douro" — já lá vão muitos anos. As opiniões estavam longe, naturalmente, de se harmonizar. O debate prolongou-se pela noite dentro. Era sábado, estávamos fundeados num porto algarvio onde, nesse tempo, escasseavam as tentações da terra. No dia seguinte, domingo, não se iria para o mar. A guarnição, após uma semana de exercícios ao largo da costa, ansiava por distracções. E, assim, à proa, os marujos não falavam noutra coisa que não fosse o desafio de futebol, que o grupo de bordo iria jogar com uma selecção local — já fora da época, pois íamos em Julho.

A ré, os oficiais, com a noite já avançada, continuavam a procurar respostas que, através dos séculos, os homens, inseguros, jamais conheceram.

— O que somos? Para onde vamos?

Um tenente que, no meio da controvérsia, se mantivera silencioso, embora atento, consultou o relógio — passava das duas — e, não contendo um bocejo discreto, perguntou de novo:

— O que somos? Para onde vamos?

E recordou, então, que o Eça tentara uma vez, algures, dar resposta cabal àqueles dois enigmas. Não garantia o rigor da frase, citada de memória, mas a ideia era que, afinal, apenas *somos uma caravana triste, caminhando para o Nada, através de uma Natureza hostil.*

Nem todos concordaram. Mas era tarde. Os oficiais recolheram-se aos camarotes, e sabe-se lá de que pesadelos o seu sono se povoou naquela noite...

Na tarde daquele mesmo dia, as vitórias da vila, mobilizadas para o efeito, vieram buscar os oficiais e a equipa para o desafio de futebol. O campo ficava fora de portas. O "cortejo" pôs-se em marcha, a partir do cais. Em plena estrada, seguindo na carruagem da frente, relanceei os olhos para trás. Uns cavalos lazarentos arquejavam na corrida, levando atrás de si umas carripanas a desconjuntarem-se.

— *Somos uma caravana triste,* considerei.

O dia estava abafado, o Sol parecia parado no céu, dardejando uns raios verticais que escaldavam a Terra. Na paisagem exausta, a vegetação rara estorcia-se de sede.

— *A Natureza é hostil,* pensei.

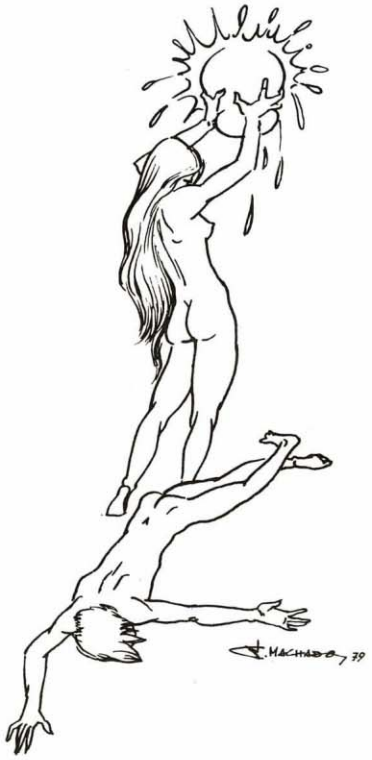
E a pergunta surgiu, clara, no meu espírito:

— *Caminharemos para o Nada?*

A citação do Eça pareceu-me de mau presságio. E não me enganei. Os nossos rapazes, apesar de se terem batido como leões, perderam o desafio por 5... a "Nada"...

S. B.

Amigo, amante, companheiro



Despem-se as árvores
frente ao teu sofrimento mudo...

Quedam-se os bailados
das vagas fumegantes
perante o teu olhar vazio...

Estarrecem-se as estrelas
defronte às tuas mãos inertes...

Num arrebate de humanidade
o mundo entende
Tschaikowsky e a sua PATÉTICA...

Numa esquina
o teu corpo cai!!!...
e as minhas mãos
estrangulam o sol...!!!

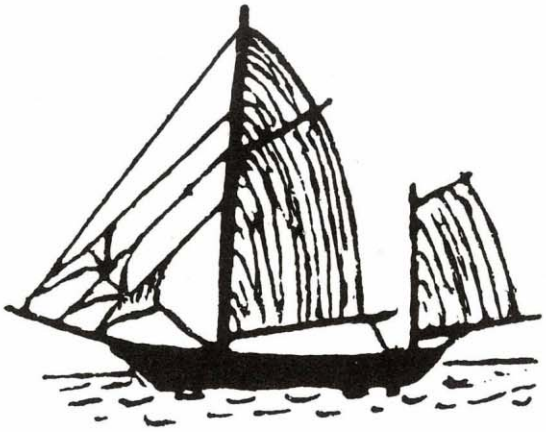
Maria Luísa de Castro Alves Henriques
3.º oficial do QPPFNC

Terminologia Naval

INTERNAMENTO — Acção de natureza político-militar que consiste em deter em portos nacionais um navio de guerra estrangeiro a que foi concedido asilo.

INVERNAR — Aguardar em porto abrigado a passagem da estação invernosa.

IOLE — Embarcação de recreio ou de corrida, de formas finas e adelgaçadas que aparelha com uma vela latina quadrangular e uma catita.



IR À CACEIA — Descair o navio, por acção da corrente ou do vento, com o ferro arrastando pelo fundo; garrar.

IR À CADEIRA — Controlar a navegação, junto da agulha, normalmente sentado, como faziam outrora os pilotos dos navios à vela.

IR À CORDA — Meter o navio de capa, muito chegado ao vento.

IR ÁGUA ABAIXO — Seguir com a corrente ou com a maré.

IR AO SOCAIRO — Navegar ao abrigo da terra ou de outro navio ou embarcação.

IR A QUARTEL — Seguir com vento da alheta.

IR COM TUDO DADO — Navegar com todo o pano largo; ir grande de vela.

S. Elpídio
Cap.-m.-g. AN

estimando-as, trabalhando para que sejam felizes.

— *Respeitá-las, dando-lhes bons exemplos, evitando o que as possa deformar.*

— *Ajudá-las na sua educação, para que cheguem a ser pessoas completas, que se sintam felizes e ajudem os demais.*

— *Proporcionar-lhes os meios de que necessitam para o seu crescimento e perfeição.*

— *Facilitar-lhes o acesso à cultura, ao progresso, aos bens sociais, etc.*

— *Educá-las com civismo, em convivência, em respeito com os outros, amando todos os homens.*

E OS GOVERNOS:

— *Salvaguardar com leis justas os direitos das crianças.*

— *Defender a sua saúde, a sua vida, a sua formação, a sua integração na sociedade e no trabalho.*

— *Cuidar mais as que carecem de meios adequados, de amor familiar, de bens, de saúde, de educação, etc.*

— *Colaborar com outros países, a nível internacional, para que as crianças sejam protegidas em qualquer parte do Mundo.*

M. Horta
Sarg.-aj. L

Actividades de montanha
Porquê e para quê

Sem dúvida que as características morfológicas do nosso país não são as ideais para a prática e desenvolvimento do montanhismo, como actividade desportiva; creio no entanto que ela é suficientemente importante para que nos debrucemos um pouco sobre alguns aspectos relacionados com o montanhismo.

Esta prática fomenta algumas qualidades que a indicam como bastante útil no campo da instrução militar. Se nos reportarmos ao Corpo de Fuzileiros, poderemos mesmo afirmar que é fundamental nos programas de treino e instrução do seu pessoal.

O desembarque e reembarque em costa escarpada são situações habituais em acções de fuzileiros, pelo que terão que ser treinadas de uma forma especial, porque exigem conhecimentos técnicos específicos, tais como técnicas de escalada e de descida, sobrevivência, etc.

Mas, para além do treino técnico, as actividades de montanha proporcionam outro tipo de instrução. As condições particularmente duras que se apresentam por vezes ao montanhista, desenvolvem neste, de forma bastante acentuada, qualidades físicas e psicológicas, tais como resistência física, auto-confiança, "contrôle" emocional, decisão (estas particularmente necessárias em escaladas artificiais e descidas em Rappel).

As características climatéricas normalmente existentes em zonas montanhosas são, ainda, factor importante no endurecimento das condições de vida.

Poderíamos enumerar outras qualidades necessárias ao montanhista, tais como destreza, espírito de sacrifício, etc.

Durante muitos anos os fuzileiros portugueses foram treinados utilizando como zona principal de exercícios a Serra da Arrábida, sem dúvida o local ideal. Razões ecológicas surgiram, e houve que escolher outra zona para desenvolvimento das acções constantes dos

Descida de Rappel. Técnica e decisão.

Outra das utilizações possíveis das técnicas de Rappel: a descida de helicóptero.

programas de instrução. No entanto, algumas actividades continuam a ser treinadas nessa bela serra, obviamente, as actividades de montanha.

Aí, os fuzileiros são postos perante situações em que a força e determinação interiores de cada homem são factores fundamentais na superação do obstáculo. A técnica só é utilizada após vencido o medo inicial.

Aí, aprendemos como escalar uma parede ou descer uma falésia.

Aí, treinamos técnicas de Rappel e escalada.

Aí, aprendemos também a confiar em nós próprios, nos nossos braços, nos nossos nervos, na nossa capacidade de superar *situações limite.*

É, afinal, uma parte da instrução de um corpo de tropas especiais, que tanto mais o serão, quanto mais *especiais* forem as suas técnicas de acção.

As tropas são ou não, especiais, se forem ou não, possuidoras de conhecimentos técnicos que justifiquem tal denominação.

Para os fuzileiros, as actividades de montanha representam alguns desses conhecimentos, os quais se podem classificar como fundamentais e caracterizadores.

Loureiro Nunes
1.º-ten. FZ

Para a história da Banda da Armada

Na Armada, segundo as fontes históricas de que dispomos, já em 1740 existia uma música marcial intitulada Charamela, integrada no 1.º Regimento do Terço de Fuzileiros da Armada Real. Desta música marcial existe uma gravura datada de 1793, na altura em que após um brinco, ou exercício militar, desfilou à frente do regimento *com grande aprazimento de Suas Majestades.*

Pertencendo sucessivamente à Brigada Real de Marinha (1797), ao Batalhão Naval (1836), e ao Corpo de Marinheiros Militares (1851), a actual Banda encontra-se alojada em pavilhão próprio construído para o efeito no Quartel de Marinheiros, em Alcântara; para efeitos disciplinares e operacionais está integrada no Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, no Alfeite.

Em 1807, a Charanga acompanhou a Família Real na sua viagem para o Brasil, e aí beneficiou da protecção do Príncipe Regente D. João. Regressaram à Pátria apenas dois músicos, tendo os restantes, que por lá ficaram, sido integrados na armada que o imperador D. Pedro I organizou após a proclamação da independência do Brasil.

O Batalhão Naval foi dotado de uma charanga marcial e de uma fanfarra, com um total de 40 executantes cada, exibindo ricos e coloridos uniformes. Era seu chefe o alemão Mark Holzel, que viera de um regimento prussiano a pedido do rei D. Fernando II, e compunham a Charanga, um timbalão, 10 caixas, 5 pífanos, 8 cornetas de chaves, 5 clarins contraltos, 5 clarins sopranos e 5 baixões. À frente desfilava o tambor-mor, de farda rica e chapéu armado agaloado de ouro, com grande laço bicolor azul e branco.

O povo de Lisboa acorria a ver passar o Batalhão Naval, sempre que este desfilava pela Rua dos Ourives em direcção ao Terreiro do Paço, onde ia render a guarda principal aos ministérios.

A Charanga continuou a existir no Corpo de Marinheiros Militares, referindo-se a ela o musicólogo Ernesto Vieira no seu "Dicionário Musical", nos seguintes termos: *Entre*

Charamela do 1.º Regimento do Terço de Fuzileiros da Armada Real (Gravura de 1793).

nós tornou-se muito notável há cerca de trinta anos a banda dos marinheiros, menos pelo número de executantes que não excedia vinte e cinco ou vinte e oito, do que pela qualidade deles, e pelo chefe que tinham, Arthur Reinhardt, um brioso artista de origem belga. Esta corporação, que algumas vezes honra a arte nacional fazendo-se elogiar e aplaudir em países estrangeiros, quando acompanhava nas viagens as pessoas da Família Real, foi suprimida em 1868, por economia! ...

Neste período a Banda deslocou-se a vários países, designadamente Inglaterra, Bélgica e França, onde em 1863, acompanhando o rei D. Fernando II a bordo da corveta "Mindelo", efectuou uma série de concertos em Bordéus, que lhe mereceram muitos aplausos do povo e da imprensa.

A extinção deu-se por decreto de 17 de Dezembro de 1868, com a seguinte justificação:

É a música sem dúvida nos corpos militares uma útil instituição. Em situação mais florescente do tesouro, em que não fosse preceito irrefragável suprimir todas as verbas não justificadas pela sua incontestável necessidade, hesitaria o Governo de Sua Magestade em propor a eliminação de um elemento cujas vantagens militares e cujo influxo civilizador certamente se não podem contestar. Sendo porém, habitualmente, pouco numeroso o efectivo do Corpo de Marinheiros da Armada no quartel, e cumprindo aliviar o tesouro de todos os encargos dispensáveis, entende o Governo reservar para tempos de maior prosperidade a restituição da Banda Marcial.

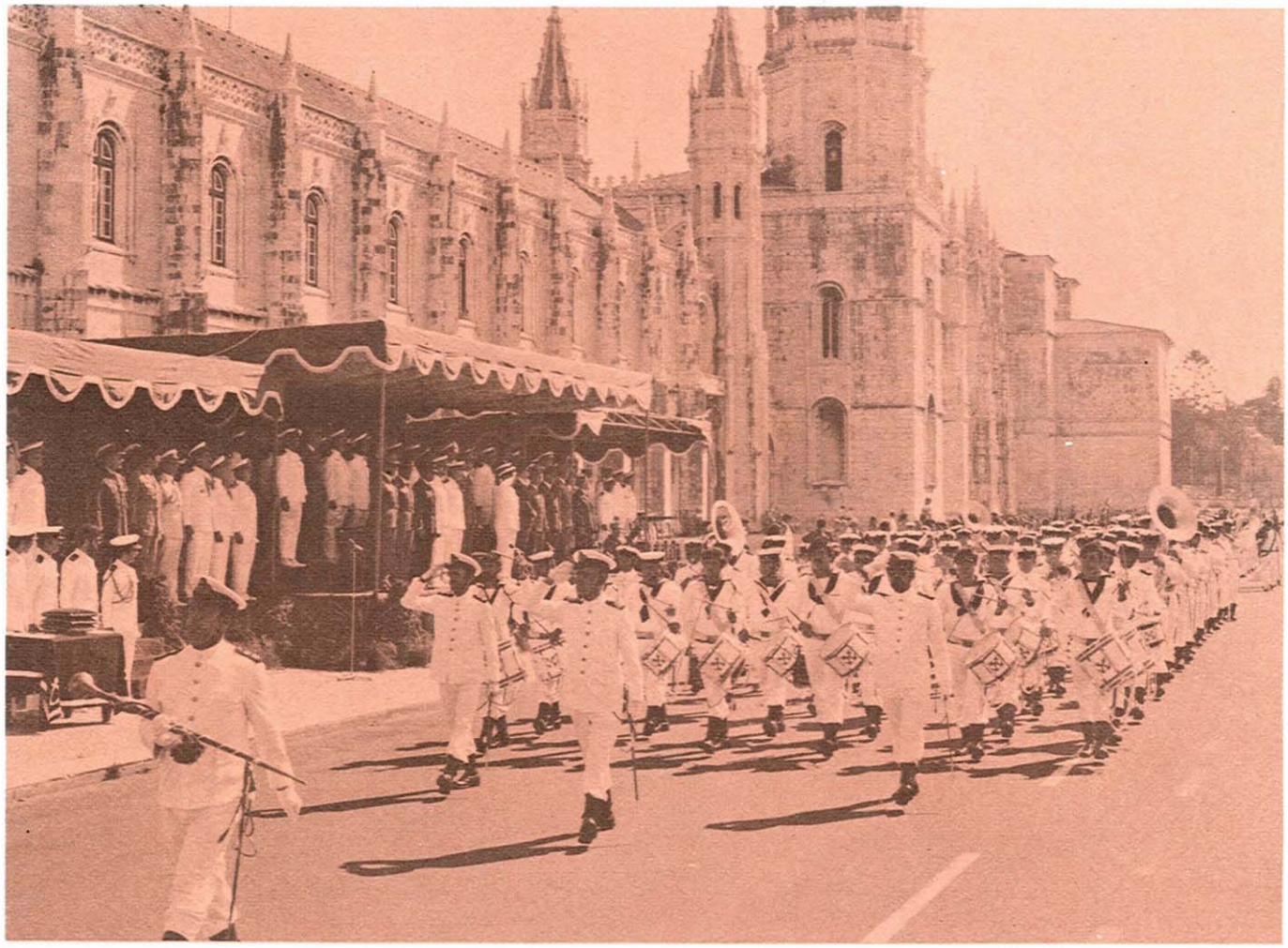
A publicação deste decreto levantou em Lisboa uma onda de protestos, sendo então levadas petições ao paço e ao quartel de Alcântara.

No átrio do Teatro de D. Maria foi colocada uma enorme salva para recolher donativos destinados a manter a Charanga do Corpo de Marinheiros. A salva é porém recolhida, o que levanta da parte dos populares uma onda de apupos ao Governo, com as correspondentes correrias no Rossio. No passeio público foi então posta no coreto, uma enorme coroa de louros, tendo inscrito: *A saudade Pública dos passeantes, à Charanga do Corpo de Marinheiros da Armada.*

Na reorganização do Corpo de Marinheiros de 1884, é estabelecida a criação de nova charanga, não havendo a certeza de quando se transformou em banda. No entanto, o "Eco Musical", de 16 de Julho de 1911, diz ter sido António Maria Chéu, chefe de música da Armada, *quem com bastante trabalho conseguiu transformar a charanga em banda.*

Em Portugal, o primeiro disco foi gravado pela Banda dos Marinheiros, tendo sido encontrado em Hanover um registo que refere a gravação, no dia 3 de Abril de 1903, da "Rapsódia Portuguesa n.º 2", de Rodrigues, pela Banda do Corpo de Marinheiros da Armada.

Nos últimos anos foram feitos mais três discos de marchas militares, cujas edições se encontram esgotadas.



A actual Banda da Armada, em cerimónia militar (1978).

Em 1922, embarcada no navio presidencial "Porto", a Banda acompanhou o Presidente da República, dr. António José de Almeida, na viagem oficial efectuada no decorrer das festas da comemoração do I Centenário da Independência do Brasil. No Rio de Janeiro efectuaram-se vários concertos ao ar livre e em teatros, e no regresso realizou-se também um concerto no Teatro do Funchal.

É significativo notar que, de 1923 a 1936, só na província, em várias cidades e vilas, se realizaram 52 concertos.

A partir de 1956 inicia-se nova organização do quadro, com aumento de efectivos, tendo em 1970 ficado com a constituição actual de banda militar sinfónica. A partir de então têm vindo a realizar-se periodicamente concertos em Lisboa, no Teatro da Trindade, nas ruínas do Convento do Carmo e no Museu de Marinha, destacando-se também os que têm tido lugar de Norte a Sul do país, com enorme audiência.

Ao longo destes anos a Banda foi chefiada pelos maestros Caetano Tozzi e Pascoal Corvalini (italianos), Mark Holzel (alemão), Arthur Frederico Reinhardt (belga), António Maria Chéu, José Oliveira Brito, Artur Fernandes Fão, Marcos Romão e, actualmente, Manuel Maria Baltazar.

Mercê do nível artístico alcançado através dos tempos, os músicos da Armada têm sempre colaborado como executantes nas orquestras sinfónicas e ligeiras, como professores do Conservatório Nacional e, ainda, como regentes de bandas civis e grupos corais.

A par da actividade diária de ensaios e lições, realizam-se ainda actuações periódicas, concertos e desfiles, dedicados aos militares e funcionários civis da Marinha. Actua assim em duas versões: banda marcial para guardas de honra, juramentos de bandeira e outras cerimónias militares, em que executa hinos e marchas militares, e banda sinfónica, em concertos ou outros espectáculos culturais, em apoio às populações, ou nos estabelecimentos de ensino.

No seu reportório estão incluídas obras Beethoven, Schubert, Berlioz, Borodine, Wagner, Bizet, Rossini, Manuel de Falla, Maindert Bolckel, Edward MacDowel, Sir Arthur Bliss, Rui Coelho, Frederico de Freitas, Fernando Coelho, etc.

Bibliografia: "Subsídios para a história da Banda da Armada", de Alberto Cutileiro.

Manuel Maria Baltazar
1.º-ten. SG

N. R. — Constituição da Banda da Armada: Quadro orgânico — 1 sargento-mor, 2 sargentos-chefes, 8 sargentos-ajudantes, 63 primeiros e segundos-sargentos, 14 cabos e 8 marinheiros. Distribuição instrumental — flautim e flautas, 4; oboés e corne inglês, 4; clarinetes (requintas, sopranos, altos, baixos e contrabaixos), 28; saxofones (soprano, altos, tenores, barítonos e baixo), 10; fagotes, 4; trompetes e fliscornes, 14; trompas, 8; trombones, 6; bombardinos, 4; baixos, 6; tímpanos e percussão, 8.

Conversa entre Marinheiros ...

Conduzida pelo c/alm. M. do Vale.
Colaboração do cap.-m.-g. Cirne de Castro.
Intervenientes: "Revista da Armada" (R.A.)
e cabo M n.º 537358, Carlos Alberto Ferreira (C.F.).

No nosso n.º 90, de Março p.p., tivemos uma *conversa* com o director do CIC (Centro de Instrução por Correspondência) e ficámos a saber como nasceu esse organismo, a sua missão, como funciona, capacidade quanto ao número de alunos, organização actual e projectos futuros, etc.
Faltou-nos ter uma *conversa* com o outro lado, o dos alunos, e é isso que agora fazemos.

O cabo Ferreira tem 41 anos de idade, é casado e tem três filhos. Assentou praça, como recrutado, em 1958, saiu marinheiro em 61 e cabo em 69.
Nos seus vinte e um anos de serviço, apenas esteve desembarcado cerca de dois anos. O resto foi: navio-escola "Sagres", navio-hidrográfico "Carvalho Araújo", fragata "Almirante Magalhães Corrêa", lanchas no Lago Niassa e... regresso à "Sagres".
Na altura em que veio para a Marinha havia grande dificuldade de arranjar emprego e, órfão de pai e mãe, vivia sabe Deus como, tanto mais que já era casado e tinha um filho. Depois, gostou disto, os navios e o mar enfeitiçaram-no, e ficou por cá. E não está arrependido.
A sua caderneta está *limpa,* tem a medalha de Mérito Militar de 4.ª classe, a de prata de Comportamento Exemplar e a Comemorativa das Campanhas, legenda Moçambique.
Vai frequentar o Curso de Formação de Sargentos e o seu maior desejo é ficar aprovado e acabar a sua vida de marinheiro... na "Sagres", da qual já começa a ter saudades!
A prova de que se sente feliz com a sua profissão é que já tem um filho também na Armada — grumete, aluno no Curso de Formação Técnica de Electricista.

R.A. — Porque se inscreveu no curso?
C.F. — Estava embarcado na "Sagres", ouvi uns camaradas que se tinham inscrito falar nele, entusiasmei-me e inscrevi-me também, no de Matemática Básica.
R.A. — Não desanimou, nem pensou em desistir?
C.F. — Nunca. Gostava de aprender e tinha na mente o curso de sargentos para o qual queria estar preparado.
R.A. — Estudou muito?
C.F. — Estudava quando tinha tempo, com um interesse que foi crescendo à medida que ia compreendendo as lições. O meu entusiasmo chegou a tal ponto que, até na formatura para o almoço eu estudava!
"Quando o curso acabou, senti-me como um miúdo a quem tirassem um rebuçado que estava a chupar!
"Não é fácil calcular o tempo que gastei a estudar... Como ninguém me obrigava, não fui eu que tirei o curso... foi o curso que passou por mim..."

R.A. — Foi difícil?

C.F. — Claro que foi. O que é que se podia esperar de um homem que tirou o curso do 1.º grau há 20 anos e nunca fez mais nenhum? E havia tanta coisa nova para mim... "Mas, tirando dúvidas junto dos oficiais, de sargentos, e até de camaradas mais cultos que eu, lá me safei. E olhe que eu só pedia que me ensinassem, nunca pedi para me fazerem o ponto! Também telefonei e escrevi para o CIC para tirar algumas dúvidas. E tive sempre resposta. Assim, nem é preciso explicadores..."

R.A. — E o exame final?

C.F. — Fi-lo com a média final de 16 valores. Claro que não foi fácil, mas eu preparei-me bem...

R.A. — Valeu a pena?

C.F. — Acho que sim. Os meus filhos já não precisam de explicador. Posso eu fazer esse papel com a vantagem de não gastar dinheiro... Além disso, se sair sargento, é natural que venha a dar aulas aos mais novos e, como alguns deles estão habilitados com conhecimentos que vão até ao 7.º ano, tenho de estar à altura!

"É por isso que tenho aconselhado todos os camaradas que não têm habilitações e querem seguir carreira na Armada a inscreverem-se."

R.A. — Pensa fazer outros cursos?

C.F. — Tenho ido a *todas as jogadas*: Português e Cultura Geral. E não hei-de ficar por aqui, que o saber não ocupa lugar.

Filatelia

NATAL DE 1979

Infelizmente, e contrariando os nossos desejos, não podemos, por falta de elementos, reproduzir a série portuguesa que este ano assinalará a quadra natalícia que se aproxima.

Apenas diremos que nos consta que esse conjunto será posto em circulação já no próximo dia 5, o que, a acontecer, será esplêndido, já que permitirá que a habitual correspondência da quadra seja acrescida da mensagem que o selo identifica. Pelo que dissemos, se justifica que dessa série apenas nos ocupemos no próximo número da nossa Revista. Entretanto, a todos os nossos leitores, sejam ou não filatelistas, aqui deixamos os nossos melhores votos de bom e feliz Natal e de muito próspero Ano Novo.

NOVOS SELOS PORTUGUESES

O primeiro conjunto de selos de um ciclo evocativo de GRANDES VULTOS DO PENSAMENTO REPUBLICANO, há muito aguardado, entrou em circulação no passado dia 4 de Outubro.

Completam esta série os seis selos que reproduzimos, os quais nos recordam outras tantas personalidades que marcaram posição de relevo no evento da República Portuguesa.

O carimbo comemorativo do 1.º dia de circulação, assim como o respectivo F.D.C., também com muita expressividade, completam esta emissão que, antevemos ir ao encontro e ser do agrado de todos os que apreciam a filatelia.

N. R. — Não reproduzimos a biografia destas individualidades que constam da pagela que anuncia a emissão por serem conhecidos de todos e tornarem o artigo muito extenso.

Alusiva "Por um Serviço Nacional de Saúde" circulou, pela primeira vez, em 26 de Outubro, uma série de dois selos, da qual nos ocuparemos no próximo número.

G. Brandão
2.º-ten. SG

História de um monitor de Educação Física

Ao historiar a minha vida físico-cultural, sou levado a recuar no tempo até aos anos 30, quando nasci na vigência de uma Constituição que evidenciava deveres e omitia direitos...

Sétimo filho de uma família paupérrima, habitando numa aldeia do centro do país, cedo me incutiram no espírito que brincar era um "pecado" e um mau princípio de vida para um homem. Brinquedos, tive poucos para suprir essa lacuna infantil; tive trabalho, muito trabalho! Acarretar água, lenha, ou erva para os coelhos, colaborar em toda a sorte de trabalhos domésticos, esse sim era o caminho tido como correcto para a boa formação de um jovem...

Aos 11 anos, e com a terceira classe, fui considerado apto para o trabalho assalariado. O emprego a 8 quilómetros de casa, dava-me boa margem para estar permanentemente bem treinado, fisicamente.

Embora de estatura franzina, eu era um apaixonado pelos desportos que praticava ardorosamente, até o fôlego me faltar, sempre que a oportunidade surgia.

Aos 20 anos, já órfão de pais, ingressei na Marinha, acontecimento que me trouxe muita satisfação e alguma surpresa pois, quase sem instrução, 58 kg de peso, 1,65 m de altura e 18 de *Pignet,* creio que só a carência de pessoal motivou que fosse apurado para o serviço militar.

Foi "nestas casas" que recebi as primeiras aulas de educação física e, pese embora a rigidez de princípios em que eram ministradas, foi sempre com prazer e alegria que as aceitei.

Mas, vivíamos no marasmo dos anos 50, em que a educação física estava restrita apenas aos cursos. Fora disso, só algum privilegiado, em situação especial, tinha acesso ao desporto e à educação física.

Este, porém, não foi o meu caso. Eu fui dos fadados para navegar. Manobras, serviço de assistência à navegação, comissões em todo o mundo português, passando nas piores condições, eram o meu "prato forte".

E foi assim que cheguei aos 29 anos, com 78 kg de peso e tendo perdido por completo o interesse pelo desporto, até pelo simples correr.

Estava embarcado na fragata "Diogo Cão", então atribuída à NATO e, saturado duma esgotante comissão de serviço em Angola, espreitava qualquer oportunidade de poder desembarcar. Por esta razão, concorri ao segundo Curso de Monitores, no Verão de 1963. As possibilidades eram mínimas, em virtude de estar perto do limite de idade, fixado nos 30 anos, e ostentar uma acentuada "lordose", fruto de uma vida sedentária e mal administrada. Mas tive sorte e acabei por ser repescado, em segunda escolha.

No curso, fui um aluno médio, como média foi a minha classificação final. No entanto, ganhei grande motivação pela actividade física à medida que ia recebendo os seus benefícios.

A minha primeira actividade, como monitor, foi a de instrutor de natação no tanque-piscina da Escola de Alunos Marinheiros. Foi na realidade uma experiência agradável pois, reconhecendo embora que não seja bom nadador, descobri que tinha uma certa facilidade para transmitir aos outros os meus conhecimentos teóricos. Por lá estive, em três recrutamentos, e só uma magra meia dúzia de alunos (muito especiais) ficaram sem poder dar as três voltas ao tanque, considerado o mínimo para adaptação ao meio aquático. Depois, a meu pedido, fui para a Escola de Artilharia Naval, para me habilitar à promoção a cabo, continuando a ser monitor.

Reconheço, evidentemente, que não era grande atleta mas, seria exagerada modéstia não reconhecer que me adaptei maravilhosamente aos esquemas de ginástica então aprendidos, que eu transmitia com prazer e eram executados com ritmo e alegria. Estive lá seis anos, sempre em excelente ambiente de trabalho e óptima camaradagem. Desse tempo guardo as melhores recordações. Mas a vida não pára, e eu precisava de fazer tirocínio de embarque. Fui para a "Sagres" como monitor de educação física dos cursos de Marinharia de aspirantes e cadetes, quando em viagem de instrução. Foi outra experiência agradável, e ainda hoje fico satisfeito quando antigos alunos me reconhecem e recordam com simpatia o ritmo das aulas e a satisfação de haverem participado nelas. Mas, isto passou-se nos anos 70 e 71 e a seguir fui nomeado para frequentar o curso de sargentos, uma nova situação em que nem se falava de educação física. Senti-me na obrigação de reagir e fiz sentir aos camaradas de curso a necessidade de executar exercícios físicos diários, mesmo que fosse depois das aulas. Apesar do entusiasmo com que expuz as vantagens, a receptividade foi praticamente nula. Resolvi então actuar sozinho e fazer diariamente o meu treino físico, culminando, invariavelmente, com um *cross* à Ponta dos Corvos. Desde então nunca mais parei; embarcado ou em terra, tornei-me um verdadeiro apóstolo da preparação física, da qual tiro muitos benefícios e íntima satisfação. Passados que são mais de oito anos, voltei de novo ao ginásio e à actividade normal de monitor no Grupo n.º 2 de Escolas da Armada. Esteja porém onde estiver, sinto-me motivado e determinado a dar livre curso a toda a minha capacidade física.

E porquê?

— Porque renovo e mantenho excelente condição física.

— Porque estou mais activo e desfruto de melhor saúde.
— Porque faço mais trabalho com menor esforço.
— Porque me dá boa disposição física, moral e intelectual.

Muito gostaria que esta mensagem fosse aproveitada por todos quantos tiverem oportunidade de a ler, para deixar ciente que aquele que mais pode é aquele que mais quer.

Fernando dos Santos
1.º-sarg. AP FZM

Numismática e Medalhística

Dicionário numismático (D)

Baseando-nos no "Dicionário de Numismática", de J. M. Folgosa, vamos continuar a discriminar alguns termos mais usados na gíria numismática.

DAMÃO — Cidade da Índia Portuguesa. A Casa da Moeda de Damão abriu entre os anos de 1609 e 1612. De 1697 em diante passou a cunhar moedas para si e Bançain, até 1739. Conhecem-se moedas de Damão e Bançain, de D. João V. A marca usada era D-B. Em 1842 a oficina de Damão reabriu, e voltou a fechar em 1854. São conhecidas moedas só de Damão, de Filipe II, D. Pedro II (regente e rei); D. Maria II e D. Pedro V. A sua marca é D.° e D.

DAMASCO — Na antiga gíria portuguesa, a moeda de vinte réis.

DATAS EMENDADAS — Normalmente trata-se de emendas nos cunhos originais das moedas, para servirem em anos posteriores, o que se nota pelo engrossamento dos traços, não se tratando, pois, de adulteração.

DECALQUE — Reprodução tirada de uma moeda por pressão digital ou prensa, com papel humedecido e em que, para salientar o relevo, se usa a fricção com pó de lápis.

DÉCIMO DE COROA DE OURO — Moeda de ouro mandada cunhar pelo rei D. Pedro V, pela lei de 29 de Julho de 1854, com o peso de 1,774 gramas, título 916 2/3 milésimos, e representando o valor de 1$000 réis (1 Escudo).

DEI GRATIA — Pela graça de Deus.

DENÁRIO — Moeda de prata da república romana com o primitivo valor de 10 Asses, indicado por um "X", geralmente atrás da cabeça que figurava no anverso, e que nos primeiros tempos era de Roma, tendo no reverso os Dióscures a cavalo, e por baixo a legenda ROMA.

DENTEADA — Diz-se das moedas que têm os bordos lavrados por sulcos muito acentuados. Usou-se especialmente nas moedas de prata (Denários) da republica romana.

DERQUI — Moeda de cobre de Bombaim, igual a meio Fodiá, que antigamente corria em Goa por 3,32 réis.

DESCENTRADA — É a moeda cuja gravação se encontra desviada em relação ao disco monetário onde ela foi batida.

DIADEMA — Espécie de faixa, sinal da realeza com que os reis e as rainhas cingiam a fronte; este ornamento circular podia ser de estofo ou metálico.

DINHEIRO — Foi nos primeiros

reinados da monarquia a unidade monetária. Doze Dinheiros valiam um Soldo e 20 Soldos uma Libra. Os Dinheiros eram de Bolhão. No tempo de D. Duarte um Dinheiro valia a décima parte de um Real; no de D. Afonso V, três Dinheiros faziam um Ceitil e o Dinheiro dividia-se em duas Mealhas.
Para dar fim a esta confusão, D. Manuel I acabou com os Dinheiros mandando que se chamassem Ceitis, pois então pouca diferença tinham no valor.

DIRHEM — Moeda de prata de Marrocos.

DOBRA — Nome genérico de certas moedas portuguesas, e de es-

trangeiras correntes em Portugal, especialmente durante a primeira Dinastia, e conhecidas por designações próprias. Mais tarde, especialmente no reinado de D. João -

V, voltou a empregar-se a Dobra mas no sentido do valor "dobrado"; Dobra de 2, 4, 8, 16 e 24 Escudos.

DOBRÃO — Nome dado a várias moedas antigas, nacionais e estrangeiras. Em Portugal foi o nome que tomaram as grandes Dobras mandadas cunhar por D. João V. Mas, deve notar-se que, das duas opulentas séries de moedas de ouro do rei Magnânimo, uma em que se ostentava o busto do monarca e outra em que figuravam somente as armas nacionais em oposição à cruz de Cristo, foi a esta que se aplicou o vocábulo Dobrão, conservando a série dos bustos a designação de Dobras, e até quando estas atingiram proporções muito mais avantajadas do que os próprios Dobrões, como foi o caso das Dobras de 24 Escudos. Dobrão é pois, a forma abreviada de denominar os Dobrões de vinte e quatro mil réis, mandados cunhar por D. João V, cujo tamanho espessura e profusão com que foram lavrados tornaram célebre esta moeda, como representante da grandeza do rei Magnânimo.

DOZE BAZARUCOS — Moeda de Calaim da Índia Portuguesa.

DRACMA — Moeda de prata da Grécia.

DURO — Moeda de prata espanhola valendo oito Reais de prata ou vinte de Bolhão e mais tarde dois Escudos.

DUZENTA — Designação dada pelos nativos em algumas regiões de Moçambique, aos antigos 200 Réis de prata, e aos 20 Centavos de bronze e extensivo às antigas cédulas do mesmo valor.

AFAC

Reportagem

FISCALIZAÇÃO DA PESCA E REPRESSÃO DO CONTRABANDO

Os habituais serviços de patrulhamento das águas da jurisdição portuguesa efectuados por unidades navais do Comando Naval do Continente, no mês de Setembro passado, na área da sua responsabilidade, com incidência na fiscalização da pesca e na repressão do contrabando, tiveram como resultado o apresamento de nove embarcações (2 na zona Norte, 5 no Centro e 2 no Sul). Entre elas contam-se dois arrastões de nacionalidade espanhola, por infracções diversas à regulamentação das pescas, tendo sido entregues às autoridades marítimas das respectivas zonas para levantamento dos correspondentes autos de notícia.

De referir também que uma embarcação detectada na costa algarvia, em movimentos suspeitos, foi conduzida para o porto de Portimão para procedimento das investigações convenientes.

O ALMIRANTE CEMA NOS ESTADOS UNIDOS

A fim de participar no V International Seapower Symposium, realizado em Newport, Rhode Island, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, deslocou-se aos Estados Unidos da América do Norte, de 1 a 6 de Outubro último, a convite do comandante superior da Marinha dos EUA (CNO), almirante Thomas Hayward.

Esta reunião internacional, que contou com a presença de representantes de 49 países e comandos superiores da NATO, sendo aqueles na sua maior parte chefes das

respectivas Marinhas, teve como tema "O papel das Marinhas de Guerra num mundo em paz", assumindo especial ênfase os assuntos relativos às operações pacíficas e cívicas que essas Marinhas realizam, em complemento das missões militares de defesa do território e vias de comunicação marítimas.

Foram tratadas, em especial, as tarefas relacionadas com a busca e salvamento de navios e aviões, protecção do ambiente incluindo o rastreio e combate à poluição do mar, o roteamento de navios, o "contrôle" dos grandes desastres no mar, seja por afundamentos de navios, por grandes derrames de petróleo ou ainda por disseminação de substâncias venenosas ou perigosas, fiscalização de pescas e fiscalização aduaneira.

De entre os participantes no Symposium é de assinalar a presença do almirante Harry Train, comandante supremo das Forças Navais da NATO no Atlântico, do almirante sir Henry Leach, primeiro lorde do Almirantado britânico e do almirante Gunter Luther, comandante da Marinha da República Federal Alemã.

BODAS DE OURO

Foi há meio século! Galhardos aspirantes de Marinha então (foi há 50 anos! ...) iniciaram, em 1 de Outubro de 1929, a sua ambicionada carreira, na velha Escola Naval, centrada na famosa Sala do Risco. Era forçoso comemorar condignamente a efeméride.

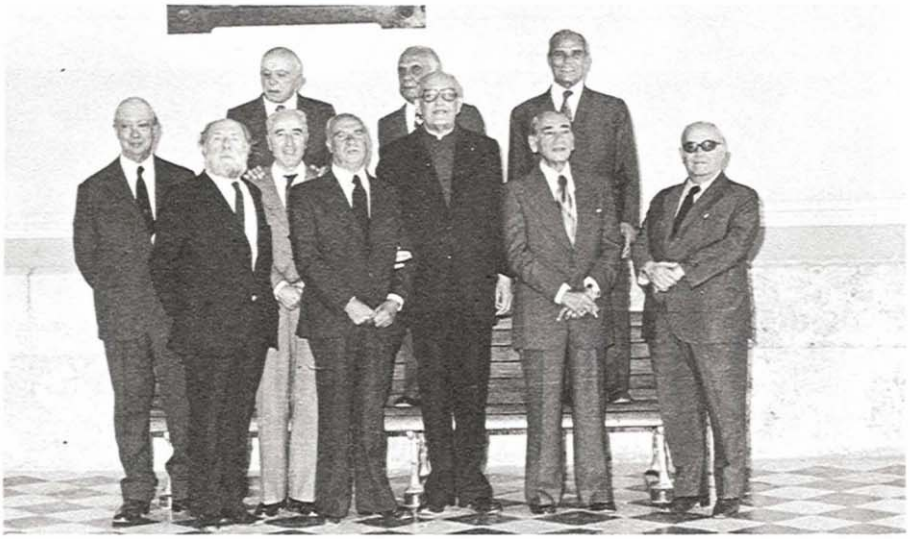
Assim, no passado dia 1 de Outubro, ouviram primeiro missa na capela de S. Roque do antigo Arsenal, por alma dos camaradas de curso já desaparecidos: aspirante Manuel Couceiro da Costa, 2.º-tenente Vasco de Almeida Pinheiro, capitão-de-mar-e-guerra Pedro Correia de Barros e capitão-tenente ECN Celso Ribeiro Pinto. Foram igualmente evocadas as mulheres daqueles elementos do curso que tiveram a desventura de as perderem.

Celebrante, o cónego Asseca, ex-capelão da Armada e grande amigo da Marinha, que serviu, com desvelado amor, durante longos anos.

Assistiram a este acto os seguintes membros do curso: almirante António Tierno Bagulho, vice-almirantes Eugénio de Sequeira Araújo e Francisco Ferrer Caeiro, contra-almirante Carlos Alberto Teixeira da Silva, capitães-de-mar-e-guerra Aurélio Saavedra Palhares, Mário dos Reis Antunes e Manuel Cardoso Barata e capitães-de-fragata Horácio Anjos de Carvalho e José Gervásio Leite. Foram muito sentidas as faltas dos camaradas que não puderam comparecer. Presentes, igualmente, esposas e familiares próximos dos sufragados e dos sobreviventes.

Seguiram-se as inevitáveis fotos e, por fim, um substancial e bem regado almoço na Messe de Cascais, em que o

O curso tal como entrou para a Escola Naval (foto feita a bordo do cruzador "Vasco da Gama"). Da esquerda para a direita, 1.º plano: aspirantes Lino Paulino Pereira, Pedro Correia de Barros, Venceslau Pompílio da Cruz, Manuel Cardoso Barata, Horácio Anjos de Carvalho, Eugénio Ferreira de Almeida e João Pereira Duarte; de pé: Francisco Ferrer Caeiro, Carlos Alberto Teixeira da Silva, Celso Ribeiro Pinto, Eugénio de Sequeira Araújo, Manuel Couceiro da Costa, um oficial da guarnição do "Vasco da Gama", Aurélio Saavedra Palhares, Mário dos Reis Antunes, António Tierno Bagulho, Adriano Fernandes Júnior e José Gervásio Leite.



O curso 50 anos depois. Da esquerda para a direita, 1.º plano: cap.-m.-g. Mário dos Reis Antunes, c/alm. Carlos Alberto Teixeira da Silva, cap.-m.-g. Manuel Cardoso Barata, cap-.m.-g. Aurélio Saavedra Palhares, cónego Asseca, v/alm. Eugénio de Sequeira Araújo e alm. António Tierno Bagulho; 2.º plano: cap.-frag. José Gervásio Leite, cap.-frag. Horácio Anjos de Carvalho e v/alm. Francisco Ferrer Caeiro.

"capelão" Asseca foi convidado de honra.

Os "rapazes" de 29 tiveram então ensejo de recordar — de reviver, portanto — tempos passados, num convívio fraterno que constituiu eloquente demonstração de que a juventude teima em não desertar dos seus espíritos. Foi uma jornada em que se viveu amizade, alegria, camaradagem; foi um dia de céu azul e de radioso sol, este encontro de velhos marinheiros, suficientemente idosos, pelo menos, para serem ainda do tempo em que eram impensáveis sentimentos e atitudes atentórias da fraternidade e solidariedade entre camaradas (no sentido militar do termo, bem entendido). O mais saliente significado do encontro destes homens terá sido uma dupla ratificação de fidelidade: entre eles e à Marinha, que muito amam.

(Colaboração de E.S.A.)

VOLUNTÁRIOS DA ARMADA DE 1931

Com mais de uma centena de convivas, realizaram os voluntários da Armada de 1931 a sua 19.º reunião de confraternização e almoço de amizade e convívio, no Clube do Sargento da Armada, em Lisboa.

Nesta reunião, para além de recordarem o que foi o início da sua carreira militar naval, ao tempo ministrada na antiga Escola de Alunos Marinheiros, na Ponta do Mato, no Alfeite, debateram um plano para as comemorações do 50.º aniversário do assentamento de praça na Armada, a realizar em 1981, tendo sido eleita a respectiva comissão.

Foi resolvido mandar cunhar uma medalha comemorativa, um galhardete e colante alusivo ao acto, a distribuir por todos os participantes e suas famílias.

Foram guardados uns momentos de recolhimento pela memória dos camaradas falecidos. Por aclamação, foi decidido um voto de agradecimento aos meios de Comunicação Social pela divulgação que vêm dando às suas reuniões anuais.

Foram recitados muitos versos, improvisados no momento, por poetas e poetisas presentes.

(Colaboração do sarg.-aj. L António Fernandes Gomes)

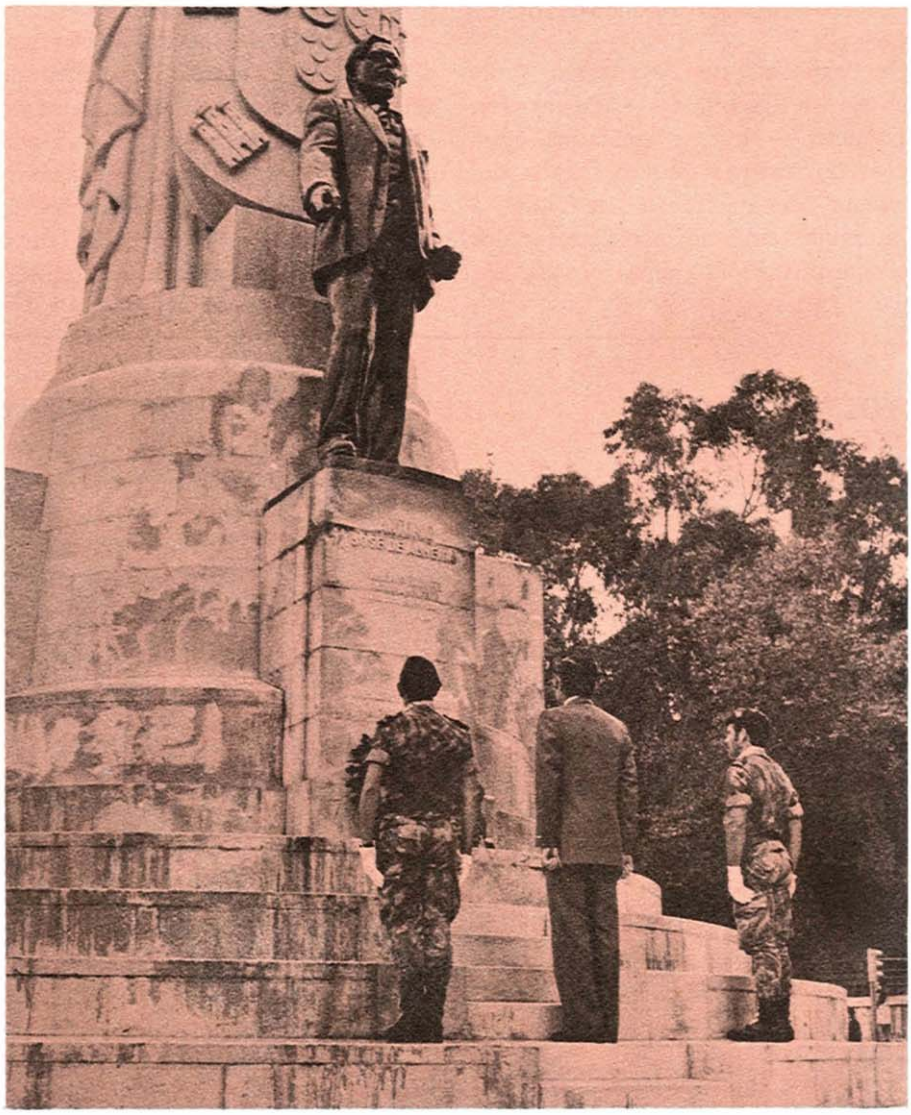
COMEMORAÇÕES DO 5 DE OUTUBRO

A passagem dos 69 anos da proclamação da República em Portugal foi assinalada com comemorações, no dia 5 de Outubro passado, em todo o país, principalmente em Lisboa e no Porto. O acto mais relevante foi presidido pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, que depôs uma coroa de flores no monumento ao dr. António José de Almeida, na capital. Presentes, entre outras individualidades civis, políticas e militares, os presidentes dos Supremos Tribunais de Justiça e Militar, a

primeiro-ministro, conselheiros da Revolução, os ministros da Administração Interna e da Defesa Nacional, o vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, os chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Força Aérea e o governador civil de Lisboa. Uma força de pára-quedistas e a banda da Força Aérea prestaram as respectivas honras militares.

Ainda em Lisboa, a primeiro-ministro, eng.ª Lurdes Pintasilgo, procedeu ao içar da bandeira nacional na varanda do edifício do Município lisboeta onde, em 1910, o dr. José Relvas proclamou o regime republicano no nosso país. Também na capital, realizou-se a habitual romagem ao cemitério do Alto de S. João para homenagear as principais figuras da Revolução de 1910.

No Porto, as cerimónias decorreram no Município portuense, em acto presidido pelo respectivo presidente, dr. Mário Cal Brandão, e no cemitério de Agramonte, onde um vereador daquela Câmara evocou o coronel Hélder Ribeiro, figura cimeira do 5 de Outubro.



O Presidente da República depõe uma coroa de flores no monumento ao dr. António José de Almeida, em Lisboa.

SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO PÚBLICA MILITAR

De 8 a 12 de Outubro último realizou-se em Lisboa, o 2.º Seminário de Informação Pública Militar, patrocionado pela Divisão de Relações Públicas do E.M.G.F.A. Nele tomaram parte os oficiais de informação pública dos principais comandos do continente e ilhas e ainda representantes das revistas militares. Para além de várias conferências, filmes e visitas, realizaram-se duas mesas redondas. Uma sobre informação pública militar com os jornalistas José Vacondeus, Marcelo Rebelo de Sousa, João Rosa e António Ramos e os porta-vozes do E.M.G.F.A., E.M.E. e E.M.A., sendo moderador o capitão-tenente Pinto Machado; outra sobre imprensa militar, moderada pelo capitão-de-fragata SE Canelas Cardoso, com os representantes do "Jornal do Exército", "Mais Alto", "Nação e Defesa", "Baluarte" e "Revista da Armada". Um dos pontos salientes tratados nesta última mesa redonda foi a falta de iniciativa que os militares estão a demonstrar na colaboração a dar às revistas militares, e o problema do reduzidíssimo número de assinaturas que se vão agariando.

FORÇA NAVAL FRANCESA EM LISBOA

Entrou no porto de Lisboa no dia 10 de Outubro passado, em visita de rotina, uma força naval da Armada francesa, comandada pelo contra-almirante Jacques Degermann. Esta força era composta pelos porta-aviões "Clemenceau", contratorpedeiro "Tartu" e navio-petroleiro "Durance", comandados respectivamente pelos capitão-de-mar-e-guerra Jean Hugues e capitães-de-fragata François Avril e Glachant, e tinha uma guarnição de cerca de 2000 homens.

Nos habituais contactos protocolares, no dia da chegada, o almirante Degermann apresentou cumprimentos ao chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, e ao comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha.

O almirante Degermann na visita de cumprimentos ao almirante chefe do Estado-Maior da Armada.

Nos dias em que a força permaneceu no Tejo, além de recepções a bordo do "Clemenceau", no Palácio do Alfeite e na Embaixada de França, elementos das guarnições dos navios participaram em actividades atléticas com equipas de unidades portuguesas que decorreram no complexo desportivo da Base Naval de Lisboa, no Alfeite.

A força deixou o porto de Lisboa no dia 19 de Outubro.

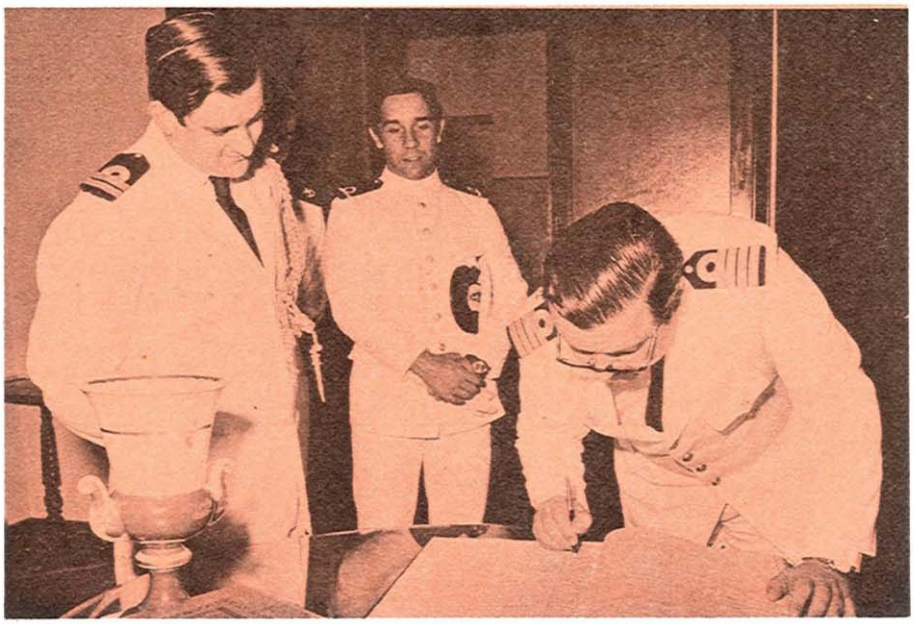
NAVIO DA ARMADA ARGENTINA NO TEJO

Em visita não oficial, aportou ao Tejo, no dia 10 de Outubro findo, o navio-escola "Libertad" da Marinha de Guerra de Argentina.

Este veleiro, comandado pelo capitão-de-mar-e-guerra Pedro Montemayor, tinha de guarnição 22 oficiais, 117 guardas-marinhas e 244 sargentos e praças. Desloca 3720 toneladas e mede 103,5 m de comprimento, 14,3 de boca e 6,6 de calado.

Após o navio ter atracado ao cais da Doca da Marinha, o respectivo comandante esteve no gabinete do almirante CEMA, onde assinou o respectivo livro de cumprimentos, e deslocou-se ao Palácio do Alfeite para apresentar cumprimentos ao comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha.

Durante a permanência do navio em Lisboa, realizaram-se, além de outras cerimónias da praxe, visitas de membros da sua guarnição às Escolas Naval e de Fuzileiros, ao Museu de Marinha, à Torre de Belém e ao Mosteiro dos Jerónimos, bem como aos estaleiros da Lisnave, na Margueira. Também a alguns elementos daquele veleiro foram proporcionados passeios turísticos a Queluz, Sintra, Cabo da Roca, Arrábida e Setúbal.



O comandante do "Libertad" no gabinete do chefe do Estado-Maior da Armada.

De salientar que no dia 11, uma força desembarcada do "Libertad", e o seu comandante, em cerimónia decorrida junto do monumento dos Descobrimentos, prestaram homenagem aos navegadores portugueses.

Este navio zarpou do Tejo no dia 15 de Outubro referido.

O ALMIRANTE CEMA NA ESCOLA NAVAL

No prosseguimento das visitas que tem vindo a efectuar a comandos e unidades da Armada, o almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, deslocou-se, no dia 22 de Outubro último, à Escola Naval, no Alfeite.

Durante a visita, e além dos contactos com os responsáveis que naquele estabelecimento de ensino da Armada prestam serviço, a quem transmitiu as grandes linhas orientadoras da actividade da Escola Naval, o almirante CEMA inteirou-se, localmente, dos problemas e melhoramentos em curso.

HOMENAGEM AO ALMIRANTE SARMENTO RODRIGUES NA ACADEMIA DE MARINHA

No dia 23 de Outubro findo, no Museu de Marinha, reuniu em sessão plenária a Academia de Marinha, sob a presidência do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, a fim de prestar homenagem à memória do seu presidente, vice-almirante Sarmento Rodrigues, recentemente falecido. Presentes os capitão-de-mar-e-guerra Almeida e Costa, tenente-coronel Victor Alves e capitão-de-fragata ECN Martins Guerreiro, conselheiros da Revolução; vice-almirantes Bustorff Guerra e Garcez de Lencastre, vice-chefe do E.M.A. e adjunto do chefe do E.M.A., respectivamente, e familiares do homenageado, além de numerosos oficiais dos vários ramos das Forças Armadas, entidades civis e muito público.

No decorrer da sessão falaram várias

entidades, nomeadamente o capitão-de-mar-e-guerra EMQ Rodrigues dos Santos, vice-presidente da Academia de Marinha, que enalteceu as virtudes do almirante Sarmento Rodrigues, referindo que "está de luto a Academia e o país, já que o almirante pelo vigor da inteligência, o aprumo moral, o amor devoto à sua terra, o exemplo luminoso da sua personalidade humaníssima, deixou um vazio difícil de colmatar".

Seguidamente, o jornalista dr. Norberto Lopes, amigo íntimo do falecido, consagrou breves palavras à sua figura, tendo lido e posto em relevo uma carta que ele lhe escrevera quando exercia as funções de governador-geral de Moçambique, numa hora cruciante da sua vida, documento que revela a grande nobreza de carácter e espírito de sacrifício do seu autor.

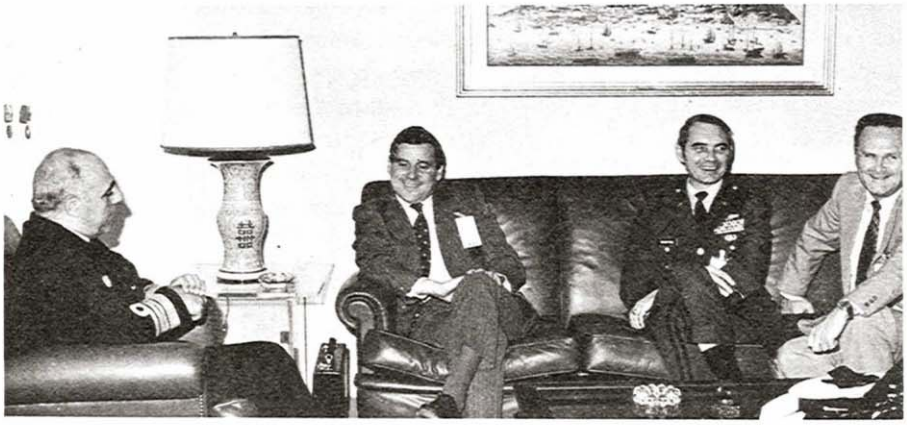
O capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, também vice-presidente daquele organismo cultural da Armada, pôs em evidência o período em que o almirante Sarmento Rodrigues foi governador da Guiné (1945/48), salientando a forma exemplar como desempenhou as respectivas funções "deixando atrás de si uma recordação prestigiosa". Referiu ainda que "a sua actuação fez-se sentir nos mais variados sectores, sendo de destacar o propósito constante e bem sucedido de elevar as massas africanas, política, social e economicamente".

Também os drs. Braga Paixão e Alexandre Lobato focaram vários aspectos da vida e obra do homenageado.

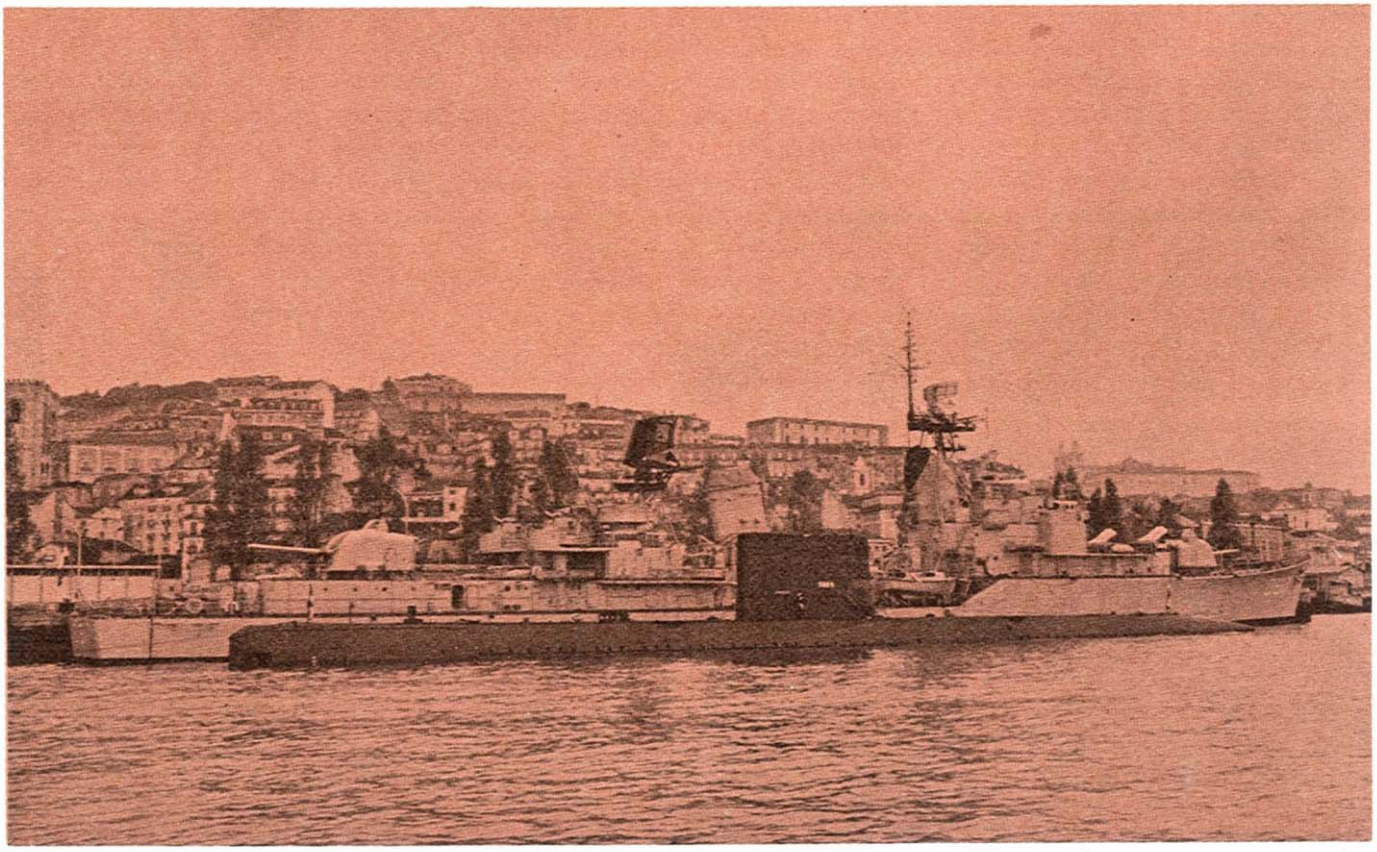
Para encerrar a sessão, falou o almirante Sousa Leitão, que além de agradecer ao dr. Norberto Lopes a oferta da carta de 1963, referida na sua comunicação, prestou homenagem à memória do almirante Sarmento Rodrigues, pondo em relevo que o falecido "foi aqui brilhantemente retratado por ilustres oradores, nas múltiplas facetas do seu riquíssimo carácter (...)". Disse a seguir: "Não me seria sequer possível complementar o vivo retrato, aqui deixado por seus devotados amigos e admiradores, do homem pluridimensional — marinheiro ilustre, homem de cultura e político de visão clara — que ele foi ao longo da sua vida (...). Marinheiro ilustre — afirmei eu — mas cujas raras qualidades de espírito não seriam jamais esgotadas por uma carreira exclusivamente naval. Homem empenhado, homem do seu tempo, não poderiam as preocupações e a acção do almirante Sarmento Rodrigues deixar de estar associadas ao momento histórico. Daí a sua carreira pública, como administrador ultramarino e como ministro (...)".

A terminar, o almirante CEMA afirmou que "na sua trajectória em vida, os seus sucessos, foram em larga medida os sucessos e os insucessos da Marinha. Ambos conheceram os mesmos momentos de glória e, ambos sofreram iguais ingratidões. Os homens como ele, dão corpo às instituições, emprestando-lhes a sua dimensão humana que perdura para além da morte. Ontem, foram as suas obras, o seu conselho e a sua experiência, que nos enriqueceram; hoje, é a sua memória, fonte de inspiração e exemplo para novas gerações, que constitui património desta Marinha que tanto amou".

DELEGAÇÃO DA NATO EM LISBOA



O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu, no passado dia 24 de Outubro, em visita de cumprimentos, William Mumford, secretário-geral adjunto para os Assuntos de Planeamento e Política de Defesa, R. Braband, director do Planeamento e Política de Forças, e o general Z. Bradford, chefe do Departamento do SHAPE, que integravam a delegação da NATO que veio a Lisboa para a reunião "Exame Trilateral".



Duas unidades navais holandesas — o contratorpedeiro "Utrecht" e o submarino "Zeehond" — atracados na Doca da Marinha.

NAVIOS DE GUERRA HOLANDESES E BELGAS NO TEJO

De 26 a 29 de Outubro p.p., permaneceu no porto de Lisboa, em visita de rotina, uma força naval comandada pelo contra-almirante J. H. Scheuer, composta de cinco unidades da Armada dos Países Baixos e uma fragata da Marinha de Guerra belga. Os navios holandeses, "Tromp", "Zuiderkruis", "Kortenaer", "Utrecht" e "Zeehond", eram comandados respectivamente pelos capitães-de-mar-e guerra Van Oppen, J. Einthoven, Van Der Hout e P. Leertouwer e capitão-de-fragata P. Laks, e o belga, pelo capitão-de-fragata A. Stroobant. As suas guarnições totalizavam 98 oficiais, 225 sargentos e 727 praças.

Após a chegada, o almirante Scheuer, depois de ter estado na Embaixada da Holanda a cumprimentar o respectivo embaixador, esteve no gabinete do

CEMA a fim de apresentar cumprimentos ao chefe da Marinha de Guerra portuguesa, almirante Sousa Leitão, e, seguidamente, no Palácio do Alfeite, para o mesmo efeito, ao comandante naval do Continente, vice-almirante Ramos Rocha.

Seguiu-se, a bordo do "Tromp", a retribuição daqueles cumprimentos, um almoço e, ao fim da tarde, uma recepção.

Durante a estadia da força no Tejo, elementos das guarnições das respectivas unidades navais tiveram oportunidade de visitar o Museu de Marinha e de participarem num programa desportivo organizado nas instalações da Base Naval de Lisboa, no Alfeite. Nos dias 27 e 28, o "Tromp", atracado na Rocha Conde d'Obidos, esteve patente à visita do público.

CONFRATERNIZAÇÃO DA GUARNIÇÃO (1960/62) DO "GONÇALVES ZARCO"

Em óptimo ambiente de amigável camaradagem, realizou-se no passado dia 27 de Outubro, na messe de oficiais do edifício da Marinha, em Lisboa, o terceiro almoço-convívio da guarnição (1960/62) do aviso "Gonçalves Zarco", comemorando o 17.º aniversário do termo da sua longa comissão, totalmente passada no Extremo-Oriente.

Com um magnífico almoço, dentro das melhores tradições da nossa Armada, esta bela festa de confraternização, reunindo mais de metade daquela guarnição e muitos familiares, provenientes de vários pontos do país, constituiu mais um assinalado êxito, decorrendo plena de vivacidade, esmaltada por espirituosos comentários e engraçadas trocas de impressões, tendo-se, igualmente, recordado com saudade alguns dos principais acontecimentos de bordo, que muito contribuiram para cimentar uma sólida amizade entre todos, principal e salutar efeito de uma longa convivência, propiciada por uma tão longa comissão, inteiramente vivida nos mares orientais, nas zonas de Macau e Timor.

A presença dos familiares, carinhosamente festejada, proporcionou o desbobinar de novos, inéditos e felizes aspectos daquela inolvidável comissão onde, todos, num coeso bloco, quiseram e souberam, honrar e prestigiar a nossa gloriosa Marinha de Guerra.

Foi aprovado um voto de agradecimento à "Revista da Armada" pelo valioso apoio que tem concedido para a realização destas festas de convívio.

Por unanimidade, foi resolvido que o 4.º almoço de confraternização desta guarnição, será efectuado no dia 25 de Outubro de 1980 (sábado), pelas 13.00 horas, no mesmo local.

(Colaboração do v/alm. Fragoso de Matos)

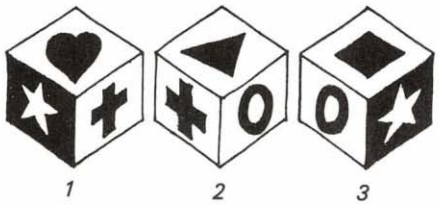
A PERSPICÁCIA DO LEITOR

É EFICIENTE?

As virtudes, as notas positivas do comportamento humano, modificaram-se com o tempo. Os critérios de avaliação das pessoas, por menos que pareça, passaram a referir-se a padrões "standard" muito diferentes do que eram até há poucos anos. Diante da tarefa imensa de decorar os tectos cegos da Capela Sixtina, ninguém perguntou certamente se Miguel Angelo "seria eficiente". E, no entanto, diante da homérica encomenda, poucos critérios seriam mais preconizáveis do que o da eficiência. Prevaleceu o do génio — mas esse não é redutível a tabelas, nem a fichas de comportamento, nem a previsões do rendimento do pessoal.

O homem de hoje vive receoso de um furinho numa fita perfurada, que talvez lhe roube a promoção, a melhoria, o futuro. O critério de rendibilidade do trabalho que o ocupa é — em geral — desconhecido do principal interessado, que é o trabalhador. Psicotécnica, avaliações, testes, fazem parte de um mundo confuso que governa rodeado por um mito tecnicista, tão ferreamente mito como todos os que se destinam a alienar a pessoa humana de si mesma, enquadrando-a em classificações, em categorias, em rotulações burocráticas.

É capaz de antecipar, de descobrir o que não é evidente, de utilizar a sua experiência, de organizar? Este teste ajudá-lo-á a avaliar o seu coeficiente de eficiência.



1 *2* *3*

1. A gravura representa 3 aspectos do mesmo cubo. Cada um dos 6 lados do cubo está marcado com uma estrela, uma cruz, um coração, um triângulo, um círculo e um quadrado.
a) Qual é a figura oposta à cruz?
b) Oposta ao círculo?
c) Oposta à estrela?

Escolha a resposta mais próxima da sua às seguintes questões:

2. Deito-me — *a*) Sempre à mesma hora.
b) Quando começo a sentir-me cansado.
c) Só quando não tenho outro remédio.

3. Sinto habitualmente que — *a*) O trabalho do dia ficou arrumado.
b) Tenho demasiado que fazer amanhã.
c) Outra pessoa tratará das coisas que não fiz.

4. Quando aparecem visitas inesperadas em minha casa
a) Fico envergonhado pela maneira como me encontram.
b) Estou preparado para lhes servir qualquer coisa.
c) Peço-lhes para virem outro dia.

5. Quando tenho uma hora marcada
a) Chego geralmente mais cedo.
b) Chego à hora.
c) Chego geralmente atrasado.

6. Acho que fazer listas de coisas tais como compras a fazer, distribuição de trabalhos pelo dia, etc.
a) É uma grande ajuda.
b) É uma muleta mental.
c) É uma desnecessária perda de tempo.

7. De uma maneira geral, sinto que
a) Devo ser eu a tratar de todos os assuntos na minha casa/trabalho.
b) Devo delegar algumas responsabilidades.
c) Os outros deviam ocupar-se de mim.

8. Se eu falhasse em determinado projecto, qual seria a minha reacção?
a) Abandonaria o projecto.
b) Pediria conselho.
c) Tentaria resolver o problema sozinho.

9. Na minha casa
a) Tenho todos os livros de referências de que preciso.
b) Não há nada para ler.
c) Há jornais e revistas que deito fora quando acabo de os ler.

10. De uma maneira geral, em casa e no meu local de trabalho
a) Encontro imediatamente todos os materiais ou utensílios de que preciso.
b) Encontro as coisas de que necessito, depois de procurá-las.
c) Descubro muitas vezes que não fui previdente.

ANÁLISE

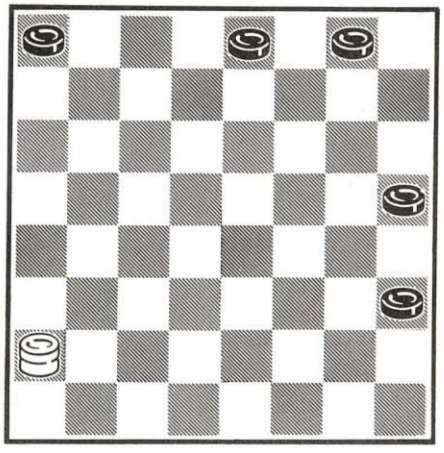
1. Nas gravuras 1 e 2, o coração, a estrela, o triângulo e o círculo são vistos em posições não opostas à cruz. Portanto, o quadrado é a figura oposta à cruz. Isto quer dizer que na gravura 2 só o coração ou a estrela, que não são visíveis, podem estar opostos ao círculo. Mas na gravura 3 vê-se que a estrela é contígua ao círculo, donde se deduz que o coração é oposto ao círculo. A única figura que pode ser a oposta à estrela é a restante — o triângulo. Marque 5 pontos por cada resposta correcta.
2. a-5; b-3; c-0
3. a-5; b-0; c-2
4. a-0; b-5; c-0
5. a-3; b-5; c-0
6. a-5; b-1; c-0
7. a-3; b-5; c-0
8. a-0; b-5; c-3
9. a-5; b-0; c-2
10. a-5; b-2; c-0

A SUA PONTUAÇÃO

40-60: Você é eficiente e não se desorienta facilmente quando as coisas não lhe correm como tinha previsto.
25-39: Pontuação média. Um pouco mais de organização e de eficiência na sua vida seriam uma enorme ajuda.
0-24: Você provavelmente transforma a vida num problema constante para si e para os outros, que nunca podem ter a certeza de que você fará as coisas de maneira correcta e eficiente.

DAMAS

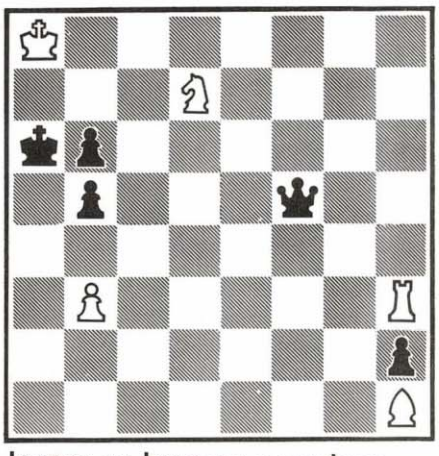
(Solução no próximo número)



Como vai a dama branca ganhar?

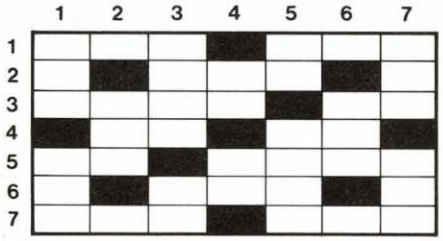
XADREZ

(Solução no próximo número)



Jogam as brancas e ganham.

CRUZADA SILÁBICA



HORIZONTAIS: 1—Pequena embarcação para serviço das maiores; antigo saio de malha com escamas de metal, usado pelos cavaleiros antigos. 2—Parte do navio que fica entre a popa e o mastro; instrumento com que se racha lenha e se desbasta madeira; estabelecimento onde se servem bebidas, em geral tomadas ao balcão. 3—Conjunto de remos, mastros, vergas, etc., de uma embarcação pequena; extraordinária. 4—Extremidade de âncora; corta rente. 5—(pop.); vento frio, agreste; mover-se para cima e para baixo a proa do navio quando fundeado. 6—Pref. latino que entra na composição de palavras para designar a ideia de *dois, duas vezes*; tempestade marítima; espécie de tumor que ataca o gado. 7—Distância entre a quilha do navio e a linha de flutuação; (pop.) muito esperta.

VERTICAIS: 1—Aspereza cutânea; a última peça da borda do navio. 2—Laço apertado; coelho pequeno; ali. 3—Cria ao peito; lado do navio. 4—Barco ligeiro de fundo chato; rosto (pl.). 5—Lama; (fam.) repreensão. 6—Graceja; que rouba ou rapina; (quím.) símbolo do sódio. 7—Embarcação de vela e remos e com fundo chato; conjunto dos navios de guerra pertencentes a uma nação.

(Solução no próximo número)

MINDOGUES

RIFÕES

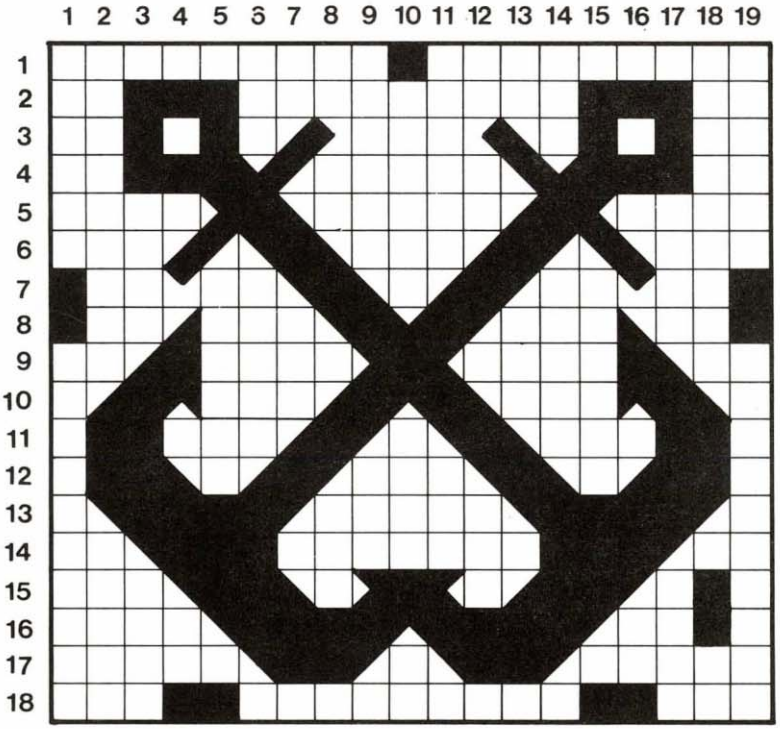
—Não se pescam trutas
de bragas (1) enxutas.

—Pelo pôr da isca
se conhece o pescador.

—O peixe deve nadar três vezes:
em água, em molho e em vinho.

(1) Calças largas e curtas.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1—O posto mais elevado na Armada; dirigira uma guarnição. 2—Deus egípcio do Sol; golpes de espada; artigo antigo. 3—Mil e quinhentos (rom.); reles; nota musical. 4—Atmosfera; ondas; ande. 5—Claridade (pl.); pedra filosofal dos alquimistas; fechar as asas para descer mais depressa (aves). 6—Acolá; círculo; renque. 7—Hectare; aprendi; rádio (símb. quím.); tua. 8—Elas; só; folgar; érbio (símb. quím.). 9—Post-escrito; miséria; cada uma das 32 linhas da rosa dos ventos; prata (símb. quím.). 10—Para barlavento; árvore cuja casca aromatiza o vinho. 11—Jornada; cloreto de sódio. 12—Ponto cardeal. 13—Detestam. 14—Nome de letra; fundear; pron. pessoal. 15—Ligue. 16—Vulcão a NE da Sicília; aqui. 17—Flechas; socorre. 18—Pegadeira; o lado direito do navio; Salvai as nossas almas.

VERTICAIS: 1—Força naval; hino nacional. 2—Pavimentos com peças de barro cozido; seres. 3—Damas de companhia; dólmen. 4—Em partes iguais (farm.). 5—Rajada de vento. 6—Mau cheiro; degola. 7—Despido; patrão. 8—Duas consoantes iguais; siga; doze meses. 9—Contaminada; textualmente. 10—Unira; são; preposição latina que exprime agastamento. 11—O caule das poáceas; casa. 12—Nota musical (inv.); isolado; oposição entre duas ideias. 13—Horrível; via. 14—Ocasião; versejas. 15—Indivíduo sem préstimo. 16—Duzentos (rom.). 17—Embarcação de recreio; estado da Ásia a Oeste do Vietname. 18—Escorregas; comiseração. 19—Combinava; pessoal embarcado num navio (pl.).

(Solução no próximo número)

SEASA
Cabo aux.

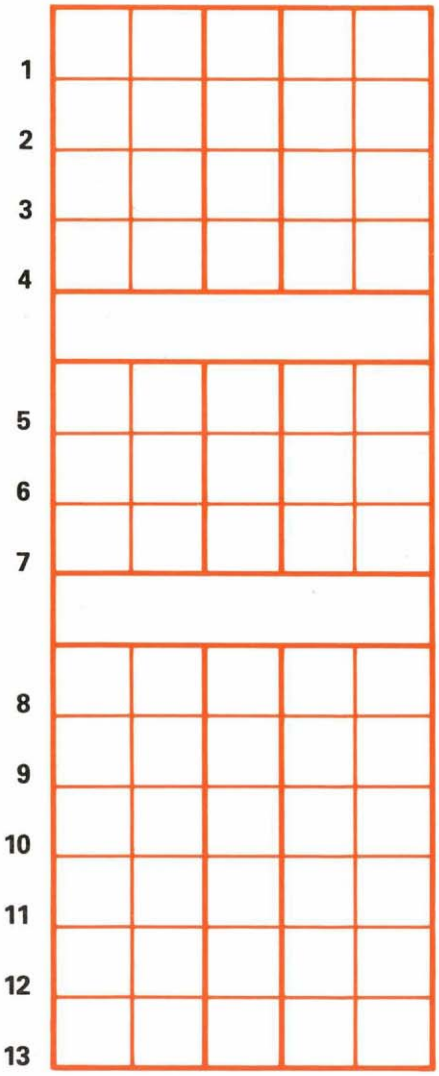
SALTO DE CAVALO

fr	r	Não	te	so,	do,	me	çao...
ça,	ou	O	a	n	n	q	ti
co	i	n	sei	Al	pen	'S	i
i	fa	ma	2 so.	4 çáo.	o	n	ue
o	me	áo	eu	sa	o	r	tou
e	do...	o	3 Não	1 Não	n	té	se
r	n	ol	pas	m	E	n	o
Vi	qu	do	sei	te	di	ho	o

Começando nas casas 1 e 3 e terminando nas assinaladas com 2 e 4, o leitor encontrará a salto de cavalo (de duas em duas casas, mas nunca na mesma linha) duas quadras do poeta Fernando Pessoa.

(Solução no próximo número)

PILHA DE PALAVRAS



Depois de resolvido este passatempo, em que todas as palavras começam pela letra B, o leitor encontrará, na coluna central, o nome de um jurisconsulto português, formado na Universidade de Bolonha e, talvez, o primeiro compilador das "Ordenações".

(Solução no próximo número)

B. Carreira
Cap.-m.-g.

CURIOSIDADES GEOGRÁFICAS

Destes estados da América do Sul: Venezuela, Guiana, Brasil, Uruguai, Argentina, Colômbia, Equador, Peru, Chile, Bolívia e Paraguai quais são aqueles que:

a) São banhados pelo Oceano Pacífico;

b) São banhados pelo Oceano Atlântico;

c) Que não possuem costa marítima.

(Solução no próximo número)

B. Carreira
Cap.-m.-g.

CONCURSO N.º 99

É atribuído um prémio à melhor legenda apresentada para a fotografia da *Nota de Abertura* deste número, face ao respectivo texto, tirada no Museu de Marinha durante a visita de crianças de uma escola.

BRIDGE

(Solução do problema do n.º anterior)

Se Leste, fazendo a vasa com o Rei de ouros, voltar a copas ou a ouros, Sul pode facilmente fazer as espadas e os ouros.

Leste encontrou a melhor defesa puxando espadas. Este contra-ataque dificulta as comunicações entre mão e morto e torna impossível Sul fazer as espadas e os ouros. O declarante tinha cometido uma imprudência em tentar a passagem em ouros (se tivesse jogado o Ás e um ouro pequeno a seguir, não se teria encontrado nesta situação), mas consegue cumprir o contrato. Apanha a vasa de espadas com o morto, faz o Ás de ouros e retoma a mão com o Ás de espadas. Continua com mais três vasas de ouros e puxa o último ouro. Oeste é obrigado a baldar o Rei de paus (se deixasse o Valete de copas seco, o declarante continuava com a Dama de copas e fazia também o 10); Sul puxa então paus, dando-lhe a vasa mas obrigando-o a voltar a copas.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema do n.º anterior)

HORIZONTAIS: 1—Mas; Pó; apa. 2—Orion; solei. 3—Silo; ofertas. 4—Dá; adernar. 5—Errara. 6—VS; are. 7—Olé; ss. 8—Afiara. 9—Cândido; al. 10—Mordomo; álea. 11—Al; os; ás; ra. 12—Xás; Ul; rol.

VERTICAIS: 1—Mós; a.C.; Max. 2—Árido; acolá. 3—Sila; mofar. 4—Oo; lindo. 5—Veados. 6—Odes; rim. 7—Fer; Sado. 8—Serras. 9—Ornar; os. 10—Altares; Al. 11—Pear; clero. 12—Ais; aal.

SOLUÇÕES

QUADRO MÁGICO SILÁBICO

(Solução do passatempo do n.º anteriro)

A: 1—Formiga. 2—Mísula. 3—Galaroz. B: 1—Carabo. 2—Rabelo. 3—Bolota. C: 1—Declina. 2—Clínica. 3—Nacarar. D: 1—Labrega. 2—Brenhoso. 3—Gasosa.
Conceito: Forcadela.

DAMAS

(Solução do problema do n.º anterior)

Brancas	Pretas
18-22	8-26
16-20	24-15
18-21	31-24

21-30 = D e ganham.

ANAGRAMAS GEOGRÁFICOS

(Solução do passatempo do n.º anterior)

1—Almeirim. 2—Almada. 3—Odemira. 4—Alenquer. 5—Alcobaça. 6—A-Ver-o-Mar. 7—Tavira. 8—Barcelos.

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 97

Joanete. Bujarrona. Grande. Estai. Giba. Mezena. Sobre. Sobregata. Sobregatinha. Gata. Gávea. Velacho.

VENCEDOR:

António Lopes
C/A N.º 922762 C.I.M. CM.

Os nossos navios e os seus nomes

Corveta "JACINTO CÂNDIDO"

Entrada ao serviço em 16 de Junho de 1970, foi construída nos estaleiros Blohm and Voss A.G., em Hamburgo, Alemanha Federal, e chegou ao Tejo em 7 de Julho daquele ano.

Com um deslocamento máximo de 1400 toneladas, mede 84,6 m de comprimento, 10,3 de boca e 3,3 de calado.

Dispondo de uma plataforma de aterragem para helicópteros, o seu casco, em aço, inteiramente soldado, é de estrutura longitudinal; a superestrutura, que é de alumínio, é de estrutura transversal.

Como meio de propulsão dispõe de dois motores Diesel Semt-Pielstick, com uma potência de 5280 HP cada, que lhe permitem uma velocidade máxima de 23.8 nós e uma autonomia de 8800 milhas (a 14 nós). Tem duas linhas de veios, e o acoplamento é directo. Está dotada, para fornecimento de energia eléctrica, de três grupos de electrogéneos de 350 HP cada, e um grupo de emergência de 200 HP. Possui instalação de ar condicionado.

Como armamento (artilharia) tem uma torre dupla com peças de 76 mm e outra, igualmente dupla, de 40 mm; (armas anti-submarinas) um ouriço, duas calhas e dois morteiros para bombas de profundidade. Está dotada com um sonar de pesquisa e ataque, um radar de aviso combinado e outro de superfície.

Para protecção contra a radioactividade possui um sistema de descontaminação contra poeiras radioactivas. As formas arredondadas do costado e superestruturas e a possibilidade de passar rapidamente a ventilação de circuito fechado, são outras características "nucleares" deste navio.

Esta corveta está preparada para, em futuras transformações, poder receber novas armas e novos meios de detecção.

A sua guarnição é composta por 9 oficiais e 91 sargentos e praças. Pode ainda transportar uma força de desembarque de 34 homens.

Patrono: Conselheiro JACINTO CÂNDIDO da Silva

Nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, em 30 de Novembro de 1857. Fez os seus estudos superiores em Coimbra, onde foi um aluno distinto, tendo-se formado em Direito.

Depois de ter praticado advocacia em Lisboa, regressou a Angra para ocupar um lugar de professor no liceu local. Eleito, em 1886, deputado pelos Açores, vem para Lisboa a fim de tomar parte nos trabalhos parlamentares, tendo deste modo ingressado na vida política, onde se haveria de revelar como grande orador. Fundou o Partido Nacionalista, de que foi chefe, e foi conselheiro de Estado.

Na sequência da sua vida política foi nomeado ministro da Marinha e do Ultramar em 26-11-1895, pasta que orientou até 7-2-1897.

Como ministro da Marinha, tornou-se célebre mercê do seu plano para a renovação da Armada, principalmente ao fazer publicar a carta de lei de 21 de Maio de 1896, na qual conseguiu verbas para a construção (quase simultânea) de quatro cruzadores — o "D. Carlos", em estaleiros ingleses; o "S. Gabriel" e o "S. Rafael", em estaleiros franceses, e o "Rainha D. Amélia", no nosso Arsenal da Marinha. A construção deste último navio constituiu uma vitória para a indústria naval portuguesa do tempo.

Deste modo se formou a nossa 1.ª (e única!) força de cruzadores, que além daqueles quatro navios reuniu ainda o remoçado e reconstruído "Vasco da Gama" e também o "Adamastor", este adquirido com o resultado da subscrição pública nacional, após o ultimato inglês de 1891.

Outros problemas da Armada, como a instrução do pessoal e a adaptação das infraestruturas navais às exigências da sua "nova Marinha", merecem, igualmente, a Jacinto Cândido, cuidados especiais.

Pelo casamento, a sua vida ficou ligada a Penamacor, cujo povo não o esqueceu, erigindo-lhe no Jardim Público um busto de bronze.

Faleceu em Lisboa, em 26 de Fevereiro de 1926.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Evolução histórica dos uniformes na Armada (11)

Praça do Regimento da Armada ou do Príncipe – 1721

No reinado de D. Afonso VI, curiosamente, dá-se conta da existência dum regimento intitulado da Armada ou do Príncipe, em relação ao qual só encontramos referência numa descrição que um estrangeiro fez de Lisboa, no século XVII, e que Camilo Castelo Branco cita nas "Noites de Insónia" mencionando *que tinham os soldados uma casaca verde e nas abas uma âncora bordada*, o que se considera muito pouco. Porém, o que surpreende é que somente no reinado de D. João V, na sua reforma geral do Exército, de 1707, os terços passam a denominar-se regimentos. Já pelas citações referidas se verifica que anteriormente existia esse termo, e a confirmá-lo, o desenho iluminado que hoje publicamos, extraído do manuscrito da secção de reservados do Arquivo da antiga Biblioteca do Ministério da Guerra, no Convento dos Paulistas, organizado pelo erudito padre Ernesto Pereira de Sales, com a colaboração desta Biblioteca Militar, que contribui de forma extraordinária para o estudo dos uniformes em Portugal.

F.º Nº 1 – Praça do Regimento da Armada ou do Príncipe preparada para manejar.

O figurino, pois dum figurino militar se trata, é apresentado com casaca verde sem bandas, forro e canhões amarelos, botões amarelos sobre caseado a fio de lã, também amarelo; meias brancas, ligas de fitilho amarelo com presilha de laço da mesma cor; âncora bordada a retrós nas abas da casaca, a confirmar a citação acima referida, calções verdes e sapatos de cordovão com presilha; correame de anta com patrona e sabre, véstia militar por debaixo da casaca cor de camurça, espingarda de bandoleira de anta branca e, no cano, a presença da curiosa tradição militar portuguesa de que *em desfile as tropas pusessem nos canos das espingardas ou clavinas, fitas nas cores azuis e escarlates da minha real casa.* ("Ordenança para os exércitos de Sua Majestade Fidelíssima em brinco ou desfile em dias festivos. Sem data, maço 2 — pasta 2 — Antiga Biblioteca do Ministério da Guerra"). Esta tradição, única que encontramos referida, verifica-se ainda num desenho existente na secção de reservados do Arquivo Histórico Militar, relativo a um desfile de infantaria da legião de tropas ligeiras antes de partirem para França, em 1808. O desenho que publicamos tem ainda a particularidade de nos demonstrar haver pertencido ao príncipe D. Pedro, depois rei D. Pedro II, por ter no ângulo superior esquerdo as armas reais com a coroa de príncipe. No ângulo superior direito figura a indicação do Regimento do Príncipe ou da Armada, e o ano de 1721. É possível que a sua extinção se tenha verificado, passando a denominar-se só por Regimento da Armada, e assim tendo vindo até 1750, data em que o Regimento da Junta do Comércio passou a designar-se também por Regimento da Armada ficando a existir então dois regimentos, o 1.º e o 2.º Regimentos da Armada Real, que também eram por vezes referenciados por Regimentos de Infantaria de Marinha.

O desenho iluminado devia pertencer, possivelmente, a qualquer descrição, pois tem o n.º 1 e a indicação de *preparar para manejar.*

Poucos países do mundo se poderão orgulhar como Portugal, e a sua Marinha por mérito próprio, de possuirem tão vasto e antigo historial de uniformologia militar.

Alberto Cutileiro

(Reprodução proibida)